

$\frac{0.5}{4}$
17

Al 2-23

e. e.

xvi + 3712.

Insp. vol. vi, p. 61

Sancti, 2120-4

H. Sancti, 3593

Digitized by the Internet Archive
in 2017 with funding from
Getty Research Institute

<https://archive.org/details/chronicadaprovin00mano>

CHRONICA
D A
PROVINCIA
D A
PIEDADE,

PRIMEIRA CAPUCHA DE TODA
a Ordem, e Regular Observancia de nosso
Serafico Padre S. Francisco,

DEDICADA NA PRIMEIRA IMPRESSÃO
AO SERENISSIMO SENHOR

DOM JOÃO,
PRINCIPE DE PORTUGAL, E DUQUE
da Real Casa de Bragança.

E NESTA SEGUNDA OFFERECIDA
A' MAGESTADE FIDELISSIMA DE

DOM JOSE' I.
NOSSO SENHOR,

COMPOSTA POR

FR. MANOEL DE MONFORTE,
PREGADOR, FILHO DA MESMA PROVINCIA



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio. Anno 1751.

Com as licenças necessarias

CHRONICA

THE

FIELD

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

SENHOR.



S motivos , por que a Real
clemencia do Augusto Pai
de V. Magestade Fidelissima (sendo ainda
* ii
Prin-

Principe) foi servida aceitar debaixo de seu soberano amparo a primeira impressão desta Chronica da Provincia da Piedade, são os mesmos, se não maiores, para que V. Magestade Fidelissima se digne por sua Real benignidade proteger esta reimpressão, que a mesma Provincia, segura nas heroicas, e inimitaveis virtudes de V. Magestade Fidelissima, se anima humilde, e reverentemente dedicar-lhe. Expressar cada hum destas Regias virtudes, ou cada hum daquelles motivos seria transcender o sagrado respeito, que se deve à sua heroica moderação, e ao instituto da mesma Provincia, especialmente sendo humas, e outros tão notorias ao mundo. Conserve Deos, e guarde muitos annos a Real Pessoa de V. Magestade, como esta sua Provincia continuamente lhe pede, e este Reino, e toda a Christandade necessita.

AO SERENISSIMO SENHOR
DOM JOÃO
 PRINCIPE DE PORTUGAL,
 E DUQUE DA REAL CASA DE BRAGANCA, &c.

SERENISSIMO SENHOR.



*N*ÃO terião confiança estes Escritos , assim pelo encolhido de seu Author , como pelo humilde de seu estylo , para voarem às mãos de V. Alteza , a não serem de humma Provincia , que logrou a dita de nascer em os braços dos Serenissimos Duques da sempre Real , e Augusta Casa de Bragança ; mas esta dita , que a Provincia logra , lhes alenta a elles as encolhidas azas , para tão grande voo. Vemos em V. Alteza o titulo de Duque de Bragança unido ao de Principe de Portugal , que não he a primeira vez , que se vem germanados : a e devendo a Provincia da Piedade todo o ser a esta Real Casa , sahír à luz a Chronica della , sem correr apòs este titulo , ou levar em a primeira folha inscripto outro nome , seria desdizer de seus principios , e accrescentar os erros da penna com o desacerto da Dedicatoria. Por onde caminhar esta limitada offerta em seguimento de tão excelsas Aras , quando a pudéra acovardar sua mesma pequenhez , mais he propensão natural , e divida precisa , que eleição livre , e obsequio voluntario. Repetidas memorias da grande piedade de seu Real Pai , e Serenissimos Avós poderá V. Alteza ler em esta Historia ; e eu dizer o que em outra Dedicatoria Ovidio ^a ao seu Augusto :

Sape tibi pater est , sape legendus avus.

^a Infra lib. 2.
c. 4. n. 1.

^b Ovid. Fast.
lib. 1.

Ape-

Apenas se achará folha neste Livro, onde se não leão os mimos, e favores, que aquelles Senhores nos fazião, e a grande devoção, com que nos amavão; pois todos com os estados herdavão esta de tal sorte, que veio a ficar como hereditaria. Teve ella principio no Excellentissimo Duque D. Jaime; porque entrando nossos primeiros Fundadores neste Reino em tempo, que este grande Principe governava os seus estados, como entendesse delles o fim, que os trazia a Portugal, que era fundarem huma Reforma, onde mais pobre, e austeramente vivessem, lhes prometteo seu favor, com estas affectuosas palavras: c Eu vos tomo à minha conta. O que cumprio tão bem, que não só lhes deo Conventos, em que vivessem, e lhes estabeleceo Provincia, defendendo-os das muitas, e poderosas contradições, que tiverão; mas tambem os quiz acômpañhar em a vida, que professavão, tomando entre elles o habito Capucho; resolução, que lhe estorvou ElRei D. Manoel seu tio, quando elle já partia a polla d em effeito. Succedeo-lhe o Duque D. Theodosio primeiro do nome, que tambem o fora na devoção a esta Provincia, a poder excèder-se à do Duque seu pai: bem a mostrou em nos reparar huns Conventos, e fundar outros de novo: continuando-nos os favores, e mimos, com que tinha visto nos amparava seu estrenuo Progenitor, chegando a tanto o amor, com que nos venerava, que nos tomava os perdões e de joelhos. Mui parecido lhe foi o Duque D. João, tambem primeiro do nome, que sendo dado por hum voto feito a nosso Padre S. Francisco, e de tal sorte propendeo para a Provincia da Piedade, e tanto a estimou, que a numerava entre os seus bens. Assim o mostrou quando despozando-se com S. Alteza a Senhora Dona Catharina, e mandando-lhe hum papel, onde estavão por item todos os bens da Real Casa de Bragança, rematava em esta verba: g Item he Padroeira esta Casa de Bragança da Provincia da Piedade. Mas que direi daquelle exemplar de Principes, não menos no Catholico, que no politico, o Senhor D. Theodosio segundo, que nas balizas, onde chegou o amor, e devoção, com que nos tratava, pudemos escrever o que Hercules nas suas colunas: Non plus ultra. Assim olhava a Provincia da Piedade, que escrevendo em favor desta ao Geral da Ordem, dizia na carta, que quem lhe tocava em seus Frades, h lhe tocava em sua propria pessoa. Esta grande estimação mostrou tambem em a morte; porque outra nenhuma coisa encomendou tanto em seu testamento ao Duque seu filho, como a Provincia da Piedade. Nem sómente em testemunho do amor, que lhe tinha, quiz levar o seu habito à sepultura, senão tambem que pedio este ao Guardião do seu Convento i de Villa-Viçosa, com huma humildade verdadeiramente de Principe; sendo aquelle mesmo, que entrando

Lib. 1. c. 8.
 n. 3.

Lib. 1.
 c. 10. n. 2.

Lib. 3.
 c. 24. n. 4.

Lib. 3.
 c. 25. n. 1.

Chron. antig. na dedicat.

Lib. 4.
 c. 21. n. 3.

Lib. 4.
 c. 42. n. 11.

Filippe neste Reino , e convidando-o a que pedisse , se escusou de o fazer , achando que nem o Monarca tinha cousa , que lhe poder dar , nem a Real Casa de Bragança que pedir : huma , e outra cousa deo materia ao Author do Livro intitulado *Lagrymas de Portugal* , para este elegante epygramma : 1

Sola Duci placuit centonibus horrida vestis ,
Hanc amat , hanc supplex , voce cadente , petit :
Hac jubet involvi gelidum post funera corpus ,
Moribus ut vestis concolor illa foret.

Dux pete , Rex inquit , cum Lysia regna Philippus
Ingreditur : gratum nil fuit ut peteret.
Nil à Rege petit , petit hanc à paupere vestem ;
Hanc aliquid , Reges credidit esse nihil.

*Este amor , que tinha a esta Provincia o obrigou a deixalla tão re-
commendada. Como se lhe encommendou , assim o cumprio o Duque
D. João segundo seu filho , que depois foi o quarto dos Felicissimos
Reis , que Portugal teve deste nome ; cuja devoção foi tão grande ,
que nos não deixou palavras , com que a explicar ; basta saber que
quando fallava dos Religiosos da sua Provincia da Piedade , lhes
chamava os seus Frades ; m e pelo nome de Frades delRei eramos
conhecidos na Corte. Com o mesmo carinho , e afeição nos olha ao
presente a Magestade delRei D. Pedro II. nosso Senhor , que Deos
guarde , Pai de V. Alteza , pois estando o Convento de S. Vicente
do Cabo tão apartado da Corte , lá está , além de outros , sobre aquel-
las rochas , sendo pregoeiro de sua piedade. n Se pois he a Provincia
da Piedade cousa tão propria da Real Casa de Bragança , a quem
se havia de offerecer a Chronica della , senão a quem lhe renova a
memoria daquella Real Casa ? Sem duvida , ainda em caso , que a
voz de toda a Provincia assim a não dedicára , ella por si mesma se
offerecêra. V. Alteza a receba , e ampare ; e eu lhe peço , conclu-
indo com as palavras de Eneas ao Principe , e Menino Ascanio , que
a exemplo de seus Serenissimos avós , olhe a esta Provincia como a
cousa sua :*

Tu facito mox , o cum matura adoleverit ætas ,
Sis memor , & te animo repetentem exempla tuorum ,
Et Pater Æneas , & Avunculus excitet Hector.

*Guarde Deos a Serenissima Pessoa de V. Alteza como toda esta sua
Provincia lhe pede , e o Reino ha de mister. Do Convento da Pieda-
de de Villa-Viçosa , de Julho 23. de 1693.*

Fr. Manoel de Monforte.

1
Galper
Pinto Cor-
rea l. 2.
Poet.
pag. 134.

m
Lib. 5.
c. 18. n. 3.

n
Lib. 2.
c. 21. n. 6.

o
Virgil.
l. 12.
Æneid.

A O L E I T O R .

A

Dous fins (benevolo Leitor) se ordenão os prologos em os livros : a pedir perdão de erros , e a dar razão da obra : e verdadeiramente te affirmo que a não me obrigar o segundo , não fizera prologo pelo primeiro. Não infiras daqui (que serás temerario no

julgar) ser em mim presumpção este pensamento ; e que o ter por escusado pedir perdão dos erros , nasça de os não imaginar em este livro : para o que debes advertir que por obediencia o escrevi ; e quem escreve por obediencia , não estampa com presumpção ; porque aonde a obediencia manda , como disse Chrysologo , ^a a presumpção não reina : *Præsumptio dicentis non est , ubi authoritas est jubentis*. Antes bem sei levará esta Chronica muitos erros , como parto de sujeito , qual o meu , tão limitado : assim o conheço , e com toda a humildade , e submissão assim to confesso. Com tudo julgo por escusado pedir-te delles perdão ; antes não tenho visto cousa , em que peor se gaste o tempo ; porque no de agora estão os leitores tão enfastiados de varia lição dos muitos livros , que já pela maior parte os não lem , senão por curiosidade , e divertimento ; e assim se algum defeito nelles imaginão , o publicação nas ruas , e praças. E he isto cousa tão ordinaria , que já agora todos os que escrevem , na primeira folha costumão compor-se com os murmuradores , e tomar hum seguro delles , como quem pede salvo conduto para passar por terra de inimigos : e nem isso basta , porque lho não guardão , nem a humildade , que seu Author mostra no prologo , he poderosa para alcançar perdão do que talvez não he culpa. Pois se me não ha de valer confessar meu erro , para que he fazer prologo , em que me escuse ? Faço-o porém para te dar razão da obra.

Primeiramente te advirto , que para ordenar esta Chronica , me vali de muitos Breves Apostolicos , Escrituras autenticas , instrumentos publicos , e varios Memoriaes da Provincia : huns guardados no arquivo della , outros dispersos pelos seus Conventos , que recolhi , ou trasladei , discorrendo por todos. Tambem me aproveitei em algumas cousas de testemunho de muitos Religiosos , a quem a idade , e a vida fazem dignos de todo o credito : em outras segui a tradição , que de huns a outros vai ficando ; nem he esta de tão pouca authoridade , que se não valesse della o grande Basilio : ^b *Nos confitemur quod traditum accepimus*. E ainda S. João Chysofostomo se dá com ella por tão satisfeito , que on-

^a
Chrysol.
Serm. 70. in
princ.

^b
D. Basil.
Magn. Ep.
37.

onde a tradição chega a existir, nos não manda mais averiguar: *Traditio est, nihil quæras amplius.* Valeo-me muito o que neste particular haviam já trabalhado dous Religiosos desta Provincia, Fr. Antonio de Sinde, e Fr. Manoel de Niza, aos quaes primeiramente foi entregue este cuidado, ainda que em nenhum delles chegou a ver a luz da estampa. Depois do primeiro livro, que sómente trata dos muitos trabalhos, que padecêrão nossos primitivos Padres em fundarem esta Provincia, procedo de Provincial em Provincial, referindo em seu triennio as cousas mais notaveis, que nelles succedêrão; fundações de Conventos; Religiosos, que acabárão com fama de santidade, individuando no que pude alcançar, o anno; e aqui esteve o maior trabalho, que me tirou não poucas horas de sono; porque encontrando em as mais noticias muitos descuidos, neste particular achei maior falta; por onde em alguns successos me não foi possível apontar o anno fixo, antes me vi obrigado a valer-me de conjecturas, mas logo as escrevo por taes.

No trabalho, que tive em averiguar antiguidades, me alentava muito para proseguillo a consideração de que a leitura desta Chronica podia ser de utilidade aos Religiosos da minha Provincia, todos os quaes desejo tragão na memoria a muita virtude, e santidade de nossos primitivos Padres, que à custa de tantos trabalhos a fundárão em tanta perfeição de vida, para que assim aspirem à mesma; que esta força tem o exemplo. De si dizia Themistocles, que o triumpho de Milciades o não deixava dormir, levando-lhe todo o cuidado para o imitar: *Milciadis trophæum non patitur me dormire, neque cessare.* E o Oraculo aconselhou ao Filosofo Zenon, a communicasse com os mortos, se queria ser perfeito na vida. Bem vejo que a muita lição de livros santos, em que os Religiosos desta Provincia se occupão, e os muitos exemplos de varões perfeitos, que nelles achão escritos, são meios efficazes, pelos quaes, mediante a Divina graça, procurão conservar-se na observancia desta estreita, e apertada vida, que professão; mas differente abalo costumão fazer os exemplos de casa: claro está que mais me ha de mover o exemplo, que me deixarão os meus primitivos Padres, neste mesmo Convento, onde vivo; que o que se me refere de Provincia, ou Reino estranho. Esta consideração, como já te disse, benevolo Leitor, me alentou a proseguir o trabalho, de que outros de mais cabe-daes se escusárão.

Sospeito que repára o curioso em serem tão poucos os Religiosos, de que escrevo, a respeito dos muitos, que se devião

D Chryf.
Hom 4 in
2. ad Thef.
fal.

d
Diogen.
Laertius in
vit. Zenon.

esperar de huma Provincia tão santa. Eu te confesso que está re-
parado com fundamento; mas se isto he culpa, tiverão-a os nos-
sos antigos, que do menos nos deixarão lembrança, cuidando
mais de serem Santos, que Historiadores: com que posso dar sa-
tisfação ao teu reparo com aquella advertencia, que fez Bove-
rio ao leitor em os seus Annaes Capuchinhos; e *Id te quoque, le-
ctor, admonitum volo, me non omnia clarissimorum virorum, quo-
rum Capucinatorum Religio à sui ortu, ad hæc usque tempora, ferax
fuit, gesta, ac virtutes in hoc volumine perstrinxisse. Cum enim prior
illa humillimorum Patrum nostrorum ætas, quibus maior humilita-
tis, ac propriæ despicientiæ sectandæ, quàm existimationis apud ho-
mines captandæ, cura erat Planè accidit, ut innumeri ferè san-
ctorum hominum actus, virtutes, miracula, silentio, ac vetustate
deleta interierint.* O menos do que obrarão nossos primitivos Pa-
dres he o que se refere nesta Chronica; porque a mesma humil-
dade, que occultava nos vivos o que era seu louvor, deixou tam-
bem esquecer o que podia acreditar os mortos. Entre muitos, que
te pudéra referir nesta materia, sómente te apontarei dous exem-
plos.

Em a relação ^f do Convento de nossa Senhora do Paraíso
na Cidade de Sylves lerás, que entrando huma inundaçáo na Igre-
ja, onde em hum nicho da Capella achou orando certo Religio-
so, posto de joelhos sobre hum pequeno tabernaculo, o tirarão
as aguas daquelle lugar, sustentando-o sobre si, e andando elle
como navegando em o mesmo tabernaculo por toda a Igreja, em
quanto durou a inundaçáo; e quando esta foi ao acabar, o res-
tituiu primeiro ao mesmo lugar, donde o havia tirado, conservan-
do-se o Religioso em todo este tempo absorto na contemplação, em
que estava, sem que depois d'essa razão alguma do que tinha suc-
cedido. Esta maravilha suppunha no sujeito muitas acções heroí-
cas de virtude, e promettia de sua vida huma relação larga; mas
foi tal o descuido (lastima grande!) que nem ainda lhe sabemos
o nome. Seja o segundo do Convento da Abrançalha, junto da
Villa de Abrantes, em cuja fundação assistindo hum perfeito Re-
ligioso, chamado Fr. Antonio de Toledo, como este em quanto
durarão as obras, se recolhesse na Ermida de nossa Senhora da Ri-
beira, a continuação, com que orava, lhe deixou impressa a Ima-
gem ^g em a parede de huma Capella, onde perseverou alguns
annos, contra a diligencia, que procurou por vezes apagalla. Não
menos promettia este prodigio, mas he tanto pelo contrario, que
deste Religioso pouco mais sabemos que o seu nome. Por estes
exemplos podes tirar outros, e alcançar a razão de não fahir mais
cheia

Bover. in
Annal.
Præfat. ad
lect.

^f
Lib. 2. c. 25.
n. 4. e 5.

^g
Lib. 2.
c. 41. n. 3.

cheia a Chronica de huma Provincia , que sempre floreceo em grande perfeição , e santidade.

Resta ultimamente dar razão do estylo. Achallo-has humilde ; assim havia de ser , porque tambem o he seu Author ; e segundo o commum proloquio da Filosofia , todo o agente produz seu semelhante. Mas tem entendido que não puz tanto cuidado no enfeite das palavras , como na verdade da Historia ; assim me ensina Santo Isidoro : *b Non verba , sed veritas est amanda ; sepe autem reperitur simplicitas veridica , & falsitas composita* ; porque aquellas servem só para o apparato , e esta para o aproveitamento ; e quem a este olha , daquelle não cuida tanto : *Verborum flosculos non queramus. i Qui maturitatis fructum querit , despicit amena camporum : violæ , rosæ , lilia , narcisus , grati flores , sed gratior panis.* Nas mesmas arvores vemos , que em quanto estão ornadas de flores , perderá as diligencias quem lhe buscar os frutos ; pois para se colherem estes , não ha de haver aquellas : *1 Cum fructus apparent , flores disparent ; fructus enim florum interitus est.* Demais que aquillo , que se obrou com singeleza , com a mesma he bem que se lea , e escreva ; e se não gostares da lição , podes deixalla , com o seguro que te não hão de levar por isso alguma pena. Em caso porém que não queiras aceitar este partido , por seres talvez do genio daquelles , que tem por empreza censurar alheios trabalhos , huma de duas : ou já escreveste , ou ainda não estampaste : se já tens escrito , tambem já terás pago ; senão tens estampado , põe mão à penna , e está certo que não ficarás devendo nada ; porém se nem tens escrito , nem te resolves a escrever , ha muitos annos que falla já contigo este joguete de Marcial :

Ita tamen mala sunt (quasi non manifesta negemus.)

Hæc mala sunt , sed tu non meliora facis.

^b
D. Isidor.
de Summo
bono.

ⁱ
Chyfol.
Serm. 18:

¹
Sylv.
tom. 1. in
Apoc. c. 2.
9.3. n. 102.

L I C E N Ç A S.

D A O R D E M.

Approvação do muito amado Irmão Fr. Manoel de Tavira , Leitor de Prima em Theologia , e Qualificador do Santo Officio.

POr especial ordem do nosso muito amado Irmão Fr. Manoel de Castello de Vide , Ministro Provincial desta santa Provincia da Piedade , li com attenção devida esta *Chronica da mesma Provincia , primeira Capucha de toda a Ordem de nosso Serafico Padre S. Francisco* , composta pelo muito amado Irmão Frei Manoel de Monforte , Prégador ; e por não ter cousa alguma contra a nossa Santa Fé Catholica , Decretos Apostolicos , e bons costumes , a julgo merecedora de que se estampe , e dignissima de que se lhe procure o premio deste seu merecimento com todas as ancias , e desvelos , assim , para que Deos seja glorificado em seus servos verdadeiramente Apostolicos , vendo nós as portentosas obras , que fizerão , e o admiravel espirito , com que estes o servirão , que sem duvida serão fiel desengano para muitos , certas balizas para os principiantes na virtude , e verdadeira emulação para os mais perfeitos ; como tambem , porque o seu Author veja bem logradas as muitas diligencias , indubitavel trabalho , singular erudição , e fervoroso zelo , com que fez apparecer tão verdadeiras honras , renascer tão relevantes luzes , e re-fuscitar tão desejadas glorias , que de todo fizera o esquecimento (como em grande parte tinha já d'antes feito o descuido) bem lastimosas perdas sem este seu zelo , erudição , trabalho , e diligencia , e o mais , que me não permite dizer sua modestia , &c. Villa-Viçosa , 30. de Junho de 1693. annos , no Convento da Piedade.

Fr. Manoel de Tavira.

Approvação do muito amado Irmão Fr. João do Redondo , Lente de Prima em Theologia , e Qualificador do Santo Officio.

POr commissão do nosso carissimo Irmão Fr. Manoel de Castello de Vide , Ministro Provincial desta Provincia da Piedade , li com a attenção , que a Obra pede , e com o cuidado , que o Author da Obra por condiscipulo merece , esta *Chronica da mesma Provincia , primeira Capucha de toda a Ordem de nosso Serafico Padre S. Francisco* , composta pelo Irmão Fr. Manoel de Monforte , Prégador , e nella não achei cousa contra os dictames de nossa Santa Fé , disposições Apostolicas , e louvaveis costumes ,

an-

antes em tudo tão conforme , como de proveito a toda a Chri-
standade , pelas muitas virtudes de Varões Apostolicos , que em
si encerra , e portentosos milagres , de que trata , para que admi-
rados daquellas , as imitem , e venerando a estes , os conservem
na memoria , como em espelho , onde vejam o que perdem os que
assim não vivem , como tambem o que alcançam os que nesta fór-
ma os imitam : huma , e outra cousa he tanto para Deos de glo-
ria , como para a Provincia de honra , pois se glorifica nos seus
Santos , como esta Mãe nos seus filhos. Ao Author tambem cabe
de tudo grande parte , porque com singular estudo , e notavel cui-
dado tirou do sepulchro do esquecimento esta Obra , onde vivia
sepultada ; e por ser o Author da Chronica , seja a mesma por
agora o seu Chronista , onde me não permite a sua modestia pas-
sar a mais a minha penna na censura ; por tanto , sem dizer mais
em seu louvor , a julgo por digna que se dê à estampa. Assim o
finto , neste Convento da Piedade de Villa-Viçosa , aos 13. de
Julho de 1693. annos. *Fr. João do Redondo.*

FR. Manoel de Castello de Vide , Prégador , Ministro Pro-
vincial , e servo da Provincia da Piedade , da Ordem dos Fra-
des Menores , do Instituto dos Descalços , da Regular Observan-
cia de nosso Padre São Francisco , &c. Ao muito amado Irmão
Fr. Manoel de Monforte , Prégador , e Guardião do nosso Con-
vento de Santo Antonio de Portalegre , saude , e paz em nosso
Senhor JESUS Christo.

Por quanto vós nos haveis appresentado hum livro intitula-
do: *Chronica da Provincia da Piedade* , o qual por ordem de nos-
sos antecessores com estudioso trabalho compuzestes ; e sendo
visto , e examinado por Religiosos de fatisfação , a quem o nosso
antecessor o commetteo : Nós pelas presentes vos damos licença ,
para que se possa imprimir a dita Chronica , guardando em sua
impresão tudo o que àcerca desta materia ordena , e dispõe o Sa-
grado Concilio Tridentino , Leis do Reino , e Estatutos Geraes
da nossa Ordem. Em fé do qual vos mandamos passar a presen-
te , assinada do nosso nome , sellada com o sello maior de nosso
officio , e refrendada pelo nosso Secretario em 25. de Julho de
1693. annos no nosso Convento da Piedade de Villa-Viçosa.

*Fr. Manoel de Castello de Vide ,
Ministro Provincial.*

De mandado do nosso muito amado Irmão , Ministro Provincial ,

*Fr. Bernardino de Castello de Vide , Prégador ,
e Secretario da Provincia.*

Do

DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimir-se a Chronica , de que se trata , e depois de reimpressa tornará conferida por qualquer Qualificador do Santo Officio , para se dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa, 18. de Abril de 1749.

Fr. R. de Lancastre. Silva. Abreu. Almeida. Trigozo.

DO ORDINARIO.

PO'de-se reimprimir o Livro , de que a petição trata , e depois de impresso torne conferido para se dar licença para correr. Lisboa, 23. de Abril de 1749.

Silva.

D O P A C, O.

QUe se possa tornar a imprimir , vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario. Lisboa, 24. de Abril de 1749.

Almeida. Carvalho. Mourão.

E Stá conforme com o seu original. S. Domingos de Lisboa
aos 18. de Abril de 1752.

Fr. José Malaquias.

Póde correr. Lisboa 18. de Abril de 1752.

Fr. R. de Lancastre. Silva. Abreu. Trigozo.

Póde correr. Lisboa 19. de Abril de 1752.

Silva.

Taixão para correr em mil e duzentos reis. Lisboa 21. de
Abril de 1752.

Marquez P. Almeida. Carvalho. Mourão.

PROTESTAÇÃO³ DO AUTHOR.

ANTES de dar principio a esta Chronica, obedecendo aos Decretos do Santissimo Padre Urbano VIII. expedidos na Sagrada Congregação da suprema, e Geral Inquisição de Roma em 13. dias do mez de Março de 1625. confirmados, e explicados por elle em 5. de Junho de 1631. e em 5. de Julho de 1634. em ordem aos que escreverem vidas, revelações, milagres, profecias, ou alguns outros celestiaes favores de pessoas, que morrêrão com fama de santidade, e a quem a Sé Apostolica não tem ainda canonizado, nem beatificado, protesto que nenhuma das revelações, milagres, &c. que se escrevem nesta Chronica, (exceptuando as dos sujeitos, que estão canonizados, ou beatificados) tem até agora authoridade alguma da Santa Igreja Romana, senão só a veneração natural, e piedosa credulidade das relações, e Authores, que as referem. Na mesma conformidade protesto, que não he minha tenção qualificar o titulo de Santo, Martyr, ou Bemaventurado em alguma pessoa, que o não obtenha pela Santa Sé Apostolica; e se algumas vezes uso destes titulos, os recebo *lato modo*, e não em sua propria, e rigorosa significação, que suppõe approvação canonica, mas pelo modo vulgar, com que falla a piedade Christã daquelles servos de Deos, que vivêrão, e acabárão com opinião de virtude. Neste mesmo sentido quero tambem que os outros recebam o que refiro neste Livro, como se costuma receber, o que estriba só na fé humana, e não na Divina da Catholica, e Romana Igreja, a cujos Decretos, e doutrina me sujeito, como a regra infallivel, que he das verdades. Assim o obedeço, e ratifico

Fr. Manoel de Monforte.

CHRONICA D A PROVINCIA D A PIEDADE.

Primeira Capucha de toda a Ordem,
e Regular Observancia de nosso
Serafico Padre S. Francisco.

LIVRO PRIMEIRO.

*Seus principios, e progressos, atè que foi
erigida em Provincia.*

CAPITULO I.

De seus primeiros Fundadores.



STANDO
nosso Serafi-
co Padre S.
Francisco em
oração na-
quelle seu

fantuario, o Convento de nos-
sa Senhora dos Anjos, *a* vio
com os olhos corporaes ante si
humã maravilhosa Estatua, se-
melhante à que em sonhos vio
Nabuco, como Daniel *b* a des-
creve. Era sua fabrica de diffe-
rentes metaes: a cabeça de ou-

ro, o peito, e braços de prata, o
ventre, e joelhos de cobre, os
pés parte de ferro, e a outra
parte de barro. Ficou o Sera-
fico Patriarca com esta visão
suspenso; e quando mais pen-
sativo, e admirado com a con-
sideração do que representaria,
lhe faliou hum Anjo, dizendo,
que aquella Estatua era hiero-
glyfico da sua Ordem, e que
os differentes metaes, de que
se compunha, erão symbolo das
mudanças, que nella atè o fim
do mundo haveria; porque da
perfeição, e excellencia do ou-
ro, em que por elle fora funda-
da,

a
Fr. Marc.
p. lib. 2.
cap. 29.

b
Dan. 2. 32.

da, como por degráos, desceria aos outros metaes, até que ultimamente viria tempo, em que se achasse com a fragilidade do barro. Porém supposto (continúa o Anjo) que naquella tofca idade se apartarão tanto teus Frades da perfeição, em que os criaste, quanto vai do luzido ouro ao grosseiro barro, com tudo nunca o Senhor desampará a esta Religião de maneira, que não haja sempre nella muitos Varões justos, e perfectos zeladores de sua Regra.

2 Em todo o tempo, que a Ordem sentio em si esta mudança, vio tambem cumprida esta Angelica promessa; porque quando dava mostras de descer de sua primeira perfeição Euangelica, então se levantava com mais alentos: quando parecia desfalecer nos rigores, então abraçava mais os apertos: no mesmo tempo, em que as mudanças ameaçavam ruína, fortia effectuada a melhor reforma; porque dos descuidos de alguns Religiosos tomava o zelo de outros motivo para viverem na pura observancia da Regra mais cuidadosos. Daqui nascêrão as muitas, e diversas reformações, que houve na Ordem; differentes nos estylos, e nos nomes, por razão dos Fundadores, ou dos lugares, onde tomáráo assento: como foi a dos Cesarenos, Cla-

renos, Colectaneos, Amadeos, Caperolos, todas ramos da felicissima arvore da Religião Franciscana, que pelo cuidado, com que aspiravão à maior perfeição, e à mais rigorosa observancia da Regra, bem se podião chamar ramos de ouro. He verdade que algumas dellas expirárão brevemente ou à força de trabalhos, que tudo acabão, ou à continuação do tempo, que tudo consome; mas succedia-lhe sagradamente o que o Poeta escreveo da arvore, em que se criava o ramo de ouro, que cortado hum, logo nascia outro, em tudo semelhante ao passado. c Assim se forão succedendo humas às outras as sobreditas reformações, nascidas todas do mesmo zelo, e espirito da mais pura guarda da Regra.

3 Ultimamente appareceo em Hespanha a Congregação do Santo Euangelho, por outro nome do Capucho, plantada nas duas Estremaduras de Portugal, e Castella, e fonte donde dimanárão quasi todas as Provincias Capuchas da Ordem; sendo entre ellas a primeira, e mais antiga a nossa da Piedade, tão regular, e observante, como a todos he notorio neste Reino, e ainda fóra delle. Seu principal fundador foi o Veneravel servo de Deos Fr. João de Guadalupe, o qual,

Virg. l. 6
Æneid.

^d
Machab.
2. 27.

como em seu tempo vísse na Ordem consideravel mudança, zeloso de sua primeira perfeição Evangelica, determinou reformar com seu exemplo o que outros desfazião com seus descuidos. Qual outro Mathathias, que vendo como alguns do povo de Israel se apartavão da Lei, que Moisés tinha recebido de Deos em o monte, zeloso de sua observancia, em vozes altas clamou no meio da Cidade, dizendo, ^d que todo aquelle, que zelava a guarda della, sahisse fóra da Cidade, e o acompanhasse ao deserto. Assim o fez o Apostolico Varão Fr. João de Guadalupe; porém a este primeiro brado não achou quem o acompanhasse na reforma, que pretendia; porque supposto muitos Religiosos, a quem parecia bem seu intento, o desejavão ajudar nesta tão santa obra, retardava-os a consideração dos muitos trabalhos, e difficuldades, que qualquer novidade traz consigo, e esta, por grande, lhes ameaçava as maiores. Esperavão tempo accommodado para darem à execução seus bons desejos: este lhes offereceo Fr. João de Guadalupe, se bem que depois de padecer alguns trabalhos, como mostraremos brevemente. Erão estes Religiosos Fr. Pedro de Melgar, Frade leigo, Fr. Anjo de Valhedolid, Fr. Miguel

de Cordova, Fr. João de Aguilã, e outros, cujos nomes, supposto que nos memoriaes dos homens não vivem lembrados, no livro da vida estão escritos.

4 Estava neste tempo a Ordem dividida em duas familias; a huma chamavão Conventuaes; a outra Observantes: e porque nesta Chronica havemos de fallar em huns, e outros muitas vezes, será bem que, para mais clara intelligencia aos que não são tão vistos em as Historias da nossa Ordem, demos noticia do principio destas denominações, e appellidos. Para o que, suppondo com Waddingo ^e que este appellativo *Conventual*, e *Claustral* são synonimos, de sorte que o mesmo significa hum que outro, he certo que o pronome *Conventual* tomou seu principio de huma Bulla de Innocencio IV. onde concede aos Frades Menores, que as suas Igrejas se pudessem chamar Conventuaes. A causa, que para isto houve, foi para que pudessemos ter nellas o Santissimo Sacramento do Altar, e gozarmos de outras immunidades, e isenções, que os Prelados das Igrejas nos não querião consentir, de que nos nascião enfados, e molestias. Bem he verdade, que a denominação de *Conventual* não foi usada na Ordem, senão depois de passarem largos annos, em

^e
Wading.
tom. 2. ad
ann. 1252.
n. 23.

tempo, que já os Frades tinham declinado muito da rigorosa observancia de sua Regra, e então começou a correr em sentido pouco airoso, conforme a opinião, que delles tinha o mundo. Accrescentou-se a isto a occasião, que tiveram de viverem com mais liberdade, por causa de huma geral peste, que pelos annos de 1348. se estendeo por todo o mundo, desde o Oriente até às terras mais Occidentaes: porque como atemorizados da morte trataassem da faude do corpo, *f* descuidarão-se tanto da do espirito, que admittirão muitos abusos, e relaxações, nas quaes se forão conservando ainda depois de melhorados os tempos, de que vierão a alcançar dispensações; que as liberdades huma vez introduzidas tem mui difficultosa a emenda. Assim por estas, como pela grandeza dos Conventos, e claustros, que dalli em diante forão edificando, foi soando mais o pronome *Conventual*, e *Claustral* por ironia; appellando sobre os Frades relaxados o titulo, que antes concedido por Innocencio IV. sómente appellava sobre as Igre-

f
Daça 4. p.
liv. 1. c. 1.

g
Wadding.
tom. 4. 2.
ann. 1375.
Cherub.
Comput.
Bul. tom. 1.
Schol. p. 1.
30.
Marchât.
fund. 11.
§. 1.

jas. *g*
5 Nesta calamitosa idade não faltavão Frades zelosos da pureza da Regra, que procuravão observalla em todo seu rigor: estes ajuntando a si outros

do mesmo espirito, vivião em Heremitorios retirados, donde veio chamar-se no principio Frades das Hermidas, porque nellas vivião em estreitissima pobreza: como fizerão corpo, forão chamados Frades da Família; e depois a respeito da pureza, com que guardavão a Regra, lhes derão nome da Regular Observancia, pelo qual são ainda hoje conhecidos. Foi-lhes estabelecido este titulo pelos annos de 1414. em o Concilio Constancienfe, dando-lhes Prelados à parte, que os governassem; ainda que Claustreaes, e Observantes, vivião todos dentro dos distritos, e limites das mesmas Provincias, chamando-se Ministro Provincial o Prelado da Claustra, e Vigario Provincial o da Observancia; este com a dependencia de pedir àquelle a confirmação em seu officio.

6 Desta vizinhança, e comunicação se aproveitou o tempo, ajudado da fragilidade humana, para esfriar nos Religiosos Observantes aquelle fervor, e espirito, com que começarão; já declinavão de seu rigor primeiro, admittindo Conventos sumptuosos, ornamentos ricos, e outras cousas semelhantes, em que não reluzia tanto a pobreza, como na primeira instituição da Ordem. O que vendo o servo de Deos Fr. João de

de Guadalupe, filho da Custodia dos Anjos, hoje Provincia, então subjeita à de Castella, como era Varão muito regular, e perfeito, zeloso ^b da mais pura, e rigorosa guarda da Regra, determinou fundar huma Reformação, onde litteralmente se observasse, e mais pobre, e austeramente se vivesse. Grandes erão os impulsos, que a esta empresa o incitavão; porém erão tantas as difficuldades, que se lhe representavão, e tão poderosas as contradicções, que se lhe offerenciação, que ficando com aquellas indeciso, com estas estava já quasi de seu primeiro intento mui alheio; mas como a inspiração era do Ceo, tornava a sentir novos fervores, e mais vivos impulsos. Ainda que o Veneravel Religioso, receoso que nelles tivesse o demonio encuberto algum engano (como muitas vezes costuma) pedia a Deos com affectuosa instancia lhe ensinasse qual era sua vontade Divina, para conseguir o despacho de sua justificada petição, aproveitava-se para isto dos meios mais accomodados, como era o desvelo na oração, a continuação nos jejuns, a frequencia extraordinaria nas disciplinas, e outras differentes mortificações, que lhe ensinava o espirito.

7 Consultou estes seus desejos com Varões espirituaes,

e devotos, não querendo em materia tão grave governar-se sómente por seu parecer; conhecendo que quem só guiado deste intenta semelhantes empresas, quando menos, temerariamente se arrisca, se desgraçadamente se não despenha. Diverfos, e encontrados forão os pareceres, como o são ordinariamente todos os dos homens, ainda em materias de pouco pezo; porque huns, sendo de contrario sentir, lhe punhão as difficuldades, que elle cuidadoso tinha já muito antes previstas: outros, julgando que a obra, que inventava, era do Ceo, a approvavão, animando-o a proseguilla; porque supposto que aquelle seu intento estava promettendo muitas perseguições, e trabalhos, (dizião elles) e quasi insuperaveis à industria humana, com tudo que a Sabe-doria Divina venceria estes facilmente com aquella suavidade, e brandura, com que dispõe, e ordena todas as cousas. ⁱ Sap. 8. 2.

C A P I T U L O II.

Com varias mortificações, e penitencias se ensaia Fr. João para a tolerancia dos trabalhos, que prudencialmente prevê lhe hão de succeder.

I **F**LUctuava Fr. João de Guadalupe com aquelles encontrados pareceres, já re-

resolvendo-se a dar à execução o que desejava, já determinando desistir do que pretendia; até que finalmente depois de muitos, e porfiados debates, venceo o espirito ao receio. Primeiro porém que sahisse a publico com seu designio, como previa prudente os trabalhos, a que se expunha, quiz reduzir a experiencias o para quanto era, e que tal se mostraria nelles sua paciencia. Boa prova tinha já dado della em a sua Custodia dos Anjos; porque como foi dos primeiros novigos, que aceitou o Veneravel fervo de Deos Fr. João de la Puebla; quando a fundava, coube-lhe grande parte das molestias, e perseguições, que o dito Fundador padeceo por esta causa. Mas não se dava ainda com esta por satisfeito, quiz para maior segurança examinalla no abatimento, e desprezo proprio, que he a melhor pedra de toque, que dá a conhecer a verdadeira paciencia, e virtude.

2 Para isto começou logo a executar grandes actos de abatimento, assim dentro, como fóra de casa, pertendendo nelles que todos o desprezassem, e tivessem em pouco: fruto, que procurava por amor de Deos, além do exame da paciencia.

Algumas vezes tomava hum ^a prego de ferro a comprido, e

grossô, e atando em cada hum das pontas hum cordel, mettia-o na boca, como freio, e mandava a hum Frade, que assim como por redeas, o levasse pelos lugares, onde havia maior concurso de gente. Outras vezes sahia com o rosto enlodado, cuberto de cinza, ou com outras singulares demonstrações de mortificação, e penitencia; e deste modo atravessava as ruas, passava as praças, chegando aonde assistia mais gente, que admirada de ver tal espectáculo, ficava compungida: principalmente depois que o fervo de Deos começava com fervoroso espirito a prégar a brevidade da vida, a certeza da morte, a conta depois della, e a importancia da mortificação dos desordenados appetites.

3 Nestas exhortações espirituaes ao povo sobre tudo fazia seu fundamento na humidade, como virtude principal para o exercicio das outras, e sem a qual nenhuma cousa he a Deos agradavel. Não he possível, dizia elle, ^b haver no mundo quem por amor de Deos soffra os trabalhos, salvo se de coração for humilde; porque só os que o são, soffrem tudo com aproveitamento. Estes são na terra os bemaventurados, porque elles a possuem, e gozão: nestes, como em valles baixos, se achão abundantes fru-

^b
Chron.
antig. da
P. liv. 1.
c. 3.

frutos de boas obras : dos elementos a terra he o mais baixo, porèm o mais seguro : alto está o ar , e mais alto o fogo, porèm nenhum delles dá fruto : as fragolas ferras ; e outeiros altos não são de proveito , os humildes valles são os que se lavrão ; e os que se estimão. Com isto dava o penitente, e mortificado Religioso fim às suas devotas praticas ; e tornando a continuar com sua mortificação , discorria pelas mais ruas do povo , para que lhe visse o exemplo, quem lhe não ouvira as palavras ; depois do qual , com grande consolação de sua alma , se recolhia ao Convento. Outras vezes por variar , e sahir com disfarce novo, excogitava muitas , e diversas mortificações, succedendo não poucas vezes correr todas as ruas da Villa com a cabeça cuberta de cinza , qual nosso Padre São Francisco, sem dizer palavra , fervendo então de Prégador mais efficaz o bom exemplo.

4 Ao tempo, que fazia estes exercicios , era actualmente Guardião do Convento de São Domingos , situado na Vêra de Placencia, junto a Xarandilha , Villados Condes de Oropeza , por onde , sem que alguém lhos pudesse estorvar, os repetia, e continuava livremente. E supposto que erão

raras , e nunca vistas as demonstrações de abatimento , e desprezo , que sua humildade excogitava , tão longe estavam de servirem ao ludibrio , e zombaria , que antes movião a compunção estranhamente : que como os moradores da sobrêdita Villa tivessem já muito conhecimento de sua virtude , edificados olhavam todas suas acções , como nascidas della. Alguns annos havia , que Fr. João morava naquelle Convento ; porque logo recem professo o mandou seu Prelado, e Custodio Fr. João de la Puebla entender na fundação delle ; e supposto que em todos foi tão copioso o fruto , que fez com seus fervorosos Sermões , que muitas vezes succedia faltar-lhe o tempo para confessar aos que por elles se reduzião a melhor vida, com tudo não forão menores as conversões, que tirou destas suas acções de desprezo : tanta força tem o bom exemplo, que para a virtude, d como disse Seneca , he caminho abbreviado.

5 No fim já de muitos dias, em que se tinha provado, e animado (como faz o Elefante na guerra , vendo sangue) para padecer quaesquer adversidades , que se lhe offerecessem , parecendo-lhe que estava já disposto , por ter sua paciencia criado grandes rai-

zes

Chron.
P. S. Gab.
liv. I. c. 12.

d
Seneca l. 1.
Epil. 6.

Ad Rom.
c. 8.

zes naquelles enfaio , e que podia , ajudado da Divina graça , dizer com S. Paulo , e que nenhuma molestia , trabalho , ou creatura o poderia apartar daquella obra , em que pertendia servir a Jesus Christo , se resolveo a deixar a Custodia dos Anjos , e ir a Roma procurar , com benaplacito do Ministro Geral da Ordem , licença do Summo Pontifice para dar principio à reforma , que intendia.

CAPITULO III.

Do primeiro Breve , que alcançou Fr. João de Guadalupe para fundar a nova reformação.

I C Omo Deos era o Autor dos fervorosos desejos , que Fr. João de Guadalupe em si sentia para instituir huma nova Reforma , e o que lhos fomentava no embaraço das contradições , que sua mesma consideração lhe offerecia , para que os puzesse em execução , lhe abriu porta o mesmo Senhor facilmente. Foi isto no anno de 1496. em que os Padres Observantes tinham convocado a Capitulo Geral em Tolosa de França pela festa de Pentecostes. Havia de ir a elle . como Vogal que era , o Padre Fr. Francisco del Cam-

po , que tinha succedido no Custodiato da Custodia dos Anjos , por morte de Fr. João de laPuebla , seu primeiro Fundador , e Prelado. A este pediu Fr. João de Guadalupe o levasse por companheiro , com tenção de partir de Tolosa para Roma a sollicitar o que pertendia. Não só lhe admittio o Custodio a companhia , mas mostrou estimar muito a offerta , que della lhe fez ; porque reconhecia em Fr. João hum sujeito de muitas prendas , douto na Theologia , fervoroso no espirito , zeloso da pura observancia da Regra , e circumspecto em quaesquer materias de Religião , que se pudessem tratar em Capitulo.

2 Chegárão a Tolosa , onde depois de expedido o Capitulo , fallou Fr. João a seu Custodio , e como a Prelado lhe pediu licença para ir a Roma , e como a amigo lhe manifestou a causa , que lá o levava. Concedeo o Custodio a faculdade , approvando-lhe a resolução ; e tornando-se para a sua Custodia dos Anjos , Fr. João de Guadalupe partio para Roma , não pouco contente de lhe ir succedendo , como desejava , e confiado que assim seria no restante ; pois era obra de Deos , a que anhelava seu espirito. Antes de partir de Castella para Tolosa , tinha-se pre-

prevenido com algumas cartas de favor dos Reis Catholicos para o Beatissimo Padre Alexandre VI. que então governava a universal Igreja, e pode-as alcançar facilmente; porque como foi hum dos principaes discipulos do grande servo de Deos Fr. João de la Puebla na fundação da Custodia dos Anjos, e o que mais o acompanhava, sendo este mui estimado dos Reis Catholicos, não só por seu parente, mas muito mais pelo exemplo, que sua conversão deo ao mundo, que continuou com sua reformada vida, daqui nasceo terem conhecimento de Fr. João de Guadalupe, e estimarem-no tambem em muito. Primeiro porém que dêsse ao Summo Pontifice as sobreditas cartas de recommendação, communicou ao Cardeal Protector da Ordem, e ao Ministro Geral della, que então era o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Sansão; que depois de lhe approvarem seu intento, lhe prometterão seu favor. Animado Fr. João com esta promessa, em que estribava grande parte do bom successo, ainda que muito mais em sua causa, deo ao Summo Pontifice as cartas, de quem alcançou hum Breve mui favoravel a seu intento; cuja data foi a finco de Setembro do anno de nosso Senhor

Jesus Christo 1496. Começa: *Sacro sanctæ militantis Ecclesiæ, &c.*

3 A resolução, com que o Veneravel Religioso tinha sahido de Hespanha, era não só fundar a nova reformação, mas tambem que fosse esta em o Reino de Granada, que como havia sido novamente conquistado aos Mouros pelos sobreditos Reis Catholicos, queria occupar-se, com os que o seguissem, na conversão daquella gente. Tudo isto narrava ao Summo Pontifice na supplica, que lhe fez, que a tudo deferio na fórmula, que Fr. João desejava: nelle o exime da obediencia dos Padres Observantes, fazendo-o immediatamente sujeito ao Ministro Geral da Ordem. Concede-lhe que no Reino de Granada possa fundar hum Heremitorio, e nelle receber noviços, e admittillos à solemne profissão de nossa Regra, para effeito do qual o faz Prelado superior com authoridade, como de Provincial. Que para o acompanharem naquella santa empresa, pudesse escolher seis Frades professos de qualquer Provincia, ou Custodia da Observancia, sendo só para isto necessario pedirem elles a seus Prelados licença, ainda que lha negassem. Que o Heremitorio, ou casa, que fundasse, e os

Frades de sua Congregação gozassem de todas , e quaesquer graças , privilegios , indultos , estações , e indulgencias concedidas , e que ao diante se concederem aos Conventos , e Frades Observantes da mesma Ordem.

4 Assim mesmo o constitue Prégador Apostolico , e juntamente a dous , ou trez dos companheiros , que escolhesse , com faculdade , para que em todo o mundo , assim entre Catholicos , como entre infieis , pudessem prégar a palavra de Deos , e seu Sagrado Euangelho. Conclue o Breve com grandes censuras a quem ouzasse a encontrallo , e vinha dirigido a trez Prelados de Hespanha , para que o dessem à execução , tanto que lhes fosse requerido : ao Arcebispo de Granada , ao Bispo Teanense , e ao Prior de nossa Senhora de Guadalupe. Logo que Fr. João tirou o Breve , se apresentou com elle ao Ministro Geral Fr. Francisco Sansão , dando-lhe obediencia , e pedindo-lhe seu beneplacito , e licença para usar delle. O Ministro Geral se lhe mostrou benigno , e affavel , passando-lhe huma patente em testemunho de que só a elle ficava immediatamente sujeito , e juntamente lhe concedia , quanto era da sua parte , podesse edificar Here-

mitorios , Oratorios , ou Conventos , assim em Granada , como em Hespanha , ou outras quaesquer terras , que se lhe offerecessem , sem que algum outro Prelado da Ordem o podesse impedir.

5 Não ha de mister muito tempo para se dar a conhecer , e grangear affeições a verdadeira virtude ; porque como esta com admiravel consonancia concorda as acções exteriores com o interno , logo reluz nelle sua noticia , apôs a qual se segue , levar tambem os affectos , pelo que tem de estimavel. Pouco conhecimento tinha o Veneravel Guadalupe em a Romana Curia , pois esta foi a primeira vez , que entrou nella , mas a sua humildade , composição , e modestia , não só o derão a conhecer ao Summo Pontifice , e ao Geral da Ordem , mas tambem lhe conciliárão o agrado de tal forte , que o favorecerão na fórma , que o elle desejava. Com Breve tão amplo , e Patente tão copiosa veio a Hespanha , e apresentando tudo aos Prelados , a quem o primeiro vinha dirigido , lhe pediu seu testemunho de como o reconhecião por verdadeiro. Com esta diligencia se recolheo para o Convento de nossa Senhora dos Anjos , onde mostrou os papeis ao Custodio , como a seu Pre-

Prelado, pedindo-lhe sua benção, e beneplacito para usar das letras Apostolicas; e foi facil alcançar d'elle o consentimento, porque pelo que conhecia de Fr. João, esperava que fosse muito do serviço de Deos a empreza.

CAPITULO IV.

Parte Fr. João para Granada, donde volta outra vez a Hespanha, e da occasião, que para isso teve.

Divulgada pela Custodia dos Anjos a jornada, que Fr. João intentava, favorecido com as letras do Pontifice, muitos Religiosos da dita Custodia, levados do mesmo zelo, com que elle a emprendia, se lhe offerecêrão para o acompanharem no exercicio de tão santa obra. Delles escolheo os seis, que lhe concedia o Breve, cujos nomes ficarão sepultados no silencio; porèm ainda que delles nos não ficou outra noticia mais clara que o serem nesta occasião companheiros de Fr. João de Guadalupe, só isto basta, para que tenhamos grande opinião de sua santidade; porque a não serem nella mui qualificados, e exercitados nos rigores, e asperezas da vida Religiosa, não fora possível

achar-se nelles animo para se exporem a tantas difficuldades, quantas se offerecião na consideração, ainda a huma prudencia mediana, quanto mais a elles, que tinham a experiencia de casa, na pessoa de seu Veneravel Fundador Fr. João de la Puebla. Pelo que, posto que na terra não achamos seus nomes escritos, bem podemos colligir piedosamente que o estão no Ceo com letras de ouro no livro da eterna vida, onde os dos justos estão com todas suas obras.

2 Não falta quem diga ^{Chron. S. Gabi c. 4.} que forão sómente trez os companheiros, que Fr. João levou consigo, e ainda lhes escreve os nomes, o que se nos faz difficuloso de crer; porque primeiramente entre elles nos nomeia já a Fr. Pedro de Melgar; e a este tempo ainda elle estava na sua Provincia de Santiago, tão fóra de acompanhar ao Veneravel Guadalupe, que antes por si intentava fundar huma reforma, como ao diante diremos. Tambem não he crível que concedendo-lhe o Summo Pontifice seis companheiros, e offerecendo-se-lhe muitos mais, elle se contentasse sómente com trez, indo fundar hum Convento, e prégar o Santo Euangelho em hum Reino novamente conquistado aos Mouros, que para tão

grande messe são mui poucos os operarios, e ainda elles divertidos com a fundação de hum Convento, como determinavão.

3 O Padre Moles, que foi mais vizinho àquelles tempos, no seu Memorial, que imprimio, *b* nem lhe dá por companheiro a Fr. Pedro de Melgar, nem achou nome aos outros; antes do que nos diz, quando falla do Veneravel Guadalupe na volta de Granada a Hespanha, se collige são seis; pois escreve que em Oropesa, e Placencia se acompanhava dos Religiosos, que pelo Breve Apostolico podia trazer consigo, e este sabida cousa he lhe concedia seis: com que tenho por mais provavel que tantos, e não menos, o acompanhárão a Granada, e nisto convem os Memoriaes da nossa Provincia *c* com a sua Chronica antiga.

4 Com os sobreditos companheiros sahio Frei João de Guadalupe da sua Custodia dos Anjos, e entrou no Reino de Granada, vestidos todos de saial aspero, e grosseiro, de que fizerão mantos curtos, habitos remendados, e tão estreitos, que mais que habitos. são verdadeiras mortalias. Os capellos pyramidaes, e agudos, na fórma, em que se diz havello trazido nosso Padre S. Fran-

cisco: os pés totalmente descalços, cingido cada hum delles com hum grossa corda; e finalmente em tudo tão penitentes, que da mesma penitencia são o mais vivo retrato. Antes de começarem a prégar naquella Reino, fez Fr. João esta breve pratica aos que o acompanhavão: Bem sabeis amados, e carissimos irmãos, que disse Christo Senhor nosso *d* a seus Discipulos, quando os mandou prégar pelo mundo, que não levassem calçado, nem alforjes, nem bordão; dando-lhes nisto a entender que desconfiassem das cousas da terra, e puzessem no Ceo sua esperança, que pois fazião aquella jornada por mandamento, e ordem sua, por sua conta corria o cuidado delles. Isto mesmo *e* vos lembro a todos, e quero que vós ao diante mo lembreis, se virdes que como fraco desfaleço. Os trabalhos, a que nos sujeitamos, e difficuldades, que commettemos, são empresas, que tomamos puramente por amor de Deos; e pois o espirito deste Senhor he o que nos move, ponhamos nelle nossa confiança; e quando esta não falte da nossa parte, seguro temos o soccorro da sua.

5 Com estas razões, e outras, que Fr. João, como prudente, soube dizer-lhes, in-

b
Moles c.9.
fol. 39.

c
Memo-
riaes da
Provinc.
Chronie.
da m-fma
liv. 1. c. 4

d
Luc. c. 10.
num. 4.

e
Chron. cit
num. 4.

incitou tanto o fervor daquelles Religiosos, que já lhes parecia não poderia haver trabalho, ou difficuldade, por grande que fosse, que os apartasse do intento, com que sahirão de o acompanharem na instituição da nova reforma, e prégação do Euangelho naquelle Reino; antes lhes parecia dilatado o breve tempo, em que não punhão mão à obra. Começarão a discorrer por todo elle, prégando a palavra de Deos, sem terem habitação fixa, e permanente; porque já se achavão em lugares grandes, já em pequenos, prégando o Euangelho a toda a creatura, conforme o mandamento de Christo. Quasi todos os Mouros, que ficáram no conquistado Reino, estavam tão firmes, e constantes na rustica, e abominavel lei Mahometana, que antes perderião a vida, que perdella; e se no exterior, por não serem vexados, se vestião da pelle de ovelha, recebendo a agua do santo Baptismo, no interior estavão lobos damnados, mais finos Mouros, do que antes erão, augmentando-se-lhes o odio contra a verdadeira Lei de Christo, com o haverem perdido aquelle Reino. Com tudo foi grande o fructo, que os novos Capuchos fizeram com sua prégação; porque sempre move com mais efficacia, quem

se conforma em a vida ao que préga. Hum habito aspero, vil, e remendado, huns pés descalços, hum desprezo dos bens mundanos, hum comer mendigado de porta em porta, hum desapego de todo o temporal, acompanhado de humia modestia religiosa, intima mais sua doutrina, ainda em os corações barbaros, e grosseiros; e como tudo isto concorria em Fr. João de Guadalupe, e seus companheiros, erão de muito effeito seus Sermões.

6 Hum anno, ou perto delle, segundo provaveis conjecturas, se detiverão em Granada, sem que em todo este tempo fundassem Convento, como determinavão: não deixavão porém a prégação do Euangelho, porque o zelo da salvação das almas, lha fazia continuar com frequencia. Não sabemos certamente a causa, que lhes estorvou a fundação: he verdade que achamos escrito, ^f que os Padres Observantes com cartas dos Reis Catholicos procuravão que ou Fr. João, e seus companheiros lhes dessem obediencia, ou não fundassem em Granada; com que vendo-se elle impedido, deixou aquelle Reino, e voltou a Castella, para aquella parte que chamão Estremadura.

7 Mas não me parece isto mui conforme ao que passou

na

^f
Chron.
P. S. Gab.
liv. 1. c. 5.

na realidade , porque a razão está mostrando , e não mui escondidamente , o contrario : pois se o Veneravel Guadalupe fora impedido na fundação em Granada pelos Padres Observantes ; sem nova diligencia , não havia de intentalla na Estremadura , onde os tinha mais perto : bem se vê que quem os impedia lá em o distante , com mais facilidade os encontraria , quando mais vizinhos. Neste caso só ficava ao Veneravel Guadalupe o refugio de buscar algum dos Juizes , a quem vinha commettido o Breve , para que lho fizesse guardar , e lá tinha hum em Granada ; pois o Arcebispo era hum dos nomeados nelle : ou quando desconfiasse de poder ser sua supplica de effeito , por ser hum Rei o opposto , iria a Roma corroborar com novas forças o Breve , e não vir à Estremadura metter-se nas mãos de seus contrarios. Isto persuadiria qualquer mediana prudencia , quanto mais que a do servo de Deos Fr. João de Guadalupe era igual à sua santidade. O que os nossos Memoriaes , e Chronica antiga dizem neste ponto , g he que voltára Fr. João para Castella , porque não achára commodidade para a fundação em Granada , o que he mais verosimel ; porque esta acho em hum Breve foi a cau-

sa , que allegou para alcançar o segundo , que lhe passou Alexandre VI. que ainda que trilhado de todos os que escreverão nesta materia , de nenhum foi notado pelo que toca a este intento.

8 He elle de Julio II. que pelo decurso desta historia nos ha de servir muitas vezes ; começa : *Rationi congruit , & convenit honestati , &c.* E antes de confirmar os dous Breves do sobredito Alexandre VI. narra a causa de não ter edificado em Granada , como lhe concedia o primeiro , dizendo que foi a falta de commodidade , por estas palavras : *Et deinde pro parte dicti Joannis , & ejus sociorum praedictorum , eidem Alexandro praecessori similiter expositum fuerat , quod forsan in Regno Granatae locus idoneus pro construenda dicta nova domo haberi non poterat , &c.* Donde se vê que a causa , que narrou de não fundar o Convento , foi falta de oportunidade , e não opposição , que tivesse ; e quando aponta a causa o mesmo , que a passou , para que he buscar outra ? E eu accrescentára , que não acharem commodidade para a fundação do Convento fora disposição Divina ; porque como tinha escolhido (pelas razões , que lhe erão presentes) as duas Estremaduras de Portu-

tugal , e Castella , para nellas por meio destes Religiosos plantar a nova reforma , e dahi estendella para diuerfas partes , como hoje se vê , là moveo as coufas de forte , que viessem buscar o sitio , que tinha destinado sua providencia , tirando da jornada , que a Granada fizerão , o fruto , que colhêrão com sua prégação fervorosa.

9 Voltando pois Fr. João para a Estremadura com tenção de executar nella a referida Patente do Geral , que lhe concedia faculdade para fundar Conventos em qualquer parte do mundo , visto não se poder aproveitar da que lhe dava o Breve , achou muitas pessoas illustres , que o estimavão ; quaes forão o Bispo de Placencia , os Condes de Oropesa , e de Belvís , e outros muitos Senhores , que vendo nos primeiros sete Capuchos retratado muito ao vivo nosso Serafico Padre São Francisco de quem erão muito devotos , lhes offerecêrão lugares em suas terras , para edificarem Conventos , promettendo-lhes seu patrocínio , e amparo. Não lhes deo porém tempo a que se pudessem aproveitar da liberal , e devota offerta , que lhes fazia aquelles Senhores , huma opposição , que lhes fez , quem os não queria por vizinhos.

CAPITULO V.

Oppõem-se a Fr. João os Padres Observantes com hum Breve ; alcança elle dous em seu favor.

1 POUcos passos tinham dado os Capuchos à obra , que pertendião , quando logo virão sobre si huma grande , e terrivel contradição. Está a mui Religiosa Provincia de Santiago situada nos Reinos de Leão , e Galiza , estendendo-se tambem à Estremadura : e como nesta intentavão os Capuchos fundar a sua reforma , igualmente sentião os Padres daquella Provincia a sua vizinhança , como o eximirem-se de sua obediencia. Por cuja causa com cartas folicitadas aos Reis Catholicos , recorrêrão ao Summo Pontifice Alexandre VI. supplicando-lhe em nome dos Vigarios , Geral , e Provinciaes Observantes Cismontanos , revogasse todos os Breves , e licenças , que Sua Santidade , e outros seus Antecessores tivessem dado a quaesquer Frades da observancia , para eximir-se della , ainda que fosse com pretexto de maior reforma , ou de vida mais estreita. Para mover a vontade do Summo Pontifice , allegavão algumas coufas , que sup-

pos-

posto se verificavão em outros, não em Fr. João de Guadalupe, nem em os Religiosos, que o acompanhavão. Expedio o Summo Pontifice o Breve, na fórma, que o procuravão; foi sua data em Roma a sete de Fevereiro de 1497. annos, e sexto de seu Pontificado: são suas primeiras palavras: *In Apostolicæ dignitatis specula*, &c.

2 Havia neste tempo muitos Religiosos da Ordem, que vivião fóra da obediencia dos Prelados da mesma com Breves particulares, que tinham impetrado dos Summos Pontifices, com pretexto de maior reforma; dos quaes huns estavam pelos campos em Hermidas; outros em habito de Clerigos, servindo beneficios nas Igrejas, ^a com tão pouco credito da Religião, que os povos se escandalizavão, murmurando do que vião. Contra estes fulminava o Breve grandes censuras, não se recolhendo logo aos seus Conventos, onde vivessem debaixo da obediencia de seus Prelados; aos quaes dava authoridade (quando não fossem bastantes as censuras) para se poderem valer do braço secular. Derogava o Summo Pontifice todos os indultos, e privilegios ácerca desta materia, que por algum Religioso, e ainda por senhor secular, fols-

sem da Sé Apostolica impetrados. E supposto que nas clausulas das não obstancias se expressasse tambem Fr. João, com tudo da narrativa do Breve se colhia com evidencia não fallava com elle a disposição; não lhe valeo porèm isto, para que não fosse o primeiro, com quem entendessem.

3 Bem descuidado estava o Veneravel Guadalupe do que contra elle se diligenciava (que como a innocencia a ninguem offende, tambem de nenhum se recea,) discorrendo por muitas Villas, e Cidades, em que como verdadeiro Prégador Evangelico prégava vicios, e virtudes; estas para se abraçarem, aquelles para se fugirem, com tão grande aproveitamento dos ouvintes, que se vião nos peccadores conversões maravilhozas. Nem se contentava só com prégar nas Igrejas a seus tempos, senão que fazendo pulpito das primeiras pedras, que achava, ajuntando a si muita gente, lhe annunciava a Divina palavra; a qual levada da novidade, Prégador Apostolico, habito desusado, fama de virtude, concorrião para ouvirlo grandes auditorios. Tal era o fruto de suas prégações, e tal o exemplo, que os sete companheiros davão, que muitos senhores de povos, e lugares, por onde passavão, procur-

curavão que se detivessem em suas terras, parecendo-lhes que, se aquelles Anjos humanos as pizassem, darião abundantes frutos de boas obras. Junto de Oropesa se detiverão em hum devoto Oratorio muitos dias, e perto da Cidade de Placencia estiverão recolhidos em huma Ermida algum tempo, fazendo em qualquer dos lugares, em que se detinhão, vida de Anjos; porque de noite gastavão as horas com Deos, e os dias no aproveitamento do proximo.

4 Nestas piedosas occupações, e devotos exercicios achárão a Frei João as diligencias dos Padres Observantes tão cuidadas, como elle estava de semelhante successo descuidado; que para que com mais força ferisse o golpe, havia de ser repentino. Intimárão-lhe o Breve, procurando com brandas palavras reduzi-lo à sua obediencia; o que não podendo acabar com elle, trocárão-se em perseguições ás rogativas, de sorte que foi necessario aos pobres Frades viverem occultos, porque não fossem encarcerados. Ainda assim foi tal a perseguição, que não podendo os seis sustentar o peso della, se tornárão a suas Provincias, deixando a Frei João só no campo. Armava-se elle de nova paciencia; e supposto

que como experimentado já conhecia quanto custa andar a pé caminhos largos, sem outra cousa mais que o amor de Deos, por quem pedia aos fieis esmola, de que se sustentava, propoz levar adiante sua pertença, e vencer todas as difficuldades; para o que o animava muito o lembrar-se nellas do sentir de seu santo Prelado, e Mestre Frei João de la Puebla, quando lhe approvou seu intento nos principios de sua resolução.

5 Deixou Hespanha, partito a Italia, e entrou em Roma com tanta confiança no bom successo, como se das principaes pessoas della fosse conhecido, e estivera certo que todas em sua pertença lhe haviam de ser favoraveis. Nenhuma cousa deve temer, quem tem posto em Deos sua esperanza: e tudo deve recear, quem nos homens funda sua valia; tem esta tão pouco de segura, quanto aquella tem de bem fundada. Com esta deo Frei João principio ao que pertendia, e proseguio em Roma sua causa: apresentou à Sua Santidade o primeiro Breve, que lhe havia concedido, e depois o com que lhe fazião opposição os Padres Observantes, passado à instancia dos Vigarios Geral, e Provinciaes; supplicando-lhe humildemente o favorecesse com

o auxilio , de que necessitava , para o effeito daquella Reforma , que pertendia , dignando-se declarar-lhe sua vontade, por-que entenderia era a de Deos. O Pontifice o recebeo com amor de pai dizendo que não fora sua tenção com as graças , que aos Padres Observantes concedêra , prejudicar aos Reformados , que vivião na perfeita observancia de sua Regra : mas que pois assim as entendião , obrigando a todos geralmente que tornassem a sua obediencia , tal remedio se daria , que ficando em seu rigor aquelle Breve geral para os relaxados , os perfeitos , e zelosos seriam favorecidos. Com estas affaveis palavras despedio o Summo Pontifice a Fr. João ; e dentro em poucos dias lhe mandou passar hum Breve , que começa : *Super Familiam Domus Dei*, &c cuja data foi em Roma a 25. de Julho do anno do Senhor 1499. e setimo de seu Pontificado.

6 Nelle primeiramente approva , confirma , e concede de novo o primeiro Breve , que tinha antes dado a Fr. João , declarando que não fora sua tenção incluílo , e comprehendello em aquelle dado à instancia dos Vigarios Geral , e Provinciaes da Observancia ; antes quer que tenha inviolavel firmeza , e suppre todos , e quaes-

quer defeitos , se os houve em sua impetração. Concede assim mesmo a Fr. João de Guadalupe , que edificado o Eremitorio , ou Casa , seja Custodio della , e de todos os Frades de sua Congregação , e que com authoridade Apostolica os governe. Que succedendo morrer Fr. João , ou renunciar seu officio , seus Frades , capitularmente congregados , elejão outro Custodio successor , que seja dos mesmos Frades , o qual terá a mesma authoridade , e jurisdicção : que estará obrigado dentro de dous mezes a pedir sua confirmação ao Geral da Ordem ; e que em quanto esta não chegar , governe com authoridade Apostolica.

7 A licença , que lhe tinha dado para receber seis Frades professos da Observancia , a ampliou , e extendeo sem limitação alguma a quantos se lhe quizessem aggregar , e a elle lhe parecesse receber , assim de hum Familia , como da outra. Manda por santa obediencia , e pena de excommunhão maior , da qual nenhum possa ser absolto , senão pelo Pontifice , que nenhuma pessoa debaixo de qualquer pretexto impida , ou moleste a Fr. João de Guadalupe , ou a seus Frades ; nem contrarie estas letras Apostolicas. Por Juizes executores nomea aos Bispos de Placencia ,
o Te-

e Teanenfe , e a Alvaro Porcalho , Conego da Cathedral de Placencia.

8 Corroborado assim o primeiro Breve , e declarada a tenção do Pontifice ácerca do que deo a instancias dos Prelados da Obfervancia , obteve Fr. João outro do mefmo Pontifice , em que extende a faculdade , que lhe tinha dado , para fundar hum Eremitorio, ou Casa no Reino de Granada ; e dá-lha geral para poder edificar Casas , e Eremitorios em qualquer Reino de Hespanha , com as mefmas graças , privilegios , e indultos concedidos ao primeiro. Deste ultimo Breve , que impetrou Fr. João , fez o tempo o que tem feito de muitos , que os sepulta , e confo-me ; e este ficou tão fumido , e sepultado , que fe não acha o original , nem copia fua autentica. Ficou-nos porém fua noticia em humas letras do Cardinal Protector , que o referem , expeditas a Fr. João em o ultimo de Julho de 1499. e em huma Patente de Fr. Egidio de Amelia , que , por morte do Geral Fr. Francisco Sansão , era Vigario Geral da Ordem : foi fua data a dous de Junho em Roma no anno de 1500. teftemunhas tão qualificadas , que bafião a fazer prova ao mais demaziado efcrupulo. Com os dous Breves referidos fe poz

Fr. João a caminho para Hespanha , onde logo achou Religiosos , que o feguirifsem , e que nunca mais o deixarão.

C A P I T U L O VI.

Chega Fr. João de volta de Roma , aggrega-fe-lhe Fr. Pedro de Melgar com outros Religiosos.

NO mefmo tempo que o Veneravel Guadalupe folicitava abrir os primeiros alicerces à fua nova Reformação , que os Padres Obfervantes da Provincia de Sant-Iago trabalhavão impedir , lhe preparava a Divina providencia , dentro da mefma Provincia , Religiosos do mefmo efpirito , que não fó lha ajudafsem a plantar , mas tambem que a fuftentafsem depois de fua morte. Hum destes , e o principal , foi o grande fervo de Deos Fr. Pedro de Valença , chamado communmente Fr. Pedro de Melgar , por fer efte o appellido de fua linhagem ^a por parte da mãi , varão illuftre por nobreza no mundo , mas muito mais illuftre por fantidade na Religião. Efte fervo de Deos viveo muitos annos em o Convento de noſſa Senhora dos Anjos , não em aquelle da Custodia do mefmo nome , donde fahio Fr. João de Guadalupe , e de que já fallámos , mas em

Fr. Marc.
3. P. l. 9. c.
28.

outro do mesmo titulo, hoje da Provincia de S. Gabriel; então da de Sant-Iago, de quem Fr. Pedro de Melgar era filho.

2 He o Convento mui devoto, e solitario: nelle se dava continuamente Fr. Pedro à oração, de que tinha recebido do Senhor particular graça: ao passo que esta nelle crescia, se lhe augmentava a elle o sentimento de ver que a Ordem hia desfalecendo daquelle seu rigor primeiro; porque desejava vella crescer em austeridade, e perfeição, e que se guardasse nella a estreita pobreza, profunda humildade, e aspera penitencia, assim como quando nosso Serafico Padre S. Francisco a fundou. Isto pedia a Deos com grande affecto, e devoção: e o Senhor, ouvindo suas devotas, e fervorosas orações, houve por bem de seu serviço inspirar-lhe, que trabalhasse por dar principio a huma nova Reformação, com que se visse tornar a florescer a Ordem, como em seus principios. Com estes virtuosos desejos o hia dispondo para companheiro do Veneravel Guadalupe na instituição da Capucha, e para depois a sustentar em sua falta.

3 Communicava-se Fr. Pedro com hum Religioso Sacerdote morador no mesmo Convento, chamado Frei Anjo de

Valhadolid, Prégador por officio, e seu particular amigo. E como ambos trataassem hum dia da necessidade, que a Ordem tinha de huma reformação, se houvesse nella quem se atrevesse a lhe dar principio, veio Fr. Pedro a declarar-se, dizendo como muitos dias havia o tinha determinado, e que se não estava já posto em campo, era por hum natural temor de sua simplicidade; temendo não achasse quem o seguisse, por ser Frade leigo. Ao que Fr. Anjo respondeo, que elle seria o primeiro, não se desprezando, sendo Sacerdote, Letrado, e Prégador, seguir suas passadas: tal era a virtude de Fr. Pedro, e tal a humildade de Frei Anjo. As praticas, que dalli em diante tinham hum com outro, erão àcerca dos meios, que haviam de buscar para porem em execução seus desejos: e como Deos satisfaz sempre a estes, quando elles menos o esperavão, virão o caminho aberto. Forão hum dia ambos negociar à Cidade de Truxillo certas cousas, que a obediencia lhes mandava; e fallando nella com huns homens principaes, e devotos seus particulares (nasceria tal vez este conhecimento de militarem com Frei Pedro em a guerra; que esta seguiu quando secular, como diremos tratando de sua vida) chamados

dos João de Chaves , Gomes Fernandes de Solis , Alvaro de Hinojosa : derão-lhe conta do que determinavão fazer , tratárão com elles seus segredos : e como os nobres Cavalheiros pertendião com as obras pessoas realçar o sangue limpo , que recebêrão de seus ascendentes , prezavão-se tanto de serem virtuosos , que por favorecerem as cousas de virtude , não estimavão os bens temporaes , repartindo-os liberalmente nos exercicios della. Por onde vendo a occasião presente , se offerecêrão para haverem hum Breve de Roma , por virtude do qual Fr. Pedro , e Fr. Anjo ficassem izentos da Observancia , com faculdade de poderem edificar hum Convento reformado , em que vivêssem com outros estreita , e apertadamente.

4 Com isto se despedirão todos: nem foi vão o offerecimento , que os Cavalheiros fizeram , senão que , como bons Fidalgos , cumprirão bem sua palavra , e impetrarão do Papa Alexandre VI. hum Breve , em que relata o Pontifice , como lhe foi exposto por parte dos amados filhos Gomes Fernandez de Solis , João de Chaves , e Alvaro de Hinojosa , da Diecese de Placencia , que elles pela muita devoção , que tinham ao Bemaventurado S.

Francisco , e Frades de sua Ordem , desejando commutar as cousas terrenas pelas Celestiaes , as transitorias pelas eternas , em conhecimento dos beneficios recebidos da liberal mão do Senhor por merecimentos do mesmo Santo , querião em algum lugar accommodado junto à Cidade de Truxillo do Bispado de Placencia , edificar à sua custa hum Casa , na qual alguns Religiosos vivêssem , guardando a Regra Evangelica , segundo a primeira Instituição do Serafico Padre : para effeito do qual pedião lhes concedesse sua authoridade Apostolica.

5 Pelo que (diz Sua Santidade) dou licença aos sobreditos Cavalheiros para edificarem a Casa , que pedem , com sua Igreja , claustro , dormitório , e mais officinas necessarias : e que nella possão viver oito Frades dos que voluntariamente quizerem , sem mais terem necessidade de licença alguma de seus Prelados. E os que alli se ajuntarem possão eleger de entre si hum com titulo de Custodio , o qual será sujeito immediatamente ao Ministro Geral da Ordem , ou ao Vigário Geral da Observancia : e sómente de qualquer destes (qual escolherem) serão visitados os Religiosos da dita Casa ; cujo Custodio terá sobre el-

elles todo o poder , e authoridade , que tem os Ministros em suas Provincias , e gozará dos mesmos privilegios , e graças concedidas à Ordem. E assim poderá também , como os Ministros , receber noviços , que vierem do mundo , e recolher em sua companhia Frades de outras Provincias , sem que nenhum Prelado superior lhos possa tirar , nem metter alli outros contra a vontade , e consentimento delle Custodio.

6 Isto dizia o Summo Pontifice em suas letras Apostolicas , com muitas clausulas favoraveis , e grandes penas , e censuras a quem fosse contra ellas. Vinhão finalados por Juizes Conservadores do Breve o Bispo de Placencia , e os Priorres de Magazela , e de Guadalupe ; para que todos trez , ou qualquer delles , o fizessem dar à execução. Foi sua data em 29. de Fevereiro do anno do Senhor 1497. delle faz menção Julio II. em outro , que passou à instancia de Fr. Pedro de Melgar em 26. de Novembro de 1503. annos , e primeiro de seu Pontificado , cujo original *b* se conserva no Archivo da Provincia , juntamente com huma copia sua , autenticada em a Cidade de Truxillo em 27. do mez de Setembro de 1504. pelo Notario Apostolico Juan Alonso de

la Rua , Clerigo do habito de S. Pedro , em presença de Pedro de Villa-nova , Vigario Geral no Bispado de Placencia.

7 Chegou a Fr. Pedro o sobredito Breve a tempo , que os Padres Observantes se oppunhão a Fr. João de Guadalupe com outro do mesmo Pontifice , como deixámos referido , passado à instancia dos Vigarios , Geral , e Provinciaes da Observancia : e sendo Fr. Pedro impedido com o mesmo , deo lugar à tempestade , e suspendeo a execução para tempo mais opportuno. Este lhe trouxe Fr. João de Guadalupe com a declaração do Summo Pontifice , de que se não entendia a disposição do Breve , passado a favor da Observancia , com os que procuravão viver mais reformados , senão contra os que tomavão a Reformação por pretexto , para viverem mais em sua liberdade. Buscou Fr. Pedro a Fr. João , tratárão ambos a importancia da nova reforma , e o mesmo espirito , e zelo os coadunou de sorte , que assentárão entre si proseguirem a pertençaõ , ainda que fosse à custa dos maiores trabalhos , e das contradicções mais importunas.

8 Do que temos dito se vê que na jornada que fez Fr. João de Guadalupe a Granada , com tenção de fundar naquél-

quelle Reino Convento , não teve nella por companheiro ao tanto Fr. Pedro de Melgar , como alguém cuidou ; e porque no mesmo tempo andava sollicitando o Breve para a fundação em Truxillo ; salvo se o reduplicarmos , pondo-o em o Reino de Castella , e no mesmo tempo em Granada ; mas por hora não nos he necessario este tão grande milagre. De mais , que os companheiros , que levou consigo o Veneravel Guadalupe , todos erão da Custodia dos Anjos ; e Fr. Pedro de Melgar era filho da Provincia de Sant-Iago , como escrevem os Historiadores *d* mais classicos da Ordem. Por onde havemos de dizer com os nossos Memoriaes , que sahio da Provincia de Sant-Iago , e se ajuntou a Fr. João pela maneira referida ; e com isto se conforma o Padre Moles e no seu Memorial impresso.

CAPITULO VII.

Fundão os Capuchos suas primeiras Casas , e ordenão apertadas leis , por onde se governem.

1500 **U**Nidos os dous servos de Deos Fr. João , e Fr. Pedro com o mesmo espirito , e zelo do Senhor , se resolvêrão a dar principio à fun-

dação dos Conventos , que se lhes offerecessem : e para mais brevemente estenderem o Instituto , que pertendião , dividirão entre si os districtos ; Fr. João foi fundar hum Convento em Villa-nova del Fresno , e Fr. Pedro ficou em Truxillo , edificando em virtude do Breve , que a este fim impetrarão os trez Cavalheiros da mesma Cidade. Hum delles (foi João de Chaves) deo o sitio , que era hum horta , e casas que tinha nella , lugar accomodado para o que os tantos Religiosos pertendião , por estar meia legua distante da Cidade , quasi em hum deserto solitario , e contemplativo. Nelle começarão as obras em 24. do mez de Março do anno de 1500. vespera da festividade da Annunciação do Anjo à Mãe de Deos , a quem dedicarão o Convento com titulo de Senhora da Luz. Duas cousas concorrêrão neste edificio , que com brevidade o puzerão em perfeição : a diligencia dos sobreditos Cavalheiros , com que administravão o necessario para as obras ; e o terem estas por Mestre de Architectura a santa pobreza ; pois além de serem as paredes todas de taipa , traçou-se a Casa tão pequena , que mais parecia cabana , que Convento ; e como estas duas cousas se acharão juntas , fizeram-se as obras
tão

tão apressadamente , que em breve tempo se deo fim a todas , achando-se os Religiosos quietos em suas cellas , dando graças ao Pai das misericórdias por aquella particular , que delle tinham recebido , pondo-os no lugar , que appetecião seus devotos corações.

2 Erão muitos os Religiosos , que concorrião à nova Reforma , particularmente da Provincia de Sant-Iago ; e assim em virtude das letras Apostolicas , que trouxe o Veneravel Guadalupe , aceitou Fr. Pedro , depois da Casa de Truxillo , mais trez Eremitorios , ou Oratorios : hum junto a Belvís em huma Ermida de nossa Senhora do Barrocal , Bispo de Placencia : outro meia legua desta Cidade entre hum fitio de vinhas , que chamão Valforiano : e o terceiro junto de Oropesa , Bispo de Avila , em huma Ermida , que chamavão nossa Senhora de Piñuelas. Nestes retiros vivião os humildes Capuchos , de dia trabalhando corporalmente na fabrica daquelles pobres Oratorios , e de noite espiritualmente ; vigiando , orando , e derramando seu sangue com largas disciplinas , offerecidas a Deos pelos peccados proprios , e alheios , que a tudo se estende a caridade. S. Paulo , escrevendo aos de Corintho , diz

f que desejava viver , e morrer ^{2. Ad Co} por elles : da caridade lhe nascia este desejo ao Sagrado Apostolo. Estes Religiosos tudo fazião , vivião morrendo em asperas mortificações , que vencidos da caridade offerecião a Deos pelos povos visinhos , que tanta lhes fazião. ^{c. 7. n. 3}

3 Supposto que estavam em deserto , não lhes faltava o corporal sustento ; porque de mais de se elles contentarem com pouco , alli os buscava a devoção da gente com igual cuidado ao com que os taes se empregavão nos espirituaes exercicios. Outros concorrião àquelles lugares obrigados da fama de virtude ; que se a Alma Santa dizia nos Cantares a seu Divino Esposo , g que apôs a suavidade de seus unguentos ^{Cant. 8} havião de correr ella , e suas companheiras , entendendo nos unguentos suaves , e cheirosos as virtudes , estas são de si tão amaveis , que levão apôs si ainda aos que se não prezão muito de virtuosos. Tão grande foi a opinião de virtude , e santidade , que aquelles primeiros Capuchos grangeáram , estando em seu pequeno Convento , e limitados Oratorios recolhidos , e tanto se espalhou a fama de suas boas obras , que concorria muita gente a ver com seus olhos , o que esta publicava , recolhendo-se ^{n. 3} edi-

edificada, e compungida de sua vida.

4 No mesmo tempo, em que Fr. Pedro entendia nas obras do Convento, e Heremitórios, Fr. João não corria fortuna menos favoravel em as fundações da parte, que tomou à sua conta. Em Villa-nova del Fresno, Bispado de Badajós, com favor do Marquez da dita Villa, que foi mui devoto desta nova reforma, edificou hum Casa, a que deo titulo do Santo Euangelho; tal vez para mostrar aos Religiosos nella moradores, que o Santo Euangelho havião de ter por vida: daqui tomou toda a Congregação o nome, intitulado-se do Santo Euangelho; ainda que juntamente se chamavão tambem do Capucho, em razão do capello pyramidal, e agudo, de que usavão. Aceitou sitios para outras, em Salvaleão, que chamou Monte Sião, em Moncarche com titulo de nossa Senhora da Luz, e hum Hermita da Mãe de Deos junto ao Arroio de Merida.

5 Não sabemos o dia certo, em que se aceitou, e começarão as obras do Convento de Villa-nova; sabemos porém que foi no anno de 1500. mas não antes da fundação de Truxillo como escreveo o Chronista da Santa Provincia de S. Gabriel, ^b dando sua fundação

aos primeiros de Março: o que he não só contra todos os que escreverão nesta ⁱ materia, mas ainda contra o seu mesmo Memorial do Padre ⁱ Moles: e para que mais claramente se veja esta verdade, referirei aqui suas palavras formaes, traduzidas porém do Castelhana em Portuguez, para que nos soem melhor. *Edificárão a primeira Casa junto a Truxillo, Cidade situada em Estremadura, tomando a vocação della em honra da Sacratissima Virgem Maria Mãe de Deos, e Senhora nossa, em dia finalado da vespera de sua solemnissima festividade da Anunciação, vinte e quatro de Março do dito anno 1500. dando em aquelle dia principio a esta Provincia.* O mesmo repete mais adiante, ^m tambem com palavras expressas, e claras.

6. E que assim fosse, além dos Historiadores o dizerem, o persuade a razão; porque ficando Fr. Pedro em Truxillo com licença para edificar, quando delle se apartou o Veneravel Guadalupe, sitio offerecido por João de Chaves, e vontade neste, e nos mais Cavalheiros para a obra, em que se havia occupar Fr. Pedro, ou que o havia de deter, em quanto Fr. João chegava a Villa-nova buscava sitio para o do Santo Euangelho. Salvo se quizermos dizer (nem temos outra occupação,

ⁱ Genz. 3.p. fol. 949.

ⁱ Bapt. Mol. c. 1. fol. 13.

^m Idem c. 9. fol. 40.

que lhe dar) que estava esperando que Fr. João dêsse principio a este Convento , para que ficasse sendo o primeiro , como aquelle Chronista queria ; que no empenho , que nisto mostra , nos dá a entender que foi o erro affectado , mas mui descoberto. Fundados estes primeiros Conventos , ficarão logo Custodias ; o de Truxilho com o titulo de nossa Senhora da Luz , e Fr. Pedro por Custodio della , por eleição dos Frades , que o habitavão , que huma , e outra cousa dispunha o Breve ; e o de Villa-nova se intitulou Custodia do Santo Euangelho , ficando Fr. João o Custodio por eleição na mesma fórma.

7 Ordenado assim o material dos Conventos , tratárão das leis , por onde as duas Custodias se governassem , como meios mais necessarios , e importantes à vida Religiosa. Ordenárão primeiramente , que todos os Conventos de sua Reformaço fossem pobres , pequenos , e recolhidos , situados longe das Villas , e Cidades , para que os Religiosos nelles moradores , não fossem molestados com visitas de pessoas seculares , nem o povo por este respeito defraudado das orações , que os taes neste tempo podião offerecer por elle. Que em sua Reformaço se guardaria a Regra litteralmente ; e

que para isto não se admittiria esmola pecuniaria , ainda que dos devotos fosse com importunações offerecida : nem por Missas , e Sermões se receberia alguma cousa : que aquellas se dissessem pela tenção , por que Christo Senhor nosso se offereceu vivo sacrificio em a Cruz ; e estes se fizessem por ló o serviço de Deos , e espirital beneficio das almas.

8 Que nenhum traria sandalias , salvo em caso de necessidade manifesta , de licença do Prelado ; antes todos andarião com os pés descalços por terra , sem admittirem algum genero de calçado. Que os habitos dos Religiosos fossem de saial grosseiro , estreitos , curtos , e remendados , com os capellos agudos , e pyramidaes , sem luneta por diante , como se crê havello trazido nosso S. Padre. Que a permissão , que dá a Regra para usar , além do habito , de tunica , a renunciavão voluntariamente , e se contentavão para abrigo com o manto ; o qual seria sem prégas , nem mais comprido , que até cubrir , estendido o braço , as pontas dos dedos das mãos. Que demais das sextas feiras se jejuasse às quartas , e sabbados de todo o anno , e a Quaresma , que chamão dos Benditos. Que a sós os velhos , e necessitados se lhes dêsse carne , ou peixe , segundo o tem-

tempo, e que os mais se contentassem como pobres com hervas, e legumes: e a nenhum se daria viaho, não tendo para bebello necessidade manifesta; examinada pelo Prelado superior da Custodia.

9 Que cada dia se tivesse de Comunidade duas horas e meia de Oração mental: todos os dias de Advento, e Quaresma (excepto os Domingos) houvesse disciplina; e entre anno segundas, quartas, e sextas feiras, e nas vigílias, ou vespersas das festas principaes. Que o Officio Divino se haviã de dizer (rezando-se sempre Matinas à meia noite) pausado em a mediação, e fim do verso, sem sentar-se, senão todos em pé; e quando se cantasse, fosse em tom chão, e humilde. Que não se admittissem para a Sacristia casulas, frontaes, ou outro algum ornamento de seda, senão de lã, ou de panno commum, sem laços, nem guarnições, ou bordados. Que não se recebessem vasos preciosos de ouro, ou prata para o serviço do Altar, senão sómente huma caixa pequena de prata, para reservar o Santissimo Sacramento no Sacrario, e dous, ou trez Calices tambem de prata.

10 Além destas ordenações fizeram outras pelo discurso do tempo; com ellas, demais dos Estatutos geraes da Ordem,

se governavão aquelles primitivos Padres santissimamente, deixando-nos para melhor observancia dellas seus estylos, e costumes, que hoje se conservão entre nós como leis; que este vigor lhes tem dado a criação, e tempo; e ainda que são miudezas, fervem porèm de resguardo ao principal; porque são como os accidentes, que conservão a substancia da virtude; como as folhas da arvore, que defendem a fructa; e a margem do livro, que resguarda a letra.

CAPITULO VIII.

Como Fr. João de Guadalupe entrou em Portugal, e do que passou com D. Jaime Duque de Bragança.

1 Succede muitas vezes ser o coração presago, prognosticando interiormente o que ha de acontecer; donde nasce dizerem muitas pessoas em casos particulares, depois de succedidos, que lhos adivinhava o coração. O do nosso Fr. João de Guadalupe parece lhe vaticinava o bom recebimento, que em Portugal lhe havião de fazer o favor dos principaes, a devoção das gentes. Pelo que deixando de fundar mais Casas em Castella, como pudera bem fazer, acompanhado de hum de seus Religiosos entrou neste

Reino, e foi a Lisboa. Deixou a Cidade de Evora, passando por ella, e não quiz fazer detenção antes de chegar à Corte, parecendo-lhe que com mais facilidade poderia alli achar patrocínio, e ventura a seu intento, onde muitos queixosos della vivem descontentes. Estava naquelle tempo a do felicissimo Rei D. Manoel em Lisboa, aonde os dous Capuchos entráram, sem que de alguma pessoa fossem conhecidos; porém Deos nosso Senhor, que encaminhava suas passadas a seu serviço, ordenou, que indo á primeira vez estes dous Religiosos pelo Terreiro do Paço, encontrassem a D. Jaime, Duque de Bragança. Vinha elle a cavallo com grande acompanhamento de Fidalgos, e criados, que o seguião; e quando vio os dous Capuchos, como quem se maravilhava de ver tal novidade, fez deter a gente, e parou hum pouco, considerando a penitencia, que no exterior ambos mostravão. Pés descalços, habitos remendados, e curtos, capellos agudos, olhos no chão, braços recolhidos, tudo notava o piedoso Principe.

2. Tanto que chegarão junto d'elle, lhes perguntou que gente erão, e o que buscavão. Somos, respondeu Fr. João, Frades reformados da Ordem dos Menores, e por certos negocios de importancia viemos

de Castella a esta Corte de Portugal. O Duque inspirado por Deos (ao que se presume) sem mais lhes perguntar outra cousa, lhes disse: *Padres, recebereis hum Casa neste Reino, se vo-la offerecerem, e fizerem de boa vontade?* Essa nos traz, Senhor, a elle, respondeu Fr. João de Guadalupe: e pois Deos assim ordena nossas cousas, sem duvida que a mesma deve de ser tambem a sua. Não ha tempo agora para mais; tornou o Duque, depois de jantar ireis a minha casa, e dizendo isto, despedio-se delles. Ficou Fr. João suspenso, vendo a repentina devoção, que lhe mostrára aquelle Principe; e sabendo dos criados ser o Duque de Bragança, deo a Deos muitas graças, por lhe mostrar no primeiro encontro, quem poderia livrallo facilmente de todos, os que tivessem depois em as contradições, e trabalhos.

3. Chegarão-se as horas finaladas, e os dous Capuchos tambem para os Paços do Duque: fallarão com elle na Reformação, que tinham principiado: no fim, que pertendião: nas contradições, que achavão: no animo, com que estavam para lhe resistirem: e finalmente na Casa de nossa Senhora da Luz, onde ficára Fr. Pedro por Custodio, e na Custodia do Santo Euangelho, que Fr. João fundá-

dára. Então disse o Duque: Pois Deos vos trouxe a Portugal em tempo, que para com perfeição o servires, heis mister amparo; estai certos, que achareis em mim sempre hum affectuoso patrocínio: *Eu vos torno à minha conta.* E para que saibais quanto he assim, ponde-vos a caminho para Villa-Viçosa, terra, onde residio, e nella vos mandarei fazer hum Convento, onde vos mostrará a experiencia, que não são minhas obras diferentes das palavras. Com as mais humildes, que pode, lhe agradeceo Fr. João a benevola promessa; e como da Corte não queria outra cousa, dando-se com esta por satisfeito, sem demora alguma se partio para Villa-Viçosa, desejando ver já effectuada esta obra. Vaticinava por ventura, que havia de ser aquella Casa para toda a Descalcez palestra de virtude, e o mais firme asilo em seus trabalhos.

CAPITULO IX.

Fundação da Casa da Piedade de Villa-Viçosa, e resolução, que o Duque teve de ser Frade.

I P Elo desejo, que o Duque tinha de favorecer aos novos Capuchos, se expedio tão brevemente de alguns

negócios, que na Corte o detinham, que supposto elles se puzerão logo a caminho para Villa-Viçosa, o Duque chegou quasi ao mesmo tempo. Contento, e alegre se mostrava da occasião, que já tinha presente, accommodada para mostrar sua Real condição no amparo daquelles pobres. Nada differio este negocio, mandando logo a Fr. João que buscasse lugar, e sitio accommodado para a fundação do Convento: elle o escolheu em hum valle apertado entre dous ferros, cercados pela maior parte de mattos, lugar solitario, e quasi meia legua da Villa. A eleição do sitio não foi segundo as regras de Vitruvio, ^a por ser mui prejudicial à saúde, como ao diante mostrou a experiencia; porém foi conforme às lições do espirito, por solitario para a contemplação accommodado, fim, para que Fr. João o escolheu; que como nesta Reformação, que intentava, queria por Mestre só a Deos, julgou que para tomar deste Divino Mestre a postilla, o deserto era a melhor aula. Foi o parecer bem fundado, pois fallando Deos em Oseas de huma alma, diz ^b que a levaria ao deserto, onde lhe

^a Vitruv. de Archit.

^b Oseas c. 2. n. 14.

fallaria ao coração.
2. Neste sitio pois, onde já achárão feita a Igreja, que era huma antiga Ermida dedicada a nos-

a nossa Senhora da Piedade começaram as obras do Convento, a quem deo invocação, e titulo a dita Ermida. Lançou-se nellas a primeira pedra em o anno de 1500. reinando em Portugal o felicissimo Rei D. Manoel, e sendo o Duque de vinte e hum annos, havendo já feis, que governava seus Estados. E como Fr. João, que traçava as obras, não curava de muita semetria, e architectura, não foi necessario muito tempo para se acabarem, assim pela pressa, e diligencia, que se lhe deo, como porque não queria que fosse grande a fabrica, e conforme à magnificencia, e vontade do Duque, que a mandava fazer à sua custa; senão pequena, e humilde, e conforme a santa Pobreza, que nosso Serafico Padre tanto encomenda em sua Regra.

3 Ficou aquelle edificio hum verdadeiro retrato da Evangelica pobreza; as paredes de taipa, tão limitadas as officinas, e em tudo o mais tão apertado, quanto se póde colligir do gasto, que fez; porque depois de acabado, e perfeito, se achou que só tinha feito ao Duque sessenta mil reis de custo. Mandou logo Fr. João a Castella buscar Frades da sua Custodia do Santo Evangelho, e ficou alli com elles naquella nova Porciuncula, fazendo vida de Anjos.

Ordenou cada hum para si hum cabana dentro na cerca do Convento, na qual se recolhia para vacar à Oração todo o tempo, que dos exercicios ordinarios lhe ficava. Era grande a consolação espiritual, que o Duque D. Jaime tinha em ver, e communicar nesta casa aos seus Capuchos; tanto, que sem difficuldade mui grande os não podia deixar, nem apartar-se delles, como por palavras o significou algumas vezes, e o mostrou por obra, mandando fazer na cerca, entre as cabanas dos Religiosos, hum pequena cella; aqual, em quanto naquelle Convento morarão Frades, sempre se conservou em pé, e se chamou o Oratorio do Duque.

4 Não era o Oratorio de columnas Corinthias, ou obra Mosaica, qual convinha à grandeza de sua pessoa, senão secreto, e humilde, qual desejava a quietação de sua alma. Nelle gastava muitas horas em a Oração mental nos tempos, que se exercitavão nella os Religiosos, e juntamente se achava nas Communidades, que fazião, assim do Coro, e officios humildes, como outros exercicios Monachaes. Com elles comia no Refeitorio, não só as vezes, que os queria honrar com a presença de sua pessoa, e recreallos com as iguarias da sua me-

fa, senão também outras muitas, que queria mortificar-se a si mesmo, contentando-se de comer dos manjares grosseiros dos Frades, ou acompanhillos em os jejuns de pão, e agua mais secretamente do que o podia fazer no Paço, onde seu estado requeria outra cousa. Em tudo seguia a vida commua: não faltava pela meia noite às Matinas, fazia no Refeitório as penitencias, dizia prostrado por terra suas culpas, como se fora o mais humilde noviço. Edificavão-se grandemente os Frades de verem acção tão heroica de humildade; mas a quem não edificaria ver hum tão grande Principe em a flor de sua idade, e primavera dos annos, quando estes estão influindo vaidades, e altivezas, arrojor por terra as sedas, arrastar brocados, ajoelhando-se aos pés de huns pobres Frades descalços? Porém então se mostrava mais Principe o Duque, quando mais humilde se mostrava; que a humildade he virtude altissima, e de peitos Reaes, e generosos. Que já por isso entre os muitos, e singulares louvores, que se dão no livro dos Cantares à Esposa Santa, ^c quando se trata de sua humildade, significada nos pés, que he a mais humilde, e infima parte do corpo, foi chamada filha de Principe; ou conforme a translação de

Simacho, ^d filha do Duque. ^{Simach. ibi.}

5 Mais Principe se mostrava o Duque prostrado aos pés daquelles humildes Religiosos, que em a pompa, e magestade, com que representava seu grande estado. Na administração do qual, em que era expedientissimo, não faltava a seus tempos, como convinha. Mas como este cuidado o tirasse muitas vezes da quietação, e fôcego espiritual, que alli entre os Frades achava, veio a ter o estado em conta de penosa carga: e como naquelle penitente retiro se exercitava na Oração mental, contemplando nella os bens, que se nos promettem no Ceo, veio a ter em pouco as maiores riquezas da terra; porque como diz S. Gregorio, ^e vilessem em nosso animo todas as cousas, que na terra se possuem, se se considerão as que no Ceo se promettem. Já o Duque aborrecia as pompas, já lhe não contentavão as vaidades; e assim se resolveo a trocar a brandura pela aspereza, o regalo pela mortificação, para servir a Deos em pobreza, e humildade, fazendo profissão em companhia daquelles pobres Frades.

6 Resolveo-se em fim a deixar o mundo, e ser Frade; supposto que já a este tempo estava desposado com Dona Leonor de Gusmão, filha de D. João de Gusmão, terceiro Duque

^e Div. Gregor. Hom. 37.

que de Medina Sidonia. E porque parecia impossivel ter seu desejo effeito em Portugal, pois ElRei Dom Manoel seu tio o havia forçosamente impedir julgou que era mais acertado ir professar a Roma, onde o Papa dispensaria no anno da approvação, como com S. Luiz Bispo se tinha feito: e que vindo já de là professo, poderia participar do repouso, e quietação, que gozavão os seus Capuchos na Piedade. Deliberado pois neste pensamento escreveo hum carta a ElRei D. Manoel, em que lhe dava conta da resolução, que tomára, pedindo-lhe que não tivesse a mal sua mudança: na qual, se perdia hum sobrinho, e vassallo, com melhoria podia cobrar outro, logrando os Estados de Bragança seu irmão D. Diniz, em quem, por suas prendas, ficavão bem empregados. Esta carta deo o Duque a hum Frade daquelles, com quem na Piedade mais familiarmente communicava, dizendo-lhe que depois d'elle partido para Roma huns tantos dias, que lhe finalou, a levasse a ElRei, para que por mais diligencias, que fizesse, não pudesse avisar ao Summo Pontifice antes de sua profissão; porque de outra sorte sem duvida lha impediria. Feita esta diligencia, partio-se o Duque humna noite com todo o segredo,

que lhe foi possivel, levando comsigo hum só criado, sem que outra pessoa alguma soubesse d'elle.

CAPITULO X.

He o Duque buscado: achão-no no Reino de Aragão: torna para o de Portugal.

O Religioso, a quem ficou a carta, temendo o enojo de ElRei, se a dilatava o tempo, que lhe finalou o Duque, logo que elle se partio, foi à Cidade de Evora, onde o dito Rei então estava: deo-lha, e com ella conta do que em Villa-Viçosa tinha succedido. Não festejou ElRei as novas, nem aceitou bem aquella determinação, e mudança, como na carta encarecidamente lhe pedia o Duque. E assim determinando estorvallo, e impedillo, despachou Fidalgos por todas as partes, por onde se podia fazer caminho para Roma, com cartas para o Papa, e Duque: a hum rogando não permittisse effectuar-se aquella pertença; e a outro persuadindo desistisse do seu intento, e tornasse ao governo de seus Estados.

2 Não sahio frustrada a diligencia; porque huns Fidalgos, que partirão em seguimento do Duque, chegando à Cidade de Calataud " no Reino de Aragão,

Goes n.
Chroni.
de ElRei
D. Ma-
noel 1.
c. 61.

gão, acharão novas certas que estava nella. Soube tambem o Duque, que andavão os Fidalgos Portuguezes em sua busca; e temendo ser achado, fez a huma mulher, em cuja estalajem se aposentára, mercê com mão liberal, para que o encubrisse; e o negasse; mas ella que com grande alegria a recebo, não menos alegremente o descobrio, por ganhar o que os Portuguezes promettião a quem dissesse onde estava. Com isto estorvou ao Duque seu santo intento, e privou a Provincia da Piedade de tão grande honra, como alcançaria; se fora nella o Duque Religioso. O meio, que elle tomou para se encubrir, foi causa de mais cedo se achar; porque se quando, para mais segurança, fez mercê àquella mulher lhe não descobrira que elle era a quem buscava a diligencia dos Portuguezes, pedindo-lhe que o negasse, tal vez ficaria livre, por não ser della conhecido. Que supposto a regalia, e magestade, que nelle eram naturaes, o estavão inculcando por Principe, e senhor; o pouco acompanhamento de criados, (pois hum só levava) e o pouco fausto, e pompa com que hia, pudérão encubrir estes indícios. Se o Duque quizer manifestar-se, não pudéra buscar meio mais accommodado, que o que tomou para mais se-

gurança, descobrindo em segredo à sua hospeda quem era; pois he este tão difficultoso de guardar, que Chilon Filósofo antigo, como refere Laercio, ^b o avaliou pela mais ardua coufa do mundo: e assim disse Aristoteles, que só aquelle o poderia guardar, que na boca pudesse consentir huma viva brasa de fogo: por tal julgava o segredo. Mas sendo esta a qualidade do segredo para com todos, ainda nas mulheres mais periga: por cuja causa de trez coufas, de que Catão ^c se arrendeo em a vida, foi huma delleas descobrir segredo a mulher.

3 Não sentio tanto Sansão a entrega, que delle fez Dalila; nem Sifara ^d (a não perder a vida) pudéra sentir mais a traição de Jahel, ^e como o Duque sentio a falsidade da que o hospedava. Póde-se porém attribuir a disposição Divina este successo; que supposto fora grande honra para a Provincia ter hum tão grande Principe por filho, tal vez que se o Duque fora Religioso, não chegára elle a lograr este titulo, conforme as contradições, e obstáculos, que ao diante teve, pois lhe faltára hum defensor tão acerrimo, como foi o Duque; e tantos Principes Protectores, como forão os successores da Real Casa de Bragança; em cujo amparo, e protecção, co-

^b Laert. de vit. Philosoph.

Arist.

^c Plut. in vit. Catonis Sen.

^d Judic. c. 16. n. 19.

^e Ibid. c. 4. n. 21.

mo em fortaleza, vivêrão sempre acastellados. Com que mais commodidade foi para os Capuchos terem ao Duque nas perseguições por defensor, que se o tiverão nos trabalhos por companheiro. O qual depois de achado pelos Fidalgos Portuguezes, vendo que já a falsidade não tinha remedio, nem seu desejo podia ter effeito, pelas cartas, que ElRei seu tio escrevia ao Pontifice, desistio de sua pertença, tornando-se para Portugal, acompanhado dos mesmos, que forão em busca delle. Soube-se com tudo, antes de sua partida publicamente na Cidade, que estava o Duque nella: e foi tão grande o alvoroço, assim dos nobres, como dos mecanicos, que vierão muitos de ambas as sortes, vello à pouxada. Alli lhe forão feitos grandes offerecimentos, aventajando-se nisto toda a Nobreza: a qual vendo que o Duque não aceitava algum delles, se resolveo de lhe fazer antes da partida muitas festas. Estas lhe soube agradecer o Duque com tão boas palavras, que com ellas, como com cadeas de ouro (que taes são as cortezes) confessavão os Aragonezes ficavão todos prezos. Finalmente partio-se o Duque para Portugal, sentido de se lhe malograrem seus desejos; mas não perderia delles o merecimento; que a

boa vontade de quem os não pôde effectuar, he estimada de Deos, ^f como a mesma obra. E supposto que ao Duque impedirão o ser Religioso na Provincia da Piedade, não lhe poderão tirar a entranhavel affeição, com que sempre ficou amando aos seus Capuchos. ^f De Poenit. lib. 1. cap. Magna.

CAPITULO XI.

Confirma o Geral a erecção das duas Custodias, da Luz, e do Santo Euangelho.

1 **F**undadas as primeiras Casas Capuchas, e erigidas as duas Custodias, de N. Senhora da Luz; e do Santo Euangelho, foi a Roma em o anno de 1501. Fr. Anjo de Valhedolid, escolhido para Procurador da nova Congregação. Brevemente mostrou que a eleição, que delle fizeram para aquelle ministerio, fora acertada, pois não foi inferior a satisfação, que deo de seu officio, à opinião, que delle tinham, quando o elegêrão. Por muitas vezes no tempo, que residio na Curia Romana, que forão dezoito annos, impedio ao Summo Pontifice, qual outro Anjo ^a a Abrahão, os golpes que à instancia de muitos intentava descarregar sobre os pobres Capuchos, que humildes os esperavão, como outro man- ^{fo} 150

fo Ifac. Fez presente ao Geral da Ordem, que então era Fr. Egidio de Amelia, o estado da Congregação do Santo Evangelho, a erecção das duas Custodias, e eleição de Fr. Pedro, e Fr. João em Prelados dellas: pedio-lhe quizesse confirmar tudo o que estava feito, conforme dispunhão os mesmos Breves, com que se fundarão. Não pareceo ao Geral, que desmerecião seu favor homens, que na regular observancia da Regra tanto se tinham aventajado; e assim para animállos no trabalho do que estava para fazer, e confirmar o que ja estava feito passou duas Patentes, huma dirigida a Fr. João de Guadalupe em trez de Abril de 1502. outra a Fr. Pedro de Melgar em quinze do mesmo mez, e anno: ambas me pareceo conveniente, e ainda necessario, trasladallas aqui; e começando pela de Fr. João, traduzida do Latim em o nosso idioma Portuguez, he em esta fórma.

2 Em nome de Deos. A Fr. João de Guadalupe, Custodio da Custodia dos Frades Menores do Santo Evangelho, que na observancia mais apertada vivem: Fr. Egidio de Amelia, professor da Sagrada Theologia, e Ministro Geral de toda a Ordem dos Menores, envia saude em o Senhor, e paz sempiterna. Como quer que os an-

nos atrás o nosso Santissimo Senhor Papa Alexandre por sua benignidade, considerando acerca da saude, e conservação dos Frades Menores, que vivem em a devida obediencia, e simples observancia da Regra do Padre S. Francisco, mandasse, com consentimento do nosso Reverendissimo Padre Vice-Protector, certos Estatutos Regulares, conforme nas Bullas Apostolicas a vós, e avossos companheiros concedidas, mais largamente se contém: Por tanto considerando eu a multidão dos Frades desta Ordem, e a diversidade de sua vida: confiado em o Senhor, havido primeiro conselho com alguns Ministros, e outros Frades de nossa Ordem, Varões approvados, os quaes louvarão o mandamento de Sua Santidade, e derão consentimento a este Estatuto. Pelo que para o bom governo, e regimento, firmeza, e augmento de todos, e de quaesquer Frades Menores, presentes, e futuros, que vivem em a perfeita observancia do Evangelho em qualquer das partes, que estejão: todas as cousas, e cada huma dellas, em as sobreditas letras Apostolicas conteudas, as approvo, e confirmo em quanto posso, assim para vós, como para todos os ditos Frades, e lugares; e por mim, e meus successores outra vez as instituo,

e estendo a todas as partes Ultramontanas, e Cismontanas. E tambem por este escrito, e pela authoridade, de que uso, outra vez vos deuto, e deputado vos declaro por Custodio de todos os ditos Frades, e lugares, que ao presente tendes, e ao diante tereis, para que tenhais sollicito cuidado de todos. E assim a vós, como a quaesquer de vossos successores, pelo tempo, que ao diante lhes durar seu officio, substituo, e substituidos os declaro, e denuncio por meus Commissarios sobre todos, e quaesquer dos ditos Frades: commettendo assim a vós, como a elles plenariamente minhas vezes, e dando-vos tambem plenaria, e livre authoridade, poder, e toda minha faculdade sobre elles, e sobre seus lugares. E tambem pelo teor das presentes, em quanto posso, concedo, que nos Reinos de Hespanha, e em quaesquer outros, possais receber com a benção de Deos, de N. Padre S. Francisco, e minha, quaesquer Eremitorios, Domicilios, Oratorios, e Casas, para serem por vós, e pelos Frades presentes, e futuros habitadas: sendo-vos os taes lugares offerecidos, e promettidos para serviço de Deos, e effeito da salvação dos dantes. De mais disto quaesquer dos outros Frades, que se quizerem passar à

vossa estreita vida, no modo como hão de ser recebidos, e incorporados, e ainda quanto aos lugares, e Frades da Observancia, guardem-se os Breves de Xysto, e Alexandre: nem os Frades, que nesta vida estreita estiverem recebidos, poderão tornar para os Conventuaes, nem para os Observantes: nem elles os poderão receber, ainda que os taes Frades para lá queirão tornar-se. Dou, e commetto assim a vós, como a vossos successores, plena, e livre authoridade, meu poder, e faculdade geral, e especial, temporal, e espiritual sobre todos os ditos Frades, e lugares, em que vivem, para que possais fazer, tratar, e exercitar, ordenar, dispor, e determinar todas as cousas, que eu pudéra fazer, se pessoalmente a ellas me achára presente. Todas as quaes hei por expressas, e declaradas sufficientemente aos presentes. Além disto encarrego muito a consciencia, assim a vossa, como a de vossos successores, àcerca das graças, e faculdades a vós, e a elles concedidas, ou parte das quaes a outros Frades, que vós julgardes por sufficientes. Mando demais disto a todos, e a quaesquer dos ditos Frades em merito da Santa obediencia, e virtude do Espirito Santo (posta de parte toda a appellação) que humilde, e firmemente ob-

bedeção assim a vós , como a vossos successores em tudo , e por tudo , assim como a minha propria pessoa: e que por nenhuma cousa possam fugir de vossa obediencia , por escaparem de vossa correção , exame , e re-
 formação. E se já tiverem fugido , ou ao diante fugirem , sobpena de privação de officio , e de excommunhão *latæ sententia ipso facto incurrenda* , que nenhum de seus Ministros Provinciaes , Vigarios , Commissarios , Guardiães , Presidentes , ou quaesquer outros de qualquer gráo , ou dignidade , que se-
 jão , por nenhuma maneira ou-
 sem recebello ; ou se acaso es-
 tiverem já recebidos ; ou (o que Deos não permita) daqui por diante os quizerem reter contra vontade vossa , e de vossos suc-
 cessores , encorão em as mes-
 mas penas. Demais disto de-
 baixo das mesmas penas , e sen-
 tenças referidas , mando que ne-
 nhum meu inferior , de qualquer
 authoridade que seja , em cousa
 nenhuma se entremetta , ou por
 algum modo por si , ou por ou-
 trem presume inquietallos , nem
 molestallos. Oraí por mim : e
 Christo vos guarde. Dada em
 Roma a trez de Abril de 1502.

3 Com esta Patente diri-
 gida a Fr. João de Guadalupe ,
 veio tambem outra a Fr. Pedro
 de Melgar , confirmativa da sua
 Custodia de nossa Senhora da

Luz , cujo teor he o seguinte.

Carissimo em Christo Frei
 Pedro de Valença , e por ou-
 tro nome de Melgar , Custodio
 da Custodia dos Frades Meno-
 res de Santa Maria da Luz do
 Bispaço de Placencia : Fr. E-
 gidio de Amelia , professor da
 Sagrada Theologia , e de toda
 a dita Ordem Ministro Geral ,
 faude em o Senhor , e paz sem-
 piterna. Como quer que os an-
 nos atrás o nosso Santissimo Se-
 nhor Papa Alexandre VI. soli-
 cito da faude , e conservação
 dos Frades Menores , que vivem
 em a perfeita observancia da
 Regra , e pobreza Euangelica ,
 assim como foi instituida pelos
 primeiros Padres , mandou sa-
 hir à luz certas graças , e conces-
 sões de consentimento de nos-
 so Reverendissimo Padre Vice-
 Protector , conforme nas Bullas
 Apostolicas a vós , e a vossos
 companheiros concedidas , mais
 largamente se contém. Por tan-
 to considerando eu a multidão
 dos Frades desta Ordem , e a
 diversidade de suas vidas , para
 o bom governo , firmeza , e au-
 gmento de todos , e de quaesquer
 outros presentes , e futuros , que
 vivem em a perfeita obediencia
 da dita Custodia , em qualquer
 parte , que estiverem , e para
 proveito de outros quaesquer
 dos mesmos Frades: todas as cou-
 sas , e quaesquer dellas conteu-
 das nas mesmas letras Aposto-
 li-

licas para vós , e para todos os ditos Frades , as approvo , e em quanto posso as confirmo. E estas mesmas por mim , e meus successores de novo as instituo , e estendo a todas as partes Ultramontanas, e Cismontanas. E por este presente escrito , e pela authoridade, de que uso , outra vez deputo a vós Fr. Pedro por Custodio de todos os ditos Frades, e lugares, que com elles ao presente tendes , e ao diante tereis ; e assim por deputado em tal officio vos declaro , para que tenhais solícito cuidado de todos os ditos Frades , e lugares. E assim a vós , como a vossos successores pelos tempos , que em seus officios estiverem , vos substituo , e substituido vos denuncio meu Commissario sobre todos , e quaesquer dos sobreditos Frades: commettendo pelas presentes , assim a vós , como a vossos successores , plenariamente minhas vezes : dando assim a vós , como a elles plenaria authoridade, e poder , e toda a minha faculdade sobre elles , e todos os mais lugares , que tiverdes. Tambem pelo teor das presentes concedo a vós , e a vossos successores . em quanto posso , que nos Reinos de Hespanha , e em quaesquer outros , vós , e os ditos Frades , e quaesquer outros em seu nome possais receber quaesquer Domicilios , Eremi-

torios , Oratórios , Casas , ou lugares para serem habitados por vós , e por elles. Outrossim vos concedo com a benção de Deos , de nosso Padre São Francisco , e minha , que possais ter as taes Casas , e lugares , e aceitalllos para uso perpetuo vosso , e de todos os Frades presentes , e futuros : sendo os taes lugares a vós , e a elles pelos Prelados , Clerigos , Senhores , Senhoras , Nobres , Povos , Gentes , para serviço de Deos , e effeito da devoção dos mesmos offerecidos. Commetto e dou assim a vós , como a vossos successores , plena , e livre authoridade , meu poder , e faculdade especial , e geral , para que façais , disponhais , trateis , exerciteis , ordeneis , ministreis , instituais acerca dos ditos Frades , e dos mesmos lugares , no espiritual , e temporal , todas , e quaesquer cousas , que eu pudéra fazer , se pessoalmente estivera presente. Todas as quaes quero que os presentes as tenham por sufficientemente expressase , declaradas. Além disto hei por declarados todos os poderes , graças , e faculdades por mim a vós , e a vossos successores concedidas , ou parte das mesmas a outros Frades , que vós julgardes serem para isso idoneos , ou vossos successores os julgarem ; sobre o qual encargo a vossa , e a sua consci-

sciencia. Mando de mais disto a quaesquer dos sobreditos Frades, por merito de santa Obediencia, e em virtude do Espirito Santo (posta de parte toda a appellação) que humilde, e firmemente obedeção a vós, e a vossos successores em todas as cousas, assim como à minha propria pessoa: e por nenhum pretexto, ou causa, por evitarem a correcção, e examinação, possão os Frades fugir de vossa obediencia, nem da de vossos successores, ou Commissarios. E se já houverem fugido, ou daqui por diante acontecer fugirem, sobpena de privação de officio, e dos actos legitimos, e de excommunhão *ipso facto incurrenda*, que nenhuns Vigarios dos Ministros, nem Provincias, Custodios, Commissarios, Guardiães, Presidentes, nem quaesquer outros Frades de qualquer condição, grão, ou dignidade que sejam, ou sem recebellos, ou já recebidos reter. E se acaso daqui por diante (o que Deos não permitta) quizerem recebellos contra vossa vontade, e de vossos successores, incorrão em as mesmas penas. De mais disto debaixo das mesmas penas, e sentenças referidas, incorrerá tambem todo o meu inferior, de qualquer authoridade, ou dignidade que seja, que por si, ou por outrem, presumir entremetter-se no cui-

dado dos ditos vossos Frades, ou de qualquer outro modo molestallos. Christo vos guarde, e orai por mim. Dada em Roma em São Salvador da Onda a 15. de Abril, anno do Senhor 1502.

Fr. Egidio Geral, que todas estas cousas referidas institue, concede, e manda: registada por sua propria mão.

4. Chegárão estas letras enviadas por Fr. Anjo a tempo que elles estavão na Corte dos Reis Catholicos, perseguidos de seus oppostos, como diremos ao diante. Foi este Geral varão de grandes prendas, mui douto assim em humanas, como Divinas letras, era de excellente expedição nas materias de governo, por cuja causa occupou, não só na Provincia de Assis, cujo filho era, os primeiros postos, mas tambem os grandes da Ordem, até que ultimamente por morte de Fr. Francisco Sansão, foi provído no Generalato: officio, que exercitou até o Capitulo Generalissimo celebrado em Roma pela festa do Espirito Santo do anno de 1506. em que espontaneamente o renunciou. Foi muito afeiçãoado à Reformação, como se vio no cuidado, com que favoreceo as Congregações reformadas dos Clarenos, Colectaneos, Amadeos, e aos nossos novos Capuchos, a cujas duas Custodias, da Luz, e do

do Santo Euangelho, mostrou tanto amor, que não se contentando com lhes passar Patentes tão amplas, como as affirma referidas, pouco depois impetrou em seu nome de Alexandre VI. hum Breve, que lhes enviou com ellas, para que não só fossem com suas letras geraes confirmadas, mas tambem com as Pontificias estabelecidas. Nel-
le concede o Summo Pontifice às duas Custodias confirmação de todos os Breves, que antes deste lhes tinha concedido. Expedio-se em Roma a trinta de Maio de 1502. começa: *Du- dum tibi, &c.* Com que a Congregação teve algum sossego, ainda que o logrou pouco tempo.

CAPITULO XII.

Mostra-se que as duas Custodias da Luz, e do Santo Euangelho erão não só distinctas, mas tambem independentes huma da outra em seu governo.

I D As Patentes referidas se vê que as duas Custodias, a de nossa Senhora da Luz, e do Santo Euangelho, erão entre si distinctas, e só tinham a união, que seus Fundadores lhes derão, coadunando-se ambos para defenderem a mesma causa. Esta os fez tão huns, que parecia huma só Custodia;

por que em ambas as leis, por onde se governavão, erão as mesmas, a fôrma do habito, o modo de vida, os estylos, e ceremonias Religiosas; mas com isto assim ser, os Breves Apostolicos, e letras dos Geraes sempre as tratarão, como distinctas em seu governo, e Prelado, até que, como veremos ao diante, por morte do Veneravel Guadalupe se encorporarão ambas debaixo de huma só cabeça. Todas as vezes, que vinhão dirigidas algumas Letras do Summo Pontifice, ou Geral da Ordem a huma, vinhão outras, que continhão o mesmo, à outra; como se vê nas duas Patentes, que no Capitulo precedente deixamos escritas: o que assim se não fizera, a não haver nellas distincção. E supposto que desta ninguem duvida, com tudo nem todos fallão nesta materia da mesma sorte.

2 O Reverendo Padre Fr. João da Trindade na Chronica, que compoz da sua Provincia de S. Gabriel, ^a diz que fundado o Convento de Truxillo, com os Oratorios vizinhos, recorêra Fr. João de Guadalupe ao Geral Fr. Egidio de Ameliã, que os levantasse em Custodia com o titulo de nossa Senhora da Luz, e nomeasse a Fr. Pedro de Melgar por Custodio della: o que elle fizera por Patente sua, em a qual subordinava-

^a Chron.
Prov. S.
Gab. L.
c.9°

nava o Custodio, e Custodia da Luz, ao Custodio, e Custodia do Santo Euangelho; determinando que estivessem sujeitos à sua disposição, e obediencia. A Patente, que cita o sobredito Padre, he a mesma, que deixámos trasladada no Capitulo antecedente, que começa: *Cum pridem Sanctissimus Dominus noster, &c.* cuja data foi em Roma a quinze de Abril de 1502. della se conserva no Arquivo desta Provincia não só o original com o sello da Ordem pendente em huma caixa de latão, mas tambem huma copia autenticada na Cidade de Truxillo, em huma quarta feira quatorze dias do mez de Setembro do anno de 1502. pelo Notario Apostolico João Alonso, Clerigo do habito de São Pedro, a requerimento de Fr. João de Santa Maria, em nome de Fr. Pedro de Melgar: e assim o original, como a dita copia temos ao presente diante dos olhos.

3 Nella se não acha palavra, donde se colha a tal subordinação, e obediencia; nem ainda nomea a Custodia do Santo Euangelho, ou a seu Prelado; com que aquella clausula de que a subordinava o Geral na fórma sobredita, he supposta, e mui contraria ao que se lê na Patente. Lemos nella, que depois de referir o Geral a faculdade, que Fr. Pedro de Melgar

teve de Alexandre VI. para fundar o Convento de Truxillo, e eleger-se hum de seus moradores em Custodio, concede ao dito Fr. Pedro, já eleito em o tal officio, sua plena, e livre authoridade, e potestade, e omnimoda faculdade sobre todos os Frades da Custodia da Luz: são palavras expressas da dita Patente^b: *Dans tibi, & tuis successoribus plenam, & liberam auctoritatem, & potestatem, ac omnimodam facultatem meam, &c.* e huma authoridade plena, livre, e omnimoda he incompativel com a subordinação, e dependencia: nem se poderá dizer, que tinha Fr. Pedro omnimoda, plena, e livre authoridade, como lhe concedia o Geral, se ao Custodio do Santo Euangelho o deixasse subordinado. A mesma independencia mostra a ultima clausula da Patente, que he a allegada por aquelle Chronista; porque nella diz o Geral, que debaixo das mesmas penas postas no principio nenhum seu inferior se intrometta no governo de Fr. Pedro. Esta he a ultima determinação; e bem se vê, quão contraria seja àquella supposta: *Que a Custodia da Luz estivesse à do Santo Euangelho subordinada.*

4 Tambem se enganou o sobredito Chronista em dizer, que pela referida Patente erigia o Geral o Convento de Truxillo

^b
Habentur
ib.

Sup. c. 6.

lho, com os Oratorios annexos, em Custodia, e a Fr. Pedro por Prelado della; porque a tal Patente não he erectiva, senão só confirmativa do que estava feito; e já a este tempo o Convento de Truxillo era Custodia, e Fr. Pedro Custodio della, fazendo-se eleição de Prelado pelos mesmos Frades moradores, como dispunha o Breve. Era este de Alexandre VI. como atrás deixámos dito; e dispunha elle, como se vê no tambem já citado de Julio II. *Rationi congruit*, &c. que, fundada a Casa de Truxillo, os Frades nella moradores fizessem eleição de hum de entre elles em Custodio, o qual pediria confirmação de seu officio ao Geral: esta fizeram na pessoa de Fr. Pedro, a quem Fr. Egidio de Amelia confirmou pela referida Patente. E assim o mostra o teor das letras do Geral; porque todas suas clausulas supõem a Custodia da Luz erigida, e a Fr. Pedro de Melgar Custodio della, como na realidade assim era huma, e outra couza. Não diz nellas o Geral, que faz de novo a eleição, mas que a confirma novamente, repetindo algumas vezes estas palavras: *Iterum institui, iterum Custodem te deputo*, &c. termos, que mostram bem o não institua de novo, senão que o confirmava já eleito.

5 Do que temos escrito se

vê que as duas Custodias de N. Senhora da Luz, e do Santo Euangelho erão não só distintas, mas tambem independentes huma da outra em seu governo, sem que a da Luz estivesse à outra subordinada. Como porém em ambas era o mesmo o modo de vida, e o zelo, com que aspiravão a fundar na Ordem huma nova Reformação, em que mais pobre, e austeramente se vivesse, isto as unio de forte, como se forão huma só; e assim todos os Religiosos de huma, e outra se chamavão da Congregação *do capucho*, pelo que usavão no capello; e *do Santo Euangelho*, nome participado da primeira Casa de huma dellas; ou *dos Descalços*, por andarem por terra com os pés totalmente nús, sem genero algum de calçado. Unirão-se os dous Prelados para as opposições, que previão, e apartarão-se, tomando cada hum à sua conta distrito, em que fundar, para que mais brevemente se dilatasse o Instituto, que pertendião: e o successo mostrou fora acertado o dictame. Consta outrossim, que a Custodia de N. Senhora da Luz não foi erigida à instancia do Veneravel Guadalupe pela Patente referida do Geral, senão por ella confirmada com seu Prelado; como o foi tambem por outra do mesmo Geral em o mesmo tempo;

po, a do Santo Euangelho, sem que huma das Patentes contenha alguma cousa de novo, de mais que a outra, como se pôde ver nos traslados, que fielmente tiramos de seus originaes, e demos no Capitulo precedente.

CAPITULO XIII.

Queixão-se os Padres da Provincia de Sant-Iago aos Reis Catholicos dos Capuchos, por cuja causa são molestados.

ENtramos com a historia na força dos trabalhos, e contradições, que padecêrão nossos Fundadores ao plantarem esta nova Reformação: não os referimos para a queixa como sentidos, senão para inteireza da narração como Historiadores; e para que vejamos os presentes, quanto custou a nossos primeiros Padres o fôcego, que hoje temos, e consequentemente a obrigação, que com elle nos deixarão de aspirarmos à mais pura, e perfeita observancia de nossa Regra. Com os augmentos pois, e prosperos successos da Congregação dos Capuchos se augmentava tambem em os Padres da Santa Provincia de Sant-Iago o cuidado: vião-a crescer rompendo por contradições, procuráram

esforçallas para a impedirem. Dizem alguns que nascia esta anciancia do sentimento, que tinham do applauso, com que a gente mostrava ter em muita estimação aquelle modo de viver em tanta pobreza, e rigor de penitencia; e como hião crescendo em numero, parecia-lhes que aquelles Irmãos mais novos, como Jacob a Esaú, lhes furtavão a benção, e que pondo a gente sua affeição nelles, se esqueceria da antiga devoção à sua Observancia.

2 Porèm eu digo que o que os Capuchos tinham de virtuosos, era a razão de serem perseguidos: nunca para a virtude faltão contradições, e muitas vezes fundadas em o bom zelo, sem haver culpa em quem a contraria. Nem he muito que entre os Religiosos haja semelhantes differenças, pois as houve já entre Anjos, e entre Santos: não por odio, mas por cuidar cada hum que acertava, e procurava o que era mais conforme ao serviço, e louvor de Deos. No livro de Daniel ^a faz menção a sagrada Escriitura de huma destas differenças, e contradições de vontade entre dous Anjos, hum, que tinha cuidado da Provincia de Judéa; outro, que tinha a seu cargo o Reino de Persia. O da Provincia de Judea, estando os Judeos cativos em Persia, procurava que sahisse

Dan. c. 10.
n. 13.

fem daquelle Reino ; porque fóra delle , e postos na sua terra , melhor , e mais livremente servifsem a Deos , e cessasse o damno , que a alguns resultava da companhia dos Persas. O Anjo , que da Persia tinha cuidado , pelo contrario , procurava que os Judeos cativos não sahissem do cativeiro , esperando que os Persas , deixando a idolatria , se convertessem ao verdadeiro culto , pela doutrina , e exemplo dos Hebreos. E andarão os Anjos nestes diversos pareceres , até que forão certificados da ultima , e determinada vontade do Senhor , cujo serviço hum , e outro , ainda que encontrados , procurava.

3 De S. Paulo lemos , que sobre a companhia de S. Marcos teve outra differença semelhante com S. Barnabé ; e chegou a tanto , que andando ambos juntos antes della , depois se apartarão ; ^b permittindo-o Deos assim , porque apartados fizerão mais fruto , do que farião juntos. Cada hum delles tinha bom zelo na sua opinião. Da mesma maneira o terião todos estes Religiosos ; porque huns entendião , que em cazinhas pobres , e apartadas dos povoados servirião melhor ao Senhor , que nos Conventos grandes , onde não reluzia tanto a Santa Pobreza , tão recommendada de nosso Padre. A outros parecia

que perdia muito sua Provincia em se sahirem della tão principaes Religiosos na virtude , e santidade ; por isso os não querião deixar sahir de sua companhia , porque os taes sempre fazem nas Communidades grande falta. E verdadeiramente este entendendo foi o principio , que a opposição teve , o zelo de conservar a Observancia unida , se depois não declinára a vestir a natureza de opinião.

4 Como quer que fosse , eirão os pobres Capuchos perseguidos : ainda antes de Fr. Anjo ir Procurador a Roma , tinha sido prezo Fr. Pedro de Melgar. Hia elle pelos fins do anno de 1500. fallar ao Guardião do Convento de Santa Elena , junto a Therena , e alli o prenderão , e tiverão no mesmo Convento a bom recado alguns dias , até que chegou o Ministro Provincial Fr. João do Rio , que vendo suas licenças , Breve , e papeis , e como com justa causa estava apartado com os companheiros em o seu Convento , e Custodia , como era o Provincial varão bom , Religioso , e exemplar , não querendo escandalizar mais a Cidade de Truxillo , a quem parecia mal aquella prizaõ , o mandou soltar , e deixou ir livre ; mas nem por isso deixarão de lhes dar mil molestias aos novos reformados , dizendo delles que erão huns hypo-

critas, e idiotas, e que não podia Fr. Pedro, a quem tinham eleito por Custodio, ser Prelado, por ser Frade leigo: sendo assim que não sómente Custodio podia ser, senão Ministro Provincial, como consta claramente da Regra: e assim foi julgado depois pelo Cardeal Protector, diante de quem se tratou a causa em Roma.

5 Não contentes aquelles Padres com assim desacreditarem a nova Congregação para com o povo, se forão ter com os Reis Catholicos, que erão devotissimos da nossa Religião Serafica, e os informárão a seu gosto, dizendo que aquelles Frades com seu modo de vida singular perturbavão a paz, e união da Ordem: nem convinhão taes divisões para o proveito, e conservação da Observancia, que suas Altezas tanto tinham ajudado, e favorecido, dando-lhes as Casas, que se tomárão por ordem sua aos Conventuaes. Que se a Congregação, que à pressa dilatavão, se não extingua de todo o ponto, forçosamente se havião de seguir na Ordem inquietações grandes, e escandalos nos seculares. Para induzirem, e moverem mais aos Reis Catholicos, acumulárão neste informe cousas mui dissonantes ao que na realidade era: e foi tão cega a paixão, que pondo de parte a modestia Religiosa,

divulgou em papeis manuescritos, de que alguma parte chegou à impressão; ^d muitos opprobrios contra os Capuchos. Chron. S. Gabr. c. 10.

6 Os Reis, que não tinham outra informação da causa, mais que aquella, que lhes davão os ditos Padres, passárão Provisões às suas Justiças para prenderem todos os Capuchos da nova Congregação, e os remetterem assim presos à Provincia de Santiago, donde a maior parte delles tinha sahido. Desta resolução tiverão noticia os dous Custodios Fr. João, e Fr. Pedro; e parecendo-lhes que era precisamente necessario darem satisfação de si aos mesmos Reis, que contra elles estavam, se partirão ambos apressadamente caminho da Corte, onde entrárão de noite, por não serem sentidos de seus emulos. Souberão estes que os Capuchos tinham partido da Estremadura, com tenção de fallarem aos Reis Catholicos, e os informarem da verdade, fizeram muitas diligencias, para que sua pertença não tivesse effeito, pondo espias, para que antes de chegarem à Corte fossem presos.

7 Estava neste tempo em a Corte de Castella o Senhor D. Alvaro, filho do Duque D. Fernando primeiro do nome, e segundo da Real Casa de Bragança: o qual se tinha retirado de Portugal, ou de sentido, ^e ou de Duarte Nunes na sua Genealogia. Mat. Dial. 4. c. 10.

de receoso da severa, e aspera condição de ElRei D. João II. que logo no principio de seu governo mostrou na principal Nobreza de seus Reinos. Tinha Fr. João de Guadalupe noticia deste Senhor, participada, quando esteve em Villa-Viçosa, do Duque D. Jaime seu sobrinho, e assim, tanto que entrou de noite na Corte, logo foi buscar a sua casa. Nella estiverão alguns dias, como em sagrado; e bem lhes foi necessario para não serem prezos, procurando varios meios, para que os Reis quizessem ouvillos, o que nunca alcançarão; que foi tão bem pintado o informe, que chegou a produzir este effeito.

8 Esta he huma cousa, por que padecem muitos innocentes com grande injustiça, por lhes não darem ouvidos à sua causa: e são murmurados os Principes da terra, que como se fora dar entrada no Sancta Sanctorum, não se deixão ver, nem fallar, senão dos privados, que trazem junto a si: e estes poucas vezes, como Summos Sacerdotes, intercedem, e fallão pelos pequenos; porque o ordinario he, que como summos ambiciosos só tratão de aproveitar-se a si mesmos: e como os pequenos não fallão, nem são ouvidos, não podem ter bom successo em seus negocios. Não necessita de informes a Sabedoria Divina, porque tu-

do lhe he patente; mas ainda assim quando os peccados das Cidades infames clamavão ao Ceo pelo fogo, em que se abraçarão, disse Deos que desceria ^f a ver se era assim o que ^{Gen. c. 18 n. 21.} soava: não por outra razão, que por ensinar, como diz a Glosa, ^g aos Reis, Juizes, e Prelados, ^{Glosa II} que não procedão em os negocios sem legitimas informações, nem julguem as causas, ou dem sentença sem ouvirem as partes, a que toca.

9 Se os Reis Catholicos obrarão com esta advertencia na causa dos Capuchos, e os ouvirão, não padecerão elles tantos trabalhos; porque foubirão as justas licenças, que tinham, conhecerão o zelo, e virtude, com que principiarão aquella Reformação, e não derão tanto credito às queixas, e capitulos, que contra elles recebião. Mas como não erão ouvidos para allegarem de sua causa, e direito, tinham atalhado o caminho a todo o remedio. Neste tempo, e aperto, em que se vião, chegarão de Roma as duas Patentes do Geral, com o Breve, que tinha impetrado, remettidas por Frei Anjo, ^b com que assim o Pontifice, como o Geral, confirmavão o que tinham obrado os da Congregação do Santo Euangelho. Com ellas sahirão os dous Custodios da casa do Senhor D. Alvaro tão escondidamente, como

mo nella tinham entrado , para a do Arcebispo de Toledo, (nesta Cidade estava então a Corte) apresentarão-lhe os Breves, que tinham, as duas Patentes, que novamente lhes vierão, pedindo-lhe humildemente, que, interposta sua authoridade, lhes fizesse dar a execução devida. Fez presente o Arcebispo as sobreditas letras aos Catholicos Reis, arrazoando em favor dos Capuchos; o que foi de tanto effeito, que mandarão suspender o Decreto, que tinham passado às suas Justiças, e permitirão, que vivessem em seus Conventos livremente. Como os dous Custodios tiverão este despacho, e não procuravão outra cousa da Corte, se vierão pacíficos a seus Conventos; mas não lhes durou muito o sossego, como veremos logo.

C A P I T U L O XIV.

Dos novos trabalhos, que sobrevierão aos Capuchos por occasião de hum Breve, que à instancia dos Reis Catholicos se expedio em Roma contra elles.

Muito custou aos nossos Capuchos o seguro, que impetrarão dos Reis Catholicos, para viverem sossegados em seus Conventos, como no fim do Capitulo precedente fica escrito, pois andavão

os Padres da Provincia de Santiago tão sollicitos em lhes esforcarem todas as diligencias, que podião fazer em sua causa, que para irem de casa do Senhor D. Alvaro à do Arcebispo, foi necessario irem em habitos de Jeronymos disfarçados, por não serem conhecidos: assim lhes importava, por não serem prezos. Com tudo o que lhes custou muito, durou-lhes pouco: porque o Padre Fr. João de Argumanes, Procurador da sobredita Provincia neste negocio, vendo como a pertença dos Capuchos tinha feliz successo, buscava varios meios para impedilla. E como vio aos Reis embaraçados com as justas licenças, que o Arcebispo de Toledo por parte dos Capuchos lhes apresentou, persuadio-lhes procurassem do Summo Pontifice hum Breve derogatorio de todos os privilegios, e indultos, que aos Capuchos tinha a Sé Apostolica concedido. Allegava para isto razões, que a outros menos afeiçoados da Obervancia, do que erão os Catholicos Reis, poderião mover, e induzir.

2 Era a principal, e mais forçosa, o que tinha determinado o Vigario Geral da Obervancia Fr. Marçal Boulier, eleito no Capitulo Albinense, ^a Mon. Ord. tra 9. 2. fol. 248. 2. impres. pela festa do Pentecostes do anno de 1502. o qual na Congre-

gregação , que celebrou com alguns Padres na Provincia de Castella , para impedir a nova Reformação dos Capuchos, determinou houvesse Casas Recoletas em todas as Provincias, onde vivessem os que mais estreitamente quizessem observar a Regra, sem se eximirem da obediencia da Observancia. Porém estas Casas Recoletas não tiveram effeito , senão que depois de passados alguns annos poz este Decreto em execução o Reverendissimo P. Fr. Francisco dos Anjos , sendo Ministro Geral de toda a Ordem: que como a sobredita determinação não foi nascida de verdadeiro zelo , senão de ardilofa traça para impedir aos Capuchos , ^b por essa razão não teve logo seu effeito. Como quer que fosse, esta era a principal razão, que Frei João de Argumanes allegava, dizendo, que se os Capuchos querião vida mais estreita, nas Casas Recoletas a podião ter, sujeitos à Observancia , sem que se visse na Ordem hum tão grande damno, como era aquella divisão, que fazião. Moveo isto tanto aos Reis Catholicos, que em breve tempo alcançárão de Alexandre VI. hum Breve à pertença dos Padres tão favoravel, que o não pudéra fazer mais do caso seu desejo, nem pintar melhor sua vontade.

^b
Chron.P.
S.Cabr.l.I.
c.10.

3 Não esperarão porém que chegasse o Breve pertendido , senão que o mesmo foi verem que o Rei tomava a supplica delle à sua conta, que perseguirem os Capuchos mais afincadamente, ou porque não duvidavão de sua impetração, ou para que com aquelles preludios achasse menos que fazer o ultimo golpe. Os Capuchos de N. Senhora da Luz de Truxillo forão os que mais padecerão, que como os sobreditos Padres fundavão novamente Convento naquella Cidade, ficavão mais expostos a seus tiros com esta vizinhança. Ordenavão-se elles principalmente a Fr. Pedro de Melgar, como Prelado da Custodia, fazendo-se tão apertadas diligencias para prendello, que para se livrar não sahia de seu pobre Convento, onde o não buscavão, porque como na invasão do Convento havia de ficar publico o escandalo, esperavão o Breve para a mostrarem justa.

4 Com tudo nem assim retirado se deo Fr. Pedro alli por seguro; resolveo-se a deixar aquelle Convento por algum tempo, e nelle pôr Prelado a Er. João de Santa Maria, e passar ao da Piedade em Portugal, onde até aquelle tempo não tinha entrado a opposição. Não lhe custou pouco chegar ao afilo, que buscava; porque tendo

do noticia os Padres Observantes, que elle tinha partido para este Reino, forão em seu alcance: em Valença, sua patria, terra, por onde entrou a Portugal, fizeram diligencias para prendello, para cujo effeito levavão hum homem de cavallo, que se fingia Alcaide da Corte; mas defenderão-no seus naturaes, e com o amparo destes chegou a Villa-Viçosa. Alguns mezes se deteve no Convento da Piedade; e como o não deixava quietar o cuidado do que passarião seus Frades, que deixara no Convento de Truxillo, voltou a esta Cidade, e foi a tempo, que chegou de Roma o Breve procurado pelos Padres Observantes.

5 Expedio-se este naquella Curia a dous de Setembro do anno de 1502: e undecimo de seu Pontificado: começa: *Pro parte charissimorum, &c.* NELLE diz o Summo Pontifice, como lhe foi exposto por parte de ElRei D. Fernando, e da Rainha D. Isabel, que alguns Frades sob color de viverem mais aspera vida, e estreita pobreza, havião impetrado Letras Apostolicas, para viverem fóra de suas Provincias, e sujeição dos Vigarios dellas, reconhecendo obediência a só o Geral Ministro: a qual cousa resultava em detrimento da Ordem; e se seguiu dahi muitos inconvenien-

tes, e escandalos, e maiores se levantarião ao diante, se Sua Santidade os não atalhára com opportuno remedio. Pelo que, inclinado aos rogos dos ditos Reis, manda ao Arcebispo de Toledo, e ao Bispo de Palencia (Bispado antigo, e àquelle Arcebispado suffraganeo) com authoridade Apostolica, que para esse effeito lhes commette, fação tornar aos Conventos da Provincia de Sant-Iago todos os Frades, que estiverem fóra delles, sem expressas licenças de seus Vigarios Provinciaes; e particularmente a Fr. João de Guadalupe, e Frei Pedro de Melgar, com todos seus companheiros. E que os Conventos sejam applicados para sempre à dita Provincia (havendo com tudo para os que tiverem particulares Padroeiros, o consentimento delles) não obstante todas as Letras Apostolicas graças, licenças, ou Breves, que para isso lhes haja concedido, ou a quaesquer Nobres de Hespanha; porque todas as revoga, e annulla, pondo muitas clausulas de firmeza, e quer que sejam a isto constangidos os ditos Religiosos com graves penas, e censuras.

6 Supposto que este Breve se expedio de Roma a dous de Setembro do anno de 1502. como temos dito, com tudo passarão oito mezes, e mais al-

^d
Chron. P.
S. Mich.
l. 5. c. 5.

guns dias , sem que se dêsse à execução : dizem que foi a causa ^d o esperarem que o Arcebispo de Toledo , principal Juiz dos nomeados, viesse à sua Diecese , porque huma enfermidade o tinha della ausente. Melhorou o Arcebispo , e fulminou logo o Processo em Alcalá a vinte e seis de Maio de 1503. Foi este breve notificado a Frei Pedro de Melgar em Truxilho ; porèm elle , ainda que Frade leigo , e sem letras humanas , teve acordo para naquella occasião usar do mais efficaz remedio , que em tal caso convinha , que foi appellar para Roma , onde o Summo Pontifice fosse melhor informado da verdade. Feita a diligencia , pedio lhe dessem das ditas Letras hum traslado , e sem mais esperar couza alguma , com hum companheiro se partio caminho da Curia Romana. Avisou a Fr. João de tudo o succedido , o qual sem esperar que lhe notificassem o Breve , se poz tambem a caminho para Roma , a seguir a appellação com Fr. Pedro. Não seguião ambos os Custodios hum caminho , hião divididos , para assim se livrarem mais facilmente das espias , que , conforme se diz , os esperavão ; pois chegou a paixão a tal extremo , que atè a defenſa natural impedia ; porèm como he cega , não he muito que obre

contra as mesmas leis da natureza.

CAPITULO XV.

Varios successos , que teve Fr. Pedro de Melgar atè chegar a Roma , e da morte de Fr. João de Guadalupe no caminho.

I **E**Ntre os muitos , e grandes trabalhos , que o Doutor das Gentes São Paulo pela honra de Deos , e salvação das almas padeceo , ^a como se refere nos Actos Apostolicos , e elle mesmo o conta na segunda Carta , que escreveu aos de Corintho , forão trez naufragios no mar , antes de chegar a Roma , depois que appellou para Cesar. Não lhe succedeo menos ao nosso Fr. Pedro de Melgar na jornada , que para Roma fez depois de ter appellado para o Cesar da Igreja , o Romano Pontifice : permittindo-o assim Deos , por ventura para lhe dar a entender , que a causa de sua appellação era mui semelhante à do Apostolo S. Paulo ; porque se este zelava a Lei de Deos , elle zelava a perfeição de huma Regra , que o mesmo Senhor inspirára a seu fiel servo , N. Serafico Padre S. Francisco , e confirmára por sua ; e que pois a causa era tão semelhante , que-
ria

^a
Act. Ap.
cap. 27.
2. ad Cor.
c. 11. n. 25.

ria que nos trabalhos de sua defesa não fossem elles differentes.

2 Não forão os naufragios do nosso Frei Pedro todos em o mar, mas nem por isso deixarão de ser enfadonhos, e perigosos, tanto, que para se livrar do primeiro, lhe foi necessario usar de huma ardilosa traça, e novo modo. Foi o caso, que sabendo os Padres Observantes, que Fr. Pedro tinha appellado para Roma, e que para ella se partira, fizeram tal diligencia para o prenderem no caminho, antes que sahisse de Hespanha, (mais urbano se mostrou Feste ^b a S. Paulo, pois vendo que appellava para Cesar, livremente o deixou seguir a appellação) que tendo elle noticia do que passava, julgou não seria possivel deixar de cahir em suas mãos, salvo usando de alguma nova diligencia. E como em semelhantes occasiões não ha mestre melhor que a necessidade, esta lhe ensinou que vestisse ao Religioso seu companheiro em hum habito dos Irmãos da Terceira Ordem, para que assim não fosse conhecido: e elle buscou para si hum vestido de secular, que levava pelo caminho em huma trouxa, em quanto não sahio de Hespanha; e quando chegava onde lhe parecia que podia ser conhecido, vestia-se com elle, re-

colhendo o habito de Frade; e onde entendia que não havia razão de temer, vestia seu habito, e recolhia o vestido, proseguindo com este disfarce sua jornada: a esta diligencia ajuntava outra não menos acautelada, que necessaria, qual era desviar-se todo o possivel de povoado. Com estes temores chegou a Barcelona, onde se embarcou, e vio mais rodeado de perigos; porque o mar, tal vez para mostrar a inconstancia de suas ondas, e o perigo, a que se expõe quem as navega, (importante aviso para a ambição, que corta suas aguas tão sem reparo) alterou-se de sorte, e embraveceo-se de maneira, que por muitas vezes se virão os navegantes a ponto de serem sumergidos. Todo o tempo, que durou a furia da tempestade, estava o nosso Fr. Pedro recolhido em hum camarote da náó, não como Jonas ^c dormindo, quando embarcou para Tharsis, ^{Jon. c. i. n. 5.} mas como S. Paulo orando, quando appellou para Roma.

3 Ouvio Deos a oração de seu servo, como no mar de Tiberiade ^d a de outro Pedro: ^{Matt. c. 14. n. 31.} porque com a luz da manhã appareceo o mar leite, e tão socegoado, quanto pouco antes teve de furioso. Chegou a náó a porto, sahio Fr. Pedro a terra, e continuando sua jornada, entrou em Roma no mez de Se-

tembro do anno de 1503. e como poucos dias antes a dezoito de Agosto houvesse falecido o Papa Alexandre VI. Hespanhol Valenciano, tão pouco aceito aos Romanos, que depois de sua morte, por mostrarem a pouca afeição, que lhe tinham, executavão nos Hespanhoes, que havia na Cidade, algumas crueldades, e andava tão amotinado o povo contra elles, que nenhum se livrava de ser injuriado, tanto que a publico sabia. Participou Fr. Pedro tambem destas injurias; e ao entrar pelas portas da Cidade, forão os dous companheiros prezos pelos Guardas, despirão-lhes os habitos, e tiverão-nos assim por largo espaço, fazendo-lhes opprobrios, sem que os servos de Deos em gestos, ou em palavras dessem a entender o menor sentimento, antes se mostravão naquellas injurias tão satisfeitos, e contentes, que confundidos, e admirados de sua paciencia os Guardas os deixarão ir livremente.

4. Livres já deste transe, para elles afsàs penoso, buscá-rão a Fr. Anjo de Valhadolid, seu Procurador naquella Curia; e não sei se nas primeiras vistas houve mais jubilos, que lagrimas: que se bem a presença dos que grandemente se amavão pedia não pequeno gozo, as perseguições, em que se

vião, requerião não menor sentimento. Passado algum pouco tempo, chegarão os companheiros de Fr. João de Guadalupe, de quem Fr. Pedro soube que era morto na jornada. O lugar, em que commutou a temporal pela eterna vida, dizem huns ^e que foi Civitela, em hum Convento, ou Hospicio dos Padres Observantes, que antes tinha sido dos Conventuaes da Provincia de Roma: outros, ^f fallando em geral, dizem que foi sua morte duas jornadas antes de chegar a esta nobre Cidade. Não se póde encarecer o muito que todos sentirão a perda de tão grande Religioso, que além de ser mui aventajado na virtude, era, entre todos elles o mais superior na sciencia. Renovárão-se as lagrymas daquelles, que se achárão presentes à sua morte, e entrou em todos huma tristeza profunda. Representava cada hum tudo o que se póde cuidar de sentimento, aventajando-se aos demais Fr. Pedro de Melgar, como quem melhor conhecia aquella perda. Morreo Fr. João no mez de Outubro do sobredito anno de 1503. quasi à vista de Roma, como outro Moyfés, ^g antes de entrar na terra de promissão.

Chron. P.
S. Gabr.
cap. 11.

Memor.
da Prov.

Deuter.
c. 34. n.

CAPITULO XVI.

Dos grandes trabalhos , que padecerão os Capuchos , que Fr. João , e Fr. Pedro deixarão em seus Conventos , quando se partirão de Roma.

1 **D**E pois que os Padres Observantes notificarão a Fr. Pedro o Breve , de que elle appellou para Roma , caminharão para o Convento de nossa Senhora da Luz em Truxilho , para tomarem delle posse ; o que prevendo os Religiosos nelle moradores , deixando a Casa , se forão todos ao Oratório de Belvís , Villa do Conde de Deleitosa , que hoje anda encorporada na Casa de Oropeza , por casamento da Condeça D. Beatriz de Monroio com D. Fernando Alvres de Toledo , quarto Conde de Oropeza. Era o Senhor de Belvís naquelle tempo afeiçoado aos Capuchos , pela virtude , que nelles via , e muito amigo de Fr. Pedro seu Prelado , a quem tinha conversado antes de Religioso : por estas razões , tanto que em sua terra os viu , e soube a causa , que a ella os levava , desejou muito escondellos , e livrallos de quem os perseguia ; mas vendo que não era possível accommodallos em o tal lugar , e que não havia outro , em que pudessem estar secretamen-

te mais seguros , deo-lhes ordem , para que em huns altos estebaes fizessem humas cabanas , onde lhes mandava levar de comer a suas horas , e soccorria com todo o necessario à humana vida.

2 Dalli se informavão do que passava ; e sabendo como os mais Conventos , que tinham em Castella , corrêrão a mesma fortuna , que o da Luz , e ainda alguns delles chegarão a ser derribados , vendo que naquelle Reino não podião viver seguros , pois , além de seus contrarios , tinham aos Reis contra si , se passarão ao de Portugal , que em fim sempre foi em seus trabalhos o melhor asilo. Chegão à Piedade de Villa-Viçosa alguns delles , que por todos não passava o numero de quatorze ; porque supposto erão mais , os outros cansados já de tantos trabalhos , e molestias , quantos na empreza tinham padecido , se tornarão às Provincias , donde sahirão. Porém os remanecentes determinarão levar por diante sua pertença , até perderem as vidas por aquella causa , como tinha succedido a Fr. João , e aconteeo depois a alguns delles.

3 Verdadeiramente que quem visse os duros combates , e porfiadas contradições , que os Capuchos nesta nova Reformação tiverão , julgaria que era
a De-

a Deos pouco aceita, pois permittia que assim fosse molestada; porém enganar-se-hia, que antes foi o mais claro argumento de quão grata lhe havia de ser esta Congregação, purificando a seus Fundadores com os trabalhos. E Provincia tão perfeita, como a da Piedade, (sem jactancia o digo) que fundarão, havia de ser às marteladas, e à força de golpes de contradições. Como ao ouro ao fogo, diz o Sabio ^a que prova Deos seus escolhidos: e advertio o Incognito, que para dous effeitos costumão os Ourives metter o ouro no fogo: para examinar sua fineza, ^b e quilates, e para que faia bem lavrada a obra, que pertendem fazer. Para os mesmos effeitos diz o referido Expositor que mette o Soberano Artifice aos homens no fogo das tribulações, para dar a conhecer a fineza, e quilates de sua virtude, e tambem para os dispor pela paciencia, que faia perfeita a obra, que por elles procura fazer; que, segundo diz o Apostolo Sant-Iago, a paciencia ^c he que faz as obras perfectas.

4 Que contradições passã-
rão os Hebreos antes de entra-
rem na terra ^d de promissão?
Que trabalhos padecêrão os A-
postolos, antes que plantassem
no mundo a Lei Evangelica, e
nova reformação de costumes?

Assim tambem para se conhe-
cer, que era a Provincia da Pie-
dade coufa muito de Deos, havia de ser plantada com tantos trabalhos, quantos seus Fundadores padecêrão. Os que chegarão a Villa-Viçosa (tor-nemos ao fio da historia, se bem que semelhantes digressões, são nella permittidas, e ainda importantes) forão recebidos do Duque Dom Jaime com tantas mostras de amor, como de sentimento, effeitos da grande devoção, que lhes tinha. Multipli-carão suas cabanas de ramos pela cerca do Convento, porque não era este capaz de receber em si tantos Frades: alli determinavão esperar o successo da appellação, cuidando que não poderia haver quem os molestasse, tendo elles tão grande amparo, como a sombra do Duque; porém cedo virão o defengano, que a diligencia dos seus oppostos atè deste lugar os des-terrou.

C A P I T U L O XVII.

*Como os Capuchos forão lançados de Villa-Viçosa, e estive-
rão na Serra Dossa
escondidos.*

I D Iffe nosso Serafico Padre São Francisco em certa occasião a seus primeiros discipulos, que viria-
tem-

^a
Sap. c. 3.
n. 6.

^b
Incogn.
sup. Pf. 65.

^c
Jacob. c. 1.
n. 4.

^d
Exod. plur.
in loc.

^a Marc.
l. 2.
28.

tempo na Ordem, em que os mênos advertidos de sua profissão molestarião tanto aos zelosos da Regra, que os contrangerião a viver em os desertos mais retirados, onde estivessem escondidos. ^a Esta profecia do Santo Padre se vio cumprida nos nossos Capuchos, pois atè do Convento, que elles tinham por unico refugio em seus trabalhos, qual era o da Piedade, forão lançados fóra, e obrigados a viver em huma deserta ferra, sómente de brutos povoada. Todas estas molestias lhes occasionarão os Padres Observantes da Provincia de Santiago em Castella; que nos de Portugal achamos sempre boa vizinhança; porque sabendo como os Capuchos expulsos daquelle Reino estavam recolhidos, como em fortaleza, na Piedade de Villa-Viçosa, houverão cartas dos Reis de Castella para D. Manoel de Portugal, nas quaes lhe rogavão encarecidamente lançasse fóra do seu Reino aos Capuchos, para cujo effeito allegavão algumas razões, sendo a principal dellas o Breve, em que o Summo Pontifice mandava extinguir a sua Congregação.

2 Pouco foi bastante para que o Rei mandasse logo aos Religiosos Observantes da Provincia de Portugal que fossem a Villa-Viçosa, onde tomando

posse da Casa de nossa Senhora da Piedade, os Capuchos fahissem fóra della, e de suas terras. Condescender o Rei tão facilmente à petição dos de Castella, foi pela resolução, que o Duque teve de ser Religioso; porque cuidando elle que a isto o tinham induzido os Capuchos, ficou-lhes muito pouco affeioado; e se já os não tinha despedido de seu Reino, era por não desgostar ao Duque seu sobrinho, que os defendia, e amparava. Mas vendo agora a petição dos Reis de Castella, e com ella a noticia da disposição do Pontifice, com que dava ao sobrinho satisfação, mandou expressamente se fahissem logo. Enganou-se quem disse ^b que já antes das cartas dos Reis de Castella tinha o de Portugal despedido de seu Reino aos Capuchos; porque estas forão a causa total, que acharão mais facil a pertença na presumpção, que o Rei teve dos Capuchos terem induzido ao Duque a ser Religioso. Motivou este Decreto do Rei ao Duque grande sentimento, pelo muito que estimava a companhia dos Capuchos, que tinha em sua terra: fez muitas diligencias, para que se reyogasse, ainda que nenhuma dellas foi de effeito.

^b Chron. P.
S. Mich.
l. 5. c. 15.

3 Havia neste tempo, não mui longe de Villa-Viçosa, huma aspera, e deserta ferra, tão po-

Moles c. 2.

povoada de brutos, e feros animaes, que pelos muitos Uffos, que havia nella, foi chamada a Serra Doffa, e vocabulo Castelhano, em cujo idioma os Uffos se chamão Offos. Eja pôde ser que no tempo das antigas guerras de Portugal, e Castella (se o nome não hê mais antigo) vindo os Castelhanos a este Reino, e vendo nella tantos, e tão feros Uffos, lhe dessem este nome, e chamassem Serra de Offos: onde entrando corrupção dos vocabulos, como acontece ordinariamente, lhe ficaria Serra Doffa. Como quer que fosse, foi em o tempo antigo por sua áspera grandeza tão conhecida, quanto no de agora o he pelo insigne, e famoso Convento, que nella tem os mui Religiosos Padres de São Paulo primeiro Hermitão: os quaes, por darem principio à sua vida Religiosa neste Convento, o tem ennobrecido com grandes edificios, e obras maravilhosas, dignas de serem vistas de todos, os que das melhores tem noticia.

4 Desta Serra tão deserta naquelle tempo tinham noticia os novos Capuchos; e vendo como de Villa-Viçosa os lançavão, o mais secretamente que puderão, se forão metter nella; confiados que acharião mais piedade nos Uffos, e brutos animaes, do que tinham achado em

peitos humanos. Nem se enganarão em seu pensamento, porque recolhendo-se no mais alto, e áspero da Serra em humma Ermida, que alli estava, (seria tal vez a que hoje chamão de S. Gens, se por ventura he tão antiga) sustentando-se nella com pão de tribulações, lagrymas, e raizes de ervas, tinham os Uffos por seus defensores. E parecendo-lhes que não seria possível pudesse chegar à imaginação de quem os perseguia, que os homens mortaes vivessem em tanta aspereza, alli se consideravão seguros. Mas como não ha segredo, que não se revele; não foi possível perseverarem alli muito tempo; porque alguns pastores, que os virão, derão noticia a outros de sua habitação, e assistência. Pouco a pouco se divulgou o caso, de maneira que em breves dias chegou à Corte, barra, onde vão desembarcar todas as novas. Tornou logo ElRei Dom Manoel a mandar de novo, que nem alli estivessem, e que de todo se sahissem de seu Reino; que tal era o informe que dos Capuchos davão seus oppostos, que não chegou a produzir menos effeito em Reis Catholicos.

5 Dos Gentios lemos que degradavão aos Martyres para Ilhas despovoadas, e terras desertas; porém aqui vemos que
nem

CAPITULO XVIII.

Como os Capuchos estiverão na Ilha da Contenda.

GRande foi o fogo das tribulações, em que Deos desta vez metteo aos Capuchos; porque os Reis de Castella, e Portugal tomárão à sua conta o lançarem-nos fóra de suas terras, como nos Capitulos precedentes temos visto. Sentirão muito expellirem-nos da Serra Dossa, que pelo retirado, e deserto para as commodidades do espirito bem se póde chamar Serra da Estrella. De tempo mui antigo se conheceo nella esta excellencia; pois em todo buscárão seu sossegado retiro muitas pessoas illustres deste Reino, que desengañadas já do mundo, deixando as povoações, e Cidades, buscavão a Deos neste deserto. Foi esta sempre huma nova Thebaida de Portugal, morada de Monjes desde o anno de novecentos vinte e dous. ^a Deste faudofo sitio expellidos offereceo a necessidade outro aos Capuchos, que tambem para as conveniencias do espirito pudéra ser de sua eleição digno emprego. Fica este entré dous braços, que faz o Guadiana; e como este rio divide aos dous Reinos, fica esta terra, que he pouco mais de huma milha, em

^a Dextro
apud A-
giol. Luf.
tom. 2. no
Commēt.
a 22. de
Marc. lit. E.

contenda , querendo hum , e outro Rei que ao seu pertença. Igual agazalho acharão os nossos Reformados no Guadiana , que na Serra Dossa ; porque se a Serra os agazalhou sem damno algum dos Uffos , o rio se mostrou tão benigno , que os recolheo em seus braços.

^b
D. Hier. in
vita Paul.

2 Na cova, em que S. Paulo primeiro Ermitão entrou , quando fugindo do mundo , se foi ao deserto , diz S. Jeronymo , ^b achou tudo o que lhe era necessario para passar a humana vida. Alli lhe trazia o corvo meio pão todos os dias : alli estava a fonte , de cujas aguas se aproveitava para matar a sede , causada do excessivo calor ; em que no Estio se abrazavão aquelles desertos : alli a palma , que lhe deo de comer trinta e sete annos , (antes que o corvo lhe trouxesse o sustento) de cujas folhas fazia vestidos de tanta estimação , que depois Santo Antonio Abbade em as festas principaes usava delles. Finalmente com o que na cova achou S. Paulo , passou a vida sessenta annos sem perturbações ; nem sobressaltos , alegre em o Senhor , e mui conforme com sua vontade Divina.

3 Não costuma Deos satisfazer as necessidades de seus servos com muitos regalos , diversas piguarias , ou saborosos manjares , pelos não pôr em pe-

riço de perderem a virtude ; que com estas cousas não pouco se arrisca ; porém nunca lhes falta com aquillo , que basta a sustentar a humana vida , principalmente quando elles , como o glorioso Paulo , só no Ceo têm posta a confiança. O mesmo succedeo aos nossos Capuchos , quando deixando a Serra Dossa , se forão recolher na Ilha da Contenda , onde Deos os proveo do necessario , se não tão milagrosamente , como a S. Paulo , pelo menos bem se deixa entender , que foi por ordem sua. Assim o tinha muito antes promettido ^c a nosso Serafico Padre S. Francisco , quando lhe revelou as perseguições , e desertos , que havião de experimentar os zeladores de sua Regra. Não acharão os pobres perseguidos em a Ilha covas , mas em lugar dellas fez cada hum para si huma cabana , em que de dia , e de noite estava recolhido. Não mandou Deos aos corvos que lhes trouxessem pão , porém moveo os corações de alguns Pastores , que junto ao rio apascentavão seus gados , os quaes vendo a perfeição , que em todas suas acções aquelles Religiosos mostravão , e considerando que mais parecião Anjos , que homens , não tendo outro manná do Ceo , com que lhes acudir , offerecião liberalmente alguns pedaços de pão ,

^c
Chronica
Ord. liv.
cap. 27.

ef-

estimando muito que lhos aceitasse. A estes ajuntavão os Veneraveis Religiosos algumas ervas cruas, que a mesma Ilha lhes dava, que o que tinham de rusticas, e defabridas, erão para os mortificados Capuchos de melhor gofio.

4 Não vivêrão aqui fessenta annos, como S. Paulo Hermitão viveo na cova; ^d porêrão a vida com muita consolação de suas almas fessenta dias, occupando-se em todos elles na oração, e tal vez lhes succedia o que a Santo Antonio Abbade, que morria, e nascia o Sol, estando elles no mesmo lugar ajoelhados. Outras vezes começou, e feneceo o dia, achando-os immoveis: não tanto por se enfaíarem com aquelle rigor para o aspero dos trabalhos, que lhes podião succeder, como fazia Socrates; ^e mas muito mais para assim sem interrupção vacarem a Deos, fim mais excellente, e soberano. A este Senhor pedião fervorosamente fosse servido encaminhallos proseguissem a vocação de seu espirito; e que se esta era verdadeira, a guiasse venturosamente a seu fim, ainda que fosse por meio de muitos, e grandes trabalhos. E como aquelles, que em Deos confião, nunca lhes falta fortaleza, como diz o Profeta Rei, era tal a destes servos de Deos, pela muita con-

fiança, que nelle tinhamo posto, que sem os acovardarem as perseguições, com que os molestavão, nem os desterrros, que sofrião, fazião de novo mil protestos de perseverarem no começado. Occupados nestes exercicios os deixaremos por hora na Ilha da Contenda, por vermos outra, que tinhamo os assistentes em Roma com hum Procurador da Provincia de Sant-Iago, que foi seguir a demanda naquella Curia, com decisão da qual os tiraremos do lugar, onde agora os deixamos.

CAPITULO XIX.

De humas Letras, que os Capuchos alcançárão em seu favor.

DIzem que a diligencia he mái da boa sorte, e quem a quizer ter em suas coufas, ha de desvelar-se: particularmente se vê isto nos pleitos, e demandas, onde mais acaba hum solicitador diligente, que muitas vezes a justiça daquelles, que com ella seguem a causa. Levado póde ser desta consideração, e pensamento o Padre Vigario Provincial da Santa Provincia de Sant-Iago, vendo que Fr. Pedro de Melgar tinha appellado para Roma, mandou hum Religioso seu com titulo de Procurador, e solicitador naquella causa. Chama-

va-se este Padre Fr. Antonio de Rincon, Varão de grandes letras, que tanto que a Provincia lhe deu este cuidado, o mostrou logo em o negocio; porque procurou cartas de favor dos Reis Catholicos, e de outras pessoas grandes de Hespanha, assim para o Pontifice, como para os Cardeaes, como quem determinava negociar a poder de valias. Com estas armas, de que elle muito fiava, se partio para Roma, levando por companheiro outro Religioso por nome Fr. João Sereio, Frade da mesma Observancia, e Provincia.

2 Antes de entrarem em Roma, cahirão em mãos de ladrões, e tão deshumanos, que sem respeitarem as letras do Padre Fr. Antonio de Rincon, nem as cartas, que em seu favor levava, nem as muitas, e elegantes razões, com que se defendia, lhe derão tratos de corda, tão pouco cordiaes para o solícito Procurador, que dalli o levou seu companheiro com grande trabalho ao primeiro Lugar, que achou, onde sem se poder menear esteve muitos dias de cama. He o successo digno de reparo, e póde-se attribuir a força da justiça, que indo dous companheiros, fô Fr. Antonio fosse dos ladrões maltratado. Sem que lhe dessem tratos, lhe podião tomar alguma cousa, se

a levasse; mas permittio-o assim a Divina Justiça, para que se guardasse a humana, e se fizesse aos pobres Capuchos. Se Fr. Antonio de Rincon, conforme os intentos, que levava, chegára prospero a Roma, no tempo que convinha à sua pertença, sem duvida nenhuma teria o desejado successo sua causa; porque as cartas, que levava, erão mui poderosas, e suas diligencias bastantes a conseguirem effeito em qualquer, ainda que difficultosa, empreza; porém como por impedimento dos tratos ficou muitos dias atrás, tiveram os nossos Reformados tempo para darem ao Summo Pontifice seus memoriaes, e informarem a outras pessoas de sua justiça, que podião valer-lhes naquella causa. O que lhes foi de não pouca importancia; pois he certo que sempre fica aventajado no partido aquelle, que na causa informa ao Juiz primeiro.

3 Não se descuidava Fr. Anjo em seu officio: (que como temos dito era Procurador em Roma) já quando Fr. Pedro, e os mais companheiros chegarão àquella Curia, tinha impetrado hum Breve de Alexandre VI. revogatorio do que à instancia dos Catholicos Reis tinha passado. Nelle revalidava o Pontifice todos os mais Breves concedidos em favor dos

Capuchos: foi sua data em Roma a seis de Maio do anno de 1503. duodecimo de seu Pontificado. Neste revogava o Summo Pontifice todos os Breves, que tinha passado contra os Capuchos, individuando particularmente o ultimo delles: *Pro parte Charissimorum*, com que os Padres Observantes os tinham lançado dos seus Conventos. Porém como sobreveio logo a morte do Pontifice, se não pode dar o Breve à execução. Succedeo no Pontificado a Alexandre VI. Pio III. que não durou mais que vinte e seis dias; cuja morte foi tão chorada, como a eleição tinha sido applaudida, por ser hum sujeito, que promettião suas prendas grandes felicidades à Igreja. No breve tempo, que governou a barca de S. Pedro, o informarão os Capuchos de sua causa. Já estava inclinado à sua supplica, e sem duvida lhes outorgára o favor, que pedião, se a morte anticipadamente o não estorvára.

4 Entrarão os Cardeaes à eleição de novo Pontifice, e sahio nella Juliano, Cardeal do titulo de S. Pedro, o qual se chamou Julio II. e foi este Pontifice devoto particular de nossa Religião Serafica, por ter sido seu Protector trinta e quatro annos; que supposto as dignidades mudão a vontade, e affeição, quando esta vem de lon-

ge, pelas raizes, que tem creado, não ha dignidade, que a mude. Logo depois de eleito, se lhes forão apresentar os Capuchos: mostrarão-lhe os Breves, que de Alexandre VI. tinham alcançado, com o revogatorio, que por parte dos Reis Catholicos tinha expedido, e relatando-lhe as molestias, que os vexavão, lhe pedirão humildemente os soccorresse. Mostrou-se o Pontifice compassivo de seus trabalhos, propoz em seu animo favorecer as duas Custodias; que em effeito logo poz por obra, passando dous Breves mui favoraveis: o primeiro dirigido a Fr. João de Guadalupe, pelo que tocava à Custodia do Santo Evangelho: o segundo a Fr. Pedro de Melgar, pelo que pertencia à de nossa Senhora da Luz, de quem elle era Prelado. Começão ambos: *Rationi congruit, & convenit honestati, &c.* Sua data foi em o dia de sua coroação, vinte e seis de Novembro do anno de 1503. e primeiro de seu Pontificado.

5 Hum, e outro traz Waddingo, o ainda que o dirigido a Fr. Pedro põe hum anno depois de sua data, finalando-lhe o de 1504. sendo assim que não foi senão o de 1503. como se vê de hum traslado seu autenticado em Truxillo, que temos já referido muitas vezes, e se

con-

Wadd.
tom. 8. in
Reg. Pont.
ad ann.
1503. n. 1.
& 1504.
num. 15.

^b
Habetur
in Conv.
Piet.

conserva no Arquivo desta Provincia. ^b Nelles revalidava o Summo Pontifice as graças, indultos, e privilegios, que seu mediato predecessor Alexandre VI. havia concedido por diversos Breves aos dous Custodios da Congregação dos Capuchos; especialmente confirma o ultimo, dado a seis de Maio, declarando ser sua vontade, que este que se não deo à execução por causa da morte de seu Predecessor, valha, como se logo então tivera o devido effeito. Manda tambem sob graves penas, que nenhum seu inferior se atreva pôr a este Breve impedimento, e que posposta toda a appellação, se lhe dê o cumprimento devido. No mesmo dia alcançou Fr. Pedro de Melgar outro Breve, que começa: *Dudum felicitis recordationis, &c.* Onde demais de conter ^c o que os dous primeiros, põe o Pontifice pena de excommunhão a quem dissesse, ou publicasse que os Capuchos estavam incurfos em censuras, por não obedecerem aos Prelados da Observancia; que he o que publicavão seus contrarios, para assim moverem contra elles os Reis Catholicos, e povos.

^c
Asservatur
ibidem.

Supposto que a data de Letras tão favoraveis se deva attribuir à justiça, que os Capuchos tinham de sua parte, com

tudo muito se deve às diligencias de George Bispo Portuense, que nella intervierão, como dos mesmos Breves consta: que isto devem os nossos Capuchos a Portugal; que em toda a parte, que pleitiarão sua causa, acharão nos Portuguezes o melhor favor, e arrimo. Era este Prelado Vice-Protektor da Ordem, que pelo favor, que nos deo, e por nosso natural, está pedindo o agradecimento façamos nesta Chronica alguma memoria delle; ainda que será breve, e de passagem. Foi este celebre Varão natural de Alpedrinha, Villa no Bispado da Guarda: chegou ao cume das superiores dignidades da Igreja; nem ha memoria nos Escritores, que faça menção de outro, que em bens, e rendas Ecclesiasticas fosse tão prospero. A causa de se ausentar este Varão de Portugal para Italia foi a privança, que teve com El Rei D. Affonso V. pois invejando o Principe D. João os extraordinarios favores, que seu pai lhe fazia, esteve D. George tão arriscado por esta causa, que lhe foi necessario ausentar-se. Supposto que mudou de lugar, não mudou de ventura; pois em Roma obteve as maiores dignidades: tanto assim, que esteve igual em votos para ser Papa com o Cardeal Borja, que no Pontificado se cha-

^d
Agiol.
sit. Com.
ment.
tom. 2.
de Mar.
lit. B.
Sever.
ticias d
Portug
§. 11. P
D. Roc
da Cur
nos Bis
do Por
e Arce
bispos
Braga.

inou

mou Alexandre VI. a quem largou a pertença, contentando-se com ter o governo de Portugal, a fim de encontrar ao Principe D. João, como o fez, depois que este do Reino teve a Coroa. Entre as muitas cousas dignas de louvor, que teve este grande Prelado, foi humas dellas hum affecto tão particular a Santa Catharina Virgem Martyr, (cuja devoção nos he mui agradável) que deixados os brazões, e timbres de seus avós, tomou por armas a sua roda de navalhas. Por meio pois deste Varão alcançarão os Capuchos as Letras de Julio II. tão favoráveis, que já com ellas estavam para partir a Hespanha, se lhes não sobrevierão novos impedimentos, e obstáculos.

CAPITULO XX.

Diligencias, que fez Fr. Antonio de Ricon por impedir os Breves dos Capuchos, e como por elles se deo sentença.

QUando os Religiosos, que acompanhavam a Fr. João de Guadalupe chegarão a Roma com as novas de sua morte, como deixamos escrito, a foi já a tempo, que Fr. Pedro de Melgar, e Fr. Anjo tinham alcançado de Julio II. os trez Breves referidos. Como pois por morte de

Fr. João ficasse a Custodia do Santo Euangelho sem Prelado, de consentimento do Commissario Geral da Ordem, a quem tinham feito supplica para este effeito, em ausencia do Geral Fr. Egidio de Amelia, elegêrão a Fr. Pedro de Melgar uniformemente por Custodio, e Prelado daquela familia, e Congregação, unindo-se aqui as duas Custodias debaixo de hum só cabeça, sendo até este tempo distintas; o que tudo confirmou o Commissario Geral. Estando já todos para se partirem a Hespanha, os deteve o Procurador da Provincia de Sant-Iago Fr. Antonio de Rincon; que o desejo, que tinha este Padre de impedir aos Capuchos, e dar satisfação de seu officio, lhe deo forças para se pôr a caminho a pleitiar sua causa. Maltratado estava ainda dos tratos, que os ladrões lhe derão; porém considerando que a diligencia, se não he a que nos pleitos negoceia o despacho, ao menos se dilatão sem esta, tirou forças da fraqueza, e foi tratar a Roma de seu negocio. Tanto que chegou a esta Curia, deo as cartas, que em seu favor levava, ajuntou-se com o Padre Fr. Diogo de Azevedo, Commissario da Familia Cismontana de Observantes; ambos, sabendo dos Breves, que já erão passados, excogitavão meios,

meios , para que se revogassem ; para cujo effeito fizeram nova supplica ao Papa, allegando nella diffusamente todas as razões , que podião fazer por sua parte. Não se descuidavão neste tempo os Capuchos , que como tiveram noticia das diligencias de Fr. Antonio , e como o conhecimento por sagaz , e astuto , sabião lhes era necessario todo o cuidado da sua parte. Apõs a supplica , que elle fez , fizeram tambem outra em sua defenfa , e como a de Fr. Antonio se fundava em razões mui apparentes , embarçou algum tempo a decisão naquella causa.

2 Mandou o Summo Pontifice , que de nenhuma das partes lhe fosse feita supplica de novo , mas que fossem com todos os papeis a Jeremias Bispo Assisnatense, seu Legado Apostolico , para que conforme ao que já achasse allegado , e informação , que por outra via fizesse , como Juiz executor , segundo direito , e justiça , dèsse sentença. Bem pareceo logo a Fr. Antonio , como vio a resolução do Papa , que já a sua pertença não levava bom caminho , pois se lhe não querião admittir novas allegações , e supplicas , em que elle fundava suas esperanças. E como confiava pouco de seu direito , porque só erão apparentes as razões , que allegava , resolveo-

se usar de sua sagacidade , e valias , pelas quaes alcançou do Juiz , que fosse differindo a causa muito tempo ; por ver se com isto enfadados os Capuchos , deixavão Roma ; parecendo-lhe que não estando presentes , se podia fazer com facilidade , que contra elles se dèsse a sentença , ou que molestados da demasiada dilação , e constrangidos das necessidades , que em Roma padecião , chegassem a pedir concerto , ou algum partido.

3 Não lhe succedeo porém como cuidava , pois Deos nosso Senhor tantas forças espirituaes deo a seus servos , que com serem os trabalhos muitos , não affroxarão nelles : e na verdade foi obra de Deos , e maravilha grande perseverarem os Capuchos em sua pertença , combatidos com tantos , e tão varios trabalhos ; porque se bem o consideramos , depois que N. Padre S. Francisco fez sua Regra , não houve Frades seus , que pela perfeição della tanto , como estes , padecessem ; mas o Senhor , que lhes deo espirito para vencerem as contradicções , que tiveram em Hespanha , lhes deo tambem valor para soffrerem as que se lhes offerecêrão em Roma. Agazalhavão-se elles neste tempo em hum pobre casa , na qual sobre a terra dura , e fria fazião suas

camas: tão ricas na sua opinião, quão pobres das coufas necessarias para ellas, pois não constavão mais que de hum feixe de feno, sem outro resguardo, ou abrigo. Nem era este o maior trabalho, que maior o padecião na falta do sustento; e na verdade devia ser traça do Ceo, para que nos trabalhos se apurassem mais aquelles Religiosos.

4. Em tal extremo se virão, que hum a sexta feira pela manhã se foi Fr. Pedro, levando consigo os companheiros, que por todos erão quatorze, à porta do Cardeal Juiz da causa; e sahindo este para ir ao Sacro Palacio, se lhe ajoelhárão os Capuchos, pedindo-lhe com lagrymas quizesse dar a sentença pela parte, em que achasse a justiça. Representarão-lhe as grandes necessidades, que padecião; e como o aspecto macilento confirmava o que encarecião as palavras, entorneceio-se o Cardeal de maneira, que lhes prometteo não se poria o Sol naquelle dia, sem que a sentença se dèsse. Correspondeo o successo à promessa; porque de tarde mandou chamar a Fr. Antonio de Rincon, e estando presentes os Capuchos, se leo por elles a sentença, que ficárão tão alegres, como Fr. Antonio triste, lembrando-se dos tratos sem fruto, que no caminho os ladrões lhe derão.

5. Resolve primeiramente

a sentença, que os Capuchos justa, e licitamente estavão separados dos Conventos, e obediencia dos Padres Observantes, e sujeitos immediatamente ao Prelado Geral de toda a Ordem, vivendo em sua Custodia, conforme as Letras de Alexandre VI. e a confirmação novamente feita por Julio II. Fulmina o Juiz executor hum terrivel processo, em que manda aos Vigarios, Geral, e Provinciaes, e mais Frades da Observancia sob pena de excomunhão *latae sententiae*, privação de seus officios, e outras graves penas, não molestem a Fr. Pedro de Melgar Custodio, antes lhe guardem tudo o que se contém nos Breves, e Apostolicas Letras. Dispõe tambem, que dentro em seis dias, termo finalado, e peremptorio para as trez Canonicas admoestações, depois que forem requeridos, lhe entreguem a Casa de Santa Maria da Luz, com as mais Casas, e Oratorios, que lhe tinham tomado.

6. Com as mesmas censuras, e *poena suspensionis à Divinis*, & *ingressus Ecclesiae* mandada ao Arcebispo de Toledo, e ao Bispo de Placencia, que não consintão serem os Capuchos molestados, antes os defendão, e lhes fação guardar as sobreditas Letras. Aos Conventos, Collegios, ou Com-

munidades, que contra isto forem, põe *ipso facto* sentença de interdicto Ecclesiastico, e suspensão à *Divinis*. Assim também manda sob a mesma pena de excommunhão ao Rei Dom Fernando, e Rainha D. Isabel, e a todos os Juizes, e Justiças de seus Reinos, guardem, e fação cumprir em todo esta determinação, e sentença. Expedio-se em Roma a vinte e quatro de Março de 1504. começa: *Jeremias Dei, & Apostolica sedis gratia Episcopus Assisinatensis, &c.* Traz em si insertos os dous Breves, que de Julio II. impetrou Fr. Pedro, convem a saber, o *Rationi congruit*, e o *Dudum felicis*; não faz menção do Breve dirigido a Fr. João de Guadalupe, nem ainda nomea a este Veneravel Religioso; porque como já era morto, e as duas Custodias estavam unidas debaixo de hum só Prelado, que era Fr. Pedro de Melgar, como este fez o requerimento, a elle só expressava o favoravel da sentença.

7 Até este tempo não sabia Frei Antonio de Rincon que era morto Fr. João de Guadalupe, nem que Fr. Pedro estava eleito em Prelado dos Frades da Congregação do Santo Euangelho; mas como ouviu ler a sentença, e soube que era Fr. Pedro cabeça delles, veio com novas objecções, dizendo,

que não podia ser Prelado, por ser Frade leigo. Não admittio o Cardeal Juiz da causa a objecção, por ter pouca entidade, pois a Regra não prohibe as Prelazias aos Frades leigos, antes manifestamente lhas concede. ^b Alguns dias gastou Frei Pedro por tirar as Letras do plico; porque como erão tão pobres, que lhes faltava o sustento, não tinham com que satisfazer aos Officiaes, até que finalmente as muitas supplicas forão o preço, com que se tirárão, offerecendo por paga o amor de Deos. Quando andavão occupados com esta diligencia, lhes sobreveio hum trabalho tão grande, que a anticipar-se poucos dias, nunca os Capuchos tiverão na sua pertençaão tão feliz successo; porque sem duvida os mandarião logo sahir de Roma, pela vigilancia, que sobre elles trazião seus oppostos.

8 Foi o caso, que se virão tocados de peste, de que morrerão dous, ou trez apressadamente; porém não tanto, que não tivessem lugar de se prepararem com os Sacramentos para aquella hora. Este trabalho soffrêrão com grande paciencia; e bem necessaria lhes era, pois cahia já sobre tantos. Se os males, quando vem, não trouxerão companhia, nunca serião tão molestos, e enfadonhos; mas se enfadão tanto, he porque são co-

como goteiras mortas, que em cahindo huma, cahem muitas. Não ha mal, que comfigo não traga outros, razão, porque lhes chamão covardes, pois não vem senão acompanhados; mas como o mundo está tão cheio delles, como poderão deixar de andarem juntos? Para os Capuchos experimentarém todo o género de trabalhos, só as enfermidades lhes faltavão; mas sobrevierão-lhes estas tão terribes, que a huns matarão, e a outros gravemente ferirão. Expedirão-se de Roma o mais brevemente, que lhes foi possível, e puzerão-se a caminho para Hespanha.

CAPITULO XXI.

Em virtude da sentença, que traz o Fr. Pedro de Roma, procura recuperar as Casas, que lhe tinham tomado em Castella.

Mos Agoados estavam os Padres Fr. Diogo de Azevedo, e Fr. Antonio de Rincon, julgando que ficavão affrontadas suas boas letras, perdidas suas diligencias, em fahirem huns homens, desamparados de todo o favor humano, naquella caso de melhor partido. A dor, que os magoava, lhes offerencia novas objecções, com que os impedirem, ainda depois de dada a senten-

ça: não lhes forão porém recebidas do Juiz, pela pouca justiça, que trazião, com que ficou assim a Fr. Pedro livre, e desembaraçado o caminho para vir a Hespanha procurar a execução da sentença, e recuperação das casas, que lhes tinham tomado. O primeiro dia, que fez de jornada, veio dormir a hum Convento dos Padres Claustraes, que com muita caridade o agazalhárão: ao outro dia chegarão a hum Hospital de peregrinos, onde Fr. Pedro, e alguns de seus companheiros adoecerão gravemente, de que huns morrerão, e Fr. Pedro esteve com poucas esperanças de vida. Seis mezes gastou no caminho; porque fahindo de Roma pelo mez de Março, ou principios de Abril, chegou a Truxilho pelo de Setembro, e mais gastára, se a convalescença fora conforme requeria o peso da enfermidade; porém o desejo, que tinha de recuperar as suas casas, lhe fazia apressar o passo, rompendo por todas as difficuldades, que se lhe offercião.

2 Chegou à Cidade de Placencia, apresentou os papeis, que trazia, a D. Gutierre de Toledo; Bispo da mesma Cidade, a quem pedio que lhes fizesse dar a devida execução, como de Roma vinha ordenado. Elle o fez assim, mandando a Fr.

Pedro que fosse a Truxilho com ordem, para que lá o seu Vigario o ajudasse a metter de posse na Casa de nossa Senhora da Luz, que os Padres Observantes lhe havião tomado. A primeira diligencia, que fez Fr. Pedro nesta Cidade, foi pedir ao Vigario lhe mandasse passar alguns traslados dos Breves de Julio II. cujas forças ficão referidas, e da sentença do Juiz executor, receoso de que lhos furtassem, ou perdesse, ou de outro successo semelhante. Passarão-se os traslados a vinte e sete do mez de Setembro do anno de 1504. com os quaes levando consigo os Ministros necessarios para esta diligencia, foi a nossa Senhora da Luz; e não achando no Convento mais de dous Frades Observantes, notificarão os Breves, aos quaes elles obedecerão, deixando logo a Casa, de que tomou posse Fr. Pedro.

3 Os dous Padres, que dalli sahirão despedidos, tanto que derão noticia em o seu Convento da Cidade, do que tinha succedido no da Luz, não foram dos outros bem recebidos, e tendo aquelle successo por offensa, todos juntos foram a nossa Senhora da Luz, com tenção de prenderem a Fr. Pedro, e lhe tomarem o Convento. Achavão-se nelle a este tempo alguns Clerigos, que vinhão dar

os parabens aos Capuchos da recuperação da sua Casa, devotos, e afeiçãoados de Fr. Pedro: estes o defendêrão da violencia, que a não estarem presentes, sem duvida lhe seria feita, segundo a resolução, com que vinhão; mas como os sobreditos Clerigos lho não quizerão consentir, ficarão os Padres com a boa vontade. Recolhidos a seu Convento, tratavão de persuadir às Justiças, que lançassem a Fr. Pedro fóra, e os tornassem a metter de posse daquella Casa. Alguma resistencia fizeram no principio, escusando-se de tal execução, assim por verem a justiça, que os Capuchos tinham naquella causa, como por desejarem a paz, e quietação entre todos. Ameaçavão os Padres Observantes aos Ministros com o Rei, de quem erão mui favorecidos, principalmente em a nova fundação, que fazião em a mesma Cidade de Truxilho: os ameaços fizeram temer a Justiça; já conferião entre si o tempo, e o modo, em que porião por obra o que os Padres lhes pedião. Desta resolução teve logo noticia Fr. Pedro, e por evitar o perigo, que a elle, e a seus Frades ameaçava, se foi para hum Convento de Religiosos Dominicanos. Foi acertado o retiro; porque quando de Verão repentinamente se en-

con-

contrão os ventos, o Ceo se effurece, as nuvens se engrossão, e os trovões soão, de prudentes he buscar lugar seguro, antes que desfeche a tempestade.

4 Em sagrado estava recolhido Fr. Pedro, como se fora criminoso: e não se dando seus oppostos por satisfeitos com a recuperação da Casa de nossa Senhora da Luz, que tanto anhelavão, sabendo como Fr. Pedro estava recolhido em o Convento de nosso Padre São Domingos, forão em busca del-le, e pelo haverem às mãos, fizeram não poucas diligencias. Porém elle, que não estava descuidado, escondidamente sahio do Convento Dominicano, de forte, que quando, quem o vigiava, presumia que o tinha nelle mui seguro, estava elle já junto de Medina, fallando com o Bispo de Placencia, a quem informou do que tinha succedido em sua causa. O Bispo, a quem vinha commettida a execução dos Breves, fulminou as censuras, que dispunhão; de que obrigados os Padres Observantes, restituirão a Fr. Pedro não só a Casa de Truxilho, mas também todas as mais, que lhe haviam tomado em Castella.

5 Os Religiosos, que Fr. Pedro tinha deixado na Estremadura, quando appellou para Roma, como já fica dito, havia já dous mezes no tempo, que

se fazia esta restituição de casas, que estavam na Ilha da Contenda; que numerando o tempo, que nella estiverão, com o mais, que se gastou em os expellirem de Belviz, da Piedade de Villa-Viçosa, e da Serra Dossa, vem a ser quasi anno e meio, que tanto vai do fim de Maio do anno de 1503. em que foi notificado o Breve a Fr. Pedro, até o de Setembro do subsequente anno, em que appareceu com as novas Letras em Truxilho. Da Ilha os chamou a si, e com elles povoou as Casas restituidas, accitou outra de novo em Albuquerque, e hum sitio em Lobão, e finalmente começou a fundar a casa de Belviz em cima na Hermida.

CAPITULO XXII.

Chama outra vez o Duque Dom Jaime os Capuchos para Portugal, onde lhes procura Conventos, em que vivão.

1 Quando Fr. Pedro andava occupado nas diligencias, que fazia por sustentar as casas, que tinha fundado em Castella, a devoção do Duque Dom Jaime, que estava mui saudoso dos seus Capuchos, lhes diligenciava Conventos em Portugal, onde vivessem. Achava-se elle neste tempo em Guimarães, Vil-

Villa principal de seus estados, e hum das nobres, e notaveis do Reino; na qual soube os successos, que por elles tinham passado em Castella, e como estavam de presente com as novas Letras, que de Roma em seu favor traziaõ. Para os metter outra vez em Portugal, fallou com Fr. João de Chaves, Mestre em Santa Theologia, e Provincial da Santa Provincia de Portugal, que então era dos Conventuaes, homem de grande espirito, e religião, e como tal mui affeiçãoado a gente recoleta. Propoz-lhe o Duque o grande gosto, que teria em os Capuchos tornarem para este Reino; o que se podia fazer facilmente, querendo elle dito Fr. João recebello debaixo de sua obediencia, dando-lhes alguns Conventos, em que morassem. Sem reparo condescendo o Provincial ao desejo, e petição do Duque, dizendo que no Capitulo, que na mesma Villa de Guimarães se havia de celebrar muito cedo, trataria com os Padres da Provincia aquelle negocio, e faria que os Capuchos fossem à sua obediencia recebidos.

2. Celebrou-se o Capitulo no principio do anno de 1505. propoz o Provincial a pertençaõ do Duque, e achou a todos tão inclinados a ella, que logo alli lhes forão assignadas

algumas Casas da dita Provincia de Portugal, em que pudessem viver conforme os Estatutos de sua Reformaço: forão estas ^a a de S. Francisco de Chaves, a de Santa Sita humalegia da Villa de Thomar, e a do Bom Jesus de Barcellos. Avisaõ logo o Duque a Fr. Pedro de Melgar do que no Capitulo de Guimarães à sua instância se tinha ordenado, rogando-lhe com palavras de encarecimento mandasse Frades a Portugal, e tornasse a proseguir o que Fr. João de Guadalupe tinha começado. Não recusou Fr. Pedro o concerto, sujeitou-se à obediencia do Provincial, supposto que os Breves de Julio II. o fazião immediato ao Geral da Ordem; porque como se não promettia segurança em Castella, (assim lho tinha ensinado a experiencia) não reparou em aquella nova obediencia; prevendo talvez que as casas de Portugal lhe havião de ser amparo em as contradicções que tivesse, como brevemente vio em hum terrivel tempestade, que lhe sobreveio em Castella.

3. Já alguém disse ^b que parecia monstrosidade estar a Congregação do Santo Evangelho, de que era Prelado Fr. Pedro, sujeita, quanto às casas de Castella, immediatamente ao Ministro Geral, e quanto às de Portugal ao Provincial dos

Con-

^a
Chron.
Portug.
2. p. 1. 1.
c. 37. n.
e c. 41. n.

^b
Chron.
S. Mich.
1. 5. c. 6.

Conventuaes, ficando assim Fr. Pedro por huma parte immediato ao Geral da Ordem, e por outra mediato ao mesmo. E supposto que aquelle Chronista não ousa a condenar a tenção de Fr. Pedro, pois diz que seria racional, e boa, accrescenta porém que estava sujeita a discursos alheios. Se esta razão fora bastante a estorvar as tenções, que de si são boas, e racionais, muitas acções qualificadas se não porião em execução; pois não ha nenhuma, por mais ajustada que seja, que esteja livre de alheios discursos: e ninguém dirá que por fugir a semelhantes juizos, se devia deixar o que de si he bom, e racional. Que inconveniente era que huma das duas Custodias fosse immediata ao Geral, e a outra aos Provinciaes da Conventualidade, quando ambas ellas olhavam a huma só cabeça, que era o Ministro Geral da Ordem? Que em Castella se lhe sujeitasse Fr. Pedro Prelado de ambas por immediata sujeição, e em Portugal caminhasse pela obediencia dos Provinciaes, tudo era sujeição a huma suprema cabeça, que ninguém com razão pôde chamar monstrosidade.

4 Achou Fr. Pedro que assim era conveniente para conservação daquella nova planta, que criava em rigor, e aspere-

za de vida; e maior inconveniente fora não seguir a vocação de seu espirito, que proseguilla sujeito a discursos alheios, principalmente quando nenhum, que estivesse livre de paixão, condenaria o que de si era justo, e racional. Se se não fez reparo em perseguir de tal sorte a huns pobres Frades, que aspiravam a vida mais estreita, e mais pura observancia de sua Regra, que se virão obrigados a viver pelos desertos, como nos estevas de Belviz, Serra Dossa, e Ilha da Contenda, sendo isto de si mais sujeito a discursos alheios, em huma couza conveniente, racional, e boa, que razão havia para de semelhantes juizos fazer caso? O successo mostrou fora acertada a obediencia, e sujeição, que Fr. Pedro deo ao Provincial da Conventualidade em Portugal; pois por meio della teve Conventos, em que sempre se conservou, sem o lançarem fóra, nem lhos derribarem, como lhe fizeram em Castella.

5 Assentado por Fr. Pedro aceitar as casas em Portugal, na fórma, em que tinha ordenado o Duque, mandou Frades a este Reino, onde, tanto que chegáram, derão em nome de seu Prelado obediencia ao Provincial dos Conventuaes Fr. João de Chaves, e recebêram as trez casas, que lhes foram af-

affinaladas no Capitulo de Guimarães ; logo depois da qual recepção mandou o Duque edificar à sua custa outro Convento em hum fresco, e aprazivel bosque, que tinha junto à sua Villa de Borba, em lugar do da Piedade, em que estavam os Padres Observantes desde o anno de 1503. quando sahirão d'elle os Capuchos, nem o deixarão senão no de 1508. como diremos a seu tempo. Tudo isto succedeo em o anno de 1505. como consta de hum Breve de Julio II. em confirmação da obediencia, que os Capuchos derão a Fr. João de Chaves, e da data das Casas, que d'elle recebêrão.

6 Donde se infere que se enganou na computação dos tempos quem disse ^c que forão estas Casas dadas aos Capuchos, depois que Fr. Anjo de Valhadolid impetrou hum Breve amplissimo para de ambas as Custodias fazer huma Provincia: sendo assim que o Breve de Fr. Anjo foi passado no anno de 1508. e o Capitulo de Guimarães celebrou-se em o de 1505. como fica dito. Assim tambem se enganou em dizer ^d que morrerá Fr. João de Guadalupe indo para Roma ao Capitulo Geral celebrado em o anno de 1506. e que Fr. Pedro de Melgar recuperára as casas de Castella depois do dito Capitulo:

^d
Idem c. 2.
e 9. in fin.
Chron. P.
S. Gabr.
l. 1. cap. 11.

o que he engano manifesto, como consta não só dos Memoriaes desta Provincia, e senão tambem do da Ordem, que anda impresso no livro intitulado: *Monumenta Ordinis Minorum*, ^f onde o Author faz menção de Fr. João de Guadalupe, e diz d'elle que morreo indo para Roma buscar recurso do Breve de Alexandre VI. à instancia dos Reis Catholicos concedido. E que depois da morte de Fr. João, Fr. Pedro de Melgar, e Fr. Anjo de Valhadolid corrião com a demanda: os quaes por Breve de Julio II. estavam mettidos de posse das Casas, que primeiro tinham feito, tudo isto antes do sobredito Capitulo Geral; pois quando este em Roma se celebrava, estava este Author imprimindo em Salamanca, e sahio com o livro, antes que os Vogaes viessem de Roma, por cuja causa, como elle diz, ^g não trata do que nelle succedeo, pois lhe faltavão as noticias. E se o Author não sabia ainda do Capitulo, e sabia já da morte de Fr. João, e das Casas, que Fr. Pedro de Melgar tinha recuperado com tantos embarços, e dilações de tempo, manifesto fica que assim a recuperação das Casas, como a morte de Fr. João, foi antes deste Capitulo Generalissimo; que supposto que aquelle Author, fóra dos termos Re-

Chron.
antig.
Prov.
cap. 28.
Sinde
Conve
ção R
giofa
gundo
cap. 9.
Mon.
trat. 3.
fol. 22
229. 1
preff.

Ibi fol.
p. 2.

ligiosos, com demaziada mordacidade, e conhecida paixão, justamente reprehendida dos mais Historiadores da Ordem, fallou do Veneravel Guadalupe, com tudo na computação dos annos merece credito, porque escreveo naquelle tempo.

7 Tambem he conjectura evidente de que Frei João de Guadalupe morreo antes do tempo finalado pelos ditos Authores, isto he, o anno de 1505. indo para Roma ao Capitulo Geral; o vemos que os Breves *Rationi congrui*, e *Dudum felicitis*, que Julio II. passou em favor das duas Custodias no anno de 1503. forão processados no de 1504. por Jeremias Bispo Affissinatense, a requerimento de Fr. Pedro de Melgar, e a elle dirigido o favoravel da sentença, sem que faça menção alguma do Veneravel Guadalupe, o que não fora assim, a ser elle vivo, porque como era o principal daquella Familia, a elle tocava o requerimento para o processo, e depois o favoravel da sentença para a execução. Demais que, sendo a morte do Veneravel Guadalupe pelo mez de Setembro, como sentem huns, ou de Outubro, como dizem outros, do anno de 1505. duas jornadas antes de Roma, de caminho para o Capitulo Geral, como elles dizem, não he crível se an-

ticipassem tanto os dous Custodios, que fossem esperar em Roma oito, ou nove mezes a celebração do dito Capitulo, e que por só esta occasião deixassem tanto tempo as suas Custodias, quando ellas mais necessitavão de sua presença. De tudo o qual se colhe, que a morte do Veneravel Guadalupe foi no anno de 1503. como dizem uniformemente os nossos Memoriaes.

CAPITULO XXIII.

Varios successos, que passão os Capuchos em os Conventos de Castella.

I. **J**A' em Portugal lo-
gravão quietação os
Capuchos do Santo
Euangelho, porque vivião pacificamente nas trez Casas, que os Claustraes lhe havião dado, e intendião na fundação de outra no Bosque de Borba, sem haver quem os molestasse. Os que relidião em Castella, corrião varia fortuna em seus successos, sem poderem ter nelles persistencia, por mais diligencias que para isso fazião; porque já os lançavão fóra de seus Conventos, já se restituião outra vez a elles em virtude das censuras, sem que as opposições, que de novo lhes urdião, os deixassem viver quietos. Re-

cuperadas as Casas a primeira vez, quando logo vierão de Roma, não lhes durou muito o socego nellas, porque dahi os lançarão logo os Padres Observantes; por se livrarem porèm estes das excommunhões, e censuras, que o Arcebispo de Toledo, e o Bispo de Placencia, executores da sentença, lhes intimavão, urdião a perseguição com rebuço, não se mostrando Autores della.

2 Persuadião ao Rei Catholico mandasse por suas Justiças tomar as Casas aos Capuchos, e os não consentisse em seus Reinos fóra da obediencia da Observancia. Representavão-lhe, que era grande agravão o que os Capuchos lhe tinham feito em buscarem revocatoria do seu Breve, que de Alexandre VI. tinha impetrado. Allegavão para este fim outras muitas cousas, que lhes dictava o sentimento de verem que os Capuchos encaminhavão sua Reformação de forte, que a hião estabelecendo na isenção da obediencia à Observancia. Com isto movêrão tanto ao Rei contra os Capuchos, que logo se resolveo mandar por suas Justiças tomar-lhes as Casas, e remettellos prezos aos Conventos da Observancia. E sendo tudo isto tão contrario ao que dispuñhão os Breves, e sentença dada em Roma em favor dos Ca-

puchos, não faltou quem justificasse assim o proceder do Rei no que executou, como a diligencia dos Padres Observantes^a no que lhe induzirão, dizendo, que aquelle o podia fazer licitamente em seu Reino, e que estes obedecendo, em quanto era de sua parte, aos mandatos Apostolicos, podião seguir sua pertença, pois era fundada em justiça.

3 Boa pareceria esta acção àquelle Author; porèm com mais fundamento, e razão sujeita a discursos alheios, que à obediencia, que Fr. Pedro de Melgar deo em Portugal aos Conventuaes; porque primeiramente, quanto ao proceder do Rei, tinha tão pouco de justificado, que totalmente obrava contra as disposições do Pontifice, o que licitamente não podia fazer, ainda que fosse em seu Reino. Mandava o Pontifice (como se lê na sobredita sentença) ao Rei Catholico, e a todos seus vassallos, que exercitassem algum officio de governo, assim politico, como militar, com grandes censuras, dessem todo o adjutorio a Fr. Pedro para recuperar as Casas, e o fizessem viver pacificamente nellas. O Rei persuadido dos informantes obrava tanto em contrario, que em lugar de o favorecer, o perseguia; e sendo isto tanto contra as disposições

Chron. P.
S. Mich.
s. c. 6.

ções Pontificias , não se póde chamar proceder justificado : bem he verdade , que persuadido o dito Rei de algumas razões apparentes , que lhe allegassem , julgaria que obrava com justiça , que assim me persuado de hum Rei tão Catholico , e pio , como elle era.

4 Quanto aos Padres Observantes da Provincia de Santiago , não sei na verdade em que obedecião aos mandatos Apostolicos , pois obrigando-os estes com excommunhões , e censuras , que por nenhuma via molestassem aos Capuchos , elles os perseguião , ainda que com disfarce , induzindo ao Rei a que lhes tomasse as Casas : e ninguem dirá , que isto , quanto da sua parte , he obedecer aos mandatos Apostolicos , pois quanto podião da sua parte se lhe oppunhão ; que o não os molestarem em publico , era porque os Prelados executores dos Breves de Julio II lhes intimavão as penas nelles conteúdas , e por fugirem à intimação destas , urdião a perseguição daquella sorte. E ainda que a perrenção de reduzirem a si aos Capuchos , tomando-lhes suas Casas , fosse fundada em justiça , (ponto , cuja resolução deixo ao Leitor desta Historia) não a podião seguir ante o tribunal absoluto de hum Rei , mas ante o do Pontifice , de cuja

authoridade estavam os Capuchos separados da Observancia naquellas pequenas Casas , em que vivião ; que não podia resolver hum inferior , como era o Rei , contra o que o superior , qual era o Pontifice , tinha determinado ; e sollicitar esta resolução absoluta não he proceder justificado.

5 Teve porém effeito a persuasão , pois hum Alcaide , de ordem especial do Rei , entrou huma noite em a Cidade de Truxilho , onde secretamente convocou as Justiças della , com as quaes foi a Santa Maria da Luz : chegarão a tempo que os Capuchos estavam rezando Matinas no Coro , donde os tirarão , e levarão prezos. Não parou só nisto seu bom zelo , com que dizião fazer estas cousas , senão que ao outro dia os levarão prezos com tanto alvoroço , como se forão facinorosos , e como se acharão em algum sacrilego furto aos que prendêrão louvando a Deos em o Coro. Entre os Frades , que alli prendêrão , dous delles erão de particular virtude , e mais assinalados entre todos , convém a saber , Fr. João de Avila actualmente Guardião , e dos primeiros companheiros de Fr. Pedro de Melgar , o outro era hum Prégador naquelle tempo de grande fama , tão zeloso da perfeição de sua Regra , que

muitas vezes antes de sua morte lhe ouvirão dizer, que havia de morrer por ella. Assim succedeo, pois estando mal disposto, quando com os mais hia prezo caminho de Salamanca, e respeitando pouco a isso os Ministros da Justiça, que o levavão, com a pressa, a que o obrigarão, e máo tratamento, que lhe derão, veio a morrer no caminho. ^b Levárão seu corpo a huma Aldea, que alli estava perto, pedirão ao Cura lhe dêsse sepultura, o que elle fez com mais piedade, do que elles tinham usado com o defunto. Depois da morte deste Religioso, deo o Cura testemunho de ver muitas vezes de noite sobre sua sepultura huma luz muito clara, e resplandecente, indicio manifesto, com que Deos quiz mostrar (ao que podemos crer piamente) quão aceita lhe fora sua vida; que de semelhantes demonstraões usa este Senhor para acreditar a morte de seus servos, como se vio nos Martyres do Japão, onde em colunas de admiravel resplendor approvou seu martyrio, e manifestou sua gloria, como diz o Author, ^c que escreve sua vida.

6 Depois de prezos os Religiosos, que assistião no Convento de Truxillo, e entregues no Convento de nosso Padre São Francisco de Salamanca, se fez

o mesmo aos da Casa de Lobão, não sem grande espanto da gente dos povos, que grandemente estavam edificadoss do proceder, e modo de vida destes Religiosos, entendendo que não se apartavão temerariamente, e contra a devida obediencia, como se dizia, senão com licença do Geral da Ordem, e Summo Pontifice Romano, nem para viverem em liberdade, e relaxadamente, senão com zelo de maior rigor, e perfeição de virtude. Estava neste tempo Fr. Pedro de Melgar em Salvaterra, quando lhe chegarão as novas do que tinha passado em Truxillo, e Lobão; soube miudamente do successo, e prizão de seus Frades, e sendo as novas taes, que traspassavão seu coração compassivo, não mostrou mudança no semblante, antes representava estremado socego. Tratou logo do remedio opportuno; partio-se caminho de Albuquerque, donde avisou aos que estavam em nossa Senhora da Luz de Alconchel, mandando-lhes, que, deixando aquella Casa, passassem às de Portugal, porque os de Albuquerque fazião o mesmo.

7 Postos assim em salvo, se foi ter com o Bispo de Placencia seu Conservador, o qual lhe deo bastante ordem, e mandamento para seu Provisor, e justiças em Truxillo, que lhe fi-

^b
Chron.
Antig. da
Prov. 1. 1.
c. 29.
Sinde cit.

^c
Daça 4. p.
1. 2. c. 7.

fizessem restituir as Casas tomadas, e conservar a posse das outras. Veio Fr. Pedro a Truxilho; mas como neste tempo estivesse o Provisor ausente da Cidade, Fr. Pedro, e seu companheiro forão prezos, e mettidos no carcere até à vinda do Provisor, o qual em chegando, mandou com graves penas, e censuras, que lhe entregassem os prezos; e o Bispo como o foubé, inhibindo os Juizes, poz interdicto à Cidade, e mandou que abertas as portas do seu carcere, em que estavam, os deixassem ir livremente; mas elles, por não parecer que erão soltos por favor, não se quizerão sahir, senão por ordem jurídica, citadas as partes, e dada sentença como sua prizão era injusta, e invalida.

8 Com esta sentença forão postos em sua liberdade; mas nunca pudérão effectuar que lhes fosse restituida a Casa de Truxilho, porque os Padres que nella estavam, dizião que a ella tinham direito, por terem já na Cidade Convento, e ser disposição do Rei Catholico que vivessem tambem naquelle Heremitorio, assegurando-os com sua palavra naquella manutencencia. Vendo pois Fr. Pedro que erão sem fruto as diligencias, que fazia, para recuperar a Casa de Truxilho, pela nova razão, que, para a não entrega-

rem, allegavão, foi a entender na recuperação das outras. Todas lhe forão restituidas, excepto a de Alconchel, onde achou a mesma resistencia, que na de Truxilho.

CAPITULO XXIV.

Envia Fr. Anjo de Valbadolid de Roma huma Patente, em que o Geral confirma a Frei Pedro em Prelado da Familia do Santo Euangelho.

NO tempo, em que os Religiosos do Santo Euangelho, por morte do Veneravel Guadalupe, fizerão eleição de Prelado em Fr. Pedro de Melgar, unindo-se assim as duas Custodias, como temos dito, não se achava o Geral da Ordem em Roma, por cuja causa a nova eleição, que fizerão, foi só confirmada pelo seu Commissario. E supposto que para a subsistencia della bastava esta confirmação, com tudo para maior firmeza, tanto que o Geral chegou àquella Curia, procurou Fr. Anjo estabelecêse novamente o que o seu Commissario tinha approvado. Passou o Geral huma Patente na forma, em que se lhe pedia: esta se conserva no arquivo ^a da Provincia com o sello impresso em cera vermelha pendente em huma caixa de latão, cuja data foi

Habetur in
Conventu
Pietatis.

em

em S. Pedro de Montorio em 6. de Novembro do anno de 1505. começa: *Cum felicis recordationis*, &c. e traduzida fielmente do seu original Latino, he na maneira seguinte.

2 Ao Carissimo Irmão em Christo Fr. Pedro de Melgar, professor da Ordem dos Menores, que vive na obediencia della mais estreita, Fr. Egidio Delfim de Amelia, professor da Sagrada Pagina, e de toda a mesma Ordem servo, e Geral Ministro, faude, e paz em o Senhor sempiterna. Como quer que o Senhor Papa Alexandre VI. de felice memoria, sollicito da faude, e conservação dos Frades Menores, que vivem na dita obediencia, e simples observancia do Euangelho de nosso Senhor, conforme a Regra, e modo de viver de S. Francisco, com consentimento do Reverendissimo Padre, e Senhor Cardeal de Portugal, então Vice-Protector, (este era D. Jorge da Costa, de quem já fizemos menção ^b) e tambem de nosso consentimento, constituo, ou levantou duas Custodias, convem a saber, a do Santo Euangelho, e a de Santa Maria da Luz, immediatas à nossa obediencia; e como quer que tambem concedesse mais outras algumas graças, assim a vós, como a Fr. João de Guadalupe, e a todos vossos companheiros,

^b
Supr. c. 19.

conforme nas Bullas Apostolicas mais largamente se contém, daqui he que considerando eu a multidão dos Frades da mesma Ordem, e a diversidade de suas vidas, confiado em o Senhor, e tomado conselho com alguns Ministros, e professores da Sagrada Theologia, e com outros Frades da mesma Ordem, perfeitos, e approvados, os quaes louvarão aquillo, que Alexandre VI. tinha mandado nas suas Bullas para augmento, e bom governo dos Frades Menores presentes, e futuros da Familia do Santo Euangelho das ditas Custodias, em qualquer parte que estejam debaixo da obediencia mais estreita, as quaes cousas todas, e cada huma por si, conteúdas nas Letras Apostolicas para vós, para vossos Frades, e Casas da dita Familia, eu as confirmo, e approvo, e por mim, e meus successores de novo as constituo.

3 Tambem pelas presentes a vós dito Fr. Pedro, de cuja vida louvavel, madureza de costumes, constante firmeza, e sufficiencia de governo bastantemente tenho noticia; de todos os ditos Frades, e lugares, que agora tendes, e ao diante tereis, de motu proprio, e de certa sciencia, e com a authoridade, que tenho, vos deputo por meu Vigario, e Commissario, e assim deputado por tal

vos

vos declaro , para que tenhais cuidado de todos os ditos Frades , e lugares ; e assim a vós , como a vossos successores , que forem pelo tempo adiante , vos instituo , e instituidos vos declaro por meus Vigarios , e Commissarios sobre todos os ditos Frades , dando-vos pelas presentes , assim a vós , como a elles , plenariamente todas minhas vezes , toda minha authoridade , e faculdade ; e assim vós , como vossos successores , podereis confirmar a dous dos mesmos Frades em Custodios das ditas duas Custodias ; e assim vós , como elles , (segundo he costume na Religião) podereis , e estareis obrigados a eleger de trez em trez annos hum de vossos companheiros em Vigario , e Commissario meu , e servo vosso. E o assim eleito estará obrigado dentro em hum anno desde o dia de sua eleição a pedir-me a mim , ou a meus successores a confirmação della , que apresentará nos Conventos de vossa Familia. Entretanto porém que a não alcança , terá o mesmo poder , e a mesma superioridade , e authoridade , que houvera de ter depois de alcançada , e para isto revogo todos os poderes de quaesquer meus Commissarios , e successores , de qualquer dignidade que sejam , assim presentes , como futuros , e assim revoga-

dos os annullo , e por taes os julgo , e determino.

4 Pelo teor das presentes concedo tambem assim a vós , como a vossos successores , que nos Reinos de Hespanha , e em quaesquer outras partes , e senhórios possais por vós , e por outros Frades vossos em vosso nome receber quaesquer Heremitorios , Oratorios , Casas , e lugares para vossa habitação , e morada , e que os possais ter , e habitar em perpetuo uso vosso , e de todos vossos Frades , presentes , e futuros , com tal condição , que os taes lugares vos sejam dados , offerecidos , e permittidos pelos Bispos , e Prelados , pelos povos , e gentes , para nelles servires a Deos , com tanto que para o recebimento dos ditos lugares tenhais licença da Sé Apostolica. Demais de tudo isto dou licença , e faculdade a vós , e a vossos successores , para que possais receber quaesquer Frades , que a vós vierem dos Conventuaes , ou Observantes , e os possais encorporar em vossa vida mais estreita de tal maneira , que depois de encorporados entre vós não possão tornar para donde vierão , nem elles os poderão receber. Dou-vos tambem a vós , e a vossos successores minha plenaria authoridade , poder , e faculdade , em geral , e em particular , no espiritual , e

no temporal àcerca deſſes meſmos Frades , e lugares , para que poſſais fazer , tratar , ordenar , eſtatuir , diſpôr , miniſtrar , diſpensar , e abſolver de quaefquer caſos a mim reſervados , e iſto por vós , ou por outros quaefquer Frades por vós deputados , da maneira que eu o fizera , ſe eſtivera preſente , todas as quaes couſas pelas preſentes Letras as hei por ſufficientemente declaradas.

5 Além diſto as meſmas faculdades , graças , e poderes por mim a vós , e a voſſos ſucceſſores em eſſas partes concedidas , as concedo , e quero que ſejão concedidas a outros Frades , que julgardes idoneos para iſſo , ſobre o qual encargo a voſſa , e as ſuas conſciencias. E mando a todos , e a quaefquer dos ditos Frades em virtude do Eſpirito Santo , e merito da ſanta obediencia , que poſta de parte qualquer appellação , humilde , e firmemente vos obedeção em todas as couſas , como a minha propria peſſoa. Tambem mando, que por nenhuma cauſa os ditos Frades , por ſe livrarem da voſſa correção , ou caſtigo , fujão de voſſa obediencia ; e ſe já tiverem fugido , os Miniſtros Provinciaes , Vigarios , Guardiães , Cuſtodios , Preſidentes , onde quer que eſtiverem , ou quaefquer outros Frades , de qualquer dignida-

de , que ſejão , tendo-os em ſeu poder , ſob pena de privação de ſeus officios , dos actos legitimos , e de excommunhão *latæ ſententiæ ipſo facto incurrenda* , vo-los entreguem , e debaixo das meſmas penas os não recebão. Ultimamente mando ſob as meſmas penas , que nenhum meu inferior ſe metta , nem pretenda inquietar-vos , nem eſtorvar-vos , nem entendão em voſſo governo , ainda que para aſſim o fazerem moſtrem Letras minhas , ſalvo nellas fizer das preſentes expreſſa , e declarada menção. Chriſto vos guarde , e rogai por mim. Dada em Roma em S. Pedro de Monte Aureo , anno do Senhor 1505. aos ſeis dias do mez de Novembro.

Fr. Egidio Geral , que eſtas couſas inſtitue , concede , e manda , em quanto ſua authoridade ſe extende. *Manu propria.*

6 Suppoſto que as Letras do Geral não podião accreſcentar forças aos Breves do Pontifice , e ſentença do Juiz executor , ſervirão com tudo de apagarem em parte a voz , que corria , que os ditos Breves erão ſubrepticios , e nullo , por onde com ellas acabou Fr. Pedro de recuperar a Caſa de Alconchel ; não pode com tudo haver a de Truxillo , que eſtava occupada dos Padres Obſervantes , por ordem , e diſpoſição ,

on. P.
Mich.
c. 6.

como nos dizem ^c do Rei Catholico, a quem allegavão, que por haver já em Truxillo Convento da Ordem, não podião fundar outro os Capuchos. Convocava-se já para o Capitulo Geral, que se havia de ter em Roma pelo mez de Junho da festa do Pentecoste do seguinte anno de 1506. Nelle esperavão os Padres Observantes se acabaria de huma vez a Congregação dos Capuchos, alcançando do Pontifice à instancia do sobredito Rei, para o que se prevenirão, hum Breve, que os incorporasse na Observancia. Esta esperança os fez dissimular com elles aquelle breve tempo, que correo do anno de 1505. até à celebração do dito Capitulo. Neste viveo Fr. Pedro pacificamente nos seus Conventos: e de crer he procederia à eleição dos dous Custodios, como dispunha o Geral na sua Patente, ficando elle por superior a ambos, ainda que disso não temos certeza.

CAPITULO XXV.

Partem os nossos Capuchos a Capitulo Geral, e do que nelle se determina tocante à sua Congregação.

NO tempo, que os nossos Capuchos trazião com os Padres da Observancia

os pleitos, que atrás ficão referidos, não faltavão outros na Ordem entre Observantes, e Conventuaes. Pelo que o Ministro Geral Fr. Egidio de Amelia, considerando o grande proveito, que na Religião resultaria, se em todos os Frades da Ordem houvesse huma uniformidade, determinou valer-se de muitos Principes Christãos, para que a procurassem com todas as suas forças. Para este effeito, depois que fallou com alguns delles em diversas partes, veio a Hespanha à Corte dos Reis Catholicos por duas vezes, ^a a primeira foi no anno de 1503. e a segunda no de 1504. sendo já morta a Rainha. E tratando com o Rei àcerca do intento, que trazia, achou tantas contradicções, e taes impedimentos, que sem averiguar cousa alguma se tornou a Roma, onde fallando com o Summo Pontifice, tão bem lhe soube arrazoar naquella causa, que Julio II. que então era, mandou logo hum Breve passado a 29. de Junho do anno de 1505. e segundo de seu Pontificado, em que dispunha, que para o anno seguinte se juntassem todos os Vogaes da Ordem em Roma pela festa do Pentecoste, como dispõe a Regra, onde se tratasse a união.

² Foi este Capitulo Geral em numero ^b o centesimo, e o

^a Mon. Ord.
traç. 2.
fol. 239.
2. impres.

^b Chr. Ord.
3. p. 18.
c. 24.
Gonz. 1. p.
fol. 26.

sexto dos Generalissimos: nelle se ajuntarão em Ara Cæli, onde se celebrou, mais de quatro mil Religiosos dos Convêntuaes, e Observantes Cisnontanos, e Ultramontanos, e das Congregações reformadas dos Amadeos, Clarenos, Colectaneos, e dos nossos Capuchos do Santo Euangelho, que forão a este Capitulo confiados no bom amparo, que sempre no Geral achárão, o qual sempre desejou favorecellos: com seu favor esperavão vir de là providos, de maneira que os Padres Observantes não pudessem mais contradizellos. O intento do Geral, como já disse, era fazer na Ordem huma união, e reforma; mas não lhe succedendo as coufas, segundo desejava, renunciou o Generalato nas mãos dos Cardeaes, que presidião. Foi logo feita a eleição pelos Convêntuaes, segundo na Ordem era costume, e sahio eleito em Ministro Geral o Padre Fr. Rainaldo Graciano de Cotinhola; não tendo effeito a união procurada.

3 Não foi o successo dos nossos Capuchos tão prospero, como esperavão, porque logo depois da eleição do novo Geral passou o Pontifice hum Breve a dezeseis de Junho do mesmo anno, em que se mudava algum tanto a fórma de vida, que antes tinham. Mandava primei-

ramente, e que para se tirar tanta diversidade de nomes, como na Ordem havia, se reduzissem todas as Congregações a duas tão sómente; convem a saber, a Convêntuaes, ditos Claustreaes, e a Observantes, chamados da Familia. Ordenava depois disto, que todas as mais Congregações de Frades dentro de hum anno dessem obediencia a hum dos Prelados Geraes, qual melhor lhes parecesse, ou ao Ministro Geral dos Convêntuaes, ou aos Vigarios da Observancia, para que não houvesse na Ordem mais nomes que estes; de tal sorte porém, que os que escolhessem a obediencia dos Convêntuaes, vivessem debaixo della, como de antes em suas casas reformadamente, governando-se pelos Prelados de sua reformação, e os que elegeessem a obediencia dos Vigarios da Observancia, fossem unidos, e incorporados nella.

4 Não ficarão satisfeitos os Padres da Provincia de Santiago com esta resolução do Capitulo, e Breve Apostolico, pelo qual os Capuchos podião dar obediencia ao Ministro Geral, ou a qualquer dos Ministros Provinciaes da Conventualidade indeterminadamente; porque desta maneira os que morassem nas Casas, que tinham em Portugal, ficarião como de antes estavam

sujeitos aos Ministros daquella Provincia; o que os Padres Observantes não querião. Pelo que o Vigario Provincial daquella Santa Provincia, com alguns outros de seus Religiosos fallou ao Summo Pontifice, pedindo-lhe da parte do Rei Catholico não consentisse, que os Capuchos do Santo Euangelho fahissem da obediencia da sua Provincia, allegando para isto que a maior parte dos Capuchos tinha fahido della. Inclinado o Pontifice a seus rogos, lhe passou hum Breve ^d em vinte e quatro de Junho do mesmo anno; começa: *Nuper in Generalissimo*, &c. Nelle, entre outras, diz estas palavras: Por quanto fomos informados que a maior parte dos Frades do Santo Euangelho, ou quasi todos, tem fahido da Provincia de Sant-Iago da Familia da Observancia, e que o numero delles não passa de trinta, pouco mais, ou menos: para que tenha effeito o que com tanta instancia nos mandou rogar o Catholico Rei D. Fernando (isto he, que não consentissemos que em seus Reinos, e Senhorios houvesse nomes, e divisões de Frades Franciscanos, mais que Conventuaes, e Observantes) mandamos que todos os sobreditos Capuchos, dentro do termo de hum anno, que no Capitulo foi affinado, dem ordinaria, e immediata obe-

encia ao Ministro Provincial, ou Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, donde fahirão, unindo-se a elle, com todas as Calas, e Eremitorios, que atè agora por authoridade Apostolica tem recebido. E assim mandamos sob pena de excommunhão *latæ sententiæ ipso facto incurrenda*, que não possam de novo edificar Cala alguma, ou recebella, nem ter Custodia separada, mas que escolhão viver debaixo de humas das duas obediencias, e regimento.

5. Parece-me necessario advertir aqui, antes de passar mais adiante, huma cousa, que póde embaraçar aos que forem pouco versados nas Historias de nossa Religião Serafica. Diz o Summo Pontifice nestas Letras, que serão os Capuchos obrigados a dar obediencia, ou ao Ministro Provincial da Provincia de Sant-Iago, ou ao Vigario Provincial da mesma; em que se inculca haverem dous Prelados maiores em huma mesma Provincia. E porque não faça duvida aos menos noticiosos, como temos dito; he de saber que os Catholicos Reis de Hespanha D. Fernando, e D. Isabel ^e impetrarão de Alexandre VI. hum Breve no anno de 1492. em que mandava que todos os Frades Conventuaes de seus Reinos se refor-

Chr. Ord.
3. p. l. 7.
c. 20.

^f
Idem c. 27.

massem, renunciando suas rendas, e privilegios, ou fossem lançados fóra de seus Conventos, entregando-os aos Observantes, para que habitassem nelles. E supposto que este Breve se não deo à execução este anno, teve porém effeito no de 1495. em que o Pontifice passou outro ^f à instancia dos mesmos Reis, dirigido a Fr. Francisco Ximenes, Arcebispo de Toledo, para que o dêsse à execução. Elle o fez assim, reformando os Conventos da Provincia de Castella, e da Conceição, e da de Sant-Iago alguns, deixando outros; porque os Padres Observantes, a quem se entregavão, não tinham copia de Frades para povoarem todos. Os Conventuaes, que ficáram em as Casas, que lhes deixáram, se forão queixar a Roma ao Papa, allegando se haviam com excesso na execução do Breve, o qual o mandou logo suspender, com que ficarão os Padres Observantes com as Casas, que já tinham tomadas, e os Conventuaes com as que ainda possuíam, por cujo respeito o Prelado dos Conventuaes não quiz largar o titulo de Provincial da Provincia de Sant-Iago, e assim se chamava; e o Prelado dos Padres Observantes intitulava-se Vigario Provincial da mesma Provincia, segundo a fórmula da Bulla do Con-

cilio Constancienſe ^g: e conforme a isto estavam os titulos de Prelado maior divididos em Provincial, que era dos Conventuaes, e em Vigario Provincial, que era dos Padres Observantes. Erão os Prelados divididos cada hum em seu governo, excepto que a eleição que os Padres Observantes fizessem de Vigario, havia de ser pelo Ministro dos Conventuaes confirmada. E por quanto os Frades Capuchos do Euangelho erão quasi todos filhos daquela Provincia, assim dos Conventuaes, como dos Observantes, deixou o Summo Pontifice em sua eleição acostarem-se a qualquer das duas partes, que quizessem, ou ao Provincial, que era dos Conventuaes, ou ao Vigario Provincial, que era dos Observantes, pois assim huma cousa, como outra, era tornarem para a Provincia, donde tinham sahido. Com estas Letras se partirão os Padres Observantes de Roma, parecendo-lhes que tinham concluido o que desejavão, e sem duvida assim succedêra, a não determinar Deos outra cousa, contra cujas disposições não podem nada as humanas diligencias.

Mon. 8.
traſt. 1.
190.2.
Gonz.
fol. 15.

CAPITULO XXVI.

Dá Fr. Pedro obediencia ao Geral, e alcança por seu meio hum Breve, derogativo do que contra a sua Congregação se tinha expedido.

EM cumprimento do Decreto de Julio II. que dispunha, que todas as Congregações, que havia na Ordem, se unissem a huma das duas, ou à da Conventualidade, ou à dos Observantes; deo Fr. Pedro de Melgar obediencia ao novo Geral Fr. Rainaldo Graciano de Cogtinola, passou-lhe elle huma Patente, em que dava testemunho havello recebido à sua obediencia, e à dos Ministros Provinciaes, mandando a estes por santa obediencia deixassem viver a Fr. Pedro, como antes, não lhe ordenando cousa alguma, que fosse contraria à sua Reformaço, nem se entremettessem em lhe pôr Prelados em os seus Conventos; porque os taes havião de ser sempre escolhidos de entre os mesmos Reformados, conforme a disposição do Pontifice. Donde se vê que a obediencia, que deo Fr. Pedro ao Geral, não foi immediata, senão tambem com sujeição aos Provinciaes da Conventualidade. Assim o reza a dita Patente, que ainda hoje sã, e inte-

ra com sello pendente em caixa de latão se conserva no arquivo da Provincia: nella se lem estas palavras, depois de referir as do sobredito Decreto do Pontifice: *Por este respeito Eu dito Geral, recebo a vós Fr. Pedro, e a todos vossos Frades, como filhos da obediencia sujeitos aos mandamentos Apostolicos, debaixo da minha, com todas as Casas da vossa Custodia: e declaro que vos haveis ajuntado, e unido a ella, e à dos Ministros Provinciaes.* São palavras expressas do Geral nas sobreditas Letras, traduzidas do Latim no Portuguez. Donde se vê que se enganou quem disse^a que fora esta obediencia immediata, com que a argue de contraria ao que dispunha o Pontifice.

2 Com esta diligencia ficava Fr. Pedro dando satisfação ao Breve, que Julio II. expedio no sobredito Capitulo Geral; pois conforme elle dispunha, se unio a huma das Familias, que apontava: escolher antes a dos Conventuaes, foi, porque, como dizia o Decreto, que os que a estes se unissem, vivessem como antes em sua vida reformada, governando-se por Prelados da mesma Reformaço, o que não havião de ter os que se juntassem à Familia dos Observantes, senão que havião de ficar totalmente en-

Chron. P.
S. Mich.
l. 5. c. 7. 4

encorporados nelles, para Frei Pedro se conservar naquelle modo de vida, que tinha escolhido, na guarda litteral da Regra; achou lhe era conveniente unir-se à Conventualidade; por tanto lhe deo logo obediencia. Bem he verdade que dispunha o Pontifice no referido Decreto, que a eleição desta união se fizesse, tomados em cada Convento os votos da Comunidade, e que depois se juntassem àquella Familia, em que a maior parte dos votos conviesse; e Fr. Pedro, sem que tomasse estes, se unio à Conventualidade, que como o principal, a que o Decreto tirava, era a que se unissem a huma das duas Familias, pondo-o elle em execução, quanto ao fim pretendido, importava pouco variar o modo, tomando, ou não os votos. De mais que nenhuma duvida havia, que esta houvera de ser a eleição de todos os Capuchos, se chegarão a votar na materia; porque para sua conservação era a conveniencia mui conhecida: pois nenhum podia ignorar lhes importava ficarem antes unidos aos Conventuaes, vivendo em sua Reformação, que encorporarem-se na Familia, que tanto procurava extinguillos.

3 Tudo confirmou o Geral pela Patente referida, em que faz a Fr. Pedro Custodio

de todos elles, tirando-lhe o nome de Commissario, e Vigario feu, que antes tinha pelo Ministro Geral Fr. Egidio; porque na forma do novo Decreto de Julio II. ficava sujeito tambem aos Ministros Provinciaes. Foi dada em S. Salvador das Ondas, em oito de Julho do mesmo anno de 1506. são suas primeiras palavras: *b* *Cum sanctissimus, &c.* Feita esta diligencia, em conformidade do primeiro Breve expedido no Capitulo Geral, restava occorrer ao segundo, que à instancia da Provincia de Sant-Iago tinha passado o mesmo Pontifice em 24. de Junho do dito anno, e he o que já referimos, que começa: *Nuper in Generatissimo.* Nelle não só mandava o Pontifice que os Capuchos dentro de hum anno se unissem a huma das duas partes, mas acrescentava, que havia de ser esta união de sorte, que não tivessem Custodia separada, nem dalli em diante pudessem mais receber Conventos, nem Frades de outras Provincias, ou noviços, que do mundo viessem. Executado este Breve, se vinha a extinguir a Congregação dos Capuchos, continuada à custa de tantos trabalhos; porque ainda que lhes ficavão todas as Casas, que ao presente tinhão, com authoridade que ferião sempre dos mesmos Capuchos o

Pre-

Habe
Conv
Pietat

Prelados dellas ; como lhe tiravão o Custodio , e a faculdade de receber mais Frades , mortos os que actualmente tinha , acabava a Congregação.

4 O que considerando Fr. Pedro de Melgar , recorre ao Ministro Geral Fr. Rainaldo , pedindo-lhe o patrocinaſſe com o Pontifice , de quem pertendia alcançar hum Breve derogatorio dos que ſe tinham expedido , e em que confirmaffe as duas Custodias no meſmo eſtado , que tinham antes. Não forão neceſſarias muitas iſtancias para ſe alcançar a derogação pertendida ; porque logo ſe vio , que o Breve , que ſe tinha impetrado contra a Congregação dos Capuchos , fora tirado com a narrativa falſa , porque allegavão nella a Sua Santidade , que erão tão poucos os Frades , que ſubſiſtião em a dita Congregação , que apenas chegavão a trinta , e que até àquelle tempo não havião tido fórma de Congregação : conſta do teor do Breve , que eſta foi a narrativa , como ſe póde ver em hum traslado ſeu , que traz o Author citado ^{Ord.} e à margem. Huma , e outra couſa não era aſſim , porque Frades tinha ſetenta , numero baſtante a povoar os pequenos Conventos , que tinham ; Congregação já a havia formada , pois ſubſiſtião duas Custodias , a de noſſa Senhora da Luz , e

a do Santo Euangelho.

5 Daqui veio que informado melhor Sua Santidade , paſſou hum Breve em favor dos Capuchos , em que lhes concedia pudeſſem viver em Custodia ſeparada , confirmando em Custodio della a Fr. Pedro , com authoridade que poderia receber Frades , que lhe viesſem , aſſim dos Conventuaes , como dos Obſervantes , e edificar de novo , ou receber as Caſas , que lhe foſſem offerecidas. Deixava finalmente aos Capuchos no meſmo eſtado , que tinham antes do ſobredito Capitulo Generaliſſimo. Foi a data a oito de Julho do meſmo anno de 1506. Deſte Breve não vi nem ainda copia authentica ; ficounos porèm ſua noticia , não ſó em os Memoriaes ^d deſta Provincia , mas tambem no que eſcreveo , e imprimio da ſua de São Gabriel o Padre Fr. João Baptiſta Moles , ^e onde diz , que ſe conſerva em o Convento de Salvaterra da meſma Provincia.

^d Sinde cit.
cap. 10. &
Chron.
antig. l. 1.
cap. 33.

^e Moles c. 2.

6 O que eu poſſo affirmar neſta materia , he que os Capuchos , logo depois do Capitulo Generaliſſimo , alcançarão do meſmo Julio II. hum Breve derogativo dos que ſe havião paſſado contra elles : fundamento baſtante para preſumirmos , he o de que fazem menção o Padre Moles , os Memoriaes da

da nossa Provincia, e a Chronica da de S. Gabriel. Fundo este parecer não menos que em hum Breve, que expedio o mesmo Pontifice a sete de Setembro de 1508. e quinto de seu Pontificado, à instancia do Padre Fr. João de Argumanes, Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago. Neste, referindo o Pontifice os Decretos repetidos no Capitulo Generalissimo àcerca dos Capuchos, accrescenta que logo impetrarão delle outras Letras em contrario, pelas quaes, entre outras graças, e indultos, lhes permittia Custodia separada: *Per quas* (são palavras expressas do Breve) *eis conceditur, ut separatam Custodiam, & concessiones alias habeant.* Com que fica evidente, que se alcançou o Breve derogatorio, e não improvavel a conjectura, que foi o de que tratámos; pois não temos noticia, que pudesse ser outro. No mesmo dia, em que o Pontifice expedio o sobredito Breve, vendo o Geral que por elle ficava a Congregação do Santo Euangelho no mesmo estado, que antes tinha, além da Patente, que lhes passou, cujas forças deixámos referidas, approvou a Fr. Pedro a Patente, que seu antecessor Fr. Egidio tinha dado a Fr. João de Guadalupe, quando por ella o confirmou em Custodio da Custodia

^f
Mon.Ord.
trat. 1.
fol. 210.

do Santo Euangelho: concedendo novamente a Fr. Pedro pudesse usar das graças, e indultos, que nella se continhão; com tanto porém, que estivesse sujeito aos Ministros Provinciaes da Conventualidade. Com o Breve do Pontifice, e Patentes do Geral voltou Fr. Pedro a Hespanha, trazendo comfigo a Fr. Anjo, que até àquelle tempo assistia em Roma por Procurador.

CAPITULO XXVII.

Estado, em que achou Fr. Pedro as Casas de Castella, quando voltou de Roma.

I **A**Nsiosos esperavão os Capuchos, que Fr. Pedro tinha deixado em Castella, e Portugal, que fizesse volta de Roma para estes Reinos; porque como os Padres Observantes lhes intimarão logo os Breves, que contra elles tinham alcançado, estavam perplexos na resolução, que tomariam, e assim esperavão a do seu Prelado, para se accommodarem com ella. Mas como não era menor a ansia, que tinham seus oppostos, de os verem extintos, e incorporados na Provincia de Sant-Iago, não esperarão muito tempo para a execução; porque já quando Fr. Pedro chegou, achou derribadas as Casas de

de Villa-Nova del Fresno, Salvaleão, e alguns Oratorios, re-
teudas pelos mesmos Padres
Observantes, que vivião nellas,
a de Alconchel, e de Truxilho,
tendo-se retirado os Capu-
chos, que habitavão a de Al-
conchel; e as derribadas, huns
para as de Portugal, e outros
para alguns dos Oratorios, que
tinhão deixado em pé. O tem-
po desta demolição, e ruina foi
no anno de 1507. mas não tan-
to no fim (como alguém disse
^a pela justificar) que se cum-
prisse o tempo destinado pelo
Pontifice, em que os Capuchos
podião escolher a obediencia de
hum dos dous Prelados da Pro-
vincia de Sant-Iago; qual me-
lhor lhes parecesse.

² Porque assim como Fr.
Pedro conseguiu o Breve revo-
catorio, que foi em Julho de
1506. se poz logo a caminho
para Hespanha, já quando che-
gou estavam as Casas postas por
terra: ^b e que não gastaſſe nes-
ta jornada hum anno, que era
o termo finalado pelo Papa pa-
ra eleição da obediencia, nos
persuade a crer a pressa, que tra-
zia, para com o Breve foccor-
rer a seus Frades; e o não pe-
dir a jornada, ainda que feita a
pé, tanta dilação. Além de que
nos consta que no mez de De-
zembro do mesmo anno de
1507. já Fr. Anjo tinha alcan-
çado em Roma huma Compul-

soria contra os Padres Obser-
vantes, por lhes não quererem
entregar a Casa de Truxilho,
e a de Alconchel, que lhes ti-
nhão tomado, e destruido as
outras. O que tudo bem com-
putado, não he possivel, ao que
se representa, que desde o dia,
que na Estremadura intimarão
os Decretos de Julio II. aos Ca-
puchos (tempo, donde se havia
de contar o praso assignalado,
atè à demolição das Casas, pas-
sasse hum anno completo.

³ Demais que já os Bre-
ves, que os Padres Observan-
tes da Provincia de Sant-Iago
tomavão por pretexto para ag-
gregarem a si as Casas, estavam
revogados pelo outro, que no
Capitulo precedente referi-
mos: com que lhes não ficava
jurisdicção nellas, ainda depois
do anno cumprido; nem Capi-
tulo algum, que os livrasse da
nota de violencia, na resolução,
que tomárão. Depois que Fr.
Pedro vio as Casas derribadas,
e occupadas as de Truxilho, e
Alconchel, para recuperar es-
tas fez algumas diligenciãs com
a revocatoria, que trazia; o que
não foi de nenhum effeito, an-
tes servio para que os Padres
Observantes derribassem a de
Truxilho, para assim cortarem
a Fr. Pedro as esperanças, que
podia ter de outra vez a recupe-
rar; que como tinhão de sua
parte a potencia secular, não

podia Fr. Pedro dar à execução as suas Letras. Mandou logo Fr. Anjo a Roma proceder contra a violencia, que lhes era feita.

4. Fez Fr. Anjo no caso tão boa diligencia, que o Pontifice avocou a si a causa; e para que conhecesse della, fez seu Juiz Commiffario ao Cardeal Protector sobre a Casa de Alconchel, o qual logo mandou passar huma Compulsoria, em que, como Juiz Apostolico, cita, para conhecer da causa, a hum Fr. Alonso de la Fuente, e a outros Frades complices na actual execução da violencia, que aos Capuchos fizerão, quando della os lançarão; e lhes manda, que pessoalmente pareção em Roma ante elle. Foi passada esta Compulsoria pelo dito Protector Domingos Grimano no anno do Senhor 1507. aos dezeseis do mez de Dezembro. Logo alcançou Fr. Anjo do mesmo Pontifice outro Juiz Conservador no tocante à Casa de Truxilho: este foi o Auditor da Curia Romana, chamado Antonio de Monte Cæli, Arcebispo Sipontino; o qual passou huma Citatoria, em que manda a D. Martinho do Porto, Bispo de Troia, a João Ozores, e a Francisco de Salamanca seculares, e aos mais complices na expulsão, e violencia, pareção ou por si, ou por seus Procuradores em Ro-

ma. Foi passada esta Citatoria no anno sobredito aos vinte e quatro dias do mez de Dezembro; huma, e outra se conservão no Arquivo ^c da Provincia.

Habentur
in Conven
tu Pietatis

5. Em quanto Fr. Anjo de Valhadolid diligenciava estas cousas em Roma, entendeu Fr. Pedro de Melgar em a edificação de alguns Conventos; o da Lapa legua e meia de Casfra, outro junto a Albuquerque, e o terceiro a Salvaterra, ainda que os dous ultimos já desde o anno de 1505. os tinha recebido; mas como naquelle tempo andavão os Capuchos tão perturbados com as opposições, que lhes fazião, nestes pouco, ou nenhuma cousa se tinha obra-do até este presente anno. Não foi esta nova recepção só, porque os Senhores temporaes daquelles sitios tivessem authoridade para fundar Conventos, e receberem nelles Frades, como alguém presumio, ^d mas também pela faculdade, que o Breve revocatorio (além das duas Patentes) concedia aos Capuchos, para poderem receber quaesquer Casas, que lhes fossem offerecidas. No tempo, que Fr. Pedro andava occupado na fundação destas Casas, chegarão as Compulsorias de Roma; com que depois de alguns requerimentos de parte a parte, entregarão os Padres Ob-

^d
Chron.
S. Mic
ubi sup

ser-

fervantes a Casa de Alconchel, que a de Truxilho já estava posta por terra. Na primeira, e nas que actualmente fundavão, vivião os que estavam em Castella; onde por ora os deixaremos, por sabermos o que depois do Capitulo Generalissimo succedea aos de Portugal.

CAPITULO XXVIII.

A instancia do Duque D. Jaime passa Julio II. hum Breve em confirmação da obediencia, que os Capuchos tinhão dado aos Conventuaes de Portugal.

MAis prospero successo tiveram os Capuchos, que em Portugal vivião, que os que assistião em Castella; porque em Portugal tinhão a devoção do Serenissimo Principe D. Jaime, que os amparava, e defendia contra qualquer injustiça, e violencia, o que faltava aos de Castella. Por onde quando Fr. Pedro chegou do Capitulo, não achou cousa alguma innovada; todas se conservarão na fórma, em que as tinha deixado. Atrás fica referido, como no anno do Senhor 1505. em o Capitulo, que em Guimarães celebrarão os Padres Conventuaes da Provincia de Portugal, forão recebidos os Capuchos à sua obediencia, com todas as Casas, que tinhão em

Portugal. E supposto que aquella obediencia foi então gratuita, e não de justiça, quiz agora confirmalla Fr. Pedro, porque sempre tinha achado os Conventuaes favoraveis em sua causa. Pelo qual pedio ao Duque lhe alcançasse do Summo Pontifice humas Letras em confirmação dos concertos, que com os Conventuaes tinha feito no Capitulo de Guimarães, e da obediencia, que lhes tinha dado; porque sendo confirmado pelo Summo Pontifice o que naquella Capitulo se tratou, nem os Padres da Provincia de Santiago terião mais que arguir, nem os Capuchos mais de que se defender. Pareceo bem ao Duque a resolução de Fr. Pedro, julgando que deste modo se daria fim a tantas contradições, quantas havião experimentado; e elle ficaria logrando mais à sua vontade a companhia dos seus Capuchos, a quem por sua devoção no coração trazia. Fez a supplica a Julio II. que deferio logo a ella com humas Letras, as quaes trasladas do Latim ^a são do teor seguinte.

2 Julio Papa II. A todos, e quaesquer, que virem estas presentes Letras, faude, e Apostolica bênção. Pela obrigação do officio Pastoral, por respeito do qual presidimos ao governo da Regular Observancia, e

^a Habentur
in Conventu
Pietatis.

de todas suas Casas , de boa vontade intendemos naquellas cousas , pelas quaes se attende ao proveito , e quietação das mesmas Casas , e pessoas , que nellas , debaixo do suave jugo da Religião , pasão sua vida. E assim , para que as cousas , que até agora com maduro conselho são passadas , fiquem para sempre firmes , e estabelecidas , por nos ser assim pedido , por authoridade Apostolica as confirmamos todas , e de novo as concedemos , conforme entendemos em o Senhor , que assim he necessario. Por parte do nosso muito amado filho , e nobilissimo Varão Jaime , Duque de Bragança , e de Guimarães , nos foi feita huma petição , na qual dizia , como nos annos àtras de 1505. em Capitulo Provincial da Ordem dos Menores , chamados Conventuaes , celebrado na Villa de Guimarães , Arcebispado de Braga , e do dominio temporal do dito Duque , os Frades nelle congregados , desejando para augmento , e esplendor da Religião , para louvor , e honra de Deos , reformar louvavelmente algumas cousas : entre outras ordenarão , que os Frades da dita Ordem , chamados da Congregação , e Custodia do Santo Evangelho , que vivem em a pureza da Regra , conforme S. Francisco a instituiu , no mesmo Capitulo fof-

fem recebidos à sua obediencia e unidos , e aggregados aos mesmos Frades Conventuaes , e lhes fossem assignadas algumas de suas Casas , e Oratorios , para que os ditos Frades do Evangelho pudessem viver nellas , como realmente logo lhes assignarão , e concedêrão a Casa de S. Francisco de Chaves , para que a pudessem habitar , e ter em seu uso perpetuo.

3 Pela qual razão , por parte do dito Duque D. Jaime , o qual affirma que os Frades da dita Congregação recebêrão a dita Casa , e Oratorios a elles concedidos , e que desde aquelle tempo até agora bem , e louvavelmente com exemplo de vida , e cheiro de boa fama , tem morado , e vivido nella , e de presente morão com elpiritual consolação de todos os fieis Christãos , e grande devoção do sobredito povo. E que os taes Frades , servos de Deos , em tempo d'elle dito Duque vierão morar a suas terras , não por merecimentos seus , senão por disposição Divina , e inspiração de Deos , que para isso tiverão : e que elle dito Duque desejava , por sua corporal , e espiritual consolação , que os taes Frades nunca fossem privados das taes Casas. Pelo que , segundo já temos dito , por parte do dito Duque D. Jaime nos foi humildemente pedido , quizeffemos
por

por authoridade Apostolica confirmar o que naquelle Capitulo àcerca dos ditos Frades se tinha ordenado ; e conceder-lhe de novo para perpetuo uso , assim a dita Casa de S. Francisco de Chaves , como os demais Oratorios , que affinados lhes forão.

4 Por tanto Nós , que com desejos intensos attendemos sempre ao proveito de todos , e mais principalmente das pessoas Religiosas , inclinados a semelhantes petições , pelo teor das presentes , e por authoridade Apostolica approvamos a ordenação do dito Capitulo , e a data da Casa , e mais Oratorios aos Frades da sobredita Congregação ; dando porèm para isto o Ministro Geral seu consentimento , e com elle confirmamos , e determinamos , que se devem guardar inviolavelmente para sempre todas as ditas cousas alli determinadas ; e supprimos pelas presentes todos os defeitos , se alli os houve. Para maior cautela , por authoridade Apostolica , de novo concedemos aos Frades da dita Congregação , assim a dita Casa , como os Oratorios , que no Capitulo lhes forão concedidos , e queremos que usem della , e delles , e que em quanto dos taes usarem , gozem de todos , e quaesquer privilegios , graças , favores , liberdades , indultos ,

e quaesquer outros Decretos , já concedidos , e que ao diante se concederem às Casas da dita Congregação. E assim também queremos , e mandamos , que os ditos Frades do Evangelho não possão ser privados da dita Casa , e Oratorios pelos Frades Conventuaes , nem pelo Prelado , que de presente he , ou ao diante for , nem por outros quaesquer , de qualquer authoridade que tenham. E para que tudo isto assim se cumpra , mandamos aos amados Irmãos , Arcebispo Bracharense , e Bispo Cathanense , que ambos , ou qualquer delles por si , ou por outrem , fação guardar as presentes Letras , quando pelos Frades da dita Congregação lhes for requerido , e demandado ; para effeito do qual poderão invocar o auxilio do braço secular , se necessario for : não obstante as Ordenações , e Constituições Apostolicas , nem as da dita Ordem pela Sé Apostolica confirmadas , nem outras quaesquer Letras , e graças concedidas aos Provinciaes Ministros da Ordem , Vigarios , ou Frades chamados da Observancia : todas as quaes por estas presentes derogamos. Dada em Roma *apud Sanctum Petrum , sub annulo Piscatoris* , aos sete dias do mez de Janeiro de 1508. e de nosso Pontificado anno quinto.

5 Hum reparo póde fazer o Leitor neste Breve, e vem a fer, nomear nelle o Summo Pontifice por seu Juiz executor ao Bispo Cathanense, sendo que em Portugal nunca houve Bispado deste nome, e só se acha no Reino de Sicilia, onde o Summo Pontifice não havia de dirigir o Breve, para que aquelle Prelado o viesse dar à execução em Portugal. O que eu nesta duvida sinto, he que este Bispo Cathanense seria então Nuncio Apostolico neste Reino; e a este como a Prelado maior, juntamente com o Arcebispo Primaz, veio dirigindo, para que o effectuasse.

6 Em huma clausula deste Breve, como se vê nelle, dispunha o Pontifice, que para os Frades da Custodia do Santo Euangelho usarem das graças, que lhes concedia, havia de ser procurando primeiro o consentimento do Ministro Geral da Ordem. Pelo que Fr. Anjo de Valhadolid lhe fez supplica, a que o Geral respondeo com huma Patente, ^b passada em treze de Fevereiro do mesmo anno, começa: *Quoniam Sanctissimus* &c. Nella depois de confirmar, conceder de novo, e approvar a data das Casas, e tudo o mais, que tocante aos Capuchos se tinha assentado no Capitulo de Guimarães, ordena algumas cousas, que se haviam de guardar, assim da parte dos

Capuchos, que davão a obediencia, como dos Conventuaes, que a recebião. Aos primeiros mandava obedecessem em tudo ao Provincial da Conventualidade, declarando, que elle era seu immediato superior: e que estarião obrigados os Prelados das Casas do Santo Euangelho a acharem-se presentes nos Capitulos, que celebrasse aquella Provincia, como Vogaes delles, onde levarião por escrito os nomes de todos os Frades da sua Congregação, para que com os outros se lessem na taboa Capitular, como he costume da Ordem. Aos Provinciaes da Conventualidade ordenava com preceito de obediencia não fizessem Custodio, Guardião, Vigario, ou Prelado algum nas Casas dos Capuchos, senão fosse escolhido de entre os mesmos para o tal officio, nem delles pudesse mudar algum Frade para as outras Casas dos Conventuaes, senão que havião de viver sempre todos nas de sua Reformação. Na mesma conformidade ordena, que nenhum Frade dos Conventuaes poderia viver nas Casas, que erão dos Capuchos, salvo querendo morar para sempre entre elles, segundo as leis, e estylos de sua Congregação. Que o Provincial por si só os poderá visitar; e em caso, que pessoalmente o não possa fazer, não poderá de-

^b
Habetur in
Conventu
Pietatis.

deputar outro algum, senão for eleito de entre os mesmos Capuchos para este ministerio. Conclue finalmente o Geral com huma saudavel exhortação aos Capuchos, que continuassem naquella perfeição, exemplo de vida, e edificação do povo, como até alli tinham vivido. Esta Patente, juntamente com o Breve referido de Julio II. enviou Fr. Anjo de Roma a Portugal, onde a ansia com que a esperavão os Capuchos, a festejou, e igualmente a devoção do Duque a applaudio.

CAPITULO XXIX.

Em virtude de hum Breve de Julio II. elegem os Capuchos Provincial em o Convento de Chaves.

ⁱⁿ
^{7.} **D**A fruta de Sicomoro, diz S. Jeronymo, que he em verde por extremo agra, amadurece em hum ponto, ^a e logo apodrece, com que se não póde della aproveitar, quem naquelle ponto a não colher. A occasião he mui semelhante a esta fruta, pois chega com vagarosos passos, e desapparece com ligeiros voos: quem della se não aproveita quando vagarosa chega, não a pode colher quando ligeira voa. Risonha se mostrava a fortuna aos Capuchos,

na afeição, que o Pontifice no Breve referido lhes mostrava; quizerão-se aproveitar desta occasião a tempo, que lhes não ficasse só para se arrependerem. Procurarão por sollicitidão de Fr. Anjo outro novo Breve do Pontifice, para que das duas Custodias, da Luz, e do Evangelho, pudessem levantar huma Provincia. Fez Fr. Anjo a supplica, e condescendeo o Pontifice a seus rogos, passando-lhe hum Breve conforme o desejavão, referindo nelle todos os Breves, que até àquelle tempo se tinham passado, assim em favor, como contra a Congregação do Santo Evangelho: por onde deixada a relação, que faz destes Breves, sómente referiremos o que ordena de novo. Começa ^b elle: *Sub suavi Religionis iugo, &c.* He dirigido a Fr. Pedro de Melgar Custodio, e aos demais Frades da Custodia, e Congregação do Santo Evangelho, e depois da sobredita Relação dos Breves anteriores continúa nesta forma.

^b
Habetur in
Conventu
Pietatis

2 Por cuja causa, nosso amado filho Fr. Anjo de Valhadolid vosso Procurador, em seu nome, e em o vosso nos supplicou, que para maior firmeza, e corroboração, houvessemos por bem de confirmar todas as Letras, e cada huma dellas, concedidas pelo dito Ale-

xandre nosso predecessor, e que as estendessemos, ampliássemos, e prorogássemos às demais Casas, que em os tempos futuros fundardes, ou vos forem offerecidas, e que sobre tudo o sobredito proveíssemos opportunamente, conforme nos for visto convir. Por tanto Nós, que com amor paternal, e espiritual affecto favorecemos, e amparamos de boa vontade as novas plantas instituidas em a Igreja Militante, para louvor, honra, e gloria de Deos, e observancia da verdadeira Religião, a vossos rogos, e supplicas inclinados pelo teor das presentes Letras, e com authoridade Apostolica approvamos, confirmamos, e com perpetua firmeza corroboramos todas, e quaesquer Letras, que pelo dito Alexandre nosso predecessor vos foram concedidas, com todas as graças, e clausulas nellas conteudas: e supprimos todos, e quaesquer defeitos, se acaso os houve: e por maior cautela, e segurança vo-las concedemos de novo, e as estendemos a todas, e a quaesquer Casas, que ao diante receberdes; e a todos, e a cada hum dos Frades, que nellas residirem, para que possais usar dellas para sempre.

3 Demais disto, pelo teor das presentes, e com authoridade Apostolica, desde agora para sempre, erigimos, institui-

mos, e creamos de novo as sobreditas Casas, e as demais que são, e forem da Custodia do Santo Euangelho, juntamente com a de Santa Maria da Luz de Truxilho, e seus Oratorios, se ainda estão em pé (a qual Casa com seus Oratorios, por authoridade Apostolica foi erecta em Custodia) huma Provincia, com todos os privilegios, prerogativas, graças, concessões, isenções, e indultos, que pela Regra, e Letras Apostolicas são concedidas às outras Provincias, e aos Ministros Provinciaes da dita Ordem. A qual dita Provincia, novamente erecta, desde logo applicamos, e encorporamos todas as Casas, e Oratorios das ditas duas Custodias. E queremos que nella se eleja Ministro Provincial de trez annos, conforme o estabelecido em a dita Ordem; pelo qual haveis de ser visitados, e castigados, e a elle estareis obrigados obedecer depois do Ministro Geral, a quem haveis de recorrer pela confirmação do que pelos Vogaes da Provincia for eleito. E em quanto se não procede à primeira eleição de Ministro Provincial, vós Fr. Pedro de Melgar, Custodio moderno da dita Custodia, tereis nella a omnimoda potestade, e jurisdicção de Ministro Provincial, e em a dita primeira eleição com authoridade

dade nossa presidireis. E para que isto tenha o devido effeito, prohibimos estreitamente a todos os Prelados, e Frades da dita Ordem, ainda que sejam da Familia da Observancia, em virtude de santa Obediencia, e pena de excommunhão maior, de suspensão, privação de seus officios, e dos actos legitimos, em que *ipso facto* incorrão os que fizerem o contrario, e das quaes penas não pôsão ser absolto senão pelo Romano Pontifice, (salvo em o artigo da morte) que nenhum em as cousas sobre-ditas de alguma maneira vos molestem, inquietem, ou perturbem; e aos que fizerem o contrario, desde logo por este nosso Decreto os declaramos por incurfos em as ditas penas. E para execução destas nossas, commettemos, e mandamos a todas, e a cada huma das pessoas constituidas em dignidade Ecclesiastica: e aos Conegos das Igrejas Cathedraes, que sendo por vossa parte, ou por algum de vós-outros requeridos, vos amparem, e defendão em tudo o conteudo em estas, e em outras quaesquer Letras Apostolicas a vós-outros concedidas, e fação com effeito gozeis de pacifica possessão em tudo o sobredito, não permittindo que em alguma maneira sejais molestados acerca disto pelos professores da dita Ordem, e Ob-

servancia, nem por outras quaesquer pessoas, refreando aos contradictores, e rebeldes por censuras Ecclesiasticas, e outros remedios de direito, posposta toda a appellação, e declarando haver incorrido nas ditas censuras, e penas reservadas a nós, e a nossos successores, invocando, se necessario for, o auxilio do braço secular, tudo o qual he nossa firme, e perpetua vontade se cumpra, não obstante outros indultos, e constituições Apostolicas, especialmente a de Bonifacio Papa VIII. nosso predecessor, em a qual, entre outras cousas, manda que nenhum fóra de sua Cidade, e Diocese seja levado a juizo, senão em certos casos, e então não seja a distancia mais de huma dieta; que se ha de contar do fim de sua Diocese: e que os Juizes e Conservadores deputados pela Sé Apostolica não presumão proceder contra alguém, fóra de sua Cidade, e Diocese, donde forem deputados, nem commetter a outros suas vezes. E sem embargo da constituição das duas dietas em o Concilio Geral, e de outras quaesquer Letras Apostolicas, que prohibem a erecção de nova Provincia em a dita Ordem, e de quaesquer estatutos, e costumes da mesma, ainda que estejam com juramento; ou confirmação Apostolica; ou outra

firmeza corroborados E assim mesmo sem embargo de outros quaesquer privilegios, indultos, e Letras Apostolicas, expedidas em fórma de Breve, ou sejam as do dito Alexandre nosso predecessor, que começam: *Pro parte charissimorum*, dadas a dous de Setembro em o anno undecimo de seu Pontificado; ou sejam as nossas, que começam: *Cum multa subdant*, dadas a seis de Junho em o anno terceiro de nosso Pontificado; e as outras, que começam: *Exponi nobis*, que demos ao primeiro de Julho em o mesmo anno; e as dadas pouco ha em o Capitulo Generalissimo a 27. do mesmo mez, e anno sobreditos; e ainda que tenham fórma de palavras, e clausulas, ou derogatorias de derogatorias mais fortes, e efficazes; e ainda que se hajão concedido à instancia de nosso mui amado filho em Christo D. Fernando Rei de Aragão, e de Sicilia, e de Dona Isabel, de clara memoria, Rainha de Hespanha, ou a rogos dos Vigarios Geraes, e Provinciaes, Commissarios, ou Frades da Ordem, ou de outras quaesquer pessoas de qualquer gráo, estado, ordem, condição, e dignidade, ainda que seja Archiepiscopal, Episcopal, ou Magistral das Ordens Militares; e ainda que estejam concedidas motu proprio, e de certa

sciencia, e com Decretos irritantes, ou se para sua derogação, e revocação se requeira que se faça das taes Letras especial, especifica, expressa, e individual menção, ou expressão de *verbo ad verbum*. Todas as quaes, e teor de todas ellas, como se as tiveramos presentes, e expressadas, por esta vez, especial, e expressamente, e de certa sciencia as derogamos, e quanto for, e he necessario, as cassamos, e annullamos, para que a estas não obstem outras quaesquer que sejam dadas em contrario. E porque fora mui difficultoso levar estas Letras originaes a todos os lugares, e partes, que convenha, quere-mos, e com authoridade Apostolica determinamos, que a seus transumptos, e traslados, firmados por mão de algum Notario publico, e sellados como sello de alguma pessoa constituida em dignidade Ecclesiastica, se lhes dê tanto credito, e fé, assim em juizo, como fóra d'elle em todas as partes, quanto se derá a estas nossas Letras originaes, se forão exhibidas. Dadas em Roma em o Sacro Palacio de São Pedro *sub annulo Piscatoris* a dezefete de Março do anno do Senhor 1508. e quinto do nosso Pontificado.

4 Por virtude deste Breve tomou logo Fr. Pedro de Melgar posse da Casa da Piedade de

de Villa-Viçosa, que desde o anno de 1503. até o presente de 1508. a habitavão os Padres Observantes da Provincia de Portugal, para que desta, e das mais, que tinham as duas Custodias, se erigisse huma Provincia, como lhe concedia o Breve. Convocou os Frades a Capitulo, mandando aos Vogaes se ajuntassem todos em o nosso Convento de S. Francisco de Chaves, onde entrando à eleição, nella sahio eleito por Ministro Provincial o mesmo Fr. Pedro de Melgar, que no Capitulo presidia. Festejou-se a eleição com algumas lagrymas de alegria, que, quando esta he grande, equivoca-se nos effeitos com o sentimento. Nella se quiz achar presente o Duque D. Jaime, por honrar àquelles humilhes Religiosos, a quem a primeira vez, que os vio tomou logo à sua conta, e coube-lhe muita parte desta alegria pelo muito que desejava de os ver já socogados. Mas permittio Deos se perturbasse a tarde daquelle dia tão sereno, e alegre para os Capuchos com humas novas Letras, que de Roma vierão, para mostrar ao mundo quão pouco durão nelle os contentamentos.

CAPITULO XXX.

De como no mesmo dia, em que os Capuchos fizeram eleição de Provincial, lhes notificárão hum Breve, com que se desfez o que tinham obrado.

2 **T**Em os Contemplativos por cousa muito certa, que os contentamentos, e gostos do mundo por muito que durem, não passa sua duração de hum dia, porque logo, quando nascem, vem a toda a permanencia oppostos; nem faltão provas desta verdade nas Divinas Letras. Aquelle maná do Ceo gostoso, que Deos deo a seu povo no deserto, corrompia-se, tanto que ficava de hum dia ^a para o outro: só por espaço de hum dia natural conservava o sabor, condição dos gostos, e contentamentos do mundo, que em passando por elles hum dia, logo acabão. Por isso Josué, quando se vio na batalha victorioso, mandou parar ao Sol; ^b querendo que se não acabasse tão depressa aquelle dia, por gozar nelle, como advertio S. Basilio, ^c o gosto da victoria, a qual se daquelle se reservára para o outro, ficava duvidosa, por não haver gosto, que de hum dia passe: e dado caso que mais perseverere, ha de fer com pensão de fim lacrymoso, pois, como diz o Espirito

^a Exod.
c. 16. n. 20.

^b Job c. 10.
num. 12.

^c D. Basil.
orat. 31.

^d
Prov. c. 1.
num. 13.

^e
Plutarc.
in ejus vita.

Santo nos Proverbios, ^d o fim dos gostos, e contentamentos da vida são principio de tristezas, porque todo o prazer se termina em desgosto, razão, por que Philippe Rei de Macedonia, recebendo em hum dia duas novas de gosto, logo se preparou para receber alguma de pezar, rogando, como Gentio, à fortuna, que o tocasse com mão piedosa, ^e e branda, a cujo exemplo Paulo Emilio, Capitão Romano, fez a mesma supplica em occasião semelhante. A experiencia tinha ensinado a estes Gentios, que os gostos, e contentamentos do mundo não só erão pouco duraveis, mas que tambem trazião apensionado o serem vigalias de tristezas, começando estas quando aquelles acabão.

20 Huma, e outra cousa, e condição dos gostos, e contentamentos desta vida experimentarão em si os nossos Capuchos; em hum mesmo dia se virão por extremo contentes, e summamente penosos. Quem os visse em S. Francisco de Chaves o mesmo dia, em que Fr. Pedro de Melgar sahio eleito em Provincial Ministro, andarem todos contentes, e alegres, celebrando a nova eleição com jubilos de prazer, não presumiria desandasse tão de pressa a roda da fortuna, para que deixasse de ir por diante hum gos-

to assentado sobre taes fundamentos, como era o Breve de Julio II. expedido com tantas clausulas de perpetua firmeza. Porém como os prazeres da vida em não serem constantes tem sua estabelidade, por não mudarem o curso natural, que he não passarem de hum dia, no mesmo da eleição, como fumo, desapparecêrão, e os pobres Capuchos, que tão alegres estavam, antes que se puzesse o Sol, se virão igualmente tristes; quando mais contentes, então mais penosos; que a fortuna, como disse o outro, ^f he de vidro, quando mais resplandece, então se quebra.

3 Foi pois o caso, que mandando El Rei D. Fernando, depois da Rainha sua mulher já defunta, hum Embaixador a Roma, de quem o Summo Pontifice fazia muito caso, este rogado dos Padres Observantes da Provincia de Sant-Iago, tomou com empenho à sua conta defender sua causa contra os Capuchos. Pelo que, tanto que chegou a Roma, que foi no mesmo tempo, em que Julio II. tinha passado aquelle Breve tão favoravel a Frei Anjo, sabendo tudo o succedido, e como o Pontifice estava à parte dos Capuchos inclinado, poz-se em campo para contradizellos. Fez supplica ao Papa por parte do Rei Catholico, e depois

Solor
Embl

pois fallando com elle pessoalmente nesta materia, tambem foubе arrazoar em favor dos Padres Observantes, que o Summo Pontifice, inclinado à sua petição, passou hum Breve, que anda trasladado no livro, *Monumenta Ordinis*, no qual diz S. Santidade, que por ser informado, que os Capuchos do Santo Evangelho, por virtude de humas Letras Apostolicas a elles concedidas (são as de que fallamos no Capitulo 26. deste livro 8.) depois do Capitulo Geral, trazião aos Padres da Provincia de Sant-Iago em demanda, e a outras pellos Ecclesiasticas em juizo, procurando divisões, e separações em a Ordem, contra vontade de El Rei D. Fernando, o qual por seus Embaixadores lhe tinha significado, que taes divisões não havia de consentir em seus Reinos, havia por nullas as ditas Letras impetradas pelos ditos Frades, e juntamente todas as mais até aquella hora em seu favor concedidas. Mandava, que os que já tinham dado obediencia ao Ministro, ou Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago, como elle dispunha no seu Breve expedido no Capitulo Generalissimo, e no outro impetrado à instancia do Vigario Provincial da mesma Provincia, estivessem debaixo della ordinaria, pura, e immediatamen-

te; e se alguns ainda lha não tivessem dado, dentro do termo de hum mez, fossem obrigados a dalla, para cujo effeito fulminava no Breve muitas censuras. Foi a data delle a sete de Setembro do anno do Senhor 1508. e quinto de seu Pontificado: são suas primeiras ^b palavras: *Celebrato Capitulo Generalissimo, &c.*

^b Mon. Ord.
tract. 1.
fol. 211.

4 Com Breve tão amplo, e tão conforme a seu desejo não se deo o Embaixador, que o sollicitou, por satisfeito, antes receando que em quanto Frei Anjo estivesse em Roma não teria o seu Breve effeito, pois logo conseguiria outro revocatorio de tudo o que este determinava, como muitas vezes já tinha feito, queixou-se delle ao Summo Pontifice, dizendo, que aquelle Frade era o que perturbava tudo, por cuja causa devia Sua Santidade mandallo fahir de Roma. Com estes informes, e queixas, que deo o Embaixador contra Fr. Anjo, moveo tanto o animo do Pontifice, que supposto estava Fr. Anjo patrocinado do Cardeal Protector, e mui estimado del-le por sua grande virtude, e capacidade, lhe mandou que fahisse logo de Roma, nem procurasse mais Letras algumas em favor dos Capuchos. Sahio elle daquella Curia bem desconfolado em ver que se desfazia em

em hum instante huma Reforma-
ção, que lhe havia custado
muitos annos de trabalhos, e
ainda a tempo que cuidava ti-
nha vencido todos com o Bre-
ve, que havia remettido para
se levantar em Provincia, obe-
deceo ao mandamento do Pon-
tifice, e tomou o caminho para
Hespanha.

5 Ninguem se admire de
em tão breve tempo passar o
Summo Pontifice hum Breve
revocatório do que pouco antes
tinha expedido em favor dos
Capuchos com tantas clausulas
de firmeza, porque como era
escandalosa a narrativa, foi ri-
goroso o processo. Informavão
a Julio II. que os Capuchos em
virtude das Letras Apostolicas,
que tinham alcançado, não só
causavão divisões, e separações
na Ordem, mas tambem que
com pretexto das mesmas Le-
tras trazião em demandas, e
pleitos aos Padres Observantes
da Provincia de Sant-Igo. e a
outras pessoas, assim Ecclesia-
sticas, como seculares; accrescen-
tando, que por estas divisões,
de que se mostravão escandali-
zados os povos, o estava tam-
bem tanto El Rei D. Fernando,
que determinava não as consen-
tir em seus Reinos. Do teor do
Breve consta, que este foi o in-
forme, e tão alheio do que pas-
sava na realidade, que não o
podia fingir mais a paixão, e

empenho; porque, ainda que os
Capuchos pleiteavão sua causa
com os Padres Observantes da
Provincia de Sant-Iago sobre
recuperarem as Casas, que lhes
havião tomado, e conservarem-
se em Congregação à parte,
onde seguissem mais livremen-
te a vocação de seus espiritos,
isto era obrar conforme diversos
Breves dos Pontifices, que lhes
concedêrão as ditas Casas, e dis-
punhão lhes fossem restituídas.
Se achavão resistência naquel-
les, a quem tocava obedecer aos
Breves, como era possível che-
gassem a ter execução, sem que
houvesse pleitos? Para estes se
dão logo Juizes Conservadores.

6 Em ninguem he culpavel
o defender-se, quando por me-
ios licitos o procura; nem se
póde chamar author de pleitos
quem se defende por se conser-
var na posse das graças, e isen-
ções, que lhes tinham concedi-
do os Pontifices; e mais con-
duzindo estas para maior per-
feição de vida. Nem os povos
se escandalizavão pelas separa-
ções tão exaggeradas da narra-
tiva do Breve; que no exem-
plo dos Capuchos estavam ven-
do, que o partarem-se, era pa-
ra maior reforma: escandalizar-
se-hião de verem perseguidos,
e desterrados aos que tinham
por virtuosos. Em fim que com
este informe veio o Breve, co-
mo se desejava: com elle par-
tio

tio de Castella a este Reino o Padre Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago Fr. João de Argumanes, e chegou tanto a ponto, (que nesta materia não se descuidava sua vigilancia) que entrou pelo Convento de Chaves no mesmo dia, em que os Capuchos tinham feito eleição de Provincial: notificou-lhes o Breve, e desfez-se tudo.

7 Com pouca occasião tomou por sua conta o Chronista da Provincia de S. Miguel em Castella ⁱ resumir os successos dos Capuchos até fundarem as duas Provincias da Piedade, e de S. Gabriel; e chegando a tratar desta diligencia do Padre Argumanes, quando entrou em Chaves, o carrega de tantos Breves, para mostrar que obrava com justiça, que a não ser tão grande a carga, que trazia, sem duvida chegara o dito Padre antes de terem feito os Capuchos eleição de Provincial; pois ainda com tanto pezo chegou no mesmo dia de eleito. Sinco amontoa em seu favor, que ainda que só hum o favorecia, porque hum só falava nos Capuchos, e em sua Congregação, e he o que deixamos referido, impetrado à instancia do Embaixador de Castella, os outros não fazião pouco para o estrondo, que não foi a primeira vez, que este servio

de principal agente nestes pleitos. Por outra parte, diz, que apresentára Fr. Pedro de Melgar Letras, que de seu principio erão subrepticias, e nullas, ainda que não attribue à fingeleza dos Capuchos estas subreptições (faz-nos esta cortezia sua modestia) senão à industria dos Conventuaes.

8 Supponho com os nossos Memoriaes, ⁱ que neste encontro de Chaves não foi o debate, que aquelle Chronista diz, da manifestação dos papeis, que cada huma das partes tinha em seu favor, senão mais adiante em Evora, como diremos no Capitulo seguinte; antes logo que aos Capuchos notificarão o sobredito Breve, estiverão pelo que dispunha, dando obediencia ao dito Vigario Provincial Fr. João de Argumanes, ainda que o Breve deixava em sua liberdade poderem escolher ou esta, ou a do Provincial da Conventualidade da mesma Provincia; e em caso que houvera manifestação de Letras de parte a parte, a dos Capuchos, se se guardára justiça, havia de ficar de melhor partido; que supposto que aquelle Chronista nos diz erão de seus principios subrepticias, e nullas as que estes mostrarão, não nos aponta quaes fossem as subreptições, e nullidades: sabemos que legitimamente, e sem dolo foi

Sinde cit.
cap. 11.
Chron.
antig. l. 1.
cap. 39.

impetrado por Fr. Anjo, Procurador da Congregação, o ultimo Breve, com que procedêrão à eleição de Provincial, como lhes concedia, revalidando com muitas clausulas de firmeza todos os mais, que em seu favor tinham alcançado, e derogando os que contra elles se haviam expedido. Só contra si tinham este ultimo Breve, tirado à instancia do Embaixador de Castella (não fallo dos outros quatro, que aponta o sobredito Author, porque nenhum delles militava contra os Capuchos do Santo Euangelho, nem ainda os nomeava, como se póde ver nos mesmos lugares, aonde nos remette com as citas) e este tão cheio de nullidades, e subrepções por causa da narrativa falsa, que não podia desfazer cousa alguma do que estava obrado, em virtude do que legitimamente tinham alcançado os Capuchos para erigirem a sua Congregação em Provincia. Mas como sua singeleza era mais vista nos exercicios da Religião, e virtude, que no exame das nullidades, que podião ter os Breves, sem pôrem ao presente as duvidas, que tinha, bastou ouvirem o teor do que relatava, para darem por desfeito o que tinham obrado, sujeitando-se à obediencia immediata de Fr. João de Argumanes. Com isto ficou des-

feito o Capitulo, com que se voltou o Padre Argumanes para a sua Provincia, e os Capuchos para os seus Conventos de Portugal, e Castella, onde haviam de viver na sobredita immediata obediencia, guardado porém o seu modo reformado, como antes.

CAPITULO XXXI.

Dos concertos, que fez ElRei D. Manoel entre o Vigario Provincial da Provincia de Santiago, e os Capuchos.

I **D**Epois que os Capuchos derão em Chaves obediencia ao Padre Fr. João de Argumanes na maneira, que fica dito, recolhidos a seus Conventos, os que com Fr. Pedro ficarão em Portugal lograrão mais quietação, e sossego. Este faltava aos de Castella, porque o dito Vigario Provincial interpretava com todo o rigor a obediencia, que mandava dar o Breve: queria que de tal sorte se incorporassem na sua Provincia, que não ficassem vivendo em os Conventos, que haviam recebido, e fundado, senão em os que lhes elle affinasse a cada hum, como succedesse, com que ficavão perdendo aquelle modo de vida, e reformação, que antes tinham, o que era contra o de-
cre-

cretado em o Capitulo Geral de Roma, que mandava, que encorporados na parte, que escolhessem, vivessem em seus Conventos, segundo as leis de sua Reforma; e nesta conformidade dispunha o presente Breve a encorporação, e obediencia, e só com a restricção, que havia de ser a hum dos Prelados da Provincia de Sant-Iago, que o Decreto deixava esta eleição mais livre. Assim como o interpretava o Padre Argumanes, o executou tão bem; tirou aos Capuchos de Castella dos seus Conventos; derribáram-se alguns delles, como foi o de Alconchel, sobre que tinha havido mais pleitos, por assim lhe tirarem a occasião, e esperança de o tornarem a recuperar.

2 O mesmo desejava fazer aos que vivião em Portugal; mas como estavão em differente Reino, e nelle favorecidos do Duque, não o podia executar tão livremente. Por onde foi à Corte de ElRei D. Fernando, representou-lhe que se seguia pouco effeito do Breve, que lhe tinha impetrado, se os Capuchos, que estavão em Portugal, não tornavão para a sua Provincia; e que elle dito Vigario não tinha meios para os reduzir, por estarem favorecidos, e amparados do Duque de Bragança. Pelo que pedia a S.

Alteza que lhe dêsse cartas para ElRei de Portugal, e para o Duque, em que lhes rogasse, o deixassem executar o Breve, que tinha para reduzir aos Capuchos à sua obediencia, e Provincia. Deo-lhas o Rei, como lhas pedia: com ellas veio a Evora, onde o de Portugal estava, e com elle o Duque; e de tal sorte diligenciava seu negocio, que a não estar o Duque presente, sem duvida nenhuma ElRei fizera quanto o Vigario Provincial desejava. Mas como alli estava aquelle devoto Principe, tiverão os Capuchos quem os defendesse. Mandou chamar a Fr. Pedro, que assistia na Piedade de Villa-Viçosa, para conferirem entre si a resolução, que se havia de tomar naquelle caso.

3 Tanto que Fr. Pedro de Melgar chegou em Evora à presença de ElRei, e do Duque, estando já ahi o Padre Argumanes, começáram a tratar ambos os Religiosos sobre a disposição do Breve. Dizia Fr. Pedro que não tinha obrigação de fazer mais do que até àquelle tempo havia feito, que era dar obediencia a hum dos Prelados da Provincia de Sant-Iago; e que pois a tinha já dado a elle dito Vigario, não havia razão para que innovasse outra cousa. O Padre Argumanes pelo contrario allegava, que segundo o

O Bre-

Breve, se havião de encorporar todos em sua Provincia; e que isto se não podia bem fazer, tendo elles Casas em Reino estranho: pelo que era necessario deixarem as que tinham em Portugal, e passarem-se a Castella. Sobre este ponto era todo o debate, allegando cada hum suas razões; as de Fr. Pedro erão forçosas, as do Padre Argumanes só apparentes; porque em caso, que prescindamos das nullidades, que tinha o Breve, em que o Padre Argumanes fundava sua justiça, estando ainda por elle, já Fr. Pedro tinha dado satisfação ao que dispunha.

4 Mandava o sobredito Breve, que os Capuchos do Santo Euangelho, que ainda não tivessem dado a obediencia na fórma, que dispunha o repetido Decreto do Capitulo Geral, a dessem dentro de hum mez a hum dos dous Prelados da Provincia de Sant-Iago, ou ao Provincial, ou ao Vigario. Supposto que o Decreto os mandava encorporar, não os confundia de sorte, que ficassem totalmente perdendo a fórma de viverem de algum modo à parte, como o Padre Argumanes queria, antes lhes permittia que vivessem em seus Conventos, segundo as leis de sua Reforma, e governando-se por Prelados de entre si esco-

lhidos. Para Fr. Pedro dar esta obediencia, que dispunha o Breve, não era impedimento ter Casas em Portugal, porque neste Reino podião estar sujeitas as que tivesse à Provincia de Sant-Iago, o que já se tinha visto na mesma Provincia antes de se dividir della a de Portugal. Sobre isto assentava o individual das razões de Fr. Pedro, e quem duvida que forçosas, como fundadas em justiça; e as do Padre Argumanes só apparentes, assentadas só em sua interpretação, e amparadas das cartas, que trazia do Rei Catholico. Entre tanto não cessava o Duque de pedir a ElRei seu tio, quizesse buscar algum meio conveniente, para que os Capuchos não sahisses de Portugal. Propoz ElRei de assim o fazer, obrigado dos rogos do Duque, e da affeição, que já aos Capuchos mostrava, compadecido dos trabalhos, que tinham passado; e presente o Padre Fr. João de Argumanes, e Fr. Pedro de Melgar, lhes propoz hum concerto, que admittido de ambas as partes uniformemente, passou hum Alvará, que se guarda no Arquivo da Provincia, cujo teor he o seguinte. ^a

5 Nós ElRei fazemos saber a quantos este Alvará virem, que por sermos informa-

dos

dos de algumas differenças , que havia entre os Frades da Observancia , em especial da Provincia de Sant-Iago em Castella , e Fr. Pedro de Melgar , e seus companheiros , que erão da Custodia do Santo Euangelho , das quaes procedião alguns escandalos , e cousas de pouco serviço de nosso Senhor , e assim por Nos ser requerido pelo Provincial da Provincia de Sant-Iago , nos prouve de entender em o concerto de entre elles , os quaes por serviço de nosso Senhor , e nosso , presente Nós , se concertarão em a maneira seguinte. O Vigario Provincial da Provincia de Sant-Iago , Fr. João de Argumanes , que presente estava , por sua parte , e da dita Provincia disse que cessaria dos procedimentos , autos , e censuras , que tocavão à Revocatoria , que agora pouco ha houverão contra o dito Fr. Pedro de Melgar , e seus companheiros , que estivessem neste Reino de Portugal , e não requererão contra elles cousa alguma *directè* , ou *indirectè* , até que sejam confirmados pelo Padre Santo , e Vigario Geral os Capitulos seguintes. Porém que depois de confirmados , poderá proceder contra aquelles , que não vierem em este concerto ; e contra aquelles , que em elle vierem não poderá proceder em nenhum tempo. E o

dito Fr. Pedro de Melgar disse em seu nome , e de seus companheiros , que por este concerto quizerem estar ; que havendo-se licença do Santo Padre , para elles darem obediencia ao Vigario Geral : e assim para se fazer das Casas , que agora tem em estes Reinos , e ao diante terão , huma Custodia , immediatamente ao Vigario Geral perpetuamente , para que do dito Vigario Geral seja visitada , castigada , e governada immediatamente por sua pessoa , e não por outro Commissario algum , e assim mesmo lhe não possa o dito Vigario tirar de entre elles Frade , nem metter , sem consentimento do Custodio da dita Custodia ; e o dito Custodio seja elegido pelos mesmos Frades da dita Custodia , e de entre elles , cada trez annos ; e confirmado pelo dito Vigario Geral : o qual dito Custodio , e Frades della tenham além disto as graças , privilegios , e poderes , que agora tem a Custodia , e Custodio dos Anjos em os Reinos de Castella. Ao dito Fr. Pedro , e seus companheiros lhe apraz de dar obediencia ao dito Vigario Geral com as condições sobreditas , e mais que as Ordenações , que em Capitulo fizerem , que as confirme o dito Geral , e as faça guardar. O dito Provincial se obrigou a receber as Casas , que

Erecção
da Custodia da
Piedade.

estão em Castella, que forão dos ditos Padres da Custodia do Santo Euangelho, que são as seguintes: a de Salvaterra, a de Albuquerque, a de Belvís, se se edificar apar da horta abaixo, com vontade dos Padroeiros. O dito Fr. Pedro de Melgar disse que daria as Bullas, que pertencessem às ditas Casas, aos ditos Padroeiros; e procurará com elles fielmente que dem as ditas Bullas ao dito Vigario Provincial, e as Casas dellas, para que estén debaixo de sua obediencia, incorporadas em a dita Provincia; e o dito Provincial se obrigou de as fazer povoar de Frades, e não consentir derriballas. O dito Fr. Pedro disse, que havendo-se as ditas graças do Santo Padre, que elle promettia, e jurava diante de Nós de em nenhuma maneira *directè*, nem *indirectè*, em publico, nem em secreto consentir, dar favor, nem ajuda, nem conselho contra o sobredito: nem em nenhuma maneira molestar, nem em quanto nelle for, dar lugar, que seja molestada a Provincia de Sant-Iago, pertendendo direito por nenhuma de quantas Bullas, e faculdades, que até hoje em seu favor, é de seus companheiros são concedidas, ou se concederem, ainda que da concessão dellas, o dito Provincial, e Fr. Pedro, e seus companhei-

ros não sejam sabedores. Em especial, que não receberá Frade algum da Observancia, sem licença em escrito de seus Vigarios Geraes, ou Provinciaes, nem Casa nenhuma em Castella. E se Fr. Anjo ainda requer algumas Bullas, pelo poder que do dito Frei Pedro tem, que morrendo, ou vindo para sua companhia o dito Fr. Anjo, o dito Fr. Pedro as porá todas nas nossas mãos, salvo as que tocão à Casa de Truxillo, que quer passar a huma Casa destes Reinos. E assim mesmo o Padre Fr. João de Argumanes, Vigario Provincial, jurou, e prometteo diante de Nós de nenhuma maneira *directè*, nem *indirectè*, em publico, nem em secreto, por si, nem por outrem, ir, nem vir, nem dar favor, nem ajuda, nem conselho contra o sobredito, em parte, ou em todo, antes trabalhar, para que por ElRei, com seu Procurador, se despache qualquer cousa, que a este negocio cumprir, em Roma: assim como de cá for assentado, e afinado por elle, e pelo dito Fr. Pedro. A isto tudo se obrigárão os sobreditos Padres, havendo effeito o que em este concerto se contém, até Santa Maria de Agosto. O dito Provincial procurará de haver o consentimento, e approvação do Vigario Geral de tudo o aqui conteudo; e em

em tanto não procurará alguma coisa contra isto, pelo juramento dito. E a Nós praz de supplicar ao Santo Padre, que lhes queira conceder, e dar as graças aqui conteudas, e assim mesmo fazer guardar tudo o sobredito em nossos Reinos, e fóra delles procurar que se cumpra, e guarde. E não consentiremos que em isto haja innovação alguma de huma parte, nem de outra em os ditos nossos Reinos. E se o dito Fr. Pedro, ou cada hum de seus companheiros for contra este concerto, não consentiremos estar em nossos Reinos aquelle, ou aquelles, que em isto forem culpados. E por firmeza de tudo isto affinamos este Alvará, que do dito concerto mandámos fazer, em o qual elles tambem affinarão ao pé do nosso final. Feito em Evora a 21. dias de Janeiro de 1509.

R E I.

*Fr. João de Argumanes,
Vigario Provincial.*

*Fr. Pedro de Melgar,
Custodio.*

CAPITULO XXXII.

*De como a sobredita concordia
teve effeito, e foi con-
firmada.*

I Verão os Capuchos nestes concertos mais por respeitos, que por vontade; porque lhes era coisa mui pezáda largarem as Casas, que tantos trabalhos lhes tinham custado em Castella. Largarão-as porém como o que arroja ao mar a fazenda na tempestade: consideravão para assim o fazerem o presente desfavor, que sentião no Papa Julio II. de quem não esperavão já graça alguma, conforme de Roma lhe tinha escrito Fr. Anjo, a quem já esperavão despedido daquela Curia. Dado já seu consentimento na maneira, que temos referido, e feitos os concertos de que as Casas de Castella se incorporassem na Provincia de Sant-Iago, e das de Portugal, se fizesse huma Custodia com o titulo da Piedade, tomando-o da primeira Casa, que tivemos neste Reino; na qual Fr. Pedro de Melgar, com os mais de sua parcialidade, ficassem sujeitos sómente ao Vigario Geral da Observancia; tornou-se o Padre Argumanes a Castella a tratar, como tinha promettido, com o Vigario Geral quanto havia feito, e pedir-lhe quizesse

zesse confirmallo. Depois que o dito Padre Argumanes se partito, mandou o Duque a Chaves, e a Barcellos saber dos Frades daquellas Casas, se querião ficar em Portugal com Fr. Pedro, ou passarem-se a Castella. Todos uniformemente escolhêrão ficar em Portugal, de que se tirou, e fez publico instrumento, que os Guardiães daquellas Casas trouxerão, sendo chamados a Villa-Viçosa.

2 Passados trez mezes depois destes concertos, se celebrou em Valladolid Congregação Geral a treze dias do mez de Abril, na qual a diligencias do Padre Argumanes se estabeleceo o que em Evora se tinha ordenado. Acabada a Congregação, mandou o Padre Frei Maçal Boulter, Vigario Geral então segunda vez da Obseivancia a Fr. Francisco Pacheco, Religioso de authoridade, com huma Patente, na qual dizia, que por elle dito Vigario Geral não poder vir pessoalmente a este Reino, impedido de muitos negocios da Ordem, lhe dava plenario poder; para que em seu nome recebesse à sua obediencia, e à de seus successores aos Capuchos, que quizessem ficar em Portugal com Fr. Pedro, deixando-os em a liberdade de sua Custodia, e com o mais que em Evora se tinha tratado. Accrescentava mais nesta

sua Patente muitas palavras significativas de amor, e afeição, dizendo, que todos seus desejos erão conservallos em sua vida regular, e reformada, e assim lho promettia; e mandava a seus inferiores, não ousassem molestallos, nem dar-lhes pena em cousa alguma. Com esta Patente veio Fr. Francisco Pacheco de Valladolid a Villa Viçosa em tempo, que já nella estava Fr. João de Avila, Guardião do Convento de S. Francisco de Chaves, com o instrumento dos Frades de sua Casa, e o Guardião de Barcellos com o da sua. Forão logo chamados alguns Frades do Bosque de Borba, estando todos juntos na Piedade, presente o Serenissimo Principe D. Jaime, que a tudo assistia, chamando hum Notario Apostolico, derão obediencia ao Vigario Geral, fazendo-se de tudo hum publico instrumento nesta fórma.

3 Em nome de Deos. Amen. Saibão quantos este instrumento de concordia, ou amizade virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1509. a quinze dias do mez de Junho da dita era, em o Termo de Villa-Viçosa, Diocese de Evora, em o Mosteiro da Piedade, da Ordem de S. Francisco, em a claustra do dito Mosteiro, em presença de mim Notario Apostolico, e das
tes-

testemunhas ao diante nomeadas, estando ahi o mui excellentemente Principe, o Senhor D. Jaime Duque de Bragança, e Guimarães, Marquez da dita Villa-Viçola; e estando ahi outro fim os Veneraveis Padres Religiosos Fr. Francisco Pacheco da Observancia de S. Francisco, Commissario do Vigario Geral, e outro fim o Padre Fr. Pedro de Melgar, Custodio da Custodia do Santo Euangelho, e outros Padres moradores em a dita Casa de Santa Maria da Piedade, logo o dito Padre Fr. Francisco Pacheco, diante de mim o dito Notario, presentou huma commissão, escrita em papel, affinada ao pé com o final do Reverendo Padre Frei Marçal Boulier, Vigario Geral sobre os Frades Menores da Observancia Cismontana, e sellada com hum sello, que parecia ser da Ordem, sem vicio algum, nem suspeita, o teor da qual he o seguinte. Ao muito amado Irmão em Christo o Veneravel Padre Fr. Francisco Pacheco, &c. Aqui trasladou o Notario a Patente, que Fr. Francisco Pacheco trazia do Vigario Geral, para que em seu nome tomasse a obediencia aos Capuchos. Acabada ella, presentou Fr. Pedro de Melgar os concertos, que ElRei, e o Duque tinham feito, os quaes o dito Notario Apostolico escreveo

no instrumento, que fazia, e depois de trasladados todos, tornou a proseguir nesta maneira.

4 E logo pelo dito Senhor Duque de Bragança, e pelo dito Fr. Pedro de Melgar foi feita pergunta ao dito Padre Fr. Francisco Pacheco Commissario, depois de lido, e ouvido por elle todo o sobredito concerto, se o havia por bom, e se queria estar por elle, guardallo, assim como nelle se continha. E pelo dito Fr. Francisco Pacheco Commissario foi dito, que em nome do dito Vigario Geral, elle, pelo poder, que lhe era outorgado, approvava o dito concerto, e estatuto, e composição, e que a havia por boa, santa, e louvavel, e que elle prometia, como em effeito logo prometteo, de em todo o modo, e por todo, ter, e guardar o dito concerto, e concordia, e de nunca ir contra ella, nem contradizella em parte, nem em todo, jurando-o assim em fôrma de sua Ordem, e Religião, pelo poder, e commissão, que para isso tinha. E logo pelo dito Fr. Francisco Pacheco Commissario lhes foi feita aos Capuchos esta pergunta: se elles ditos Padres erão contentes de dar obediencia ao Vigario Geral Cismontano com as condições daquelle concerto, que diante de ElRei foi feito. E pelo dito Fr. Pedro de Mel-

Melgar foi dito que era contente de tudo, e queria estar por tudo, assim como o dito Rei, e Duque ordenado tinham: o mesmo disserão os mais Frades, que presentes estavam; os quaes se passarão logo à obediencia do dito Vigario Geral Cismontano, com todas as Casas, e Heremitorios, que até o dia de hoje por authoridade Apostolica, ou por outra qualquer authoridade, lhes são concedidas. E logo em presenca de mim Notario Apostolico derão obediencia ao dito Vigario Geral Cismontano, ou ao dito Commisario em seu nome. Testemunhas, que presentes estavam, que forão chamadas, e rogadas, os mui honrados Senhores Fernão Rodrigues, Camareiro Mór do dito Senhor Duque: João Fernandes seu Desembargador: e eu Vicente Martins, Abbade da Igreja Paroquial de S Pedro.

5 Já a este tempo tinha El-Rei Dom Manoel feito supplica ao Summo Pontifice, na qual lhe pedia quizesse por authoridade Apostolica confirmar os concertos, que os Padres Observantes de Castella, e os Capuchos de seu Reino tinham feito. Conforme o intento, passou Julio II. humas Letras, que se conservão no Arquivo desta Provincia; ^a cujo traslado anda no Livro *Monumenta Ordinis*, ^b por cuja causa julgo escu-

fado o escrevellas. Nellas com palavras mui favoraveis confirma tudo, quanto na dita concordia fora ordenado. Concede perpetua firmeza à nova Custodia da Piedade, que este nome tomou o dia, em que os Capuchos derão obediencia ao Vigario Geral da Observancia nas mãos de Fr. Francisco Pacheco, seu Commisario, que foi a quinze de Junho de 1509. tomando-o da Casa de nossa Senhora da Piedade, onde se effectuarão de todo os concertos. Dispunha o Breve, que de trez em trez annos procederão à eleição de novo Custodio, do qual pedirão confirmação ao Vigario Geral da Observancia. Aqui deixou a Congregação Capucha o primeiro nome, que teve do Santo Euangelho; pois as Casas, que tinha em Portugal, forão erigidas em nova Custodia da Piedade; e as de Castella (que erão só trez, como consta do Alvará de El-Rei Dom Manoel, que as nomea) ficarão encorporadas na Provincia de Sant-Iago. Foi a data deste ultimo Breve de Julio II. em Roma, no anno de 1509. a quatro do mez de Maio; começa: *Pro parte charissimi in Christo filii nostri Emmanuelis*, &c. Com elle ficarão os nossos Capuchos em perpetua quietação, logrando nella o fruto de seus grandes trabalhos.

^a
Habe ur
in Conv.
Pietatis.

^b
Mon. Ord.
tract. 1.
fol. 229.

CAPITULO XXXIII.

Como dos Capuchos, que ficarão em Castella, se fez outra Custodia chamada da Estremadura, que hoje he a Santa Provincia de S. Gabriel.

1 **E**M o Capitulo trigésimo deste Livro deixamos a Fr. Anjo de caminho para Hespanha: chegou a ella em tempo que os sobreditos concertos estavam já feitos, inteirou-se nelles, mas ficou tão pouco satisfeito do que Fr. Pedro tinha concertado, que não quiz ficar em Portugal, por não deixar as Casas, que tanto lhe haviam custado em Castella. Trez erão as que neste Reino tinham ainda em pé, que expressamente nomea o Alvará de El Rei D. Manoel assim escrito, incorporadas na Provincia de Sant-Iago, debaixo da obediencia do Vigario Provincial dos Observantes, e assim se conservarão quasi trez mezes, que tanto vai de vinte e hum de Janeiro de 1509. quando se fizerão os concertos, até treze de Abril da mesma era, em que se celebrou huma Congregação Geral, onde Fr. Anjo solicitou outra cousa. Considerava elle que nunca aquellas Casas Capuchas terião augmento, em quanto estivessem sujeitas immediatamente ao Vigario Pro-

vincial da Provincia de Sant-Iago, pois tão oppostos se lhe tinham mostrado os Padres Observantes da mesma Provincia; e vendo em fim que o viverem nella encorporados era para rem alli, e não passarem mais adiante, pois não tinham authoridade para fundarem outras de novo, procurou meios para se eximir de sua obediencia, e sujeitar-se à Conventualidade, com cujo amparo se promettia na sua Reforma algum progresso.

2 Publicou neste tempo o Ministro Geral Fr. Rainaldo Graciano de Cotignola em Valladolid a Congregação sobredita, onde se confirmarão os concertos de Evora, como fica relatado. Nesta se achou Fr. Anjo, e com o desejo de sustentar sua Recoleição à parte, recorreo com esta pertença ao Geral, a quem achou tão favoravel, que entre alguns Decretos, que firmou com o Vigario Geral Cismontano, foi hum delles o seguinte. *a Item Moles c. 3.
Chron. P.
S. Gabr.
l. 1. c. 14.
Et Chron.
S. Mich.
l. 5. c. 7.*

em o que toca aos Padres do Capucho, se lhes dará espaço de seis semanas desde o dia que forem requeridos, em o qual espaço devão de novo declarar debaixo de qual obediencia querem estar, e permanecer, ou dos Ministros, ou dos Vigarios. E se elegerem a obediencia dos Ministros, devão, e possão tornar às Casas, que ri-

P nção

nhão por authoridade Apostolica em a Provincia de Sant-Iago, as quaes Casas lhes devão ser restituídas, e poderão morar nelas livremente. E se elegerem a obediencia dos Vigarios, se passarão a elles com todas as Casas, que tinhão, e agora tempela dũa authoridade Apostolica, e especialmente com o Convento de São Francisco de Chaves da Provincia de Portugal: juntando-se porrẽm o assenso do Illustrissimo Duque de Bragança, isto he, seu consentimento, quanto ao passar da dita Casa de Chaves tão sómente, entendendo da restituição, que se lhes ha de fazer das Casas, conforme a disposição do Breve, que emanou em o Capitulo Generalissimo.

^b
Mon Ord.
trat. 1.
fol. 214.

3 Esta, e outras clausulas de concordia que na dita Congregação se estabelecẽrão entre os Padres Conventuaes, e Observantes, fim por que o Geral a celebrou, forão confirmadas pelo Pontifice Julio II. por hum Breve expedido em Roma ^b em vinte e cinco de Maio de 1509. dando por derogado tudo o que a estes concertos se oppuzesse. Conforme o sobredito Decreto forão requeridos os Capuchos sobre a eleição da obediencia: Fr. Pedro de Melgar revalidou a que já tinha dado ao Vigario Geral da Observancia, como quem já esperava do Pontifice confirmação dos concertos, que

em Evora tinha feito; porẽm Fr. Anjo escolheo viver sujeito à Conventualidade, pedindo, pois assim fora determinado na dita Congregação, lhe fossem restituídas as Casas, que a Provincia de Sant-Iago lhe tinha occupadas em Castella Recebeo o Geral à sua obediencia a Fr. Anjo, e aos mais, que o seguirão; e supposto que procurou muito metellos de posse das Casas, que pedião, achou nisto tanta contradição, e resistencia, que não pode effectuallo. Pelo que pertendendo que ficasse Fr. Anjo accommodado de tal sorte, que sua Reformação fosse adiante, concedeo-lhe trez Conventos antigos para sua habitação, que os Conventuaes tinhão em a Estremadura, e erão Vigairarias entre elles. Estava hum no Valle de Xeres, e chamava-se Santa Margarida; outro S Francisco dos Majarettes, huma legua de Valença de Alcantara; e o terceiro chamado S. Marcos, na Serra de Altamira, todas Casas pequenas, e devotas, mui accommodadas ao espirito, e devoção daquelles primitivos Padres.

4 Nellas se recolhẽrão os poucos companheiros, que então erão, mas não com a quietação, e repouso, de que gozavão os que ficárão em Portugal; porque estes, ainda que estavão em sua propria terra, de novo

tornarão a ser perseguidos de tal sorte, que Fr. Anjo tornou a Roma, e nella, por muitas vezes, fez supplica ao Papa lhe mandasse restituir suas antigas Casas. Nestes requerimentos se deteve até que o dito Geral Fr. Rainaldo foi promovido à dignidade de Arcebispo de Ragúfia; e succedendo-lhe no officio o Padre Fr. Filippe de Bagnacavallo, confirmou a Fr. Anjo o direito, que tinha às ditas Casas, para que seus requerimentos tivessem mais força; mas nem com tudo isto pode Fr. Anjo conseguir a restituição, que pertendia, até que morreo este Geral em breve tempo, pois só governou a Ordem hum anno, e trez mezes. O novo Geral, que succedeo, chamado Fr. Bernardino do Prado, visita a pertença das Casas, que Fr. Anjo trazia, lha corroborou, concedendo-lhe mais outra de novo, chamada nossa Senhora de Rocamador em o Condado de Feria.

5 Não pode Fr. Anjo com todas suas diligencias, ainda que fez muitas, alcançar outra cousa, indo a Roma diversas vezes; pelo que estando já quieto em estas quatro Casas, que pelos Geraes da Ordem lhe haviam sido concedidas, no anno do Senhor de 1514. o sobredito Geral Fr. Bernardino do Prado dellas instituiu hum Custodia

chamada da Estremadura, sendo o seu primeiro Custodio Fr. Francisco de Frexenal, Varão de grande espirito, e austeridade, de que tudo passou hum Patente a oito de Dezembro do mesmo anno. Authorizou logo o Papa Leão X. que já governava a Igreja Catholica, o que o Geral neste particular tinha feito, com hum Breve copioso, expedido em vinte e trez de Março de 1515. no qual depois de a confirmar Custodia, e lhe conceder authoridade para poderem receber mais Casas, e Noviços, os encheo de outras muitas graças, e favores. Com estes teve aquella pobre Familia mais quietação, vivendo sem perturbações, nem sobressaltos na observancia de sua Custodia, até que ao diante, na era do Senhor 1519. a vinte e dous de Julho, em a Villa de Benavente; pelo Commissario Geral Fr. Gabriel Ave Maria foi a Custodia levantada Provincia com titulo de S. Gabriel. Nella ficarão aquelles Santos Varões fazendo muitos serviços a Deos nosso Senhor, como se póde ver na Chronica da sobredita Provincia, que a ella remetto o Leitor.

6 Este foi o successo da Congregação do Santo Evangelho: de sorte, que sendo no principio dividida em duas Custodias, hum instituida por Fr.

Pedro de Melgar em Santa Maria da Luz de Truxillo, outra por Fr. João de Guadalupe com o mesmo titulo do Santo Euangelho, cuja primeira Casa era a de nossa Senhora de Villa-Nova del Fiesno, depois se vierão a ajuntar ambas, convertendo-se em huma só a que os Breves, e escrituras, que della fallão, chamão ora Custodia, ora Congregação, ora Familia do Santo Euangelho ou do Capucho, cujo Prelado, depois de unida, foi só Fr. Pedro de Melgar. Esta Congregação, ou Familia do Santo Euangelho se tornou a partir em duas Custodias de differentes nomes, convem a saber: a nossa Custodia da Piedade neste Reino, que foi a primogenita daquella Congregação; e a Custodia da Estremadura em Castella, que foi filha segunda. Com que, segundo isto, se póde dizer, que aquella Familia foi semelhante àquella serpente, de que diz Eliano, que se a partem em duas ametades, cada huma dellas vive por si, e se depois as tornão a ajuntar, se pegão, e soldão, e vivem em hum só corpo, como se nunca forão divididas. E sendo isto assim, (demos por ora credito a Eliano) se a tornarem a partir outra vez, tornará a viver em duas partes distinctas. Assim esta Reformação Capucha: no principio se dividio em

duas partes, isto he, em duas Custodias, e vivia cada huma por si: depois se tornárão a ajuntar, e soldárão de maneira, que vivião ambas em hum corpo, e regimento; e ultimamente veio outro golpe, que as tornou a partir nessas duas separadas Custodias, da Piedade, e da Estremadura. Para darmos noticia de como, e quando esta foi levantada em Provincia, adiantamos o tempo, por se não confundir a historia de huma com a da outra: tornemos agora hum pouco atrás a historiar os successos da nossa Custodia da Piedade.

CAPITULO XXXIV.

De como o Custodio da Piedade foi ao Capitulo Generalissimo, convocado por Leão X. e o que nelle succedeo tocante à dita Custodia.

I **J**A' deixamos escrito, como em o anno de 1509. foi instituida a Custodia da Piedade, immediatamente sujeita ao Vigario Geral da Observancia Cismontana: depois em o Capitulo Geral da mesma Familia do anno de 1511. se nomeou em o Catalogo das Custodias com authoridade Apostolica, por mais solemnidade, e firmeza, não por necessidade de nova instituição, ou

ou dispensação, como parece quiz dar a entender o nosso Analista; ^a pois já, como referimos, estava instituída, e confirmada por hum Breve de Julio II. Desde este tempo até o anno de 1517. não nos ficou em memoria cousa alguma do que succedeo em a dita Custodia. Para este anno tinha já o ^{i. p.} Papa Leão X. ^b convocado a Capitulo Generalissimo, que queria celebrar em Roma pela festa do Pentecostes, por hum Breve seu expedido na mesma Curia a dous de Julho de 1516. e quarto de seu Pontificado. Convocou o Pontifice a este Capitulo todos os Vogaes de ambas as Familias, da Conventualidade, e da Observancia, a fim de os concordar; porque entre elles havia algumas differenças, e competencias continuas desde o Concilio Constançienſe. Forão tambem os nossos Capuchos citados: partio a seu tempo para Roma, em nome de todos, o Custodio Fr. Pedro de Monte Molim, em numero terceiro Prelado, que a Piedade, em quanto foi Custodia, teve; que se bem em seus Memoriaes se acha escrito: fora o segundo, com tudo repugna isto à boa computação dos tempos; porque quando no anno de 1509. a confirmou Julio II. dispoz no Breve, que o Custodio só duraria trez annos em

seu officio, no fim dos quaes se procederia à eleição do novo Custodio; e tendo já passado desde o anno de 1509. até o de dezesete, além dos dous triennios, mais dous annos, claramente se vê, que o Custodio, que foi a Roma, era o terceiro, e não o segundo. Nasceria talvez este erro por se ignorar quem fosse o segundo Custodio, pois por mais diligencias que fizemos, não nos foi possível descobrillo; mas que muito nos falem nisto as noticias, quando em materias de mais pezo (lastima grande) choramos sem remedio a mesma falta? Hum dos mais principaes effeitos da vida contemplativa he o esquecimento de todo o temporal, sómente occupada na contemplação do Celeste, gozando já de Deos, como a Magdalena, ^c no modo possível cá na terra. ^{Luc. c. 10. num. 39.} Assim os nossos primeiros Fundadores vivião tão entregues à contemplação, que de tudo o mais se esquecião: cá na terra vivião; porém lá no Ceo conversavão, como de si dizia S. Paulo; ^d com que não he muito não fazerem memoria do que ^{Ad Philipp. i. p. c. 3. n. 20.} lhes succedia.

2 Congregados em Roma o dia finalado todos os Vogaes, tratou logo o Summo Pontifice de unir ambas as Familias, Conventuaes, e Observantes, para cujo effeito perguntou àquel-

quelles se querião dimittir os privilegios, que dos Pontifices tinham impetrado, pelos quaes lhes era concedido poderem ter propriedades, e rendas, como de facto as tinham. Porém vendo que não querião fazer deização dos taes indultos, passou o sello da Ordem para a Observancia, dispondo que o Geral, que se elegesse, fosse sempre desta Familia, a quem declarou por legitimo successor de nosso Padre S. Francisco. Entrarão os Vogaes da Observancia à eleição do Geral Ministro (que os Conventuaes não só estavam privados de voz passiva pelo Pontifice para esta eleição, mas também de voz activa) sahio eleito o Padre Fr. Christovão de Forlivo da Provincia de Bologna; e porque era da Familia Ultramontana, elegêrão por Commissario Geral da Cismon-tana ao Padre Fr. Gilberto Nicoláo. Aqui se passou o nome de Ministros aos Observantes, que antes se chamavão Vigarios, ficando os Conventuaes, em quem andava, com o titulo de Mestres, sujeitos ao Ministro Geral da Observancia, o qual havia de confirmar suas eleições, e podia visitallos quando quizesse, ainda que alguns annos depois forão despendados

Gonz. r. p. e nesta sujeição, e obediencia
fol. 44. pelo Papa Clemente VII. como diz o Illustrissimo Gonzaga.

3 Dispoz também para maior união o Summo Pontifice, que as Congregações Reformadas dos Clarenos, Colectaneos, Amadeos, e do Santo Euangelho, ou Capucho, ficassem immediatamente sujeitas aos Ministros Provinciaes da Observancia respectivamente, segundo as Provincias, em que morassem. Nesta clausula podia haver algum embaraço tocante à nossa Custodia; porque, conforme ella, poderião algum tempo procurar que estivesse a algum Ministro sujeita, donde era mui contingente nascerem novos trabalhos aos Capuchos. Para se obviarem estes, declararão os Padres em o Diffinitorio do dito Capitulo não fer a Custodia da Piedade comprehendida na dita clausula, visto haver já sete annos, que por authoridade, e confirmação Apostolica estava immediata ao Vigario Geral da Observancia; com que de todas as Congregações Reformadas foi a unica, que no dito Capitulo ficou isenta da sujeição aos Provinciaes: e para mais firmeza desta declaração, a requerimento do nosso Custodio Fr. Pedro de Monte Molim, passou o Ministro Geral huma Patente nesta fórma. f

4 Ao Charissimo em Christo, e Veneravel Padre Fr. Pedro de Monte Molim Custodio,

Ha tu
in C
Pie t

e a todos os Frades da Custodia da Piedade da Ordem dos Menores da Regular Observancia no Reino de Portugal. Fr. Christovão de Forlivio, Ministro Geral de toda a dita Ordem, saude em o Senhor Jesu Christo, e Maria Santissima sua Mãe. Convem aos cultivadores da paz, e aos professores da verdade, paz perpetua; e assim passamos as presentes, pelas quaes a paz, e caridade na Ordem inteiramente se conserve. Como quer que para maior união de nossa Ordem, e para quietação, e tranquillidade de todos os Frades della, em o nosso proximo passado Capitulo Generalissimo fossem pelo Romano Pontifice ordenados alguns Decretos, e mandamentos, pelos quaes (não se entendendo propriamente) podia resultar à vossa Custodia alguma turbação, que vos apartasse da estreita Observancia, que professais, o que Deos não permita, e o que se succedesse, não carecia de culpa quem por officio tem acudir, e obviar todos os males, daqui he que as cousas conteudas na Bulla da união, passadas antes do nosso Capitulo Generalissimo, convem a saber, que daqui em diante todas, e quaesquer Congregações dos Amadeos, dos Clarenos, dos Colectaneos, e dos Capuchos do Santo Euan-

gelho devão obedecer, e estar sujeitas cada huma dellas a quaesquer Ministros Provinciaes, em cujas Provincias estiverem. Por tanto declaramos, e pelo testemunho das presentes Letras afirmamos, ser assim por todo o Definitorio do dito Capitulo Generalissimo declarado, que as ditas cousas assim ordenadas pella Bulla da união se hão de entender das Congregações, que actualmente vivem, e sempre viverão debaixo da obediencia, e governo dos Ministros Provinciaes, e Prelados da Ordem, e não de vós, nem de vossa Congregação, pois já ha muitos annos viveis immediatos à Familia, e obediencia dos Prelados da Observancia; e assim como Frades de Congregação particular não deveis ser por respeito do tal Decreto molestados. Em testemunho do qual passamos as presentes, afinadas por nossa propria mão, e selladas com o sello maior da Ordem, aos doze dias do mez de Julho do anno de 1517.

Fr. Christovão de Forlivio.

5 Mandava tambem o Summo Pontifice na Bulla da união, que para mais conformidade, e quietação da Ordem, todos os Frades deixassem os appellidos, e nomes particulares, por que erão nomeados, e se reduzissem a dous sómente, convem a saber, a Observantes, e Con-

ven-

ventuaes , nem houvesse mais nomes genericos de Frades. Por respeito deste Decreto se tratou no Definitorio do dito Capitulo , ser cousa conveniente para a paz , e quietação da Obervancia Regular , que os do Santo Euangelho deixassem o Capucho, que traziaão , e se conformassem na fôrma do vestir com os mais Frades. Virão-se obrigados a deixarem o Capucho , não sem grande sentimento , por aquella fôrma lhes trazer à memoria o estado da primitiva Ordem , em que se usava ; com tudo nem por isto deixarão a vileza , e pobreza dos habitos , que traziaão , pois ainda hoje em os nossos se conserva ; que além de serem de burel tolco , e grosseiro , são estreitos , curtos , e ordinariamente remendados. Estas forão as cousas tocantes à Custodia da Piedade, que se tratarão naquelle Capitulo , que foi dos Gerães em numero o centesimo terceiro , e setimo dos Generalissimos. g

Chr. ^g Ord.
3. p. l. 8.
c. 47.

CAPITULO XXXV.

De como a Custodia da Piedade foi levantada em Provincia.

I **V**Endo Fr. Pedro de Monte Molim como todos os Padres do Capi-

tulo favorecerão a sua Custodia, declarando-a isenta da obediencia dos Ministros Provinciaes , cousa , que a nenhuma das outras Congregações se concedeo, estes novos favores o incitarão a procurar-lhe outros maiores , pelo que antes de se partir de Roma tratou de que esta Custodia se fizesse Provincia ; e favoreceo Deos tanto sua boa diligencia , que dentro em poucos dias alcançou o fim , que elle , e todos seus Religiosos desejavão. Fez supplica ao Summo Pontifice Leão X. pedindo-lhe quizesse levantar em Provincia a Custodia da Piedade , visto haver já sete annos , que estava dos Provinciaes isenta , e novamente confirmada nesta isenção em o Capitulo Generalissimo. Conduzio muito para o effeito desta pertençaão o abono , que os Padres Obervantes davão dos Capuchos ; que se dantes os molestavão tanto , como por todo o discurso deste primeiro Livro temos visto , ninguem nesta occasião nos louvava mais , nem estimava tanto , como elles. Tal era a fama , que os mesmos Padres Obervantes espalhárão em Roma da virtude , recolhimento , pobreza , e perfeição Euangelica , em que os Frades da Custodia da Piedade em Portugal vivião ; e tal noticia , e boa opinião tinha delles o Papa Leão X. que logo

logo deferio à supplica, que Fr. Pedro de Monte Molim lhe tinha feito. Passou hum Breve, que começa: *Exponi nobis nuper fecistis*, &c. no qual lhe dá todas as liberdades, isenções, e indultos de Provincia, e a faz immediata ao Geral, como as outras. O teor das Letras he o seguinte.

2. Leão Papa X. Amados filhos, saude, e Apostolica benção. Muito pouco ha nos foi por vossa parte exposto, como a vossa Custodia de Santa Maria da Piedade, da Ordem dos Frades Menores da Regular Observância, juntamente com o seu Custodio, estava immediatamente sujeita ao Vigario Geral da dita Ordem; e que supposto em a Regra do Bemaventurado S. Francisco, entre outras cousas, se mande expressamente, que os Frades obedeçam a seus Ministros, o qual se costuma interpretar do Ministro Geral, e Provincial, a vossa Custodia, e seu Custodio tenham as mesmas faculdades, que qualquer dos Ministros Provinciaes, e qualquer Provincia da mesma Ordem em suas Provincias tem; e que sómente carecem do nome de Ministro Provincial, e de Provincia. Pelo qual humildemente nos pedistes, que vos quizeffemos conceder por authoridade Apostolica, que a dita vossa Custodia

de Santa Maria da Piedade daqui por diante se chame Provincia, e que o seu Custodio, que he de presente, e ao diante for, se chame Ministro Provincial. Assim que Nós inclinados a semelhantes petições, para que possais guardar com perfeição a Regra do Bemaventurado S. Francisco, pelo teor das presentes, *authoritate Apostolica*, e por dom de graça especial, concedemos a vós, e a todos os Frades da vossa Custodia, que ao diante forem, que a dita Custodia por todos os tempos perpetuos, e futuros se possa chamar Provincia; e que o Custodio della, que actualmente he, e ao diante for, se chame Ministro Provincial. E assim tambem concedemos, e queremos que a dita Provincia, e seu Provincial em todo o tempo gozem, e usem dos privilegios, prerogativas, isenções, graças, e indultos, de que agora usão, e gozão, conforme as Letras, que pouco ha passámos, que começam: *Ite & vos in vineam meam*. Para cumprimento do qual mandamos aos Veneraveis Irmãos Bispos, de Evora, de Ceuta, e Asculanen-se, que cada hum, ou todos juntos, por si, ou por outrem, vos sirvão de efficaz presidio, e fação por nossa authoridade que tomeis posse pacifica dos taes nomes, e que gozeis de

todas effas cousas em nossas Letras concedidas , não consentindo que contra o teor das presentes sejais molestados pelo Ministro Geral , nem pelo seu Commissario , ou por outras quaesquer pessoas de qualquer authoridade que sejam. Assim tambem lhes concedemos , que possão pôr censuras Ecclesiasticas , e com quaesquer outros remedios de direito refrear aos que vos contradisserem , e se mostrarem contrarios a estes nossos mandamentos , accrescentando-lhes estas mesmas censuras , e invocando o braço secular , quando seja para isso necessario. E dado caso que não possão haver às mãos aos taes molestadores , e perturbadores , nem tenham noticia do lugar certo donde habitão , contra elles poderão proceder por edictos publicos , fechados em lugares publicos , vizinhos àquelles , em que lhes pareça que tem sua habitação , ou póde vir à sua noticia. ; e para assim o fazerem lhes concedemos plena , e livre authoridade Apostolica , não obstante as Letras do Papa Bonifacio VIII. de feliz memoria , nosso antecessor , nas quaes se manda , que nenhum Prelado fóra de sua Cidade , e Diocese , salvo em certos , e determinados casos , e ainda nelles fóra de huma dieta além do fim de seu Bispado , não possa tra-

zer ninguem a seu Juizo. Nem obstante o que no Concilio Geral se manda àcerca das duas dietas ; nem obstante outras quaesquer Constituições , e Ordenações Apostolicas , ou Estatutos da dita Ordem , ou costumes , ainda que nos Capitulos Generalissimos se tenham feito com juramento , e confirmado pela Sé Apostolica , ou por qualquer outra via roboradas por privilegios , indultos , e Letras Apostolicas , ou por quaesquer outras clausulas nellas postas , o teor das quaes , como se de *verbo ad verbum* aqui as nomeassemos , e exprimissemos , por esta vez tão sómente , *especialiter* , & *expressè* as derogamos. Dadas em Roma *apud Sanctum Petrum sub Annulo Piscatoris* em vinte e sete de Julho do anno do Senhor de 1517. e quinto de nosso Pontificado.

3 Esta foi a ultima mão , que se deo ao edificio da nossa Provincia ; pois com este Breve ficou tão segura , e quieta , que nunca mais sentio abalo. Pela data delle se vê bem claramente que se enganou o Author da quarta parte das Chronicas da nossa Ordem , o qual expressamente diz , ^b que a Custodia da Piedade foi erigida em Provincia no anno de 1565. no Capitulo celebrado em Valholid. Se o tempo da erecção da nos-

Daça
l. 5. c.

noſſa Provincia ſó conſtára das Letras referidas de Leão X. forra menos culpavel eſte erro, porque em fim era hum Breve particular, e não eſtava aquelle Chroniſta obrigado a ter noticia delle; porẽm conſtando de muitas eſcrituras commuas à Ordem, cuja Chronica elle eſcrevia, não tem eſcuſa alguma em a fazer tão moderna. Não lhe tirára quarenta e oito annos de ſua antiguidade, ſe lêra o que neſta materia eſcreve o Chroniſta Geral da Ordem Fr. Marcos de Lisboa, Biſpo que foi do Porto, ainda que elle não conta ſua erecção do anno, que diſſemos foi feita Provincia por Breve Apoſtolico, mas do de 1520. em que a primeira vez foi lida em taboa de Capitulo Geral. O Reverendiſſimo, e Illuſtriſſimo Gonzaga, ^c e o Memorial da Provincia de São Gabriel, com a Chronica da meſma, declarão o anno, e dia proprio, em que foi instituida, que he o que deixamos individualdo. E ſendo iſto tão patente, não póde deixar de cauſar admiração dizer Varão tão douto o contrario; mas em fim, como dizem, às vezes dormita o bom Homero: e bem ſe vê que foi inadvertencia; pois fallando muito antes de Fr. João de Albuquerque, Arcebiſpo de Goa, diz, que quando o promovêra D. João III. àquella dig-

nidade, tinha já ſido Provincial da Provincia da Piedade; e morrendo eſte Catholico Rei no anno de 1557. ^d ſegue-ſe que já antes do anno de 1565. eſtava a Provincia da Piedade instituida.

^d Mariz
Dialog. 5.
c. 3.

CAPITULO XXXVI.

Vem Fr. Pedro de Monte Molim de Roma, e dá à execução as Letras ſem algum eſtorvo.

I **P** Affadas as Letras referidas, recolheo-as a ſi o noſſo Cuſtodio, já feito Provincial; e deſejoſo de ſer o primeiro, que trouxeſſe à Provincia tão boas novas, deixou Roma, e chegou mais depreſſa a Portugal do que pedia tão largo caminho, e os vagares de quem vinha a pé pedindo eſmola. Chegado pois ao Reino, apresentou o Breve aos Prelados, a quem vinha dirigido, que teve na execução mais feliz ſucceſſo que outro ſemelhan-
te ^a em Chaves. Tomou logo o pacifico governo da Provincia, ſendo o primeiro Miniſtro Provincial della: Fr. Pedro de Melgar a fez Cuſtodia, Fr. Pedro de Monte Molim a fez Provincia, que ſe là no Thabor foi necedade querer hum ſó Pedro fazer trez tabernaculos, ^b para fundarem o edificio da Provincia da Piedade, primeira de

^a Supr. c. 30.

^b Matt.
c. 17. n. 4.

todas as Capuchas, concorreo o valor de dous Pedros. E foi bem necessario para vencer tantas opposições, quantas referimos neste primeiro Livro, além de outras muitas, que calamos; nem relatamos aquellas de queixosos, porque nos persuadimos que permittillas Deos foi mais para exame, que por trabalho; pois fundadores de huma Provincia tão Santa, e Religiosa era bem que primeiro na tolerancia dos trabalhos mostrassem sua virtude.

2 No felice remate, e venturoso fim, em que veio a parar esta Reformaão, se dá bem a entender, como era obra inspirada por Deos. e não leviandade de animo de seus fundadores, por mais que alguns contrarios a quizessem a isso attribuir; nem nos he necessaria mais prova desta verdade que o fabermos que toda a cousa, que tem adversarios potentissimos, e com tudo prevalece, e dura, de necessidade se ha de dizer que tem alguma virtude Divina, que a sustenta; que, como disse ^c o Douto Gamaliel, as obras, e conselhos, que não procedem do espirito de Deos, por si mesmas depressa se dissolvem, e tornão em nada; porèm as que são por este Senhor ordenadas, por mais resistencia, que achem, hão de ter effeito. Quem vio esta Congregação do

Santo Euangelho ter tantos contrarios tão poderosos, Prelados, Principes, Reis, Cardeaes, e a tempos o mesmo Summo Pontifice, e considerar como huns pobres Fradinhos, os quaes descalços, e mortificados, não com forças, e poder, combatião contra elles, senão com soffrimento, paciencia, humildade, pobreza, constancia, e zelo, e que com estas armas prevalecêrão, e alcançárão o fim de seus desejos, não poderá deixar de conhecer, como erão por Deos guiados, e que foi obra da Providencia Divina.

3 Maiormente que quando os trabalhos fazem aos que os padecem estar alegres no meio delles, e crescer em fervor de caridade, he manifesto argumento que são aceitos a Deos, de quem procede essa alegria; porque, como se diz em o livro de Job, he propriedade do Senhor dar musica a huma alma em a noite escura, ^d isto Job c. he, como declara S. Gregorio, ^e dar alegria no meio da D. G. tribulação, o que não tem os ibi. trabalhos padecidos pelo mundo, e por outros respeitos humanos, que, ainda que aconteça haver quem os soffra com fobeja vontade, com tudo he sempre com falta de alegria, e se continuão muito, enfadão, e causão tibieza. Isto não tinham estes servos de Deos, que na

ma-

maior força de suas perseguições, e trabalhos vivião mais contentes, e se mostravão mais alegres em o Senhor; que o seu fervor de espirito, o qual em o dia claro da prosperidade se não podia também conhecer, se manifestava em a noite escura da adversidade, como o das aguas daquelle fonte de Sicilia, de que diz Pomponio Mella, que estando quietas sem mover-se todo o dia, fervem com ardente calor à meia noite.

4 Donde venho a advertir a particular obrigação, que temos mais de imitar as virtudes de nossos primeiros fundadores, que não de prezar-nos muito dos taes terem sido virtuosos. Ha muitos homens no mundo, que prezando-se do fangue, que herdarão dos seus antepassados, não fazem caso da virtude, em que os taes resplandecerão; sendo assim que nas virtudes se hão de pôr os olhos, para por ellas se fazerem semelhantes, e não em a honra tão sómente, que os taes por suas virtudes alcançarão; pois jatar-se hum que procede de bons, não o sendo elle, he como gloriar-se que vem fugindo dos bons, de quem procede. Pouco poderá aproveitar a nenhum Religioso desta Provincia o prezar-se que seus fundadores forão Santos, se elle não procurar de ser tal, quaes elles forão. Se sois filhos de

Abrahão, e disse muito vos prezais, fazei o que Abrahão fazia, disse o Redemptor do Mundo ^f aos Hebreos, vendo que se gloriavão muito de ter sua geração principio, e origem naquelle Santo, e virtuoso Patriarca. E na verdade, ainda que o dito foi breve, e as palavras poucas, são compendiosas, e querem dizer muito. Que maior desordem póde haver, nem que maior argumento de leviandade, que prezar-se o homem das virtudes alheias, e não aborrecer seus vicios proprios? Pois quem louva muito a illustre geração de seus antepassados, disse Seneca, e as virtudes particulares, em que resplandecerão, não sendo tal, que pelo exercicio de todas possa entrar em o numero delles, louva cousas alheias, e não suas; e das alheias ninguem se póde gloriar. O que importa he, segundo diz São Paulo, que prove cada hum quem he por suas obras, e terá gloria em si mesmo, e não em outros: seja esclarecido por suas virtudes proprias, e não terá necessidade de mendigar as alheias de seus antepassados: a virtude, que cada hum por si grangea, o faz perfeito, e não o terem sido perfeitos seus progenitores.

5 Nem he cousa certa serem todos Santos os que professão Institutos santos, e re-

Joan. c. 8.
n. 39.

cebem o habito em Provincias mui Regulares, e perfeitas: muitos homens estudarão em Athenas, e ficarão ignorantes: muitos seguirão a milicia em Roma, e ficarão fracos: finalmente sendo nosso pai Adão criado no Campo Damasceno, e nossa mãe Eva no Paraíso, ella foi muito peor que elle; para que vejamos claramente, que nem todos os que se crião em Provincias santas, são perfeitos: sello-hão com tudo os que imitarem a perfeição de seus virtuosos fundadores. Taes foram os nossos da Piedade, dos quaes nós não havemos de lembrar tanto para louvallos, quanto para imitar sua virtude. Queira Deos que assim os presentes, que agora somos, como os vindouros, que succederem depois, nós saibamos bem aproveitar do fruto de tantos trabalhos, quantos padecerão nossos primitivos Padres por nos deixarem a Provincia bem fundada, nesta paz, e quietação em que a gozamos.

CAPITULO XXXVII.

Excellencias da Provincia da Piedade.

I T Eve a nossa Religião Serafica a felicidade de nascer, e se criar à sombra da Senhora Mãe de

Deos, fundando a primeira Casa junto de huma pequena Hermida sua em Affis, ^a a quem ^{Chr. Ord.} nosso Padre S. Francisco por ^{1. p. c. i} este respeito chamou Porciuncula. Acoitou-a seu Serafico Fundador a tão grande sombra, para que della lhe viesse o espirito, e perfeição de vida, que desejava ver em todos os Religiosos da Ordem, que fundava. A mesma dita teve tambem a Provincia da Piedade, pois a sua primeira Casa em dignidade, e tempo foi edificada junto a huma pequena Hermida de nossa Senhora da Piedade, quasi meia legua distante de Villa-Viçosa, para a parte do Oriente, como temos dito: ^b e não ^{Supr. c} duvido eu que nossos primitivos ^{n. 1.} Padres na eleição, que fizerão, tivessem a mesma attenção, que seu chagado Patriarca; que como o seu intento era renovar, e resuscitar o primitivo estado da Ordem, acostarão-na à sombra de outra nova Porciuncula, para que recebessem do amparo, e protecção da Senhora o espirito, e virtude, de que necessitavão para esta nova Reformação, que pertendião. A mesma Senhora, que lhe deo a primeira Casa, lhe deo tambem o nome, e juntamente com elle as excellencias, de que se adorna: entre ellas não he pequena a de ser a primeira, e mais antiga na Ordem. Não he meu in-

intento para engrandecer esta acanhar as outras, e por primeira inculcalla unica entre todas, como disse Santo Ambrosio ^{mbr. lex- c. 1.} do primeiro dia da criação do mundo a respeito dos mais, que lhes succedêrão: a todas reconheço por pedras preciosas engastadas no formoso diadema, de que a Religião Franciscana lustrosamente se coroa; só pertendo que as mais lhe dem os parabens de primeira. Para mostrarmos que o he será necessario vermos quando começarão as demais Provincias Capuchas, que a nossa pouco ha acabámos de dizer se levantou com este titulo em o anno de 1517. em vinte e sete dias do mez de Julho.

2 A Santa Provincia de S. Gabriel, ainda que nasceo juntamente com esta, pois de huma, e outra os fundadores forão os mesmos, com tudo a da Piedade adiantou-se àquella, assim em o titulo de Custodia, como em dignidade de Provincia; porque a Congregação do Santo Euangelho constando de Casas em Castella, e em Portugal, as de Portugal forão feitas Custodia, chamada da Piedade, em o anno de 1509. e as de Castella ficarão algum tempo incorporadas em a Provincia de Sant-Iago, e dellas no anno de 1514. se levantou outra Custodia com titulo da Es-

tremadura: depois forão ambas instituidas Provincias, a da Piedade no referido anno de 1517. e a de S. Gabriel, tomando este nome, e deixando o de Estremadura, no de 1519. ^d com que assim em Custodia, como em Provincia he a da Piedade mais antiga: ambas filhas da Custodia do Santo Euangelho, a da Piedade primogenita, a de São Gabriel a segunda.

3 A Provincia de S. José no mesmo Reino de Castella teve seus principios no anno de 1517. porque neste alcançou Fr. João Pascoal, seu principal fundador, hum Breve de Leão X. em cuja virtude, vindo de Roma, onde fora a Capitulo Geral, fundou huma Casa em Galiza, no lugar chamado Redondela; ^e depois pelo discurso do tempo, com authoridade do Papa Paulo VI. fundou outras trez, ou quatro, de que se levantou a Custodia de S. José, a qual no anno de 1561. veio a gozar o titulo, e privilegios de Provincia debaixo do mesmo nome, que tinha em Custodia.

4 Hum anno antes que a de S. José subio à dignidade de Provincia a da Arrabida em Portugal; porque ainda que não começou tão cedo, como aquella, adiantou-se mais. Teve seus principios pelos annos do Senhor 1540. fundando neste tempo sua pri-

^d Mel. c. 4 &
Chron. P.
S. Gabr.
l. 1. c. 16. &
l. 2. c. 1.

^e Chron. P.
S. José l. 1.
c. 9. Gonz.
3. p. f. 1132.

primeira Casa hum santo Religioso chamado Fr. Martinho de Santa Maria, filho da Provincia de Carthagena, tão illustre em sangue, como também em santidade; foi esta a Casa da Arrabida, chamada assim por respeito da Serra deste nome, em que foi fundada. A esta primeira Casa se forão ajuntando outras com o favor dos Duques de Aveiro, seus Padroeiros, até que no anno de 1560. de todas erigio huma Provincia ^f o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Zamora, em hum Capitulo, que celebrou no Convento de S. Francisco de Lisboa.

^f
Gonz.
fol. 1124.

5 A Provincia de Santo Antonio teve seu fundamento nas Casas Recoletas da Provincia de Portugal: porque quando veio a este Reino o Padre Geral Fr. Francisco dos Anjos, em o anno do Senhor 1524. instituiu na dita Provincia de Portugal algumas Casas Recoletas, para que os Religiosos vivessem nellas mais austera, e apertadamente, segundo os Estatutos, que para isso lhes deixou. Succedendo depois em o anno de 1532. dividir-se a dita Provincia de Portugal, lançando de si a Provincia dos Algarves; o Padre Fr. Vasco Correa Ministro desta accrescentou aos Recoletos trez Casas às que tinham: e no anno de 1565. em hum Ca-

pitulo celebrado em S. Francisco de Lisboa pelo Ministro Geral Fr. Luiz Puteo, se fez de todas as ditas Casas Recoletas huma Custodia do titulo de Santo Antonio; a qual no anno de 1568. por Breve ^g do Summo Pontifice Pio V. impetrado ^{Gonz.} à ^{fol. 115} instancia do Serenissimo Cardinal Infante D. Henrique, que depois veio a ser Rei, foi levantada em Provincia.

6 Todas as mais Provincias Capuchas, que tem a Ordem, assim nos Reinos de Portugal, e Castella, como em hum, e outra India, Oriental, e Occidental, procedem de alguma das sobreditas, com que he escusado para o intento referirmos suas erecções; pois visto que he a Provincia da Piedade mais antiga, que aquellas, donde procedem, consequentemente fica manifesto o he também que as originadas. Supposta esta verdade tão patente, que não admite duvida alguma, fica evidente ser a Provincia da Piedade entre todas as Capuchas a primeira: pois sendo as erecções das outras depois do anno de 1517. em que a desta foi confirmada pelo Pontifice, claro está que fica sendo a mais antiga.

7 Não só he a Provincia da Piedade mais antiga que as sobreditas, mas também todas ellas (excepto a de Santo An-

tonio neste Reino) tiverão alguma origem, ou dependencia della; porque na sua primeira Casa vivêrão, e estiverão alguns annos os mais Religiosos, que fundarão, e ajudarão a fundar Provincias Capuchas, aprendendo alli, como em seminario, ou escola de virtudes, e exercitando as muitas, que depois plantavão. A Provincia de S. Gabriel em Castella já temos dito que teve os mesmos Fundadores que a nossa; mas com tudo isto, como lançados daquelle Reino algumas vezes achárão neste, e em a Casa da Piedade recolhimento, donde sahirão a defender sua conservação, não lhe ficão pouco obrigados. Demais que daquelles Conventos, que a Congregação do Santo Evangelho tinha, quando foi dos concertos de Evora, que atrás deixamos referidos, ^b se fizerão duas partes: huma, que erão finco Casas em Portugal, a saber: a da Piedade de Villa-Viçosa, a do Bosque em Borba, S. Francisco de Chaves, o Bom Jesus de Barcellos, e Santa Rita de Thomar, ficarão fazendo corpo, instituindo-se Custodia; a outra, que constava sómente de trez em Castella, quaes erão a de Salvaterra, Albuquerque, Belvis, e esta ainda imperfeita, se incorporou na Provincia de Sant-Iago, e de cá lhe forão os Religiosos, que ao depois com-

Fr. Anjo a defendêrão, e melhorárão. Sendo isto, que temos dito, indubitavel, pois o tem affirm todos os que escrevêrão nesta materia, he digno de reparo o termo, de que usa o Chronista de S. Gabriel tratando desta divisão. Não se atreve elle a dizer expressamente que a nossa Provincia sahio da sua, mas quello dar a entender; porque depois de referir a erecção da Custodia da Piedade, das Casas, que havia em Portugal, a que chama desmembradas das de Castella, com estas poucas, que lá lhe ficarão, vai continuando o titulo de Congregação do Santo Evangelho na obediencia immediata do Ministro Geral, e calla a incorporação na Provincia de Sant-Iago: acrescentando que na concordia de Evora se assentára ficassem as Casas de Castella naquella immediata obediencia.

8 Porém o contrario consta não só do Alvará de El Rei D. Manoel, que passou dos ditos concertos, mas tambem do Breve de sua confirmação, que expedio Julio II. hum, e outro dizem que, levantada a Custodia da Piedade das Casas de Portugal, as de Castella ficassem incorporadas na Provincia de Sant-Iago: isto he o que se lê no Breve, e no Alvará, e não o que diz aquelle Chronista: mas não he esta a primeira

Chron. P.
S. Gabr.
l. 1. c. 14.

^l
Supr. c. 22.
num. 3.

^m
Wad.
tom. 8. ad
ann. 1508.
num. 18.

ⁿ
Fr. Marc.
P. 3. l. 9.
cap. 28.
Chron. P.
S. Mich.
l. 5. cap. 7.

^o
Mol. c. 3.
fol. 18.

vez, que suppoz clausulas a seu arbitrio; já lhe deixamos notada ^l outra semelhante em huma Patente do Ministro Geral Fr. Egidio. Com o que temos dito se conforma o nosso Anna-
lista Waddingo, ^m além de outros, ⁿ em que entra tambem o mesmo Memorial da Provincia de S. Gabriel, ^o que todos dizem ficarão as Casas de Castella não à obediencia do Ministro Geral, mas sujeitas, e incorporadas na Provincia de Santiago; por cujo respeito Waddingo avinculou à Custodia da Piedade o titulo do Santo Euangelho, como parte maior, que era daquella Congregação: que querer da menor parte fazer o todo, sendo o todo maior que a parte, é à maior chamar desmembrada da mais pequena, he huma mathematica nunca atè agora vista. Em Portugal pelos concertos de Evora ficarão cinco Casas; e com ellas o Prelado, que actualmente era da Custodia do Santo Euangelho, Fr. Pedro de Melgar; em Castella erão sómente trez as que havia ao tempo desta divisão; tudo consta do referido Alvará, que as nomea: e já se vê quão alheio seja da razão chamar parte desmembrada à cabeça, unida com a maior parte do corpo. A verdade da historia he o que temos dito, a saber, que ambas estas Provincias são fi-

llhas da Congregação do Santo Euangelho, que se desfez, e perdeu o nome pelos concertos de Evora: a da Piedade, filha primogenita, porque foi primeira, assim no titulo de Custodia, como de Provincia: a de São Gabriel, filha segunda; e quando alguma se haja de chamar desmembrada da outra, com mais justiça a de S. Gabriel, pelas razões ditas.

9 A Provincia de S. José reconhece por seu Fundador a Fr. João Pascoal, como temos dito, e este Veneravel Religioso entre Nós, e na Casa da Piedade viveo alguns annos; della se foi com Fr. Anjo viver naquella pequena parte, que ficava em Castella, dos Conventos, que tinha a Custodia do Santo Euangelho, quando se erigio a da Piedade, atè que no anno de 1517. alcançou em Roma o Breve para fundar Casas Reformadas, com as quaes deo principio à sobredita Provincia de S. José, chamando da nossa mais alguns Religiosos, que o ajudassem em tão santa obra. Hum delles foi Fr. Antonio da Conceição Portuguez, filho da Provincia da Piedade, e professo nella, que lhe succedeo no cuidado, e governo, sendo o primeiro Custodio, que aquella Provincia teve, antes de lograr este titulo, como diz a sua mesma Chronica, e a do Reverendiss-

^{1.1.} ^{3.º} ^{32.} diffimo Gonzaga; *p* e que muito trabalhou em seu augmento, tirando-a da obediencia dos Conventuaes. Da Provincia de S. José sahirão pelo decurso do tempo outras quatro, convem a saber, a de S. João Baptista, que se estende pelos Reinos de Murcia; e de Valença: a de S. Gregorio nas Philippinas: a de S. Simão, e Judas no Reino de Galiza: a de S. Paulo Apostolo, as quaes pela mesma razão, que sahirão da de S. José, tendo na fundação desta tanta parte a da Piedade, não lhe dizem pequeno respeito.

10 O mesmo, e mais apertado lhe dizem tambem todas as Provincias Capuchas da nova Hespanha, que tiverão por principal Fundador ao Santo Fr. Martinho de Valença, chamado commummente Apostolo do novo mundo, o qual foi hum dos principaes companheiros de nossos Fundadores. Para o que he de saber, que como soasse a fama da perfeição de vida, e singular virtude, em que elles vivião nas Casas, que a Custodia do Santo Euangelho tinha em Portugal (em Castella não os deixavão viver quietos.) se passou a ellas o Santo Fr. Martinho, deixando a Provincia de Sant-Iago, onde fizera profissão; e por isso lhe chama a Chronica Geral da Ordem, filho da Provincia da Piedade, fallando

segundo o tempo presente, em que escrevia, posto que ainda então não era Provincia, senão Custodia. Trabalhou muito em sua fundação, e não menos depois em companhia de Fr. Anjo de Valhadolid, e Fr. João Pascoal na de S. Gabriel, donde se passou às Indias Occidentaes, então novamente descobertas; e naquelle novo mundo foi a primeira pedra fundamental das muitas, e grandes Provincias, que ha nelle; porque dando principio em o anno do Senhor 1524. a huma Custodia, a que deo o nome do Santo Euangelho, em memoria da nossa antiga, em que vivêra. Esta cresceu de maneira em numero de Conventos, que sendo levantada em Provincia ^r no anno de 1535. em hum Capitulo Geral celebrado em Niza de França, lançou de si muitas Custodias, que depois em o Capitulo Geral de Valhadolid ^f alcançarão honra, e titulo de Provincias. ^{Idem fol. 1221.}

11 Em o nosso Convento da Piedade viveo tambem Fr. João de Aguila, hum daqueles primeiros Religiosos do Santo Euangelho, que acompanhou os que forão continuar com a Provincia de S. Gabriel: o qual, posto que não foi o primeiro Fundador da Provincia da Arabida, não deo pequena ajuda nella; porque depois de lhe ha-

ver dado principio, como temos dito, o Veneravel Religioso Fr. Martinho de Santa Maria, veio Fr. João da Provincia de S. Gabriel, onde estava, para Portugal a viver com o dito Fr. Martinho, e o ajudou com sua virtude, e doutrina em a criação dos Religiosos daquella nova planta, que em grande rigor, e estreitissima pobreza instituíram.

Chron. da
Prov. da
Madre
Deos
cap. 1.
artig. 1.

12 Logo no principio exceptuamos a Provincia de Santo Antonio neste Reino, a qual sahio da de Portugal, sem terem em seus principios aquelles Religiosos outros Mestres, mais que os de sua Recoleição, os quaes, por serem Varões de grande espirito, os forão criando em muitas virtudes. Da Provincia da Madre de Deos em a nossa India, supposto não acéitamos termos seus unicos fundadores, como procurarão com instancia, e com tudo não lhe negamos o auxilio, de que necessitava para crescer, povoando nossos Religiosos o Convento de Malaca, como diremos a seu tempo. Sómente resta a Provincia da Soledade neste Reino: mas esta já se sabe que ha dous dias sahio immediatamente da nossa. E porque debaixo da obediencia do Geral da Ordem não ha mais Capuchas que as referidas, fica claro, e manifesto, não só que he

a da Piedade a mais antiga, mas tambem que della tiverão todas as mais alguma origem, e dependencia em seus principios, em a maneira sobredita.

CAPITULO XXXVIII.

Continua-se a mesma materia.

I **A** Excellencia, que logra a Provincia da Piedade de ser não só a primeira, e mais antiga entre as Capuchas da Ordem, mas tambem trazerem della todas as mais alguma origem, e dependencia, ajunta a prerogativa de se conservar depois de tantos annos naquelles seus estylos, e costumes, em que a fundarão seus primitivos Padres. Isto admirão todos nesta Provincia; e com razão, que não he pequeno louvor seu haver-se conservado nelles ha cento e noventa e trez annos, sem que pudessem obrar àcerca della seu costume effeito o tempo, a que o Poeta chamou tragador das coulas, nem mostrar sua força a antiguidade, a que deo o nome de invejosa, dizendo que estes dous tem por officio destruir tudo. Invejosa a chama, para significar que lhe peza do bem alheio, e quando de todo o não póde destruir, procura ao menos diminuillo.

2 Nas suas confissões diz San-

D. R.
da C.
Hist.
de Li.
p. 2.
num.
Agio.
tom.
o C6
a 28.
Maic

ig. conf. o. Santo Agostinho, ^b que todas as cousas crescem para chegarem à sua perfeição, e em sendo perfeitas, envelhecem, e acabão, e assim quanto mais se apressão para ser, tanto mais vão pela posta ao acabar. Pelo que não he pequena materia de admiração ver que em tantos annos, quantos hão passado desde o principio desta Provincia, não teve poder o tempo com toda sua voracidade, nem a antiguidade com toda sua inveja para fazer nella envelhecer suas leis, e costumes, de forte que perdessem alguma parte de sua antiga força; antes cobrão tanta com o tempo, que muitas cousas, que nos deixarão nossos primeiros Padres, sómente por estylos, e costumes, a criação lhe tem dado tanto vigor, como se forão apertados mandamentos. Muitos exemplos desta verdade pudéra apontar ao Leitor desta Historia; porém contento-me com hum só, porque todos o vem, e sabem; e callo os muitos, que temos de portas a dentro.

3. Julgárão nossos primitivos Padres por cousa necessaria à sua quietação não fundarem em Lisboa, Corte deste Reino, por fugirem a alguns inconvenientes, que à sua prudencia se representavão, e muitas Religioes agora chorão: disto nos não deixarão ordenação alguma,

ou Estatuto, que nos obrigue, porém assim se tem observado, como se ficára por lei mui estreita. O Cardeal Infante, depois de nos ter fundado o Convento de Valverde, e depois o de Evora, nos quiz fazer outro em Lisboa: o mesmo intentou o Cardeal Alberto, quando por Philippe governava este Reino; e ultimamente ElRei D. João IV. a quem esta Provincia deveo huma affeição em tudo singular, e em quem sempre achou hum amor de pai, não fez poucas instancias para o mesmo fim, porém nunca se pode acabar com os Prelados da Provincia aceitassem a offerta, não reparando em os deixarem magoados, com tanto que se conservassem nos estylos, em que os havião criado seus maiores. Magoado se mostrou da tenacidade, com que observamos sempre este estylo, e criação, que nos deixarão, aquelle grande, e douto Prelado da Igreja Ulyssiponen-se, o qual depois de numerar os Conventos, que em seu tempo tinhamos neste Reino, diz estas palavras: *c Magoa temos não caber a boa sorte de os terem por moradores as Villas deste nosso Arcebispado, e esta grande Cidade de Lisboa. Guardarão de principio fugirem da Corte, e de seus arredores, e esta consideração os afustou tão longe della.*

4 Assim intimarão nossos pri-

D. Rod.
da Cunha
cit. n. 10.

primitivos Padres a creação, que nos derão, que ainda o que só nos ficou por estylo, costume, e cerimonia, se observa ainda hoje como apertado mandamento. Bem he verdade que tem muita parte nesta obra o zelo dos Prelados; porque os Ministros Provinciaes, que vierão succedendo àquelles primeiros Fundadores, sempre tiveram mui solícito cuidado de as fazer guardar: e para que não pareça, nem haja falta na observancia dellas, a qualquer pequeno defeito, que vejão em hum Religioso, que ameace ruina, aco-dem com grave castigo, e penitencia. Todos, tanto que entrão no officio, trabalham por renovar qualquer lei, ou estatuto, que pareça, que vai envelhecendo, e cada hum faz seus particulares apontamentos, que como postes, ou firmes columnas arrima, para sustentar firme o edificio, que não caia; antes o vão cada vez mais estabelecendo com outras leis modernas: e humas com outras fazem guardar inviolavelmente, como se fossem de direito natural, que sem variar, tem firmeza de immutabilidade, ^d que sempre permanece, sem admittir despenção; que não he menos a vigilancia, que nisso põem os Prelados, nem o rigor, com que castigão o quebrantamento de qualquer lei, costume

nosso, ou apontamento de Provincial, do que tinham os Lacedemonios em a conservação dos seus, que castigarão não menos que com degredo ao grande Musico Lipandro, porque faltou a elles; accrescentando em hum instrumento de musica mais huma corda, do que antes se usava.

5 O mesmo Senhor, que communica aos Prelados este zelo, parece tem tomado tambem à sua conta fazer que a Provincia se conserve naquella sua primeira instituição, acudindo a qualquer descuido que haja. Assim se vio em o nosso Convento de Thomar, quando ainda estavamos no primeiro, que alli fizemos; porque como hum noite, naquella hora, que se costuma ter em communidade de oração depois de Matinas, estivessem os Religiosos sonorentos nella, se derão na porta da Igreja trez estrondosos golpes, apòs os quaes se ouvirão distinctamente estas temerosas palavras *Mortos, vinde a juizo*, as quaes fizeram nos Religiosos tanto abalo, que dahi a muito tempo lhe soavão continuamente aos ouvidos, como ao penitente S. Jeronymo a trombeta daquelle terrivel, e espantoso dia. Tambem em o Convento novo de Chaves, que agora habitamos, despertou Deos a hum Religioso com semelhan-

tes golpes. Era elle neste Convento Enfermeiro, e do trabalho, que como tal havia tido, em assistir a outro Religioso, que alli faleceo, tomou occasião para pedir licença a Martinhas em a seguinte noite depois de sua morte. O successo mostrou que não devia de ser a causa mui bastante, e legitima, porque ao tempo, que os mais Religiosos rezavão em o Coro, por trez vezes, e trez pancadas em cada huma dellas, lhe derão na porta da cella; o que elle tendo por aviso de Deos, ficou tão inquieto, que não sómente não pode mais naquella noite pegar no sono, mas tambem protestava não havia outra vez de fingir necessidade.

6 Com esta creação, e disciplina assim conservada foi a Provincia grangeando tanto credito, e opinião, que apenas havia Prelado, ou Senhor temporal, que não procurasse ter hum Convento nosso em as suas terras. Daqui veio a estender-se tanto pelo Reino esta Provincia, que chegou a ter trinta e nove Conventos, e seria muito maior o numero, se deferira às instancias, que lhe fazião; porque os mais dos povos, onde se achava

possibilidade para isso, com repetidos rogos o procurarão. Em todos estes florecêrão sempre Varões de admiraveis virtudes, porque assim como foi dilatada em Conventos, assim foi tambem enriquecida com Religiosos perfeitos, como disse o Author^e do Jardim de Portugal. Della, supposto que retirada da Corte, escolhêrão os Reis de Portugal em diversos tempos Prelados, para com elles acreditarem as Cadeiras das Igrejas, como forão a de Ceuta, Braga, Goa, São Thomé, e outras: e ainda tambem o Sagrado Tribunal do Santo Officio o primeiro Inquisidor Geral, que teve, foi filho da Provincia da Piedade. Sómente de Escritores de livros tem lançado poucos; porque como nella não havia estudo de letras adquiritas, faltavão-lhe os meios para os ter, com tudo ainda assim passão de doze, como se póde ver na Bibliotheca Lusitana; se bem que os mais destes por sua humildade callarão seus nomes, quando derão à estampa. E por tudo o que agora dissemos, seja louvada a Divina Bondade, como fonte, e origem, donde procede todo o bem.

Vida 131.
fol. 404.

CHRONICA D A PROVINCIA D A PIEDADE.

LIVRO SEGUNDO,
*Trata-se dos Conventos , que teve neste
Reino no tempo , em que foi Custodia:
dos mais , que se recebêrão no dos primei-
ros quatro Provinciaes , e dos Padro-
eiros delles. Da-se noticia dos Religio-
sos de approvada vida , que em seus tri-
ennios florecêrão , e de outras cousas dig-
nas de memoria.*

CAPITULO I.

*Descripção do sitio da Provin-
cia , titulo , e sello , que tomou ,
quando foi instituida.*

I



EMOS dado
noticia em o
Capitulo trin-
ta e cinco do
primeiro Li-
vro , da erec-
ção da Provincia da Piedade,

restanos agora dar-mo-la do sitio,
e termos , por onde se estende ;
porèm antes de apontar sua geo-
grafia advirto , como cousa ne-
cessaria , que a não descrevo na
fórma , em que hoje está depois
que no anno de 1673. se divi-
dio della a da Soledade , servin-
do o Tejo de raia à divisão ;
desta tratarei a seu tempo : por
ora a descrevo , quando ainda
unida , e incorporada. Estava
tão

tão diffusa, e espalhada pelos dous Reinos de Portugal, e do Algarve, que não se lhe pode outro sitio finaliar, mais que dizer que os comprehendia ambos, abraçando-os de hum fim a outro fim; porque desde o famoso Cabo de S. Vicente, ultimo termino do Reino do Algarve, até à Villa de Chaves, fim do Reino de Portugal, onde confina com Galiza, tinha Conventos em as mais das Cidades, e Lugares principaes (salvo em Lisboa, donde fugio sempre esta Provincia, pela razão, que deixamos dito) e assim os Religiosos della participão dos bens, e males, benignas influencias, ou injurias dos tempos, que a variação dos ares, e conjunções de Signos, ou Planetas causão em os moradores destes Reinos.

2. Pudéra ter muito maior numero de Conventos, do que tem, se deferíra a muitos rogos de Senhores, e pessoas principaes, e condescendêra com as importunas petições de outras Cidades, e Villas, que com muita instancia, e devoção os pediao, offerecendo-se a edificarlos. Mas muitos não quiz receber, que por essa occasião se derão a outros Religiosos: e ainda alguns dos que tem, mais se aceitarão por obediencia dos Prelados Geraes (os quaes por rogos de pessoas de qualidade se

movião a mandallo,) que por vontade, e consentimento dos Frades da Provincia, que temião a multiplicação dos Conventos, e Religiosos; porque não fosse porta, por onde entrasse alguma relaxação nella; que a multidão isso traz consigo: e como diz Sanazaro, ^a he melhor a pouca terra cultivada, que a muita por máo governo inculta. Com tudo isso chegou a ter trinta e nove, numerando hum, que por mandado de El Rei Dom João IV. foi fundado em Cabo Verde.

3. Costumava ter cada hum destes Conventos quinze até vinte Religiosos moradores, segundo a capacidade dos povos, para se poderem sustentar, sem que com discursos saião fóra delles buscar o necessário à vida. Como a Provincia estava tão diffusa, que comprehendia os Reinos de Portugal de polo a polo, se dividio para o bom governo em quatro partes, ou Jerarquias (como lhe chama Gonzaga, ^b e nós Commissões) convem a saber, Alemtejo, Algarve, Beira, e Entre Douro, e Minho; para cada hum das quaes se instituia em Capitulo Provincial hum Commissario, que em ausencia do Ministro, quando a elle se não podia recorrer por causa da distancia, tinha suas vezes, e authoridade para acudir às necessidades

^a Sanaz. in
argum. suæ
Arcadiæ.

^b Gonz. in
Procem.
P. Pietatis.

urgentes, que se offerecessem: e fóra de caso de necessidade precisa, em nenhuma cousa de regimento dos Conventos se podião entremetter, porque não erão Prelados, nem tinham jurisdição ordinaria, mas sómente Delegados para certas, e determinadas causas, que lhes commettião. Hoje depois da divisão tem a Provincia vinte Conventos, quatorze em a Provincia de Alem-Tejo, e seis no Reino do Algarve, repartidos em duas Commisões.

4 Temos dado noticia do fitio da Provincia, demo-la agora do sello, que tomou, quando se erigio. Em consequencia do titulo, que a Provincia tomou *da Piedade*, como temos dito, tomou tambem por braço, e sello, com que os Ministros della firmão as escrituras, este mysterio: isto he, a Senhora Mãe de Deos sentada ao pé da Cruz com seu filho morto em os braços: por orla ao redor o cordão de nosso Serafico Padre S. Francisco, e por fóra humas letrás, que dizem em Latim, *Sello da Provincia da Piedade*. Inventarão-se os sellos para estabelecer, e authorizar os Decretos, e despachos do Superior: e era bem que a Provincia puzesse por final de sua autoridade a Imagem da Senhora, que tanto com o titulo a authoriza; e juntamente por

orla o cordão, insignia de nosso Padre S. Francisco, para mais expressão do Fundador da Religião.

5 O sello desfaz a opinião de muitos, e do popular todo, que chamando-nos Frades de Santo Antonio, têm para si que o nosso Fundador, e Patriarca foi este grande Santo, e não nosso Padre S. Francisco. De humas de trez causas julgo nasceria esta popular opinião, a primeira, que como Santo Antonio foi o primeiro, a quem seguíão muitos, que se oppoz a primeira relaxação, que houve na Ordem, cujo author foi Fr. Elias, querendo-a conservar no seu antigo rigor, daqui procederia talvez que aos Religiosos da nossa Provincia, como a primeiros authores da Reforma Capuchez de toda a Serafica Familia, chamassem Frades de Santo Antonio, por imitadores do zelo deste Santo. Ou seria, porque esta Provincia em seus principios, como ao diante direi, foi dividida em duas Custodias, humas dellas com titulo de Santo Antonio, e daqui ficaria a seus Religiosos este nome. Como tambem os mais dos Conventos da Provincia tem por Orago, e Titular a este nosso insigne Portuguez, pedem os Religiosos nelles moradores as esmolas em seu nome: donde viria a presumir o vulgo que inf-

instituiu o Santo Religião distincta da de nosso Padre S. Francisco, sendo que foi seu filho, e não Patriarca. Com tudo bem se lhe podem applicar aquellas palavras, que hum Romano disse a outro, louvando-o de muito eloquente: Demosthenes retirou o não ser o primeiro, e principal dos Oradores, e tu lhe tiras a elle o ser só. Nosso Padre S. Francisco tirou a Santo Antonio o ser o primeiro, e principal Padre desta Ordem dos Menores, e Santo Antonio lhe tirou a elle o ser só; porque quasi tanto foi sustentalla, para que não cahisse de sua perfeição, e pureza, como institui-la de novo. Ainda porém que o nome de Santo Antonio he engraçado neste Reino, como alguém disse, não o usurpamos para nós, nem deixaremos a nosso Padre S. Francisco por outro algum Santo, ainda que seja Santo Antonio: sem intervenção nossa nos dá o vulgo este titulo. Se ao curioso não contentão as razões, que sobre isto temos dado, póde perguntar aos que assim nos chamão, a razão, que para isso tem, e eu me remetto à sua resposta.

CAPITULO II.

Da Casa da Piedade em Villa-Viçosa.

I **D** Escripto o assento da Provincia em commum, consequentemente se segue a descripção do sitio de cada hum dos Conventos em particular, onde tem o primeiro lugar a Casa da Piedade em Villa-Viçosa, não só por ser a mais antiga da Provincia, mas tambem por ser a cabeça della: e o direito Civil ensina, que quando se der noticia, e razão das cousas, se comece da cabeça, e principio. Em o primeiro Livro fica dito a occasião de se fundar esta Casa, não a que hoje he dos Frades habitada, nem outra, cuja Igreja está dentro na cerca, senão a que communmente se chama a Casa velha: fica para a parte donde nasce o Sol, quasi meia legua da Villa, e foi o primeiro Convento da primeira Provincia Capucha de toda a Ordem. Lançou-se nelle a primeira pedra, e teve seu principio no anno do Senhor de 1500. não podemos finalisar o mez, e dia, pois nossos primeiros Fundadores o não fizeram.

2 Esteve esta Casa situada em a meia ladeira de hum outeiro, algum tanto frágil, em cuja contigua correspondencia

está outro como elle, não menos áspero : por entre ambos dentro da cerca corre hum ri-beiro de aguas claras todo o anno , o qual por vir de piçarra em piçarra , dividindo as extremidades daquelles cabeços, vem mais alegre , e gracioso. No brando , e continuo sussurro , com que ainda hoje todo o anno corre , parece vai mostrando a saudade , que os Religiosos lhe deixarão, quando pelo rigor, e inclemencias do sitio, o desampararão. Da outra parte de frente da Casa hum pouco mais affima, nasce hum fonte entre humas piçarras , cuja vista ainda que recrea, provoca a lagrymas : pois todas suas aguas são gotas , que sahem estiladas pelos póros, e veias daquellas pedras , por cujo respeito ainda hoje he chamada a fonte das lagrymas : e não duvido eu que fosse esta hum das circumstancias principaes , pela qual aquelles perfectos Religiosos escolhêrão o sitio, e ficárão naquelle deserto : que como desejavão conservar-se no exercicio , que tinham de derramarem lagrymas pelos peccados do mundo , e pelos proprios, vendo a fonte , que a isto os incitava , escolhêrão o ficar junto della. Finalmente todo o sitio era solitario , mais cercado de matos , e brenhas , que cultivado de frutos , áspero , e com algumas penedias,

que o fazião mais devoto , e saudoso , e para a contemplação mais accommodado. Para sedarem a esta , fazia cada hum daquelles Religiosos , que alli assistião , hum cabana debaixo das arvores , e entre os penedos, que na cerca ficavão : de dia , e de noite gostavão neste retiro daquella suavidade , e doçura , de que os contemplativos se alimentão.

3 Não pareça enfadonho ao Leitor desta Historia a miudeza, com que descrevo o sitio deste Convento (o mesmo estylo observarei quando tratar dos mais) porque ordinario he entre os Historiadores , quando querem tratar de algum Reino , Cidade , Lugar , ou Provincia , começar pela cosmografia , e descripção do sitio della. E como quer que , segundo diz o Philosopho , o mais , e o menos não diffirão em especie ; as leis , que guardão os que querem tratar de Reinos , Provincias , ou outras cousas maiores (como he tratar da Asia , Africa , e Europa) essas mesmas he bem que guardem os que hão de tratar de cousas menores , como nós havemos de fazer dos Conventos da Provincia : e nesta mesma especie temos exemplo de Varões finalados , que imitar. Não teve S. Bernardo (ou o que copilou suas obras) por couza impertinente pôr entre ellas

las a descripção do sitio do Mosteiro de Claraval , que fundára , com tantas particularidades , que lhe não fica por dizer o que tinha de valle , de monte , de vinha , de pomar , de bosque para lenha , de horta , e quanto de circuito a cerca : como era de verão fresco , e ameno : como o campo se vestia de odoríferas flores : como hum ribeiro perenne o regava com suas aguas crystallinas : como era gostoso ver andar nadando os pexinhos nellas , que encontrando-se huns com outros , davão semelhança de dous exercitos contrarios : como o ribeiro não só regava as arvores de fructo do jardim , e a hortalica , mas tambem entrando em o Mosteiro discorria por todas as officinas delle , onde era necessario : e depois de lhe ter dado estes , e outros proveitos , se sahia fóra da cerca , com só haver por paga , o deixarem-o ir livre : como havia mais huma fonte de agua muito boa : quaes , e quão fortes , ou sumptuosos erão os edificios , e outras particularidades descreve o Santo , que seria longo dizer.

4.º Do mesmo estylo de pôr a descripção dos sitios de seus Mosteiros , com todas as particularidades delles , usarão outros muitos , e mui doutos Religiosos , como o fez o Mestre Fr. Anjo Manrique da Ordem de

Cister , que descreveo o sitio do Mosteiro chamado da Horta , com só a occasião de haver de tratar da vida do Santo Fr. Martinho da Finojosa , que nelle fora Abbade , e ahi tinha sua sepultura. O mesmo fez com tanta miudeza , como elegancia , o Padre Siguença , Chronista da Ordem de S. Jeronymo , tratando de seus Conventos em Hespanha. Pelo que não se tenha por cousa nova fazer eu o mesmo , quando for tratando das Casas desta Provincia , como o fiz nesta primeira , da qual vemos ainda hoje no sitio , que fica referido , a Igreja , supposto que renovada , com tudo na fórma que antes era : tem vinte e sete palmos de comprimento , e pouco mais de doze de largo : he ainda hoje frequentada de muita gente , e muitos annos depois que os Religiosos a deixáráo , se sentia em certos dias hum particular cheiro , e huma extraordinaria suavidade. Esta , segundo dizem alguns vizinhos , se sente ainda hoje em o dia da Ascensão de nosso Senhor aos Ceos.

CAPITULO III.

De como se ampliou a Cerca da Piedade, e da occasião, que para isso teve.

^a
Memor.
da Prov.
Agiol. Lu-
sit. tom. 1.
a 15. de
Fev. lit. b.

I O sitio, que os nossos Capuchos escolhêrão para nelle fundarem a primeira Casa, tinha Deos guardado para palestra, em que se exercitassem os que havião de fundar a Reforma Capucha em toda a Hespanha, e assim de longe lhe preparou os alicerces, e lançou os fundamentos, porque muito antes que nelle entrassem, o tinha já feito escola da virtude, preparando este lugar para os Piedosos por meio de hum Sacerdote, servo seu, por nome Alvaro Fernandes. Era este Santo Varão ^a natural de Villa-Viçosa: tinha hum pequena horta entre os dous cabeços, que estão onde se fundou a nossa primeira Casa, e como o lugar era tão apartado da comunicação da gente, e accommodado como tal para a contemplação, e vida heremitica, inspirado por Deos, à imitação dos antigos Padres do Hermo, determinou naquella horta passar o restante de sua vida.

2 Mandou logo fazer junto della hum devoto Oratorio, e perto delle humas pequenas Casas, nas quaes se recolheo, vacando continuamente a espi-

rituaes exercicios, sendo sua vida tão regular, e austera, que a todos servia de exemplar perfeitissimo, principalmente aos Sacerdotes, em quem se requere mais virtude; pois, como diz S. João Chrysostomo, ^b grande confusão he sua acharem-se na Republica seculares mais perfeitos, e virtuosos que elles. Finalmente nestes santos exercicios, silencio perpetuo, oração continua, penitencia austera, gastou os dias de sua vida, sem afrouxar hum ponto do rigor começado, até que foi chamado por Deos ao Reino perduravel, onde goza o premio de seus santos trabalhos, e merecimentos. Em seu testamento vinculou em Capella aquella horta, com alguma mais fazenda, que tinha, a qual deixou a Sacerdotes, que naquelle sitio, à imitação sua, quizessem fazer vida heremitica, e solitaria. Morreo Alvaro Fernandes pelos annos do Senhor de 1400. não faltarão Clerigos virtuosos, que lhe succedessem no lugar, porque além de terem commodidade para se darem a Deos mais livremente, tinhão também o necessario para poderem passar a humana vida. Vivêrão alguns naquelle lugar até quasi o tempo, que os nossos Frades entráram neste Reino; mas como experimentassem a aspereza do sitio, e as muitas enfermi-

^b
Chryf.
Hom.
in peri-
cto.

da-

dades, que padecião, o torná-
rão a deixar: sahião huns, en-
travão outros, até que chegou
a tanto, que vierão a deixar as
Casas, Oratorio, e horta, fi-
cando tudo sem dono desampa-
rado.

3. Considerando os Frades
que naquellas casas, e fazenda
se podião metter algumas pes-
soas seculares, cuja vizinhança
lhes poderia servir de alguma
molestia, por estarem mui con-
tiguas ao Convento, e dellas
se devaçar toda a cerca, o pro-
puzerão ao Duque; o qual, por
ferem aquelles bens de Capel-
la, e deixados para obra pia,
e não se poderem haver com-
prados, fez supplica ao Papa
Leão X. que então tinha a Ca-
deiranda de S. Pedro, relatando
nella, como aquellas casas, e hor-
ta estavam desertas, por não ha-
ver Clerigos, que ali quizes-
sem morar, segundo a institui-
ção do testador, e as poderião
usurpar algumas pessoas secula-
res, que prejudicassem ao re-
colhimento dos Religiosos Fra-
des Menores Reformados, que
naquelle lugar tinham hum Mos-
teiro contiguo. Pelo que pedia a
S. Santidade quizesse commu-
tar a vontade do testador, appli-
cando aquellas casas, e horta vi-
zinha ao Mosteiro dos ditos Fra-
des, e outros bens, de que con-
stava a Capella, ao Hospital do
Espírito Santo de Villa Viçosa.

4. Deferio o Summo Pon-
tifice à supplica, concedendo o
que se lhe pedia, por hum Bre-
ve dado em Roma a treze de
Novembro do anno de 1514.
e segundo de seu Pontificado:
começa elle: *Cum sicut nobis,*
etc. veio dirigido a Antonio
Puccio Subdecano da Igreja de
Florença, e Nuncio neste Rei-
no, o qual em quinze de Feve-
reiro do seguinte anno fez a en-
corporação da sobredita horta,
e casas à cerca do nosso Con-
vento, e applicou os mais bens
da Capella ao Hospital do Es-
pírito Santo, na fôrma, em que
se pertendia. O auto, que por
esta occasião formou o Notario
Apostolico Scipião Baccio, Se-
cretario do sobredito Nuncio;
escrito em pergaminho com sel-
lo pendente em caixa de latão,
se conserva ainda hoje em o
Arquivo da Provincia. ^d Man-
dou o Duque estender mais a
cerca do Convento, de manei-
ra que tudo ficasse dentro, co-
mo os Frades pedião, e dese-
javão para sua quietação, e es-
piritual sossego; e com isto fi-
cárão livres do receio, que ti-
nhão de poderem aquellas ca-
sas em algum tempo prejudicar
a seu recolhimento.

Habetur
in Conv.
Pietatis.

^d Affervatur
ibid.

5. Varias mudanças expe-
rimentou este Convento da Pie-
dade. Ainda não tinham os nossos
Religiosos assistido nelle trez
annos inteiros, quando lho fi-

Sup. l. 1.
cap. 17.

zerão deixar, entregando-o aos Padres Observantes da Provincia de Portugal, que o habitassem, pela occasião, que deixamos dito ^e no primeiro Livro. Em o anno de 1508. no-lo restituirão: nelle vivemos até o de 1547. em que o Duque D. Theodosio primeiro do nome, vendo que o sitio era tão doentio, que raro era o Frade alli morador, que escapasse de mortal, ou prolongada doença; e por outra parte difficultosos os remedios pela distancia, em que ficava da Villa, nos fez outro mais junto della. Sahio este segundo sitio pouco melhorado ao primeiro; por cuja causa a Senhora D. Catharina, e seu filho o Duque D. Theodosio, segundo do nome, o mudarão terceira vez para o lugar, onde agora estamos, como diremos com mais miudeza a seu tempo.

CAPITULO IV.

Da-se noticia do Duque D. Jaime, Padroeiro da Casa da Piedade, e de toda a Provincia.

OFio da historia está pedindo que demos noticia neste lugar do Excellentissimo Senhor Duque D. Jaime; pois se não póde dar cabalmente dos Conventos, sem que tambem se faça menção de

seus Padroeiros, ou dar-se a razão, por cuja ordem se fundarão. E como este Principe deo à Provincia sinco, será necessario dizer quem foi neste primeiro, deixando a razão, que teve de nos fazer casas, e ler nosso Padroeiro, por ficar já atrás relatado. Foi elle quarto Duque dos que teve a Augusta Casa de Bragança; e tão Real pelo sangue de seus ascendentes, que se pela parte do Pai D. Fernando, segundo do nome, a quem chamarão o Africano, trazia sua descendencia de ElRei D. João o primeiro, e daquelle Marte Portuguez, o grande, e valeroso D. Nuno Alvares Pereira, seus terceiros Avôs: pela parte da Mãe a Senhora D. Isabel, era neto do Infante D. Fernando, Irmão de ElRei D. Affonso quinto, e sobrinho, filho de huma Irmã de ElRei D. Manoel, hum dos mais felices, e bem afortunados Reis, que houve no mundo. Finalmente em a nossa Europa não houve em seu tempo Principe, que em sangue se lhe aventajasse; porque com os melhores, que nella havia, estava este grande Duque aparentado. Foi jurado Principe herdeiro deste Reino na occasião, que ElRei D. Manoel seu tio, à instancia dos Catholicos Reis D. Fernando, e D. Isabel, foi a Castella. ² E se no sangue Real, que her-

herdou de seus progenitores, se igualou aos mais aventajados Principes do mundo; nas virtudes pessoas se aventajou a muitos delles. Era este Sereñissimo Principe naturalmente brando para todos, mui comedido nas palavras, e igualmente prudente nas obras: a seus vassallos tratava com tanta affabilidade, e benevolencia, que mais parecia pai, que senhor: merecia aquelle titulo, que todos davão geralmente a Tito em seu tempo, chamando-lhe regalo do genero humano, por se mostrar a todos benevolo, e affavel. Não era menor a benevolencia do Duque, donde nascia ser amado geralmente de todos; cousa, que deve procurar todo o legitimo Principe, pois isto o distingue do tyranno. Por isso dizia Veraldo, ^a que o primeiro dote de qualquer Principe, e Rei, era ser benevolo, e benigno. A benevolencia, e affabilidade forão os feitiços, de que Absalão usou para attrahir a si; e roubar os corações dos filhos de Israel, de tal sorte, que lhes fez tomar as armas ^b contra o melhor Rei, que teve o mundo. Tanto póde a affabilidade; e mais pudéra, se se ordenára a melhor fim.

3 Não foi tambem menor que sua benevolencia a affeição, que o Duque teve às cousas da Religião, e aos virtuo-

fos: a estes amparava, e defendia, como fez aos nossos primeiros Fundadores, que vendo os neste Reino necessitados de favor humano pelas perseguições, que em Castella padecião, os amparou, e defendeo de seus emulos, de tal sorte, que supposto forão muitas, e mui forçosas as opposições, contra todas estas conseguirão a Reforma, que intentarão. E não acrescenta isto pouca gloria à Real Casa de Bragança: pois assim como o outro Constantino Magno, cavando os alicerces, e lançando os primeiros fundamentos do Templo dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, em Roma, foi causa de que a Santa Fé, que então andava perseguida, e encantoada, sahisse a publico, e se dilatasse por todas as partes, edificando-se no mundo outras muitas Igrejas por seu exemplo, assim este grande Duque, lançando a primeira pedra no Convento da Piedade, que edificou aos nossos Erades, foi causa de que esta Reformação, que perseguida, e encantoada andava, sahisse com tão maravilhoso effeito a publico, e se estendesse tanto, havendo quem por seu exemplo edificasse pelo mundo outros muitos Conventos deste Instituto.

4 Que se com seu favor não sahira a luz em seu princi-

T pio,

pio, era mui contingente acabar esta Reformaço no berço; porque Fr. Pedro de Melgar, supposto que tinha a virtude, e espirito, para proseguir esta obra, sendo hum Frade pobre, sobre quem chovião nuvens de contradições. mal pudéra vencer tantas difficuldades, como a cada passo se lhe offerecião, sem ajuda de tão forte braço. Com que se podem bem applicar a este Principe aquellas palavras de Isaias, que dizem: *c*

Foi feito fortaleza ao pobre, esforço ao mendigo em sua tribulação, esperança em o nevoeiro, sombra em o ardor do estio; porque o espirito dos robustos era como tempestade, que combate a parede. Que taes erão as contradições, que esta Reformaço sentia, procurando destruil-la, e polla por terra; qual a tempestade, e impetuosa trovoadá contra huma parede, que de fraca parece que está cahindo. Mas graças ao Duque, que foi feito fortaleza ao pobre, pon-do seu hombro para sustentalla, juntamente com Fr. Pedro de Melgar. Que a traça, que Deos nosso Senhor ordenou, para ser firme qualquer edificio de honra sua, que se levante no mundo, he que o poder espirital com o temporal, o Ecclesiastico com o secular, juntem seus hombros, *d* e forças em hum para sustentallo.

c
Isai. c. 25.
num. 4.

d
Sophon.
c. 3. n. 9.

5 Juntou-se em hum o grande poder do Duque, com o grande espirito de Fr. Pedro de Melgar, que forão os dous hombros, que sustentárão o edificio da Piedade: os dous pólos, sobre que foi fundada no principio, e estribou toda a maquina espirital desta Reformaço, que com tantas Provincias, à maneira de orbes Celestes, adornados de luzidos Planetas, de perfeitos Religiosos, allumeia a todo o mundo com seu exemplo. Que assim como o pólo Arctico, que chamamos Norte, he altissimo, e de singular luz, e claridade entre as estrellas (ainda que outras sejam maiores) e aquella constellação, que continuamente lhe anda diante, dita vulgarmente Busina, o descobre, e manifesta ao mundo, assim o Duque era altissimo, pela Real prosapia, e liança dos Sceptros, e Coroas de illustre, e claro sangue entre todos os Principes da Europa (ainda que outros fossem maiores em Reinos, e Senhorios,) e a leve fama com sua sonóra trombeta o dava bem a conhecer a todo o mundo. E assim como o pólo Antarctico, que resplandece em a parte inferior (quanto a nós) da fabrica Celeste com as estrellas, que o acompanhão, representa a figura, e imagem da Cruz, assim Fr. Pedro de Melgar com as virtudes, com que ref-

resplandecia sua alma , acompanhadas da profunda humildade , e penitencia , bem representava huma viva imagem do desprezo , e mortificação da Cruz de Christo. E tambem como o sobredito pólo Arctico nunca se perde de vista no Emisferio desta nossa Europa , assim este generoso Principe D. Jaime não se perde da memoria desta nossa Provincia , onde ainda hoje se offerecem por elle a nosso Senhor orações , e sacrificios : lembrança devida a bemfeitor tão grande.

6 No regimento de seus Estados , ainda que era benigno para todos , sempre guardou inteiramente justiça , com que os conservou em seu tempo florentes ; que , como diz Macrobio , e sem justiça não ha Republica , que se conserve , nem casa , que se não arruine. E se na administração do governo politico mostrou bem sua capacidade , e prudencia , não reluzio esta menos no militar , como se vio naquella insigne victoria , que alcançou da Cidade de Azamor f em Africa , que outros grandes Capitães de exercitos Portuguezes , havendo nisso trabalhado , não pudérão alcançar. Que sendo ella populosa , e forte , e estando bem apercebida de gente bem versada nas armas , que naquellas fronteiras se exercitavão continuamente , com só

hum assalto , e sem morte g de algum dos seus (que he o em que mais se mostra a felicidade , e prudencia do Capitão) a tomou aos Mouros , que não se atrevendo a esperar o segundo assalto , a desampararão de noite secretamente. Pela manhã entrou nella o Duque triunfando , ainda que , ao que se póde crer , com o desgosto que Scipião em Numancia , por não achar resistencia de inimigos , em que dêsse mais a conhecer o valor de seu braço. ^b Este foi o Excellentissimo Duque D. Jaime Protector , e Padroeiro nosso : de quem seus Augustos successores herdarão , juntamente com seus Estados , a singular devoção a esta Provincia , como se irá vendo por todo o decurso desta Chronica.

^g Maris
Dialog. 4.
cap. 19.

^b Plutarch.
in Scipion.
vita.

CAPITULO V.

*Do Santo Fr. João de Attaíde ,
nesta Casa da Piedade
sepultado.*

1 **S**Upposto que o Veneravel Religioso Fr. João de Attaíde não foi filho da nossa Provincia da Piedade ; com tudo , por viver em sua primeira Casa quasi por tempo de cinco annos , e ter nella sua sepultura , he bem que façamos delle memoria. Será porém brevemente . e só quanto conduza

^a
Chronic.
Ordin.
3. p. l. 9.
cap. 19.

à noticia da Casa da Piedade, de que vamos fallando, remetendo o Leitor à Chronica geral da Ordem, onde sua vida anda relatada, ^a com os milagres, que Deos por elle obrou, ainda no estado secular. Foi pois o bemaventurado Fr. João de Attaíde filho de D. Martinho de Attaíde Conde de Atouguia; Casa nobilissima neste Reino, e de D. Filippa de Azevedo, sua segunda mulher. Não teve outro; por cuja causa, e pelas boas partes, de que era dotado, era de seus pais muito estimado, e querido. Criavão-o com tão grande cuidado, como a filho unico, e successor da Casa; porém o menino, supposto que não desestimou aquelle grande amor, que o pai lhe tinha, estimava com tudo muito mais o grande, que Deos nos tem: e entendendo quanto maior era a obrigação de fazer a vontade ao Pai do Ceo, que ao da terra, determinou ser Religioso, e fugir aos enganços, e embaraços do mundo, desprezando seus estados, e vaidades.

^b
Sess. 25.
cap. 25.

2 Para effectuar esta generosa resolução, não esperou mais tempo, que o que dispõe o sagrado Concilio Tridentino: ^b pois entrando em idade de dez-eis annos, deixou a casa de seu pai, e morgado, que lhe pertencia: foi a S. Francisco de

Alenquer, Convento da Provincia de Portugal, onde pedio, e recebeo o habito de nosso Padre S. Francisco. Não se pôde encarecer o prazer, e alegria, que sentio em seu coração, quando se vio vestido em hum saial grosseiro, coula, que elle muito havia que desejava: mas durou-lhe pouco o contentamento; porque como o Conde seu pai não tivesse outro filho, que lhe herdasse a Casa, por força o tirou do Convento. Tratou logo o Conde de casallo, pertendendo por esta via divertillo de seu intento. Effectuou-se o casamento com D. Beatriz da Sylva, filha de D. Affonso de Vasconcellos, Conde de Penella. Permettio Deos tal vez aquella violencia, para que seu servo fosse perfeito exemplo a todo o estado; pois no conjugal fez tão santa vida, que o honrou Deos com milagres.

3 Depois que enviuvou, esse pouco tempo, que viveo no mundo, nunca se deitou em cama, em lugar desta usava de huma dura taboa. Estava ainda nelle mui vivo aquelle seu primeiro desejo de ser Religioso; e vendo-se já livre do estado conjugal, resolveo-se pollo em execução, e restituir à Ordem de nosso Serafico Padre São Francisco, o que seu pai por força lhe tirára; seguindo o conselho de S. Paulo, ^c que diz r. 2
c. 7n. não

não deve nenhum homem celebrar segundas vodas. Alguns parentes seus lhe aconselhavão que pedisse a ElRei D. João II. a quem era mui aceito, mercê para seu filho, que lhe succedia na Casa: o que nunca poderão acabar com elle; porque dizia que se elle a merecesse, ElRei lha faria, e que se a não merecesse, se perdia pouco.

4 Para deixar perfeitamente tudo, não quiz tomar o habito no Reino de Portugal, senão no de Castella, onde então florescia a Custodia, que hoje he a Santa Provincia dos Anjos, em muita aspereza, e obfervancia da Regra. Nesta lhe lançarão o habito, e professou a seu tempo, mas não esteve nella muito; porque ElRei de Portugal, como lhe era affeiçãoado, fez com os Prelados da Ordem lho mandassem para o Reino. Veio Fr. João para a Provincia de Portugal, nella escolheu para sua vivenda os Conventos de Santa Catharina da Carnota, e de Santo Antonio da Castanheira, por mais retirados, onde todo seu exercicio era a oração, e com tanto fervor se dava a ella, que muitas vezes o vião em extase arrebatado.

5 Neste tempo andavão os nossos Capuchos edificando a Casa da Piedade em Villa-Viçosa; e succedendo mandallos

ElRei D. Manoel fahir della, pela occasião, que temos dito, pedio o Duque D. Jaime aos Padres da Provincia de Portugal lha mandassem habitar de taes Frades, que lhe aliviassem as saudades, que os Capuchos lhe deixarão, quando della foram expulsos: particularmente pedio que viesse Fr. João de Attaíde, de cuja conversação queria gozar, pelo muito conceito, e noticia, que tinha de sua santidade. Nesta Casa viveo Fr. João quasi sinco annos, que tantos vão do de 1503. em que os nossos Capuchos se fahirão della, até o fim de 1507. em que este servo de Deos foi lograr da Bemaventurança. Como era tão conhecida sua virtude, depois de sua morte tinha o povo nelle muita devoção: buscavão muitos a terra de sua sepultura para remedio de suas enfermidades: por este respeito se abriu nella hum buraco, por onde a tirassem, e achou-se que muitos lançando esta terra ao pescoço, recebêrão perfeita saúde.

6 Nesta Casa da Piedade esteve sepultado, até que nossos Frades se vierão para junto da Villa, que foi no anno de 1547. porque então trazendo os ossos de todos os Religiosos, que alli estavam sepultados, trouxerão tambem os deste servo de Deos; e separados

dos dos outros, os puzerão em huma sepultura, em o Capitulo, à parte do Euangelho, deixando o mesmo buraco, que a primeira tinha, para que seus devotos pudessem participar da terra della. Alli estiverão muitos annos, até que ultimamente D. Luiz de Attaíde, seu neto, e herdeiro da Casa, os trasladou para o Mosteiro de S. Bernardino de Atouguia, por estar em a terra de seu Condado. Nesta trasladação quiz o Senhor mostrar ainda a virtude, e santidade de seu servo, fazendo por elle o seguinte milagre. Estavão seus ossos em casa da mãe de D. Luiz; e achando-se ahi huma mulher, que havia muitos annos lançava sangue pela boca, de que estava muito enferma, pediu com muita devoção de joelhos aos Frades, que levavão aquellas reliquias, lhas deixassem ver. Vendo-as, metteo huma na boca, e desde aquella hora ficou sã, nem lançou mais sangue por ella. Estão depositadas estas reliquias na Capella mór do sobredito Convento em hum sepulchro alto na parede, bem lavrado. Depois dos ossos deste Santo Religioso serem levados do nosso Convento da Piedade, não deixava a gente da Villa de pedir com a mesma devoção, e frequencia, que antes, a terra daquelle sepultura, em que este-

ve, por meio da qual fazia o Senhor muitos milagres nos enfermos, até o anno de 1610. que fazendo-se outra vez a Casa de novo no sitio mais alto, desfazendo-se juntamente com a antiga o Capitulo, se foi perdendo aquella devoção, e memoria.

CAPITULO VI.

Do Veneravel servo de Deos Fr. João de Guadalupe, Fundador da Casa da Piedade.

EM o anno de 1503. era o proprio lugar de escrever a vida deste Veneravel Religioso, pois nelle morreo, indo para Roma, como fica dito; ^a mas como nelle andavamos occupados em historiar os varios successos da nova Reformação, por não cortar o fio à Historia, a reservei para este. Foi este grande servo de Deos Fr. João de Guadalupe natural da Villa de seu nome, bem conhecida em toda a Europa pela milagrosa Imagem de nossa Senhora, que a illustra, e faz famosa. Consta que seus pais forão ricos; mas falta a noticia de sua qualidade, e nomes. Cuidadosos da boa educação deste filho, o applicarão logo de tenra idade ao estudo das letras: aprendeo Grammatica no Se-

Sup. l.
c. 15.

Seminario, que naquella Villa tem o Convento do glorioso S. Jeronymo. Depois de ser na Latinidade perito, foi a Salamanca estudar Artes, e Theologia: sahio nestas ciencias mui douto; porque além de ser de engenho claro, era mui estudioso, e recolhido. Seu alivio erão os livros; estes o recreavão, estes o divertião: não se deo às mocidades, e passatempos, que nas Universidades são causa de se mallograrem mui aventajados engenhos.

2 Acabados seus estudos em Salamanca, ordenou-se de Ordens Sacras; e se antes era irreprehenfivel sua vida, depois de Sacerdote procurou que fosse mais perfeita. Sua communicação só era com Religiosos, e outras pessoas de virtude: com estes gastava algum tempo, o demais ou na oração mental, ou na lição da Sagrada Escriitura, e Santos Padres. Mortos seus pais, e ficando senhor de consideravel fazenda, fazia quotidianas esmolas aos necessitados; e supposto que dava com mão larga, sempre lhe pareceo pouco o muito, que com os pobres despendia. Não se descuidava em mortificar a carne, antes sabendo, como diz S. Paulo,^b que traz esta com o espirito continua guerra, com jejuns, cilícios, e disciplinas a mortificava, para que sahisse vencedor

o espirito. Frequentava muito os Sacramentos, principalmente na Igreja da Mãe de Deos, a cuja sombra se criára, de quem era por extremo devotissimo: prezava-se muito de exemplar, considerando o escandalo, que causa no Sacerdote qualquer acção menos advertida.

3 Esta era sua vida, em quanto viveo no mundo, que forão quarenta annos, no fim dos quaes succedeo aquella maravilhosa conversão de Fr. João de Souto-Maior, ou de la Puebla, que sendo Conde de Belalcázar, de la Puebla, e de Alcocer, movido com impulsos Divinos, renunciando seus Estados, tomou o habito de S. Jeronymo no seu Convento de Guadalupe: pouco depois professou nas mãos do Pontifice Xysto IV. a Regra de nosso Padre S. Francisco. Incitado Fr. João de Guadalupe com esta resolução, e exemplo, determinou consagrar-se de todo a Deos em Religião, na mesma Custodia dos Anjos, a que o sobre-dito Fr. João de la Puebla dava em Castella principio. Antes de receber o habito, cumprio o conselho,^c que Christo deo ao outro mancebo, que disse queria ser perfeito, que foi vender toda sua fazenda, e sem reservar para si cousa alguma, a deo toda a pobres.

^c Math.
c. 19. v. 21.

4 No tempo de seu novicia-

ciado mostrou em todas suas acções tanto espirito, que vendo os Religiosos tão bons principios, esperavão todos aventajados progressos, e relevantes fins. Nem se enganarão; porque depois de professo, todo o seu cuidado era ir crescendo de virtude em virtude. Poucos mezes tinha de professo, quando seu Custodio, e Prelado Fr. João de la Puebla lhe encommendou a edificação de hum Convento chamado S. Domingos, situado na Vera de Placencia, junto a Xarandilha. Nesta occupação deo o Veneravel Guadalupe tão boa conta, que sem faltar ao edificio material daquelle Convento, edificou espiritualmente com sua doutrina, e vida exemplar muitos templos vivos de Deos, arruinados pela culpa. Prégava por todos aquelles lugares da Vera, e valle de Placencia, onde seus Sermões fazião tão copioso fruto, que lhes faltava tempo para confessar aos que por elles se convertião à melhor vida. E supposto attendia com tanto cuidado ao aproveitamento espiritual dos proximos, não se esquecia do proprio: não faltava a seus exercicios espirituaes; que se em o activo gastava os dias, na contemplação passava a maior parte das noites. Era notavel o desvelo, com que procurava o desprezo de si mesmo; a este fim se encaminhavão os

disfarces, com que sahia aos povos, como já referimos, ^{d Supr. l cap. 2.} procurando ser desprezado, e abatido.

5 Sómente seis annos esteve Fr. João de Guadalupe na sua Custodia dos Anjos, que como Deos o guardava para Author de huma nova Reformação, no fim delles lhe deo vivos impulsos de a fundar, e renovar o primitivo da Serafica Ordem. Como a obra era difficultosa, vio-se embaraçado nos principios; mas como fosse approvada sua empreza por Varões doutos, e virtuosos, com quem a communicava, principalmente pelo servo de Deos Fr. João de la Puebla seu Prelado, se veio a persuadir que era obra de Deos, e como tal, havia de ter o seu amparo. Confiado neste foi a Roma, impetrou hum Breve de Alexandre VI. em que lhe concedia pudes-se edificar hum Convento no Reino de Granada, pouco antes conquistado aos Mouros pelos Catholicos Reis de Castella, porém não teve effeito. Depois por virtude de outros dous Breves do mesmo Pontifice fundou Casas em Castella; e em Portugal a nossa da Piedade em Villa-Viçosa, de que se erigirão as duas Provincias da Piedade, e de S. Gabriel.

6 Os trabalhos, e opposições, que teve nesta empreza, ficão

ficão diffusamente referidos no primeiro Livro ; em todos mostrou notável tolerancia , atè que sendo Deos servido premiallos , o levou desta para melhor vida. Foi sua morte em Civitela em hum Convento da Observância , indo para Roma em beneficio de sua Congregação. Ficou seu corpo sepultado naquellè Convento , vivendo por muitos annos naquelles Padres a memoria de tão perfeito Religioso , a quem venerão , como a verdadeiro filho de nosso Serafico Padre S. Francisco. O Martyrologio Franciscano põe sua morte em onze de Setembro , elogiando a este Veneravel Religioso com os titulos de Varão de fervoroso espirito , e de maravilhosas virtudes.

7 Não fora a relação da vida deste grande servo de Deos tão succinta , se os Padres daquelle tempo no-la deixáram escripta ; mas como lhes faltou o cuidado de escrevella , ficou-nos a nós precisa a brevidade no relatallo : se bem que para presumirmos que foi o Veneravel Guadalupe aventajado na virtude , basta sabermos que foi o primeiro , que poz mão no edificio da Congregação Capucha ; pois tendo-o Deos destinado para este ministerio tão grande , havemos de julgar que lhe deo a capacidade necessaria , adornando-o de virtudes , e de muitas

graças sobrenaturaes , como aos outros Authores de particulares Congregações , quaes são os Amadeos , Colectaneos , Clarénos , e outros , com quem repartio daquelle espirito Serafico de nosso Padre , como já tinha feito aos setenta Anciãos , para coadjutores de Moysés. ^{Num. c. 11.} E sendo o nosso Fr. João de Guadalupe Author de huma Congregação tão particular , como a Capucha , claro está que com particularidade havia de entrar nesta divisão de espirito : e supprae esta conjectura a falta de noticias , que temos. ^{num. 25.}

CAPITULO VII.

Vida , e morte do grande servo de Deos Fr. Pedro de Melgar.

AO Veneravel Religioso Fr. Pedro de Melgar se deve o titulo de principal Fundador da nossa Provincia da Piedade ; porque supposto Fr. João de Guadalupe foi o primeiro , que entrou em Portugal , e em Villa-Viçosa fundou a primeira Casa , com tudo , como morreo dahi a trez annos , e a Casa da Piedade , que fundado tinha , foi entregue aos Padres Observantes ; tornando Fr. Pedro de novo a recuperalla , e fundar outras neste Reino , com que deo principi

^a
Martyrol.
Minorit.
die 3.
April.
Gonz. 3.p.
fol. 943.
Chronic.
Ordin.
l. 9. c. 28.

pio a esta Provincia, podemos dizer que foi o principal Fundador della, e que a nenhum outro deve tanto. Este titulo lhe dá Fr. Artur, ^a Gonzaga, e a Chronica Geral do Bispo do Porto. Como tal he digna sua vida de memoria, ainda que não pedira particular menção a virtude singular, em que floreceo.

^b
Morales
n. 17. c. 13.

2 Foi Fr. Pedro natural de Valença, chamada de Alcantara, Villa dos Reinos de Castella, mettida huma legua da arraia para dentro, pela parte, em que Portugal della se divide. Chamou-se Fr. Pedro de Melgar, por ser appellido de sua geração por parte de sua mãe, que era dos Melgares, gente mui principal daquelle povo, que creio teve principio no illustre Conde Fernão Mentales de Melgar, bem celebrado nas historias de Hespanha. ^b E assim que por parte de sua mãe era Fr. Pedro muito nobre, e pela do pai não menos qualificado, pois por elle descendia dos Bobadilhas, conhecidos por mui illustres por todas as partes daquelles Reinos. Inclinou-se de sua tenra idade ao exercicio militar, e nelle se occupou alguns annos, mostrando em toda a occasião animo brioso, e singular valor, pelo qual era já mui conhecido. Quando pelos annos do Senhor de 1474. succedêrão aquellas tão porfiadas guer-

ras, que por morte de El Rei Henrique IV. houve entre El Rei D. Fernando de Aragão, e El Rei D. Affonso V. de Portugal sobre a herança do Reino de Castella, que ambos procuravão, servio nellas Fr. Pedro por parte dos Aragonezes, e por sua industria se ganhou a Villa de Alcochete, trez leguas de Lisboa. Mas como os successos da guerra são tão varios, que he hoje vencido, o que hontem foi vencedor, succedeo que em outra occasião, querendo mostrar seu esforço, commetteo os Portuguezes mais animoso, que acautellado, foi por elles prezo; e carregando-o de ferros, e grossas cadeas, o tiverão algum tempo em hum escuro carcere, até que Deos milagrosamente o livrou delle, quasi pelos mesmos termos, com que de outro semelhante livrou a S. Pedro seu Apostolo. ^c

3 Foi o caso, que estando naquelle carcere obscuro, se vio huma noite cercado de claridade, e livre das cadeas, e assim mesmo abertas as portas: sahio do carcere sem algum impedimento, porque não houve pessoa alguma do exercito contrario, que o detivesse. Considerando depois Fr. Pedro attentamente este beneficio, e caso milagroso, propoz mudar a vida; e se antes militava debaixo da bandeira do Rei da terra, já

Aa.
num.

já se resolveo a alistar-se de baixo da bandeira da Cruz de Christo. Estava neste tempo desposado com hum nobre Senhora ; e para a persuadir entrasse tambem em Religião, veio a Valença sua patria. Admittio ella o conselho , pondo-o com grande gosto em execução , e Fr. Pedro escolheo a de nosso Padre S. Francisco : tomou o habito no Convento de nossa Senhora dos Anjos , na Serra da Gata , que então era da Provincia de Sant-Iago , da Familia da Observancia. No anno do noviciado forão muitas , e mui grandes as tentações , que teve ; porque o demonio parece perfeitido já quão contrario lhe havia de ser Fr. Pedro , se professava , repetia muito amiudo as baterias , até que rendido à sua vehemencia , deixou o habito , e sahio-se da Religião.

4 Tornou a seu antigo exercicio de Soldado em a conquista do Reino de Granada ; porém como forão poucos os que se sahirão da Religião , que logo se não arrependessem , não passou muito tempo , que se não visse Fr. Pedro arrependido , e confessasse seu erro. E como Deos o tinha destinado para principal Fundador da Provincia da Piedade , e sua pedra fundamental , assim como ao outro Pedro da sua Igreja , poz tambem nelle seus olhos , mo-

vendo-o com outros novos impulsos , a que deixasse a milicia , em que estava , e fosse buscar a espiritual , que tinha deixado. Poucos impulsos forão necessarios para o renderem , porque ainda vivia nelle alguma faísca daquelle ateado fogo do espirito , com que havia pedido o habito , e ardeo em sua alma os poucos mezes , que o teve. Para mostrar seu arrependimento àquelles Padres , de cuja companhia se sahira , e os obrigar a que o aceitassem de novo , deixando então o bemafortunado mancebo as gallas , e brios de Soldado , se sujeitou a hum aspera , e penitente vida , recolhendo-se em traje pobre , e desprezível em hum Hermida de Serra Morena , chamada Bella-Rosa , e muitos annos depois se chamava do Melgar , pela habitação , que este servo de Deos nella fez.

5 Alli se deteve algum tempo , fazendo vida contemplativa , e santa , até que procurou lhe dessem o habito na mesma Casa de nossa Senhora dos Anjos , onde antes o tinha tomado , para que aos mesmos , a quem com sua inconstancia escandalizára , edificasse com a perseverança. Obrou tão fervoroso no anno do noviciado , que bem mostrava serem suas obras procedidas de hum perfeito defenganho do mundo. Tinha já cabal

conhecimento delle, e quão pouco se podia esperar de suas coufas; e daqui lhe nascia entregar-se a Deos com tão extremado fervor, que supposto era aquelle religioso Convento mui regular, e observante, com tudo Fr. Pedro manifestamente já em noviço se aventajava a todos; mas assim obra, quem assim se desfengana. Cumprido o anno do noviciado, professou na mesma Casa de nossa Senhora dos Anjos, onde tinha tomado segunda vez o habito, e não em outra do mesmo nome, que era da Custodia dos Anjos, como alguns differão. Na profissão, por sua extremada humildade, se aggregou ao numero dos Frades leigos, sendo que tinha partes dignas do Coro, e Sacerdocio.

6 Era tanta sua mortificação corporal, que servia de admiração a seus companheiros: usava de perpetuos cilícios, disciplinas, e jejuns: a cama era o desabrido chão, ou huma taboa nua: a abstinencia, e descalcez continua, com outras penalidades deste genero, em tanto extremo, que julgando o Prelado excedião as forças humanas, muitas vezes lhe hia à mão, para as moderar. Buscava occasiões inventadas com sagacidade Christã, para ser desprezado, e julgado do mundo por ignorante, sabendo que o que

para o mundo he mais simples; fica sendo para Deos ^d o mais prudente. 1. ad
c. 1.

7 A oração era o seu ordinario exercicio, onde recebia de Deos muitos favores: entre os quaes foi hum manifestar-lhe, que supposto havia de ter muitas, e mui grandes opposições na Reforma, que desejava, com tudo que perseverando em seu intento, todas venceria. ^e Foi em fim tão perfeito, que tratando Gonzaga de sua morte, lhe dá nome de Religiosissimo em grão superlativo, f dizendo que foi dotado de mui singulares dons, e graças: nem menos elogia sua virtude o Martyrologio Minorita, pois diz delle, que na oração, abstinencia, paciencia, perfeição de vida, e no grande fervor de espirito, fora com singularidade assinalado. Como era tão perfeito, daqui lhe nascia hum ardente desejo, que tinha da Ordem se não relaxar, antes se augmentar em austeridade, e rigor. Communicou este seu celestial espirito com alguns Varões Apostolicos da sua Provincia; e achando-os preparados para o seguirem, deixou a dita Provincia; e com Breve de Alexandre VI. fundou a pobre Casinha de Truxilho, que foi o primeiro Convento Capucho da Ordem, ao qual ajuntou outros semelhantes. Mol
cap.
Chro
Prov
S. G
l. 1. c
Gom
Fr. M
supr.

8 As contradições foram tantas, quantas deixamos já referidas por todo o primeiro Livro; porém todas venceo, como na oração lhe tinha o Senhor revelado. Chegou a ver a sua Reformação feita Custodia, logrando já quietação, e sossego, fruto sem duvida alguma de seus grandes trabalhos. Vendo-a pois neste estado, e que não havia já difficuldade alguma, que vencer, recolheo-se Fr. Pedro na Casa do Bosque; e como se em sua vida não tivesse feito a Deos algum serviço, desoccupado dos officios da Ordem, assim se entregou de novo às penitencias, vigílias, e orações, que se admiravão os Frades de ver que hum corpo humano já tão debilitado pudesse soffrer tanto. Sendo já de idade de setenta e quatro annos, conhecendo que Deos o chamava para si, supposto que toda sua vida tinha sido huma preparação para a morte, com tudo neste ultimo fim se preparou com hum novo, e extraordinario fervor para a jornada. Recebeo com muita devoção os Sacramentos, chamou os Religiosos, e exhortou-os como bom Pastor, que havia sido, à perseverança do bem, que tinham começado, encommendando-lhes muito sobre tudo, que se amassem huns aos outros, como verdadei-

ros discipulos de Christo.

9 Nestas praticas estava o Varão Santo, quando lhe chegou o ultimo instante de sua vida. Entregou a alma nas mãos do seu Creador, que desejava daquella soberana dita, parece que não cabia já no corpo. Foi seu felice transito no anno do Senhor de 1516. a vinte e oito de Maio, hum anno antes que a sua Custodia da Piedade fosse levantada em Provincia, e não no de 1522. em que o traz Waddingo. 8 Deixou tão grande opinião de Santo naquella Villa de Borba, que todos com muita devoção pedião por reliquias as pobres alfaias de seu uso, e os que tanto não alcançavão, levavão depois a terra de sua sepultura, com a qual dizião saravão de muitas, e diversas enfermidades. Foi seu santo corpo sepultado na claustra do Convento, onde esteve até o anno do Senhor 1548. tempo, em que o dito Convento foi reedificado; então para que estas reliquias ficassem mais seguras, foram depositadas juntamente com as do Santo Fr. Francisco da Gatta, debaixo de huma escada, que sobe para a varanda, junto da porta da Capella, por onde hoje se entra na Igreja. Deste lugar faltarão humas, e outras; mas de que maneira, direi ao diante, quando escrever a vida do segundo.

Do

Wadding.
tom. 8. ad
ann. 1522.
num. 7.

^b
Agiol. Lu-
sit. tom. 3.
a 28. de
M. io lit. a.

Do Veneravel Melgar faz illu-
stre memoria o Author do Agio-
logio Lusitano, ^b conformando-
se no dia, e anno de seu trans-
ito com os Memoriaes desta
Provincia.

CAPITULO VIII.

*Do Convento de S. Francisco de
Chaves, segunda Casa, que
teve esta Provincia.*

^a
Marian.
de reb
His. 1. 7.
fol. 353.

ⁱ **N**A Comarca de
Tras os montes,
junto à Raia de Galiza está si-
tuada a Villa de Chaves, que
he a antiga ^a *Aguas Flavias*,
tomando o nome do Emperador
Flavio Vespasiano, mui conhe-
cida em tempo dos Romanos
por sua abundancia de manti-
mentos. No dominio temporal
he dos Duques de Bragança;
no espirital pertence à Diece-
se de Braga. Junto desta Vil-
la, para a parte do meio dia,
fica hum formosa, e espaçosa
veiga, regada com a corrente do
Tamaga, rio famoso, cujas
aguas de mais de lhe fertiliza-
rem as terras, lhe dão tambem
abundancia de pescados. Passa-
se este rio por hum ponte no-
tavel em fortaleza; porèm não
em o edificio, porque nem he
muito grande, nem muito lus-
troso, mas tão forte, que sen-
do feita no tempo dos Ro-
manos, ^b atègora não houve

^b
Brit. Mo-
narq. Lu-
sit. 2. p. 1. 5.
cap. 11.

enchente, que a movesse de
seu lugar, ou lhe fizesse preju-
zo.

² Da outra parte do Rio
na dita veiga ficava o Conven-
to de nosso Padre S. Francisco,
tão antigo, que não ha poder
descubrir quando se deitou nel-
le a primeira pedra, por mais
que alguns sobre este ponto se
tem desvelado. Na mão de hum
Antonio Gonçalves, Cura de
S. Domingos, termo da dita
Villa se achou hum escitura
feita por mão de Tabellião, a
qual dizia: *Sendo Guardião des-
te Mosteiro Fr. Rodrigo de Mo-
raes Conventual, contratou com
o Mestre Joannes, Mestre dos
muros da Villa, em a era do
Senhor de 1446. o qual tomou a
empreitada da abobada da Capel-
la, com quebrar elle mesmo a pe-
dra, em preço de vinte mil reis,
e sincoenta alqueires de centeio.*
Não diz a Escitura outra cou-
sa, nem falla em outra pessoa:
e assim entre os naturaes da ter-
ra, ainda que se tem por cou-
sa certa, que no tempo do di-
to Fr. Rodrigo de Moraes se
mandou fazer a Capella da
Igreja de pedraria, com tudo
he tradição ser o Convento
mais antigo, e que os Caval-
leiros chamados Templarios vi-
vêrão nelle, antes que os Con-
ventuaes alli fizessem sua habi-
tação. Por parte desta vulgar
opinião está o chamar-se aquel-
la

la Casa S. João da Veiga, antes que fosse chamada de São Francisco; e esta mudança de Titulares não favorece pouco àquella tradição.

3. Contra ella porém está Gonzaga, e com elle o Chronista da Santa Provincia de Portugal, os quaes dizem que foi este Convento fundado pelos Conventuaes, sendo que nenhum delles nos diz o anno de sua fundação; sómente o segundo lhe finala o anno de 1424. sem mais razão que tello desocupado, e perdeu muito de antiguidade, a não ter o sobredito Author livre outro anno anterior ao nomeado. O certo he, que ainda que sabemos que o Convento de Chaves he mui antigo, não he possível averiguar quanto o seja, porque he este hum segredo dos que o tempo tem ainda fechado a sete chaves. Dos Conventuaes o receberão nossos Frades à instancia do Duque de Bragança D. Jaime em hum Capitulo, que celebrarão aquelles Padres em Guimarães no anno de 1505. como temos dito ^d no primeiro Livro. Era esta Casa de paredes fortes, como são todos os edificios antigos; e este o era tanto, que por entre a parede de huma parte levava huma escada de pedra, pela qual subião a cima. Dentro na claustra corria huma fonte de copiosas a-

guas, trazidas de longe por hum cano, que a gente da terra, attendendo à falta, que della tinhamos, depois de ser a Casa nossa, no anno de 1529. fez à sua custa, dando cada hum para isso suas esmolos, conforme sua possibilidade.

4. Nem lhe faltava aqui a cerca ordinaria, de que os Conventos, e principalmente os Capuchos tanto necessitam: e esta era tão grande, e cheia de arvoredo, que das paredes para dentro tinha huma grande mata de carvalhos, que servia de dar lenha para o fogo, e hum pomar de fruta mui bastante. Além disto outra muita terra despejada para hortaliça, que como jejuamos a maior parte do anno, fica sendo esta entre nós a mais necessaria. Todas estas cousas fazião o sitio alegre, e aprazivel, se não tivera huns contrapezos, que o desmanchavão; porque como este Convento ficava em lugar baixo, e abafado, sujeito aos vapores do rio, era doentio por extremo, mui calmo no Verão, e não menos frio no Inverno. E assim os Religiosos, que alli hião morar, raramente escapavão de enfermidades: e muitos já deliberadamente se hião entregar nas mãos da morte, que recebem de boa vontade, lembrando-se do que diz o Apostolo:

Se vivemos, vivemos para Deos; Ad Rom. c. 14. n. 8.

Deos; e se morremos, para Deos morremos : pelo que vivos , e mortos de Deos fomos.

5 He a gente desta Villa, e seu termo mui devota, e assim provê aos Frades com tanta abundancia, que morando nesta Casa quinze até dezoito Religiosos de ordinario, mui poucas vezes se tem visto em falta. Acode-lhe tambem liberalmente com suas esmolas ordinarias a Real Casa de Bragança, como faz às outras, que temos em seus Estados. Na Capella deste Mosteiro, feita no tempo de Fr. Rodrigo de Moraes, como temos dito, para a parte do Euangelho, mettida na parede, ficava huma sepultura grandiosa, e de magestade, cuberta com huma vieira de pedra bem lavrada, e nella as Armas Reaes com hum breve letreiro pela orla, em que se declarava, como alli estava sepultado o primeiro Duque dos Serenissimos da Real Casa de Bragança D. Afonso, filho de ElRei D. João o I. Na outra parede, que lhe ficava defronte, à parte da Epistola, para melhor correspondencia, e perfeição da architectura, estava hum Anjo tambem de pedra, com hum escudo nas mãos, e nelle as mesmas Armas. Donde colligimos sem duvida nenhuma que o dito Duque mandára fazer esta Capella, ou fora a principal cau-

sa, para que aquelle Guardião a mandasse fazer : o que se vê mais claro por huma pedra, que estava por chave principal da abobada, na qual se via gravado hum escudo com as Quinas Reaes de Portugal, e huma Coroa. E como nos edificios se não ponhão outras Armas, se não as de quem os manda fazer, estando aqui em tantas partes as Armas Reaes, bem se collige que o dito Duque, por ser filho de Rei, e morador em o tal tempo na dita Villa, mandou fazer a Capella, onde poz suas Armas Reaes. Confirma-se esta conjectura com a trasladação de seus ossos, que para ella foi feita; porque quando o Duque morreo nesta Villa de Chaves, anno do Senhor 1462. foi enterrado na Igreja Matriz da Villa, porque a Capella não devia de estar de todo acabada, e como depois se acabou, se fez a trasladação dos ossos para ella: e não havia motivo, para que a tal trasladação se fizesse, se a Capella não fora sua. Por onde os Duques de Bragança, já antes que D. Jaime nos houvesse aquella Casa, parece que erão Padroeiros della.

6 No chão desta Capella estava huma sepultura com hum letreiro em lingua Latina, que tornado em Portuguez dizia desta maneira: *De antigo fundamento poz esta campa tradique*

Lopes de Sousa para si, e seus parentes. E porque daqui pôde alguém cuidar que o dito Fradique Lopes de Sousa, ou seus ascendentes erão Padroeiros desta Capella, por usar daquelle palavra *De antigo fundamento*; para tirarmos toda a equivocação, he de notar, que Fradique Lopes de Sousa, sendo Abbade de Monforte de Rio Livre no Bispado de Miranda, no anno do Senhor de 1587. mandou lagear de cantaria esta Capella à sua custa, e tirar huns degraus, e tabernaculo de madeira, que estavam junto do altar, e em seu lugar mandou fazer outros degraus de pedra; e porque debaixo dos ditos degraus, e tabernaculo de madeira, estavam sepultados seu avô João de Sousa, e Diogo Lopes de Sousa seu pai, mandou abrir a sepultura; e tirando os ossos de ambos, os tornou a sepultar fóra dos degraus de pedra, que mandára fazer, sobre os quaes poz a campa com o letreiro referido: *De antigo fundamento*, por estarem alli já sepultados seu avô, e pai, e não por ser elle Padroeiro; pois, como temos visto, os Padroeiros da Casa, e da Capella erão os Duques de Bragança; depois que o primeiro Duque D. Affonso foi para a dita Capella trasladado.

CAPITULO IX.

De alguns milagres, que Deos obrou nesta Villa de Chaves pelos merecimentos de nosso Seráfico Padre S. Francisco, e outros Santos de nossa Ordem.

I **O**S segredos do Rei hão de encubri-se, porém as obras de Deos hão de manifestar-se, disse o Anjo^a a Thobias. E a razão he; porque, se as obras maravilhosas de Deos não fossem publicas, que louvor resultaria dellas a sua Divina Magestade? Pois para que o louvor seja de Deos, he necessario que suas obras maravilhosas se publiquem. Nesta Villa de Chaves tem Deos feito alguns milagres por merecimentos dos Santos da nossa Ordem: e se conforme o conselho do Anjo, as obras maravilhosas de Deos hão de manifestar-se, razão será que os escrevamos, e demos delles noticia para gloria deste Senhor, e honra de seus Santos.

2 No anno de 1550. houve hum grande invernada nesta Villa: choveo por muitos dias de maneira, que o rio Tama-ga, que passa entre o nosso Convento, e a Villa, cresceo tanto, que nem por cima da ponte podia passar se, porque nem esta apparecia; por cujo respeito estavam nossos Frades em casa re-

^a
Tob. c. 12.
num. 7.

Milagre
de N. P. S.
Francisco.

^b
Gonz. 3. p.
fol. 946.
Conv. 22.

colhidos, nem podião fahir fó-
ra a pedir esmola; e estando af-
fim por alguns dias, porque não
cessava a agua, considerando
Jacome Teixeira, ^b homem dos
principaes daquella terra, e mui
devoto de nosso Padre S. Fran-
cisco, a falta de mantimento,
que poderião ter, desejando ac-
cudir-lhes com algum remedio,
de que já tinham bem necessida-
de, ajuntou-se com outros seus
parentes, e andou pedindo es-
mola para os Frades. Resolveo-
se a levar-lha, lançando-se ao
rio: e supposto que procuravão
dissuadillo deste caritativo in-
tento, pelo perigo moralmente
certo, a que se expunha, com
tudo não forão bastantes as mui-
tas aguas para extinguirem nel-
le ^c a caridade. Subio em hum
cavalle, lançou-se ao rio, não
sem grande trabalho, e igual
risco de sua pessoa; mas foi
Deos servido que passou sem
algum damno.

^c
Cantic.
c. 8. n. 9.

3 . Depois que aos Frades
foccorreio com a esmola, que le-
vava, pelos mesmos passos, não
tendo ainda o Tamaga diminui-
do nada de sua furiosa corren-
te, o tornou a passar; e che-
gando a sua casa, subita, e mi-
lagrosamente se achou são de
duas quebraduras, de que era
enfermo havia muitos annos.
Com lagrymas deo a Deos as
graças; e attribuindo a faude
recebida aos merecimentos de

N. P. S. Francisco, dizia à gen-
te de sua casa: Vedes quão bem
paga S. Francisco a quem o ser-
ve? Bem he que o sirva toda
minha vida; pois pelo perigo a
que me expuz, por levar a seus
Frades mantimento, me pagou
logo tão bem, que me sarou
perfeitamente de minhas enfer-
midades. Correo logo a fama
deste milagre pela terra; e sup-
posto que a gente della era mui
devota de nosso Serafico Padre,
com elle o ficou sendo mais,
excitando-se-lhe novamente a
devoção.

4 . Ha tambem nesta terra ^{Milagre}
geral devoção aos cinco Marty- ^{dos}
res de Marrocos, Santos da nos- ^{res de}
sa Ordem, que pelos Mouros ^{Marty}
de Africa forão martyrizados:
e não sem muita causa; porque
as mercês, que Deos por inter-
cessão destes gloriosos Marty-
res faz a seus devotos, são tan-
tas, que huns incitão a outros
a crescerem mais na devoção,
com que os venerão. Havia hum
homem nobre nesta Villa, cha-
mado Leonardo Teixeira, o
qual costumava dizer, que não
havia medo de sezões. Pergun-
tado pela causa, que para isso
tinha, disse que a razão era, por-
que rezava cada dia cinco vezes
a oração do Pater noster, e Ave
Maria aos gloriosos Martyres;
e que sendo antes quasi todos
os annos doente desta enfermi-
dade, haveria dez annos, que
não

não tivera feções, depois que lhe rezava esta devoção: e que hum dia, que por seu descuido deixára de a rezar, lhe viera logo huma muito grande; mas que continuando com a reza, se lhe fora logo, e nunca mais sentira semelhante enfermidade. Dizia mais Leonardo Teixeira, que estando sua mulher Joanna de Castro doente desta enfermidade no anno de 1605. fez elle voto aos ditos cinco Martyres de lhes rezar aquella devoção dobrada, se sua mulher se visse livre daquella molestia: e que feito o voto, logo a deixarão as feções, nem lhe tornarão mais. Perseverou o sobredito Leonardo Teixeira por toda sua vida em a devoção dos Santos Martyres, até que em seu proprio dia dezeseis de Janeiro acabou esta vida temporal com grandes esperanças de sua salvação. Outras muitas pessoas desta Villa, que rezão a tal devoção, alcanção perfeita faude, como consta de testemunhas, e de huma autentica inquirição, tirada juridicamente por hum Vigario Geral daquela Comarca, e de outros papeis guardados no Arquivo desta Casa de Chaves.

5 He tambem em toda esta Comarca celebre o nome de S. Bernardino, Santo da nossa Ordem, por respeito de hum prolongado milagre, que Deos por

merecimentos de seu servo fez àquella gente nesta forma. Huma legua da Villa de Chaves para o Poente, está hum Lugar, que se chama Casas novas, cujos moradores em suas fazendas recebião, quasi todos os annos, grandes perdas das tempestades de pedra, e agua, a que o Lugar era mui sujeito. Todos de commum consentimento fizeram voto a S. Bernardino, que se os livrava de tão grandes perdas, e damnos, lhe edificarião naquella terra huma Hermida de sua vocação, na qual lhe farião festa todos os annos. Feito o voto, começaram logo a sentir o favor, e amparo do Santo. Pelo que lhe fizeram a Hermida, onde a 20. de Maio, que he o seu dia, o festejão: e mostra-se o Santo tão agradecido, que para o milagre ser mais manifesto, e mostrar o muito, que os tem tomado à sua conta, tem acontecido algumas vezes, depois do voto, e Hermida feita, que vindo sobre aquelle Lugar grandes tempestades, como costumavão vir antes que invocassem os merecimentos deste Santo, toda a pedra, que cahio das nuvens, cahio pelas estradas, e vallos das vinhas, onde se achava toda em montes, sem tocar em cousa, que pudesse fazer prejuizo: de que os naturaes ficarão tão agradecidos, que não perdem ponto em sua de-

Milagre
de S. Ber-
nardino.

voção ; mas antes tem sido causa , para que por outras partes daquella Villa , e Comarca em semelhantes necessidades invoquem todos a S. Bernardino ; de tal maneira , que por aquella terra todos tem este Santo por advogado , e defensor dos frutos , e novidades. E cada dia se vai estendendo mais sua devoção , experimentando o interesse , que della lhes resulta , que até para com os Santos se mostrão os homens tão interesseiros , que tem maior devoção àquelles , de quem recebem mais beneficios temporaes.

CAPITULO X.

De huma devota Imagem de Christo Senhor nosso crucificado , que está nesta Casa de Chaves.

^a Trid. sess. 23. **C**Om mysterioso accordo , e por impulso especial do Divino Espirito se introduzio na Igreja o uso das Imagens em seu tempo primitivo , e o mandou depois o Sagrado Concilio Tridentino. ^a He grande a tibieza dos homens ; e para lhes excitar a devoção são estas mui necessarias , trazendo-lhes à memoria o prototypo , que representão , a cuja veneração os movem , e excitão.

2 Huma Imagem de Christo Senhor nosso crucificado está

nesto Convento de S. Francisco de Chaves , tão devota , como as mais ; que se tem visto neste Reino , e fóra d'elle ; e tão venerada da gente daquellas terras circumvizinhas ; que ordinariamente he de todos visitada com frequentes romarias. He esta santa Imagem de vulto : na grandeza , e proporção , como hum homem de grande estatura , cuja vista está infundindo temor , e provocando juntamente a devoção extraordinaria. A materia , de que he feita , he quasi incorruptivel , por ser composta de hum certo genero de pasta , ou papelão conglutinado. Daqui procede ser tão leve , que sendo da grandeza , que temos dito , com hum só mão se póde sustentar , e trazer de hum a outra parte. Foi feita em a Cidade de México em a nova Hespanha , dizem que por hum Gentio ; mas na arte tão experto , que não mostrou tanto Turiano a perfeição della na imagem , que fez do fabuloso Jupiter , tão estimada dos Romanos , que a collocarão em seu Capitolio.

3 Alguns annos esteve esta santa Imagem em hum Altar collateral à parte da Epistola ; depois a collocarão no Altar maior debaixo de trez cortinas , mui venerada de todos , que por sua muita devoção vem em romaria visitalla : de presente não fa-

fabemos que lugar tenha no Convento novo. Supposto que o Senhor por esta sua Imagem tem obrado algumas maravilhas, direi sómente huma, que obrou; quando a trouxerão da Cidade de México para este Reino, que achamos mais autenticada; porque as outras a pouca curiosidade as deixou ou totalmente esquecidas, ou com pouca expressão declaradas. Foi o caso, que chegando a náó, em que esta santa Imagem vinha, em companhia de outras muitas, à Bahia de Lagos no Reino do Algarve, e estando ancorada nella, chegarão de repente algumas náós dos Inglezes na volta, que fizeram na tomada de Cadis; e como vinhão ainda encarniçados nos males, que deixavão feitos, quando aqui chegarão, fizeram o mesmo. Não lhes ficou náó em o porto, que não roubassem, nem embarcação nenhuma, que não destruíssem, e puzessem fogo.

4 Os navegantes, que hião em a náó, que levava ao santo Crucifixo, esperavão já a furia, que nas outras vião: doião-se como Catholicos, não tanto do proprio damno, que os ameaçava, como de algum desacato, que os barbaros Inglezes podião fazer à sagrada Imagem de nosso Redemptor Jesus Christo. Com lagrymas, e suspiros pedião a Deos não con-

sentisse, que aquella sua santa Imagem fosse daquelles hereges ultrajada. Maravilha grande! Não ficou náó, nem embarcação alguma, que não destruíssem; só a em que vinha o Crucifixo, estando no meio de todas, ficou illesa. Tapou Deos os olhos dos inimigos, como fez aos de Sodoma à porta do justo Loth, ^b para que a não vissem com seus olhos. Todos os que em a náó estavão, attribuirão o successo, como a razão o pedia, a milagre do santo Crucifixo, a quem invocavão com grandes deprecações, em quanto os inimigos andavão destruindo as náós suas companheiras.

5 Esta rica Peça, juntamente com hum calis, humas cortinas, e huns frontaes da India, lavrados de primavera, e outras cousas para a Sacristia, deo a este Convento de S. Francisco de Chaves no anno de 1587. hum devoto homem, chamado Affonso Domingues, natural de Villarinho, termo da Villa de Chaves, o qual pela devoção, que mostrou a nosso Padre S. Francisco, em lhe trazer esta santa Imagem a sua Casa, negando-a a outras muitas, que com instancia lha pedião, e grandemente desejavão, além do premio, que Deos lhe daria, de tão piedosa offerta por intercessão do mesmo Santo, merece aqui esta lembrança.

CA-

^b Gen. c. 19.
num. 10.

CAPITULO XI.

Reedificação do Convento de Chaves: casos memoraveis, que nelle acontecerão.

1 **C**ento e trinta e dous annos vivêrão nossos Frades em este Convento de Chaves, experimentando bem à sua custa o rigoroso do sitio: até que no anno de 1637. sendo Ministro Provincial o Irmão Fr. Antonio do Seixo, a segunda vez, que foi eleito, se tratou de reedificallo em outro lugar mais accommodado, e sadio. Parecia já mais temeridade, que paciencia, conservar huma Casa, onde era raro o Religioso, que hia por morador, que ou não adoecesse, ficando a bom livrar enfermo para toda a vida, ou não morresse logo, succedendo ordinariamente pelos Verões faltar quem assistisse no Coro, e aos mais exercicios da vida religiosa: o que não dava pequeno cuidado aos Prelados, que quando querião remediar esta falta, mandando outros de novo, acontecia adoecerem tambem estes a poucos dias, que tinham do Convento; por estas razões o sobredito Ministro Provincial intentou mudar a Casa para outro sitio. Tratou esta materia com os moradores de Chaves, indo em sua primeira visita: achou todos

conformes a seu parecer, porque a todos era manifesta a razão, que para isso havia.

2 Hum devoto dos principaes daquella Villa offereceo o sitio para a fundação do novo Convento, que fica junto della. Começarão-se as obras no sobredito anno de 1637. para as quaes concorreo com muita devoção o povo, cada hum segundo sua possibilidade. Com estas esmolas, e com as muitas, e consideraveis, que fez para as obras a Real Casa de Bragança, Padroeira do Convento antigo, se poz este moderno em poucos annos de todo perfeito, e acabado. Trasladarão-se para elle os ossos do Duque D. Affonso, que como já dissemos, estavam na primeira Casa depositados, e collocarão-se na Capella mór à parte direita em hum tumulo magestoso. Ficou sendo a mesma Casa de Bragança Padroeira do novo Convento, assim como o era do antigo; e como tal, lhe consignou esmola ordinaria, com que lhe acode todos os annos, como faz a todos os mais, que estão em as terras de seus Estados.

3 Onovo sitio alguma cousa sahio melhorado, mas não tanto como se esperava; porque não deixão os Religiosos nelle moradores de experimentarem ainda em alguns annos a condição do primeiro: não são tan-

tantas , nem tão graves as doenças , como naquelle erão ; são porém bastantes para darem que fazer à paciencia. O Titular he nosso Padre S. Francisco : nelle vivêrão os nossos Religiosos da Provincia da Piedade , antes que a da Soledade della se dividisse ; hoje pertence a esta , porque pela divisão lhe coube à sua parte. Ainda quando estava incorporado em a nossa , succedêrão nelle dous casos maravilhosos : em o primeiro se manifesta a grande providencia de Deos , e em o segundo sua infinita misericordia. Não nos dizem as memorias o anno , em que acontecêrão , e assim sem lho finalarmos , os referiremos da forte , que os achamos escritos.

4 Hião dous Religiosos deste Convento para o de Braga , anoiteceo-lhes em hum deserto , sem que tivessem onde se recolherem , e ampararem ao rigoroso , e defabrido do tempo , que era Inverno. Caminhá-rão alguma parte da noite com este cuidado , virão huma casa perto do caminho , chegarão-se a ella ; e como lhe não achassem gente , sentárão-se à porta esperando pelo morador , para lhe pedirem agasalho ; mas como depois de hum grande espaço que esperárão , não apparecesse ninguem , entrárão para dentro : achárão fogo feito , e

ao canto da casa hum feixe de fetos , de que fizerão cama. Passárão alli aquella noite mui contentes , em amanhecendo puzêrão-se a caminho para proseguirem sua jornada. Depois de andados poucos passos , olhárão atrás para notarem a casa , que lhe poderia ser necessaria em outra occasião , ou para a inculcarem a outros , que fizessem caminho por aquelle deserto , como muitas vezes fazem os nossos Frades , indo de S. Fructuoso para Chaves , ou desta Villa para aquelle Convento ; não sómente a não virão , mas nem ainda final de que alli pudesse haver estado ; com que ficarão entendendo , que para os recolher aquella noite , lhes preparára o Senhor no deserto aquella casa.

5 Mais prodigioso , como menos vezes visto , foi o seguinte caso. Huma manhã chegou à portaria do sobredito Convento huma mulher com hum cesto de pão à cabeça , dizendo ser esmola , que trazia : ao entregalla ao Religioso Porteiro , lhe pedio déssê recado a hum Confessor viesse ouvir de confissão a huma mulher do outro mundo , que alli estava. Recolheo o Porteiro a esmola , deo o recado na fórma , que lho derão ; mas bem longe de persuadir-se que na realidade seria aquella mulher do outro mundo , como ella

ella dizia. Desceo hum Religiofo à Capella da Igreja, para nas grades della ouvir de confissão, a quem o chamava: achou na realidade que a penitente era huma alma, que depois de solta já das prizões da carne, por dispensação de Deos entrou no corpo daquella mulher, que era de hum Lugar vizinho de Chaves; e apoderando-se de todos seus sentidos, de tal forte, que a viadora não dava razão de cousa alguma, das que fazia, vinha sujeitar ao Sacramento da Penitencia algumas culpas, de que na vida se não tinha confessado. Ouvio-a o Religiofo, e acabada a confissão, em voz alta bradou a penitente: *Absolva-me, Padre: Padre, absolva-me.* Deo-lhe a absolvição, e no mesmo tempo a mulher, que estava de joelhos aos pés do Confessor, cahio em terra, e ficou alli por algum espaço, como amortecida. Depois de tornar em si, olhava por toda a Igreja, como pasmada de se ver naquelle lugar, perguntando onde estava, e quem alli a trouxera? Então lhe perguntou o Confessor donde era, e encaminhou para o lugar, donde disse ser moradora, deixando-a na suspensão em que estava, sem lhe declarar alguma cousa, do que tinha succedido; nem a dita mulher soube em algum tempo dar razão

do que por ella havia passado.

6 Outros casos semelhantes a este lemos em as Historias, em que Deos dispensou com sua lei ordinaria, usando de seu poder absoluto para manifestar mais sua Divina piedade, e misericordia. Em Italia por intercessão do nosso Padre S. Francisco tornou huma mulher à vida ^a para poder confessar-se de hum peccado, que o pejo lhe fazia calar, quando sendo viva chegava ao Sacramento da Penitencia. Em Ciudad-Rodrigo ^b vive ainda mui fresca a memoria de hum seu Bispo D. Pedro Dias, que por merecimentos do mesmo Serafico Patriarca no quarto dia depois de sua morte tornou à vida com vinte de prazo para nelles fazer penitencia, e huma confissão perfeita. Tambem em o nosso Reino de Portugal contão suas Historias, que ElRei D. Pedro, ^c sendo partido desta vida por bom espaço tornou sua alma outra vez ao corpo para confessar hum só peccado, sem cuja penitencia não podia receber a Bemaventurança. Estes, e outros semelhantes successos, que as Historias contão, hão de servir para a devoção dos Santos, e não para a confiança vã; pois não sabemos com quem quererá Deos, que elles assim se empenhem, nem com quem quererá obrem semelhantes prodigios: são

Wad
tom.
ann.
nnm.

Com
l. 3.
39.
Chr
Ord
2. p.
cap.
Gon
tit. l.
Mic
Con
Chr
ejul
P. l.

Azu
na C
de F
D. J
p. 3.

são favores extraordinarios, não se devem de justiça : qual he de ordinario o nosso final estado , por elle somos julgados com sentença definitiva , e certa , que nunca mais se revoga. Mostra-nos Deos em semelhantes casos , como o que referimos , do Convento de Chaves , a necessidade , e valor do Sacramento da Penitencia , para que nos aproveitemos delle o tempo , que sua misericordia nos concede de vida.

CAPITULO XII.

Do Convento do Bom Jesus de Barcellos, terceira Casa, que teve esta Provincia.

HE a antiquissima Villa de Barcellos hum dos principaes lugares da Provincia de entre Douro , e Minho : occupa huma planicie de algum modo eminente ao rio Cavado : he celebre , não só por sua muita antiguidade , mas tambem pelo titulo de Ducado , que logra nos primogenitos da Serenissima Casa de Bragança , por mercê de El Rei D. Manoel , em tempo do Duque D. Theodosio , primeiro do nome : e muito mais pela rara maravilha das Cruzes , que perto della apparecem em trez de Maio , e tem por testemunha todo este Reino. Nesta Villa ,

para a parte do mar , fica situado o nosso Convento do Bom Jesus , apartado espaço de meia legua , em hum outeiro fresco , pelas muitas arvores , de que está ornado. He o lugar saluberrimo pelos ares salutiferos , que nelle sempre correm , e aprazivel pela boa vista de mar , e terra , que dalli se descobre : alegre pelas copiosas aguas de huma perenne fonte , que o regão. Todas estas circumstancias fazem ao Convento agradavel , e aparelhado para o exercicio da contemplação ; que pelo ser tanto , dous devotos casados , marido , e mulher , querendo fugir da Babylonia do mundo deixarão o povoado , e forão antigamente fazer sua habitação a este monte , dando principio a esta Casa. Chamavão-se estes Vincente o Pobre , e Catharina Affonso , naturaes da Cidade do Porto , ricos de bens da fortuna , e para se fazerem ricos de bens da graça , desejosos da sua salvação , seguindo o conselho de Jeremias Profeta , fugirão do meio da Babylonia , e vierão-se a este lugar solitario.

2 Distribuirão primeiro seus bens aos pobres , com que mostrarão que erão bem diferentes seus intentos daquelles , com que hoje muitos casados se retirão ao campo ; porque se a cubiça acaba com muitos

homens nobres, que fujão das Cidades, e deixem de authorizallas com suas Casas, e Familias; o intento destes bons casados não foi outro, mais que fazerem-se ricos de virtudes, e satisfazerem à Justiça Divina com o rigor de muita penitencia o que lhe devião por respeito das culpas, que tinham commettido. Costumavão neste felicissimo tempo muitos Christãos, ^a para seguirem a Christo pelo desprezo do mundo, tomarem por vida guardar pobreza, intitulado-se *Pobres da vida pobre*: vivião em Oratorios, que erão como Conventos, ou separados em Hermidas pelos montes: com tudo não tinham Regra approvada, senão só os Compromissos, Regimentos, e fórma de viver, que elles mesmos fazião conforme a seu espirito.

3 Para seguirem esta vida fahirão da Cidade do Porto os dous casados referidos: achárão em o monte de Barcellos para este effeito lugar accomodado, e nelle fundarão humma Hermida com humas casas pobres, em que se recolhião junto della. Foi sua fundação pelos annos do Senhor 1391. cento e doze, antes que os nossos Frades viessem morar nella: por cujo respeito, quando alli chegárão os nossos primitivos Religiosos, já não achárão outra

noticia destes Fundadores, mais que a que temos referida, e a que se póde colligir de humma pedra, debaixo da qual estavão os dous Hermitões sepultados. Nem ha duvida alguma que fosse aquella sua sepultura, pois o epitafio assim o declara: *Aqui jaz Vincente o Pobre, e sua mulher Catharina Affonso, que partirão da Cidade do Porto era de 429. e fundarão este lugar.*

4 Advirta o Leitor, que desta conta, de que o leteiro faz menção, se hão de tirar trinta e oito annos, por ser pela era de Cesar; como se costumava ainda naquelle tempo: e durou depois em Portugal até o anno do Senhor 1422. em que El-Rei D. João I. mandou contar pelo Nascimento de Christo Senhor nosso: ^b e assim tirados trinta e oito annos, em que depois foi o Nascimento de nosso Redemptor, ficão os annos de sua fundação, que tenho referido. Deste tempo em diante se veio sempre conservando em poder de devotos Hermitões aquella Hermida: que como o sitio era tão accomodado para a contemplação, e vida heremitica, mortos os primeiros, nunca depois lhe faltárão successores. Mas forão os naturaes daquella terra tão pouco curiosos, que podendo eternizar os nomes de tão illustres Varões, como alli vivêrão, com fazerem al-

Chronic.
Provinc.
Portug.
2. p. l. 11.
c. 31. n. 5.

Conf.
Ord.
lib. 4.

alguns memoriaes de suas obras, tudo sepultarão na fonte do esquecimento; porque depois de fazerem nossos Frades muitas diligencias, nenhuma outra couza alcançarão, mais que a noticia de virem depois de muitos annos os Padres Conventuaes de nosso Padre São Francisco fundar naquelle monte hum Recolhimento, com cuja vinda se extinguirão de todo os Hermitões.

5 A occasião, que para isto houve, foi o terem hum Convento na Villa de Azurára, que fica dalli trez leguas, no qual se não podião sustentar tão commodamente, como era necessario, por serem muitos; e assim determinarão fazer no termo de Barcellos hum Recolhimento, onde alguns delles habitassem, para que dalli sahisssem a pedir esmola por aquellas terras, que são abundantes, e povoadas de gente caritativa. E como o sitio, de que fallamos, era mui accommodado para seu intento, vierão a elle, e junto da Hermida antiga fizeram humas casas, em que se recolhião de ordinario cinco, ou seis Frades. Daquellas casas sahião a fazer seus peditorios, de que se sustentavão, e ajudavão a sustentar aos demais, que em Azurára vivião no Convento.

6 Desta maneira passavão os Padres Conventuaes alli a vi-

da, quando nossos Frades a petição do Duque de Bragança, como disse no primeiro Livro, tornarão a este Reino, que foi no anno do Senhor de 1505. no qual tempo o Serenissimo Principe D. Jaime, querendo nesta sua Villa de Barcellos dar-nos Convento, pedio aos Padres Conventuaes, a cuja obediencia estavamos, quizessem largar-nos estas Casas: o que elles fizeram com huma doação, que foi confirmada por huma Patente do Ministro Geral, e por hum Breve de S. Santidade passado no anno de 1508. como consta dos originaes, que se guardão nesta Provincia.

7 Alguns annos vivêrão nossos Frades naquellas mesmas Casas, sem accrescentarem, nem diminuir em nellas couza alguma: atè que crescendo mais ao diante o numero delles, foi necessario que crescesse tambem o edificio. E porque as paredes, por serem de taipa, e antigas, estavão mui arruinadas, pareceo bem ao Ministro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, que então era, fazer-se aquella Casa de novo, como a fizeram hum pouco mais abaixo da Hermida antiga: para a qual trasladarão os ossos dos primeiros Fundadores, dando-lhes no corpo da Igreja honrada sepultura. E porque o tempo, e a gente, que entrasse na Igreja, não gastas-

fem as letras daquella pedra, que na Hermida velha os cubria, por cujo respeito se podia facilmente perder a memoria daquelles Hermitões primeiros Fundadores; quando o portado da Igreja se fazia, encaixarão aquella pedra na parede, de maneira que ficando as letras para fóra, pudessem ler-se. Da outra parte da porta principal, que he à mão direita, puzerão outra pedra com hum letreiro, que diz estas palavras: *Reedificou-se este Mosteiro do Bom Jesus de Barcellos em o anno de 1567.*

8 Com o que temos dito se vê que padecêrão engano nos informes Waddingo com o Reverendissimo Gonzaga (o mesmo lemos tambem nos Memoriaes da Provincia da Soledade,) quando tratando deste Convento, dizem, ^c que foi edificado pelo Duque D. Jaime; pois não foi senão passado dos Conventuaes aos nossos primeiros Fundadores, à instancia do sobre-dito Duque, como consta da Patente do Geral, e do Breve de Julio II. em confirmação da doação, que delle com os mais, os ditos Padres nos fizeram. Assim como no-lo derão, o habitamos, que erão, como temos dito, humas casas mais em fórma de Oratorio, que de Convento, e nellas sem mudança alguma vivemos lessenta e dous

annos, depois dos quaes se re-edificou em fórma de Convento em o anno, que deixamos finalado, e diz a pedra; quando já o Duque D. Jaime era morto havia muitos annos; com que não podia intervir na re-edificação, quando della o queirão entender.

9 Ficou a Casa depois de acabada tal, qual hoje está: de paredes fortes, porém tão pequena, e conforme à santa pobreza, que os Frades desta Religião a Deos promettem, que parece huma das primeiras, que no principio da Ordem fundou o nosso Serafico Padre S. Francisco. Nella vivem ordinariamente treze Frades: he Casa bem provida do necessario, assim por parte da Casa de Bragança, que faz aqui a esmola ordinaria, que nas demais, que estão em suas terras: como tambem por ser toda a gente da terra, e Comarca tão devota, que sem muita diligencia dos Frades, nem sahirem mais que a pedirem esmola de pão hum dia na semana, a gente acode com suas esmolas de continuo, mandando-nos a Casa as cousas necessarias para passar a humana vida, sem nunca os Religiosos sentirem falta notavel, salvo algumas poucas vezes; em que Deos quiz provar sua fé, e mostrar a devoção da gente, como veremos no seguinte Capitulo.

CA-

^c
Wadding.
tom. 8. ad
ann. 1505.
num. 42.
Gonzag.
p. 946.
Conv. 23.
Mem. m. f.
da Prov. da
Soledade.

CAPITULO XIII.

Provê Deos milagrosamente os Religiosos deste Convento.

1 **A** Conselha o Santo Rei David, ^a que ponhamos todo nosso cuidado em Deos, e que Deos terá de nós cuidado. Com todos falla o Real Profeta, e a todos aconselhava o mesmo o Principe dos Apostolos S. Pedro: ^b com tudo supposto que he o conselho para todos commum, aos Religiosos toca mais em particular. Renunciação estes os bens do mundo por amor de Deos; de tal sorte se hão de entregar a elle, que não os divirta o cuidado do sustento para o outro dia, como dizia Christo ^c Senhor nosso a seus Apostolos. Só Deos ha de ser o objecto de seu cuidado; e quando desta maneira procurarem servillo, bem podem firmemente esperar que lhes ha de acudir no tempo da maior necessidade.

2 Nesta Casa do Bom Jesus de Barcellos temos visto algumas vezes esta verdade; pois descuidando-se nella os Religiosos de si, entregues a este Senhor, mostrou elle o cuidado em sustentallos, como tinha promettido pelo Profeta. Foi o successo, que sendo Guardião neste Convento Fr. Francisco de Guimarães, e Porteiro Fr. Bap-

tista de Moura, Frade leigo; por ser Sabbado, fim da semana, achou-se o Porteiro sem ter pão para o jantar dos Frades. Estava a Villa longe, e as horas de tomarem a moderada refeição vinhão chegando, por cujo respeito não era possível poderem ser della soccorridos. Anciava-se o Porteiro, e por não ancian também ao Guardião com a nova daquella falta, não ousava dar-lhe conta della; calava tudo, mas quanto se chegava mais a hora do Refeitório, mais se affligia. Bem he verdade (segundo elle depois disse) que sempre teve confiança em Deos, que lhe havia de acudir em tal necessidade: porém vendo que o tempo de tomarem a refeição vinha chegando, e que nem hum só pão tinha, que repartir no Refeitório, entrou na Capella, e posto de joelhos diante do Santissimo Sacramento, com lagrymas nos olhos disse estas palavras: *Bem sabeis vós, meu Deos, que he meu officio pôr no Refeitório alguma cousa para comerem estes Religiosos servos vossos, depois que se occupão em vossos louvores: eu a não tenho agora, nem sei donde me venha, vós os providei por vossa misericordia.*

3 Ditas estas palavras, e feita esta breve oração, naquella Pão Divino, sustento das almas, achou o afflicto Religioso

fo o corporal sustento ; porque ainda estava na Capella , quando ouvio que lhe tangião a campainha. Foi depressa abrir a porta, e achou a ella hum homem de Rio Tinto lavrador, irmão dos Frades. Disse-lhe o Porteiro ainda com as lagrymas nos olhos : *Quem , irmão , vos trouxe agora cá ?* O devoto lavrador , vendo ao Porteiro chorar , e sentindo já o milagre, acompanhando-o nas lagrymas , respondeo : *Não sei , Padre , que agora me cá trouxe ; eu andava no campo semeando milho (e ainda me ficão os bois tomados no arado ,) e cá me deo huma pancada no coração , que estavão os Padres em necessidade. Parti-me logo para casa , e não achando outra cousa , que trazer , trago aqui trez pães , e huma borra.* Aceitou-os o Porteiro como cousa dada por Deos ; foi logo repartillos pelos Frades , que com serem doze , os que então alli moravão , ficárão todos satisfeitos : e o que mais he de maravilhar , e que certamente faz o caso milagroso , foi haver , depois da refeição dos Frades , sobejos do mesmo pão , para o Porteiro dar aos pobres , que não erão poucos , e de jantar ao mesmo lavrador , que por impulso Divino o tinha trazido.

4 Naquelle grande milagre , que Christo Senhor nosso fez , quando com cinco pães , e

dous peixes deo de comer a cinco mil homens em abundancia , ^d diz Santo Agostinho , ^e que começou o pão a crescer em suas mãos : S. João Chrysostomo ^f he de parecer , que tambem nas dos Apostolos , quando o repartião , foi o pão crescendo : e ainda Santo Ambrosio , ^g com Santo Hilario ^h acrescentão , que nas mãos dos convidados. Verisimel he que o mesmo succederia em o nosso caso , pois era pouco o pão , e muita a gente , que satisfez. Com que se vio no Convento do Bom Jesus huma verdadeira semelhança daquelle grande milagre do deserto.

5 Outro caso , quasi a este semelhante , aconteceu na mesma Casa , sendo nella Guardião Fr. Vicente de Abrantes , e Porteiro Fr. Miguel de Lagos, Frade leigo : e foi , que huma quarta feira de Cinza pela manhã achou o Porteiro que não tinha pão para aquelle dia comerem os Frades. Deo conta ao Guardião daquelle falta , dizendo sua culpa da negligencia , que tivera em não prover as cousas a seu tempo , de que o Guardião sentido o reprehendeo asperamente. Está a Villa de Barcellos , como já disse , meia legua do nosso Convento : o dia , por ser quarta feira de Cinza , era occupado , assim para os Religiosos , que era necessario irem à Vil-

à Villa a pedir esmola, como para as mesmas pessoas, que lá poderião provellos: o tempo pouco em respeito do muito, que os Frades havião de gastar em a ida, e vinda, e pedir a esmola de porta em porta. Todas estas circumstancias confiderava o Guardião, sem saber determinar-se no que faria; porém Deos nosso Senhor, que, como diz David, tem tomado o pobre à sua conta; e vendo estes seus pobres em necessidade, acudio-lhes, mandando-lhes à porta hum esmola de pão, e vinho, bastante não só para aquelle, mas para mais dias, e foi o caso desta sorte.

6 Entre a Cidade de Braga, e a Villa de Barcellos, hum legua desta, e duas daquella, está situado o Convento do Salvador de Villar de Frades; hum dos sumptuosos, e insignes do Reino, o qual antigamente foi da Ordem do Glorioso Patriarca S. Bento, onde aconteceu aquelle celebre milagre da Ave., que hum Abbade Santo esteve ouvindo por tempo de setenta annos, e absorto na contemplação da musica da Gloria. Reinando em Portugal El Rei D. João o I. no anno do Senhor 1425. foi dado este Convento aos Padres da Congregação de S. George de Alga, cuja Reformação trouxerão de Italia o Padre Mestre João, que foi Bis-

po de Lamego, e depois de Viseu, e Affonso Nogueiro, filho de hum Alcaide Mór de Lisboa, que foi Bispo de Coimbra, e depois Arcebispo de Lisboa: neste Convento, e em outros de sua Religião florecem os Padres desta Congregação em muita virtude, e observancia regular, com titulo de S. João Euangelista, a quem vulgarmente chamão Loios de Santo Eloi, que foi de sua sagrada Religião. Estes Padres pois, por respeito da communicação, que com elles temos, agasalhando-nos muitas vezes neste Convento, quando caminhamos, nos tem muita devoção, e fazem tanta caridade, que bem nos tem mostrado terem em si impressa a condição daquella grande Aguia da Igreja, debaixo de cujas azas vivem, que toda foi caridade, e amor.

7 Neste Convento de Villar houve hum Reitor, que por se finaliar entre os mais na devoção, que nos tinha, além das esmolas particulares, nos quizer dar humas todas as semanas da Quaresma. Mandou encher hum grande cesto de pão, e hum cabaça de vinho, enviando isto de esmola ao Convento do Bom Jesus de Barcellos, e numa carta, que ao Guardião escreveo, lhe fazia a saber, que sua tenção era fazer-lhe aquella caridade por todo o tempo da Quaresma.

resma , em cada semana hum dia , qual elle lhe nomeasse. Chegou a esmola em tempo , que o Porteiro , e Guardiãõ andavão sollicitos da provisão dos Frades , vacilando no meio , que terião para soccorrellos , e quando nenhum achavão , foi Deos servido chegasse o mensageiro com o soccorro. Respondeo o Guardiãõ à carta do Reitor , dando-lhe as graças da esmola , e que quanto à consignação , que pedia do dia , em que intentava fazer aquella esmola por todo o tempo da Quaresma , não havia duvida , pois Deos o finalára , querendo prover as necessidades de seus servos aquella quarta feira. Desta sorte proveo Deos a necessidade daquelles Religiosos. Mas que muito , se erão pobres , e estes , como diz o Ecclesiastico , obrigão a Deos a que ponha nelles os olhos , e os remedee? ^m Raro he o Convento da nossa Provincia da Piedade , de que seus Memoriaes não contem semelhantes maravilhas , como de muitos delles verá o Leitor desta Historia.

^m
Eccl.c.11.
num. 13.

CAPITULO XIV.

Fundação do Convento de nossa Senhora da Consolação do Bosque junto da Villa de Borba.

I Depois que o Duque D. Jaime chamou segunda vez nossos Frades a este Reino , como a devoção , que lhes tinha , era grande , queria tellos em todas as terras de seus Estados. Já os tinha em Villa-Viçosa , Chaves , e Barcellos , que , como já dissemos , erão estas duas ultimas Casas de Conventuaes , de tempos antiquissimos alli fundadas ; e querendo-os tambem ter na sua Villa de Borba , determinou fundar-lhes alli Convento. He esta Villa huma das melhores da Real Casa de Bragança , assim por respeito de ser a terra muito fresca , amena , e deleitosa , como tambem por ser povoada de muita gente nobre. Em o anno de 1505. ordenou que dentro de hum espesso bosque , que tinha hum pouco assima da Villa , onde se recreava , se fundasse o Convento , privando-se deste alivio , só para o dar aos seus Capuchos. Com brevidade se acabou o Convento , não como o animo Real do Principe queria , mas como aquelles santos Religiosos o desejavão : as paredes de taipa , a claustra

pe-

pequena, e limitada, os dormitorios no chão, as cellas dos Frades pouco maiores que huma sepultura, Casa finalmente de penitencia.

2 He em número a quinta, das que teve esta Provincia; porque além das trez já nomeadas, teve tambem outra huma legua de Thomar, chamada Santa Sita, que recebeo juntamente com a de Chaves, e Barcellos, e ao depois deixou por alguns respeitos, a qual he hoje habitada dos Padres Recoletos da Provincia de Portugal. Deo-se-lhe por titulo nossa Senhora da Consolação, em memoria da muita, que teve a Senhora, quando vio a seu Bento Filho, e nosso Redemptor resuscitado; e este mysterio se representa na pintura do retabolo do Altar maior.

3 A cerca deste Convento he mui grande; porque logo, quando se fundava, mandou o Duque ficar dentro todo aquelle bosque, tão povoado de diversas, e antigas arvores, que se não he por algumas ruas, ou caminhos, que os Religiosos por entre elles tem feito, não ha poder rompello. A maior parte do mato he folhado, freixos, medronhos, mosqueiros, e carvalhos, criados onde nascem sem outro beneficio, nem alguma ordem. Muitas destas arvores se vem abraçadas com

formosas parreiras, que arrimadas a seus troncos, e estendidas por seus ramos, crescem tanto, que depois sustentão as mesmas arvores, a que se encofárão, pagando-lhes na mesma moeda, como as pinta Alciato, ^a o arrimo, que quando

^a Alciat em-
bl. 1508.

tenras plantas, nellas tiverão, e tornando-lhes assim agradecidas o que receberão necessitadas. Supposto que são agrestes, he seu fruto tão saboroso, que serve de conhecida affronta às cultivadas, ainda que em algumas dellas não se aproveita, porque só das aves do Ceo pôde ser colhido.

4 Huma cousa tem este bosque digna de reparo, e he, que com ser mui denso, e sombrio, não se cria dentro nelle animal algum venenoso, ou bicho peçonhento, sendo que na criação dos coelhos foi copioso. Hoje nem estes se vem, effeito, segundo dizem, de hum Santo Religioso leigo, que pelo grande estrago, que lhe fazia na horta, lhes mandou não criaassem mais naquelle sitio: com que mortos aquelles, não se virão outros, obedecendo ao mandamento daquelle santo leigo, como já antigamente a S. Diogo reprehendidos pela mesma causa. ^b Parte, onde a espessura das arvores não he tanta, que impida de todo a entrada aos raios do Sol, a terra ferida,

^b Chronic.
Ordin.
3. p. l. 5. c. 1.

da, e visitada delles, por si mesma, sem algum beneficio de agricultura se reveste de odoríferas, e engraçadas flores, entre as quaes achão o sitio mais accommodado as violetas, porque dellas ha maior copia. Outra parte está plantada de pomar, e arvores frutíferas, deixando huma competente quantidade de campo descoberto, e sem arvoredos, em que se faz a horta necessaria ao Convento.

5 He grande a variedade, e infinito o numero dos passarinhos, que com sua natural musica, e suave melodia a todo o tempo convidão, e particularmente em as manhãs despertão aos Religiosos aos louvores Divinos. Por fóra da cerca está tudo rodeado de formosas hortas, sombrios foutos, e algumas vinhas, que tudo faz ser este sitio mui fresco, e ameno. E porque o medronho, e folhado são de tal natureza, que nunca perdem a verde folha, ainda no meio da força do Inverno, quando geralmente costumão as arvores estar feas, e tristes, conserva o bosque grande parte de sua formosura, e ainda outras muitas arvores, que o Inverno despe, se vem vestidas de verde em todo o tempo, por estarem com a era enlaçadas, a qual remoça em seus envelhecidos troncos huma primave-

ra; mas com isto está que depois as seccão: figura bem propria do lisongeiro, que no mesmo tempo, em que com afagos vos abraça, vos urde o damno, com que vos destroe.

6 Fica o Convento quasi em o meio do bosque, em parte algum tanto levantada, deixando em hum lado para o Poente entrada livre, acompanhada por huma, e outra parte de paredes, e de arvores, pela qual o vem buscar. Acha-se o bosque com quatro fontes; a de Santo Antonio, que he a mais copiosa, a de S. Francisco, a do Sacramento, a de S. Pedro: as duas primeiras correm da parte superior ao Convento, as ultimas na inferior, onde está principalmente o pomar, e horta. A de Santo Antonio vem de fóra buscar-nos, e com tanta força, que para chegar a nós se despenha: logo no principio de sua entrada na cerca, se divide em duas partes: a primeira, que he huma boa telha de agua, sahe por cano de pedra ao caminho, por onde se vem da Villa ao bosque, servindo alli aos passageiros de divertimento com sua corrente, e aos lequiosos de regalo com sua frescura. Arrependida porém de ter deixado o paraíso terreal em o bosque, com pressa, pois desce como por huma meia ladeira, se torna a recolher na parte

te inferior da cerca, onde defaguando em hum formoso tanque, passa a dar vigor às plantas, e alento à horta. A segunda parte, que he hum bem copioso anel, correndo sempre em canos de tijolo por dentro do bosque, vem a diversas officinas do Convento, onde he necessaria, com que livra aos Religiosos de não pequeno trabalho; tal vez para que o tempo, que havião de gastar em a buscarem na fonte, empreguem na contemplação dos Divinos mysterios. Daqui sahe alegre, pela deixarem ir livre, a incorporar-se com a primeira, de quem se apartou no principio, em cuja companhia demanda o mesmo tanque, que não menos contente a huma, e outra recebe.

7 A de S. Francisco nasce na mesma cerca, em boa distancia da de Santo Antonio: na quantidade he muito bastante, na qualidade he a mais fresca, e excellente. A muita quantidade de agua, que lança a primeira fonte, teve por muito tempo escondida esta debaixo de huns silvados, atè que não ha muitos annos, em hum de grande seccura obrigou a necessidade a fazermos della mais caso: reduzio-se com curiosidade, e alinhò a fôrma de fonte, porque antes estava à maneira de poço com seu bocal, por cu-

jo respeito era chamada a bomba: agora por huma Imagem de nosso Serafico Padre, que em hum nicho está sobre ella, se chama a fonte de S. Francisco. Para se ir ajuntar com as mais, atravessa a mesma estrada da Villa, escondida porém em hum profundo cano, este a guia à do Sacramento, e dahí com a de Santo Antonio entra no mesmo tanque. A de S. Pedro, onde se vê a Imagem penitente do Santo, e juntamente outra da Magdalena, vai defaguar no segundo tanque, que fica já dentro da horta, com que todas formão hum troço de agua tão copioso, que depois de beneficiarem o dilatado do bosque, sahem fóra ajudar os pomares vizinhos, que em alguns annos a esperão sequiosos, e sempre a recebem contentes.

8 A devoção nos está já convidando a visitar as Hermidas do bosque. São ellas quatro, todas se vem situadas na parte eminente ao Convento, que aos Religiosos servem nas tardes de retiro, ornando-as a seus tempos com diversas boninas, e flores, e aos seculares de recreação; e ainda que alguns entrão a visitallas só por curiosidade, ou divertimento, todos sahem devotos, e compungidos. A primeira, que encontramos, he a da Senhora da

Conceição : tem em seu Altar huma pequena Imagem da mesma Senhora em vulto : o asseio da Hermida , a lindeza da Imagem fazem naquelle lugar sentir a alma huma devoção , e faudade do Ceo: se já não he huma como participação da bema-venturança cá na terra. Daqui se caminha para outra , que no meio de seu Altar tem o Menino Deos à mão direita sua Mãi Santissima , e à esquerda seu mimoso Aio S. José , todos trez voltando do Egypto peregrinos , ensinando naquelle habito aos que entrão , que nos não tenhamos no mundo por naturaes. A terceira he a do Calvario , chamada assim , por se ver ornada com hum quadro , que nos representa a Christo Senhor nosso em a Cruz , e com os braços abertos espera alli os que entrão : he pintura mui devota , e perfeita ; do Altar maior , onde estava , antes de se fazer a este o retabolo novo , que hoje tem , a trasladarão para esta Hermida. Ultimamente , como descendo para o Convento , entre arvores tão antigas , que parece tiverão principio com o mundo , e tão altas , que dão mostras aspirão presumptuosas tocar as nuvens , está escondida a Hermida do Doutor Maximo S. Jeronymo : a Imagem penitente do Santo com huma pedra ferindo o peito ; a solidão

do sitio , que he o mais sombrio , o embrenhado do bosque , estão fazendo estalar de sentimento o coração , ainda que seja o mais duro , e desfazer os olhos em agua , posto que sejam os mais seccos.

9 Tudo isto faz ao bosque tão perfeito , que difficilmente se achará outro , que o iguale : e se já algum disse , tratando de outro neste Reino , que era o mais aprazivel , que havia nelle , e não faltou logo quem accrescentasse , que por ventura era o melhor de Europa , persuado-me que não virão este , pois querer aventajar-lhe outro algum he conhecidamente roubar-lhe a justiça. Por todas estas razões , e por sua quieta soledade , he hum dos mais devotos lugares , e accommodado para a contemplação , que em muitas partes se poderá achar em a Ordem : e bém se vê quão apto seja para este fim , pela multidão de santos Religiosos , que nelle estão sepultados , os quaes para consolação de suas almas procuravão vir a esta Casa acabar seus dias : com que ficou sendo hum Reliquiario de toda a Provincia ; por cuja causa foi sempre este Convento mui estimado dos Duques ; e tanto cuidado mostravão na provisão delle , que tinham dado cargo a hum homem dos principaes da Villa , para que acudisse às ne-

^c Relaç. de
Alanq.
imp. ann
620.

^d Agiol. L.
fit. tom.
Januar. I
lit. b.

ces-

cessidades do Convento, e constando-lhe que o fazia com diligencia, se davão d'elle por muito bem servidos. A gente do povo assistem com suas esmolas, bastantes a sustentarem dezeseis, até dezoito Frades, que ordinariamente alli morão; que elles bem pagão em orações, e disciplinas.

CAPITULO XV.

Reedifica-se o Convento do Bosque: referem-se maravilhosos casos nelle succedidos.

1 **C**OMO nossos primitivos Padres nas Casas, que edificavão de novo, só attendião a que fossem pobres, erão todas ordinariamente de pouca dura. E como nesta do Bosque, que fundarão, reluzisse tanto a pobreza, como deixamos escrito, foi tambem a que durou menos, pois só quarenta e trez annos se conservou naquella primeira fórma. No de 1548. ameaçando ruina, a reedificou no mesmo sitio o Duque D. Theodosio, primeiro do nome, mandando-a fazer de pedra, e cal, porque antes era toda de taipa. Não ficou da mesma sorte, em que fora fundada; porque sendo antes toda terrea com as cellas em os panos do claustro, fez levantar os dormitórios ao alto, compadecido

das muitas enfermidades, que grangeavão os Frades, por causa de ser o sitio muito humido, e ficarem as cellas terreas, e no baixo. Havia poucos dias que tinha mudado a da Piedade para outro sitio, e entendia actualmente em a fundação do Convento de Portel, quando reedificava este de Borba: e muitos mais fizera, como procurou, se os Frades lho permittirão, que não se limitava a devoção deste Principe a hum só lugar, a todos queria que alcançasse; porque assim como tinha herdado do Duque D. Jaime seu pai os Estados, herdou tambem a devoção. Porém supposto não ficou o Bosque na mesma fórma, ficou com tudo tão pequeno, e Capucho, e conforme à santa pobreza, como huma das primeiras Casas, que no principio de sua Religião fundou nosso Padre S. Francisco. Agora em nossos tempos, ameaçando segunda vez ruina, foi reedificado outra vez de novo, como em seu lugar diremos.

2 Em a primeira reedificação mostrou o Senhor quanto lhe agradava o ser nesta Casa louvado, e servido, supprindo pelos Anjos hum descuido, que nos Frades houve. Era nella Guardião Fr. João Castanho, que depois foi Provincial; succedeo que na noite da primeira Oitava da Pascoa da Resurrei-

reição, parou o relógio: e como o curso deste despertou a hum Religioso, a cujo cuidado está chamar os mais a Matinas, por esta causa os não chamou aquella noite a seu tempo. Sendo já quasi huma hora depois das doze, acordando hum devoto Religioso, e achando-se do sono satisfeito, logo entendeu pelo habito, que tinha de se levantar à meia noite, que passava já das horas ordinarias. Presumio que os Frades terião já rezado, ou estarião rezando as Matinas, levantou-se, e foi caminhando para o Capitulo, (servia este então de Coro, por não estar acabado o da Igreja) chegando ao claustro, vio que pelas portas do Capitulo sahia huma claridade extraordinaria, e hum resplendor maravilhoso: ouviu tambem que dentro nelle mui suavemente se rezava. O resplendor, que via, a suavidade das vozes, que soavão, o tinhão interiormente tão consolado, que lhe parecia estar no Paraiso. Cuidando com tudo que os Frades da Casa erão aquelles, foi para entrar onde estavão; mas como os não conhecesse, tornou atrás, foi chamar outro Religioso para o fazer tambem participante daquella maravilha. Vierão ambos; e supposto que ainda virão o resplendor, e ouvirão as vozes dos que rezavão, tanto que chegarão às portas do

Capitulo, desappareceo a visão, e ficou a Casa às escuras. Forão logo despertar aos Religiosos para rezarem as Matinas, que recompensarão bem o descuido causado do relógio com huma nova devoção, e espirito, que para os Divinos louvores lhes causou o successo, que os dous lhes referirão. Assim supprio Deos Senhor nosso aquella breve falta ou com Anjos em habito de Frades, que por taes os julgarão os dous Religiosos, testemunhas desta maravilha, ou Frades alli sepultados. Serião Anjos sem duvida; porque como aquella Casa he dedicada a nossa Senhora dos Prazeres, e o tempo, em que isto aconteceo, era o da Ressurreição de Christo Senhor nosso, quando a Senhora teve o maior prazer, que neste mundo logrou, vierão os Anjos do Ceo celebrar este à terra.

3 Quasi pelo mesmo tempo succedeo nesta mesma Casa, que morando nella hum Religioso muito espiritual, devoto, e contemplativo, andava elle muito desconfolado, por não sentir dentro de si nenhuma suavidade em os exercicios da virtude. Disciplinava-se rigorosamente, jejuava com austeridade orava de continuo; mas tudo isto com huma sequidão de espirito tão grande, que era necessario fazer muita força à na-

natureza para se não apartar destes exercicios, o que antes sem alguma violencia, mas quasi com huma natural propensão, se chegava a elles. Dava-lhe pena ao bom Religioso cuidar, que o deixava Deos, e se apartava d'elle; não desistia porém dos seus costumados exercicios, accrescentando outros de novo, mas todos com a mesma sequida de espirito. Perseverou nesta fórma, até que o Senhor (que se dilata as mercês a quem trabalha merecellas, he para depois as dar dobradas) o visitou com huma suavissima consolação nesta maneira. Veio elle huma noite de Matinas para a sua cella, e pondo-se à janella pensativo na desconsoção, que trazia, levantou os olhos ao Ceo; donde esperava que o remedio lhe viesse, e vio que pelo ar vinha descendo hum instrumento musico a modo de viola, (da mesma maneira que já em outro tempo tinha visto outro semelhante nosso Serafico Padre S. Francisco.) ^a Não vio quem o tangia, mas vio o instrumento, e ouviu a melodia, e suavidade de sua musica, com a qual ficou seu espirito cheio de huma consolação tão estranha, e maravilhosa, que o coração lhe não cabia em o peito; e o que mais he de maravilhar, de tal maneira se lhe imprimio aquelle tanger em a alma, que

todas as vezes, que dalli em diante se lembrava do que ouvira, recebia a mesma consolação, e desterrava de si toda a tristeza. Dos Frades, que estas cousas virão se não dizem os nomes proprios, porque nenhum delles por sua humildade se quiz dar por author; nem descobrir que taes cousas lhe havião acontecido; mas sómente o manifestarão, affirmando que sabião Religiosos, que tinham visto em a Casa do bosque estes apparecimentos.

CAPITULO XVI.

Do Convento de S. Vicente do Cabo.

DEsde o anno de 1505. em que nossos Religiosos fundarão o Convento do Bosque, até o de quinze, não recebêrão outro algum; mas como já neste anno se augmentasse o numero dos Frades, aceitárão quatro, que lhes offerecião no Reino do Algarve. Entre estes foi primeiro habitado o de S. Vicente, por estar já feito, e assim trataremos primeiro d'elle, começando pela descripção do sitio: e fique reservado para mais ao diante o darmos noticia de sua fundação, e de quem o recebêrão nossos Frades. He o lugar, onde está situado o Convento, hu-
ma

ma estreita ponta, ou lingua de terra firme, que sahindo quasi duas leguas fóra do outro circuito do grosso da terra, entra pelo mar Oceano, adelgaçando-se cada vez mais em modo pyramidal, até dar em largura de hum tiro de pedra de mar a mar. Ambos os lados são de altos riscos, e de viva rocha, que terá em partes mais de setenta braças de altura, e em algumas dellas tanto a pique como se fosse feita a prumo. Passado este estreito, que fica a modo de collo, fortificado com hum muro, se dilata algum tanto mais o sitio, em que está humma fortaleza, e este nosso Convento, como que faz alli cabeça àquella ponta da terra. Não ha em todo aquelle termo fonte de agua doce, senão dahi humma legua, e não mui boa, nem ainda a salgada do mar se póde haver para o serviço, senão he com engenhos de grande trabalho, perigo, e custo; mas vive-se de cisternas de agua chovidiça, que os ares daquelle sitio tornão tão boa, que lhe não faz ventagem a mais approvada das melhores fontes.

2 Nenhumas arvores estão por este Cabo, salvo alguns pequenos zimbros: nem ha hortaliça, ou frescura alguma, mais que o deserto semeado de algumas flores agrestes, como são cravos, cravelinas, e outras del-

ta forte, que sustentando-se de só o rocio do Ceo, excedem a todas as dos jardins cultivados em a suavidade do cheiro. Os ares neste celebre Promontorio são os mais salubres, e temperados, de quantos no mundo os homens tem visto; porque nunca de Verão se sente a molestia da calma, nem de Inverno o rigor do frio: e se algum se sente (que com tudo não chega a ser penoso) he de Verão, pelo muito fresco, e viração do mar, que sempre corre. Deste bom temperamento, e da mesma natureza do clima ser tal, que faz digirir o mantimento com muita facilidade, e appetecer novo alimento o calor natural, vem, que raramente aqui se adoece. E a não ser assim, mal pudéra ser habitado este Convento; porque o mais perto, e vizinho povo, que tem, he de duas leguas, e esse tão mal provido de Medico, e cousas necessarias para os enfermos, que se algum Religioso adoece em S. Vicente, se vai curar ao nosso Convento em Lagos, que está em distancia de sete leguas.

3 Tem neste lugar os olhos em que exercitar sua natural potencia, dilatando-se a humma, e outra parte pelas largas, e espasas aguas do mar Oceano: nem faltão a cada passo novas occasiões de gosto, em que oc-

cu-

cupalla, porque he muita a frequencia, e variedade de embarcações, que vem demandar este Cabo, assim das Armadas, e Frotas Reaes, como de todo o mais genero de Galés, Náos grandes, e pequenas, Navios, e Caravellas de diversas gentes, nações, e linguas, que se vem passar de hum a parte a outra, tão vizinhas da rocha, que muitas vezes estão os navegantes com os Religiosos à falla. Acontece tambem outra vez, como de palanque (que a altura, e aspereza da penha talhada faz seguro) estar vendo naquelle capacissimo theatro (ainda que isto não sem dor pelo damno dos nossos) muitas navaes tragedias de batalhas, e combates, especialmente de ladrões, corsarios, e piratas, que como quem espera caça ao salto, vem alli esperar os navegantes passageiros, para lhes roubarem as fazendas, e miseravelmente cativarem as pessoas: aos quaes humas vezes vencem, outras tambem são vencidos, segundo costuma ser vario o successo da guerra.

4 Porèm o que he gosto sem contrapezo, he ver os exercitos de monstros marinhos, que a meudo apparecem no meio das aguas, como em claro espelho: ora os da mesma especie, como em danças festejando: ora os de contrarias nature-

zas huns com outros cruelmente combatendo com muitas mortes, e derramamento de sangue, soprando com colera, e lançando ao alto grandes golpes de agua, com grande furia, e notavel estrondo. Outros seguem a outros peixes mais fracos, e meudos, de que alli multiplica o mar infinita copia, porque vivem izentos das redes, e livres dos laços dos pescadores, que os inquiete, ou diminua: ainda que não seguros das aves de rapina, de que ha grande numero, e diversidade, as quaes deixando-se do alto cahir em o mar, como hum a setta, ou seja por hum a natural virtude, com que fazem ao peixe estar quedo, e de medo esperar pasmado, ou seja porque dentro da agua correm mais ligeiras, de dentro della o tirão de mergulho, e lhe fazem conhecer outro novo elemento, levando-os ainda vivos, e inteiros para pasto proprio, e de seus filhos. Todas estas cousas fazem aos olhos hum a vista agradavel, e ao lugar aprazivel.

5 Além disto foi sempre este lugar famoso em o mundo, assim por ser ultimo fim, e termino Occidental da terra, e terem vindo a elle muitos Filosofos insignes a experimentar hum a cousa, que tinham por maravilha, que he ver pela manhã no Oriente sahir das aguas do

mar o Sol , quando nasce , e fazendo seu curso sempre por cima dellas, tornar-se a esconder à tarde nas mesmas aguas do mar em o Poente : como tambem pelo nome, que tinha de Sacro Promontorio , entre os Geografos ajsas celebre, e conhecido. Este nome lhe derão os antigos , por ter sido nelle sepultado Tubal neto de Noé;

^a
Refend. in
Vincent.
liv. 2.

^a que sendo o primeiro povoador desta nossa Hespanha, depois do universal diluvio, o escolheu por sua morte para sepultura: e pelo famoso templo, que Hercules Lybico edificou depois naquella parte, ^b onde se mandou enterrar: e vindo a cega gentildade a adorallo por Deos, e de diversas, e longinquas partes em romaria a offerrecer-lhe sacrificios, crendo mil ficções, como era persuadirem-se que fazião os Deoses alli de noite festas, ^c e jogos, e tinham seus passatempos: tinham aquelle lugar em tanta veneração, e respeito, que não ousavão chegar a elle antes de amanhecer, nem depois do Sol posto: e finalmente quando havião de chegar, era com muitas, e supersticiosas ceremonias.

^c
Strab. l. 3.
in initio.

6 Mas tudo isto se acabou, e extinguiu depois que Hespanha deixou a gentildade, e recebeu a Fé Catholica, principalmente depois que os Catholicos trouxerão de Valença o

corpo de S. Vicente, e o sepultarão neste Cabo, em o qual lugar tem seu templo: por cuja causa esquecendo-se o nome de Promontorio Sagrado, ^d conservando-se a verdade das palavras, e o sentido, (pois hoje he mais sagrado do que o foi em nenhum tempo) se chama Cabo de S. Vicente : de cujo sagrado corpo está pedindo a obrigação diga neste lugar o milagroso modo, com que alli foi trazido, e tempo, que nelle foi sepultado.

^d
D. Rod.
da Cun.
Hist. r.
Igreja
Lisboa
p. 2. c.
num. 6.

CAPITULO XVII.

De como o corpo do Martyr S. Vicente foi trazido ao Sacro Promontorio, e dahi trasladado a Lisboa.

I **D**Epois que Dacia no Presidente em Hespanha pelos Emperadores Diocleciano, e Maximiano, martyrizou ao Sagrado Levita, e insigne Martyr S. Vicente, mandou lançar seu corpo em hum lugar immundo, onde as aves, e feras o comessem. Hum corvo ^a (cuja natureza he appetecer os corpos mortos, e sustentar-se delles) com as unhas, e bico defendeo aquelle das outras aves, e animaes, e com tanta diligencia, que nem ainda hum lobo o tocou, supposto que feroz acudio. Vendo o cruel

^a
Petr.
talis. i.
S. Vi.

Da-

Dacião , como daquillo mesmo , que buscára , cuidando servisse ao Santo de affronta , lhe resultava maior gloria , determinou escurecer-lhe a gloria , já que lhe não podia fazer affronta. Com hum pezada pedra ao pescoço o mandou lançar em o mar , bem afastado da terra , para que tirando-o dos olhos dos Christãos , lhe tirasse a elle a veneração , que seu inclyto martyrio tinha bem merecido. Mas como não ha traça dos homens , que impida o que o Ceo ordena , não aproveitou esta cousa alguma ao tyranno : pois sustentando-se aquelle sagrado corpo brandamente sobre as aguas , veio caminhando para a praia , onde appareceo , primeiro que a ella chegasssem os que no mar o tinham deixado. As ondas lhe abrirão na arêa sepultura , onde esteve até que por revelação do mesmo Santo o trasladou hum devota Matrona para junto dos muros de Valença , e neste lugar , onde segunda vez foi sepultado , lhe edificarão depois hum Templo.

2 Sem duvida foi disposição Divina darem-lhe sepultura fóra da Cidade , como em profecia , que o esperavão outros Mausoléos mais gloriosos , do que lhe poderia dar sua patria , pois para estes estava já destinado o Sacro Promontorio , e a nobre Cidade de Lisboa. Alli

estive o Santo corpo reverenciado de toda Hespanha até a entrada , que nella fizerão os Mouros , pelo infeliz successo de ElRei D. Rodrigo , ultimo dos Godós. Estando Hespanha a elles sujeita , succedeo que Abderamen Rei de Cordova , pelos annos do Senhor 760. sentindo muito que os Christãos fossem de novo conquistando ,^b e libertando algumas terras , e a grande perda , que teve n'uma cruel batalha , onde foi vencido por ElRei D. Fruela , deo em perseguiellos mui cruelmente , matando , destruindo , arrazando Templos , e Igrejas , e fazendo grandes injurias às cousas sagradas , e reliquias de Santos. Temendo alguns Christãos devotos do Martyr S. Vicente , que as suas corresssem este risco , tirando seu sagrado corpo do lugar , onde estava , e mettendo-se com elle em hum pequena embarcação (segundo o tempo , em que vinha o Mouro contra Valença , e o temor , que tinham o permittia) se entregarão às inconstantes ondas do mar : em cuja companhia hia tambem o corvo , que depois de haver guardado o corpo do Santo , nunca mais o desamparou , assistindo sempre à sua sepultura.

3 Deixando-se aquelles Catholicos assim guiar por onde os levasse a providencia Divi-

^b Refend. in
Vinc. Moral. l. 10.
cap. 8.

na, fahirão pelo estreito de Gibraltar ao mar Oceano, e vierão aportar a esta ponta de terra, e famoso Promontorio referido, onde no alto da rocha derão ao santo corpo sepultura. Fizerão alli huma Hermida de pedras toscas, e ramos de arvôres, como melhor então puderão, e algumas pobres casas do mesmo material, onde determinavão passar a vida, dando-se por seguros dos Mouros, que não chegavão àquella parte, por ser deserto inhabitado, e a mais terra a dentro matta espessa. Alli vivêrão muitos annos, sustentando-se da pescaria de cana, ou de linha, que he mui copiosa, e de grandes peixes, e nas praias cercans, e de algumas frutas, e pouco pão, que semeavão, e colhião, mettendo-se algum tanto pela terra dentro, onde tambem hião buscar agua de beber mais de meia legua, não sem grande trabalho. Succedeo que andando à caça hum nobre Mouro natural de Féz, chamado Haliboaces, em companhia de outros, foi a caso dar àquella parte, e encontrando os Christãos, conhecendo-os por taes, passárão todos à espada, reservando só os meninos, que comsigo levárão para escravos.

4 Vivêrão estes em Féz até serem já homens, que pudessem ir à guerra, que neste exerci-

cio os devião de occupar seus senhores, porque quando ElRei de Portugal D. Affonso Henriques venceo no Campo de Ourique ao Rei Ismat, com mais quatro Reis Mouros, entre os muitos cativos, que ficárão do numero do exercito dos Mouros, se achárão alguns destes chamados Muçarabes, que he o mesmo que misturados com os Arabes, segundo Vaseo; e os quaes derão noticia de tudo, o que lhes tinha succedido, e de como seus pais tinhão trazido de Valença o corpo do Martyr S. Vicente para aquelle Cabo do Algarve, onde ficára, quando a elles os levárão cativos para Féz. ElRei desejoso de achar as reliquias do Santo Martyr, fazendo treguas com os Mouros do Algarve, foi pessoalmente buscallas: mas não foi o Senhor servido que dêsse com ellas, porque tinha Deos ordenado (dizia o piedoso Rei) que ganhasse primeiro a estes inimigos a Cidade de Lisboa, e na Sé della dêsse a este glorioso Santo o Padroado, e sepultura. Correndo depois as cousas de maneira, que tomou a Cidade de Lisboa, depois de estar vinte e seis annos de posse della, mandou de novo buscallas: para o qual hia huma caravella bem aparelhada, com alguma gente mais devota, que desembarcando em huma praia vizinha, se fo-

Vaseo
tom. I
ann. 7
§. 4.

forão ao lugar, que por relação se dizia ser aquelle, onde fazendo a devida diligencia, e primeiro oração a Deos nosso Senhor, que lhes descubrisse o que buscavão, achárão a sepultura das santas reliquias, e com igual alegria que reverencia, as mettêrão na caravella, e levárão consigo; não sem milagres, que lhe derão certeza de serem aquellas.

5 Porque hum dos presentes escondendo hum osso de hum dedo do Santo ao tempo, que o desenterravão, ficou subitamente cego, atè que tornou a restituir o furto ao mais corpo, e então lhe foi restituída outra vez perfeitamente a vista, como se nada lhe tivera acontecido. O mar tambem, que naquellas partes he sempre inquieto, e alterado, ao embarcar estava como se fora hum manso rio. Com este bom successo, e clara prova de ser aquelle o thesouro, que havião buscado, se tornárão para Lisboa, vindo juntamente com elle dous corvos, hum na proa, outro na popa, que sempre tinham affistido na sepultura do Santo. Desembarcárão junto da Igreja de Santa Justa, e Rufina, onde entrárão de noite, por evitar tumulto: correo logo pela Cidade a fama deste feliz successo, e ajuntando-se a maior parte da gente, huns erão de

parecer, que o levassem a S. Vicente de Fóra, Convento de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que o dito Rei D. Affonso Henriques tinha fundado, a fim de descobrir tão rico thesouro: outros que o depositassem em a Sé, visto ser a Igreja mais principal de todas. Finalmente por industria de D. Ruperto, Deão da Sé, forão as sagradas reliquias na Cathedral honorificamente collocadas, em quinze de Setembro de 1173. sem que desta determinação fosse sabedor o Rei, porém depois a approvou; o qual por memoria desta trasladação deo à Cidade por Armas ^d huma Náo, e dous Corvos, hum na proa, outro na popa: e quiz que o Cabo dalli em diante se chamasse de S. Vicente: que se Lisboa tomou posse venturosa de suas reliquias, era bem que ao Promontorio, pelo jazigo, que lhe deo tantos annos, lhe ficasse ao menos o nome.

^d Estaço nas
suas antig.
cap. 27.

CAPITULO XVIII.

Mostra-se que o corpo do Martyr S. Vicente foi trazido de Valença ao Cabo do Algarve, hoje de seu nome.

1 **G**Rande gloria resultou ao Reino de Portugal alcançar as reliquias de hum tão insigne Martyr, como

mo S. Vicente : e tal vez que só por conhecerem esta os Castelhanos , negassem sua trasladação de Valença para o Sacro Promontorio , que he já mui antigo em seus Historiadores opporem-se tanto de véras a tudo o que póde ser glorioso ao nosso Reino ; como se só nesta opposição estivera toda a gloria de sua patria : ou se se pudérão vingar com os rasgos da penna os golpes da espada. Dizem pois que reinando em França Carolo Calvo , filho de Luiz primeiro Emperador , florecêra em França na Provincia de Aquitania certo Monje de vida inculpavel , por nome Hildeberto , e que este estando dormindo ouvira huma voz , que o mandava peregrinar a Valença , Cidade em Hespanha , e buscar nella fóra de seus muros o corpo do glorioso Martyr S. Vicente , e trasladallo a parte , onde fosse venerado. Communicou Hildeberto o sonho a outro Religioso de seu Convento chamado Audaldo , o qual approvando-lho por revelação , se offereceo a acompanhallo naquela jornada. A poucos dias della adoecendo Hildeberto , acabou o curso mortal , e a jornada , que emprendêra ; Audaldo porém foi continuando seu caminho . achou o corpo do glorioso Martyr , voltou , depois de passar no caso varios tranfes ,

e experimentar muitas , e diversas contradicções , a França sua patria , e o collocou em o seu Mosteiro de Castris. Os varios successos desta peregrinação de Audaldo andão escritos em huma relação , ou tratado , que se attribue a Aimoino ^a Chronista de França , porém tão chea de contrariedades , que qualquer mediano juizo a avalia logo por cousa de sonho. Mas não obstante isto , contentou tanto esta opinião aos Castelhanos , que sem mais exame a abraçarão muitos por boa : e ainda disse Beuter , ^b que o amor , que os Portuguezes tinham à patria , os não deixava ver a justiça dos Francezes ; como se a nossa opinião se estribára nos impossiveis da sua.

2 Estes mostrarão já muidamente alguns Authores Portuguezes , e neste lugar nos corre a nós obrigação particular fazer o mesmo : pois temos a sepultura do insigne Martyr neste nosso Convento , de que vamos fallando , só por este respeito fundado : e já que Lisboa nos tirou seu sagrado corpo , não nos queira o Mosteiro de Castris (hoje Cathedral) em França tirar tambem a sepultura. Deixadas as manifestas contradicções , que em si envolve a sobredita relação attribuida a Aimoino , pois não falta quem com grande fundamento ^c a não tenha

^a Aim. liv. cap. 2.

^b Beuter Chron. Arag. 1. cap. 25.

^c D. Rod. citad. c. num. 5. citans Bellar. de Scr. Eccles. ann. 8.

nha por sua ; não he de crer que os Valencianos se descuidassem tanto do seu glorioso Martyr, que fosse necessario vir de França Audaldo resgatallo da mão dos Mouros. Todos os povos, que tinham semelhantes reliquias, fugião com ellas para onde lhes parecia mais seguro : assim o fizerão os Eborenses com o corpo de S. Manços, seu Patrono : ^d os Emeritenses com o de Santa Eulalia : ^e os Toledanos com o de Santa Leocadia, e outras reliquias : ^f pois tendo este cuidado os mais povos, só os Valentinós havião de deixar em poder de infieis o sagrado corpo de seu Protector S. Vicente ? Faltaria em toda aquella Cidade hum homem zeloso, e devoto, que procurasse livrar aquellas sagradas reliquias do tyranno ? Não he de crer faltasse, salvo quizermos dar lugar à presumpção de Diogenes, que de dia com hum candeia entre muitos, que estavão na praça de Athenas, não achava hum, que na sua opinião fosse homem.

3 Demais que se não funda a nossa opinião de o termos em Portugal em conjecturas piedosas, mas em testemunho expresso dos Christãos, que fugirão com o santo corpo para o Sacro Promontorio, como temos referido, e consta dos Annaes publicos deste Reino. He tambem fundamento mui gran-

de em prova desta verdade ver que os corvos, que huma vez tomárão a seu cargo a guarda do corpo deste Santo Martyr, nunca mais o desampararão até o dia de hoje, de tal maneira, que se morrem huns, logo vem outros. Quando foi lançado no lugar immundo, hum corvo defendeo seu corpo das mais aves ; depois o acompanhárão sempre dous no Templo, que lhe edificárão os Christãos junto aos muros de Valença : mas não se lê que depois que o Santo Martyr foi trasladado daquella Cidade, apparecessem mais alli os corvos, nem em França onde os Castelhanos querem que esteja seu corpo : sendo assim que sempre assistirão dous no Sacro Promontorio, depois que em si teve este grande thesouro : e em Lisboa desde o tempo, que a ella foi trasladado. E podendo dizer, em algum modo, de si o Santo Martyr a respeito dos corvos, o que Christo Senhor nosso das aguias, a saber, que onde seu corpo estivesse, ahi se ajuntarião estas : ^g assistindo os corvos em Portugal, e não em França, claramente mostrão que não em França, mas em Portugal está seu sagrado corpo.

4 Desta assistencia são irrefragaveis testemunhos não só todo este Reino, mas tambem todos os estrangeiros, que

ao Sacro Promontorio , ou a Lisboa aportarão , onde os vem andar continuamente : e no nosso Convento se mostrão tão domesticos , que chegam a tomar o sustento da mão a alguns Religiosos. E o que mais he , que indo os Religiosos hum dia na semana dahi duas leguas pedir esmola , muitos me affirmarão , os hião buscar os corvos ao meio do caminho , esperando lhes trouxessem alguma cousa , que depois de recebida , como em agradecimento , os acompanhavão até o Convento , voando de forte pelo caminho , que chegavão todos ao mesmo tempo. Não consentem naquelle sitio outro algum corvo , nem ainda aos proprios filhos : pois tanto que podem voar , com os bicos os obrigão a apartarem-se dalli ; porèm succedendo morrer algum dos dous , no mesmo instante se vem naquelle lugar muitos , que voando em gyro , como fazendo eleição do que ha de ficar , deixão alli hum , indo-se os demais. Isto tudo estamos vendo , que he prova evidente de termos alli , além da sepultura , huma reliquia do Santo Martyr , como direi no Capitulo seguinte. Porèm deixando os argumentos da razão , vamos aos de authoridade , e demos o primeiro lugar ao Mouro Rasis , Chronista de El Rei de Cordova , que por ser tudo

o que disse em odio de nossa Santa Fé , e dos Christãos , faz livre de toda a suspeita seu testemunho.

5 No anno ^b dos Arabes 138. (escreve Rasis) veio a Hespanha Abderamen filho de Moaba , e vencido , e morto por elle José , se fez senhor do Reino de Hespanha , &c. Este Abderamen sujeitou todas as Cidades , que em Hespanha tinham os Mouros : fazia tambem guerra aos Christãos ; e partindo-se a Sevilha , tomou a Beja , Evora , Santarem , e Lisboa , e todo o Algarve , e affligio notavelmente aos Christãos de Hespanha , que não houve Cidade , ou Villa murada , que de suas armas se pudesse defender. Pelo que seus moradores desamparando as Cidades se acolhião às serras das Asturias. Este mesmo destruiu todas as Igrejas de Hespanha , que ainda achou em pé , das quaes se conservavão muitas , e mui bem fabricadas , assim do tempo dos Gregos , como dos Romanos. Fazia outrofim queimar os corpos de todos aquelles , em quem os Christãos crião , e veneravão , chamando-lhes Santos : o que vendo os Christãos , assim como cada hum podia , fugião com todas estas cousas aos desertos , e lugares apartados , e desta maneira tudo o que havia de veneração , e santidade entre os mesmos Christãos ,

^b Refend
Epist. 1
Cheb.

tãos, se passou às Asturias. Chegando a Valença, os Christãos, que nella moravão, tinham em grande estima o corpo de hum homem defunto, a quem chamavão Vicente, adorando-o como a Deos: e os que o tinham em seu poder, fazião crer aos demais, que este homem dava vista a cegos, falla a mudos, pés a coxos, enganando desta maneira ao povo cego. Porém como souberão da vinda de Abderamen, temendo que este engano se descobrisse, fugirão, levando comfigo o corpo daquelle homem. É costumava contar Aliboaces, aquelle bom Cavalleiro de Féz, que andando elle hum dia com a sua gente à caça por junto do mar, no Algarve, no cabo do monte, que nelle entra, achára alli o corpo deste homem, e os que comfigo o trouxerão de Valença, os quaes tinham alli feitas casinhas, em que moravão; e matando-os a todos, levára os meninos cativos, não tocando no corpo, &c.

6 Não pudéra Rasis fallar com palavras mais expressas, que sendo proferidas pela boca de hum inimigo, como mostrão nas blasfemias, que contém, fica seu testemunho indubitavel. Se as lêra Beuter, não dissiera temerariamente que o demaziado amor da patria cerrava os olhos aos Portuguezes, para não

verem a verdade: não sei o que dissiera de muitos Authores Castelhanos, que seguem esta nossa opinião, pois nelles não milita, o que a nós impõem. Da nossa parte temos a Morales na Chronica geral de Hespanha; ⁱ Vaseu; ^l o Padre João de Mariana na sua Historia de Hespanha: ^m Garibai no seu Compendio Historial: ⁿ Luitprando, e Heleca, ambos Bispos, este de Caragoça, e aquelle de Cremona; o Cardeal Baronio, ^o o qual escreve, que sendo Valença, Cidade da Provincia Tarraconense, destruida pelos Mouros, os Christãos tirarão della os ossos do sagrado Martyr S. Vicente, e os levárão à ultima parte da Lusitania, lugar, que depois foi chamado Cabo de S. Vicente.

7 Nascêrão estas opiniões de ter S. Valerio dous Levitas no mesmo tempo, da mesma idade, e nome: Francez hum, natural de Aagen; Hespanhol outro, natural de Huesca. Ao primeiro mandou o Santo Bispo prégar à sua patria, onde padeceo martyrio; e depois pelo muito cuidado, que nisso poz Morila, Bispo de Valença, forão trazidas àquella Cidade suas reliquias, onde estiverão até que as restituiu a França o Monje Audaldo. O Hespanhol natural de Huesca, foi trasladado ao Sacio Promontorio, e

ⁱ Mor. l. 10.
cap. 8.

^l Vastom r.
ann. 757.

^m Mar. l. 4.
cap. 12. &
liv. 7. c. 6.
& l. 11. c. 6.

ⁿ Gar. l. 34.
cap. 14.

^o Baron.
tom. 9. an.
Christ. 761.
in fine.

dahi a Lisboa, na fórma, que temos referido. Com que o S. Vicente, que está em França na Cidade de Castris, não he o nosso Hespanhol, como dizem os Castelhanos, he o Francez trasladado pelo Monje Audaldo; mas não da maneira, que conta Aimoino, se acaço foi author daquella relação. Tudo isto diz o já nomeado Heleca Bispo de Caragoça, e o mostrou evidentemente, como se póde ver em a Historia Ecclesiastica de Lisboa, onde seu Illustrissimo Author trata esta materia, e tão doutamente ^p como costuma em todas as materias, de que trata: ahi o póde ver o curioso, que nós bastantemente nos temos detido, para a brevidade, que professamos. E pois deixamos manifesto aos Castelhanos, que o insigne Martyr S. Vicente esteve muitos annos no lugar, onde hoje temos Convento, passemos agora a tratar de sua fundação.

D. Rodrig.
cit. cap. 16.

C A P I T U L O XIX.

Fundação do Convento de S. Vicente, e de huma reliquia sua, que nelle temos.

¹ **D**Epois que no Cabo de S. Vicente foi achado o santo corpo do insigne Martyr, ficou aquelle Promontorio venerado verda-

deiramente por Sacro entre os Christãos, se já supersticiosamente o tinha sido entre os gentios. Logo que os Mouros foram lançados daquellas terras, começaram com romarias a frequentar a sepultura, onde estivera o Santo: por cuja causa, e pela devoção, que lhes tinha o Infante D. Pedro, filho de ElRei D. João o I. de Portugal, mandou sobre o lugar da sepultura fazer hum Hermida muito lustrosa, porque as paredes ficárão cubertas de curiosos azulejos, e o tecto de madeira, com tanta variedade pintado, que causava alegre vista a quem entrava nella. Ficava a porta principal da Hermida para a parte do mar, fazendo rosto ao meio dia, e entrando por ella à mão esquerda, debaixo de hum arco de boa fabrica, mettido na parede, e fechado com grades, a sepultura do insigne Martyr.

² Assim esteve muitos annos, até que D. Fernando Coutinho foi por Bispo para aquelle Reino do Algarve: o qual pela grande devoção, que ao Santo tinha, não muito longe da Hermida fundou humas casas, em que estava grande parte do anno: mandou tambem fazer alli huma torre de farol, compadecido da muita necessidade, que della tinhão os navegantes, a qual servia de dar luz,

luz, e aviso em tempo de tempestade, e noite escura, para fugirem da costa, e se fazerem ao largo, desviando-se do perigo. Nem com isto se deo por satisfeito aquelle bom Prelado, senão que mandou fazer à sua custa na mesma Hermida hum Convento de muito boa fabrica, e grandeza, para onde levou os mui Religiosos Padres da Ordem de S. Jeronymo, que alguns annos o habitarão, atè que o deixarão pelas razões, que lhes seriam presentes. Mudando porém mais adiante o parecer, tornarão outra vez a morar nelle, atè que ultimamente o largarão de todo: e foi no tempo, que neste Reino começava a florescer a nova Provincia da Piedade, com titulo ainda de Custodia: e como a fama da virtude, e santidade de seus Religiosos já de todos fosse conhecida, desejando o Bispo que suas ovelhas lograssem seu bom exemplo, mandou-lhes offerecer este Convento, que no Cabo de S. Vicente tinha feito, e que se quizessem aceitallo, lhes mandaria fazer mais outros trez em diversas terras daquelle Reino: convem a saber, em as Cidades de Sylves, Lagos, e Faro.

3 Esta offerta do Bispo do Algarve chegou a Borba, a tempo que em o nosso Convento do Bosque se celebrava Capi-

tulo Custodial, no qual foi a Casa de S. Vicente do Cabo recebida, e juntamente a promessa, que o dito Bispo fazia dos trez Conventos mais naquellas terras. Forão logo Frades para S. Vicente, e no anno de 1516. entrarão no Convento: outros forão a Faro escolher sitio, onde estiverão quasi hum anno, em hum Hermida de S. Sebastião, e por alguns respeitos, que se mettêrão de permeio, largarão a pertença da Casa, que determinavão fazer. Quando entrarão nossos Frades no Convento de S. Vicente, acharão ahi huma reliquia do Santo, que parece ser hum osso de hum das mãos: estava mettida em hum pequena redoma de crystal, atè que D. João de Mello Bispo do Algarve, que depois veio por Arcebispo de Evora, lhe mandou fazer hum Custodia de prata, em que está agora de presente guardada no Sacrario.

4 Não sabemos como, nem donde esta reliquia veio a esta Casa; seria trazida tal vez por ordem do Infante D. Pedro, quando fundou a Igreja, ou do Bispo D. Fernando Coutinho, quando o Convento. He venerada com grande devoção de todo aquelle Reino, que em todo o tempo com frequencia a visitão: e no dia do Santo he notavel o concurso, que acode,

pela indulgencia plenaria , que ganha quem confessado, e commungado visita a Igreja: o que se deve à diligencia de hum devoto Clerigo natural de Sylves, chamado Antonio Martins, Doutor *utriusque juris* , que a impetrou em fôrma de Jubileo, como consta de hum Breve do Summo Pontifice Pio IV. expedido em Roma em vinte de Novembro do anno de 1562. e terceiro de seu Pontificado. E supposto que o Santo Martyr agradecido à muita devoção, com que todos o buscão, faz muitos milagres, assim nos navegantes, que nas tormentas do mar, e nos perigos de piratas chamão por elle, e lhe fazem votos, como tambem nos da terra, que por se verem livres de qualquer enfermidade, ou achaque, principalmente de quebra-duras, se lhes vem offerecer: com tudo huma das maiores maravilhas, que alli obra Deos pelos merecimentos de seu Santo, he não faltar nunca terra de sua sepultura, levando-a della continuamente. Está a sepultura feita ao picão em rocha viva, onde não ha outra terra, que a que se deitou nella, quando S. Vicente foi alli sepultado: e depois que os nossos Frades para alli forão, que ha cento e sessenta e sete annos, sendo assim, que estão os Romeiros levando de continuo dalli terra, nem el-

la falta na sepultura, nem se acha menos: caso verdadeiramente notavel, e milagre continuo, em que Deos quer mostrar os grandes merecimentos de seu Santo.

C A P I T U L O XX.

Varios successos do Convento de S. Vicente.

Como este Convento de S. Vicente está em hum deserto, e em parte, por onde cada dia pafsão inimigos, tem-se visto os Religiosos nelle moradores algumas vezes em perigo; porque desembarcando em praias apartadas, vem por terra a fazer-lhes damno. Destes forão huma vez os Herejes Lutheranos, os quaes com intento de profanarem as cousas Divinas, derão sobre o Convento de repente; mas não tanto, que os Religiosos não tivessem tempo de commungar o Santissimo Sacramento, e porrem em salvo a Custodia com a reliquia do Santo, com a qual se recolhêrão todos, e fizeram fortes em a pequena torre de farol, onde escapárão da furia dos inimigos, que contentes de saquearem a Sacristia, e levarem della os vasos, e ornamentos sagrados, e alguma mais pobreza, que achárão pela Casa, pondo primeiro fogo aos re-
ta-

z. tit. inc. tis v. l. ding 8. ad 1518. 28.

tabolos da Igreja, e destruindo outras muitas cousas, se torná-
rão. Por esta causa mandou logo ElRei D. João III. que então reinava em Portugal, fazer naquella lugar outra torre ^a muito mais aventajada na altura, que aquella, e mais forte, para resguardo do Convento, e dos Religiosos. Mandou tambem atravessar hum muro, que toma de mar a mar, em a estreita passagem, que está da terra para aquella ponta: com o qual bastão poucos para se poderem com facilidade defender de muitos inimigos: como se vio noutro encontro, que depois disto nossos Frades tiveram com os Turcos.

2 Foi o caso, que sendo Vigario daquella Casa Fr. Diogo de Villa-Viçosa, Religioso dos mais approvados na vida dos de seu tempo, chegarão à costa do Algarve sete, ou oito galés de Turcos, apostados a fazerem em terra alguma preza; e porque nas Villas, e Cidades mais vizinhas ao mar achárão estorvo, determinárão entrar em S. Vicente, e descarregar sobre os Frades sua ira. Com este intento lançárão de noite em terra soldadesca, a qual emboscada por entre as arvores, e mato, que pouco espaço dalli havia pela terra dentro (depois se lhe poz o fogo, por se tirarem estes inconveni-

entes,) esteve esperando tempo accommodado: e como lhe pareceo já que o era, fahirão disfarçados, e em magotes, a modo de Romeiros, com as armas escondidas, e alguns renegados, que servião de lingua, fingindo que toda aquella gente vinha em romaria ao Santo Martyr: e chegando ao muro com esta dissimulação, pedião lhes abrissem a porta para visitallo. Foi Deos servido que indo já para lhes abrirem as portas, entendêrão os Frades o engano, e conhecêrão aos lobos cubertos, e disfarçados em pelles de ovelhas, com que se puzerão com alguns arcabuzes, que tinham, e outras armas, que lhes administrava a necessidade, em defença, de tal maneira, que ainda que dos Mouros acudirão muitos, que estavam na cilada, e pertendêrão minar o muro, e pôr fogo à porta, não o pudêrão fazer: antes sendo alguns mortos, e muitos mal feridos, se tornárão, por terem aviso de suas espias, que vinha gente de cavallo daquellas Aldeas, como em effeito não tardou muito depois delles partidos.

3 Soube ElRei D. João do que em S. Vicente tinha succedido aos Frades: e para que dalli por diante tivessem dentro quem os defendesse, mandou para aquella fortaleza hum Capitão com alguns Soldados,
e ti-

e tiros de artelharía , assim para o mar , como para a terra , de maneira que ficassem para todas as partes varejando : e a experiencia tem mostrado que são de muito proveito , pois pela parte do mar defendem aos navegantes , que dos piratas vem fugindo ; e pela da terra não he possível chegarem inimigos aos muros , sem primeiro receberem muito damno dos tiros , que ficão sobre as portas delle. Aconteceo pouco depois disto , que vindo huma galé de Turcos por aquellas partes , e não se atrevendo a accommetter o que as outras tinham intentado , lançou em terra alguns Soldados : aos quaes avisou o Capitão não chegassem à fortaleza , mas que se escondessem pelos matos perto do caminho , atè que vendo passar a gente , que vai em romaria , fizessem nella preza.

4 Estando assim em cilada , succedeo fahirem o Vigario do Convento , e o Capitão da fortaleza a pescar à cana dos muros para fóra (exercicio , que aqui fazem os Religiosos muitas vezes , não tanto por recreação , como por necessidade : pois do que pescando tomão , se sustenta a Communidade em alguns tempos ,) cativárão-os os Mouros , e mettendo-os na galé , caminhavão mui contentes com a preza ; tanto , que querendo hum daquelles Turcos festejar

aos outros , despio ao Vigario o habito , que tinha , e vestindo-se nelle , andava fazendo entremezes , fingindo-se Frade , com zombarias tão dissolutas , que magoavão estas mais aos prizioeiros , que o proprio cativeiro , em que já se vião postos ao remo. Quando assim zombava , pedia o Vigario affectuosamente em seu coração a nosso Padre S. Francisco acudisse pela honra de seu habito , e ao glorioso S. Vicente , que se lembrasse levavão os Turcos cativos ao Capitão de sua fortaleza , e ao Vigario de seu Convento. Foi sua oração ouvida pelos Santos , e quando os Turcos mais alegres , e festivaes estavam , apparecêrão quatro galés de Portugal não muito longe delles : ao principio temêrão pouco , confiados na muita ligeireza da sua ; porém brevemente conhecêrão , quão falsa era sua confiança , porque os nossos muito mais cedo do que elles cuidavão , lhe derão alcance , tomando-os a todos , e ficando em triste cativeiro , os que de contentes pouco antes fazião entremezes.

CAPITULO XXI.

Desamparão nossos Frades a Casa de S. Vicente, e a occasião, que para isto tiverão.

I Como por morte de Maria, Rainha de Castella, mulher de Philippe segundo do nome, e primeiro dos intrusos em Portugal, viesse o Reino de Inglaterra a sua irmã Isabel; vendo-se esta com o absoluto governo, mostrou quão pouco afeiçãoada era ao cunhado, fazendo-lhe por meio de hum grande Corsario, chamado Francisco Draque, todo o damno, que podia. A furia deste experimentou por vezes o nosso Reino como cousa de Castella, a quem já estava violentamente aggregado por morte de El Rei D. Sebastião de saudosa, e lamentavel memoria. Não coube tambem pequena parte destes danos ao nosso Convento de S. Vicente; pois foi tão destruido pelos Inglezes, que o desampararão os Frades. Foi o successo, que no anno de 1587. a vinte e cinco do mez de Maio, em cujo dia cahio a vespera do Espirito Santo, sendo Ministro desta nossa Provincia Fr. Pedro de Guimarães, e reinando em Portugal o já nomeado Philippe; Francisco Draque andando em o mar com hum grossa Armada, e queren-

do saquear, e destruir a Cidade de Lagos no Reino do Algarve, lançou em terra hum copioso exercito, que chegando já perto dos muros da Cidade, como visse a boa ordem, e disposição, que tinham os moradores della para se defenderem, por industria do Governador Rui Telles de Menezes, temendo o combate, sem mais diligencia se retirou, e foi descarregar o impeto, e furia nas fortalezas de Sagres, e S. Vicente. Aquella foi tomada, depois de mal ferido o Capitão; e esta entrarão, entregando-a o Capitão della, que salto de gente, e de outras cousas necessarias, não se atreveo a defendella, vendo a outra, que melhor guarnecida estava, ser já perdida. Tambem se disse, que para a entregar foi enganado com hum falso escrito do Governador, em que fingião o avisava, que não esperasse delle soccorro.

2 Os Frades, que alli estavam moradores, tanto que tiverão noticia, que estava em terra o exercito dos inimigos, tomando a reliquia do Santo Martyr (primeira diligencia, que fazião depois de commun-garem a Sagrada Eucaristia, quando os inimigos são Mouros, ou Hereges) os Calices, e algumas cousas de mais estimação, sahirão-se do Convento, e caminharão muito à pressa pa-

ra o de Lagos. O successo mostrou logo quão acertada fora a pressa, com que tinham sahido; porque a haver qualquer breve demora, não chegariam a Lagos tanto a seu salvo, como forão: pois a penas se puzerão em seguro, quando os inimigos entraram na fortaleza de S. Vicente: puzerão fogo ao Convento, e de tal maneira ardeu tudo o que nelle estava, que não ficou pedra sobre pedra, salvo a sepultura do insigne Martyr, a qual debaixo do arco de azulejos, assim como estava na parede, ficou sem o fogo chegar a ella: mostrando àquelles Heresges o respeito, que devião ter a Deos, e aos seus Santos.

3 Pouco atrás dissemos, como o Bispo D. Fernando Coutinho fundára alli humas casas, onde hia estar grande parte do anno; estas ampliou depois El-Rei D. Sebastião, e ennobreceu com hum soberbo eirado, e famoso miradouro, onde hia estar algumas vezes, afeiçoado ao lugar, e sitio: alli conversava com tanta familiaridade, e benevolencia com os Religiosos, como se fora hum delles. Nem estas escaparam da furia, que experimentou o Convento, pois com elle juntamente forão arrazadas, e destruidas. Por ficar então o Convento tão destruido, e não ser fa-

cil o reedificar-se com a pressa necessaria, deixarão os nossos Frades de habitallo dezoito annos: supposto que no de 1590. sendo Ministro Provincial desta Provincia Fr. João de Evora, se começou a entender na reedificação delle, por ordem do já nomeado Rei Filippe.

4 Não foi a obra por diante, e dizem que foi a causa, o julgar o Provincial por inconveniente grande, viverem dentro na fortaleza Soldados Castelhanos com suas mulheres; porque supposto nas casas fóra do Convento fazião sua habitação os taes Soldados, e os Religiosos no Mosteiro ficavão fóra de sua communicação: era necessario com tudo ao sahir do muro para fóra, servirem-se todos por hum porta, cousa que avaliavão por grande inconveniente. Bem he verdade que no reinado de El-Rei D. João III. e de D. Sebastião seu neto, vivião naquella fortaleza Soldados Portuguezes casados; porém tinham as mulheres nas Aldeas vizinhas; porque nunca nossos Frades quizerão consentir que dentro na fortaleza estivessem; que como estes Serenissimos Reis erão naturaes, e não intrusos, facilmente condescendião às justificadas petições dos Religiosos. Por esta causa o deixarão de povoar os annos, que tenho referido; mas final-

finalmente obrigados de muitas instancias, e muito mais movidos da faudade, que tinham àquella solidão, e lembrança dos serviços, que fazião a Deos, louvando-o onde o seu Santo Martyr tinha sepultura, sendo Ministro Provincial Fr. Simão de Aveiro, na Congregação, que em seu tempo se fez em S. Francisco de Elvas, se determinou que tornassem para S. Vicente. Poz-se este Decreto em execução no anno de 1606. reedificando o Convento El Rei Philippe: e com tanta perfeição, que ficou muito mais aventajado do que estava dantes.

5 Nesta reedificação alguma cousa se variou a disposição do Convento, porque a porta da Igreja, que antes ficava para a parte do mar, fazendo rostro ao meio dia, ficou depois para a parte da terra; e a sepultura do glorioso Martyr das grades para dentro, à mão direita dos que entrão na Igreja, mettida na parede do Altar collateral, que para aquella parte fica. Tem por diante humas grades de pau bem fabricadas, que D. Fernando de Menezes, Alcaide Mór, e Commendador de Castello-branco, indo alli por sua devoção, mandou pôr no anno de 1626. e supposto que queria fossem de mais custo, não consentio o Provincial, que então era Fr. André de S. Pedro

do Sul, nem quiz dar licença para ellas; porque ainda que ao Santo Martyr erão devidas, em casa de Frades, que professão a estreita pobreza, não parecião bem obras magnificas, e de muito preço. Renovou tambem o sobredito Rei as Casas Reaes, (hoje aposento dos Capitães daquella fortaleza) e ao redor do muro mandou fazer huma funda cava, com a qual aquelle lugar, havendo fiel guarda, fica seguro de entrarem inimigos nelle: porque ló com dous tiros acestados na torre para a estreita entrada, que tem pela terra, podem ser destruidos. Como os Inglezes, quando entrarão na fortaleza, puzerão o fogo ao Convento, e ardessem todas as pobres alfaias, que nelle havia, proveo El Rei Philippe a petição dos Religiosos tudo o necessario liberalmente. Quando elles vierão de S. Vicente para Lagos, antes dos sobreditos inimigos darem no Convento, trouxerão consigo, como temos dito, a reliquia do Santo Martyr: acompanhárão-a os dous corvos, que lá lhe assistião; e por espaço de dezoito annos, que a sagrada reliquia esteve no Sacrario da Igreja de Lagos, andarão elles pela dita Igreja, e Convento, até que restituindo-a ao Sagrado Promontorio, quando o forão segunda vez habitar, voltarão

tambem os corvos: e nunca mais até o presente delamparáão aquelle sitio. Que dirão os Castelhanos (se ainda ha alguns da opinião, que faz a S. Vicente Hespanhol em França) à vista de hum tal exemplo patente a todo hum Reino? Verdadeiramente que só este bastava para tapar a boca às ironias, com que Beuter fallou nesta materia dos Portuguezes.

6 Antes, e depois de ser destruido o Convento, sempre foi Vigairaria, onde residem nove, ou dez Frades, quando muito: nem he capaz de sustentar mais, por estar em deserto, e despovoado; e ainda estes não tem outra cousa mais para seu sustento, que a esmola de pão, que vão pedir aos Domingos pelas Aldeas, e algumas, que os navegantes lhes fazem com o peixe, que à cana pescão. Verdade he que sabendo a Senhora D. Catharina, mulher do Duque D. João primeiro do nome, e sexto da Real Casa de Bragança, a estreita pobreza, em que vivião os Frades alli moradores, pois raras vezes comião carne, rogou com muita instancia ao Ministro Provincial, quizesse aceitar huma esmola para aquella Casa, de sorte que os Frades a pudessem comer dous, ou trez dias na semana. Esta esmola nunca faltou, em quanto foi viva Sua Alteza: e de-

pois que faleceo, mandou El-Rei dar a mesma; hoje a continua novamente a piedade de El-Rei D. Pedro, que Deos guarde; com que, ainda que a abundancia não he muita, sempre os Religiosos tem com que passar a vida. Admirou-se hum grande de Castella, que a lugar tão apartado do Alentejo, onde residia a Senhora D. Catharina, chegassem suas esmolas: não se admirára, se conheçera o grande affecto, e devoção, que nos tinha; que supposto para todos tinha sua Real liberalidade a mão larga, para os Conventos desta sua Provincia da Piedade sempre teve o braço mais comprido.

C A P I T U L O XXII.

Fundação do Convento de S. Francisco de Lagos.

1 **T**UDO o que neste 15
segundo Livro temos referido, tinha seu proprio lugar no primeiro, seguindo a ordem dos annos, que levamos; mas como o tratar então miudamente dos Conventos, e dos pleitos, que erão continuos, fora confundir a historia, julgámos por mais accommodado (a fim de evitar qualquer confusão) este lugar, que lhe démos. Daqui por diante iremos continuando o fio da historia, como

mo o fizemos desde o anno de 1496. até o de 1517. onde ficámos. Neste vimos a nossa Custodia da Piedade erigida em Provincia, e por primeiro Provincial della a Frei Pedro de Monte Molim, vindo de Roma, que depois de apresentar as Letras da erecção aos Prelados, a quem vinhão dirigidas, a primeira couza, em que entendeo, foi mandar Frades às Cidades de Lagos, e Sylves, para nelas fundarem Conventos; que supposto quando D. Fernando Coutinho, Bispo do Algarve, pedio à Provincia, sendo ainda Custodia, quizesse aceitar a Casa de S. Vicente, offerecesse mais trez, com tudo só a Faro enviou o Custodio Frades a fundar (ainda que por então não teve effeito) e não a Lagos, nem a Sylves. Não sabemos certamente a causa; porém presumo que, por serem estas mais populosas, pois numa assistia o Governador daquelle Reino, na outra o Bispo: e sempre nossos Frades fugirão do tumulto; e escolhendo o mais retirado; e Faro ainda era Villa, e não Cidade, como agora, depois que a Cathedral a ampliou, e ennobreceo.

2 Como quer que fosse, em Lagos entrarão a fundar no anno de 1518. affinando-lhe o dito Bispo o sitio, hum tanto baixo, junto de hum pequeno

rio, que por aquella parte entra no mar, por cuja causa sobem as aguas da maré por elle assima: com que vinha a ficar por humido tão doentio, que em quanto alli morarão Frades, poucos escaparão de muitas enfermidades, e mãos da morte. Acabou-se o Convento com muita brevidade; porque além de ser pequeno, como erão todos os que se fundarão por ordem dos nossos Frades, erão as paredes de taipa, e a fabrica não de muito custo. Quiz o Bispo que ficasse aquella Casa com a vocação de nossa Senhora do Loreto, pela razão, que elle deo em huma doação, que nos fez, como a seu tempo diremos; onde põe estas palavras formaes: *a E bem assim lhe damos a Casa, e Mosteiro de Lagos, que Nós fabricámos com todos os chãos, e herdamentos comarcãos, que Nós comprámos para ella, a que demos por invocação nossa Senhora de Loreto; por quanto em huma doença gravissima, que tivemos, sendo escolar em Florença, lhe encomendámos nossa alma, e saude; e pela misericordia de nosso Senhor, e sua intercessão recebemos saude, e temos particular devoção à dita Casa, e a costumavamos visitar cada anno, em quanto em as ditas terras estivemos: e em nossos Divinos Officios fazemos della par-*

^a Hab. in
Conv. S.
Vincent.
Brandão
5.ª p da Mo-
narq. Lusit.
l. 17. c. 12.
Padilha
Torfelino
lt. Lauret.

icular commemoração , &c.

3 Neste Convento edificado pelo Bispo , vivêrão nossos Frades quarenta annos , atè que obrigados das muitas mortes , e largas enfermidades , que alli tinhão , e tambem pela Casa toda ameaçar ruina , a mudá-rão para hum pouco mais affima donde estava. Com haver tão pouca distancia de hum sitio ao outro , que ficou fervindo a mesma horta , e cerca antiga , he com tudo tão differente este segundo do primeiro , que se não tem por enfermo , e he muito mais aprazivel , pela boa vista , que tem de mar , e terra. Ficou o novo Convento tão aventajado na fortaleza do edificio , e grandeza da Igreja , que não tinha a Provincia Casa , que o fosse tanto. Começárão-se as obras no anno do Senhor de 1560. sendo Ministro Provincial Fr. Christovão de Abrantes , e acabárão-se com muita brevidade , com a boa diligencia dos Religiosos , e esmolas dos moradores da Cidade , que todos concorrião conforme suas posses. Pedirão ao Provincial, quando a nova Igreja se fazia , que respeitando ao grande concurso da gente , que por não haver alli outro Convento , hia ao nosso , o mandasse fazer capaz de receber a todos ; e esta he a causa de exceder na grandeza às mais da

Provincia. Não ficou o novo Convento com o titulo de nossa Senhora de Loreto , como tinha o antigo , por deixarem lá ainda huma Capella com esse nome , da qual não ha já hoje nem ainda vestigios. O titulo da Casa , e invocação , que lhe derão , foi de nosso Padre S. Francisco. Passa por dentro da cerca desta Casa , hum cano de agua para a Cidade , e com ella não ter outra , sempre permittirão aos Frades que tomassem , a que havião de mister para regarem a horta , e hum pequeno pomar , que dentro fica.

CAPITULO XXIII.

Cresce em Lagos a devoção de nosso Padre S. Francisco com os milagres , que em seus devotos obra.

I **T**Em os moradores de Lagos huma particular devoção a nosso Serafico Padre S. Francisco ; e tem o Santo cuidado de lha fomen-
tar com os muitos milagres , que obra em beneficio dos que o invocão em suas necessidades , de que referiremos aqui alguns delles. Houve nesta terra hum homem carreteiro , o qual mandou a hum moço , filho seu , buscar huma carreta de pedra , da outra parte além do rio : vindo este já com a carga , em
tem-

tempo, que a maré tinha crescido, cuidando poderião passar os bois facilmente, os metteo ao rio: os quaes tomando por parte, onde não pudérão tomar fundo, e andando assim às voltas no meio da agua, se começavam a afogar. Tinha chegado o pobre homem da outra parte a esperar o filho; e vendo com seus olhos tudo o que passava, virando-se para o nosso Convento, que lhe ficava pouco affima, em altas vozes pedio ajuda, e favor a nosso Padre, dizendo: *Valei-me S. Francisco, tende piedade de mim, olhai que sou pobre: livrai-me os meus bois, que se afogão, que eu prometto de vos servir com elles em vossa Casa, quando for necessario.* A estas vozes, que o afflicto homem dava, sahirão alguns Frades às janellas das cellas, e outros à da enfermaria; e vendo todos que os bois, e a carreta já não apparecião, pois tudo estava debaixo da agua, começaram a rezar aquella Antifona de nosso Padre, que começa: *Salve Sancte Pater, &c.* não deixando neste tempo o pobre homem de chamar pelo Santo, que lhe acudisse. Ouvio nosso Serafico Padre as vozes de quem o chamava: e quando já todos cuidavão que os bois estavam afogados, (caso maravilhoso!) eis que soltos, e livres do jugo a que vinhão prezos, sahirão

ambos de debaixo da agua, e vierão nadando a terra, sem padecerem lesão, nem detrimento. Desta sorte soccorreo nosso Padre àquelle seu devoto. Refiramos agora outro caso, em que soccorreo aos seus Frades.

2 Por serem as terras do Algarve maritimas, he common em seus moradores o exercicio da pesca. Vindo pois deste certos pescadores naturaes de Lagos, já a deshoras da noite, em o alpendre de S. Roque, Hermida, que fica na praia da mesma Cidade defronte do nosso Convento, repartião entre si huma copiosa pescaria, que tinhão feito. Nesta occupação estavam, quando ouvirão huma voz, que dizia: Esmola aos Frades de S. Francisco pelo amor de Deos. A deshora da noite, e tal vez a mesma voz, que ouvirão, incitou aos pescadores a fazerem diligencia por sabermos donde sahia. Derão volta à Hermida; mas não achando ninguem, continuavão as parti-lhas. Ouvirão segunda vez brados, que repetião o mesmo; e fazendo com algum cuidado mais segundas diligencias, nada virão, com que ficarão tão confusos como admirados. Cresceo esta admiração, em ouvirem terceira vez aquella voz, e já mais perto, pois soava dentro do mesmo alpendre, onde elles

elles estavam repartindo. Entenderão que estavam os Frades em alguma necessidade, e que aquella voz fora articulada pelo Serafico Padre S. Francisco, que os quiz assim soccorrer: ou por algum Religioso de trez, que estavam enterrados no mesmo alpendre de S. Roque, por morrerem feridos de peste, em que ministrarão. Divulgou-se o successo pela Cidade, e fez tanta impressão entre os pescadores, que ainda hoje todas as vezes que sahem a pescar, principalmente os descendentes daquelles, que ouvirão a voz junto a S. Roque, levão, ou mandão sua esmola ao Convento, sem que seja necessario o pedirem-lha. Este successo autenticou o Prior de S. Sebastião, Freguezia da mesma Cidade, dando juramento aos pescadores, que referirão o que aqui temos contado.

3 Na mesma Cidade havia hum virtuosa mulher, chamada Joanna Fernandes Duróa, muito devota de nosso Padre. Enfermou-lhe hum irmã, que tinha, e chegou a ponto que os Medicos desconfiãrão de sua vida: por cuja causa lhe mandou buscar ao nosso Convento o habito, em que fosse amortalhada, pois segundo parecer dos Medicos não podia durar muito tempo. Lançou o habito sobre a cama da enferma, come-

çou esta a melhorar, e livrou de perigo: o que vendo a dita Joanna Fernandes Duróa, por não andar o habito naquella lugar tanto tempo, o tirou d'elle, e dobrado, o poz em outro mais decente. Não nos diz o testemunho, que sobre isto deo, se a melhora fora natural, ou milagrosa; e assim não affirmando hum, nem outra cousa, o deixamos no mesmo estado: onde esteve conhecida-mente o milagre, foi, que pelo mesmo tempo como se achasse hum noite sem azeite para se alumiar, nem dinheiro algum, com que o comprasse, por ser muito pobre, acaso, e sem que fim algum natural a movesse a esta acção, foi pôr a mão sobre o habito, onde o tinha guardado, e achou sobre elle estendidas sete moedas de cobre, como se muito de proposito fossem alli postas: sobre o que ella fez muitas diligencias, mas não achou indicio algum, donde pudessem vir, senão por milagre, que ella attribuiu a nosso Padre, dizendo, que pela devoção, que lhe tinha, a quizer remediar naquella falta.

4 Em outra necessidade mais apertada experimentou o mesmo favor de nosso Serafico Patriarca Gregorio Rodrigues mareante, natural da mesma Cidade. Vinha elle recolhendo-se da pescaria, seguião-o os

Mou-

Mouros para o cativarem com os mais que o acompanhavão. Chegavão já os inimigos tão perto, que totalmente desconfiã-rão os Christãos de lhe poderem fugir, por estar o mar em calmaria, e lhe faltar o vento, com que se davão já por cativos. Neste aperto se lembrou o Mestre do navio do cordão de nosso Padre, que comfigo levava, lançou-o ao mar; e o mesmo foi tocar aquella sagrada insignia em suas aguas, que puxar pelo vento, e acabar-se a calmaria, com que tiverão lugar de se livrarem dos inimigos, quando já se consideravão em suas mãos. No mesmo navio vinha em outra occasião o dito Gregorio Rodrigues: vio-se entrado de huma tempestade tão grande, que alijarão ao mar a maior parte do que trazia: crescia a furia do vento de tal sorte, que nem a arte, nem o trabalho lhe podião resistir, com que por momentos esperavão a morte. O aperto, em que se vião, lhes trouxe à memoria o mesmo cordão: tocão com elle as aguas, invocando o favor de S. Francisco: cou-sa maravilhosa! tornou-se o mar leite tão repentinamente, como se só estivera esperando, que o cordão de nosso Padre o tocasse. Com estes favores, que o Santo faz aos que por elle chamão, grangea nesta Ci-

dade os muitos afeiçoados, que o venerão.

CAPITULO XXIV.

Fundamos Convento em Sylves com titulo, e vocação de nossa Senhora do Paraíso.

FOi Sylves a mais ¹⁵¹⁸ nobre, e rica Cidade do Algarve, cabeça delle, e assento da Cadeira Episcopal; porém sem algum acontecimento contrario de guerra, terremoto de tempo, mudança de Senhorio, ou outra occasião alguma das com que se perdem as Cidades, e Imperios, se foi consumindo, e acabando de maneira, que hoje entre muitas ruinas velhas, não se achão mais que humas poucas, e deslustradas casas, e já fora de todo inhabitada, e destruida, senão fora obrigar ElRei aos Officiaes de sua Justiça a morarem nella: com cuja assistencia se conserva huma memoria naquella Cidade do Tribunal, e secular jurisdição antiga; porque a Ecclesiastica, e Cadeira Episcopal à instancia de ElRei D. Sebastião no anno de 1577. por authoridade Apostolica se passou à Cidade de Faro, onde hoje tem seu assento, e Igreja Cathedral, ficando em a de Sylves huns poucos Beneficiados, conservando assim a memoria do

Refend.
l. 4. de an-
tiq. f. 181.

do que antes foi. Experimentou Sylves (ainda que em mais breve tempo) a sorte, que em si vio a famosa Cidade de Ossonoba: ^a (hoje Estoe) pois assim como as ruinas de Ossonoba ennobrecêrão a Sylves, assim tambem as ruinas de Sylves illustrárão a Faro.

2 A causa de se consumir esta Cidade tão brevemente, foi a maldição, que lhe lançou hum Santo Bispo, chamado D. Fr. Alvaro Paes, Religioso de nossa Serafica Ordem, pelos defacatos, e irreverencias, com que os moradores della o tratá-rão, como elle refere em huma carta sua, em que se queixa ao Summo Pontifice Clemente VI. que ouvio tambem o Ceo, como hoje lastimosamente mostra Sylves. Perto desta Cidade, no tempo, em que ella ainda conservava alguma parte de seu antigo lustre, ao longo de hum rio, onde a maré chega, havendo subido duas leguas por elle affima, foi edificado o nosso Convento pelo Bispo D. Fernando Coutinho, quando procurou levar-nos para aquelle Reino. Intitula-se o Convento nossa Senhora do Paraíso, por se chamar assim huma Hermita, que o Bispo tinha feito: e como elle diz na doação, que ao diante referiremos, não quiz que lhe mudassem o nome. Ficou a Casa pobre, pequena, e

mui Capucha, com sua competente cerca para horta, e pomar, que tudo havia nella, com huma fonte de copiosas aguas, e tão boas, que alli vem muitas embarcações fazer aguada no lugar, onde sua corrente sahe da cerca para fóra: e a causa de ser tão buscada, he o conservar-se melhor que todas em o mar; porque nenhuma conserva nelle tanto tempo o sabor nativo.

3 He o sitio tão enfermo, que não deve de haver em Hespanha outro, que mais o seja: tanto, que foi raro o Religioso, que morando alli hum anno, não enfermasse gravemente. Por esta causa, e pela pouca commodidade, que alli havia para se curarem, pois hião a Villa-Nova de Portimão, mettendo-se pelo rio abaixo em huns barcos, que algumas vezes lhes faltavão, e quando os tinhão, tal vez lhes succedia embarcarem alli, e desembarcarem na outra vida, antes que ao porto de Villa-Nova chegassem, tratárão em alguns Capitulos nossos Frades de deixarem este Convento. No de Evora celebrado no anno de 1592. em que foi eleito Fr. Pedro de Setuval em Ministro Provincial, se ordenou, que se largasse: por esta causa não fizerão Prelado delle, mas sómente lhe nomeárão hum Presidente, que
o go-

o governasse até o deixarem. Desta resolução teve alguma noticia a gente da Cidade, que por se não ver desamparada de todo fez muitas diligencias com o Provincial, para que os Frades se não fossem. Acudirão tambem as Aldeas vizinhas ao mesmo fim, com cujas piedosas supplicas se movêrão os Religiosos a compaixão: e deixando de a ter de si, se resolvêrão a povoar o Convento, como de antes.

4 Na segunda Congregação, que se fez no anno de 1594. lhe elegêrão outra vez Prelado, e a fizerão Vigairaria, como sempre havia sido. Assim estiverão nossos Frades nelle alguns annos mais; porèm como as enfermidades hião em augmento, e as mortes erão muitas, tornarão todos a clamar, pedindo nos Capitulos à Provincia quizesse pôr remedio a tanto damno, deixando de todo aquella Casa, visto tambem por esta mesma causa ter-se a Cidade despovoado, e não haver nella senão alguns poucos Officiaes de justiça, que no verão tambem a despovoavão, ficando o Convento como em deserto, e padecendo por isso os Frades nelle moradores algumas necessidades muito grandes. Estas, e outras urgentes razões forão bastantes, para que no anno de 1618. a quatro dias do mez de

Junho, o Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. João Venido, em hum Capitulo Geral, que se celebrou em Salamanca, mandasse que, parecendo assim conveniente ao Provincial, e Definidores da Provincia, o Convento de Sylves se deixasse. Não houve entre os nossos Frades duvida alguma; mas antes sendo todos uniformemente desse parecer, mandou o Ministro Provincial, que então era Fr. Gonfalo de Guimarães, a Fr. Jeronymo de Estremoz o Sande, que indo a Sylves, despejasse a Casa, mandando aos Frades, que alli estavam moradores, para outros Conventos da Provincia, o que tudo se cumprio com pontualidade, e no principio do mez de Julho, do anno referido, deixámos de todo o Convento. De presente estão nelle os mui Religiosos Padres da Terceira Ordem de nosso Padre S. Francisco, os quaes, depois que nós o deixámos, a petição de hum Rui da Sylva forão morar nelle, com grande exemplo, e edificação da gente, como fazem em todas as terras, em que tem Casas neste Reino.

CAPITULO XXV.

De alguns casos milagrosos, que succedêrão nesta Casa de Sylves em tempo, que estavam nella nossos Frades.

1 **C**Em annos habitá-rão nossos Frades o Convento de nossa Senhora do Paraíso de Sylves; pelo decurso delles mostrou Deos em alguns casos milagrosos o cuidado, que delles tinha: entre os muitos, que alli se vírão, referiremos sómente dous, de que nos ficou noticia mais certa. Sendo Vigario desta Casa o Santo Fr. Antonio de Nebrixa (de cuja estremada virtude, e admiravel santidade tratarei mais ao diante) aconteceu hum dia não haver nella pão algum, com que os Frades pudessem satisfazer sua necessidade. Chegárão-se as horas de comer, e vendo o Porteiro, a cuja conta estava pôr alguma cousa no Refeitório, que nem hum pedaço de pão tinha que pôr na meza, foi dar conta ao Vigario da presente falta, em que se via: *Não será isso bastante*, respondeo elle, *para que deixemos de ir ao Refeitório; em sendo horas mandai tanger à Comunidade, e iremos dar graças a Deos, pois por todas as vias lhe são devidas.*

2 Obedeceo o Porteiro a

seu bom Prelado: juntárão-se os Frades às horas costumadas no Refeitório, e começando o leitor a ler sua lição espiritual, como he costume, eis-que com huma pressa extraordinaria tangêrão à portaria. Foi o Porteiro ver quem era, e abrindo a porta, achou junto della dez guardanapos, (tantos erão os Religiosos, que estavam no Convento) e dez pães de grandeza, e formosura notavel: estava juntamente huma panella, onde vinhão outras tantas rações de carneiro cozido, quente, e bem acezoadado, tudo cuberto com huma toalha encrespada, e branca como a mesma neve. Olhou o Porteiro, e não vio por alli pessoa alguma, nem quem lhe pudesse dar razão de quem tangia: sahio fóra da porta por ver se parecia alguem pelo caminho, ou ao redor da Casa, mas foi em balde sua diligencia. Recolheo logo tudo assim como estava, levou-o ao Refeitório, deo conta ao Prelado do que tinha succedido, o qual para mais confirmação do caso milagroso, mandou muito à pressa dous Frades, que fossem ao redor da cerca, e por aquelles caminhos vissem se achavão alguem, que lhes pudesse dar noticia de quem alli trouxera aquella esmola. Forão elles, e depois de fazerem cuidadas diligencias, se tornárão sem acharem alguma.

3 Co-

3 Comêrão todos aquelle dia da razão , que Deos milagrosamente lhes tinha mandado, dando-lhe muitas graças por ella : mandárão depois dizer do pulpito , que quem enviára aquella esmola ao Convento o diffesse , e se nomeasse , para lhe tornarem o cesto , e a toalha , e o mesmo mandárão tambem perguntar pelas Aldeas vizinhas ; mas como por ordem do Ceo tinha vindo tudo , não houve na terra dono , que lhe sahisse. Estas diligencias mandou , a meu ver , fazer o Prelado , não porque duvidasse ser a esmola milagrosa , senão para que mostrando evidentemente o milagre , movesse assim mais a seus subditos a se entregarem totalmente a Deos , pois este Senhor mostrava que tinha delles particular cuidado : porque de crer he que Varão tão santo , como o Veneravel Nebrixa , teria recebido de Deos revelação do que havia de succeder : o que se póde presumir da confiança , com que entrou com os Frades no Refeitório , sabendo muito bem que não havia nelle nada , ainda que isto podia tambem ser acto heroico da grande fé ; que tinha. Como quer que fosse o successo , foi por todas as circumstancias milagroso , e por tal julgado em toda a Cidade , onde andou hum daquelles dez pães , que o Porteiro mandou

a hum dos Conegos da Sé (que ainda naquelle tempo alli estavam) particular devoto , e bem-feitor do Convento : este o mandou mostrar a outros , andando de mão em mão com o nome de milagroso.

4 Outra vez succedeo nesta mesma Casa de nossa Senhora do Paraíso hum caso não menos maravilhoso , que o referido. Costumão os mais de nossos Frades , depois de estarem àquellas horas de oração , e mais exercicios , a que são obrigados assistir em Communidade , deixarem-se ficar algumas vezes no Coro , ou na Igreja , tratando com Deos Senhor nosso os negocios de suas almas. Em humma occasião ficou de noite nesta Casa de Sylves no corpo da Igreja orando certo Religioso (cujo nome nos occultou o tempo) sobre hum pequeno tabernaculo de madeira , que alli estava ; afervorou-se tanto seu espirito , que ficou em extase , privado totalmente dos sentidos , porém sempre de joelhos , como estava. Levantou-se neste tempo humma tormenta , e foi tanta a agua , que choveo , que só a dos outeiros vizinhos , que veio correndo para nossa Casa , e entrou pelas portas da Igreja , foi bastante para que os Frades se vissem em perigo ; porque a Igreja , claustro , e officinas inferiores todas se enchêrão de a-

Dd ii gua,

gua , e alagárão de maneira , que não era possível entrar alguem nellas. Temêrão os Frades , que as aguas chegassem ao Sacratio , por cuja causa , antes que mais crescessem , forão ao Altar mór para tirarem o Santissimo Sacramento , e ao tempo , que entrárão na Capella , vírão ao Frade , que estava orando sobre o tabernaculo que como outro innocente Noé , mettido em a Arca , andava sobre as aguas navegando. Era muito para ver tal espectáculo : porque estava o contemplativo Religioso com as mãos , e olhos levantados ao Ceo , e tão devoto , que causava grande devoção a quem o via.

5 Quanto as aguas mais cresião , mais se hia o tabernaculo sobre ellas levantando , e nem por isso o Santo Frade sentia cousa alguma : pelo que vendo os outros que o tinha Deos tomado à sua conta , acudindo a outras cousas necessarias , o deixárão ficar naquelle rapto. Nelle perseverou , sem que fosse bastante inundaçãõ tão grande a despertallo. Hum dos singulares elogios da Esposa Santa he dizer-se della , que as muitas aguas não pudêrão apagar o amor ^a de Deos , em que se abrazava : o mesmo podemos tambem applicar ao nosso contemplativo , pois em quanto a enchente não vafou , sempre

andou na mesma fórma , e postura sobre as aguas , de huma parte da Igreja para a outra , até que ultimamente acabárão as aguas de vafar , e voltando outra vez do corpo da Igreja com o tabernaculo , e Santo Religioso , o deixárão no mesmo lugar , donde o havião tirado. Coufa maravilhosa ! Despertou elle então daquelle suave sono , e sem dar fé das cousas , que tinham acontecido , e por elle passado , com muito repouso , e quietação se foi para a sua cella , e recolhimento : de quem se póde muito bem dizer , que esteve não em a Arca de Noé , senão em o Paraíso , em quanto passárão as aguas do diluvio.

CAPITULO XXVI.

Doaçãõ , que o Bispo do Algarve fez a ElRei D. Manoel dos trez Conventos , S. Vicente , Lagos , e Sylves , e da que ElRei fez dos mesmos aos nossos Religiosos.

I **A** Cabados , ou quasi acabados os Conventos de Lagos , e de Sylves , em o anno de 1520. fez o Bispo D. Fernando Coutinho seu Fundador doaçãõ delles , e do de S. Vicente a ElRei D. Manoel de gloriosa memoria , para que elle os désse de sua mão

aos Frades desta Provincia, que sem alguma contradicção para sempre os habitassem. Ufou o devotissimo Bispo deste termo, e rodeio da dita doação, para assim aos parentes, como aos Bispos seus successores tirar toda a occasião de pertenderem algum senhorio, ou Padroado dos ditos Conventos, com que pelo tempo ao diante se desse alguma turbação, ou molestia aos Frades, ou fossem delles expellidos, porque seu intento era, que nunca pudessem ser dados a outros Religiosos. Accitando ElRei esta doação na forma, em que lhe fora feita, logo, como de cousa sua, fez outra doação, e liberal mercê dos ditos Conventos a esta nossa Provincia para sempre. E para que mais clara fique a verdade, e certeza do relatado, e de outras cousas tocantes a nosso intento, referirei aqui formalmente as ditas doações, assim a do Bispo, como a do Rei, que autenticas se guardão no Convento ^a de S. Vicente, e se podem ver tambem na Torre do Tombo. *b*

2 „ D. Manoel por graça
 „ de Deos Rei de Portugal,
 „ e dos Algarves d'aquém, e
 „ d'além mar, em Africa Senhor
 „ de Guiné, e da Conquista,
 „ navegação, e commercio de
 „ Ethiopia, Arabia, Persia, e
 „ da India: A quantos esta nossa

„ Carta virem, fazemos saber,
 „ que por parte de D. Fernan-
 „ do Coutinho, Bispo do Algar-
 „ ve, e do nosso Conselho nos
 „ foi apresentada hum a Car-
 „ ta sua, de que o teor de *ver-*
 „ *bo ad verbum* he o seguinte.
 „ D. Fernando Coutinho, por
 „ mercê de Deos, e da Santa
 „ Igreja de Roma, Bispo do
 „ Algarve, e do Conselho de
 „ ElRei meu Senhor, &c. Fa-
 „ zemos saber a quantos esta
 „ nossa Carta de doação virem,
 „ que pelo Ministro Provincial,
 „ e Religiosos da Custodia de
 „ Santa Maria da Piedade nos
 „ foi dito, que era verdade
 „ que Nós outorgamos à dita
 „ Custodia, e Ordem quatro
 „ Casas para Mosteiros neste
 „ Reino do Algarve: convem
 „ a saber, S. Vicente do Câbo,
 „ Santa Maria de Loreto em
 „ Lagos, e nossa Senhora do
 „ Paraíso em Sylves, outra em
 „ Faro: das quaes Casas elles
 „ logo forão entregues, e tem
 „ com authoridade do Santo Pa-
 „ dre, que para isso tinhão, pa-
 „ ra receberem algumas Casas
 „ das mãos dos Prelados, para
 „ serviço de nosso Senhor, sal-
 „ vo a de Faro, que por alguns
 „ justos respeitos a largarão. E
 „ ora nos pedirão, que para
 „ mais consolação dos Frades,
 „ e da Ordem, nos aprouvesse
 „ fazer das ditas Casas serviço
 „ a ElRei nosso Senhor, para
 da

„ da mão de S. Alteza as have-
 „ rem , por terem para isso po-
 „ der de nosso mui Santo Pa-
 „ dre Leão , ora Presidente na
 „ Santa Igreja de Roma : e if-
 „ to , porque algum tempo pe-
 „ los Bispos nossos successores
 „ lhes não fer posto algum pe-
 „ jo nas ditas Casas. E Nós
 „ considerando que sempre a
 „ nossa vontade foi firme , e fi-
 „ xa em os ditos Religiosos te-
 „ rem , e manterem as ditas Ca-
 „ sas , como se contém na ou-
 „ tra nossa doação , por atalhar
 „ demandas , e embrulhadas ,
 „ com que o inimigo torva as
 „ obras espirituaes , e piedosas ,
 „ havemos por bem , e nos a-
 „ praz , com ajuda de nosso Se-
 „ nhor , fazer das ditas Casas
 „ serviço ao muito poderoso , e
 „ Christianissimo Senhor ElRei
 „ D. Manoel meu Senhor : con-
 „ vem a saber , o Mosteiro de
 „ S. Vicente do Cabo , com to-
 „ do seu circuito , até à cerca ,
 „ que Nós temos por Alvará
 „ de S. Alteza : salvo as casas
 „ com a torre de Farol , e mu-
 „ ro , que apartadas são do di-
 „ to Mosteiro : e bem assim lhe
 „ damos humas terras nos Te-
 „ lheiros , com seu circuito pa-
 „ ra horta , de que tem neces-
 „ sidade. Aos quaes Padres Nós
 „ pedimos por amor de nosso
 „ Senhor , que queirão allumiar
 „ o dito farol , que ahi temos
 „ ordenado para salvação , e

„ guia daquelles , que ao dito
 „ Cabo de S. Vicente vem ter ,
 „ e temos achado por experi-
 „ encia , pelo ahi não haver , se
 „ perderem muitos navios , e
 „ pessoas , que em elles nave-
 „ gação : o qual Nós mudare-
 „ mos a huma torre pegada com
 „ o Coro , de maneira que o
 „ Sacristão não tenha fadiga
 „ em de noite o allumiar. E
 „ assim lhe aprazerá de em a di-
 „ ta Casa aposentar o nosso cor-
 „ po , quando nosso Senhor o
 „ apartar de sua alma , e dizer
 „ sobre elle aquellas Missas ,
 „ commemorações , e orações ,
 „ que em nosso testamento lhe
 „ pedimos , para o qual deixa-
 „ mos dotado , e apropriado ao
 „ dito Senhor , como executor ,
 „ todo o rendimento necessa-
 „ rio para sustentação do dito
 „ farol , e casa. É bem assim
 „ lhe damos a Casa , e Mostei-
 „ ro de Lagos , que Nós fa-
 „ bricámos , com todos os chãos ,
 „ e herdamentos comarcãos ,
 „ que Nós comprámos para el-
 „ la , à qual Casa damos por
 „ invocação nossa Senhora de
 „ Loreto : por quanto em hu-
 „ ma doença gravissima , que
 „ tivemos , sendo escolar em
 „ Florença , lhe encommenda-
 „ mos nossa alma , e saúde à
 „ dita Senhora , e pela miseri-
 „ cordia de nosso Senhor , e
 „ sua intercessão , recebemos
 „ saúde , e temos particular de-

„ voção à dita Casa , e a cof-
 „ tumavamos visitar cada anno ,
 „ em quanto em as ditas ter-
 „ ras estivemos , e em nossos
 „ Divinos Officios fazemos del-
 „ la particular commemoração.
 „ E assim fazemos ao dito Se-
 „ nhor serviço da Casa , e Mos-
 „ teiro de Santa Maria do Pa-
 „ raíso , que Nós também fun-
 „ damos , e fabricámos , e não
 „ mudamos sua invocação , por
 „ ter já nome glorioso : a qual
 „ Casa , e Mosteiro terá por
 „ circuito , assim como está cer-
 „ cado de parede , e rio , até
 „ a fonte , que he além da vi-
 „ nha , que comprámos a Ai-
 „ res da Sylva , Cavalleiro ,
 „ morador em Sylves , e assim
 „ mesmo ficão dentro com a
 „ mesma fonte. E bem assim
 „ lhe damos os esteiros , que
 „ estão na dita horta , e nascem
 „ das fontes della , as quaes Nós
 „ comprámos de Estevão Bei-
 „ ço , morador em Sylves ; e
 „ temos pedido à Senhora Rai-
 „ nha D. Leonor , que lhos con-
 „ firme , e faça esmola do foro ,
 „ porque são proveitosos para
 „ consolação dos Religiosos ,
 „ para tomarem às vezes algum
 „ peixinho. Dos quaes lugares ,
 „ e terras , chãos , e herdamen-
 „ tos , assim da dita Casa , co-
 „ mo das outras , daremos as
 „ escrituras , e titulos das confir-
 „ mações , e limites aos ditos
 „ Religiosos , por em esta es-

„ cufarmos prolixidades , e te-
 „ rem em seu Cartorio para cla-
 „ reza de sua justiça , em algum
 „ tempo lhes não ser posto pe-
 „ jo por algumas pessoas. E não
 „ fação duvida a esta nossa do-
 „ ação os Bispos de Sylves , que
 „ apôs Nós vierem , por acha-
 „ rem que a Hermida de S. Vi-
 „ cente pagava à fabrica da Sé
 „ seiscentos reis , ou huma arro-
 „ ba de cera de foro , por quanto
 „ Nós deixamos à obra hum fo-
 „ ro por via de escaimbo de se-
 „ tecentos reis em Faro , que
 „ Nós comprámos a D. João de
 „ Menezes , que Deos haja. Nem
 „ embarga dizer-se , que tinha-
 „ mos dada a dita Casa de S.
 „ Vicente aos Jeronymos ; por-
 „ que elles por duas vezes no-
 „ la largarão , e se forão volun-
 „ tariamente , e ainda com li-
 „ cença de seu Maior , sem nos-
 „ so prazer , e contra nossa von-
 „ tade. E assim o affirmamos
 „ em nossa consciencia ser ver-
 „ dade , dando tempo aos Re-
 „ ligiosos , que ahi erão , que
 „ cuidassem , e vissem bem o
 „ que fazião : com tudo se qui-
 „ zerão ir , e aleixarão , sobre
 „ eu ter gastado nella hum con-
 „ to e meio de dinheiro : e pa-
 „ ra justificação de nossa con-
 „ sciencia , achámos que o In-
 „ fante D. Pedro , que a dita
 „ Igreja mandou fazer , a do-
 „ tou à Ordem de S. Francis-
 „ co , e não achámos fundamen-

„ to ,

„ to, como haja de ser foreira
 „ a dita obra, porèm por mais
 „ abastança lhe damos o dito
 „ foro por escaimbo. As mais
 „ terras, que estão nos telhei-
 „ ros, que não são necessarias
 „ para a dita horta, deixamos
 „ para a dita fabrica da Sé,
 „ como as tinha, e he conteú-
 „ do em hum tombo da demar-
 „ cação, que fizemos em Sa-
 „ gres, por mandado do dito
 „ Senhor. E bem assim lhe da-
 „ mos ao dito Mosteiro, e Ca-
 „ sa de S. Vicente, huma Her-
 „ mida, que se chama Val San-
 „ to: (ficava meia legua do
 „ Convento para a Villa do Bis-
 „ po, hoje já nem as ruinas ap-
 „ parecem, conserva-se porèm
 „ no sitio o nome) a qual o
 „ Senhor Infante D. Henrique
 „ de boa memoria tirou a hum
 „ Pero Lourenço, que a tinha
 „ feita casa de lavrador, e por
 „ seu falecimento a tornárão a
 „ usurpar, como bens profanos.
 „ A qual Hermida assim damos,
 „ para que os Padres tenham
 „ cargo della: por quanto os
 „ romeiros, que à dita Casa
 „ de S. Vicente vem, tanto que
 „ partião da Igreja da Aldea
 „ do Bispo, vinhão alli fazer
 „ repouso, e ganhar suas In-
 „ dulgencias. As quaes sobre-
 „ ditas Casas, e Mosteiros, e
 „ terras Nós damos, e faze-
 „ mos serviço ao dito Senhor,
 „ que elle as dote, e dellas fa-

„ ça mercê, e esmola aos Fra-
 „ des da dita Custodia da Pie-
 „ dade, assim como Nós a ti-
 „ nhamos feito: por quanto
 „ Nós entre os outros Religio-
 „ sos escolhemos estes para nos-
 „ sa consolação, e remedio das
 „ consciencias, e almas de nos-
 „ sos freguezes, para que te-
 „ nhão Padres espirituaes, a
 „ que bem, e verdadeiramen-
 „ te se confessem, e apurem
 „ suas almas, e confessem seus
 „ peccados: porque por expe-
 „ riencia temos sabido, que
 „ muitas pessoas, assim homens,
 „ como mulheres, não alimpa-
 „ vão suas almas, por não te-
 „ rem senão vizinhos Clerigos
 „ seus compadres, a que tinham
 „ pejo de dar conta de seus er-
 „ ros, e males, e algumas pes-
 „ soas por esta causa repartião
 „ suas confissões em diversos
 „ lugares, e Confessores. Por
 „ tanto rogamos ao Provincial
 „ da dita Custodia, que quei-
 „ ra ter providos de Confesso-
 „ res os ditos Mosteiros, e al-
 „ guns Padres pela sobredita
 „ necessidade. E por tanto bei-
 „ jaremos as mãos de S. Alte-
 „ za, e lhe pedimos muito por
 „ mercê, e com este entender
 „ lhe fazemos serviço das ditas
 „ Casas, e gasto, que nellas
 „ temos feito, e esperamos de
 „ fazer, que as dê, assim co-
 „ mo Nós as tínhamos dadas
 „ a esta Custodia da Piedade:
 „ e não

„ e não queira passar estas Ca-
 „ sas a outros estudos de Re-
 „ ligiosos, posto que todos se-
 „ jão bons, e santos. Nem me-
 „ nos a outros Franciscanos
 „ Claustres, ou Observantes;
 „ nem a Mosteiros de Freiras,
 „ posto que se jão da mesma
 „ Ordem, e Regra, por quan-
 „ to Nós temos assentado em
 „ nossa consciencia, que estes
 „ Padres conservão sua pobre-
 „ za Apostolica, e não tem seus
 „ votos substanciaes em preju-
 „ zo do estado Ecclesiastico de
 „ S. Pedro, e suas rendas, an-
 „ tes são bons ajudadores nos-
 „ sos, e não escandalizão o po-
 „ vo com vans glorias, e ou-
 „ tros modos, e guardão nos-
 „ sas Constituições, e Regi-
 „ mentos dos Prelados: e assim
 „ pedimos a seus Superiores,
 „ que encommendem aos Con-
 „ fessores, por elles ordenados,
 „ e por nossos Vigarios autho-
 „ rizados em cada hum anno
 „ para confessarem, segundo
 „ de direito he costume. E bem
 „ assim pedimos ao dito Se-
 „ nhor, que se em algum tem-
 „ po esta dita Custodia se vier
 „ a perder, ou houver nella
 „ taes mudanças, que as Ca-
 „ sas não possão ser habitadas
 „ pelos ditos Religiosos desta
 „ Custodia, não mude para el-
 „ las de nenhuma outras Or-
 „ dens, nem para isso haja re-
 „ medio, nem recurso do San-

„ to Padre; porque não he nos-
 „ sa vontade metter em nosso
 „ Bispo Religiosos, que com
 „ a Igreja andem em discordia,
 „ e se jão esquecidos de sua po-
 „ breza, porque assas escanda-
 „ lizados fomos muitas vezes
 „ dos desmanchos, que os
 „ Claustres de S. Francisco de
 „ Tavira commettião com os
 „ Clerigos daquela Cidade, e
 „ outras cousas, que vergonho-
 „ sas serão de se escreverem
 „ em doação. E se por ventu-
 „ ra acontecer (o que nosso Se-
 „ nhor não queira) haver a so-
 „ bredita mudança, pedimos a
 „ S. Real Alteza, e seus suc-
 „ cessores, a quem esta doação
 „ fazemos, que tornem as so-
 „ breditas Casas aos Bispos de
 „ Sylves, e a seus successores,
 „ no ponto, e estado, em que
 „ estiverem, porque esta he a
 „ ultima, e derradeira nossa
 „ vontade, com a qual affir-
 „ mamos, e outorgamos esta
 „ nossa doação para sempre va-
 „ ledoura, a serviço de nosso
 „ Senhor Jesus Christo. E pe-
 „ dimos muito por caridade aos
 „ Bispos, nossos successores,
 „ que em este amor, e paz con-
 „ servem, e mantenhão os di-
 „ tos Religiosos, porque os
 „ hão de achar fructuosos para
 „ suas consciencias, e de seus
 „ subditos. E assim pedimos a
 „ S. Alteza, que nos mande
 „ passar duas Cartas assinadas
 „ Ee „ por

„ por elle, e selladas, que ha
 „ por bem esta nossa doação,
 „ para que hume esteja no Car-
 „ torio dos ditos Padres, e a
 „ outra nos Bispos, e Cabido,
 „ para em todo tempo ser fa-
 „ bido o fundamento, que ti-
 „ vemos a edificar as sobredi-
 „ tas Casas, e a mercê, que
 „ recebemos em S. Alteza as
 „ conservar nesta fôrma, e con-
 „ solação de nossa alma. E os
 „ ditos nossos successores de-
 „ vem assim haver por bem
 „ conservar a dita nossa doa-
 „ ção em todo tempo, porque
 „ os hão de achar proveitosos
 „ a seu Bispado, além do ser-
 „ viço de Deos, que temos di-
 „ to. A qual doação Nós man-
 „ damos assim fazer, e a fir-
 „ mamos de nosso final, e sel-
 „ lo, presente Thomaz Duarão,
 „ Mestre em Sacra Theologia,
 „ e o Bacharel João Vaz, nos-
 „ so Vigario Geral, e Arcedi-
 „ ago de Tavira, e o Doutor
 „ Simão Gomes, e o Deão de
 „ nossa Sé, e Thesoureiro, com
 „ outras Dignidades, e Bene-
 „ ficiados em ella, que a tudo
 „ forão presentes, e derão seu
 „ parecer *ad perpetuam rei me-*
 „ *moriã*, e gloria, e louvor
 „ de nosso Senhor. Feita em a
 „ povoação de Sylves o Novo,
 „ aos vinte e hum dias de Ju-
 „ lho de mil quinhentos e vin-
 „ te annos. Francisco Jorge a
 „ fez, que ora serve de Escri-

„ vão da Camara do dito Se-
 „ nhor.

3 „ E pedindo-nos o dito
 „ Bispo por mercê que quizes-
 „ femos aceitar as ditas Casas,
 „ e doação, que Nos assim del-
 „ las fazia, pela maneira decla-
 „ rada na dita sua Carta, e cum-
 „ prir tudo nella conteúdo. E
 „ visto por Nós seu requeri-
 „ mento, e assim seu bom pro-
 „ posito, e virtuosa tenção, lha
 „ louvamos, e recebemos em
 „ Nós, e aceitamos a dita do-
 „ ação das ditas Casas na dita
 „ Carta nomeadas, com todas
 „ suas terras, hortas, cercas,
 „ e outras cousas, que o dito
 „ Bispo para ellas houve, e a
 „ ellas annexou, para as con-
 „ frontações, e com as obriga-
 „ ções, e condições na dita
 „ Carta declaradas. E logo por
 „ esta nossa Carta de nossa li-
 „ vre vontade, poder Real, e
 „ absoluto fazemos esmola, e
 „ doação aos Padres, e Reli-
 „ giosos da dita Custodia da Pi-
 „ edade da dita Ordem de São
 „ Francisco deste dia para to-
 „ do sempre de todo o uso, e
 „ logramento das ditas Casas,
 „ terras, heranças, hortas, e
 „ de todas as ditas cousas, que
 „ na dita doação, que Nos o
 „ dito Bispo fez, e que a elles
 „ annexou, são conteúdas: e
 „ com todas as obrigações, e
 „ declarações, com que o dito
 „ Bispo no-las deo, e Nós a
 „ re-

„ recebemos, e aceitamos, sem
 „ nunca em nenhum tempo o
 „ dito uso, e logro das ditas
 „ Casas ser tirado da sobredi-
 „ ta Custodia, salvo pela ma-
 „ neira, que o dito Bispo na
 „ dita Carta declara. A qual
 „ queremos, e Nós praz que
 „ em todo, e por todo se cum-
 „ pra, e guarde, assim, e tão
 „ inteiramente, como se nella
 „ contém; porque Nós por es-
 „ ta, além de aceitarmos a di-
 „ ta doação, approvamos, e
 „ confirmamos a dita Carta,
 „ assim como nella he conteú-
 „ do. E se para a dita doa-
 „ ção, que Nós a isso o Bis-
 „ po fez, e assim esta nossa fei-
 „ ta aos ditos Padres ser mais
 „ firme, e valiosa, falecer, ou
 „ se requerer outra alguma so-
 „ lemnidade de feito, ou de
 „ Direito, ou alguma clausula,
 „ ou clausulas, Nós de nosso
 „ poder absoluto havemos aqui
 „ todo por supprido, expresso,
 „ e declarado, como se fosse,
 „ sem embargo de todas as
 „ Leis, e Direitos, que em con-
 „ trario sejam. E logo por esta,
 „ sem mais outra authoridade
 „ de justiça, damos, e have-
 „ mos por dada a posse do dito
 „ uso, e logro das ditas Casas
 „ aos ditos Padres, e Religi-
 „ ocos da dita Custodia: e man-
 „ damos a todas as nossas Jus-
 „ tiças, Officiaes, e pessoas,
 „ a que for requerido, que os

„ tenham, e mantenham na dita
 „ posse agora, e para sempre:
 „ e não consentão que por al-
 „ guma pessoa na dita posse lhes
 „ seja posta duvida, embargo,
 „ nem outra alguma contradic-
 „ ção, por quanto Nós, por
 „ assim o havermos por serviço
 „ de nosso Senhor, o havemos
 „ assim todo por bem, e lhes
 „ mandamos passar esta nossa
 „ Carta, assignada por Nós, e
 „ sellada com o nosso sello pen-
 „ dente, para que os ditos Pa-
 „ dres a tenham para sua guar-
 „ da. Dada em a nossa Cida-
 „ de de Evora aos seis dias de
 „ Agosto. Cosme Rodrigues a
 „ fez anno do Nascimento de
 „ nosso Senhor Jesus Christo
 „ de mil e quinhentos e vinte
 „ annos. „

4. No teor, e clausulas da
 doação referida se mostra bem,
 quanto aquelle devoto Prelado
 era zeloso do bem espiritual de
 suas ovelhas, e para aproveita-
 mento dellas quanto desejava
 que não faltassem nunca em seu
 Bispado Religiosos desta Pro-
 vincia, de quem tinha grande
 opinião, e conceito. E note-se
 que, supposto a nomeava por
 Custodia, foi inadvertencia,
 porque já havia trez annos que
 era Provincia, pois foi eregida
 em tal no anno de 1517. e a
 doação foi feita no de 1520.
 mas como quando o Bispo offe-
 receo as Casas, era ainda Cus-

todia, como fica dito, quando ao depois lhe fez doação dellas, inadvertidamente a nomeou pelo que era no tempo, que lhas offerecêra: o que se mostra claramente, pois chama a seu Prelado maior Provincial; e se já não fora Provincia, chamara-lhe Custodio. Tambem poderá duvidar algum leitor esculpulofo aceitarmos esta doação de propriedades, sendo pela Regra incapazes dellas; e as doações, assim a de El Rei, como a do Bispo, parece que em todo nos dão o senhorio, e propriedade das ditas Casas. Ao que respondo que todas as cousas, que são dotadas, ou offerecidas aos Frades Menores, e os Mosteiros, que se lhes edificação, cahem em o dominio, e propriedade da Igreja, e Summo Pontifice Romano (ficando só o uso dos taes aos Frades.) debaixo de qualquer fórma de palavras, que sejam dados, ou offerecidos, se o Fundador, ou dante desses Mosteiros, ou cousas não reservou para si o tal dominio; porque sendo outorgadas por amor de Deos sem declaração alguma, de crer he (como diz o Papa Nicoláo III.) que a tenção do dante foi tirar logo de si o dominio dellas, e que perfeitamente se traspassasse em outrem por amor de Deos. E como os Frades Menores sejam incapazes por sua profissão

de adquirir dominio de alguma cousa temporal, e não haja pessoa alguma, em quem em lugar de Deos passe o senhorio das taes cousas mais convenientemente, que à dita Sé Apostolica, e Pontifice Romano, Vigario de Christo em as terras; para que o tal dominio não pareça incerto, e sem dono (pois já não he do que dando a cousa, a tirou de si,) o recebem os Summos Pontifices por authoridade Apostolica em si, e na Igreja Romana. Assim foi declarado por Innocencio IV. Nicoláo III. Clemente V. e por outros Summos Pontifices, e Concilios está determinado em Direito. ^c Com que as doações referidas, sem attendermos às palavras, se hão de entender conforme a explicação dos Pontifices nomeados. Tambem se deve advertir, que os chãos, herdamentos, e terras, de que fallão assim a doação do Bispo, como a do Rei, não são propriedades algumas, que annexassem aos Conventos de tal sorte, que os Religiosos tirassem dellas algum emolumento, pois bem se sabe que assim não as poderão receber; mas são sómente huns pedaços de terra, para delles se fazerem as cercas dos taes Conventos; que quando o Bispo no-los deo, ainda as não tinham; e a isto chama chãos, herdamentos, e terras.

Cap. E
de ver
gnif. ii
Clem.
vi cod

CAPITULO XXVII.

Fundação do Convento de S. Francisco de Elvas.

8 **I** EM Elvas, Cidade das nobres, e principaes do Reino, para a parte do Poente, edificárão nossos Frades hum Convento não longe dos muros da mesma Cidade, cuja occasião foi desta maneira. Morrendo na India, ou vindo della, da Fortaleza de Anquediva, de que foi Capitão, Manoel Paçanha, Fidalgo principal em a dita Cidade de Elvas, deixou em seu testamento que, vendendo-se algumas drogas, e outras cousas, que tinha, certa quantidade daquelle preço se mandasse dizer em Missas. Neste tempo florescia em Portugal a nova Custodia da Piedade com particular nome, e grande fama de virtude de seus Religiosos, por cuja causa os povos principaes desejavão recolhellos a si, e fazer-lhes Casas. Henrique de Mello, que ficou por testamenteiro do dito defunto, querendo que a Cidade de Elvas gozasse do bem, que outras muitas terras desejavão, e algumas com muito aproveitamento espirital de seus moradores já possuíão, pedio a nossos Religiosos procurassem haver de Roma hum Breve, em que o Summo Pontifice commutasse a vontade do testador,

mandando que a esmola consignada para as Missas se gastasse na fabrica de hum seu Convento.

2 Aceitárão nossos Frades a offerta, e logo por ordem do Senhor D. Jaime, seu Protector, impetrárão do Summo Pontifice Leão X. que naquele tempo tinha a Cadeira de S. Pedro, humas Letras dirigidas ao Arcediago de Guimarães, expedidas em o anno do Senhor de 1514. nas quaes lhe concedia poder, e dava authoridade para commutar, e applicar aquelle legado, e esmola de Missas para a fabrica do Convento de S. Francisco, que se lhe pedia em a Cidade de Elvas. Tudo fez logo o Arcediago, como tudo consta das sobreditas Letras para isso dadas, e de hum instrumento da execução dellas, guardado no Archivo do mesmo Convento. Porém supposto as diligencias forão muitas, e apressa, que a gente da Cidade dava, era grande, por algumas causas, que se metterão de permeio, não foi possível começar-se a obra, senão em o anno de 1518. sendo já a Custodia Provincia Buscou-se hum sitio, hum pouco afastado da Cidade, parte do qual deo huma nobre matrona, por nome Genebra da Rosa, e o mais, que era necessario, se comprou de esmolas.

3 O Convento se acabou com muita perfeição em breve tempo pelas muitas, e boas ajudas, que houve nelle; porque não bastando a esmola das Missas para tudo, com as do Duque D. Jaime, e da gente da Cidade se deo fim à obra em pouco mais de hum anno. Antes de acabada o sobredito Henrique de Mello testamenteiro pedio ao Ministro, e Definidores juntos em Capitulo em N. Senhora da Consolação do Bosque de Borba no anno de 1519. aos 8. dias do mez de Setembro, que quizessem dar o titulo de Padroado, e sepultura da Capella Mór a Ambrosio Paçanha, filho mais velho do testador defunto; para si, e seus delcendentes. O Ministro, e Definidores mostrando-se gratos à devoção, e boa vontade, que nelle, e no novo herdeiro vião, concedêrão-lhe a petição, e derão de tudo huma Patente. Acabou-se a Casa, nella vivêrão os nossos Frades pouco mais de setenta annos, no fim dos quaes a mudárão para outro sitio por algumas causas, que referirei no Capitulo seguinte.

4 Nos primeiros tempos, que para esta Casa vierão os nossos Frades, pouco depois de acabada succedeo nella hum caso milagroso nesta fórma. Levantou-se hum dia pela manhã

huma tão grande tempestade de agua, trovões, pedra, e ventos, que o mundo parecia segunda vez havia de alagar-se. Durou todo aquelle dia, ou a maior parte delle; e como aquelles nossos primitivos, e Evangelicos Religiosos nem ainda procuravão o sustento de hum para outro dia, seguindo nisto o conselho de Christo a seus Apostolos, ^a achárão-se ^{Matth} ^{num.} no da tempestade, sem que tivessem nem ainda hum só pão em casa. O Porteiro, por cuja conta corre ministrar o sustento aos Religiosos, entrou na Igreja, e posto de joelhos diante do Santissimo Sacramento, representou-lhe a falta, pedindo-lhe remedio a ella. Caso maravilhoso! Em se levantando da oração, vio que sobre hum Altar pequeno, que fica fóra da Capella, estava humma boa quantidade de pães frescos; e como aquelle dia se não tivesse aberto a Igreja, por não ser possível sair de casa com tal tormenta pessoa alguma, vio-se evidentemente ser milagre; e que o Senhor, cujo conselho aquelles Religiosos seguião, em não cuidarem do sustento para o dia subsequente, cuidava delles, como, quando deo o conselho a seus Apostolos, lhes promettêra.

CAPITULO XXVIII.

Mudança do Convento de São Francisco de Elvas para outro sitio ; duvidas , que houve sobre o Padroado delle.

1 **E**M setenta annos , que os nossos Frades vivêrão neste Convento , experimentárão bem à custa propria a pouca razão , que tinham os antigos para fundarem em valles , sendo-o este tanto , que por todas as partes está cercado de oiteiros ; por cuja causa , e pela vizinhança de hum ribeiro , que pouco abaixo por entre elles corre , era tão doentio o Convento , que raramente os seus moradores escapavão de enfermidades muito grandes , succedendo algumas vezes adoeecerem todos a hum mesmo tempo , e ser necessario virem de outras Casas Religiosos a curarem delles , de que muitos pagavão o mesmo tributo , e alguns achavão alli a sepultura. Por estes inconvenientes tão grandes determinárão mudar o Convento para outro lugar mais accommodado , e sitio mais sadio ; e supposto que já havia alguns annos , que nisto se fallava , não teve effeito senão no de 1591. sendo Ministro Provincial desta Provincia Fr. João de Evora. Deo-se principio ao Convento novo ,

onde agora o vemos , não muito longe do antigo , mas muito melhorado em sitio , por ser mais alto , lavado dos ventos , e alegre pela dilatada vista , que descobre.

2 Está junto aos reaes , e soberbos canos de agua , que por altissimos arcos vem à Cidade , a quem não só remedeão copiosamente da falta , que sem elles tivera , mas tambem com sua sumptuosidade a enobrecem , por ser o mais celebre aqueduto da Europa. Em parte servem estes de muro , e cerca do pomar , e horta , que não he pequena , para cujo beneficio lhe deixão hum anel de agua bastante não só a regar as arvores , e hortaliça , mas tambem a discurrer por algumas officinas do Convento. Ajunta-se esta em hum formoso tanque , donde se reparte commodamente para todas as partes necessarias , servindo este não só de ornato , e lustre ao Convento , mas tambem de recreação nas tardes a alguns nobres Cidadãos pela variedade de peixes , que em si conserva.

3 Vendo Ambrosio Paçanha , neto do outro do mesmo nome , a que foi concedido o titulo de Padroeiro do Convento antigo , que se começava a obra , pediu ao Ministro Frei João de Evora , e mais Frades congregados em Capitulo , que lhe

lhe dessem tambem o Padroado do que edificavão de novo. Foi-lhe respondido, que os Frades não podião conceder-lhe Padroado do Mosteiro, que se edificava com esmolas do povo; mas que em reconhecimento de sua devoção, e de seus ascendentes, e por tirar toda a occasião de duvida, e demanda, lhe concederião o Padroado, e sepultura da Capella Mór para si, e seus descendentes, ainda que não tinham obrigação de o fazer, sem elle a edificar à sua custa. Não quiz aceitar este partido, antes insistindo que o havião de fazer Padroeiro de todo o Convento novo, ou deixarem-lhe o velho, sem desfazerem cousa alguma delle, porque o pudesse dar a quem fosse sua vontade, armou sobre isso demanda, não sem grande sentimento de nossos Frades, por se verem trazidos a Juizo, pedindo-lhes cousa, que não podião conceder, conforme a Direito, e boa consciencia.

4 Para este effeito impetrou Letras do Patriarca de Jerusalem Fabio Biondo, Vice-Legado neste Reino do Cardeal Legado Alberto, Archiduque de Austria, que então o governava, pelas quaes avocando a si a causa, commetteo o conhecimento della ao Doutor Pedro de Olivença, seu Auditor da Legacia. Diante deste

correo algum tempo em Lisboa, passada Provisão, que não se desfizesse por entretanto alguma cousa do Convento antigo, mas não impedia continuar-se a obra do novo. Continuou o pleito, até que Ambrosio Paçanha, pelas razões, que por nossa parte se allegavão, entendendo que não tinha justiça, juntamente com adoecer gravemente, entendendo ser castigo, que o Senhor lhe deo, por assim trazer a seus servos em Juizos do mundo, desistio em todo da demanda. Dahi por diante sem nenhum impedimento se desfez o Mosteiro velho para servirem seus materiaes no novo, que em poucos annos se veio a acabar do modo, que hoje está. Ficou por memoria daquelle a Igreja em pé debaixo do titulo de N. Senhora da Cabeça, e hoje só este conserva aquelle sitio, porque a Igreja está já totalmente arruinada.

5 Do Convento novo deo o Provincial com os Definidores o Padroado, e sepultura da Capella Mór com toda a frontaria della até às grades da Igreja a D. Fernando da Silva, e a Dona Beatriz de Brito sua mulher, que não sómente a fundarão à sua custa, mas muita parte do corpo da Igreja, e tinham tambem dado o campo, e horta, que tem o Mosteiro.

A Ca-

A Capella collateral, que está à parte do Euangelho, se deo a Rui Gomes de Azevedo, e a sua mulher Dona Margarida da Gama, que a fabricarão. A terceira Capella foi concedida a André Lopes Garro, homem nobre, e principal, que também pagou a fabrica della; e morrendo, quando já a dita Capella se acabava, deixou encommendado, que se lhe puzesse bom retabolo, e a provefsem de ornamentos, o que tudo se fez por ordem do Provedor da Misericordia da mesma Cidade, que então era o Bispo D. Antonio de Matos; porque àquella Santa Casa juntamente com a principal herança do dito André Lopes se passou o direito do Padroado, e cuidado de administrar, e prover de ornamentos a Capella. Assim lhe foi julgado depois de algumas duvidas, e demandas, que lhe puzerão outros herdeiros legatarios.

6 O Convento se edificou maior, que nenhum dos outros da Provincia, porque estando naquella parte, por onde communmente costumão entrar neste Reino os Reverendissimos Padres Geraes da Ordem, se pudesse nelle commodamente celebrar Capitulos, como já se tem feito por algumas vezes: e ainda dizem, que o sahir o Convento tão grande fora erro

do que assistia às obras; porque não sendo mui desiro nesta materia, accrescentou dous pés à traça. Quando os Religiosos do antigo para este se mudarão, trouxerão consigo os ossos dos que nelle tinham falecido, e os puzerão em hum sepultura à porta do Capitulo com epitafio, que o declara. Entre estes vierão os de hum Fr. Rodrigo de Marvão, Fr. Braz de Braga, e Fr. Domingos de Fezes, dos primeiros dous só nos ficou noticia de morrerem com grande opinião de santidade, sem nos particularizarem cousa alguma, descuido commum de nossos primeiros Padres. Do ultimo trataremos em seu lugar.

CAPITULO XXIX.

Da Casa de nossa Senhora dos Anjos de Azurara.

1 D Esejava muito o Du- 1518.
que D. Jaime ver a sua Provincia da Piedade dilatada, e estendida por todo o Reino, para cujo effeito lhe diligenciava em todas as partes delle Conventos para moradia de seus Frades. Depois que nos alcançou dos Conventuaes os Conventos de S. Francisco de Chaves, e o do Bom Jesus de Barcellos, procurou que nos fizessem deixação de hum, que

tinhão em Azurára , Villa pequena , e maritima , entre Douro , e Minho , quatro leguas da Cidade do Porto , a cujo Bispado pertence. Era neste tempo segunda vez Provincial dos Conventuaes da Provincia de Portugal o Mestre Fr. João de Chaves, que por ser muito afeiçoado a nossos Frades , ^a não forão necessarias muitas instancias do Duque , para que nos largasse aquella Casa.

Gonz. tit.
Provinc.
Pietat
Conv. 24.
Wadding.
tom. 8. ad
ann. 1518.
num. 30.

2 De sua fundação , e antiguidade não temos memoria certa , porque não ha escriptura alguma , ou livro antigo , que della falle : e verdadeiramente que pudéra este Convento estar queixoso de seus Fundadores , e os que lhes succedêrão , deixarem seus principios tão esquecidos , que não ha nem ainda rastrejillos : póde-se porèm consolar com o de Chaves , que lhe não fica mui distante , e correio tambem a mesma fortuna. Desta incerteza nascêrão os varios pareceres , que ha de sua fundação : huns a põem logo naquelles primitivos tempos , que a nossa Ordem entrou neste Reino , accrescentando , que alguns annos depois de fundado , fora reedificado ^b pelos Claustraes. Outros pelo contrario o fazem tão moderno , que o tem por obra do dito Fr. João de Cha-

^b
Chronic.
antig. l. 2.
cap. 59.

^c
Barros nas
suas anti-
guidades.

ves : ^c a que não achámos probabilidade alguma , antes se vê

manifestamente o contrario; porque quando o recebemos de sua mão , estava já tão gastado , que arguia não pequena antiguidade. Quanta esta fosse difficilmente se poderá averiguar em algum tempo , pois nem os nossos Memoriaes, fazendo seus Authores bastantes diligencias , lha puderão achar : nem a Chronica da Provincia de Portugal lha pode descobrir ^d por mais que para isso investigou : e assim deixando a sua fundação no estado , em que a achamos , só daremos razão do que nos toca , depois que entrámos neste Convento.

3 Da mão do sobredito Fr. João de Chaves o recebemos : entrárão nelle nossos Frades pelos annos do Senhor 1518. e nesta fórma , em que no-lo derão , o conservámos até o de 1591. em que sendo Ministro Provincial Fr. João de Evora , como as paredes já ameaçassem ruina , o reedificou segunda vez , estreitando-o mais , e reduzindo-o a nosso modo. Todas as obras se fizerão de esmolas , que aquelle povo offerecia , que não he pequeno louvor seu , antes manifesto indicio de sua muita devoção , pois não sendo grande , antes limitado , nem rico , mas pobre , com liberalidade fez os gastos do Convento. Está este situado no mais bello , e ameno sitio , que por ventura

Chro
Prov
Port
2. p.
cap.

tem

tem outro a Provincia de entre Douro, e Minho; porque além de gozar dos bons ares, que são communs a toda aquella terra, fica sobre hum mediano outeiro descuberto, donde ha graciosa vista, assim para a parte da terra, como para o mar largo, do qual está pouco distante.

4 Tem formosa cerca de pomar, e horta, e outra parte bosque, e arvoredos, e fontes de agua perennes, que o regão. He mui accommodado para a contemplação, por estar desviado do povo, em lugar deserto, e solitario. A invocação delle he nossa Senhora dos Anjos, ou da Assumpção, e já tinha este titulo, quando foi entregue a nossos Frades. Nello morava o Santo Fr. Diogo Hitta (de quem em seu lugar trataremos,) quando em huma noite, que estava posto em oração na Capella, virão alguns seculares, que apparecia sobre ella fogo; e vindo de pressa ao Convento, dizendo que vinhão acudir ao fogo, que andava sobre a Igreja, entrando nella o Porteiro, a ver que fogo era aquelle, não vio outro, senão ao Santo Fr. Diogo, posto de joelhos diante do Santissimo Sacramento.

5 No mesmo anno, em que recebemos dos Padres Claustres este Convento, lhe entre-

gamos outro, que os mesmos nos havião tambem dado depois de o habitar-mos dezoito annos. He este o de Santa Sita, hum legua de Thomar, que no anno de 1505. com o de Chaves, e o do Monte de Barcellos nos deu o mesmo Mestre Fr. João de Chaves, como atrás deixamos dito. A razão, que tiveram nossos Frades para deixarem este Convento, não achamos escrita, porém presumo que por algumas inconveniencias, que nelle havia forçosamente de haver, ao nosso modo, e estylo de vida. Estava elle hum legua de Thomar, com que adoecendo algum Religioso, necessariamente se havia de ir curar à Villa, e nunca a Provincia se accommodou a que seus enfermos se curassem fora dos Conventos, para remediar nesta materia ao de Valverde, fundou Convento em Evora. Como tambem o de Santa Sita está em hum deserto entre Aldeas pobres, para se sustentarem os poucos Religiosos, que tinha, necessariamente havia de ser com discursos, por occasião de pedirem as esmolas; e pelo mesmo algumas vezes podia succeder, pois erão poucos os Frades, haver alguma falta no Coro: e hum, e outro inconveniente tem por muito consideravel a criação desta Provincia. Por estas razões, ou

outras , que seriam presentes a nossos primitivos Padres , se resolvêrão a deixarem o Convento de Santa Sita , com que no anno de 1518. deixou os trajes Capuchos , e tornou aos dos Claustres.

CAPITULO XXX.

Eleição do segundo Ministro Provincial; e do Convento de S. Fructuoso, que se recebeu em seu tempo.

1520

Fr. Francisco de Alconchel
Ministro Provincial. 2.

C Elebrou o nosso primeiro Ministro Provincial Fr. Pedro de Monte Molim seu Capitulo intermedio a nove de Setembro de 1519. em o Convento do Bosque ; acabado o seu triennio , para celebração do triennial , e eleição do novo Prelado a seu tempo convocou os Vogaes para o mesmo Convento. Nelle procedendo-se a eleição , sahio eleito no anno de 1520. em Ministro Provincial Fr. Francisco de Alconchel Prégador ; Religioso de muitos merecimentos , mui dado à oração , e mui rigoroso para comfigo : notavelmente zeloso dos santos , e louvaveis costumes da Provincia , guardando-os com muita perfeição , e fazendo com que os demais os guardassem. Não se costumava neste tempo (ainda que já se tinha usado) mandar Vi-

sitadores às Provincias antes da celebração dos Capitulos , senão sómente Presidentes para as eleições Capitulares : quem neste presidisse não sabemos , como tambem nem de cousa alguma , que nelle se tratasse ; só temos noticia receberem-se no tempo do segundo Provincial dous Conventos : hum em Braga , outro em Portalegre ; daquelle , por ser o primeiro , he bem que primeiro tratemos.

2 Em a nobre , e antiga 15 Cidade de Braga , quasi para a parte do Norte , fica o nosso Convento da invocação de S. Fructuoso , por ser por elle fundado. He hum dos mais recolhidos , e devotos , que ha na Provincia : porque está em competente distancia apartado do tumulto da Cidade , e commercio do povo , e em sitio mui accommodado à vida espirital , e contemplativa. Tem boa cerca de pomar , regado com copiosa fonte de agua , que vindo por canos , primeiro à claustra , e depois discorrendo por algumas officinas do Convento , se vai communicando à horta ; e frutifero arvoredado , ao qual se segue hum espesso bosque de formosos carvalhos , e castanheiros , divididos em ruas. Ao longo deste discorre hum perenne ribeiro , que com o brando susfurro de suas aguas provoca muito a devoção : e tudo o mais deste

deste Convento está convidando a ella. Para darmos noticia de sua fundação, e antiguidade, he necessario que primeiro a demos de seu illustre Fundador o Bemaventurado S. Fructuoso: será porém com a brevidade possível, e quanto conduza para clareza desta História.

3 Foi S. Fructuoso Hespanhol de nação, filho de hum Duque, ou Capitão General do sangue, e Casa Real dos Godos: foi mui afeiçoado às cousas da Religião, e virtude desde sua tenra idade, na qual lhe faltarão seus pais, deixando-o tão rico de bens temporaes, como falto de annos. Com tudo nestes poucos, que tinha Fructuoso, alcançou o muito, que ganha com Deos, quem por seu amor sabe deixar tudo. Desprezou toda a riqueza, que possuía, para mais perfeitamente se dedicar a Deos no estado de Religioso. Tritermio sente, ^a e Juliano, ^b que foi da Ordem do Patriarca S. Bento: outros sem especificarem que fosse de alguma Ordem, dizem, que recebeu o habito de Monje, da mão de Tonancio, Bispo de Palencia, e em huma herdade de seu patrimonio, junto a Astorga, ^c fundou o famoso Convento de Compluto para sua habitação, e de outros muitos, que se lhe aggregavão. Daqui

nasce o debate, que ha entre as duas sagradas Religiões Benedictina, ^d e Augustiniana, ^e procurando cada huma dellas (qual as duas mulheres diante de Salamão) ter a S. Fructuoso por filho. Mas a meu ver (ainda que menão toque dar a sentença) não foi Monje Bento, e menos Heremita Agostinho, nem de outra antiga Ordem, mas novo Fundador, e Patriarca. Isto parece se collige de huma memoria, que está no Arquivo da Igreja Collegiada da Villa de Guimarães, feita em o anno de 957. onde em hum Catalogo, que faz menção dos livros, que os Fundadores derão àquella Igreja, com titulo de Mosteiro de Freiras Bentas, diz estas palavras, traduzidas do Latim em nosso idioma: *E assim lhe damos outro livro pequeno, que contém as Regras de S. Bento, de Santo Isidoro, e de S. Fructuoso.*

^d Benedict.
Lusitan.
tract. 2.
p. 4. cap. 1.
^e Chronic.
Augustin.
fol. 236.

Memoria
Ecclesie
de Guimaraes.

4 Donde parece que lhe chama Regras distinctas: e assim como de Santo Isidoro nos não diz S. Braulio Arcebispo de Caragoça, seu discipulo, e outros, que escrevêrão sua vida, que fosse Monje da Ordem de S. Bento, senão que edificou muitos Conventos, e Collegios, em os quaes dando-se ao estudo das letras, e santa oração, criou muitos discipulos, que a elle concorrião: assim

assim parece se deve dizer do Bemaventurado S. Fructuoso, sem de necessidade o fazermos Frade Bento, ou de alguma outra Religião. Naquelle tempo os varões santos edificavão com authoridade dos Bispos, onde vivião, com os que se lhes ajuntavão na fôrma, e modo, que lhes parecia. Como de João Abbade de Val Clara (a quem o mesmo Triterio quer fazer Monge de S. Bento) testifica Santo Isidoro, ^f que edificou Mosteiro, e fez Regra para os que se aggregarão em sua companhia; o que supposto, o mesmo faria também São Fructuoso. Porém de qualquer maneira que fosse, o que sabemos de certo, he que S. Fructuoso, havendo muitos, que querião imitar sua vida, e exemplo, fundou em diversas partes de Hespanha tantos Mosteiros, e o seguião tantos discipulos, que a El Rei Reccesvindo, que então tinha o Imperio dos Godos, e Senhorios de Hespanha, lhe foi proposto em seu Conselho ^g puzesse a isto algum estorvo, se não queria lhe faltasse gente para a guerra, quando della necessitasse.

^f
Isid. de Vi-
ris illustr.
cap. 31.

^g
Moral. ubi
suprà.

5 Procedendo o Santo desta maneira, e resplandecendo com muitos, e mui notaveis milagres, o mesmo Rei o proveo na Cadeira do Bispado de

Dume, huma milha da Cidade de Braga. O qual Bispado desde sua creação, que foi no tempo de Theodomiro Rei dos Suevos, que dominarão aquella parte de Portugal, e Galiza, era mui principal, e estimado, assim pela boa memoria de seu primeiro Bispo o Bemaventurado S. Martinho, por este respeito chamado Dumienense, a differença do outro de Turonia, como também, porque ainda que tivesse pequeno distrito, e Diecese, com tudo o Bispo d'elle era Prelado da Casa Real, e Corte, e a seguia por onde quer que o Rei, e Cortezãos suas ovelhas hião. Promovido pois S. Fructuoso a esta dignidade, a governou santissimamente alguns annos, até que no de 658. reinando o mesmo Reccesvindo, e fazendo celebrar Concilio na Cidade de Toledo, o qual se conta decimo, sendo nelle privado do Arcebispado de Braga Potamio por huma culpa secreta, que denunciou de si mesmo, e a confessou diante do Concilio, ^b foi pelos mesmos Padres d'elle eleito S. Fructuoso de Bispo Dumienense em Arcebispo de Braga. Occupado no cargo daquella Metropolitana Igreja, não se esqueceo de seu antigo zelo de fundar Mosteiros, edificou este nosso, de que fallamos, entre o de Dume de Religiosos Ben-

^b
Summa
Concil.
Concil.
Toleta

Bentos, fundado pelo seu primeiro Bispo S. Martinho, e a Cidade de Braga em hum outeiro, onde agora o vemos, e se chamava então Montelios. Prova-se esta fundação do Breviario Bracarense, e huma lenda publica deste glorioso Santo, feita ha mais de trezentos annos, escrita em pergaminho, que se guarda no Arquivo deste seu Mosteiro, e outra no Arquivo da Sé, na qual fallando do Santo, se dizem estas palavras, traduzidas do Latino em nosso idioma: *Entre a Cidade de Braga, e Convento Dumien-se no alto de hum monte pequeno edificou hum principal Mosteiro, onde foi sepultado seu santo corpo.*

6 O titulo, que deo ao Mosteiro, foi do Salvador do mundo; e como andando occupado na fabrica delle lhe fosse revelado por Deos o tempo de sua morte, deo-se tanta pressa ao acabar, que de dia, e de noite trabalhava na obra. Sendo concluida, estando já enfermo, se mandou levar à Igreja, onde elegeo por Prelado, e Abbade delle hum Monge de seus antigos companheiros chamado Dicencio, a quem conhecia por varão de grande espirito, e capaz de lhe ficar encommendada a criação, e regimento dos outros. Depois do qual com a preparação, e espiritual ale-

gria, que convinha a tão grande Santo, passou sua alma gloriosa desta vida ao Senhor em 16. de Abril do anno de Christo 659. havendo pouco mais de trez annos, que fora eleito em Arcebispo de Braga. Foi sepultado na mesma Casa, e sepultura, que para si fizera de pedra toscamente lavrada, mettida toda na Capellinha, que serve de principal, à parte do Euangelho, onde pela grossura das paredes coube facilmente, sem lhe deixar para fóra algum relevo. Começou logo São Fructuoso a resplandecer com milagres, e todos os que entravão na Igreja sentião huma tão grande fragrancia, e extraordinaria suavidade de cheiro, que summamente os recreava, e fazia crescer mais sua devoção.

7 Este lugar de seu sepulcro tem hoje os nossos Frades cercado de grades, porque não haja quem chegue a elle com pouca reverencia, e respeito. No alto dellas está hum rotulo moderno, que declara o tempo, que o seu santo corpo alli esteve; como ao diante direi. Prova-se tambem ser S. Fructuoso o fundador desta Casa por algumas escrituras, que estão no Tombo da Sé de Santiago, e privilegios concedidos pelos Reis antigos de Asturias, ou Leão, e partes de Galiza, e Por-

e Portugal, conquistadas do poder de Mouros, que occupavão o mais de Hespanha. Especialmente se mostra isto de huma doação, que ElRei D. Affonso Magno no anno de Christo, segundo nossa conta, 883. a dezefete de Agosto, fez a Sifinando Bispo daquella Igreja de Sant-Iago, na qual diz estas palavras à letra traduzidas: *Damos-vos, Sifinando Bispo, o Mosteiro de S. Salvador na quinta de Montelios, o qual Mosteiro S. Fructuoso edificou entre o Mosteiro Dumiense, e os arrabaldes de Braga, &c.* Com isto conforma hum letreiro de lingua Latina, esculpido em huma pedra bem lavrada, metida em huma das paredes da mesma Igreja junto à porta principal à mão esquerda dos que entrão, posta alli quando foi reedificado o Convento, para se dar a esta Provincia pelo Arcebispo D. Diogo de Soula. O letreiro da pedra tem este sentido: *D. Diogo de Sousa Arcebispo no anno de 1522. a 12. de Setembro com edificios, que fez, reduzio a fórma de Mosteiro esta Igreja feita por S. Fructuoso, antes que Hespanha fosse conquistada pelos Mouros.*

CAPITULO XXXI.

Antiguidade da Igreja deste Convento de S. Fructuoso.

S Upposto seja commua, e antiquissima tradição, que S. Fructuoso, quando edificou este Convento, edificasse tambem a Igreja delle; com tudo João de Barros ^a he de parecer, que esta Igreja he muito mais antiga que o mesmo Santo. Não duvida este Author que S. Fructuoso fizesse alli sua sepultura, e Convento junto della; porèm diz que quando edificou o Convento, já alli estava a Igreja, obra antiga de Romanos, que havia sido Templo, ou Fano dos gentios, e que S. Fructuoso vindo por Arcebispo de Braga, a alimpou das immundicias dos Idolos, e consagrando-a ao Divino culto, lavrou em a Capella sua sepultura, e fabricou alli o dito Convento. Não tem esta opinião por sua parte Author algum antigo, ou escritura, que o diga: porèm tem razões, e conjecturas torçofas, que o persuadem; estas me obrigão a tella por mais provavel, que a tradição. Seja a primeira, não haver em toda a Hespanha alguma Igreja fabricada pela traça desta, senão o Bom Jesus de Valverde, junto à Cidade de Evora, que o Cardeal Dom Henrique man-

Barro
Cofre

mandou fazer quasi pelo mesmo modo, depois que em Braga tinha visto esta: e como a fabrica della seja semelhante aos Templos, que os antigos Romanos fazião para seus idolos, não se achando outra em Hespanha, bem parece que ficou esta daquelle tempo antigo.

2 A semelhança, que tem esta Igreja com os fanos, vê-se claramente; porque a fabrica dos Templos, que os antigos Romanos fazião a seus deoses, constava de muitas invenções de columnas em diversas maneiras proporcionadas, como se ^{de} pôde ver em Vitruvio ^b no seu ^{3.} livro de Architectura, onde põem diversas fórmãs, e generos de Templos, huns de columnas Doricas, outros Jonicas, Corinthias, Toscanas, ou Compositas: em huns mais espessas com breves intercolumnios, em outras mais distantes, e afastadas. As Aras, ou Altares lhes fazião pequenos, para que em cada hum delles estivesse só hum idolo, que essa era a lei dos Gentios (segundo parece de hum Emblema de Alciato, ^c ou para melhor dizer, fosse dedicado a hum idolo, nem se adorasse nelle outro. Além disto diz Daniel ^d Barbaro, colligindo-o de Vitruvio, que os simulacros dos idolos não estavam nunca em os Altares, senão em lugar mais levantado, deixan-

do-os desoccupados, para se fazerem nelles os sacrificios, e sendo assim, não havião mister Altares grandes. Todas estas cousas se achão na Igreja de S. Fructuoso: sua fórmula he em Cruz para todas as partes igual, cujas pontas fazem quatro Capellas, que as paredes fechão em meio circulo. Huma das Capellas, que podemos chamar o pé da Cruz, serve de entrada, onde está a porta; outra, que directamente responde a esta, como cabeça das hastes da Cruz, serve de Capella principal, onde está o Altar maior; nas outras duas, que ficão como braços, estão os dous Altares collateraes, e tendo cada huma só dezesete palmos, e meio de largo, neste tão pequeno espaço tem a Igreja vinte e quatro columnas: quatro naquella primeira entrada da porta, seis em cada Capella collateral, e oito na principal de todas; as quaes por ficarem tão espessas, e com tão estreitos intercolumnios, que alguns não passam de trez palmos, parece se pôde dizer este genero de Templo dos que Vitruvio chama Picnostylos, ou, quando muito, Systylos: o que se conhecerá claramente considerando-se o diametro das columnas.

3 Daqui nasce serem os Altares destas trez Capellas tão pequenos, que não tem mais de

trez palmos de vão , onde apenas se póde revolver o Sacerdote , nem cabe no Altar estante para o livro , nem menos se põem nelles castigaes para as candeas , por não haver lugar accommodado. E assim por esta invenção de architectura com a multiplicação de columnas , como pelo pouco espaço de seus Altares , que entre duas dellas ficão mettidos , segundo o uso dos Idolos , parece que foi fabricado este Templo para elles : porque não he possível que S. Fructuoso mandasse fazer Altares tão limitados , onde com tanta difficuldade se póde dizer Missa. Tambem da grandeza da Igreja podemos tirar argumento em prova desta opinião : porque he mui pequena , e occupada com tantas columnas , o fica sendo mais : e não vem em boa razão de architectura , que para hum Convento , a que as memorias chamão precipuo , palavra , que denota ser cousa notavel , e principalissimo , se lavrasse Templo tão pouco capaz. E havendo nelle por outra parte tanto artificio , não se póde presumir de quem o fez tal erro , ou inconsideração , mas que por achallo já assim feito , edificou junto a elle o Convento : ou por ventura fabricou outro maior Templo para o concurso da gente , e este ficaria servindo , como de Capel-

la , ou Oratorio aos Religiosos.

4 E vindo a outras particulares conjecturas , parece haver sido o Templo dedicado a Esculapio , que tinham os gentios por Deos da Medicina. Colhe-se isto da fôrma das columnas desta Igreja : porque ainda que Vitruvio , ou outro Author , que eu visse , não diga claramente de que genero havião de ser as columnas , e medidas do Templo deste idolo , com tudo depois de haver dito , de que invenção se havião de fazer as de Jupiter , Marte , Hercules , de Minerva , Venus , Flora , e das Nynfas , diz que a Juno , Diana , Bacho , e aos outros deoses , se lhes fizessem Templos Jonicos , se teria conta com a mediocridade , que não fossem grandes : e seu edificio seria temperado com a instituição daquellas propriedades , e com o severo costume do Dorico , e com a delicadeza do Corinthio. E logo fez menção de outras propriedades , que se havião de buscar para os Templos de Esculapio , como que suppunha , que da invenção , que acabava de dizer , lhe havião de ser fabricados. No prologo do livro setimo , fazendo menção de hum Templo , que a este deos se fizera em Italia , diz , que era de medidas Jonicas , e Corinthias : de ambos estes generos de columnas he com-

composto o Templo de S. Fructuoso : humas Compositas , e outras puras Corinthias , a que corresponde o lavor da cornija da Igreja toda , com que parece sem duvida que a Esculapio foi este Templo dedicado.

5 Outro argumento mais forçoso temos em abono desta conjectura , que he vermos na columna mais proxima do Altar da Capella principal , à parte direita dos que entrão , que a nós he à da Epistola , estava enxerida huma cobra de bronze , da qual hoje se vê o encaixe gravado na pedra. E cousa sabida he ser esta serpente insignia de Esculapio , adorado dos Gentios debaixo dessa figura , segundo Boccacio ; ^e e como diz Pierio , ^f era cousa ordinaria ser pintado , ou esculpido em marmores , e columnas na mesma fórma de serpente. Outras vezes o pintavão em fórma de varão , com hum páo na mão , como que lhe servia de encosto ; mas sempre se pintava a cobra enroscada nelle : por esta insignia era conhecido. Não he prova menos efficaz o titulo , que tinha este Templo de São Fructuoso ; que era do Salvador , como consta da doação , que no Capitulo precedente referimos , de D. Affonso o Magno , feita a Sifinando. Trez Salvadores do mundo , como diz Clemente Alexandrino , ^g

imaginárão , ou fingirão os antigos entre outros erros gentilicos : Castor , e Pollux , que se representavão por hum ló : Hercules o valente , e Esculapio Medico. Deste terceiro tomaria o nosso Templo , de que fallamos , o titulo , que tinha do Salvador do mundo : e achando-o S. Fructuoso com elle , não lho quereria tirar , pois bem lhe podia servir christianando-o : e assim alimpando o Templo das mais profanidades Gentilicas , lhe deixou o mesmo titulo , dedicando-o ao verdadeiro Salvador do mundo , Christo Redemptor nosso , como foi muito tempo chamado dos Christãos ; Igreja do Salvador , e lhe chama claramente a doação Real , que allegamos.

6 Do sitio da Igreja se pôde tambem conjecturar ; porque dando o mesmo Vitruvio regras , e modos de fabricar Templos , diz , que devem escolher-se sitios , e Regiões de bons ares , e onde haja fontes de aguas saudaveis , e principalmente para os Templos de Esculapio , com a medicina do qual elles crião ferem muitos enfermos curados. E dá huma razão , que bem convence a cegueira dos Gentios , que he dizer ; porque quando os corpos enfermos forem mudados de sitios poucos sadios , achando o Templo do idolo , que

vão buscar, em territorio aprazivel, bons ares, e salutíferas aguas, alcançassem saúde com facilidade: de maneira que recebendo-a elles naturalmente, pudesse ficar o idolo mais acreditado. Todos estes requisitos, que Vitruvio buscava para os Templos de Esculapio, se achão neste de S. Fructuoso; porque goza sitio assim de boas aguas, como de bons ares, por onde parece que foi dedicado a este idolo.

7 Nem ajuda pouco a presumir que fosse obra dos antigos Romanos huma figura de bronze dos peitos para cima, vã por dentro, e no summo da cabeça huma argola para se pendurar della, que mostrava o Arcebispo de Braga D. Agostinho de Castro. Dava esta a entender que era do deos Bacho: porque tinha lavrada a cabeça ao redor com ramos de parra, e uvas do mesmo metal: pezaria oito, ou dez arrateis. Affirmava o Arcebispo que fora achado junto aos alicerces desta Igreja de S. Fructuoso, cavando-se alli profundamente, ou fosse em a renovação do Convento, ou para abrir alguma sepultura. E poderia ser que estivesse este idolo em alguma das Capellas collateraes, sendo a principal do Templo do assim referido. Por todas estas razões, e conjecturas parece sem

duvida haver sido este Templo fabrica antiga dos Romanos, que no tempo, que senhorearão Hespanha, edificarão muitos a seus idolos: e assim que São Fructuoso o não fez de novo, mas sómente edificou alli o Convento, e lavrou no modo, que fica dito, sua sepultura.

8 Alguns demaziadamente escrupulosos tem por inconveniente deixar S. Fructuoso hum templo de Gentios em pé, e consagrallo em Igreja, como se o haver antes sido de idolos fosse algum menoscabo seu. Desfaz este escrupulo o Templo de Santa Ignez, que está fóra dos muros de Roma, mui rico de lavores, com belleza de diversas pedras, e Mosaico, que tambem servio primeiro a Bacho, para quem foi feito, e ainda está inteiro na mesma forma, como diz Sebastiano Serlio. ^b Nem he tambem menoscabo do famoso Pantheon, tão celebrado de todos, que escreverão Architectura, que está dentro da mesma Cidade, e hoje se chama Santa Maria a Maior, ou a Redonda, haver sido feito, e dedicado por Marco Agryppa, insigne Cidadão Romano, à deosa Cybelles, e a todos os mais deoses, dos quaes os Gentios a tinham por mãe. O qual Templo, consagrando-o depois pelos annos do Senhor seiscentos e oito o Sum-

mo Pontifice Bonifacio VIII. converteo a invocação de mãs deoses, que tinha, em outra melhor, e quasi semelhante, dedicando-o à Sacratissima Virgem Senhora nossa, espirital Mãi dos Santos, e a todos elles. Nisto de se aproveitar do titulo, e invocação gentilica, accommodando-a ao Catholico, se parece com este o nosso Templo, de que fallamos, conforme a conjectura, de que se lhe deo o titulo do Salvador verdadeiro em lugar do que fallamente tinha em razão do idolo de Esculapio.

9 As escrituras, que no Capitulo precedente alleguei, bem podem concordar com esta opinião, ainda que pareça dizerem o contrario; porque se bem he verdade, que (communmente fallando) debaixo deste nome Convento seja comprehendida sua Igreja, com tudo tambem acontece o contrario, que muitas vezes se fundão Conventos em Igrejas antigas, e depois se diz absolutamente, que fulano fundou tal Convento. Assim se podem entender as sobreditas escrituras: onde nas mais antigas se não faz menção alguma particular da fundação da Igreja, mas com palavras geraes se diz que S. Fructuoso fundou este Convento. E supposto que esta generalidade das escrituras se possa na intelligencia exten-

der à fundação da Igreja, tambem se póde entender no modo, que tenho explicado. Só o letreiro em Latim, que em sua reedificação fez esculpir D. Diogo de Sousa (o qual em respeito da fundação he moderno) parece dizer que o Santo fez a Igreja. Estas são suas palavras: *Liducus Sousa, Archiepiscopus Bracharensis, hanc Ecclesiam à Divo Fructuoso, antequam Hispania à Mauris expugnaretur, conditam, cum edificiis adjacentibus, à se constructis, in Monasterium redegit, anno Christi 1522. die 12. mensis Decembris.* Mas tambem se podem entender que a pedra falla conforme a tradição commua que havia, pela generalidade, com que as escrituras lhe chamão Fundador do Mosteiro, em as quaes palavras se podia incluir tudo: quanto mais que nem ainda a pedra diz que São Fructuoso fundou a Igreja, usando da palavra *fundatam*, mas usa do termo *conditam*, que segundo Calepino, ⁱ não só se póde interpretar que diga foi fundada, mas tambem quer dizer, foi constituida; o que se póde entender da dedicação, na qual huma casa he constituida por Igreja consagrada ao Divino culto, a que antes o não era melhor, que quando se fundão as paredes: as quaes antes da dedicação não são propriamente Igre-

ⁱ Calepin.
verb.
Condo.

Igreja, ainda que se fação para isso. Assim que sem derogarmos às escrituras sua authoridade, dizemos que he a Igreja muito mais antiga, do que divulga a tradição.

10 De qualquer modo, que fosse a fundação deste Templo, se collige claramente sua muita antiguidade; porque, se a fundou de principio o Bemaventurado S. Fructuoso, ha já mais de mil e vinte annos, porque o Santo morreo no anno de seiscentos e sincoenta e nove: e muito poucos Templos ha neste Reino mais antigos, que saibamos por escrituras; e esses, ainda que primeiro tivessem principio, por ventura que nenhum esteja em sua primeira fórma, em que foi fundado, sem padecer damno, em as muitas guerras, que houve, e entradas de diversas gentes barbaras, que tudo arralavão, e quando menos, os deixavão em estado de terem necessidade de serem reedificados; não aconteceo isto no de S. Fructuoso, que ainda hoje se conserva na sua antiga, e primeira fórma. E se he verdade, como creio, que foi antes de idolos, he de tempo immemorial sua fundação: e como diz João de Barros, não se acha em nossos tempos Igreja alguma em Hespanha, que ficasse dos Romanos, senão esta.

CAPITULO XXXII.

Das mudanças, que houve no Convento de S. Fructuoso, e como foi dado à Provincia.

I Supposto que este Templo do Convento de S. Fructuoso perseverou sempre naquella fórma, em que foi fundado, não correo a mesma fortuna o demais restante do Convento, antes cedendo à variedade do tempo, experimentou em si tantas mudanças, quantas referirei neste Capitulo. Depois da morte do Santo Arcebispo Fructuoso estiverão neste seu Convento os Religiosos, que nelle deixára, conservando-se sempre em a boa doutrina de seu Fundador, e vivendo em grande perfeição, e rigor de penitencia até o anno de setecentos e dezeseis, que foi o da entrada dos Mouros, e destruição da Cidade de Braga, quando depois da lamentavel victoria, que dous annos antes alcançárão de El Rei D. Rodrigo, ultimo dos Godos, junto ao rio Guadalette, occupárão Hespanha. Então foi o Convento desamparado dos Monjes, que destruida a Cidade, mal podião ficar entre tão crueis inimigos; os quaes ou fosse que nos edificios d'elle executassem sua barbara crueldade, ou que estando despovoado, o

tem-

tempo, que tem por officio consumir tudo, o desbarataſſe, ou huma couſa, e outra: em fim foi pela maior parte deſtruido. Entre ruinas laſtimoſas, e eſtragos tão vizinhos ſe conſervou illeſa a Igreja, permittindo o Senhor, que nem deſta vez, nem de outras, que muito tempo depois, ſendo já outra vez eſta terra de Chriſtãos, tornou a ſer tomada, e deſtruida dos meſmos inimigos, ſe fizeſſe nella algum damno, guardando-a Deos por merecimentos do Santo, que alli tinha ſua ſepultura.

2 Nefte eſtado eſtava, quando ElRei D. Affonſo o Magno, conquistando aquella Provincia de Entre Douro, e Minho, povoando nella muitas terras, que tirava aos Barbaros, entre as quaes foi a Cidade de Braga, fez doação do Convento de S. Fructuoſo, aſſim damnicado, como eſtava, com ſua Igreja, e herdades vizinhas a Siſinando Biſpo de Sant-Iago de Galiza, cuja Igreja então de fundamento renovava, e pretendia engrandecer pelas muitas mercês, que ſentia haver recebido deſte ſagrado Apolto. Por virtude deſta doação, que já atrás apontei, feita no anno de oitocentos e oitenta e trez, foi eſta noſſa Igreja de S. Fructuoſo da Dieceſe Compóſtellana, e como outras, que do meſmo modo lhe forão dotadas,

ſujeita à jurisdicção dos Biſpos de Sant-Iago, quaſi cento e vinte annos, que foi até o tempo, em que governou o Conde D. Henrique, pai de Dom Affonſo Henriques, primeiro Rei de Portugal. No fim deſte tempo D. Diogo Biſpo de Sant-Iago veio com pretexto de viſitar aquellas ſuas Igrejas, por ventura preſentindo já que tratavão os Arcebiſpos de as recuperar, e ſem ſer entendido ſeu intento, agazalhando-ſe nellas, ſendo Arcebiſpo de Braga S. Giraldo, tirou de noite ſecretamente muitos corpos de Santos, que alli eſtavão ſepultados, convem a ſaber, o de S. Viçtor, S. Cucufate, S. Sylveſtre, e Santa Sufana, e abrindo o ſepulcro do noſſo S. Fructuoſo, tirou tambem ſeu corpo, depois de haver eſtado alli ſepultado quatrocentos e quarenta e trez annos; que ſuppoſto hum moderno ^a doutiſſimo (a quem deve muito eſte Reino pela diligencia, que fez em averiguar ſuas antiguidades) eſcrevendo a vida deſte Santo, os extenda a 561. conſta que ou foi inadvertencia, ou erro da impreſſão, pois elle meſmo confeſſa que morreo o Santo no anno de 659. e que foi levado ſeu corpo para Sant-Iago no de mil cento e dous, como na verdade paſſou tudo: e no meio deſte tempo não ſe met-

^a Bernard.
de Brito
2 p. Mo-
narq. Lu-
ſit. liv. 6.
cap. 23.

tem mais que os quatrocentos e quarenta e trez annos , que tenho dito.

3 Com todos estes thesouros de Reliquias , de que despojou as Igrejas , enriqueceo o dito Bispo a sua de Compostella , onde com muita decencia , e veneração estão guardadas. Deixou com tudo no sepulchro de S. Fructuoso huma grande Reliquia , que he hum osso do joelho do Santo , e outras Reliquias das vestiduras Pontificaes , com que fora enterrado. Não muito depois desta translação , junto dos annos mil da nossa Redempção , sendo Senhor de Portugal o Conde D. Henrique , à instancia sua passou o Pontifice Pascoal II. deste nome huma Bulla Apostolica , em que mandava ao Bispo de Sant-Iago , D. Diogo Gilmirez , que juntamente com outras Igrejas , cuja restituição se pedia pelo direito de postliminio , restituísse esta de S. Fructuoso com tudo o que lhe pertencia à Igreja Metropolitana , e Arcebispos de Braga , seus direitos Senhores. Daquelle tempo em diante a possuirão outra vez os Senhores Arcebispos Primazes. Os redditos das terras estavam applicados à sua Camera , a Igreja servia de Paroquia.

4 Nas ruinas do Convento antigo estavam feitas humas casas , que aos Arcebispos ser-

vião de recreação , e gazalhado de campo. Nesta fórma se conservou , até que vindo a ser Arcebispo D. Diogo de Sousa no anno de 1517. metteo nas ditas casas duas irmans suas , com outras algumas companheiras , Freiras todas professas no Mosteiro de Villa do Conde , donde se sahirão no tempo , que se mandava reformar o Mosteiro , com liberdade de se sahirem as que quizessem. Teve tenção o Arcebispo de lhes fazer naquelle sitio Convento , mas falecendo as duas irmans , mudou o parecer , tomando outro de novo , que foi edificallo para os Frades desta Provincia. Accomodando as ditas casas , e ruinas do Convento antigo ao modo , que os Capuchos haviam mister , fabricou este novo , e lhes fez livre doação delle , para que ahi servissem a nosso Senhor , e a sepultura , e Reliquias do Bemaventurado S. Fructuoso fossem com a continuação do Officio Divino com mais decencia acompanhadas. Dentro na Cidade edificou outra Igreja , a que trasladou o direito Paroquial , que havia na de S. Fructuoso , para que os Religiosos ficassem mais desembaraçados nella. Entrámos neste novo Convento a quatorze de Dezembro de 1522. sendo os primeiros Religiosos , que tiveram Convento em Braga depois da en-

entrada dos Mouros em Hespanha. E porque tudo consta da doação, que nos fez o sobredito Dom Diogo de Sousa, a referirei aqui de *verbo ad verbum*.

5 „ D. Diogo de Sousa,
 „ por mercê de Deos, e da
 „ Santa Igreja de Roma Arcebispo, e Senhor de Braga,
 „ Primaz das Hespanhas: A
 „ quantos esta nossa Carta virem fazemos saber, que entendendo Nós ser serviço de Deos, e bem, e faude das almas do povo desta nossa Cidade, entre outras cousas nos pareceo bem, que em ella houvesse hum Mosteiro da Ordem dos Mendicantes, para se poder dahi seguir muito proveito, e utilidade, assim por suas orações, e sacrificios, como pelas confissões, prégações, e boas obras, que procedem dos taes Religiosos, e pessoas de vida regular. Seguindo também nisto o exemplo de todas as Cidades de Hespanha, e de outros Reinos de Christãos, que de maravilha se achará huma, em que não haja Mosteiro para edificação do povo. E caso, que nesta Cidade o não houve depois da destruição de Hespanha, assim pelos povos moradores della não poderão assim inteiramente manter os Religiosos, como

„ agora podem, pela multiplicação dos vizinhos, que crescerão: principalmente depois, que em ella temos a Sede Arcebispal, movendo-nos com zelo do culto Divino, bem, e proveito espiritual; e havida sobre isso madura consideração, e acôrdo, ordenamos de fazer o dito Mosteiro Mendicante da Ordem de S. Francisco, e Congregação de nossa Senhora da Piedade, por sentirmos, que os Religiosos della vivem a serviço de Deos, e na pureza da Regra. E olhando donde lhes dariamos conveniente lugar, o não achamos melhor, que a nossa Camera de S. Fructuoso fóra dos muros desta Cidade, que está em tal distancia della, para que elles não sejam estorvados de sua contemplação, e apartamento de vida, nem muito trabalho às pessoas, que desta Cidade lá quizerem ir. E por a dita Igreja, e Camera de S. Fructuoso ser Curado, e leixarmos os ditos Religiosos mais livres, mandamos edificar huma Igreja, e mudamos, trasladamos, e transferimos nella o dito Paroquial, e que ahi se celebrem os Officios Divinos, e ministrassem os Sacramentos Ecclesiasticos aos freguezes, como ora se faz. E mandamos ornamentar a dita

„ Igreja de insignias Paroqui-
 „ aes: convem a saber, sinos,
 „ pia de baptizar, cemeterio,
 „ vestimentas, calices, Cruz, e
 „ outras cousas necessarias com
 „ todo o comprimento, que
 „ convinha, e a fizemos da in-
 „ vocação de S Jeronymo. E
 „ querendo Nós fazer a dita
 „ concessão à dita Ordem, fo-
 „ mos pessoalmente à dita Igre-
 „ ja de S. Fructuoso; e sendo
 „ hi presentes Fr. Bartholomeu
 „ de Albuquerque, Ministro na
 „ dita Ordem, na Provincia
 „ deste Reino de Portugal, e
 „ Fr. Diogo de Santo Antonio
 „ Guardião de Borba, e Frei
 „ Diogo de Borba Guardião
 „ de Chaves, e dentro em as
 „ casas della, Nós em a me-
 „ lhor maneira, que podemos,
 „ por serviço de Deos, e cou-
 „ sas assim declaradas fazemos
 „ a Deos, e à dita Ordem,
 „ Ministro, e Frades della do-
 „ ação, concessão, e traspa-
 „ sação perpetua do uso, e ha-
 „ bitação da dita Igreja de S.
 „ Fructuoso, com suas casas,
 „ e cousas, que nella fizemos
 „ de novo. E assim de sua hor-
 „ ta, e deveza, como está cer-
 „ cado tudo sobre si de parede,
 „ e lho applicamos para sem-
 „ pre, para servir a Deos na
 „ dita Religião, e Regra de
 „ S. Francisco, pela maneira,
 „ que se faz na dita Congre-
 „ gação de nossa Senhora da

„ Piedade. E por sentirmos ser
 „ assim tudo proveito da nossa
 „ Igreja de Braga, e seu povo,
 „ e muito serviço de Deos,
 „ lhe demos, e pela presente
 „ damos nossa authoridade or-
 „ dinaria, com interposição do
 „ Direito: e mandamos que
 „ valha, e se cumpra para to-
 „ do sempre, como aqui se con-
 „ tém. E o dito Ministro, e
 „ Frades, em nome da dita
 „ Ordem, recebêrão humildo-
 „ samente a dita applicação,
 „ concessão, doação, e traspa-
 „ sação, pedindo-nos, que lhe
 „ mandassemos dar a posse. E
 „ Nós lha demos real, e actual-
 „ mente estando na Igreja, e
 „ casas, e casas assim ditas: e
 „ lhes outorgamos as chaves de
 „ tudo por nua tradição, e re-
 „ cepção. Nós os houvemos por
 „ empollados: e na dita posse fi-
 „ cáramos, e a recebêrão da nossa
 „ mão. E disto esperamos que
 „ Deos nosso Senhor o retri-
 „ buirá a Nós, e nossos suc-
 „ cessores. A qual doação, ap-
 „ plicação, e tradição de pos-
 „ se foi assim, como dito he,
 „ por Nós feita à dita Ordem,
 „ Ministro, e Frades, a qua-
 „ torze dias de Dezembro do
 „ anno de nosso Senhor Jesus
 „ Christo de 1522. sendo a tu-
 „ do testemunhas o Doutor
 „ João de Coimbra nosso Pro-
 „ visor, e o Bacharel Sebastião
 „ Gonçalves nosso Desembar-
 „ , ga-

„ gador , e o Licenciado Antonio Correa Corregedor ,
 „ com alçada por ElRei nosso Senhor nesta Comarca de entre Douro , e Minho , e Pero Freire nosso Capellão , e outros. E em testemunho de tudo mandámos fazer a presente por Nós assinada , e sellada do nosso sello. Dada o ultimo dia de Fevereiro. O Licenciado Fernão Figueira Notario Apostolico , que a tudo foi presente , de nosso mandado a fez , anno de mil e quinhentos e vinte e quatro.
 „ O Arcebispo Primaz.

6 Da doação referida se vê que o Arcebispo D. Diogo de Sousa livre , e liberalmente concedeo aquelle Convento a nossos Frades , sem que reservasse para si , nem para seus successores algum dominio , ou direito de Padroado , satisfazendo por outra parte algum prejuizo , ou detrimento , que se podia allegar ser causado à Camera primacial , a que a Igreja de S. Fructuoso pertencia , com edificar , e dotar outra de São Jeronymo. Com tudo os Senhores Arcebispos de Braga , que por tempo vierão succedendo em aquella dignidade , não menos lhe succedêrão em a devoção da Casa , e Religiosos de S. Fructuoso , pois como Padroeiros com amor verdadeiramente paternal os costumão prover

com esmolas ordinarias. Com estas , e com as quotidianas da Cidade , cujo povo tem maravilhosa devoção ao Bemaventurado S. Fructuoso , e Religiosos de seu Convento , se sustentão vinte moradores entre professos , e noviços. E paga o Santo mui bem a seus devotos tudo o que por seu amor fazem , com frequentes milagres , que alli obra nos que se encomendam a elle , e devotamente visitão sua sepultura. Com singularidade se experimenta esta virtude contra os obsestos , que de todas as partes , ainda que remotas , são alli trazidos , e lançados de seus corpos os demônios , que antes os atormentavão , e se tornão livres para suas casas.

7 Até o anno de 1590. se guardou em o Sacrario a reliquia de S. Fructuoso , que , como temos dito , alli ficou , depois que foi trasladado seu corpo para Galiza ; porém neste anno , tendo a Cadeira de Braga D. Agostinho de Jesus , Religioso da Ordem dos Heremitães do Bemaventurado Santo Agostinho , mandou fazer hum custodia de metal sobredourado , na qual está posta a sobredita reliquia , com outras mais , que deo o mesmo Arcebispo : que são , hum pequeno do Santo Lenho , hum reliquia de nosso Padre S. Francisco ,

outras de Santo António, de S. Boaventura, e de Santa Clara: tudo isto declarão os titulos, que tem. Outra Custodia está também nesta Casa, em que se guardão as reliquias trazidas a ella por via de restituição, por haverem sido tomadas de outros Conventos da Ordem. A primeira he hum osso de S. Christovão tirado de hum Reliquiario, que está no Convento de S. Francisco de Viterbo, Cidade do Papa em Italia. Outra he huma costa de Santa Margarida, que foi furtada de hum Convento de nosso Padre São Francisco da Observancia nas Empurias, Villa de Catalunha. E como quem tinha commettido estes furtos, se sentisse inhabilitado para os restituir aos proprios Conventos, donde os tirára, por descarregar sua consciencia, no modo, que podia, as trouxe a este, por ser da mesma Ordem.

CAPITULO XXXIII.

*Casos milagrosos, que succedê-
rão neste nosso Convento de
São Fructuoso.*

I. **E**Ntre muitos casos maravilhosos, que neste Convento de S. Fructuoso acontecêrão, se virão trez notaveis, que referirei aqui, para animar os fervorosos, e

despertar os tibios. Havia em a Cidade de Tui hum homem fidalgo, e muito rico: tinha hum filho unico, e herdeiro de trez morgados. Era moço, em quem parece se quiz esmerar a natureza, dotando-o de todas as perfeições de gentileza, e formosura, que se podem pintar em hum corpo humano: não lhe faltavão com estas, juntamente as da Divina graça, porque era hum retrato das virtudes todas, no que permittia sua tenra idade. Os pais cuidadosos da boa educação deste filho, mandárão-o estudar a Braga, mais com intento de o fazerem Cortezão, que Letrado: nesta Cidade gastou alguns annos com muito aproveitamento no estudo, e muito mais nos costumes, servindo de exemplar aos de sua idade, e de admiração aos mais crecidos. Frequentava o Convento de S. Fructuoso, e afeiçoou-se tanto à vida, que os Religiosos d'elle professavão, que se antes lhe não contentavão as cousas do mundo, já se resolvia de todo a deixallas, e servir a Deos nesta Provincia. Communicou este seu intento aos Frades: estes dando-lhe primeiro noticia das asperezas da vida, a que se queria sujeitar, lhe derão tempo para considerar bem no que fazia. Perseverou sempre o virtuoso moço na sua primeira vocação, com que

no Convento de S. Fructuoso lhe lançarão o habito de noviço.

2 Não se póde encarecer o grande sentimento, que os pais tiverão, quando recebêrão a nova, que foi em breve tempo: davão suspiros, derramavão lagrymas, e assim o choravão, como se lhe disserão, que ficava morto. Não perdêrão com tudo as esperanças de o tornarem a recuperar, e para isso, em quanto não chegava o tempo da profissão, combatêrão a fortaleza do noviço por varios modos. Mandárão secretamente alguns Frades de outras Provincias, que fingindo que passavão de caminho, fallassem com o noviço; e que procurando dissuadillo de seu intento, lhe representassem que era tão grande a pena de seus pais, que a não se resolver a sair-se do Convento, e deixar o habito, sem duvida alguma, antes que professasse, receberia novas da morte de ambos. Não foi isto bastante para que o Soldado de Christo enfraquecesse, antes mais se confirmava na perseverança da vida, que tinha escolhido. O que vendo a mãe, tentou outro meio tanto mais terrivel, e efficaz, que o passado; que bem foi necessario toda a constancia do noviço, para que a mãe o não vencesse. Veio de Galiza a S. Fructuoso; e tan-

tos gritos deo em a Igreja, pedindo aos Frades lhe dessem seu filho, que o noviço, sem saber cousa alguma de sua vinda, lá, onde estava recolhido, pelos gritos soube que era sua mãe a que os dava. Isto, que ainda aos firmes pudêra fazer vacillar no começado, não causou no noviço algum abalo.

3 Persuadio-se a nobre matrona, que o desprezar o filho as lagrymas da mãe nascia de o constriangerem os Frades a perseverar em seu primeiro intento. Com que parecendo-lhe que em quanto não tirasse este obstaculo serião suas lagrymas sem fruto; impetrou hum Breve do Summo Pontifice, para que posto o noviço em sua liberdade diante do Vigario Geral do Arcebispo, em algum lugar publico, onde não estivessem Frades, lhe fizessem perguntas, se queria professar, ou largar o habito. Tudo se fez assim na mesma Igreja de São Fructuoso, onde o noviço veio; e antes que algum lhe fallasse, disse estas palavras: *Escujadas erão todas estas diligencias, porque eu, sem que alguem me violento, prometto a Deos, e a meu Padre S. Francisco de ser Frade nesta Provincia, e não faltarei neste voto, e promessa, ainda que me fizessem senhor de todo o mundo.* Não temos aqui mais que fazer, disse a todos o Vi-

gario Geral, e ao noviço recolha-se para o seu Convento, e nosso Senhor o faça santo. Ficáramos maravilhados os circumstantes, vendo tanta perseverança em tão poucos annos, e a efficacia, e espirito, com que pronunciava aquellas palavras, com que se ratificava de novo em seu primeiro intento. Professou o noviço a seu tempo, achando-se o pai à sua profissão, já tão mudado do proposito, que tinha de impedillo, que o virão derramar lagrymas de prazer, e contentamento, vendo ao filho professo. Não viveo o Corista muito tempo, porque mudado de Braga para o Bosque de Borba, nelle passou em breve tempo da presente vida, certificando-se em sua vida o que no livro da Sabedoria ^a se escreve: *Consummado em breve, encheo o numero de muitos annos*: apressou-se Deos de o tirar do meio das maldades, pelo muito, que lhe era aceita sua alma. Era sentença de Plató, como refere Clemente Alexandrino, ^b que a quem os deoses amão muito, a esses levão mais depressa desta vida. Amava Deos tanto a alma deste nosso Corista, que a não quiz deixar viver mais tempo em este mundo.

4 Outro caso bem contrario a este succedeo a outro noviço, o qual escrevo, para que

se veja que, se Deos usa de sua misericordia, favorecendo os santos intentos de quem procura servillo, tambem mostra sua justiça algumas vezes, castigando rigorosamente aos que postos já no caminho da terra de promissão, suspirão pelas cebollas do Egypto. Nesta mesma Casa de S. Fructuoso pedio, e recebeo o habito de noviço hum mancebo, com desejo de servir a Deos, e fazer penitencia de suas culpas, de que deo muito boas mostras por todo o anno de noviciado, e esperanças de que aproveitaria muito na virtude. Chegando porém o tempo, em que havia de professar, entrou nelle hum tão grande tentação de se querer tornar ao mundo, sahindo-se da Religião, que por muitas razões, que lhe derão os Frades, doendo-se da sua alma, advertindo-lhe o manifesto perigo, em que a punha, se outra vez a levava a Babylonia: nunca o pudérão persuadir a que ficasse. Derão-lhe seus vestidos, sahio do Convento, encaminhando para a Cidade; e indo sem nenhum achaque, nem enfermidade, mas perfeitamente são, antes de chegar a ella cahio subitamente morto em terra, donde o levárão à sepultura: dando-nos em isto o Senhor a conhecer por experiencia aquella sentença, que disse em o sagrado Euangelho, ^c que o que

^a
Sap. c. 4.
n. 13. & 14.

^b
Clem. 1. 6.

Luc.
62.

lan-

lança mão ao arado, e olha atrás, não he conveniente ao Reino de Deos.

5. Neste mesmo Convento andava huma tarde o Mestre dos noviços exercitando-os na ceirca em o trabalho corporal: reprehendeo a hum delles ou por algum defeito, ou para exercicio da paciencia: prostrou-se o noviço por terra a dizer sua culpa, e ouvir a reprehensão, que o Mestre lhe dava, o qual deixando-o ficar assim prostrado, se divertio daquelle lugar com os mais a outra cousa. Acabado o exercicio manual, em que andavão, se recolherão os noviços, só o reprehendido ficou toda a noite dizendo a culpa por esquecimento do Mestre, que achando-o menos a Matinas, se lembrou então de como o tinha deixado. De manhã cedo foi buscallo, achou-o no mesmo sitio, e fórma, em que ficára no dia de antes: e mostrou Deos agradar-se tanto desta sua paciencia: que supposto naquella noite tinha chovido, nem humma gota de agua cahio sobre elle.

6. Não he menos digno de memoria outro maravilhoso successo, que neste Convento aconteceu, em que o demonio confessou a guerra, que os Religiosos delle lhe fazião. Tem os Religiosos Padres Heremitas de Santo Agostinho na Ci-

dade de Braga hum Collegio chamado do Populo: neste começaram huma noite ^d dous Religiosos delle, Mestres em sagrada Theologia, a praticar em alguns lugares da Divina Escritura, de sorte que passando de pratica a porfia escolastica, debatendo sobre a intelligencia delles, se descuidarão tanto das horas, que chegarão com a disputa à meia noite. Neste tempo começavão em o nosso Convento de S. Fructuoso a tanger o fino a Matinas, com que os dous Religiosos se recolherão: ao entrar hum delles em a cela, sentio em si a mão pezada do demonio, que depois de lhe dar huma pancada nas costas, disse estas palavras: *Mais guerra me fazem aquelles com as suas Matinas, do que vós com as vossas disputas.* Ao estrondo da pancada, e vozes do demonio acudio o outro, que ainda achou o primeiro esmorecido. Do pulpito publicou hum delles este successo, prégando no sobre-dito Convento em dia de nosso Serafico Padre S. Francisco do anno de 1632. achando-se presente o Illustrissimo Prelado da Igreja de Braga D. Rodrigo da Cunha, que depois se informou miudamente delle.

^d
Arquiv. de
Conv. de S. Fructuoso.
Chronic.
Prov. de Portug.
l. 1. c. 52.
part. 1.

CAPITULO XXXIV.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Portalegre : mudança , que nelle houve para o sitio, onde agora está.

1522.

NO tempo, em que era Ministro Provincial o já nomeado Fr. Francisco de Alconchel, pediu a Cidade de Portalegre (então Villa do Bispado da Guarda) uniformemente a nossos Frades, fazendo no caso muitas diligencias; quizessem aceitar hum Convento naquella terra, e que no particular do sitio, escolhessem elles à sua vontade; porque onde quer que finalassem, lho farião. Condescenderão à muita devoção, e bons desejos, que nesta petição mostravão: forão a Portalegre buscar sitio dous Religiosos destinados pelo Provincial para este effeito; e como a experiencia lhes não tinha ainda ensinado os inconvenientes, que tem Casas de Religiosos pobres, que se edificão longe dos povoados, e em lugares doentios, levados só do espirito, que trazião de mais recolhimento, e retiro, querendo fugir à communicacão da gente, o que mais lhe contentou, e escolherão, foi huma boa meia legua de Portalegre, para aquella parte, que se chama a Serra.

2 He o lugar muito humi-

do pela superabundancia das aguas, que nelle se ajuntão, e vizinhança de huma ribeira, que por alli corre: e já isto não fizera tanto mal aos moradores do Convento, se não houvera outro mais prejudicial, e de maior damno; porque além de ser a Casa pelas muitas aguas tão humida, raras vezes a visitava o Sol com seus raios, por haver quem os recebesse primeiro que a ella chegassem. Ficava-lhe fazendo sombra hum outeiro, cuberto de formosos, e altissimos castanheiros, de que toda aquella ferra he fertil, e abundante, e por este respeito, supposto que a Casa era solitaria, devota, e contemplativa, era juntamente tão enferma, que mui poucos Religiosos tinham alli saude. Este sitio deo Gaspar de Sousa, homem fidalgo daquella Cidade, puramente pelo amor de Deos, sem algum interesse de sepultura, ou Padroado. A Capella mór mandou fazer à sua custa João da Silva, Commendador que era de Alpalhão: toda a mais obra se fez de esmolos ordinarias, que os moradores de Portalegre, e lugares vizinhos offerecião: e como a devoção de todos era muita, em pouco tempo se aperfeiçoou a Casa.

3 Poucos annos depois de nossos Frades habitarem neste Convento, succedeo nelle hum caso

caso maravilhoso. Acháráo-se hum dia sem terem alguma coufa para comer, que supposto era grande o cuidado, que a Cidade delles tinha, com tudo, como estavam tão apartados do commercio da gente, além de ser aquelle anno de muita esterilidade, virão-se em necessidade aquelle dia. Erão já horas de Refeitório, quando ouvirão tocar à campainha da portaria, onde acudindo o Porteiro, achou hum mancebo com humá formosa canastra de pão, ainda quente, dizendo, que humá irmã de Alegrete (Villa dahi duas leguas e meia) mandava aquella esmola, sabendo a necessidade, em que os Frades estavam. Destas ultimas palavras do mancebo presumio logo o Porteiro ser aquelle provimento mandado do Ceo, pois só neste se podia saber a necessidade, que elles padecião no seu Convento, presumpção, em que se confirmou, achando que vinha o pão ainda quente, dizendo o mensageiro que o trazia de humá Villa, que ficava duas leguas e meia distante. Recolheu a esmola, e tornando à porta para fallar, e despedir o mancebo, além de o não achar onde o deixára, não houve quem desse noticia de que o visse por todo aquelle caminho: como tambem se não soube quem do dito lugar de Alegrete mandasse aquel-

la esmola, supposto que a este fim se fizeram muitas diligencias, por onde se teve por certo, que a Sacratissima Virgem Senhora nossa, verdadeira irmã dos servos de Deos, que por amor de seu Filho deixáráo todas as cousas, de Alegrete, isto he, do Ceo, onde só se achão verdadeiras alegrias, proveo a estes em sua necessidade por ministério dos Anjos.

4 Quarenta e oito annos viverão nossos Frades neste Convento: neste largo tempo lhes foi a experiencia mostrando claramente o quanto custa a Frades pobres viverem muito longe de povoado, e em lugares contrarios à saude; porque nem o Medico quer fazer as visitas necessarias aos enfermos, nem o Barbeiro sangrallos a seu tempo, de que muitas vezes resulta perigo. Estes, e outros muitos inconvenientes se propuzerão em hum Capitulo Provincial, celebrado em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa no anno de 1569. onde sahio por Ministro Fr. Maseu de Elvas, e com parecer de todos os Vo-gaes foi determinado que a Casa de Portalegre se mudasse para mais perto da Cidade. Esta determinação teve effeito no anno seguinte, em que se deo principio à Casa nova para aquella parte, onde a outra estava, porém muito mais perto à

vista da Cidade , na meia ladeira de huma alta , e fragosa ferra , que pela boa vista , que dalli se descobre , fica mui aprazivel o sitio. Daqui, como de lugar mais levantado , fica a Cidade apparecendo toda tão alegre , como o proprio nome inculca , e este nosso Convento muito mais , por ficar mais alto , e com melhor vista.

5 Está assentado em hum plano , que aquella ferra faz , pequeno , porém bastante para horta , e pomar copioso de frutas , especialmente de espinho , de que alli ha muita , e diversa abundancia. Dahi para o alto da ferra sóbe a cerca larga , e espaçosa , deixando dentro hum bosque , que se compõe de diferentes arvores , e no meio delles ficão duas Hermidas tão solitarias , que verdadeiramente estão convidando a contemplação , e infundindo espirito ; nelles fazem ventagem aquellas dos antigos hermitães. Tem esta cerca duas perennes fontes , huma , que chamamos da Magdalena , por huma Imagem de vulto desta Santa , que sobre ella está em hum nicho : outra de Santo Antonio pelo mesmo respeito. As aguas da primeira se ajuntão em hum cano com outras , que de fóra da cerca vem , e cahindo em hum formoso tanque , dahi se repartem para regar a horta , e para algumas

officinas do Convento. As da segunda destilla em lagrymas huma pequena penha ; e supposto na quantidade são menos , na qualidade são melhores. He esta fonte muito mais aprazivel que a outra , não só porque está cuberta por hum grande espaço de artificiosas , e tão espessas laçadas de murta , que impedem ao Sol os raios , mas tambem por se fazer caminho para ella por huma plana rua ornada de curiosas figuras da mesma materia , recompensando assim o defeito de ser mais escassa que a outra , com o que tem de mais agradável , e aprazivel.

6 O sitio para o Convento , e toda a cerca comprou D. André de Noronha Bispo daquela Cidade ; e não contente só com dar o sitio , além das esmolas ordinarias , que dava para a obra , fez toda a Capella mór à sua custa , sem querer para si titulo , ou direito algum de Padroado , e deo nisso hum afinado , que se guarda no Arquivo do mesmo Convento , querendo com isto atalhar que nenhum de seus parentes pudesse allegar direito algum de Padroado , ou sepultura. Só pedia aos Frades quizessem dar lugar na Capella a seu corpo : e assim foi ; porque sendo o dito Bispo por ElRei D. Philippe , segundo de Castella , e primeiro de Por-

Portugal, promovido ao Bispa-
do de Placencia naquelle Rei-
no, de là foi trazido seu corpo
a Portalegre, onde na Capella
mór desta Casa lhe derão jazi-
go. Todas as mais obras do
Convento se fizeram das esmo-
las, que a gente da terra dava,
com as quaes se acabou a Ca-
sa em breve tempo com titulo,
e invocação de Santo Antonio,
tão perfeita, que parece hum
ramallete entre todas as da Pro-
vincia. Foi esta escolhida para
criação de noviços, assim por
ser mui recolhida, e accommo-
dada para elles, como tambem
pelas cousas necessarias, que nel-
la ha para passar a vida, pela
muita devoção da gente.

7 Na Casa antiga se con-
serva hoje a Igreja na mesma
fórma; he Freguezia, e das
melhores daquelle termo, com
titulo de nossa Senhora da Es-
perança. Nas officinas, já qua-
si todas arruinadas, se está ven-
do, como este Convento foi
mui Capucho, com que ainda
hoje nos faz não poucas fauda-
des. No moderno estão enter-
rados, além de outros dous Re-
ligiosos, que deixarão fama de
santidade, e de mui grandes
contemplativos. Hum delles se
chamava Fr. Thomé, natural
da mesma Cidade de Portale-
gre, de quem ao diante falla-
remos: outro Fr. Pedro de Sou-
to, a quem o Senhor, além da

graça de continua contempla-
ção, deo tambem a de lagry-
mas, em tanta abundancia, que
a quantos o vião deixava gran-
demente compungidos. Sendo
nesta Casa Guardião Fr. Anto-
nio de Lamego, se abriu huma
sepultura para nella enterrarem
hum Religioso, e achou-se den-
tro o corpo de outro inteiro,
vestido em seu habito, sem que
lhe faltasse alguma cousa delle:
mandou o Guardião que o tor-
nassem a cubrir de terra, e sem
averiguarem se por ventura era
algun dos Religiosos referidos,
o tornárão a sepultar, como es-
tava de antes.

8 He digno de memoria o
que pelos annos de 1640. suc-
cedeo huma noite neste segun-
do Convento, que agora habi-
tamos, sendo nellé Guardião Fr.
Luiz de Villa-Viçosa, chama-
do o Guerra, Religioso mui
devoto, espirital, e contem-
plativo. Estava elle com os seus
subditos no Coro em o quarto
de oração, que se costuma ter
depois de Matinas, no meio-
delle mandou aos Religiosos
que se fossem recolher para as
cellas, e que não ficasse nenhum
em o Coro, sem que lhes déf-
se a entender a causa, que ti-
nha para aquella novidade. Sa-
hirão todos, como lhes manda-
ra, e para o devoto Prelado sa-
ber se tinha ficado algum, ac-
cendeo hum rolo, entrou no

Coro ; mas como achasse que todos se tinham recolhido , fez elle tambem o mesmo. Apenas tinha entrado na cella , quando pelo buraco da corda do sino cahio no Coro hum raio , que a achar os Religiosos ainda nelle , fizera não pequeno estrago. Conhecêrão então o fim , por que os mandára recolher ante tempo , e que na oração lhe revelára Deos aquelle perigo , de que por seu meio os livrara , ficando com isto mais confirmados na opinião , que tinham de sua virtude.

CAPITULO XXXV.

Eleição do terceiro Ministro Provincial.

1522 I **C**oncluido louvavelmente o triennio do Provincialato de Fr. Francisco de Alconchel , convocou para eleição do novo Ministro , e sahio eleito Fr. Bartholomeu de Albuquerque , Prégador , de nação Castelhana , em o anno de 1522. já no fim d'elle. Quão digno , e merecedor fosse deste officio , se póde bem colligir , em que havendo tão grandes Religiosos , como naquelle seu primitivo tempo tinha a Provincia , nelle votárão uniformemente os Vogaes todos. Presidio no Capitulo o Padre Commissario Geral Fr. Francisco dos

Fr. Bartholomeu de Albuquerque , Provincial 3.

Anjos , para cujo effeito o dilatou alguns dias. Achava-se occupado com o da Provincia de São Gabriel em dezoito de Outubro do mesmo anno ; por que supposto tinham já os Padres desta Provincia feito Capitulo a quatorze de Agosto , deo o Reverendissimo por nulas todas as eleições , pelo novo modo de eleger , que tiverão.

2 Foi o caso , a que hum Fr. Antonio do Rincon, da Provincia de Sant-Iago , imprimio , e divulgou hum Tratado , onde inventou hum modo de eleger por sortes ; e pode tanto em sua Provincia , que em hum Capitulo , que celebrou , se fizerão todas as eleições como elle no seu Tratado ensinava. Poucos mezes depois vindo presidir por commissão do sobredito Padre Commissario Geral no de S. Gabriel , introduzio o mesmo modo de eleger por sortes ; de que tendo noticia o Commissario Geral por queixa , que já alguns Padres da Provincia de Sant-Iago lhe tinham feito , deo por nulos os dous Capitulos , convocando novamente a outros , em que se elegesse conforme dispõe o Direito. Para presidir primeiro no de S. Gabriel dilatou o nosso , como temos dito ; com que além de seu triennio durou Fr. Francisco de Alconchel alguns mezes mais em seu officio.

Chron. Prov. d. S. Gabriel liv. 2. c. 1.

3 No seguinte anno da eleição de Fr. Bartholomeu de Albuquerque se celebrou Capitulo Geral pela Festa de Pentecostes na Cidade de Burgos, em que sahio eleito em Ministro Geral o já nomeado Fr. Francisco dos Anjos, que acabava de ser Commiffario Geral desta Familia Cismontana. Assistio neste Capitulo o nosso Provincial, onde com o Reverendissimo tratou algumas duvidas, que havia entre a nossa Provincia, e a de Portugal ácerca dos peditorios, edificação de Conventos, e transmigração dos Frades de huma Provincia para a outra. Por huma Patente sua, ^b que mandou ler em todos os Conventos de cada huma das duas Provincias, proveo o Padre Geral no que se havia de fazer. Mandou primeiramente, que nenhum Provincial recebesse Frade algum da outra Provincia, salvo se do seu Provincial, e Discretos trouxesse licença em escrito. Isto ordenou por queixa do Provincial da Provincia de Portugal pelos muitos Religiosos, que se passavão da sua para a nossa Provincia da Piedade, como de alguns, que se finalárão em virtude, escreveremos a seu tempo. Depois teve o mesmo pleito aquella Provincia com a de S. José em Castella, sobre o que impetrou hum Breve do Papa Paulo III. ex-

pedido no anno de 1548. em que o Pontifice prohibia semelhantes mudanças. Quanto ao edificar Conventos de novo, dispoz, que nenhuma das duas Provincias edificasse por termo de cinco leguas, onde a outra tivesse Convento. Os peditorios deixou livres; mandando porém, que antes de os fazerem pedissem primeiro licença ao Prelado daquelle districto.

4 Expedido o nosso Provincial daquelle Capitulo, se recolheu à sua Provincia, entendendo no bom governo della. Nelle se mostrou grande zelador da santa pobreza, e Varão verdadeiramente cheio de caridade. Celebrou sua Congregação na terceira Dominga de Julho, dia oitavo de S. Boaventura, do anno de 1524. no Convento de N. Padre S. Francisco da Cidade de Elvas, em que presidio o sobredito Padre Geral, como em todas as mais de Hespanha, por cuja causa antepoz humas, e pospoz outras. Confirmou as Ordenações, que tinhamos, accrescentando algumas cousas de novo, no Prologo das quaes mostra bem quão afeiçoado era a esta nossa Provincia da Piedade; que como era tão amigo da reforma, que em todas as Provincias da Ordem instituiu Casas Recoletas, vendo a esta tão radicada na pobreza, (como elle mes-

mesmo diz no sobredito Prologo) a estimava muito. Deputou Conventos para a creação dos Noviços, que naquelle tempo se recebião indifferentemente em todas as Casas, conforme aos Provinciaes parecia. Novamente dispoz se guardasse o que na sua Patente tinha mandado àcerca da edificação dos Conventos, e que nenhum se edificasse de novo, sem que houvesse para cada hum delles ao menos oito Frades, exceptuando quatro Casas, em que limitou mais o numero, concedendo a duas dellas seis, e às outras duas quatro. Quaes ellas fossem não ha memoria, donde nos conste. As Ordenações, que neste Capitulo intermedio nos deixou, abraçou tanto a Provincia, que são as por onde ainda hoje se governa.

CAPITULO XXXVI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Aveiro.

1524 I **E**M o Bispado de Coimbra fica a mui nobre Villa de Aveiro, cabeça dos Estados dos Duques da Illustre Casa, a quem dá o nome. Nesta em pouca distancia da Villa para a parte do Meio dia temos hum Convento dedicado ao nosso Portuguez Santo Antonio. Aceitou-o a Provincia no anno

de 1524. sendo Provincial della Fr. Bartholomeu de Albuquerque. Derão liberalmente o assento para a Casa, e cerca hum nobre varão chamado João Nunes, que então era Juiz da terra, e sua mulher Isabel da Costa. As obras todas se fizerão de esmolas, que deo o povo, e brevemente se acabarão. Depois em o anno do Senhor 1564. sendo Ministro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, foi o Convento reedificado pela maior parte. A Capella Mór tomou à sua conta o Senhor de Angeija (Villa distante duas leguas de Aveiro) da geração dos Monizes, descendentes de Egas Moniz, bem celebrado na Chronica del Rei D. Affonso Henriques. Desta ficou sendo Padroeiro, e nella foi sepultado. O mais da reedificação fez o povo. Mais ao diante no anno de 1580. Paulo Pinheiro, homem principal naquella Villa, deo hum pedaço de terra, que se accrescentou à cerca, pela necessidade, que della tinha. Ultimamente ameaçando a Igreja ruina, se fez de novo no anno de 1653. sendo Provincial Fr. Paulo de Évora.

2 A cerca, ainda que pequena, he mui copada de arvoredo, e por isso mui accommodada para a contemplação. Corre por ella huma ribeira, que a fertiliza, a qual à vista do Con-

Convento desagoa por entre salinas no Oceano, em cuja agradável, e prateada corrente tem seus moradores bastante materia para engrandecer ao Creador. Deputou-se esta Casa para educação dos Noviços, por ser mui accommodada para este effeito pelo retiro, e solidão, e bem provida de tudo o necessario, sem que custe muitas diligencias o procurallo, porque a grande devoção do povo não dá lugar a estas: particularmente mostrou esta no anno de 1580. Era bem calamitosa para Portugal, por ser a do fim da vida del Rei D. Henrique, donde nascêrão as alterações, que houve neste Reino; porque sendo neste anno a Villa duas vezes saqueada, e opprimida de huma tão cruel peste, que quasi todos seus moradores a deixáráo, espalhando-se por diversas partes da Comarca, não se lembrando neste aperto nem ainda os filhos dos pays, como nem tambem estes dos filhos, se não esquecia a gente de Aveiro, assim desterrada, dos Religiosos, que no Convento ficavão. Seis mezes estiverão sem que sahisses a procurar esmola, porque estava a Villa despovoada; mas em nenhum tempo se vírão em alguma necessidade notavel, porque era tal a lembrança, que a gente delles tinha, que

de là, donde vivia miseravelmente espalhada, liberalmente os provia.

3 Entre mui grandes devotos, que nesta Villa tivemos, foi mais particular Henrique de Sousa, Conde de Miranda, cuja Casa se vê hoje accrescentada com o Marquezado de Arronches. Este depois que veio de Castella, para onde foi chamado por El Rei Filippe para o Conselho de Estado, em que mostrou o particular, e grande talento, que Deos lhe dera para o governo, tornando-se a recolher para esta Villa de Aveiro, mostrou tanta devoção a esta Provincia, quanta se não pôde encarecer facilmente. De mais das continuas esmolas, que fazia, procurava saber dos Religiosos, que desta Provincia falecião, e por cada hum delles mandava dizer sinco Missas, obrigação, que tem aquelles Senhores, a quem damos carta de Confraternidade. Não tinha esta o Conde, nem ousava a pedilla pela difficuldade, com que se concedia naquelle tempo; porém mandava dizer as sinco Missas, procurando alcançalla por este caminho. Não se enganou em seu pensamento, porque no anno do Senhor de 1623. sendo Ministro Provincial Fr. André de S. Pedro do Sul, em huma Congregação, que celebrou em Villa-Viçosa o pri-

o primeiro dia de Janeiro, lhe passou carta de Confraternidade. Esta lhe remetteo por hum Definidor, que hia morador para Aveiro: e quanta estimação fizesse della o sobredito Conde, consta de hum carta sua para o mesmo Ministro, que porei aqui, onde tambem se verá a muita devoção, que tinha à Provincia.

4 „ O Padre Definidor „ Fr. Antonio de Pinhel me „ trouxe a carta de Vossa Pa- „ ternidade, que me achou a- „ inda na cama obrigado da im- „ portuna gota; e posto que „ quebrantado, e fraco, as boas „ novas, que me deo de Vossa „ Paternidade, e a mercê, que „ me fazia na sua carta, e a „ Patente da Irmandade me de- „ rão novas forças, e animo „ para por tudo louvar a Deos, „ e lhe dar muitas graças. E „ posto que nesta idade tenho „ servido a cinco Reis deste „ Reino, com o que hoje nos „ governa, e hum tempo a sin- „ co Governadores, que succe- „ dêrão a ElRei D. Henrique „ (em cujo serviço fiz tudo o „ que pude) todos elles juntos „ me não fizeram mercê, que „ eu tanto estimasse, como a „ que Vossa Paternidade, e a „ Santa Provincia me fizeram „ da Carta de Irmandade, que „ o Padre Definidor queria que „ eu tivesse muito em segredo:

„ mas logo o convenci nesta sua „ opinião, com lhe dizer que „ meu coração andava arreben- „ tando por dar esta tão boa „ nova minha ao genero huma- „ no. E ainda a fez de maior „ alegria, conhecer eu quanto „ incapaz sou della, e nunca „ prestei para servir à Santa „ Provincia da Piedade, nem „ ao menor Irmão della, como „ conheço era razão se faça, e „ eu particularmente devo Pe- „ lo que Vossa Paternidade nes- „ ta mercê, e graça, que me fez, „ foi hum tanto prodigo, e „ lho lembro, para que faça al- „ guma restituição à Provincia, „ no melhor modo, que possa „ ser. O nosso Santo Fr. Chris- „ tovão de Vousela se foi des- „ cançar ao Ceo dos trabalhos, „ que teve, e dos que pas- „ sava no Convento de Azurara „ com sua muita idade, e pou- „ ca faude. E posto que creio „ bem, e verdadeiramente que „ está gozando de Deos nosso „ Senhor, confesso a Vossa Pa- „ ternidade que me enterne- „ ceo, e faz saudades a sua au- „ sencia, que tambem ajudou „ a do nosso Padre Fr. Diogo „ de Braga, que fez o mesmo „ caminho. Estes dous servos „ de nosso Senhor estarão pe- „ dindo a saude, e vida de V. „ P. que guarde Deos muitos „ annos. Grande inveja tenho „ ao Padre Fr. Manoel de Bra-

„ ga,

„ ga, portador desta carta, por-
 „ que aos pés de V. P. irá to-
 „ mar a benção : queira Deos
 „ que o possa eu fazer , quan-
 „ do V. P. vier por estes Con-
 „ ventos consolallos , como ver-
 „ dadeiro pai nosso , e de to-
 „ dos. Aveiro 17. de Fevereiro
 „ ro de 1628.

„ Henrique de Sousa.

5. A grande devoção, que
 nos teve sempre o fobredito
 Conde, nos mereceo bem esta
 memoria. Vivem ordinariamen-
 te neste Convento dezefete até
 dezoito Religiosos, que agra-
 decidos à devoção, que o povo
 lhes tem, o servirão todas as
 vezes, que lidarão com o mal
 de peste, até perderem alguns
 delles a vida neste piedoso, e
 caritativo ministerio, como ve-
 remos ao diante na que houve
 no anno de 1599. Waddingo ^a
 em os seus Annaes diz, que e-
 dificarão os de Aveiro este Con-
 vento a Santo Antonio, para
 por meio de sua intercessão se
 verem livres de huma cruel pes-
 te, que os affligia: o mesmo es-
 creve Gonzaga ^b na sua Chro-
 nica geral: mas que fosse esta
 a occasião de se edificar o Con-
 vento não consta dos nossos Me-
 moriaes.

CAPITULO XXXVII

*Eleição de Fr. João de Albu-
 querque, quarto Ministro
 Provincial.*

HAvendo Frei Bar- 1526.
 tholomeu de Al-
 buquerque exercitado seu offi-
 cio com satisfação universal da
 Provincia dous mezes, pouco
 mais, além de seu triennio, que
 tanto vai do fim do anno de
 1522. em que sahio eleito, a-
 tè o principio de 1526. em que
 acabou, se congregarão capi-
 tularmente os Vogaes da Pro-
 vincia pelo mez de Janeiro: não
 temos porém noticia em que
 Convento della. Elegêrão con-
 cordemente todos a Fr. João de ^{Fr. João de}
 Albuquerque, Prégador, Reli- ^{Albuquer-}
 gioso de tanta prudencia, e vir- ^{que Pro-}
 tude, que depois de haver go- ^{vincial 4.}
 vernado esta Provincia alguns
 annos, sendo nella duas vezes
 Ministro Provincial, o Duque
 D. Jaime o tomou por seu Con-
 fessor: e pelas boas partès, que
 nelle achou de letras, e santi-
 dade, o deo a ElRei D. João
 III. de Portugal, para que no
 mesmo officio o servisse. ElRei
 o estimou notavelmente; e a-
 chando nelle as prendas, que
 convinhão para hum bom Pre-
 lado, qual o havia de mister a
 India no principio de seu descu-
 brimento, depois de se haver
 servido delle alguns annos, o

proveo no Bispado de Goa , e foi o primeiro Bispo , que tomou posse desta dignidade por morte de D. Fr. Fernando Vaqueiro , Religioso tambem desta Provincia , que com titulo de administrador havia governado aquelle Bispado alguns annos : como de hum , e outro escreveremos em seu lugar mais diffusamente.

2 No Capitulo , em que sahio eleito o dito Frei João de Albuquerque , presidio o Padre Fr. Francisco de la Hinojosa , Padre da Provincia dos Anjos ; porque partindo-se o Geral Fr. Francisco dos Anjos para Italia visitar aquella Familia Ultramontana , nomeou ^a ao dito Padre por seu Commissario Geral sobre todas as Provincias de Hespanha. Depois de sua eleição não teve o nosso Provincial tempo para mais , que por se logo a caminho , por se achar em huma Congregação geral , que havia de celebrar o Reverendissimo com authoridade Apostolica no Convento de nossa Senhora dos Anjos em Assis pela festa de Pentecostes do mesmo anno de 1526. para cujo effeito tinha o anno antecedente convocado os Vogaes de huma , e outra Familia : nesta se achou o sobredito Provincial Frei João de Albuquerque.

3 Atrás deixamos escrito ,

^b como em huma Congregação , ^{Supra} que se celebrou em o Convento de nosso Padre S. Francisco da Cidade de Elvas , dia oitavo de S. Boaventura , dispuzera o Padre Geral Fr. Francisco dos Anjos , que se não edificasse Convento de novo , sem que para o habitarem houvesse ao menos oito Frades ; o mesmo tinha já antes mandado por Patente sua. Levantou-se depois disto huma duvida entre nossos Frades àcerca da intelligencia deste mandamento , a saber , se havião de ser todos professos , ou se poderião entrar os noviços em o dito numero. Expedida aquella Congregação geral de Assis , fez o nosso Provincial presente ao Reverendissimo o escrupulo , e duvida , que entre os seus Frades se tinha levantado , a que elle respondeu por huma Patente sua nesta fórma.

4 „ A todos , e a quaesquer Padres , e Frades da Ordem dos Menores da Regular Observancia da Piedade do Reino de Portugal , saudé , e paternal benção. Chegou à minha presença a duvida , que entre vós se levantou , àcerca do que tenho mandado , que não recebais Casa , salvo tiverdes oito Frades nella. Duvidais agora se em o numero destes oito hão de entrar os noviços. Que-
ren-

^a
Wadding.
tom. 8. 2d
ann. 1525.
num. 10.

„ rendo eu pois com affecto de
 „ pai apartar de vossos cora-
 „ ções toda a dúvida , inter-
 „ pretando meu preceito mais
 „ commodamente , declaro , e
 „ quero , que os noviços pos-
 „ são entrar no dito numero ,
 „ de tal maneira , que delles ,
 „ e dos professos se faça o nu-
 „ mero de oito , como tenho
 „ dito. Em cujo testemunho dei
 „ as presentes letras subscriptas
 „ por minha propria mão , e
 „ selladas com o sello maior de
 „ meu officio. Dada em o nos-
 „ so lugar do Sagrado Monte
 „ Alverne o ultimo dia do mez
 „ de Maio de 1526. „

5 Com esta Patente , e de-
 claração , que da Congregação
 trouxe o nosso Provincial , ficá-
 rão socegados os escrupulos ,
 que se tinham levantado neste
 ponto ; e por se achar com bas-
 tantes Frades , entendeo na edi-
 ficação de hum Convento , que
 já de antes se tinha recebido ,
 e de outro , que depois disto
 aceitou.

CAPITULO XXXVIII.

*Memoria do Convento de N. Se-
 nhora do Seixo junto ao
 Fundão.*

1 **O** Primeiro Conven-
 to , que tivemos na
 Provincia da Beira , he o de
 N. Senhora do Seixo , cuja an-

tiga dedicação foi a sua Nati-
 vidade , e depois se lhe mudou
 em a da Assumpção , que ago-
 ra tem. Está situado entre o
 Lugar do Fundão , e a Aldea
 de Joanne . termo da Villa de
 Covilhã , distante quasi trez le-
 guas da Serra da Estrella no
 Bispado da Guarda. Fazia ce-
 lebre a este Lugar huma Her-
 mida pequena , e antiquissima ,
 chamada N. Senhora do Seixo ,
 que foi alli fundada (diz a com-
 mum tradição) por apparecer
 naquelle sitio entre huns seixos
 brancos huma Imagem da Se-
 nhora , que por este respeito se
 chamava do Seixo , nome , que
 ainda hoje conserva a dita Ima-
 gem . e o dá a todo o Conven-
 to. Por ser a Imagem mui de-
 vota , e pelos muitos milagres ,
 que alli obrava , de diversas , e
 remotas partes acudia em ro-
 magem tão grande concurso de
 gente , que mui poucas vezes
 se achava sem ella a Hermida.
 Estiverão sempre alli Hermi-
 tães , providos naquelle lugar
 (tão celebre era) por Provisão
 dos Reis , como se collige de
 huma Carta de ElRei D João
 III. que logo referirei , até que
 nossos Religiosos fundarão o
 Convento.

2 A occasião , que para isso
 houve , foi , que Diogo da Sil-
 va , Desembargador do Paço ,
 e depois Frade da nossa Provin-
 cia , donde o tirou para seu Con-
 fess-

fessor o sobredito Rei D. João III. e pouco depois o promoveo ao Bispado de Ceuta, Inquisidor Geral, e ultimamente ao Arcebispado de Braga, como era natural desta terra, desejando que huma Hermida tão celebre fosse melhor assistida, e a devota Imagem mais venerada, alcançou do mesmo Rei, sendo ainda seu Desembargador, huma Provisão, para que os nossos Religiosos pudessem edificar alli Convento. Desta forte se ha de entender o Illust^aissimo Gonzaga ^a com os nossos Memoriaes, que lhe participarão a noticia, isto he, que solicitasse Diogo da Silva a edificação do Convento de Seixo ainda quando Desembargador, e não já depois de Religioso, e Arcebispo de Braga, como elles dizem. Isto se vê claramente em que sendo Diogo da Silva Desembargador de ElRei D. João, como diz o mesmo Gonzaga, sendo o dito Rei jurado ^b por tal em dezenove de Dezembro de 1521. e passando a Provisão (que logo porei) para podermos edificar o Convento a vinte e trez de Outubro do seguinte anno, não podia haver em Diogo da Silva tanta mudança de estados, que em tão pouco tempo, como são dez mezes, poucos dias mais, fosse Desembargador, Religioso na Provincia, Confessor de

^a
Gonzag. in
P. Pictat.
Conv. 15.

^b
Andrada,
Chron. de
ElRei D.
João III.
1. p. cap. 9.

ElRei, Bispo de Ceuta, e Arcebispo de Braga; podia, quando muito, ser noviço. E querendo entender esta intervenção, e diligencia de Diogo da Silva não da licença para a fundação do Convento, senão das obras d'elle, que se começarão no anno de 1526. tem a mesma contradição, porque ainda neste anno não era Arcebispo de Braga, o que já rastejou Wad^odingo, e duvidando do que Gonzaga escreveo nesta materia. A Provisão do sobredito Rei para edificarmos era huma carta para o Juiz de Fóra da Covilhã do teor seguinte. ^d

3. „ Nós ElRei fazemos
„ saber a vós Juiz de Fóra por
„ Nós com alçada na nossa Vil-
„ la da Covilhã, que a Nós
„ praz, pelo assim sentirmos
„ por serviço de Deos, e nos-
„ so, que entregueis aos Fra-
„ des, que vos trouxerem cer-
„ to recado do Ministro da Pro-
„ vincia da Piedade, huma
„ Hermida, que se chama San-
„ ta Maria do Seixo, que está
„ na Aldea de Joanne, termo
„ dessa Villa, com todas as cou-
„ sas, que a ella pertencem,
„ e são da dita Hermida, pa-
„ ra a elles acudirem com tudo
„ aquillo, que a dita Hermida
„ tem, para os ditos Frades
„ nella estarem. E se alguma
„ pessoa por nossa Provisão nel-
„ la está, a despedireis, por
„ quan-

Wad^o
ad an.
tom. 8
num. 4

Hab^o
Conv^o
Pictat

„ quanto havemos por mais fer-
 „ viço de Deos, e nosso esta-
 „ rem nella os ditos Frades, e
 „ não leigos, que queremos que
 „ della saião, sem mais nella
 „ estarem. Mandamos-vos que
 „ assim o cumprais. Feita em
 „ Lisboa a vinte e trez de Ou-
 „ tubro. Antonio Paes a fez.
 „ anno 1522.

„ R E I.

4 Supposto que esta licen-
 ça foi passada no anno de 1522.
 não se deo principio à obra do
 Convento senão no de 1526.
 sendo Ministro Provincial Fr.
 João de Albuquerque. A cau-
 sa de tanta dilação depois da
 licença não consta de nossos
 Memoriaes: o que eu nesta ma-
 teria presumo he, que como
 pouco antes de passada a licen-
 ça ordenou o Padre Geral Fr.
 Francisco dos Anjos no Capi-
 tulo celebrado em Elvas no dia
 oitavo de S. Boaventura, co-
 mo fica dito, que não aceita-
 femos Convento, sem que para
 elle tivessemos ao menos oito
 Frades, talvez por falta deste
 numero se não déssse principio
 àquella Casa. Confirma-nos
 neste parecer a dúvida, cuja
 decisão trouxe o nosso Provin-
 cial da Congregação Geral de
 Afsis, a saber, se havião de en-
 trar no dito numero os noviços:
 donde parece, que para as Ca-
 sas, que tinham recebido, não
 erão muitos os professos. Nem

ajuda pouco esta nossa conje-
 ctura dar Fr. João de Albuquer-
 que principio ao Convento no
 anno de 1526. pouco depois que
 trouxe a declaração de que tam-
 bem os noviços se comprehen-
 dião debaixo do numero, que
 o Padre Geral tinha finalado.
 Como quer que fosse, deo-se
 principio à fundação deste Con-
 vento do Seixo no mesmo lu-
 gar, onde estava a Hermida,
 quasi no fim do sobredito anno.

5 Para as obras deo huma
 grande esmola o mesmo Rei,
 que passou a licença, e o Sere-
 nissimo Principe D. Jaime fez
 outra não menor. Com estas,
 e com outras mais, que a gen-
 te daquellas Aldeas fazia, se
 acabárão as obras do Conven-
 to, que não devião durar mui-
 to, por ser a Casa mui peque-
 na, toda de pedra, e barro, e
 como as cousas, que de pressa
 sobem, também de pressa bai-
 xão, em pouco tempo se veio
 a damnificar de maneira, que
 foi necessario renovalla. Para
 isto, servindo-se os Frades dos
 mesmos materiaes, ajuntando
 outros de novo, sendo Minis-
 tro Provincial Fr. Miguel de
 Estremoz no anno de 1577.
 mudárão a Casa para outro af-
 sento alli perto mais accommo-
 dado, aproveitando-se da cer-
 ca antiga. Fez a Capella Mi-
 guel Antunes da Costa, e sua
 mulher Dona Maria, pessoas
 mui

mui principaes naquellas terras. Todas as mais obras se fizeram com esmolas, que a gente daquella Comarca offerecia.

6 Ficou o novo Convento em hum cabeço alto, que fica ao pé de huma serra: he sitio salubre, e mui alegre, pelos espaçofos campos, que dalli descobre, povoada muita parte delles de pomares, e foutos, de que aquella Região he fertil, e abundante, cuja fresquissima verdura faz em o Verão huma tão agradavel vista, que está representando outro Paraíso na terra. Muito de tudo isto ha na nossa cerca; porque depois do campo, que fica descoberto para a horta, tudo o mais está povoado de diverso, e frutifero arvoredo. Junto da Hermida, onde está o Seixo, sobre que a Senhora appareceo, nasce huma fonte, que por canos de pedra vem por dentro da cerca até a Casa nova, onde antes de entrar se reparte para hum formoso tanque, de que se rega a horta. A outra parte da agua vai fazendo seu curso até sahir no claustro em huma fonte de pedra, que está no meio, que lhe não serve pouco de ornato. No lugar, onde estava a antiga Hermida, deixarão nossos Frades outra novamente feita, quando mudarão o Convento, ficando alli por memoria a mesma Imagem da

Senhora sobre a pedra, onde, segundo tradição, havia apparecido. Depois se ampliou mais esta Hermida no anno de 1667. sendo Provincial o Irmão Frei Alexandre de Portel, e Guardião da Casa Fr. Bernardino da Pisqueira: a parede da cerca serve de huma parte de parede à Hermida, onde tem duas grades, por onde os passageiros, e os mais, que a isso vem, posão ver, e fazer oração à Senhora.

C A P I T U L O XXXIX.

De alguns milagres, que a Senhora obrou nesta sua Casa do Seixo.

1 **S**endo morador neste Convento do Seixo hum Fr. Sebastião das Alcacevas, Prégador, Religioso devoto, e espirital, aconteceu que huma mulher casada, que desde menina vivêra amancebada com hum seu irmão, sem nunca confessar aquelle peccado, induzida do demonio, que lho fizera commetter, veio a desesperar de todo de sua salvação, e a estar obstinada em sua culpa. Tanto poder sobre si deo ao inimigo, que entrou nella; e a que antes encubria sua culpa na confissão, já publicamente diante de todos a confessava. Descubria tambem se-

fegredos, e culpas não sabidas de outras pessoas, pelo que ninguém ousava apparecer diante della. Só o dito Prégador, compadecido de tanta miseria, a visitava muitas vezes, admoestando-a que se quizesse arrepender, e confessar sacramentalmente com dor, e contrição, o que sem proveito confessava em publico; porque não havia peccado tão grande no mundo, ou numero delles tão infinito, que o Senhor não pudesse perdoar, a quem verdadeiramente se confessava arrependido. Nunca pode acabar com ella que se confessasse; todas as razões são perdidas, porque respondia, que já não havia que tratar de seu remedio, porque era demonio, e andava em companhia de outros demonios, como ella condenada. No meio desta tão grande enfermidade da alma sobreveio-lhe outra do corpo, porque pelo muito trabalho, e afflicção, com que lidava, veio a cahir gravemente enferma. Chegou a estado tão miseravel, que a desamparavão todos, e fugião della assombrados do que lhe ouvião dizer por sua boca.

2 Continuava o devoto Religioso mais a miudo as visitas depois que a vio doente, doendo-se do perigo, em que estava, de morrer com a final impenitencia; mas cada vez a experimentava mais obstinada,

e endurecida. Vendo finalmente que são sem fruto suas diligencias, recorre a outra tanto mais efficaz, quanto a experiencia mostrou ao depois. Veio o dia da festa da Assumpção da Senhora, que he o Orago daquella Casa, prégando o dito Fr. Sebastião, presente grande auditorio dos lugares vizinhos, no discurso do Sermão tratou do caso daquella mulher, que era notorio a todos os presentes, persuadindo ao auditorio, que com muita devoção, e efficacia pedissem à Senhora livrasse aquella miseravel mulher de tão grande mal, e manifesto perigo, em que estava de sua salvação. Fizerão estas palavras notavel abalo nos ouvintes, que como assentavão sobre o que tinham visto com os olhos, moverão tanto a devoção, que se ouviu hum extraordinario pranto na Igreja: pedião todos com repetidas lagrymas à Senhora remedio para aquella mulher obstinada. Estranho caso! rara maravilha! No mesmo ponto, em que isto se fazia na Igreja, deixou o demonio a mulher lá onde estava, e logo mandou chamar ao dito Prégador, o qual a achou já mui contrita, e arrependida, pedindo com muitas lagrymas a ouvisse de confissão. Depois de se confessar esta primeira vez, succedeo dahi a poucos dias publicar-se na terra hum

Jubileo , que vinha de Roma , para o qual se tornou outra vez a confessar , e com as mesmas mostras de sentimento pedio perdão a todos os que tinha offendido : fez restituição da honra , que tinha tirado a muitas pessoas , dizendo , que o demonio diffiera por sua boca aquellas falsidades , e infamias , de que ella não sabia cousa alguma. Finalmente acabada a semana do Jubileo , e feitas todas as cousas necessarias para ganhullo , recebido o Sacramento da Santa Unção , passou aquella penitente da presente vida com grandes mostras de sentimento , e não menor consolação de todos os que o caso virão , que não cessavão de dar graças à Senhora pela grande maravilha , que obrára.

3 Outro milagre fez nesta Casa a Sacratissima Virgem , tanto mais de maravilhar , quanto mais moderno , porque succedeo no anno de 1608. no qual tempo andava nestas Aldeas hum homem pobre , que se sustentava de esmolas , mudo de seu nascimento , e que tinha a lingua muito grossa , e tão curta , que não lhe chegava aos dentes , e assim não podia engulir o comer sem ajuda dos dedos , que para esse effeito mettia na boca , quando comia , chegando com elles o mantimento para dentro. Era bom

Christão , ao que parecia , e mostrava devoção à Senhora , indo visitar esta sua Casa , que muitas vezes varria , e alimpava. Succedeo pois que acabando huma vespera de Natal de varrer a Igreja , alpendre , e terreiro , que fica de fóra , se foi , por ser já tarde , recolher a hum forno de pão , onde dormia sobre a lenha , na Aldea nova do Cabo , que fica perto do Convento. A' meia noite , no ponto , que os Frades tangião à Missa , que chamão do Gallo , começou a fallar clara , e desembaraçadamente , chamando pela Virgem Senhora nossa. A lingua se lhe estendeo , e poz em sua perfeita proporção , de modo que dahi em diante ficou fallando sem algum impedimento. Perguntado da novidade , que nelle se via , disse , que vindo do Convento depois de varrer a Igreja , passando pelo penedo , (de que fica dito ser tradição haver a Senhora alli apparecido , e ser achada sua Imagem) lhe apparecêra a Virgem sobre elle , e lhe diffiera , que se alegrasse , porque na mesma noite lhe havia de dar falla , como em effeito lha dera. Visto por todos tão grande , e manifesto milagre , o Guardião , que então era desta Casa , Fr. Francisco da Guarda , Religioso devoto , e prudente , avisou ao Cabido da Sé da Guarda , que

que então estava vacante por morte do Bispo D. Nuno de Noronha, pedindo-lhe que para honra, e louvor da Virgem Senhora nossa mandasse tirar informação juridica deste milagre. Fez aquelle Cabido a diligencia, que por parté dos Religiosos se lhe pedia, e depois de bem examinadas as testemunhas, que no processo vinhão, pronunciou sentença nesta fórma.

4 „ O Deão, e Cabido, „ e Sé Vacante. A quem esta „ nossa Carta de sentença, tirada dos autos, e processos, „ for apresentada, e o conhecimento della com direito deva, e haja de pertencer, fau- „ de, e paz em Jesus Christo „ nosso Salvador, que de todos he verdadeiro remedio, „ faude, e salvação. „ Fazemos „ a saber, que por parte do Reverendo Padre Fr. Francisco da Guarda, Guardião, e dos „ mais Religiosos de N. Senhora do Seixo, da Provincia da Piedade, da Ordem „ dos Menores, junto ao Lugar do Fundão, deste nosso „ Bispado da Guarda, nos foi „ apresentada huma petição, „ dizendo nella, que o anno „ passado de 1608. em vespera de Natal foi Deos servido „ por meio da gloriosa Virgem „ N. Senhora dar falla a hum „ mudo, apparecendo-lhe em

„ hum penedo, ou feixo junto „ ao dito Convento, pegado „ na cerca delle, no qual assim „ os Religiosos, como os moradores da terra circumvizinhos tinham por antiga tradição haver já outra vez apparecido a Virgem nossa Senhora, e dahi haver tomado „ o dito Convento o nome, „ chamado N. Senhora do Seixo; pedindo-nos, que por „ honra da Virgem, e augmento da Fé Catholica, e devoção dos fieis Christãos mandassemos tirar informação do „ dito milagre na fórma devida, e costumada, para que „ sendo, ou passando na verdade o que neste caso se publicava, se possa manifestar a „ todos, como he razão, no „ que receberião caridade, e „ mercê. Segundo que tudo isto na dita petição melhor, e „ mais compridamente se contém, e he conteúdo nella, „ que sendo por Nós vista, nella pelo Reverendo nosso Vigario Geral foi posto o despacho seguinte: Commetto „ ao Senhor Visitador do districto da Covilhã, conforme „ a qualidade deste caso, mande vir diante de si testemunhas fidedignas, e as pergunte pelo conteúdo nesta petição, declarando a razão de „ seus ditos, donde o mudo he „ natural, e cujo filho, e se

„ nasceo mudo , e o tempo de
 „ residencia nessas partes , com
 „ as mais circumstancias , que
 „ convem para negocio de tan-
 „ ta importancia ; e depois de
 „ feito mo enviará cerrado , e
 „ sellado , para o examinar na
 „ verdade. Por bem do que
 „ passou Carta requisitoria pa-
 „ ra o Reverendo Vigario Ge-
 „ ral da Cidade de Coimbra ,
 „ na qual lhe foi deprecado fi-
 „ zesse summario de testemu-
 „ nhas na fórma de Direito ,
 „ como a tal caso convinha. E
 „ feito o dito summario , nos
 „ foi apresentado com outro ,
 „ que tambem fez o nosso Vi-
 „ sitador ; e sendo-nos assim tu-
 „ do apresentado , cerrado , e
 „ sellado na fórma costumada ,
 „ e visto e examinado por Nós ,
 „ em final pronunciámos o se-
 „ guinte.

5 „ *Christi nomine invocato.*
 „ Vista a petição do P. Guar-
 „ dião , e mais Religiosos do
 „ Convento de N. Senhora do
 „ Seixo deste Bispado , e noti-
 „ ficação , e mais diligencias
 „ sobre este caso feitas: Mos-
 „ tra-se pelos summarios , e in-
 „ formações juntas , que nos lu-
 „ gares circumvizinhos ao dito
 „ Convento reside de oito , ou
 „ nove annos a esta parte hum
 „ homem pobre , que se susten-
 „ ta por esmolas , bom Chris-
 „ tão , virtuoso , e devoto de
 „ N. Senhora , como consta dos

„ summarios feitos , e de teste-
 „ munhas nobres , e qualifica-
 „ das , que he costumado a vi-
 „ sitar , e varrer a dita Casa ,
 „ e em todo o dito tempo não
 „ foi visto fallar , e estava tido
 „ por mudo , como de verdade
 „ o era de nascimento , e tinha
 „ a lingua muito grossa , e tão
 „ curta , que lhe não chegava
 „ aos dentes e tanto , que não
 „ podia engulir o que mettia
 „ na boca sem ajuda dos de-
 „ dos , que para esse effeito
 „ mettia na boca , quando co-
 „ mia. Mostra-se que na noite
 „ do Natal proximo passado ,
 „ em que acabou a era de 1608.
 „ vindo o dito homem de var-
 „ rer a dita Casa de N. Senho-
 „ ra , se recolheu de noite no
 „ lugar da Aldea Nova em hum
 „ forno , e jazendo sobre hu-
 „ ma pouca de lenha , à hora ,
 „ que os Frades tangião à Mis-
 „ sa do Gallo , começou a fal-
 „ lar chamando pela Virgem
 „ N. Senhora do Seixo , e a
 „ lingua se lhe estendeo , e poz
 „ em sua perfeição , de modo
 „ que dahi em diante fallou
 „ sempre , e falla sem algum
 „ impedimento. Segundo o di-
 „ to homem confessa , e tem
 „ declarado em seu depoimen-
 „ to , alcançou assim a falla
 „ por meio da Virgem N. Se-
 „ nhora , que aquella tarde lhe
 „ tinha apparecido sobre o sei-
 „ xo , que está na terra , não

„ muí-

„ muito longe do dito Conven-
 „ to, e lhe promettêra que na-
 „ quella noite elle fallaria. Mos-
 „ tra-se que o dito homem era
 „ mudo de nascimento, do Lu-
 „ gar da Rapada, termo da
 „ Villa de Cea, Bispado de Co-
 „ imbra, filho de Vasco Mar-
 „ tins, e de sua mulher Domin-
 „ gas Pires. E hora sendo le-
 „ vado pelos Religiosos ao di-
 „ to Lugar da Rapada, foi co-
 „ nhecido por seus naturaes,
 „ e parentes ser o proprio, que
 „ dantes era, mudo de nasci-
 „ mento. O que tudo visto,
 „ com o mais dos autos, con-
 „ siderado, e examinado bem
 „ este caso com suas circum-
 „ stancias, como o dito homem
 „ conteúdo na petição era mu-
 „ do de sua natureza, e alcan-
 „ çou falla por intercessão da
 „ Virgem, sendo de idade de
 „ quarenta e seis annos; como
 „ outro si os Religiosos, e ho-
 „ mens doutos, e todos os que
 „ sabem neste caso, e successo,
 „ o tem, e affirmão, e julgão
 „ por milagre, Nós *auctorita-*
 „ *te*, que usamos Sé Vacante,
 „ o tal approvamos, e autenti-
 „ camos, para gloria, e honra
 „ de nosso Senhor, e louvor da
 „ Virgem; e para devoção, e
 „ consolação dos fieis Chris-
 „ tãos havemos por bem que o
 „ dito milagre se publique ao
 „ povo nas Igrejas, e Mostei-
 „ ros deste Bispado, tudo na

„ fôrma segundo o teor desta
 „ nossa Carta, e sentença. Por
 „ virtude da qual mandamos
 „ por santa obediencia aos Re-
 „ verendos Padres Priores, Rei-
 „ tores, Vigarios, e Curas des-
 „ te Bispado, a quem esta for-
 „ mostrada, a leão, e notifi-
 „ quem, estando o povo junto
 „ em suas Igrejas à estação da
 „ Missa do dia, para gloria,
 „ e honra de Deos, e louvor
 „ da Santissima Virgem sua
 „ Mãi, e Senhora nossa, e pa-
 „ ra assim se manifestar o mi-
 „ lagre, e consolarem com elle
 „ os fieis Christãos. Dada em
 „ esta Cidade da Guarda sob
 „ sello de nossa Meza Capitu-
 „ lar, e sinaes dos Deputados
 „ della, e governo deste Bis-
 „ pado aos 27. dias do mez de
 „ Julho de 1609. „

6 Depois de publicado este milagre, foi notavelmente frequentada aquella Hermida, onde a Senhora appareceo, e fallou ao mudo, de muita gente, que veio em romaria; porque, como diz S. João Chrysostomo, ^b ainda que os milagres não são necessarios aos fortes, com tudo confortão, confirmão, e attrahem docemente aos fracos.

^b D. Chryf.
 Hom. 71.
 in Joann.

CAPITULO XL.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Abrantes.

1526

NO mesmo tempo, em que Fr. João de Albuquerque, vindo da Congregação Geral de Afsís, como fica dito, mandou Frades fundar o Convento do Seixo, enviou também dar principio a outro com titulo de Santo Antonio em a Villa de Abrantes, no mesmo Bispado da Guarda. O sitio, que escolhêrão, estava apartado da Villa huma legua; porque nossos Frades naquelle tempo, como se nenhuma cousa dependesse seu remedio do soccorro, e esmolas dos povos, assim os fugião, e edificavão longe delles. Ficava o Convento junto de huma ribeira chamada Abrançada, ou (como agora alguns lhe chamão, corrompendo o vocabulo) Abrançalha, em hum lugar fresco, e tão abundante de hortas, e pomares, quanto ao depois se vio fello de febres. A maior parte das obras fez à sua custa D. Lopo de Almeida, terceiro Conde de Abrantes, devotissimo bemfeitor desta Provincia, e na Capella da Igreja foi depois sepultado. Em quanto estas durarão, recolhião-se nossos Frades na Hermida de N. Senhora da Ribeira, que

fica mais perto da Villa, onde o servo de Deos Fr. Antonio de Toledo na parede da Capella, como diremos, pela continuação de orar deixou sua sombra impressa.

2 Trinta e sete annos viverão os Religiosos neste Convento, em cujo tempo mostrou a experiencia cahirem os que alli moravão em continuas, e graves enfermidades, o remedio das quaes, estando tão longe do povo, era difficultoso, pelo que havia frequentes, e algumas vezes extraordinarias mortes. Tendo os Frades respeito a estes inconvenientes, e outros, que não faltavão, sendo Ministro Provincial Fr. Mafeu de Elvas, o anno do Senhor 1571. o mudarão para mais perto da Villa, fazendo outro em hum lugar baixo, chamado Val de Rãs, ao longo de outra ribeira pequena, que discorre ao pé do outeiro, em cujo alto está a Villa. Bem se pôde dizer delles nesta mudança, que derão nos baixos de Scylla, querendo evitar Caribdes; porque se o sitio primeiro sahio enfermo, ainda foi peor este segundo. O que fez ainda a esta eleição mais culpavel (se nella houve culpa) foi a instancia, com que o povo pedia a nossos Frades, que já que mudavão o Convento, o fizessem na fonte do Ouro, lugar mais perto da Villa,

la, mais accommodado, e sadio do que aquelle, que tinham escolhido. Empenhou-se tambem para o mesmo effeito o Bispo da Guarda, que então era D. João de Portugal, offerecendo-se a edificarlo todo à sua custa. Nem isto foi bastante para mudarem de parecer; porque como Fr. Maseu tinha muito presente o espirito de nossos primeiros Fundadores, procurava quanto lhe era possível que os Conventos não ficassem mui perto do povoado. Foi feita esta segunda Casa com elmolas do povo, que, como tão devoto, não faltava com ellas, ainda que se não fazia onde elle desejava. E porque D. João de Almeida, filho, e successor do morgado do dito Conde, deo licença, para que se pudesse vender para esta obra nova o assento, e horta da Casa velha, como se vendeo aos Religiosissimos Padres do insigne Convento da Ordem de Christo da Villa de Thomar, em reconhecimento deste beneficio lhe derão nossos Frades a Capella Mór da Igreja desta segunda Casa com titulo de Padroeiro della.

3 Vinte e oito annos povoarão esta segunda Casa, até que ultimamente deixando já os baixos, e humidos lugares, conhecidamente doentios, sendo Ministro Provincial Fr. Jorge de Goa, no anno de 1599.

a mudarão segunda vez para hum alto sitio junto à Villa, descoberto, e lavado dos ventos onde está huma fonte chamada do Ouro, que he o lugar, que antes o povo assinalava. Logra a fonte este nome, porque assim como daquelle metal ha mais pouco, e menos quantidade sua val mais, que muita dos outros, assim ella, ainda que da quantidade de agua pouco copiosa, (porque não he mais que meio anel) na qualidade he excellentissima. E não havendo em todo o circuito da Villa outra fonte boa de beber, senão esta, que era o regalo de todos, he tanto o amor, e devoção do povo aos nossos Frades, que se quiz privar de tanto bem por dar-lho a elles, para que livremente a mettessem dentro da cerca do Convento, como hoje está. Não menos amor se deo a conhecer em as ajudas, que derão para a fabrica das obras desta terceira Casa, de que a principal parte se fez com elmolas suas. Fez tambem El Rei D. Philippe o I. que tomou posse deste Reino, grandes mercês para a mesma obra. E D. Antonio de Almeida, neto do mesmo Conde, deo humas moradias, que El Rei lhe devia, que dizem importarão em sessenta mil reis. E assim por esta causa, como pela devoção de seus antepassados, e por outras ca-

ridades ordinarias , que costumava fazer para sustento dos Religiosos, no Capitulo Provincial, celebrado em Santo Antonio de Coimbra, a quatorze de Agosto de 1607. em que sahio Ministro Fr. Pedro de Penalva, lhe concedêrão o titulo de Padroeiro desta Casa nova, no modo, que os Frades costumão, e podem licitamente dallo, a quem não he realmente Fundador, que faça a Casa à sua custa: convem a saber, que não se lhes dá, nem elles adquirem algum dominio, ou propriedade no Convento, que não edificárão: mas sómente o titulo honorifico de Padroeiro, e uso de melhor lugar, e mais honrado assento na Capella, assistindo aos Divinos Officios: a principal sepultura para enterrar-se, ou (se assim se declara) todas as sepulturas, e lugar subterraneo, que se inclue na Capella, com obrigação de não deixarem os Frades enterrar alli alguém, senão quando o consentir, o que assim foi aceitado por Padroeiro. Finalmente o Convento se acabou com toda a perfeição, e foi Deos servido que sahisse o sitio mui acertado, e proveitoso à faude, tanto, que se tem por hum dos melhores da Provincia.

4 Poderá quem ler esta Historia attribuir a curiosidade, ou inconstancia tanta mudança

de Conventos. Livra-nos porém desta nota aquella notavel sentença de Innocencio III. em hum Concilio universal, onde assim diz: „ Não se deve ^a julgar Cap. debet. conf. affin.
 „ por cousa reprehensivel, se
 „ segundo a variedade dos tem-
 „ pos, se varião tambem, e mu-
 „ dão os propositos humanos:
 „ maiormente quando a urgen-
 „ te necessidade, ou evidente
 „ proveito assim o requerem;
 „ porque o mesmo Deos (em
 „ quem não pode cahir nota de
 „ inconstancia) das cousas, que
 „ tinha ordenadas no Testa-
 „ mento velho, muitas mudou
 „ no Testamento novo. „ São
 palavras de Innocencio. E assim, que se no fundar destes nossos Conventos houve erro na eleição de hum sitio, maior erro seria perseverar muito nelles; porque se o errar he desgraça, a que o homem está sujeito, perseverar no erro he dobrado damno. Demais que Deos nosso Senhor parece teve cuidado de nos defender desta censura com os prodigios, que se vírão na edificação deste ultimo Convento, sobre o qual poderia principalmente cahir a nota.

5 Foi o primeiro, que tendo já feito os Religiosos neste Convento novo hum recolhimento, onde se agazalhassem, em quanto se não acabava de todo, vierão quatro, ou cinco delles do Convento velho huma
 noi-

noite com tenção de ao outro dia dizerem Missa em huma casa, que já naquelle lugar tinham para esse effeito paramentada. Entre estes vinha o Guardião, que era Fr. Affonso de Lisboa; e estando já todos repousando entre as onze, e as doze da noite, se levantou hum grande ruido de rafeiros, dando cada hum delles terriveis, e espantolos uivos, e maiores que todos, hum, que apparecia de estranha grandeza, e mostrava maior sentimento, que os outros. Duro o alarido hum grande espaço, discorrendo por todo o sitio do Convento, atemorizando tanto aos Frades, que não sabião o que fizessem, senão pedir cada hum a Deos que o livrasse. Passou aquella tormenta: pela manhã fallarão no que de noite virão, e assentarão comfigo, que como aquelle lugar foi sempre profano, e de muitas offensas, que nelle se fazia a Deos, e serviços ao demonio: pois era huma fonte commua do povo, que tinha junto de si muitos retiros; e outro si tinha muitas vezes acontecido serem trazidos alguns homens pelos demonios em breve tempo de mui remotas partes àquelle sitio, que chamavão Barreiros, que mostravão os demonios sentimento de semelhante mudança, em se dedicar ao culto Divino o que antes servia ao profano.

6 Outro prodigio mostra mais claramente quão grata fosse a Deos esta nova edificação: foi elle, que como faltasse a pedra para se proseguir a obra, concertou-se o Guardião do Convento por certo preço com hum cabouqueiro, para que lha arrancasse de huma rocha viva, que não estava dalli mui longe. Faltou este ao concerto, pedindo mais por seu trabalho, por cuja causa o Guardião o despedio, resolvendo-se a parar na obra, por não haver esmola bastante por então para a proseguir. Na noite seguinte, estando o tempo mui quieto, (era de entre Pascoas) e a noite toda mui serena, a rocha, que era mui espessa, se veio toda abaixo, fazendo-se de maneira, que não só em carros, como dantes a trazião, mas ainda homens, mulheres, e meninos a acarretavão toda; porque este milagre esporeou mais a devoção da gente. E se Deos em desfazer a torre de Babylonia mostrou que lhe não agradava aquella obra, em desfazer a viva rocha para se continuar a do Convento, claramente mostrou que era de seu agrado.

CAPITULO XLI.

De alguns Religiosos dignos de memoria , que florecêrão neste tempo.

PArece-me necessario advertir ao leitor , que para conhecimento que foi muita a perfeição de algum Religioso , basta sómente o dizer-se , que foi perfeito , sem que delle se refirão grandes cousas ; porque em Communidade , onde se professa tanto a perfeição , como na Provincia da Piedade , assinalar-se entre os mais , não só he bastante , mas qualificada prova de mui grande virtude. He isto prevenir ao que se nos póde oppor em historiarmos a vida de alguns Religiosos , sem que delles ponhamos na relação , que fazemos , copia de successos , antes pelo contrario muita precisão , e brevidade. Esta culpa , se o he , tem possos antigos Frades , (de quem justamente nos queixamos , ainda que sem remedio) pois igual cuidado tinham em serem Santos , como em occultarem a santidade : e não só occultavão a propria virtude , mas tambem encubrião a alheia , contentando-se sómente nò testemunho , que davão de algum Religioso , com dizerem que fora perfeito , sem individuar esta , ou aquella virtude , em que se finalasse : que

como , por ser de casa , cedia , em algum modo em abono proprio , a todo este fugião. Bem he verdade que pela razão , que temos dito , bastava aquelle testemunho , para entendermos que foi mui perfeito o Religioso , de quem se dava. Neste Capitulo , e em alguns mais desta Historia , escreverei de Religiosos , dos quaes sómente acho escrito , pouco mais da acclamação commua de terem sido adornados de muitas virtudes , especificando-se quando muito só estas , sem que se individuem os heroicos actos dellas. Seja o primeiro hum Fr. Antonio de Toledo , Frade leigo , a quem o Author do Agiologio Lusitano , ^a chama Fr. Pedro de Nazareth , não sei com que fundamento.

² Foi Fr. Antonio de Toledo natural da Cidade deste nome em Castella : veio tomar o habito de noviço para Frade leigo em esta nossa Provincia , sendo ainda Custodia , deixando o proprio Reino , para buscar mais perfeitamente a Deos. Logo no principio de seu noviciado mostrou bem que não era vulgar o fervor , que à Religião o trazia ; porque assistia em todos os exercicios religiosos com huma attenção extraordinaria , mostrando huma doçura de espirito , não de noviço principiante , mas como se já fora consum-

Tor.
Jan.
lit. I

Fr.
nio
ledo

summado naquelles espirituaes exercicios. Era sua humildade rara, suas penitencias rigorosas, nas vigílias mui continuo, e sobre tudo tão dado à oração mental, que com difficuldade se apartava della. Perseverou nestes santos exercicios até o anno de 1525. em que havendo de mandar o Ministro Fr. Bartholomeu de Albuquerque Religiosos à Villa de Abrantes fundar hum Convento, foi Fr. Antonio hum dos Fundadores.

3 Antes de se fundar o Convento, recolhião-se os Religiosos em huma Hermida de nossa Senhora da Ribeira; e supposto foi pouco o tempo, que este servo de Deos nella esteve, continuava tanto a santa oração, que a sua sombra de tal maneira ficou impressa na parede da Capella vizinha ao lugar, onde orava, que por mais que pretendêrão apagalla com hum pincel, nunca pudêrão; antes perseverou viva, e expressa por muitos annos. Não foi este só o indicio, que deixou de sua santidade; porque morrendo naquella Hermida, em que o sepultarão, obrou Deos muitos milagres por meio da terra de sua sepultura, principalmente na importuna enfermidade das ceções. Alli ficou seu corpo em poder das Religiosas da Esperança, que alli morárão algum tempo; e mudadas depois para

o sitio, onde hoje estão, dentro da Villa, levárão consigo os ossos. E como faltasse a cabeça, sonhou a Abbadessa que fossem ao lugar, onde jazião de antes, que Deos a manifestaria. Assim se vio; e aggregando-a aos mais ossos, mettidos em caixa, e guardados entre o tecto, e forro da nova Igreja, para não serem furtados, foi tanta a negligencia das Religiosas, que cahindo a abobada, com grande magoa de todos se perdêrão.

4 Na mesma Hermida de nossa Senhora da Ribeira, onde faleceo Fr. Antonio, e no mesmo anno, trocou a temporal pela eterna vida outro Religioso seu companheiro naquella nova fundação, e do mesmo estado de leigo, chamado Fr. Affonso de Viana. Floreceo com grande fama de santidade, e particularmente era tido por hum vivo retrato da pobreza. O seu habito era o mais pobre, e remendado, e com huma santa emulação procurava ser entre todos o mais mendigo. Trazia escritas na memoria, e repetia muitas vezes aos Frades aquellas palavras de N. Padre S. Francisco em sua Regra: *Apobrecza, e humildade de nosso Senkor Jesus Christo guardemos, a qual firmemente promettemos guardar.* Com estas exhortava aos outros ao amor desta virtude, e muito mais com seu exemplo.

Fr. Affonso
de Viana.

Na humildade era estremado, tendo-se por mais pequeno, e vil de todos: tão modesto, e composto, que quem o via, conhecia logo no exterior o espirito, que dentro morava. Na oração era contínuo, donde, como de fonte, lhe nascião estas perfeições todas, em que perseverou até o fim.

Fr. Bartholomeu do Canhaveral.

Pouco depois que em Abrantes morrêrão estes dous Religiosos, acabou seus dias em o Bosque de Borba Fr. Bartholomeu do Canhaveral, de nação Castelhana, Religioso daquelles, que ficárão com Fr. Pedro de Melgar. Foi tão notavel em perfeição de vida, que de todos era tido em seu tempo por hum raro exemplo de santidade. Recebeo do Senhor dom de copiosas lagrymas, e assim chorava este servo de Deos como se fora o maior peccador do mundo. E supposto que ordinariamente andava neste exercicio, com especialidade quando orava, ou dizia Missa, derramava tantas lagrymas, e com tanta devoção, que causava espanto aos circumstantes, e ficava compungido quem o via. O fervor, com que orava, era

grande: foi achado muitas vezes em extase, tão absorto, e elevado em Deos, que perdia o uso dos sentidos. Outras vezes se vio andar como homem alienado, e fóra de seu juizo, fallando com Deos, e era tal o impulso do espirito, que o incitava, que em vozes altas repetia muitos lugares da Escriitura, de maneira que os percebia bem quem o escutava. Foi grande zelador da perfeita observancia da sua Regra, e mais particularmente da estreitissima pobreza, procurando ser tão pobre, à imitação de Jesus Christo, que pudesse conhecello por filho seu o Pai dos pobres nosso Padre S. Francisco. Zelava tambem muito os santos costumes, em que elle com seus companheiros fundarão esta Provincia, querendo estampar no coração de todos o mesmo fervor de seu grande espirito. Viveo até idade já decrepita, na qual louvavelmente acabou o curso da vida pelos fins do anno de 1525. no Convento de Borba, donde caminhou, como se deve crer, a gozar do premio, que Deos tem aparelhado a quem tão bem o serve.

CHRONICA D A PROVINCIA D A PIEDADE.

LIVRO TERCEIRO.

*Comprehende o tempo de quinze Ministros
Provinciaes: fundações de Conventos:
Religiosos de approvada vida: e varios
successos dignos de memoria.*

CAPITULO I.

*Eleição do quinto Ministro Pro-
vincial, e fundação do Con-
vento de Santo Antonio
de Faro.*



O fim do Pro-
vincialato de
Frei João de
Albuquerque
congregou o
Vigario Ge-
ral da Ordem, que então era
Fr. Antonio de Calcena, por
creação do Ministro Geral Fr.
Francisco dos Anjos em Car-
deal do titulo de Santa Cruz,
a todos os Vogaes de Hespanha

em o Convento de Guadalaxara
da Provincia de Castella, pa-
ra celebrar huma Congregação
Geral a pela festa de nosso Pa-
dre S. Francisco do anno 1528.
Nesta se achou o nosso Provin-
cial, e della trouxe licença pa-
ra a celebração de seu Capitu-
lo, porque no principio do an-
no seguinte acabava o triennio.
Naquelle tempo usava-se na Or-
dem, que os Ministros Provin-
ciaes nas suas Provincias, de-
pois de cumprido o triennio,
procedião à eleição do novo
Ministro, não ordenando outra
couza o Prelado Geral, a quem
avisavão primeiro. Este aviso

Wading.
t. m. 8.
ad an. 1528
num. 6.

Fr. Diogo
de Borba,
Provinc. 5.

deo là na Congregação Geral Fr. João de Albuquerque, trazendo licença para presidir no seu Capitulo, como temos dito, o qual celebrou pelo mez de Janeiro de 1529. Nelle sahio eleito Fr. Diogo de Borba, e foi o quinto Provincial, que a Provincia teve. Foi este Religioso mui perfeito em todas as virtudes, tão austéro, rigoroso, e penitente para consigo mesmo, que sendo trez vezes Provincial, sempre visitou a Provincia totalmente descalço, sem admittir sandalias pelos caminhos.

2 Na Congregação Geral celebrada pelo Padre Calcena se citárão logo os Vogaes Cismontanos, que nella assistirão, para a eleição do Ministro Geral de toda a Ordem, que se havia de fazer o seguinte anno de 1529. pela Festa de Pentecostes em o Convento da Annunciada da Cidade de Parma, em que sahio eleito em Ministro Geral Fr. Paulo de Parma Pisotto, e em Commissario Geral da Familia Cismontana Fr. Mathias Wensén. E supposto que na sobredita Congregação Geral do Padre Calcena se leo hum Breve do Summo Pontifice Clemente VII. em que dispensava com os Vogaes Cismontanos, para que se quizessem não ir ao Capitulo de Parma, bastasse comprometterem-se nos votos

Idem ad
ann. 1529.
num. 18.

dos Ultramontanos, com tudo elles não aceitarão este favor, pelo preceito da Regra, que manda, que todos os Ministros, e Custodios sejam obrigados a convirem para a eleição do Ministro Geral. Segundo isto, poucos dias esteve o nosso Provincial na Provincia depois de sua eleição, porque logo lhe foi necessario pôr-se a caminho para o sobredito Capitulo Geral. Depois de vir delle entendeo em a fundação de dous Conventos, hum em Faro, outro em Thomar. Daquelle, por ser primeiro, trataremos em primeiro lugar.

3 Já deixamos escrito, ^{Sup. cap. num.} que no mesmo anno de 1516. em que nossos Frades forão para o Convento de S. Vicente, que lhe deo o Bispo do Algarve D. Fernando Coutinho, forão tambem dous para Faro dar principio a outro, cuja fundação por algumas razões não tivera effeito. E como em doze annos depois que deixarão aquella terra, vivendo nella hum na Hermita de São Sebastião, se não apagasse a devoção, que aquella gente lhes tinha, nem tão pouco as saudades de sua santa, e exemplar conversação, lembrados no fim destes do bem, que perdêrão em se lhe irem de sua terra, procuravão vellos nella outra vez. Escreverão os Vereadores juntos em Camera ao Pro-

Provincial, pedindo-lhe quizesse mandar Frades a Faro, por quanto ao presente se sentião seus moradores em disposição conveniente, e tinham a vontade, que nunca lhes faltára, para edificar o Convento, que da primeira vez se não puzera em effeito. Foi a carta feita aos vinte e oito de Julho de 1528. o teor da qual era nesta fórma.

4 „ Devoto Padre Provincial, O Juiz, e Vereadores, „ e Procurador, homens bons, „ e povo desta Villa de Santa „ Maria de Faro, que para isso „ forão chamados, lhe fazemos „ saber, que ha doze annos, „ pouco mais, ou menos, que „ por nosso requerimento ao „ vosso Capitulo vierão a esta „ Villa certos Frades da vossa „ Ordem, aos quaes requiremos quizessem aceitar nesta „ Villa huma Casa, na qual ser „ vissem a nosso Senhor Deos; „ e os ditos Padres, pela authority, que trazião do „ Capitulo, a aceitarão, e effe „ tiverão em huma Hermida, „ que se diz S. Sebastião, passante de hum anno, até se „ fazer a Casa, onde estivessem. E porque àquelle tempo não houve tanta disposição para se a Casa fazer, se forão os ditos Padres, ficando que quando quer que elles tornassem, estivesse por sua. E porque agora, Padre, (nos-

„ so Senhor seja louvado) não „ falta disposição, nem vontade para se fazer, vos pedimos, e rogamos, que por amor de nosso Senhor vos venhais tomar posse desta Casa, outra vez, e ponhais em obra o que da vossa parte se „ requere, para que leve, e „ haja effeito, por quanto cremos, e temos ser muito serviço de Deos, e a Villa ser „ apta para isso. E por bem de „ vos termos dada a dita Casa, não aceitamos o requerimento de outros Padres, que „ aqui vierão a isso. Escrita em „ Faro aos 28. do mez de Julho. Diogo Vaz Tabellião a „ fez, anno de 1528. „

5 „ Foi esta carta lida em Capitulo, e os Vogaes todos forão de parecer se aceitasse o offerecimento daquelle povo, pela boa vontade, e devoção, que mostrava; e assim tanto que o Ministro Fr. Diogo de Borba veio do Capitulo Geral de Parma, mandou Frades a Faro, para que se dresse principio ao Convento, que foi no anno de 1529. Começarão-se as obras, dando o sitio em huma herdade sua, que junto à Villa estava, para a parte do mar, Dona Branca de Vilhena, mulher que fora de Rui Barreto, Alcaide Mór, e Capitão Mór de Faro, e de Loulé, Fidalgos illustrissimos por antiga linhagem

gem neste Reino. Correo com a despeza da obra, como Padreiro, seu filho Nuno Rodrigues Barreto, que succedeo na Casa, e Alcaidarias; como consta da relação de hum Breve do Summo Pontifice Paulo III. de que se fará menção, tratando do Convento de Loulé. Não deixou com tudo o povo da Villa (ainda então não era Cidade) de mostrar a muita devoção, que tinha, nas continuas esmolas, que offerecia para as obras.

6 No tempo, que os nossos Frades edificavão nesta Villa o Convento, fundou tambem outro a Rainha Dona Catharina, mulher de ElRei D. João III. para Religiosas Capuchas de Santa Clara, e desejava muito que os Religiosos da nossa Provincia tomassem à sua conta o cargo, e governo dellas. Para este effeito mandou chamar ao Provincial Fr. Diogo de Borba, e rogá-lhe assim ElRei, como a Rainha, que quizesse tomar sobre si aquelle cuidado. Escusou-se elle, dizendo, que não podia fazer cousa, que era contra os costumes da sua Provincia, e pouco conveniente à quietação, e conservação do rigor della. Por mais instancias, que Suas Altezas lhe fizerão, nunca se pode acabar com elle que aceitasse o tal governo. O mesmo intentou o Padre Frei

João Calvo, Commissario Geral deste Reino, persuadido dos Reis; mas por via de rogo tão pouco acabárão com elle as palavras do Commissario Geral, como a dos Reis. Exemplo por certo de singular zelo, que devião sempre trazer os Prelados na memoria, para não admittirem rogos de pessoas, por mais illustres que sejam, se encontrão os santos, e lóuvaveis costumes da Religião; pois ainda estas dando-lhe as razões, por que se lhes nega o que pedem, não se aggravão, antes se edificão. Assim se vio nos Serenissimos Reis, que admirando o zelo, e inteireza do Ministro, ainda que não contentes, ficárão edificados; e nossos Frades por então quietos, vivendo em a Casa de Faro com muita consolação sua; e do povo, onde os deixaremos nesta quietação até o tempo de Fr. João de Faro Ministro Provincial, em que se passarão para Villa-nova de Portimão, que está no mesmo Reino do Algarve.

CAPITULO II.

Fundação do Convento da Anunciada na Villa de Thomar.

I EM distancia de meia legua da mui nobre, e notavel Villa de Thomar, Cabeça do Mestrado da Ordem, e Mi-

e Milicia de Christo ; tivemos para a parte do Occidente hum Convento do titulo da Annunciação do Anjo à Sacratissima Virgem Senhora nossa, chamado communmente da Annunciada. O sitio sahio calmofo, e enfermo de Verão, por ser baixo, e junto a hum pequeno ribeiro, que ficando-lhe ao Oriente, quando em as manhans o vento espirava daquella parte, infundia nos corpos dos que alli habitavão perniciosos vapores ; porém não lhe faltava frescura de arvores, horta, e pomar de varias frutas, fonte notavel em quantidade de agua, com que tudo se regava. Havia neste lugar antigamente hum formosa quinta com Igreja, ou Capella, grandes, e boas casas, pomar, horta, vinhas, oliveas, com muitas terras de pão, e hum mata de sovereiros, pinhos, e outras arvores silvestres, para lenha. Tudo isto possuia, como senhora que era, hum nobre Dona viuva chamada Isabel Teixeira, mulher que fora de Antão de Figueiredo, Fidalgo da Casa de ElRei. Esta, sendo Ministro Provincial Fr. João de Albuquerque, no anno do Senhor 1526. dotou liberalmente este sitio para nelle fundarmos Convento. E querendo que isto tivesse maior firmeza, e os Frades nunca dalli pudessem ser lançados contra sua vontade,

buscou outro meio mais seguro : e foi hum doação, que fez a ElRei D. João III. na qual diz, que ella faz doação ao dito Rei da Igreja, casas, horta, e fonte da sua quinta de Carzedo, termo da Villa de Thomar, com tal entendimento, e condição, que o dito Rei, e Senhor dê as sobreditas cousas aos Padres Capuchos da Provincia da Piedade, para ahi edificarem hum Convento.

2 Aceitou ElRei a doação, que lhe era feita, e logo mandou por hum Carta, ou Alvará de procuração sua à mesma Isabel Teixeira, que em nome de ElRei, com poder, e authoridade, que para isso lhe dava, mettesse aos Frades de posse do dito sitio. Assim se fez, como ElRei mandava, aos quatro dias do mez de Outubro do anno de 1528. do que tudo se fizerão escrituras, as quaes se guardão no Arquivo do mesmo Convento. A fabrica delle se começou pelos fins do sobredito anno, ou principios do seguinte, nas mesmas casas da quinta, desfazendo-se nellas o que foi necessario para ficarem accomodadas a nosso modo, de dormitorios, claustro, e mais officinas costumadas. O que tudo se fez com muita brevidade com as esmolas do povo, que liberalmente acudia.

1013 Pouco depois formárão os Frades escrupulo, que assim de morarem nesta Casa, como em outras, que ElRei D. Manoel lhes tinha dado, parecendo-lhes que pelas doações, que estavam feitas, lhes ficava a elles alguma propriedade. Para evitarem o escrupulo, que nesta parte tinham, escrevêrão huma carta a ElRei D. João III. em que miudamente lhe representavão tudo, para que elle o remediasse da maneira, que melhor lhe parecesse. Foi esta Carta escrita no anno de 1532. estando os Vogaes juntos em Capitulo, que então se celebrava: à qual ElRei respondeo por huma carta sua, enviada ao Ministro, Definidores, e mais Padres da Provincia, na qual entre outras dizia estas formaes palavras: „ Quanto ao pejo, e „ inconveniente, que vos pa- „ rece, e dizeis que ha para a „ Ordem, nem os Frades po- „ derem ter as ditas Casas da „ maneira, que as tem, por „ ser outra a Ordem da pobre- „ za, parece-me bem o que à „ cerca disso me dizeis. Porém „ por as Casas estarem já as- „ sentadas em a Ordem, e Re- „ ligião, como estão, e se fa- „ zerem nellas muitos serviços „ a nosso Senhor, como se faz, „ e se não fazer nisso mudança, „ me parece que deve bastar „ para suas consciencias, faze-

rem os Frades a mim outra „ renunciação de todo o direi- „ to, dominio, uso, e fruto, „ que ElRei meu Senhor, e „ Eu pelas ditas doações lhe „ démos; e querendo estar nel- „ las, como em cousa alheia, „ e não sua, em quanto for mi- „ nha vontade; porque desta „ maneira, parece que estarão „ sem pejo, e conforme a Re- „ gra: pois assim não terão pro- „ priedade, nem uso de cousa „ sua. „ E ainda que Eu não „ achei a renunciação, que aqui „ pedia aos Frades, (porque se „ devia guardar em os Cartorios „ Reaes, e não em os nossos) „ sem duvida nenhuma parece „ que elles lha fizerão; porque „ dahi em diante sem o escru- „ pulo, que tinham, ficarão viven- „ do sempre quieta, e segura- „ mente em todas aquellas Ca- „ sas.

4 Nesta da Annunciada estiverão cento e dezefete annos pouco mais, ou menos: procurou nestes por muitas vezes o povo levalllos dalli para mais perto, assim pelos livrarem daquelle sitio, onde ordinariamente estavam doentes, como tambem para com mais facilidade se aproveitarem delles na administração do Sacramento da Penitencia, e palavra de Deos. Porém, supposto que com menos rogos se podia deixar o Convento, sem que causasse faudas

des o deixallo, por ser por extremo doentio, e por distante difficultosos os remedios, nunca foi possível acabar-se com elles deixarem aquella Casa; que como era solitaria, agradava-lhes tanto a solidão, que escolhião antes viverem nesta enfermos, que perto de povoado em melhor sitio. Vendo o povo que erão sem fruto as diligencias, que fazia, em tirar a nossos Frades daquelle lugar, e trazellos para mais perto da Villa, chamarão Religiosos da Santa Provincia de Portugal, e no sitio, que nos offerecião, e não quizemos aceitar, lhes fundarão hum Convento.

5 Passados alguns annos, como já o nosso da Annunciada, por serem as paredes fracas, como o erão todas, que nossos primeiros Fundadores edificavão, ameaçasse ruina e tivesse necessidade de ser todo reedificado de novo, resolvêrão-se os Frades, visto ser forçosa aquella obra, fazerem-a em lugar mais accommodado. Este nos derão perto da Villa os Religiosos Padres do insigne, e Real Convento de Thomar, cabeça, e primaz da Ordem de Christo, tomando em satisfação delle posse do sitio, que deixavamos, que hoje lhes serve de quinta. Começarão-se as obras no anno de 1645. pouco depois de se celebrar o Capi-

tulo, em que sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Pedro de Celorico, e acabárão-se todas com esmolas do povo: o Padroado da Capella mór derão ao Conde Capitão, para onde se mandou levar, morrendo em Lisboa. Fica o Convento para o Poente em hum cabeço alto, lavado dos ventos, com competente cerca, horta, e pomar de varias frutas: tem dentro duas fontes, huma ahi nativa, outra copiosa, que por canos vem de fóra ajuntar-se em hum tanque, donde se reparte a fertilizar a cerca. Ficou esta Casa com o mesmo titulo da Annunciada, que a primeira tinha.

6 No Convento antigo, estando ainda nelle nossos Frades, succedeo hum caso digno de memoria. Estava na Igreja enterrado hum Clerigo, natural daquelle Villa: tinha este por sua morte instituido humas Capellas, sobre que dahi a alguns annos se levantárão duvidas entre os herdeiros à cerca da vontade do testador. Corria o pleito ante o Provedor, e com tanto embaraço, que não sabia determinar-se no que faria. Neste tempo, estando nossos Frades huma noite rezando Matinas em o Coro, soou lá debaixo da Igreja huma voz, que chamava ao Guardião; e perguntando elle quem era o

Nn

que

que o chamava, disse a voz: *Sou o Clerigo fulano, vinde cá abaixo.* Desceo o Guardiãõ à Igreja, fallou com o defunto; e declarando-lhe este a sua ultima vontade na instituição das Capellas, lhe pediu fosse logo de manhã ao Provedor, dizendo-lhe o que naquella caso havia de obrar, sem attender ao que seus parentes querião. Acrescentou mais, que naquella mesma noite elle tambem lhe fallaria. De manhã foi logo o Guardiãõ cumprir o que lhe pedira o defunto; e supposto foi algum tanto cedo, já o Provedor se levantava com tenção de ir ao Convento, porque naquella mesma noite lhe tinha o Clerigo tambem apparecido, como promettêra, e declarado em sua casa o que ao Guardiãõ lá na Igreja. Acabárão-se os pleitos, porque o Provedor obrou conforme o defunto tinha declarado.

CAPITULO III.

Do Veneravel Religioso Fr. Anjo de Valhadolid.

1530
Fr. Anjo
de Valha-
dolid.

I Supposto que Fr. Anjo de Valhadolid, quando veio de Roma, não quiz ficar em Portugal na Custodia da Piedade, como temos dito no primeiro Livro, nem por isso desmerece a memoria, que aqui

se deve fazer delle, pois tanto à sua custa ajudou a seu augmento. Nasceo este Veneravel Religioso em Valhadolid, Cidade em Castella: della tomou o nome: de pais nobres, e ricos, que logo desde menino, reconhecendo nelle agudeza, o inclinárão ao estudo. Estudou Direito Civil, e Canonico, em que sahio muito douto, ajuntando a isto o exemplo da vida, cuja falta costuma desdourar muito as letras. Acabados seus estudos, quando os pais discursavão sobre o estado, que haviam de dar a este filho, sentia elle superiores impulsos, que o guiavão a deixar o mundo, e servir a Deos em Religião. Resolveo-se a tomar este estado, e pedia a Deos em frequente oração lhe ensinasse, e declarasse em qual dellas melhor o serviria.

2 Neste cuidado, em que andava; quando via Religiosos de nosso Padre São Francisco, mais a estes, que a outros se inclinava; e julgando por Divina resposta esta particular affeição, determinou deixar o mundo, e receber o habito de nosso Padre S. Francisco: este lhe lançárão na Provincia de Santiago. Depois de professo estudou Artes, e Theologia por mandamento de seus Prelados, que vendo nelle a capacidade do engenho, de que era dota-

do,

do, esperavão hum Varão eminente naquellas sciencias, como em effeito o foi, assim como já o era em Leis, e Canones. Nem tanto se applicava às letras, como ao exercicio da virtude; porque assim como naquellas se igualava aos mais famosos de seu tempo, nesta se aventajava a muitos. Sua assistencia nos actos de Comunidade era a mais pontual, reluzindo em qualquer obra sua tanto fervor, que bem mostrava a grandeza do espirito, de que procedia. Não se contentava com as penalidades, mortificações, e mais exercicios, que o commum da Provincia tinha deputado, a estas accrescentava outras de novo, tanto mais asperas, e rigorosas, quanto mais singular era seu espirito. Amou tão grandemente a pobreza, que ninguem desejou tanto ser rico, como este Religioso o ser pobre. Na humildade o admiravão todos, vendo que assentava sobre tantas letras virtudes todas nascidas da oração, em que gastava a maior parte dos dias, e das noites. Nestes exercicios perseverou na sua Provincia de Sant-Iago, donde sahio com Fr. Pedro de Melgar, quando ambos, e outros se juntarão com Fr. João de Guadalupe pela maneira, que deixamos escrito no primeiro Livro.

3 Esta resolução de Fr. An-

jo, ainda que nelle foi desejo de mais perfeição, a meu ver foi obra especial da Providencia Divina; porque como a nossa Capuchez em seus principios havia de ter oppositores tão contrarios, que procurassem totalmente extingui-la, deo-lhe Deos este Anjo da guarda para a defender, e amparar; que verdadeiramente bem merece este titulo, pois com suas diligencias a defendeo de emulos, que se representavão insuperaveis, como erão Reis, e toda a Familia da Observancia. Assistio em Roma por ordem de Fr. João de Guadalupe, e depois de sua morte pela de Fr. Pedro de Melgar. Em seus negocios foi, e veio de Roma dezenove vezes, em cujo caminho, pelos grandes frios, e elle caminhar descalço, e pobremente vestido, se lhe arrancarão as unhas dos pés ^a quatro, ou cinco Mol. c. II. vezes. E na verdade que quando a Capucha não tivera de si lançado tantos Religiosos Santos, como criou, para conhecermos que sua instituição foi obra de Deos, bastava vermos que hum Religioso só de tão grande espirito, como Fr. Anjo, deixasse o retiro, e socego de sua cella, sujeitando-se a tantos trabalhos, e venceffe contrarios tão fortes, como teve, só pela ver augmentada.

4 Não entibiava seu arden-

te espirito com o pezo destas molestias, antes mais se inflam-mava no desejo desta Reforma, em cujo favor impetrou os Bre-ves, de que já diffusamente fi-zemos menção por todo o pri-meiro Livro. Foi mui aceito aos Cardeaes, e Summos Pon-tifices Alexandre VI. e Julio II. que governavão a Igreja, quan-do elle procurava estabelecer a sua Reformação, ainda que es-tes mal informados de seus emu-los, algumas vezes o molestá-rão. Tudo venceo Fr. Anjo, affistindo sempre em Roma, donde vindo à Piedade de Vil-la-Viçosa, quando Fr. Pedro de Melgar por ordem delRei D. Manoel, e do Duque D. Jaime tinha feito concerto com o Vi-gario Provincial da Provincia de Sant-Iago, em que lhe lar-gava as Casas, que tinha em Castella, para serem incorpo-radas naquella Provincia, e das de Portugal fez a Custodia da Piedade, não quiz ficar nesta Custodia, por não ver acabar em Castella aquellas Casas, que lhe havião custado tanto.

5 Nellas viveo algum tem-po, atè que vindo a Hespanha o Ministro Geral Fr. Rainaldo, lhe deo trez pequenas, e reco-letas, que estavão sitas em Es-tremadura. Destas trez Casas, que o Geral lhe deo, e outra, que edificou de novo, levantou huma Custodia da Estremadura

no anno de 1514. e della mais ao diante no de 1519. erigio huma Provincia com titulo de S. Gabriel, como hoje se cha-ma, em que padeceo novos tra-balhos. Em todos estes teve por companheiro a Fr. João Pas-coal, que em sua companhia le-vou da Piedade. Na sua Pro-vincia de São Gabriel foi duas vezes Provincial, e procurou tanto seu augmento, que nestas diligencias acabou a vida no Convento de *Ara-Coeli* em Ro-ma, donde carregado já de an-nos, e muito mais de mereci-mentos, no de 1530. havendo primeiro recebido com muita devoção os Sacramentos, par-tio a lograr o premio de seus trabalhos.

CAPITULO IV.

Do sexto Ministro Provincial, e memoria de hum Veneravel Religioso.

1 CONcluido o triennio do Provincialato de Fr. Diogo de Borba com admi-ravel satisfação, e exemplo, convocou a Capitulo para elei-ção de novo Prelado. Nelle sa-hio eleito pelo fim de Dezem-bro de 1532. Fr. João de Albu-querque, que já o havia sido trez annos antes desta segunda eleição, que delle fizerão. Não havia ainda neste tempo, nem a hou-

a houve alguns annos depois, a Constituição Apostolica, nem o Estatuto Geral da Ordem, em que se manda corrão seis annos intermedios desde que o Ministro Provincial acaba seu officio, até outra eleição do mesmo em Provincial: e assim podia ser eleito, interposta alguma vagante. Exercitou Frei João de Albuquerque esta segunda vez seu officio com tanta aceitação de todos, como da primeira vez o tinha exercitado.

2 Pouco depois de sua eleição, conforme a melhor conjectura, sahio desta nossa Provincia da Piedade hum Religioso para os Capuchinhos de Italia, donde tambem sahindo, padeceo pela Fé de Christo glorioso martyrio: e supposto que não foi filho da Provincia da Piedade de profissão, o tempo, que nella teve domicilio, lho faz pertencente, e assim escreveremos neste lugar a breve noticia, que temos de sua vida. Chamava-se elle Frei João de Zuazo na sua Provincia da Conceição, onde tomou o habito, e professou, e depois em a nossa da Piedade, conforme seu antigo estylo, chamou-se de Medina do Campo, por ser natural daquella terra. Não muito depois de fazer profissão em o Convento de nosso Padre S. Francisco de Valhadolid, se

passou às Casas Recoletas da mesma Provincia da Conceição; residio nellas seis annos, e em todo este tempo não comeo carne, nem bebeo vinho. Seu ordinario comer era hum pouco de pão, e hum tigel de caldo, e nas sextas feiras, deixando esta, que tinha por regalo, molhava o pão em agua quente, da que estava para lavar a louça. Depois que se acabavão de rezar Matinas, ficava elle em oração até a hora de Prima; em que aproveitou tanto, que muitas vezes o acháráo insensível por extatico.

3 Foi notavelmente zeloso da santa pobreza. Aspirou tanto à perfeição, que propoz em seu animo discorrer pelas Provincias mais reformadas da Ordem, e viver nellas alguns annos, para assim escolher o que mais perfeito lhe parecia. Na de S. Gabriel esteve quatro annos, daqui se passou à nossa da Piedade, onde residio sete annos, aproveitando nella em mil primores de virtude. Desta finalmente no principio do governo de Fr. João de Albuquerque, conforme a mais ajustada conjectura, sahio para os Padres Capuchinhos de Italia, onde depois de seis annos, que entre elles esteve, se retirou a hum cova fazer vida solitaria, dando-se tanto à oração, que recebeo nella muitas revelações

Divinas. Daqui , com licença de seus Prelados , foi visitar os lugares santos de Jerusaleem com outro Religioso da Provincia de S. Gabriel , que se lhe aggregou no caminho. Chegou à Cidade Santa de Jerusaleem , visitou com affectuosa devoção aquellas santos lugares, que Christo nosso Senhor tinha consagrado com sua presença em carne mortal. Estes sagrados lugares , onde Christo Senhor nosso padecio tanto , e com tão excessivo amor por amor dos homens , inflammárão tanto o espirito deste Santo Religioso , que para recompensar , no que lhe era possível , tão grande divida , procurou dar a vida por amor delle , prégando sua Euangelica Lei aos Mouros.

4 Para este effeito passou de Jerusaleem à Cidade de Alexandria de Egypto , e dahi ao Cairo , Cidade do mesmo Reino , onde achou hum Judeo de Italia , que com benevolencia o tratou. Era este mui privado do Baxá , Governador da Cidade ; pediu-lhe Fr. João lhe alcançasse licença do Baxá para lhe fallar , porque trazia muitas coufas de importancia , que communicar-lhe. Presumindo o Judeo com isto agradaria mais ao Baxá , lhe deu noticia do que Fr. João lhe tinha dito , e alcançou-lhe licença para que lhe fallasse. Como o servo de Deos se vio

em presença do barbaro , começou a prégar com fervoroso espirito a Lei de Christo , dizendo , que só nella se achava a salvação , e que todos os que seguião a falsa lei de Mafoma se condenavão. Irritado , e indignado o Baxá de ouvir isto , e vendo ao Santo tão macilento por penitente , cuidando que de fome perdêra o juizo , o entregou a hum Ministro , para que o puzesse em o carcere , e alli oito dias lhe dêsse mui bem de comer , e remediasse assim sua loucura. Passados os oito dias , foi apresentado ao Juiz , que examinando-o , como o achasse constante em a Fé , e tão inimigo da lei de Mafoma , que com palavras de desprezo protestava della , procedeo ao castigo , mandando aprizionallo em hum escuro , e penoso aljube , onde lhe derão pão por onças , e sem conto crueis açoutes cada dia.

5 Deste modo foi atormentado o servo de Deos algumas semanas , até que inopinadamente , sem saberem os Mouros como pode ser , o virão fóra do carcere , prégando a altas vozes a Fé pelas ruas. Tornou-o o Juiz ao aljube , com intento de concluir de pressa sua causa , sentenciando-o à morte. Pouco depois o tirárão delle ; e o pregárão em hum páo , donde , como de pulpito , esteve prégan-

gando dous dias inteiros a altas vozes, dizendo aos Mouros: *Baptizai-vos em o sangue de Christo, se vos quereis salvar.* Cortarão-lhe os Mouros a cabeça, e apartada de seu corpo santo, esteve prégando todo hum dia, persuadindo-lhes recebessem o Baptismo. Não fez nenhum abalo em os Mouros tão grande prodigio, antes mais pertinazes, e cegos, attribuindo aquella maravilha a arte magica; lançarão seu corpo em hum lugar immundo. Daqui o tirarão brevemente os mesmos Mouros, pela suavissima fragancia, que de si despedia, e vendêrão a santa cabeça por grande preço a huns mercadores Venezianos, os quaes a collocarão em a Igreja de S. Marcos de Veneza, onde tem feito Deos por ella muitos milagres.

CAPITULO V.

Vida do Santo Frei Martinho de Valença, Apostolo do novo mundo; e primeiramente de seus principios em a Religião.

I **D**A nossa Casa da Piedade, que escolheu para seu domicilio por oito annos, sahio como Sol o Apostolico Varão Fr. Martinho de Valença, como diz hum diligente Antiquario, a alumear

o novo mundo, não porque della fizesse logo caminho para aquella orbe, pois della sahio a ajudar a fundação da Provincia de S. Gabriel, onde esteve desde o anno de 1509. até 24. em que foi para a nova Hespanha, mas porque na Piedade se adornou das virtudes necessarias a hum sujeito, que havia de commetter, e ditosamente acabar tão grande empreza. Por esta razão, ainda que sua vida anda diffusamente escrita por varios Authores, faremos aqui memoria della, pois temos tanta parte neste Veneravel Religioso. Foi elle natural de Valença de D. João, Villa em terra de Campos do Bispado de Leão. Já em menino se via nelle inclinação à virtude: foi esta crescendo com a idade; e tendo-a já competente para ser Religioso, acabados os estudos de Filosofia, e Theologia, em que sahio mui douto, tomou o habito de nosso Padre S. Francisco em o Convento de Maiorga da Provincia de Sant-Iago da Familia da Observancia, tendo nella por Mestre ao Padre Fr. João de Argumanes, Religioso não menos devoto, que douto.

2 Forão grandes as tentações, que padeceo no anno do noviciado; porque vendo o demonio nos exercicios de novico preludios de sua futura santidade,

de, e presumindo talvez a guerra, que ao depois lhe havia de fazer, importunamente o perseguia, persuadindo-lhe que deixasse o habito, e se tornasse ao mundo. Forçosas erão as tentações, mas muito mais poderosa a Divina graça, a que o noviço recorria no meio dellas. Com esta venceu gloriosamente ao inimigo; e cumprido o tempo do noviciado, fez profissão. No anno da approvação, e em recém-professo leu o livro das conformidades de nosso Padre S. Francisco, cuja leitura lhe alumiou o espirito em o conhecimento das asperezas da Regra, e juntamente o incendeo com o desejo de sua pura observancia. Neste tempo, como tivesse noticia da muita perfeição de vida de Fr. João de Guadalupe, e da austera, e regular observancia da Custodia do Santo Euangelho, que então começava a florescer, com desejo de mais perfeição deixou a sua Provincia de Sant-Iago, e veio a Portugal incorporar-se na Casa da Piedade.

^b 3 Não foi erro em Gonzaga ^b (como alguém disse que o tora ^c) dizer que ouvindo Fr. Martinho louvar a Provincia da Piedade, se passára a ella, onde vivêra alguns annos; porque supposto que ainda então não era Provincia, senão Custodia do Santo Euangelho, não a no-

^b Quarta p. Provinc. S. Euang. fol. 1251.
^c Mol. c. 12. Chron. P. S. Gabriel. l. 2. à cap. 5.

meou pelo nome, que tinha, quando Fr. Martinho se passou a ella, mas pelo que era, quando elle estas cousas escrevia: demais que não foi só, porque Wadingo, ^d e Daça ^e differão o mesmo, o que bem podião fazer sem algum erro pela razão, que temos dado. E ainda o fazerem mais especial menção das Casas, que esta Custodia tinha em Portugal, sem alguma memoria das de Castella, ainda que em hum, e outro Reino as tinha, foi porque no tempo, que a ella veio o Santo Fr. Martinho, só se conservava a dita Custodia em as Casas de Portugal, sem que tivesse Casa alguma habitada por elles em Castella, por serem dellas expellidos pelos Reis Catholicos. Na Piedade esteve alguns annos aperfeiçoando-se nas virtudes, como diz Gonzaga, debaixo do magisterio do Santo Fr. João de Guadalupe, e por morte deste, debaixo da disciplina do Veneravel Fr. Pedro de Melgar, a quem acompanhou em todos seus trabalhos, até que ElRei D. Manoel fez os concertos, que no primeiro Livro deixamos referidos, em que se erigio a Custodia da Piedade das Casas, que havia em Portugal, ficando as de Castella incorporadas na Provincia de Sant-Iago; porque como a estes concertos assistisse o Vigario

^d Wadding. tom. 8. d. ann. 1384. num. 8.
^e Liv. 2. c.

rio Provincial daquella Provincia Fr. João de Argumanes, que tinha sido seu Mestre no anno do noviciado, pedio-lhe quizesse deixar Portugal, e tornar-se para Castella, onde lhe affinaria para sua morada huma daquellas Casas dos Capuchos, que então pelos concertos se incorporavão na sua Provincia de Sant-Iago.

4 Condescendeo Fr. Martinho de Valença aos rogos de seu Mestre, e aceitando-lhe a offerta da Casa, que lhe fazia, escolheo para sua habitação o Convento de Belvis, que reedificou de novo, por estar totalmente arruinado o que naquella terra fundára Fr. Pedro de Melgar em seus principios. Como este Convento, onde viveo Fr. Martinho, e os mais, em que estavam os Frades, que tinham sido da Custodia do Santo Euangelho, vivião incorporados na Provincia de Sant-Iago, como Casas suas, daqui veio dizer Daça, *f* e antes del-
le Gonzaga, que da Piedade se tornára para a sua Provincia. Nesta Casa de Belvis viveo Fr. Martinho alguns annos, até que elle, e Fr. Anjo, com outros, que lhe concedeo o Geral Fr. Rainaldo, levantarão no anno de 1514. a Custodia da Estremadura, e desta ao depois a Provincia de S. Gabriel, de que foi segundo Provincial, e onde

esteve até o anno de 1524. em que passou à nova Hespanha.

CAPITULO VI.

Da humildade, e menoprezo do mundo, que resplandecia no servo de Deos Fr. Martinho de Valença.

I **C**omo a humildade he fundamento, ^a Joan. Chry-
fost tom. 1.
in cap. 14.
Genes. Ho-
mil. 35.
fobre que assenta a virtude, tanto tem esta de mais levantada, quanto aquella he mais profunda; nem póde ter muita duração a virtude, que se não radica na humildade. Desde que o Santo Fr. Martinho tomou o habito de Religioso, com grande cuidado aspirou logo a ser perfeito, para cujo fim com igual disvelo procurava o ser humilde, conhecendo bem a correspondencia, que guardão entre si estes termos. Era de natural colerico, e altivo; mas venceu tão perfeitamente esta condição, que parecia a mesma humildade, e brandura. Antes de conseguir esta victoria, teve consigo mesmo huma contínua guerra, como com contrario tão domestico. Prevaleceo com tudo contra a natural inclinação a graça Divina, de tal sorte, que veio a ficar nelle como nativa a humildade, com que se foi aperfeigoando nas virtudes; porque se ao soberbo resiste Deos, aos humildes ^b dá graça. Jacob. c. 4.

2 Os officios de Prelazia, pelo que tem de superioridade, sempre lhe forão penosos, como quem só desejava obedecer, e não mandar. Quando a obediencia o obrigava a ser Prelado, na sua opinião não era superior, mas servo de seus subditos, e assim os servia, fazendo pelo menor delles os officios mais humildes do Convento. Sendo Provincial, quando, visitando os Conventos, tinha capitulo de culpas a seus Frades, prostrava-se por terra, e dizia primeiro as suas, recebendo em penitencia dellas huma aspera, e rigorosa disciplina. Grandemente se affligia se em alguma parte o tinham por mais santo que os outros Frades. Para que o desprezassem, e desfazer o conceito, que delle tinham, fahia muitas vezes pelas ruas mais publicas sem habito, com corda ao pescoço, cuberta a cabeça de cinza, como peccador penitente, o que fez não poucas vezes em Belvis, a fim de que os Senhores daquella Villa, que muito o reverenciavão, imaginassem que era outro do que elles presumião; e sendo tudo isto actos heroicos de sua humildade, accrescentava esta com se não ter ainda por humilde; porque fallando huma vez com hum Religioso seu companheiro, que era de notavel mansidão, e humildade, lhe disse:

Oh irmão, quem fora tal, como vós sois!

3 Testemunhava delle este mesmo Religioso, que lhe víra fazer actos de tão profunda humildade, e fallar tão altamente desta virtude, tratando couzas tão prodigiosas deste genero do Archanjo S. Miguel, que veio a colligir, e ter por certo, que este Archanjo, de que era devotissimo, e lhe tinha apparecido algumas vezes, lhe havia revelado mysterios soberanos da verdadeira, e profunda humildade. Repetia muitas vezes, e trazia sempre na memoria aquellas palavras de Christo Senhor nosso por São Mattheus: *e se vos não tornardes Mat como meninos, não entrareis no Reino dos Ceos.* Daqui veio fer toda a sua vida hum contínuo acto de humildade.

4 Supposto que passou à nova Hespanha com authoridade Apostolica, como Legado do Papa, e com muitos privilegios assim Apostolicos, como Imperiaes, sendo reconhecido pelos Castelhanos, e Indios por superior; e Prelado daquella nova Igreja, e novo mundo, e Commissario Geral da Santa Inquisição por Bullas particulares do Pontifice, tomando muitos occasião de menores dignidades para se endeosarem, todas estas juntas não forão bastantes para o Santo Fr. Marti-

nho mudar de seu humilde tra-
to, antes discorrendo a pé, e
descalço de Provincia em Pro-
vincia, e de Reino em Reino
sem companheiro (por serem
poucos os Frades) a prégar o
Euangelho aos gentios, nunca
consentio que Indio, ou outra
alguma pessoa lhe levasse o Bre-
viario, e outros alguns livrinhos
de seu uso, elle mesmo os le-
vava, que supposto erão pou-
cos, e pequenos, não deixavão
de ser carga para hum corpo já
de muita idade, e debilitado
pela muita penitencia. Só nas
dignidades sentia pezo: para se
aliviar deste em parte renunciou
o officio de Commissario Geral
da Santa Inquisição, que admi-
nistrava havia annos, por Bulla
de Adriano VI. em hum Reli-
gioso de S. Domingos, tendo-
se por indigno de tão grande
dignidade.

5 Estando ainda na Pro-
vincia de S. Gabriel, foi à sua
patria, obrigado dos importu-
nos rogos de seus parentes. De-
pois de ter andado oitenta le-
guas a pé, e descalço, chegan-
do à vista da Villa, poz-se a
considerar o motivo, por que
tomára aquelle tão grande tra-
balho; e vendo que só por res-
peitos humanos, determinou
tomar de si hum rigoroso, e
exemplar castigo, com que jun-
tamente o desprezassem seus pa-
rentes, e elle pagasse aquella,

em seu parecer, tão grande cul-
pa. A' entrada da Villa despio
o habito, ficando em panos me-
nores: lançou a corda ao pes-
coço, mandando ao companhei-
ro, que puxando-lhe della, co-
mo a malfeitor, o levasse pela
Villa. Nesta fórma entrou em
a Igreja ou para offerecer a Deos
este sacrificio, ou porque lhe
não ficasse lugar publico, que
daquella sorte não discorresse.
Sahio dalli pelas ruas mais pu-
blicas, e por todas, onde mo-
ravão seus parentes, que ten-
do tanta humildade, e menos-
prezo do mundo por affronta,
elles mesmos o escarnecião; mas
como o servo de Deos só isto
procurava, sem que fallasse a
algum dos parentes poz-se a ca-
minho para o seu Convento.
Assim estimava o menosprezo
do mundo o verdadeiro amator
da Cruz de Christo.

CAPITULO VII.

*Das penitencias, e mortifica-
ções do Santo Fr. Martinho,
e como o demonio procura-
va perturbalo.*

1 **A** Ndão em continua
guerra o espirito,
e o corpo: para que aquelle
reine he necessario que este se
debilite; que como são tão con-
trarios, as forças de hum pre-
judicão muito às do outro. Des-

Oo ii de

de que o Santo Fr. Martinho tomou o habito de nossa Religião Serafica procurou sempre até à morte tirar as forças ao corpo, para assim augmentar as do espirito. Para este fim erão bem extraordinarias as penitencias, que fazia, que para sua tolerancia parece não bastavão forças humanas, nem hum corpo de carne, mas de bronze. O habito de seu uso era do saial mais grosseiro, que se achava, curto, e remendado. Nunca já mais usou de tunica, por maiores frios que fizessem, e como se não bastára por aspereza trazer hum habito intratavel ao carão da carne, juntava a este hum aspero, e continuo cilicio. A cama foi sempre hum cortiça sómente, ou huma esteira; nem dispensava com esta mortificação, ainda que estivesse gravemente enfermo. No comer foi tão abstinente, que bem pudemos dizer, que foi hum perpetuo jejum sua vida. Sua ordinaria comida era pão, e legumes, ou huma tigella de caldo: só consentia, sendo Prelado, que em as festas mui solemnes lhe lançassem na tigella humas migalhas de carne. E para que esse pouco, que comia, lhe servisse mais de mortificação, que de sustento, à imitação de nosso Serafico Padre, o tornava desabrido com cinza; e para este effeito a tra-

zia sempre consigo em hum saileiro.

2 Nunca bebo vinho, ainda que estivesse fraco, e mui enfermo. Nas disciplinas foi sobre maneira rigoroso, como quem tinha por mimo estar-se açoutando grande parte da noite, e assim vinha a fazer regalo do que os outros tomão por penitencia. Nas enfermidades nunca quiz admittir remedio corporal, como nem tambem outro Medico mais que a Jesus Christo crucificado, e sua Paixão Sagrada, que sempre trazia na memoria. Em os caminhos, por compridos, e fragosos que fossem, andava sempre a pé, e descalço. Nunca afrouxou destas penalidades, nem ainda na velhice, antes nesta idade às antigas mortificações accrescentou outras de novo, como era o ajoelhar-se muitas vezes a meudo por hum quarto de hora, de que se levantava mui quebrantado. Com tanta pontualidade cumpria estas penitencias, como se por algum voto estivera ao cumprimento dellas obrigado; e se alguma vez por suas occupações succedia não as cumprir naquellas horas, que para isso tinha deputado, costumava dizer: *Não tenho hoje cumprido com o que devo.*

3 Não podia soffrer o demonio tanta santidade, e penitencia; procurava por todos os me-

meios inquietallo, permittindo-o Deos, para que a virtude deste seu servo no fogo das tribulações se acrysolasse. Tomou por motivo para o tentar a capa da virtude, para que com esta rebugado fosse menos conhecido. Concorrião muitos penitentes a confessar-se com o Santo Fr. Martinho: obrigavão-no também seus Prelados a prégar frequentemente ao povo, pelo muito, que aproveitava com seus Sermões; mas vendo elle o muito tempo, que gastava com estes exercicios, e o pouco, que lhe ficava, conforme seu desejo, para se dar à oração, e contemplação, vierão-lhe a desagradar tanto aquelles exercicios, que para os evitar determinou deixar o habito de nosso Padre, e tomar o da Cartuxa. Movia-o também a isto o fugir a todo o applauso, que não podia evitar, sendo-lhe forçoso tratar com os seculares. Alcançou licença de seus Prelados, despedio-se de seus Frades, e Convento, e poz-se a caminho para a Cartuxa; mas como Deos não só queria que fosse para si, mas também para os proximos, e o tinha já escolhido para a conversão da nova Hespanha, a poucos passos lhe mostrou não ser aquella resolução de seu agrado. Sem occasião alguma lhe começou a doer hum pé tão

grandemente, que sem poder dar nem hum só passo, cahio em terra com a força da dor; e entendendo, allumiado de Deos, o que aquillo era, prometteo perseverar em sua Religião, e desistir daquelle caminho. Feita esta promessa, ao mesmo ponto se lhe tirou aquella dor do pé, e se tornou para o seu Convento.

4 Morando no de N. Senhora de Monte Cœli del Hoyo, donde, por ser o Convento solitario, vivia com grande consolação de seu espirito, aqui procurou recolher-se mui de véras, e entregar-se todo a Deos. Vio-se mui perseguido do demonio, que procurava perturballo: achava-se na oração sempre mui tibio, mas ainda assim não faltava a ella, supposto lhe faltasse aquella suavidade, e doçura, que antes sentia. Clamava a Deos com Christo na Cruz, dizendo: *Deos meu, porque me haveis desamparado?* Aborrecia-lhe notavelmente o deserto, sendo que de antes nenhuma outra cousa na vida mais lhe agradava. Todos os Religiosos lhe erão penosos, e causavão molestia, nem sentia em si aquelle amor, e caridade, que de antes lhes tinha. Nenhuma cousa espiritual lhe dava gosto, nem alivio, o que antes tinha posto nestes exercicios todo o seu regalo. A estas tentações

tações se lhe ajuntou a maior de todas, por ser em materias de Fé, e não a podia deitar de si, ainda que fazia muito por despedir-se della.

5 Parecia-lhe que não confragava, quando dizia Missa, pelo que, quando chegava a communhar, em o fim della fazia-se a si mesmo muito grande força, e com muita difficuldade recebia o Divino Sacramento. Apertou tanto com elle esta imaginação, que se retirava de dizer Missa: desta sorte o inquietava o demonio, deixando-o grandemente perturbado, mas não vencido. De outra sorte o combateo não com menor força: persuadia-o a extraordinarias abstinencias, e vigílias continuas, com que se enfraqueceo, e debilitou de maneira, que parecia seu corpo huma estatua de ossos. Não quiz hum dia comer cousa alguma, e parecendo-lhe ao seguinte que se achava com mais forças, esteve assim mais quatro dias. Rogavão-lhe os Frades comesse alguma cousa, porque estava perecendo; mas elle respondia, que nunca se sentira com tantas forças: mas era isto engano do inimigo, que vendo neste fervo de Deos tanta perfeição, tentava-o com a abstinencia, assim como a pessoas de vida ordinaria tenta com a gula. Nesta afflicção estava, e trabalho,

quando Deos, que nos maiores acode, o livrou deste por meio de huma simples mulher nesta maneira

6 Mandou-o huma vez o Guardião pedir esmola a hum lugar distante do Convento quatro leguas, e chegando a casa da Irman, que hospedava aos Frades, vendo-o que hia a pedir esmola, estando tão fraco, e debilitado, lhe disse: *Ai, Padre, que tem Vossa Reverencia, que parece querer espirar, e estar morrendo de fraqueza?* Ao pronunciar estas palavras alumeou Deos o entendimento de seu servo, e reparando nellas, como se lhas houvera dito algum Anjo, tornou em si, como quem desperta de hum profundo sono, e conheceo que era tentação do inimigo aquella abstinencia, que fazia. Ao mesmo ponto sentio tal fraqueza, e desmaio, que não podia sustentar-se em pé: teve logo fome, comeo, e ficou confortado Livre desta tentação, permittio Deos o ficasse tambem de todas as outras, e assim tornou à sua quietação, e repouso, celebrando com muita devoção, e sentindo na oração aquella suavidade, e doçura, que antes achava, e maior ainda, em premio do trabalho, por ser costume de Deos (como disse Sára mulher de Tobias) depois das lagrymas, e tri-

tribulação encher o coração de contentamento, e alegria.

CAPITULO VIII.

Da oração, e maravilhosos extases do Santo Fr. Martinho de Valença.

¹ FOi o Santo Fr. Martinho tão grande contemplativo, que nas occupaões da vida activa, que ainda aos perfeitos divertem algumas vezes, andava com huma viva consideração da presença de Deos. Trazia tão impressa na memoria a Cruz de Christo, e o que este Senhor padeceo em carne mortal, que padecia mais interiormente em o espirito com a meditação destas penas, que exteriormente em o corpo com as muitas penitencias, que fazia. Esta pena, que no interior padecia, como era tão vehementemente, no exterior muitas vezes se manifestava, por mais que elle procurava encubri-la. Particularmente lhe succedia isto na Quaresma desde o Domingo da Paixão até o primeiro dia da Pascoa; porque nestes dias andava tão macilento, e fraco, como se se tivera levantado de alguma grave, e comprida doença, fazendo mais vehementemente apprehensão na Paixão, e Cruz de Christo naquella tempo, que a Igreja representa es-

tes mysterios. No primeiro dia da Pascoa tornava a suas forças, e natural cor, como se não tivera nada padecido.

² Tanta doçura, e suavidade de espirito achava na oração, que tinha por regalo o tempo, que gastava neste exercicio. Para se dar a elle com mais socego, fugia quanto lhe era possivel à communicação de seculares, e ainda nos Conventos solitarios, onde morava, se retirava às Hermidas da cerca, se as tinha; ou se estas faltavão, fazia humas como choças de ramos de arvores, onde em mais soledade vacava a Deos. Desconsolava-se tanto, quando nestes retiros o buscava a devoção dos povos, que por esta occasião quiz, como já dissemos, entrar na Sagrada Religião da Cartuxa. Quando vivia em a nova Hespanha, retirava-se por tempos a huma serra, que está doze leguas da Cidade de Mexico para a parte do Oriente, onde a natureza em huma penha tinha feito huma Hermida, que ainda hoje conserva o nome deste seivo de Deos pela muita assistência, que alli fazia. Nesta lhe fez Deos favores soberanos: hum delles foi, que lhe apparecêrão N. P. S. Francisco, e Santo Antonio, e o certificárão de sua salvação.

³ Tão grande fervor na oração está promettendo mara-
vi-

vilhofos extaes : não faltarão estes ao Santo Fr. Martinho, de que referiremos aqui alguns. Na Hermida sobredita o virão muitas vezes extatico, e diversos generos de aves cantando docemente sobre elle, como que o festejavão, e acompanhavão em os louvores Divinos. Hum Religioso ouvindo fallar hum dia de seus continuos raptos, sobreveio-lhe hum desejo de ser testemunha daquella maravilha : para este effeito ficou hum noite escondido em o Coro depois de Matinas, e a pouco espaço, que alli esteve, vio em o mesmo lugar, onde o servo de Deos estava, hum claridade tão grande, que cego com tanto resplendor, não pode ver nenhuma cousa, nem ainda ao Santo Fr. Martinho, que alli estava. Turbado, e com medo do que interior, e exteriormente sentia, se sahio do Coro a toda a pressa, sem que oufasse esperar outra alguma cousa.

4 Estando hospede em o Convento de nosso Padre São Francisco de Salamanca, hum Irmão, que hospedava os Frades em sua casa, andava vendo o Convento; e chegando à hospedaria, onde o Santo Fr. Martinho estava orando, abrindo a porta, vio que estava levantado em o ar, e que todo o corpo lhe tremia, com cuja

vista ficou tão edificado, e devoto dos Frades, que quantos passavão pela terra, onde vivia, hospedava com singular caridade. Prégando hum vez em Belvis na semana Santa da Paixão de Christo, quando chegou a tratar de como o Senhor fora crucificado, sentio tão grande compaixão, e dor em sua alma, que levantou a voz, e deo mui grandes gritos, dizendo : *Cravo, cravo*. Dito isto, ficou em extase, sem poder fallar outra alguma palavra. Acompanhava-o hum Religioso espirital, e simples, que vendo a postura, em que o Santo Fr. Martinho estava, com hum santa inveja lhe disse a vozes altas : *Martinho, Martinho, deixa-te lá estar, não tornes cá*. Alguns ouvintes, por se certificarem daquelle rapto, lhe puxavão pelo habito com força : outros demasiadamente curiosos, ou incredulos o punçavão com alfinetes até lhe tirarem sangue; mas a todas estas curiosas diligencias estava immovel o Santo Religioso. Descêrão-no do pulpito, e rodeado de muita gente o levárão a casa de hum Fidalgo, onde depois de muitas horas, tornando a seus sentidos, deo hum grande suspiro, dizendo : *Porque razão me molestastes tanto, privando-me de tão grande consolação, como a em que estava?* Outras algumas vezes

zes lhe succedeo o mesmo, pré-gando tambem a Paixão; e em huma dellas, que tornou em si mais cedo do que costumava, querendo proseguir o Sermão, não tinha ouvintes, porque se tinham ido da Igreja. Finalmente forão tantos os extases deste servo de Deos, que não só na oração, mas nas praticas, que tinha com os Religiosos, ficava ordinariamente absorto, e alienado dos sentidos; e fora materia prolixa querellos referir todos.

CAPITULO IX.

Revelações, que teve o Santo Fr. Martinho da conversão dos Gentios da nova Hespanha, e como passou a ella.

AO mesmo passo, que hia crescendo no Santo Fr. Martinho o amor de Deos, crescia tambem de tal sorte o dos proximos, que nenhuma outra cousa trazia tanto diante dos olhos, como a salvação das almas, e conversão dos infieis à Fé de Christo. Desejava padecer martyrio, e dar a propria vida a troco de que se salvassem muitas almas, para cujo effeito fazia de continuo oração a Deos, exercitando-se em muitos jejuns, disciplinas, e outros louvaveis exercicios. Rogava aos

Religiosos encommendassem a Deos certa petição, que com elle trazia, para que sendo conforme a sua Divina vontade, lha despachasse. Punha tambem alguma industria, e diligencia humana para este fim, porque deliberado já de ir prégar aos Mouros, pedio licença a seus Prelados para passar a Africa. Por duas vezes lha negarão; e querendo elle terceira vez pedilla, se partio com esta deliberação em busca do Prelado. Ao passar de hum rio se vio em grande aperto, que para se salvar deixou ir pela agua abaixo huma Biblia, e outros livros espirituaes, que para sua consolação trazia consigo. Ficou assás desconfolado com a perda dos livros: encommendou-os a Deos, e à Virgem Santissima com tanta efficacia, que em sahindo fóra se foi o rio abaixo apôs elles, e foi Deos servido de lhos tornar, sem que padecessem damno algum, ou detrimento. Neste tempo huma pessoa espiritual, e devota teve revelação de que a seu tempo o Senhor lançaria mão de seu servo: esta lhe mandou dizer, que socegasse, e deixasse a jornada, que intentava, por não ser essa para a que Deos o queria, e que estivesse certo, que, quando chegasse a hora, o Senhor, que cuidava delle, o chamaria.

2 Nestas esperanças passava o Santo, até que Deos quiz satisfazello em algum modo. Antes de o chamar corporalmente, o chamou em visão, mostrando-lhe as muitas almas, que o esperavão. Foi o caso, que estando huma noite com os mais Frades em Matinas, em a quarta feira da segunda Dominga do Advento, ao principio dellas começou a sentir huma devoção interior em sua alma, acompanhada da memoria da conversão dos infieis, que tanto desejava. Arrebatado seu espirito nesta consideração, achava sentido a seu proposito em muitos versos dos Psalmos, que hia rezando, de que sua alma se gozava muito. Augmentou-se-lhe mais o gosto em o Psalm. 58. que começa: *Eripe me de inimicis meis Deus meus*, onde duas vezes se repete este verso: *Convertentur ad vesperam, & famem patientur, ut canes*: Pela tarde virão a converter-se, e buscar o pão, como cães famintos. Reparou o servo de Deos nestas, e dizia em seu coração: *Quando, Senhor, se cumprirá esta profecia? Quando será esta tarde? Se a verei eu? Se será neste tempo? Não serei eu digno de ver tal conversão, pois já estamos nas vespersas de nossos dias, e em a ultima idade do mundo*. Estas, e outras cousas dizia consigo in-

teriormente o servo de Deos, feito hum fogo de caridade.

3 Acabados os Psalmos de Matinas, succedeo por Divina disposição que sem ser Hebdomadario, nem Cantor, lhe mandou o Prelado dizer as Lições, (erão ellas tomadas do Capitulo 16. de Isaias) e lendo-as, achou que tambem faziação a seu intento, com que mais se inflammou no amor de Deos, e dos proximos. Estando-as assim lendo à estante do Coro, lhe mostrou Deos em espirito grande multidão de almas de infieis, que se convertião à Fé, e com muita pressa vinhão receber o Baptismo. Não se pôde encarecer o grande contentamento, que recebeu com esta visão; não pode deixar de o manifestar, porque rompeo nestas palavras, que repetio trez vezes: *Louvido seja Jesus Christo*. A isto se seguiu não poder passar adiante com as Lições, por ficar absorto em o que via, e naquella grande misericordia, que usava Deos com os homens. Os Religiosos ignorantes do mysterio, vendo o que passava, e entendendo que perdia o juizo, o levárão à cella, e para o assegurarem, temendo alguma desgraca, lhe cravárão a janel-la, e fechárão a porta, tornando-se para o Coro a proseguir as Matinas. Toda aquella noite,

te; e ao outro dia, atè que se dizia a Missa maior do Convento, esteve naquelle rapto maravilhoso, que forão quasi dez horas. Neste tempo tornando em si, e indo para abrir a janella, como a achasse pregada, entendeu a causa; e forrindo-se do temor, que os Frades tinham, tornou a contemplar na mysteriosa visão, que tinha visto, pedindo encarecidamente a Deos lhe mostrasse diante dos olhos corporaes o que vira com os da alma.

4 Não só teve revelação o Santo Fr. Martinho dos gentios, em cuja conversão elle foi instrumento, mas tambem de outros, que se havião de converter; porque mais de vinte annos antes de se descobrir a China, nem que por via de Portugal, ou Castella houvesse noticia daquelles Reinos, teve revelação de sua conversão à Fé. Estando em oração, vio huns homens de bem proporcionada estatura, diante dos quaes estavam humas aves batendo com as azas; como que querião voar; e era de tal forte, que com as pontas das azas chegavão aos beiços daquelles varões, causando-lhes tão fresca viração, que os deixava sumamente recreados, e contentes. Não podia entender o que aquella visão representava: revelou-lhe o Senhor, que aquel-

les homens erão outros gentios, que se havião de converter à nossa Santa Fé, de melhor entendimento, e capazes para os exercicios da oração, e contemplação; e que a viração, com que aquellas aves os recreavão, era a suavidade da Fé, e doutrina Euangelica, que havião de receber.

5 Segunda vez lhe revelou Deos o mesmo, ainda que de differente modo. Parecia-lhe que estava junto a hum rio, e da outra parte duas mulheres cada huma com seu menino em os braços: huma dellas era fea, e seu filho tambem feio, e doente dos olhos; a outra era formosa, e o menino formoso por extremo. Querendo passar o rio a mulher fea, não se atrevia; com tudo entrou nelle, com muito temor o começou a vadear, e como desvanecida, porque as ondas a turbavão, tropeçavão a cada passo; mas ainda que com perigo, e trabalho, passou o rio sem cahir. A mulher formosa, antes que entrasse no rio com o seu menino, que tinha em os braços, olhava attentamente ao Santo Fr. Martinho, rindo-se para elle com o rosto alegre, e o menino estendia o braço, como pedindo ao Santo lhe desse a mão, e o passasse onde elle estava. Logo com o menino entrou a mãe em o rio; e ainda

que era grande , e caudeloso , sem que lhe fossem impedimento as ondas , ou outra alguma cousa , o passou ligeiramente , e com muita facilidade. Foi-lhe declarado ao santo varão , que aquella mulher fea com seu filho era a Igreja da nova Hespanha , cujos filhos tem os olhos enfermos pela pouca luz de seu entendimento , porque paixão pelos Mysterios da Fé , como às escuras , turbados , e alienados , sem saberem dar conta de si ; e que a outra mulher formosa era outra nova terra , que se havia de descobrir , e nova Igreja , que nella se havia de fundar , cujos filhos fariam formosos , isto he , bons Christãos , e espirituaes , convertidos de sua vontade , sem alguma violencia , e assim fariam fervorosos em a Fé , e constantes em a Lei de Deos.

6 Estas ultimas duas revelações , a das aves , e das duas mulheres , teve o Santo Frei Martinho , estando actualmente occupado em a conversão dos gentios da nova Hespanha , depois de ter convertido nella muita infinidade de almas. Com estas revelações lhe creceu tanto o desejo de ir prégar àquella dilatada Provincia da China , que escolheu logo companheiro para aquella jornada. Chegou ao porto , onde se havia de embarcar , mas foi Deos

servido (por seus occultos juizos) que tão santa obra não tivesse effeito , porque ao tempo de se embarcar acháram os navios perdidos , supposto que novos , feitos para aquella jornada. Grande foi o sentimento , e desconsolação do Santo Fr. Martinho : dizia com ardente zelo da salvação daquellas almas : *Deixar-me ir em huma cabaca , que eu espero que Deos me ha de guiar , e levar aonde desejo* ; mostrando nestas palavras a dor , que seu coração sentia , por não poder ir dar a mão àquelle menino , que tinha visto , e o chamava. Tornou-se a Mexico cansado de andar a pé , e descalço trezentas leguas , que por remediar aquellas almas tinha caminhado. Intentou segunda vez aquella jornada , mas tambem não teve effeito por outros inconvenientes.

7 Doze annos depois daquella primeira revelação , que dissemos teve o Santo Fr. Martinho em o Convento de nossa Senhora de Monte Coeli , lhe cumprio Deos o desejo , que tinha de passar à nova Hespanha. Em huma Congregação , que celebrou a Provincia de São Gabriel no seu Convento de Belvis a 24. de Outubro de 1523. nomeou o Ministro Geral Fr. Francisco dos Anjos , que nella presidio , treze Religio-

CAPITULO X.

Do copioso fruto, que fez o Santo Fr. Martinho na nova Hespanha.

giosos, e por Prelado delles ao Santo Fr. Martinho de Valença, com titulo de Custodia do Santo Euangelho, que haviam de fundar; como depois fundarão naquellas partes. Deolhe Carlos V. cartas para os Governadores daquelle Reino; que lhe dessem o adjutorio necessario para seu ministerio, e juntamente humas Letras Apostolicas de Adriano VI. cuja data ^{p. 10.} foi a 10. de Maio de 1522. nas quaes o Summo Pontifice lhe concedia toda a sua omnimoda potestade, assim em o foro interior, como exterior, para tudo aquillo, cujo exercicio não pede necessariamente Ordem Episcopal. Por virtude destas Letras Apostolicas foi constituido o Santo Fr. Martinho de Valença por Vigario Apostolico, e Legado do Papa em aquelle novo mundo, e cabeça daquella Igreja, e Christandade. Depois por outra Bulla do mesmo Pontifice se lhe deu titulo, e officio de Commissario Geral da Santa Inquisição, com authoridade de poder substituir este officio em outro qualquer, que lhe parecesse, como em effeito substituiu em hum Veneravel Religioso da Ordem de nosso Padre S. Domingos.

1 Partio de Hespanha o Santo Fr. Martinho com seus doze companheiros dia da Conversão de São Paulo do anno de 1524. chegou com prospera viagem a Mexico na Vigilia de Pentecostes a 15. de Maio do mesmo anno. Forão os primeiros, que prégárão naquellas barbaras terras o Santo Euangelho, pelo qual muitos Authores chamão Apostolos do novo mundo. A primeira cousa, em que entendeu o fervo de Deos, foi desterrar a idolatria, para que aquelles barbaros mais facilmente se convertessem a Deos. Derribarão todos os templos, que naquella terra achárão, levantando Igrejas, onde arvorarão o soberano estandarte da Cruz. Nos primeiros dias puzerão por terra mais de quinhentos templos, onde o demonio era adorado, e mais de vinte mil idolos; e houve dia, em que só hum daquelles Religiosos queimou mil idolos por sua mão.

2 Não foi este meio pouco efficaz para aquelles Indios se converterem com mais facilidade à nossa Santa Fé; porque

que como lhe tirarão diante dos olhos os idolos, que adoravão, e destruirão os templos, recorrião aos dos Christãos, por serem de sua natureza inclinados a cousas de Religião. Desappareceo logo o demonio, que naquelles idolos fallava cada hora aos Indios, dando-lhes respostas ao que lhe perguntavão, com cujos enganos andavão tão cegos, que no principio sentirão grandemente a destruição dos templos. Foi innumeravel a gente, que o servo de Deos converteo; tanto, que diz Bocio, ^a que he cousa incrível dizer o que o Santo Fr. Martinho trabalhou nesta conversão. Em hum tratado impresso, que daquellas partes se enviou a Philippe III. de Castella, se diz, que só em a Cidade de Xuchmelco, e em sua Comarca ^b tinham baptizado dezeseis milhões de Indios; e daqui se póde inferir os que baptizarião em todo aquelle novo mundo.

^a
De Signis
Eccl. l. 12.
cap. 21.

^b
Daça citat.
cap. 11.

3 Havia naquellas partes, quando o Santo Fr. Martinho passou a ellas, hum abominavel costume entre aquelles Indios, e era, que sacrificavão homens ao demonio, estando nisto tão cegos, que cada anno passavão de vinte mil ^c os que em a Cidade de Mexico sacrificavão, que pela maior parte erão meninos, e lhe tiravão os corações, que offerecião aos seus deoses.

^c
Idem ibid.

Este erro lhes tirou logo o Santo Fr. Martinho, e com elle outros muitos vicios, que tinham. Grandes forão as contradicções, que padeceo na conversão daquelles gentios, não só do demonio, que sentia ver-se despojado do que havia tantos annos possuia, mas tambem ainda alguns Capitães Catholicos, que governavão Cidades, se lhe oppuzerão, molestando-o algumas vezes, porque detinha aos Indios, catequizando-os, e instruindo-os na Fé, não querendo elles senão occupallos tão sómente em o trabalho das minas, antepondo a infaciavel cobiza, que tinham de ouro, e prata, à honra de Deos, e salvação daquellas almas. Todas estas opposições, ajudado da Divina graça, venceo o Santo Religioso, discorrendo com hum infatigavel diligencia por todo aquelle novo mundo; o que considerando o douto, e piedoso Varão Fr. Lourenço Surrio, ^d diz, que foi providencia Divina, que em o tempo, em que hum Martinho (que foi Luthero) pervertia com os abominaveis dogmas de suas heresias multidão de almas em Alemanha, nesse mesmo outro Martinho (que foi o nosso Santo) convertia outra maior multidão à nossa Santa Fé em as Indias Occidentaes com sua santa vida, e obras milagrosas.

Surrio
Com
rerum
Orbe
tar. a
1558

4 Hum dos meios importantes, que o Santo Fr. Martinho tomou para a conversão daquelle novo mundo, foi fundar Seminarios, onde criava meninos, para que estes instruidos na doutrina Catholica, enfiasssem a seus pais, e naturaes. Hum dos mais celebres foi o Seminario de Haxcala, donde havia mais de quinhentos meninos, e muitos delles filhos de grandes senhores, e principaes daquelle terra, e todos erão discipulos do Santo Fr. Martinho. Dous destes derão a tenra vida por amor de Jesus Christo, que por ser cousa tão particular, e fruto dos trabalhos do Santo Padre he bem que os escrevamos para gloria de Deos. No anno de 1526. chegarão àquellas Indias doze Religiosos de nosso Padre S. Domingos, e que trabalhavão na conversão dos gentios com o Santo Fr. Martinho de Valença. Hum delles chamado Fr. Bernardino, querendo entrar a terra a dentro a prégar aos Indios, pedio ao Santo Fr. Martinho lhe désse alguns daquelles meninos, que foubessem ajudar à Missa, e alguma cousa das ceremonias Ecclesiasticas, e da doutrina Christam, para que lhe ajudassem em a administração dos Sacramentos. Chamou o Santo aos meninos seus discipulos, e declarou-lhes o intento do Padre

Fr. Bernardino. Tanto que ouvirão isto, quando hum delles, que se chamava Antonio, filho de hum nobre Indio, e neto do senhor de Haxcala, disse: *Padre meu, eu folgarei muito de ir servindo ao Padre, e ser seu companheiro em tão santa jornada.* Ao mesmo se offereceo outro menino principal chamado Diogo. Ao menino Antonio servia hum pagemzinho, chamado João, que quiz acompanhar a seu amo, e servir a Deos em tão santa obra.

5 Preparados os trez meninos para a jornada, quizerão receber a benção de seu Santo Mestre, que com espirito de profecia lha deo com mui amorosos abraços; e derramando sobre elles muitas lagrymas, lhes disse: *Filhos meus, olhai que ides fóra de vossa terra a padecer trabalhos entre infieis: sinto muito, por ver-vos de tão tenra idade, a falta do regalo de vossas casas, e o apartareis-vos de vossos pais, que vos gerarão. E se quereis que vos diga o que sinto, sabei que vos hão de matar os inimigos do Euangelho; e pelo muito, que vos amo, filhos, em o Senhor, vos digo desde logo, que ides, como cordeiros entre lobos, a morrer por seu Santo nome.* O menino Diogo disse: *Se nos ensinás, que Deos morreo por nós, que muito que façamos o mesmo por elle?* Acref-

crescentou Antonio: *Padre, se no caminho nos tirarem a vida por amor de Jesus Christo nosso Senhor, de boa vontade desde logo lha offerecemos; pois tu nos pregaste a semana passada, que crucificarão a S. Pedro, e degollarão a S. Paulo: e hontem nos dissestes que S. Bartholomeu morreu esfolado por amor de Deos: nós-outros; Padre, desejamos padecer por seu amor estes martyrios, e outras maiores: por tanto não nos dilates, senão dá-nos tua benção, e licença.* Desfazia-se em lagrymas de ternura o Santo Fr. Martinho com ver tanta fortaleza em tão pouca idade, e dando-lhes a benção, os entregou ao Padre Fr. Bernardino, a quem havião de acompanhar.

6 Chegou com elles a Tapeaca, e desejando reduzir os moradores desta grande povoação à nossa Santa Fé, de que os mais delles, sendo convertidos, tinhão apostatado, mandou aos trez meninos, que lhe trouxessem quantos idolos achassem, e elles o fizeram com tanto zelo, e valor, que dentro em trez, ou quatro dias, não deixarão idolo algum em templo, ou em casa particular. Não achando mais neste lugar, passarão dahi huma legua a outro, onde Deos tinha guardado aos dous a coroa de martyrio. Encontrou o menino Antonio em hu-

ma sala a buscar os idolos, não achou nella pessoa alguma, senão só outro menino, como elle, à porta, com quem se ficou o pagemzinho João. Neste tempo chegarão dous Indios principaes, e aggravados dos meninos, porque lhe tiravão os seus deoses, com huns grossos bastões derão tão fortes golpes em o menino João, que aos primeiros lhe abrirão a cabeça, e tirarão a vida. Sahio ao estrondo Antonio, e vendo a crueldade dos barbaros idolatras, se lembrou das palavras, que lhe disse seu bemdito Padre, e Mestre o Santo Fr. Martinho, e confortado em o Senhor, os reprehendeo, dizendo: *Que he isto crueis? Porque matais este Anjo? Eu sou o que vós-outros buscais, e o que tem destruido vossos idolos, que ainda que os adorais por deoses, não o são, senão demonios, que por vosso bem vo-los tiro: eu, eu mesmo, e não este pobrezinho, deixai-o, que aqui estou eu.* A estas razões se embravecêrão mais os idolatras, e com desejo de vingarem a injuria de seus idolos, começarão a dar golpes em o menino Antonio, o qual o pouco tempo, que durou a vida, chamava a Deos, e lhe dizia: *Senhor meu, levai-me aonde estais, pois morro por vossa causa. Ah Senhor meu Jesus Christo, enviai por minha alma. Senhor,*

nhor meu Jesus Christo, favorecei-me. Com estas palavras espirou.

7 Outro menino, discipulo tambem do Santo Fr. Martinho, e criado no mesmo Seminario, padeceo martyrio a mãos de seu proprio pai. Chamava-se elle Christovão, de idade de doze annos, tão zeloso da honra, e culto de Deos, que quando hia alguma vez do Seminario a casa de seu pai, lhe prégava a Fé, lançava por terra, e quebrava quantos idolos achava por casa. Levava o pai mui pezadamente estas cousas, mas dissimulava-as, porque lhe queria muito, e era o que lhe havia de succeder em o morgado; mas como o Santo menino insistisse neste seu zelo, embraveceo-se o pai de maneira, que determinou por suas proprias mãos tirar-lhe a vida. Para este effeito pedio ao Santo Frei Martinho que lho dêsse, e outros trez filhos seus, que estavam no Seminario, porque queria fazer em sua casa huma festa, e desejava que se achassem nella seus filhos. Quando os teve em casa juntos, disse aos trez, que o deixassem só com Christovão. Hum delles, chamado Luiz, entrou logo em alguma suspeita, e assim procurou com alguma diligencia ver o que o pai fazia. A pouco tempo ouviu queixar a Christovão seu ir-

mão; e olhando por huma janella, vio que seu pai o arrastava pelos cabellos, e o tinha a seus pés, dando-lhe tantos couces, que bastarão a tirar a vida ao homem mais robusto, quanto mais a hum menino. Depois deste tormento lhe deo outro mais rigoroso, que foi quebrar-lhe o corpo tenro com hum grosso bastão. Desde que aquelle cruel começou a tratar desta forte ao filho, dizia o menino: *Senhor Deos meu, tende misericordia de mim. Senhor, se quereis que eu morra por vós, isso mesmo quero eu; e se outra he vossa vontade, livrai-me da crueldade de meu pai.* Não se entorneceo este, ainda que vio tão mal tratado ao filho, antes mais embravecido pelo ouvir chamar por Deos, mandou acender huma grande fogueira, e nella lançou ao menino. Tirarão-o della, cuidando que estava já abrazado; porèm ainda sahio della com vida, que durou toda aquella noite seguinte. Na manhã mandou chamar o pai, e lhe disse: *Não estou comtigo enojado, nem tenho, pai, porque; antes me tens feito o maior bem, que já mais pai algum fez a seu filho.* Acabando de dizer isto, e chamando por Deos mui de véras, e pela Virgem nossa Senhora, e nosso Padre S. Francisco, em cuja Casa se tinha criado, deo a alma a Deos.

Estes forão os frutos da prégação do Santo Fr. Martinho: a infinidade de almas, que a Deos converteo, não houve quem as pudesse numerar, e assim passaremos a historiar sua morte.

C A P I T U L O X I.

Da morte do Santo Fr. Martinho de Valença.

I Um dos doze Religiosos, que passáram com o Santo Fr. Martinho às Indias Occidentaes, chamava-se Fr. Antonio Ortiz. A este descobrio o Santo sua morte, estando ainda em Hespanha. Onze, ou doze annos antes della lhe disse: *Irmão Fr. Antonio, eu sei hum Frade, que da outra parte do mar ha de morrer em vossos braços: não morrerá em cama, senão em campo.* Assim o tinha Deos revelado a seu servo; mas como lhe não foi declarado se aquella morte no campo havia de ser violenta por martyrio, ou natural por enfermidade, persuadio-se que seria por martyrio, pelo muito, que o desejava, e tinha pedido a Deos com muita instancia em suas orações; mas como Deos lhe tinha ordenado outra morte, não conseguiu o Santo Frei Martinho o que tanto anhelava. Costumava elle a tempos, à imitação de nosso Pa-

dre S. Francisco em o Monte Alverne, recolher-se em huma Hermida, obra da natureza entre hum penhasco, situada na meia ladeira de huma alta, e devota serra, onde se dava à contemplação das cousas do Ceo.

2 Neste lugar o visitou Deos com a ultima enfermidade dia do Archanjo S. Miguel do anno de 1534. Conheceo o Santo que era a derradeira, e assim disse a seu companheiro: *Jà se acaba.* Não entendeo elle o que o Santo queria dizer naquellas breves palavras, e assim lhe perguntou: *O que, Padre?* A que elle não deferio. Da Hermida foi levado ao Convento de Talmanalco, onde recebeo os Sacramentos com grande alegria de espirito, e summa devoção. Os Frades cuidadosos daquella enfermidade, determinárão levalllo a curar a Mexico, e para este effeito o embarcárão; porèm apenas entrou na barca, conhecendo que a sua ultima hora era chegada, disse aos companheiros, que logo o tornassẽ a pôr em terra. Fizerão-o assim; e olhando elle a Fr. Antonio Ortiz, que era hum dos que o acompanhavão, lhe disse: *Irmão Frei Antonio, Fraudatus sum à desiderio meo;* que foi dizer: *Não se ha cumprido o meu desejo de padecer martyrio por amor de Christo.*

Poz-se de joelhos em terra, as mãos postas, e olhos levantados ao Ceo, encommendando-se muito a seu Creador, deixou a vida temporal reclinado em os braços de Fr. Antonio Ortiz. Então se lembrou elle do que o Santo lhe tinha dito, estando ainda em Hespanha, ácerca de sua morte.

3 Morto o Santo Fr. Martinho, o tornárão a levar os companheiros para o Convento de Talmanalco, e no meio da Capella lhe derão sepultura. Poucos dias depois foubé o Custodio daquella Custodia do Santo Euangelho (já Provincia) da morte, veio ao sobredito Convento, fez desenterrar o corpo, e pollo em hum ataúde de madeira, e em cima da sepultura humá pedra grande com o seu nome. O mesmo Custodio disse pelo defunto aquelle dia Missa de S. Miguel, por saber havia sido especial devoto daquelle Anjo; e no tempo, que a Missa se dizia, estava humá pessoa devota na Igreja, a qual vio ao Santo desde que se começou o Gloria até o fim da Missa estar sobre a sepultura em pé, vestido em seu habito, com as mãos enfronhadas em as mangas, e os olhos inclinados para a terra, como se lê de S. Luiz Bispo. Tanto amor teve o Santo Fr. Martinho em vida à humildade, e santa pobreza, que

ainda depois de morto quiz que estas virtudes o acompanhassém na sepultura. Tirárão humá vez os Frades a pedra de sua sepultura, e descubríão seu corpo para o venerarem, e louvarem a Deos em seu servo; e achando-o tão inteiro, como quando estava vivo, e que lançava de si humá suavissima fragrancia, lhe tirárão por devoção humá taboa do ataúde, e em seu lugar puzerão outra nova, curiosa, e pintada, e tornárão a cubrir o corpo. Pouco depois se ouvíão dentro da sepultura muitos golpes, os quaes durárão, até que os Frades presumindo o que podia ser, tirárão a taboa nova, e curiosa, tornando a pôr a que antes tinha.

4 Neste lugar esteve sepultado seu santo corpo por mais de trinta annos, e neste tempo foi aberta sua sepultura muitas vezes, e visto inteiro, e incorrupto, até que no anno de 1567. sem se saber como, nem de que maneira, desappareceo, nem até agora se tem descoberto rasto d'elle. Achou-se menos no sobredito anno, porque vindo o Provincial daquella Provincia do Santo Euangelho ao Convento de Talmanalco, mandou abrir a sepultura do servo de Deos, para mostrar aquella preciosa reliquia a seu companheiro, que a desejava ver, supposto que já no anno anteceden-

te a tinha visto. Tirarão a pedra da sepultura , e ainda que cavarão muito fundo , não acharão o santo corpo. Fizerão diligente inquirição por todas as partes , assim entre Frades , como entre Indios , e nunca se pode achar o menor indicio , ainda que se fizerão muitas diligencias. No anno de 1580. se publicarão para este fim muitas excommunhões , mas nada aproveitirão. Muitos attribuirão isto a milagre , e segredo de Deos , parecendo-lhes ser impossivel furtarem o corpo, sem que os Frades tivessem disto noticia alguma , ou pelo menos , por estar na Capella mór da Igreja sua sepultura , ficar algum indicio de terem levantado a pedra , mas nem este final se achou ; com que não vai fóra da razão aquelle pensamento.

5 Alguns milagres obrou Deos nosso Senhor pelos merecimentos de seu servo depois de sua morte : foi o primeiro , que como hum a vez abrissem sua sepultura , achou-se presente hum Religioso , que totalmente tinha perdido o sentido de cheirar , e apenas se abriu a dita sepultura , sentio aquelle Religioso hum a grande suavidade , e fragrancia , que o santo corpo de si lançava , e foi logo são , tanto , que nunca já mais padecio defeito , ou achaque na-

quelle sentido. Tambem se diz que o Santo Fr. Martinho farrou hum a mulher muito enferma , que se encommendou em suas orações. Encommendando-se assim mesmo ao servo de Deos hum Religioso mui perseguido , e molestado de tentações , foi livre de todas ellas. Pelo muito que os Indios venerarão a santidade do Santo Fr. Martinho , recolhêrão depois de sua morte as coulas , que pudêrão haver de seu uso , como forão hum cilicio , hum a tunica , e duas casulas , com que dizia Missa. Experimentarão a virtude daquellas reliquias em muitas enfermidades , principalmente em humas pragas pestíferas , com que se vio opprimida a nova Hespanha. Muitos mais pudemos escrever deste Veneravel Religioso , que omittimos , por andar escrito por varios Authores , antes nos estendemos muito , ainda que assim o pedia a obrigação ; porque além de ser companheiro nos trabalhos dos nossos primeiros Fundadores , quando logo sahio da sua Provincia de Santiago , veio para as Casas , que a Custodia do Santo Evangelho tinha em Portugal , onde morou oito annos , desde o de 1501. até o de nove , em que se foi para as de Castella ; nem fizera esta mudança , senão fora obrigado dos rogos de Fr. João

João de Argumanes seu Mestre ; se bem que foi providencia Divina , porque as de Castella tinham necessidade de seu favor , e as de Portugal logravão já pacifico locego ; bastalhe a estas para sua gloria sahir de huma dellas , que foi a Piedade , como Sol a illustrar o novo mundo.

CAPITULO XII.

Memoria do Veneravel Religioso Fr. João da Veiga.

Alguns annos depois que o Santo Fr. Martinho entrou em as Indias Occidentaes de Castella , fez tambem a mesma missão hum Religioso , filho desta Provincia ; a occasião que para isto houve foi a seguinte. No anno de 1532. escreveo a Emperatriz Dona Isabel , mulher de Carlos V. e filha de ElRei D. Manoel de Portugal , huma carta ao Capitulo Geral de Tolosa , ^a celebrado no mesmo anno , em que pedia aos Padres nelle congregados , escolhessem de todas as Provincias de Hespanha alguns Religiosos de approvada vida para irem prégar o Euangelho às Indias Occidentaes ; que supposto tinham já passado muitos Religiosos àquellas partes , erão com tudo poucos a respeito das muitas ter-

ras , que de novo se descobrião. Em cumprimento desta carta mandou o Commissario Geral Fr. Nicoláo Herbonio , eleito naquelle Capitulo , huma Patente sua por todas as Provincias de Hespanha , em que depois de incitar àquella santa missão , apontava aos Provinciaes os requisitos , que havião de ter aquelles , que destinassem para este ministerio. Chegou esta Patente à nossa Provincia da Piedade , sendo Provincial della Fr. João de Albuquerque , offereceo-se hum Veneravel Religioso chamado Frei João da Veiga , que sendo professo , e criado nesta Provincia , foi tal o descuido de nossos antigos , que nos deixarão sepultadas suas acções , e patria , a noticia : que delle temos devemos aos estrangeiros. ^b Levou consigo por companheiro a outro Religioso , a quem as Historias chamão Fr. João Gomes. Costume he mui antigo em a Provincia da Piedade tomarem os filhos della os appellidos das terras , onde nascêrão ; nem estes dous Religiosos o deixarão , senão depois que se encorporarão nas Provincias das Indias Occidentaes , por se conformarem ao estylo dellas.

² Foi Fr. João da Veiga hum dos mais insignes Prégadores de seu tempo ; seguia-o innumeravel povo , porque além da

^b Cordova
na Chron.
Francise.
do Perú
13. cap. 11.
Agiol. Lu-
sit. tom. 3.
Junho 4.
lit. C.

da particular graça , que tinha para apredica , era maior o fervor de espirito , com que reprehendia os vicios , e exhortava às virtudes. Maravilhoso foi o fruto , que com seus Sermões fez naquelle novo mundo , porque os acompanhava com hum raro exemplo de perfeição , aspereza de vida , e pobreza Euangelica. A abstinencia foi notavel : nunca comeo cousa alguma fóra da Communnidade , obrando nisto tão indispensavelmente , que sendo Confessor do Marquez de Canhete , Vice-Rei nas Indias , já mais pode acabar com elle que jantasse fóra , ou lhe mandasse regalo algum de sua mesa. Affinalou-se entre todos em tanta perfeição , e virtude , que erigindo-se a Custodia de Chile em Provincia , com titulo da Santissima Trindade , o escolherão a elle por primeiro Provincial.

Gonzag.
pag. 1347.

3 No governo se mostrou manso , e pacifico , com grande inteireza , e efficacia no que emprendia , sendo mui pontual na observancia religiosa , com cujo exemplo vivia na mesma forma todo o corpo da Provincia. Sua caridade foi estremada : obrigado desta visitava inquitavelmente todos os dias manhã , e tarde os enfermos , sem que fosse bastante nenhuma , ainda que grande occupação , para o

divertir deste seu cuidado. Reprehendia com aspereza qualquer falta , que se tivesse com elles , como tambem com os velhos , e anciões ; mandava que a estes se fizesse todo o bom tratamento , dando por razão que bem o merecião , pois tinham servido a santa Religião. Sendo para todos tão brando , e piedoso , para comfigo era tão rigoroso , e austero , que ainda depois de quebrantado dos muitos annos era sua vida hum vivo retrato da mortificação , e penitencia. A virtude da santa humildade teve em gráo superior , fazendo-se desestimar , e conhecer pelo mais vil de todos : desta lhe nascia não obrar cousa alguma , sem que primeiro tomasse conselho : exemplo , que se muitos Prelados seguirão , não evitarião poucos erros. Exhortava nos Capitulos , que tomassem sempre parecer , ainda que fosse dos pequenos , porque desta sorte melhor se acertava.

4 Para o apurar na paciencia permittio Deos que fosse perseguido dos Prelados ; e supposto o foi sobre maneira , ninguém já mais lhe ouviu de sua boca palavra , que soasse a menor queixa ; antes fallando certo dia com hum amigo seu particular , lhe disse , que nunca se acordára do mal , que se lhe fizera , nem do bem lhe ficá-

cára memoria alguma. Foi isto grande parte, para ser ajustado seu governo, sendo Prelado: pois não menos o perverte a lembrança do beneficio, que a memoria do agravo. Nunca já mais se lhe ouvio dizer mal de alguém, nem consentio que em sua presença se dissesse palavra descomposta, ou menos honesta: sempre fallava de Deos com espirito, e das cousas proveitosas à alma com fervor. Nos ineffaveis mysterios da vida de Christo meditava de dia, e de noite com tanta doçura, e suavidade, que de quantas cousas olhava, tinha presente, e tomava nas mãos, tirava mel divino de contemplação. Em sua boca erão frequentes os louvores Divinos, e amorosas jaculatorias, que como settas de fogo despedia seu abrazado coração, mostrando nestas exteriormente o incendio, que em seu peito ardia. O corpo trazia tão mortificado, que de fraqueza apenas se podia sustentar; mas tão rendido à razão, que para aceitar as muitas, e rigorosas penitencias, com que o macerava, não era necessario lhe fizesse muita violencia, antes costumava dizer muitas vezes com Jeremias fallando com Deos: *Senhor, não senti trabalho em seguir-vos, porque não ha dor em Jacob, nem cansaço em Israel.*

5 Ninguém foi tão ambicioso da propria estimação, como este Santo Religioso do menosprezo de si mesmo. Sendo Provincial da Provincia da Santissima Trindade de Chile, andando na visita della, antes de chegar aos Conventos dizia com grande sentimento, e lagrymas a seu companheiro Fr. João Gomes: *Oh irmão, se quando chegarmos, e tangermos à campanha, sabir o Porteiro mui desabrido, e nos disser palavras injuriasas, e passando a obras, nos der com humas disciplinas, e responder não conheço Fr. João, e com estes, e outros vilipendios nos fechar a porta, e deixar de fóra às inclemencias do tempo, que grande gosto, e alegria teria minha alma!* Deste alto sentimento, e luz superior lhe procedia estimar grandemente as injurias, que lhe fazião, como se nellas lhe fizessem as maiores honras. Acabado o triennio de seu Provincialato na Provincia de Chile, voltou para a dos doze Apostolos, onde estava encorporado; nella foi Vigario Provincial, e duas vezes Guardião. Desta o tirárão outra vez para Provincial da Provincia de Charcas, andando assim com seu exemplo illustrando como Sol todas aquellas Provincias do novo orbe.

6 Andando na visita desta, lhe deo huma tão apertada dor de

de costas , que o reduzio ao ultimo termo da vida ; e estando já agonizando , sem alguma esperanza della , invocárão seus companheiros o favor da Rainha dos Anjos , promettendo que se lhe alcançasse de seu precioso Filho a desejada faude , irião visitar sua Casa de Copa Cavana , milagroso Santuario do novo mundo. Feita a promessa , se achou o enfermo cercado de huma candida nuvem , bordada de cambiantes luzes , e semeada de tantas estrellas , e por extremo tão luzidas , como se forão muitos Soes juntos. No mais alto da nuvem descobria-se huma matrona de veneravel magestade , vestida de roupas roçagantes , com coroa na cabeça , e sceptro na mão , tão bella , e tão formosa , como a mesma belleza , e formosura. Reconheceo o enfermo ser a Rainha do Ceo , e da terra a que lhe apparecia , com cuja celestial presenca sentio o que se não póde explicar , nem comprehender humanamente. Olhou a Senhora como Mãi de misericordia para elle ; e chegando-se à cama , com todo o affecto lhe disse : *Levanta-te , filho , que já estás bom.* Pronunciadas estas palavras amorosas , desapareceo esta celestial visão , confirmando a verdade della o milagroso effeito , porque no mesmo instante se achou perfeita-

mente são o que já por momentos esperava a morte. Ficou cheio de extraordinaria alegria , e gozo incomparavel , que lhe deixou por muito tempo aquella soberana visita.

7 Os companheiros , que com lagrymas em seus olhos da funesta hora , que esperavão , ficárão adormecidos de cansados , vendo-o já são , e sabendo o meio , por onde alcançara tão repentinamente faude , choravão de contentamento com maior abundancia , que pouco antes de tristeza. Tanto que amanheceo , forão logo visitar a Santa Imagem , e dar-lhe as graças daquella tão affinalada mercê , e beneficio , indo o servo de Deos duas leguas antes a pé totalmente descalço com muita devoção , onde teve huma novena , e ficou pintado na Igreja o milagroso apparecimento para perpetua memoria.

8 Trez annos estive na Provincia de Charcas ; acabados elles , voltou a Lima , cabeça da mui reformada Provincia dos doze Apostolos , onde obrigado da obediencia aceitou a Guardiania daquelle Convento. Neste alentado com os auxilios da Divina graça se esmereou mais na santidade , e creceu na virtude , cantando , como Cisne propinquo à morte , mais suavemente suas jaculatorias , como prognosticando assim

fim a despedida ; e assim foi , porque em breve occupado nestes santos exercicios o achou a ultima enfermidade. Nella recebeo os Sacramentos com perfeito juizo vestido no habito , como andava em saude , costume inviolavel da Provincia da Piedade , onde se tinha criado , e de quem era filho. Chegando o tempo da partida , abrio os olhos , que tão fechados teve sempre para o mundo , e levantados agora para o Ceo , entou com grande espirito o Cantico , que o Santo Velho Simeão disse , tendo o Salvador em seus braços : *Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace* ; e não dizendo mais outra alguma palavra , partio sua alma a receber o premio dos muitos trabalhos , que tinha nesta vida padecido. Foi seu transito no sobredito Convento da Conceição de Lima no anno de 1596. já em idade decrepita.

CAPITULO XIII.

Do setimo Ministro Provincial, e da Casa de Estremoz, que se recebeo em seu tempo.

35 - 1 NO fim do triennio do nosso Ministro Provincial Fr. João de Albuquerque celebrou-se Capitulo Geral em o Convento da Santa Cruz

da Cidade de Niza , onde sahio por Ministro Geral o Padre Fr. Vicente Lunel. Neste assiftio o nosso Provincial ; e como désse conta ao Ministro Geral que hia já no fim o seu triennio , elle lhe commetteo a Presidencia do Capitulo futuro , e de todas as acções capitulares ; que supposto havia já alguns annos , que se costumava na Ordem mandarem-se Visitadores às Provincias para residenciarem do governo dos Provinciaes , e presidiem aos Capitulos , com tudo não estava tanto em uso que fosse isto indispensavel. Por virtude da commissão , que trouxe , hum , ou dous mezes antes que acabasse o seu officio congregou Fr. João de Albuquerque os Vogaes todos para eleição de novo Ministro. Sahio eleito pelo fim do anno de 1535. o Irmão Fr. Diogo de Borba , que já o tinha fido , e mostrado bem quão merecedor era deste ministerio. Na sua Congregação se aceitou a Casa de Estremoz a petição do povo.

Fr. Diogo
de Borba,
Provinc. 7.

2 He Estremoz entre todas as Villas de Alentejo a mais fertil , e aprazivel , cujos ares são tão benevolos para a conservação humana , que nem o rigor do Estio alli he nocivo , nem o Inverno molesto. Fica em distancia de seis leguas da Cidade de Evora para o Oriente ,

Rr

af-

asas conhecida pelas varias invenções de vasos de barro, que della sahem, tão celebres no mundo, como tambem pelos marmores, e jaspes finissimos, que recebem tal lustre, e polimento, como espelhos, que lhe não levão ventagem os mais finos alabastrós, e pórfidos de outras regiões, pelo que della se levão para os mais nobres edificios, e mausoleos do Reino, e ainda fóra delle. Nesta nobre Villa em pouca distancia para o Oriente fica o nosso Convento, vizinho da Igreja de N. Senhora dos Martyres, obra do famoso Heroe D. Nuno Alvares Pereira, e celebre Santuario daquelle povo, frequentado em romagem dos circumvizinhos pela devota Imagem, que em si tem da Senhora, que lhe dá o nome, cuja devoção se conserva ainda hoje mui viva em nosso peito, como impressa na tenra idade. He notavel a devoção, que a gente desta populosa, e rica Villa tem ao glorioso Santo Antonio, que elle bem paga com os seus costumados milagres: por esta razão, supposto que já havia muitos annos tinha hum Convento de nosso Padre São Francisco, com tudo desejavão ter outro desta nossa Provincia, que tivesse por Orago a Santo Antonio.

3 Para este effeito escre-

vêrão a muitos Capitulos, que celebrámos, offerecendo-se fazzello à sua custa onde quer que melhor nos parecesse. Este seu piedoso desejo teve effeito na Congregação do Irmão Frei Diogo de Borba; porque vendo os Padres nella congregados a instancia, com que aquelle devoto povo o procurava, derão-se por obrigados a condescenderem a tão devotos rogos. Mandarão Frades a escolher o sitio, e fundar a Casa, e começaram seus edificios no anno de 1537. A Capella Mór mandou fazer à sua custa o Almirante deste Reino, ^a senhor de Jurumenha, cujo nome não declarão os Memoriaes, de que se tira esta Historia, nem eu o pude alcançar; sabemos porém que foi hum das Casas mais illustres deste Reino, que passou depois à de Obidos por casamento de hum Senhora, descendente deste Almirante, com D. João de Portugal, onde acabou, por morrerem sem successão. Toda a mais obra se fez com esmolas, que o povo liberalmente offereceo, acudindo tambem ElRei D. João III. com as suas, como fazia para todos os mais Conventos, que a Provincia edificou em seu tempo.

4 Acabou-se a Casa perfeitamente, conforme a fabrica, e traça, que aquelles primeiros

Fun-

Gon
P. Pi
pag
Wad
ad at
num

Fundadores procuravão: Convento pequeno, em lugar baixo, sítio calmo, e pouco alegre, circumstancias, que o fazião algum tanto doentio. Nelle vivêrão nossos Frades cento e vinte e cinco annos, no fim dos quaes se paſsárão para o novo, que hoje temos. Foi este transito no anno de 1662. sendo Provincial o Irmão Fr. Francisco de Serpa. Fica o novo Convento mais adiante, em pouca distancia do primeiro, para a Villa, em hum sítio plano, mais delafogado que o outro, e por esta razão mais sadio. Lançou-se nelle a primeira pedra em 26. de Novembro de 1654. sendo Provincial o Irmão Fr. Paulo de Evora; e supposto que he hum dos maiores Conventos da Provincia, ou o maior de todos, e mais forte em os edificios, acabou-se perfeitamente de todo em oito annos. Fez-se com esmolas do povo, em que teve grande parte a gente de guerra, que então residia naquella Praça, a melhor, e mais lustrosa. Do antigo ficou por memoria a Igreja, reduzida hoje a huma pequena Hermida, que nas tardes serve de retiro aos Religiosos, porque os está convidando às couſas do Ceo, por solitaria. Ficou servindo a mesma cerca do antigo, cujo territorio he hum tanto aspero, pouco accommo-

dado para arvoredo, por ficar naquelle cordão de terra, donde se tira a pedra, que naquella Villa se lavra.

5 Tem com tudo dentro de si trez fontes, que ajuntando-se em hum tanque, servem de recrear a vista, e regar a horta. A ultima dellas está quasi pegada aos alicerces do Convento, tão boa na qualidade, que de trezentas, que tem o termo daquella fresca Villa de delgadas, e salutiferas aguas, esta corre na opinião de todos por mais excellente. Antes de edificarmos o Convento novo era esta fonte o regalo, e mimo do povo: privou-se deste pela dar aos nossos Frades. Nossos Memoriaes fazem menção de hum cofre de reliquias de diversos Santos, que mandou a Condeſſa da Vidigueira Dona Guimar de Vilhena, quando ainda estavamos no Convento antigo, por cujo meio obrou Deos muitas maravilhas nos enfermos, que com devoção as tocavão: estas he certo que não estão no moderno, nem se sabe o caminho, que levárão. Vivem aqui commummente dezeses até dezoito Religiosos, que o povo liberalmente sustenta, ao que ajuda muito a Santa Casa da Misericordia, que tem notavel cuidado de nos fazer grandes, e ordinarias esmolas, em reconhecimento do qual tem to-

mado o Convento por sua conta acudir-lhe com Prégador em as quartas feiras da Quaresma, e em alguns dias mais do anno.

CAPITULO XIV.

Do oitavo Ministro Provincial, e de algumas cousas, que succedêrão no Capitulo, em que foi eleito.

1538

I **A** Visou Fr. Diogo de Borba no fim de seu triennio ao Ministro Geral da Ordem, que então era o Reverendissimo Padre Frei Vicente Lunel, como se chegava o tempo da celebração do Capitulo, para que ou viesse, ou mandasse presidir nelle. De ordem sua se convocarão os Vogaes para o Convento de Borba no anno de 1538. onde sahio eleito em Provincial Fr. Antonio de Benavente, assistindo no Capitulo o sobredito Ministro Geral. Era Fr. Antonio de Benavente Religioso mui perfeito, e de particulares virtudes, em que sempre resplandeceo com grande exemplo de quem o conhecia, e conversava. Dava-se de continuo a Deos, gastando o mais do tempo em oração mental, em que sempre foi fervoroso, sem que fossem bastantes para divertillo deste santo exercicio as occupações de seu officio, à expedição das quaes não falta-

Fr. Antonio de Benavente, Provinc. 8.

va. Foi mui austero, e penitente, zelando em si, e nos outros a santa pobreza, de maneira que nenhuma cousa lhe agradava tanto, como ver aos Frades mui pobres, e elle o procurava fer mais que todos.

2 Achou-se neste Capitulo o Duque Dom Theodosio, primeiro do nome, e quinto da Real Casa de Bragança: nelle deo algum enfado a nossos Frades, se bem que nascido da muita devoção, que lhes tinha. Havia fundado este Principe em o anno de 1527. junto a seus Paços hum Convento para Religiosas por Breve de Clemente VII. impetrado à instancia da Duqueza Dona Joanna de Mendonça, segunda mulher do Duque D. Jaime; e supposto que no principio o habitarão Religiosas Agostinhas a por

Pu
ton
tit.

e no

e no mesmo dia tomou o habito a Senhora Dona Maria, e depois a Senhora Dona Vicencia, filhas da mesma Duqueza, e irmãos do Duque. Como pois o Senhor D. Theodosio, além de ser o Fundador, e Padroeiro do sobredito Convento das Chagas, tivesse nelle duas irmãs, desejou muito que os nossos Frades tomassem a seu cargo o cuidado daquellas Religiosas.

3 No Capitulo do Bosque, em que se achou, como temos dito, pedio com muita instancia a todos, e em particular ao Provincial, e Definidores, quizessem aceitallas à sua obediencia. Porém supposto que forão muitas as diligencias, que fez para este effeito, não houve Vogal algum, que nisto consentisse, e assim o Provincial se escusou, dizendo que não era conveniente à nossa quietação, recolhimento, e modo de viver semelhante cuidado, que não podia ser sem muita distracção dos Religiosos: com que seria dar lugar àquella antiga queixa da Alma Santa, que diz, que pondo-a por guarda nas vinhas alheias, não guardára bem a sua. E que por S. Excellencia ser Padroeiro da Provincia da Piedade, havia de procurar mais que esta se conservasse em seu recolhimento, e antigos costumes, que de remediar o Con-

vento das Chagas, cujo regimento podião ter quaesquer outros Religiosos com muita satisfação.

4 Com isto ficou o Duque quieto, mas não satisfeito: o que conhecendo nelle o Ministro Geral, e vendo por outra parte as muitas obrigações, que tem esta Provincia à Serenissima Casa de Bragança, mandou por obediencia ao nosso Provincial, que aceitasse o governo das sobreditas Religiosas. Não pudérão nossos Frades fazer outra cousa: tomárão sobre si aquelle cuidado, mas tiveram-o pouco tempo, pela occasião, que logo descobrirão para se escusarem. Tinha a Duqueza Dona Joanna feito hum passadiço de sua casa para o Convento das Religiosas, por causa de sua recreação espiritual, pois por alli mais facilmente podia ir visitar suas filhas, e conversar as Freiras muitas vezes. Veio o sobredito Provincial Fr. Antonio de Benavente a Villa-Viçosa, e apenas deo razão do passadiço, não lhe parecendo conveniente à quietação, e recolhimento das Religiosas, pedio à Duqueza o quizesse mandar derribar, e escusallo; mas não podendo acabar isto com aquella Senhora, pedio ao Duque que o desobrigasse com o Geral daquelle cuidado. Assim o fez, alcançando do

do Geral nos levantasse a obediencia, que tinha posto; que o amor, e devoção, que estes Serenissimos Duques tiveram sempre à sua Provincia da Piedade, era tão grande, que cortavam pelo seu gosto, por não faltarem ao dos Religiosos della. Trouxe para alli os Religiosos Padres Observantes da Santa Provincia dos Algarves, que deixarão estar o passadiço em quanto a Duqueza viveo, e depois de sua morte o tirarão de todo.

CAPITULO XV.

Da mui religiosa, e devota Casa de Santo Antonio dos Olivares em Coimbra.

EM distancia de hum quarto de légua da mui nobre, e antiga Cidade de Coimbra, rico emporio de letras Divinas, e humanas, por causa da insigne Universidade, que ElRei D. João III. passou para ella, em lugar deserto, e solitario fica hum Convento nosso dedicado ao insigne Portuguez Santo Antonio. Em cujo sitio não ha muito, que louvar para a saude, mas he muito accommodado para o espirito. Tem por huma costa abaixo espaçosa cerca, e matta de pinheiros, que subindo direitos ao alto, parece que levão

os animos dos que alli morão a contemplarem as cousas do Ceo, de maneira que fazem faudas dellas. Em o fundo do valle ha hum pequeno taboleiro de terra plana, e campo para alguma pouca de hortalica, e plantas de fruto, fonte de boa agua, cuja corrente parece cousa de mysterio, porque não sendo de mais grossura de huma pena, de Verão, e de Inverno sempre está em hum mesmo ser, sem que nella se conheça notavel diminuição, ou melhoria.

² A primeira fundação deste Convento foi em vida de nosso Serafico Padre S. Francisco, e he a primeira Casa, e habitação de Frades Menores, que houve neste Reino de Portugal; porque no anno de 1216. em que o mesmo Patriarca celebrou o primeiro Capitulo Geral de Assis, e enviou Missionarios por diversas partes do mundo, conforme as mais ajustadas contas de Wadingo, ^a a Chronologia ^b Serafica, e outros, ^c contra Fr. ^d Marcos, e Gonzaga, ^e e reinando D. Alfonso, o segundo deste nome, e a Rainha Dona Urraca sua mulher, que então residião em a Cidade de Coimbra, vierão a ella os Santos Fr. Zacharias, Fr. Gualter, e outros Frades enviados por nosso Serafico Padre: pedirão aos Reis lhes dessem

Ad 31
1216.

Ton.
pag. 2.

Mar.
c. 12.

Part. 1.
cap. 3.

In For.
Prom.
Por 3.

sem alguns lugares, ou pobres Hermidas, onde morassem. E mandando ElRei fazer exame da vida, Instituto, e Regra, que dizião professar, porque se temia serem alguns hereges, de que então havia muitos em Italia, se podião vir cá inficionar a terra, achada ser a Regra santa, e Euangelica, e conhecidos por verdadeiros servos de Christo, os mandou agazalhar em o lugar, onde agora vemos este Convento, e então era humma Hermida, com titulo de Santo Antão Abbade. E ainda que tambem lhe deo licença para edificarem em Lisboa, e Guimarães, ninguem pôde tirar a este Convento ser o primeiro de todos.

3 Nelle, junto à Hermida, fizerão suas cellas, e outras pobres officinas, e de pouca fabrica, sem outros edificios de claustro, que os primitivos Religiosos Menores não costumavão naquelle tempo fazer. A-
 os 3. qui vierão ter, e se agazalhã-
 3. rão os gloriosos cinco Martyres de nossa Ordem, quando hião caminho de Africa prégar aos Mouros a Fé de Christo, pela qual morrêrão gloriosamente em Marrocos. Depois com a presença de suas veneraveis reliquias, que forão trazidas ao mui Religioso, e insigne Convento de Santa Cruz de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, o

bemaventurado Santo Antonio, que então era Religioso nelle, ardendo em hum vivo desejo de levar o caminho dos Santos Martyres, padecendo como elles pela Fé de Christo, se resolveo em pedir o habito entre aquelles pobrefinhos Frades de Santo Antão. Recebido delles, foi noviço, e fez profissão neste Convento, e delle tomou o nome de Antonio, sendo assim que antes disto o seu nome do Baptismo era Fernando. Aqui morou, até que por padecer martyrio, como desejava, com licença dos Prelados, se embarcou para Africa, donde o Senhor o desviou, levando-o a Italia.

4 Não permittio o Senhor que sendo este lugar tão santo, e principio, donde sahio tão grande exemplo, e resplendor de santidade, como o bemaventurado Santo Antonio carecêsse de Religiosos para sempre, e estivesse em poder de gente estranha, antes ordenou que viesse a ser habitado por Frades desta Provincia, não sem mysterio, e mostras de ser esta a sua vontade Divina; porque sendo Ministro Provincial Fr. Antonio de Benavente, e estando com outros Religiosos principaes da Provincia, para fazer Casa nesta Cidade, que lha offerecia, buscando para esse effeito muitos sitios, dos quaes ef-

escolhessem o que lhes parecesse mais accommodado, hum só Frade dava seu parecer, que se fizesse neste lugar, e Hermitida, onde antigamente estivera, contra o voto de todos os outros; que o tinham por frio, ventoso, e desabrido, e lhe achavam outros inconvenientes. Estando perplexos na eleição, que havião de fazer, mandou o Provincial que se differisse para o outro dia, e que todos encomendassem o negocio a nosso Senhor aquella noite, para que lhes declarasse qual era sua Divina vontade, e mais para seu serviço. No seguinte dia foi cousa maravilhosa, que tomando-se os votos aos Frades, todos derão seu parecer uniformemente, que o Convento se edificasse neste lugar: sendo os que mais approvavão isto, os que de antes havião tido opinião contraria, mudando-lhes naquella noite as vontades o Senhor, em cuja mão está o coração dos grandes, e pequenos para os inclinar à parte, que quizer.

5 Com tão bons pressagios se começou a obra com grande gosto, assim dos Frades, como dos moradores da Cidade no anno do Senhor 1538. duzentos e noventa e hum annos depois daquelle sitio estar inhabitado; e constando o anno de sua fundação uniformemente dos

Memoriaes do Convento, e da Provincia, não sabemos com que fundamento o Reverendissimo Gonzaga ^g a quem seguiu o Annalista ^b lhe tirou dous annos de antiguidade, pondo-a no anno de 1540. A maior parte do Convento fez à sua custa D. Alvaro da Costa, Fidalgo nobilissimo neste Reino, excepto a Igreja, que he a mesma Hermitida antiga, que derão para isso os Reverendos Conegos, e Cabido, a quem ella pertencia. Fabricou-se o Convento na fórma, em que ainda agora está, pequeno, pobre, e Capucho, como a santidade do lugar requeria. Onde estava a cella de Santo Antonio se fez a Capella do Capitulo, que hoje he tido em grande veneração, pela memoria do Santo, que nelle morou, e deo o titulo, e invocação nova a esta Casa, que deixando por seu respeito de se chamar de Santo Antão Abbade, se chama Santo Antonio dos Olivaes, por ficar entre elles. Assistem nelle communmente dezoito até vinte Religiosos, entre professos, e noviços, aos quaes o povo da Cidade, e lugares daquelle campo ao redor provê bastantemente de todo o necessario.

CAPITULO XVI.

Mostra-se que o Convento de Santo Antonio de Coimbra foi o primeiro, que a nossa Religião Serafica fundou em Portugal.

I **C**ontra a preeminencia, que logra este Convento de Coimbra de ser o primeiro, que em Portugal teve a nossa Religião Serafica, está o mui douto, e Religioso Chronista da Santa Provincia de Portugal; e como se fora culpa sua o haverem-o deixando, e passar depois este sitio a outra Provincia, lhe dá quatro mais antigos, a saber, Bragança, Alanquer, Guimarães, e Lisboa, contentando-se com dar o quinto lugar a Coimbra; porém nem Coimbra lhe aceitará o partido, nem nós estaremos por elle. Quanto ao Convento de Bragança, diz, que passando nosso Padre S. Francisco por esta Cidade, então Villa, de volta de Sant-Iago de Galiza, aonde tinha ido de Italia visitar o Sagrado Apostolo, ^{1. 1. 1.} ^{3. n. 3.} ^a ^{aceitára nella, a} alguns mezes entrados do anno de 1214. a fundação de hum Convento, deixando alli hum companheiro, que lhe désse principio, e a proseguisse. Em favor desta sua opinião allega a Gonzaga, e a commua tradição dos mo-

radores de Bragança, sem mais alguma outra escriptura, que o diga.

2 E supposto que não duvidamos da vinda de nosso Padre S. Francisco a Compostella, e entrada, que nesta jornada fez em este Reino, não achamos razão, que nos obrigue a confessar a fundação em Bragança, antes muitas para duvidar della. Seja a primeira o estylo inviolavel de nosso Padre São Francisco, que nunca consentio andar hum Frade só entre seculares; e no primeiro Capitulo Geral de Afsís, donde os espalhou pelo mundo Missionarios, a primeira coula, que lhes encommendou na instrucção, que lhes deo, foi que havião de ir de dous em dous em nome do Altissimo. ^b E sendo este o estylo do Santo Padre, como deixaria hum só em Bragança fundando Convento? Não tem esta razão tão pouca força, que se não valesse della aquelle Chronista; porque escrevendo dos Religiosos, que enviados por nosso Padre chegarão a Coimbra, fallando em supposição de que por todos seriam quatro, pelos levar de dous em dous a fundar em Guimarães, e Lisboa, em cumprimento da instrucção do Serafico Patriarca, se deo por desobrigado de deixar hum fundando em Coimbra; com que o mesmo

^b Wadding.
ad an. 1116
num. 5.

reparo estava obrigado a fazer em Bragança.

3 Seja a segunda razão formarmos argumento do que succedeo aos Santos Fr. Zacarias, e Gualter, quando em o anno de 1216. entrando em Coimbra, pelos ver o Rei em o traje desconhecido em Portugal, temendo-se que fossem hereges dos muitos, que então havia em Italia, os examinou de sua vida, e Regra; e achando ser Euangelica, e Santa, lhes deo então licença para fundarem Conventos; e se já desde alguns mezes andados do anno de 1214. como diz aquelle Chronista, fundavão os Franciscanos em Bragança, bastante tempo era até o fim do de 1216. para chegar sua noticia a Coimbra, onde o Rei estava, com que lhe não ficaria tão estranho o traje dos segundos, que entrá-rão em Portugal, que pela novidade d'elle os examinasse, se erão Catholicos, pois já tinha hum Convento do mesmo Instituto em seu Reino. E sendo certo que fez o exame, como todos dizem, e o mesmo confessa, bem se vê que estes forão os primeiros, e que não havia ainda Convento em Bragança, quando chegarão a Coimbra.

4 Ao Reverendissimo Gonzaga respondo, que escreveo aquella noticia como lha derão; que occupado no governo da

nossa Religião, não pode examinar a verdade della. Não defagradará esta solução ao dito Chronista, pois se aproveita della muitas vezes; e sem nos apartarmos de Coimbra, temos exemplo no Convento da Ponte. Da sagração de sua Igreja escreve Gonzaga, ^c que foi no anno de 1004. sendo que não foi sagrada senão em a era de 1400. e a isto responde, ^d que escreveu como o tinham informado, sem poder examinar a noticia pela razão sobredita. O mesmo passaria tambem em o que toca à fundação de Bragança, o que se confirma com que seguindo-o tanto Waddingo ^e no tocante às fundações dos Conventos, como se vê na margem de seus escritos, na de Bragança se apartou totalmente d'elle, negando a fundação naquelle tempo. Nem obsta a tradição, que se allega daquella Cidade, porque muitas correm por tradições, e não são mais que hum rumor de particulares affeioados à patria. Se bastára qualquer voz, que corre por tradição, ver-nos-hiamos obrigados a dizer, que o primeiro Convento, que tivemos em a Villa de Chaves, chamado S. João da Veiga, antes de ser habitado dos Religiosos Claustres o fora de Cavalleiros Templarios, que esta voz corre entre os moradores daquella terra com título

In P.
Conv.

Cit. li.
c. 29.

Ad a
1214.
1394.

f
cm 2. p.
c. 41.
m. 4.
g
v. 16.
tulo de tradição, pela qual não quer estar o sobredito Chronista; por onde nos não estranhará que nós façamos o mesmo com a de Bragança: nem o Padre Gonzaga está tanto pela tal tradição, como o Author nos diz; perplexo, e duvidoso se mostra.

5 Temos excluido com bastantes fundamentos o Convento de Bragança de ser o primeiro, que a nossa Religião Sagrada fundou em Portugal, entre mos com os de Alanquer, Lisboa, e Guimarães, de que nos expediremos facilmente, porque está mais clara a pouca justiça, que tem para lograrem a preeminencia de serem primeiros, que o de Coimbra. Escreve o sobredito Padre, que chegados a Coimbra os Santos Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, não fundarão logo nesta Cidade, mas passarão a Lisboa, e Guimarães, onde edificarão dous Conventos, e primeiro que estes hum em Alanquer a instancias da Serenissima Infante Dona Sancha, que tendo noticia delles, os mandára chamar ao caminho, e obrigára fazer Convento naquella sua Villa, onde então estava. O fundamento, que tem para dizer que não fundarão primeiro em Coimbra, he que na licença, que deo o Rei a Fr. Zacharias, e Fr. Gualter para as

fundações, não nomea, como se vê nas Chronicas antigas, mais que a Lisboa, e Guimarães, e daqui infere que lhes não deo licença para fundarem em Coimbra, pois não he expressa, como as outras, e que para isto haveria da parte dos Religiosos fundamento, porque já trazião encommendada por nosso Padre S. Francisco a Casa de Guimarães; e que por ventura não quererião ficar entre o trafego, e reboliços da Corte. Estas são as razões, em que se funda, mas bem se vê que não são bastantes para tirarem ao Convento de Coimbra a preeminencia, que tem de primeiro; porque não fazer menção de seu sitio a licença, que passou o Rei para as fundações, foi sem duvida, que como elle assistia então nesta Cidade, bastava apontar-lhes, ou mandar-lhes escolher sitio, onde fizessem Convento, sem que alguém os impedisse, ou puzesse duvida; o que não bastava para Guimarães, e Lisboa, das quaes estava ausente, e sempre era necessario apresentarem a licença, em cuja virtude fundavão, principalmente sendo ainda tão desconhecidos no Reino, que sem a tal licença, que os desse a conhecer aos povos, não escaparião de outro exame, como tiverão em Coimbra.

b
Part. 1. l. 2.
cap. 28.

6 Nem o fundamento, que presume terião da sua parte os Santos Religiosos, isto he, fugirem ao trafego, e reboliço da Corte, conclue; porque se assim fora, como lhe esqueceo tão depressa, que em menos de hum anno tinhão já nella Convento, como com todos diz *b* o sobredito Chronista. E se porque trazião encommendada a Casa de Guimarães, deixárão Coimbra, como se divertirão a Alanquer, de tal sorte que fundarão nesta Villa primeiro, acabando là os rogos de huma Infante, o que em Coimbra não pode a devoção de huma Rainha? A verdade da Historia he, que assim como os Religiosos chegarão a Coimbra; e forão examinados pelo Rei, sabendo o intento, a que vinhão, os mandou agazalhar na Hermita de Santo Antão, onde começárão logo a fazer huma pobre casinha, em que vivessem, e della sahirão Fr. Zacharias, e Fr. Gualter para Guimarães, e Lisboa; com que primeiro fundarão em Coimbra os companheiros, que nella deixárão. Assim o dá a entender Fr. Marcos *i* na sua Chronica, Waddingo *l* pondo primeiro a fundação deste Convento que outro algum da nossa Religião neste Reino, e o tem com palavras expressas as Chronicas *m* modernas.

i
Part. 1. l. 1.
c. 48. & l. 6.
cap. 27.

Ad ann.
1217. n. 22.

m
Fr. Dam.
Cornejo
p. 1. l. 2.
cap. 58.

CAPITULO XVII.

Prové Deos milagrosamente esta Casa: obra Santo Antonio prodigios em favor de seus devotos.

POr muitas vezes virão manifestamente os Religiosos moradores neste Convento o cuidado, que delles tinha a Divina Providencia, quando totalmente lhes faltava o soccorro humano. Hum dia se achárão sem terem pão, nem outra alguma cousa, com que tomarem a refeição ordinaria; e como se chegassem as horas de comer, indo dar a Deos as graças ao Refeitório, como he costume, por aquella falta, antes de as acabarem de dar tangêrão à porta, onde acudindo o Porteiro, achou hum formoso cesto de pão, e hum jantar de carne cozido, posto junto à porta, sem que alli estivesse pessoa alguma, nem se saber quem o trouxera. Fizerão-se diligencias sobre o caso, para lhe darem as toalhas, que erão duas, e mui alvas, com que o pão vinha cuberto; mas forão todas sem proveito. Outra vez, em hum anno de tanta esterilidade, que valia o pão a quinhentos reis o alqueire, se achárão os Frades na mesma fôrma. Tomou daqui motivo o Guardião da Casa para fazer huma pra-

prática, e exhortação aos Religiosos da muita obrigação, que tinham de encommendarem a Deos nosso Senhor as necessidades commuas do povo, pois o maior argumento de as haver nelles grandes era ver que faltava aos Frades o sustento. Foi cousa de maravilhar, que estando nesta pratica, trouxerão hum formosa esmola de pão, que vinha dahi duas leguas, ou trez, donde menos se podia esperar: mandou-a huma pessoa honrada; e supposto que era esmoler, não costumava fazer esmolas ao Convento em razão da distancia. Estava esta em oração, e nella, conforme depois disse, lhe foi inspirado a necessidade, em que estavam os Frades, que lhe acudisse.

2 Outras muitas vezes foram soccorridos os moradores deste Convento por modos diversos, e tão extraordinarios, que claramente se vio serem effeitos maravilhosos da Divina Providencia. Bastem os referidos, por passarmos a contar alguns beneficios, que aqui fez tambem Santo Antonio a seus devotos. No tempo das alterações, que houve neste Reino pela morte de El Rei D. Henrique, entrando os Castelhanos em a Cidade de Coimbra, fizeram algumas insolencias. Entre muitos Cidadãos, a quem maltratarão, perseguirão tanto

a hum dos principaes, depois de o roubarem, que por não perder a vida com a fazenda, fugio escondidamente para Santo Antonio. Esteve alguns dias no Convento esperando que a furia dos soldados se aquietasse: e como em todo este tempo considerasse no estado, em que se via, na perda da fazenda, que tinha recebido, no perigo da vida, a que se punha, se entrasse na Cidade, em quanto nella estivessem Castelhanos, foi tão grande a melancolia, que huma noite lhe deo, que cahindo em desesperação, lançou hum corda à trave do sobrado da hospedaria, onde estava, e nella se enforcou.

3 No mesmo ponto, em que lançou o laço ao pescoço, tangêrão rijamente a campainha, onde logo acudio o Porteiro com outro Frade, como he costume acudir a semelhantes horas: e como nem à porta, nem por todo o terreiro visse pessoa alguma, presumindo que algum ocioso lhe fizera aquella travessura, e se fora logo, se vinha elle tambem recolhendo. Vindo já em o claustro tornárão a tocar mais fortemente. Voltárão os Frades com muita brevidade; e fazendo as mesmas diligencias, que de primeiro, sahindo fóra da porta, ninguém virão. Admirados grandemente entrárão na hospedaria,

ria , para saberem do hospede se acaso tangêra por algum respeito. Achárão-o pendurado em o meio da casa , sem tocar com os pés no chão ; porque posto o laço ao pescoço em fima do leito , se deitára dells abaixo. Cortando-lhe então a corda com a maior pressa , que puderão , o livráráo de tão infame , e desastrada morte : que não quiz o Senhor , nem consentio o bemaventurado Santo Antonio , que sua Casa fosse contaminada com tão abominavel morte ; e sacrilegio ; mas para o evitar , vierão os Anjos , ou o mesmo Santo tanger à campainha. O triste homem consolado com as palavras de esforço , e confiança em Deos , com que o animárão os Frades , cahio na conta de seu erro. Depois tendo remedio muita parte de seus males , e trabalhos , viveo muitos annos , e acabou como Catholico , e bom Christão que era.

4 Na mesma Cidade de Coimbra hum homem nobre , particular devoto de Santo Antonio , tinha por costume visitar todos os dias de madrugada esta nossa Casa , onde se encomendava aos merecimentos do Santo. Espertou huma noite às onze horas , acordando-o aquelle Senhor , que o escolhia por instrumento de huma obra de sua misericordia. Era a noite

clara , com cujo luar enganado sem saber que horas erão , imaginando que vinha já amanhecendo , sahio de casa a fazer sua costumada romaria. Nos olivães ouvio dar as onze , ficando assás perplexo de ver como se enganára com o luar , cuidando que rompia a Alva. Com tudo resolveo-se em acabar seu caminho , e devoção , que já bastava para cumprir com o seguinte dia. Chegando junto ao Convento , vio huma mulher , que àquella hora se enforcava do ramo de huma oliveira. Ficou assombrado à primeira vista ; mas cahindo logo na conta do fim , para que Deos alli o trouxera , por tal modo , e tal tempo , arremetteo a ella mui depressa , e tirando-a do laço livre da morte , achou ser pessoa mui nobre , e conhecida da mesma Cidade , que por certo enfado , e occasião desesperada se enforcou daquella maneira ; e consolando-a o melhor que pode , a levou em paz a sua casa. Assim que por meio da devoção , que aquelle homem tinha a Santo Antonio , quiz o Senhor dar remedio àquella alma , que se perdia.

5 Outro caso milagroso , pelas circumstancias muito mais notavel , que os referidos , succedeo nesta mesma Casa já em nossos tempos. Havia nesta Cidade de Coimbra huma nobre

bre mulher muito devota de Santo Antonio , a quem o marido molestava grandemente , tratando-a com desabrimento , e aspereza. Soffria ella com paciencia este máo trato , atè que hum dia , vendo-se mais afflicta , veio ao nosso Convento com muitas lagrymas pedir remedio a Santo Antonio neste trabalho. Feita sua oração , sahio da Igreja , e a poucos passos lhe appareceo o demonio visivelmente , persuadindo-lhe , como doendo-se della , que se enforcasse , pois lhe seria melhor acabar brevemente , que viver huma vida tão trabalhosa , como o marido lhe dava. Pode tanto com aquella miseravel esta persuasão do demonio , que não conhecendo o engano , sem mais reparo se resolveo a fazer o que lhe aconselhava. De seus proprios cabellos fez o laço , pelo qual se pendurou de huma daquellas oliveiras , ajudando-a a isto o mesmo , que lhe tinha dado o conselho. Santo Antonio , que tinha recebido as lagrymas desta sua devota , lhe veio acudir em tão apertado transe , a cuja presença desapareceo o demonio , que atè àquelle ponto a acompanhára. Livrou-a da morte , cortando-lhe os cabellos , como para final , e testemunho do milagre , e exhortando-a brandamente à paciencia , a mandou livre para

sua casa , já tão arrependida do que tinha feito , como confortada com as palavras de hum tão grande Santo.

6 Por estes continuos milagres , que o Santo aqui obra , he mui visitado de diversas partes , e algumas pessoas , que ou não podem , ou se não lembrão de vir ao Convento pedirem-lhe remedio em seus trabalhos , lho manda o Santo a suas proprias casas , como se verá no caso seguinte. Sahirão deste Convento dous Religiosos , a hum lugar do campo distante duas leguas , chamado Monte Redondo , onde entrando em huma casa achárão nella huma mulher com a candeia na mão espirando , por causa de huma criança morta , que tinha atravessada no ventre , sem a poder lançar por mais remedios , que fizerão , atè a terem por vezes muito tempo pendurada pelos braços em alto de huma trave : e finalmente vendo que não lhe aproveitava cousa alguma , a deixárão entregue à morte , com que estava lidando. O qual sabido pelos Frades , tirou hum a corda , que trazia , e disse a huma das mulheres que assistião à moribunda , que lha cingisse , advertindo-lhe que com muita fé , e devoção se encomendasse a nosso Padre S. Francisco , cuja era a corda , e ao bemaventurado Santo Antonio ,
de

de cuja Casa elles erão. Foi cou-
sa maravilhosa, que no mesmo
instante, que lhe cingirão a cor-
da, sem nenhuma pena lançou
a criança, e ficou livre daquel-
le mortal aperto, dando mui-
tas graças a nosso Senhor, e a
seus Santos, por mercê tanto
de estimar, como aquella. Mui-
tos outros milagres obra aqui
o Santo, que deixo, por julgar
escusados para o acreditar de
milagroso, pois em toda a par-
te são tão ordinarios, que co-
mo disse hum douto, então fa-
ria Santo Antonio o maior mi-
lagre, quando deixasse de obrar
prodigios. He tambem mui vi-
sitada neste Convento huma
Imagem de vulto, que nella es-
tá, de S. Ivo da Terceira Or-
dem de nosso Padre S. Francis-
co, a quem não só a gente da
Cidade, mas tambem da Co-
marca tem por Advogado dos
ouvidos, pelos muitos milagres,
que nelles tem obrado.

7 Muitas vezes se tem ser-
vido a piedade Divina para a-
lumiar aos peccadores cegos em
seus appetites, não só das vo-
zes dos Religiosos rezando Ma-
tinhas, mas tambem das do si-
no, chamando-os a ellas: já re-
ferimos em Braga, que o me-
smo demonio confessou magoa-
do esta guerra, que em taes ho-
ras lhe faziamos; agora nos of-
ferece o Convento dos Oliveas
nesta materia outro successo dig-

no de memoria. Junto delle es-
tavão duas creaturas actualmen-
te peccando a tempo, que o re-
logio deo meia noite; e como
reparassem que o Religioso def-
pertador à pancada tocou logo
a Matinas, como se o sino lhes
tocára a alma, differão entre
si, compungidos de sua culpa:
*Aquelles tão diligentes para lou-
varem a Deos, e nós para o of-
fendermos? Não seja assim, va-
mo-nos, não o agravemos mais.*
Com esta resolução sahirão do
lugar, onde estavão, deman-
dando a Cidade, e apoucos pas-
sos, que tinham dado, se levan-
tou huma tempestade de impro-
viso, e cahio à sua vista hum
corisco no mesmo lugar da cul-
pa, que deixando-os atemoriz-
ados, os confirmou mais no
proposito de emenda, que leva-
vão, mostrando Deos neste suc-
cesso o que nos diz por Ezequiel,
a que não quer a morte do pec-
cador, senão que se converta,
e viva.

Eze
c. 33

CAPITULO XVIII.

*Do novo Ministro Provincial, e
fundação do Convento da Es-
perança em Villa-nova.*

I **A** Cabou Fr. Anto-
nio de Benavente
louvavelmente seu officio, e de
ordem do Reverendissimo Pa-
dre Fr. João Calvo, Commis-
sa-

oão
Pro-
al 9.

fario da Curia Romana , que então estava por Commissario Geral neste Reino, congregou os Vogaes para o Convento da Annunciada junto da Villa de Thomar no anno de 1540. pela festa de nosso Padre S. Francisco. Sahio nelle eleito o Irmão Fr. João de Faro, que foi em numero o nono Provincial, dos que a Provincia teve, presidindo à sua eleição o sobredito Commissario Geral do Reino. Neste Capitulo se fizerão algumas ordenações, e as mais dellas se observão ainda hoje na Provincia, não por ordenações, mas por antigo costume. Deo o novo Provincial tão boas mostras de seu talento, e governou a Provincia com tanto acerto, igualdade, e justiça, que ficarão os Frades tão satisfeitos, que pelos tempos ao diante o tornarão a fazer Ministro, e assim o foi duas vezes; como em seu lugar diremos. Pouco depois desta sua primeira eleição tornou a intentar El-Rei D. João III. que nossos Frades tomassem o governo das Freiras Capuchas, que estavam em Faro, parecendo-lhe que pelo Provincial ser natural daquella Cidade, viria mais facilmente no que El-Rei, e a Rainha pertendião; porém elle mostrando o zelo, e constancia de seus predecessores, nunca já mais, supposto forão mui-

tas as instancias, quiz admittir semelhante cuidado. Vendo porém o quanto desejava o Rei que aquellas Religiosas tivessem quem as governasse, veio com elle a concerto, dizendo, que deixaria a Casa, que tinhamos em Faro, aos Padres Observantes da Provincia dos Algarves, para que tivessem o governo daquellas Freiras, ficando nós livres deste cuidado; com condição, que elles nos largassem huma, que se começava a edificar em Villa-Nova de Portimão no mesmo Reino do Algarve. Agradou a El-Rei este concerto, visto o Provincial não querer outro, pelo que no anno do Senhor 1541. havida primeiro licença do Geral da Ordem, deixarão nossos Frades a Casa de Faro, não sem grande sentimento da gente daquella Cidade, e passarão para a de Villa-Nova, cuja fundação foi pela maneira seguinte.

2 Simão Correa natural de Taboas da Rainha, o qual foi Capitão de Azamor em Africa, e por casar com Dona Joanna de Faria, Fidalga principal, o fez El-Rei D. Manoel Aio da Infante Dona Beatriz sua filha, que casou em Saboia, onde elle a levou. Depois de vir de lá, no anno de 1530. deo humas casas, que tinha em Villa-Nova de Portimão, junto ao rio, pouco affima donde a-

Fundação
do Con-
vento de
Villa-No-
va.

1541

gora está o Convento, aos Padres Observantes da Provincia de Portugal. Nellas estiverão os ditos Padres desde o anno de 1530. até o de 33. em que as deixarão aos Padres da Provincia dos Algarves, que então se dividio da de Portugal. Da mão destes as recebemos no anno de 1541. pela troca, que fizemos por ordem de ElRei D. João, que não reparou a Provincia em dar huma Casa já feita por outra, que ainda não tinha mais que o sitio, só a fim de se conservar em sua criação, e estylos. E como nas casas não havia fórma de Convento, nem estavam a nosso modo, a primeira cousa, que nellas se fez, foi pollas por terra, e reedificar de novo hum Convento, na fórma, em que hoje o vemos, Capucho, e bem ordenado. Só na Igreja não houve mudança, ficando como antes estava, com huma pedra de jaspe em o portado principal, na qual está gravado hum escudo com brazão de armas do dito Simão Correa, que, segundo dizem, também ajudou à fabrica no principio della.

3 A Capella mór mandarão fazer Balthazar de Mello da Cunha, Cavalleiro do habito de Christo, natural da Cidade de Tavira, e sua mulher Dona Beatriz, natural da Cidade de Sylves. No alto do

Cruzeiro da Capella está hum escudo com suas armas, e nella a principal sepultura he sua, onde se lê hum letreiro, que o declara. No anno de 1585. morreu a dita Dona Beatriz de Almada, e mandando-se enterrar nesta sepultura, em que já estava seu marido, deixou em seu testamento, que alli não fosse sepultada pessoa alguma, salvo hum seu sobrinho com seus descendentes, ou alguma pessoa tão notavel, que merecesse aquelle lugar; mas isto se faria com parecer do Guardião, e mais Frades do Convento.

4 Mandou assim mais, que seus herdeiros tivessem cuidado de assistir com o que fosse necessario para a fabrica da Capella, e dessem vinho para as Missas, e azeite para a alampada, que diante do Santissimo Sacramento arde de continuo, para o que lhe deixou bens instituidos em morgado com esta obrigação, que muitos annos se não satisfez, por andarem os bens em litigio, e não haver delles certo possuidor. Hoje a cumpre Gaspar de Faria Sarrea, morador na dita Villa, e dos principaes della, que por sentença alcançou o Padroado da dita Capella. O Capitulo, que agora serve, fez Antonio da Palma Velho, e nelle tem sua sepultura elle, e seus herdeiros, que o primeiro Capitulo serve
ago-

agora de Via-Sacra, e nelle dizem que estavam sepultados o primeiro Fundador Simão Correa, e hum seu irmão chamado João Mendes Correa, mas não ha letreiro, nem certeza, donde isto conste. E por quanto deste primeiro Fundador faltarão os herdeiros, e descendencia, deo a Provincia o Padroado do Convento aos Illustrissimos Condes de Villa-Nova, que com grande devoção acodem todos os annos com esmola ordinaria. Do que temos dito se vê claramente que se equivocou o Reverendissimo Padre Gonzaga, ^a e com elle o Annalista, ^b tratando da fundação deste Convento, onde diz, que os moradores de Villa-Nova no anno de 1530. o fundarão para os Frades da nossa Provincia, sendo que a sua primeira eleição foi para os Padres da Provincia de Portugal, e depois se passou a nós, pela troca, e maneira, que dissemos.

5 O sitio, em que está este Convento, he o mais alegre, e aprazivel de quantos se poderão buscar naquelle povo. Está junto de hum largo, e fundo rio do mar, cujas aguas não cessando nunca de sua varia, e perpetua mudança de enchen-tes, e minguentes, chegam a bater ao pé da cerca; e por terem algum tempo a mais excelente barra, que havia naquel-

la costa, (que hoje se vê perdida) entrava nelle todo o genero de embarcações, ancorando estas pela maior parte à vista das janellas do Convento, e em pouca distancia delle, que por ficar em lugar eminente, estava dominando tudo. Com isto, e com a muita frequencia de navios de diversas gentes, de differentes trajas, nações, e linguas, e outra variedade de bateis, e barcos grandes, e pequenos, que de hum a parte a outra discorrião, assim de navegantes passageiros, como de pescadores, huns, que sahião ao largo, outros, que alli mesmo defronte das janellas estendião suas redes, se fazia mais alegre, e aprazivel à vista aquella morada. Hoje de tudo isto tem perdido grande parte, porque estão a barra, e rio tão areados, que não dão entrada mais que a algumas pequenas caravellas; basta porèm a vizinhança do rio para fazer deleitavel o sitio do Convento.

6 Accrescenta-se a isto estar perto a mais bella praia de quantas faz o mar naquellas partes, a qual por ser mui solitaria, e saudosa (com que parece ajuda a devoção) tem os Religiosos por grande alivio mandallos alli o Prelado em as tardes do Verão dos dias principaes de festa a recrear-se, colhendo pedras de olhos, con-

chinhas de mil invenções, que o mar alli lança, e que a natureza parece que também por passatempo esteve de proposito formando, matizadas de varias cores, e pinturas. Mas a troco destes bens do Convento lhe não faltão em contrapezo alguns defeitos, que pela mesma razão da mesma praia fica mui exposto aos incursos dos inimigos, e em perigo de ser salteado delles antes de ser soccorrido da gente da Villa, que fica mais afastada do mar pelo rio affima espaço quasi huma milha da barra, estando o Convento em meio de huma, e outra. O segundo defeito he o de agua, pois a não tem mais que para o serviço em duas cisternas, huma em o claustro, outra na cozinha; e não só lhe falta para fazer a horta, e regar algumas poucas de arvores de fruto, que tem a cerca, mas também a de beber, a qual se vai buscar em barcos ao nosso Convento do Paraíso de Silves, que está duas leguas pelo rio affima.

7 Em o anno de 1618. acabou venturosamente seus dias neste Convento de Villa-Nova hum perfeito Religioso, chamado Fr. Nicoláo Pobreza, e filho da Terceira Ordem Regular de nosso Padre S. Francisco em a Provincia deste Reino. Servia elle de Capellão na

Armada Real, em que todos pregoavão sua estremada caridade, acompanhada de muitas, e admiraveis virtudes; com que o enriqueceo a liberal mão do Altissimo. No sobredito anno, andando a Armada à vista de Villa-Nova, adoeceo este Religioso da ultima enfermidade. Recolheo-se à enfermaria do nosso Convento, onde depois de fazer notaveis actos de contrição, e receber com grande espirito os Sacramentos, nos braços dos Religiosos, que o rodeavão, não sem inveja delles, com huma placida morte terminou a vida. Foi sepultado na Capella mór da Igreja do dito Convento, onde tem letreiro, que o declara, e vivirá sempre entre nós sua memoria. Dos Religiosos da nossa Provincia, que aqui acabárão com opinião de virtude, trataremos quando chegarmos ao anno de seu transito, segundo o estylo, que levamos.

8 Entre muitos milagres, que nosso Padre S. Francisco tem feito nesta Villa em favor de seus devotos, foi memoravel, o que obrou em vinte e cinco de Novembro do anno de 1604. Vivia em Villa-nova, donde era natural, huma devota matrona chamada Catharina Gomes, pessoa virtuosa, e mui afeiçãoada ao Serafico Patriarca. Tinha esta hum me-
ni-

nino afilhado seu de idade de cinco annos, aleijado de tal forte, que não podia andar senão de gatinhas, arrojando-se, e ainda com grande trabalho de hum a outra parte. Dia de Santa Catharina de Alexandria do referido anno, estando a madrinha encommendando-se a Deos em hum seu Oratorio, onde tinha a Imagem de nosso Padre, disse ao menino que se encommendasse ao Santo, e pedisse a saude. Poz-se elle de joelhos como pode, e depois de fazer sua oração como soube, perguntou à madrinha, se queria que andasse, e como elle lhe dissesse que sim, andou o menino, como se antes não tivera nada, e ficou são de todo, nem mais padeceo semelhante achaque. Assim ouvio nosso Padre aquella innocencia, e deferio aos rogos daquella sua devota.

CAPITULO XIX.

*Damaravilhosa conversão de D.
Fr. Diogo da Silva.*

I NO tempo do Ministro Provincial Fr. João de Faro passou dos trabalhos desta vida às felicidades da eterna hum Religioso filho da nossa Provincia, a quem Deos assentou na Cadeira de Braga, chamado D. Fr. Dio-

go da Silva. Nasceo este infigne Varão na era de 1485. em hum lugar da Beira, chamado Aldea nova do Cabo, termo da Villa da Covilhã, trez leguas da Serra da Estrella, do Bispado da Guarda. Teve por pai a João Gomes da Silva Comendador da Ordem de Christo, que era irmão de Rui Gomes da Silva, o primeiro Senhor da Chamusca, Ulme, Familia das mais antigas, e illustres neste Reino; pois segundo diz o Conde D. Pedro, ^a em Titul. 58. Guterre Alderete, e seu filho Paio Guterres o da Silva, teve principio a illustre geração dos Silvas, no tempo do Conde D. Henrique. Salvo se queremos passar mais a diante, e dizer com Garivai ^b, que procedêrão de Sylvio Ascanio, que de Troia veio a Italia. Sua mãe se chamava Beatriz Barreiros de Oliveira, pessoa nobre, como o são os Barreiros, e Oliveiras daquelle lugar. O Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha, ^c na Historia, que escreveu dos Prelados daquelle Igreja, concordando comnosco, quanto ao pai de D. Fr. Diogo da Silva, duvida quanto à mãe, e patria; porém o que temos dito se ha de ter por certo, pois consta dos Memoriaes da nossa Provincia, e de huma inquirição, que sobre isto se fez no mesmo lugar da Aldea Nova do Ca-

^b Compend. Historial.

^d P. 2. c. 76. num. 1.

Cabo, onde testemunhárão algumas pessoas, que ainda o conhecêrão viver com seus pais, em humas casas, que tinham para aquella parte, que chamão Outeiro do Bispo, contando mais algumas particularidades daquelle tempo.

2. Pelo cuidado, que tinham os pais de dar estado a este filho, o puzerão em o estudo das letras, aonde depois que aprendeo a Latinidade, escolheo a faculdade dos sagrados Canones, habilitando-se nesta fórma para seguir o estado, que melhor lhe parecesse. Com este intento se graduou *in utroque*, e subio tanto pela via secular, que escolheo, que em breve tempo, depois que acabou os estudos, foi por ElRei D. João III. creado seu Desembargador dos Aggravos, e seu Conselheiro. Este officio exercitou com grande justiça, inteireza, contentamento delRei, e satisfação de todos, cousa, que raras vezes se acha no mundo. Favorecido delRei, a quem era mui aceito, vivia Diogo da Silva naquella inquieta occupação de seu officio; mas como nosso Senhor tivesse ordenado de lhe dar outra melhor vida, e pollo em estado de alta perfeição, quando elle mais mettido estava nos negocios daquelle cargo, e tractos mundanos, o chamou Deos à Religião por meio de hum

caso maravilhoso, e successo estranho.

3. Estava huma noite em seu estudo occupado na expedição de muitos negocios, que aquelle cargo traz comfigo, quando de repente, sem elle saber como, e de que maneira alli fora posto, vio diante de seus olhos corporaes, clara, e distintamente hum grande pratto cheio de cabeças, mãos, pernas, braços, e orelhas de homens justificados: poz a vista nelles, e vio que lhos chegavão, e offerecião, dizendo huma voz, que elle ouvio bem clara: *Vês abi, Diogo, qual he tua vida.* Admirado ficou, e como fóra de si em ver huma coula tão notavel, e estranha; e supposto que entendia quão aceito era a Deos o castigo de malfeitores, como mostrou Moyfés ao Tribu de Levi, ^d depois da matança, que tinham feito no povo em castigo da Idolatria, dizendo que então tinham consagrado suas mãos a Deos; com tudo lhe deo nosso Senhor a entender, como se não queria servir de seu talento, em dar a morte a malfeitores, mas em dar a vida espirital aos que pelo peccado a tinham perdida.

4. Pelo que considerando na visão, que teve, e cahindo na conta de sua vida, todo cheio de compunção, com intento já de

Exo
nam

de mudar de estado, disse, falando comfigo : *Se taes são as ignarias dos Desembargadores, daqui me dou por despedido del-Rei, da Corte, do Senado, e de tudo, quanto pôde dar o mundo.*

E porque as palavras importão pouco, quando se não acompañão de boas obras, remetendo tudo a ellas, deixou as palavras. Renunciou o officio de Desembargador nas mãos do proprio Rei, que o proveesse, e assim deo a Cesar e o que era de Cesar, para dar a Deos o que feu era. Tinha noticia da estreita pobreza, e perfeição de vida, que se guardava na Provincia da Piedade; da aspereza, e rigor, com que se tratavão seus Religiosos; e achando que conformava tudo com o fervor, e espirito, que o incitava a fazer de suas culpas penitencia, pediu o habito de Religioso nesta Provincia, onde os annos, que nella viveo, fez admiravel vida.

CAPITULO XX.

Dos procedimentos de Fr. Diogo na Religião, dignidades, que obteve, e de algumas cousas, que lhe acontecerão dignas de memoria.

I Aõ extraordinaria mudança, como foi a de Diogo da Silva pelas cir-

cumstancias, que teve, tambem promettia na Religião extraordinarios progressos. Assim foi; pois se deo tão de véras aos santos exercicios da Religião, que em breve tempo, o que muitos alcanção em dilatados annos, veio a ser varão perfeitamente mortificado. Era mui devoto, contemplativo, e abstinente, tratando-se com muito rigor, e aspereza; o que não podendo soffrer o demonio, pertendeo por todas as vias fazello tornar atrás, ou ao menos divertillo da oração, que continuava com grande frequencia, perseguindo-o, e maltratando-o de continuo. Hum dia estava Fr. Diogo orando na sua cella, entrou o demonio em figura de hum façanhoso rafeiro, com medonhos latidos se arremeçou a elle; e tomando-lhe a cabeça em a boca, o teve assim atormentado grandemente, não menos do máo espirito, que do mal, que lhe fazia, até que largou a preza depois de hum grande espaço.

2 Outra vez indo com Fr. Diogo da Beira, Frade leigo, Religioso de fervoroso espirito, e approvada humildade, antes de chegarem a hum monte, onde hião pedir agazalho, caminhando por entre huns valles, ouvirão hum pouco afastado delles huma voz mui sentida, e lastimosa, que por trez vezes repe-

repetio: *Que farei, triste de mim?* e na terceira acabando de pronunciar estas palavras a tempo, que já emparelhava com os dous companheiros, e se chegava perto, accrescentou: *Que caminho hei de fazer? Malaventurado o que dá testemunho falso*; e fazendo grande estrondo pelo ar, desappareceu. Admirado Fr. Diogo da Silva assim da voz, que ouvira, como do estrondo, que fizera, perguntou ao companheiro que podia ser aquillo. He, respondeo elle, hum alma, que neste ponto sahio da vida, e no Tribunal Divino, por aquelle crime, que confessou, foi sentenciada ao Inferno. Outras muitas visões dizem nossos Memoriaes que teve Frei Diogo; mas como não as individuo, passallas-hemos em silencio. Entre estas batalhas, assim interiores, como exteriores, lhe dava Deos tanto esforço, e taes victorias, que em breve tempo veio a ter em pouco as porfiadas importunações, com que o demonio o perseguia.

3 Pouco depois de professo foi ordenado Sacerdote, e promovido ao officio de Prégador, o qual exercitava com tanto espirito, e recebeo do Senhor tal graça para este ministerio, que alcançou entre os Prégadores de seu tempo o nome de grande. Agradou tanto a ElRei

D. João a mudança, e perfeição de vida de Fr. Diogo, que o tomou por seu Confessor, aproveitando-se d'elle para o proveito espiritual de sua alma, o que o tinha perdido em o secular. Depois de o ter servido nesta occupação, lhe deo outra de maior pezo, provendo nelle o Bispado de Ceuta, Primaz de Africa. Com esta dignidade não perdeo Fr. Diogo a humildade de Capucho, antes com ella se humilhou de maneira, que entre os pequenos se tinha pelo menor de todos. He bastante prova desta verdade humma cousa; que lhe aconteceu em a nossa Casa do Bosque de Borba. Veio elle a esta, sendo já Bispo, por causa de sua espiritual recreação a ver os Frades; e estando fallando no claustro do Convento com Fr. Bartholomeu do Canhaveral, Religioso tambem de assinalada virtude, vendo-os o Guardião, que então era Fr. Diogo de Borba, os reprehendeo de quebrarem o silencio, e mandou que em penitencia levasse cada hum ao outro dia no Refeitorio seu pão na boca. Ao outro dia entrou o humilde Bispo no Refeitorio com a penitencia, disse sua culpa, e recebeo do Prelado a reprehensão com tanta humildade, como se fora o mais novo Corista, ou Noviço. Nem sei qual destas duas acções seja mais

mais edificativa, e digna de espanto, se a humildade do Bispo, se o zelo do Prelado, acompanhado de huma simplicidade santa: ambas forão grandes, huma para confusão de subditos, outra para exemplo de Prelados.

4 Sendo Bispo de Ceuta, o nomeou o sobredito Rei por Inquisidor Geral deste Reino, e foi o primeiro, que nelle houve em o estado presente. Chegáão as Letras, estando em Évora, ^a em cinco dias de Outubro do anno de 1536. e foi a Bulla passada pelo Papa Paulo III. em vinte e trez de Maio do mesmo anno. E se Pedro Mariz ^b chama ao primeiro Inquisidor Geral deste Reino Fr. Henrique, errou o nome, e enganou-se manifestamente; porque Fr. Henrique, ainda que foi Inquisidor, não o foi Geral, nem o primeiro, mas simples, e ordinario: com tudo tem alguma desculpa este seu engano, por serem Fr. Henrique, e Fr. Diogo da mesma Familia, ambos Bispos de Ceuta, e quasi do mesmo tempo, com que ficava facil confundir-se o nome de hum com o do outro. Com mais razão nos poderamos queixar da pouca, que teve o Reverendo Padre Frei Antonio de Sousa em o Catalogo, que fez dos Inquisidores no principio dos seus Aforis-

mos, para dizer que fora D. Fr. Diogo da Silva, Religioso de S. Francisco de Paula; tirando à Ordem, e a esta nossa Provincia aquella honra. Enão foi bastante (que he onde fundamos mais nossa queixa) o ser advertido antes de imprimir, para o emendar, fundado talvez na palavra do Breve, que em lugar de dizer: *Ordinis Sancti Francisci Provinciae Pietatis*, diz: *Ordinis Sancti Francisci de Paula*, o que podia ser por inadvertencia do Notario, que o escreveo.

5 No mesmo erro, nascido sem duvida do mesmo principio, cahio tambem Paramo no livro, que compoz da origem, e progresso do officio da Santa Inquisição, livro segundo, titulo segundo, capitulo quinze, numero terceiro; porém logo conhecendo a verdade, se retractou em o numero oitavo com estas foimaes palavras, traduzidas do Latim, em que escreveo, no nosso idioma. *O primeiro* (falla dos Inquisidores deste Reino) *foi Fr. Diogo da Silva, Frade de fidalgo da Ordem de S. Francisco de Affis, Confessor de ElRei D. João III. e Bispo de Ceuta em Africa. Foi creado Inquisidor Geral no anno de nossa Redempção 1536. pelo mez de Outubro, o qual officio teve perto de trez annos, que renunciou, e foi promovido ao Ar-*

^c
Supr. cit.

cebispo de Braga. As palavras referidas de Paramo pudéra ver o Padre Souza, e não deixar a verdade duvidosa, quando não fosse bastante para emendar o erro o ser delle antes advertido. E que além de ser Fr. Diogo Religioso de nosso Padre S. Francisco fosse também filho da Provincia da Piedade não fô repete muitas vezes o Illustrissimo Prelado D. Rodrigo da Cunha, ^c mas também o defende, e com elle todos, excepto o sobredito Padre.

6 Trez annos estive no Bispado de Ceuta, poucos mezes menos, que tanto vai de finco de Outubro de 1536. até trinta e nove, em que a trez de Julho renunciou o officio de Inquisidor Geral no Cardeal D. Henrique, que depois foi Rei, e o Cardeal nelle o Arcebispadado de Braga, onde então estava. Quando D. Fr. Diogo da Silva houve de ir tomar posse da Igreja de Braga, mostrou ElRei D. João III. a estimação, que delle fazia: escreveu aos Vereadores, e Fidalgos daquela Cidade, dizendo, que pediria ao Santo Padre quizesse prover a D. Diogo da Silva neste Arcebispadado, por suas grandes virtudes; e encomenda muito que seja de todos obedecido, e acatado, como era razão, porque em seu cargo faria o que devia a bom Pastor. Accrescenta ElRei,

que teria disto muito contentamento, e do contrario, que não esperava, muito desprazer, e deserviço. Foi a carta escrita em Lisboa pelo Secretario Pero de Alcovaça Carneiro a seis de Novembro de 1540. guarda-se no Cartorio da Camera daquela Cidade, e nenhuma outra ha, (diz a Historia de Braga) em que os Reis encommendassem os Arcebispos, senão esta, e outra, que escreveu o mesmo Rei em favor do Cardeal D. Henrique seu irmão, em dezenove do mez de Janeiro do anno de 1534.

7 Exercitou seu officio naquella Igreja Primacial tão bem, como o tinha feito em Ceuta, e com igual satisfação à confiança, que ElRei mostrou, que tinha delle, na carta, em que tanto o recommendava. Não lhe faltou mais para hum perfeito, e bom Prelado, que o durar-lhe mais tempo a vida; porque como entrasse no Arcebispadado cortado das enfermidades, nascidas da muita penitencia, que sempre fizera, depois de Religioso, acceso em desejos de ver a Deos, e apparelhando-se com todo o cuidado para a ultima hora, assistindo-lhe os nossos Religiosos de S. Fructuoso, deo a alma a seu Creador em o mez de Dezembro do anno de 1541. havendo quatorze mezes que tinha o Arce-

cebispado, dos quaes residio em Braga nove, sendo de idade de sincoenta e seis annos. Foi sepultado naquella Sé defronte da porta da Capella mór, donde depois foi trasladado para a Capella de S. Giraldo, em que agora está, pelo Arcebispo D. Agostinho de Castro, em cuja sepultura poz esta inscripção: *D. Fr. Didaco à Silva Archiep. Primate, D. Fr. Aug. M. P. quer dizer: A D. Fr. Diogo da Silva Arcebispo Primaz, D. Fr. Agostinho poz esta sepultura.* Depois desta piedosa diligencia, que com D. Fr. Diogo da Silva, e com os mais de seus antecessores fez o sobredito Arcebispo D. Agostinho de Castro, buscou tambem D. Agostinho de Jesus as sepulturas de todos para saber como, e aonde estavam sepultados. Achou facilmente os corpos de todos, só o do nosso Arcebispo não podia ser achado, ainda que se fazião muitas diligencias. Enfadados já de buscarem, e com alguma desconfiança, e o Arcebispo sentido, metteo a mão o Conego Francisco da Costa (de quem ao diante fallaremos) no vão da sepultura, e cerrando-a, que a levava aberta, prendeo com ella o cordão, com que o Santo Prelado estava cingido. Todos os presentes julgáão, que reservára o Ceo, por mercê, e favor, para o dito Conego aquel-

le achado, por ser por extremo devoto de nosso Padre S. Francisco, e venerar tanto aquella sagrada insignia de sua sagrada Religião, que podendo esculpir na sua sepultura, que já tinha posto na Igreja, as Armas de seus ascendentes, o não quiz fazer, escolhendo o cordão de nosso Padre, para o redor do letreiro della, por rica orla, e dourada bordadura.

CAPITULO XXI.

Do decimo Ministro Provincial, e da Casa de Val-verde, que se recebeo em seu tempo.

NO fim do anno de 1543 em que acabava seu officio Fr. João de Faro, por commissão do Ministro Geral, que então era Fr. João Calvo, eleito no Capitulo de Mantua, congregou os Vogaes para a eleição do novo Ministro, afinando para a celebração do Capitulo o Convento do Bosque em Borba. Nelle foi eleito Fr. Diogo de Borba a terceira vez em Ministro Provincial, porque já o tinha sido duas vezes: de sorte que foi em numero o quinto, e o setimo, e o decimo dos que teve a Provincia. Repetião tanto as eleições em este sujeito, porque o achavão grandemente zeloso da guarda da disciplina

Fr. Diogo de Borba Provincial 10.
Vv ii re-

religiosa, e costumes louváveis da Provincia, como se pôde colligir do que lhe succedeo, sendo Guardião na mesma Casa do Bosque, com o Bispo D. Fr. Diogo da Silva, como referimos no Capitulo antecedente. Pouco depois de sua eleição recebeu o Convento de Valverde, cuja recepção foi desta maneira.

2 Sendo Arcebispo de Evora o Serenissimo Infante, e Cardeal D. Henrique, (que depois veio a ser Rei, ajuntando, qual outro Melchisedech, o Sacerdocio com o sceptro) tão particularmente devoto, e afeiçoado a esta Provincia, que os Frades della o tinham em conta de pai, tendo feito hum curioso jardim, casa de campo, e recreação, legua e meia distante da mesma Cidade de Evora, em hum sitio chamado Valverde, onde vinha muitas vezes tomar alivio dos trabalhos, e cuidados, que comsigo traz a obrigação de semelhantes estados, e dignidades, determinou edificar-nos alli hum Convento, para nos ter comsigo todo o tempo, que ahi residisse. Assim o poz logo em effeito, mandando-o fundar junto às casas, que alli tinha. He pequeno e Capucho, mas mui perfeito, com sua fonte perenne, trazida por canos ao meio do claustro, e fóra da Casa huma for-

mosa cisterna, onde se recolhe a agua para regar a horta, e pomar. Começou-se a obra em o anno de 1544. A Igreja assim pequena como he tem muito artificio; está em fôrma redonda, composta de cinco meias laranjas, as quaes estribão sobre trinta e duas columnas pequenas, conforme a Igreja, mas de tão boa pedra, e tão bem lavradas, que parecem jaspes em o resplendor, com graciosa ordem, e proporção divididas, com seu zimbório na meia laranja do meio, e hum curucheio com janellas ao redor de vidraças para luz, e claridade: a juizo de todos que a vem, e sabem da Architectura, he a mais linda, e artificiosa fabrica, que se pôde achar de seu tamanho.

3. Como a tal, quiz ver Philippe II. de Castella, porque depois de tomar posse deste Reino, e estar nelle dous annos, vindo no de 1583. de Lisboa para Evora, fez caminho por Valverde, e mostrou que lhe agradava tanto, não só o artificio da Igreja, mas tambem de todo o Convento, que o mandou traçar, e tirar a planta. Feito este, ou quasi acabado, só por ordem de Sua Alteza, houve huma Patente do Geral da Ordem Fr. João Calvo, para os Frades desta nossa Provincia o aceitarem, e morarem nelle.

le. Alli vinha este grande Príncipe muitas vezes estar com elles, entrando só pela porta, que tinha em sua camera junto ao Convento, pelo não inquietar com sua gente; e quando entrava pela da portaria, só mettia dentro seus principaes Fidalgos, os quaes não deixava entrar no claustro, ou corpo do Convento, mas fazia-lhe sinal, que dando volta ao redor, passeassem pela horta. Pela mesma razão muitas vezes, que comia na Communidade do Refeitório, nenhum criado levava, que o servisse, nem entrasse dentro, mas chegavão até à porta do Convento, onde davão as iguarias, que trazião, aos Frades, e estes as levavão à meza. Outras vezes chamava ao Guardiã, e alguns dos que mais gostava, que fossem comer com elle a seu Paço. Em quanto viveo, sempre sustentou, e proveo de todo o necessario a este Convento, que então era Guardiania de doze Religiosos. Por sua morte assim o Convento, como o jardim (que muito perdeu depois de formosura, e curiosidades, que então tinha) ficarão com todas as cousas adherentes à Meza Archiepiscopal.

4 Sempre desde aquelle tempo os Senhores Arcebispos, que succederão, seguindo o exemplo do Cardeal Infante, pri-

meiro Fundador, e estimando muito serem Padroeiros desta Casa, com muita devoção, e cuidado provêrão os Frades de todo o necessario; porque como estão naquelle deserto, não tem onde pedir. A gente da Cidade de Evora lhe tem muita devoção, indo muitas vezes em romaria ao Bom Jesus, cujo Santissimo nome a Igreja tem por titulo, e são muitas as mercês, que do Senhor nella tem recebido. Por estas razões, e por estar em lugar solitario he mui accommodada para vida de Religiosos, ainda que todos estes bens lhe afeia algum tanto o ser doentia notavelmente de Verão, de tal maneira, que algumas vezes se tem visto dos Frades, que alli são moradores, não escaparem dous em a hebdomada, que não adoescessem, e muitos de enfermidades malignas, que ou morrião, ou ficavão com achaques muito tempo. Pelo qual, sendo Arcebispo o Senhor D. Alexandre, como tão devoto nosso por filho do Duque D. João, e da Senhora Dona Catharina, (a qual lançou a barra além de tudo o que parece pode chegar a devoção de hum Senhora, e amor de Religião, ou Provincia alguma) vendo que os Religiosos ordinariamente estavão doentes, escreveu a hum Capitulo, que se celebrou em Santo

to Antonio de Coimbra pelos annos de 1607. pedindo quizessem deixar aquella Casa de Valverde, tirando della os Religiosos. Admittirão os Frades o confelho, que logo se poz em effeito, largando no mesmo anno a Casa. Sentio isto grandemente a Cidade de Evora, e supposto que outros alguns Religiosos por vezes a procurárão, nunca já mais quiz consentir que morassem nella senão os que a tinham deixado, importunando por isto ao nosso Provincial.

5 Accrescentou mais esta supplica da Cidade hum repetido prodigio, que os Pastores daquelle sitio contavão. Dizião estes, que muitas vezes ouvirão tocar a Matinas o sino, e rezarem-se no Coro pela meia noite, ao mesmo tempo, que os Frades as rezavão, quando alli moravão. Huma noite ajuntando-se huns poucos quizerão examinar este prodigio; e supposto que quando chegarão à porta do Convento, ouvirão que se rezava no Coro, subindo affirma, parou a reza, e ninguem virão. Quasi trez annos esteve o Convento desamparado, até que aos continuos rogos, e supplicas da Cidade se ajuntou hum carta do Bispo de Miranda D. Diogo de Sousa, primeiro do nome, eleito já Arcebispo de Evora por morte do Senhor

D. Alexandre, que succedeo em breve, depois de largarmos o Convento, o qual pedia ao Provincial, que então era, Fr. Pedro de Penalva quizesse outra vez povoallo de Frades, porque não era bem se esquecesse huma devoção tão particular, como o Cardeal Dom Henrique nelle tinha, como tambem deixar-se de continuar tanto serviço de Deos, quanto se lhe fazia naquelle ermo. Por todas estas razões em hum Capitulo, que se fez em Evora no anno de 1610. o tornámos a aceitar com titulo de Vigairaria, como tinha antes de ser deixado.

6 Depois de fundar este Convento o Cardeal Infante, os Arcebispos, que teve por Padroeiros, forão successivamente os seguintes. Dom João de Mello, em quem elle renunciou o Arcebispado, que morrendo brevemente, tornou a ser Arcebispo o mesmo Cardeal; e ultimamente succedendo na herança deste Reino por morte del Rei D. Sebastião, de triste, e saudosa memoria, deo o Arcebispado ao Senhor Dom Theodosio de Bragança, filho do inclyto Duque D. Jaime, Fundador, e primeiro Padroeiro desta Provincia. E como já a devoção lhe viesse por herança, não sómente em prover este Convento das cousas necessarias, e na fabrica de Santo An-

Antonio de Evora, (como em seu lugar diremos) senão também em todas as mais cousas se mostrou mui zeloso, e fidelissimo Protector da Provincia. Succedeo-lhe o Senhor D. Alexandre, em quem havia a mesma razão, mas durou-lhe pouco tempo a vida. Logo o Arcebispo D. Diogo de Sousa, primeiro do nome, o qual nesse pouco tempo, que possuiu a Cadeira, que foi quasi hum anno, mostrou ser muita sua devoção; porque sendo nessa conjunção tornada a receber a Casa, (como fica dito) elle a proveo liberalmente de tudo o necessario, assim para o Coro, e Sacristia, como para a enfermaria, e uso dos Religiosos, que sempre forão deile bem tratados, e providos. E ainda que a morte os deixou saudosos de sua presença, não sentirão depois della alguma falta; porque succedendo-lhe D. José de Mello, filho do Marquez de Ferreira, poz todo o cuidado em os prover de todo o necessario.

7 Era este Illustrissimo Prelado mui afeiçoado a Valverde, e assim procurou que este Convento fosse tornado a estado, e titulo de Guardiania, como o era no tempo do Cardeal Infante, o que conseguiu em hum Capitulo celebrado em Evora em dezenove de Janeiro de 1614. Intentou também re-

novar o jardim destruido, e tornallo à sua antiga fórma: teve effeito este seu desejo em muita parte, mas depois de sua morte durou pouco tempo o que tinha renovado. Succedeo-lhe D. João Coutinho, que vindo de Madrid para este Reino já depois da feliz acclamação de El Rei Dom João IV. como de mandado seu se detivefle em a Cidade de Elvas, adoeceo em o nosso Convento, onde morreo, e lhe deixou peças de grande preço para o Divino culto, entre as quaes a mais affinalada era hum Cruz esmaltada de pedras preciosas, e nella engastada hum grande Reliquia do Sagrado Lenho. Esta, e tudo o mais, que no Convento havia, levárão os Castelhanos, quando em o anno de 1658. sitiárão, mas não renderão aquella Cidade. Neste tempo ficou o Arcebispado vago, e o esteve em quanto durárão as guerras em Castella; teve porém por Governador a hum Religioso chamado Fr. Luiz de Sousa, que querendo reduzir a ordinaria, com que os Senhores Arcebispos provião o Convento, a hum certa esmola de cada semana, e estando já para o pôr em effeito, morreo vespéra de nosso Padre S. Francisco, (de que alguns de fóra fizerão mysterio) e ficou o provimento dos Frades correndo por

por conta do Reverendo Cabido, que com muita pontualidade o fazia.

8. Acabadas as guerras, e feitas as pazes entre os dous Reinos, provêrão a Igreja de Evora em D. Diogo de Sousa, segundo do nome, e hum dos grandes Prelados do seu tempo, que com a mesma ordinaria, que seus predecessores, assistia ao Convento. Depois posuio esta Cadeira o Illustrissimo Senhor D. Domingos de Gusmão: foi particular o amor, e benevolencia, com que tratava aos Religiosos da Provincia, e notavel o cuidado, com que provia de tudo o necessario os moradores de Val-verde, assim sãos, como enfermos, sem reparar em dispendios. A quinta não só a restituio a seu antigo ser em grande parte, mas tambem a accrescentou com algumas obras notaveis, como são espaçosa tapada povoada de gado sylvestre, sumptuosas casas, formoso lago, vistosos arcos, que de competente distancia trazem em abundancia agua para fertilizar a quinta, que passando pela nossa cerca, nos deixão nella hum boa quantidade, e da melhor, que se recolhe em hum tanque para beneficio da horta. Com estas, e outras muitas obras, que o dito Prelado alli fez, fica hoje aquelle sitio muito mais alegre, e aprazivel à vista.

CAPITULO XXII.

Fundação do Convento de N. Senhora da Assumpção da Vidigueira.

N Aõ longe da Villa da Vidigueira, e mais perto de Villa de Frades, que dista muito pouco hum da outra, em o Arcebispado de Evora, havia antigamente hum hermidão do Patriarca S. Bento, de cujo principio, e fundação não pude achar memoria. E como os mais dos Grandes deste Reino procuravão ter os Frades da nossa Provincia em suas terras, e serem Padroeiros de alguma Casa della, hum destes foi aquelle illustre, e piedoso Heroe D. Francisco da Gama, filho do grande Vasco da Gama, primeiro Conde, e Almirante do mar da India, que elle descobrio não com menos gloria sua, que exaltação do nome Portuguez, que deo bem a conhecer com suas armas em partes tão remotas, e incognitas. Offereceo pois o Conde Dom Francisco, e a Condessa Dona Guiomar de Vilhena, sua mulher, a nossos Frades hum Convento naquella sua terra; e aceitando estes a offerta, escolhêrão para a fundação, por mais accomodado, o lugar, onde estava a sobredita hermidão de S. Bento.

2 O fitio (tirado o ser enfermo) he agradável, porque fica em hum campo descoberto, cercado de olivæes, e vinhas, de que he bem frutificada aquella terra: tem boa horta, e bastante pomar, regado com fontes de agua perenne, trazida de fóra por canos. Começarão os ditos Condes a fazer o Convento no anno de 1545. e brevemente o acabarão. He Guardiania de treze, ou quatorze Religiosos, que sempre os Senhores da Casa da Vidigueira provêrão com grande devoção, e pontualidade de todo o necessario, que nos he licito receber, sem quebrantar a obrigação de mendigar, conforme a nosso estado, para cujo effeito tiverão sempre officiaes deputados, que acodem com tanto cuidado, e diligencia, que não he menos estando seus Senhores ausentes, que em presença delles. O mesmo experimentamos hoje em o Senhor D. Francisco da Gama, sexto Conde da Vidigueira, e segundo Marquez de Niza, que além de herdar a devoção com a Casa, parece que tem feito empenho de exceder na devoção a todos os Senhores, que tem havido nella.

3 Quando se fez a Igreja, a que se deo por titulo a Assumpção da gloriosa Virgem Senhora nossa, porque não pare-

cesse que o Patriarca S. Bento era de todo lançado de sua casa, lhe fizerão hum altar fóra da grade da mesma Igreja, onde está posta sua Imagem de vulto, e se conserva a devoção antiga. Ha neste Convento muitas Reliquias notaveis; e não menos he de notar a invenção milagrosa, e mysterioso modo, com que o Senhor quiz dallas a conhecer, para que como taes fossem veneradas por verdadeiras. São as seguintes, conforme declaram os titulos, que tem. Do Santo Lenho; da Sagrada Tunica de Christo, e da Vestidura, que lhe vestirão em casa de Pilatos; da Corda, com que o atarão; do Santo Sudario; do Berço, em que foi criado; do Pão da meza da Cea; da pedra, sobre que o Senhor chorou sobre Jerusaleem; da pedra da Sagrada Columna; da pedra do Sepulchro; e da porta Aurea. Da beatilha da Virgem Sacratissima Senhora nossa; de sua vestidura; da cera offerecida no Templo em sua Purificação; da pedra de sua sepultura. Da pedra da casa, em que S. João Evangelista dizia Missa; hum reliquia de S. João Baptista; de S. Pedro, e de S. Paulo; de Santo André; de S. Lucas Evangelista; de S. Simão, e São Judas; de hum dos Innocentes; do Protomartyr Santo Estevão, e de sua

Dealmatica ; de Zacharias Profeta ; de Santa Maria Cleofe ; de Santa Anna ; dos trez Reis Magos ; do pano, em que envolverão os Anjos o corpo da inclyta Virgem, e Martyr Santa Catharina ; de Santa Maria Salomé ; de S. Sebastião ; de Santo Agapito, e S. Callisto Martyres ; de S. Christovão ; de S. Braz ; de S. Roque ; de Santo Aleixo ; do Conde Santo ; de nosso Padre S. Domingos. Das Santas Agueda, Luzia, Cecilia, Natalia, Felicitas, Ursula, Dorothea. Hum cabello de nosso Serafico Padre S. Francisco ; reliquias de seu habito, e tunica ; do fendal, com que alimpava os olhos, e de sua corda. Hum osso do glorioso Santo Antonio de Padua, e reliquia de seu habito, e cordão. Dos cinco Martyres de Marrocos ; e dos sete de Ceuta. Do habito de Santa Clara, e de S. Gualter ; e outras muitas Reliquias, que, por não terem letreiros, não se sabem cujas são. A ordem, com que se descobrio tão grande thesouro, e veio a esta Casa da Assumpção, he desta maneira.

4 No anno do Senhor de 1555. havia hum Lavrador chamado Gonfalo Anes Cubeiro, que vivia em hum sitio de Pumar, (que por seu respeito ainda agora retem o nome de Cu-

beiro) fóra do lugar da Vidigueira, em o caminho, que vai desta Villa para a de Portel. Este tinha em casa prezo, por ser fulto de juizo, ou lunatico, hum filho seu de idade de dezoito annos, que se chamava Manoel Gonfaves Cubeiro, o qual estando hum dia o pai fóra, importunou a huma sua irmã, que o soltasse, o que ella fez, movida de seus rogos. O moço, como se vio livre, sahio-se de casa, e foi dar em huma Hermida velha, e antiga, quasi toda arruinada do tempo, que estava no caminho, que vem da Vidigueira para o nosso Convento : chamava-se a Hermida de Santa Clara, e conforme antiga tradição, tinha sido Igreja Matriz, em tempo, que a povoação da Vidigueira alli estava, e não em o lugar, onde agora a vemos. Chegando alli o louco, se deitou todo o dia, e ficou dormindo toda a noite. No mais alto silencio della acordou, ouvindo hum grande estrepito de gente, que entrava na Hermida. Levantando-se, vio hum veneravel velho, o qual faudando-o, lhe disse, que fosse ao Altar, e levantando a meza de pedra, com que estava todo cuberto, tirasse o que achasse dentro. Respondeo o mancebo, que mal poderia revolver pedra tão grande. Dito isto, vio que estava já levantada,

da, sem saber por quem, e de baixo appareceo outra arca de pedra, da qual lhe disse o velho, que tirasse o que dentro estava. O moço com este intento lançou a mão a huma argamaça, com que a arca estava tapada, e posto que parecia dura, e forte, em a tocando, foi como coufa de milagre, que se desfez, como se fosse cinza, e se apartou, dando lugar, com que appareceo huma boceta de páo, que tomando-a em suas mãos, cobrou logo perfeito juizo.

5 Entendendo o que era, a levou à Vidigueira, onde entrando na Igreja Matriz, a poz sobre o Altar de huma Capella de Nuno Pereira, Alcaide Mór que fora da Villa de Portel. Contou ao Prior, e mais gente o que lhe havia acontecido, de como achára aquellas Reliquias, que para lhe darem facilmente credito, bastava a prova tão clara de que havendo-o conhecido por louco, o vião já mui fezudo. Abrio o Prior a boceta, e examinando tudo muito bem, achou, como na verdade erão, Reliquias mui notaveis, como constava dos mesmos rotulos dellas. Ordenou então que se tornassem à dita Hermida de Santa Clara, em quanto se ordenava huma Procissão para as hirem buscar solememente, como logo fo-

rão, e as trouxerão com muita festa, e collocarão com a devida reverencia em a Igreja Matriz da dita Villa. O sobredito Conde, e Condessa mandarão então reedificar a Hermida antiga de Santa Clara, prover de ornamentos, e fazer hũa Confraria nella.

6 O Manoel Gonçaves conhecendo a grande mercê, que Deos lhe fizera em lhe dar perfeito juizo, o quiz aproveitar tão bem, que foi estudar a Salamanca, (não havia ainda estudos em Évora) e aprendeo a Sagrada Theologia, sahio affinalado Prégador, e viveo com grande fizo, e prudencia até o anno de 1568. em o qual falecendo, se mandou enterrar em a dita Hermida de Santa Clara, onde tambem seu pai já se tinha enterrado, mandando esculpir sobre a pedra de sua sepultura hum arado, como insignia do officio de lavrador, que tinha. Derão testemunho de vista de todas estas cousas Gonçalo Anes, Sacerdote mui antigo, morador em a Vidigueira, que se achou presente, quando o Manoel Gonçaves trouxe as Reliquias, e com ellas o juizo, que lhe faltava, e ao mais, que ao depois succedeo; e affim tambem Lourenço Anes Cubeiro, primo segundo do mesmo Manoel Gonçaves, affirmando mais, que trazendo hu-

ma mulher hum seu filho mui doente , e todo tolhido , dando-lhe a beber agua , que lançára em a caixa de pedra , dentro da qual estivera a boceta das Reliquias , cobrou perfeita faude. E o Licenciado João Gonçalves , Medico , natural da mesma Villa , affirmava que conhecêra ao dito Manoel Gonçalves Cubeiro , quando carecia de juizo , e depois que o cobrara , e se fizera Theologo , o qual lhe contára por vezes o processo de tudo o que fica dito.

7 Descuberto nesta fórmula tão grande thesouro de Reliquias , e tão approvadas de verdadeiras , não só com o milagre do modo de sua invenção , senão também com muitos outros ; sabendo disto a Rainha D. Catharina , mulher de ElRei D. João III. desejando vellas , mandou que lhes fossem levadas. E tomando para si hum só cabello da bemaventurada Santa Maria Magdalena , que estava entre as que já nomeei , fez metter as outras todas em retabolo pequeno em fórmula de almario , com suas portas , e fechadura com chave , forrado de veludo carmesí , postas em ordem com seus letreiros , que declarão de que Santo he cada huma , cuberto tudo de vidraças. Assim concertadas as tornou a mandar à dita Condesa

Dona Guiomar de Vilhena , que com muita instancia lhas pedia. A Condesa as poz nesta sua Casa , onde estão decentemente , e com muita veneração collocadas em o Sacrario do Altar maior da Igreja , e tem feito Deos nosso Senhor mui singulares milagres por meio dellas.

CAPITULO XXIII.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Loulé.

I **D**O Convento , que fundámos em Faro , e que largámos aos Padres Observantes da Provincia de Portugal pelo de Villa-Nova por ordem delRei D. João III. como fica dito , ^a era Padroeiro Nuno Rodrigues Barreto. ^b Por esta troca , que fizemos , ficou este Fidalgo assás desgostoso ; e não podendo soffrer muito tempo a ausencia dos nossos Religiosos pela singular devoção , e amor , que lhes tinha , quatro annos , pouco mais , depois que deixarão o Convento de Faro , fez supplica ao Summo Pontifice , expondo como tendo elle feito edificar com despezas suas na Cidade de Faro em huma possessão , que fora de seu pai , hum Mosteiro aos Frades da Provincia da Piedade , chamados communmente os Descalços , da vida , e exem-

^a Supr. li.
c. 18. n.

^b Ibid. c.
num. 5

exemplo dos quaes assim elle, como sua mulher Dona Leonor de Milão, e a mais familia se gozava muito em o Senhor com obra, e consolação espirital, o Ministro Geral da Ordem lançára aos ditos Frades Descalços do dito Convento contra vontade d'elle Padroeiro, e puzera ahi outros Frades da Observancia. Pelo que vendo-se elle com sua familia em falta, frustrados de seu intento, e espirital consolação, desejava muito pelo accrescentamento do culto, e honra Divina edificar aos ditos Frades da Piedade em huma herdade de seu morgado, chamada Quarteira, ou em outro lugar, que melhor parecesse, junto à Villa de Loulé, hum Heremitorio, ou Oratorio, à maneira de Convento, em que pudessem estar quatro, ou cinco Religiosos, e viver de maneira, que nas outras Casas costumão, aos quaes queria dar os ornamentos, e cousas necessarias para o culto Divino, e sustentallos de sua propria fazenda de tudo o que houvessem mister, conforme seu costume, e Regra.

2 Mas porque temia que os Ministros da Ordem de São Francisco da Observancia, ou dos Claustres estorvassem este seu louvavel proposito, sob color, e achaque, que tinham Convento da dita Ordem na Cida-

de de Faro, e que na Villa de Loulé se não podia fundar outro da mesma Ordem, por não estar esta Villa daquella Cidade em quatro leguas de distancia, como era necessario por huma concordata, que se tinha feito; e pela mesma causa, por se livrarem de contendias os Ministros da Provincia da Piedade, não querião enviar Frades ao dito Heremitorio, ou Casa, que pertendia fazer: pedia humildemente a S. Santidade lhe dêsse licença, para com authoridade Apostolica edificar o tal Heremitorio, e Casa; e depois que estivesse feita, os Superiores da dita Provincia da Piedade pudessem, e devessem mandar quatro, ou cinco Religiosos para morarem nella, onde servissem ao mui alto Deos.

3 O Summo Pontifice, que então era Paulo III. lhe passou Breve, expedido em Roma a oito de Julho do anno undecimo de seu Pontificado, que foi o do Senhor 1544. no qual diz, que visto o piedoso desejo, e louvavel proposito de Nuno Rodrigues Barreto, e attendendo que se hão de favorecer as pessoas, que honrão, e aproveitão à Religião, para que assim se incitem outros a fazer o mesmo, lhe concede tudo o que pedia, e dá licença, para que possa levantar o dito Oratorio com sua Igreja, claustro, dormi-

mitorio, e mais officinas necessarias, com sua horta, e cerca; e o dito Ministro da Piedade estaria obrigado a mandallo povoar de Religiosos. Ainda lhe concedeo outro singular favor, dizendo, que todas as vezes, que morressem alguns dos moradores naquella Casa, pudessem vir para ella quaesquer Religiosos de outros Conventos da Provincia da Piedade, (sendo chamados, e se essa fosse sua vontade) sem terem necessidade de pedirem para isso licença ao Ministro, nem a algum outro Prelado, com tanto que vissem alli debaixo da obediencia dos Superiores da dita Provincia da Piedade, e conforme suas Ordenações, e costumes, sem innovarem alguma cousa. Conclue o Breve com mui notaveis clausulas de firmeza. Por virtude do qual se começou a obra no anno de 1546. e se povoou de Religiosos.

4. Não obstante as clausulas do dito Breve, ainda assim o arguirão de defeituoso os Padres da Provincia dos Algarves da Observancia, dizendo, que não fazia expressa, e clara menção a supplica de hum concerto, que havia entre estas duas Provincias do Algarve, e da Piedade, de que não receberia huma Convento quatro leguas de qualquer Convento da outra. Foi o pleito ao Capitulo

Geral da Ordem celebrado no Convento de N. Senhora dos Anjos em Alsís no anno de 1547. onde se deo sentença a seis de Junho, que os Frades da Provincia da Piedade sahifsem logo, e deixassem o Oratorio, por quanto julgava o Capitulo que o Breve era surrepticio por falta de inteira informação. Porém tanto que Nuno Rodrigues Barreto teve noticia do que no Capitulo Geral tinha succedido, recorreo ao Nuncio Apostolico, Legado *à latere* de S. Santidade neste Reino, chamado João Ricio de Monte Policiano, Arcebispo Sipontino, o qual, visto o Breve, e examinada a causa, julgou que fora legitimamente impetrado, e que tinha sufficientissimas clausulas, derogatorias de quaesquer estatutos, ou concertos em contrario, e assim mandava que se cumprisse, e que nenhum Prelado pudesse obrigar aos Frades desta Provincia a deixarem o dito Oratorio. O Breve Apostolico, e a sentença do Nuncio estão guardados no Arquivo daquelle Convento. Com isto ficarão os nossos Frades quietos naquella Casa, a que derão titulo, e invocação de Santo Antonio, a qual crescendo, e renovando-se por tempos, he hoje Guardiania, que tem communmente quatorze até quinze Frades morado-

dores. Está pouco distante da Villa, em hum plaino quasi a meia ladeira, donde descobre a vista alguma parte do mar, que fica dahi duas leguas.

5 O sitio he fresco, a cerca espaçosa, com muito arvoredo de pomar, abundante de varias frutas, horta regada com as aguas de hum fonte perenne. O povo devoto, e de boa vontade ajuda aos Religiosos com as esmolas, que póde. Em quanto vivêrão seus primeiros Fundadores Nuno Rodrigues Barreto, e Dona Leonor de Milão, que depois de morto o marido viveo ainda muitos annos, tiverão sempre cuidado, como legitimos Padroeiros, de prover esta sua Casa não só das cousas pertencentes ao culto Divino, vasos, ou ornamentos da Sacristia, e à cura dos enfermos, senão tambem das cousas necessarias aos Religiosos para a vida humana, a que as esmolas da terra não bastassem. Com a mesma devoção continuárão seus descendentes, que acabárão em Dona Beatriz de Mendoça Barreto, neta do dito Fundador, a qual com extrema sollicitidão, e extraordinaria liberalidade tinha cuidado de prover de todo o necessario a este seu Convento, sem que fosse bastante para haver alguma falta o viver tão apartada d'elle, quanto vai da Villa de Loulé,

de que era Alcaideça Mór, a Madrid, onde se tinha criado no Paço de Philippe III. por Dama da Rainha, e ficou depois da feliz acclamação del Rei D. João IV. vivendo com grande exemplo de honestidade em celibato, supposto que lhe sahí-rão muitos, e mui illustres casamentos.

6 Deixou Dona Leonor de Milão, mulher do primeiro Fundador, este Convento de Santo Antonio com insignes Reliquias, e mui approvadas, que lhe mandou Dona Francisca de Aragão, casada com Dom João de Borja, Conde de Malhalde, e do Ficalho, filho do Duque de Gandia, as quaes trouxe de Alemanha, quando foi àquellas partes com a Imperatriz Dona Maria, filha do Imperador Carlos V. de Castella. Ella as mandou engastar em hum curiosa Cruz de páo preto, accommodando-se ao modo dos Capuchos, postas ordenadamente, e em proporção sobre cada Reliquia hum vidraça, e letreiro ao redor, que declara de que Santo seja. Ha entre ellas hum boa parte do Lenho da Sagrada Cruz, hum Reliquia de Santa Catharina Virgem, e Martyr, de S. João Baptista, do Protomartyr Santo Estevão, de São Mattheus Apostolo, de S. Bento Abbade, de S. Braz Bispo, e finalmen-

te de outros Santos, e Santas, por cuja intercessão, e meio de suas Reliquias tem alcançado de Deos muitas mercês as pessoas, que se encommendão a elles, e com devoção as honrão, e venerão. Neste Convento, sem que houvesse mudança alguma em sua primeira forma, vivemos até o anno de 1692. em que passámos para outro, que reedificámos de novo, por este ameaçar já ruina: fica pouco mais assima do primeiro, como diremos a seu tempo.

CAPITULO XXIV.

Elege-se o undecimo Ministro Provincial: reedifica-se a Casa da Piedade a primeira vez em seu tempo.

1546

I

AO nosso Provincial Fr. Diogo de Borba commetteo o Ministro Geral da Ordem Fr. João Calvo, que então estava no Sagrado Concilio Tridentino, a celebração do Capitulo, tanto que acabasse o tempo de seu governo. Convocou a elle em o anno de 1546. para o Convento de nosso Padre S. Francisco de Elvas, onde sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Frei Simão da Vermiosa, e foi o undecimo em numero dos que até seu tempo teve a Provincia. O

Fr. Simão
da Vermiosa,
Provincial 11.

conceito, que todos tinham de este Religioso, promettia grandes progressos em seu governo; atalhárão porém a estes os molestos achaques, que depois de sua eleição lhe sobrevierão. Efse pouco tempo, que governou, foi com muita prudencia, e acerto, com que deixou a toda a Provincia tão satisfeita de seu proceder, como sentida da renuncia, que fez de seu officio, pouco mais de anno e meio depois de ser eleito.

2 No tempo, que teve o sello, se celebrou Capitulo Geral em nossa Senhora dos Anjos em Afsis pela festa de Pentecostes do anno de 1547. para eleição de Ministro Geral por morte de Fr. João Calvo, que tinha falecido em a Cidade de Trento. Fizerão eleição em o Padre Fr. André da Insua, nosso Ulisbonense, e Custodio actual da Provincia dos Algarves. Neste Capitulo se não achou o nosso Provincial, por lhe não darem já lugar os achaques para poder fazer a pé jornada tão comprida; achou-se porém nelle o Custodio, que por parte do Provincial da Provincia dos Algarves foi citado para responder às razões, que allegava aquella Provincia, para que deixassemos o Convento, que então fundavamos em Loulé. E supposto que as razões da parte do Custodio mos-

tra-

travão bem a justiça, que tínhamos, como fundadas em hum Breve, em que o Summo Pontífice não só nos concedia aquelle Convento, mas também obrigava ao Provincial a povoallo de Frades, não obstante isto, deo-se contra nós a sentença, ou por ser o pleito de huma Provincia, de quem o Ministro Geral era filho, ou (o que será mais certo) pelo entenderem assim. O mais, que depois succedeo nesta causa, deixo escripto no Capitulo antecedente. Durando ainda o governo do Ministro Provincial Fr. Simão da Vermiosa, se mudou a primeira Casa da Piedade de Villa-Viçosa para mais perto da Villa, e foi pela causa seguinte.

3 Ao Duque D. Jaime succedeo não menos em o estado, e casa, que na devoção, e amor desta Provincia, seu filho o Duque Dom Theodosio. Vendo este Principe o muito, que padecião os Religiosos na Casa da Piedade, por ser o sitio tão enfermo, que de Verão era necessario despovoallo, pela experiencia, que havia de adoecerem quasi todos de graves enfermidades, de que ou morrião, ou ficavão enfermos toda a vida: e por outra parte o pouco commodo, que havia para a cura delles, por estar longe do povo; a que se accref-

centava também o desejo de ter os Religiosos mais perto de seu Paço, para com mais facilidade os communicar, se resolveo trazellos para outro sitio mais perto da Villa. Fica este para a mesma parte do Nascente, onde estava o antigo, junto a hum ribeiro, que corre das fontes da Villa, e com outras muitas hortas rega também a do Convento. Para este se passarão os Frades em o anno de 1547. deixando a Casa antiga, e primeira, que a Provincia teve, onde vivêrão quarenta e sete annos: e porque se não perdesse a memoria de tão grande Santuario, da Capella da Igreja deixarão alli feita huma Hermida.

4 Neste segundo Convento, como no antigo, e mais vezes, pelo ter mais vizinho, vinha o Duque assistir aos Offícios Divinos, e rezar com os Frades no Coro: ajudava-os a cantar as Missas, e Vespers; depois estava na Oração mental da Comunidade, e fazia como qualquer delles outras ceremonias, e exercicios da Religião. Tratava-os com mostras de mui especial devoção, e amor, com tanta humildade, que de joelhos lhes tomava os perdões, e com muita familiaridade os levava nos braços, como se forão seus iguaes. Nem isto era muito nelle, porque

naturalmente foi Principe amorosissimo, e sem perder nada da gravidade, que resplandecia em todas suas obras, guardando em tudo o decoro de sua pessoa: tinha muita brandura, e affabilidade para com todos (singularmente porèm para nossos Frades) assim estranhos, e desconhecidos como seus vassallos, e domesticos. Tomava para si o conselho, que dava Claudiano a outro Theodosio Emperador, que se houvesse com seus vassallos não tanto como Senhor, quanto como Pai, e Cidadão. Com isto era a todos mui aceito, e de seus vassallos tão amado, que o servião com summo gosto. No tempo, em que mudou a Piedade, deo também principio à Casa de Portel, como logo diremos, e reedificou a do Bosque em Borba. Foi grande a devoção, e piedade, com que despendeo seus thesouros em fundar Casas de oração, e Conventos de Religiosos. Em seu Paço instituiu; e fundou hum Capella illustre, e rica: applicou rendas para haver em Villa-Viçosa hum estudo de Grammatica, que hoje se lê nella em o Convento dos mui Religiosos Padres Agostinhos. Edificou o insigne Convento das Chagas de Religiosas de Santa Clara, onde se recolhêrão a Senhora D. Maria, e D. Vicencia suas irmans.

5 Nestas, e outras obras de piedade gastou a vida até o anno de 1573. em que lhe deo a ultima enfermidade. Estavão neste tempo os seus Capuchos celebrando Capitulo Provincial em Santo Antonio dos Olivaeas de Coimbra; e vendo o Duque que sua enfermidade era mortal, mandou chamar os Presidentes das Casas da Piedade, e do Bosque, que o acompanhasssem. Depois de recebidos devotamente os Sacramentos da Igreja, pedio-lhes que lhe vestissem o habito de nosso Padre S. Francisco, em que fosse enterrado. Feita esta diligencia, mandou que lhe trouxessem hum devota Imagem do mesmo Santo; e tomando-a nas mãos, postos nella os olhos, disse estas formaes palavras: *Padre meu serafico S. Francisco, já que me levastes a Capitulo os meus Guardiães, que não tenho presentes nesta hora, vós me acompanhai nella: sede guia, e Guardião de minha alma: e assim como na vida experimentei vosso favor, assim o sinto na morte: ajudai-me, e apresentai minha alma diante de seu Creador.* Ditas estas, e outras palavras, que não movião a pouca devoção, e lagrymas a quem as ouvia, beijando a Imagem do Santo, e abraçado com ella, com grandes sinaes de contrição verdadeira, e mostras de santidade, deo

deo sua alma a Deos nosso Senhor ; tanto , que se affirmou , segundo achei escrito , que a terra de sua sepultura dera saude a enfermos , mostrando o Senhor depois da morte de quanto merecimento fora sua vida , que ordinariamente qual foi humma , tal costuma ser a outra.

CAPITULO XXV.

Fundação do Convento de nosso Padre S. Francisco de Portel.

47 **N**O mesmo anno , em que o Duque D. Theodosio mudou a Casa da Piedade para outro sitio , deo tambem principio a outra Casa em a Villa de Portel , dedicada a nosso Padre S. Francisco. He Portel Villa dos Estados de Bragança no Arcebispado de Evora , e seis leguas desta Cidade para a parte do Sul. A occasião , que houve para o Duque nos fundar alli Convento , foi esta. Sendo este Principe casado com a Duqueza Dona Joanna de Alencastre sua prima , viveo com ella alguns annos sem haver filho , ou filha alguma , por cuja causa vivião com algum desgosto ; e dizem que os Medicos , considerando a natureza desta Senhora , não lhe davão esperanças de poder havellos. O Duque buscando o remedio por melhor caminho ,

como devotissimo que era de nosso Padre S. Francisco , valeo-se de seus merecimentos , fazendo voto , que se por seu meio , e intercessão lhe dêsse o Senhor hum filho para herdeiro de sua Casa , edificaria hum Convento a esta Provincia , da invocação do mesmo Santo. Feita esta promessa , ouvio o Senhor a petição , e satisfez o desejo a estes Principes , dando-lhes , como por milagre , filho successor , que veio a ser o Duque D. João , primeiro deste nome. Para cumprimento do dito voto pedio ao Provincial enviasse Frades a Portel , que esta Villa escolheo para a fundação do Convento , por ser povo , que commodamente podia sustentar os Religiosos.

2 Muito antes tinha o Duque offerecido , e ainda procurado com instancia , quizessemos aceitar Conventos em todas as terras de seus Estados , que elle no-los daria feitos , o que a Provincia não aceitou , por não querer que crescesse muito o numero delles ; porèm neste de Portel não pudérão deixar de condescender à vontade do Duque , porque para seu effeito allegava , que era obrigação pelo voto , que a nosso Padre São Francisco tinha feito. Aceitou-se ainda em tempo do Ministro Provincial Fr. Diogo de Borba em seu terceiro Mi-

nistrado ; porèm não se começou a obra senão em o anno de 1547. sendo Provincial Fr. Simão da Vermiofa. Acabou-se brevemente : he Capucho , e mui reformado , e ainda hoje persevera no mesmo lugar , e primeira fôrma , em que foi fundado. Fica não muito longe do povo , em sitio sadio : tem bastante cerca , excellente horta , e hum pequeno pomar , regado tudo com copiosa agua de hum nora , e fonte , que tem dentro , là no baixo da cerca , donde (por não haver outra) com trabalho a trazem para o serviço do Convento.

3 Neste Convento em o anno de 1678. esperava a Divina Misericordia a hum forasteiro , tão descuidado de sua salvação , que havia quantidade de annos não chegava ao Sacramento da Penitencia. Passava elle por esta Villa de Portel , onde o tocou o Espirito Santo de sua graça , que , como disse Christo Senhor nosso a Nicodemus , onde quer inspira ; ^a e foi tão efficaz o impulso , que logo se poz a caminho para o nosso Convento a buscar o remedio para sua salvação o que muito tempo tinha resistido às Divinas inspirações. Sentia o demonio esta mudança , e assim procurou que não tivesse effeito , o que não pode conseguir , por ser mais poderosa a

Joann. c. 3.
num. 8.

Divina graça. Trez vezes lhe appareceo visivelmente no caminho em habito de Frade , fingindo que vinha do Convento ; e perguntando ao forasteiro para onde hia , como elle lhe respondesse , que se hia confessar a S. Francisco , tratou dissuadillo deste intento , dizendo , que erão perdidos os passos , que là o levavão , porque elle de là vinha , e não ficára no Convento quem o pudesse ouvir de confissão , por estarem todos doentes. A este primeiro combate , que interiormente era maior , ficou o forasteiro algum tanto perplexo , persuadindo-se que assim poderia ser ; com tudo não desistio do caminho , que levava. No meio delle lhe appareceo segunda vez o tentador no mesmo habito , e fôrma , fazendo muito mais diligencia ; porèm o homem ajudado de Deos , e suspeitando já alguma cousa , resolutivamente disse ao demonio , que não havia de tornar atrás , e quando já estava tão perto do Convento. Finalmente chegando ao alpendre da Igreja a tempo , que os Frades rezavão Vesperas , lhe appareceo terceira vez , acrescentando , que para confirmação do que lhe tinha dito , não havia mais que quatro Frades no Coro , porque os outros estavam doentes na enfermaria ; e assim era , entre tantas mentiras

tiras disse huma verdade, o que muitas vezes costuma para enganar mais facilmente. Vendo porém que não podia sair com o que intentava, desappareceo. Esperou o forasteiro que os Frades acabassem de rezar Vesperas, e tanto que sahirão do Coro, tocou a campainha da portaria, pediu Confessor, que logo lhe foi buscar o Porteiro. Estando-se confessando no Capitulo, e relatando o que no caminho lhe succedêra, sobre saltado em grande maneira, disse em altas vozes, apontando com a mão para huma parte do Capitulo: *Eis alli o Frade, que trez vezes me appareceo em o caminho.* Na varanda sobre o claustro estava hum Religioso, que tinha visto entrar aquelle homem no Convento; e como este no carregado do semblante dêsse logo mostras da carga, que na consciencia trazia, tanto que ouviu os brádos, e estrondo no Capitulo, suspeitando daqui que seria alguma violencia, que o penitente fizesse ao Confessor, para que lhe dêsse a absolvição, como algumas vezes succede, correu depressa a elle, e da porta lhe perguntou se queria alguma cousa. Achou já tudo sosegado, e ouviu que lhe dizia o Confessor, que não tinha nada, que se recolhesse para a cella, o que elle logo fez. Acabada a confissão, que du-

rou algumas horas, como de tantos annos, ficou o penitente toda aquella noite, e tarde em o Convento, pedindo perdão a Deos com grandes mostras de arrependimento, preparando-se para a Comunhão do outro dia, e contou por vezes aos Frades o que lhe tinha succedido, assim como nós o temos relatado de boa vontade, para que se veja o pouco, que pôde o demonio, e que, como diz Santo Agostinho, pôde persuadir, mas não pôde fazer damno, senão a quem para este lhe dá consentimento. Mostrou o demonio ficar sentido em se lhe ir das mãos aquella preza, porque logo em a seguinte noite com estrondos, que fez pelo Convento, e particularmente na cella do Confessor, inquietou os Religiosos.

CAPITULO XXVI.

De como Fr. Simão da Vermiosa renunciou seu officio, e da eleição do novo Ministro.

I **C**Om os trabalhos, e pensões do officio se aggravarão cada vez mais os achaques, e enfermidades a Fr. Simão da Vermiosa, Ministro Provincial. Por muitas vezes procurou renunciar, o que os Frades divertião, pela muita satisfação, que todos tinham

nhão de seu governo. Durou neste pouco mais de anno e meio, como temos dito, no fim do qual pedio com mais instancia lhe aceitassem a renuncia, allegando que se achava impossibilitado para poder visitar a Provincia a pé, como os Provinciaes costumão. Não pudérão fazer outra cousa os Frades, e assim condescendêrão a seus rogos, ainda que com grande sentimento de todos. Fizerão aviso ao Reverendissimo, e de sua ordem congregárão os Vogaes para o nosso Convento do Bom Jesus de Val-verde para eleição de novo Ministro, onde elle promettia se havia de achar. Dia de nosso Padre São Francisco do anno de 1548. se procedeo à eleição de Ministro, presidindo nella, como tinha avisado, o Reverendissimo Padre Geral Fr. André da Infua. Sahio eleito o Irmão Frei João de Faro, havendo-o já sido outra vez, e com esta foi o duodecimo Provincial, que teve esta Provincia. Foi Varão prudente, e zeloso, pelo qual o Reverendissimo, sendo actualmente Provincial desta segunda vez, o mandou por Visitador da Santa Provincia de S. Gabriel, onde presidio em seu Capitulo, celebrado em o Convento de S. Miguel de Placencia no Domingo segundo depois da Pascoa da Ressurreição do anno de 1551.

Fr João de
Faro, Pro-
vincial 12.

2 Para o seguinte Capitulo tornou por Visitador da mesma Provincia, mandando-lhe o sobredito Padre Fr. André da Infua que com ella visitasse juntamente a de S. Miguel. Expedido já da Visita desta, e caminhando para o Convento de S. Francisco dos Majarettes, hum legua de Valença de Alcantara, que tinha assinalado para a celebração do Capitulo daquela Provincia, antes de chegar a elle, cansado de visitar a pé duas Provincias, hum grave enfermidade lhe poz brevemente termo à vida no anno de 1554. Neste Capitulo de Valverde se ordenou, considerando o muito trabalho, que os Provinciaes tem em correr a Provincia a pé, que se dividisse a Provincia em duas Custodias, para que dividido o governo, não tivessem os Ministros occasião de torcer caminhos para acudir em a casos particulares. O modo da divisão consta das Ordenações, que naquelle Capitulo sahirão; começa desta maneira: „ Esta he „ a ordenação, que se ha de „ ter nesta Provincia da Pieda- „ de sobre as Custodias, que „ se fizerão, presidindo o Reverendissimo Padre Fr. André da Infua, Ministro Geral „ de toda a Ordem, neste Capitulo Provincial do Convento do Bom Jesus de Valverde „ de

„ de por dia de nosso Padre
„ S. Francisco do anno do Se-
„ nhor 1548.

3 „ Primeiramente ordena
„ o dito Padre com consenti-
„ mento da maior parte dos Vo-
„ gaes, que pela difficuldade,
„ que esta Provincia tem em o
„ regimento, por ser mui gran-
„ de, e tomar todo este Rei-
„ no, que de hoje em diante
„ haja duas Custodias, huma
„ será do Tejo até o Algarve,
„ a qual se chamará Custodia
„ de Jesus; a outra será do Te-
„ jo até entre Douro, e Mi-
„ nho, e Chaves, e chamar-
„ se-ha Custodia de Santo An-
„ tonio, nas quaes Custodias
„ se guardará esta ordem. Os
„ Custodios terão em a sua Cuf-
„ todia toda a authoridade, que
„ os Ministros tem em toda a
„ Provincia, convem a saber,
„ de visitar a Custodia cada an-
„ no, e de concertar as Casas,
„ mudar Frades, privallos dos
„ officios, e finalmente fazer
„ tudo, como se fossem Minis-
„ tros, tirando que hão de ser
„ sujeitos a toda a correcção
„ do Ministro Provincial, co-
„ mo seu verdadeiro Prelado,
„ o qual Ministro a seus tem-
„ pos ordenados fará suas visi-
„ tas, segundo melhor lhe pa-
„ recer. Item os Custodios não
„ poderão dar licença para a
„ outra Custodia, senão que
„ mandarão só em a sua, para

„ que haja paz, e quietação
„ entre os Custodios, e nenhum
„ poderá receber Frades da ou-
„ tra Custodia, se não tiver li-
„ cença do Ministro Provincial,
„ o qual sómente terá licença
„ para receber Frades de outras
„ Provincias, e dar licença aos
„ Frades para se poderem pas-
„ sar de huma Custodia à ou-
„ tra; porém encarregamos mui-
„ to a consciencia, e rogamos
„ aos Padres Ministros, que
„ não mudem de huma Custo-
„ dia à outra, senão por mui-
„ justa causa, e com necessida-
„ de evidente, pelo desasoce-
„ go, que resulta de andarem
„ os Frades provando terras,
„ e Casas. Encommendamos
„ muito aos Irmãos Religiosos
„ desta Provincia que se costu-
„ mem estar em suas Custodias,
„ pois tem Casas nellas para
„ poderem ser consolados, evi-
„ tando com isso os demais dif-
„ cursos, pois he tão conforme
„ à nossa Regra.

4 „ Item não haverá mais
„ que hum Capitulo Provincial,
„ o qual se fará de trez em trez
„ annos, tirando quando suc-
„ ceder morrer o Ministro, ou
„ ser privado de seu officio,
„ porque então se fará para isso
„ Capitulo, em que outro seja
„ eleito. Neste Capitulo Pro-
„ vincial não se farão mais elei-
„ ções, que de Ministro, e qua-
„ tro Definidores, e para que
„ as

„ as cousas se tratem com paz,
 „ e amor , e em favor de am-
 „ bas as Custodias , se terá a
 „ mesma maneira na eleição
 „ dos Definidores , que se tem
 „ em o Capitulo Generalissimo,
 „ onde a Familia Cismontana
 „ por si só elege leis , e a ou-
 „ tra Ultramontana outros leis ;
 „ e assim juntas ambas as Cus-
 „ todias , cada huma elegerá
 „ dous Definidores , de manei-
 „ ra que fiquem na Provincia
 „ quatro ; e isto acabado , en-
 „ tre à eleição de Ministro o
 „ corpo do Capitulo , convem
 „ a saber , os Vogaes de ambas
 „ as Custodias com seus Custo-
 „ dios , e de toda a Provincia
 „ podem eleger Ministro , sup-
 „ posto que não seja Vogal ,
 „ ou esteja ausente. Acabada
 „ a eleição , ficarão no Defini-
 „ torio o Ministro , que entrou ,
 „ e o que sahe , e os dous Cus-
 „ todios , com os quatro Defi-
 „ nidores , no qual Definitorio
 „ não se tratará de se fazerem
 „ Guardiães , senão sómente
 „ das cousas , que toçao a am-
 „ bas as Custodias , e das leis ,
 „ que podem aproveitar a to-
 „ dos , porque o particular fi-
 „ cará para o Capitulo , que
 „ em cada Custodia se hão de
 „ ter particulares.

5 „ Os Custodios serão
 „ triennaes , e no meio de seu
 „ tempo se fará Capitulo Cus-
 „ todial intermedio , em o qual

„ presidirá sempre o Ministro
 „ Provincial , sem o qual de
 „ nenhuma maneira se chama-
 „ rá a Capitulo , nem se farão
 „ actos Capitulares , convem a
 „ saber , Discretos para o Ca-
 „ pitulo pelas Casas , salvo
 „ quando outra cousa ordenar
 „ o Ministro , o qual terá cui-
 „ dado de visitar primeiro toda
 „ a Custodia por sua propria
 „ pessoa , e fazer os Discretos.
 „ No Capitulo Custodial se fa-
 „ rão os Guardiães da Cus-
 „ dia pela maneira , que antes
 „ se fazia. E porque póde al-
 „ gum Custodio acabar seu tri-
 „ ennio em algum tempo , que
 „ concorra com a eleição do
 „ Ministro , ou do outro Cus-
 „ todio , assim como he agora ,
 „ que todos entrão em hum
 „ tempo , e hão de acabar jun-
 „ tamente , para isto o Minis-
 „ tro Provincial terá liberda-
 „ de , e poder para encurtar
 „ algum tempo , e alongar ou-
 „ tro , conforme aos tempos ,
 „ e as necessidades , que podem
 „ occorrer , com tanto que seja
 „ a proveito das ditas Cus-
 „ dias ; e isto mesmo farão to-
 „ dos os outros Ministros , que
 „ pelo tempo forem , ao qual
 „ os Custodios guardarão toda
 „ a obediencia , como a verda-
 „ deiro , e legitimo Prelado.

6 „ Nenhum Custodio po-
 „ derá receber Frades de outra
 „ Provincia , posto que tragão
 „ li-

„ licença do Ministro da sua
 „ Provincia, ou do Padre Ge-
 „ ral, ou do Commissario Ge-
 „ ral, sem se apresentar ao Pa-
 „ dre Ministro para o prover
 „ em isto, como lhe parecer;
 „ tirando se o Padre Geral o
 „ mandasse determinadamente
 „ a alguma Custodia; e isto
 „ com preceito, que então se-
 „ rá obrigado o Custodio a obe-
 „ decer. *In foro conscientiae*, pa-
 „ ra fós os subditos Frades da
 „ dita Custodia, os Custodios
 „ terão os casos, que tem os
 „ Ministros Provinciaes em suas
 „ Provincias, tirando quando o
 „ Padre Ministro por algumas
 „ causas justas quizesse restrin-
 „ gir alguma cousa disto; por-
 „ que querendo, o poderá li-
 „ vrementemente fazer. O sexennio
 „ do Ministro se guarde, para
 „ não poder ser Ministro; mas
 „ para poder ser Custodio bas-
 „ te hum triennio. Os mesmos
 „ Custodios não poderão ser
 „ eleitos em Ministros, senão
 „ passado outro triennio; e o
 „ mesmo será para tornarem a
 „ ser Custodios. Os Custodios
 „ de seu officio, conforme a
 „ Regra, não poderão receber
 „ noviços, salvo lhes for com-
 „ mettido pelo Ministro; po-
 „ derão porém dar profissão,
 „ ou mandalla dar, conforme
 „ as Constituições geraes, a
 „ saber, de licença do Minis-
 „ tro. Não poderão edificar,

„ nem destruir nenhuns edifi-
 „ cios sem licença do mesmo.
 „ Não innovarão cousa alguma
 „ em o modo da Provincia, por
 „ evitar differenças, mas em
 „ tudo se guardará a ordem
 „ que até aqui se teve. „ Este
 novo modo de governo, e des-
 usado em a Ordem, que o Pa-
 dre Ministro Geral introduzio
 em a Provincia, durou pouco
 tempo, como cheio de tantos
 inconvenientes; porque em hum
 Capitulo, que se celebrou em
 o nosso Convento da Assump-
 ção da Vidigueira no anno de
 1557. se extinguiu de todo o
 ponto, como ao diante dire-
 mos.

CAPITULO XXVII.

*Vida do Santo Fr. Francisco da
 Serra da Gatta, e primeira-
 mente de sua entrada na Re-
 ligião, e penitencias.*

I E M o anno de 1510.
 quando esta Provin-
 cia da Piedade, então Custo-
 dia, florescia em seus principios,
 lhe trouxe Deos para a honrar
 o Veneravel Religioso Fr. Fran-
 cisco da Gatta, hum dos Va-
 rões mais penitentes, que em
 seu tempo teve a Ordem. Foi
 elle de nação Castelhana, na-
 tural de huma Villa chamada
 Gatta, de quem tomou o ap-
 pellido, que fica na Estrema-
 du-

Memor.
da Prov.
Chronic.
Ord 3 p.
l. 9. cap. 29.
4. p. l. 1.
cap. 41.
Gonzag.
pag. 943
Wadting.
tom. 8. ad
ann. 1538.
num. 6.
Chronic.
Provinc.
S. Gab. l. 1.
cap. 15.
Rapin.
Hiftor.
Hen. Orig
Recol De-
cad. 8. p. 1.
§ 7.
Botius de
signis Eccl.
l. 12 c. 21.
Gravina
invocetur-
turis 2. p.
cap. 24.
D. Rod. da
Cunha Hift.
de Braga
2. p. c. 73
Fr. Artur
Martyro-
log.
Minorita
Fever. 16.
Agiol. Lu-
sit. Fev. 24.
liter. D.

dura de Castella, e confins de Portugal, em o Bispado de Coria, da jurisdição do Mestrado de Alcantara, bem nomeada, e conhecida por diversas partes, pela Serra, que junto de si tem, a quem dá o nome. Nesta Villa nasceo de pais ordinarios, gente trabalhadora, como ordinariamente he toda a daquela terra: por cujo respeito não teve outro officio, mais que occupar-se no concerto das vinhas, e cavar a terra, de cujo exercicio o tirou Deos nosso Senhor depois de alguns annos, para que cultivasse a sua vinha. Andava elle hum vez trabalhando em sua ordinaria occupação, quando de repente vem hum grande tempestade, que desfazendo-se brevemente em agua, o obrigou a recolher-se em hum lapa, ou cova, que alli perto estava debaixo da terra, para fugir à furia, com que cahia. Estando assim recolhido, ouviu hum voz mui clara, que lhe disse: *Francisco, sabe da lapa, Francisco, sabe da lapa*. Ao mesmo tempo, que ouviu a repetida voz, sahio da cova, onde estava recolhido, por ver quem o chamava: não achou ninguem; mas vio que de repente cahio aquella lapa, com hum monte de terra mui grande, que em cima tinha, de tal sorte, que se Fr. Francisco dentro estivesse, alli ficára vivo sepultado.

2 Não lhe pareceo ao prudente mancebo que foi aquillo acaço, senão ordem do Ceo, donde se move tudo: e assim vendo tão manifesta mercê, como o Senhor por tão estranho modo lhe havia feito, e considerando em a voz, que o chamára, entendeo que era de Deos, o qual queria que se dedicasse todo a seu serviço. Logo em o mesmo lugar do successo se resolveo a tomar o habito de nosso Padre S. Francisco: e para que mais perfeitamente correspondesse à voz, que o chamava, não só sahio da lapa, mas tambem propoz de sahir de sua terra, e Reino, deixando amigos, e parentes, que no total cuidado, com que intentava dar-se todo a Deos, lhe podião ser de algum divertimento. Tinha elle noticia da muita perfeição, com que a Provincia da Piedade começava em Portugal, das abstinencias della, e dos rigores, com que se exercitavão os que nella vivião; e parecendo-lhe que era tudo conforme ao que seu espirito desejava, deixando por amor de Deos sua terra, aonde nunca mais foi, veio a este Reino, e da mão de Fr. Pedro de Melgar tomou nella o habito. Não se póde encarecer o grande fervor de espirito, com que Fr. Francisco começou a servir a Deos logo em noviço, por-
que

que se bem o consideramos, suas penitencias, rigores continuados por espaço de quarenta annos, sem nunca afrouxar hum ponto nelles, não são para imitar tão facilmente, e são para que todos nos maravilhemos delles.

3 Em noviço começou, e desde aquella hora, em que recebeu nesta Provincia o habito, até o dia, em que morreo, vivendo entre nós quarenta annos, nunca comeo carne, ou peixe, nem bebo vinho. Seu ordinario comer era só pão, e hum tigel de caldo, na qual lançava agua fria, para que lhe não achasse nenhum gosto. Outras vezes no mesmo caldo misturava losna feita em sellada, que por ser por extremo amargosa, o mesmo era chegar-se ao Refeitório, que fazer hum acto notavel de mortificação, e penitencia. He tal o sabor da losna, que em muitos lugares faz menção della a Escriitura ^a Sagrada por symbolo, e encarecimento de summa amargura. Por Jeremias ameaçava Deos a seu povo, ^b que em pena de idolatrar em Baal, lhe havia de dar a comer losna; e isto que Deos promettia dar a seu povo por castigo da idolatria, tomava o santo Fr. Francisco ordinariamente por regalo. E se esta alguma vez lhe faltava para lançar no caldo, em lugar

della lhe deitava cinza: pelo que de huma maneira, ou de outra, sempre o comia nesta fórma pela penitencia temperado. Nunca já mais ceou, contentando-se só com a defabrida refeição, que ao jantar tomava. Nos tempos da Quaresma, Advento, e nas Vigílias dos Santos, que vem pelo decurso do anno, não misturava com o pão couza alguma, e este havia de ser sempre dos pedaços, que da meza ficavão, como verdadeiro pobre de Jesus Christo. Em toda hum Quaresma não quiz beber agua, ou outra alguma couza, com que mitigasse a sede; e quando esta muito o apertava, fallava com seu corpo, e lhe dizia: *Conso-la-te irmão corpo, e tem por entretanto paciencia, que como a Pascoa vier, eu te satisfarei de agua.* Assim o enganou toda hum Quaresma.

4 Velava muito, e dormia pouco, porque se levantava às dez horas da noite infallivelmente todos os dias; e aquella primeira hora das dez até as onze gastava em castigar seu corpo com hum aspera disciplina, rezando vocalmente com muita devoção a Paixão de Christo, escrita pelo Euangelista S. João, de quem era mui devoto; e supposto que era Frade leigo, de tão poucas letras humanas, que nem ainda sabia

ler, sabia com tudo toda a Paixão de memoria. A outra hora das onze até à meia noite gastava em devota oração mental, ou tornava a fazer outra disciplina. Trazia de ordinario hunspanos menores, e huma jaqueta, ou jubão sem mangas de aspero cilicio junto à carne, com que a mortificava cruelmente. A jaqueta, ou jubão se guarda ainda hoje, envolto em panos de seda, por grande reliquia no insigne Convento das Chagas em Villa-Viçosa, e as Religiosas o costumão mandar aos enfermos, que com devoção, e fé, que tem em os merecimentos deste grande servo de Deos, o pedem, de que se tem visto grandes maravilhas. Do sobredito Convento o mandarão huma vez ao nosso da Piedade a petição de hum Religioso morador neste, a quem havia muito tempo importunavão humas ceções, e apenas o tomou nas mãos, logo se despedirão. affirmava elle depois, que quando o vio lhe mettêra horror, e causára espanto sua aspereza.

5. Nem ainda com estes dous asperos cilicios se dava o Santo Fr. Francisco por satisfeito, inventou hum que lhe tomasse todo o corpo, se bem que os dous pouco lhe deixavão livre. Accrescentou sobre estes huma tunica, que tambem ain-

da hoje se conserva em o nosso Convento do Bosque junto da Villa de Borba: de cujo aspero, e intractavel eu sou testemunha de vista, e não sei como hum fraco corpo humano podia sustentar em si tanto rigor; mas a Divina graça o fazia como de bronze para a penitencia. Singular foi este santo Varão em a mortificação propria, e assim dizião os Frades em seu tempo, que depois de nosso Padre S. Francisco, não tivera a Ordem, quem a este Francisco em penitencia se lhe aventajasse. Trez horas, que só tomava da noite para repouso o cansado corpo, o reclinava sobre huma taboa nua, ou as passava ao cantinho de sua cella, e assim dormia sem outro abrigo mais, que o do seu pobre manto, que nos hombros tinha, sobre velho, mui remendado. Finalmente assim fugia de todo o regalo, e consolação humana, como de serpente peçonhenta, e mortifera: todo seu estudo era mortificar-se, e aniquilar-se diante de todos com hum singularissimo desprezo de si mesmo: e com ser para si tão rigoroso, e austero, era para com os outros mui piedoso, e compassivo, tratando a todos igualmente com maravilhosa caridade, e brandura. Huma das cousas, que mais sentia, e por que derramava muitas lagrymas,

mas, era saber que alguma pessoa tinha a Deos offendido mortalmente; e pelo grande desejo, que tinha da salvação das almas, fazia por ellas muitas orações, e penitencias: que donde vive o fogo do amor de Deos, logo sahe a chamma da caridade do proximo.

CAPITULO XXVIII.

Da oração do servo de Deos Fr. Francisco: e como o demonio procurava inquietallo neste santo exercicio.

Ainda que o servo de Deos Fr. Francisco da Gatta, conforme a seu estado de Frade leigo, fizesse muito caso dos exercicios da vida activa, occupando-se, como outra Martha, em as cousas de humildade, e serviço dos Religiosos, da Casa, e do labor da horta, com tudo não deixava de pôr seu principal cuidado, como outra Maria, em os exercicios da vida contemplativa. Para esta furtava às occupações todo o tempo, que podia, assim do dia, como da noite: e o que mais he, que a essas mesmas occupações acompanhava com a contemplação, sem que fosse bastante o trabalho corporal a estorvallo; e assim ainda no meio deste andava tratando com Deos, e uni-

do a elle por amor, effeito principal deste soberano exercicio, como disse S. João ^a Climaco. Por esta causa não se podem certamente apontar as horas, que tinha de oração, mais que dizer que orava todo o dia: das que gastava neste santo exercicio de noite podemos fallar com mais alguma especialidade: às oito horas se recolhia à sua cella a descansar; levantava-se às dez, e destas até as quatro de madrugada assistia no Coro, ou na Capella orando: este era seu exercicio indispensavel, e assim sempre servia de despertador nas Casas, onde morava; e supposto que, como temos dito, todo o dia orava, com tudo procurava gastar algumas horas em o bosque, buscando os lugares delle mais solitarios, e apartados, onde de ninguem pudesse ser visto. Depois de ser já velho, este era o seu oratorio mais frequentado; o que podia fazer commodamente, por estar já então livre do trabalho corporal; porque os Prelados o desoccuparão deste, assim pela sua idade, como tambem pela alta contemplação, em que andava sempre occupado, dando-lhe assim mais tempo, para que desimpedido de tudo seguisse a força de seu espirito.

2 Neste bosque recebeo de Deos em a oração muitos fa-

^a Apud Bibl.
PP. tom. 5.
de Orat.

favores ; e supposto que elle , como verdadeiro humilde trabalhava muito por encubrillo , não deixavão os outros Religiosos algumas vezes de alcançallos , por manifestos sinaes , que nelle vião. Por cousa certa contavão muitos , que quando estava posto em oração entre as espessas arvores do bosque , vinhão os passarinhos por-se-lhe sobre a cabeça , hombros , e braços , e alli com suas doces melodias o ajudavão a louvar a Deos , e a levantar seu espirito de maneira , que a força deste o deixava todo arrebatado , e levantava no ar sem algum sentido , como muitas vezes o vírão. Sendo morador em o nosso Convento de S. Fructuoso de Braga , e andando hum dia cavando em a horta , em tão alta contemplação andava mettido , que encostando-se à enxada , ficou em extase absorto , e immovel. Andava tambem cavando com elle hum noviço chamado Fr. Aleixo de Braga : (que como discipulo seu foi depois nesta Provincia hum grande servo de Deos) este pois , vendo estar ao santo Fr. Francisco em tal postura , chegando-se a elle , o chamou ; mas vendo que não respondia , nem dava de si algum acordo , ainda que o meneava , e fazia diligencias para despertallo , cuidando que estava morto , foi

muito à pressa chamar aos Frades , dizendo que acudissem a Fr. Francisco , que estava morto em a horta. Acudirão logo os Frades sobressaltados , e achando que estava rapto , como muitas vezes o tinhão visto , não o querendo despertar de tão suave sono , o deixarão ficar naquella fórma.

3 Andando tambem outra vez em a horta no mesmo exercicio , e sentindo que o espirito do Senhor vinha visitallo com as costumadas consolações , e mimos ordinarios , para mais quietamente recebello , largou a enxada , que já em o ar levantada tinha , a qual por virtude Divina ficou pendurada em o ar , como se fosse no ramo de hum a arvore ; com que não só elle ficou levantado da terra , mas tambem a enxada , com que a cavava. Maravilha singular , que de nenhum outro servo de Deos tenho lido , e que mostra bem quão rendido trazia este Veneravel Religioso o corpo ao espirito ; porque se como diz a Glossa , ^b o sustentat-se o ferro sobre as aguas do Jordão , por milagre de Eliseu , foi indicio , que obedecia o corpo ao espirito : quanto maior milagre he sustentar-se o ferro em o ar , que na agua ? Em o Convento de Aveiro , estando tambem na horta , lhe appareceo nosso Padre S. Francis-

Glossa
in 4.
cap. 6.

cisco, e lhe fallou: o que o Santo Padre lhe disse nunca se foubes, porque elle quanto podia occultava semelhantes favores. Os maiores recebeo andando em a horta, onde Deos frequentemente descia a visitallo: felicidade, que deseja a Alma Santa, e o nosso Fr. Francisco conseguiu.

4 A huns Religiosos amigos seus particulares disse hum dia: *Eu sei hum pessoa, que tinha hum conta benta, cujo regimento dizia, que se tirava com ella almas do Purgatorio; e desejando esta pessoa saber, se era a dita conta verdadeira, fez oração a Deos por muitas vezes, até que hum noite ouviu hum voz clara, a qual lhe dizia: A conta benta he, mas poucos são os que tirão almas por ella.* Entendêrão os Frades, a quem isto contou, que de si mesmo fallava, assim por sabermos que tinha hum daquellas contas, como pelo muito, que Deos se lhe communicava na oração. Finalmente seria negocio prolongado querer referir as continuas mercês, que este santo Varão recebia de Deos orando, por tanto bastem as referidas. Não podia o demonio soffrer tanta santidade, por este respeito o perseguia grandemente, procurava inquietallo, e divertillo assim da oração, como dos mais exercicios

da virtude, porque além das tentações interiores, com que com todas suas forças o combatia, tambem exteriormente o molestava, humas vezes entrando em sua cella, e deitando-se com elle em a dura cama; outras lhe furtava o manto, com que se cubria, no tempo do Inverno, e de grandes frios, e com outras invenções, e zombarias tentava sua paciencia varias vezes; porém mostrou-se em todas ellas o Varão de Deos tão constante, que os porfiados combates do demonio servião, não para o vencer, mas para lhe accrescentar o merecimento, e assim veio a deixallo, dando-se por vencido.

3 Em o Convento de Borba, quando ainda o demonio o perseguia, hum das cousas, com que mais o perseguia, e molestava, era, como temos dito, furtar-lhe o manto, quando estava em oração, e ainda na sua cella recolhido. Sentia muito o servo de Deos isto, que o demonio lhe fazia; porque como o seu habito era sempre o mais pobre de todos, e o Convento he hum tanto frio, faltando-lhe o manto, lhe faltava totalmente o abrigo. Sabendo disto o Guardião, disse a Fr. Francisco, que de sua parte mandasse aos demonios por santa obediencia, que não lhe tomassem

fem mais o manto , nem lhe entrassem mais na cella. Vierão elles a seguinte noite fazer o que costumavão , e o servo de Deos com huma santa simplicidade lhes intimou a obediencia do Guardião , e foi cousa notavel , que nunca mais alli tornárão. Ficou assim com mais quietação , e liberdade para orar de noite , em qualquer parte , que quizesse , lançando desta maneira os inimigos. Tanto podia com elles a simplicidade , e pureza de fé , e singella obediencia , com que este servo de Deos dava credito às palavras de seu Prelado , que a fé perfeita aos demonios lança , e póde lançar montes de huma , ^d a outra parte.

^d
Matth. 21.
num. 21.

CAPITULO XXIX.

Do espirito de profecia, que o Santo Fr. Francisco teve.

I **E**M a Bulla da Canonização de Santa Brizida diz o Papa Bonifacio IX. deste nome , que desde o principio do mundo até o tempo de Jesus Christo , e seus Apostolos , e dalli até o fim do mundo , sempre houve , e ha de haver Varões profeticos : isto he , homens santos , e virtuosos , os quaes por virtude Divina alcanção , e sabém muitas

vezes aquillo , que outros hommens naturalmente não podem saber , nem alcançar ; porque como diz o Apostolo S. Paulo , as graças do Espirito Santo são diversas , ^a e de tal maneira por elle repartidas , que se huns tem graça de fazer milagres , e curar enfermos , outros a tem de revelações e profecias. O mesmo ensina Santo Thomaz , ^b fundado naquillo , que se escreve nos Proverbios ^c : *Como saltar a profecia , será dissipado o povo.* Esta graça , ou luz de profecia teve mui especialmente o servo de Deos Fr. Francisco , como se vio em muitos casos dignos de memoria. Sendo morador em S. Fructuoso de Braga em tempo , que naquella Cidade era Arcebispo D. Diogo de Sousa , grande devoto seu , e irmão dos Frades , aconteceu que veio hum dia o Arcebispo a visitallo. Fallou-lhe de parte , e deo-lhe conta de sua vida mui familiarmente , dizendo que , por ser já velho , e querer apparelhar-se melhor para a morte , determinava renunciar o Arcebispado ; no que queria saber por seu meio a vontade Divina. Prometteo-lhe Fr. Francisco de fazer oração pelo que lhe pedia , e que se Deos fosse servido de ouvillo , elle o avisaria do que passava. Passados dous dias , tornou o Arcebispo ao Convento de S. Fructuoso-

1. ed.
cap.

D. 7.
2. 2.
art.

Prov.
num.

1. da
 1. de
 2. p.
 n. 9.
 Etuoso buscar ao servo de Deos,
 a quem elle disse: *Senhor Arcebispo, desde esta hora se apparelhe para a morte: d'ordene suas cousas, conso me lhe he necessario para sua salvação, por que não lhe ficão mais que quatro dias de vida.* Deo credito o Arcebispo às palavras do Santo pelo grande conceito, que delle tinha, entendendo o muito, que Deos se lhe communicava; e supposto ficou sobrefaltado com tal aviso, como era bom Christão, e solícito da salvação de sua alma, tratou della naquelles poucos dias com muito cuidado, e dispostas todas suas cousas, dando-lhe o ar, morreo ao quarto dia, como lhe tinha profetizado, de hum accidente de parlesia em dezoito de Junho de 1532.

2 Pouco depois da morte do Arcebispo, pedindo hum criado seu ao mesmo servo de Deos, que se não esquecesse em suas orações da alma de seu Senhor, e se lembrasse da boa amizade, que com elle tivera em vida, a isto respondeo elle, que se consolasse, porque o Arcebispo, ainda que tivera trabalho, estava com tudo pela misericordia de Deos em bom lugar. Desta revelação, e profecia teve noticia a Duqueza Dona Joanna de Mendoça, que então estava já viuva do Duque D. Jaime, e desejando ter

mais perto as orações deste servo de Deos, pedio ao Provincial, que então era, Fr. Diogo de Borba, quizesse mandar-lhe a Fr. Francisco da Gatta morador para o Convento do Bosque, ou para Villa-Viçosa, onde ella estava de assento. Condescendeo o Provincial ao que aquella Senhora desejava, mandou ao santo Fr. Francisco viresse morador para o Bosque de Borba. Era já neste tempo o servo de Deos muito velho, e achacado, e como tal impedido para poder andar a pé, por cujo respeito mandou a Duqueza hum moço, que o trouxesse a cavallo. Partio de Braga no anno de 1533. nem he para deixar de escrever huma revelação, que no caminho teve.

3 Tinha elle por costume fallar ao mancebo, que o trazia, só duas vezes em o dia: huma, quando o punha na cavalgadura, outra quando o tirava; todo o demais tempo vinha occupado em seu ordinario exercicio de contemplação, e meditação, sem fallar, nem dizer palavra alguma. Huma vez pondo-o aquelle moço a cavallo, lhe perguntou o servo de Deos, se tinha ainda pai, e mãe, ou se erão já falecidos: a que o mancebo respondeo com grande sentimento, que ambos erão já defuntos. Calou-se o Santo,

Aaa e de-

Wadding,
cit. n. 8.

e depois de terem caminhado hum espaço tornou a dizer-lhe: *Consolai-vos, meu irmão, e compaíheiro; porque vosso pai, e mãe ambos são salvos: dai por isso muitas graças a Deos, e estai alegre.* Isto contava depois o mancebo muitas vezes, e dizia que nenhuma cousa disto duvidava; porque além da opinião, que tinha do santo Fr. Francisco, infundirão-lhe suas palavras huma certeza, que não dava lugar a alguma duvida. Chegando já finalmente à portaria do Convento do Bosque, vendo-o o Porteiro já tão velho, disse-lhe, recebendo-o em os braços: *Que mudança he esta, Irmão Fr. Francisco, de tão longe, e em tal idade?* Ao que elle respondeo com sua costumada brandura: *Dez annos ha, e Irmão Porteiro, que o Senhor me revelou que havia de vir morrer a esta Casa.*

4 Logo ao outro dia depois de chegar, lhe mandou o Guardião que fosse a Villa-Viçosa visitar a Duqueza: foi elle a seu Paço, e depois da primeira saudação, em que a Duqueza lhe fez muita honra, e gazalhado, como quem não podia dissimular o fim, para que o chamára, lhe disse: *Padre Fr. Francisco, sabe-me de Deos como passa a alma do Duque meu marido, que segundo sois ao Senhor aceito, bem entendendo que vo-*

lo não negará, se lho pedirdes. Não se pôde encarecer o sentimento, que recebeo Fr. Francisco destas palavras, que como era verdadeiramente humilde, sentia muito a opinião, que delle tinham; e assim com a que a Duqueza mostrava ter na petição, que lhe fazia, ficou tão turbado, que sem reparar com quem fallava se levantou, dizendo: *Eu sou humba besta, não sei nada, e não havia para que me mandar chamar para tal demanda.* Sem dizer outras palavras à Duqueza, quiz sahir-se; porém replicando ella, elle se despedio, dizendo, que encommendaria a Deos a alma do Duque. Como depois soubesse o Guardião que o santo Fr. Francisco fallára assim desabrido à Duqueza, o reprehendeo, dizendo que lhe houvera de fallar com mais brandura, e alivialla em sua tristeza, tratando-lhe de Deos, e das cousas do espirito, como elle fazia a outras pessoas de menos qualidade. Passarão-se alguns dias, ainda que não muitos, em que encommendou a Deos a alma do Duque, como promettêra, até que teve revelação do que passára: pelo que tornando outra vez a fallar com a Duqueza, lhe disse como estava em bom lugar, e que lhe aproveitára muito o fazer esmolas, e guardar justiça. Não de-

declarou se estava no Purgatorio, se na Gloria : nem a Duqueza ousou a perguntar-lho, por lhe evitar a molestia, que sabia certamente lhe havia de dar semelhante pergunta, como já lhe tinha mostrado a experiencia.

5 Pouco depois deste tempo, pelos annos do Senhor 1535. determinava o Emperador Carlos V. passar a Africa, e pôr cerco à Cidade de Tunes; para cujo effeito se preparava com grossas Armadas. A Emperatriz sua mulher Dona Isabel, filha de ElRei D. Manoel de gloriosa memoria, tendo noticia da santidade, e espirito profetico deste santo Varão, mandou de Castella a Portugal hum Fidalgo seu, que viesse fallar ao santo Fr. Francisco, e lhe pedisse de sua parte quizesse encommendar a Deos aquelle negocio de tanta importancia; mandando-lhe dizer, se era Deos servido que o Emperador passasse a Africa, ou se alcançaria victoria, se lá fosse: porque se a vontade de Deos estivesse em contrario, e não houvesse de ser aquella jornada para bem da Christandade, procuraria divertilla. Chegado o mensageiro ao bosque, disse ao Porteiro que queria fallar a Fr. Francisco: levou elle recado ao Guardião, e havida delle licença, tornou a dizer

aõ Cortezão, como Fr. Francisco andava mettido em o bosque, onde difficoltosamente darião com elle: porque se escondia no mais espesso a fazer oração atè o Sol posto: que o mais acertado seria esperallo junto a hum fonte, que alli perto estava, onde à dita hora costumava vir a beber daquella agua fria em lugar de cea, que não tomava outra. Foi o Cortezão esperallo à fonte, que he a de S. Pedro, e quando o servo de Deos veio, primeiro que elle lhe fallasse palavra alguma, nem dissesse quem era, ou a que vinha, lhe disse o Varão santo: *Ide, dizei à Emperatriz, que he vontade de Deos que o Emperador vá sobre Tunes, e que o espere triunfante.* Admirado ficou aquelle homem de ver que lhe conhecêra o pensamento, entendendo daqui fahiria certa a promessa, que lhe fazia da victoria. Com esta resposta se tornou à Corte de Castella relatar à Emperatriz, alsàs contente, o que passára com o Santo Frei Francisco: depois o successo de Tunes mostrou a verdade da profecia.

6 Chegou a ser tão illustrado, que conhecia os pensamentos dos homens, como pouco ha vimos; e tinha luz do estado interior, em que cada hum andava, como agora

veremos, favor singular do Altissimo concedido a poucos. Nesta mesma Casa do Bosque estando Fr. Francisco orando em a Capella diante do Santissimo Sacramento, chegou às grades da Igreja hum secular, e lhe pedio que lhe dissesse por sua tenção huma Ave Maria. Negou-lha elle, despedindo-o com estas palavras : *Ide embora, que vos não ha de aproveitar, porque não estais em graça de Deos.* Confundido o homem com esta resposta, e todo compungido, pedio logo confissão, e depois com muita instancia o habito de Religioso nesta Provincia, onde viveo, e acabou santamente.

7 Teve este servo de Deos grande amizade com hum Religioso de Santo Agostinho, chamado Fr. João Soares, que depois foi Bispo de Coimbra, e hum dos que se achárão no sagrado Concilio Tridentino, insigne Prégador, e Confessor de ElRei D. João o III. Vinha-o muitas vezes visitar ao bosque, ou a outro qualquer Convento, onde estava morador; e andando hum dia o santo velho cavando em a horta do mesmo bosque, fallando com o Porteiro, lhe disse : *Irmão Porteiro, em este mesmo dia, em que estamos, ha de vir a esta Casa visitar-me o meu grande amigo Fr. João Soares.* Não

se sabia então onde o dito Fr. João Soares estava, e havia já tempo, que não visitava ao santo Fr. Francisco: porém succedeo assim, como elle o tinha profetizado, porque dahi a pouco espaço tangeo à porta. Estes, e semelhantes successos divulgárão tanto a fama deste grande servo de Deos, que de diversas partes o vinhão consultar como a Oraculo. Daqui tomou motivo o demonio para o tentar com a vangloria, visto não o poder vencer por outra parte, mas foi conhecido seu engano, e ficou vencido. Foi o caso, que emprendendo ElRei D. João III. algumas cousas arduas, quiz primeiro saber deste servo de Deos o successo dellas. Para este effeito mandou ao Provincial, que lhe enviasse a Evora, onde então estava, ao Santo Fr. Francisco. Procurou elle divertir esta jornada, mas houve de a fazer obrigado dos Prelados; e supposto que fallou com ElRei, nunca lhe soltou palavra de mais consideração, que dizer-lhe que de pessoas grandes era fazerem grandes cousas. Depois que veio, disse aos Frades, que aquella sua ida fora traçada pelo demonio. Outros muitos casos succedêrão, em que este grande servo do Senhor mostrou o dom de profecia, que o Divino Espirito lhe ti-

tinha communicado, de que pela pouca curiosidade dos Religiosos não ha memoria certa, e assim os deixaremos, por não escrevermos couza em duvida.

CAPITULO XXX.

De hum milagre, que o santo Fr. Francisco fez em vida, e de sua morte, e sepultura.

CHama S. João Chrysostomo aos milagres leite ^a de principiantes; porque assim como o leite cria com mais facilidade aos que de novo entrão em este mundo, assim os milagres mais facilmente confirmão em a Fé os que de novo a tem recebido, e a profissão. Por esta causa ordinariamente os Santos, que vivem entre infieis, ou em partes, onde nossa santa Fé não he tão recebida, são mais miraculosos. Bem claramente o vimos em o nosso glorioso Santo Antonio, pois em quanto esteve neste nosso Reino, como está nelle a Fé tão radicada, não lemos que obrasse algum milagre; sendo que depois que Deos o levou a França, e Italia, fez infinitos. Nem eu duvido que succedêra o mesmo ao santo Fr. Francisco da Gatta, se vivêra em outro Reino, que assim o estava promettendo sua grande

santidade. Hum só milagre lemos que fizesse em vida, dando faude repentina a huma enferma, nesta fórma.

2 Era elle morador em a Casa de Borba, e indo huma vez à Villá pedir esmola, veio huma mulher à porta dar-lhe o pão, chamada Maria Lopes; era esta aleijada de hum braço em tal maneira, que nem levemente o podia menear. Tanto que vio ao servo de Deos, pediu-lhe com muita efficacia, que a encommendasse a nosso Senhor, e fizesse particular oração pela faude daquelle seu braço, de que tanta necessidade tinha, e por ser pobre lhe faltava com que pagar a quem lhe fizesse em casa o serviço a ella necessario. Compadeceo-se Fr. Francisco da lastima, que aquella pobre mulher lhe representava: e sem levantar os olhos, ou olhar para ella, nem ainda lhe dizer palavra alguma, baixando a cabeça, lhe deo a entender, que assim o faria. Acabando de pedir a esmola, tanto que entrou em casa, sem mais detença fez oração por aquella sua encommenda; e observado o tempo, achou-se que quando isto passava no Convento, a mulher, que em sua casa estava, começou repentinamente a menear o braço, ficando sã de todo, sem que nelle sentisse mais algum impedimento; de

de que começou a dar a Deos as graças, e publicar, como agradecida, a maravilha, que tinha obrado por intercessão de seu fervoroso.

3.º O recato, e cautela, que teve em a vista o Santo Fr. Francisco, quando fallou com esta enferma, teve sempre quando lhe foi forçoso fallar com alguma mulher; e assim foi tão puro, que o Frade, que lhe lavava o habito, por elle ser já mui velho, dava testemunho, que em se começando a enxugar, despedia de si hum cheiro suavissimo, manifesto final de sua Angelica pureza. Finalmente sendo este santo Religioso já mui velho, consumido da muita penitencia, que fazia, e aspero tratamento, que a seu corpo dava, sem que afroxasse nem ainda hum ponto de seu começado rigor, sabendo que o misericordioso Senhor, a quem servia, o chamava, para lhe dar o premio de suas boas obras, se dispoz para o caminho com hum notavel fervor de espirito. E supposto que dez annos antes de vir morador para Borba, como elle disse ao Porteiro, lhe tinha o Senhor revelado que havia de morrer naquella Casa, não soube porèm o dia, até que chegando o da festa do glorioso Apostolo S. Mattheus, dous dias antes disse que nelle havia de morrer.

Divulgou-se a fama desta profecia por toda a Villa de Borba, onde era sua santidade bem conhecida: e a gente della, não por verem se sahia verdadeira, porque a experiencia lha fazia certa, mas por se achar presente às exéquias do santo Varão, dia do Apostolo foi tanta na Casa do Bosque, que parecia naquella occasião despovoar-se a Villa toda. Cumprio o fervor de Deos sua palavra, e dia de S. Mattheus vinte e hum de Setembro de 1550. com grande repouso, e quietação passou desta vida mortal aos gozos, e prazeres da eterna.

4.º Seu corpo depois de sua morte ficou tão formoso, e tractavel; que parecia vivo, e todos os assistentes affirmavão que sentião sahir delle cheiro suavissimo, indicios certos da gloria, que gozava. Todos o aclamavão por santo, e bema-venturado, e quem podia haver alguma reliquia, ou cousa sua, a levava em grande estima, contentando-se os que tanto não podião alcançar, com tocarem nelle Rosarios, e Medalhas. Seu habito, e manto forão pedidos com muita instancia, e devoção da Infante Dona Isabel, filha do Duque D. Jaime, e mulher do Infante D. Duarte, filho de El Rei D. Manoel, e da Duquesa Dona Joanna, desejosa de ser por sua mor-

morte naquelle habito enterrada. Foi sepultado seu santo corpo em o claustro junto à porta da Capella, por onde entrão para a Igreja; e sendo depois renovado este Convento (como já disse) havendo-se de fazer naquelle lugar da sepultura os alicerces de huma escada, por onde agora se sobe para a varanda, forão seus ossos tirados donde estavam, e juntamente com os de Fr. Pedro de Melgar, postos cada hum em sua caixa, os tornarão a metter debaixo do alicerce da dita escada para os terem alli mais seguros. Deixarão porém em o pano do claustro descuberta huma pequena parte da sepultura, em que esteve o corpo do santo Fr. Francisco, e nella huma arca de pedra, com sua portazinha, que se levanta por huma argola de ferro, de tal maneira, que mettendo-se por ella huma mão, se póde facilmente tirar terra da sepultura. E he tão grande a devoção da gente, e fé, que tem nos merecimentos deste santo Religioso, que continuamente estão pedindo desta terra para enfermos, remedio, com que muitos delles em diversos males alcanção a desejada faude.

5 Não foi bastante a cautela, que os Frades tiverão com os ossos destes dous servos de Deos, pois dos alicerces da es-

cada, onde cuidavão estarião mais bem guardados, os tirarão furtivamente. Fez-se o furto com tanto segredo, que muitos annos depois de feito vivião os Frades na boa fé de que alli estavam; e ainda hoje os mais delles tem para si o mesmo, ou ao menos estão nesta materia duvidosos, porque supposto que hum Fr. Domingos de Castello de Vide, Religioso daquelle tempo, dizem que affirmou havellos visto sobre o altar do Capitulo da mesma Casa em hum taboleiro, donde desapparecêrão em tempo, que nelle estava hum Prelado Geral, com sospeitas de que elle os mandasse para fóra, com tudo presumem que se enganaria este Religioso fundados em que parece impossivel o desenterrarem em hum Convento huns ossos, sem que toda huma Comunidade achasse ao depois ao menos algum final de que se tinha feito o furto. Fundamento bastante para assim o crer; e eu obrigado deste, tive para mim o mesmo, até que mudei de parecer lendo hum breve memorial, ^b composto por hum Religioso chamado Fr. João de Alcarapinha. Diz elle, que sendo Guardião do Convento do Bosque Fr. Paulo de Elvas, como hum dia se fallasse sobre esta materia, porque já então se suspeitava, e ha-

^b Alcarap.
fol. 57.

havia algum rumor de não estarem alli os ossos , quiz elle averiguar esta suspeita ; para cujo effeito mandou cavar naquella lugar , onde dizião estarem , atè o firme da terra ; e não achando nada , corrêrão naquella altura atè à Capella , mas tudo sem proveito. Abrirão então o vão da escada , para ver se quando alli o fizerão de novo , que foi quando levantarão a casa , e lhe fizerão varanda alta , que antes não tinha , se por ventura os mettêrão alli ; porém nem com tudo isto forão achados. Depois em o principio do triennio do Provincialato de Fr. Manoel de Alter , foi pelos annos do Senhor 1674. havendo-se de desfazer parte daquella escada , fizerão a mesma diligencia , mas tambem sem fruto , como a primeira. Donde se vê que foi verdadeiro o testemunho de Fr. Domingos de Castello de Vide , e que aquellas Reliquias forão dalli levadas : lastimosa negligencia dos Religiosos !

^c
Chronic.
Prov. de
S. Gabriel
liv. I. c. 15.

6 Por remate do que temos escrito da vida deste grande servo de Deos Fr. Francisco da Gatta me pareceo advertir o pouco fundamento , que teve hum Chronista , ^c para dizer que o Santo Fr. Francisco tomára o habito na sua Provincia , então Custodia com a nossa , e que depois , quando a da

Piedade se erigio , ficára nella : assim , e como a seu , historea sua vida , mais succintamente porém do que nós o fizemos. Diz elle que assim o affirma a tradição em a sua Provincia ; he o unico fundamento , que para isto traz , e fora bastante , pois esta tem o primeiro lugar na averiguação das antiguidades , se não houvera fundamento , e tantas razões para crermos que foi mais sonho de algum particular , que tradição commua ; porque se o fora , he certo que o Padre Fr. João Baptista Moles , Author do Memorial da sua Provincia , de quem se elle aproveitou para escrever a Chronica della , como mais antigo , melhor havia de estar naquella tradição ; e se a houvera , não a deixára passar sem della fazer menção. De mais que todos os Authores , que deixamos citados à margem do Capitulo vinte e sete deste livro , onde começamos a descrever deste Religioso , dizem que na nossa Provincia tomou o habito , advertencia , que elle mesmo faz. Ultimamente se vê com evidencia ser falsa aquella tradição ; (se a houve) porque dizendo todos , que o santo Fr. Francisco teve quarenta annos de Religioso , e morrendo elle no de 1550. como fica dito , e o diz tambem o Agiologio Lusitano , segue-se con-

conforme o computo dos tempos, que no de 1510. tomou o habito, quando já a Custodia da Piedade havia hum anno que tinha sido erigida em Custodia, como diz elle tambem que o foi no anno de 1509. e assim não podia ficar nella em sua erecção, pois não era ainda Frade. Com que, segundo isto, fica manifesto que o servo de Deos Fr. Francisco tomou o habito, e fez Profissão em a Custodia da Piedade, por mais que diga aquella tradição fonnhada.

CAPITULO XXXI.

Alguns dos milagres, que Deos obrou pelos merecimentos do Santo Fr. Francisco depois de sua morte.

PRomeſſa he de Deos, que todo aquelle, que o glorificar, ^a será elle glorificado. Glorificação a Deos em este mundo, diz S. Cyrillo Alexandrino, ^b aquelles, que limpos de toda a macula de peccado resplandecem por exemplo de boas obras. São glorificados por Deos, diz Damasceno, ^c aquelles, cujos corpos em as sepulturas resplandecem por milagres. Paga Deos tão bem os serviços, que seus servos lhe fazem em este mundo, que além dos premios, que lhes

dá no Ceo, ainda cá na terra quer honrallos. Isto temos visto muitas vezes, e o vemos ainda hoje em a sepultura do servo de Deos Fr. Francisco, cuja terra faz milagres por virtude Divina, com que Deos N. Senhor glorifica neste mundo a este seu servo. E porque seria cousa larga escrever todos os que tem feito, não porei aqui dos antigos, senão os mais authenticos.

2 Heitor de Miranda, Alcaide Mór que foi da Villa de Borba, estando mui enfermo de doença bem perigosa, mandou pedir ao Convento, que lhe mandassem huma pequena de terra do Santo Fr. Francisco da Gatta; e levando-lha, a deitou com confiança, e devoção ao pescoço, encommendando-se em seus merecimentos; em a tomando, foi logo livre, e são de todo seu mal, e enfermidade. Outro homem chamado Francisco Lopes, Escrivão da Camera da mesma Villa, tendo sua mulher, e alguns de seus filhos enfermos de febres, mandou ao Bosque buscar a terra da sepultura do Santo Fr. Francisco; e em lha lançando, no mesmo instante recebêrão faude huns, e outros. Na mesma Villa houve huma mulher chamada Margarida Fernandes, a qual estando de febres muito enferma, rogou a huma sua

filha, que fosse ao Convento, e pedisse huma pequena de terra daquella sepultura; e trazendo-lha, recebeo-a com tanta devoção, que logo ficou livre de sua enfermidade. Outra mulher por nome Joanna Froes, estando huma sobrinha sua em cama muito enferma, deitou-lhe a terra desta sepultura, com a qual recebeo a faude desejada. Finalmente forão tantos os milagres desta qualidade, que Deos pelos merecimentos deste seu servo obrava com a terra de sua sepultura, sem que os Frades fizessem caso de escrevellos, que vindo hum Religioso devoto do santo Frei Francisco morar a esta Casa de Borba, poz em sua vontade saber os milagres, que só em aquelle anno o santo fazia, e para isso disse ao Porteiro, que tomasse o nome a todas as pessoas, que ahi viessem pedir terra, para depois lhe perguntar o effeito, que della se seguíra. Feita esta diligencia, affirmou depois este Religioso, e deo seu testemunho, que achára por dito de pessoas dignas de fé, de credito, e de virtude, que só em aquelle anno, que se fizera a dita diligencia, se achou huma grande quantidade de milagres; e porque não he possível escrevellos todos, porei alguns, pelos quaes se veja a qualidade dos outros.

3 Hum homem natural de Monforte, Villa distante quatro leguas da de Borba, chamado Manoel Sutil, veio a esta Villa visitar a hum seu amigo, ao qual disse que vivia desgostoso, porque tinha mui doente, e attribulada huma filha, a quem muito amava, sem valerem remedios da medicina, tendo-lhe applicado todos os possiveis, para lhe tirarem humas grandes febres, que havia muitos annos a molestavão. O amigo lhe disse, que naquelle Convento do Bosque estava enterrado hum Frade santo, e que a terra de sua sepultura fazia muitos milagres em os enfermos, que lha levasse, que por ventura lhe faria Deos mercê de dar faude, como desejava, a sua filha, como continuamente a dava a muitos. Fez o Manoel Sutil o que lhe aconselhou o amigo; e levando a terra, tanto que a lançou ao pescoço da enferma, logo esta ficou sã. Em gratificação deste beneficio, vierão depois o pai, e mãe com a filha à Igreja do Bosque dar graças a nosso Senhor, que por merecimentos deste seu servo lhe fizera mercê tão desejada. Huma mulher do termo de Borba pedio ao Porteiro do Bosque, que lhe dêsse huma pequena de terra do Padre S. Francisco, porque havia muito tempo que andava mui doente de fe-

febres, sem poder haver melhora, e tão fraca, que com muito trabalho pudéra alli chegar em romaria ao santo. Respondeo-lhe o Porteiro: *Irmã, nós aqui não damos terra do Padre S. Francisco, senão a de huma sepultura de hum Religioso, que tambem se chamava Fr. Francisco. Seja, Padre, cuja for, (tornou a doente) dê-me aquella terra, com que tantas pessoas alcanção saúde, que possível he fazer-me Deos a mercê, que faz a tantos por merecimentos desse seu servo.* Recebeo a terra, deitou-a logo ao pescoço, e commendando-se em os merecimentos do santo Fr. Francisco, no mesmo instante começou a sentir em si notavel melhora; e foi de tal maneira, que quando chegou a sua casa, estava sã de todo, como ella mesmo confessou, tornando depois a dar as graças ao servo de Deos pela mercê, que lhe tinha feito.

4 Outra mulher chamada Catharina Pires, moradora no termo de Villa-Viçosa, veio buscar terra para huma sua filha, que tinha mui enferma; e tanto que lha deitou ao pescoço, sarou logo. Com a mesma terra hum seu genro sarou de outra enfermidade semelhante, os quaes contavão depois este beneficio, que Deos lhes fez, para gloria sua, e de seu

servo. Maria Monteza, mulher de Martim Gomes, estando enferma, havia mais de hum anno em a mesma Villa de Borba, pedio com devoção a terra desta sepultura, e logo teve saúde, como desejava. João da Silveira, filho do Licenciado Francisco da Silveira, Juiz de Fôra que foi na Villa de Barcellos, estando já desconfiado dos Medicos em huma grande enfermidade, alcançou saúde, depois que ao pescoço lhe lançarão huma pequena desta terra. Finalmente com ella, por merecimentos deste santo Religioso, alcançarão perfeita saúde de enfermidades diversas Affonso Mendes, filho de Antonio Mendes, Margarida Fernandes, mulher de Pero Fernandes, Margarida Pinta, mulher de Diogo Fernandes, Catharina Affonso, mulher de Fernando Affonso, Margarida Alvares, mulher de Jorge Dias, e algumas outras crianças pequenas, todas da Villa de Borba, em tão grande numero, que seria processo largo referillos.

5 E se tantos forão os que obrou em o anno de 1600. que foi o tempo, em que a curiosidade, e devoção daquelle Religioso se poz a escrevellos, quantos seriam os que obrou antes, e depois? Sómente digo, que sendo assim que a devo-

ção dos Santos pela maior parte (assim como a caridade) se vai resfriando com os tempos, e com isso tambem elles apertando a mão em o fazer dos milagres, o santo Fr. Francisco, depois de tantos annos, ainda nelles continúa. Não ha muito tempo que veio hum mulher do termo de Borba à Igreja do Bosque, e dando hum coração de cera, que trazia, ao Porteiro, lhe pediu o puzesse no Altar mór, em final de hum beneficio, que do santo Fr. Francisco tinha recebido. Inquirio então o Religioso como isto fora, a quem a mulher disse, que vendo-se afflicta com humas dores, que lhe commettião o coração, se encommendára neste aperto em os merecimentos do santo Fr. Francisco, promettedo-lhe que se a livrava dellas, em final de agradecimento lhe levaria ao Convento hum coração de cera, e que logo se achára sã, nem sentira mais aquellas dores, e assim vinha cumprir sua promessa. Deos, que tão glorioso tem ainda hoje a este seu servo em a terra, por tantas maravilhas, que por elle obra, mais glorificado o terá no Ceo.

CAPITULO XXXII.

*Eleição do tercio-decimo Ministro Provincial: memoria de dous Religiosos, que com fama de virtude acabá-
rão em seu triennio.*

EM o Capitulo vinte e feis deste terceiro Livro dissemos, que sendo actualmente Provincial Fr. João de Faro, o mandára o Ministro Geral Fr. André da Infua por Visitador da santa Provincia de S. Gabriel, cujo Capitulo celebrou, e presidio em a segunda Dominga depois da Pascoa da Ressurreição. Dalli veio logo fazendo a ultima visita, que lhe faltava, para complemento do seu triennio, que governou com grande prudencia, e acerto. Acabado seu ministerio, deo ordem, como no Bom Jesus de Val-verde se celebrasse Capitulo para eleição de Provincial. Convocárão-se os Vogaes para dezoito dias do mez de Outubro de 1551. sahio eleito em Ministro Fr. Miguel de Abrantes, cujo governo mostrou bem ao depois, quão acertada fora a eleição, que nelle fizerão. Neste Capitulo só se elegêrão Provincial, e os quatro Definidores; porque a eleição dos Guardiães ficava reservada para os dous Custodios, cada hum em sua Custodia, que assim o tinha

Fr. M
de A
tes F
vinci

inha disposto o Padre Infua naquella novo modo de governo, que introduzio na Provincia, como fica dito.

2 Pouco depois da eleição deste Ministro, ou quasi neste tempo, passou dos trabalhos desta vida a lograr os premios da eterna hum Religioso, de cujas virtuosas acções, supposto que nos não ficou mais memoria, pouco mais que a commun acclamação de santo, estas poucas cousas, de que temos noticia, pedem aqui esta lembrança, porque se não sepulte de todo no esquecimento a deste servo de Deos. Chamava-se elle Fr. Manoel de Estremoz, por ser natural desta Villa: era Frade leigo de profissão, e tão dado às cousas de Deos, que só o tempo, que nellas gastava, tinha por alivio. Foi singular na paciencia: ^a pois como se forá aquella pedra chamada Galacia, ^b de quem se diz que sempre está fria, nem já mais aquece mettida em o fogo: assim tambem a Fr. Manoel nunca reprehensão, por áspera que fosse, nem adversidade por grande, ou injuria alguma era bastante para provocallo a colera, ou vencer sua constancia. Com isto juntamente era ornado de muitas, e mui raras virtudes, em que se conservou toda a vida, que desde mancebo passou nesta Provin-

cia, até que veio morar ao Convento do Bom Jesus de Valverde, onde lhe deo a ultima enfermidade: por respeito da qual foi levado a curar ao Convento de nosso Padre S. Francisco de Evora, onde tem sua sepultura.

3 A causa disto foi, que como em Evora não tivessemos ainda Convento, os que adoeção em Valverde, trazendo consigo hum Frade para enfermeiro, se vinhão curar ao sobredito Convento da Provincia dos Algarves, onde havia huma Casa deputada para este effeito, com todo o necessario, por ordem do Cardeal D. Henrique. Vindo Fr. Manoel curar-se ao dito Convento, no caminho teve revelação de sua morte, que predisse a dous Religiosos, que de Valverde o acompanhavão: dizendo-lhes que era escusado fazerem-lhe cura alguma, porque sabia de certo ser o Senhor servido, que elle morresse daquella enfermidade. Chegou ao Convento de nosso Padre, e huma quarta feira, estando presentes muitos Religiosos moradores delle, disse que ao sabbado seguinte, às quatro horas da tarde deixaria sua alma este desterro. Para esta jornada se apparelhovotamente com todos os Sacramentos da Igreja, e hum novo fervor, que o incitava ao amor

amor de seu Deos, a quem de-sejava ver sobre todas as cou-fas. Chegado o dia do sabba-do, na mesma hora, que tinha predito, presentes todos os Frades do Convento, pedio a Regra de nosso Serafico Pa-triarca; e tendo-a nas mãos dif-se com grande sentimento estas devotas palavras: *Senhor meu Jesus Christo, se nesta Regra es-tá alguma cousa, que eu por des-cuido não cumprisse, vós por vojsa Divina misericordia me per-doai: e o mesmo peço a meu glo-rioso Padre S. Francisco, e a todos os Irmãos, que estais pre-sentes.* Ditas ellas com profun-da humildade, pediu a todos, que naquella hora o não defam-parassem, e que lhe rezassem a *Magnificat* a nossa Senhora, de quem era devoto por extremo. No mesmo ponto, que os Reli-giosos a acabáram, elle rema-tou o curso da vida, com estra-nha edificação dos presentes, que com instancia procuráram alcançar alguma cousa de seu uso, para a trazerem consigo por reliquia.

4 Quasi pelo mesmo tem-po acabou também os dias de sua peregrinação em o mesmo Convento de S. Francisco de Evora outro Religioso do mes-mo estado de leigo. Foi dos principaes da Cidade de Coim-bra, chamava-se Fr. Pedro: de pouca idade passou a mili-

tar na India, donde vindo de-poís de alguns annos, e trazen-do fazenda, com que pudéra viver honradamente, a deixou a duas irmans, que tinha, por se alistar em a milicia de Chris-to nesta nossa Provincia da Pie-dade, onde viveo santa, e vir-tuosamente. Era sobre maneira austero, e tão zeloso dos louvaveis costumes, e ceremo-nias da Religião, em que o ti-nhão criado, que por este res-peito padeceo depois da morte algum trabalho, como logo dire-mos. Vigiaava tanto sobre a pu-reza da alma, que fugia, quan-to lhe era possivel, a toda a pra-tica de mulheres; e quando pre-cisamente havia de fallar com alguma, pelo não poder escu-sar, era sempre com os olhos postos em terra, de tal sorte que lhe não via o rosto. Com tudo, sendo Porteiro em o Con-vento de Abrançálha, primeiro sitio, que tivemos junto de A-brantes, havia naquella Villa hum a beata de muita fama de virtude, chamada Ignez Fernan-des, por alcunha a Maçaniqua: era esta continua em as esmo-las, que fazia ao Convento; e como Fr. Pedro era Porteiro, forçosamente lhe havia de fal-lar algumas vezes. De suas pa-lavras foi entendendo sua vir-tude, e o amor, que a Deos ti-nha, de que nasceo praticalla familiarmente; sempre porèm com

Fr. Pedro
de Coim-
bra frade
leigo.

com aquelle recato, que costumão os Varões santos, e de que os fracos, necessitando mais, tratão menos.

5 Não era menor o conceito, que a Beata tinha de Fr. Pedro, e com esta opinião, que hum do outro formava, se persuadirão, que Deos teria por bem de ouvir sua oração, que a algum delles podia ser proveitosa, e soccorro em alguma necessidade espiritual. Fizerão entre si pacto, e concerto, que supposta a vontade de Deos, o que morresse primeiro, viria fazer a saber ao outro do estado, em que estava, para que se tivesse necessidade de soccorro, e favor para com Deos, lho procurasse. Pouco depois deste concerto, e pacto espiritual veio Fr. Pedro morador para o Convento de Valverde, onde adoecendo se foi curar, como hião os mais, ao de S. Francisco de Evora. Soube logo a Condessa do Vimiofô de sua enfermidade; e como lhe fosse mui afeiçoada, e devota, pela grande virtude, que nelle conhecia, lhe mandou pedir quizesse consentir, que lhe fosse todos os dias o comer de sua casa. Condescendeo Fr. Pedro á petição desta devota senhora; e depois de alguns dias, tendo revelação de sua morte, a profetizou com estas palavras, que disse ao paje, que lhe

levava o comer: *Ide, e dizei à Senhora Condessa, que nosso Senhor lhe pague esta caridade, que me tem feito; mas que me não mande mais cousa alguma, porque já me não ha de ser necessaria.* Assim succedeo, como Fr. Pedro tinha dito, porque naquella noite seguinte desatado dos laços do corpo, acabou a peregrinação desta vida.

6 Na mesma noite, em que morreo, estando a sobredita Beata em oração no seu Oratorio, lhe appareceo na fôrma corporal de maneira, que nada duvidou ser elle, e assim com a devoção costumada lhe disse: *Pade Fr. Pedro, venha Vossa Reverencia muito embora; e indo-se lançando a seus pés para lhos beijar, lhe disse elle aquellas palavras de Christo à Magdalena ^d: Não me toques, mas encommenda-me a Deos, que ^{Joann. c. 20. n. 17.} necessito de tuas orações,* e dizendo isto desapareceo. Lembrou-se então a Beata do concerto, que com Fr. Pedro tinha feito, e persuadindo-se, pelas horas, que lhe apparecêra, que era morto, e que padecia no Purgatorio algum trabalho, com grande fervor, e caridade o ficou encommendando a Deos. Não se passarão muitos dias, que outra vez lhe não apparecesse já em fôrma mais clara, estando ella tambem em oração, e

lhe

lhe encommendou , que perfe-verasse em encommendar , e ro-gar a Deos por elle ; com cujo segundo apparecimento accres-centou a devota mulher o fer-vor de suas supplicas. Final-mente depois de hum breve in-tervallo de tempo , lhe appa-receo terceira vez já mui res-plandecente sobre maneira, dan-do-lhe as graças da pontuali-dade , com que cumprira o con-certo , que com elle fizera ; ac-crescentando mais que pela as-pereza , com que reprehendia aos Religiosos , quando nelles via algum descuido , ainda que leve , fora condenado ao Purga-torio , onde esteve detido aquel-les dias ; mas que purificado já com aquellas chammas , hia pa-rra o Ceo gozar da Divina Ef-fencia.

De tudo isto deo teste-munho aquella devota mulher de Abrantes , que o exemplar da sua vida deixa sem suspeita , e muito mais a morte , que te-ve ; porque poucos annos de- pois da morte de Fr. Pedro a visitou Deos com a ultima en-fermidade , acompanhada de humas tão grandes dores , que disse , fallando com Deos : *Se-nhor , ajudai-me , que já não pos-so mais.* Ouvio logo huma voz , que quasi indignada lhe disse : *De que te angustias , e queixas ? Sabe certo , que quem houver de entrar em minha Gloria , não he*

isso nada para o que deve pade-cer. A esta voz respondeo a Bea-ta : *Pois , Senhor , já que assim he , venhão mais dores , e faça-se vossa Divina vontade.* Nes-te ponto desceo sobre a enfer-ma huma luz tão clara , que alumiou a casa de maneira , que aos que estavam nella , lhes pare-cia ser de dia , sendo huma ho-ra depois da meia noite. Pou-cos dias depois , resignada na vontade Divina , passou aquel-la mulher das dores ; que pade-cia , aos prazeres da Gloria , com que Deos a premiaría , como devemos piedosamente crer , e que o testemunho , que deo de Fr. Pedro foi verdadei-ro.

CAPITULO XXXIII.

Vida , e morte de Fr. João Pas-coal , hum dos primeiros moradores da Piedade de Villa-Viçosa.

EM a fundação de trez Provincias tra-balhou incansavelmente o Ve-neravel Religioso Fr. João Pas-coal ; e como estas escrevêrão , e notárão suas acções , nasceo daqui referirem-se com alguma variedade. O Chronista da mui santa Provincia de S. José , es-crevendo a vida deste santo Va-rão , diz ^a que fora natural de Andaluzia , e de huma Cidade

chamada Xerês de la Frontera, e que aprendêra no principio de sua vida o officio de Carpinteiro, e que depois inspirado por Deos recebêra o habito de nosso Padre S. Francisco em hum Convento chamado nossa Senhora de *Monte-Celi*, por outro nome del Hoio, Casa Recoleta da santa Provincia de Sant-Iago. Diz que nesta Provincia fora ordenado Prégador, e sem especificar mais alguma cousa, que lhe succedesse em sua mocidade, depois que entrou em a Religião, metteo-o em hum Capitulo Geral ^b celebrado em Roma no anno de 1517. por companheiro de Fr. Angelo de Valhadolid, e dalli o tira para Fundador da sua Provincia. Com alguma differença refere a Chronica da santa Provincia de S. Gabriel os principios deste servo de Deos em a Religião, ^c ainda que concorde em o mais com a de S. José. Esta variedade nos dá motivo para termos aos nossos Memoriaes por mais certos, ainda que não houvesse, como ha, alguns Chronistas ^d dos mesmos Castelhanos, que os não confessassem por mais verdadeiros: e assim segundo elles escreveremos a vida deste santo Religioso. ^e Foi o servo de Deos Fr. João Pascoal de nação Portu-

guez, e de huma Villa, que chamão a Arrifana de Santa e Maria, onde está sepultado. Logo depois de Fr. João de Gualupe fundar em Villa-Viçosa o Convento da Piedade, tomou nelle o habito de noviço, donde sahio já professo de dous, ou trez annos por companheiro de Frei Anjo de Valhadolid, que passava para as casas, que estavão em Castella. Que fosse noviço em a Custodia do Santo Evangelho, e não em a Provincia de Sant-Iago, refere por opinião de alguns, a que se mostra inclinar o ^f Chronista de S. Gabriel, ainda que não individue a Casa, onde tomou o habito, tal vez por se não ver obrigado a confessar que fora Portuguez. Porém que o fosse, ainda que os nossos Memoriaes o não disserão, tínhamos muita razão para assim o suspeitar; porque o primeiro Prelado, que teve a Provincia de São José, quando ainda Custodia, foi Fr. Antonio da Conceição, de nação Portuguez, professo em a Provincia da Piedade, como diz a Chronica daquella Provincia; ^g e assim parece que ambos sahirão da Casa da Piedade para Castella, e que ambos erão de nação Portuguezes, pois acompanhando os mais, que desta Casa sahirão a Fr. Anjo em a sua Custodia da Estremadura, só Frei Antonio da

Sinde Con-
versação
Religiosa
4. dia c. 5.
Chronic.
antig. liv. 2.
cap. 9.

^f Idem ibid.

^g Supra cit.
cap. 6.

Conceição, como a natural do mesmo Reino, acompanhou a Fr. João Pascoal, quando foi dar principio à Provincia de S. José. E segundo isto, forçosamente a hemos de tirar da Casa Recoleta, onde o Padre Fr. João de Santa Maria diz que tomou o habito para companheiro de nossos primeiros Fundadores. E pois elle confessa que depois de instituirem a Fr. João Pascoal Prégador, não sabe cousa nenhuma delle até o Capitulo Geral de Roma celebrado no anno de 1517. bem consentirá que eu lhe diga, o que fez este Religioso, e por onde andou, até lho tornar a dar são, e salvo no mesmo Capitulo, donde elle o tira para Fundador da sua Provincia.

3. Primeiramente os nossos Memoriaes dizem todos, que quando Fr. Anjo de Valholid veio de Roma, e achou os concertos feitos por El Rei D. Manoel, de que das Casas, que estavam em Portugal, se erigisse hum Custodia da Piedade, e as que estavam em Castella se incorporassem em a Provincia de Sant-Iago, não querendo Fr. Anjo ficar em Portugal, por não ver acabar aquellas Casas, levou consigo a Fr. João Pascoal; porque pelo conhecimento, que delle tinha, esperava que lhe fosse grande ajuda naquella obra. E nisto, que he se-

rem estes dous Religiosos companheiros na fundação da Provincia de S. Gabriel, concordão connosco o Padre Fr. João Baptista Moles, ^b em o Memorial, que faz desta sua Provincia, e o Padre Fr. João de Santa Maria. Verdade he que nenhum destes dous Padres diz o tempo, e lugar, em que Fr. João Pascoal se ajuntou por companheiro a Fr. Anjo, ou seja por não quererem levar de Portugal os Fundadores de suas Provincias, ou porque totalmente ignorão o lugar, e tempo, em que estes dous Religiosos se ajuntarão para companheiros de tão santa obra. De qualquer maneira que seja, faz a nosso intento; porque se o calarão por ir de Portugal fundar suas Provincias, a isso dizemos que de Portugal sahio dar-lhe principio; e se por não sabermos mais de sua vida, o não disserão, bem consentirão que demos credito a nossos Memoriaes, nos quaes está escripto, que sahio da Piedade de Villa-Viçosa, quando foi por companheiro de Frei Anjo.

4. E sendo isto assim, como a razão mostra, a vida de Fr. João Pascoal, depois que o Padre Santa Maria diz que não sabe delle, foi acompanhar a Fr. Pedro de Melgar em todos os trabalhos, que os primeiros

Padres desta Provincia padecerão na fundação della, segundo ficão referidos em o primeiro Livro. Foi hum daquelles quatorze, ou quinze Religiosos, que lançados fóra da Piedade por ElRei D. Manoel, forão para a Serra Dossa, e dalli para a Ilha da Contenda, e della para Roma, donde depois de sahir por elles a sentença tornou para Hespanha, e ultimamente para a Piedade de Villa-Viçosa, onde estava, quando Fr. Anjo pedio a Fr. Pedro de Melgar lho deixasse levar para Castella com alguns outros mais Religiosos, que livremente se quizerão ir com elle, como foi Fr. João de Avila, e Fr. Francisco de Frexinal, ambos daquelles primeiros Frades do Santo Euangelho. Com Fr. Anjo de Valhadolid trabalhou Fr. João Pascoal em a erecção da Custodia da Estremadura, de que ao depois no anno de 1519. se levantou a mui Religiosa Provincia de S. Gabriel. Com elle andou até o anno de 1517. em que se celebrou o Capitulo Geral da União em Roma por Leão X. onde se achárão todos os Vogaes da Ordem, e entre elles Fr. João Pascoal por companheiro de Fr. Anjo. Dividio-se então a Ordem em duas Familias de Observantes, e Conventuaes; e foi cousa mui de no-

tar, que sendo os dous servos de Deos Fr. Anjo, e Fr. João Pascoal ambos de hum mesmo espirito, chegado o tempo, em que se havia de resolver a qual dos dous Prelados darião obediencia, sendo tão conformes, se dividirão; porque Fr. Anjo a deo ao Ministro Geral da Observancia, e Fr. João Pascoal ao Mestre Geral da Conventualidade; ordenando-o assim Deos, para que a reformação, em que trabalhavão, mais facilmente se estendesse. Recebeo o Mestre Geral dos Conventuaes com muito agiado a Fr. João Pascoal, e deo-lhe sua Patente, e ampla commissão com sua authoridade toda, para poder fundar Conventos em Hespanha, receber novigos, e Frades de sua obediencia, e Familia, instituir Pregadores, e Confessores, e fazer tudo o mais, que elle pudéra fazer por sua pessoa. Para mais firmeza pedio logo confirmação desta Patente, e commissão ao Papa Leão X. que elle passou em o anno de 1517. quinto de seu Pontificado.

5 Com estas Letras tão favoraveis fez caminho para Hespanha. Guiou-o o Espirito Divino para huma pequena Ilha do Reino de Galiza, junto da Villa de Redondela, onde havia huma Hermida dedicada ao glorioso Apostolo São Simão,

i
Chronic.
Provinc.
S. José
l. i. c. 6.

de quem a Ilha conserva ainda hoje o nome, que tomou. Nesta Ilha, e Hermida de S. Simão da Redondela fundou o servo de Deos hum pobre, e pequeno Convento, ⁱ dedicado ao mesmo Santo, e foi o primeiro, que teve a santa Provincia de S. José. Aqui neste deserto esteve fazendo vida solitaria alguns annos, acompanhado de seu inseparavel companheiro, que o tinha ajudado na fundação do Convento, Fr. Antonio da Conceição, filho da nossa Provincia da Piedade. Dalli sahio para Roma para impetrar hum Breve do Summo Pontifice Paulo III. por virtude do qual pudesse receber Frades da Familia da Observancia. Passou o Pontifice este Breve, conforme o que lhe pedia Fr. João; foi sua data em treze de Maio de 1541. e setimo de seu Pontificado.

6 O mais, que este servo de Deos fez em augmento da Provincia de S. José, se póde ver em a Chronica daquella Provincia; que a ella remettemos ao leitor, por não tocar à nossa, e por passarmos a dizer alguma cousa das virtudes deste santo Religioso, e de sua ditosa morte. Comecemos pela Oração, como fonte das mais virtudes: nesta o sublimou Deos a mui alto gráo, como se collige claramente da assistencia,

que fez por doze annos em a Ilha de S. Simão, apartado do trato, e commercio da gente; que a não ser assim, parece moralmente impossivel poder perseverar tantos annos continuos naquella soledade, e deserto. Alli fallava Deos ao coração deste solitario, como se diz em Oseas, ^l e daquelle ermo subia elle com a consideração ao Ceo, acompanhado ^m de boas obras, e afervorados desejos, qual a Alma Santa dos Cantares. Foi grandemente devoto do Santissimo Sacramento, e em sua presença, estando em o Coro, ou em a Igreja, sempre era de joelhos, ou em pé. Em toda a Igreja, em que entrava, feita primeiro oração, se occupava em a limpar, e varrer, compondo cuidadosamente os Altares, atè que os deixava com o devido asseio. Na virtude da humildade resplandeceo tanto, como se puzera todo o seu cuidado em ser humilde. A primeira visita, que fazia, quando por alguma justa causa vinha aos povos, era aos Hospitales, onde consolava aos enfermos, fazia-lhes as camas, lavava-lhes a roupa, remendava-lhes os vestidos, sem que lhe impedisse o tratar a todos mui familiarmente o serem alguns mui asquerosos, porque a estes, sem muita contradição da natureza, mais assistia, que segundo São

Pau-

Cor. 2. Paulo, " a caridade tudo vence, e soffre. Não sómente aos maiores obedecia, mas também aos menores se sujeitava, e nos officios mais baixos, e humildes do Convento sempre era o primeiro, tendo-se pela mais vil de todas as creaturas.

7 Do rigor, com que começou em noviço na nossa Casa da Piedade, nunca afrouxou, nem ainda depois de muito velho; porque nesta idade trouxe sempre hum aspero cilicio, sem que dispensasse com este rigor, nem ainda por causa de enfermidade. O seu habito era de saial mais grosseiro: a cama era hum taboa, e por cabeceira hum madeiro; nunca usou de sandalias, sempre caminhou com os pés totalmente descalços, e por terra tão aspera, como são as ferras de Galiza. Esse pouco tempo, que dormia, não tinha sobre si outro abrigo, por grandes frios que fizessem, mais que o pobre habito, que trazia vestido, e curto manto, com que se amparava. Quando alguns o querião persuadir que mitigasse o rigoroso de suas penitencias, respondia com muita humildade, e alegria: *Deixai-me, senhores, com o meu corpo, que eu o conheço bem, e sei o que lhe importa.* Foi pacientissimo em os trabalhos, e opposições, e com summa tranquillidade de

animo soffria as afrontas, e perdoava as injurias; e como se nisto fizera ainda pouco, passava a mais, que se não havia de apartar de quem o injuriava, sem lhe beijar os pés primeiro.

8 Aconteceo-lhe humavez visitar a hum Prelado maior dos daquelle Reino de Galiza, a quem admoestou com o devido respeito, e santa liberdade de hum certa cousa, que delles se dizia, o que elle soffreo tão pezadamente, que colerico em demazia, deo ao santo Religioso huma bofetada em o rosto à vista de alguns de sua casa, que supposto não ouvirão o que o servo de Deos lhe disse, virão o que depois fez, e a face córada. O verdadeiro imitador de Christo, sem que recebesse alguma turbação, com muita humildade se ajoelhou abejjar-lhe os pés, e lhe offereceo a outra face para nella receber outra bofetada. Com este tão grande acto de humildade, e paciencia ficou o Prelado tão confuso, e edificado, que lançando-lhe os braços, lhe beijou a face, onde o tinha ferido, pedindo-lhe perdão daquella injuria. Amou grandemente a virtude da castidade, e assim vivia com extraordinario recato, e notavel vigilancia nesta materia. Estando hum dia dormindo em hum casa secular,

lar , porque hia de caminho , a senhora della , instigada do demonio , entrou em o aposento , onde elle estava , chegou-se a elle , pondo-lhe a boca em a face. Despertou o santo Religioso ao primeiro toque , fazendo Cruzes como sobressaltado ; e posto em pé , vendo-a diante de si , disse : *Que he isto ? Queres-me roubar o meu thesouro ?* Ella , ouvindo isto , muito temerosa e compungida , conhecendo a virtude do santo , e seu proprio peccado , se lançou a seus pés , pedindo-lhe perdão ; elle a reprehiendo , e admoestou em poucas palavras , e logo sem aguardar mais , sahio daquella casa ; que a este contrario mais gloriosamente vence quem mais depressa lhe foge. Nestas santas obras se conservou o santo Fr. João Pascoal , até que Deos o chamou para lhas premiar.

9 Veio elle a Badajós tomar posse , e regimento de hum Convento , que alli perto em huma Aldea havião fundado certos Religiosos ; e tornando-se para Galiza , fazendo seu caminho por Portugal , como neste lhe ficava a Arrifana de Santa Maria sua patria , quiz ir a ella , e conceder hum breve alivio a seus parentes ; aos quaes depois de Religioso não tinha mais visto , ainda que elles com muitas importuna-

ções o procuravão. Aqui lhe deo a ultima enfermidade , era isto mui perto da festa do Natal , e à véspera do dia disse elle a seu companheiro : *Depois que tomei Ordens de Missa , pela misericordia de Deos nunca deixei de dizer todas trez dia do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo : tambem as hei de dizer à manhã , e logo partir-me.* Entendeo o companheiro que fallava da jornada , que ambos fazião : e assim lhe disse : *Grande mercê nos fará Deos , se depois da festa vos achardes , Irmão , com forças para caminhar.* Não digo isso , replicou o santo velho , *senão que me hei de partir desta vida.* Dispoz-se para celebrar aquella festa com muita devoção , rezou o Officio Divino , confessou-se com o companheiro , disse as trez Missas , como quem fazia provisão para o caminho. Recolhido à casa , onde o hospedavão , sentou-se sobre a cama , e pediu a seu companheiro lhe trouxesse huma vela acceza , e depois de estar com ella em a mão por algum tempo , e na outra huma Cruz , que ordinariamente trazia ao pescoço sobre o habito , com esta postura , com os olhos cerrados , sem fallar mais que mentalmente com Deos , sem que lhe sobreviesse algum accidente , entregou a alma a seu Creador. Foi se-

sepultado na Capella mór da Igreja daquella Villa, que então se acabava de lavar, nem se tinha nella alguém enterrado, onde o Senhor por seus merecimentos tem obrado muitas maravilhas, e a gente daquelle povo o tem por santo.

CAPITULO XXXIV.

Fundação do Convento de Santo Antonio da Covilhã.

53 1 **E**M o Bispado da Guarda, na Serra da Estrella, tão celebrada, e conhecida, assim por sua grande altura, com que apezar dos ardores do calmoso estio, se mostra sempre coroada da branca neve, e duas notaveis alagôas, que tem no alto cume, como pelos fertilissimos pastos de seus valles, com que no verão apascenta infinito numero de gados, copiosas fontes, e caudalosos rios, que produz: da parte, donde o Sol nascendo a fere com seus raios, temos huma Casa do titulo, e dedicação do bemaventurado Santo Antonio, posta em meia ladeira, em hum sitio, com quem a mesma serra acabou de repartir liberalmente todo o bem de frescura, e fertilidade, que em suas abas tinha; porque sendo os valles, e campos, que aos pés lhe ficão estendidos, os

mais frescos, e amenos, que póde imaginar-se; huns, pelos sombrios foutos de soberbos castanhos, de que estão cubertos; outros, pelos fecundos pomares de muitas, e excellentes frutas, com que estão enriquecidos, e todos regados com mil fontes, e ribeiros de crystallinas aguas, que por entre elles nascem, todas estas cousas se acabão no sitio do Convento, em cuja Casa ha foute competente, duas perennes fontes, formoso pomar, e bastante horta.

2. Está o Convento com graciosa vista dominando todo o ameno daquelles verdes campos, valles, e outeiros, que lhe ficão mais baixos: e dalli para cima já não ha cousa frutifera, senão aspereza, rochedo, e penedia. Em igual altura da Casa, e na mesma costa da serra, está a Villa da Covilhã, dividindo-as hum fundo valle, o qual he causa de que ainda que à vista dos olhos estão em pouca distancia vizinhas, e fronteiras, ao caminho dos pés ficão bom espaço distantes, com trabalhosa, e agra serventia, havendo-se de descer, e outra vez subir para ir de huma a outra. Para a edificação deste Convento concorrêrão tantos milagres, que bem se póde chamar milagroso: o primeiro foi a occasião, por que se ordenou que alli se fundasse; por que

^a
Gonzag.
pag. 945.

que succedendo no anno de 1553. haver tão grande secça,
^a que se perdião todas as novidades nesta terra, ordenou o povo, e toda a Clerisia desta Villa da Covilhã fazer huma solemne Procissão em romaria a nossa Senhora do Seixo, Convento nosso, que está dalli trez leguas, em hum lugar chamado o Fundão. Poz-se esta em effeito, implorando da Sacratissima Senhora remedio para tão grande necessidade; nem ficarão frustrados de suas esperanças (como não tem ficado nenhum, que as fundasse nesta Senhora,) porque foi o Senhor fervido, por honrar sua Santissima Mãi, de que tanto que lá chegarão com a Procissão, choveo tanta agua, que se tornárão todos bem molhados, e contentes para suas casas.

3 A gente, que parte daquelle beneficio milagroso attribuía aos merecimentos das orações, que os Religiosos desta santa Casa do Seixo fizerão pela mesma necessidade, cobrando-lhes nova devoção, pedirão logo à Provincia quizesse aceitar huma Casa na dita Villa, offerecendo-se liberalmente a edificalla. Era Provincial o Irmão Fr. Miguel de Abrantes, que vendo a instancia, com que aquella Villa lhe pedia mandasse Frades para darém principio à fundação do

Convento, os enviou logo no mesmo anno de 1553. Neste se lançou a primeira pedra, e foi tanto o fervor, e devoção, com que acudirão com suas ajudas, e esmolas para a fabrica, que em breve tempo foi acabada, como agora está, pequena, recolhida, e Capucha, mas com bastante firmeza, e capaz de doze Religiosos, que a habitão. A Capella mór fez hum nobre Cavalleiro chamado o Licenciado Mendo Cão, e nella tem sua sepultura. Algumas cousas notaveis succedêrão nesta Casa, em quanto durarão as obras, em que claramente se vio continuar o milagroso de seu principio: a primeira foi, que no maior fervor dellas passou hum carro carregado de pedra por cima de hum homem, que o guiava, chamado Francisco Giraldes; e sendo tão grande o pezo, não recebo damno algum ou lesão: o que mostrou, levantando-se logo, aos que presentes se achárão, que de admirados o não crião. A outro chamado Pero Fernandes, andando trabalhando nas mesmas obras, lhe cahio hum penedo sobre huma perna, sem que lhe fizesse prejuizo, sendo que era muito grande.

4 Outro caso aconteceu mais maravilhoso ^b que todos, ^{Gonz} e foi, que trazendo duas juntas de bois huma grande, e grof-

grossa trave , para sustentar o Coro na Igreja , chegando ao pé da ladeira , em que está situada a Casa , por ser tanto a pique , e difficullosa a subida , não puderão os bois levar a trave assima , por mais diligencias que se fizerão ; e desesperados os carreiros de poderem ir por diante , se forão , e a deixárão alli. Não passou muito tempo , nem muitas horas , que a trave não fosse onde era necessaria ; porque andando muitos meninos por aquelles foutos jogando à choca , e vendo o que tinha succedido aos carreiros , movidos daquelle Senhor , que he poderoso para tudo , e que queria mostrar quão aceita lhe era a fundação daquelle Convento , acudirão todos ao lugar da trave , disserão huns aos outros : *Tomemos esta trave , e com ajuda de Santo Antonio levemo-la para o Convento.* E atravessando-lhe por baixo os cajados , que nas mãos trazião , foi cousa maravilhosa , que facilissimamente a levárão em o ar pelo monte assima , atè a porem no lugar da obra. Depois de varões crescidos contavão alguns delles por muitas vezes este milagre ; affirmando que a trave lhes parecia tão leve , como se fora huma cortiça.

5 He a gente desta Villa da Covilhã devota , e caritativa ; pois tendo outro Conven-

to de Padres Observantes da Provincia de Portugal , tem tanto cuidado no de Santo Antonio , como se só a este sustentára. E no que mais tem mostrando sua devoção , he , que acontecendo algumas vezes , como ainda hoje succede , nevar tão grandemente , que não podião os Religiosos sair de Casa dez , doze , e quinze dias , pela muita , e grossa neve , que cubria a terra toda , e cegava os caminhos , tanto , que ainda dentro na Villa era necessario com rodos , e enxadas alimpar as ruas para se poder andar por ellas , todo este tempo , que estavam reclusos no Convento , sem poderem sair a buscar esmola , erão tão bem , ou melhor providos , que no outro tempo ; porque havia gente principal , que mandava criados valentes , e curtidos naquelles trabalhos , ou a cavallo , ou a pé , bem forrados , e guarnecidos , que com toda a pressa , e diligencia lhe trazião o mantimento. Neste tempo he cousa formosa (ainda que bem à custa dos moradores , pelo rigor do frio , que então faz) estender os olhos por tantos campos , valles , e outeiros , onde se não vê outra cousa , senão aquella alvura perfeitissima ; porque atè as mais altas arvores parecem pura neve , por estarem della revestidas. Não fica então menos

^c
In Natu-
ral. Hist.
l. 17. c. 2.

alegre a gente do campo, porque dizem que o anno de muitas neves he para a terra favoravel: experiencia tão antiga, que tem por si a Plinio. ^c

CAPITULO XXXV.

Paſſão por eſte tempo Religioſos da Piedade à India Oriental.

I Fundou noſſo Serafico Padre S. Francisco a ſua ſagrada Religião, e Ordem dos Menores não tanto para ſi, como para a converſão das almas: a eſte fim encaminhava o Santo as acções de ſua vida, o cuidar que alguma ſe podia perder o entriſtecia tanto, que o obrigava a gemer, e ſuſpirar noites, e dias inteiros. E para enſinar a ſeus filhos que eſta occupação havia de ſer ſeu objecto, e que os criára para Miſſionarios, no meſmo ponto, que teve dous companheiros, logo ſahio com elles a prégar em diferentes lugares; e chegando a oito, partidos de dous em dous, forão ſeguindo as quatro partes do mundo à ſemelhança de Cruz, para que em todas deſſem o pregão do Euangelho. O meſmo Santo Patriarca, não o deixando quietar ſeu zelo, depois de diſcorrer por diverſas partes da Chriſtandade, pertendeo paſſar a Africa: embarcou-ſe para a Siria,

chegou ao Egypto, onde converteo ao Soldão, e muitos de ſeus vaſſallos. Outras ſemelhan-tes jornadas lhe embargou a Divina Mageſtade, pela neceſſidade, que delle tinha a ſua Ordem, que ſe achava ainda em ſeus principios.

2 Eſte zelo tão grato a Deos imitárão os Religioſos da Piedade, como legitimos filhos do abraçado Serafim; porque depois que virão em paz, e eſtabelecida ſua Provincia, em o que gaſtárão muitos annos, que tantos lhes forão neceſſarios para vencerem os trabalhos, e contradições, que ſe lhes offerecêrão, paſſárão logo a ſolicitar a converſão dos infieis, e ſalvação das almas. Ao Reino de Congo foi em tempo de El Rei Dom João o III. Fr. João de Sevilha, dotado de muita virtude, e letras: acompanhou-o Fr. Antonio de Coimbra Sacerdote, com outros Frades deſta Provincia, que depois de padecerem muitos trabalhos por ganharem almas para Deos, neſta ſanta occupação acabárão ditofamente ſeus dias. A' Ilha de S. Thomé paſſárão acompanhando ao Biſpo daquella Igreja D. Fr. Francisco de Villa-nova, outros Religioſos infatigaveis obreiros do Euangelho. Ultimamente na Ilha de Cabo Verde fundárão Convento, não ſó para reformarem a Chriſtandade-

dade daquella Ilha , mas tambem para cultivarem o vasto campo de Guiné ; para o que fizeram hum Hospicio em Cacheu , donde sahião discorrendo até a Serra Leoa , como diremos diffusamente , tratando das primeiras duas Missões, que fizeram. Este ministerio continuão hoje os Religiosos da Sociedade ; porque como dividindo-se a sua Provincia da nossa , na repartição dos Conventos lhe coubesse este de Cabo-Verde , ficou tambem a seu cuidado a Missão de Guiné. Ao presente ainda a Provincia da Piedade tem quatro filhos seus Missionarios em os Estados do Brazil , que discorrendo por todo o Certão , onde a Christandade vive com mais descuidos , espalhão hum temeroso pregão dos tormentos eternos , com que Deos castiga aos peccadores.

3 Mas primeiro que todos os sobreditos passárão à India em diversos tempos outros Religiosos da mesma Provincia ; jornada , que continuárão muitos annos , com tanto fervor , e zelo , que mandando certo Prelado Geral hum Patente pelo Reino , que a India necessitava de Missionarios , se lhe forão offerecer trinta a Lisboa , dos quaes escolhendo dez , os mais mandou recolher aos seus Conventos invejosos da sorte , que

aos primeiros coube. Do que lá obrarão tiveramos muito , que escrever , se houvera quem o notasse ; mas como todo o cuidado dos Chronistas daquelle tempo , como notou Maffeu , ^a foi escrever das batalhas , e feitos das armas , conquistas de Cidades , descobrimentos de mares , e terras , fazendo memoria dos Capitães , e Governadores , que nisso mais se assinalarão , não se lembrarão do principal , que era escrever da conversão das almas , prégação do Santo Euangelho , e Religiosos , ou Varões espirituaes , que nisso mais parte tiverão : e quando alguma vez tratavão estas cousas , era incidentemente , e de passagem.

^a De reb.
Ind. l. 10.
ante finem.

4 Dos nossos sabemos que além de dilatarem a Christandade naquelles Estados , ajudarão grandemente a plantar nelles a mui religiosa Provincia de São Thomé , fundando-lhe alguns Conventos. Depois de plantada tambem a ajudarão a crescer , mandando-lhe muitas vezes Prelados , que a governassem ; como se póde ver em hum Memoria , que delles faz o Chronista da Provincia da Madre de Deos ^b na mesma India , em o seu Vergel de plantas , e flores. Com este cuidado de a prover de Prelados , e mais alguns Religiosos , continuou a Provincia da Piedade

^b Chron. da
Prov. da
Madre de
Deos p.22.
& 23.

com a de S. Thomé, até que se eximio delle em respeito de que por estar no Certão, lhe ficava o provimento difficil; com que de todo a deixou aos Padres Observantes da Provincia de Portugal, que com mais commodidade lhe podião acudir com o necessario. Não dizemos porém, que os primeiros Religiosos, que abrirão àquella Provincia os alicerces, erão da nossa da Piedade, como diz o sobredito Chronista, ⁶ allegando por sua parte, e nosso favor, a commum tradição da sua, e antigos papeis della, que fazem a Fr. Henrique de Coimbra, e a seus companheiros filhos desta; porque como estes primeiros operarios da India passarão a ella no anno de 1500. pelo mez de Março, ainda neste tempo não tinhão nossos Fundadores entrado neste Reino. Andavão elles fundando em Castella, onde em vinte e cinco do mesmo mez do sobredito anno de 1500. lançarão a primeira pedra em o Convento de Truxillo; dahi poucos dias depois passarão a edificar o do Santo Euangelho de Villa-Nova del Fresno, onde deixando Fr. João de Guadalupe seus companheiros entendendo com as obras, elle com hum sómente (que naquelles principios não erão muitos,) veio a Portugal, e fundou a Casa da Piedade de

Idem p. 21.

Villa-Viçosa pelos fins do anno de 1500. do qual se vê evidentemente, que ainda não erão entrados neste Reino, quando Fr. Henrique com seus sete companheiros tinhão partido para a India.

5 Não fora pequena gloria desta Provincia ter por filhos os primeiros Missionarios, que teve a India depois de descoberta pelos Portuguezes; e os primeiros também, que com seu sangue a regarão; mas não o permite a verdade, alma da Historia, nem he bem tiremos este credito à Provincia de Portugal, de quem forão illustres alumnos, para o darmos à nossa: que se seus filhos forão tão cuidadosos de escrever, assim como forão vigilantes no obrar, não só tinha com que se acreditar a si, mas também para emprestar a outras. Porém se lhe não deo o principio, foi a que mais a ajudou a crescer: para o que devemos notar, que como no maior fervor das Missões dos Religiosos Franciscanos àquelles Estados, e principios da Provincia de S. Thomé, não houvessem em o Reino mais que as duas, de Portugal, e da Piedade, destas lhe hião os sujeitos, que a fomentavão; assinalando-se tanto a da Piedade no augmento daquella, que hum filho seu (era elle Fr. Francisco de Chaves) gover-

vernando-a com titulo de Custodio, foi o primeiro, que para perpetuar as Missões, introduzio ^d os estudos de Filosofia, e Theologia.

^{p. 23.} 6 Outros muitos Religiosos passárão à India em diversos tempos, de cujas acções, e obras virtuosas não he muito tenhamos pouca noticia, pois ainda de muitos, que acabárão na Provincia com opinião de santos, se contentárão os que puzérão em memoria por escrito as cousas daquelles tempos, ou perguntados derão seu testemunho, com dizer delles, que se finalárão muito em virtudes, e resplandecêrão em santidade, sem dizerem mais de sua vida, como se as obras que fizerão, sem serem escritas, houvessem de ser manifestas, e sabidas dos futuros, como o erão dos que nelles então fallavão, por havellos tratado, e conhecido, ou a memoria delles estar ainda em fresco, por haver pouco, que morrêrão. Entre elles merece mais particular memoria, pela dignidade que teve, D. Fr. Fernando Vaqueiro, Bispo Aurense, Península na India, filho tambem da Piedade, segundo nos diz o ^{f. 21.} Chronista ^e da Piedade da Madre de Deos, e o Author do ^{og. t. 2. de o} Agiologio Lusitano, ^f pondo sua memoria a quatorze de Março; sendo assim, que o dia

de seu transito foi a vinte e seis de Abril do anno de 1535.

7 Passou elle à India em o de 1531. A occasião, que para isso houve, foi, que como o piedoso Rei Dom João III. supplicasse à Santidade de Clemente VII. a erecção do Bispado de Goa, provendo em a nova Prelazia D. Francisco de Mello; morrendo este estando para embarcar-se, não havendo já tempo para recorrer a Roma antes da monção das náos, mandou o sobredito Rei a Fr. Francisco Vaqueiro governar aquella Igreja com authoridade delegada do Arcebispo da Ilha da Madeira, a quem o novo Bispado ficava suffraganeo. Com a Armada de D. Estevão, e de D. Paulo, filhos de D. Vasco da Gama, chegou a Goa o Apostolico Varão: começou logo a entender no governo do Estado Ecclesiastico, com grande zelo, fervor, e augmento daquela Christandade, applicando-se com muito cuidado à reformação dos Portuguezes, administração dos Sacramentos da Confirmação, e Sagradas Ordens aos naturaes, conversão dos idolatras, e reducção dos scismaticos, trazendo muitas almas ao premio da Igreja. Deo-se o Rei por tão bem servido da prudencia, e exemplo de santidade, com que governou, que não quiz mandar Bispo de pro-

propriedade à India, em quanto elle viveo: durou-lhe porém pouco a vida, porque em Ormuz, visitando as suas ovelhas, o achou a morte em 26. de Abril de 1535. havendo só quatro, que tinha passado à India. Foi sepultado em magnifico tumulo de marmore na Capella mór da Matriz à parte da Epistola. Succedeo-lhe no cuidado D. Fr. João de Albuquerque: deste, e de mais outros Religiosos nossos, de quem nos ficou mais alguma memoria do que na India obrarão, fallaremos nos Capitulos seguintes, ainda que para isto cortemos algum pouco o fio à Ordem dos annos, que até aqui seguimos, por não sahirmos daquelles Estados, onde agora estamos, e darmos logo toda a noticia, que temos nesta materia.

CAPITULO XXXVI.

*Memoria do Apostolico Varão
D. Fr. João de Albuquerque,
primeiro Bispo de propriedade,
que passou a Goa.*

I **D**Om Fr. João de Albuquerque, que foi natural da Villa de seu nome na Estremadura de Castella, illustre em sangue, mas muito mais em virtude, e letras, acompanhou a nossos primiti-

vos Padres na tolerancia de muitos trabalhos, como que fundarão esta Provincia. Quando a Familia, e Congregação do Santo Evangelho se dividio em duas partes, em os concertos de Évora, como já deixamos referido, ficando a principal, e maior com o titulo de Custodia da Piedade neste Reino, e a outra incorporada na Provincia de Sant-Iago do de Castella, entre os principaes Religiosos, que cá nos ficarão, foi hum delles Fr. João de Albuquerque. Depois feita Provincia a sobre dita Custodia, foi eleito Provincial della duas vezes, no anno de 1526. a primeira vez, e no de 32. a segunda, governando-a em ambos os triennios com grande satisfação, e prudencia. Acabado seu primeiro Provincialato, o tomou por seu Confessor o Duque D. Jaime, e no fim do segundo o inculcou para o mesmo ministerio a El-Rei D. João o III. dous annos, pouco mais, lhe servio nesta occupação; porque vendo nelle a virtude, letras, e zelo grande de Fr. João, o nomeou Bispo para a India, que como era nos principios de sua conquista, necessitava de hum Prelado, ornado dos requisitos, que elle tinha.

2 Commummente lhe chamão os Escritores primeiro Bispo de Goa, mas deve-se enten-

tender do primeiro , que de propriedade passou àquella Cidade ; porque antes de sua nomeação tinha sido eleito Dom Fr. Francisco de Mello, que, estando para embarcar-se, a morte lhe embargou a jornada ; donde nasceo , sendo D. Fr. João de Albuquerque o segundo , ter-se por primeiro. As letras de sua promoção ao dito Bispado passou o Summo Pontifice Paulo III. em dous de Abril de 1537. e no seguinte de 38. partio para Goa na Armada do Vice-Rei D. Garcia de Noronha , onde chegou a onze de Setembro do mesmo anno. Não pode logo entender nas cousas pertencentes a seu officio , como queria , porque achou aquelle Estado tão revolto com os apercebimentos , que se fazião para o soccorro de Dio , que todo o Inverno havia sustentado o espantoso, e porfiado cerco dos Rumes , que para nenhuma outra cousa dava lugar aquella occupação. Depois que voltou para Goa o Vice-Rei, que foi pelo mez de Maio do seguinte de trinta e nove , lhe apresentou o Bispo dia da Encarnação, depois de prégar, humma Patente de Sua Magestade, pela qual o provia neste cargo, e fazia a Goa cabeça do Bispado novamente erecto , que se havia de estender desde o Cabo da Boa Esperança até toda a India.

3 Constituiu logo o Bispo com as ceremonias costumadas em Sé a Igreja de Santa Catharina , provendo-a de ornamentos para o culto Divino, e legendo Dignidades, Conegos, Capellães, e mais Ministros necessarios à Cathedral. Applicou-se com todo o cuidado à reforma dos Portuguezes, que naquelle tempo com a licença da guerra, largueza, e delicias do territorio, conversação, e trato de tantos infieis, cobiça de adquirir, e ausencia de Prelado, passavão humma vida mui alheia da obrigação de Christãos. Para melhor effeito deste seu pio intento, repartio a Cidade de Goa em quatro Freguezias ; que de novo proveo de Vigarios, e Beneficiados, com que em pouco tempo veio a fazer copioso fruto naquelle Estado. Administrava os Sacramentos com frequencia, pré-gava com incansavel fervor, sendo seus Sermões tão cheios de zelo, e espirito, que por meio delles se convertêrão muitos Gentios ^a idolatras à verdade de nossa santa Fé. Nesta occupação o ajudou muito aquella grande tocha do Oriente o Mestre Diogo de Borba, que criando-se de sua infancia ^b com os nossos Religiosos da Piedade no Convento, que temos na Villa de seu nome, alli aprendeo o exercicio das virtudes,

^a Wadding.
tom. 8. ad
ann. 1537.
num. 23.

^b Agiolog.
Lusitan.
tom. 1.
Feuer. 14.
Cóment.
liter. G.

des, e pobreza Euangelica, com que sempre viveo, e depois quando o Bispo passou a Goa, partio tambem em sua companhia. Com a boa diligencia de ambos em breve se recolheo a maior parte da Ilha de Goa, e suas Aldeas ao gremio da Igreja Catholica: e para que pudessem seus moradores serem doutrinados por seus proprios naturaes, deo o Mestre Diogo principio ao Collegio de Santa Fé na mesma Cidade de Goa, para nelle se ensinarem meninos dos naturaes da terra, que ordenados Sacerdotes, lhes administrassem a Divina palavra, e Sacramentos.

4 Teve tambem o Bispo a fortuna de em seu tempo entrar na India o segundo Apostolo della, e grande pregoeiro do Euangelho, o Santo Xavier; que a primeira acção, que fez desembarcando em Goa, foi ir buscar ao Bispo, lançou-se-lhe aos pés de joelhos, e não tanto lhe apresentou, como lhe entregou as Letras Apostolicas, pelas quaes o Summo Pontifice Paulo III. o fazia seu Nuncio Apostolico, affirmando que não usaria dellas, senão como, e quando parecesse ao dito Bispo: e isto dizia com tão profunda humildade, como quem estava cheio da verdadeira. O Bispo, que não perdêra com a Prelazia (para que usemos das

mesmas palavras do Padre Lucena, que o refere) a luz, e espirito Religioso, em que se criára na Provincia da Piedade, quando descobrio tanto das mesmas virtudes no Padre Francisco, não menos rendido dellas, que da confiança, que o Papa, e El Rei delle tinham, levando-o nos braços, não se fartava com nenhuma mostras de verdadeiro prazer, que de sua vinda recebia: e lidas, e reconhecidas com o devido respeito as Bullas Apostolicas, lhas tornou, pedindo-lhe usasse livremente dos poderes, que trazia de Sua Santidade. Tão afeiçoados ficárão estes dous Apostolicos Varões destas primeiras vistas (que a semelhança facilita muito a amizade,) que não tanto parecião dous, senão hum, pela união das vontades, que lhes durou toda a vida, e de que resultou a Deos não pequena gloria, e proveito às almas, quanto do contrario em semelhantes sujeitos costuma vir de damno. Os dous vivêrão tão unidos, que vindo do Japão, o primeiro, que daquelles Reinos abraçou a nossa Santa Fé, a Malaca buscar ao Santo Xavier que o baptizasse, elle depois de o cathequizar, e instruir na doutrina, lhe dilatou o Baptismo, só a fim de o trazer consigo a Goa, onde o apresentasse ao Bispo, que

Luc.
Xav.
cap.

Idem
cap. I

que de sua mão lho desse, e como Prelado de toda a India offerecesse a Deos aquella nova fruta, e primicias do Japão. Com a mesma afeição tratou sempre o Bispo aos mais Religiosos da Companhia, e a todos os outros Missionarios, em quem via o mesmo zelo, que assim lhe fazia estimar o que elle tinha da salvação das almas, e o muito, que desejava ver a todos, como outro Paulo, nas entranhas de Jesus Christo.

5 Ném o grande cuidado, com que se applicava a fomentar as Missões o fazia descuidar dos que residião em Goa, porque a todos provia como vigilantissimo Prelado; por onde vindo-lhe à noticia que hum Medico Christão novo, Portuguez de nação, praticava em colloquios particulares, que tinha com seus amigos, algumas cousas do Judaismo, para se certificar da verdade mandou hum Sacerdote, de cuja sciencia tinha bastante satisfação, que tratasse com o denunciado dissimuladamente, e notasse bem o que lhe ouvisse. Teve o Sacerdote com o Medico algumas praticas, e depois de tratar com elle algumas questões, veio a entender claramente que tinha erros na Fé, de que logo avisou ao Bispo, que o mandou prender, e proceder contra elle, tomando testemu-

nhas, com que sem muito trabalho se provou ser verdadeiro Judeo, e o mesmo ainda na prisão punha em praticas algumas cousas do Testamento velho. Feitos os autos conclusos, ajuntou o Bispo alguns Theologos da Religião de nossos Padres S. Domingos, e São Francisco com o Mestre Diogo de Borba; e em as casas do Governador, que então era Martim Affonso de Sousa, foram vistos de todos, e examinados, depois do qual fizeram trazer o delinquente para lhe tomarem sua confissão, que elle fez de plano, sem negar cousa alguma das que as testemunhas contra elle tinham deposto. O que vendo o Bispo, deo sentença com os mais Deputados, que vista a sua propria confissão dos erros, que tinha, e sustentava contra a nossa Santa Fé, ordavão por Judeo heretico, e como a tal o relaxavão à justiça secular, que lhe desse o castigo, que merecesse.

6 Tomou logo delle entrega o Ouvidor Geral, que com o Governador, e alguns Fidalgos da India, e Letrados puzerão ao pé da do Bispo a sua sentença assinada por todos, em que o condenavão, vista a sua contumacia, a que com barão pregão fosse queimado vivo; e em caso que se desdisse de seus erros, o as-

fogassem primeiro. Sentia o zeloso Prelado a perda daquelle alma, pelo que, em quanto se não executava a sentença do secular, mandou ao Mestre Diogo trabalhasse pela allumiar naquella cegueira, o que elle fez com tão bom successo, ajudado da Divina graça, que convencido de suas razões morreo o Medico, retractando-se de seus erros, e com mostras de arrependimento verdadeiro. Logo no seguinte dia prégou o Bispo ao povo, publicou o Edital da Santa Inquisição contra o Judaismo, e heretica pravi-
 vidade; e dalli em diante com muito calor, e diligencia tratou com ElRei D. João III. a instituição do Santo Tribunal naquella Cidade, o que por então não teve effeito.

7. Assim vigiava pela pureza da Fé, e bem do rebanho, que lhe fora entregue, nem lhe faltá-
 rão molestias com alguns Governadores, que se entremettião na sua jurisdição, como se fosse temporal, de que elle se queixou ao sobredito Rei, que tudo proveo com aquella piedade Catholica, que lhe foi como nativa, assim fora a execução daquelles, a quem tocava; mas em partes tão remotas a propria paixão, ou interesse suspende as ordens Reaes muitas vezes, e não poucas com capa de ma-

ior serviço do mesmo Rei, e bem dos Estados. Finalmente o tempo, que D. Fr. João de Albuquerque esteve naquelle Bispado, que forão quatorze annos, viveo com grande exemplo, e universal satisfação, do qual o Chronista Andrade nos deixou este testemunho: *f* ^{Chro delR João 3. P.} *Foi tambem nesta Armada (falla da em que partio do Reino para a India o Vice-Rei Dom Garcia de Noronha) hum Bispo chamado D. João de Albuquerque, de nação Castelhana, homem virtuoso, de muito bom exemplo, e muito desinteressado, que servio sempre seu cargo com muita satisfação de todos, assim Ecclesiasticos, como seculares.* Mandou-lhe ElRei licença para se embarcar para o Reino; porém o bom Pastor não quiz usar della, escolhendo antes acabar a vida entre suas ovelhas, que vir morrer em Portugal, como em breve se vio. Carregado de annos, e achaques, inseparaveis companheiros, mas muito mais de merecimentos, o achou em Goa a morte, que foi no ultimo de Fevereiro de 1553. como consta do Epitafio de sua sepultura, que está na Capella Mór da Cathedral, onde se lê o seguinte: *Aqui jaz D. João de Albuquerque, primeiro Bispo de toda a India, que faleceo o derradeiro de Fevereiro de 1553.*

Faz delle honorifica memoria, como Varão de affinalada virtude, o Author do Agiologio Lusitano.

CAPITULO XXXVII.

Parte Fr. Vicente de Lagos para a India; reduz em o Reino de Cranganor à obediencia da Igreja Romana os Christãos de S. Thomé.

QUando desta Provincia passou à India o Bispo D. Fr. João de Albuquerque, levou em sua companhia, entre outros Religiosos da mesma, de que adiante fallaremos, hum chamado Fr. Vicente de Lagos, Cidade principal no Reino do Algarve. Todo o tempo, que viveo entre nós, foi sempre com grande opinião de virtude, porque era Religioso mui espirital, grande contemplativo, e entregue à oração mental, em que recebia do Senhor muitos sentimentos, favores, e mimos. Passou à India com o Bispo, não tanto pela boa amizade, que com elle tinha, que por sua virtude o estimava, como pelo zelo, que Deos na oração lhe communicava da conversão das almas: este o fez deter pouco em Goa, pois entrando nella no fim do anno de 1538. já no de quarenta o achamos em

Cranganor fundando hum Seminario. He Cranganor huma Cidade, cabeça de hum Reino, a quem dá o nome na Provincia do Malabar, cujos moradores são chamados Christãos de S. Thomé; sendo que de taes sómente tinham o nome, que nos ritos, e estylos pouca differença fazião aos Gentios.

2 Para o que he de saber, que na repartição, que do mundo fizeram os Apostolos ^a para denunciarem por todo elle a fagrada Fé, coube a S. Thomé a sorte de ficar a seu cuidado a India; a primeira terra, que nella tomou, crê-se ser o Reino de Cranganor, onde fez muita Christandade; daqui dis-correo por diversas Provincias, e Reinos da India, edificando muitas Igrejas, e reduzindo muitos à Fé; até que em Meliapor na Provincia de Chormandel, onde mais a tinha radicado, regou com seu sangue a seára do Euangelho, padecendo glorioso martyrio. Pouco antes delle deixou o sagrado Apostolo em Meliapor huma profecia, e foi, que edificando huma Igreja na mesma Cidade, que naquelle tempo estava doze leguas mettida pelo Certão, e levantando huma formosa Cruz de pedra, disse, que quando o mar chegasse com suas ondas junto àquella casa,

Eee ii e Cruz,

^a Lucen. in
Vit. Xav.
l. i. c. 3.

e Cruz, viria da parte do Poente huma gente branca a recusitar na India a Fé; e Religião do verdadeiro Deos, que elle pré-gava. Pouco, ou nenhum credito se deo por então ao Santo; porque tão impossivel parecia àquella gente, que o mar chegasse alguma hora àquelle sitio, como verem no seu Reino, quem habitava delle tão distante, como lhe ficava o Poente. O tempo mostrou a verdade da profecia; porque no decurso delle foi pouco, e pouco comendo o mar tanto da terra, que não estava já hum tiro de pedra do lugar affinalado pelo Santo, quando os Portuguezes entráram na India. Estava já a sementeira da Fé, que tinha plantado o Apostolo, afogada, e morta por falta de verdadeiros agricultores; e só vivia em o nome, que conservavão de Christãos de S. Thomé, com o desejo de quem os ensinasse.

3 Ao Almeirante D. Vasco da Gama mandáram seus Embaixadores, principalmente os de Cranganor, pedindo-lhe enviasse quem os instruisse na Fé; que o Apostolo lhes tinha pré-gado. Por diversas vezes entráram no Malabar Religiosos de nosso Padre S. Francisco, pré-gando o Sagrado Euangelho, sendo unicos operarios na India os primeiros quarenta e

dous annos depois de seu descubrimto; mas ainda que foram bem recebidos dos Christãos de S. Thomé, não estabelecerão com firmeza nelles os ritos, e ceremonias da Igreja Latina; porque como os Religiosos não podião assistir sempre com estes Christãos, por acudirem a outras Provincias daquella vasta seára, ^b apenas sahião, quando logo entravão os Bispos Armenios, enviados pelo Patriarca Caldeo, que desfazião tudo, quanto os Frades tinham feito, tornando-os novamente a seus antigos erros. Esta variedade, e fortuna corria a Christandade do Malabar ao tempo que o nosso Fr. Vicente de Lagos entrou em Goa; e vendo o zeloso servo de Deos que o melhor remedio para o estabelecimento era a assistencia naquella Provincia, pedida licença ao Bispo, e Custodio, partio para Cranganor. Nesta Cidade edificou o já referido Collegio, dedicado a Sant-Iago, onde criava oitenta meninos, filhos de Gentios, e Christãos da terra, aos quaes ensinava a doutrina Christã, bons costumes, latinidade, e ritos da Igreja Latina, para o que teve particular graça, e talento. Daqui sahia muitas vezes o Veneravel Religioso tão cheio de caridade, como cuberto de cans; e discorrendo por todos

os lugares daquelle Comarca, annunciava nos caminhos, ruas, e praças a toda a forte de gente a Fé de Jesus Christo, administrando incançavelmente os Sacramentos aos convertidos, e cathecumenos o do santo Baptismo, aos Christãos o da Penitencia, e Sagrada Eucaristia, e os mais, de que necessitavão.

4 Chegados à perfeita idade os naturaes da terra, que criava, e sahindo bem indutridos em as cousas Ecclesiasticas, muitos delles se ordenarão, e feitos Sacerdotes ajudarão a seu bom Mestre tão bem, que o anno de 1550. em que o Senhor o levou desta vida, deixou de todo o ponto tão sujeitos, e reduzidos estes Christãos à obediencia da Igreja Romana, que ainda que tornárão duas vezes depois em diversos tempos os sobreditos Bispos Armenios, os novos Sacerdotes os lançárão tão briosamente da sua terra, que nunca mais tornárão a ella. Neste Collegio residio algumas vezes S. Francisco Xavier, pela intima amizade, que tinha com Fr. Vicente, como mostrou em huma carta, que escreveo de Goa em 20. de Janeiro de 1549. ao Mestre Simão, Provincial da Companhia neste Reino; onde assim de Fr. Vicente, como do Collegio, que fundou, dá este testemunho. *Sinco leguas de*

Cochim, em huma fortaleza de ElRei, que se chama Cranganor, está hum Collegio famoso, que fez Fr. Vicente, companheiro do Bispo de Goa; no qual Collegio ha perto de cem estudantes, filhos de Christãos, que descendem dos que fez S. Thomé; e ha sessenta lugares de Christãos, e perto destes lugares está este Collegio, cousa muito para ver, assim o sitio delle, como onde estão os Christãos. O Padre Frei Vicente tem feito muito serviço a Deos nestas partes, e he grande amigo meu, e de todos os da Companhia. Na mesma carta pedia o Santo Xavier ao sobredito Provincial lhe houvesse algumas Indulgencias de Roma para o tal Collegio, pelos desejos, que tinha disto Fr. Vicente. Outra carta se refere, que escreveo o mesmo Santo a ElRei D. João III. em favor, e abono de Fr. Vicente, donde bem se vê a amizade, com que estes dous Apostolicos Varões se tratavão.

5 Memoravel, e aprazivel, e como tal, referido pela maior parte dos Escritores da India, ^c foi o que succedeo a Fr. Vicente neste Collegio com os meninos, que ensinava: castigou hum dia alguns delles, ou por não estarem attentos, ou por algum descuido na lição, puxando-lhe pelas orelhas. Souberão-o os pais ou por queixa dos proprios filhos, ou por

^c Histor. Orient.
1. p. l. 4.
cap. 20.
Maffeu
l. 11. f. 256.
Gusmão
l. 1. cap. 5.
Daça 4. p.
l. 1. c. 17.
Lucen. cit.
l. 1. c. 14.
& alii.

ou,

outra alguma via ; e como entre elles fosse grande affronta aquelle genero de castigo , segundo seus antigos , e supersticiosos estylos , accesos em colera , tomão as armas para vingarem a affronta dos filhos com a morte do Mestre , que não se dava seu barbaro furor com menos por satisfeito. Entendêrão os meninos a resolução , com que vinhão os pais , e ainda que magoados do castigo , tão longe estiverão de os ajudarem em seu intento , que antes fazendo roda , e cercando com ella ao Mestre , às pedradas fizeram fugir os proprios pais. Passada aquella furia , cahirão elles na conta de seu erro , corridos , e envorronhados da acção dos filhos , buscão outra vez ao santo velho já com outro intento bem differente , e prostrados a seus pés pedem-lhe perdão , que elle concedeo facilmente.

CAPITULO XXXVIII.

Conversão do Rei , e a Rainha de Tanor por Fr. Vicente.

I **B** Astantemente tinha em que se occupar em os lugares de Cranganor outra idade de mais forças , que a de Fr. Vicente ; porém elle supprindo com as do espirito a falta das do corpo , não só entendia na conversão , e augmen-

to destes , senão que também a tempos passava a outros Reinos do mesmo Malabar , annunciando a Divina palavra. No de Tanor converteo , e deo o Baptismo ao Rei , que em attenção ao nosso de Portugal , se quiz chamar João ; a pouco depois baptizou também a Rainha , e a dous Fidalgos principaes daquelle Reino , ainda que tudo isto se obrava em segredo , por temer o Rei que se o soubessem seus vassallos , se rebelarião contra elle , lançando-o do Reino , com que de todo fecharião nelle a porta à pregação do Santo Evangelho. Para desmentir as suspeitas , que alguns dos seus tinham de se ter feito Christão , pelo trato , e familiaridade que o vião ter com Fr. Vicente , trazião ao pescoço hum cordão de trez fios , rematados em hum nó , em que consistia a Religião dos Brachmenes , que os do seu Reino professavão ; mas para que em alguma maneira concordasse a nova vida com o que de necessidade era forçoso por então occultar , lhe deo o mesmo Fr. Vicente hum Crucifixo de bronze , para que em fé de ser Christão o trouxesse ao pescoço occulto , como elle o fez ; e ainda tirára os fios , senão fora esperar para este effeito tempo mais accommodado.

2 Pouco depois de baptizado, se resolveo ir a Goa, para que o Bispo lhe dêsse o Sacramento da Confirmação, pelo qual escreveo primeiro assim a este, como ao Governador, pedindo-lhe seu beneplacito, e licença. Grandemente forão festejadas estas cartas em Goa; porque com a vinda deste Rei davão os nossos Portuguezes por confederados, e sujeitos à Coroa de Portugal todos os Principes Malabares, e com o exemplo de sua fé, e baptismo se promettião vellos convertidos, e baptizados. Duidou-se porém do modo, com que se havia de receber o neofito, se como Rei Christão, pois o era pelo baptismo, ou como a Gento, pois no cordão dos Brachmenes em o publico, e exterior o parecia. Chamou-se a Conselho, onde se achou o mais, e melhor da Nobreza da India, e os Letrados, e Theologos, que havia nella: forão os pareceres differentes, entre os quaes se inclinou o Bispo D. Fr. João de Albuquerque ao favor do Rei, allegando por elle, que tambem José de Arimathea^b até a morte de Christo, e Gamaliel^c ainda depois de sua Ascensão, forão discipulos escondidos; e que Nicodemos^d só as noites lhe dava: e que quando para o presente caso faltárão estes exem-

plos, bastava o do Martyr S. Sebastião, para se não poder escandalizar alguém do que El-Rei de Tanor fazia, senão quem reprovasse o que fez aquelle valeroso Capitão da Igreja, quando para melhor a defender, e poder com mais liberdade visitar aos fieis nos carceres, e animallos nos tormentos, corria em tudo por Soldado do Emperador Diocleciano, sendo-o tão verdadeiramente de Jesus Christo, como bem mostrou em dar a vida pela sua Fé. Pois porque não seria licito ao Rei novamente Christão esconder por algum tempo a sua dentro da alma, para a metter depois na dos seus? Que melhor era, passando por aquella dissimulação do Rei, ganhar a Christo o Reino todo, que amotinando o mesmo Reino, arriscar o fruto, que se esperava colher d'elle. Que assim como às sementes lhes não era menos necessario, para virem com o fruto desejado, o tempo, em que estavão escondidas debaixo da terra, que o em que sahião, e se mostravão em herva, ou em flor, assim podia cumprir mais à Fé estar como encuberta, e semeada no coração, até lançar profundas, e seguras raizes, que respondessem depois a cada grão com milhares, que não sahir, e apparecer logo florida, para a queimar,

mar, e levar a primeira geada de qualquer perseguição.

3 Estas, e outras muitas razões allegava o Bispo em favor do Rei de Tanor, dictadas mais pelo zelo conhecida-mente santo, que pela attenção à differença, que vai do habito da nação à insignia da Religião, que se professa. Seguirão todos este parecer, porque o mesmo zelo, e esperanças, que o fizeram dictar a huns, o fizeram tambem seguir aos outros: sahio da mesma Junta, que o Capitão João Lopes partisse logo com oito fustas bem equipadas, e bom acompanhamento de gente nobre, e luzida buscar a Tanor o Rei Christão. Não se escondeo aos vassallos a resolução do seu Rei, tanto que virão no seu porto as fustas, ajuntando-se os Brachmenes, e Naires com hum Senhor de muitos vassallos principal do Reino, e todos os chegados em sangue a Casa Real, representando ao Rei o perigo, em que punha seu Estado, e vida, já davão por levantados os povos, se os deixava: fazião gente sem fé, e lealdade aos Portuguezes, a quem se entregava: e finalmente tentavão todos os meios para lhe impedirem a jornada. Mas vendo que com nenhuma das razões, que lhe propunhão, desistia da resolução primeira, conjurados

entre si, o puzerão com boa guarda em huma fortaleza murada com trez cercas, com que se davão por seguros.

4 Nem com esta diligencia, que a outro qualquer fora bastante a fazello mudar de opinião, pela muita difficuldade, que havia em vencer as trez cercas da fortaleza, affrouxou o Rei em seus desejos; antes receando que a nova de sua prisão chegasse ao Capitão das fustas, e assim se voltasse sem o levar, logo na seguinte noite tomou o Crucifixo, que lhe tinha dado Fr. Vicente, e era a unica companhia, com que se achava na prisão, e posto de joelhos, lhe pedio favor naquella necessidade. Depois disto, atou a mesma Imagem nos cabellos assima da cabeça por maior reverencia, e tomando o Senhor por sua Coroa, e amparo, por huma corda se lançou pelos trez muros, sem que lhe succedesse desgraça alguma, salvo em o ultimo, que por ser mais alto, e não lhe chegar a corda, ainda que a tinha accrescentado, atando nella a touca, se escalavrou em a cabeça, e em huma perna. Vencido este perigo, se vio em outro, senão maior, igual; porque como alli a terra he toda alagadiça, e retalhada de esteiros largos, e fundos; ao passar de hum destes para ir tomar as fustas, se

fe vio o Rei afogado , valendo-lhe sómente o Santo Crucifixo : em fim alcançou hum barco , que o levou à Capitania , em que com feliz successo chegou a Goa.

5 Dez dias , que esteve nesta Cidade foi festejado com todas as demonstrações de alegria , e logo na primeira tarde , em que entrou , tratou com o Governador , e Bispo o principal negocio , a que vinha , propondo os perigos , que temia , se logo se manifestasse por Christão ; os desejos , que tinha de reduzir à Fé todo o seu Reino , e Reis vizinhos do Malabar ; as esperanças , que havia de lhe succeder bem esta empreza , detendo-se hum pouco da maneira que andava , atè se fazer mais senhor dos animos dos seus , e ganhar os alheios. E para que Deos nosso Senhor partisse com elle mais copiosamente de sua Divina graça , e fortaleza , pedia humildemente o Sacramento da Confirmação , prometendo que dentro em poucos dias , o que agora occultava , professaria publicamente com muito animo , e inteireza. Deo-se-lhe tambem secretamente , pelas mesmas razões , que se allegarão para o Baptismo. Foi esta conversão mui festejada em o Reino por El-Rei D. João III. a quem o de Tanor escreveo de Goa , dan-

do-lhe conta della , e juntamente das esperanças , que tinha abraçasse a mesma Fé a maior parte do Malabar.

6 Despedio-se o Rei para as suas terras , onde passado algum pouco tempo , notificou a todos os Grandes de seu Reino , que era feito Christão , e por todas as partes d'elle mandou lançar pregões ao som de bacias de arame , segundo seu estylo , que todos seus povos se fizessem Christãos , e pois elle já o era , com sua mulher , e filhos , e todos os que assim o não fizessem , se sahisses das suas terras dentro em vinte dias , sob pena de morte. O effeito , que se seguiu , referem os Historiadores com variedade : huns dizem , que a conversão do Rei , e tudo o mais fora fingimento , para grangear a amizade dos Portuguezes : outros , que fora verdadeiramente Catholico , e mui devoto da Paixão de Christo , ^f em cuja memoria trouxe sempre ao pescoço , desde que se baptizou atè sua morte o Crucifixo , que lhe deo Fr. Vicente ; e ainda dizem o Reverendissimo Gonzaga , ^g e o Padre Daça , ^b que na hora della com grande humildade , e lagrymas se confessára a hum Religioso de nosso Padre S. Francisco. O que eu tenho por mais verisimil , pois os extremos , que fez o Rei pa-

Chron. de
El-Rei D.
João III.
4. p. c. 58.

Agiol Lus.
t. 1. Fev. 2.
liter. C.

4. part.
pag. 1217.
b
4. p. liv. 1.
cap. 49.

ra vir a Goa, as difficuldades, que venceo, os perigos, a que se expoz, e livrallo Deos de todos elles, cujo patrocínio implorava, acompanhado da Imagem do Crucifixo, nos persuadem ser realidade, e não fingimento; porque a fello, nem este tem valor para tanto, nem costuma Deos favorecerello.

7 Por todos os dez dias, que o Rei esteve em Goa, o acompanhou Fr. Vicente, como principal instrumento de sua conversão: desta Cidade voltou outra vez para o seu Collegio de Cranganor, onde no anno de 1550. o achou a morte carregado de annos, e muito mais de merecimentos. Deste Apostolico Varão fazem honorifica memoria os Authores do Martyrologio Minorita,ⁱ e do Agiologio Lusitano; ¹ este a dous de Fevereiro, aquelle a onze de Junho; além de outros muitos, que celebrão em seus escritos a fama de sua santidade.

ⁱ
Fr. Artur
Junho 11.
¹
Citatus.

CAPITULO XXXIX.

Do copioso fruto, que Fr. Antonio do Porto com quatro companheiros colheo em diversas partes da India.

I FOi mui particular a devoção, que ElRei D. João III. teve à Provincia

da Piedade; que supposto esta se apartou sempre da Corte (designio, que ainda hoje conserva,) trazia-a o grande Rei tão presente, que cá neste retiro a buscava para a favorecer, e honrar. Testemunhão os favores, que nos fez, o Convento de nossa Senhora do Seixo no Fundão, para o qual correio com a maior parte dos gastos: ao de Estremoz ajudou com huma bem grossa esmola: favoreceo o de Thomar, e Loulé: ao de S. Vicente no Reino do Algarve, supposto que o achou já feito, mandou-o cercar com hum bem forte lanço de muro, com que seus moradores ficassem seguros dos incursos dos Mouros, a que antes estavam expostos. Das honras podem ser pregoeiros o sagrado Tribunal do Santo Officio, pois da Provincia tomou o sobredito Rei a D. Fr. Diogo da Silva para primeiro Inquisidor Geral; as Igrejas de Ceuta, e Braga, providas successivamente no mesmo sujeito; a de Goa na pessoa de D. Fr. João de Albuquerque, havendo antes exercitado ambos o officio honorifico de seus Confessores. Esta estimação, em que a tinha, lhe nascia do conceito, que de sua virtude, e santidade tinha formado: por onde para as Missões de suas Conquistas se aproveitava muito dos

dos filhos da Piedade, muitos dos quaes por ordem sua servirão em diversas partes neste ministério; agora daremos noticia dos que forão enviados às Ilhas de Baçaim, e Salcete na India Oriental.

2 Conquistada pelos Portuguezes a Ilha, e Cidade de Baçaim pelos annos de 1532. passou a ella com mais quatro Religiosos ^a Frei Antonio do Porto, filho desta Provincia da Piedade, insigne Prégador, e Varão mui perfeito. Dos companheiros não sabemos mais, que acompanharem-o nesta Missão, padecendo com elle muitos trabalhos, molestias, e perseguições, atè derramamento de sangue, que com grande constancia soffrêrão pela prégação do Santo Euangelho aos Gentios, e Mouros; colhêrão porêem delles copioso fruto, com que chegarão a destruir os idolos, e desterrar as superstições daquellas gentes, consagrando muitos de seus templos em casas de Oração, levantando de novo outras Igrejas em honra, e louvor do verdadeiro Deos. Fundou Fr. Antonio do Porto na mesma Cidade de Baçaim de mais de hum Convento da Ordem hum Seminario de quarenta meninos, ^b filhos de pais Gentios, e outro mui semelhante em o lugar de Agaçaim, duas leguas distante de Baçaim,

onde tinha convertido, e baptizado duas mil almas.

3 Com o Convento, e os dous Seminarios julgou Fr. Antonio que deixava as cousas da Fé naquella Ilha em bom estado, por onde entregando a administração delles ao Padre Fr. Antonio Laureto da Custodia de S. Thomé, para que administrasse os Sacramentos aos novos Christãos, elle com os quatro companheiros passou à Ilha de Salcete; e forão os primeiros, que nella cortarão os abroghos da Gentilidade, e lançarão a semente de odoríferas Rosas da Fé de nosso Redemptor. He Salcete huma Ilha sinco leguas de Goa ao Sul mui fertil, e abundante, e mais povoada de gente, que outra alguma da India; porque dentro em seis leguas, que sómente tem de comprido, se achão setenta Aldeas, as quaes, para melhor governo, se reduzem a doze principaes, que ficão sendo como cabeças de Comarca. Assim como abundava de gente, assim tambem erão muitas suas superstições, e idolos: tinham duzentos templos dedicados ao demonio, assistidos de muitos Jogues, que são os seus sacerdotes, e ministros, que nesta terra erão mais poderosos, que em outra alguma da India, por estar nelles o governo, e mandado della.

Chron. da
Prov. da
Madre de
Deos p. 8.

4 Entre estes Pagodes o mais celebrado era o que chamavão do Canarim, cujas ruínas ainda hoje testemunhão sua grandeza: nelle assistia hum Jogue de mais authoridade, como cabeça, e principal entre os outros, respeitado, e reverenciado de todos por superior. Com este começou o nosso Fr. Antonio a disputar; e tratando-o muito a meudo, como quem bem sabia, quão necessario era vencer primeiro o Capitão, para render mais facilmente os Soldados, o favoreceo tanto neste particular o Espirito Santo, e tiverão tanta força suas palavras, que o Jogue, depois de algumas disputas, veio a receber a Fé de Jesus Christo: com seu exemplo o mesmo fizeram outros muitos, tanto, que logo no principio forão baptizados dous mil. Tinha este Jogue, quando recebeo o Baptismo, cento e cinco annos de idade, e viveo depois mais de quarenta e cinco.

5 O celebrado Pagode do Canarim purificou Fr. Antonio, e consagrou ao Arcanjo S. Miguel: o que notificando a fama a ElRei D. João III. lhe mandou dar trez mil cruzados, e vinte e quatro Aldeas, para que em seu nome os dêsse aos novamente convertidos. Com este bom successo se animava o Santo Religioso para os traba-

lhos: chegou a outro Pagode chamado Manapacer, de igual grandeza, e adoração: nelle converteo fincoenta Jogues; e feito Collegio para creação de cem meninos, o dedicou a nossa Senhora ^d da Piedade, em memoria da Provincia, em que se creára, de quem a Senhora, debaixo deste titulo, he Padroeira. Discorreo por toda a Ilha, em que edificou onze Igrejas, para nellas ser adorado o verdadeiro Deos com verdadeiro culto, e sacrificio: destruiu, e poz por terra duzentos Pagodes: converteo, e baptizou dez mil cento e fincoenta e seis pessoas. Deixou nestas Igrejas Sacerdotes, que administrassem o Baptismo aos Gentios, e Mouros, que o vinhão procurar, e os mais Sacramentos aos Christãos: os quaes a certos tempos, por causa de devoção acudião em romaria à Igreja de nossa Senhora da Piedade, como a principal, e Matriz de todas as daquella terra. Sita na mesma Ilha está a povoação de Taná, e junto dellas huns formosos banhos, e hum grande tanque, onde se banhavão os Gentios, e Mouros, conforme os ritos de suas purificações, e ao redor delle doze Pagodes, em que os Jogues, à maneira de hermitães, fingião penitencia, e religião: todos estes Pagodes destruiu, e poz por terra Fr. Antonio.

Chron.
pag. 9.

tonio, convertendo muitos dos infieis.

6. Huma visão notavel e teve neste tanque hum Mouro: vinha elle purificar-se, quando ao querer-se lançar na agua, vê no profundo della a nosso Padre S. Francisco com huma Cruz, com a qual pelejava com muitos homens com tal esforço, e valentia, que atemorizado o Mouro, se retirou, sem ousar chegar ao tanque. Corre com pressa à Villa dar noticia do que tinha visto, acompanhado de muitos torna ao mesmo tanque, cujas aguas achárão convertidas em sangue, de que ficarão suspensos, e o Mouro cahio em terra desmaiado. Nos braços o recolhêrão para a Villa, onde entrando em si segunda vez, referio o que vira, e com a ultima palavra lançou miseravelmente o espirito. Junto deste lugar, e banhos se vê hoje hum Convento da Ordem, dedicado ao nosso Portuguez Santo Antonio, que no anno de 1582. fundou a Provincia da Madre de Deos, a quem pertence. Depois que Fr. Antonio derribou os Pagodes, que rodeavão o tanque, com seus quatro companheiros, que nunca o deixárão, passou à Ilha do Caraniá, onde para conservação dos muitos, que converteo, fundou hum Seminario de meninos. Finalmente cheio Fr. Antonio de

boas obras, e rico de merecimentos acabou naquellas partes a vida temporal, e passou a gozar da perduravel, e eterna. No mesmo ministerio morrerão tambem seus quatro companheiros; mas a pouca curiosidade, ajudada da muita distancia, nos deixou de todos elles sómente esta breve memoria.

CAPITULO XL.

Acções virtuosas, e santa simplicidade do Irmão Fr. Gregorio de Viseu.

1. **H**E a singeleza ajudada da Divina graça meio caminho andado para a perfeição da vida, porque em hum natural candido, e singelo, como em bem disposta cera, estampa Deos os sellos de primorosas virtudes. Bom exemplo temos desta verdade em o Irmão Fr. Gregorio de Viseu, Frade leigo, em quem a natural singeleza, e simplicidade columbina, servio de alicerce para o formoso edificio de virtudes, que nelle levantou a liberal mão de Deos. Foi elle natural da Cidade de Viseu: levou-o, sendo moço, a Castella ou a necessidade, ou a ignorancia: là andou largo tempo; e pode tanto com elle a criação, que fez propria a lingua

^a
Agio.og.
Lusitan.
tom. 2.
Abril 5.
liter. C.

gua estranha , pois sendo Portuguez fallava o idioma Castelhano. Voltou para Portugal , e tomou o habito em a nossa Provincia ^a da Piedade , onde viveo depois de professo alguns annos , procedendo em todos elles exemplarmente , atè que no anno de 1572. em companhia de outro Frade Sacerdote da mesma Provincia (cujo nome nos encubrio o tempo) o mandou a Rainha Dona Catharina fundar Convento na Ilha de Santa Elena , para que as nossas Náos , que buscavão nella refresco , achassem tambem o exercicio dos Sacramentos. Faleceo o Sacerdote na viagem antes de tomar porto na Ilha : queria ficar nella Fr. Gregorio , como lho ordenava a letra da obediencia , sem advertir que por ser Frade leigo , se não effectuava com elle a tenção de Sua Magestade ; os mareantes lho não consentirão , obrigando-o , que atè à India continuasse com elles a jornada.

2 Chegou a Goa , buscou ao Arcebispo , que então era D. Gaspar de Santa Maria , a quem em poucas palavras deo noticia de si , e de sua jornada : e conhecendo o Arcebispo a poucos lanços seu espirito , e simplicidade , fez que o recibessem em o Convento , que naquella Cidade tem a Provin-

cia Capucha da Madre de Deos. Nella floreceo em muitas virtudes , campeando com vantagens a da humildade , com que sendo simples , soube desprezar as vaidades , e honras do mundo. Acabou nesta Provincia hum seu natural ; e dizendo este , presentes outros Religiosos , ou por lissonja , ou por cortezia , que conhecia aos pais do Irmão Fr. Gregorio , homens muito honrados , e estimados em Viseu , acudio logo o verdadeiro humilde : *Hermano , es señal que no has conocido mis padres , menos a mi , si la honra entiendes por la nobleza : porque mi padre fue remendon , y yo con un asnillo llevaba el estercol a unas huertas , con que ayudava a su sustento.* Acompanhou esta humildade com huma penitencia tão extremada , que nos lugares , por onde passava , deixava regos de sangue , que lhe corria das continuas , e asperas disciplinas , com que se macerava.

3 Teve hum Guardião , a quem defagradavão suas simplicidades , e por ellas o tratava com muita aspereza ; derão a este noticia que Fr. Gregorio se açoitava todos os dias com huma cadea de ferro , em que estavão quatro rosetas : e indo hum dia para a disciplina , lhe mandou o Guardião mostrasse as suas : deo-lhas elle ; e o di-

dito Guardiãõ lhas tomou ; e entendendo Fr. Gregorio o fim, por que lhas pedira, disse com sua costumada singeleza: *Hermano, son quairo, deme dõs, y quede-se con las otras.* Não quiz o Guardiãõ aceitar o partido, que lhe offerecia a santa simplicidade, antes asperamente o reprehendeo pela singularidade de sua disciplina, tomando da mesma virtude motivos para o mortificar, o que elle soffria com admiravel paciencia. Sobre a pureza de sua consciencia vigiava tanto, que das venialidades fugia, como de graves culpas, por onde não sahia de sua boca palavra ociosa, nem que cheirasse a leve mentira. Foi galante o que nesta materia lhe succedeo no Convento de Damão. Era elle Porteiro; e achando-se o Guardiãõ hum dia occupado, por estorvar visitas, que o impedissem, disse a Fr. Gregorio, que se alguém viesse perguntar por elle, dissesse que não estava em casa: veio o Reitor do Collegio da Companhia, e queria ver, e fallar ao Guardiãõ, perguntou por elle: Fr. Gregorio por não faltar à verdade, nem ao que se lhe tinha ordenado, repetio o mesmo, que o Guardiãõ lhe dissera: *Dize el hermano Guardian, que no está en casa: assi me lo ha ordenado dixesse a los que por su charidad*

preguntassen, porque tiene una ocupacion, de que no quiere que le diviertan. O Reitor, que já o conhecia, rindo-se, entrou, e foi andando pelos claustros: contou ao Guardiãõ o que lhe tinha succedido com Fr. Gregorio, edificado de tanta simplicidade, acompanhada de muita virtude, pois por não dizer, nem ainda huma mentira leve, referio as mesmas palavras do Guardiãõ.

5 Esta graça communicou Deos à sua simplicidade; que como era santa, não servia para o escarneo, e zombaria; senão para a edificação; porque se movia a riso, pelo que tinha de galante, tambem obrigava a lagrymas, pelo que trazia de devota. Foi-lhe tão affeçoado o Vice-Rei da India Mathias de Albuquerque, que nunca sahia de seus paços para a barra, ou outras partes, em que pernoitava, que o não levasse consigo: sobre meza lhe perguntou hum dia se sabia cantar. Sim, lhe respondeo Fr. Gregorio, e começou a cantar: *Llamò Dios al pecador, y dixo el vil, con el mundo metengo de ir, &c.* com tanta simplicidade, e força de espirito, que ao Vice-Rei foi de muita devoção, e aos circumstantes de credito de sua santidade. Entre outros casos de admiravel simplicidade, que lhe succedêrão com o dito Vice-

ce-Rei , referiremos sómente hum. Hia mudado de Goa para Chaul , foi-se despedir do Vice-Rei , que tinha humas cartas de importancia para os Capitães de Cidades, e fortalezas , por onde Fr. Gregorio havia de passar : entregou-as a Frei Gregorio , repetindo-lhe muitas vezes o cuidado, que as não perdesse , porque erão de importancia , que lhe prometteo de o ter mui grande. Fez sua jornada : não chegavão respostas ao Vice-Rei , que andava bẽm cuidadoso : passou-se tempo , atẽ que a mesma obediencia, que o levára a Chaul , o voltou a Goa : foi ver o Vice-Rei , que lhe disse : *Que fizestes , Fr. Gregorio , às minhas cartas , apostarẽi que as perdesstes ? No hermano , aun las tengo aqui , pues me las encomendaste tanto* ; e tirou-as da manga , e lhas deo , que como lhe recommendou tanto , que as não perdesse , pareceo-lhe que as não devia de tirar de si , nem as podia guardar melhor , que restituir-lhas outra vez. Quando estava fóra de Goa , escrevia muitas vezes ao mesmo Vice-Rei , e assim nos sobre-escritos , como dentro das cartas , dizia tantas simplicidades , que por recreação as mostrava a todos seus amigos.

5. Não lhe dava lugar sua simplicidade às cuidadosas at-

tenções do mundo , a todos tratava , e fallava igualmente sem differença de pessoas , porque a pequenos , e grandes chamava irmãos , e aos que mais attentamente ponderavão sua singeleza , soava-lhe melhor esta voz , que os mais honrosos titulos , que lhe podião dar. Estimavão , e folgavão conversar com elle , tal vez por aliviar-se hum pouco das peizadas lisonjas , com que outros enfastião. A tempos deixava os negocios da Mitra o Santo Arcebispo D. Gaspar , para com mais commodidade tratar os de sua alma com Deos : recolhia-se ao Convento Capucho de Goa , que elle havia fundado , e muitas vezes fallava , e conversava com o Irmão Fr. Gregorio.

6. Com toda esta simplicidade , que temos contado , não deixava de entender com superioridade os a pices de seu estado , e obrigações de sua Regra , que guardava exactissimamente , a que o conduzia sua limpa consciencia , e pureza da alma , que conservava no exercicio da santa oração , a que era mui dado ; e onde recebia muitos mimos do Senhor. No sobredito Convento de Damão quiz provar hum Guardião sua obediencia , para o que lhe disse em a noite de Natal : *Irmão Fr. Gregorio , toma hum pandeiro , vai ao Cruzeiro , baila , e can-*

canta ao Menino Deos em o seu presépio. Fr. Gregorio, parecendo-lhe a acção de rosas, sem replicar, sahio ao presépio, occupada a Igreja de muita gente de ambos os sexos, bailou, e cantou tantas endechas ao Menino nascido, que bem se conheceo que lhas ensinára o amor Divino. Em outro pudéra a acção mover a riso; em Fr. Gregorio causou devoção, e lagrymas, colligindo della os circumstantes sua muita santidade, e Deos dispondo estes meios para o fazer conhecido. Assim foi passando huma exemplar, e innocente vida acompanhada de muita abstinencia, e jejuns, com que macerou a carne, até que voltando para o Convento da Madre de Deos de Goa, onde tinha principiado naquella Provincia, partio a gozar o premio de suas virtuosas obras, como podemos crer piamente.

7 Divulgada sua morte na Cidade, acudio grande concurso do povo, que o veneravão por santo: acháão-se presentes a seu enterro o Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes da Ordem do grande Padre Santo Agostinho, e o Vice-Rei Mathias de Albuquerque, que prostrados por terra com grande veneração lhe beijáão os pés. O Chronista da Provincia da Madre de Deos, tratan-

do deste santo Religioso, depois de assentar que professára em huma das Provincias Capuchas do Reino, sem affirmar qual fosse, accrescenta que os indicios dizião que era a da Arrabida. Porém que fosse da nossa da Piedade testemunha o appellido de *Viseu*, que Fr. Gregorio tinha, pois tomarem os nomes das terras os Religiosos, foi sempre nesta, e não naquella, estylo inviolavel observado: de mais que por filho da Piedade o traz expressamente o Agiologio Lusitano, a quem se deve mais credito, que a leves indicios, que muitas vezes não sahem ajustados.

C A P I T U L O X L I .

Povoão nossos Frades o Convento de Malaca.

I **E**M o anno de 1518. deo principio ao Convento da Madre de Deos em Malaca Fr. João Baptista de Pezaro, Religioso da Custodia de S. Gregorio nas Filippinas; e assim para povoarem a este Convento, como ao de Macáo, a cuja fundação elle tinha assistido com outros Frades da mesma Custodia, procurou Religiosos das Provincias Capuchas de Castella. Tratava o Reverendissimo Gonzaga, então Ministro de toda a nossa

Ggg Or.

Ordem, de lhos enviar na fórma, em que Fr. João Baptista os desejava; mas como o soubesse ElRei Filippe II. de Castella, e primeiro dos intrusos neste Reino, escreveu ao Reverendissimo, que pois os ditos Conventos ficavão na Coroa de Portugal, os occupasse com Frades da mesma Coroa. Para cumprimento da carta do Rei passou o sobredito Geral pessoalmente a Portugal, entregou os dous Conventos com titulo de Custodia de Malaca à Custodia de S. Thomé, e para a prover de Religiosos enviou sua Patente pelas Provincias Capuchas do Reino. Dos que se lhe offerecêrão, escolheu dez da nossa Provincia da Piedade, e outros tantos da Arrabida; e mandando-lhes que em sua presença escolhessem de entre si hum em Custodio, convierão todos em Fr. Diogo da Conceição da sobredito Provincia da Arrabida.

2 Partirão do Reino em o anno de 1584. mas não em 13. de Janeiro, como o achamos escrito; porque ainda em 13. de Março encontramos ao Custodio delles recebendo da mão do Geral a Patente de sua Prelazia, e da creação da nova Custodia, como testemunha o mesmo Reverendissimo, que a deo, por onde nos fica mais provavel pormos a sua partida pelo

mesmo mez de Março, que assim nos accomodamos mais com a sobredito Patente, e tempo da monção. Dos vinte Religiosos sete forão em as náos de Goa; e os treze, em que entrava o Custodio, em huma Urca, demandarão a Malaca, onde chegarão com prospero successo a 5. de Outubro no mesmo anno. Forão recebidos do Bispo, Capitão, e povo com grandes festas, e alegrias: mostrarão a Patente, que do Geral levavão aos Religiosos Castelhanos, que habitavão o Convento, que com prompta obediencia o deixarão, recolhendo-se à sua Custodia de S. Gregorio nas Filippinas. Repartirão-se os vinte Religiosos pelos dous Conventos, e julgamos que a maior parte dos nossos da Piedade ficou em o de Malaca: dá-nos fundamento para formarmos este juizo o Padre João de Lucena, que fallando do seu Collegio em Malaca, assenta este testemunho: *a Muito depois fizeram os da Piedade huma Casa das suas, como hum tiro de bombardas fora da mesma Malaca.*

3 Com elles estavam alguns da Arrabida com o Custodio Fr. Diogo da Conceição; mas como a maior parte da Comunidade se formava dos da Piedade, a estes sómente nomeou o sobredito Author. E

ain-

In VII
Xaver
n. 6. c.

ainda que lhe attribue a fundação do Convento, sendo assim que quem a traçou, e lançou a primeira pedra, foi Fr. João Baptista Pezaro da Custodia de S. Gregorio, bem poderia ser que ficasse o Convento muito em seus principios, e imperfeito, e que achando-o assim nossos Frades, quando o forão povoar, o acabassem, dando-lhe perfeito complemento; e como lhe puzerão a ultima mão, forão tidos por seus Fundadores. Faz-se isto mais verisimel, attendendo ao pouco tempo, que correo desde que se lançou sua primeira pedra, até que os nossos Religiosos da Piedade entráram nelle, que foi desde o anno de 1581. até o de 84. e em trez annos não se acaba hum Convento, por pequeno que seja, principalmente se se faz de esmolas, como este.

4 Do que temos dito se vê, que o Chronista da Madre de Deos na India ^b cahio em dous consideraveis erros, e ambos contrarios à mesma fonte, donde bebo as noticias, que he a Chronica Geral do Reverendissimo Gonzaga. Foi o primeiro dizer-nos, que creados os dous Conventos de Macáo, e Malaca em Custodia, que tomou deste ultimo o nome, a entregára o Reverendissimo Gonzaga ao cuidado da Provincia da Arrabida, para que provef-

se de sujeitos: sendo assim que o mesmo Geral, que a erigio, nos diz em o seu livro, ^c que ^{Gonz. 4.p. pag. 1358.} a sujeitára à Custodia de São Thomé com os mais Conventos, que pelo tempo ao diante se lhe aggregassem; accrescentando que para assim o decretar, fora grande parte entender da carta, que o Rei lhe escrevêra, que a sua vontade propendia muito a que a sujeição assim se effectuasse. O segundo erro foi escrever que os vinte Frades, que forão do Reino povoar os sobreditos Conventos, erão todos da Provincia da Arrabida, dizendo-nos o mesmo Gonzaga que os escolhêra, não daquella Provincia sómente, mas das Descalças ^d ^{Ibidem.} do Reino; razão, por que quando quiz nomear o Custodio Fr. Diogo da Conceição, que os Missionarios por secreto escrutinio de entre si escolhêrão, advertio que era da Provincia da Arrabida; o que não fora necessario, a serem todos da mesma Provincia, pois vinha a ser a especificação superfluidade; e isto bastava para termos o contrario, ainda em caso, que elle não fallára com tanta clareza.

5 Trez Provincias Capuchas havia naquelle tempo em Portugal; a nossa da Piedade, a da Arrabida, e a de Santo Antonio: de todas trez enviou

Idem^e
pag. 1459.

o Reverendissimo Gonzaga Religiosos: das duas primeiras tomou os vinte para povoarem os dous sobreditos Conventos nos Estados da India, como temos dito; e da ultima escolheo seis para fundarem hum Custodia^e e nos do Brazil: como se vê nas Letras, que lhes passou em Lisboa no mesmo dia, mez, e anno, que aos primeiros. Assim dividio pelas trez Provincias estas Missões, porque de hum só não podia tirar tantos Frades, sem que lhe fizessem consideravel falta, pois as Capuchas apenas tem os que lhes são necessarios para a habitação, e serviço dos Conventos, quanto mais tantos supranumerarios. Que os nossos povoassem o Convento de Malaca, prova não só o testemunho do Padre Lucena, que assim puzemos, mas tambem o que refere o mesmo Chronista da Madre de Deos.

^f
Chron. cit.
c. 6. art. 2.

6 Quando vai a escrever o que obrarão alguns dos sobreditos vinte Religiosos nas Missões, que fizerão; nomea-^f os com esta differença; ^f a huns com os appellidos das terras, onde nascêrão; a outros com os de Santos: e cousa sabida he, que sendo estylo nas duas Provincias Capuchas tomarem os nomes dos Santos, a quem tem mais devoção, só na da Piedade (e hoje na da Soledade, que

sahio della) se dão a conhecer pelo sobre-nome das terras. Esta differença, que lhe foi bem patente, pudêra ao menos fazer-lhe alguma duvida, para assim inquirir com mais cuidado a verdade, antes de assentar hum propozição absoluta: que se a fidelidade, que devemos à Historia, nos obrigou a não aceitar-lhe os que em outra occasião nos dava, a mesma nos compellio agora a defendermos os que nos tira, como mostrámos com evidencia.

CAPITULO XLII.

Sahem do Convento de Malaca os Religiosos da Piedade Missionarios a diversas partes, e do que lá obrão.

Visto pois que os Missionarios não só erão da Provincia da Arrabida, mas tambem da nossa, resta-nos referirmos o que de suas Missões alcançamos. De quatro nos ficou mais expressa noticia; chamavão-se elles Fr. Bernardino de Marvão, Fr. Jorge de Viseu, Fr. Pedro de Arouca, e Fr. Manoel de Elvas. Fr. Bernardino de Marvão com outros trez companheiros da Provincia da Arrabida, Fr. Antonio dos Reis, Fr. Cosme da Annunciação, e hum Irmão leigo anonymo, sahirão do Con-
ven-

Fr. Bernardino de Marvão

vento de Malaca a dar o pregão do Euangelho na Ilha de Macassá, ainda que foi pouco o lucro de seu trabalho, por cahir o grão do Euangelho sobre pedra dura. Estava a Ilha inficionada do peccado infame, que clamou pelo fogo do Ceo sobre Sodoma, e Gomorra, e seus moradores tão barbaramente defrenados, que os moços, que servião a este execrando vicio, para serem conhecidos andavão sem armas, e rapadas as cabeças. Por esta causa, como os Frades não usavão de armas, e trazião a barba, e parte da cabeça rapada, erão mal ouvidos, e ainda convidados para o mesmo vicio, com que lhes foi necessario mudar os trajes com barba crescida, e espada na cinta. Nesta forma começárão primeiro a reprehender este vicio, com o exemplo das cinco Cidades consumidas, ameaçando-os com o fogo do Ceo; mas tinha-os o demonio tão cegos, que nenhum abalo lhes fazião os repetidos brados; o que vendo os Religiosos, lhes pareceo conveniente deixallos por outros, onde melhor se lograsse sua doutrina.

2 Melhor fortuna correu Fr. Manoel de Elvas nas Missões, que fez, porque foi muito o fruto, que dellas tirou: coube-lhe por sorte a grande

Ilha da Jaôa, foi a ella com mais trez companheiros todos da sua mesma Provincia da Piedade; Fr. Pedro de Arouca, Fr. Jorge de Viseu, Fr. Jeronymo leigo. Tanto que aportarão à Ilha, dividirão-se ^a em Chron. cit. duas partes; Fr. Pedro de Arouca com Fr. Jorge de Viseu forão à Cidade de Panaruca; Fr. Manoel de Elvas com o Irmão leigo à de Bolamboão, que dava o nome ao Reino, e era a Corte de seu Rei. Forão bem recebidos do Rei, permittio-lhes que pudessem prégar o Euangelho em suas terras livremente, e fundarem Igrejas para os novamente convertidos. O que mais abriu a porta à conversão de muitos, foi o desinteresse, com que os Religiosos se portavão; porque sendo-lhes offerecidos muitos dons, tudo engeitavão contentes com a esmola de alforje, que pedião, e ainda desta repartião com os pobres, e encarcerados, acção, que admiravão muito aquelles Gentios, como tão contraria à natural ancia, e propensão, com que todos vivem por adquirir.

3 A Rainha Mãi lhes cobrou tanta affeição, edificada do desprezo, com que lançavão de si ouro, e prata, e da piedade, com que acudião aos pobres, e de modo os favoreceo, que por ella todo o Reino se

reduzira à nossa Santa Fé, se o demonio, presentindo já o damno, que se lhe preparava, não movêra ao Rei, a que a fizesse matar com veneno, temendo-se que ella, a quem o Reino pertencia, o privasse do governo por suas tyrannias. Quatro annos se deteve Frei Manoel de Elvas com Fr. Jeronymo na Cidade, e Corte de Bolamboão, onde dos que por sua prégaação se convertião, baptizou seiscentos com o Principe filho do Rei, que se chamou D. Francisco, e pouco depois faleceo de bexigas. Tambem baptizou a dous Principes, pai, e filho, sobrinhos do mesmo Rei: ao pai poz nome D. Antonio; e ao filho D. Pascoal; e a sua mulher, a quem o tempo, ou descuido sepultou o nome. Em D. Pascoal poz lascivamente os olhos huma filha de ElRei, e prima sua; e porque o casto mancebo, como verdadeiro Catholico, não quiz cooperar com ella em seu appetite, qual outra mulher de Putifar ao innocente José, o perseguio gravemente, e com falsidades lhe maquinou a morte, arguindo-o com ElRei seu pai, que sem querer ouvir de suas defezas, o condenou a ella. Tudo soffreo mui conforme com a Divina vòtade, segundo a doutrina, que recebêra de Fr. Manoel de Elvas; e chegando

ao supplicio, disse para os algozes, que morria Christão, e era innocente na causa, por que o condenarão; mas já que aquella havia de ser a ultima hora, quizessem esperar hum pouco com a execução, que se queria encommendar a Deos. Pelo respeito à sua qualidade lhe concedêrão o que pedia: tirando elle então do pescoço o Rosario, de joelhos o rezou com muita devoção, e fôssego, e depois que o offereceo à Senhora Mãi de Deos, pedindo-lhe que se lembrasse de sua alma, com a mesma quietação, e serenidade disse aos algozes fizessem o que lhes aprouvesse. A's crizadas lhe tirarão logo a vida, segundo o decreto Real: e piedosamente podemos crer foi sua alma lograr o laurel de Martyr, pois morreo pela honestidade, não querendo consentir com o appetite desordenado da Princeza sua prima.

4 Depositou Fr. Manoel de Elvas o corpo defunto na Igreja, que em Bolamboão tinha feito, donde depois o trouxe para Malaca, e com funeral magestoso, assistido de todo o povo, e Clero, se collocou na Capella Mór do Convento da Madre de Deos dos Capuchos. Em quanto Fr. Manoel de Elvas se occupava em Bolamboão, nestas, e semelhantes conversões, não se descuidava

davão em Panaruca Fr. Pedro de Arouca, e Fr. Jorge de Vi-feu, de lavar a muitos das fezes da Gentilidade com a agua do Sagrado Baptismo. Edificá-rão tambem Igreja naquella Cidade, e entre as mais affinaladas conversões, que fez, foi a de hum sobrinho de ElRei, que era o principal ministro de seus idolos, de que os mais de sua profissão se mostrarão tão escandalizados, e sentidos, que o perseguirão por varios modos; o que o dito Principe tudo soffreo, até que deo a vida pela confissão da Fé Catholica, e com a palma de martyrio entrou triunfante ao logro da eterna Gloria. Daqui se levantou grande tormenta contra os quatro Religiosos; quatro annos estiverão prezos, padecendo muitos trabalhos, e sem duvida lhes derão a morte, se Deos os não guardára para Euangelizarem a Divina palavra a outros povos. Acabada sua prizão, voltarão para Malaca, donde tinham sahido, e dahi depois de outras varias Missões, que fizeram, acabarão louvavelmente suas vidas.

CAPITULO XLIII.

Eleições de dous Ministros Provinciales, e breve memoria de Fr. Thomé de Portalegre.

POr darmos logo junta a noticia, que alcançámos do que os nossos Frades obrarão na Índia, corremos com a Historia alguns annos adiante; agora pegaremos outra vez no fio della, tornando outros poucos atrás. Ficámos no triennio do Provincialato de Fr. Miguel de Abrantes, que chegou até o anno de 1554. nelle acabou seu Ministrado com satisfação, e agrado de todos; porque além de se haver em seu governo com grande prudencia em tudo o que dispu-nha, não era menor o exemplo, que de si dava: trez vezes que visitou a Provincia, foi totalmente descalço. Os Estatutos, e Ordenações della fez guardar com nimiedade, sem que em algum caso dispensasse, nem ainda em o menor delles; o que levavão bem os subditos, vendo o rigor, com que a si mesmo se tratava. Convocou os Vogaes para eleição do novo Ministro, destinando para a celebração do Capitulo o Convento de Santo Antonio de Estremoz, onde o Commissário Geral Fr. André da Infua se promettia achar. E assim foi, por-

1554

Chronica.
Provinc.
S. G. br.
l. 2. c. 41.

porque depois de presidir em o Capitulo da Provincia de S. Gabriel, ^a em o Convento de S. Francisco dos Majarettes da Villa de Valença de Alcantara, fez logo dalli caminho por Portalegre para Estremoz, lugar assinalado por esta causa para o Capitulo. Fez-se a eleição pelo mez de Outubro de 1554. e nella sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Pedro Tovinho, natural da mesma Villa de Estremoz, Religioso mui perfeito, uniformemente com o voto de todos, que a nenhum se escondia quão digno fosse deste officio. Publicada, como se costuma, sua eleição, se levantou logo o eleito do lugar onde estava, e prostrado diante do Commissario Geral, renunciou o officio, pedindo-lhe com lagrymas, e encarecidas palavras lhe aceitasse a renuncia, e procedesse a nova eleição, pois qualquer dos Vogaes, que alli estavam, erão mais benemeritos que elle. Insistião os Vogaes com seu parecer, pedindo ao Commissario Geral, que o confirmasse; mas poderão tanto as diligencias, que fazia Fr. Pedro, allegando que não estava capaz para visitar a pé trez vezes a Provincia, que não podendo o Commissario resistir a seus rogos, houve de lhe aceitar a renuncia.

2 Entrou-se a nova elei-

ção, e sahio eleito Fr. Peregrino das Sarzedas, Religioso de tanta perfeição, que foi bastante a mitigar a mágoa, com que os Vogaes ficárão pela renuncia de Fr. Pedro. Foi o decimo-quarto Ministro Provincial, que teve a Provincia; governou-a com muito acerto, edificação, e geral applauso, por ser grandemente zeloso da observancia de seus costumes, e santas ceremonias. Não temos porém noticia de cousa alguma de seu triennio, mais que no fim delle por commissão do Prelado Geral convocar a Capitulo em a nossa Casa da Assumpção da Vidigueira, onde se celebrou no fim do anno de 1557. Fizerão os gastos do Capitulo o Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama, e sua mulher Dona Guiomar de Vilhena, como Padroeiros desta Casa; em que mostrarão que era igual sua liberalidade à singular devoção, que nos tinham. Sahio eleito em Ministro Provincial Fr. João Castanho, natural de Estremoz, e foi decimo-quinto em numero. Em seu tempo, no anno de 1559. se celebrou Capitulo Geral em Italia no Convento de S. Bernardino da Cidade de Aquila pela festa de Pentecostes, onde foi eleito em Ministro Geral de toda a nossa Ordem o Padre Fr. Francisco de Zamora da Provincia de Car-

Fr. Pe-
grino d
Sarzed
Provin
14.

15
Fr. Jo
Castan
Provin

tagena. Para se achar neste partito o nosso Provincial Fr. João Castanho deste Reino; porém voltou brevemente, como o fizeram os mais dos Vogaes de Hespanha, por lhes faltar embarcação.

3 No fim de seu triennio, em o anno de 1560. pelo mez de Outubro, deixou a terra, por ir reinar em o Ceo, hum perfeito Religioso, chamado Fr. Thomé de Portalegre. Era elle Prégador por officio: estudava o mais util, e acompanhando ao estudo com seu fervoroso espirito, rogava, e reprehendia, com que chegou a alcançar gloriosas victorias em a conversão de muitos. Desterrou vicios, plantou virtudes com notavel aproveitamento dos povos, onde morava. Foi muitas vezes Mestre de noviços; officio, que exercitou tão bem, como se vio nos sujeitos, que por elle foram creados: alcançou tanto da oração, a que se dava de continuo, que o Padre Fr. Luiz de Granada, ainda que o não nomea, diz delle em o seu livro de Oração, que hum Frade da Provincia da Piedade, perguntando-lhe, o ensinára. Nesta recebo de Deos muitos favores; mas como era nas materias de espirito tão grande Mestre, sabia tão bem occultallos, que se lhe não conhecião. Muitas vezes se vião nelle sinaes

de favorecido do Ceo, porque sabia ao exterior a grandeza dos gostos, que na alma sentia; mas não se alcançava mais que estes indicios, por onde não podemos individuar os favores. Outras vezes o trazião para a cella sem sentido; e succedia-lhe isto mais ordinariamente, quando acompanhava aos noviços em os officios de humildade: alli ficava entre elles absorto, sendo necessario trazerem o os mesmos em os braços.

4 O rigor, com que se tratava, lhe tirava a saude, mas não lhe diminuía, antes lhe augmentava o espirito: e supposto que ordinariamente andava enfermo, em o ultimo de seus dias o visitou Deos com huma molesta enfermidade, para que a paciencia coroasse suas virtudes. A conselho dos Medicos o mandarão os Prelados para Portalegre sua patria; mas como o Senhor tinha já determinado dar-lhe o premio de suas santas obras, della o chamou para a dos viventes. Morreo em o sobredito mez, e anno, ainda com poucos de idade, mas de tanta perfeição, que dizião os Religiosos de seu tempo, que parecia ter chegado ao cume della. Alguns annos depois de sua morte, sendo Guardião naquella Casa de Portalegre Fr. Antonio de Lamego,

se abriu huma sepultura, para enterrarem nella hum Religioso, e achou-se dentro hum corpo inteiro, vestido em seu habito, sem lhe faltar cousa alguma, e sem averiguarem se era deste servo de Deos, (o que podião fazer facilmente) mandou o Guardião que o tornassem a cubrir de terra, onde ficou como estava de antes. Desta negligencia pôde o Leitor inferir outras, e eu ficarei desculpado em ser tão succinto no historiar a vida deste, e de outros Religiosos de virtude.

CAPITULO XLIV.

Do decimo-sexto Provincial, e de algumas cousas, que se ordenarão no Capitulo, em que foi eleito.

Nomeou por Visitador desta Provincia o Padre Geral Fr. Francisco de Zamora, a hum Religioso grave, chamado Fr. Manoel Cuchilla, Castelhanõ de nação; não sabemos porẽm, de que Provincia. Depois da Visita della convocou a Capitulo em o nosso Convento da Assumpção da Vidigueira por petição dos Condes desta Villa, que querião fazer os gastos delle, como tinhão feito os do passado. Congregárão-se os Vogaes no dito Convento por dia de to-

dos os Santos do anno de 1560. e entrando à eleição, sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Christovão de Abrantes. O Commissario Visitador, que por ausencia do Ministro Geral presidia em o Capitulo, confirmou logo ao novamente eleito, que foi o decimo-sexto, que teve a nossa Provincia da Piedade. Neste Capitulo se instituirão muitas cousas concernentes ao bom governo da Provincia, e a primeira foi extinguir-se de todo o ponto, o que o Padre Insulano introduzio, quando em o Capitulo de Val-verde dividio a Provincia em duas Custodias, como fica dito. Doze annos havia, que se tinha observado a ordem de governar introduzida pelo dito Padre, ainda que os nossos Frades procurarão logo no principio atalhalla; pois não era necessario muito para se saber as inconveniencias, que trazia consigo semelhante modo de governo. Era não ser na Provincia da Piedade, onde os Religiosos procurão mais obedecer, que mandar, tal vez mostrará a experiencia, quão pouco acertada fora a instituição de dous Prelados superiores, demais do Provincial. Vio-se o que podia succeder, mas não se experimentou o damno. O durar tanto aquelle modo de governo, sendo violento, foi porque como o Padre

dre Fr. André da Infua governou a Ordem doze annos, feis de Ministro Geral, e outros feis de Commissario Geral, foi forçoso durar o mesmo tempo aquella sua disposição, ainda que os Padres reclamavão em contrario. Por isso logo que acabou seu governo, que foi em o anno de 1559. no Capitulo Geral de Aquila, em o primeiro Capitulo, que a Provincia teve, que foi este da Vidigueira, se extinguiu aquelle modo de governar. Para remedio do inconveniente, que o Padre Infulano dizia, se podia seguir de estar o Provincial ausente em alguns casos repentinos, que succedessem, por cuja causa instituiu dous Custodios; determinou o Capitulo, que em lugar delles houvesse quatro Commissarios, a quem o Provincial commettesse toda sua authoridade; restringida porém só para aquelles casos, que no mais erão subditos dos Guardiães dos Conventos, onde moravão. Instituirão-se quatro Commissarios, por respeito de quatro Provincias, por onde os nossos Conventos estão espalhados, que são, Alentejo, Algarve, Beira, e entre Douro, e Minho. Este governo dura ainda hoje, porque além de ser mais facil, não tem nenhum inconveniente.

3. Tambem se fizerão neste Capitulo novos Estatutos,

dos quaes ainda hoje se guardão a maior parte delles, deixando alguns, que pela variedade dos tempos, tambem se variarão. Encommendarão os Vogaes ao Ministro Provincial Frei Christovão de Abrantes, que fizesse hum Ceremonial, ou Ordinario, por onde os Frades se governassem em a celebração do Officio Divino, o que elle logo poz em effeito: região-se por elle os Frades, atè que sahio o Breviario Romano reformado. Mandou o Provincial (o que tambem se poz por Estatuto) que nenhum Religioso, salvo algum enfermo, de licença sua, pudesse usar de sandalias, nem trazer outra alguma cousa em os pés, ainda quando andassem pelos caminhos. Pelo que todos os Vogaes, concluidas as acções Capitulares, sairão da Vidigueira para os seus Conventos totalmente descalços, deixando a hum canto todas as sandalias, que tinham levado, que não foi de pequena edificação para quem pelos caminhos encontrava Frades vellos com os pés cheios de sangue, e retalhados do caminho. Foi este Provincial muito prudente em seu governo, e hum dos mais celebres, que teve a Provincia; porque além de seu grande talento, era igual o zelo, que tinha da Religião; por humma cousa, e outra foi mui aceito

ao Cardeal D. Henrique, e por sua ordem Commissario Geral em este Reino.

4 Visitou tambem, antes que fosse Commissario Geral, a Santa Provincia de S. Gabriel, a onde por ausencia do Padre Fr. André da Infua, então Commissario Geral da Familia Cismontana, presidio a seu Capitulo. Nelle privou de voto ao Provincial, que acabava, que era Fr. João de Espinosa, de que o Author do Memorial daquella Santa Provincia, e o Chronista della se dão por sentidos, dizendo que não procedêra naquella acção justificado. Dizem porém que não obrára aqui o Visitador por proprio dictame, senão como Ministro do Prelado Geral, que não gostou da eleição, que os Vogaes fizeram em Fr. João de Espinosa. O cargo, que lhe deo, quando o privou de voto, foi, dizem elles, consentir que usasse o Bemaventurado S. Pedro de Alcantara de hum Breve Apostolico, que tinha, para retirar-se da vida Conventual a fazer vida solitaria, e heremitica, fóra da clausura dos Conventos. Isto diz o Author do Memorial, e a Chronica da Santa Provincia de S. Gabriel, e he forçoso dar satisfação a quem os ler.

5 Primeiramente he de saber, segundo dizem os Autho-

res citados, que quando sahio eleito em Provincial Fr. João de Espinosa, o Commissario Geral Fr. André da Infua, que presidio em sua eleição, não a levando a bem, persuadio aos Vogaes, que votassem em outro, e ao novamente eleito que renunciasse. Porém como os Vogaes não quizessem proceder a nova eleição, antes pedião que confirmasse ao eleito, foi forçoso ao Commissario Geral o confirmallo, porque não achou causa para annullar a eleição. De sorte, que segundo estes Authores, ao mesmo Provincial, cuja eleição hum Prelado superior, e tal qual foi o Insulano, não pode impedir, por não achar causa, ainda que com diligencia procurou fazella, depois privou de voto hum seu Delegado, dando-lhe por culpa, o consentir usasse o Santo Frei Pedro de hum Breve Apostolico. Difficultosa cousa de crer. Quem se persuadirá, que podendo tão pouco hum Prelado Geral, pudesse acabar tanto hum seu inferior, que privasse de voto a hum Provincial sem causa, e que tão facilmente se viesse nisto, havendo tão grande resistencia no primeiro encontro, sendo maior a força? Nem se póde presumir da religião de Fr. Christovão de Abrantes, que por fazer as partes ao Commissario Ge-

Geral, castigasse tanto sem causa, e tão gravemente, como foi privar de voto a hum Provincial: como nem tambem de seu grande talento dar semelhante cargo, pois lhe podia vir muito damno de castigar o consentir-se que se dêsse à execução hum Breve do Pontifice, quando não reparára em outra cousa, não era necessario muito discurso para prever o perigo, a que se expunha. Estas razões nos fazem suspeitar, que não foi a causa, a que aquelles Authores apontão, outra devia de ser mais bem fundada; que supposto aquelle Prelado era santo, não he só a santidade a que precisamente basta para o governo: bem pôde ser boa a tenção, e não corresponder a ella o successo. O que eu sei he, que o Santo Fr. Pedro de Alcantara, como ^b diz o Author da quarta parte da Chronica Geral da Ordem, teve em seu governo muitos contrarios, pelo julgarem demaziadamente rigoroso, e tal vez que aquelle seu retiro fosse diligenciado por estes: não digo isto assertivamente, ainda que sem que fosse temeridade o podia dizer, porque não falta quem diga, que por desejo de mais quietação, e sossego fizera o Santo Fr. Pedro aquella mudança. Nem he minha tenção dizer, que em o nume-

ro dos oppostos ao Santo Fr. Pedro entrasse o Provincial, a quem o Commissario Visitador privou de voto, porque bem sei que foi Varão mui regular, e perfeito; porém como foi mui brando, e hum bemdito, ^c como lhe chama o Padre Moles, causa, por que o Insulano não gostou de sua eleição, facil cousa era deixar-se levar do que lhe persuadissem, presumindo que acertava, e esta tal vez seria a causa de o privarem do voto. Com mais razão nos pudemos nós queixar, e mostrar sentidos, de se pôr esta nota em o proceder de hum Religioso tão perfeito como foi Fr. Christovão de Abrantes, que se diga delle, que por fazer as partes ao Commissario obrasse tanto contra a razão por hum cargo, que só o podia ser de quem o dêsse.

610 Continuou Fr. Christovão de Abrantes em seu officio, e no acerto, com que o começára a administrar. Em seu tempo se mudou o Convento de Lagos para outro sitio, por ameaçar ruina o primeiro, ficando nelle hum Hermida conservando o titulo de nossa Senhora do Loreto, que o Convento tinha, e dedicando-se o novo a nosso Padre S. Francisco, como hoje se chama.

^c Mol. ubi sup.

CAPITULO XLV.

Do servo de Deos Fr. Bartholomeu de Bragança.

Cuidarão mais nossos antigos Padres de serem Santos, que Historiadores, e assim nos vemos faltos de noticia, havendo tanta santidade: não causava esta admiração, por ser quasi em todos ordinaria, e assim a não punhão em escritura; só sabemos o pouco, que por maior ficou na memoria aos que immediatamente lhe succedêrão por relação. Digo isto, porque o pouco, que acho escrito do servo de Deos Fr. Bartholomeu de Bragança, mostra bem o muito, que d'elle haveria que eicrever, se nos ficára mais alguma lembrança daquelle antigo, e ditoso tempo; porém do que referirmos infra o Leitor o mais, que huma cousa suppõe evidentemente a outra.

2 Foi este servo de Deos natural de Bragança, como mostra seu appellido; segundo antigo costume desta Provincia. Do mundo o tirou Deos para a Religião de nosso Padre S. Francisco, onde tomou o habito entre os Conventuaes; com os quaes viveo muitos annos; não temos porém noticia de cousa particular, que nelles lhe succedesse. Sendo já pro-

ucto na idade deixou a Conventualidade, havida primeiro licença de seus Prelados, e passou-se a esta Provincia, na qual servio a nosso Senhor com tanto fervor de espirito, e mortificação da propria vontade, que chegou a ser perfeitissimo Varão, e Religioso de grande exemplo. Desorte abraçou os rigores, e louvaveis ceremonias da Provincia, que supposto veio já a esta de idade crescido, parecia ter-se creado nella. Dotou-o Deos de huma columbina, e santa simplicidade, de modo que nunca julgava, nem presumia mal do proximo; ainda que visse claras demonstrações, ou indicios vehementes: a todos tinha por virtuosos, e santos, e a si proprio por inutil, e imperfecto. Todo seu estudo era vacar à oração mental, em que gastava a maior parte da noite: levantava-se sempre às dez horas, e posto em oração, esperava que os Frades viessem a Matinas; com os quaes devotissimamente as rezava: assistia com elles no quarto de oração, tomava disciplina nos dias affinalados, e depois de tudo isto ficava vigiando até dadas as cinco de manhã, no qual tempo se recolhia hum breve espaço para a cella, até tornar a Prima.

3 Nem se contentava só em gastar as noites com Deos, tam-

^a Agiol. Lu.
Junho 1.
liter. D.
Alvaro
Lobo Tr.
rado das
Religiões.

tambem lhe dava a maior parte dos dias; foi visto muitas vezes em extase, privado de seus sentidos corporaes, porque os tinha em Deos todos occupados. Huma vez succedeo, estando doente na enfermaria, soltar tão grandes brados, que acudindo a elles o Religioso enfermeiro, por ver se queria alguma cousa, o achou levantado no ar com os braços abertos transportado no Ceo: o que conhecendo, por não eltorvallo, sahio para fóra, deixando-o naquella mesma fórma, em que o achára. Por esta virtude de andar sempre orando, e por ser sobre tudo muito humilde, foi mui perseguido do principe das trévas, o qual lhe apparecia muitas vezes em fórma humana: outras em diversos, e horrendos animaes: fazia-lhe muitas travessuras, e zombarias, a fim de o tirar desta união com Deos. Ao principio dava grande turbação ao fervo de Deos ver diante dos seus olhos o demonio, e em figuras tão medonhas, como lhe apparecia; porém depois veio a fazer d'elle tão pouco caso, esforçado, e confiado na Magestade Divina, que achando-o muitas vezes, quando se recolhia para a cella, deitado em sua propria cama, lhe dizia: *Demonio, chega-te para, lá dá-me lugar*; e obedecendo-lhe o

demonio, se deitava juntamente com elle.

5 Em resolução, vendo-se o inimigo desprezado, cousa que grandemente sentia, chegou a fugir do santo velho como da Cruz; mas nem por isso deixava de buscar traças para o divertir da oração, como succedeo morando no Bom Jesus de Val-verde. Foi o caso, que estando Fr. Bartholomeu em a oração em companhia dos mais Religiosos, viu o demonio da maneira, que já antigamente o tinha visto Santo Antão, segundo escreve Santo Athanasio, ^b In vit. PP. em fórma de hum nigrinho muito feio, pequeno, e desprezível. Andava o demonio mui solícito ao redor de hum Frade mancebo, que estava orando de joelhos: chegava-se a elle com muita brandura, e à maneira de huma mãe, quando no berço acalanta o filho para tomar o somno, lhe fazia muitas caricias, e afagos, até que o fez assentar, e dormir. Fr. Bartholomeu, que estava vendo tudo, de tal forte foi provocado a riso, que os Frades se admirarão; e cahindo logo na traça, pois com aquelles momos não só perturbava o demonio a outrem, mas tambem a elle, tornou sobre si tão compungido, que levantando em continente o espirito a Deos, chorou muitas lagrymas, ficando advertido

^b In vit. PP.
l. i. vit. S.
Anton.
Abbat.

do para outro dia. Sahidos dalli, manifestou aos Religiosos o que vira, e em particular, ao vencido do somno, dizendo-lhes fizessem muito por desterrar de si o somno na oração, se não querião cahir em tentação do inimigo. Finalmente depois que viveo nesta Provincia o restante da vida em perpetua oração, e penitencia, morando em o Convento do Bosque, pelos annos do Senhor 1560. se foi ao descanso eterno, deixando mui faudosos a todos, que se acháráo presentes a seu glorioso transito.

5 Quasi pelo mesmo tempo, e na mesma Casa do Bosque trocou a presente pela melhor vida outro perfeito Religioso, que deixou de si grande memoria, por serem grandes as virtudes, em que resplandece, antes, e depois que viveo nesta Provincia. Chamava-se elle Fr. Gil de Alvito: recebeo tambem o habito entre os Conventuaes, e entre elles viveo alguns annos, sem querer aceitar nenhum officio da Ordem, supposto o querião fazer Prelado algumas vezes. Desejava dar-se tanto ao Senhor, que por não gastar o tempo em outra cousa, nem ainda quiz ser Confessor de seculares, parecendo-lhe que tambem este officio podia estorvallo, e divertillo. Não havia gloria nes-

te mundo para elle, como estar recolhido, e solitario, communicando com Deos, unica esperança de todos seus desejos. Por esta causa, deixando os Conventuaes, se passou a esta Provincia, pela noticia, que tinha do recolhimento, oração, e observancia de seus Religiosos, e procedeo sempre nella com tanta mortificação, e penitencias, que quando em esta Casa do Bosque morreo, deixou nome de grande servo de Deos.

CAPITULO XLVI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Castello-Branco.

1 **H**Um dos principaes Conventos, que esta nossa Provincia tem no Bispado da Guarda, he hum dedicado a Santo Antonio, junto à Villa de Castello-Branco. Está situado pouco distante desta nobre Villa, mettendo-se em meio sómente hum formoso campo, que nas tardes de Verão faz a sahida para o Convento bem assombrada, e aprazivel. Tem competente cerca, pomar, e horta, agua de fontes perennes, huma, que na mesma cerca nasce, outra, que por canos de fóra vem sahir ao Convento em huma fonte de pedra, bastantemente lavrada, don-

donde derivando-se para tanques, onde se recolhe, serve de regarem tudo o que convem com ella. He o sitio da Casa algum tanto enfermo, assim pelas aguas não serem muito boas, como por ficar já fora da Região da Beira, sujeito a grandes calmas de Verão, com poucos defensivos para ellas; porém não o he tanto, que se tenha pela mais enferma, outras ha neste particular, que se lhe aventajão.

2 A fundação deste Convento foi, que vindo de Roma, onde tinha ido dar obediencia ao Summo Pontifice Pio IV. novamente eleito por mandado de ElRei D. João III. D. Fernando de Menezes, ^a Commendador, e Alcaide Mór da mesma Villa, pedio à Provincia o quizesse aceitar, obrigando-se a lho dar à sua custa todo acabado. Aceitou o Provincial, que então era Fr. Christovão de Abrantes, a offerta: lançou-se a primeira pedra segunda feira depois da Dominica *in Albis*: começárão-se as obras em o anno de 1562. que com brevidade, pela muita diligencia, que lhe derão, se acabárão. Na Capella maior da Igreja tem o dito Fundador sepultura, e sua mulher Dona Philippa de Mendça, com letreiro, que o declara. Forão toda a sua vida devotissimos da Provincia, acudindo com extraor-

dinaria liberalidade ao necessario do Convento; hoje se conserva o Padroado em a Casa de Atougua por casamento de Dona Maria de Mendça, segunda neta dos Fundadores, com o Conde daquella Villa.

3 A devoção da gente de Castello-Branco, e seus derredores he muito grande, a todo o tempo acodem liberalmente com suas esmolas, achando a troço dellas em este Convento grandes riquezas espirituaes para suas almas; porque além das muitas Indulgencias, que ha em todas nossas Igrejas pelo decurso do anno, como em as festas da nossa Ordem, e outras semelhantes, temos em esta duas em fórma de Jubileo, com liberdade para se eleger Confessor, o qual pôde absolver de casos reservados, e commutar votos (poucos exceptos.) As mesmas Indulgencias se concedem aos que contritos entrarem na Igreja: posto que se não confessem, mas só tenham tenção de o fazer, quando os obriga o preceito da Igreja, rogando a Deos pelo augmento della, conversão dos hereges, e união dos Principes Christãos. Foi isto concedido para sempre por huma Bulla do Summo Pontifice Pio IV. expedida a dous de Setembro de 1565. e quinto de seu Pontificado, cujo original se guarda em o Arquivo

do mesmo Convento. Hum dos Jubileos he na festa de Santo Antonio, outro no dia da Invenção da Santa Cruz, da qual está em o Altar Mór huma insigne reliquia, engastada em huma Cruz de prata, e veneravelmente collocada em hum Sacrario feito para este fim, à parte do Euangelho.

4 E porque no dia desta festa, e no da Exaltação em Setembro se mostra a Reliquia ao povo, costuma nelles haver grande concurso de gente, que vem adoralla. O mesmo acontece tambem na festa das onze mil Virgens, porque no mesmo Altar à parte da Epistola, em outro Sacrario, está a cabeça de huma dellas com letras testemunhaes de Otho Turches de Velarbuch, Bispo Salienfe, Cardeal de Augusta, em que faz certo que esta cabeça foi tirada da Aurea Camera de Santa Cecilia de Colonia, e ser de huma das ditas Virgens, das quaes está alli a maior parte. Trouxe-a de Roma o dito D. Fernando de Menezes, primeiro Padroeiro desta Casa: e porque na Villa havia huma antiga Hermida dedicada a Santo Antonio de Padua; para que a devoção della não impedisse, a que se podia ter ao nosso Convento, houve tambem hum Breve do Summo Pontifice dado em Roma a quinze de Dezem-

bro do sobredito anno, em que Sua Santidade mandou que se não chamasse mais aquella Hermida de Santo Antonio; mas que entregando todos os ornamentos, e cousas pertencentes a ella aos nossos Religiosos, se chamasse dahi em diante de Sant-Iago, porque elle a dedicava a este glóriofo Apostolo.

CAPITULO XLVII.

Do decimo-setimo Ministro Provincial: e de hum Religioso de approvada vida, que acabou em seu tempo.

I **O** Exercício ordinario, que tinha Fr. Christovão de Abrantes, quando o buscáram para Provincial, era a oração, e contemplação, a que não só se dava continuamente, mas tambem tinha escola della, como diremos quando historiarmos de sua vida. E como a visita, e mais pensões dos negocios, a que forçosamente havia de acudir pelo officio, que tinha, lhe levasssem muito tempo, que elle não avaliava por bem gastado, senão era naquelle seu antigo, e santo exercício, saudoso deste se resolveo a renunciar o Provincialato, e recolher-se em huma Casa, onde em contemplação do Ceo passasse o restante da vida. Estava neste tempo o Re-

verendissimo Padre Geral Fr. Francisco Zamora em o Concilio Tridentino; tinha deixado por seu Commissario sobre todas as Provincias de Hespanha a hum Religioso chamado Fr. Affonso Ferrer. A este deo noticia de sua resolução, pedindo-lhe aceitasse a renuncia, e viesse, ou mandasse presidir na eleição do novo Ministro. Respondeo o dito Commissario conforme ao desejo do nosso Provincial Fr. Christovão, dando-lhe esperanças de fazer brevemente o que lhe pedia, assistindo pessoalmente em a nova eleição; porém retardou-a tanto, que supposto o Provincial lhe fez este aviso aos dous annos andados de seu officio, elle não entrou na Provincia, senão hum mez antes de acabado o triennio; com que foi forçoso a Fr. Christovão ter o governo della todo aquelle tempo.

2 Chegou finalmente o Padre Commissario, convocou os Vogaes para o nosso Convento de Santo António de Coimbra, onde pela festa de nosso Padre do anno de 1563. procedendo à eleição, sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda; e foi o decimo-setimo em numero, dos que teve a Provincia. Era elle actualmente Guardião daquelle Convento, onde se celebrou

o Capitulo: foi dotado de muita prudencia, e virtude, pela qual a Infante Dona Isabel, mulher do Infante D. Duarte, filho de ElRei D. Manoel, o escolheo por seu Confessor; e depois de sua morte o foi tambem da Senhora Dona Catharina, sua filha, mulher do Duque D. João, primeiro do nome na Serenissima Casa de Bragança. A primeira cousa, em que entendeu o Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, depois de concluidas as acções Capitulares, foi no reparo da Casa do Bom Jesus de Barcellos, que tinhamos recebido dos Padres Conventuaes, que além de ser demaziadamente pequena, e capaz de poucos Frades, ameaçava tambem ruina. Reedificou-se toda de novo em hum lugar pouco mais abaixo da antiga Hermida, onde os dous Hermitaes, seus Fundadores, como temos dito, ^a estavam enterrados. Forão trazidos seus ossos para a nova Igreja, acabando-se tudo perfeitamente em o anno de 1567. No mesmo tempo, que continuavão as obras deste Convento, deo tambem o mesmo Ministro principio à reedificação do de Santo Antonio de Aveiro; que supposto não havia mais que quarenta annos que fora fundado, pois tantos vão do de 1524. até o de 64. com tudo já tinha

Supr. l. 2.
c. 12. n. 7.

necessidade de reparo, por ser,
 como os mais daquelle tempo,
 por extremo pobre.

3. No seguinte anno depois do da eleição do Ministro Provincial Fr. Jeronymo da Guarda, passou desta vida caduca, e temporal aos gostos da eterna, e perduravel hum dos perfectos Religiosos, que em seu tempo teve a Provincia. Cha-

mava-se elle Fr. Affonso de Portalegre, Sacerdote dignissimo, tratando, e celebrando os Divinos Mysterios com huma Angelica ^b pureza, para effeito do qual trazia ordinariamente mortificados todos os sentidos. A vista trazia sempre na terra, especialmente fallando com mulheres, a quem nunca levantou os olhos, nem vio o rosto, seguindo o conselho de Deos por Ezequiel, que manda que apartemos da vista tudo aquillo, que póde offendella. De todas

as pessoas seculares fugia, evitando sua conversação, quanto lhe era possível; e se não podia deixar de fallar-lhes, era com tão poucas palavras, e tal exemplo, que a todos deixava edificados, e com grande opinião de sua virtude.

4 Foi na abstinencia singular, porque não comia mais que huma vez no dia; e ella com tanta temperança, que não dava a seu corpo mais que huma limitada refeição, que bastava para sustentar a vida.

tasse fômente para não cahir com a pezada carga das penitencias; que lhe punha. O seu recolhimento era tão particular, que raramente sahia da cella fóra daquelle tempo, que o chamava a obrigação de assistir em as Communidades com outros, a que acudia com estremada promptidão. Todo o mais, que desta lhe ficava, gastava orando em seu recolhimento, com tanto sossego, e quietação, como quem das cousas do mundo vivia totalmente esquecido, representando em seu modo de vida outro São Paulo, ^d que vivendo na terra, sua conversação era no Ceo. Affirmava hum Religioso, que morou com elle, que todas as vezes que o buscava, o achava em a cella com a porta, e janella fechadas, posto a hum canto em contemplação: assim orava ao Eterno Padre, como aconselha o Euangelho. ^e Como era tão contínuo na oração, muitas vezes se arrobava com subidos extases.

5 Estando morador em o
nosso Convento de S. Francis-
co de Lagos, Cidade no Rei-
no do Algarve, enfermou de
hum perigosa postema, de que
o curava hum devoto Cirur-
gião, chamado Antonio Cor-
dovil: visitava-o este muitas ve-
zes, pela devoção que lhe ti-
nha. Succedeo hum vez que

Fr. Affonso de Portalegre.

b
Daça 4. p.
l. 3. c. 75.
Alvaro
Lobo Tra-
dad. das Re-
ligiões.
pag 102.
Fr. Artur
Julho 8.
Agiolog.
tom. 2.
Mar ç. 27.
liter. D.

Ezech.
c. 20. n. 7.

^d
Ad Philip.
c. 3. a. 10.

Matth.
c. 6. n. 6

vin-

vindo este Cirurgião curallo, abrindo a porta da cella, onde estava o enfermo, o viu com as mãos, e olhos erguidos ao Ceo, o rosto cheio de formosura, e resplendor, o corpo levantado no ar, posto em forma de quem está de joelhos. Esteve assim suspenso por hum espaço no que via; e vendo que estava todo absorto, sem dar fé de nada, se sahio fóra, deixando-o lograr aquellas dulcissimas affluencias. Dalli a duas horas tornou outra vez ao Convento, e perguntando-lhe o enfermo como o não tinha visitado mais cedo, respondeo o Cirurgião, que sim visitára, e vira muito bem como estava. Entendeo Fr. Affonso o que tinha passado, pediu com muito encarecimento ao Cirurgião que não manifestasse o que tinha visto, em quanto elle vivesse, imitando assim a humildade do Filho de Deos, que descendo do monte encommendou *sua* a seus

n. 9. Apostolos não descubrissem antes de sua morte que o tinham visto nelle transfigurado. Prometteo-lhe o Cirurgião de assim o fazer, e assim o cumprir; pois para dar este testemunho, inquirio primeiro se o servo de Deos era morto. Outras muitas vezes foi visto em extase mental, porque depois que huma vez gostou, e viu quão suave he o Senhor, co-

mo diz o Profeta *g* Rei, não se podia apartar daquelle *ne-ctar* Divino, com que este Senhor sustenta na contemplação a seus mimosos. E assim testemunha aquelle Religioso, que affirma dissemos, que sempre o achava na cella recolhido, que as mais das vezes, que nella entrou, o achava absorto, e totalmente alienado dos sentidos.

6. Nestas occupaões, e santos exercicios de muita penitencia correu este Santo Religioso por esta vida mortal sua carreira, até que ultimamente foi morador para a nossa Casa de S. Francisco de Chaves, aonde claro por virtudes, e cheio de grandes merecimentos, passou ao Senhor a receber o premio delles. Tanto que entrou em artigo de morte, a quem a sua vida Angelica tirou as agonias, que outros sentem nesta hora, continuamente repetia aquella oração de Completas: *Visita, quæsumus Domine, habitationem istam*. Pedio ao Guardião com profunda humildade, que para sua consolação o mandasse tirar da cama, onde estava, e lançar na terra nua, onde como pobre acabasse, à imitação de nosso Padre S. Francisco, de quem lemos *b* o mesmo. Concedeo-se-lhe a petição, e apenas o puzeram em terra, repetida aquella

Psalm. 33. vers. 9.

b
Chron.
Ord. 1. p.
l. 2. c. 70.

la oração, que fica referida, foi gozar de seu Creador. Seu corpo foi sepultado em o claustro defronte do Capitulo. Pouco depois da morte de Fr. Afonso de Portalegre em Chaves passou também em Borba à melhor vida outro perfeito Religioso chamado Fr. Basilio do Redondo. Era elle leigo de profissão, por extremo tão humilde, que lhe chamavão os Frades de seu tempo raro exemplo de humildade. Igualmente se assinalou também em a propria mortificação, pois de tal sorte trazia mortificados os sentidos assim interiores, como exteriores, que de todo parecia estar morto ao mundo. Nestas virtudes, tão principaes a hum Religioso, perseverou Fr. Basilio por todo o decurso de sua vida, atè que foi tomar posse da eterna.

CAPITULO XLVIII.

Virtuosa vida de Fr. Francisco de Thomar.

FOi Fr. Francisco de Thomar natural da Villa, que nos inculca seu proprio nome: não nos ficou noticia de quem fossem seus pais; mas se pelo fruto se conhece a arvore, bẽ podemos presumir serião bons Christãos, e virtuosos, pois tiveram hum filho

tão Religioso, e perfeito. Em o anno de 1550. tomou elle o habito de nosso Padre S. Francisco em esta Provincia, no Convento antigo de Elvas, para Frade leigo. Com elle trouxerão os demonios toda a vida guerra descuberta, apparecendo-lhe visivelmente em varias fórmas, e horriveis figuras, chegando algumas vezes a lhe porem as mãos, e darem tormentos. Tão de véras logo depois que tomou o habito, se começou a dar a Deos, e com tanto fervor a exercitar a virtude, que entre Varões perfectos era já o exemplar, sendo noviço. Invejoso o demonio de tanto aproveitamento, entendendo aquelles sinaes por presagio de sua futura santidade, logo o começou a perseguir, permittindo-o Deos nosso Senhor, e dando-lhe licença para isso, como deo contra o Santo Job, para que assim se apurasse, e descobrisse ao mundo sua virtude.

O primeiro combate dos que sabemos de o inimigo da Fr. Francisco, foi, que neste mesmo anno do noviciado, sendo elle despertador, e indo hum noite, depois de ter despertado os Frades a Matinas, buscar à Capella luz para o Coro, ouviu que à porta da Igreja estavão batendo rijamente, e perguntando quem era o que ba-

batia ; respondeo o demonio : *Se era elle o noviço de Thomar , que havia pouco tempo recebêra o habito. E como o noviço diffesse que elle era , tornou o demonio : Pois sabe , que eu sou hum homem de tua terra , manda-me cá tua mãe dizer-te que lhe acudas a suas necessidades , que está em grande trabalho , e afflicção ; porque teu pai he morto , e ella se vê pobre viuva , e desamparada. Morreo tambem tua mãe fulana , a qual te deixou toda sua fazenda , se saberes da Religião : por onde na tua mão está o remedio de tua mãe , se queres acudir-lhe , o que deves fazer como filho. Com isto lhe fingio tantas lastimas , e disse tantas palavras , e razões , como elle sabe pintar muito bem , que a qualquer peito , por duro que fosse , abrandaria de compaixão , e faria desistir seu bom propósito a não ser tão constante , como o de Fr. Francisco. Considerando o servo de Deos hum pouco no que ouvia , alumeado deste Senhor entendendo que o mensageiro era o demonio , e com grande fé , e espirito lhe disse : Da parte de Deos todo poderoso te mando enganador inimigo , que não te hulas dahi , e fiques prezo , até o Guardiãõ desta Casa te mandar o contrario.*

3. Dito isto , se foi com a luz para o Coro , e aquelle , que

com voz humana , e intelligivel tinha dado a embaixada , se tornou em hum feroz raseiro , e ficou alli como prezo com fortes cadeas , dando repetidos , e temerosos uivos. Começãrão os Frades a rezar Matinas , e como o demonio não desistisse de ladrar tão fortemente , que dava turbação aos Religiosos , que rezavão , o Guardiãõ disse a Fr. Francisco : *Ide , Irmão , lá abaixo , e lançaí dalli aquelle raseiro.* Respondeo elle com huma santa simplicidade : *Irmão , não he raseiro , mas he o demonio , que cuidou de me enganar , e agora está alli prezo , e sujeito a vosso mandamento.* Não advertio bem o Guardiãõ no que lhe disse o noviço , e assim tornou : *Seja o que for , lançaí-o dalli fóra.* Então Fr. Francisco se chegou da parte de dentro à porta da Igreja , e disse ao demonio , que o Guardiãõ lhe dava licença , para que se fosse dalli ; o qual obedecendo se foi logo com grande estrondo , e alarido.

4. Supposto que o demonio não sahio bem deste primeiro encontro , não desistio porẽm de o combater , antes avivou mais a força , offerecendo pouco depois segundo combate , tanto mais perigoso , que o passado , quanto mais de perto se chegou a elle. Andava este servo de Deos huma noite depois de

de fahir de Matinas; preparando na cozinha o que ao outro dia havia de dar aos Religiosos; quando sem elle saber como alli entrára, vio diante dos olhos huma donzella, que fingia entrar alli escondidamente; e o provocava com palavras brandas, e lascivas. Conheceo Fr. Francisco que era o demonio; e tratou-o com o desprezo, que elle merecia; o qual não podendo soffrer tanta virtude, vendo que varonilmente lhe resistia, andou com elle a braços para o lançar em o fogo. Durou a luta por algum espaço de tempo; até que faltando as forças corporaes a Fr. Francisco, veio a cahir em terra junto do fogo, onde o demonio procurava lançallo. Assim esteve como morto privado dos sentidos até pela manhã; que veio o Porteiro da Casa; que então era hum Fr. Antonio de Coimbra; o qual vendo ao servo de Deos naquelle estado, chamou outros alguns Frades, que também o virão na mesma maneira. Levárão-o nos braços para a cella; e depois de tornar em si, foi constrangido a dizer todo o processo daquelle tentação.

Estava dahi a alguns annos depois disto este Santo Religioso huma vez pelas dez horas da noite na Capella da Igreja em fervente oração ante o

Santissimo Sacramento; e no mesmo tempo outro Frade estava também encommendando-se a Deos em a mesma Capella, quando vê este que pela corda da alampada baixava, e subia hum tão grande rato, e difforme; que logo parecia não ser cousa natural. Ficou o Religioso tão cheio de medo, que levantando-se donde estava, se foi correndo, e fugindo para o servo de Deos Fr. Francisco. Elle o animou, e confortou, e dalli até que tocáram a Matinas estiverão ambos espiritualmente praticando, dizendo-lhe o santo Fr. Francisco, quão grandes erão as astucias do demonio, e que todás aquellas invenções, e traças buscava para divertir do serviço de Deos aos que nelle cerão principiantes; por tanto que convinha não fazer caso delle, e desprezallo. Nestas, e semelhantes praticas gastarão o tempo, até que forão para Matinas; depois dellas acabadas, recolhendo-se Frei Francisco para a cella, achou nella o demonio, o qual lhe disse mui contente: *Agora te enganei eu Fr. Francisco; porque se te não pude inquietar na oração, fiz que outrem te inquietasse, e tirasse della.* Teve o demonio por grande victoria divertir a este santo Religioso da alta contemplação em que estava, ainda que fosse para fazer huma obra

obra tão boa, como era animar aquelle fraco, e temeroso em o caminho da virtude, e esforço para as tentações do inimigo. Contenta-se o demonio com mui pouco, quando vê que não pôde alcançar muito; porque como em o serviço de Deos qualquer descuido he falta grande, com qualquer, quando mais não pôde, se dá por satisfeito. Bem mostrou nas palavras, que disse ao servo de Deos Fr. Francisco, o pouco que com elle podia, pois confessava não o poder divertir da oração, a que continuamente se dava: com esta lhe quebrantava a elle os brios, e accrescentava a si as forças. Vendo o inimigo o pouco, que aproveitava com seus enganos, e palavras, ajudava-se das obras, ora apparecendo-lhe em fôrmas horriveis, e espantosas, ora tratando-o mal de pancadas, o que o amigo de Deos soffria com grande paciencia, e animo invencivel.

6 Ouvindo hum Religioso contar estas cousas, querendo por si mesmo tomar experiencia dellas, huma noite se lhe foi metter na cella escondidamente: e entendendo que quando elle se recolhesse, se poria em oração, como tinha de costume, e não em a cama, se lançou nella ao longo da parede, por não ser sentido. Não se enganou em seu pensamento,

porque assim foi; mas depressa se arrependeo da curiosidade, com que quiz tomar tal experiencia: porque às onze horas da noite sentio entrar na cella, não hum tropel sómente de demonios, senão que a seu parecer vinhão quantos havia no Inferno. Chegando estes à câma onde o dito Religioso estava, o começaram a tratar de tal maneira com pancadas, e açoutes, que totalmente não ficara com vida, se Fr. Francisco levantando-se do canto, onde estava orando, lhe não acudira. Levou-o em os braços para a sua cella esmorecido, onde o confortou com efficazes, e espirituaes palavras, declarando-lhe como erão illusões dos demonios, com que pertendião inquietar os servos de Deos; e que não temesse, porque elle tambem em o principio os temêra muito, mas que confortado, e confiado em Deos, já os estimava em pouco. Outros muitos casos acontecêrão, pelos quaes se pôde dizer por Fr. Francisco, que a boa guerra faz a boa paz; porque havendo-se sempre naquelles combates como valeroso Soldado de Christo, com grandes mostras, e fama de santidade acabou em paz sua vida. Foi seu transito em o Convento de Lagos no sobredito anno de 1564. e quatorze só de habito; porèm nestes pou-

cos annos encheo o numero de muitos tempos.

CAPITULO XLIX.

De outros dous Religiosos deste tempo.

Fr. Balthazar de Alcacere Sacerdote.

FOi o servo de Deos Fr. Balthazar de Alcacere natural da Villa deste nome. Antes que viesse à nossa Provincia da Piedade, viveo alguns annos na de Portugal, onde recebeo o habito, e de quem era filho. Feito nella Sacerdote, officio, que sempre exercitou muito devotamente, anhelando a mais perfeição, e desejando viver com o rigor, e recolhimento, que seu espirito lhe pedia, havida primeiro licença de seus superiores. se passou a esta nossa Provincia da Piedade. Nesta viveo perto de sincoenta annos com grande exemplo de virtude: nunca em sua vida, depois que viveo entre nós, bebeo vinho, nem ainda depois de muito velho; sua vida era hum perpetuo, e rigoroso jejum, com que macerava sua carne, e a sujeitava ao espirito. Todas as noites se disciplinava huma hora inteira com extraordinario rigor: nunca trouxe sandalias, ou chocolos, nem outra cousa alguma em os pés, andando em casa, ou fóra della, supposto que fizesse jornadas muito largas, e andasse

caminhos mui compridos. Desta sorte foi trez, ou quatro vezes a Capitulo Geral com muita edificação dos que o vião tratar-se com tanto rigor naquella idade.

2 Era mui continuo em a oração mental, para a qual se levantava sempre duas horas antes que despertassem a Matinas; acabadas ellas, e a oração da Comunidade, ficava ainda orando até a madrugada. E o que mais he de maravilhar, que o costume de se levantar a este tempo nunca o perdeu, nem o deixou, assim estivesse em casa, ou caminhasse, por cansado que fosse, como testemunhárão seus companheiros: pelas estradas guardava o mesmo estylo de vida, que cá tinha no Convento. Em a oração tinha particular graça de lagrymas, com muitos suspiros, e soluços: nella foi muitas vezes achado por outros Religiosos em extase mental, ora na Igreja, ora na cella. Depois que tornava em si daquella doce suspensão de sentidos, como quem despertava de algum profundo somno, era tanta a devoção, e força de espirito, que sentia que não se podia ter sem rebentar em vozes, e gritos, com que acordava aos que de noite dormião. Não he possivel dizerem-se os mimos, que orando recebeo do Ceo; para sabermos que erão

erão mui repetidos, basta-nos saber hum testemunho, que acerca disto deo hum seu discipulo. Morando este servo de Deos em o Convento do Bosque, hum seu discipulo, que tinha vindo para alli de novo, desejando de experimentar o que lhe dizião de seu Mestre, o espreitava muitas vezes; algumas destas lhe ouvio dizer naquelles actos, que tinha com Deos: *Senhor, para que me dais tanta consolação, que a não mereço?* Procurava o demonio com todas as suas forças divertillo deste santo exercicio, e fazzello perder a união, em que andava com Deos.

3 Trinta annos continuos o importunou com hum pensamento torpe, sem que em todo este tempo pudesse vencer sua maravilhosa constancia, como elle mesmo confessou pela occasião seguinte. Foi o caso, que hum Religioso, tambem de approvada vida, companheiro, e particular amigo deste servo de Deos, conhecendo hum dia nelle manifestos sinaes de nova, e desacostumada alegria, suspeitando daqui teria recebido algum favor singular do Ceo, pediu-lhe quizesse descobrir-lhe a causa della. Como verdadeiro humilde procurou Fr. Balthazar escusar-se da petição, que aquelle Religioso lhe fazia; mas foi tanta a instancia,

e tão grande a porfia, que lhe não pode resistir. E assim pedido primeiro segredo, lhe veio a dizer (como elle depois affirmou com juramento) que havia trinta annos, que o demonio o molestava com huma importuna tentação da carne; e que pedindo elle sempre a Deos lhe dêsse graça, e forças para vencella, naquella hora lhe concedêra victoria perfeita S. Magestade Divina; e que por se ver livre de hum tão grande inimigo, estava tão alegre, e contente. Accrescentou mais, que em todo aquelle tempo de trinta annos, nunca sentira escrúpulo de peccado mortal, pela bondade do misericordioso Deos, senão hum trabalho continuo, que tinha em lhe resistir. Servio-lhe aquelle estimulo da carne, não para o vencer, ainda que o molestava, como a outro S. Paulo; mas para lhe accrescentar a graça, e merecimento.

4 Teve tambem Fr. Balthazar espirito de profecia, como deo testemunho o mesmo Religioso, que como seu intimo amigo, e Varão espiritual, sabia melhor suas cousas; por que estando hum dia ambos em colloquios santos, e vindo a fallar em outro Religioso, disse delle Fr. Balthazar, que não havia de estar muito tempo na Provincia, e que havia de aca-

bar cedo, fóra della. Não havia até àquelle tempo indicio, ou presumpção alguma de semelhante cousa; porém depois o successo mostrou a verdade da profecia. Profetizou também muito antes de sua morte o dia assinalado, em que havia de ser; porque adoecendo no Convento de Val-verde hum mez antes da gloriosa Assumpção da Senhora, da qual era extremamente devoto, disse logo que havia de morrer em o proprio dia desta festa. Vindo o Medico visitallo, (porque se não levavão a Evora, senão quando a enfermidade mostrava perigo, e havia de mister muitas vezes a presença do Medico) disse Fr. Balthazar, que se não cansassem com elle, que não queria, nem tinha necessidade de cura, porque nosso Senhor era servido de o levar para si em o sobredito dia da Senhora, e que esta mercê já havia muito lhe era concedida. Quando veio a vespera da festa, elle estava tão bom, que parecia são, fallando com os Frades com grandes mostras de alegria, de modo, que a todos parecia que daquella vez não havia de morrer, e que não acabaria aquelle anno, se era certo que havia de ser em o tal dia da Senhora.

Assim esteve até à primeira vez, que se tocou o sino

para as Vesperas, tempo, em que lhe deo hum tão intenso frio, que lhe durou até à meia noite. Vendo o Guardião que se começava a cumprir sua profecia como verdadeira, o acompanhou com os mais Religiosos; e mandando, quando tangerão a Matinas, alguns delles, que fossem ao Coro, elle ficou com outros rezando-as junto do santo velho, e dizendo no fim dellas: *Fidelium animæ per misericordiam Dei requiescant in pace*; que quer dizer: *Pela misericordia de Deos descansem em paz as almas dos fiéis*, tempo, em que no Coro começavão os Religiosos *Te Deum laudamus*, deo Fr. Balthazar a alma a Deos, passando desta vida com tanta quietação, como quem se deitava a dormir em repousado somno. Em que parece ordenou a Divina providencia, que ambas as Igrejas, Militante, e Triunfante, com cantico de louvores celebrassem a gloria deste santo Religioso, e o estado beatifico, a que morto o corpo, nascia espiritualmente sua bemdita alma. Foi sua morte revelada a hum sobrinho seu, Frade também desta Provincia, chamado Fr. João de Alcacere, o qual estando actualmente doente na enfermaria de Estremoz, donde ha oito leguas de distancia a Val-verde, vindo, acabadas

as Matinas, do Coro o Enfermeiro a visitallo, e ver como estava, elle lhe disse: *Nesta hora faleceo meu tio em Val-verde.*

Notando o Enfermeiro o tempo, em que aquillo lhe dizia, e depois fazendo diligencia, e inquirindo da hora, em que o ferveo de Deos Fr. Balthazar morrêra, achou-se ser verdade o que Fr. João dissera, que por via humana não era possivel saber-se. Morto finalmente o santo Religioso Fr. Balthazar com grandes mostras, e fama de santidade, foi sepultado na claustra de Val-verde.

6 Pouco depois, e dentro do mesmo triennio de Fr. Jeronymo da Guarda, morreo tambem em o Convento do Bosque o mesmo Fr. João de Alcacere, sobrinho do sobredito Fr. Balthazar. Tomou elle nesta Provincia, quando mancebo, o habito para Sacerdote, officio, que exercitou com maravilhosa pureza. Foi algumas vezes Prelado, e muitas Mestre de noviços, porque na criação destes o occupavão ordinariamente os Prelados, pelo grande talento, e particular graça, que nelle vião para este ministerio. Desde que tomou o habito, frequentou com tanto fervor o santo exercicio da oração, como se fora já consummado na vida regular, e não noviço, e principiante. Ti-

nha nellas grandes sentimentos de Deos, e recebia muito a meudo consolações Divinas. Nesta suave occupação estava este santo Religioso em o nosso primeiro Convento de Santo Antonio de Estremoz, quando teve revelação da morte de seu tio Fr. Balthazar pela maneira, que dissemos.

7 Entre todas as festas do Senhor teve especial devoção à de seu Sagrado Nascimento: a consideração deste soberano mysterio o alienava totalmente dos sentidos. Aconteceo-lhe humavez em o Convento do Bosque junto a Borba, estando lendo a lição à segunda meza no dia desta festa, visitallo Deos com tanta doçura de espirito, que não podendo soffrer a força deste, sahio correndo com estranha velocidade pela porta do Refeitorio, dando gritos. E como Cervo, que sequioso, e ferido vai buscar a agua, assim este Religioso não parou naquelle impeto, e impulso, senão em a horta, onde cahio junto ao tanque della. Alli esteve hum grande espaço privado dos sentidos, como morto, atè que Deos foi servido de lhe acabar de fazer aquella mercê da visitação Divina, com que tornou em si, e se recolheu para a cella. Nestes mimos do Ceo, e exercicio da oração, e mais virtudes se confer-

fervou Fr. João de Alcacere, até que Deos nosso Senhor deste Convento do Bosque, onde lhe tinha communicado tantas consolações, o levou à posse das que se logrão sem receio de se perderem.

CAPITULO L.

Eleição do decimo-oitavo Ministro Provincial: memoria de dous Religiosos de assinalada virtude.

1566

L Ouvavelmente governou Fr. Jeronymo da Guarda por todo seu triennio, no fim do qual fez juntar a Capitulo em a nossa Casa de Santo Antonio de Aveiro, onde pela festa do Sagrado Nascimento de Christo nosso Redemptor do anno de 1566. sahio eleito em Ministro Provincial decimo-oitavo o Irmão Fr. Alvaro de Olivença. Foi Varão dotado de muitas virtudes, em especial de hum espirito grande, e zelo de reformação, de que mostrava claros exemplos em si mesmo. Introduzio em a Provincia santissimos costumes em favor da vida Religiosa, assim no Capitulo, em que sahio eleito, como no intermedio, que celebrou em Santo Antonio de Coimbra, pelos annos do Senhor 1568. em que presidio Fr. Christovão de A-

Fr. Alvaro de Olivença, Provincial 18.

brantes, que era então Commissario Geral neste Reino. A maior parte destes se conserva ainda hoje; erão todos concernentes à pobreza, silencio, e recolhimento dos Frades. A fim deste mandava que nenhum Religioso pudesse ir à Corte sem especial licença do Ministro *in scriptis*; encommendando a este a não dêsse, sem preceder primeiro diligente exame do negocio, que obrigava a pedilla. Quando os Frades fossem às suas terras por consolação de seus pais, ou outra alguma occasião, dispunha, que havendo nellas Conventos nossos, assistissem pouco em casa dos pais, nem poderião comer nella, salvo hum só dia de licença do Prelado, vindo de longe. Os ornamentos, e mais cousas pertencentes ao culto Divino, que fossem limpos, mas não custosos: prohibia para estes tudo o que fosse seda, para que até nos Altares reluzisse a santa pobreza, que professamos.

2 Teve particular cuidado de que se observasse inviolavelmente, o que já era Estatuto da Provincia, a saber, que se guardasse silencio perpetuo, de tal sorte que nenhum Religioso pudesse fallar, nem ainda com outro, sem especial licença do Guardião. Entre os Estatutos, que sahirão em o seu Capitulo intermedio, dizia hum assim:

assim: „ Pois he costume santo
 „ da Provincia não se fazer com-
 „ mummente collação em os
 „ dias de jejum , esforcem-se
 „ a passar sem ella , maiormen-
 „ te os mancebos , e sãos , e
 „ os velhos , e necessitados , ou
 „ aquelles , que alguma vez ti-
 „ verem particular necessidade:
 „ tangida a primeira de Com-
 „ pletas , acudão ao Refeito-
 „ rio , e fação collação com si-
 „ lencio , e fóra deste tempo
 „ não se dará collação sem li-
 „ cença do Guardião. „ Fi-
 „ nalmente ficou tão bem aceito
 por seu grande zelo , que pas-
 sados seis annos depois que aca-
 bou seu officio , o tornárão a
 eleger , como veremos a seu
 tempo.

3 Quando ainda estavam
 os Vogaes juntos em este Ca-
 pitulo de Aveiro , onde sahio
 eleito Fr. Alvaro de Olivença ,
 acabou os dias de sua peregrina-
 ção na mesma Casa hum per-
 feito Religioso daquelle tempo.
 Chamava-se na Religião Fr.
 Simão de Aveiro , por ser na-
 tural desta Villa , onde nasceo
 pelos annos do Senhor 1484.
 e no mundo Simão de Tava-
 res , cabeça de morgado dos
 Tavares , ^a que tem seu solar no
 Conselho deste nome em a Co-
 marca de Lamego , cujo Cas-
 tello se vê hoje de todo arrui-
 nado. Era filho de Gonfalo de
 Tavares , e de Dona Cathari-

na de Castro , e neto daquelle
 celebre Pedro de Tavares , que
 na Cidade de Evora embargou
 temerario a ElRei D. João II.
 (e não III. como disse o Pa-
 dre Vasconcellos) ^b receber o ^{Anaceph.}
 Sacramento da Eucharistia , por ^{19.}
 lhe haver tirado com falsa in-
 formação as Alcaidarias mó-
 res da Villa de Portalegre , Af-
 fumar , e Alegrete , e pertenc-
 ças Reaes , que havião possui-
 do seus antepassados. A quem
 ElRei com animo tranquillo pro-
 metteo dar inteira satisfação an-
 tes de commungar , como de-
 pois se vio , dando-lhe em lu-
 gar daquellas o senhorio de Mi-
 ra com sua jurisdicção , e os di-
 zimos do pescado da Villa de
 Aveiro , as quaes cousas logrou
 o dito Fr. Simão seu neto , em
 quanto não entrou Religioso.
 Foi Estribeiro Mór do Cardeal
 D. Affonso , filho de ElRei D.
 Manoel , e tendo perto de ses-
 senta annos de idade , e mais
 de doze mil cruzados de renda ,
 deixou tudo por Christo , fa-
 zendo-se pobre voluntariamen-
 te.

4 Tomou o habito em o
 Convento de Aveiro pelos an-
 nos do Senhor de 1544. pou-
 cos mezes depois de viuvo de
 huma nobre Senhora , com quem
 esteve casado ; que tão depres-
 sa como isto , vendo-se desim-
 pedido , se resolveo a deixar o
 mundo , para entre os precei-
 tos ,

tos, e rigores da Religião, esperar o golpe da morte, que a ninguém perdoa. Escolheo o estado de Frade leigo, porque o espirito, que levava o santo velho era tão afervorado, que não quiz ser do Coro, por mais que os parentes batalhárão. Não havia para elle consolação tão grande como ver-se mettido nos exercicios daquelle humilde estado: todas as cousas de humildade, ainda que fossem trabalhosas, e incompativeis com a idade tomava à sua conta: cavava na horta, e servia a Casa, não mostrando ser velho na perfeição, e diligencia, com que obrava tudo. De tal sorte se abraçou com os exercicios da Religião, como se de menino se tivera creado nella, e não em o seculo com tantos regalos. Debilitava seu avelhantado corpo com asperos jejuns, disciplinas, cilícios, e outras muitas penitencias, que tomava com tanto rigor, como se fora robusto mancebo. Entregava-se todo à oração, e contemplação, onde lembrado dos defeitos da mocidade, e vida passada regava as veneraveis cans de seu rosto com as copiosas enchentes de lagrymas, que continuamente corrião de seus olhos. Aproveitou tanto na Casa do Senhor, que parecia na Religião homem mais do Ceo, que da terra; mais

Angélico que humano; com que vindo a ella ao pôr do Sol, como se viera ao romper da Aurora, se igualou na paga^e aos primeiros jornaleiros. Só hum cuidado tinha, e era o do seu aproveitamento na virtude, que do demais estava tão desapegado, e esquecido, que para falar com seus filhos, era necessario que os Prelados o obrigassem. Quando estes lhe tocavão em negocios temporaes àcerca de seu testamento, respondia, que os mortos não davão razão de nada, que Letrados havia no Reino, com quem se pudessem aconselhar. Tão morto como isto se considerava já ao mundo.

5. Ordinariamente servio no officio de Porteiro em este Convento de Aveiro, onde sempre esteve, com muita satisfação dos Frades, e exemplo do povo. Finalmente conservando-se sempre naquella aspereza de vida, e primeiro fervor de espirito, tendo vivido na Provincia quasi vinte e trez annos, que lhe restárão, chegando aos oitenta e trez de idade, no de 1566. recebidos devotamente os Sacramentos, em o mesmo Convento de Aveiro poz Deos termo, e limite a suas penitencias, e mortificações. Foi sepultado na primeira sepultura, que está sahindo da Via-Sacra para a claustra à mão direita, on-

onde depois seu filho Francisco de Tavares, prezando-se mais da virtude de tão generoso pai, que de seu nobre sangue, lhe mandou pôr huma pedra junto à sepultura, e nella com letras de ouro seu ditoso nome; e assim está hoje encaixada na parede, na qual se lê o seguinte: *Lembrança aqui posta à petição de Francisco de Tavares para seus descendentes, de como seu pai Simão de Tavares tomou o habito nesta Casa depois de viuvo, e acabou religiosa, e virtuosamente. Faz aqui. Era de 1566.*

6. No anno seguinte de 1567. depois que em Aveiro passou ao Senhor Fr. Simão Tavares, fez o mesmo caminho do Convento de Estremoz outro Religioso também leigo, chamado Fr. Diogo de Villaviçosa, Varão de tanta virtude, e prudencia, que El Rei D. João III. o mandou à Índia sobre negocios de muita importancia, e depois vindo della, o tornou a mandar a Africa. Fez elle tudo com a satisfação, que pedia a muita confiança, que El Rei fazia delle; e concluido aquillo, em que o occupára, recolhendo-se à Província, passou o restante de sua vida com muito rigor, e penitencia, como antes tinha feito. Foi mui dado à oração, e contemplação do Ceo, e nella pas-

sava muita parte da noite, porque tinha por exercicio infallivelmente levantar-se às dez horas da noite, e fazendo logo huma larga disciplina até às onze, dahi até Matinas se punha em oração com os braços em Cruz, encostado à grade da Capella, onde por vezes foi achado em extase, tão absorto em Deos, e tão enlevado na contemplação dos Divinos Mysterios, que carecia de todos os corporaes sentidos: e o que mais he de maravilhar, que nem por estar privado dos sentidos, deixava cahir os braços, antes perseverava com elles na mesma fórma. Assim prevenido com este santo exercicio o achou a morte no sobredito Convento.

7. Floreceo também por este tempo Fr. Rodrigo de Chaves, Frade leigo, de singular abstinencia, e devoção não vulgar. Era hum arquivo de virtudes, porque assim resplandecia em todas ellas, e se exercitava em cada huma, como se na profissão promettêra ser em todas com eminencia perfeito. Foi sobre tudo por extremo humilde, fundamento sobre que as mais assentão: daqui lhe procedia respeitar, e venerar tanto os Sacerdotes, que não ousava abrir boca, e muito menos sentar-se diante delles. Na oração era mui fervoroso, empregava nella tempo

Fr. Rodrigo de Chaves leigo.

d
Agiol. Lus.
Junho 10.
liter. F.
Cathalog.
Sanctorum
hujus Regni
incerti
Authoris.

consideravel, e nem por isso deixava de acudir com diligencia ao serviço da Communidade. No rigor da penitencia, com que macerava o corpo era continuo, applicado a todo o genero de aspereza, e da continuação das disciplinas, que tomava, andava sempre banhado em sangue. No fallar com seculares, e ainda com Religiosos andava mui apartado, e acautellado pela guarda, e observancia do silencio: na caridade para com os pobres, e necessitados mui pontual, e cuidadoso, grangeando-lhes a todo o tempo mimos, com que os regalar, e trazer contentes. Em resolução tão virtuoso, e santo, que o Duque D. Jaime na jornada, que emprendeo a Azamor o levou consigo, entendendo que lhe não succederia à medida de seu dezejo, se lhe faltassem as orações deste servo de Deos, a quem depois attribuiu o victorioso successo, que alcançou do Ceo nesta Africana Conquista. E com muito fundamento; porque se o Duque, como outro Josué, meneava a espada, Fr. Rodrigo, qual outro Moysés, e levantara ao Ceo os braços; e a experiencia tinha já mostrado ser a oração a arma mais poderosa. Esta opinião, que delle tinha o estrenuo Duque, se confirmou depois que veio de lá

Exod. 17.
num. 11.

Fr. Rodrigo; porque achando o Reino apestado, se offereceo alegremente para curar dos feridos. Acompanhou-o Fr. Manoel de Aveiro; (de quem trataremos a seu tempo) e fazendo ambos, nesta tão gloriosa, como caritativa empreza, muitos serviços a nosso Senhor, hum curando as almas, mediante o Sacramento da Penitencia; outro dos corpos, mediante a saudavel medicina; Fr. Rodrigo rematou seus ditos dias neste piedoso exercicio. Jaz sepultado em o claustro do nosso Convento de Azurára. Faz delle illustre memoria o Agiologio Lusitano.

CAPITULO LI.

Fundação do Convento de Santo Antonio do Porto.

I **N**O Capitulo de Aveiro celebrado em o anno de 1566. em que sahio eleito Fr. Alvaro de Olivença, appareceo huma petição de Braz Pereira, natural do Porto, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Fidalgo da Casa de El Rei, em que elle, juntamente sua mulher Mecia da Paz, pedião aos Padres nelle congregados quizessem aceitar naquella Cidade hum Convento, que se obrigavão a dar-lho feito. Accitárão os Padres a offerta, se bem que para dar principio à fun-

fundação do Convento, não entrarão Religiosos naquella Cidade, senão no fim do triennio de Fr. Alvaro de Olivença, sem sabermos a causa desta dilação. Em o anno de 1569, pelos doze do mez de Agosto, sabemos estavam já recolhidos em huma Hermida de Sant-Iago: porque neste tempo fizeram os sobreditos Fundadores doação de huma quinta sua, para nella se edificar o Convento. Foi tudo de licença do Bispo daquella Cidade, que então era D. Rodrigo Pinheiro, que conhecendo mui bem, como disse a hum seu successor, a utilidade, e serviço de Deos, que se seguia de edificarmos no Porto, a deo de boa vontade. Começarão-se as obras logo no mesmo mez de Agosto, que se acabarão brevemente, pela muita diligencia, com que as continuarão, vivendo em tanto os Religiosos Fundadores na sobredita Hermida de Sant-Iago.

2 Derão por Orago do Convento a Santo Antonio: está defronte da Cidade do Porto, da outra parte do rio Douro, hum pouco mais abaixo da Cidade, em sitio medianamente levantado sobre o rio, para aquella parte, que se mette no mar, e não muito longe delle, junto ao Lugar de Gaia, que com pouca corrupção conserva a memoria do antigo Castello

Calé, celebre pelo nome, que deo a este Reino, conforme a melhor opinião. Junto pois às ruinas deste Castello está edificado o nosso Convento, em lugar ameno, e deleitoso, assim pela vizinhança, e formosa vista do rio, pelo qual discorrem continuamente diversas embarcações; como tambem por haver dentro da cerca copiosas, e perennes fontes de agua, das quaes huma vem por canos sahir à claustra, donde se reparte, e vai regar a horta, e pomar, cheio de muitas arvores de diversas frutas. Ha tambem outras plantas, como são murtas, carvalhos, e outras semelhantes, as quaes a falta, que commettem em não dar fruto, emendão, e recompensão, ora recreando aos encalmados com sua fresca sombra, ora alegrando os olhos com sua aprazivel formosura.

3 Tinha em si a quinta, de que Braz Pereira fez doação, para nella se fundar o Convento, hum formoso, e curioso jardim, cujas curiosidades, por não convirem a nosso modo: humas se deixarão destruir com o tempo; outras forão desfeitas, quando logo entrámos. Nem foi pouco de estimar a doação, que fez desta sua quinta, porque a tinha em grande preço. Deste nobre Cavalleiro se pôde dizer o que do famoso Rei

^b
2 Paralip.
c. 19. n. 3

Josafat diz a Escriitura, ^b que se acháráo nelle muitas boas obras, porque tirou os bosques, e jardins, que os Gentios costumavão fazer para nelles honrarem, e louvarem a seus idolos, dando-se nelles livremente ao vicio da sensualidade. O lugar, onde agora está o nosso Convento, chamava-se antigamente Val de Amores: foi-lhe posto este nome, porque era mui frequentado pelo fresco do arvoredor, e curioso do jardim, tomáráo os ociosos motivo para offenderem a Deos neste tratado, o que era occasião para o engrandecerem, e louvarem. Pela mesma causa era chamado dos zelosos Val de Inferno, até que ultimamente trocou este nome, depois que nelle entrámos, em Val de Piedade, como agora se chama.

4 Com a doação, que fez aquelle Fidalgo, tirou a occasião a tantos males, e o lugar, que antes era totalmente profano, ficou sagrado, e Divino pelos Sacrificios, que nelle cada dia se celebrão. Desta esmola, que estes dous casados fizerão em darem o sitio, não quizerão outra satisfação, mais que hum sepultura na Capella Mór, onde ambos estão enterrados, renunciando todo o direito, que tinham ao Padroado. A gente da Cidade, e lugares vizinhos acodem liberal-

mente com suas esmolos, bastantes a sustentarem dezoito até vinte Religiosos, que ordinariamente neste Convento vivem. Hoje está ampliado com mais hum dormitorio, por ser escolhido para Casa Capitular da Provincia da Soledade, depois que se desmembrou da da Piedade. Ha nelle hum insignie Reliquia do Lenho da Santa Cruz, approvada pela experiencia de muitos milagres, a qual se guarda com muita veneração no Sacrario do Altar Mór, metida em custodia de prata, com outras Reliquias de diversos Santos. Em todo o tempo, que esta Cidade se vio ferida de peste, experimentou em nossos Religiosos hum notavel caridade, que os levava a tratarem dos apestados; para cujo ministerio se offerecião tanto de vontade, que muitos ficavão grandemente desconsolados em lhes negarem os Prelados a licença, e preferirem a outros.

5 No anno de 1600. sahio Fr. Antonio de Figueiras, e Fr. Antonio de Aveiro, chamado o Cardoso, por differença de outros daquella terra; e depois de assistirem na cura algum tempo, Fr. Antonio de Aveiro foi ferido, e brevemente morreo: estava elle novamente eleito Guardião da mesma Casa de Santo Antonio do Porto, na Congregação, que o Provin-

vincial Fr. Jorge de Goa havia poucos dias tinha celebrado em Santo Antonio de Evora; mas o Senhor, que tinha já ordenado dar-lhe outra melhor Guardiania, o levou a gozar da Glorria, como se deve piamente crer, de quem rematou o exemplar de sua vida com huma tão insigne obra de caridade. Está enterrado no lugar do Degredo, não muito longe do nosso Convento, no alto da ladeira, que fica sobre o rio. No anno seguinte de 1601. tornou a peste a accender-se de novo com muito maior furia que a passada: para sahir a ella se offereceo Fr. Manoel de Castello-Branco, e Fr. Manoel de Coimbra, o Calvo, o qual foi gravemente ferido, mas fazendo brevemente, perseverarão ambos constantemente na Casa da Saude, servindo, e administrando aos degradados mais de oito mezes, até se acabar de todo aquelle trabalho.

CAPITULO LII.

Do decimo-nono Ministro Provincial, e vida exemplar de Fr. Marcos de Portalegre.

9 I **Q**Uasi quatro mezes antes de acabar seu triennio Frei Alvaro de Olivença convocou os Vogaes para eleição do novo

Ministro em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa pelo mez de Setembro de 1569. Fez os gastos do Capitulo o Duque D. João primeiro do nome, e sexto em numero na Serenissima Casa de Bragança. Sahio eleito em Ministro Provincial decimo-nono Fr. Maseu de Elvas. Foi Fr. Maseu esclarecido por virtudes, como prometia a resolução, com que no mundo deixou hum grande morgado, para servir a Deos na Religião em pobreza. Era muito humilde, e cheio de toda a caridade, e zelo da salvação das almas, por aproveitamento das quaes, não reparava em algum trabalho, especialmente nas confissões, que a todo o tempo exercitava, e nellas tinha particular graça de mover a contrição os peccadores com suas devotas, e espirituaes palavras. Por esta causa era buscado de muitos, e succedeo-lhe muitas vezes estar desde pela manhã até a noite no confessorio, sem ter tomado refeição alguma. Para se exercitar em a humildade, e evitar a ociosidade fazia os panos menores aos mais novos, e ainda depois de ter sido Provincial. Foi aspero, e rigoroso para consigo mesmo em jejuns, disciplinas, e outras penitencias extraordinarias, do qual rigor não relaxou nenhuma cousa, ainda depois de velho,

Fr. Maseu
de Elvas,
Provincial
19.

lho, ou em tempo, que foi Ministro Provincial; porque o trabalho de correr tantas vezes humma Provincia tão grande a pé, não bastou para lhe tirar o costume de ir sempre a Matinas, por cansado que estivesse, e nas mais cousas seguir a Comunidade.

Depois que acabou louvavelmente seu officio, se recolheu em o Convento de Thomam, onde acompanhado de muitas, e santas obras, o achou a morte. Em seu tempo se mudou a Casa de Santo Antonio de Abrantes para o segundo sitio, que cuidando se melhorasse, sahio tanto, e mais enfermo que o primeiro. Fez este Ministro o seu Capitulo intermedio, em que presidio, no Convento de Santo Antonio de Portalegre a vinte de Janeiro, dia de S. Sebastião de 1571. anticipou-o quasi dous mezes, por respeito de se achar no Capitulo Geral, que se havia de celebrar em Roma pela festa de Pentecostes do mesmo anno. Partio para este, tanto que se expedio daquelle; embarcou em Cartagena em humma não Genoveza, onde hião quasi todos os Vogaes de Hespanha, e com elles o Commissario Geral desta Familia. Tiverão nesta jornada o vento tão contrario, que de Cartagena até o Porto de Pumbelin junto a Toscana gaste

tarão hum mez, em que padecerão muitos trabalhos; porque dando hum mal contagioso em oitocentos Soldados, que na não hião de Castella para o presidio de Napoles, chegou tambem este aos Frades, e de quarenta que hião morrerão de zoito. Entre estes entrou o companheiro do nosso Provincial, que era Fr. Antonio de S. Fructuoso, e o do Custodio, chamado Fr. Gonçalo de Amaranthe, e foi cousa de notar, que adoecendo os mais dos Frades daquelle contagio em o mar, nenhum morreo nelle, sendo que a maior parte dos oitocentos Soldados tiverão alli sua sepultura: guardando Deos aos Frades para serem sepultados em hum Convento da Ordem de Padres Conventuaes, que ha em Pumbelin, onde os mais delles morrerão. Chegou o nosso Provincial, e Custodio a Roma, supposto que muito enfermo, porque tambem experimentou o damno daquelle contagio: no Capitulo, que se celebrou em *Ara-Celi* a vinte e cinco de Maio, sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Padre Fr. Christovão de *Capite fontium*, Custodio que então era da Provincia de Bretanha em França.

3 Neste Capitulo Geral se leu hum Breve^b do Summo Pontifice, que então era o Santo Pio

Pio V. em que mandava Sua Santidade que o Ministro Geral durasse oito annos em seu officio, e o Commissario Geral, e Provinciaes quatro. Ordenou-se tambem pela Ordem, que não houvesse Capitulos intermedios nas Provincias, senão Congregações, as quaes tivessem a mesma força; e que em cada Provincia houvesse ao menos trez Conventos, onde se lesse Grammatica, Artes, e Theologia. Não sabemos se o nosso Provincial alcançou revocatoria desta ordenação; porém sabemos que na nossa Provincia não teve effeito, pois se foi conservando no seu antigo costume de não ter estudos, sem que a sujeitassem a outra Provincia, como a ordenação dispunha. Recolheo-se o Provincial Fr. Maseu para a Provincia, e entendeu no governo della; o qual além dos quatro annos, passou ainda quatro mezes, por tardança do Commissario Visitador. Ao seu tempo pertence a memoria de Fr. Marcos de Portalegre, irmão de outro grande servo de Deos.

4 Notou Santo Ambrosio, fallando do Precursor de Christo, e de seus Progenitores, que illustrava Deos com Santos a algumas Familias, parecendo como nativo em os sujeitos dellas, o serem virtuosos; como se a virtude, e pro-

pensão a ella se communicára com o sangue. Disto vimos muitos exemplos, e o temos agora em o grande servo de Deos Fr. Marcos de Portalegre, irmão de Fr. Affonso, outro grande Religioso, de quem já tratámos. Foi elle Frade leigo, simples, e sem letras humanas; mas tão illustrado, e scientifico nas cousas Divinas, que foi tido por hum dos maiores contemplativos^d de seu tempo. Toda sua vida foi hum rigoroso acto de penitencia, porque continuamente trazia hum aspero cilicio junto à carne de palmo e meio de largo, rigor, com que nunca dispensou, ainda que estivesse gravemente enfermo; tanto assim, que quando o quizerão amortallar, lho acháráo posto. Só nas Quaresmas, e Adventos o tirava, mas era para em lugar d'elle vestir huma jaqueta muito mais aspera; a que aggregava asperos jejuns, além dos da Comunidade, frequentes disciplinas, e outras severas penitencias, que tomava tão rigorosamente por suas mãos, que parecia que se tinha odio a si mesmo. A oração era o seu sustento: nella foi muitas vezes achado de forte extatico ante o tabernaculo do Santissimo Sacramento, que levado em braços dos Religiosos à cella, nenhum acordo dava de si. Neste soberano exercicio recebeo mu

^d
Fr. Artur
Março 27.
Gonzag.
3. part.
pag. 943.
Barrolo
l. 3. c. 50.
Wadd. ad
ann. 150.
Purifica-
ção na
Chronic.
Monast.
Luf. l. 2.
cap. 6.
Cunha,
Histor. de
Braga 2. p.
c. 73. n. 8.
Agiol. Luf.
Maio 7.
liter. F.

mui singulares favores de nosso Serafico Padre; que como se tivera por alivio tratar, e conversar com este seu filho, o visitava muitas vezes.

5. Morando este fervo de Deos em o Convento de Santo Antonio de Aveiro, como tivesse a occupação, e officio de Porteiro, pensões, que lhe levavão algum tempo, que elle quizera gastar na oração, porque se não dava por contente, se nella o não empregava todo, vivia por esta causa algum tanto desconfolado. Com esta pena entrou huma vez na Capella da Igreja, e derramando muitas lagrymas diante de huma Imagem de nosso Padre, que no Altar estava, lhe fallou, dizendo: *Ut jumentum factus sum apud te*; alludindo ao trabalho corporal, que lhe não deixava para a oração todo o tempo, que elle queria. Respondeo-lhe o Serafico Padre, continuando o verso do mesmo Psalmo: *Et ego semper tecum*; dando-lhe nisto a entender, que tanto, como orando, lhe agradava fazendo o officio, que lhe tinha dado a obediencia. Outra vez em Braga no Convento de S. Fructuoso, orando ante huma Imagem mui devota, que alli ha do mesmo Serafico Padre, desceo ella do Altar, e chegando aonde estava Fr. Marcos, lhe fez huma profunda in-

Psal. 72.
vers. 23.

clinação, depois da qual se tornou a seu lugar. Estes, e outros muitos favores recebeo de Deos na oração, e de nosso Serafico Padre S. Francisco; o que ouvindo contar hum Religioso, morador com elle no Convento de Aveiro, chamado Fr. Belchior da Pêsqeira, que então era Mestre de noviços, Varão mui espiritual, e devoto, desejando certificar-se dos mimos, que de Deos recebia Fr. Marcos, ou para ser testemunha dellês, o espreitava nos lugares, onde fazia oração.

6. Huma vez no alto silencio da noite, orando elle na Capella, lhe appareceo o mesmo Santo Patriarca; e julgando-se o eximio amador da humildade por indigno deste soberano favor, exclamou em vozes altas, dizendo: *Non mihi peccatori, non mihi, Pater Sanctissime*. Fr. Belchior, que o espreitava do Coro, ouvindo os brados, sem que soubesse a causa, ficou tão atemorizado, que foi logo correndo chamar o Guardião, dizendo que fossem acudir a Fr. Marcos, que estava gritando na Capella. Indo ambos ver o que era, acháráo ao fervo de Deos transportado no Ceo, logrando já no estado de viador huma sombra daquelle dita, que logrão no Ceo os comprehensores. Dalli o leváráo à cella nos braços, e depois de tor-

tornar em si, mandou-lhe o Guardião que dissesse o que lhe tinha acontecido; elle obedecendo, e rogando aos dous, tomando-lhes juntamente a fé, e palavra, que o não descobririão, em quanto elle vivesse, disse que lhe apparecêra nosso Padre S. Francisco, e lhe fallára, consolando-o com muito doces, e amorosas palavras, despedindo das Sagradas Chagas maravilhosos resplandores; e que elle, assim por se ter por indigno de tão grande mercê, como por não poder supportar o gozo, que na alma sentira, rompêra naquelles brados.

7 Era devotissimo da festa da gloriosa Ascensão de Christo Senhor nosso ao Ceo: muitos annos antes de morrer disse a alguns Frades, que no dia desta festa havia de ser sua morte. Tinha por costume trazer na boca, e repetir frequentemente aquella Antifona, que no Officio de Noa se canta, do ponto, e hora, que o Senhor subio ao Ceo: *Videntibus illis elevatus est, & nubes suscepit eum in Caelo*. Perguntado porque razão repetia tantas vezes aquella Antifona, respondeo, que a causa era, porque havia de morrer, cantando-se ella no Coro. Teve-se por certo, que lhe havia sido revelado, porque assim se cumprio; pois no dito dia da Ascensão do Senhor,

na hora de Noa; no mesmo tempo, que se cantava no Coro aquella Antifona, Fr. Marcos deo a alma a Deos na enfermaria, e se foi achar presente às festas, que naquelle proprio tempo celebravão na Gloria os bemaventurados em memoria do triumpho de seu Redemptor. Achou-se presente a seu transito D. Theotónio de Bragança, Arcebispo de Evora, o qual vendo a santidade, que Deos depositára neste humilde fujeto, não cessava de dar-lhe as graças: e assim levou consigo parte de suas pobres sandalias, para as conservar por reliquias. Foi a morte deste servo de Deos em a Piedade de Villa-Viçosa, no segundo Convento, pelos annos do Senhor 1570. no sobredito dia, e hora da Ascensão.

C A P I T U L O L I I I .

Do Convento de nossa Senhora da Caridade do Sardoal.

1 **N**O tempo, que a primeira, e mais antiga Casa de Santo Antonio de Abrantes estava na ribeira de Abranches, quasi meia legua do povo, ficava em igual distancia, pouco mais, ou menos, da Villa do Sardoal, que fica para a outra parte, por ser huma legua de huma a outra

Mmm Vil-

Villa. Por esta causa participava tambem o Sardoal da communicação dos Frades daquelle Convento, ajudando-se delles nas prêgações, confissões, e mais soccorros espirituaes. Mas como o Convento fosse mudado do lugar da Abrançalha para junto da Villa de Abrantes, sentindo os moradores do Sardoal a falta dos bens espirituaes, que padecião com aquella mudança, por lhe ficarem mais longe, e fóra de mão os Religiosos, pedirão-lhes quizessem aceitar outro Convento naquella sua Villa: offerecendo-se a fazello. Não foi isto facil de alcançar, porque como ficavão as Villas tão perto huma da outra, que só distavão huma legua, tinham os nossos Frades por grande inconveniente multiplicarem-se tanto as Casas, que viessem a ficar tão vizinhas. Mas finalmente aceitarão o offerecimento, não podendo mais resistir aos rogos, e importunações, com que o procurava aquelle devoto povo.

2 Para o Convento se fazer, deo logo a Villa huma Hermita de muita devoção, e celebre romagem, chamada nossa Senhora da Caridade, donde o Convento tomou o appellido, que hoje tem. Está muito perto da Villa, porque além de não haver em muita distancia della outro lugar tão ac-

commodado, tinha já a experiencia ensinado a nossos Frades os inconvenientes, que trazia com si os nossos Conventos fundados em desertos. Fica em sitio alto, fádio, e descuberto a todos os ventos, com boa vista para o Rio Tejo, e outras partes, ainda que secco, e falto de agua, porque a que se bebe vem de fóra, e se traz de longe: para o serviço da Casa se ajudão os Frades de huma cisterna, ultimo remedio em outras semelhantes. Ha com tudo hum pomar de diversas frutas, que não tem inveja aos que se regão com copiosas aguas. No fundo da cerca, que desce por hum recosto abaixo grande espaço, por chegar aonde alcance hum pequeno poço, que o mais do tempo não corre, se faz a horta, que se rega com a agua, que com grande trabalho d'elle se tira à bomba, para a hortalica necessaria.

3 No anno do Senhor 1571. sendo Ministro Provincial Fr. Maseu de Elvas, se começou a fabrica junto à dita Hermita que nos fica servindo de bastante Igreja. Toda a gente do povo, conforme a possibilidade de cada hum, acudia liberalmente com suas esmolas para as obras. E como naquelle tempo residisse naquella Villa, onde se veio aposentar, D. Duarte de Almeida, filho de Dom
Lo-

Lopo de Almeida, terceiro Conde que foi de Abrantes, devotíssimo de nossos Frades; não sómente contribuiu no principio com grossas esmolas, mas também proseguio em as dar com grande liberalidade até o fim da obra, tomando à sua conta vella posta em sua perfeição. Com a mesma vontade, e largueza soccorreo sempre, em quanto viveo, todas as necessidades, que sentio nos Religiosos alli moradores, dando-lhes o que não podião haver facilmente mendigando. Tratava-os como a irmãos, amava-os como a filhos, e respeitava-os como a Anjos, estimando em muito sua espirital conversação, de que frequentemente se costumava aproveitar para saude de sua alma. Este amor, e devoção grande, que lhes tinha, foi causa de que tendo em pouco os antigos sepulcros de seus illustres pais, e avós, escolhesse ser sepultado entre os Frades seus irmãos: está sua sepultura em a Capella Mór a deste Convento, junto aos degrãos do Altar Mór. O Padroado he da Igreja Romana, como todos os mais, que são edificados de diversas esmolas dos povos, sem particular Padroeiro, que reserve o tal direito para si.

4 Aqui obrou Deos nosso Senhor por merecimentos de

sua Santissima Mãe hum notavel milagre; e digo que por merecimentos da Senhora, porque desta sua Casa sahirão os Religiosos a pedir esmola, quando aconteceo. Foi o caso desta maneira. Meia legua do Sardoal fica hum lugar, que chamão Velhascos, onde os Religiosos deste Convento hião de quinze em quinze dias pedir esmola de alforje. Em huma occasião chegando a pedir à porta de hum nosso irmão, devoto particular dos Frades, chamado João Gonçalves, mandou elle à mulher, que dêsse a esmola, que costumava dar todas as segundas feiras, que era o dia, em que pedião. Ella, por ser pouco devota, e por não ter pão para a semana; porque supposto que no sabbado precedente tinha amassado, havia tido tantos hospedes ao Domingo, que lhe não ficárão mais que dez pães de toda a amassadura, se escusava de dar-lha; com tudo o marido, sem respeitar as razões, que a mulher allegava para não dar a esmola, mandou que logo se lhes dessem seis pães, que tinha de costume. Não pôde ella deixar de o fazer; e supposto que com pouca vontade, fez a esmola, ficando só com quatro pães em casa; porém Deos, que estima sempre o que com seus pobres se despende, mostrando seu poder, foi servi-

do que não faltasse o pão naquella casa por toda a semana inteira, em que costumava durar a amassadura; e havendo naquella familia oito pessoas, todas comêrão dos quatro pães os seis dias seguintes com muita abundancia; e destes se achá-rão ainda ao sabbado dous inte-teiros: porque todas as vezes que a indevota mulher hia buscar pão à arca, achava o que lhe era necessario para aquelle dia: de que ficou tão maravilha-da; que mudando a condi-ção, e conhecendo que não per-de nada com Deos, quem por seu amor reparte com os pobres, foi devotissima dalli por diante, agazalhando mui especialmen-te a nossos Religiosos, e fazendo outras caridades a diversas pessoas. Deste milagre derão o marido, e mulher seu teste-munho.

CAPITULO LIV.

Da Casa de Santo Antonio de Penamacor, e casos nota-veis nella acontecidos.

1571

HE Penamacor huma Villa nobre do Bispado da Guarda, à vista da Serra da Estrella, já fóra da Beira; por aquella parte, que se chama o Campo. Está situada no alto de huma pequena serra, cuja serventia por algumas

partes he penosa. Junto a esta Villa para a parte do Poente fica este nosso Convento em sitio sadio, alegre, e boa vista, por se descobrir dalli muita terra. Porém ha em toda ella tão pouca frescura, que se não he a de algumas vinhas no tempo, que tem folhas, não ha outra verdura, em que pôr os olhos, salvo moutas de carvalho, e hervas do campo. Por esta causa he aquella terra abundante de pastos, bem necessarios para os muitos gados, que nella ha. He terra de muito pão, por ser o trato da gente todo em lavouras: abundante de toda a caça, em que a gente daquella terra faz seu emprego, occupando-se em diversas montarias. He muito falta de aguas, e as poucas, que tem, são fóra todas; e supposto que na nossa cerca ha duas fontes, he tão pouca a agua, que corre dellas, que escaçamente basta a regar alguma pouca hortaliça, que se põe na horta. Usão aqui os Frades de huma cisterna para o serviço da Casa, áfilo, da que se acolhem em sitios tão seccos como este.

2 No anno de 1571. sabendo os desta Villa que os nossos Religiosos celebravão Capitulo em Portalegre, que era o intermedio de Frei Maseu, mandárão a elle hum homem dos principaes entre elles, cha-

ma-

mado Gaspar de Elvas, com carta para os Vogaes, em que lhes pedião quizessem aceitar naquella sua terra hum Convento, que se obrigavão a edificallo. Já alguns annos antes tinha pedido por vezes o Bispo da Guarda, que então era D. João de Portugal, quizessemos ir para aquella terra; de que os Provinciaes se escusavão, por ser demaziadamente aspera e apartada do commum trato dos mais Conventos da Provincia. Do mesmo parecer estava ainda o Provincial Fr. Maseu com o Definitorio, quando chegou a Portalegre a carta, que enviavão os de Penamacor; mas movêrão tanto aos Vogaes as necessidades, que representavão de terem alli hum Convento, que todos derão seu voto que se aceitasse. E na verdade que foi obra especial de Deos; porque sendo a terra grande, a gente muita, e pouca a frequencia de Missas, Officios Divinos, Prégações, e Sacramentos, por serem poucas as Igrejas, e Sacerdotes, nem haver dahi a muitas leguas Convento algum de Religiosos, padecião os moradores grande esterilidade da palavra de Deos, e mantimento da alma. E assim havia pessoas, que quanto mais gastavão o discurso de sua vida occupadas em o lavor, e exercicio dos campos, de que tiravão re-

medio temporal para os corpos, tanto maior necessidade tinham de hum agricultura espiritual, que fizesse produzir em suas almas fruto de boas obras.

3 Por onde palpavelmente se conheceo, e se vê agora o grande serviço, que a Deos tem feito, e fazem naquella terra os Religiosos, e de quanto proveito espiritual são a todas aquellas gentes; pois sendo aquelle povo, antes que alli tivessemos Casa, hum como retrato dos da gentilidade, que assim lhe chamou o mensageiro, que, como já dissemos, enviárão os de Penamacor ao Capitulo, que celebravão nossos Frades em Portalegre, já hoje parece hum dos escolhidos de Deos pela frequencia dos Sacramentos. Forão também grande parte, para que se aceitasse este Convento os rogos do sobredito Bispo da Guarda D. João de Portugal, que sabendo a resolução, que os de Penamacor tomavão de mandarem a Portalegre, accrescentou mais as instancias, que havia já annos fazia, para que tivessemos Casa naquella terra. Dentro nella havia hum Hermita de Santo Antonio, a quem o Bispo tirou o nome, mandando que dalli em diante se chamasse S. João, e que Santo Antonio com o titulo da Casa se passasse ao nosso Convento.

4 E supposto que no principio D. Simão de Menezes, Fidalgo principal, e Commendador da Igreja de Sant-Iago da mesma Villa, foi mui contrario a edificar-se o Convento, tendo por opinião ser mais acertado levar àquella terra Frades de outra Ordem, ou Provincia, que acompanhassem os defuntos à sepultura, e lhe cantassem os Officios, Missas, e fizessem outras cousas, que nós não fazemos, com tudo não tardando muito, que o Senhor o visitou com huma grave enfermidade, e outros trabalhos temporaes, que lhe vierão pela contradição, que a nossos Frades fazia, cahindo na conta, veio a ser tão devoto delles, que pediu o Capitulo do Convento para sua sepultura, e nella está enterrado, por ser então dada a Capella Mór da Igreja a Estevão Tavares, nobre Cavalleiro da Ordem de Christo, e sua mulher D. Maria de Mendoça, moradores na Villa do Sabugal, que a mandarão fazer^a à sua custa. Todas as mais obras forão feitas pela Camera da Villa, dando para isso licença ElRei D. Sebastião, ajudando também o povo com suas esmolas. De maneira que aperfeiçoando-se com ellas tudo, ficou a Casa em conveniente proporção, de paredes fortes, e tudo conforme a santa pobreza.

Gonz. 3.ª p.
pag. 946.

5 Na fabrica deste Convento obrou Deos nosso Senhor por merecimentos de Santo Antonio hum notavel milagre, com que se accrescentou grandemente a devoção da gente daquelle povo. E foi, que andando hum homem chamado Diogo Rodrigues trabalhando em huma canteira, e querendo com outros tombar huma grande pedra das que se tiravão para a Casa, a pedra lhe cahio por desastre sobre as mãos; e estando debaixo outra pedra, entre as duas se lhe fizerão ambas como huma pasta, todas pizadas, e moidos os ossos dellas. O attribulado homem, cheio de grandes dores, não cessando de chamar devotamente por Santo Antonio, em cujo serviço alcançara aquelle trabalho, se foi para casa, onde sua mulher lhe poz humas ortigas pizadas, atè haverem outro remedio. Mas elle, que o principal esperava do Bemaventurado Santo Antonio, e com instancia lho pedia, deitando-se na cama, adormeceu, e pela manhã sem saber como, nem de que maneira, achou que tinha as mãos tão perfeitamente sans, como se nunca tivera nellas cousa alguma. Vendo tão notorio, e manifesto milagre, em que Deos mostrou, quão aceita, e de seu serviço era a obra, que se fazia, não cessava de

de lhe dar as graças , e a seu Santo ; e divulgando-se por toda a Villa aquelle beneficio, veio à noticia de todos.

6 Hum estranho caso refere hum Memorial antigo desta Provincia, que supposto não diz o tempo , nem lugar, em que succedeo, conforme algumas conjecturas (porque não escrevamos por certo o duvidoso) foi em esta Villa de Penamacor, e assim o escreveremos aqui , onde fallamos do Convento, que nella temos. Houve nesta Provincia hum Religioso chamado Fr. Marcos do Basto, de santa vida , e simplicidade columbina , e na verdade homem de Deos , em que Adão parece não havia peccado. Este seguio muitos annos o Confessionario, morando em diversas partes deste Reino , onde temos Convento. Sendo já velho , e parecendo-lhe que podia cedo morrer , quiz , assim por honra , e louvor de nosso Padre S. Francisco, como tambem por lhe parecer que em certo modo estava obrigado, deixar escrito de sua letra, firmando-se ao pé, hum caso notavel, que em a confissão tinha ouvido. Declara elle logo, que para o publicar pedira licença à penitente , que ella deo de boa vontade: e passou tudo nesta fórma.

7 „ Houve, diz elle, em

„ certa Villa, ou Lugar deste
 „ Reino huma mulher nobre
 „ por geração , supposto que
 „ vil , e baixa nos costumes.
 „ Esta, sendo menina, começou
 „ a seguir desenfreadamente o
 „ appetite de sua má inclina-
 „ ção ; e largando as redeas à
 „ sensualidade , não tinha ou-
 „ tro gosto maior que offender
 „ a Deos. Não se depravou nun-
 „ ca em o exterior , porque o
 „ pejo , que tinha por ser no-
 „ bre, lho impedia, e refreava ;
 „ porém occultamente, e
 „ na vontade, era como aquella
 „ mulher, que refere S. João
 „ no Apocalypse ; não havia
 „ homem, que lhe não parecesse
 „ se bem, ainda que fossem de
 „ diferentes estados , e assim
 „ desejava peccar com quantos
 „ via. Trazia-lhe o demonio
 „ muitos pensamentos torpes,
 „ e em todos consentia facilmente.
 „ Chegou a estado de
 „ tanta miseria, que desprezando a Deos, a Virgem , e a
 „ seus Santos , não fazia caso
 „ dos Sacramentos ; e se se confessava , ouvia Missa , e recebia o Senhor , era por
 „ temporizar com as gentes,
 „ porque no interior de tudo
 „ zombava. Ajuntou a esta
 „ desventura outra não pequena, e foi entregar-se aos demonios , os quaes tomáráo
 „ tanta posse della, que a travão , e communicavão co-
 „ mo

„ mo sua : entravão nella em
 „ figura de porcos pelas par-
 „ tes inferiores, sahindo-lhe pe-
 „ la boca na mesma figura, dei-
 „ xando a pobre mulher tão a-
 „ tormentada , que quasi não
 „ ficava em si. As mais das noi-
 „ tes a açoutavão cruelmente ,
 „ tanto que parecia ficar mor-
 „ ta ; e supposto que era já ca-
 „ sada em este tempo , e o ma-
 „ rido ouvia estas cousas , pe-
 „ la continuação já lhe não fa-
 „ zião algum abalo. Quando
 „ de noite estava dormindo ,
 „ davão-lhe os demonios a co-
 „ mer cobras : e dizia a mise-
 „ ravel mulher , que acordada
 „ achava na boca o sabor del-
 „ las. Quando de noite lhe ap-
 „ parecião, via humas sombras,
 „ e o que mais distintamente
 „ se lhe mostrava , erão humas
 „ mãos com mangas largas , e
 „ negras , e nellas huns gada-
 „ nhos de ferro , a modo de fa-
 „ texas. „

8 „ Neste trato , e com-
 „ munição chegou a estado ,
 „ que lhe sahia fumo pelos na-
 „ rizes : na boca trazia sempre
 „ hum sabor , como de solas de
 „ çapatos queimados , e dos o-
 „ lhos lhe cahião humas lagry-
 „ mas , que escaldavão , como
 „ se forão agua mui quente.
 „ Com tudo isto vivia a pobre
 „ mulher mui descançada , por-
 „ que nem temia os demonios ,
 „ nem se lhe dava de cousa al-

„ guma de quantas lhe fazião ;
 „ atè que hum noite , estando
 „ deitada , vio (sem saber co-
 „ mo alli viera) junto da ca-
 „ ma hum poço de agua mui
 „ profundo , e junto delle hu-
 „ ma mulher morta sem tripas ,
 „ nem as mais cousas interio-
 „ res: disserão-lhe os demonios,
 „ que se deitasse naquelle po-
 „ ço , e se afogasse nelle , que
 „ logo lhe farião o mesmo , que
 „ àquella mulher tinhão feito ;
 „ a qual por se ter dado aos
 „ demonios , estando sentada a
 „ hum ja nella na Villa do Sa-
 „ bugal , elles a levárão logo
 „ ao rio Coa , que por alli pas-
 „ sa , onde se afogou , e che-
 „ gou ao estado , em que a via.
 „ É isto (diz o Religioso , que
 „ escreveo esta historia) foi af-
 „ sim ; porque indo eu àquel-
 „ la terra , vi a ja nella , onde
 „ a mulher estava , quando des-
 „ appareceo , achando-se de-
 „ pois morta no rio. A pobre
 „ da mulher , vendo estas cou-
 „ sas , julgando dellas não se-
 „ rem fantasticas , mas verda-
 „ deiras , pareceo-lhe que já os
 „ demonios davão com ella no
 „ Inferno ; e foi tão grande o
 „ temor, que de tudo concebeo,
 „ que lançando mão a hum
 „ Imagem de nosso Padre São
 „ Francisco , que junto à cama
 „ tinha , se abraçou com ella ,
 „ dizendo : Glorioso S. Fran-
 „ cisco, valei-me; e supposto que
 „ eu

„ eu seja tão grande peccado-
 „ ra, e vos tenha perdido o ref-
 „ peito tantas vezes, tenho por
 „ certo que ninguem chamou
 „ por vós em suas necessidades,
 „ que vós lhe não acudisses: eu
 „ vos prometto de haver em
 „ mim de hoje em diante emen-
 „ da, e de ser vossa especial
 „ devota. Caso estranho! A-
 „ penas acabou a afflicta mu-
 „ lher de pronunciar estas pa-
 „ lavras, quando o poço, a mu-
 „ lher morta, e os espiritos in-
 „ fernaes desapparecerão. Com
 „ isto ficou algum tanto quie-
 „ ta aquella pobre peccadora,
 „ e determinando ir-se confes-
 „ sar o dia seguinte, gastou o
 „ restante da noite em a pre-
 „ paração, que para este ef-
 „ feito lhe era necessaria.

9 „ Tanto que amanhe-
 „ ceo, e forão horas para sa-
 „ hir de casa, acompanhada de
 „ algumas pessoas foi ao nosso
 „ Convento: no caminho lhe
 „ apparecerão muitos homens
 „ vestidos de negro, e arma-
 „ dos, correndo de huma para
 „ outra parte, lançando raios
 „ de fogo com pedras de co-
 „ riscos; e supposto que a gen-
 „ te de sua companhia não via
 „ cousa alguma destas, ouvia
 „ com tudo, e julgava que erão
 „ trovões, e que o tempo que-
 „ ria fazer alguma mudança.
 „ Chegou com todos estes im-
 „ pedimentos a nova peniten-

„ te aos pés do Confessor, on-
 „ de os demonios quizerão afo-
 „ galla, e a puzerão em esta-
 „ do, que foi necessario dizer
 „ elle aos espiritos infernaes
 „ com grande fé, e espirito,
 „ que da parte de Deos todo
 „ poderoso lhes mandava que
 „ se fossem, e deixassem aquel-
 „ la alma livre, que o mesmo
 „ Senhor criára para o Reino
 „ de sua Bemaventurança. Com
 „ isto ficou aquella mulher li-
 „ vre, e desimpedida para po-
 „ der confessar suas culpas, que
 „ logo foi referindo com tan-
 „ ta dor, e arrependimento de
 „ as haver commettido, que
 „ pelos actos exteriores, lagry-
 „ mas, e soluços, se estava
 „ mostrando huma contrição
 „ perfeita. Dilatou-lhe com tu-
 „ do o Confessor a absolvição,
 „ por ser necessario haver-lhe
 „ recurso de algumas cousas,
 „ e assim lhe disse, que se fos-
 „ se para sua casa, e que mais
 „ devagar fizesse exame de sua
 „ consciencia, porque para con-
 „ fissão de tantos annos era
 „ necessaria huma preparação
 „ mais prolongada; que tornaf-
 „ se dahi a alguns dias, em que
 „ elle tiria buscado tudo o que
 „ convinha para sua confissão
 „ ser perfeita; e que confiava
 „ em Deos, pois aquella obra
 „ era sua, lhe não faltaria com
 „ a Divina graça. E que se
 „ neste meio tempo ella mor-

„ reffe, visto estar em lugar de
 „ penitencia, elle daria a Deos
 „ conta de sua alma. Foi-se com
 „ isto a mulher, tornando os
 „ demonios a apparecer-lhe no
 „ caminho, porém com menos
 „ estrondo, e ameaças, e foi
 „ a ultima vez, que os vio, por-
 „ que nem em casa, nem fóra
 „ della ousarão mais apparecer-
 „ lhe. Com isto rematou o
 Confessor o fim deste successo,
 sem tratar do que esta mulher
 teve, tal vez porque fosse ain-
 da viva; mas bem se collige,
 que pois com tanto fervor, e
 lagrymas acudio ao lavatorio da
 penitencia, teria sempre a Deos
 da sua parte, e a intercessão
 de nosso Padre S. Francisco, de
 cujos merecimentos se valeo em
 o maior perigo, e com taes fa-
 vores alcançaria perseverança atè
 o fim da vida. E supposto nos
 não diga tambem expressamen-
 te, que a dita penitente viesse
 outra vez depois daquelles dias,
 que lhe deo para maior exame,
 e recurso de algumas cousas, por
 cujo respeito lhe dilatou a ab-
 solvição, com tudo de seu mes-
 mo testemunho se collige com
 evidencia; porque dizendo-nos
 nelle, que a ultima vez, que os
 demonios lhe apparecêrão, foi
 indo do Convento para sua ca-
 sa, a primeira vez, que buscou
 a confissão, bem se vê, que tor-
 nou depois; que a não ser assim,
 não soubera elle que aquelle

fora o ultimo apparecimento.

CAPITULO LV.

*Vida exemplar de Fr. Christovão
 de Abrantes.*

NO fim do triennio
 de Fr. Maseu de
 Elvas passou da presente vida
 em o Bosque de Borba hum Re-
 ligioso chamado Fr. Christovão
 de Abrantes, entre os de seu
 tempo não de vulgar opinião de
 santidade. Tomou este Reli-
 gioso o habito, e fez profissão
 em o Convento do Bosque, e
 logo no principio deo mostras
 do que ao depois havia de ser:
 em todo o genero de virtudes
 se exercitou: era por extremo
 pobre, humilde, e penitente;
 não se contentava com as mor-
 tificações ordinarias da Com-
 muniidade, sempre accrescenta-
 va outras de novo seu fervoro-
 so espirito. A gravidade Reli-
 giosa em suas palavras era tal,
 que nenhuma gastava ociosa-
 mente, todas se dirigião a lou-
 vores de Deos, ou doutrina, e
 edificação do proximo. Era no-
 tavel a pontualidade, com que
 acudia ao Coro em todo o tem-
 po de sua vida, ainda depois de
 muito velho, porque por mais
 cansado que chegasse do cami-
 nho, sendo Provincial, nunca
 faltou a Matinas, nem a outro
 algum acto de Communiade,
 salvo as enfermidades o impe-
 dião

dião. A oração era seu total exercício; não sómente se dava a ella; mas disto tinha escola para os outros se saberem dar a Deos: em todas as Casas, onde viveo, assim subdito, como Prelado; praticava aos Frades o Eschio, que então florescia, tratando suas mortificações, que he a sua primeira via purgativa; com as outras duas, illuminativa, e unitiva, de que o mesmo Eschio tratou altamente.

2 Praticou juntamente o Anriquerpe, que tambem fallou nesta materia grandemente; com isto affeioou tanto os Frades à oração, que todos andavão furtando o tempo, para o darem a este doce exercicio; onde recebião grandes mercês, e sentimentos de Deos. E para que do Eschio se pudessem aproveitar todos, o traduzio do Latim no nosso idioma Portuguez, que foi impresso, callando seu nome, em Evora a seis de Setembro de 1554. por ordem do Cardeal Infante, com quem este Religioso teve estreita amizade. Nas advertencias que fez no Prologo ao Leitor, mostra bem o quanto tinha alcançado de contemplativo. Na guarda dos sentidos foi em seu tempo singular particularmente no da vista, que mortificava de maneira, que mais parecia tella totalmente perdida, que mortificada. Conta-se delle, que ten-

do huma irmã Abbadessa no Convento da Madre de Deos em Lisboa, a quem nunca tinha visto, porque nasceo depois de elle ser Frade; entrando naquella Convento, onde a irmã estava, por obrigação de seu officio, porque era então Commissario Geral deste Reino; e andando por hum bom espaço passeando com ella em huma varanda, foi tão grande o recato, que teve, que lhe não vio o rosto.

3 Tão desapegado como isto era de tudo o que fosse da terra; ainda daquillo, a quem pelo sangue estava tão estreitamente unido. A Villa de Abrantes, sua patria, nunca foi depois que nesta Provincia tomou o habito; senão sendo Provincial della, por razão de visitar hum Convento que naquella Villa temos; onde por ser sua terra, gastou menos tempo, do que costumava gastar nos outros. Quão austero fosse, mostrou bem no Capitulo, em que foi eleito em Ministro Provincial no anno de 1566. mandando que nenhum Religioso pudesse trazer sandalias, ou outra alguma couza nos pés, ainda que fosse pelos caminhos; com que todos os Vogaes, deixando as sandalias no Convento da Vidigueira, onde se celebrou o Capitulo de sua eleição, fizeram as jornadas a pé totalmente descalços.

Este rigor observou elle com-
sigo mesmo, pois visitou todas
as trez vezes toda a Provincia
na mesma fórma. Em seu go-
verno foi prudentissimo, dispoz
algumas cousas para o bom re-
gimento da Provincia; e à in-
stancia dos Vogaes do Capitulo,
em que foi eleito, ordenou hum
Ceremonial, por onde esta se go-
vernasse no tocante ao Officio
Divino, que durou até virem
os Breviarios reformados.

4 Acabado o tempo de seu
ministerio, foi eleito em Com-
missario Geral sobre todas as
Provincias deste Reino, por or-
dem do Cardeal Infante, onde
querendo seu zelo introduzir o
rigor, que na sua se observava,
nascêrão-lhe daqui alguns des-
gostos, e acabou ante tempo
seu officio. Recolheo-se para o
devoto Convento do Bosque, a
fim de se dar nelle todo a Deos,
o que lhe restasse de vida, com
aquella quietação, e socego,
com que se occupava no ex-

ercicio da santa oração antes
de ser promovido às Prelazias,
que teve; que estas quando não
divirtão, tomão algum tempo.
Mandou-lhe fazer a Infante Do-
na Isabel, de quem era Con-
fessor, mulher do Infante Dom
Duarte, e filha do Duque Dom
Jaime, hum cella, onde moras-
se, que ao depois servio de Li-
vraria. Poucos annos viveo nes-
te retiro, porque quiz Deos pre-
miar tão santas obras, como lhe
tinha feito; e para que todas
côroasse com a paciencia, o vi-
sitou em todo este tempo com
muitas, e trabalhosas enfermi-
dades, que elle soffreo com tan-
ta alegria de seu espirito, co-
mo quem sabia que as enfermi-
dades, e trabalhos são o fogo,
em que se purifica o ouro. Foi
seu transito em o anno de mil
e quinhentos e setenta e qua-
tro no sobredito Convento do
Bosque, para que nascesse para
o Ceo no mesmo lugar, onde
para a Religião tinha nascido.

CHRONICA DA PROVINCIA DA PIEDADE.

LIVRO QUARTO.

Contém as eleições de vinte Ministros Provinciales: fundações de Conventos: Religiosos de virtude: e varios successos dignos de memoria.

CAPITULO I.

Eleição do vigesimo Ministro Provincial: e breve memoria de dous Religiosos de seu triennio.



A' deixamos escritos,^a que no anno de de 1571. se intimou em o Capitulo Geral celebrado em *Ara-Coeli* hum Decreto do Summo Pontifice S. Pio V. em que mandava que os Ministros Geraes durassem em seu governo. oito annos, e

os Commissarios Geraes, e Provinciales quatro. De mais dos quatro annos durou Fr. Maseu em o governo quatro mezes, com titulo porèm de Commissario Provincial, como consta de huma Patente do Ministro Geral da Ordem Fr. Christovão de *Capite fontium*, passada em vinte de Outubro de 1573. em o nosso Convento de Elvas, onde se achou por este tempo, indo embarcar-se em Lisboa para passar a França. Pelo mez de Janeiro do seguinte anno convocou Fr. Maseu os Vogaes para eleição de novo Ministro; sahio eleito vespera da Epifania
o Ir-

Fr. Miguel
de Estre-
moz Pro-
vincial 20.

o Irmão Fr. Miguel de Estremoz, Varão mui regular, e perfeito. Presidio neste Capitulo o Padre Fr. Damião da Torre, Religioso da Santa Provincia da Arrabida, e Commissario Geral neste Reino. Fez os gastos delle o Cardeal Infante, que ainda era Arcebispo de Evora; e tão devoto nosso, como fica dito, quando tratámos do Convento de Val-verde, que nos fundou.

2. Foi este novo Prelado de mui santa, e singela conversação, zeloso do augmento da Provincia, e de a sustentar naquella seu primeiro instituto, para cujo fim ordenou muitas cousas de novo, assim no Capitulo, em que sahio eleito, como na sua Congregação, que celebrou em Estremoz dia do Archanjo São Miguel vinte e nove de Setembro de 1575. e todas mui prudentemente dispostas. Mostrou tambem o zelo, que tinha, de que a Provincia se conservasse em seus antigos, e louvaveis costumes, no que lhe succedeo com a Infante Dona Maria, filha de El Rei D. Manoel. Tinha a eximia piedade desta Infante fundado em Evora ^b hum mui recoleto Convento do Monte Calvario, Religiosas Capuchas da primeira Regra de Santa Clara; e trazendo pelo mez de Outubro de 1574. do Convento da Assump-

ção de Faro, e de Jesus de Setuval Freiras, que o povoassem, quiz que a nossa Provincia tivesse cargo dellas, para cujo effeito alcançou huma Patente do Ministro Geral; porèm elle se houve de tal sorte com aquella Senhora, que lhe fez rasgar a Patente, e desistir da pertença. Com este zelo continuou todo o tempo de seu Provincialato, que foi além dos quatro annos oito mezes, por ausencia do Commissario Geral deste Reino; no fim dos quaes, antes de acabar seu officio, acabou a presente vida, com grandes mostras de santidade, em o Convento de Santo Antonio de Evora que então fundava o Cardeal Infante, como logo diremos.

3. No anno ^c de 1574. e não em o de 1601. como achamos escrito no Agiologio Lusitano, ^d passou da presente vida a lograr os premios da eterna hum perfeito Religioso, chamado Fr. Antonio de Aveiro. Foi natural da Villa de seu nome: tomou o habito, e fez profissão em a nossa Provincia da Piedade, onde depois de poucos annos de professo, foi instituido Prégador; porque no mundo aprendeo letras sufficientes para este sagrado ministerio; e foi o verdadeiramente Apostolico; porque primeiro usava comfigo o que persuadia ao au-

^b Gonz. 3.p.
p. 1014.
Agiol. Lus.
tom. 2.
Março 5.
lit. C, in
Comment.

Alca
una f
Tom
Abril
lit. D
Com
Fr. A
de A
Sacer

auditorio; coufa, que devem fazer os Prégadores, para tirarem fruto de seu trabalho. Todos os dias infallivelmente castigava seu corpo com huma aspera disciplina, que lhe dava; é como se esta, sendo tão rigorosa, que o deixava banhado em fangue, não bastára para sujeitar a carne ao espirito, nunca já mais se deitou em cama, nem se cubrio com roupa alguma, por grande frio que fizesse; o breve somno, que tomava, era sobre huma cortiça. Trazia de continuo ao redor da carne hum aspero cilicio: usava de muitas, e diversas mortificações, contrariando sempre sua propria vontade. Era mui caritativo para com os proximos, de rara, e profunda humildade: frequentava o exercicio da santa oração, e contemplação: estes erão os livros, por onde estudava, e nelles alcançou tanta graça de fallar em materias de espirito, que parece enfeitigava os animos dos ouvintes, de tal sorte, que suas Praticas, e Sermões, por mais largos que fossem, sempre parecião breves.

4 Desta sublime lição dava aos Religiosos huma hora cada dia, buscando-o elles mesmos para este effeito: e com tanto fervor de espirito lhes fallava, que desterrava a tibieza, e froxidão de seus corações, accendendo nelles hum vivo fo-

go de devoção, e amor de Deos. Era tão afeiçãoado às virtudes da caridade, e humildade, que quando era Prelado, (que o foi muitas vezes) para se exercitar naquellas virtudes, e fazer que seus subditos obrassem as mesmas, mandava muitas vezes tanger à Comunidade, juntos os Frades, tomava cada hum o que entendia era necessario aos prezos das cadeas publicas, sendo muito para ver levarem huns lenha às costas, para se aquentarem, outros hortaliça; huns cestos de pão, e outros panelas de carne guizada; e deste modo exercitavão a caridade, os prezos ficavão consolados, e satisfeitos, e edificados os que os vião. No exercicio de tão boas obras foi o servo de Deos passando a vida até chegar à velhice, trazendo continuamente diante dos olhos a lembrança da morte, despertador de sua salvação, repetindo todas as horas aquellas palavras do Rei Ezechias^e: *De mane usque ad vesperam finies me*: que querem dizer: *De pela manhã até à tarde, me acabareis, Senhor, e perderei a vida*. Bem poderia ser que o repetir elle estas palavras tão ameudo, fosse por alguma revelação, que tivesse da morte, que havia de ter; porque assim succedeo depois, como elle dizia antes: de pela manhã até à tarde o levou o Senhor desta pre-

^e Isaia c. 38.
num. 12.

presente vida para os gozos da eterna. *Supp* Acabou elle de prégar no povo de Azurára huma Quaresma; onde com seus Sermões tinha feito muito fruto; e vindo do ultimo para casa, que foi o dia da Resurreição, disse ao Prelado: *Tratai, irmão, de buscar outro Prégador, porque eu com este de hoje rematei meus Sermões.* Cuidou o Guardião que dizia aquillo por graça, pois não se via nelle cousa, que o obrigasse a fallar de si; porém o dia seguinte mostrou o fundamento, com que este sermo de Deos fallára. Recolheo-se logo para a sua cella; gastou com Deos aquelle dia; foi a Matinas, e Prima o seguinte; sahindo della, lhe deo hum accidente de apoplexia tão notavel, que só teve tempo de encommendar a Missa do dia, porque tinha obrigação de dizella. Feita esta diligencia, perdeu de todo a falla, ainda que não o juizo, segundo os actos exteriores, que mostrava, fazendo às Imagens de Christo nosso Redemptor, e de sua Mãe Santissima repetidas reverencias. Neste estado recebeu o Sacramento da extrema Unção, e acabou no mesmo dia, primeira oitava da Pascoa pelos annos do Senhor, que temos dito. Sentirão muito os Frades sua morte, não por ser tão a-

pressada, e repentina, pois como diz o Espírito Santo, o justo ainda, que na morte vá apressado, *f* nem por isso deixa de ir gozar de refrigerio, mas pela falta, e ausencia de tão celestial companhia. Concorreo o povo de Azurára a seu enterro; e assim como era respeitado na vida por santo, o foi muito mais na morte, lamentando-o tão desentoadamente, que na Igreja se não entendia ninguem, em quanto se celebrou o funeral officio da sepultura.

6 No mesmo tempo deste Ministro Provincial Fr. Miguel de Estremoz, faleceo tambem outro Religioso, chamado Fr. Diogo da Pederneira, Prégador dotado de muitas, e raras virtudes. Para segurança das quaes, e para que a alma as conservasse, e o corpo as não impedisse, regalava a alma com oração, e meditação continua, e castigava o corpo com asperas penitencias, e disciplinas. Era maravilhoso o fruto, que fazia com seus Sermões, como acompanhados de tão santas obras, e exercicios. Nas horas, que tinha a Comunidade de oração, assistia elle, ainda já depois de muito velho, entre os noviços, sempre de joelhos, como se fosse qualquer delles. Seu recolhimento era tão notavel, que não só evitava a pratica dos seculares, mas ainda da

da conversação dos Religiosos fugia ; e assim sempre estava recolhido em sua cella, gastando o tempo com Deos. Foi de singular pobreza, e fervorosa caridade: no exercicio destas virtudes perseverou até a velhice com fama de santidade, que confirmou mais a morte com o placido, e outras circumstancias, que teve.

CAPITULO II.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Evora.

76 **E**M pouca distancia da mui nobre, e antiga Cidade de Evora, para a parte do Norte, temos hum Convento dedicado a Santo Antonio, cujo sitio he o melhor, e mais sadio, que tem aquelles contornos, sendo que fomos dos ultimos Religiosos, que naquella Cidade fundarão. Por ficar em hum alto descobre dalli a vista espaçosos campos, e tambem huma grande parte da Cidade, que faz boa perspectiva, o que tudo torna aquelle sitio notavelmente alegre. A cerca foi viçosissima, maior na fertilidade, que na grandeza; abundante de fruta, na quantidade tanta, como na qualidade excellente; povoada de espessas, e diferentes arvores, assim de espinho, como de caroço; além

de outras muitas infrutiferas, que não davão menos ao Convento no ornato, que lhe davão. Nesta fórma se conservou até o anno de 1663. em que o exercito Castelhana, entrando nesta Cidade, e fortalecendo-se para defensão della no sitio, onde está este nosso Convento, por ficar algum tanto eminente, destruiu a maior parte de seu arvoredo. Poucos dias depois, restaurada felizmente a Cidade pelos nossos, não só sentio a cerca o ultimo destroço, e estrago, mas ainda ficou impossibilitada da esperança de poder algum dia tornar á sua primeira fórma; porque a disposição de hum bem vistoso forte, que neste tempo alli fizeram, lhe impede o poder-se melhorar. Tem com tudo hum pequeno, mas bastante jardim de arvores de espinho, e algumas poucas de caroço, postas, e criadas alli depois do sobredito estrago. Rega-se assim este, como a horta, de dous formosos tanques, em que continuamente corre boa copia de agua da prata, por mercê dos Reis concedida para sempre a este Convento, com chave da casa, e arca de pedra, que está no cano Real, que passa pela cerca para a Cidade. Vai tambem sahir por occultos canos à claustra, em huma grande, e excellente cisterna, que nella ha, e

Ooo

em

em huma fonte pequena, mas de vistosa pedra; e em outras officinas do Convento, onde para o serviço he necessaria. Serve hoje a este de cerca o sobre-dito forte, em cujo meio está mettido, dando de si por hum bom espaço agradável vista.

O motivo, que houve para a fundação deste Convento, foi o refugio dos Religiosos moradores no de Val-verde, para nelle mais commodamente se curarem, quando cahião enfermos; que supposto se hião curar ao Convento de nosso Padre S. Francisco da mesma Cidade, e os Religiosos Padres delle lhes assistião com grande caridade, e cuidado, era com tudo grande a oppressão, que se lhes dava, quando succedia terem muitos enfermos, moradores de seu proprio Convento; que como he hum dos principaes de sua Provincia, sempre viverão nelle muitos Religiosos. Por esta causa intentarão nossos Frades fazer huma enfermaria em Evora: communicarão este seu intento ao Cardeal Infante no Capitulo de Val-verde, em que sahio por Ministro Provincial Fr. Miguel de Estremoz, a que o devoto Principe respondeo: *Não ha de ser, meus Padres, enfermaria, mas Convento.* Não achámos porèm que então se aceitasse; só nos consta, que na Congregação, que

celebrou o dito Ministro em Estremoz pela festa do Arcanjo S. Miguel do anno de 1576, teve effeito esta determinação. Seria talvez, porque fugirão nossos Frades da multiplicação de Conventos, e mais havendo de ficar este tão perto de outro, como lhe estava o de Val-verde; e que na Congregação a necessidade, que delle tinhão, pela razão assima dita, os obrigaria a aceitallo.

3 Começarão-se as obras no sobredito anno de 1576: por ordem, custa, e traça do Cardeal Infante, mais conforme à liberalidade, e animo Real, que tinha, que à vontade de nossos Frades, que desejavão não fosse tão grande, nem tão custoso. E não querendo elle, por mais que o importunárão, mudar em todo o proposito, que tinha, dizendo, que era seu gosto fazello daquella maneira, veio a mudallo em parte, condescendendo com os Religiosos em lhes fazer as cellas, e officinas, de que elles se servem, pequenas, e Capuchas, como na verdade o são, mais que nenhuma outras da Provincia; mas o claustro, e Igreja de fabrica grande, e sumptuosa. Com tanta vontade empredeo este grande Principe as obras deste Convento, que succedendo no tempo, que o tinha principiado, tomar posse, e cargo do go-
ver-

verno do Reino, que pouco depois herdou por falta de El Rei D. Sebastião de lamentavel memoria, unindo em si, qual outro Melchisedech, o Sacerdicio com a Coroa, em tempo de tantas alterações, e negocios de tanto pezo, como então occurrião, tanto era o cuidado, que tinha de todo o necessario para a obra, e procurar que se concluisse este Convento, como se não tivesse outro negocio, em que occupar o pensamento, nem outra cousa, em que pôr o sentido, desejan-do muito de em sua vida o deixar acabado de todo. Mas como a morte lhe abbreviasse mais o tempo della, do que se requeria para tanta fabrica, por muita diligencia, que nisso se fez, ainda ficou em grande parte imperfeita.

4 Succedeo-lhe no Arcebisado D. Theotonio de Bragança, filho do Duque Dom Jaime, e da Duquesa Dona Joanna de Mendoça, que com igual devoção, e liberalidade tomou à sua conta acabar o Convento de todo, sem mudar nada da traça, e ordem, que estava dada pelo dito Rei seu tio. Pollo em a perfeição, que tem agora, reservando em a Igreja a Capella do Altar maior para sua sepultura. Algumas das obras, que fez, expressa o Author da Relação summaria de sua

vida por estas palavras: *a Acabou, e aperseigoou o Mosteiro de Santo Antonio da Provincia da Piedade, Frades Descalços da Ordem de S. Francisco, extra muros desta Cidade de Evora, que o Cardeal El Rei D. Henrique, sendo Prelado, tinha começado; e o aperseigoou na fôrma, em que agora está, acrescentando-lhe mais suas cercas, fazendo-lhes seus tanques de agua, que tem, retabulos da Igreja, e outras officinas, em que gastou muitos mil cruzados.* Donde se vê quão imperfeito ficou o Convento, quando succedeo a morte do Cardeal Rei, e o muito, que nelle fez o Arcebispo D. Theotonio seu sobrinho.

5 Teve este Principe tão entranhavel amor, e devoção aos Frades desta Provincia, que se não pôde dizer com palavras: assim zelava sua reformação, e augmento; ainda em cousas minimas, como o mais zeloso della: assim tratava com elles, como com irmãos, conversando-os particularmente nesta Casa, e na de Val-verde, assistindo em sua companhia, não só em o Coro, e tempos deputados à oração, em a Comunidade, e Refeitório, senão tambem em outros officios humildes: hia com elles à cozinha, lavava por suas mãos a louça, e fazia outras obras de desprezo de si mesmo, como qualquer dos menores Re-

^b
Idem c. 14.
fol. 57.

ligiosos da Casa. Desta familiaridade, e trato com os Frades da Piedade dá testemunho a Relação referida. ^b *Ordinariamente* (diz ella) *estando em Val-verde, ou em Santo Antonio Mosteiros dos Descalços da Provincia da Piedade junto desta Cidade, comia com elles no Refeitório a seu modo sem toalhas, e com elles juntamente hia dar graças à Igreja. Na cozinha lavava com elles muitas vezes a louça, e algumas vezes os pés a elles. Aconteceo hum dia, sabendo deste Mosteiro de Santo Antonio, vindo para sua casa, era no Inverno, e chovia; em sabendo encontrou, que hião chegando ao Mosteiro quatro, ou cinco Frades, que vinhão para tomar Ordens, os quaes trazião os pés cheios de lama, e barro: em os vendo o Arcebispo, se tornou a recolher no mesmo Mosteiro, e mandou aquecentar agua, e não se sabio delle, até que lavou os pés a todos. Ajudava a cozer os hábitos de burel aos mesmos Padres, e em todas as cousas de humildade se exercitava com elles.*

6 Para mais commodamente poder tratar assim com os Religiosos, fez (à imitação do que o Cardeal havia feito em Val-verde) hum pequeno aposento com algumas cellas junto à portaria, onde vinha estar com poucos criados; os quaes, ten-

do aquelle aposento porta, e serventia para o campo, em nenhuma maneira entravão no Convento, nem a gente, que vinha fallar com o Arcebispo, mas só sua pessoa por huma porta, que tinha em sua camera. Ainda hoje se conserva este aposento na mesma fôrma, em que o mandou fazer o Arcebispo, tapando-se sómente a porta, que sahia para o campo, e serve de hospedaria em o Convento. Foi dotado de muitas, e excellentes virtudes este Principe, particularmente de huma singular caridade para com os pobres, com os quaes despendia tanto, que parecia não ser possível poder sua renda chegar a tanto. O officio de Prelado exercitou com tanta perfeição, que foi hum raro exemplo, e deo bem que imitar a todos: zelosissimo da Fé, e em defensão de algumas cousas pertencentes a ella, e de grande serviço, e honra de Deos, passou a Valhadelid, onde estava a Corte de Castella, ainda que já velho, e carregado de annos. Estando alli algum tempo, foi o Senhor servido de o levar de sua enfermidade, em vinte e nove do mez de Julho de 1602.

7 Seu corpo, por ordem do Illustrissimo Prelado Dom Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, que com o mesmo zelo o acompanhára àquella Corte,

te, e ficou por seu testamento, foi trazido embalsamado à sepultura, que para si neste Convento tinha lavrada, junto aos degrãos do Altar Mór, raza no chão, com huma pedra em cima, sem armas algumas, mais que com o seu nome, e cujo filho foi, e a quem succedeo no Arcebispado. Nella foi posto em dezeséis de Agosto do sobredito anno de 1602. que ainda que em sua Igreja Cathedral, e Capella dos Arcebispos podia escolher sepultura, ou em o Convento dos Padres da Cartuxa, que elle (trazendo-os a este Reino) fundou junto à Cidade, de que fez grande parte em sua vida, e o deixou bem dotado de rendas para poder acabar-se, e para sustento dos Religiosos; com tudo não quiz ser enterrado, senão entre os seus Frades da Piedade, mostrando neste ultimo favor, ainda em a morte, quanto os amára em a vida.

8 He a Guardiania deste Convento commummente de dezoito até vinte Religiosos com os noviços, que aqui se crião, por ser mui accommodado para sua criação, por recolhido, e devoto. A todos provê sufficientemente a Cidade, tendo a este Convento em grande estimação. Do que acerca de sua fundação temos dito, consta claramente se enganou

o Reverendissimo Gonzaga, ^{Part. 3.} quando tratando delle escreve ^{pag. 944.} que fora fundado pelo Cardeal ^{Conv. 12.} Infante no anno de 1580. e que ficando imperfeito por sua morte, deixára consignadas esmolas para se acabarem as obras: pois nem elle foi fundado no anno de 1580. senão no anno de 1576. nem o Cardeal Infante lhe consignou esmolas, com que se acabasse; antes o Arcebispo D. Theotonio de Bragança o aperfeiçoou, gastando nisto muitos mil cruzados, como diz a Relação, que assim referimos, e com quem se conformão as memorias do Convento.

C A P I T U L O III.

Alguns milagres, que Santo Antonio obrou nesta Cidade.

I **T**ão senhor se tem feito Santo Antonio do coração de todos com a continuação de seus milagres, que apenas se achará Catholico, diz Roberto Licio, ^a que não seja devoto deste grande Santo; que como assiste com seu favor a todos, que o invocão, faz assim geral sua devoção. Por esta causa dizia o mesmo Roberto que só aquelle tinha licença para calar seus louvores, que recorrendo a elle, não tivesse experimentado seus beneficios:

^a Robert.
Lic. Serm.
de Santo
Antonio.

ficios, dando-nos nisto a entender que erão geiaes, e a todos chegavão. Muito a meudo os experimentão os moradores de Evora: são elles grandemente devotos do Santo, a elle recorrem mais ordinariamente em seus apertos; e paga bem esta devoção, com que o buscão com os milagres, que obra em seu favor. Dos muitos, que tem feito em esta Cidade, sómente referirei dous, por serem modernos, e em nosso tempo.

2. No anno de 1682. houve em toda a Hespanha huma notavel secca, de que se seguiu huma grande esterilidade; e neste nosso Reino, quem mais experimentou seu damno, foi Coimbra, e seus contornos, porque à falta de mantimento sobrevierão humas perniciosas malignas, a modo de contagio. Por huma, e outra cousa despejãrão aquella Universidade os que cursavão nella: entre estes foi hum estudante Canonista, natural da Cidade de Evora, chamado Antonio Lopes Lobato; e supposto que chegou são, a poucos dias se lhe descobriu huma maligna de qualidade, que brevemente o poz no ultimo da vida. Estava já desconfiado do Medico, que o curava, choravão-o seus pais, como a morto; e vendo que já não havia esperanças de poder por via humana cobrar o enfermo saude,

recorrêrão a Santo Antonio, de quem elle era devoto. Mandarão buscar ao Convento huma pequena, e devota Imagem sua, que na Sacristia se guardava, donde sahe em dias particulares à Igreja: foi-lhe levada, e vendo o enfermo em sua casa a Imagem do Santo, supposto estava com delirios, abraçou-se com elle, dizendo, que não queria outro Medico em sua doença. Couisa maravilhosa! Repentinamente se lhe despedio a maligna, e ficou são o que já choravão como a morto. Dahi a pouco espaço veio o Medico visitallo, a quem o enfermo despedia, dizendo que já não tinha necessidade de cura; porque estava livre da enfermidade. Tudo isto attribuiu o Medico a delirio, e ainda depois de lhe tomar o pulso, como era pratico na cura das malignas, presumindo que aquella se tinha recolhido, como algumas vezes succede, para mais repentinamente matar, chegou a dizer que não tinha a bom final vello são tão de repente. Porém o successo mostrou com evidencia o milagre; porque não sobreveio mais cousa alguma ao doente, e em poucos dias convalesceo, e publicava a todos a mercê, que o Santo lhe fizera. Deste prodigio forão testemunhas, não só a gente de casa, e outra alguma de fóra,

mas

mas tambem os nossos Frades, que assistião havia já alguns dias ao moribundo.

3 Na doença, que teve o sobredito enfermo, lhe assistio huma sua tia, que a poucos dias delle são cahio da mesma enfermidade, e chegou ainda a mais lastimoso estado, que o sobrinho. E como tinha visto o prodigio, que obrára Santo Antonio, valeo-se tambem delle neste aperto: pedio-lhe levafsem a mesma Imagem, e cobrou saude perfeita. Piedosamente podemos crer foi tambem milagrosa, ainda que o não affirmamos, por não ser tão repentina, e dilatar-se mais alguns dias a convalescença. Divulgáráo-se estes dous casos pela Cidade, e foi tal a fé, e devoção, que a gente della cobrou à Imagem do Santo, que naquella anno foi mais o tempo, que assistio em casa dos enfermos, que no seu Convento, alcançando muitos delles a saude desejada.

4 Mais moderno he o segundo milagre, que o Santo obrou invocado por Maria dos Santos, mulher de Gregorio Prates, naturaes, e moradores da mesma Cidade. Tinha esta hum menino filho seu de idade de trez annos, a quem no Baptismo fez chamar Antonio com attenção a este Santo, de quem sempre havia sido mui devota.

Andava elle hum dia, que se contava finco de Setembro do anno de 1689. brincando com outros de sua idade na rua das Alcaçarias, junto de hum poço, de que não sabendo resguardar-se sua innocencia, cahio dentro delle. Leváráo à mãe a nova, que ahi perto morava, e ferida do sentimento, levantou os olhos a hum quadro de Santo Antonio, que em casa tinha, pedindo-lhe favor naquella aperto. Ouvio o Santo a petição de sua devota, porque supposto o menino esteve no poço hum quarto de hora, e neste espaço foi duas vezes ao fundo, quando o tiráráo delle sahio como se nenhuma cousa lhe tivera succedido, antes fazendo-se algumas diligencias para que lançasse a agua, que presumião teria bebido, não lançou nem hum gota. Perguntado depois pela mãe, que passára dentro do poço, disse, (para que usemos de suas palavras, a quem não dá pouca graça sua innocencia) que em quanto nelle estivera, vira junto de si hum Fradinho mui bonito; e o mesmo diz ainda hoje de maior idade. Agradecidos os pais a este favor, mandáráo pintar em hum quadro este successo, que puzerão em a Igreja do nosso Convento, onde hoje está, por testemunho de seu agradecimento, e do beneficio, que recebêráo do Santo.

5 Memoravel he tambem o que aconteceu a trez Coristas nossos, sahindo deste Convento de Santo Antonio de Evora para o da Villa do Redondo. Vinhão elles de tomarem Ordens, e chegando já noite a huma ribeira, que está duas leguas antes desta Villa, a acháram mui crescida, com que se virão postos em grande cuidado; porque como era já noite, e não havia dalli perto onde se agazalhassem, se não resolvão tornar atrás. Neste tempo virão chegar junto a si huma ave branca, que foi passando a ribeira, tocando com as azas na agua, não ao direito, senão em torcicólos, como quem lhes mostrava o caminho, por onde havião de passar. Disse então hum delles: *Vamos, Irmãos, seguindo aquella ave, que por ella nos mostra Deos o caminho;* e fazendo-o todos assim, passáram livremente, nem lhe chegou a dar a agua pelo joelho: de que ficou tão admirado hum lavrador irmão dos Frades, em cuja casa se agazalhárão os trez Coristas aquella noite, que ao outro dia pela manhã, antes de os despedir, quiz que o levassem à ribeira, e mostrassem a parte, por onde a havião passado; e vendo-a, cresceu mais sua admiração, affirmando que alli acravava huma lança.

CAPITULO IV.

Virtuosa vida de Fr. Antonio de Abrantes.

N O tempo deste Ministro floreceo Fr. Antonio de Abrantes Sacerdote, Religioso de inculpavel vida, e maravilhoso exemplo. Era actualmente Mestre de noviços, quando Deos o quiz fazer professo nos bens da eterna Bemaventurança, chamando-o a elles depois de o ter provado no exercicio de muitas virtudes. Sua vida foi hum perpetuo, e dissimulado jejum, conformando-se em os dias, que o não erão, com a Comunidade, sem tomar do que lhe punhão mais que huma tigela de caldo, e algumas hervas, que com a carne no prato hião. Todas as quartas feiras jejuava a pão, e agua em reverencia, e devoção do Santissimo Sacramento: o mesmo fazia em as Vigalias dos Santos, obrigação da Igreja, da Regra, e costume da Provincia, tirando a Quaresma, e Advento, os quaes partia pelo meio, jejuando metade a pão, e agua. Nos outros dias do anno nunca ceava, contentando-se com a refeição, que ao jantar tomava, tão moderada, como temos visto; e assim ficava jejuando continuamente.

2 Sempre foi singular em suas vigílias, velando a maior parte da noite em oração, em que recebia do Senhor conso- lações muito grandes: e sup- posto que elle procurava muito occultallas, não estava tanto em sua mão o encubillas, que dei- xassem de alcançar os Frades algumas vezes as mercês, que Deos lhe fazia. Todos os dias à noite tomava com seus disci- pulos huma disciplina, e na ma- drugada do seguinte dia elle se açoutava nas costas cruelissi- mamente: tal era o rigor, e aspereza, com que se tratava, que veio a enfermar dos olhos, e das mãos, em que padecia terriveis dores, que elle soffria com maravilhosa paciencia. Os dedos se lhe encolhêão de ma- neira, que para dizer Missa, era necessario levarem-lhe bra- zas ao Altar, em que os aque- n-
 103. se David, ^a que para Deos crear
 6. o Ceo, o estendêra como hu-
 4. ma pelle: e no Apocalypse ^b se
 diz em profecia que para o re-
 novar, o tornára a encolher co-
 mo pergaminho de hum livro.
 Renovár queria Deos a seu ser-
 vo Fr. Antonio de Abrantes em
 os meritos da paciencia naquel-
 le encolhimento de dedos, que
 tão excessivas dores lhe causa-
 va. Não erão com tudo bas-
 tantes os achaques, para que
 elle faltasse aos exercicios da

penitencia, nem ainda afroxas- se hum ponto em o rigor della.

3 Foi por extremo devoto da Senhora Mãi de Deos, e particularmente de sua purissi- ma, e immaculada Conceição, à qual fez hum continuo oita- vario: porque todos os dias (fó- ra do Officio Divino da obri- gação) rezava o deste myste- rio da Senhora com todas suas horas, começando como em o proprio dia, e proseguindo os mais até o oitavario, acabado o qual, tornava de novo a fa- zer o mesmo com huma revo- lução perpetua. A Senhora lhe pagou mui bem este serviço; porque se entendeu, e foi fama entre os Frades, o certificára do dia certo de sua morte, a- nimando-o, e confortando-o pa- ra ella: e ou fosse por esta via, ou por outra de revelação, el- le a soube muito tempo primei- ro; porque quasi dous mezes antes do Nascimento de nosso Salvador, disse que havia de morrer no terceiro dia da Oi- tava do Natal que he dia dos Innocentes. Andou todo aquelle tempo sem enfermidade algu- ma, (fóra a dos achaques or- dinarios) seguia a Communi- dade, e continuava com seus santos exercicios, a que a cer- teza do fim accrescentava mais o espirito, porque nelle entoa- va mais suavemente os Divinos louvores.

4 Chegada a festa do Natal, adoeceo de hum catarro, com o qual se confessou logo geralmente, e aparelhou com todo o espirito, e fervor, como quem sabia quando havia de morrer. Aos Frades, que lhe parecia, e dizião que seu mal era leve, e não mortal, respondia, que tinha pedido à Virgem Senhora nossa que o levasse naquella festa, e que esperava nella que lho havia de conceder. Naquelle breve tempo, e dias de sua enfermidade teve outra visão falsa do inimigo, que o quiz persuadir que não havia de morrer daquella vez; mas resistindo varonilmente com o que já tinha sabido, prevaleceo contra o demonio, e de novo foi certificado que havia de ser sua morte dia dos Innocentes; no qual pedio lhe dessem a extrema Unção, e rezassem o Officio da agonia, a que elle sempre respondeo, e ajudou tão inteiramente, como se não tivesse enfermidade alguma, nem esperasse aquelle trago tão amargoso, que faz tremer a todos. Depois de tudo isto tomou hum devoto Crucifixo em suas mãos, e fixos os olhos nelle, qual generosa Aguia olhando o Sol, esteve hum grande espaço sem se mover, nem pestenejar, tão contemplativo, que parecia estar todo arrebatado.

5 Logo pedio lhe lessem aquelle devoto Hymno, que canta a Igreja Catholica na festa da gloriosa Ascensão de Christo Senhor nosso, e começava então, como se vê nos Breviarios antigos: *Jesu nostra redemptio, amor, & desiderium, &c.* e hia juntamente dizendo com elles. Chegando àquelle verso, que diz: *Tu esto nostrum gaudium, qui es futurus premium*, apenas acabou de pronunciar esta ultima palavra, sem algum tremor, ou final do divorcio, que aquella bemdita alma do corpo fazia, como quem se deixa vencer de algum suave somno, ficou Fr. Antonio repousando em o Senhor. O corpo denegrido em a vida com o rigoroso das penitencias, que fazia, ficou depois da morte tão formoso, que os Frades se não fartavão de o abraçar, e beijar como de Santo, e nesta opinião o tinham os seculares, pedindo lhe dessem alguma cousa sua por reliquia. Vinte e seis annos pouco mais, ou menos depois de sepultado, sendo Guardião Fr. Antonio de Lamego, em o Convento de Aveiro, onde o servo de Deos morreo no sobredito dia dos Innocentes do anno de 1577. morrendo na mesma Casa Fr. Francisco Foreiro, outro grande servo de Deos, de quem nos lembraremos a seu tempo, abríão pa-

para o enterrarem a cova , em que foi sepultado Fr. Antonio , e foi achado nella hum corpo inteiro : não se soube então cujo era , por não haver alli algum Religioso , que se houvesse achado presente à sua morte ; mas tirando-se depois informação dos que noutro tempo alli havião morado , se achou ser de Frei Antonio de Abrantes , porque depois delle se não enterrára alli outro.

CAPITULO V.

Vida maravilhosa do Santo Frei Antonio de Nebrixa ; e primeiramente de sua entrada na Religião , e penitencias , que nella fazia.

I **O** Soberano Deos , e Senhor nosso Jesus Christo , que como verdadeiro Summo Sacerdote do Templo universal da Igreja Catholica , tem a seu cargo accender nella ardentes tochas , e resplandecentes luzes de santidade , para que sempre seja alumeadada de novos resplandores , e particularmente tem singular cuidado de prover dessa luz as Sagradas Religiões , como partes principaes , e Capellas mais vistosas da mesma Igreja , foi servido de pôr sobre o castiçal desta sua Provincia da Piedade humana , e maravilhosa luz de ad-

miravel resplandor de santidade , cujos formosos raios de preclarissimas virtudes se espalharão , e derão a conhecer em diversas partes. Esta foi o Veneravel , e perfeitissimo Varão Fr. Antonio de Nebrixa , Sacerdote dignissimo , e ferventissimo Prégador entre todos os que mais o forão em seu tempo. Nasceo este santo Religioso de honestos parentes em hum Lugar de Andaluzia , chamado Nebrixa , donde tomou o appellido , e sobrenome. Em a flor de sua juventude , como começasse a conhecer as vaidades , e perigos do mundo , e quantos vicios ha nelle , determinou de o fugir , dedicando-se ao serviço de Deos toda a vida.

2 Para este effeito pedio , e recebeu o habito da Religião em a santa Provincia de Andaluzia , da Ordem de nosso Serafico Padre S Francisco , e fez profissão nella , onde viveo algum tempo. Mas como guiado do Espirito de Deos , que nelle morava , aspirasse ao supremo da perfeição Evangelica , entendendo que a vizinhança , e natural afeição da patria , o amor dos parentes , a presença dos conhecidos , e a comunicação dos amigos lhe seria não pequeno impedimento para subir a ella , como se o Senhor lhe differe , quasi a outro Abrahão , ^a que não só dei-

Gen. c. 12.
num. 1.

xasse a casa de seus pais , conversação dos amigos , e parentes , senão também a propria terra , e a exemplo do nosso glorioso Portuguez Santo Antonio de Padua , a quem foi mui parecido , assim na aspereza da vida , como nos milagres , deixando todas estas cousas , e arrancando de seu coração todas as affeições terrenas , determinou de ir viver em terra estranha.

3 Tinha elle noticia do rigor , com que se vivia nesta Provincia da Piedade em Portugal , parecendo-lhe accommodada para seu intento , havidas as licenças necessarias , se veio a este Reino no anno de 1538. pedio ao Ministro Provincial , que então era Fr. Diogo de Borba , no fim de seu segundo Ministrado , o quizesse receber , e como a filho , e subdito seu criar nos santos costumes , e exercicios , que nella se guardão. Elle o aceitou com muita benignidade , como vaticinando já quem Fr. Antonio ao diante havia de ser ; o qual deo bem a conhecer com suas obras pelo decurso do tempo , que não procedêra de liviandade sua mudança. Nem foi como a infeliz
 Gen. c. 19. num. 26. ^bmulher de Loth , ^b que tornou a olhar atrás : porque de tal maneira poz em esquecimento o pai , mãe , patria , e parentes , que não sómente não quiz tor-

nar a vellos , senão que em quarenta annos , que viveo nesta Provincia , não procurou novas suas , nem quiz saber se erão vivos , se mortos : todo o seu cuidado era agradar a Deos , aqui occupava todos seus sentidos. E como sua Divina Magestade nunca desampara a quem deseja servillo , tanto communicou de si mesmo a este seu servo , que foi hum dos mais perfeitos Varões de seu tempo ; subindo a tão alto gráo de santidade , que a muitos deo materia de admiração , e a poucos lugar de poderem imitar o raro de suas obras.

4 Em os quarenta annos , que viveo na Provincia , nunca bebeo vinho , nem comeo peixe , ou carne , posto que andasse caminhos , ou estivesse fraco , ou mal disposto. Seu comer ordinario era pão , e laranjas , maçans , e quaesquer outras frutas , quando as havia : hervas da horta cruas ; e se algumas vezes as comia cozidas , (o que succedia raras vezes , e por ser importunado dos Frades) as temperava com cinza , emulando a mortificação do gosto de nosso Serafico Patriarca , fazendo assim penitencia do mesmo manjar , que lhe era necessario para passar a vida. Outras muitas vezes o seu comer era pão molhado no vinagre : desta sorte andava seu espirito pro-

provando novos generos de mortificações, e sua abstinencia inventando traças, com que fizesse guerra ao gosto. Quando hia a prégar fóra do Convento atè humá, ou duas leguas, sempre tornava acabado o Sermão a jantar a casa, por não comer em a de seculares; ou para melhor dizer, por não fazer sua abstinencia onde dos homens pudesse ser visto. E se o Sermão havia de ser mais de duas leguas em distancia, e não podia tornar para o Convento àquelle tempo, levava huns pequenos pedaços de pão, como pobre, com humá cebola, e em falta desta, humas azeitonas, e depois do Sermão, e Missa, dizia ao companheiro, que fosse com os devotos, que os convidavão, e querião agazalhar; e elle em qualquer lugar apartado comia só do que levava na manga, fugindo às mezas abundantes de iguarias, por não ser importunado a comer dellas.

5 Estes erão os banquetes do Santo Fr. Antonio todo o tempo que não jejuava; (ou para melhor dizer, a que não chamava jejum, sendo que o era todo o anno na realidade) porque em o que elle tinha feito de obrigação, tratava-se de outro modo differente; porque como todo seu estudo era pintar-se com as tintas das virtu-

des humá expressa imagem, e retrato de nosso Padre S. Francisco, sempre jejuou as Quaresmas, que o Santo Patriarca jejuava, na fórma por elle repartidas: como he a que chamamos dos Bemditos, pela benção, que o Santo Padre lançou a todos os Frades, que a jejuassem, e começa da festa dos Reis quarenta dias continuos. Seguia a esta a Quaresma da Igreja, a que todos somos obrigados: entre Pascoas a Quaresma pequena dos dez dias antes de Pentecostes: depois outras grandes aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo; e dahi à Assumpção da Sacratissima Virgem Senhora nossa, de quem era devotissimo. Logo outra aos Anjos, a quem tambem tinha grande devoção, atè dia do Arcanjo S. Miguel, cuja festa celebrava com grande fervor, e alegria. Os sabbados do anno (que em obsequio da Senhora se costuma jejuar por devoção nesta Provincia, jejuava elle com tanto rigor, e infallivelmente, como se fora obrigação precisa. A Quaresma da Igreja, Advento, com todas as sextas feiras do anno, a que obriga a Regra, nas vigalias dos Santos, como erão jejuns de obrigação, as mais das vezes não comia mais que pão, e agua, e disto ainda pouco; de outra maneira parecia-lhe que não jejuava.

2. ad Cor.
c. 11. n. 29.

6 Com ser para si tão rigoroso, para os outros era mui brando, e compassivo: dizia-lhes que comessem, porque tinham necessidade, e não tão forte estomago, como elle, para fazerem taes abstinencias. Desta sua grande caridade deo manifesta prova algumas vezes que nesta Provincia foi Prelado, sendo para com os subditos benigno, e liberal, folgando que tivessem todo o necessario, que não excedesse os limites da santa pobreza, que promettemos. Particularmente exercitava esta excellentissima virtude para com os enfermos; e com tanta ternura, e affectuosa vontade se compadecia delles, que bem podia dizer com o Apostolo: *Qual de vós enferma, que eu não esteja enfermo?* Com tanta humildade os servia como quem servia a Christo, que nelles considerava atormentado, e afflicto por amor de nós. Trazia continuamente cruel cilicio, e de poucos usado, porque era hum lamina de metal crivada a modo de ralo, com toda aquella aspereza para a carne, que sempre trazia ferida, e lastimada; e como a cruel inimigo lhe negava todo o descanso, não lhe concedendo algumas tre-goas, ou deixando lugar de poder tomar brio.

7 Era tão pouco o somno, e limitado repouso, que dava

ao cansado corpo, que não tanto parecia dar-lhe refeição, quanto enganallo. O numero, e rigor de suas disciplinas era extraordinario. O inestimavel thesouro da castidade guardava com tanto cuidado, que não só fugia o trato, e communicação de mulheres, (ainda que honestas, e virtuosas) como de aspide, cuja peçonha mata suavemente, senão tambem, como outro Job, ^d parece que ^{Jo. ab c. n um.} tinha feito concerto com seus olhos, para que nem ainda as visse. Se alguma vez lhe era forçoso fallar com alguma, era com os olhos baixos, e postos em terra, sem nunca já mais lhe olhar ao rosto. Huma vez lhe aconteceo, sahindo elle do nosso Convento de Santo Antonio de Abrantes, querer hum nobre, e devota matrona fallar-lhe pela noticia, que tinha de sua santidade, mas o servo de Deos se desviou por fóra do caminho: o que vendo a virtuosa mulher, lhe clamou, dizendo: *Ouçá-me, meu Padre, hum só palavra.* A que elle respondeu sem voltar o rosto: *Não digo eu humá, mas ne n meia;* e foi andando por diante sem lhe querer fallar: que os Santos sendo mui fortes, temem os perigos, em que temerariamente se mettem os mui fracos.

CAPITULO VI.

Do amor, que este grande servo de Deos teve à pobreza; e como foi milagrosamente provido.

I A santa pobreza foi sempre amicissimo este servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa: de sorte que nenhum avarento podia haver tão cobiçoso de ouro, quanto elle cobiçava não ter cousa alguma neste mundo. Se algum Irmão via trazer mais pobre habito, ou manto que elle, rogava-lhe que quizesse trocar pelo seu, trabalhando sempre com huma santa inveja que este fosse mais vil, e desprezível à imitação de nosso Serafico Padre. De qualidade estampou em si esta joia, que o Santo Patriarca nos deixou por herança, que quem via ao santo Fr. Antonio, via hum animado retrato da pobreza: tal se mostrava no vestuario, comer, e trato. Rarissima vez aceitava habito, ou tunica nova, senão o que os outros já deixavão, que remendava para si. Do muito, que amava esta virtude, lhe vinha amar tambem entranhavelmente aos possuidores della: com os pobres tratava mui familiarmente, tanto assim, que quando caminhava, não fallando com pessoa alguma, nem ainda com

seu companheiro, por se não divertir da contemplação, em que hia, se encontrava estes, com muita benignidade, e ternura os conversava.

2 Compadecia-se por extremo delles, e algumas vezes deo liberalmente o pobre manto, outras a tunica, que trazia, aos que via mal arroupados, despindo-se aquellas peças, para vestillos a elles, condenando assim a impiedade dos ricos, que não vestem a Christo em seus pobres: cargo, que lhes ha de dar este Senhor ^a no ultimo Juizo. Se lhe havião dado alguma esmola de cousas de comer, todas lhas repartia, e para este effeito as aceitava. Como verdadeiro, e perfeito pobre euangelico, quando partia de casa, e fazia alguma jornada, ainda que fosse comprida, não levava cousa alguma de comer comfigo; mas pondo todo o seu cuidado em Deos, o alforje, de que se provia, era da confiança da providencia Divina, que não receava lhe faltasse. Não se achou enganado neste seu pensamento, porque algumas vezes, que se vio em necessidade, foi provido milagrosamente.

^a Matt. c. 25.
num. 43.

3 Vinha huma vez o Santo Fr. Antonio do Reino do Algarve para o Alentejo a hum Capitulo Provincial, que se fazia, acabando de ser Guardião de

de Santo Antonio de Loulé, adiantando-se muito outros Religiosos, que com elle vinhão, porque sempre caminhava apartado delles, por se dar mais quietamente à oração, aconteceu que na passagem daquella aspereza de montes, e serras inhabitadas, e solitarias daquelle Reino para esta Provincia, se sentio tão fraco, e necessitado, que quasi desfaleceo de todo. Nesta necessidade estava, quando subitamente vio junto de si, sem saber donde alliviera, huma mulher de aspecto grave, e venerando, que representava muita modestia, e honestidade, sentada em huma jumentinha, e trazia em seus braços hum formoso, e alegre menino. Olhou ella para o santo Religioso, e perguntou-lhe, dizendo: *Servo de Deos, comerieis agora alguma cousa, se volda derão? Por certo, irmã*, respondeu elle, *que bem necessitado de levo disso*. Tirou ella então de huma toalha hum formoso pão, e humas azeitonas, como iguaria tão usada do pobre caminhante, e lho deo com sinaes de muita affabilidade. Recebeo elle aquella esmola, como vinda do Ceo, dando as graças ao Senhor pelo cuidado, que tinhã de provello. E querendo tambem dar os agradecimentos àquella mulher, por mais que olhou ao perto, e ao longe, e

por todas as partes ao redor, a não vio mais, nem ainda rasto da jumentinha. Pelo que dando de novo com maior fervor graças ao Senhor, pelo assim prover milagrosamente, tomou sua refeição daquillo, que lhe mandárão: e como outro Elias confortado, não com pão subcinericio^b trazido pelos Anjos, ^{Reg. C. 19} mas com pão do Ceo ministrado pela Rainha de todos elles (ao que se presume) caminhou esforçadamente por aquelles montes, atè alcançar os companheiros, e chegarem a povoado. Bem se póde presumir que hiria naquelle tempo meditando em o mysterio da fugida, que fez a Sacratissima Virgem Senhora nossa para o Egypto com seu bemdito Filho Jesus em os braços, quando o buscava Herodes para lhe tirar a vida, pois foi o Senhor servido de prover sua necessidade naquella fórma, e figura.

4 De outro caso temos noticia, que obrou Deos nosso Senhor para acreditar a confiança, que este Santo Varão punha em sua Divina providencia. E foi, que sendo elle Vigario em o Convento de nossa Senhora do Paraíso de Sylves, aconteceu não haver em Casa pão para comer: fez-lhe o Porteiro disto aviso, o qual lhe mandou que não deixasse de tanger a comer a suas horas, por-

porque irião fazer as ceremonias costumadas. Chegado o tempo do jantar, e tangendo o fino à Comunidade, dito o Psalmo, e orações, que he costume, sentados à meza, apenas o leitor começou a lição, tocárão rijamente a campainha. Acudio o Porteiro, e abrindo a porta, achou junto a ella hum açafate com dez guardanapos, (tantos erão os Frades, que alli moravão) e dez pães de grandeza, e formosura extraordinaria, e outras tantas reções de carneiro cozido, e quente, cuberto tudo com huma toalha encrespada. Não se vio alli pessoa alguma, que pudesse trazer aquella esmola, por mais diligencias que para este effeito fez logo o Porteiro, sahindo a olhar pelo caminho se via alguma pessoa; e parece foi Deos servido, que nem dalli muito longe se divisasse, para que não ficasse o milagre duvidoso. Com tudo ainda depois disto, para maior confirmação, mandou o santo Fréi Antonio dizer do pulpito, que quem em tal dia mandára aquella esmola, o dissesse, para se lhe tornar o cesto, e toalha: o mesmo se perguntou nas Aldeas vizinhas, sem que disto se achasse alguma noticia. Não fazia o santo Prelado tanta diligencia, porque duvidasse do milagre, mas para mais mani-

festamente mostrar a seus Frades a confiança, que devião ter na providencia Divina. Assim proveo o Ceo muitas vezes suas necessidades, que quanto mais se descuidava de si para o temporal, tanto Deos tinha delle maior cuidado.

C A P I T U L O VII.

*Dé alguns milagres, que Deos
nosso Senhor obrou por este
seu servo, ainda em
sua vida.*

I Gual cuidado põem os servos de Deos em occultarem sua virtude, que em procuralla; que como só de Deos esperão o premio, não querem do mundo o applauso. Com tudo por mais que se elles retirem aos olhos humanos, nunca podem esconder tanto sua santidade, que não seja conhecida: pois esse mesmo Senhor, por cujo respeito a occultão, nas maravilhas, que por elles obra, a manifesta; que como paga tão bem a quem o serve, não só premêa no Ceo seus trabalhos, tambem cà na terra os acredita com milagres ainda em vida. Quanto o servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa procurasse encubrir suas virtuosas obras, se deixa bem ver, em que para a oração, em que era continuo, buscava da noite o

mais profundo silencio, e de dia o retiro de sua cella, ou o mais solitario, e occulto da cerca. Porém quanto elle mais se escondia, tanto Deos mais o manifestava por muitos milagres, que por elle obrou, vivendo ainda neste desterro: querendo-o honrar desta maneira, para que sua santidade fosse mais conhecida, e venerada no mundo. Destes referiremos alguns, porque todos não fora possível.

2 Indo huma vez a hum Lugar do Reino do Algarve, chamado Alcantarilha, distante cinco leguas da Villa de Loulé, e entrando em casa de hum mui honrado, e devoto Sacerdote, chamado Luiz Gonçaves, levava para seu jantar, porque o não obrigassem a comer outra cousa, humas maçans verdes, e azedas, que havia pedido. O bom Sacerdote, que as vio, e presumio o intento, para que Fr. Antonio as trazia, pediu-lhe que por amor de Deos lhas quizesse dar, e aceitar a troco dellas outras maduras, e melhores, que elle tinha. Infitou nisto tanto, que o veio a conseguir: não pode este servo de Deos deixar de fazer o que este seu devoto lhe pedia, aceitou a troca. Estava na mesma casa hum moço doente, e com mui grandes dores, causadas de huma cruel febre, que tinha havia muitos dias, sem lhe a-

proveitarem muitos remedios, que para isso lhe forão applicados: este vendo as maçans verdes, que o santo Fr. Antonio trouxera, como tinha noticia de sua santidade, pediu com muita devoção ao Sacerdote lhe quizesse dar huma dellas, porque esperava em o Senhor, que com ella cobraria saude. Não se enganou o enfermo, nem foi sua fé sem proveito; porque em comendo a maçam, foi cousa maravilhosa, que o pomo verde, e azedo, que naturalmente lhe houvera de ser mui nocivo, tal virtude recebeo do soberano Creador, que dá, e muda quando quer a substancia às cousas, o deixou tão repentinamente são, que se levantou logo da cama. O que para aquella enfermidade he veneno, e peçonha, passado pelas mãos do servo de Deos, com a fé, que o moço nelle tinha, foi antidoto, e medicina. O prudente Sacerdote, vendo tal milagre, não quiz impedir as mercês do Senhor, obradas pelo seu servo; deo as outras, que lhe ficavão, a enfermos, que no Lugar havia, e com ellas sararão muitos de diversas enfermidades.

3 Semelhante caso aconteceu outra vez ao santo Fr. Antonio, indo caminhando de Loulé para a Cidade de Sylves, porque encontrando huma mu-

lher pobre , e enferma de mui grandes febres , ella lhe pedio esmola , e que lhe rezasse hum Euangelho , para que o Senhor se lembrasse de sua grande necessidade , e miseria. Rezou-lhe o Euangelho ; e por não ter outra cousa , que lhe dar , deo-lhe huma maçã , que na manga trazia : comeo-a a mulher , e foi Deos servido que logo de repente tivesse faude , de que deo as graças ao Senhor , e a seu fiel servo. Com estes meios , não ló desproporcionados ao fim , mas ainda contrarios a elle , obrava a graça de Deos neste seu servo , e a fé dos enfermos estas maravilhas , como notão os Expositores da massa de figos , que o Profeta Isaías applicou ^a ao Rei Ezechias , tão contraria ao achaque , que padecia o Rei , que mais podia servir de veneno , que de mezinha , e com tudo surtio effeito a faude.

4 Sendo Prelado no Convento de nossa Senhora do Paraíso em Sylves , havia na Cidade huma mulher viuva , chamada Leonor da Sylva , honrada , mas mui pobre , e carregada de filhas. E como esta lhe fosse algumas vezes chorar suas necessidades , compadeceo-se della o Santo Varão , deo-lhe esmola , e disse , que quando alli tornasse a vir , ou mandar , repartiria com ella da pobreza ,

que houvesse em casa , pois era tão necessitada de remedio. Fel-lo ella assim , e continuando dahi por diante , levava de cada vez huma esmola pequena , como de pobres : (que não dão de muito , que lhe sobeje , como os ricos fazem , senão tirando-o do pouco , que tem para si) aquella quantidade pequena , que por si não bastaria a sustentar huma só pessoa , repartida por mãos de hum verdadeiro discipulo de Christo , e professor do Sagrado Euangelho , qual era este santo Religioso , depois de a viuva a ter recebida , dentro em sua arca , ou em as mãos , sem saber como , lhe crescia , e se multiplicava por virtude Divina de tal maneira , que toda aquella familia comia em abundancia ; e o que mais faz o milagre manifesto he , que aquillo mesmo , que tinha recebido do Santo Religioso , lhe sobejava , para poder dar a outros , como algumas vezes fazia. Do que admirada aquella mulher , descobrio este milagre , que lhe acontecia , a algumas pessoas , encarecendo o muito merecimento , que tinha diante de Deos o santo Fr. Antonio , por quem obrava taes maravilhas. Veio à noticia do humilde Varão o que na Cidade se sabia , cessou de lhe dar esmola alguns dias ; e quando lha tornou a dar , compadecido de sua necessidade ,

foi pedindo-lhe fé , e palavra de não descobrir mais os myfterios Divinos , nem attribuir a elle, o que só era obra da mão Divina.

5 Aconteceo tambem , que indo das partes do Alentejo para o Algarve sem companheiro , foi hum dia em companhia de huns Almocreves , que como elle hião para Loulé. A' tarde chegarão a hum lugar chamado Boliqueime , duas leguas à quem da Villa de Loulé ; e afentárão os Almocreves comfigo de ficarem alli todos aquella noite , porque não era possivel chegarem a Loulé , que era grande , e máo caminho , e nenhum outro povoado tinhão , onde ficarem ; se dalli passavão. Fr. Antonio disse que havia de passar adiante , e que esperava em Deos de ir dormir ao Convento. Quizerão os companheiros dissuadillo de tal intento ; mas persistindo nelle o servo de Deos , tomou o caminho só , deixando-os admirados sua resolução. Ficárão elles alli repoufando aquella noite até o outro dia ; no qual chegando a Loulé , e passando pela porta do nosso Convento , perguntárão ao Porteiro a que horas chegára Fr. Antonio. Respondeo elle , que às Ave Marias. A essas mesmas (disserão admirados os homens) partio elle hontem de Boliqueime , onde esti-

vemos todos. Ficárão então entendendo huns , e outros , que sem dúvida nenhuma fora trazido milagrosamente , e que por virtude Divina andára aquelle caminho com tanta brevidade , pois era impossivel de outro modo. Muitos outros milagres obrou Deos nosso Senhor por este seu servo , dos quaes escreveremos alguns no Capitulo seguinte , tratando dos maravilhosos effeitos de sua oração.

C A P I T U L O VIII.

Da virtude , e maravilhosos effeitos da oração do Santo Fr.

Antonio de Nebrixa.

ERa o Santo Fr. Antonio tão fervente , e continuo na oração , que conforme ao conselho de Christo Senhor nosso , parece que sempre orava , sem nunca desfalecer. Ordinariamente andava com o pensamento tão recolhido , e occupado em Deos , que alienado de si mesmo , todas as vezes que os Religiosos o encontravão , lhe ouvião proferir palavras nascidas do que lá dentro da alma sentia. As de que mais communmente usava , erão estas , que muitas vezes repetia ; *Bemdito seja Jesus , bemdito seja Jesus* : quando as deixava , pegava naquellas de Isaías : *Quid sunt plage istae in medio*

ma-

manuum tuarum; como que fallando com Deos, lhe perguntava espantado de ver chagas em suas mãos. Donde parece que o mysterio, em que mais frequentemente contemplava, era o da Sagrada Paixão de Christo nosso Redemptor.

2 Por este respeito, quando caminhava, ou hia prégar fóra, raras vezes, e mui pouco fallava com os companheiros, porque como Aguia generosa, remontada em celestes pensamentos, hia enlevado em contemplação, de que se seguia suspender-se a cada passo com os olhos no Ceo. Muito menos fallava com os caminhantes, que encontrava, salvo com os pobres, em quem considerava a Jesus Christo Senhor nosso, por nós em este mundo. Este mesmo estylo de fugir à pratica dos seculares observava no Convento, quando nelle por causa de devoção o buscavão; porque fallando-lhe devotamente do espirito, logo os despedia. Sómente no Bosque de Borba, morando alli, fallava com hum virtuoso Fidalgo, chamado D. Diogo de Lima, que além de ser estrangeiro, enviuvando naquelle tempo em Villa-Viçosa, com outros trabalhos, que lhe sobrevierão, vivia desgostoso; a quem o servo de Deos por este respeito fallava, consolando-o com suas devotas,

e tantas palavras. Quando estava fóra do Convento, para mais evitar toda a occasião de ser impedido em suas meditações, fugia quanto era possível de se agazalhar à noite nas casas dos seculares, procurando alguma Hermida, ou Igreja, em que se recolhesse. Quando isto não podia fazer, ditas poucas espirituaes palavras aos moradores da pouzada, onde entrava, deixando com elles o companheiro em conversação, dizendo-lhe que tivesse o cumprimento devido, se apartava em alguma camera, quintal, ou outro lugar solitario, conforme a commodidade, que tinha.

3 Na Aldea, que chamão do Bispo, (a mais vizinha, e duas leguas do nosso Convento de S. Vicente do Cabo) entrando huma vez em casa de hum Alexandre Vaz, nosso especial devoto, recolheo-se em huma camera, que estava deputada para agazalho dos Frades, quando alli vinhão. Ficou Fr. Vicente de Alvor seu companheiro com o hospede; depois de estarem conversando huma parte do serão, querendo ambos saber o que Fr. Antonio fazia, e abrindo a porta, que estava cerrada, o víráo estar de joelhos, com os braços estendidos em fórma de Cruz, levantado em alto da terra, maravilhosamente sustentado em o ar,

o ar , e ouvião que fallava , e calando hum pouco , tornava logo , como que respondia ao que lhe dizia outrem ; mas não vião quem era o com quem fallava , nem lhe entendião o sentido das palavras. Admirados de tão estranho caso , cheios de pavor , e com intimo affecto de devoção , e respeito ao servo de Deos , se apartarão delli , por lhe não impedirem aquellas Divinas affluências.

4 Estando no Convento , raras vezes era visto fóra da cella , ou Igreja , assim de dia , como de noite , porque vigiava mais do que parece permite a fraqueza humana. O pouco repouso , que tomava , era antes da meia noite , recolhendo-se para a cella mui pouco tempo antes de Matinas : quando tocavão a estas , acudia sempre ao Coro ; e não faltava a ellas , ainda que estudasse para pregar , e ainda que estivesse fraco , ou cansado de longo caminho do dia de antes , nenhuma coula bastava para o divertir deste santo exercicio. Muitas vezes no Coro era visto ficar suspenso , e tão fóra de si , que totalmente não dava razão do que se dizia ; com que costumava pagar fóra do Coro o que lhe parecia que não differa , nem ouvia. Em Santo Antonio de Loulé aconteceo que faltou huma vez no Coro

à entrada das Matinas , e o despertador , como se costuma , o tornou a chamar , parecendo-lhe que não despertára , e entrando-lhe na cella , vio nella hum grande resplendor , e claridade e ao Santo Fr. Antonio de joelhos em oração , raptó em extase , sem dar fé de nada. Attonito o Frade da visão , se tornou louvando a Deos por tal santidade , e disse ao Guardião a causa , por que o Santo Fr. Antonio não despertára , e vinha ao Coro.

5 Depois de Matinas nunca se tornava para a cella ; mas acabada a oração da Comunidade , ou se ficava no Coro , ou descia abaixo à Capella , onde perseverava de joelhos , ou em pé diante do Santissimo Sacramento , contemplando nos Divinos Mysterios até o nascer do Sol , apparelhando-se com grande espirito para receber em a Missa ao Filho de Deos debaixo das especies sacramentaes , que com summo respeito , e devoção venerava. Sendo Guardião no mesmo Convento de Loulé , como huma vez o Porteiro Fr. Manoel de Abrantes o buscase por toda a Casa , para lhe dar certo recado , sem o poder descobrir , foi buscallo aos lugares mais encubertos da cerca , onde o achou detrás de huma mouta posto de joelhos com os olhos no Ceo , elevado em ex-

extase mental, sem dar algum acordo de si; da mesma maneira foi achado outras muitas vezes nos taes lugares. Na Cidade de Sylves, andando elle à esmola, e passando pela porta do Conego João Affonso Provisor, e Vigario Geral naquella Bispoado pelo Bispo D. Jeronymo Osorio, que então estava em Roma: pediu-lhe o Conego que quizesse entrar em sua casa, como fazião os outros Religiosos, porque tinha licença geral para isso dos Prelados, por ser muito devoto, e bemfeitor nosso. Não obstante isto, Fr. Antonio se escusou, e não quiz entrar: o que vendo o discreto Provisor, lhe disse: *Ora entre, Padre, que lho mando por santa obediencia.* Não foi necessario mais para o servo de Deos obedecer: o Conego o levou a huma sua camera, onde lhe mostrou a cabeça de S. João Baptista, retratada tanto ao vivo, e natural, que pondo os olhos nella, ficou traspassado, e fóra de si, de maneira que diz o Provisor em seu testemunho, que se lhe não acudira o companheiro, que junto d'elle estava, certamente cahira no chão. Dalli por diante ficou Fr. Antonio mais afeiçãoado ao devoto Conego, e por esta occasião lhe entrava em casa, quando hia à esmola.

6 De quanto merecimento

fosse a oração deste servo de Deos, manifestou o Senhor ao mundo, em diversos casos dos quaes referiremos aqui sómente dous. Em o nosso Convento de S. Vicente do Cabo (como já dissemos ^c na descripção de seu sitio) não ha fonte, nem ribeiro dalli a grande espaço, nem agua alguma para beber, nem para lavar, e mais serviço, senão a da chuva, que se recolhe em huma cisterna. E como hum anno deixasse de chover muito tempo, pouco, e pouco se veio a agua, que havia, a gastar de todo. Vendo os Frades a cisterna esgotada, não sabião que fazer em tal necessidade, senão desamparar o Convento por algum tempo até chover. Mas Fr. Antonio recorrendo à oração, onde sempre achava certo o soccorro em todas as necessidades, se foi rogar ao Senhor com grande efficacia, por aquella presente dos Religiosos. Não se achou enganado em sua confiança, ou frustrado de seus desejos; porque sendo ouvido, foi coula maravilhosa, como o que aconteceu ao Profeta Elias, ^d que estando o Ceo no mesmo tempo sereno, e claro, começou logo a descubrir humas pequenas nuvens, as quaes em breve se condensarão: toldando-se finalmente o ar de todo, principiou a chover copiosamente, e tanto con-

^c Supr. l. 2.
cap. 16.
num. 1.

^d Regum
cap. 18.
num. 45.

tinuou a chuva sem cessar, que totalmente se encheo a cisterna, e cresceo a agua.

7 Em Estremoz andando o servo de Deos pedindo esmola pela Villa, e vindo-lhe humma mulher dar o pão à porta, com mostras de grande sentimento, e com muita devoção lhe pedio lhe fizesse caridade encommendar a Deos seu marido, o qual estava doente à morte acabando, e que com tudo, por mais que lhe dizião, não havia remedio para se querer confessar, nem dispor para morrer. O servo de Deos a consolou, dizendo que não se affligisse, que elle tomava à sua conta encommendallo a nosso Senhor. Recolheo-se; pedida a esmola, para casa, fez oração por elle aquella noite; e foi tal a virtude, e efficacia de sua oração, que o endurecido enfermo, tocado por Deos, mudou a vontade, e logo pela manhã mandou chamar Confellor, e se confessou com grandes mostras de contrição, e arrependimento de suas culpas; e recebidos com devoção os Sacramentos da Igreja, feitos os mais actos de bom Christão, repouso em o Senhor.

8 Morando em Loulé, entre muitas, foi humma vez prégar a hum pequeno Lugar chamado Alte, distante daquella Villa trez leguas. Acabado o

Sermão, poz-se logo a caminho para o Convento: em a Nave, que he humma herdade à quem de Alte humma legua, lhe persuadião huns seus devotos, que não passasse adiante, porque hia humma ribeira caudelosa, que no caminho lhe ficava, chamada Algiva, ou Ator, tão fóra da mão, que de nenhuma maneira a poderia passar, por ter chovido toda aquella noite, e parte do dia. Não quiz o servo de Deos vir no que seus devotos lhe aconselhavão, porque puxava por elle o retiro da sua cella, e continuando a jornada, chegou à ribeira, que hia tão impetuosa, e arrebatada, como se fora caudeloso rio. Fez elle breve oração a Deos, e no mesmo tempo se achou por virtude Divina à porta do Convento, tocando à campainha. Não entenderão por então os Frades o maravilhoso modo, com que alli fora trazido, se bem o suspeitáram logo, não só pela brevidade, com que veio, pois chegou ainda com muito Sol a casa, tendo prégado dahi trez leguas no mesmo dia; mas tambem porque pela experiencia sabião já, qual iria a ribeira, chovendo grandemente toda a noite antecedente: quando menos bastava para não dar passagem. Dahi a poucos dias vierão ao Convento os devotos, que em a Nave persuadião ao fan-

Santo Fr. Antonio se ficasse com elles , e desejando saber o que tinha passado , inquirirão o tempo , em que chegára , e vierão a entender pela resposta , que no mesmo , em que se poderia chegar à Ribeira , e não passar humanamente na fórma , em que hia. Muitos outros casos lhe acontecerão , que por brevidade não referimos.

CAPITULO IX.

De como o servo de Deos Fr. Antonio teve espirito de profecia.

ENtre as graças , que o Espirito Santo communicou a este seu servo , que como diz S. Paulo ^a reparte-as por todos , como quer , lhe deo também o espirito de profecia , como se vio em algumas cousas , que lhe acontecerão. Sendo Guardião em o Convento de nossa Senhora do Seixo , ^b junto ao Fundão em a Beira , em hum anno , que por ser mui secco ameaçava esterilidade , e as novidades por falta de agua se hião já perdendo , ordenou o povo fazer huma Procissão à nossa Casa , pedindo à Sacratíssima Senhora nossa soccorro para aquella commua necessidade , e a elle rogárão quizesse prégar no dia da Procissão , que havia de ser o mesmo da festa da Annunciação da Se-

nhora em vinte e cinco de Março. Neste meio tempo , todas as vezes que o Porteiro do Convento entrava na sua cella , lhe encommendava que tivesse particular cuidado pedir a Deos remedio à necessidade daquelle povo , que em tanto temor de fome , e oppressão se via. Tantas vezes lhe fez esta lembrança , até que o Santo Prelado lhe disse : *Sabei , Irmão , que no dia de nossa Senhora choverá tanta agua , que por essa causa não haverá Sermão.* Assim aconteceu ; porque estando todos aquelles dias o tempo mui sereno , e quieto , na madrugada do dia da festa se começou a turvar o Ceo , e cubrir de nuvens de modo , que em amanhecendo foi tanta a agua , que não pode a gente sair de casa , e assim não houve Sermão , succedendo tudo como o servo de Deos tinha profetizado. Ficou toda aquella gente conhecendo no santo Fr. Antonio , não só o espirito de profecia , mas também attribuião à efficacia de sua oração aquelle bom successo , que os tinha tão contentes , como de antes estavam sollicitos , e penosos.

2 Outra vez , sendo elle Presidente do Bom Jesus de Barcellos , estando na Capella em oração , e sendo o Vigario Fr. Diogo de Villa-Viçosa fóra de casa , o pai de hum Re-

ligioso , chamado Fr. Ambrosio de Vieira , de sua terra , veio ver este filho ao Convento , ao qual achou nelle fervindo de Porteiro. E como Fr. Ambrosio visse seu pai , foi à Capella dar recado do que passava ao Presidente ; mas elle antes do Porteiro lhe fallar palavra , o prevenio , dizendo : *Ide , Irmão , e agazalhai muito bem a vossó pai.* Do que ficou admirado Fr. Ambrosio , porque nenhuma noticia havia de tal vinda , nem o servo de Deos tinha visto alguma vez seu pai , nem o podia saber por via humana , senão por via daquelle Senhor , em cuja conversação estava. Em São Vicente do Cabo , sahindo para pescar com hum cana na mão Fr. Manoel da Vidigueira Frade leigo , acaço encontrou com este santo Varão , que ahi tambem era morador , o qual lhe disse : *Ide , Irmão , Fr. Manoel , e trazei-me hum pargo ruivo como vós. Encommendai-me vós a Deos* (disse Fr. Manoel) *que mo póde dar.* Chegando ao lugar da pescaria , lançou a cana ao mar , tirou do primeiro lanço hum pargo ruivo mui grande , do tamanho de hum covado , e em todo o dia , nem elle , nem seu companheiro , por mais diligencias , que puzerão , tomáráo algum outro peixe , senão aquelle , que lhe fora profetizado.

3 Sahindo o mesmo servo de Deos deste Convento a pedir esmola na Aldea do Bispo , que como fica dito , he dahi duas leguas , em o deserto , e matos do caminho encontrou os moradores daquellas Aldeas vizinhas , que com armas andavão todos em montaria à caça de hum lobo , que fazia muito damno em suas criações , e gado ; andavão já mui desgostosos , e affligidos , porque se cansavão , e perdião o tempo , sem poderem achallo. Elle compadecendo-se da perda , e trabalho destes homens , feita breve oração , apontando-lhe com a mão para huma mouta , que estava dahi hum bom espaço à parte contraria ao caminho , por onde viera , lhes disse : *Irmãos , ide àquella mouta , que além está , e achareis esse lobo , que vos faz tanto damno , e matai-o.* Fizerão elles o que lhe disse Fr. Antonio , chegarão à mouta finalada , achárão o lobo , e com facilidade lhe tirárão a vida.

4 Quando ElRei D. Sebastião de lamentavel memoria apparelhava o exercito para passar a Africa contra Muley Maluco , em favor de Muley Mahamet Xarife , seu sobrinho , profetizou este servo de Deos sua ruina , dizendo com grande sentimento muitas vezes aos Frades , que no campo de Alcazarquibir havia de ficar a flor de

de todo este Reino. De muitos outros servos de Deos se diz, que profetizarão o mesmo, e ainda ao mesmo Rei; o que não foi bastante para impedir o dia mais funesto, que vio Portugal, em quatro de Agosto de 1570. O Illustrissimo Gonzaga^{3.º P. 42.} em sua Chronica geral diz, que este servo de Deos profetizou o felicissimo successo da batalha naval, e victoria, que o Emperador Carlos V. alcançou do famoso Pirata Ariadeno Barbaroxa em a Goleta, e tomada de Tunes: supposto que esta profecia fosse do Santo Fr. Francisco da Gatta, como deixamos escrito em sua vida, bem poderia ser que o profetizasse tambem o Santo Fr. Antonio, ainda que disto não ha mais noticia, que a que nos dá o sobredito Author.

CAPITULO X.

Da morte, e sepultura do Santo Fr. Antonio de Nebrixa.

QUando o servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, por ser já muito velho, parece devia moderar o rigor, e aspereza, com que se tratava, esteve tão longe de afrouxar nelle, que antes o accrescentava; qual movimento natural, que, segundo

os Filósofos, he mais veloz no fim, que no principio. Frequentava mais o santo exercicio da oração, e contemplação: nos ultimos tempos inventou seu espirito huma nova traça, para que a muita fraqueza, em que se via, (que era tanta, que apenas se podia sustentar em pé) causada da muita penitencia, que tinha feito, lhe não estorvasse tão santo exercicio, e foi, atar huma corda em duas grossas escapolas, que na cella tinha, e arrimado a esta, alli estava em oração todo o dia, e a maior parte da noite, sustentando desta sorte o debilitado corpo, que não desfalecesse. Ainda neste estado, pelo grande zelo, que tinha de aproveitar aos proximos, não deixava de hir prégar ao povo: exhortava com grande fervor à virtude, e a fugir do vicio, acabando sempre seus Sermões com estas palavras: *Não direis que vo-lo não disse Fr. Antonio.* E fazião tanta impressão nos ouvintes, que muitos annos depois da morte deste servo de Deos as trazião na memoria, repetindo-as frequentemente.

2 Affirma dissemos, que tinha por inviolavel costume, quando hia prégar fóra, huma atè duas leguas de distancia, vir jantar ao Convento, por não ser constangido a comer nas mezas dos seculares; e não po-

dendo já nos seus ultimos tempos observar este seu estylo, porque de fraco não podia com jornada tão prolongada para tão breve tempo, levava sempre hum saleiro de cinza, que fazia de figueira, e com ella temperava o pouco, que comia. Ainda nesta idade era tão vigilante em refrear a vista de mulheres, que morando em Elvas, e indo hum dia à Cidade pedir esmola, succedeo entrar com seu companheiro em casa de huma nobre, e devota matrona chamada Brites Cizoa, que actualmente tinha hum filho Religioso nesta Provincia, e como esta o visse tão mortificado, lhe disse, que bem a podia olhar, pois era mãe de hum Frade da sua Provincia, a que o servo de Deos deo semelhante resposta à que se lê de São Luiz Bispo, dizendo, que a não queria olhar por ser mulher.

3 Sendo já finalmente de muita idade, consumido das muitas abstinencias, vigílias, e mortificações, em que gastára toda a vida, enfermou no Convento de Loulé, onde era morador. Veio a enfermidade acompanhada de terriveis dores, que elle soffria com animo tão placido, e quieto, como quem sabia que queria Deos coroasse com a paciencia o remate de tão santa, e louvavel carreira. Tanto que cahio enfermo, lo-

go disse a semana, dia, e hora, em que havia de passar deste mundo: e mostrando hum grande desejo de se ver já naquella patria, pela qual suspirava havia tantos annos, com tanta alegria espiritual se começou a apparellhar para aquella jornada, que nem a grandeza das dores da enfermidade, nem o temor daquelle passo tão terrivel lhe davão turbação, para que seu fervoroso espirito deixasse de estar sempre com o pensamento em Deos occupado; antes com tanta alegria se animava a si mesmo, que não parecia homem, que esperava a morte, senão que corria às voadas da eterna vida. Admiravão-se os Frades de vello, e notavão o pontual cuidado, com que o perfeito imitador de nosso Serafico Padre S. Francisco se não esquecia de seguir seu exemplo, lançando-se despido fóra da cama, pondo-se assim fraco, como estava, de joelhos no chão, arrimado a ella, ou deitando-se prostrado em a dura terra, para que naquella ultima hora não tivesse do mundo alguma cousa.

4 Daquella maneira desejava acabar, e o pedia ao Guardião lho permittisse; mas como chegado esse tempo estivesse sempre acompanhado do Guardião, a quem fazia esta supplica, não teve effeito seu desejo; por-

porque vendo este que corria perigo bulirem naquella hora com elle, e risco de apressarem mais a morte a quem desejavão tanto a vida, lhe disse, que se contentasse em ter feito da sua parte o que podia para aquelle fim. Conformou o servo de Deos sua vontade à de seu Prelado, nem insistio mais em sua súpplica, vendo que mais que daquella obra, ainda que santa, se contentaria Deos desta obediencia. Assim esteve alguns dias padecendo, e acrysolando-se em o fogo das penalidades, como o ouro, dando graças a Deos nosso Senhor, porque o chegára àquelle estado; e recebidos devotissimamente todos os Sacramentos, claro por virtudes, e cheio de merecimentos, passou desta vida, segundo tinha profetizado, hum sexta feira à hora de Noa, em sete dias de Fevereiro da era de 1578. Ficou depois de morto tão formoso, que já parecia outro, e seu corpo com os membros tão tractaveis, que a todos causava devoção sua vista. Era de todos os que o conhecião tido em conta de santo, e venerado como tal, pelos milagres, e excellentes obras de virtude, que nelle vião. O Reverendissimo, e doutissimo Bispo do Algarve D. Francisco Canno, que tratava com elle algumas vezes, publicamen-

te dizia, que a Fr. Antonio de Nebrixa o podião venerar como santo, e que elle nessa conta o tinha.

51 Tanto que na Villa de Loulé foi sabida a morte do servo de Deos, acudio logo ao Convento tanto concurso de gente, que não cabia na Igreja; porque atè os officiaes deixavão seu trabalho, e fechavão suas tendas, por irem ver depois de morto, a quem tanto veneravão em a vida. E o que mais encarece a muita devoção de todos, e não pouco a opinião, que tinhão da santidade de Fr. Antonio, he que levava cada hum de sua casa faca, ou tizoura, para que se pudesse cortar-lhe o habito, ou alguma cousa sua, a recolhesse por reliquia. Era grande o tumulto, e vozes do povo, que o acclamavão por santo, e pedião que lho chegassem junto à grade da Capella, para poderem tocalle. Como alli foi posto, o cubrirão de reliquiarios, contas, nominas, cordões, e outras cousas, que com grande instancia querião tocar nelle. Cada hum cortava por onde podia de seus cabellos, habito, e corda para Reliquias, com tanta cobiça, que foi necessario o Juiz de Fóra Alvaro Tristão de Abreu, que ahi se achou presente, defender o corpo do excesso da gente, para que não cor-

cortassem tanto, que o deixassem despido. Testemunhárão muitas pessoas, que sahia delle huma tão grande suavidade de cheiro, que mais parecia Divino, que humano. Huma destas foi o sobredito Juiz, o qual vindo de fóra para a Villa, o sentio meia legua antes de chegar a ella, tão suave, e extraordinario, que jurou em huma Inquirição, de que ao diante faremos memoria, o não tivera por de cousa natural, senão Divina: e ainda a cavallo, e gozando do dito cheiro, dentro em si compungido, sem saber o que era, veio a dar no Convento, onde sabendo da morte do servo de Deos, ficou crenndo que procedia de seu corpo, e contou aos Frades o que lhe havia acontecido. A mulher, que lavava a roupa da enfermaria, disse tambem, que na que se tirava da cama de Fr. Antonio, quando estava doente, sentia a mesma fragrancia de cheiro extraordinario.

6 Celebradas finalmente suas exequias, mais com lagrymas de devoção, que com musicas suaves, lhe derão sepultura em o paño da claustra, que vai do Capitulo para o Refeitório. Alli se tornou a renovar o tumulto da gente, e inquietação do povo, querendo cada hum chegar à sepultura, por levar a terra della, visto não po-

derem todos alcançar do habito. Nem com esta ló se dava por satisfeita a devoção da gente; pedião ao Guardião, que lhes dèsse de alguma cousa, que tivesse sido do uso do servo de Deos Fr. Antonio, para cuja satisfação repartio elle pelas pessoas, a que pode alcançar, huma tunica, e outras cousas, que tinham servido ao uso do Varão de Deos. A Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte, neta de El-Rei D. Manoel, e mulher do Duque D. João, primeiro do nome, e sexto em ordem da Serenissima Casa de Bragança, pedio o manto deste Santo Religioso; e sendo-lhe dado envolto em panos de seda, o mandou guardar entre outras Reliquias de muita estima, que sempre teve aquella Real Casa. Deste lugar, onde o servo de Deos foi sepultado, o trasladárão depois no anno de 1602. para outro, como diremos a seu tempo, com os milagres, que em sua translação obrou: refiramos agora os que fez logo depois de sua morte.

CAPITULO XI.

Dos milagres, que Deos nosso Senhor obrou por merecimentos de seu servo depois de sua morte.

I Começou o Santo Fr. Antonio de Nebrixa logo depois de sua morte a resplandecer com tantos, e tão grandes milagres, que difficultosamente se poderia acertar com o numero delles. E porque não pareça que andamos por caminho incerto, e duvidoso, advirta o leitor, que mandando o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Gonzaga, sendo Geral da Ordem, a todas as Províncias, que lhe enviassem a relação dos Religiosos, que tinham acabado com fama de santidade, e outras cousas notaveis, que nellas houvesse, foi occasião de se tirarem a limpo alguns milagres, que a pouca curiosidade de nossos Frades não fazia caso de pôr em memoria. Pela sobredita causa, no anno de 1583. pouco depois da morte do servo de Deos, foi tirada huma authentica, e juridica Inquirição de seus milagres, pelo Licenciado João Martins de Lemos, Provisor, e Vigario Geral no Reino do Algarve pelo Bispo D. Affonso de Castello-branco, que depois o foi tambem de Coimbra. A

qual informação se tirou na Villa de Loulé, nas Cidades de Sylves, e de Lagos, e em Villa-Nova de Portimão: e do que differão as testemunhas se fez instrumento público, e authentico, sellado com o sello Episcopal.

2 E como andando o tempo, se fossem cada vez mais multiplicando os milagres, e divulgando a fama delles, no anno de 1606. à instancia de Fr. Simão de Aveiro, Ministro Provincial: por mandado, e authoridade do Bispo do Algarve, que então era D. Fernão Martins Mascarenhas, foi tirada outra segunda Inquirição, por Fr. Gaspar de Lisboa Prégador, Guardião em o nosso Convento de S. Francisco de Lagos, e Commissario daquellas Casas do Algarve, a quem o dito Bispo deo poder, e commissão, para que pudesse dar juramento, e tirar testemunhas, conforme a direito: e passou Patente, e Monitorio, em que mandava a todas as pessoas, assim Ecclesiasticas, como seculares de seu Bispado, viessem dar testemunho de tudo o que soubessem, e lhes fosse perguntado acerca da vida, morte, e milagres do santo Fr. Antonio de Nebrixa. Os quaes testemunhos, tirados pelo dito Fr. Gaspar, e Fr. Antonio do Pinhel, que lhe servia de Escrivão, forão reconhe-

^a
Habentur
in Conv.
Pietatis.

cidos depois pelo mesmo Bispo, e approvados por bons, e verdadeiros, interpondo sua authoridade, e sello em Tavira aos dezoito dias do mez de Fevereiro do sobredito anno de 1606. como consta da mesma authentica, e original escriptura, que se guarda no Arquivo desta Provincia juntamente com a primeira ^a inquirição, que fica dito. Nestas duas inquirições se tirárão mais de cento e vinte testemunhas, jurados todos aos Santos Euangelhos, assim Ecclesiasticos, como seculares, de mais dos Religiosos desta Provincia, que tambem por mandado do dito Ministro forão perguntados com juramento, e por obediencia. E porque seria cousa mui prolixa referir tantos testemunhos, maiormen- te que muitos dizem as mesmas virtudes, e milagres, que outros tem já dito, só referirei alguns dos muitos, que as testemunhas disserão.

4 O primeiro milagre, que Deos por merecimentos deste seu fiel servo obrou depois de sua morte, foi em hum João Affonso, por alcunha, Bom viver, nome, que parece myste- rioso para promulgação dos milagres do santo Religioso, jun- tando-se o seu bom viver com o nome daquelle, em quem fa- zia o primeiro milagre. Este homem pois ouvindo dizer que

o servo de Deos era morto, se foi o melhor que pode ao Con- vento, havendo já hum anno inteiro que era enfermo, sem lhe aproveitarem medicinas al- gumas, desconfiado de reme- dio humano; e chegando ao lu- gar, onde o estavam sepultando, disse em altas vozes: *Dem-me da terra dessa sepultura, porque entendo que com ella cobrarei lo- go saude, porque a tenho por san- ta reliquia.* Derão-lha os Fra- des, e com ella hum pequeno do habito do servo de Deos; e segundo a fé, e confiança, que o enfermo tinha em seus merecimentos, foi o Senhor ser- vido que logo de repente al- cançasse saude perfeita. Com a vista deste milagre, todos os circumstantes com dobrada de- voção, e fervor importunavão os Frades lhes dessem alguma cousa das que forão do uso do Santo Fr. Antonio, e levavão da mesma terra para se valerem della em semelhantes necessida- des. Apôs este começaram lo- go outros muitos milagres. Ma- noel Mendes Caeiro deo hum pequeno do habito a hum sua irmã, que tinha hum menino muito doente de hum inchaço em hum perna, de que estava aleijado, e os Medicos lhe não davão algum remedio. Tanto que lhe foi posta a santa Reli- quia sobre a polstema, logo mi- raculosamente foi são. Teudo o mes-

o mesmo Manoel Mendes hum menina filha sua doente, em artigo de morte com a candeia na mão, lançando-lhe ao pescoço a mesma Reliquia, no mesmo ponto alcançou perfeita saúde, e viveo muitos annos.

5 O Licenciado Domingos Guterres, Prior da mesma Villa de Loulé, estando mui doente de febres, e pedindo lhe dêssem alguma cousa do santo Fr. Antonio de Nebrixa; dando-lhe huns cabellos de seu cercilio, que com devoção recebeo, sentio logo despedir-se-lhe a febre, que actualmente tinha, e naquella enfermidade lhe não tornou mais. Guiomar Vaz de Sousa, que por estar doente em cama de graves febres, não pode ir às exequias, e enterramento, tomou hum cordão seu, que costumava trazer cingido, e deo-o a quem lho fosse tocar no corpo do santo, e lho tornasse logo a trazer; em lho trazendo, foi cousa maravilhosa, que tanto que o cingio, com grande fé, e devoção, no mesmo instante foi sã. Hum menina da mesma Guiomar Vaz de Sousa havia dez annos que tinha quartans dobres, sem haver remedio para ellas, de muitos, que em todo aquelle tempo lhe tinham applicado; e vendo a mãe o milagre, que Deos nosso Senhor nella tinha obrado por merecimentos de seu

servo, lançou-lhe hum pequena Reliquia de seu habito ao pescoço, e logo a deixáráo, ficando de todo livre. Catharina Luiz Loba tinha hum moço de hum seu cunhado doente de humas febres em sua casa havia dous mezes, sem haver remedio para se lhe despedirem, tendo-lhe applicado muitos; e como neste tempo corresse a fama dos milagres do santo Frei Antonio, ella com muita devoção lançou ao pescoço do enfermo hum pequeno do habito do servo de Deos, e logo no mesmo dia ficou livre das febres, e alcançou saúde. Hum menina chamada Francisca, filha de João Dias Ribeiro, havia trez, ou quatro mezes que estava enferma, com mui pouca esperança de poder naturalmente cobrar saúde, e deitando-lhe ao pescoço hum pequeno do habito do santo Fr. Antonio, logo a teve perfeita. Diogo Fernandes, Mercador, havia seis, ou sete mezes tinha humas ceções, que o molestavão muito; e queixando-se a Catharina Luiz Loba (em que o servo de Deos tinha já obrado o milagre, que assima referimos) do trabalho, em que se via nesta enfermidade, por lhe não aproveitarem os muitos remedios, de que tinha usado, ella lhe deo a Reliquia, que à sua enfermidade fora medicina; e lançan-

do-a ao pescoço, logo alcançou a faude, que desejava.

5. Francisco do Valle, natural, e morador na mesma Villa de Loulé, tinha hum menino seu, havia já dous annos, em huma cama, sem que pudesse della levantar-se, porque tinha huma perna quasi tolhida, sem que lhe aproveitasse remedio algum de medicina, e tanto que lhe puzerão do habito do santo Fr. Antonio, logo cobrou faude perfeita. Huma moça de João Ribeiro havia quatro annos e meio que estava entrevada, e tão tolhida, que com difficuldade a podião revolver, recebeu huma Reliquia do habito do servo de Deos, e logo cobrou a desejada faude. Hum irmão desta moça, estando enfermo de outra enfermidade mais perigosa, tanto que por momentos esperava a morte, alcançou faude perfeita, tanto que lhe lançarão ao pescoço a mesma Reliquia. Na mesma Villa de Loulé estava hum homem chamado Mattheus Rodrigues, doente de humas quartans tão importunas, que havia dous annos lhe duravão, e ouvindo dizer os milagres, que Deos obrava por merecimentos do santo Fr. Antonio, procurou haver huma Reliquia sua; e achando quem lhe dêsse hum pequeno de seu habito, e huma pequena de trança, com que

apertava a tunica, deitou-as ao pescoço, e logo as quartans se lhe forão. Este Mattheus Rodrigues emprestou as mesmas Reliquias a hum homem natural da Cidade de Faro, chamado Diogo Simão, mui doente de huma ciatica, e tanto que as recebeu, ficou livre della. Com as mesmas Reliquias farrou huma menina do Juiz de Fóra de Loulé, por nome Tristão de Abreu, de hum inchaço, que tinha na garganta, que lhe impedia o levar coufa alguma para baixo. A mulher do mesmo Mattheus Rodrigues, estando enferma de febres, deitando ao pescoço as Reliquias, logo teve faude.

6. Huma menina filha de Genebra Fernandes, doente de febres, estando com frenesis, propinqua à morte, no mesmo ponto, e hora, que hum Sacerdote chamado Gaspar Lopes, Cura de huma Freguezia da Villa de Loulé, lhe lançou hum pequeno do habito do santo Fr. Antonio, ficou sã de todo o mal, e perigo. Manoel Vaz Salem, natural, e morador na mesma Villa de Loulé, adoeceu de huma colica, de que padecia grandes dores; e lembrando-se que se havia achado presente ao enterro do santo Fr. Antonio, e havia trazido humas Reliquias do habito, e tunica, que os Frades lhe de-
rão

ção, as lançou ao pescoço, e logo as dores se lhe forão, ficando perfeitamente são daquelle enfermidade. Disse mais, quando deo este testemunho, que adoeendo-lhe depois em casa alguns escravos, e outras pessoas de varias enfermidades, todas alcançarão saude com as mesmas Reliquias, com que se lhe accrescentou a devoção, que ao Santo Fr. Antonio com especialidade tivera em vida. Huma mulher do Termo de Loulé chamada Beatriz Gonçalves, moradora no Monte Seco, estando comendo, levou hum alfinete em hum bocado, o qual se lhe atravessou na garganta, de maneira que se affogava, e estava em ponto de perder a vida. Trouxerão-lhe nesta occasião hum pequeno do habito do Santo Fr. Antonio, e tanto que lho puzerão ao pescoço, lançou fóra o alfinete, e ficou livre de todo o perigo, dando graças ao Senhor, que tal mercê lhe fizera por merecimentos de seu servo. Beatriz da Rosa, natural, e moradora em a Villa de Loulé, em o testemunho, que deo, affirma com generalidade, dizendo que seu marido fora ao enterro do servo de Deos, donde trouxera huma panella de terra de sua sepultura, da qual dera a muitas pessoas enfermas de diversas enfermidades, as quaes recebendo-a com devo-

ção, ficavão perfeitamente sans.

7 Huma menina de quatro, ou cinco annos, neta de Simão Soeiro, natural, e morador da mesma Villa, havia seis mezes que estava enferma de tão graves febres, que os Medicos tinham desconfiado de sua vida, e saude: com admiração delles a alcançou logo perfeita, como lhe lançarão ao pescoço hum pequena Reliquia do servo de Deos. Do mesmo modo a hum homem, chamado Antonio Inglez, se forão logo humas cezões, que tinha havia dous mezes. Grimaneza Mendes, que padecia frequentemente grandes dores do estomago, ou colica, mandou tocar hum cordão em o corpo do santo Fr. Antonio, o dia de sua sepultura, e tanto que o cingio, ficou logo sã, e livre daquelle achaque. Huma irmã sua, chamada Leonor Luiz, estando fóra da Villa em huma quinta, se lhe hia muito o vinho de huma pipa; e como por mais diligencias, que fez, não pudesse remediar aquelle damno, recorreo aos merecimentos do Santo Fr. Antonio, de quem era mui devota, pedindo ao Senhor, que por elles a livrasse daquelle perda, promettendo jejuar trez sextas feiras, que era o dia, em que elle morrêra. Tanto que fez esta promessa, sem mais outro artificio humano, vedou a

pipa por si. Domingas de Atouguia, mulher principal em a Villa de Loulé, havia muito tempo que estava enferma de ceções, e com huma Reliquia do santo Fr. Antonio, que lançou ao pescoço, se lhe forão logo, sem que lhe tornasse mais alguma. Pela mesma ordem, e da mesma enfermidade, farou huma criança, filha de Francisco Gomes, e sua mulher Maria Fernandes.

8 Outra mulher chamada tambem Maria Fernandes, tendo hum filho, por nome Francisco, mui doente de tinha, e que havendo-lhe feito muitos remedios, cada vez se achava peor: acudindo ao mais certo, e seguro, pedio huma pouca de terra da sepultura do Santo Fr. Antonio, e lançando-a sobre a cabeça do filho, subitamente ficou de todo são. Com a mesma terra, que Mecia Vaz poz sobre hum nascido, que tinha em huma face, se achou com perfeita saude. Gonfalo Vaz, andando muito tempo doente de ceções, e lançando ao pescoço huma pouca da mesma terra, logo se lhe forão; e como passados alguns dias perdesse por descuido aquella terra (parece que em pena da negligencia, com que a guardou) lhe tornárão logo outra vez; mas buscando-a com cuidado, e tornando-a a achar, lançada no-

vamente ao pescoço, se lhe forão, e não vierão mais. Não menos se teve por castigo, e por mysterio, o que aconteceu a hum nobre Varão, chamado Gonfalo Vaz Mascarenhas, com huma sua cunhada enferma de febres, havia muito tempo; porque querendo-lhe elle lançar ao pescoço huma Reliquia do habito deste servo de Deos, ella de enfadada já da enfermidade, mostrando pouca fé, e devoção disse: *Tenho já recebido Reliquias de tantos Santos, que ametade bastava; mas parece que não he nosso Senhor servido de que eu tenha saude.* O cunhado, não obstante o dito da enferma, lhe lançou a Reliquia ao pescoço; e sendo isto à noite, quando veio à manhã, não aproveitando à doente o remedio, que aproveitava a tantos, em castigo de sua dureza de coração, e pouca fé, nem tinha a Reliquia, nem pode já mais ser achada: querendo o Senhor nisto mostrar, que não era digna de ter tal Reliquia, pois puzera nella tão pouca fé, e confiança, e a tivera em tão pouca estima.

9 João Nunes com terra da mesma sepultura farou tambem de ceções; e perdendo duas, ou trez vezes a bolsinha, em que a trazia, logo lhe tornavão: achada, e posta outra vez ao pescoço, logo se lhe hião: acre-

ditando Deos a seu servo desta maneira , para que suas cousas tidas por Reliquias , não se deixassem perder por negligencia , antes se guardassem com cuidado. O Mestre Ricardo , morador na mesma Villa de Loulé , afirma em seu testemunho , que com a terra da sepultura do Santo Fr. Antonio , farára por quatro , ou cinco vezes de cezões , e que com este remedio se curava todas as vezes que as tinha. Francisco do Valle , tendo hum filho seu do mesmo nome , mui doente de huma perna , que tinha encolhida , e andava em cura , houve hum pequeno do habito deste servo de Deos , que lhe lançou ao pescoço à noite , e na seguinte manhã , acordando o moço , não sem admiração , se achou com saude ; chamou com alvoroço o pai , dizendo que o viesse ver , que estava são. A quem o pai declarou donde lhe viera aquelle bem , dizendo-lhe : *Ao santo Fr. Antonio de Nebrixa debes essa saude ; que elle te alcançou de Deos , pelas suas Reliquias , que tens ao pescoço.* Catharina Vaz de Oliveira , estando já no ultimo , desconfiada dos Medicos , de huma terrivel enfermidade de febres. Diogo de Affonsca estando muito mal de huma perna. Leonor da Estrada , mulher do já referido João Affonso Bomviver , estando doente de cezões ,

e com grande opilação , todos , recebendo devotamente Reliquias deste santo Religioso , alcançarão com ellas saude milagrosa na Villa de Loulé.

10 Não foi menor prodigio , que os referidos , o que aconteceu a Manoel Caeiro , homem fidalgo , pouco depois da morte do Santo Fr. Antonio : tinha-lhe elle particular devoção : notou o anno , dia , e hora de seu feliz transito ; e como depois fosse ler o memorial , onde isto estava escrito , achou semelhante prodigio ao que se vio no epitafio da sepultura de Beda , donde lhe veio o nome de Veneravel : porque tendo escrito no memorial , que em tal anno , dia , e hora morrerá Fr. Antonio de Nebrixa , achou de mais naquella escriptura o titulo de Santo , que elle não tinha posto , porque dizia : *O santo Fr. Antonio de Nebrixa :* acreditando Deos com este prodigio a virtude de seu servo , para que fosse mais venerada. E dizia o sobredito Manoel Caeiro , contando isto aos Frades , e a outras pessoas , que estava bem lembrado , não ter posto no memorial o titulo de Santo , que ao depois miraculosamente achára. Fora cousa mui prolixa referirmos todos os milagres , que Deos N. Senhor tem obraado , e obra ainda hoje por merecimentos deste seu fiel servo na Vil-

Villa de Loulé : os que temos relatado forão , com outros muitos , que aqui não pomos , pelo Ordinario em fórmula do Direito authenticados : a relação dos mais remettemos aos moradores daquelle povo , que os tem bem na memoria ; assim como se remetteo S. Boaventura aos de Padua , fallando dos milagres do nosso Portuguez Santo Antonio. Passemos a contar os que tem feito por diversas partes deste Reino.

CAPITULO XII.

De outros milagres do Santo Fr. Antonio em diversos tempos, e lugares.

^a
DivusGregor
Dialo-
g. liv. 3.
cap. ult.

I **D** Iz S. Gregorio ^a que por quanto os fracos em a fé podião duvidar , se por ventura estão os Santos tão presentes para ouvir a quem os chama , nos lugares , onde não jazem seus corpos , como naquelles , onde tem a sepultura : por tanto convem à honra delles , que resplandeção com sinais , e fação milagres , e beneficios a quem os invoca naquellas partes , onde os entendimentos fracos podião duvidar de sua presença. Desta maneira quiz Deos nosso Senhor honrar ao Santo Fr. Antonio de Nebrixa por mui diversas partes ; porque ninguem possa du-

vidar do muito , que elle póde com sua Divina Magestade , e quanto se estendeo o merecimento de sua virtude. Correo pois tanto a fama das maravilhas , que Deos obrava na Villa de Loulé por este seu servo , e mercês , que fazia por seus merecimentos aos que se valião delles ; que de diversas partes deste Reino , remotas do lugar de sua sepultura , mandavão pedir terra della por grande Reliquia , e certo remedio de suas enfermidades , de que com ella faravão : e de todas as Cidades , Villas , e lugares do Algarve acudião com grande devoção visitar seu sepulchro.

2 Em a Cidade de Sylves , tendo Luiz Vieira de Affonseca , Cavalleiro fidalgo , hum escrava , por nome Magdalena , em artigo de morte , por trazer duas crianças mortas em o ventre , já de tempo devido ao parto , para o qual nenhum remedio se lhe sentia , senão fosse o Divino , ordenou que lhe dessem a beber hum pequena da terra , que lançou em hum copo de agua. Tanto que a bebo , na mesma hora lançou as duas crianças com muita facilidade , ficando sem perigo , e tão sã , como se não houvera tido algum mal , ou trabalho. Manoel Varella , filho de Nuno Varella , e de Constança Carvalha , sendo aleijado totalmen-

mente de huma mão, e ouvindo os muitos milagres, que o santo Fr. Antonio fazia no Convento de Loulé, se foi lá com sua mãe; e pondo o braço aleijado sobre o sepulchro do servo de Deos, invocando seu favor, ficou logo tão são, como se nunca fora aleijado. Para manifestação do milagre, com grande contentamento abria, e cerrava a mão muitas vezes, fazendo outras experiencias de força diante de todos, que louvavam a Deos, vendo tão repentina maravilha. Na mesma Cidade Beatriz Fea, mulher viuva, tendo dous meninos filhos seus enfermos de ceções, havendo huma Reliquia do habito do servo de Deos, e lançando-lha ao pescoço se lhe foram logo. O mesmo aconteceu com outro seu filho a huma ama do Beneficiado Nuno Cordeiro, chamada Maria Botelha.

3 Em Villa-nova de Portimão, em casa de Luiz Alvares Landeiro, nobre Cavalleiro da Ordem de Christo, Capitão da mesma Villa, foram applicadas as Reliquias deste santo Religioso a quatro, ou cinco pessoas enfermas de ceções de muito tempo, e todos farão logo, sem lhes tornar ceção alguma. Estando o mesmo Luiz Alvares doente de febres, e muito mal; depois de

não achar remedio dos Medicos da terra, acudio sua devota mulher Constança Carvalha aos do Ceo, trazendo-lhe estas Reliquias, que tinha, e subitamente ficou com ellas são. Ultimamente as poz ao pescoço a hum seu sobrinho, enfermo de ceções antigas, e dalli por diante lhe não tornarão mais a vir. Desta mesma enfermidade disse Constança Fernandes, mulher de João Luiz, que em sua casa farão, hum seu filho, dous moços, e duas moças, por meio de hum dente, que houvera do santo Fr. Antonio. Domingas Vicente, estando muito angustiada, e em perigo, com grandes dores de parto, em lhe trazendo sua mãe Leonor Pires huma Reliquia do habito, com tanta pressa, e facilidade foi livre daquelle perigo, e alumada com feliz parto, que se deixou bem conhecer que foi milagre de Deos. Beatriz Serveira, tendo hum menino, neto seu, de sete, ou oito mezes em casa; como seja proprio daquelle idade levar quanto achão à boca, levou hum pedaço de casta de amendoa, a qual se lhe atravessou na garganta: e afogando-se com ella, começou a chorar, e affligir-se de tal maneira, que parecia acabar, e se fazia já negro, como morto, com admiração dos que o vião, que não entendendo a causa daquel-

quelle mal , perguntavão huns aos outros : *De que morre este menino?* O que vendo hum das vizinhas , que acudio àquelle trabalho , e lembrando-se de hum Reliquia , que tinha , do habito do santo Fr. Antonio , lha lançou ao pescoço ; com o qual o menino despertou logo , como de profundo sono ; e lançando a casca , que lhe fazia o mal todo , ficou são , e quieto , sem mais se queixar. Fr. Jeronymo de Villa-nova , sendo mancebo ainda secular , lhe deo repentinamente hum grande dor em hum olho , que o affligia muito : e como se queixasse disto a hum sua tia , chamada Catharina Fernandes Rebolla , ella lhe tocou o olho com hum cabello da cabeça do santo Fr. Antonio , em quem tinha muita fé , e o trazia guardado em grande estimação : e subitamente se lhe tirou a dor , e começou a clamar que o santo Fr. Antonio fizera nelle milagre.

4 Na Cidade de Lagos , tendo Isabel Fernandes hum sua filha , chamada Guiomar Fernandes , doente à morte , sem lhe valerem medicinas , tanto que o Medico a desamparára , despedindo-se de a curar , por ver que nada lhe aproveitava , nem sabia mais que lhe mandar fazer : houve humas Reliquias deste servo de Deos , as quaes lançou à filha ao pescoço , re-

zando cinco vezes o Pater noster , e Ave Maria ; e logo foi sã a doente , nem lhe tornou febre , ou dor alguma. Isabel Vieira , que muitas vezes era tocada do mal de colica , que com grandes dores a affligia ; sobrevindo-lhe hum vez hum grande accidente della , e não querendo abrandar as dores , por mais remedios , que lhe applicava ; estando nesta molestia , e desconfortação , lançou Beatriz Lourenço irmã sua hum dente do santo Fr. Antonio em hum pucaro de agua ; e dando-a a beber à enferma , não sómente ficou sã milagrosamente daquelle accidente , mas tambem não tornou mais a sentir aquelle mal de colica em toda sua vida. Na mesma Cidade derão outras Reliquias do Santo Fr. Antonio saude a Violante Neta , que estando quatro , ou cinco mezes doente de ceções , e deixando-a os Medicos à natureza , por não obrar nella a medicina , como as recebeo , não teve mais ceção alguma. O mesmo effeito fizeram em Maria de Sintra , mulher viuva , e em outras duas irmãs suas doentes. E em Maria Delgada filha de Gregorio Rodrigues , e de Isabel Delgada : a qual , estando doente de quartans perto de hum anno , e havendo tomado Reliquias de diversos Santos , encommendan-

do-

do-se em seus merecimentos , não foi o Senhor servido de lhe dar faude ; mas tomando as do Santo Fr. Antonio de Nebrixa , lhe não veio mais quartans daquella hora por diante ; porque quiz o Senhor guardar aquella honra para este seu servo , que novamente dava a conhecer ao mundo. Hum homem mareante , indo em seu barco , junto a huma ponta da terra , que ha junto da Torralta , se levantou no mar tão grande tormenta , que se vio quasi perdido ; e lembrando-se que trazia comfigo humas Reliquias do Santo Fr. Antonio , encommendo-se a elle , as lançou ao mar , o qual logo ficou quieto , como se não houvera nelle tempestade.

5 Na Aldea do Bispo , estando huma mulher , chamada Vicente de Aréz , de todo cega , e surda de huma enfermidade de ar , que lhe dera na cabeça , e a deixára daquella maneira ; vindo alli dous Frades nossos do Convento de S. Vicente (como he costume) lhe deitáram ao pescoço Reliquias dos cabellos , e habito do Santo Fr. Antonio , com as quaes subitamente cobrou faude , e ficou com a vista , e ouvir tão perfectos , como antes tinha. Pelo que dando graças a nosso Senhor , e guardando as Reliquias com grande reverencia , e devo-

ção , as emprestava a muitas pessoas enfermas , quando estavão em algum trabalho , e affirmou que faravão todas com ellas. No lugar chamado Raposeira tinham huns irmãos nossos , chamados André Lonrenço , e Maria Alvares , huma escrava doente de febres , e hum escravinho tolhido de pés , e mãos , e quasi cego de bexigas ; e assim humma , como o outro , em lhe applicando outras Reliquias , como as passadas , alcançáram faude. O mesmo aconteceu no lugar de Alcantarilha do mesmo Bispado do Algarve a hum moço do Padre Domingos Gonçalves , Beneficiado na Sé de Silves , que estava doente de gravissimas febres , e com este unico remedio se lhe forão logo.

6 Na Cidade de Faro , hum Diogo Limão era mui sujeito à enfermidade de ciatica , que por vezes o atormentava grandemente ; e vendo-se humma vez mais apertado de hum accidente della , mandou pedir a hum seu conhecido , morador na Villa de Loulé , que lhe mandasse algumas Reliquias daquelle Santo Frade , cujos milagres alli erão tão ordinarios. Mandou-lhe o amigo hum Nomina , que tinha dellas , e tanto que as applicou com aquella fé , e devoção , com que as pedira , logo cobrou faude perfeita do mal ,

que o molestava. Assim mesmo farou de febres, com as quaes estava muitas vezes sangrada, Maria Alvares, de cuja vida se temia muito, por estar tambem pejada de seis mezes; mas por merecimento deste servo de Deos se vio livre de todo o temor, e perigo. Outro homem da mesma Cidade de Faro, que havia perto de hum anno lhe tinha sobrevindo hum enfermidade de tremor de todo o corpo, que muito o affligia, indo ter a hum horta de Mem Rodrigues, morador da Villa de Loulé, elle compadecido de seu mal, lhe deo hum pequena de terra, que houve da sepultura do Santo Fr. Antonio, e como lha puzesse ao pescoço, e o enfermo a recebesse com devoção, cessou de todo aquelle tremor, e enfermidade. Com terra da mesma sepultura recebida tambem para esse effeito, farou de hum enfermidade em Tavira Luiz de Aragão de Sousa; e affirmou que com ella houverão por vezes saude alguns enfermos de sua casa. Mas deixando o Reino do Algarve, onde estas cousas são mui ordinarias, e já não causão admiração, não iremos a terra notavel deste Reino de Portugal, onde não encontremos com milagres deste servo de Deos, porque a todas as partes se estendeo esta benção.

7 Na Cidade de Beja indo hum vez hum Religioso nosso, chamado Fr. Diogo, natural da mesma Cidade, visitar seus parentes, achou em casa de seu pai hum mulher mui enferma de febres; e tirando hum Reliquia, que levava consigo, que era o osso de hum dedo do Santo Fr. Antonio, tocando com elle a enferma, cobrou logo a desejada saude. Na Vidigueira estando doentes duas Senhoras filhas dos Illustrissimos Condes D. Vasco da Gama, e Dona Maria de Attaide, hum de terçans, e outra de quartans, vindo acaço por alli do Algarve hum Religioso, por nome Fr. Manoel de Aveiro, lhe deo hum pequeno do habito deste servo de Deos, e huns cabellos da cabeça, e recebendo-os com devoção, daquella hora tiverão perfeita saude, sem mais tornar a vir febre a alguma dellas. Sarou tambem com as mesmas Reliquias hum mulher de casa, que tinha em hum olho hum inchaço, de que sentia crueis dores. Na Villa de Portel duas mulheres mettidas em grande pressura de parto, e desconfiadas de sahirem daquelle perigo humanamente, misturando em a agua hum pouca da terra da dita sepultura, e bebendo-a, forão logo allumeadas, e ficarão fans perfeitamente. Na Cidade de Evo-

ra indo hum Fr. Simão de Al-
vito , Religioso da nossa Pro-
vincia , pedir a hum Livreiro ,
que lhe quizesse encadernar hum
cartapacio , elle se escusou de o
poder fazer com a brevidade ,
que lhe pedião , por estar doen-
te de humas febres , e prolixas
quartans , havia perto de dous
annos, tendo-as hora dobres, ho-
ra singellas. Fr. Simão movi-
do de caridade lhe deo hum pe-
queno do habito deste servo de
Deos , o qual lhe foi tão bom
remedio , que tornando o dito
Fr. Simão dahi a huns dias bu-
scar o livro , e perguntando ao
official como estava , affirmou
que daquelle ponto , em que re-
cebêra as Reliquias , e as puze-
ra ao pescoço , não sentira mais
febre , nem ceção alguma.

8 O mesmo succedeo em
Castello-branco a hum moço ,
que andava trabalhando em o
nosso Convento em huma obra ,
que então se fazia ; porque ten-
do a mesma enfermidade de
quartans , e deitando-lhe hum
Religioso outra semelhante Re-
liquia ao pescoço , se lhe des-
pedirão logo de todo , sem tor-
narem mais. Na Villa do Sar-
doal tinha huma mulher huma
empola junto ao lagrymal do
olho , a qual lhe querião furar
com huma lanceta , por não ter
outro remedio ; mas como te-
messe aquella cura , e procu-
rasse haver remedio de Deos ,

houve huma Reliquia do habi-
to deste seu servo , e a lançou
ao pescoço com a maior fé , e
devoção que pode , e a empo-
la , sem outra alguma medici-
na , se lhe resolveo de tal ma-
neira , que ficou tão sã , como
se nunca a tivera. Na Cidade
de Elvas huma mulher do Al-
caide das Saccas , estando doen-
te de febres , e na Villa do Cra-
to Leonor de Carvalhaes , mu-
lher do Ouvidor da mesma Vil-
la , tendo quartans de mais de
dous annos , com o habito des-
te Santo Religioso farão mi-
lagrosamente. Na Cidade de
Coimbra , sendo Guardião de
nossa Casa de Santo Antonio
dos Olivaes Fr. Manoel de Gui-
marães , deo-lhe huma perigo-
sa enfermidade de herisipela ,
de que não sómente lhe inchou
muito o rostro , mas descendo-
lhe à garganta , de tal maneira
o affogava , que não podia res-
pirar. Hia desconfiado da vi-
da por via humana , disse para
hum dos outros : *Irmão , lançai-
me , por amor de Deos , hum pe-
queno do habito do Santo Fr. An-
tonio de Nebrixa , nosso Irmão ,
nesta garganta , posto junto à car-
ne , sem outra cousa em meio.* O
Frade o fez assim ; então disse
o enfermo : *Deixai-me vos rogo
repousar hum pouco , e ide-vos to-
dos embora.* Obedecêrão os sub-
ditos , e dahi a pouco espaço ,
que lhes pareceo bastante para

elle repoufar, tornárão a ver como estava. E o que tão pouco tempo havia que estivera às portas da morte, estava perfeitamente são; de que todos derão as graças ao Senhor, que tantas mercês fazia aos homens pelas Reliquias de seu servo, e manifestava claramente ao mundo seus grandes merecimentos.

9 Fr. Estevão de Campo maior, que foi Ministro Provincial desta Provincia, affirmou que confessava hum Religioso della no artigo da morte, (que he o tempo, em que se não dizem senão as verdades) o qual mostrando estar naquelle passo com grande animo, e mui consolado, perguntando-lhe pela causa de tanto animo, e esforço em tempo, que outros temem tanto, respondeo que a causa era, porque naquella hora lhe apparecêra o santo Fr. Antonio de Nebrixa, e o animára, e consolára muito, dizendo-lhe que não temesse. E como este Religioso fosse de boa vida, e conhecesse que estava já no ultimo della, porque logo espirou, e disse isto estando em seu juizo perfeito, parece que não fica lugar em pôr dúvida na verdade deste apparecimento. Outros muitos Religiosos alcançárão tambem por diversas vezes faude de varias enfermidades pelos merecimentos deste grande servo de

Deos: mas tenho por escusado amontoar milagres, bastem por hora os ditos, confirmados todos com o juridico testemunho de pessoas seculares: salvo estes dez ultimos, que sómente confissão de testemunhos dos Religiosos, que os virão; e administrárão as Reliquias, com cujo contacto se obrárão; porque em as partes, onde forão feitos, não se tirou alguma inquirição de seculares.

CAPITULO XIII.

Do vigesimo primo Ministro Provincial: e vida exemplar do servo de Deos Fr. Francisco da Villa de Conde.

15 **Q**Uando já Fr. Miguel de Estremoz tinha avisado ao Ministro Geral Fr. Christovão de *Capite fontium* ter acabado já os quatro annos de seu Ministrado, pedindo-lhe licença para a celebração do Capitulo futuro, e esperando esta no Convento de Santo Antonio de Evora, que então o Cardeal Infante fundava de novo, foi Deos nosso Senhor servido chamallo a si no fim daquelle seu trabalho, em que tinha bem mostrado seu grande zelo. Por sua morte se congregárão os Definidores, e Padres da Provincia em o Convento de Santo Antonio-

tonio de Estremoz para eleição do Commissario Provincial até o Capitulo seguinte, e sahio eleito Fr. Alvaro de Olivença. Pouco depois se celebrou logo Capitulo Provincial em Santo Antonio de Castello-branco; fazendo os gastos delle D. Fernando de Menezes, e sua mulher Dona Filippa de Mendoça Padroeiros daquella Casa. Por ausencia do sobredito Ministro Geral presidio no Capitulo o Reverendo Padre Fr. Damião da Torre, filho da santa Provincia da Arrabida, e Commissario Geral sobre as Provincias deste Reino. Foi feita a eleição na pessoa do mesmo Fr. Alvaro de Olivença pelas Stigmatas de nosso Padre São Francisco, anno do Senhor 1578. e sendo esta a segunda vez que foi eleito em Ministro Provincial, o ficou sendo em numero o vigesimo primo.

2 Governou a Provincia com aquella prudencia, e zelo, que tinha mostrado no tempo de seu primeiro Provincialato; não acabou porém todo o tempo deste segundo, porque pouco mais de dous annos de sua eleição passou da presente vida em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes em Coimbra no anno de 1580. que foi o dos catarros, e peste geral neste Reino.

3 No mesmo anno da mor-

te do Ministro Provincial Frei Alvaro de Olivença em Coimbra passou tambem desta para melhor vida hum perfeito Religioso desta Provincia chamado Fr. Francisco de Villa do Conde. Tomounella o habito, sendo já Sacerdote, deixando por seguir a Christo hum grande beneficio, que nelle renunciavão, com tudo o mais, que podia esperar o mundo. Logo no principio mostrou que a mudança de estado, que fizera, não procedêra de leviandade; porque de tal maneira procurou ser perfeito, depois que se vio Religioso, que já sendo noviço servia de exemplo aos mais. Não só empregava todo o seu estudo na pura observancia da Regra, e Estatutos particulares da Provincia, mas ainda a menor cerimonia della guardava perfeitamente. Na abstinencia foi tão estremado, que nunca em todo o tempo de Religioso, nem ainda de agua satisfez a sede, como elle mesmo confessou em sua morte nas devotas palavras, que referiremos. O officio de prégar exercitava com tanto fervor, e desejo da salvação das almas, que tudo o que não era converter a Deos todo o mundo, lhe parecia pouco.

4 Foi amicissimo do santo exercicio da Oração; tanto assim, que todo o tempo, que po-

Fr. Francisco da Villa do Conde Sacerdote.

podia furtar às demais occupa-
ções, gastava nesta. Teve parti-
cular devoção à Virgem Senhora
nossa, a quem, sendo ainda se-
cular, fizera voto de rezar cada
dia hum Coroa, o que cum-
pria devotamente, e com mui-
to espirito, juntamente com
humas Antifonas, e Orações
applicadas à sua immaculada pu-
reza; e supposto que quando
professou lhe commutárão al-
guns votos, que havia feito,
não quiz que lhe commutassem
este de rezar a Coroa da Se-
nhora, dizendo que não que-
ria absolvição de promessa, que
com tanto gosto satisfazia, e
desejava cumprir para sempre.
Pagou-lhe bem a clementíssima
Senhora esta devoção, conce-
dendo-lhe a principal mercê,
que se lhe pede na Oração da
Ave Maria, que foi lembrar-
se tanto delle na hora de sua
morte, que a teve maravilhosa
em tudo; porque depois de se
exercitar por muitos annos em
continuos actos de mortificação,
e penitencia, e outros louvaveis
exercícios, que constituem hum
perfeito Religioso, sendo mo-
rador na Casa de nossa Senho-
ra do Paraíso em Sylves, in-
do por hospede ao Convento de
Santo Antonio de Loulé, lhe
deu nelle a ultima enfermidade
de hum catarro, que andava pe-
la terra, e ainda por todo o
Reino.

5 Pareceo aos Frades cou-
sa leve, e o mesmo dizia o Me-
dico, fazendo pouco caso da
doença, não a tendo por peri-
gosa; só Fr. Francisco fez mui-
to caso della, como quem sa-
bia ser chamado do Senhor na-
quella occasião. Logo disse que
havia de morrer, e se appare-
lhou para isso com grande es-
pirito, e fervor; e confessan-
do-se geralmente, pediu lhe des-
sem o Santissimo Sacramento,
como Viatico para aquella jor-
nada. Isto fez andando ainda
em pé, e o foi receber à Ca-
pella. Ao Guardião, que então
era hum Fr. Diogo de Guima-
rães, disse que folgava muito
de nosso Senhor o trazer a mor-
rer naquella Casa, onde esta-
va enterrado o santo Fr. An-
tonio de Nebrixa. Recebido o
Sacramento da Sagrada Euca-
ristia, protestou pelo da Santa
Unção, dizendo que a pediria,
quando fosse tempo. Passado
isto, se foi à enfermaria, onde
esteve sinco dias, nos quaes lhe
sobrevierão grandes dores de
colica, e de pedra, e outros
achagues, que a morte traz com-
sigo, que elle soffria com es-
tremada paciencia. E como já
os Frades fossem conhecendo a
verdade do que o santo Reli-
gioso tinha profetizado, e que
o mal era de morte, lhe per-
guntárão se queria que o ungis-
sem: ao que elle respondeo que
era

era cedo, que quando fosse tempo, teria cuidado de pedir aquelle Sacramento. No fim dos cinco dias pedio ao Guardião, que lhe lesse hum pouco por hum livro devoto; no meio da lição lhe rogou fosse mais devagar, para que pudesse ir rumiando aquellas cousas, que ouvia. Acabada a lição, que durou hum largo espaço, fez huma espiritual pratica aos Religiosos, que estavam presentes, com que lhes accrescentou mais a saudade, que lhe deixava sua despedida: o que bem testemunhavam as lagrymas, que derramavam, ouvindo suas devotas, e fervorosas palavras.

6 Em conclusão destas, pedio que lhe dessem o Sacramento da Santa Unção, e que todos o ajudassem com suas orações naquella hora. Ao Enfermeiro encommendou, que tivesse registado no Breviario aquelle Psalmo, que começa: *Voce mea ad Dominum clamavi*: o qual nosso Padre S. Francisco rezou na hora de sua morte, para tambem o rezar elle em sua despedida. Depois de ungido, pedio que lhe dessem huma pouca de agua para beber; dando-lha, e não a podendo levar para baixo, disse: *O Senhor seja muito louvado: muitos annos ha, que me não fartei de agua, deixando-a toda para esta hora, e já não quer ir pa-*

ra baixo. Então chamou o Enfermeiro, e começou a rezar alternativamente com elle o Psalmo, que mandára registrar, estando todos os Religiosos presentes.

7 Sentia grandemente o demonio estas preparações, que fazia para a morte Fr. Francisco, metteo todas as velas sua malicia, para ver se o podia vencer naquella hora. Dito o Psalmo, foi visto tão alterado, e inquieto em os meneios, que fazia, que parecia ver alguma cousa, ou ter alguma terrivel tentação, contra a qual repetia muitas vezes: *Credo, Credo*. Depois de estar nesta contradicção algum espaço com admiração grande dos Religiosos, que o acompanhavam, quietando hum pouco, virou o rosto já alegre, e sereno para outra parte. E como neste tempo os Religiosos, que lhe assistião, lhe repetissem as palavras, que elle pouco antes tinha dito: *Credo, Credo*, respondeo o fiel servo do Senhor: *Jam non credo, sed agnosco unum Deum*. Donde parece que estando ainda em a carne mortal, se lhe quiz Deos manifestar. E continuando com as palavras, como quem respondia a outrem, que lhe fallava, e repetia o mesmo que ouvia, e lhe mandavam dizer, levantando a mão com o dedo direito para o Ceo, disse as seguintes

guintes : *Fr. Francisco da Villa do Conde*, por quanto professaste, e guardaste o *Santo Euangelho*, te he prometido a vida eterna : e já a tenbo, e já a possuo. Dito isto, deo sua alma ao Senhor, deixando a todos mui consolados, e confirmados na opinião, que delle tinham, porque a bemaventurada sahida foi prova da boa vida passada. Foi seu ditofo transito no Convento de Loulé, no anno de 1580. dous annos depois de sepultado no mesmo Convento o santo *Fr. Antonio de Nebrixa*.

C A P I T U L O XIV.

De outros perfeitos Religiosos deste tempo.

2 **G**Randes forão os serviços, que fizeram a Deos, e ao Reino os Religiosos da nossa Provincia da Piedade nas occasiões das pestes, que nelle em diversos tempos houve ; como já de alguns deixamos escrito, e escreveremos de muitos daqui em diante. Merecem bem que façamos aqui delles memoria, os que acabarão a vida ministrando a seus proximos, e servindo-os no horrivel, e contagioso mal da peste ; porque se a caridade he a que aperfeiçoa a virtude, e sem ella nenhuma he perfeita por testemunho de São

Paulo, ^a não a póde haver maior, que dar a vida por seus irmãos, como disse Christo por S. João. ^b E assim que quando os Religiosos, de quem neste Capitulo escreveremos, não merecerão por sua exemplar vida particular relação entre os que podemos por de assinalada virtude ; o acabarem em tão santo, e caritativo exercicio era bastante para os acclamarmos por santos ; porque sendo tão pessima a qualidade desta tão perniciosa enfermidade, que obriga a apartarem-se os sãos dos enfermos, não sómente os estranhos, mas até os pais dos filhos, os irmãos dos irmãos, a mulher do marido, deixando aos miseros apestados quasi ao desamparo, faltos assim das corporaes, como das espirituaes medicinas ; daqui vem ser a maior prova da caridade, e virtude assistirem neste ministerio os estranhos. E ainda a Igreja Catholica, tão acertada em todos seus decretos, como a que com infallivel assistencia he allumeada pelo Espirito Santo, dá titulo de Martyres aos fieis, que movidos de caridade ardente, desprezando a propria vida por amor daquelle Senhor, que deo a sua por nós, acabarão neste piedoso ministerio. Assim o faz no Martyrologio Romano a vinte e oito de Fevereiro, intitulando Martyres a huns Presby-

byteros, Diaconos, e seculares de Alexandria, que em huma cruel peste, que houve naquella Cidade pelos annos do Senhor de 255. acudirão a curar os enfermos, offerecendo-se por este respeito voluntariamente à morte. E o Concilio Mediolanense, celebrado no anno de 1579. exortando aos Sacerdotes que acudão aos apestados, diz que morrer em semelhante empreza he hum como genero de martyrio. ⁴ Não quer dizer a Igreja que morrer servindo aos que estão enfermos de peste, seja martyrio, rigorosamente fallando; porèm que he martyrio por huma semelhança, ou lato modo, pois se offerecem victimas de caridade.

2 No anno de 1580. que este Reino foi geralmente affligido com grandes males de peste, sentio a Cidade de Evora particularmente sobre si a rigorosa mão do Senhor com este castigo, porque durou nella muito tempo, e morreo infinita gente. Para remediar as necessidades dos enfermos, assim espirituaes, administrando-lhes os Sacramentos, como temporaes, servindo-os em a cura, e distribuição dos mantimentos, sahirão a ella dous Religiosos desta Provincia; assim como outros, em outras partes, onde o mesmo mal lavrava. Hum des-

tes se chamava Fr. Jeronymo de Villa-Viçosa, Varão de tantas virtudes, que não se poderá bem fallar de humas, sem se fazer aggravo às outras. Nasceo na Villa de seu nome em o anno de 1544. e no de 62. tendo dezoito de idade, tomou o habito desta Provincia, em o devoto Convento do Bosque junto a Borba. Sendo ainda noviço, tanta era a mortificação, que nelle se via, tanta a penitencia, com que seu corpo castigava, tanta a humildade, com que a todos servia, e desprezava a si mesmo, que bem parecia haver deixado de todo o homem velho, e haver-se vestido hum novo homem em Jesus Christo. Em a obediencia era mui prompto: ao rigor da mui estreita pobreza afeiçoado: no silencio parecia estremo. porque raramente se lhe ouvia palavra, senão constangido da necessidade. Foi raro exemplo da paciencia, a que o ajudava muito o bom natural, que tinha, porque era dotado de huma natural brandura, e santa simplicidade. Nestas, e outras virtudes perseverou e toda a vida, e com ellas adquirio tanto espirito, e subio a tão perfeito, e alto gráo de contemplação, que este era seu ordinario exercicio, em que recebia singulares mercês, e Divinos favores.

Fr. Jeronymo de Villa Viçosa Sacerdote.

Gonz. 3. p.
tit. Prov.
Pietat.
Conv. 12.
Fr. Artur
Dez. 12.
fol 605.
Chronol.
Monast.
Lect. f. 42.
Agiol. Lus.
tom 2.
Março 21;
liter. H.

3 Antes de haver a peste, em que ministrou, lhe ouvirão dizer alguns Religiosos, que a morte, que mais receára sobre todas desta vida, era a de mal de peste; mas que pela graça, e mercê de Deos tinha já do Senhor alcançado perfeita mortificação desta paixão, e temor, e que antes de muito tempo havia de morrer andando nella. Succedeo depois dar este mal em Evora, sendo elle actualmente morador, e Presidente em o Convento de S. Francisco de Portel: houve licença dos Prelados para ser hum dos que viessem acudir àquelle trabalho. Partindo-se de casa, despedio-se de seus irmãos, pedindo-lhes o encommendaassem a nosso Senhor, accrescentando aquellas palavras, que disse S. Paulo à despedida dos de Mileto: *f Amplius non videbitis faciem meam.*

Depois de chegada à nossa Casa de Evora, sahio logo della com Fr. Diogo de Lisboa ao serviço dos enfermos, que estavam na Casa da Saude, onde mostrou tanto fervor de espirito, desejando aproveitar às almas, e acudir à saude dos corpos, que parecia incançavel. O tempo, que lhe restava de confessar, sacramentar, e outras occupaões corporaes, em que andava mettido, gastava em ferventes orações, e altas contemplações, affligin-

do-se, derramando muitas lagrymas, e rogando a Deos pelas necessidades daquelle povo, e que fosse servido levantar a mão de tão rigoroso castigo. Andando nestas occupaões, e exercicios, foi ferido daquelle mal; e como já sabia que era de morte, tratou de preparar-se para ella. Sinco dias, que teve de vida, depois de ferido, gastou em actos de contrição, e colloquios, que tinha com Deos. Via-se nelle em todo este tempo huma alegria espiritual, nem representava aquella natural melancolia dos que estão tão perto de dar conta. Nesta fórma abraçado com huma Imagem de Jesus crucificado passou da presente vida aos gostos da perduravel, e eterna aos vinte e hum de Março do sobredito anno 1580. com dezoito de habito, e trinta e seis de idade. Seu corpo foi sepultado no Alpendre da Igreja de S. Francisco da mesma Cidade, junto dos degrãos da porta principal.

4 Foi este Veneravel Religioso noviço em o Bosque de Borba com outro grande servo de Deos, de quem trataremos a seu tempo, chamado Fr. Diogo de Hitta; e como ambos erão homens espirituaes, e conformes na vida, tiveram particular amizade. Logo na entrada da Religião houve alguma

fama , que fizeram ambos hum concerto , de que se Deos o permittisse , o primeiro que delles morresse , appareceria ao outro , e lhe daria conta de seu estado. Se foi verdade , ou não , não ha disso outra certeza mais que a fama ; porèm o que depois succedeo a confirma : porque morando Fr. Diogo de Hitta na Piedade de Villa-Viçosa , depois de Fr. Jeronymo falecer , disse hum dia a outro Religioso , seu particular amigo , fallando da morte de Frei Jeronymo : *Tão certo he , Irmão , estar Fr. Jeronymo em o Ceo , como ter eu isto em a mão , e mostrou huma cousa , que nella tinha. E querendo aquelle Religioso inquirir em particular se lhe apparecêra , ou do modo , como aquillo sabia , Frei Diogo , que como verdadeiro humilde trabalhava por encubrir os favores Divinos , que recebia , lhe respondeo : Bastes-vos , Irmão , saber que está na Bemaventurança. Donde se ficou entendendo , e havido por certo , que lhe apparecêra , e o certificára de sua gloria.*

5 No mesmo tempo acabou tambem em Villa-Nova de Portimão , no Reino do Algarve , Fr. Antonio de Sylves Sacerdote , Religioso mui essencial , de sublime perfeição , e Angelica pureza , a quem Deos por sua infinita bondade

fez hum aggregado de todas as virtudes , entre as quaes reluzio sempre o ouro de sua finissima caridade. Obrigado desta se offereceo a curar , e sacramentar na dita Villa , e na de Alvor , distante della huma legua , aos feridos de peste , consultando ao servo de Deos de tão gloriosa acção grande cumulo de merecimentos. Era infatigavel o cuidado , com que acudia aos apestados , assim com os soccorros espirituaes , como temporaes : pois não só lhes acudia a toda a hora com as viandas necessarias , mas tambem com os sagrados antidotos da Igreja mais necessarios em semelhantes tranfes. Neste santo exercicio andava , atè que ferido do mesmo mal , depois de haver cursado nesta Universidade do amor do proximo largo tempo , rendeo a humanidade nas mãos da morte , feito amorosa victima da caridade. Foi sepultado no Alpendre da Igreja do nosso Convento de Villa-Nova junto ao canto da portaria com hum letreiro em a campa , que declara cuja he a sepultura , e a enfermidade , de que morreo. Seu ditoso transito põe o Agiologio Lusitano g a 8. de Maio.

6 Foi tão geral a peste do sobredito anno de 1580. que nem a fresquissima Villa de Estremoz escapou a seu estrago ,

Agiol Lus.
tom. 3.
Maio 8.
liter. G.

Fr. Luiz
do Torrão,
Frade
leigo.

antes passou a mesma, e igual fortuna com as mais Villas, e Cidades deste Reino. Estava então morador no Convento de Santo Antonio, que temos naquella Villa, hum Religioso chamado Fr. Luiz do Torrão, cheio de muitas virtudes, às quaes poz o fello a caridade ardente, com que voluntariamente se offereceo à morte pelo amor dos proximos; porque apenas entrou a peste em Estremoz, pedio logo que o deixassem sahir a ella, para ajudar aos enfermos com santos conselhos a salvar as almas, e servillos em as cousas necessarias ao corpo. Exercitando-se em este ministerio com grande fervor de caridade, e espirito juntamente com Fr. Affonso de Lisboa, seu companheiro, Sacerdote, estando na Casa da Saude, foi ferido do mal Fr. Luiz, com grande contentamento de ver que acabava a vida em exercicio tão santo. Por sua morte sahio, para fazer companhia a Fr. Affonso, Fr. João de Alcarapinha, Sacerdote, e Presidente em o nosso Convento da Vidigueira; o qual ouvindo dizer que andava aquelle fogo mais ateado em Villa-Viçosa, e Estremoz, que em outra alguma parte do Alentejo, veio primeiro àquella, depois a esta terra servir aos apestados; depois de

gastar quatro mezes neste exercicio, se ferio do contagio, e esteve trez dias desconfiado da vida; mas foi Deos servido dar-lhe faude, com que pode continuar naquelle trabalho, ajudando ao sobredito Fr. Affonso: o que elle attribuia a humas Reliquias, que comfigo tinha do Santo Fr. Antonio de Nebrixa, affirmando que repartindo-as por alguns dos apestados, livrarão da morte os que com fé, e devoção as aceitarão. Foi este Religioso tão illustre em o sangue no mundo, por ser dos ascendentes dos Condes de Villa-Flor, como por bons procedimentos na Religião, onde sempre viveo com grande exemplo. Pagamos com esta breve memoria a curiosidade, que teve de fazer hum Memorial, que não pouco nos servio para ordenar esta Chronica pelo computo dos annos. Tornando pois a Fr. Luiz do Torrão, depois que naquelle exercicio acabou a vida, foi enterrado na primeira sepultura do claustro do Convento antigo, entrando da Portaria para a Igreja à mão esquerda. A qual cova elle pedio signaladamente ao Guardião, quando sahio à peste, para ser enterrado nella. Donde parece que teve revelação de sua morte, antes de sahir àquelle ministerio: alcançaria tal vez este favor de Deos

Deos na oração, em que era mui continuo, e tinha muitos sentimentos do mesmo Senhor.

CAPITULO XV.

Virtuosa vida de Frei Manoel de Aveiro.

I **E**M o mesmo anno, que acabáráo a vida, servindo aos apestados, os Religiosos, que no Capitulo antecedente deixamos referidos, poz também termo à sua outro de não menor virtude, occupado em Coimbra no mesmo ministerio. Foi este Frei Manoel de Aveiro, não só tido por tanto em a morte, mas também julgado por tal em toda a vida, porque era mui contemplativo; tinha muitos sentimentos de Deos na oração, em que gastava o mais do tempo: mas sabia sua humildade occultar de sorte os favores, que Deos neste soberano exercicio lhe communicava, que não eram entendidos dos outros Religiosos, ainda que muitas vezes o suspeitavão. Para si (sendo mui compassivo para os outros) era mui austero, e rigorosissimo em disciplinas, e mortificações extraordinarias, e jejuns de devoção a pão, e agua. Muito tempo, ainda por caminhos compridos, não trouxe sandalias, ou outra alguma

couza em os pés, mas andavão nús totalmente por terra. Foi muitas vezes Prelado nesta Provincia, e Mestre de Noviços outras muitas, por ter para isso particular talento; que além de sua vida ser tão exemplar, como importa para aquelle officio, onde move mais o exemplo da obra, que a doutrina da palavra, era dotado de huma singular caridade, que também nos Mestres se requiere. Desta virtude lhe procedia ser sempre o primeiro em se offerecer nas occasiões, que havia de servir aos proximos em seus trabalhos, e enfermidades, ainda que fosse com perigo, e à custa da vida.

2 Esta o levou a servir em diversas pestes: primeiro em Azurára no anno de 1566. onde (como já em seu lugar dissemos) morreo Fr. Rodrigo de Chaves, e escapou elle com vida para fazer mais serviços a nosso Senhor. Depois no anno de oitenta, tocando o mal em hum Lugar do Campo, chamado Aflafarja, sabendo da muita gente, que alli morria, e necessidade, que padecião os proximos, procurou logo licença para ir a soccorrellos. Alcançada esta dos Prelados, foi com outro companheiro; mas por então não teve effeito o que pertendia, porque achou dous Religiosos de nosso Padre São

S. Domingos , que já lá estavam , os quaes lhe disserão , que bastavão ambos para aquelle ministerio , nem erão necessarios quatro em hum lugar tão pequeno. E assim se tornou o servo de Deos com o pezar de lhe fugir de entre as mãos huma occasião , como aquella , de exercitar sua caridade , e offerer sua vida ao Senhor em sacrificio. De caminho entrando em casa de humas nossas Irmãs devotas , que o estimavão por sua virtude , como o recebessem com grandes sinaes de contentamento , dizendo que se alegravão muito de se elle tornar para casa , respondeo o santo Religioso : *Se vós folgais com isso , eu venho muito triste , e desconfolado*. Não tardou muito que se vierão a cumprir seus desejos ; porque dando tambem a mesma peste na Cidade , elle sahio logo com outro companheiro , para administrar os Sacramentos , e acudir às mais necessidades dos feridos da Casa da faude.

3 Quizerão o Guardião , e outros Religiosos divertillo daquelle intento , e que fossem outros Frades mancebos , que para isso se offerecião , por não perder a Provincia hum Religioso de tanta substancia ; mas elle respondeo que o deixassem ir , que era Deos servido de que acabasse naquella obra.

Despedindo-se já dos Frades , levantando as mãos ao Ceo , disse : *Louzado sejais , Senhor , que em outra peste comecei a exercitar o officio das confissões* , (na que fica dito de Azurára) *e nesta o acabarei* : e aos Frades affirmou tambem logo que o não verião mais na presente vida. Assim foi , porque depois de se haver exercitado naquella tão santa obra algum tempo com grande espirito , acabou ferido do mesmo mal com tão grande exemplo , e mostras de santidade , que a todos causou maravilhosa devoção , sentindo-se edificados do que nelle havião visto. Ficou seu corpo tão bem assombrado , que mais parecia dormido , que morto : e a formosura , que nelle se via , testemunhava a gloria , que sua alma já lograva. Nem faltou o Ceo com sinaes , com que acreditasse a seu servo , e mostrasse aos homens quão aceita lhe fora sua caridade , porque da cabana , onde morreo , e depois de sua sepultura , sahia huma fragrancia de cheiro tão grande , e extraordinaria , que os feridos , que estavam espalhados por aquellas cabanas , maravilhados d'elle , perguntavão que cousa aquillo era , porque não lhes parecia cheiro natural , mas Divino. Os que podião , vinhão onde o servo de Deos estava , publicando-o todos por santo. Esta

Esta suavidade de cheiro , como affirmarão alguns dos que estavam na Casa da Saude , durou depois por muitos dias , em a cabana , onde morreo , e no lugar de sua sepultura.

4 Chegou logo a noticia desta maravilha à Cidade ; o que sabendo hum mulher della , que havia já tempo padecia a importuna molestia de humas quartans , que a tinham posto em muita fraqueza , determinou vir buscar o remedio neste servo de Deos. Perguntou a hum homem pela sepultura do Frade santo : elle lhe mostrou outra , que alli perto estava : e como a boa mulher , chegando a ella , não sentisse o cheiro , que lhe dizião , duvidando do que lhe dissera aquelle homem , andou correndo as outras sepulturas , até chegar à de Fr. Manoel , onde sentio o cheiro , que dizião todos ; virando-se então para o homem , disse : *Ah como me enganaveis , que esta he , e não aquella a sepultura do santo.* E com a fé , e devoção , que tinha em o servo de Deos , inclinando-se , e beijando a terra com reverencia , lhe pedia rogasse a nosso Senhor a livrasse daquellas importunas quartans , que padecia. Ouvio Deos sua petição , e por merecimentos de seu servo , nunca mais aquella mulher teve ceção , mas alcançou perfeita sa-

de. Muitas outras pessoas , dizem , que levavão terra desta sepultura , com que saravão de suas enfermidades. Os do governo da Cidade mandarão pôr sobre ella hum pedrã com seu letreiro , que diz , como este servo de Deos morreo naquelle exercicio no dito anno , e mez de Agosto. Está à porta de S. Sebastião , que he em pouca distancia da cova.

CAPITULO XVI.

Eleição do vigesimo-segundo Ministro Provincial: e memoria de alguns perfectos Religiosos de seu tempo.

1 **L**Ogo depois da morte do Ministro Provincial Fr. Alvaro de Olivença , que foi , como já dissemos , em o nosso Convento de Coimbra , aos dous annos , pouco mais , de seu governo , convocou o Commissario geral da Familia Fr. Antonio de Aguiar os Vogaes desta Provincia , para eleição do novo Ministro , em o nosso Convento de nossa Senhora do Sardoal , em que presidio o mesmo Padre. Sahio eleito hum , que entre os mais grandemente se affinalava nas prendas , e requisitos necessarios para o officio de Prelado : foi este Frei Pedro de Abrantes , em numero o vige-

Fr. Pedro
Abrantes
Provincial
22.

fi-

fimo-segundo Provincial , que teve a Provincia. Celebrou-se o Capitulo de sua eleição em dezeseis de Janeiro de 1581. os gastos d'elle corrêrão por conta do povo , que como he tão devoto , e caritativo , acudio com muita abundancia a todo o necessario. Mostrou logo o novo Provincial seu zelo em muitas cousas , que no Capitulo , em que sahio eleito , instituiu novamente : do modo de proceder em seu governo daremos mais clara noticia , quando historiarmos sua vida , pois está pedindo esta que façamos della memoria , como fazemos dos mais , que acabárão com fama de virtude.

2 No tempo deste Ministro florecêrão alguns Religiosos de approvada vida : e ainda que he mui pouco o que delles achamos escrito , de mais da aclamação commua , com que acabárão , poremos com tudo esse pouco , de que temos noticia , para que de todo se não perca sua memoria. Foi o primeiro delles Fr. Bartholomeu de Setuval , Prégador Euangelico , e Religioso de tantas perfeições , que parece as ajuntou todas nelle a Divina graça. Era mui frequente , e fervoroso em a oração mental , na qual aprendia mais o que havia de pregar , do que pelos livros. Por esta causa antes do dia do Ser-

Fr. Bartholomeu de Setuval, Prégador.

mão se levantava às onze horas da noite , e até que ao outro dia subia ao pulpito estava em oração , tratando com Deos o que havia de dizer nelle. Deste seu estudo lhe veio a especial graça , que teve , de aproveitar aos proximos , fazendo nos peccadores maravilhosas conversões a Divina potencia por meio de sua doutrina. Particularmente lhe concedeo o Senhor graça de compor inimizades , abrandando com suas espirituaes , e devotas palavras os corações mais duros. Costumava pedir a Deos em suas orações , que quando o levasse , lhe dêsse huma morte subita , indicio grande de que andava sempre bem aparelhado para esta hora.

3 Não fazia esta súppllica por alguma presumpção , que o movesse , nem pelo fim , que a desejava Augusto Cesar , ^a que era por fugir às molestias , que a ultima enfermidade traz consigo , senão porque todas as vezes que era doente , o tentava o demonio grandemente com muitos escrupulos , e duvidas na fé : pelo que pedia ao Senhor morte repentina , para que não tivesse o demonio tempo , nem lugar de o tentar daquella maneira. Ouvio Deos sua petição , e deo-lhe hum repentino accidente de apoplexia , sendo actual Definidor da Pro-

Suer
in vi
gusti

Provincia, e morador em o Convento de Santo Antonio de Estremoz, com que em poucas horas, como piedosamente cremos de sua vida, passou à eterna Bemaventurança, tendo todos por particular mercê do Senhor aquelle genero de morte, que lhe foi dado. Não diminue, nem desacredita a santidade o genero de morte; por qualquer caminho sabe Deos levar aos seus às felicidades perduraveis. O ter vivido bem, e conservar em a morte a graça da boa vida, dão a ultima victoria. He certo que a morte não tomou descuidado a Fr. Bartholomeu de Setuval, mas com huma dilatada preparação de toda a vida. A Igreja nas Ladainhas não pede em nome dos fieis, que os livre Deos da morte repentina, ou apressada, senão quando ella he improvisa, e sem apparelho, pois a grandes Santos, e servos seus levou o Senhor para si, não só com morte repentina, mas desastrosa. De hum raio o Estilita, e de outras semelhantes mortes a varios Santos, que seria largo numerar, as quaes lhes não tirão a grandeza de sua virtude, e santidade: como tambem a não tirou a Fr. Bartholomeu a morte, que teve; porque além de não ser improvisa, foi dada por despacho da petição, que sempre a Deos fazia.

4 Quasi pelo mesmo tempo, em que no Convento de Santo Antonio de Estremoz deixou a temporal pela eterna vida Fr. Bartholomeu de Setuval, fez tambem o mesmo caminho do de Santo Antonio dos Olivaes, onde era morador, Fr. Gaspar de Braga, Sacerdote. Foi elle Religioso de mui alta contemplação, na qual recebia do Senhor continuas visitações, e mercês grandes. Teve dom de mui copiosas lagrymas: foi mui austero, e rigoroso em todo o genero de penitencia, jejuns, disciplinas, cilicios, e outras mortificações extraordinarias, com que sujeitava a carne, e a fazia servir ao espirito. Admiravão os Frades suas vigalias, pois erão tantas, que parecião exceder as forças da humana natureza; porque da prima noite até Matinas, estava orando em a cella; depois de Matinas até o pelde ficava no mesmo exercicio em o Coro: então se recolhia a dar breve repouso ao corpo, até que tocavão a Prima. Toda a vida obsevou indispensavelmente este seu estylo, donde veio a alcançar do Senhor tanto espirito, que a grandeza deste o fazia romper em continuos gritos, e suspiros, porque não podia supportar sua força. Na Missa sentia tanta doçura, e suavidade, que com

Fr. Gaspar
de Braga
Sacerdote.

muita difficuldade a podia acabar : e quando esta era cantada , e elle assistia em o Coro , rara vez estava atè o fim della , porque se afervorava de forte , que sahia do Coro correndo , e dando repetidos gritos. Nestas virtudes perseverou toda a vida , e acabou no sobredito Convento com fama de santidadade.

5 Foi tambem do mesmo tempo outro Religioso de conhecida virtude , por nome Fr. Agostinho de Lisboa , Sacerdote de maravilhosa pureza , e tão perfeito na vida regular , como se na profissão promettera possuir em grão subido todas as perfeições deste estado. Principalmente se esmerou na caridade , obrigado da qual , sendo morador em o nosso Convento de Santo Antonio de Abrantes , sahio a curar aos apes- tados , que naquella Villa , como nas mais deste Reino , havia. Assistio na Casa da faude muitos mezes , atè que de todo cessou aquelle açoute da Divina Justiça , e em todos estes foi notavel o cuidado , com que assistia aos enfermos , ministrando-lhes assim o remedio temporal para os corpos , como a espirital medicina para as almas. Recolheo-se depois disto para o Convento , onde passados alguns dias , adoeceo gravemente , não sem suspeita de

Fr. Agostinho de Lisboa, Sacerdote.

fer de peste , e em breve tempo , no fim de Janeiro de 1581. o levou Deos da presente vida , para lhe dar na outra o premio de seu trabalho.

6 No seguinte anno de 1582. acabou tambem santamente o curso temporal da vida em o Convento de Aveiro Fr. Diogo da Beira , Varão perfeitissimo , pois resplandeceio em todas as virtudes com maravilhosa ^b excellencia , especialmente na contemplação (fonte , donde dimanão todas) que era seu mais ordinario exercicio. Nelle sentia muitas contradições dos demonios , que presentidos de seus virtuosos progressos , por estorvallo de seu intento , e occupação espirital , o perseguirão de diversas maneiras , apparecendo-lhe por vezes com terriveis figuras , e outras fazendo-lhe escarneos , e máos tratamentos ; mas tudo estimava em pouco seu frequente espirito , confortado em Deos , de quem em premio do valor , com que lhe resistia , recebia singulares favores , e consolações espirituaes , que sobrepujavão toda a molestia daquellas perseguições. Foi devotissimo da Paixão de Christo ; e quando nella considerava , derramava abundancia de lagrymas , com estranho sentimento , acompanhadas de enternecidos suspiros. Muitas vezes

Fr. D.
da Beira
Frade
leigo.
Agio.
tom.
Maio
liter.
Alva
Lob
das F
fol. 1

zes foi visto arrebatado todo em Deos, e elevado no ar, com admiração dos circumstantes. Teve muitas revelações Divinas, que as memorias, que delle ha escritas, não especificão, mais que com esta generalidade, dizendo que forão muitas; salvo huma, que declarão, por descobrilla quem foi della testemunha: e foi, que indo hum vez este servo de Deos em companhia de outro perfeito Religioso Fr. Diogo da Silva, de quem já nos lembrámos, caminhando por hum sombrio, e deserto valle, subindo para hum monte, a que hião pedir agazalho, por ser já tarde, antes de chegarem ao monte, passou por elles huma voz tão sentida, e dolorosa, que o ouvilla cortava a alma. Dizia esta: *Que farei, triste de mim, que caminho hei de levar agora?* E repetindo isto trez vezes, fazendo estrondo por esses ares, passou adiante, e não se ouviu mais. Da qual cousa admirado Fr. Diogo da Silva, perguntou a Fr. Diogo da Beira, que seria aquillo; ao que elle respondeo ser huma alma, que naquelle ponto sahira do corpo, e miseravelmente hia caminho do Inferno, por hum juramento falso que dera. Finalmente em o rigor, e perfeição de vida, em que desde sua entrada na Religião se exercitou, o

achou a morte vigilante no sobredito Convento de Aveiro.

CAPITULO XVII.

*Do vigesimo-tercio Ministro Provincial: e do servo de Deos
Fr. Aleixo de Braga.*

I Dez mezes antes de 1584. acabar o tempo, que havia de durar seu officio, conforme a disposição do Papa Pio V. intimada à Ordem no Capitulo Geral de Roma do anno de 1571. como fica dito, convocou o Provincial aos Vogaes para eleição de futuro Ministro. A causa de se anticipar tanto o Capitulo, foi porque neste tempo veio o Reverendissimo Padre Geral, que então era, Fr. Francisco Gonzaga, a este Reino, e por se achar presente a todos os Capitulos das cinco Provincias, anticipou o da Piedade, que celebrou depois de feitos os quatro, vindo-se recolhendo de Lisboa para Madrid. Fez os gastos do Capitulo com Real magnificencia a Senhora Dona Catharina, Duqueza de Bragança, que naquelle tempo por morte do Duque D. João seu marido governava os Estados desta Real Casa. Nelle sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Pedro de Guimarães, e foi em numero o Ministro vi-

Fr Pedro
de Guimarães,
Provincial 23.

gesimo-terceiro, que esta Provincia teve. Os Definidores foram Fr. Francisco de Chaves, Fr. João de Barcellos, Fr. João de Aveiro: do quarto Definidor não achamos noticia certa: em Custodio foi eleito Fr. Lopo do Sardoal. Fez-se este Capitulo em a Piedade de Villa-Viçosa pela Quaresma *Dominica in Passione*, dezenove de Março de 1584. nelle confirmou o Padre Geral as Ordenações, por onde esta Provincia desde o anno de 1522. até o presente se governa. Ordenou tambem algumas cousas de novo, como foi mandar que ao menos houvesse quatro Casas em cada commissão, deputadas para nellas se ler Theologia Moral, o que logo se deo á execução, ainda que durou isto pouco tempo.

2 Entendeo o novo Ministro no governo da Provincia, em que mostrou bem a singular prudencia, e santo zelo, de que era dotado. Depois que a visitou segunda vez, fez a sua Congregação em Santo Antonio de Evora, pelos annos do Senhor 1586. Tinha já neste tempo convocado o Reverendissimo Gonzaga a todos os Vogaes da Ordem para o Capitulo Geral, que se havia de ter o seguinte anno de 1587. em Roma pela festa do Pentecostes: para este se partio o

nosso Provincial no principio do sobredito anno, fazendo esta jornada a pé, como fazem todos os mais desta Provincia, e sem mais viatico, que o amor de Deos. Por ser homem de grande estatura, e rostro macilento, representava pessoa de muita authoridade; e assim no dito Capitulo Geral, onde se achou, levou hum voto para Geral, que lhe deo certo Provincial estrangeiro, dizendo, tanto que o vio, que aquelle Frade o merecia entre os outros todos. Depois que veio, e acabou seu officio, foi Visitador da Santa Provincia da Arabida, e concluindo louvavelmente este ministerio, se recolheu a esperar a morte no Convento de Azurára, onde esta o achou com larga preparação; porque depois de seu Provincialato ainda viveo mais de vinte annos, gastando estes em se preparar para a ultima hora.

3 No seguinte anno depois da eleição do Ministro Provincial Fr. Pedro de Guimarães, que foi o de 1585. passou da presente vida para os gozos da eterna Fr. Aleixo de Braga, Frade leigo, de muita santa vida. Foi discipulo do grande servo de Deos Fr. Francisco da Gatta, e imitador ao vivo de suas preclaras virtudes. Sendo noviço em Braga, como vis-

Fr. Aleixo
de Braga
Frade
leigo.

vísse a este seu Mestre, com quem andava cavando em a horta; que para esperar huma visitaçãõ do Senhor, se encostára à enxada, onde ficou em extase tão abortivo, e privado dos sentidos, que julgando-o por morto, foi chamar os Frades, se affeioou tanto à oração, que veio pelo tempo adiante a ser seu quotidiano sustento. Muito nos deixára que escrever, senão encubríra com grande cuidado os particulares favores, que neste santo exercicio recebia da liberalidade Divina. Mas tratou tanto de os occultar, como verdadeiro humilde, já com o silencio da noite, já com o occulto do lugar, que escolhia para a oração, que não podião ser entendidos dos Frades, por mais que o procurassem. Era devotissimo de ajudar às Missas, e ainda que estivesse indisposto, e fossem muitas, a todas acudia, e assistia com grande espirito, e fervor, contemplando os Divinos Mysterios. Nas vesperas de Communhão orava toda a noite, e era tão grande o cuidado, com que se preparava para chegar à sacrosanta Meza, que não podia pegar no sono. Em este exercicio costumava dizer, fallando consigo: *Se os Anjos, e bemaventurados, costumados, Senhor, a ver-vos, e servir-vos, não ousão no Ceo le-*

vantar os olhos, pelo respeito, que se vos deve, e estão todos tremendo em vossa presença, que atrevimento ha de ser o meu, sendo tão inferior a elles, assim em natureza, como em perfeição, para vos receber em minha alma? Nestas pias considerações, e devotas praticas passava a noite o vigilante servo de Deos, até que no dia seguinte recebia a Sagrada Eucaristia, com admiravel humildade, e compostura exterior, demonstrativa da interior paz de sua alma.

4 Quasi trinta annos morou em São Vicente do Cabo no Algarve, achando grande consolação espiritual naquellas rochas vivas, e solitarios penhascos, onde lhe succedia muitas vezes, recitando a Paixão de Christo, escrita por São João, que sabia de cór, e aprendêra de seu Mestre Frei Francisco da Gatta, soltar taes gemidos, e suspiros com os olhos em o Ceo, que o ecco delles podia enternecer aos mais duros, e empedernidos corações; e depois invocando muitas vezes o dulcissimo nome de Jesus, despia o habito, e açoutava-se com tanto rigor, que corrião de seu corpo ribeiros de sangue. Aqui sustentava aos Frades com o peixe, que pescava de ordinario à cana, e pouco antes de falecer disse, que

que nunca o mar lhe molhára os pés, nem se víra em perigo, por maiores que fossem as ondas, porque antes que deitasse na agua a cana, repetia a Paixão de Christo. Soffreo com notavel paciencia algumas enfermidades trabalhosas, particularmente a de gotta, que delle se tinha apoderado com excesso; e sentindo dores intensas, nunca se queixou dellas, admirando a todos o valor, e animo, com que as supportava. Gastados finalmente nestas, e outras virtudes os dilatados annos de sua vida, que forão mais de oitenta, veio a render os ultimos alentos nos braços da Mãe, que o criou, porque permudado à devota Casa de S. Fructuoso de Braga, onde havia tomado o habito, lhe bateo a morte à porta. Ao tempo de espirar começou a tremer tão notavelmente, que lhe perguntou hum dos circumstantes: *Irmão, que tremores são esses nesta hora?* Respondeo o agonizante: *Tremo da conta, que hei de dar no Tribunal Divino.* Santo era Hilarião, e com setenta annos de deserto em serviço de Deos, com tudo tremia, e temia naquella hora, e apertado transe. E assim não era muito que succedesse o mesmo ao nosso Fr. Aleixo, considerando o rigor do Juiz, e a estreita conta, que em seu Tribunal se

pede. Passados os tremores, chegou a morte, a quem com grande quietação, e locego deo entrada, deixando ao defunto tão risonho, e bem estreado, que pedirão os Religiosos ao Guardião, que o deixasse ir com o rostro descoberto à Igreja, para que sua Angelica formosura fosse motivo ao grande concurso do povo, que tinha vindo a seu enterro, e officio da sepultura, de engrandecerem, e louvarem as maravilhas do Senhor. Foi seu ditoso transito no anno de 1585. a dezoito de Maio.

CAPITULO XVIII.

Do vigesimo-quarto Ministro Provincial, e do Capitulo, em que foi eleito.

I **N**O Capitulo Geral de Roma do anno de 1587 em que sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem Fr. Narciso de Tolosa da Provincia de Cantabria de Biscaia, advertio logo Sua Reverendissima aos Vogaes de Hespanha, que ainda que se houvesse cumprido o tempo de seus officios, não havia de fazer seus Capitulos, mandando-lhes, que os dilatassem até sua vinda, porque queria achar-se presente a elles. Por esta causa teve o nosso Ministro Provin-

vincial Fr. Pedro de Guimaraes o governo da Provincia cinco annos e nove mezes ; no fim dos quaes por mandado do Padre Geral convocou os Vo-gaes para eleição do novo Ministro em o nosso Convento de Santo Antonio de Evora , o primeiro de Janeiro de 1590. Fez os gastos do Capitulo o Arcebispo D. Theotónio , que como era tão devoto , todos os queria tomar à sua conta , e se não fez todos os de seu tempo , (pelos pedirem outras pessoas de qualidade) fez alguns com muita abundancia das cousas necessarias para elles. Neste prefidio o sobredito Padre Geral , e sahio eleito em Ministro Provincial Fr. João de Evora , Prégador , e foi em numero o Ministro vinte e quatro , que esta Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Marcos de Villa de Frades , Fr. Francisco de Chaves , Fr. Pedro de Setuval , e Fr. Martinho de Chaves. Renovou o Padre Geral o que no Capitulo precedente de Villaviçosa o Padre Gonzaga tinha mandado , que ao menos houvesse quatro Casas na Provincia , em que se lesse Theologia Moral ; de mais mandou que houvesse tambem estudo de Artes , e de Theologia Escolastica , e para isso se ordenou logo hum Curso de doze Religiosos em o Convento de San-

to Antonio dos Olivaes , onde tiverão por Mestre o Guardião delle Fr. Simão de Aveiro , hum dos mais famosos Theologos que teve a Universidade de Coimbra em seu tempo.

2 Fez este Provincial sua Congregação em S. Francisco de Elvas aos dez dias de Julho do anno de 1591. nella se ordenou , que os estudos , que estavam em Coimbra , se passassem a Portalegre , por respeito de ser aquella Casa de noviços. Alli tiverão os Estudantes por Mestre , que lhe acabou de ler Theologia , hum Religioso escolhido para esse effeito , da Santa Provincia de Portugal , e supposto que deste Curso sahirão Prégadores mui insignes , que ao depois governarão , e honrarão muito a Provincia , com tudo como outros Religiosos antigos della forão de parecer contrario a haver estudos , zelando mais a quietação , recolhimento , e silencio costumado em todas as Casas , que as letras , e pulpito , extinguirão-se os estudos de todo ; e supposto que o Ministro Fr. João de Evora com alguns outros Religiosos , que erão de seu parecer , pertendião sustentallos , e fazer que sempre os houvesse , não foi isto bastante para que na Congregação do seguinte triennio se não extinguissem.

3 Governou este Ministro o tempo de seu ministerio com muita prudencia, e satisfação; porque além de ser mui grande Religioso, e observante, assim da nossa Regra, como dos santos, e louvaveis costumes da Provincia, era pelo sangue de sua geração hum dos principaes Fidalgos deste Reino. Logo no principio mostrou a fineza de bom Prelado; porque como o Capitulo, em que foi eleito, se fez em a força do Inverno, vindo os Frades de diversas partes, e com trabalho, succedeo morrerem alguns em o Convento de Santo Antonio de Evora, donde elle não tinha ainda sahido, e andar esta Casa quasi contaminada; e pedindo-lhe por muitas vezes os Frades que se sahisse della, elle o não quiz fazer, atè todos ficarem com saude. Foi particular o zelo, que teve para as cousas tocantes ao Culto Divino. A primeira cousa, em que entendeu, depois de sua eleição, foi no concerto, e limpeza das Sacristias, provendo-as de ornamentos conformes a nosso modo, tirando o superfluo de humas Casas, com que suppria as necessidades das outras. Reluzia com tudo nellas a santa pobreza, porque não queria se fizessem, ou aceitassem ornamentos de seda, o que mandou por estatuto particular, que

logo fez no Capitulo, em que foi eleito.

4 Acabado o tempo de seu ministerio, foi feito Commissario Geral do Reino pelo sobredito Padre Geral Fr. Francisco de Tolosa em o mez de Fevereiro de 1593. o qual officio renunciou logo no seguinte anno a dezefete de Agosto nas mãos do Commissario Geral da Familia Frei Mattheus de Burgos em Lisboa no Convento de S. Francisco da Cidade. Foi algumas vezes consultado para Bispo, o que a morte atalhou; porque adoecendo de hum grave enfermidade, e indo curar-se a Lisboa em casa de seu irmão o Conde Meirinho Mór, della faleceo, depois de haver recebidos os Sacramentos da Igreja, e feitos muitos actos de bom Religioso, que sempre foi em a vida. Seu corpo foi trazido ao Convento de Santo Antonio de Evora, para alli entre seus Irmãos ser sepultado; onde chegou hum dia já de noite com grande acompanhamento; e querendo ao outro dia os Frades dar-lhe sepultura na claustra, como aos mais Religiosos, mandou o Arcebispo Dom Theotónio de Bragança retardar os funeraes, porque queria fosse enterrado na sua Capella, e que assistissem todas as Religiões, que havia na Cidade,

de, e Cabido da Sé. Assim se fez, e acabado o officio, que foi feito com muita solemnidade, derão ao corpo sepultura na mesma Capella, não muito longe da que o Arcebispo tinha já para si ordenado, junto ao Altar, que fica à parte da Epistola, onde se vê hum pedra, que tem escrito o seu nome.

CAPITULO XIX.

De dous perfeitos Religiosos deste tempo.

NO triennio do Ministro Provincial Fr. João de Evora, acabárão o curso temporal da presente vida, muitos, e muito perfeitos Religiosos: de alguns delles trataremos, e no presente Capitulo de dous; uniremos nesta Historia aquelles, a quem hum santa amizade unio em a vida, e não apartou na morte. Foi o primeiro Fr. Pedro de Abrantes, cujas virtudes nos penhoramos dizer, ^a tratando do Capitulo, em que foi eleito Ministro Provincial. Era este perfeito Religioso dotado de toda a virtude, em especial resplandeceo nelle a da humildade, que lançou por firme, e seguro fundamento para as mais. Ainda depois de ter sido Provincial, e na ultima velhice, não consentia que o servissem

em cousa alguma, como he lavar-lhe o habito, ou panos, e cousas semelhantes, antes servia aos outros, especialmente aos enfermos, o que fazia com tanta diligencia, como se fora Frade mancebo, e não velho, e a chacado, como era. Exercitava-se em os officios mais humildes, que na Religião estão à conta dos Coristas: por onde succedia muitas vezes, quando estes os hião fazer, acharem que tinha já o santo velho andado primeiro. Com passar a velhice cheia de achaques, em a oração, em que era continuo, estava sempre de joelhos, ou quando muito cançava, punha-se em pé, e neste exercicio vigiava ordinariamente de Matinas até pela manhã.

2 Foi notavel sua abstinencia, tanto, que com a moderada refeição, que tomava, mais parecia enganar o corpo, que alimentallo, só de disciplinas, e outros rigores era liberal para com elle, com que o trazia tão sujeito ao espirito, como se com este tivera assentado paz, sendo tão contrarios hum do outro. Tão grande amador foi da santa pobreza, que quando morreo, lhe não achárão cousa alguma, fóra do habito, panos menores, e Breviario. Hum caso lhe succeddeo, sendo Provincial, verdadeiramente milagroso, pelo qual

qual mostrou nosso Senhor o cuidado, que delle tinha, e quão aceito lhes erão os trabalhos das continuas jornadas, que fazia. Visitava elle a Provincia, levando por companheiro Fr. Paulo do Porto, Religioso de vida exemplar, e santa simplicidade: e caminhando ambos hum dia da Covilhã para Chaves, lhes anoiteceo em hum deserto. Era o tempo muito frio, por ser na força do Inverno, e parecendo-lhes que não poderião chegar onde commodamente passassem a noite, amparados do rigor do tempo, hião fallando nesta materia, quando olhando de hum a outra parte, descubríão hum casa em hum pequeno oiteiro, não muito longe de seu caminho. Forão a ella para pedirem ao morador os agasalhasse: achárão que tinha pela parte de fóra corrido o ferrolho, sem verem algum final, de que estivesse nella algum vivente. Esperárão hum pouco, e vendo que ninguem apparecia, abríão a porta; estava a casa mui bem varrida, e a hum canto della huns molhos de linho, e assim determinárão passar alli a noite. Feríão fogo, estendêrão o linho, e delle fizerão suas pobres camas, em que repousárão. Ao outro dia, pondo-se a caminho, e fallando na pousada daquel-

la noite, dizendo cada hum de si, que nella se achára todo aquelle tempo, não só confortado em o corpo, mas ainda consolado no espirito; olhavão para aquella parte, onde a casa ficava, e com estarem ainda mui perto, não a vírão, nem lugar, onde pudesse haver estado. Fizerão algumas diligencias por verem se por ventura se enganavão, mas todas sem effeito, donde entendêrão claramente, que o misericordioso Deos lhe déra milagrosamente gazalhado aquella noite. Depois que este santo Religioso acabou o officio de Provincial, se recolheo ao nosso Convento de Thomar, onde viveo ainda sete annos, que gastou em se preparar para a morte. Nestes continuou em seus costumados exercicios, sem que afroxasse nada de seu rigor, até que Deos o levou a descansar no Ceo por meio de hum a erisipela, vespera da Circumcisão, pelas quatro horas da tarde do anno de 1590.

3 Da mesma Casa de Thomar passou a tomar posse do premio de sua virtuosa vida outro Religioso de muita perfeição, chamado Fr. Sebastião de Leiria, Sacerdote, Varão de muito espirito, rigor notavel, abstinencia perpetua, e hum extraordinaria singeleza. Frequentava tanto o santo exerci-

Fr.
tião
Leir
Sacer

cicio da oração , que depois de Matinas sempre ficava vigiando no Coro , atè que pela manhã , depois de se acabar Prima , hia dizer Missa mui devotamente , e tornando outra vez para o Coro , ouvia todas as Missas atè a do dia. Resplandeceo nelle em alto gráo a virtude da humildade , e recolhimento : tanto , que sendo já velho , não havia para elle consolação , como deixarem-no fazer os officios mais humildes da casa , e depois que os fazia , rara vez o vião fóra da cella. Era tão amigo do silencio , que vindo das graças para a cozinha , em quanto a louça se lavava , tomava na boca huma bochecha de agua , depois de ditas as orações , que alli se rezão pelos defuntos , e por não fallar , a não deitava fóra , senão quando se recolhia para a cella.

4 Raras vezes o ouvirão fallar , fóra daquelles actos , que era precisamente necessario o não callar : estremada mortificação , e a mais opposta à liberdade , que mais ama o nosso natural , pois em sentir de hum Gentio politico , a ultima miseria , a que póde baixar o cativo humano , he quando se prohibe o commercio de ouvir , e fallar. A esta mortificação , e cativo se sujeitava o servo de Deos , e por levar adiante

tão virtuosa resolução , atè das honestas conversações dos Religiosos fugia : que de fallar com os seculares , não era necessario fugir , o que a esse perigo estava como negado , pelo retiro , e recolhimento , com que vivia. Foi particular a devoção , que teve à Senhora Mãe de Deos , e não lhe chamava senão a minha Senhora : sabia de memoria algumas coplas suas , que continuamente lhe cantava em seus retiros. E se nos dias festivos , em que os Religiosos em santa conversação costumão communicar-se , o Guardião por festejar , e lhe dar prazer , lhe mandava , que as repetisse , o fazia com tanta devoção , e espirito , como se estivesse diante de sua Senhora , fallando com ella.

5 O fervor da alma , com que o interior cantava os Hymnos , e Canticos espirituaes , que aconselha S. Paulo , ^b brota- ^b Ad Ephes. c. 5. n. 19. va em o exterior , e o punha às portas do Ceo , cantando à sua amada Senhora. Estes Cantores são os que vio Ezechiel em o atrio do Templo , ^c jun- ^c Ezech. c. 40. n. 29. to da porta interior , não dentro , porque ainda não havião entrado à vida eterna : mas estavam perto , porque ainda que estivesse a porta de permeio , fazião com os Coros dos Anjos agradavel consonancia a Deos. Teve este santo Reli-

giofo particular amizade com Fr. Pedro de Abrantes , e foi grande imitador de suas virtudes , e disse muitas vezes a alguns Religiosos , que pedia em suas orações a Deos , que o levasse desta vida , quando a Fr. Pedro , porque à sua sombra participasse de seus merecimentos ; pois tinha tanto conceito de sua santidade , que por ella esperava lhe faria Deos mercê , e lhe aproveitaria para o Ceo a boa amizade , que tinha com elle na terra. Concedeo-lhe o Senhor o despacho desta petição , porque em hum dia deo ao velho Fr. Pedro huma enfermidade de erisipéla , e no seguinte dia deo outra a Fr. Sebastião ; e apparelhando-se qualquer delles para morrer , recebêrão os Sacramentos da Igreja , depois dos quaes foi nosso Senhor servido levar para si a Fr. Pedro vespera da Circumcisão , como temos dito.

6 Ficou Fr. Sebastião a juizo dos Medicos fóra de perigo ; mas tão faudoso de seu amigo morto , que se foi lançar na cama , em que morrerá , e à imitação de S. Lourenço , que vendo ir para o martyrio a S. Xysto Papa , chorava , não porque se apartava delle para o Ceo , mas , como notou Santo Ambrosio , ^d porque o não levava consigo , e o

deixava cá na terra. E assim lastimosamente , e com grande sentimento dizia , qual o invicto Martyr Hespanhol , ao Santo Pontifice : *Meu bom velho , meu bom velho , porque me não levastes convosco ? Para que me deixais cá sem vós ? Meu santo companheiro , compadecei-vos de mim , e levai-me a ser participante de vossos merecimentos.* Não foi a detença muita , nem se passárão trez dias , como na morte de S. Xysto ; porque aceitando Deos suas lagrymas , e bons desejos , na tarde do seguinte dia , que era o da Circumcisão , do anno de 1591. o levou para si , vinte e quatro horas depois de seu amigo , ficando seu rosto tão formoso , e sereno , que a todos causava espanto , e como indicio que gozava o servo de Deos juntamente com seu amigo no Ceo aquella gloria , pela qual juntamente trabalhárão cá na terra.

C A P I T U L O XX.

De outros Religiosos de vida exemplar , que falecêrão neste tempo.

1 **H**E Fezes hum pequeno lugar no Reino de Galiza , donde foi natural hum perfeito Religioso , chamado Fr. Domingos de Fezes , (a quem

quem o Author do Agiologio Lusitano ^a chama erradamente Fr. Diogo) que no tempo do Ministro Provincial Fr. João de Evora do Convento antigo de Elvas passou a gozar o premio de suas virtuosas obras. Era este servo de Deos Sacerdote, officio, que exercitava com tanta pureza, que todos os mais tinham por exemplar. Foi de alta contemplação, e este santo exercicio lhe levava todo o tempo, não julgando que empregava bem o que nelle não gastava. Donde nasceo aperfeiçoar-se tanto em todo o genero de virtude, como se na Profissão se obrigára a ser perfeito em todas. Da pureza, e candidez de sua consciencia lhe procedia passar a vida com tal alegria, e prazer, que nenhum trabalho, por maior que fosse, era bastante a perturballo. Doutrina he de S. João Chrysostomo, ^b e o mesmo disse Filo, ^c que o contentamento, e prazer na vida erão inseparaveis companheiros da virtude, assim como as tristezas do vicio; e hum dos frutos, diz S. Paulo, ^d que o Divino Espirito traz comsigo, quando entra nas almas, he o prazer, e alegria. Esta mostrava sempre Fr. Domingos, tanto, que com estar entrevado muitos annos, tolhido de pés, e mãos, feito o corpo huma viva chaga, causan-

do-lhe intoleraveis dores, o visitavão os mais Religiosos, que se achavão melancolizados para se aliviarem, affirmando todos, que não havia melhor hora de passatempo, que a de sua santa conversação. Confirmou-se mais a opinião, que tinham de sua santidade depois da morte, admirando a todos a grandeza de sua paciencia; porque querendo amortalhallo, cahirão de seu tifico cadaver hum espesso diluvio de bichos, que cubrirão toda a cama, os quaes forçosamente lhe havião de causar dores, sevando-se de sua carne; mas nem por isso o ouvirão nunca queixar, antes entoar sempre louvores Divinos na maior fragoa de suas tribulações. Foi seu placido transito na antiga Casa de Elvas em 27. de Abril de 1591. depois forão seus ossos trazidos para o Convento novo com os dos mais Religiosos, que no antigo falecêrão.

2 No seguinte anno de 1592. trocou a temporal pela eterna vida outro Religioso de profissão Leigo, chamado Fr. Francisco de Lagarinhos, de conversação Angelica, e simplicidade columbina. Para todos tinha summa caridade, só para si era aspero, e rigoroso; porque além das disciplinas costumadas, que na Provincia se fazem, todas as noites fazia elle

Fr. Francisco de Lagarinhos Leigo.

elle huma na cella por espaço de meia hora com tanto fervor, que se lavava em sangue, de que lhe resultava trazer sempre o corpo feito huma chaga viva. Sendo já muito velho, compadecendo-se delle os Prelados, lhe tomavão as disciplinas, mas logo enghava outras, ou se açoutava com varas. Orava de continuo, ou meditando, ou rezando pelas contas, que sempre trazia nas mãos, e não havia tirar-lhas dellas. Só hum meio havia para que as largasse, e era a obediencia, em que elle foi tão prompto, que dizendo-lhe hum Corista, que delle tinha cuidado, por ser já muito velho, que o Guardião lhe mandava deixasse as contas, logo no mesmo instante o fazia. Dormia muito pouco, porque a maior parte da noite gastava em oração, e posto em Cruz com os braços levantados no ar estava assim horas inteiras; e quando cançavão tanto, que lhe cahião, pegava-se nas grades da Capella, se estava na Igreja; e se na cella, tinha já para esse effeito em distancia accommodada postos huns cordeis, nos quaes sustentava os braços, para que sempre estivessem em fórma de Cruz estendidos. De ajudar às Missas era tão devoto, que sendo já velho, quasi decrepito, e mal

disposto, sempre estava na Capella, ou Sacristia, esperando que sahisse a Missa para ajudalla; e se o não deixavão, desconsolava-se grandemente. Assistia a este soberano sacrificio com tanto espirito, e devoção, que a causava a todos os que o vião, por mais froxos, e tibios, que fossem.

3 Por estas, e outras muitas virtudes, em que de continuo se exercitava, era tido por hum grande servo de Deos, assim dos Religiosos, que o tratavão, e conhecião, como dos seculares, que a virtude por mais que se encubra, dá de si tão suave fragrancia, que logo se manifesta. Nem faltarão sinaes, effeitos maravilhosos de sua oração, com que Deos dava a conhecer ao mundo a santidade deste seu servo, ainda que elle procurava tanto o retiro. Morando em Santo Antonio de Aveiro, adoeceo no Lugar de Verdemilho não muito distante daquella Villa hum devoto dos Frades chamado Antonio Pinheiro. O Guardião o mandou visitar, e foi hum dos companheiros Fr. Francisco, com cuja vista o enfermo se consolou muito, porque tinha grande opinião de sua virtude. Depois de breves, e espirituaes palavras, que Fr. Francisco teve com o doente, se sahio só para hum campo, que ef-

estava perto, e se poz em oração em hum lugar escuso, e secreto. Como nella se deteve bom espaço de tempo, foi a mulher do doente a buscallo: achou-o de joelhos, e de quando em quando fazendo profundas reverencias, como que fallava com alguem, e tão transportado, que nenhuma fé dava de quem vinha, o que vendo a devota mulher, se retirou por não estorvallo. Acabada a sua oração, recolheo-se Frei Francisco para a casa, onde estava o doente, e achando, antes de chegar a ella, finco, ou feis meninos filhos seus, lhes disse: *Não chureis, meninos, que vosso pai não ha de morrer desta.* E chegando ao enfermo o confortou, dizendo que não temesse, mas foubesse de certo que Deos nosso Senhor lhe havia de dar saude. Recebeo aquelle homem as palavras do servo de Deos como profecia, pelo conhecimento, que tinha de sua virtude, e o successo mostrou que o fora, porque em breve tempo convaleceo, e viveo depois muitos annos, venerando mais a santidade de Fr. Francisco, com quem entendia que por sua oração lhe havia Deos feito mercê tão finalada, como a da vida.

4 Outra vez a mesma mulher do enfermo lhe pedio que

encommendasse a Deos hum campo, que tinha semeado de trigo, não lho destruissem os passaros, que lhe fazião grande perda. Fez elle oração a Deos por aquelle intento, e foi de tanta efficacia, que dalli por diante nenhum passaro entrou mais na seara, até que de todo foi recolhida. Ficou a mulher afsàs contente; e certificada mais do muito, que elle com Deos podia, lhe tornou a encommendar do mesmo modo a guarda de outro campo, ou do mesmo, que tinha com milho. Mas elle movido tambem da piedade, e compaixão das aves, lhe respondeo: *Dai, irmã, graças a nosso Senhor de vos defender o vosso trigo, e deixai agora comer os passarinhos sua parte do milho, que tambem o criou o Senhor para elles.* Desta Casa de Aveiro o mudarão para a de Coimbra, o que aquelle povo sentio tanto, que dizião era castigo, que Deos lhe dava, pois lhe tiravão dalli hum santo, em que tinham fé, que por suas orações Deos os favorecia, e ajudava. No Convento de Coimbra carregado de annos, e muito mais de merecimentos acabou a vida temporal com grande fama de santidade. Depois de sua morte repartirão os Frades entre si por reliquias as pobres, e penitentes alfaias, de que usava.

5 Pou-

Fr. Francisco de Azurára Sacerdote.

5 Pouco depois da morte de Fr. Francisco de Lagarinhos, passou tambem ao Senhor hum perfeito Religioso, por nome Fr. Francisco de Azurára Sacerdote. Foi de Angelica, e simplicissima conversação, e nesta mostrava logo a innocencia de sua alma. Nunca sahio de sua boca palavra de murmuração, porque como era de tanta candidez, e simplicidade, de nenhuma cousa, que via, julgava mal. Com tanto cuidado guardava o silencio, que nunca se lhe ouvio palavra, senão a que era precisa, e necessaria. Resplandecerão nelle com excellencia maravilhosa as occupações das duas irmans Martha, e Maria; porque depois que, como esta, se occupava na contemplação das cousas do Ceo, todo o mais tempo, que lhe ficava, gastava, como aquella, no serviço da Casa. Por fugir à ociosidade, de que era inimicissimo, occupava-se em obras de carpintaria, como era fazer cadeiras para os Coros dos Conventos, onde morava, e outras semelhantes. Todos os dias havia de dizer Missa, por mais occupado que estivesse, e tinha nella tantos sentimentos de Deos, que causava grande devoção a quem o via. No trato de sua pessoa, e vestido foi grandemente pobre, o seu ha-

bito era sempre o mais velho, e remendado, e em tudo o mais parecia hum vivo retrato da pobreza. Quando se fallava em sua presença dos temores, que a morte traz consigo, elle se ria, dizendo que não sabia a causa, que houvesse para se temer a morte, final mui evidente de sua innocencia, e santidade, pois sendo para todos amargo aquelle transe, elle o não temia. Depois de muitos annos de idade, e habito, chegou a ultima hora, em que bem claramente se vio que não forava a confiança, com que a esperava, porque com hum arranco tão placido, e quieto se apartou a alma do corpo, que mais parecia deixallo dormido, que morto.

CAPITULO XXI.

Do vigesimo-quinto Ministro Provincial.

1 D Esejava Fr. João de Evora ver-se livre do officio, em que o tinham posto; porque além de querer antes obedecer, que mandar, effva-o chamando o focogo, e retiro de sua cella, a que grandemente era afeiçoado. E supposto que depois de Provincial aceitou ser Commissario Geral neste Reino, foi obrigado pelo Padre Geral Fr. Francisco de

de Tolosa, e ainda assim teve tão pouco tempo aquelle cargo, que no anno seguinte depois de sua eleição o renunciou, como fica dito. Por esta causa fez com que o Padre Commissario Geral, que então era neste Reino Fr. Thomaz de Iturmendia, visitasse a Provincia ante tempo, e fizesse seu Capitulo trez mezes e meio antes de se acabar o triennio. Congregárão-se os Vogaes para a eleição do novo Ministro em o Convento de Santo Antonio de Evora, onde pelas Stigmatas de nosso Padre S. Francisco do anno de 1592. sahio eleito Fr. Pedro de Setuval, que foi o vigesimo-quinto Provincial em ordem, que a Provincia teve. Por Definidores sahirão Fr. Lopo do Sardoal, Fr. Antonio de Lisboa, Fr. Jorge de Goa, Fr. Estevão de Campo-maior, e por Custodio Fr. Simão de Aveiro. Presidio no Capitulo o sobredito Padre Commissario Geral, fez os gastos delle o Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança com aquella liberalidade, e abundancia, com que tinha feito os mais.

2 No seguinte anno de 1593. se havia de celebrar Capitulo Geral em Valhadolid pela festa do Pentecostes, a este forão o Ministro Provincial Fr. Pedro de Setuval, e o Custodio Fr. Simão de Aveiro: sa-

hio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Padre Fr. Boaventura de Calatigirona, e Commissario Geral desta Familia Cismontana, o Padre Fr. Mattheus de Burgos. Huma das cousas, que mais encomendárão ao Ministro, e Custodio os Vogaes do Capitulo, em que sahirão eleitos, foi, que quando fossem à eleição do novo Geral em Valhadolid, houvessem delle huma Patente, em que se extinguissem os estudos, ainda que alguns Padres dos antigos, e erão os menos, procuravão conservallos. Obravão todos com santo zelo, ainda que encontrados nos pareceres, os que julgavão serem convenientes os estudos, querião que os houvesse; os que lhes parecia que não erão ajustados ao nosso modo, desejavão que se extinguissem. Passou o Geral huma Patente, que o Provincial, e Custodio trouxerão, em que mandava que não houvesse estudos na Provincia; porém pouco depois passou outra em contrario em 29. de Julho do mesmo anno de 1593. com que se virão os Frades perturbados, que tal era o desejo, que tinham de se conservarem no antigo costume, em que nossos primeiros Padres os tinham criado, e esta era a razão, que por sua parte allegavão. Recorrêrão

novamente ao Geral por meio do Duque D. Theodosio , segundo do nome , que os favoreceo nesta pertençaõ com suas cartas a diversas pessoas , em que mostrava bem o amor , e devoção , que tinha a esta Provincia , particularmente na que enviava ao Geral , que continha o seguinte.

3 „ A grande devoção , e
 „ amor , que os Senhores desta Casa tiverão sempre aos
 „ Padres da Provincia da Piedade , por serem Padroeiros
 „ della , e pelo exemplo de santidade , e Religião , com que
 „ vivem , me obrigão a mim
 „ pelas mesmas razões a ter todos os Frades della por filhos , e por irmãos , e a haver que quem lhes toca , ou
 „ em suas cousas , me toca a mim proprio , e nas minhas
 „ mais particulares , porque
 „ nesta conta , e no primeiro
 „ lugar dellas tenho as desta Provincia. O Padre Fr. Francisco de Tolosa , antecessor
 „ de V. Paternidade , quiz em
 „ seu tempo ordenar que houvesse nella estudos ; e ainda
 „ que o seu zelo seria bom , a
 „ mais antiga parte de toda a
 „ Provincia , e de mais prudencia , e experiencia do Instituto , e costumes santos
 „ della o reclamou logo , entendendo que lhe não
 „ vinha terem estudos , e que

„ se os houvesse seria com notavel damno , e diminuição
 „ do rigor , e observancia , que professarão , e que de mais
 „ de oitenta annos a esta parte sempre guardarão. Por estas causas no seu Capitulo
 „ Provincial feito em Evora no
 „ anno passado de noventa e
 „ dous assentarão todos no Capitulo Geral , que não se
 „ sentissem estudos na dita Provincia , e derão ordem ao
 „ Ministro , e ao Custodio della , que nelle o pedissem em
 „ nome de toda a Provincia , e com toda a instancia. Indo estes Padres ao Capitulo
 „ com esta sua pertençaõ , ainda que era proprio officio
 „ meu ajudallos nella com minhas cartas , parece-me que
 „ não pertendendo elles outra cousa , senão mais rigor , e
 „ mais reformação , era escusado encommendallos eu a
 „ hum Capitulo Geral , em que se não trata de outra
 „ cousa tanto como destas , e não me enganei nisto ; porque os Padres Ministro , e
 „ Custodio trouxerão huma Patente do Capitulo , e Definitorio , confirmada por V.
 „ Paternidade , em que tirava os estudos da Provincia , mandando que daqui por diante
 „ os não houvesse nella , e que vivessem conforme a sua sinceridade , e louvavel costume ,
 „ me ,

„ me , com que todos estes Re-
 „ ligiosos se consolárão , e eu
 „ recebi tanto prazer , quanto
 „ dahi a mui poucos dias tive
 „ de desprazer , sabendo que
 „ tinha V. Paternidade passa-
 „ do outra , em que manda que
 „ se guarde hum estatuto do
 „ Padre Fr. Francisco de To-
 „ losa , pelo que ordenou que
 „ tivessem os Padres algum nu-
 „ mero de estudantes no seu
 „ Convento de Santo Antonio
 „ de Coimbra , deixando quan-
 „ to ao mais a Patente do De-
 „ finitorio em sua força , e vi-
 „ gor. E porque eu tenho tanta
 „ communicação com os Fra-
 „ des , e tão particular conhe-
 „ cimento de suas cousas , que
 „ o não tem ninguem maior ,
 „ e sei que não he possível , se-
 „ ão for com milagre , con-
 „ servarem-se no rigor , e as-
 „ pereza de vida , e estrema-
 „ da pobreza , que até aqui
 „ guardão , se tiverem estudos ,
 „ e estudantes. Vendo isto , e
 „ a sua grande desconfortação ,
 „ e que será esta novidade cau-
 „ sa de se perder , e pelo me-
 „ nos de se diminuir muito a
 „ devoção , que o povo lhes
 „ tem , e a edificação , que se
 „ segue de seu modo de viver ,
 „ não posso deixar de pedir a
 „ V. Paternidade , que por ser-
 „ viço de Deos , e por me fa-
 „ zer a mim mercê , queira
 „ mandar que se guarde em tu-

„ do inteiramente a Patente do
 „ Definitorio , ordenando que
 „ nem no Convento de Santo
 „ Antonio de Coimbra , nem
 „ em outro algum desta Pro-
 „ vincia haja estudos. E se ef-
 „ ta minha informação não
 „ bastar para V. Paternidade
 „ absolutamente fazer o que
 „ peço , ao menos me ha V.
 „ Paternidade fazer mercê de
 „ mandar sobrestar neste nego-
 „ cio , e suspender os estudos
 „ de todo até V. Paternidade
 „ o ver , e examinar plenaria-
 „ mente , e ouvir sobre elle ou-
 „ tra vez a Provincia , que tor-
 „ nará a mandar o Ministro , e
 „ Custodio a V. Paternidade ,
 „ para allegarem suas razões ,
 „ que todas são de serviço de
 „ Deos , e mais rigorosa ob-
 „ servancia , que querem ter ,
 „ fugindo da honra , e vaidade
 „ das letras , e das licen-
 „ ças , e liberdades , que são
 „ necessarias a quem ha de es-
 „ tudar. Espero que V. Pater-
 „ nidade me mande sobre isto
 „ outra Patente sua , pela qual
 „ ou V. Paternidade confirme
 „ em tudo a do Definitorio ,
 „ de que com esta envio a co-
 „ pia authentica , ou mande
 „ ao Ministro da Provincia ,
 „ que de todo suspenda os es-
 „ tudos della , e ao Commis-
 „ sario Geral deste Reino , que
 „ se não entremetta neste ne-
 „ gocio , nem dê à execução

„ o que V. Paternidade man-
 „ dava pela sua Patente , de
 „ que tambem envio outra co-
 „ pia em raso , que foi passada
 „ em Valhadolid a 27. de Ju-
 „ lho deste presente anno , atè
 „ V. Paternidade prover nesta
 „ materia com inteira delibe-
 „ ração o que entender que
 „ seja maior serviço de Deos.
 „ Se V. Paternidade estiver
 „ perto da Corte , ordeno a
 „ hum Fidalgo de minha Ca-
 „ sa , que ora está no Escorial
 „ em negocios meus , que os
 „ deixe todos , e vá sobre es-
 „ te a V. Paternidade , e que
 „ estando V. Paternidade lon-
 „ ge , lhe despache sobre isso
 „ hum correio , pelo qual es-
 „ pero que V. Paternidade me
 „ faça a mercê , que peço , e
 „ que hei de servir sempre em
 „ tudo a V. Paternidade , e
 „ especialmente em ser tão de-
 „ voto desta Provincia , e de
 „ toda esta Santa Ordem , co-
 „ mo atè agora o fui. N. S.
 „ a Reverendissima pessoa de
 „ V. Paternidade guarde , e
 „ accrescente. De Villa-Viço-
 „ sa a 28. de Agosto de 1593.

Duque.

4 A' vista desta Carta do
 Duque , e das razões , que os
 nossos Frades representavão ,
 mandou o Reverendissimo sus-
 pender a execução da sua Pa-
 tente , deixando a resolução do
 que nesta materia se havia de

obrar ao Definitorio , e mais
 Padres graves da Provincia ,
 congregados em junta. A este
 fim mandou ao Commissario
 Geral desta Familia , que lhes
 tomasse os votos , o que elle
 dilatou atè o anno de 1594.
 porque queria achar-se na Con-
 gregação , que o nosso Provin-
 cial havia de fazer no Conven-
 to do Bom Jesus de Valverde
 pela festa de *Corpus Christi* , que
 foi em 8. de Julho aquelle an-
 no. Em effeito presidio na di-
 ta Congregação : forão todos
 de parecer , excepto poucos ,
 que não era conveniente haver
 estudos ; e conhecendo o Com-
 missario Geral , pelas razões ,
 que para isto allegavão , e en-
 tão subsistião , o santo zelo , e
 sinceridade , com que proce-
 dião , em confirmação passou
 huma Patente na fôrma se-
 guinte.

5 „ Fr. Mattheus de Bur-
 „ gos , Commissario Geral de
 „ toda a Familia Cismontana ,
 „ da Ordem de N. P. S. Fran-
 „ cisco , &c. Havendo man-
 „ dado nosso Padre Reveren-
 „ dissimo Fr. Boaventura de
 „ Calatagirona , Ministro Ge-
 „ ral de toda a Ordem , por
 „ duas Patentes suas , que jun-
 „ tos em Congregação todos
 „ os Padres do Definitorio des-
 „ ta nossa Provincia da Pieda-
 „ de se trataffe , e determinas-
 „ se o que melhor estivesse à
 „ Pro-

„ Provincia à cerca dos estu-
 „ dos. E havendo dilatado, e
 „ differido a dita determina-
 „ ção até à Congregação pre-
 „ sente, celebrada neste Con-
 „ vento do Bom Jesus de Val-
 „ verde, na qual presidindo
 „ eu, e pondo em execução
 „ o mandamento de N. Padre
 „ Reverendissimo, tomados os
 „ votos, e pareceres de todos
 „ os Padres do Definitorio,
 „ se determinou *nemine eorum*
 „ discrepante, que em nenhu-
 „ ma maneira houvesse estu-
 „ dos na dita Provincia, e que
 „ se guardasse, como até aqui,
 „ o religioso, e louvavel cos-
 „ tume, que de não os ter sem-
 „ pre ha tido. Desejando acu-
 „ dir a tão piedosos, e affe-
 „ ctuosos desejos dos que com
 „ tantas veras, e espirito per-
 „ tendem perseverar no que os
 „ criarão, e ensinarão seus pri-
 „ meiros Padres, e Mestres,
 „ procurando conservar-se na
 „ guarda da humildade, e sin-
 „ ceridade de coração, que
 „ tanto amão, pela presente,
 „ satisfazendo juntamente com
 „ a obrigação de meu officio,
 „ mando por santa Obedien-
 „ cia, em virtude do Espirito
 „ Santo, e sob pena de ex-
 „ communhão *late sententie*,
 „ que na dita Provincia da Pie-
 „ dade se guarde inviolavel-
 „ mente o antigo, e louvavel
 „ costume, que até aqui (def-

„ de seu primeiro principio)
 „ ha havido de não ter estu-
 „ dos, e a determinação, que
 „ nisto tem feito o Definito-
 „ rio. E mando debaixo da
 „ mesma obediencia, e cen-
 „ sura, que nenhum inferior
 „ meu, de qualquer qualida-
 „ de, ou condição, que seja,
 „ que não vá, nem contrave-
 „ nha ao nesta Patente con-
 „ teúdo, e ordenado com tan-
 „ to acordo, e consideração
 „ do serviço de N. Senhor,
 „ bem, e quietação da dita
 „ Provincia. Dada neste dito
 „ nosso Convento do Bom Je-
 „ sus de Valverde a 9. de Ju-
 „ nho de 1594. „

Fr. Mattheus de Burgos,
 Commissario Geral.

6 Ao tempo, que o Com-
 missario Geral passou esta Pa-
 tente, tinham já os estudantes,
 que Fr João de Evora intro-
 duzio, dous annos de Theolo-
 gia; e sendo hum só anno o
 que lhe faltava para comple-
 mento do tempo de seu estu-
 do, nem este quizerão conti-
 nuassem; porque como o De-
 finitorio sómente esperava esta
 Patente para se extinguirem os
 estudos, apenas a conseguirão,
 logo a derão à execução. No
 fim do triennio deste Ministro
 Provincial Fr. Pedro de Setu-
 val pelos annos de 1595. in-
 tentarão alguns Padres graves
 da Provincia de S. José, que

as Provincias Descalças tivessem Vigario Geral à parte, que fosse de entre elles, eleito pelos Vogaes das mesmas Provincias, immediato à Sé Apostolica, ou ao Geral da Ordem, com algumas clausulas restrictivas de sua jurisdicção ordinaria. Não sortio effeito esta pertença pelas cuidadosas diligencias, que para a impedir fez com o Rei de Castella o Padre Commissario Geral Fr. Mattheus de Burgos. Por outras duas vezes se tem intentado depois o mesmo, como referiremos a seu tempo. Do modo do governo do nosso Provincial diremos, quando historiarmos sua vida, porque pede esta que façamos della relação particular, como fazemos dos mais, que se affinalarão em virtude, passemos agora a escrever dos que com esta fama falecerão em seu triennio.

CAPITULO XXII.

Vida exemplar de Fr. Paulino de Villa-Viçosa.

NO devoto Convento do Bosque faz companhia a outros muitos Religiosos perfeitos Fr. Paulino de Villa-Viçosa, exemplar dos Prégadores Euangelicos de seu tempo. Foi observantissimo, e

mui zeloso da maior pureza da Regra, e dos santos costumes, e louvaveis ceremonias do nosso Instituto. Tratava a seu corpo com rigida aspereza; porque não se contentando com as mortificações ordinarias da Comunidade, ainda que não são poucas, nem pequenas, acrescentava outras extraordinarias de cilícios, disciplinas, e jejuns. Não comia mais que hum tijela de caldo cada dia com algumas hervas cozidas, se lhas davão, ou alguma fruta, se na meza a tinha. Nunca comeo carne, ou peixe, rigor, que guardou tão inviolavelmente por toda a vida, que nem ainda estando doente dispensou nelle, por mais que o importunáram. Na ultima enfermidade, que teve, mandou o Duque de Bragança, grande seu affeioado, o seu Medico, para que o curasse, e nunca este pode acabar com Fr. Paulino que comesse carne, por não affrouxar em nenhum tempo de sua ordinaria aspereza. Nem tão pouco consentio que na cama lhe deitassem roupa alguma da enfermaria, sempre esteve deitado entre duas mantas, sobre hum esteira de buinho, e hum sacco de palha por cabeceira, cama ordinaria de todos os Religiosos desta Provincia.

2 Teve particular dom de la-

lagrymas, e em mais abundancia na Missa. Quando dizia esta erão tantos os suspiros, e soluços, que bem mostrava os muitos sentimentos, que Deos de si lhe communicava neste Divino Sacrificio. Testemnhou hum Religioso, que entrando a dizer Missa depois de Fr. Paulino, achava nas toallhas do Altar largas mostras da copia das lagrymas, que sobre ellas derramava. Por encubrir esta graça, que do Senhor tinha recebido, e fugir ao applauso, que daqui lhe podia resultar, hia dizer Missa tão cedo, que estava ainda a porta da Igreja fechada. Acabada esta, se recolhia para a cella com tanta devoção, que a fazia a quantos encontrava. Ardia em seu coração o fogo da caridade para com os proximos, pon-do todos os meios, que lhe erão possiveis, para que todos se dessem à virtude, e se salvassem. Prégava frequentemente, e sempre com tão fervoroso espirito, que bem mostrava que a todos desejava ver, qual outro São Paulo, a por amor nas entrannhas de Jesus Christo. Daqui nascia mover ordinariamente ao auditorio a devoção, e lagrymas, effeito, que causavão tambem suas conversações, e praticas particulares, com que fez maravilhosas conversões nos peccadores.

3 A oração era seu mais ordinario exercicio, para o qual escolhia o retirado, e occulto de sua cella, onde era tanto o que Deos de si lhe communicava, que fóra da cella o sabião os Religiosos, ainda que elle pelo encubrir, seguindo o conselho de Christo, fechado em seu cubiculo ^b orava ao E-
 terno Padre. Sabião os Religiosos os mimos, que Deos na oração lhe fazia, pelos muitos colloquios, que lhe ouvião ter com o mesmo Senhor, misturados com muitos suspiros, e versos do Psalmista, que repetia com tanta devoção, e ternura, que a fazia aos que o estavam ouvindo. Outras vezes buscava campo mais largo para desafogo da força do espirito, que reprimia no peito: entrava pelo mais espesso, e sombrio do bosque, e alli inflammado no Divino amor rompia em tão altos gritos, que causava grande espanto, e admiração ouvillos. Assim andava discorrendo pela mata do bosque, como alienado dos sentidos, repetindo alguns lugares da Escriitura ao proposito do que em seu peito sentia, com tanto fervor exprimidos, que erão ouvidos pelas pessoas, que trabalhavão nas propriedades junto da cerca. Huma vez succedeo, andando neste seu ordinario exercicio, soltar tão def-

^b Mattheus
c. 6. n. 6.

desacostumados brados , que estes trabalhadores se pararão a ouvillos , não sabendo o que aquillo era. Por esta razão o Guardião da Casa , que tambem o ouvia , lhe mandou que se recolhesse logo para a cella , o que elle assim fez , e nella lhe continuou ainda por muito espaço aquelle fervor , e união , em que no bosque com Deos andava , que não se aparta deste Senhor , quem por seu amor o deixa para obedecer aos homens.

4 Era por extremo pobre , assim no trato de sua pessoa , como no habito , e tunica , que erão sempre os mais velhos ; de manto nunca usou nem ainda na maior força do Inverno. Foi notavel seu recolhimento , e silencio , porque só era visto em o Altar , e em o Coro , ou em outras assistencias da Comunidade : todo o mais tempo gastava ou no retiro de sua cella , ou no mais espesso do bosque , quando nesta Casa esteve morador. Ninguem lhe ouvio palavra fóra do preciso : tal era seu recolhimento , e silencio. Era muito alheio de seculares , e tão contrario de lhes fallar , que rarissimamente o vião com elles , salvo o lucro espirital do proximo pedia outra couza ; mas que muito , se atè das praticas permittidas entre os termos da Religião fugia , e co-

mo se forão nocivas , as evitava ? Huma vez veio ao Convento o Duque de Bragança , e suspeitando Fr. Paulino que queria vello , e fallar-lhe , se foi esconder em o mais occulto , e retirado do bosque. Não se enganou em seu pensamento , porque perguntando o Duque logo por elle , o mandou chamar : buscáráo-o , derão-lhe o recado , escusou-se elle , allegando para não vir certo impedimento. Entendeo o Duque o fim da escusa , e assim disse ao Religioso , que lha trazia : *Tornai , e dizei a Fr. Paulino , que já que elle não quer vir aonde eu estou , que eu irei em busca delle.* Foi forçoso ao servo de Deos dispensar nesta occasião em seu costumado retiro , e silencio , e assim vendo que o Duque porfiava em querer fallar-lhe , veio à sua presença , mas com tanta mortificação , humildade , e composição exterior , que ficou aquelle senhor grandemente edificado da cortezia , e boas palavras , com que se escusou de não vir a primeira vez a seu recado. Muitas virtudes suppõe este retiro ; pois hum Eilosofo antigo reconheceo , quanto estudo , cuidado , e industria , e quantas victorias dos vicios custa chegar a viver em silencio , e recolhimento ; porque quando os affectos contrarios deixão ef-

estar a hum muito tempo recolhido, e callado, he final que estão elles mortificados, e vencidos.

5 Rara vez sahio fóra do Convento, tirando quando hia prégar, porque os Prelados, por lhe não darem esta pena, o não obrigavão, salvo sendo precisamente necessario. Do Bosque foi alguma vez a Villa-Viçosa, obrigado dos rogos de seus parentes: entre elles estava sómente dous dias, e quando muito trez; nestes guardava o mesmo rigor, que observava no Convento, os mesmos jejuns, e abstinencias, que em sentença de Chrysologo, ^d he a primeira medicina do homem, e deve preferir-se ao mais. As poucas palavras, que dizia, erão todas do Ceo, e tão altamente fallava de Deos, com tanto fervor, e espirito, que punha em admiração aos que o ouvião. Ao passo que se occupava nos exercicios referidos, se lhe augmentava mais o zelo, que tinha da salvação das almas: obrigado deste passou à India Oriental, onde com hum desvelo incançavel prégou a Fé àquelles Gentios, semeando por diversas partes a doutrina do Sagrado Euangelho, de que colheo copiosos frutos. Estando na India, lhe chegou huma Patente cà do Reino, pela qual servio de Commissario Geral

naquellas partes sobre os Frades Menores, que nellas havia. Este cargo exercitou por espaço de trez annos, no fim dos quaes (tendo para isso alguns respeitos) se tornou outra vez para esta Provincia. Nella perseverou em seus louvaveis, e santos exercicios, sem que afrouxasse hum ponto do antigo rigor até a morte, que profetizou muito antes de succeder, e foi, como no principio dissemos, no devoto Convento do Bosque no fim dos annos do Senhor 1592.

CAPITULO XXIII.

Virtuosa vida de Fr. Mattheus de Tortuzendo.

I **H**E Tortuzendo lugar em o Bispado da Guarda, huma legua ao Ponente da Villa da Covilhã, onde nasceo Fr. Mattheus, hum dos Religiosos mais exemplares, que em seu tempo teve a Provincia. Foi Varão de admiravel santidade, severo inimigo de seu corpo, ^a Angelica, e columbina simplicidade, humildade profunda, extatica contemplação, abrazado amor de Deos, com outras estremadas virtudes, que muito o acreditavão. Chamou-o Deos à Religião aos sincoenta annos de sua idade: estes gastou sempre

^a Agiol. Lus.
Fever. 24.
liter. C.

Aaaa

em

em serviço de Deos , porque ainda que secular , trazia sempre na memoria as obrigações , que lhe tinha. Estudou quando moço a Sagrada Theologia , depois se ordenou Sacerdote , vivendo em sua terra com tanta edificação , e exemplo , que todos o recebião d'elle , e louvavão sua vida. Prégava por todo o Bispado com tanto zelo da salvação das almas ; que não pedia pelo trabalho dos Sermões couza alguma , antes ficava tão alegre , quando lhe não davão nada , como se tivera recebido muito.

2 Conta-se d'elle, para mais clara noticia de sua virtude , que sendo já Sacerdote , e Prégador , ouvindo lançar hum pregão , que todas as pessoas varressem as ruas , porque havia de passar huma Procissão do Santissimo Sacramento por ellas , elle sem mais esperar , tomando nas mãos hum vaçoura , se poz publicamente a varrer a da sua porta : e dizendo-lhe algumas pessoas , que não fizesse semelhante couza , porque além de lhe não ser decente a seu estado , o não obrigava o pregão , respondeo , que tambem a Virgem Senhora nossa , e seu bendito Filho não erão obrigados a guardar a Lei , e com tudo isso a guardarão. Resposta sem dúvida de homem virtuoso , e coração humilde , que a não

ser tal , não intentára fazer hum acto naquella fórma de tanta humildade ; nem a muita , que a Senhora , e seu Unigenito Filho mostrarão em o cumprimento da Lei , lhe viera à memoria. Couza muito ordinaria he nos Santos fazerem no serviço de Deos mais do que parece estão obrigados ; porque fazemos o que Deos nos manda , he obrigação nossa ; fazemos mais do que elle nos pede , he o que mais estima. Dizei ao justo que bom caminho leva , ^b porque virá tempo , que coma o fruto de suas invenções , disse Deos por Isaías Profeta. As invenções , que os justos fazem , são muitas obras de abatimento proprio , e desprezo , a que parece não estão obrigados , e assim as julga o mundo por couza de invenção , e estas estima Deos tanto , que dá titulo de justo a quem as faz , e lhas manda agradecer pelo Profeta. E sendo assim , que invenção póde ser maior , que andar hum Sacerdote , insignie Letrado , varrendo publicamente a rua ? Acção , que huns julgavão por indecente a seu estado , outros por pouco fizo , como a affrontosa morte , que Christo padeceo em a Cruz ; diz São Paulo , ^c que aos Judeos era escandalo , e aos Gentios zombaria. Porém isto , que o mundo tem por zombaria , ef-

Isai. c.
num. 1

1. ad C.
c. 1. n.

estima Deos por grande accordo.

3 Nestas, e outras muitas acções de humildade se exercitava Fr. Mattheus, ainda secular, com que já naquelle estado merecia o nome de justo. Quando andava estudando em a Universidade, tempo, em que os outros se dão a vicios, e passatemplos proprios da juvenil idade, elle velava sobremaneira sobre a pureza da alma, e do corpo: o que se mostra bem pelo que nesta idade lhe succedeo. Vio-se combatido de huma importuna tentação carnal, para remedio desta castigava rigorosamente seu corpo com frequentes jejuns, vigílias ordinarias, continuas disciplinas, sem que nenhuma destas diligencias fosse bastante a livrallo daquelle molesto, e porfiado combate. Affligia-se o casto mancebo com aquellas representações, ainda que lhe não dava algum consentimento, até que huma vez, quando mais fortemente perseguido, se foi a hum pomar, onde estava hum poço cuberto de caramello, e sendo no maior rigor do Inverno, se metteo dentro nelle até os braços, onde esteve algumas horas. Aproveitou-lhe tanto esta mortificação, e diligencia, que não só ficou livre daquelle tentação, mas ainda em premio de tão assignalada

obra, lhe concedeo Deos hum singular privilegio, e foi que nunca em toda sua vida sentio já mais combate algum da sensualidade.

4 Finalmente resolveo-se a deixar o mundo, ainda que os parentes procurarão dissuadillo desta santa resolução, porque o vião favorecido assim do Bispo da Guarda, como de outras pessoas de muita qualidade, e que actualmente estava para tomar posse de huma Conesia naquella Igreja, com esperanças de maiores postos, de que elles esperavão a melhor parte. Cortou pelas humanas pertenças de seus parentes, e veio tomar o habito de Religioso nesta Provincia, dando assim principio à vida Apostolica com o santo aborrecimento do proprio sangue, que no caminho da perfeição lhe procurava ser impedimento, conforme o conselho^d de Christo. Assim se abraçou com a regular disciplina, e ceremonias da Religião, como se de menino fora criado nella. Era na oração, e meditação muito continuo; buscava de ordinario lugares apartados para se dar a ella; fugia a toda a conversação, ainda que fosse de Religiosos, com os quaes fallava tão moderadamente, que nunca lhe ouvirão dizer palavra, que não fosse necessaria, e precisa. Senão era no

^d Luc. c. 14.
num. 26.
D. Gregor.
Hom. 37.
in Euang.

Coro, no Altar, e Refeitório, a suas horas, raramente parecia, pelo muito que se dava ao recolhimento. Guardou perfeitamente a pobreza, que a Deos em nossa Regra prometemos, tanto, que nunca teve de seu uso, mais que hum habito, Breviario, e hum cartapacio de mão, em que trazia algumas cousas espirituaes escritas.

5 Foi grande seguidor da Comunidade, mui observante, e zeloso dos santos costumes, e ceremonias desta Provincia, tanto, que sendo já mui velho, e por tal o escusavão do Coro, sempre se levantava à meia noite a rezar Matinas na cella, sem que fosse bastante o debilitado do corpo, para que as não passasse em pé; e perguntando-lhe hum Religioso, que nesta fôrma o víra rezar, porque se não assentava, sendo tão fraco, respondeo que desde a primeira vez, que o começára a rezar, o fizera sempre assim. E tão devagar (acrescentava este Religioso em seu testemunho) que primeiro os Frades no Coro acabavão, que elle na cella. Nunca, em quanto pode, consentio lhe lavassem a roupa, nem fizessem outro algum serviço, mas tudo fazia com suas mãos com muita consolação de sua alma, porque acompanhava estas obras com

a consideração da humildade de Christo. Nunca, nem ainda depois de velho, quiz trazer sandalias por casa, sempre andou descalço, e procedendo-lhe daqui algumas dores de estomago, de que se via importunado muitas vezes, não queria que lhe applicassem algum remedio. Hum dia, que mais o molestavão estas dores, lhe pediu certo Religioso consentisse que lhe fosse aquestrar huma toalha, para que posta na boca do estomago recebesse algum alivio, lho não permittio de nenhuma maneira, gloriando-se qual outro S. Paulo, e em as 2. ad. enfermidades, para com ellas c. 12. assegurar a virtude. Finalmente seus exercicios, e procedimentos erão taes, que nos povos, onde morava, era tido de todos por hum raro exemplo de virtudes: dizia delle Fr. Bartholomeu dos Martyres, preclaro exemplo de Prelados, que nunca víra filho de S. Francisco, que tanto se parecesse com seu pai. Quando em Braga morou, já pela muita idade não podia prégar, e com tudo isso a devoção da gente o fazia fahir algumas vezes a público, dizendo com muitas importunações, que não querião mais que vello no pulpito, porque assim sem fallar palavra prégar.

6 Teve particular amizade com o Arcebispo de Braga Dom

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, (que os Santos tem huns com os outros natural sympathia) gastando em praticas do Ceo o tempo de sua visita. Hum caso particular lhe acontéceo com o dito Arcebispo em huma destas visitas, que elle attribuía à virtude daquelle Prelado, e eu à de ambos; foi, que como hum dia se detivesse por grande espaço de tempo na visita, como quem a gastava em praticas tão saborosas, quando se foi a despedir, lhe fez o Arcebispo instancia, que jantasse com elle aquelle dia. Escusou-se Fr. Mattheus algumas vezes; porém vendo que o Arcebispo porfiava, aceitou a offerta, mas com tal condição, disse elle, que havemos de ter lamprea à meza: pareceo-lhe isto cousa impossivel, por ser fóra do tempo, em que as costuma haver. A esta condição, que lhe poz, se deteve o Arcebispo algum espaço, e ainda que entendeo que zombava o santo velho, lhe tornou a dizer: *Fique, Padre, que não faltará lamprea, sendo Deos servido.* Assim foi, porque entre outras iguarias, que na meza se achárão, veio huma lamprea muito bem concertada. Não affirmamos que seria caso milagroso, mas realmente elle o parece, pois a santidade de hum, e outro nos permite es-

ta conjectura; tal vez quere-ria Deos mostrar a ambos com esta maravilha o caso, que devião fazer de sua estreita amizade, e santa conversação. Chegou Fr. Mattheus aos oitenta annos de idade, dos quaes trinta foi Religioso, e cançado destes, e muito mais das rigorosas penitencias, que tinha feito, e duro tratamento de seu corpo, em o Convento de S. Fructuoso, onde então morava, poz termo a seus dias, acclamando-o todos geralmente por Santo. Dahi a alguns annos, abrindo a sua sepultura, se achou seu corpo incorrupto, indicio manifesto de sua Angelica pureza.

CAPITULO XXIV.

De outros Religiosos deste tempo.

ENtre os muitos Religiosos, que no triennio do Ministro Provincial Fr. Pedro de Setuval acabárão com fama de santidade, merece neste Capitulo o primeiro lugar Fr. Antonio de Portalegre, Prégador ferventissimo, tanto pela pobreza de sua pessoa, como pelas muitas virtudes, em que resplandeceo, pois foi em seu tempo hum raro exemplo de todas. Foi de geração mui illustre, e mui estimado delRei D. João III. que o tra-

Fr. Anto-
de Porta-
legre,
Prégador.

o trazia na Corte , e se servia delle em negocios de muita importancia. Era de galhardo parecer , de gentil , e bem proporcionado corpo , grandemente avisado , e finalmente dotado de todas as partes , que o mundo requiere em hum politico Cortezão , e por esta causa andava nos olhos não só do Rei , mas de toda a Corte. Desvanecia-se vendo-se tão estimado do Rei , e applaudido dos Cortezãos por favorecido da natureza , e fortuna , como elles dizião , e nestas vaidades gastou o tempo dos primeiros annos de sua mocidade , seguindo a Corte com suas demazias. Chegou-se o tempo de tomar estado , e consultando comsigo qual seria , vendo (ajudado da graça do Divino Espirito) que o não ha na vida tão seguro , como o da Religião , determinou entrar nella.

2 Pedia tão heroica resolução , que escolhesse huma , que se aventajasse às mais no rigor da vida , para mais perfeitamente fazer penitencia das vaidades , em que gastára seus primeiros annos. Poz os olhos na Provincia da Piedade , e achando-a accommodada para o fim , que pertendia , pedio nella o habito , que logo lhe lançarão. Edificou grandemente à Corte esta repentina mudança , porque a julgava difficilissima em hum

homem privado do Rei , e estimado de todos , como se a Divina graça não fora poderosa para vencer ainda maiores embaraços que estes. Ajudado desta fez profissão , e foi mui perfeito Religioso em toda a sua vida , guardando com muita pontualidade assim os votos , que a Deos na Regra tinha promettido , como as ceremonias , e louvaveis costumes , que seus Mestres lhe havião ensinado. Foi notavelmente pobre , e causava grande edificação aos Religiosos estremar-se tanto na pobreza , quem no mundo vivêra tão rico. Seu mais ordinario exercicio era vacar sempre à oração , onde aprendia huma profunda humildade , de que era dotado. Tratava seu corpo com grande rigor , mortificando-o com asperas disciplinas , e muitas outras penitencias , e finalmente tal era sua vida , que assim Religiosos , como seculares , o tinham em opinião de santo.

3 Chegou esta fama a El-Rei , e como antes conhecia , e tinha experimentado seu talento , o chamou a si , e tendo-o comsigo , communicava , e despachava com elle os negocios de mais importancia. Por esta causa ordinariamente estava Fr. Antonio no Paço ; porém tal graça tinha recebido do Senhor , que em tornando

a casa, e se punha em oração, tão esquecido se achava das cousas, que tinham passado por suas mãos, e assim desembaraçava seu pensamento de todas ellas, que com a quietação de qualquer Padre do ermo perseverava orando muitas horas; e tão despégado sentia seu animo de qualquer affeição daquillo, que antes tanto estimára no mundo, que para elle a maior pena era ser chamado à Corte, ainda que em parte lhe modificava esta a obediencia dos Prelados, que à petição do Rei o obrigavão. São as cousas do mundo, como os peixes daquelle fonte, que Plinio a põe na nossa Lusitania, os quaes em quanto andavão debaixo da agua parecião de ouro finissimo, mas tirados fóra, se via claramente ser engano, porque erão como os outros, sem terem mais formosura. Assim tambem quem dentro em as aguas do mundo vê as honras, riquezas, privanças, e mais cousas, que nelle se estimão, parecem-lhe formosissimas, e dignas de serem desejadas; mas os servos de Deos, que as olhão fóra dessas ondas turbulentas, conhecem claramente o engano, e que não tem cousa digna de parecer formosa a huma alma, antes as tem por merecedoras de todo o desprezo.

4 Taes as julgava Fr. Anto-

nio, parecendo-lhe antes agradaveis: e tão esquecido se achava (vindo para o Convento) das cousas, que em a Corte lhe tinham passado pelas mãos, como se não fora elle o mesmo, com quem se houvessem tratado. Neste exercicio continuou alguns annos, indo, e vindo do Paço, até que ElRei D. João casou em Castella a Princeza Dona Maria sua filha com ElRei Dom Philippe II. com a qual Senhora mandou a Fr. Antonio por seu Confessor, e seu Conselheiro. Algum tempo esteve na Corte daquelle Reino, estimado dos Principes delle; mas sentindo-se com alguns achaques, deseioso de morrer entre seus irmãos nesta Provincia, e bastando para elle qualquer achaque para fugir da Corte, se veio della. O restante, que lhe ficou de vida, passou em grande perfeição, e virtude, até que no triennio de Fr. Pedro de Setuval, pelos annos do Senhor de 1593. em o nosso Convento de Santo Antonio de Coimbra passou ao Senhor, deixando aquella fama de santidade, que sempre teve.

5 No seguinte anno de 1594. deixou as misérias desta vida outro perfeito Religioso, natural de Villa-Viçosa, chamado Fr. Antonio Godinho, de quem o descuido de nossos an-

antigos nos não deixou mais memoria que a voz commua, com que assim Religiosos, como seculares o veneravão por hum grande servo de Deos, e com esta opinião acabou seus dias. Só de hum caso, que lhe aconteceu, morando em Loulé, temos noticia, que por ser notavel, está pedindo que façamos d'elle memoria. Houve na sobredita Villa, pelos annos do Senhor de 1587. aos vinte e quatro dias do mez de Outubro, hum sabbado às duas horas depois do meio dia, huma inundação, causada de huma repentina chuva, tão extraordinaria, que no arrabalde, por onde passou, derribou cento e sete casas, com morte de muitas pessoas. Sentio maior damno a rua de S. Sebastião, por respeito de carregar alli mais a corrente de sua furia, fazendo nella lastimoso estrago. Morava na sobredita rua de São Sebastião hum Francisco Dias Collaço, recebedor da Irmandade do Santissimo Sacramento, e tinha em sua casa os ornamentos, e custodia da Confraria. o que tudo levou a inundação. Dous dias depois de passada esta, indo prégar à Igreja Matriz Fr. Antonio Godinho, ouviu gemer junto das ruínas da casa do dito Francisco dias Collaço, sem poder averiguar o que aquillo fosse. Pu-

blicou-o do pulpito, pedindo que acudissem a ver o que isto era: foi muita gente ao lugar signalado, onde caváão trez dias, porque a opinião, que tinham de Fr. Antonio, lhe fazia suspeitar algum mysterio. No ultimo delles se achou a Custodia do Santissimo Sacramento, debaixo de muitos moios de terra, pedras, e taipas sem que tivesse final, ou lesão alguma, mais que huma pequena fenda em huma das vidraças, nem se ouviu mais gemer dalli em diante. Semelhante inundação com igual estrago se vio tambem na mesma Villa pelo mez de Dezembro de 1692 que já esperavão os moradores de Loulé, por lhes ser profetizada, segundo dizem, por hum Religioso nosso, seria este tal vez Fr. Antonio Godinho, que se achou na primeira.

CAPITULO XXV.

Do humilde servo de Deos Frei Alvaro de Aljustrel.

I Fica a pequena Villa de Aljustrel no Campo de Ourique, nella nasceo Frei Alvaro, tomou o habito em a nossa Provincia para Sacerdote, e depois de seguir alguns annos o Coro, querendo os Prelados mandallo tomar Ordens de Epistola, communi-

cou-

cou-lhe Deos nosso Senhor tal espirito de humildade, que propoz de buscar a Jesus Christo, com todas as forças de sua alma por outro caminho mais humilde. A este fim fez todas as diligencias possiveis com os Prelados, para que o reduzissem ao estado de Frade leigo. Tratarão alguns Religiosos disuadillo deste intento, dizendo-lhe, que tambem sendo Sacerdote podia ser humilde, pois não encontrava à humildade este estado: mas não foi possível acabar com elle, que deixasse a resolução do que havia escolhido. Não deixa esta mudança de ser sempre difficultosa; mas vendo os Prelados a muita instancia, com que Fr. Alvaro a pedia, e por outra parte conhecendo nelle uma humildade de coração, deixáram-o caminhar por onde o guiava seu espirito. A experiencia mostrou depois, que não procedêra de leviandade esta mudança, porque foi tão verdadeiro humilde, que nem em obra, final, ou palavra se lhe conheceo já mais a menor repugnancia a esta virtude, antes muitos effeitos de profunda humildade.

2. Não se pôde encarecer o gozo espiritual, que o fiel servo do Senhor sentio em sua alma, quando se vio com a enxada na mão, cavando na horta, considerando que aos peque-

nos, e humildes chama Christo no Euangelho ^a irmãos seus. ^{Matth. c. 23. n. 401} Por esta causa se via nelle uma notavel alegria, depois que o reduzirão àquelle estado, irmanada porém com grande composição, e modestia. Ninguém lhe ouvio palavra, não só ociosa, (que não cabia ociosidade em tão abrazado espirito) mas nem ainda indifferente, senão todas do serviço de Deos, e bem do proximo, ou as que precisamente bastavão para responder a alguma cousa, que lhe perguntavão. Quando em as noites de Inverno pelos dias festivaes vinhão os Religiosos ao fogo, e alli se communicavão em religiosas praticas, assistindo todos a estas collações, (que assim lhe chamavão os antigos Padres do ermo) Fr. Alvaro pedia sempre licença para se não achar nellas. Perguntado por hum Religioso a razão, que tinha para assim se retirar, respondeu: *Por me não acontecer o que a S. Pedro, que chegado-se ao fogo, em companhia* ^b *dos que a elle estavão, negou seu Divino Mestre.* ^{Marc. c. 14. n. 67.} Dando nisto a entender que a conversação poderia ser causa de lhe escapar alguma palavra, com que offendesse a Magestade Divina, ou ao proximo. Tanto vigiava sobre a pureza de sua alma, que até de occasiões tão leves fugia.

3 Foi Varão de muita abstinencia, pobreza, e mortificação, e de tanta obediencia, que ainda para fazer suas abstinencias no Refeitorio, pedia primeiro licença aos Prelados. De consentimento destes jejuou ainda a ultima Quaresma, que teve de vida, a pão, e agua, e disto tomava pouco, sendo já de setenta annos de idade, e sincoenta de Religioso. Pedia esta licença, porque como vigiava tanto sobre o aproveitamento de sua alma, não deixava passar occasião conducente a este fim, de que não lançasse mão, e desta sorte ajuntava ao merecimento do jejum o da obediencia. Sempre trouxe os pés totalmente descalços por terra; e quando o mudavão, ou fazia outra alguma jornada, levava huns chocos de pão lançados às costas; e se lhe perguntavão para que os levava consigo, se se não havia de aproveitar delles, respondia que para alguma necessidade, quando caminhasse por terra de cascalho, ou outra semelhante; mas a verdade era, que com isto queria encubrir aquella mortificação, que fazia, e accrescentar novo trabalho ao do caminho com aquelle pezo. Todos os dias infallivelmente fazia huma rigorosa disciplina, além das que tomava com a Comunidade. Tinha hum odio

santo a seu corpo, e assim o tratava com tanto rigor, como a cruel inimigo, com que o trazia tão sujeito ao espirito, que parecia não lhe fazer já repugnancia. Com ser tão rigoroso para si, era grandemente caritativo para todos, virtudes, que communmente andão avinculadas.

4 Do amor, que tinha à santa pobreza, lhe nascia huma particular afeição aos pobres: com elles tratava com muita affabilidade, quando os encontrava pelos caminhos, e soccorria no modo, que lhe era possivel. Sendo já mui velho, e mui achacado de huns corrimentos, que o tinham quasi aleijado, com muito trabalho andava pela horta apanhando a fruta, que tinha cahido, e levando-a ao Porteiro, lhe pedia a quizesse dar aos pobres. Muita oração suppõe estas virtudes, pois he a fonte, donde dimanão todas, e sem ella ou não se conservão, ou ao menos não vivem seguras. Era nesta tão continuo Fr. Alvaro, que hum Religioso, que com elle morou no Convento do Bosque, perguntado por obediencia, affirmou, que quasi todo o dia, e toda a noite orava. Outros disserão que tinha por exercicio indispensavel levantar-se às onze horas da noite, e dalli até às quatro da manhã estava de

de joelhos, ou em pé diante do Santissimo Sacramento. Tinha particular graça de fallar de Deos, deixando por extremo consolados a todos aquelles, que o ouvião, porque com tanta abundancia de altos conceitos provava o que dizia, que até as pessoas de muita authoridade, e letras se maravilhavão, e gostavão muito de fallar com elle, venerando-o todos por santo. Por este respeito foi mui estimado de S. Alteza a Senhora Dona Catharina, e de seu filho o Senhor D. Theodosio. A reverencia, e respeito, que nosso Padre S. Francisco encomenda em seu testamento se tenha aos Sacerdotes, observou tão pontualmente este servo de Deos, que nunca se assentou, nem cubrio diante de algum.

5 Finalmente toda sua vida foi inculpavel, exercitada em actos de piedade, caridade, e mortificação, com que chegou ao cume da perfeição Euangelica. Sendo já de setenta annos de idade, havendo fincoenta, que servia a Deos na Religião, o chamou o Senhor a si por meio de huma leve enfermidade. Conheceo o servo de Deos ser chegado o prazo de seus dias; e posto que andasse sempre aparelhado para esta hora, então se preparou de novo com os Sacramentos da Igreja. Neste tempo sou-

be-o o Senhor D. Theodosio, segundo do nome, e com os mais Senhores daquella Serenissima Casa, seus irmãos, veio logo ao Bosque para se achar presente à morte do celestial Varão. Succedeo naquelle tempo estar visitando a Casa, e fazer Capitulo o Padre Fr. Francisco de Campos, que então visitava a Provincia para o Capitulo futuro; e como todos os Religiosos assistião no Conventual, o Duque, e mais Senhores estiverão sós vigiando o enfermo. Todos os quaes derramárão muitas lagrymas de devoção, ouvindo-lhe dizer que de trinta e cinco annos até àquella hora, em que estava, não maculára sua consciencia com sombra alguma de peccado. Chegou-se pois a hora, em que o santo Varão deixou a Babylonia do mundo pela celeste Jerusalem, testemunhando o corpo a gloria, que hia gozar a alma, porque ficou com huma tão notavel viveza, serenidade, e alegria de rostro, como quem dormia, e repousava. Foi sepultado na claustra do dito Convento, onde espera a universal resurreição, para participar do premio, que no Ceo goza sua alma, pois na terra lhe foi tão fiel companheiro. Succedeo seu transito em vinte de Abril do anno de 1595. no fim do triennio de Fr. Pedro de Setuval.

Agio. Lus.
tom. 2.
Abril 20.
liter. E.

CAPITULO XXVI.

Eleição do vigesimo-sexto Ministro Provincial: e de alguns Religiosos, que com fama de virtude acabárão em seu triennio.

1595

S Ignalou o Padre Commissario Geral Fr. Matheus de Burgos por Visitador desta Provincia, e Presidente do futuro Capitulo ao Padre Fr. Fernando de Campos da Provincia de Sant-Iago, Definidor Geral da Ordem, e actual Guardião de São Francisco de Salamanca. Concluida a visita, convocou os Vogaes para eleição de novo Ministro em o nosso Convento de S. Francisco de Elvas, onde com universal applauso sahio eleito a dezoito de Julho de 1595. Fr. Estevão de Campo-maior, que acabava de ser Definidor. Sahirão por Definidores Fr. Jorge de Ourem, Fr. Gonfalo de Elvas, Fr. Antonio de Elvas, Fr. Luiz de Béja, Prégador, e por Custodio Fr. Pedro de Guimarães. Fez os gastos do Capitulo com grande liberalidade Pero de Mesquita, Cavalheiro, e Commendador da Ordem de S. João de Malta. Teve o Provincial a sua Congregação em Evora pela festa da Epifania do anno de 1597. e governou com grande pruden-

Fr. Estevão de Campo-maior Provincial 26.

cia, e zelo todo o tempo de seu ministerio. Em seu tempo morrêrão muitos, e mui effenciaes Religiosos, dos quaes poderemos aqui as breves noticias, que nos deixarão.

2 Foi o primeiro Fr. Martinho de Portalegre, Frade leigo, dotado de mui rara virtude, em especial de santa oração, em cujo exercicio gastava não só a maior parte do dia, mas tambem da noite; porque desde que os mais Religiosos se recolhião, perseverava elle até Matinas em o Coro. Depois destas se recolhia por hum breve tempo à cella, em que dava limitado repouso a seu cansado corpo, para com mais fervor continuar seu costumado exercicio, e este estylo observou indispensavelmente toda a vida, que forão mais de cincoenta annos de habito, e de setenta de idade. Foi notavelmente exemplar, e na modestia de sua pessoa, e composição exterior dos sentidos reluzia bem a pureza de sua alma. Para todos mui caritativo, sendo para si mui rigoroso, e exercitando-se em disciplinas, jejuns, e outras muitas asperezas, com que macerava o corpo. Em toda a sua vida andou sempre totalmente descalço, assim em casa, como quando caminhava, por compridas que as jornadas fossem. Nestas, e outras muitas

Fr. Martinho de Portalegre Frade leigo.

tas virtudes perseverou até sua morte, que foi lograr o premio dellas pelo fim do anno de 1595.

3 No principio do de 1596. fez o mesmo caminho outro Religioso de não menor virtude, chamado Frei Gaspar de Condexa Sacerdote. Todos os dias, por maiores que fossem as occupações, havia de dizer Missa: era notavel a preparação, e respeito, com que chegava a este soberano mysterio. Para mais commodamente se dispor, velava muito sobre o recolhimento, porque mui raras vezes era visto fóra do Coro, ou da cella, salvo determinava outra cousa a obediencia, em que era promptissimo. Teve graça especial de converter a Deos os penitentes: foi mui zeloso de seu aproveitamento, e assim era tão buscado, que ordinariamente estava em o Confessionario, sem que em nenhum tempo se poupasse a algum trabalho. Reluzirão nelle em gráo subido a pobreza, humildade, rigor de vida, e outras muitas virtudes, em que perseverou por sessenta annos, pouco menos, que teve de habito. No fim destes adoeceu de huma grave enfermidade, que conheceu logo ser a ultima, e soffreo suas molestias com tão maravilhosa paciencia, que entoava os louvores Divinos na

maior fragoa de suas dores. Hum dia antes de sua morte, entrando hum Religioso seu amigo, chamado Fr. Gonfalo de Braga, a visitallo de tarde, lhe disse o enfermo: *Irmão, não me desampareis, porque à manhã, antes da Missa de Terça, me vereis nessa casa amortalhado.* Assim aconteceu, porque ao outro dia pela manhã pedio a Santa Unção, (tinha já recebido os Sacramentos da Penitencia, e Sagrada Eucaristia) e respondendo nella com os mais a tudo, passou ao Senhor no tempo, que já tinha dito, com grandes mostras de santidade.

4 No mesmo anno trocou a transitoria vida pela permanente Fr. Antonio de Lisboa, Sacerdote de maravilhosa pureza. Tomou, sendo mancebo, o habito de nossa Serafica Religião entre os Padres Conventuaes, onde viveo alguns annos, até que com desejo de maior perfeição, se incorporou nesta Provincia. Foi tão perfeito observante, e zeloso de suas ceremonias, e louvaveis costumes, como se de pouca idade fora criado nella. Exercitou, em quanto nesta viveo, o officio de Confessor, e recebeu particular dom de Deos de compor inimizades. Costumava dizer que a virtude, que lhe parecia mais formosa, era fazermos bem aos mesmos, que

Fr. Anton.
de Lisboa,
Sacerdote.

nos tem feito mal : desta consideração lhe nascia o grande cuidado , com que procurava fazer amigos aos que sabia estarem encontrados. Na oração era mui continuo , grandemente pobre , humilde , e obediente , virtudes , que dourou com o desapego das cousas temporaes , ainda que precisamente necessarias , porque de tal modo se negou ao cuidado dellas , que tudo deixava à providencia Divina , que lhe não faltava a esta sua confiança , como não tem faltado aos que nella confião. Sendo Guardião em o nosso Convento da Vidigueira pelos annos do Senhor 1581. lhe foi dar recado o Porteiro , que era hum Fr. Francisco de Villa-Viçosa , em huma sexta feira , que não havia pão para pôr ao jantar no Refeitório , salvo humas costas de biscoito ; mas tão pouco , que repartido pelos Frades , não caberão dous bocados a cada hum delles. *Ponde effes aos Religiosos* , respondeo o Guardião com a sua costumada confiança na providencia Divina , *que Deos acudirá*. Chegadas as horas , tocáram ao Refeitório , e apenas acabáram de dizer o *De profundis* , tangêram à Portaria , onde acudindo o Porteiro , achou huma esmola de dous alqueires de pão cozido. Sabidas depois as circumstancias , como , e

donde veio , ficarão entendendo os Frades , que fora a provisão milagrosa , com que Deos quiz acreditar a fé deste seu servo. Finalmente nestas , e outras virtudes perseverou Fr. Antonio , até que veio morador para Valverde , onde as coroou todas com a paciencia , porque lhe deo huma enfermidade tão prolixa , que lhe durou quasi hum anno , soffrendo as molestias desta com grande jubilo , e alegria de sua alma , que desatada das prizões do corpo , foi lograr a Bemaventurança em o Ceo , pela qual tanto tinha trabalhado na terra.

5 Rematemos este Capitulo com a noticia de Fr. Pedro de Setuval , que acabou ^{Fr. P. de Setuval Sacerdote} tambem quasi no mesmo tempo , que quando não tiveramos outra memoria de sua virtude , bastava para o conhecermos adornado desta , sabermos que foi Ministro Provincial em tempo , que a Provincia tinha tantos , e tão perfeitos Religiosos , fazendo-se sempre eleição do que mais se assignalava em perfeição de vida. Foi este Apostolico Varão de conversação tão Angelica , e singela , que representava o estado da innocencia em suas palavras , e modo de vida : a esta simplicidade de pomba ajuntava a prudencia de serpente , como Christo Senhor nosso aconselha-

c. 10.
16. lhava a a seus Apostolos no Euangelho. Foi grandemente rigoroso para si, e caritativo para os outros: por extremo pobre, e como tal mui zeloso da santa pobreza: teve dom especial de lagrymas, que continuamente derramava em tanta copia, como se tivera sido o maior peccador, mas por este o julgava sua humildade.

6 A oração era seu principal emprego: nella gastava o mais do tempo, depois que à prima noite tomava o breve repouso, para então orar no mais profundo della. Levantava-se às onze, e dahi até tocarem a Matinas, fazia huma rigorosa disciplina com muitos suspiros, e soluços; depois da qual se recolhia para a cela, e hia logo para o Coro detrás de todos os mais Frades, esfregando os olhos, como quem vinha de dormir, encubriendo com este fingimento suas vigílias. Largo campo nos offerecêrão para a historia os mimos, que de Deos recebia, se os não foubra tão bem occultar sua humildade; mas ainda que era tal seu recato, por algumas vezes se vio a efficacia, e fervor de sua oração. Quando os Frades, rezadas as Horas Diurnas, e Vesperas, se sahião do Coro, ficava elle em alta contemplação occupado. Succedeo entrar huma vez hum

Corista neste tempo a dar-lhe certo recado, vio que estava de joelhos, os olhos no Ceo, o rosto abrazado, testemunha do fogo, que em seu peito ardia, e tão transportado, que o Corista de pavor, pelo ver naquella fórma, se sahio do Coro, sem ousar de chegar a elle, que de nenhuma cousa destas deo razão.

7 Como andava continuamente com o pensamento em Deos, desejava que os mais fizessem o mesmo, donde nascia perguntar ordinariamente a qualquer Frade, que encontrava: *Que cuidais vós agora, irmão?* Sendo Guardião em huma Casa de noviços, andava hum destes combatido grandemente do demonio, que lhe persuadia deixasse o habito, porque ainda que professasse, o havião de lançar da Religião. Perturbava tanto esta tentação ao noviço, que lhe tirava o comer, e o dormir, até que huma noite determinou sahir furtivamente do Convento, e tornar ao mundo, e para este effeito hia já buscar seus vestidos ao lugar, onde sabia que estavam. Sahio-lhe o santo Guardião ao encontro, e ou por revelação, que disso tivesse, (que he o mais certo) ou porque do noviço entendesse o intento, que levava, o abraçou, e consolou com devotas palavras, de que teve

têve graça particular, e o mandou para a cella, dizendo-lhe, que elle teria cuidado de o commendar a Deos. O successo mostrou logo o cumprimento da promessa, e efficacia de sua oração, porque apenas o noviço se recolheu, adormecendo, vio dous Frades, que lhe dizião ser nosso Padre S. Francisco, e Santo Antonio, que ambos lhe atavão ambos os pés com huma corda, dando-lhe huns nós de tal maneira, que parecia ao noviço, que não se poderião desfatar. O restante da corda, que sahia dos pés, se estendeo, e muitos Frades em Procissão pegavão nella com huma mão, e na outra huma vela acceza, e desta sorte levavão cantando, dizendo-lhe muitas vezes os dous Santos: *Filho, assim como estes Frades te levão atado a esta corda com tantos nós, assim depois que fizeres profissão, se não desfatará esse nó, salvo por morte: pelo que persevera, que ficarás Frade como elles.* Acordou logo o noviço, e achou-se tão quieto, e consolado, como se antes não tivera perturbação alguma; perseverou na Provincia, e nella acabou com mostras de perfeito Religioso.

8 Estes erão os exercicios de Fr. Pedro de Setuval, antes que fosse eleito em Ministro Provincial; depois de eleito

continuou nos mesmos, sem que as pensões, que comfigo traz aquelle officio, fossem bastantes, para que affrouxasse em algum delles. Foi exemplo, e regra de Prelados, se antes o tinha sido de subditos, sendo no governo affavel, e caritativo, e igualmente zeloso da guarda dos estatutos, leis, e santos costumes, com que nos criarão nossos primeiros Padres; como mostrou nas diligencias, que fez, para que o Geral extinguisse os estudos, que de seu mandado se tinhão introduzido na Provincia, como em effeito se extinguirão na sua congregação; como já dissemos. Acabado seu triennio, se recolheu a esperar a morte, que o achou carregado de annos, e de merecimentos.

CAPITULO XXVII.

Do humilde servo de Deos Frei Diogo de Pernes.

T Rez leguas para o Ponente de Santarem fica Pernes, pequeno lugar no termo da Villa de Alcanhede. Deste foi natural Fr. Diogo, Frade leigo de profissão; claro por virtudes, e particularmente inimigo mortal da ociosidade; mal de todos os males, e contraria a todos os bens. Daqui vinha que sendo

mui

mui velho (que passou de sessenta annos de habito) com tanto cuidado acudia às cousas do serviço da casa, e Religiosos, e a todos os officios de humildade, como se então começára, sendo noviço, sua vida, e tivera obrigação de os fazer todos. Isto fazia a tempo, que não pudesse ser visto, para cujo fim buscava sempre as horas, em que os mais Frades estavam occupados ou em o Coro, ou outra qualquer parte: donde nasceo dizerem communmente os Frades, que Fr. Diogo furtava os officios de humildade aos outros. Teve tão particular graça de fallar de Deos, que edificava com suas devotas palavras aos humildes, e punha em admiração aos mais doutos. Sua obediencia era cega, porque em nenhum caso se punha a examinar se era justificado o que se lhe mandava, cegamente obedecia como perfeito obediente, grangeando desta sorte a commodidade, que alguns ignorão, e que ensina S. Lourenço Justiniano, a dizendo que a propria vontade he carga, de que a obediencia alivia aos Religiosos, livrando-os o mandamento do Prelado da pensão, que tem os que vivem em sua liberdade, em resolverem, se he conveniente, ou não, o que lhes persuade a vontade.

2 Toda sua vida foi hum continuo exercicio de asperza, e penitencia; porque além de seus extraordinarios jejuns, nunca em todo o anno comia carne, como affirmou no testemunho, que delle deo Frei Francisco de Esposende, outro grande servo de Deos, de quem escreveremos a seu tempo. Tão estremadamente guardava o silencio, e recolhimento, que no Convento parecia o Anacoreta mais solitario; não lhe sahia de sua boca palavra, senão a precisa ou para a resposta, ou para edificação, e proveito espirital do proximo. Sentia grandemente o demonio ver tanta perfeição em Fr. Diogo, combatia-o com frequentes, e terriveis tentações, mas de nenhum effeito, antes servião de lhe augmentar o merecimento, com que de todas sahia vencedor, ajudado da Divina graça. Em vingança do valor, com que o servo de Deos lhe resistia, instigou o inimigo a huma mulher que puzesse nota em sua pureza; tentação tão terrivel para o Apostolico Varão, que ainda que o não pode vencer, foi bastante a perturballo. Por esta causa lhe derão os Prelados alguns pesados desgostos, que elle offerencia à Paixão de Christo Senhor nosso, em que, sendo a mesma innocencia, fora reputado

com os mãos. Mas como Deos permite semelhantes trabalhos em seus servos , para lhe apurar o merecimento , e trocar a tempestade em bonança , quando Fr. Diogo estava mais afflicto , o consolou com hum mimmo , e favor singular , que lhe fez , como diremos ao diante.

3 Foi singular sua pobreza , igualmente humilde , e de tal forte se elmerou na virtude , que foi hum perfeito aggregado de todas ellas. Amava muito o santo exercicio da oração , e nella gastava a maior parte das noites velando , e foi visto muitas vezes em maravilhosos raptos , a pezar de sua humildade , que procurava muito encubrillo. No tempo , que os Inglezes abrazarão a Cidade de Faro no Algarve , vivendo os da Cidade de Lagos em grande afflicção , e temor de semelhante caso , o santo Frei Diogo , que então morava no Convento , que ahi temos , não cessava de rogar ao Senhor continuamente com grandes ancias pelo perigo , que ameaçava àquelle povo. Com tanto fervor fazia a Deos sua petição , a que o ajudava ser grandemente compassivo , que huma das noites , que por esta causa ficou em o Coro orando , foi achado dos Religiosos em extase mental , levantado da terra , e tão privado dos sentidos , que

nenhuma razão deo dos que estavão vendo aquelle devoto espectáculo. Nem foi sem effeito sua oração , porque os Inglezes depois de queimarem a Cidade de Faro , derão à véla , e desapparecêrão , sendo que forão mandados de Isabel Rainha de Inglaterra , só a fim de fazerem quanto mal pudessem em as cousas de Hespanha , em odio de Philippe seu cunhado , a quem então estava este Reino sujeito ; por onde nos fica bastante fundamento para presumir , que o não passar o furor dos Inglezes mais adiante fora effeito do santo Varão Fr. Diogo de Pernes , que com tanto fervor orava a Deos por esta causa.

4 He commua em todos os servos de Deos a devoção a sua Mãi Santissima : nesta se singularizou Fr. Diogo , venerando com summo acatamento suas santas Imagens , em particular huma , que está no nosso Convento de Villa-nova , consagrada à Expecção da Senhora. Quando morou a primeira vez naquelle Convento , cobrou tanta affeição àquella Sagrada Imagem , que mudado dalli pelos Prelados , vinte annos continuos pediu à Senhora , que o levasse àquella Casa a morrer , para que acabasse à sua sombra. Concedeo-lhe a Senhora a petição , por via

via pouco usada na Provincia, que foi mandallo o Ministro (sendo já velho, e mui gotoso) por mar do Convento de Santo Antonio de Aveiro para o de S. Francisco de Lagos, donde vindo para o de Villanova acabou sua carreira, como veremos. Foi devotissimo das Chagas de nosso Padre S. Francisco; desejava que as celebrassem com a maior solemnidade possivel; desvelava-se em ajudar aquelle dia, mais que em os outros, ao Sacristão no ornato da Igreja, persuadindo aos Prégadores, que prégassem aquelle mysterio. Dava por razão, que conhecêra hum Religioso desta Provincia, ao qual nosso Padre S. Francisco apparecêra, e se lhe queixára de seus Frades não celebrarem aquella festa com tanta solemnidade, e alegria, como devião. Assim por este dito, como por outros indícios, e pelo fervor, e alegria, com que Fr. Diogo o festejava, havia suspeita, e corria fama entre os Frades, que elle era, a quem o Santo Padre apparecêra.

5 Isto, que em sua vida andava ló em suspeita, se veio a saber com certeza em sua morte, na maneira seguinte. Sendo Guardião em o nosso Convento de Villa-nova Fr. João do Porto, que depois foi Ministro Provincial, hum dos Pré-

gadores, a quem o santo Frei Diogo, por vezes havia rogado que prégasse sempre o dito dia das Chagas de nosso Padre; o servo de Deos, que então ali morava (pela occasião affimada) adoeceo de huma enfermidade mortal, de que o Senhor o levou desta vida. Entendendo todos, e conhecendo elle tambem que morria, o Guardião lhe disse: *Irmão Fr. Diogo, bem vedes o estado, em que estais de caminhar para o Leo: vós me dissestes, que conheceis hum Frade desta Provincia, homem de verdade, a quem nosso Serafico Padre São Francisco apparecêra. E porque eu entendo que vós fostes esse Frade, vos mando por santa obediencia, que me digais se he assim, ou não, e o modo como isso procedeo, para honra, e gloria de Deos, e maior louvor, e veneração do mesmo Padre Serafico. E se Deos nosso Senhor for servido que escapeis desta enfermidade, eu vos guardarei o segredo disto em vossa vida.* Obrigado Fr. Diogo do preceito da obediencia, respondeo ser verdade, que elle fora aquelle Religioso a que o Santo Padre apparecêra, e contou o modo, que foi este.

6 Morando elle, e sendo Porteiro em o nosso Convento de S. Francisco de Elvas, foi-lhe dito que huma pessoa, que

algumas vezes lhe chegava à Portaria pedir esmola, vivia mal, e escandalosamente: o que sabendo o servo de Deos, a reprehendeo asperamente de seu peccado, e lhe disse, que lhe não chegasse mais àquella porta. Indignada disto esta pessoa, e movida pelo demonio, fez queixa de Fr. Diogo a seu Prelado, impondo-lhe o mesmo, do que elle a tinha reprehendido. Sem que o Prelado averiguasse mais a verdade, levado do informe, reprehendeo a Fr. Diogo, penitenciando-o, e mandando-o recolher em huma cella. Nesta esteve o innocente Religioso algum tempo: e como huma noite se puzesse a considerar a conta, em que os Frades o terião, tanto se deixou levar deste pensamento, que tocado de huma terrivel tentação de ira, dor, e sentimento, quasi parecia desfalecer em a paciencia, e soffrimento daquella affronta. No meio desta tribulação, e espiritual angustia (acudindo-lhe o Senhor, que nas maiores não falta) vio subitamente huma formosa nuvem, clara, e resplandecente, a modo de globo redonda, que abrindo-se, appareceo nella nosso Padre São Francisco, cheio de notavel resplendor, o qual lhe perguntou se o conhecia Fr. Diogo, que via sahir das mãos, pés,

Daça 4. p.
l. 3. c. 65.

e peitos do Santo huns raios como de Sol; respondeo: *Ou sois meu Senhor Jesus Christo, ou meu Padre S. Francisco.* Então lhe disse o glorioso Patriarca: *Eu sou teu Padre S. Francisco: Sabes que dia he hoje? He* (diz Fr. Diogo) *o dia, em que Christo Senhor nosso vos imprimio suas Sagradas Chagas. Pois entende* (diz o Santo) *que estou enojado contra meus Frades; que sendo esta festa tão principal, e a em que o Senhor me fez tão singulares mercês, elles a celebrão tibiamente. No dia de minha morte deo-me o Senhor a gloria do Ceo, como dá aos outros Santos, mas neste dia, em que me honrou com suas Chagas, fez-me huma mercê singular, que não fez aos outros, que foi canonizar-me em vida.* Ouvindo isto Fr. Diogo, ficou quasi sem sentido, e o Santo pegando nelle, lhe disse: *Lembra-te daquellas palavras da Regra: Bemaventurado o que padece perseguição pela justiça, mas o que perseverar até o fim, será salvo.* Dito isto, desappareceo, deixando ao servo de Deos mui confortado em seu animo, e cheio de maravilhosa consolação.

7 Daqui lhe devia de proceder a particular graça, que dizem que tinha, de consolar com suas palavras a qualquer pessoa, que estivesse em afflicção, triste, e desconsolada.

De-

Declarada finalmente por Frei Diogo a visão desta maneira, passou dahi a pouco da presente vida no lugar, que havia pedido a nossa Senhora, que foi a Casa de Villa-nova, como já dissemos. Foi seu transito no anno de 1597. com mais de sessenta de habito, e oitenta de idade; jaz sepultado em a Capella Mór da Igreja à parte da Epistola. Logo que os de Villanova souberão de sua morte, acudirão todos a pedir por Reliquias as cousas de seu uso: Dona Maria Coutinha mulher do Governador daquelle Reino Rui Lourenço de Tavora, pela fé, que tinha em este servo de Deos, pediu sua corda, e a cingio a si, sentindo-se propinqua ao parto, que teve felicissimo, o que tudo attribuiu aos merecimentos deste Apostolico Varão; tanto assim, que ao filho, que lhe nalceo, poz por nome Diogo, em gratificação do beneficio recebido.

CAPITULO XXVIII.

Vidas exemplares dos servos de Deos Fr. Anjo de Portalegre, e Fr. Manoel de Castro-Verde.

HE cousa tão ordinaria corresponderem as obras ao nome de cada hum, que diz a Glosa do an-

tigo Digesto, que da qualidade do nome se collige, e argúe qual he a pessoa. Do Patriarca S. Bento escreve S. Gregorio ^a Magno, que foi bento no nome, e nas obras, para que se entenda que as obras correspondem aos nomes. Pela mesma razão do inclyto Martyr S. Vicente quer Santo Agostinho, ^b que o vencimento que alcançou do Tyranno, soffrendo tanta atrocidade de tormentos, fosse originado de seu proprio nome: pois que outra cousa significa Vicente, senão vencedor? E quando tão grandes Santos o não disserão, nem a experiencia o tivera mostrado em algumas pessoas, bastante prova tinhamos de Frei Anjo de Portalegre, chamado por alcunha o Contemplativo; nome tão adequado com o sujeito, e connaturalizado com as obras, que para vírmos em conhecimento dellas, bastava sabermos-lhe o nome, quando não houvera outras provas mais evidentes de suas virtudes. Toda sua vida foi de Anjo na pureza de consciencia, com que viveo nesta Provincia, e no trato, e comunicação, que tinha com os Religiosos, porque à dos seculares se tinha totalmente negado seu retiro. Com ser tal, não se fiava de si mesmo, nem deixava de castigar rigorosamente seu corpo,

^a D. Greg.
Dialog. 2.

^b D. August.
Serm. de
S. Vicent.

tratando-o como vil escravo, para o reduzir ao espirito, com excessiva penitencia.

2 Nunca em a Ordem comeo carne, peixe, ou bebeo vinho, e sobre tudo isto fazia outras abstinencias particulares, e jejuns estranhos. De tal sorte tinha sopeado o sono, que dormia mui pouco, e no breve repouso, que tomava, não tinha mais abrigo, por grandes que fossem os frios, que o de seu pobre, e lacerado manto. Todo o tempo da noite, e o que podia forrar do dia, gastava na oração mental, por cuja causa foi chamado o Contemplativo; mas era nella tão precatado, que ninguém alcançou seus segredos, nem houve nunca testemunha do que passava com Deos. Só hum rapto seu se conta nesta fórma. Estava Fr. Anjo, sendo morador na nossa Casa de Santo Antonio de Estremoz, orando hum dia na Capella Mór da Igreja a tempo que foi necessario ao Guardião, que então era Fr. Christovão de Abrantes, fallar com elle, mandou-o chamar por hum Corista. Deo-lhe este o recado, e cuidando que o ouvira, se tornou; mas como Fr. Anjo não viesse ao chamado do Guardião, repetio este o recado pelo mesmo Corista, que indo segunda vez a buscallo, o achou do mesmo modo,

que antes estava, em pé, e dando-lhe o recado, nenhum final fez de o haver ouvido, nem movimento para vir onde o chamavão. Pelo que chegando-se o Corista mais a elle, vio que estava todo elevado em extase, e puxando-lhe então fortemente pelo habito, despertou Fr. Anjo, como quem desperta de hum profundo sono, e acudio logo onde o chamava a obediencia. De muitos servos de Deos lemos, que estando em extase mental, tanto que lhes davão recado da parte dos Prelados, despertavão logo, e hião onde erão chamados: e em Fr. Anjo vimos, que foi necessario chamarem-o duas vezes para acudir ao Guardião. Mas huma, e outra cousa he ordenada por Deos: porque nos que logo despertão ao primeiro recado, quer Deos que se manifeste a virtude da obediencia: e em Fr. Anjo quiz que para credito de seu servo se manifestasse a graça de raptos, que lhe tinha concedido, pois elle tanto trabalhava occultalla. Exercitado em fin nestas, e outras muitas virtudes, passou a descansar em o Senhor, em o nosso Convento da Vidigueira, a quatro de Junho de 1598. Tanto que foi sabida sua morte em aquella Villa, acudirão logo todos a beijar-lhe o habito, e pedir Reliquias com muito

to fervor , e devoção , acclamando-o geralmente por santo.

3 Poucos dias antes da morte deste servo de Deos acabou a peregrinação temporal outro Religioso com igual fama de virtude , chamado Fr. Manoel de Castro-Verde, Villa na Comarca de Ourique. Foi Sacerdote mui espirital , e dotado de mui singulares virtudes ; a noticia das quaes nos sepultou o tempo , ajudado da omissão de nossos antigos Religiosos, conservando-se só em os presentes a fama da santidade deste servo de Deos. O qual, sendo morador em Coimbra , adoeceendo de huma maligna , que foi a que poz prazo à sua vida, com tanto jubilo, e alegria estava padecendo o rigor della, que causava espanto , e admiração a quem o via. Trez dias antes de sua morte , assignou o tempo preciso della , affirmando que seria no dia da Santissima Trindade , pela singular devoção , que sempre tivera a este ineffavel Mysterio. E como tinha certeza disto , aparelhou-se para a jornada com a perfeição devida à sua muita virtude. Chegado o dia por elle signalado, entrando hum Religioso , particular amigo seu, a visitallo ; cheio o enfermo de celestial alegria , lhe disse por vezes , não cabendo de prazer :

Que grandes cousas hei de ver hoje ! Com isto partio risonho para a Bemaventurança , onde veria logo na Essencia Divina, tudo quanto desejava , e anelava sua alma. Foi seu transito no sobredito Convento de Coimbra em vinte e hum de Maio de 1598. Faz delle honorifica memoria o Author do Agiologio ^d Lusitano.

^d
Cit. Maio
21.
liter. E.

C A P I T U L O XXIX.

*Vida , e milagres do Euangelico
Varão Fr. André de Fezes.*

Não muito longe da Villa de Chaves , porèm já no Reino de Galiza , está hum pequeno lugar , que se chama Fezes, donde foi natural o perfeito Religioso Frei André. Criou-se desde menino em casa de hum Cardeal da Igreja do Bemaventurado Apostolo Sant-Iago de Compostella , na qual dizem que foi moço do Coro E cobrando desde seus tenros annos grande devoção ao glorioso Apostolo , tomando depois o habito nesta Provincia , foi crescendo cada vez mais no ferventissimo amor, e devoção, com que o servia, e honrava summamente. Depois que recebeu entre nós o habito , tratou de servir a Deos com tanto cuidado , que logo em noviço , não só deo mostras do

do que ao depois havia de ser, mas ainda servia já de exemplar a todos. Foi dotado de muitas virtudes: em especial de huma mui pura sinceridade, pelo qual julgava com olhos columbinos todas as cousas, que via, à boa parte, não se atrevendo a presumir mal de alguma pessoa, ainda que para isto lhe dêsse motivo. Na castidade, e modestia foi estremado, porque toda a pratica de mulheres, ainda que honestas, aborrecia, e tão senhor era de seus olhos, que quando por obediencia, ou necessidade fallava com alguma, nunca os levantava a ver-lhe o rosto, e derão testemunho muitos Religiosos, que o conversarão, que nunca a nenhuma dellas vira a face. Era mui caritativo, e mostrou bem esta virtude para com seus subditos algumas vezes, que foi Prelado.

2 Foi affavel, e humilde, e por este respeito folgava mais de tratar com gente plebea, e do campo, a quem fallava de Deos, e instruía nas cousas de sua salvação, que com a gente rica, e poderosa, cheia de presumpção, e vaidade do mundo. No exercicio destas, e outras muitas virtudes subio a tão alto gráo de perfeição, que o honrou Deos com milagres, ainda em sua vida. Todos estes obrava em nome do seu Apof-

tolissimo; (que assim chamava sua grande devoção a Sant-Iago) trazia sempre consigo huma pequena Imagem do Santo, e com algumas orações, e commemorações, que lhe fazia, alcançou de Deos esta virtude de obrar milagres. Sendo morador no Convento de S. Fructuoso de Braga, foi por mandado do Guardião visitar a Diogo de Barrios, homem nobre da mesma Cidade, que estava enfermo à morte, com poucas esperanças de vida, Fr. André o consolou, fallando-lhe de Deos, como sempre fazia, e depois de lhe ter rezado hum Euangelho, e algumas commemorações, lhe disse, que tivesse fé no seu Apostolo Sant-Iago, e se se encommendasse a elle, alcançaria saude. O enfermo dando credito às palavras do santo Religioso, pela grande opinião, que d'elle tinha, disse, que se o Senhor lhe fizesse mercê da saude, que elle fiado nos merecimentos do glorioso Apostolo lhe promettia, fazia voto de em reconhecimento, e memoria della, dar todos os annos, que vivesse, de jantar aos Frades de S. Fructuoso no dia da festa do mesmo Apostolo. Feito o voto, foi milagrosamente são, e viveo muitos annos, em todos os quaes cumprio seu voto perfeitamente, dando esplendido jantar naquella

le dia. Depois de sua morte foi sua mulher continuando com a mesma devoção até morrer, e se com as vidas se acabou a esmola, não se acabou a memoria, e fama commua do milagre, que naquella Cidade durou depois por muito tempo.

3 No Lugar do Teixoso, termo da Villa da Covilhã, estava hum menina com hum olho quasi de todo sumido, e encovado por causa de hum grave enfermidade, que tivera nelle, e já os Medicos a deixavão assim, por lhe não poderem dar remedio. Foi neste tempo o servo de Deos àquelle Lugar pedir esmola, e compadecendo-se da menina, que os pais com grande lastima lhe mostrão, rezou-lhe o Euangelho, e commemorações costumadas, sendo isto à tarde, o outro dia pela manhã se levantou a menina com o olho perfeitamente são, claro, e formoso, como o outro, e posto em seu devido lugar, com admiração de todos, que louvavão ao Senhor pelo milagre, que naquelle povo foi público. Semelhante caso aconteceu, sendo morador em o nosso Convento de São Francisco de Chaves; porque estando naquella Villa hum moça donzella com hum nevoa em hum olho, indo hum vez ao Convento, pedio a este servo de Deos, pela fé, que

nelle tinha, lhe dissesse hum Euangelho. Não foi necessario mais para alcançar a faude desejada, porque apenas Fr. André lhe acabou de dizer o Euangelho, se lhe desfez a nevoa totalmente, sem que lhe ficasse final della.

4 No caminho, que vai de Braga para a mesma Villa de Chaves, chegando a hum Aldea chamada Salomonde, achou hum menino mui enfermo de hum quebradura, e a seus pais determinados de o levarem a São Gonfalo de Amarante, a pedir-lhe faude para elle. Rezou-lhe o santo Varão hum Euangelho, e pondo-lhe suas mãos sobre a quebradura, desempenhou Christo a palavra, que deo a seus Apostolos, ^a e ^a a todos os Varões Apostolicos; ^{Mar.c. 16. num. 19.} porque mandando a seus pais, que o levasssem à cama, ao outro dia appareceo o menino são de todo, com grande contentamento delles, assim pela faude do filho, como pelos livrar do trabalho, que havião de ter em o levarem a S. Gonfalo. Morando em o Bom Jesus de Barcellos, lhe fallou hum vez na Villa hum devota mulher casada, a qual lhe pedio que a encommendasse muito a Deos, porque andava pejada, e temia muito o successo do parto. Ao que elle respondeo: *Tende confiança, e não temais, porque*

com facilidade, e sem perigo haveis de parir hum filho, que ha de ser Frade nesta Provincia, e depois delle haveis ainda outros. Tudo assim succedeo, porque teve feliz parto, e o filho foi Frade nesta Provincia, e se chamou Fr. Jacome de Barcellos. Donde se vê o espirito de profecia, que Deos communicou a este seu fiel servo.

5 Em Abrantes foi huma vez Fr. André a casa de Pero Lopes o Toledano, devoto nosso, para acompanhar huma filha sua, que desconfiada dos Medicos estava à morte. O pai, que lhe queria muito, vendo em sua casa a Fr. André, de quem tinha grande opinião, pediu-lhe, que rezasse hum Evangelho à enferma, e as commemorações, que costumava em semelhantes casos. Fez o santo Varão o que lhe pedião, dito o Evangelho, e commemorações, ficou a enferma repentinamente sã. O que vendo Fr. André, e como o pai, e irmãos da doente, com muita outra gente, que se achou presente ao milagre com alvoroço o querião honrar, como a santo, chamando o companheiro, se tornáráo o mais depressa que foi possível para o Convento, fugindo àquella honra, que lhe querião dar.

6 A fama destes, e outros muitos milagres, que obrou

Deos nosso Senhor pelos merecimentos deste seu servo chegou à noticia da Infante Dona Maria, filha delRei Dom Manoel, de gloriosa memoria, a qual por esta causa, e pelas muitas virtudes, que de Frei André ouvia contar, lhe ficou tão afeiçoada, e devota, que houve licença do nosso Ministro Provincial, para o poder chamar a Lisboa à sua presença. Fez esta jornada Fr. André obrigado da obediencia, e depois que a Infante o vio, e lhe fallou diversas vezes, ficou tão confirmada na opinião, que del-le tinha, que lhe pediu quizesse fazer por ella huma romaria a Sant-Iago de Galiza, em que a encommendasse muito a Deos, porque por suas orações esperava alcançar muitas mercês de Deos, e de seu Apostolo sagrado. Desta romaria, que Fr. André fez a Sant-Iago em nome da Infante, trata o Padre Doutor Fr. Luiz dos Anjos, Religioso, e Chronista da Sagrada Ordem de Santo Agostinho, no livro que fez, intitulado Jardim de Portugal, onde fallando da dita Infante, diz estas formaes palavras: *O que sempre trazia diante dos olhos, era sua salvação: pelo que em certo livro das memorias da Provincia da Piedade, tão estendida em Mosteiros, e tão cheia de Religiosos insignes em virtudes*

des, que nenhuma mais em nosso Portugal achamos, que sabendo esta Serenissima Infante havia nella hum Religioso, chamado Fr. André de Fezes, o qual tinha feito muitos milagres por intercessão do nosso Apostolo, e Padroeiro de Hespanha Sant-Iago Maior, do qual era devotissimo, não descançou, até alcançar que fosse em romaria a este Apostolo por sua alma. O qual cumprimento aquelle Religioso com muita devoção, indo a Compostella descalço, pobresinho, e cheio de altissimas contemplações.

7 Nestas passou o santo Religioso a vida até a ultima velhice, em que o buscou a morte, para que fosse gozar o premio de suas virtudes. Morava elle no Convento de Santo Antonio de Penamacor, donde veio hum dia por causa de recreação à nossa Casa de Castello-branco: no caminho apartou-se de seu companheiro, e entrando em hum matto, tomou nelle huma rigorosa disciplina: no fim da qual lhe apparecêrão duas mulheres vestidas de branco; que o certificárão de sua morte. Não se soube quem estas mulheres fossem, nem a pratica, que com elle tiverão; collige-se porém a sobredita revelação, porque chegando ao Convento de Castello-branco, e vindo o Guardião delle a recebello à Portaria com muita

feita, lhe disse o santo Fr. André: *Irmão Guardião, já não he tempo disso, eu venho-vos morrer a casa, e assim bem podeis encaminhar-me para a Enfermaria.* Forão-se para ella, onde o santo Religioso se deitou na cama já enfermo, e recebendo os Sacramentos da Igreja, foi Deos servido levalllo deste desterro no anno de 1598. para a patria de seus escolhidos.

C A P I T U L O XXX.

Eleição do vigesimo-setimo Ministro Provincial, e de alguns Religiosos de seu tempo.

I **G**Overnou Fr. Este-
vão de Campo maior a Provincia com aquelle acerto, que promettia seu grande zelo, e virtude, e todos d'elle esperavão. No fim de seu triennio se celebrou Capitulo em o nosso Convento de Santo Antonio de Evora, cujos gastos fez o Arcebispo da mesma Cidade D. Theotonio de Bragança. Presidio nelle o Padre Fr. Matheus de Burgos, Commissario Geral Cismontano, e sahio eleito em trinta de Maio de 1598. Fr. Jorge de Goa, Fr. Jorge de Goa, Provincial Ministro vigesimo-setimo em ordem dos que a Provincia teve. ^{27.} Por Definidores sahirão Frei Lopo do Sardoal, Fr. Antonio da Covilhã, Fr. João de Elvas, Dddd ii Fr.

Fr. Simão de Aveiro, que juntamente foi Custodio. Fez o Provincial sua Congregação em Evora a vinte de Janeiro de 1600. e em todo tempo de seu governo mostrou bem as letras, prudencia, e particular virtude, de que foi dotado. Depois de acabar seu officio, foi Visitador da Santa Provincia dos Algarves: o que fez com universal satisfação, e agrado de todos aquelles Religiosos Padres.

2 Em seu triennio acabá-rão santamente muitos, e mui perfeitos Religiosos, dos quaes iremos tratando, e no presente Capitulo dos que não sabemos certamente o anno, em que morrêrão, ainda que sabemos foi seu transito no Provincia-lado deste Ministro. ^a O primeiro foi Fr. Domingos da Taboa, Frade leigo, de admiravel virtude, que ainda que o particular desta encubrio o tempo, ajudado do descuido, com tudo não pode apagar a fama, que nos deixou sua santidade. Foi inimicissimo da ociosidade: para evitar esta, o tempo que lhe restava da oração, exercicio, em que gastava a maior parte d'elle, occupava em obras manuaes, e serviço do Convento, ainda que não estivessem a seu cuidado. Nunca se ouvio de sua boca palavra alguma de murmuração, porque era dota-

do de tanta singeleza, e simplicidade, que tudo quanto via, lançava à boa parte: nem se atrevia presumir mal de algum, ainda que para isto lhe dessem occasião. Estremou-se grandemente na abstinencia, porque o pouco, que comia, havia de ser sempre do mais grosseiro: por esta causa quando era Porteiro, punha em a sua ração sempre o pão mais duro, e bolorento que achava. Poucas vezes comeo carne, ou peixe, e ainda nestas poucas vezes, que tomava destes manjares, era com tanta parcimonia, que mais parecia enganar aos que o vião, que dar refeição ao corpo. Foi de rara humildade; e se alguma vez, sendo Porteiro, tomava alguma pena os Coristas, por lhe não dar a seu tempo as cousas, que havião de fazer em a cozinha, pedia-lhes perdão, e prostrado por terra, importunamente lhes rogava, que lhe puzessem o pé na boca, pois lhes tinha sido occasião daquella molestia. Quando não havia de ir ao Coro, em tocando a elle, tinha cuidado de acudir à cozinha, e mandando aos Coristas que fossem rezar, ficava fazendo nella as cousas necessarias. Foi pobrefinho sobre maneira, e perseverando nestas, e outras muitas virtudes, acabou com fama de Varão perfeito.

^a
Alcarapi-
nha fol. 46.
Fr. Do-
mingos da
Taboa,
Frade
leigo.

3 Igual memoria deixou de si Fr. Jorge de Borba Sacerdote, que entre as muitas virtudes, de que adornou sua alma, teve subido lugar a paciencia; porque padecendo muito tempo a enfermidade de hidropezia, acompanhada de excessivas dores, em todas ellas sempre seu rosto esteve alegre, sem que já mais dissesse huma palavra demonstradora de sentimento, antes na fragoa de suas maiores penas entoava canticos, e louvores Divinos. Não nos individuárão mais de sua virtude nossos antigos Padres, parecendo-lhes tal vez (além de seu ordinario descuido) que para no-lo darem a conhecer por virtuoso, bastava deixarem-nos escrita a paciencia, com que soffria seus males. E não se enganárão; porque, segundo S. João Chrysostomo, maior virtude mostrou o Santo Job só na paciencia, *b* que em seus males teve, do que tinha mostrado no exercicio de tão santas obras, como no tempo de sua prosperidade havia feito. Com a idade se hião augmentando mais as enfermidades a Fr. Jorge, e elle apurando-se mais na paciencia: chegou a estar entrevado, e tolhido em huma cama, sem por si só poder mover-se de huma a outra parte. Nella, segundo parece, lhe foi revelado o dia de sua di-

tola morte, porque considerando o muito trabalho, que com elle tinha o Frade, que alli o servia, e curava, lhe disse: *Pague-vos Deos, Irmão, o bom cuidado, que tendes de mim, e o muito, que tendes feito; porém bom animo, que já vosso trabalho comigo não será muito, durará somente até os Ramos: colhidos elles, se acabará tudo.* Passarão-se alguns dias, chegou a semana dos Ramos, no principio da qual lhe tornou a dizer as mesmas palavras: assim succedeo, como tinha predicto, porque no sabbado antes da Domingo de Ramos, dia, em que naquelle anno cahio a festa da Annunciação do Anjo à Senhora, depois que o Sacristão colheo os Ramos, que se havião de benzer ao Domingo, passou o servo de Deos do Convento do Bosque ao Senhor, recebidos primeiro todos os Sacramentos com tanta devoção, e espirito, como quem sabia que havia de morrer, e que o estava esperando o Remunerador Eterno, para o metter de posse de sua Gloria

4 Em o Convento de Santo Antonio de Aveiro acabárão por este tempo sua carreira, com fama de virtude, dous Religiosos, Frei Antonio de Covilhã, e Frei Matheus de Ferreira. Foi Fr. Antonio de Covilhã de muita oração, e pe-

Fr. Anton.
de Covilhã,
Sacerdote.

penitencia ; para exercicio das quaes virtudes , alè do tempo , que nelle gastava do dia , tomava grande parte da noite. Pelas onze horas hia para o Coro , e dahi atè espartarem a Matinas , estava orando ; depois de acabadas estas , ficava outra vez em o Coro no mesmo exercicio , no fim do qual fazia huma comprida , e rigorosa disciplina , penitencia , em que não dispensou nenhum dia , por mais solemne que fosse. Nestas tão santas obras perseverou atè à ultima velhice , que viveo na Provincia , em que foi Definidor.

Fr. Matth.
de Ferreira,
Sacerdote.

5 Fr. Mattheus de Ferreira teve por officio a prégação do Sagrado Euangelho : ministerio , em que fez tanto fructo , como quem mostrava primeiro em si por exemplo o que aos outros pré-gava por palavra. Podemos dizer que não teve virtude particular , porque todas nelle erão commuas , ainda que tão singularmente resplandecia em cada huma dellas , como se não tivera outra. Foi hum vivo retrato da pobreza mais estremada , da humildade mais profunda , da obediencia mais prompta , e finalmente grandemente cuidadoso da perfeição de nosso Instituto. Em o exercicio destas , e outras virtudes occupado o achou a ultima enfermidade em o Convento de Avei-

ro. Preparou-se para a morte com hum novo fervor de espirito , e parece teve della revelação : porque mandando hum dia o Guardião , que então era daquelle Convento , a hum Religioso , que lhe assistisse , em quanto os outros estavam no Refeitório , o enfermo lhe disse , que se fosse para o Refeitório , porque elle não havia de morrer senão à noite. Assim succedeo como tinha dito , porque logo à prima noite morreo com grandes mostras de santidade.

6 No mesmo tempo acabou tambem seus dias em Villa-nova Fr. Antonio de Braga , Frade leigo , Varão exercitado em todas as virtudes , em que resplandecio nesta Provincia , como huma das estrellas fixas no Firmamento. Porém supposto de todas foi dotado , mostrou-se mais nelle a virtude da paciencia , pelo muito que padeceo , sem já mais dizer palavra , em que mostrasse algum sentimento. Quinze annos continuos foi enfermo de gota tão extraordinaria , que sempre o estava atormentando com dores continuas , e excessivas , mas com tal paciencia as soffria todas , que em lugar de entristecer-se , estava sempre espiritualmente alegre , podendo dizer com São Paulo : *b De boa vontade me gloriarei em minhas enfermidades , para que more em mim a vir-*

Fr. de B.
Fra. 80.

2. ad
c. 12.

virtude de Christo. A' virtude da paciencia chamou S. Cyrilo madrinha, por cuja conta corre prevenir as bodas espirituaes, em que Deos se junta com a alma, e ama que cria a esperanza da vida eterna. No excessos das dores, e importuna continuação de suas enfermidades estava o maravilhoso soffrimento de Fr. Antonio alentando-lhe a esperanza, que tinha de gozar a Deos em o Ceo. Finalmente rendido já o debilitado corpo a tão continuo padecer, voou a alma a lograr o premio, que tão bem havia merecido, deixando de si mui suave cheiro de virtude.

CAPITULO XXXI.

De dous perfeitos Religiosos Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e Fr. Gaspar do Porto.

NA peste, que houve neste Reino pelos annos do Senhor de 1598. além de outros Religiosos, que acabáráo nella, termináráo seus dias dous perfeitissimos Varões, dotados de admiravel virtude. Foi o primeiro delles Fr. Francisco de Villa-Viçosa, a quem com propriedade podemos applicar aquellas palavras, que o Sabio Sirach ^a disse del Rei Joias, que sua memoria era tão agradavel a todos, como a sua-

vidade do ambar, misturado com os mais cheiros, e ouvir seu nome, de maior fragrancia que a mais acordada musica em os convites. Toda a sua vida gastou em actos de mortificação, e penitencia; ^b a continuação, e rigor dos quaes lhe tornáráo o corpo tão seco, e macilento, que mais parecia cadaver, que animado. Foi muitas vezes Prelado nesta Provincia, estado, em que foi a Prelados exemplo, assim como no de subdito aos inferiores o tinha sido. Resplandecio nelle em subido gráo a caridade, que he a que dá perfeição a nossas obras, pois sem esta pouco aproveita (como diz ^c S. Paulo) ^d fazer todo quanto bem podem fazer os homens, entregar o corpo ao fogo, e a vida ao tormento, e por ella conforme Santo Agostinho, ^d se distinguem os filhos de salvação, dos filhos de perdição.

2 Obrigado desta Fr. Francisco, foi dos primeiros Religiosos, que em Coimbra, onde era actual Mestre de noviços, se offereceo para confessar, e sacramentar aos feridos da peste na maior terribilidade della, não se mostrando menos cuidadoso, e diligente na cura, e serviço corporal, que zeloso, e vigilante na espiritual, de que nenhum pagasse o commutributo, sem primeiro receber os

Sa-

^b Agiol. Lus.
tom. 2.
Abril 6.
liter. D.

^c 1. ad Cor.
c. 13. n. 3

^d D. August.
l. 15. de
Trinit.
cap. 18.

cramentos. Quasi sinco mezes iervio com extraordinario desvelo neste ministerio ; e cuidando elle vencer o trabalho insupportavel , e sopeallo com sua fervorosa caridade , como era fraco de compleição , e debilitado das muitas penitencias , que tinha feito , veio-se a render a tanto pezo , porque tocado daquelle contagioso mal , acabou seus dias , dando a vida por seus irmãos. Foi sepultado na Ermida de S. Sebastião , que era a Casa da Saude , onde elle faleceo a seis de Abril do anno de 1599. vê-se ainda hoje sua sepultura ao pé dos degrãos da porta principal , pela parte de fóra , com epitafio já tão gastado , que só o dia , e anno de seu transito se divisa. Depois de sua morte outros Religiosos da Provincia se offerecerão ao mesmo sacrificio , em cujo piedoso ministerio se exercitáão successivamente todo o tempo , que durou o Divino acoûte.

Fr. Gaspar
do Porto,
Sacerdote.

3 O segundo foi Fr. Gaspar do Porto Sacerdote , Religioso de assignaladas virtudes , o qual para se dar mais livremente ao exercicio dellas , deixou a largueza da claustra , em que se criára , e vestíra o habito de nosso Padre S. Francisco , passando-se a esta Provincia , onde viveo muitos annos com notavel exemplo. Foi sua con-

versação singelissima , e inculpavel , parecia outro Nathanael , de quem disse e Christo , Joan
num que era homem sem dobrez , nem engano. Com tanto cuidado procurou sempre a pura observancia da sua Regra , que em todo o tempo que viveo nesta Provincia , nunca se vio nelle cousa digna de reprehensão , nem que se lhe pudesse imputar a culpa na guarda della. Vi-giava tanto sobre o silencio , f Agio
tom.
Mae
liter. que não lhe sahia da boca palavra , que não fosse precisamente necessaria : nem era muito evitar as ociosas , quem até das indifferentes fugia. Nunca se ouvio que murmurasse ; que como era dotado de huns olhos columbinos , com que julgava quanto via à boa parte , faltava-lhe a causa deste vicio. Confundia a quantos o conhecião , com o profundo de sua humildade ; nem admirava menos aos que o conversavão de mais perto , o grande de sua paciencia , porque nunca se vio nelle , nem ainda hum leve final , que faltasse a esta virtude , tendo occasiões , que menos ferião bastantes para outros a perderem. Maltratava sempre o corpo com disciplinas , e abstinencias desusadas : jejuava muitos dias , e às sextas feiras com maior aperto , em memoria da Paixão de Christo. Reluzirão nelle em grão subido a piedade , e cari-

ridade para com os enfermos, e necessitados, aos quaes dava quanto podia haver às mãos, de maneira que por estas virtudes era conhecido, e chamado communmente pai de pobres. Quando não podia remediar as necessidades de seus proximos, tornava-se às lagrymas, não cessando, até alcançar o que pertendia da liberalidade Divina.

4 Muitas vezes se vio a efficacia destas, principalmente na peste, que sobreveio a este Reino no anno de 1599. que foi tão cruel na Villa de Aveiro, que não havia pessoa, que vendo padecer outra, quizesse acudir-lhe, pelo perigo grande, a que se expunha de acabar juntamente com ella. Lastimado, e condoído dos muitos, que morrião ao desamparo, sem as medicinas da alma, e do corpo, pertendeo sair a campo na maior força do mal, com outros Religiosos, que do mesmo Convento para este ministerio se offerecêrão. O Prelado attendendo à sua muita idade, e ser o pezo do trabalho para outros hombros, o não consentio, com que ficou fóra do numero dos que acudirão a servir naquelle piedoso ministerio. Não perdeu com tudo o santo velho as esperanças, antes começou a derramar de novo tanta copia de lagrymas,

que veio a conseguir de Deos, e do Prelado o que tão anciosamente desejava, que esta virtude tem as lagrymas, nem ha tão grande intercessor, diz Santo Antioco, & como ellas, para com a Magestade Divina. Adoeceo hum dos primeiros Frades, que sahirão a curar os apestados de maneira, que foi necessario substituir outro em seu lugar, e respeitando o Guardião a muita instancia, com que Fr. Gaspar pedia esta empreza, quiz fazer-lhe a vontade, nomeando-o seu substituto. Partio logo o santo velho tão alvoroçado, como se tivera revelação, que o chamava Deos para receber o premio por meio daquella caridade. Alguns dias andou occupado na cura dos enfermos, para cujo ministerio as entranhas de caridade, com que os servia, lhe davão as forças, que a idade lhe tinha gastado, até que Deos (que se o chamára a esta obra santa, era para lhe dar o premio das muitas, em que se tinha occupado toda a vida) foi servido, que ferido de peste, deixasse o valle de lagrymas, e passasse à terra dos viventes, com grande opinião de santidade entre todos os que o tratavão.

Antioc.
Hom. 107.

CAPITULO XXXII.

Vida exemplar do santo Fr. Diogo de Hitta.

Situada em o alto de hum outeiro fica a Villa de Hitta em Castella, entre Guadalaxára, e Siguença; della foi natural o insigne Varão Fr. Diogo de Hitta, tão illustre em todo o genero de virtude, que em seu tempo não teve a Provincia Religioso algum, que o excedesse, e bem pudemos dizer, que nem ainda houve outro, que o igualasse. Temos particular devoção a este servo de Deos pelo raro de suas virtudes, que contendão nelle à porfia, sobre qual dellas havia de campear mais; por tanto nos deteremos mais em escrever sua vida, ainda que não diremos cousa de novo, que não tenham já dito os Authores, ^a que à margem citamos. Os primeiros annos de sua idade gastou o santo Fr. Diogo de Hitta em sua patria, aprendendo os primeiros rudimentos: logo em sua meninice se vio nelle huma propensão à virtude, indicio claro do que ao depois havia de ser, quando de perfeita idade. Quando a teve para tomar estado, como as cousas do mundo nenhuma impressão tivessem feito em seu animo, porque desde que teve

uso de razão as aborreceo, determinou deixallas de todo, e entrar na Religião, onde perfeitamente servisse a Deos.

2 O primeiro voo, que deo no caminho da virtude, foi não só apartar-se da terra, onde nasceo, mas ainda do proprio Reino, e veio tomar o habito a esta Provincia da Piedade; ou já por se retirar à affeição dos parentes, ou pela fama de santidade, com que florescia. De maneira se portou, sendo noviço, que parecia na virtude já professo; tinha a todos por exemplar, e servia já de exemplo a todos: professou a seu tempo, com grande satisfação da Communidade. E assim como por se desapegar mais das affeições terrenas, e evitar toda a occasião de ser perturbado do repouso do espirito por seus parentes, e amigos, buscou a Religião distante da patria; assim perseverou neste santo proposito até o fim, não tornando mais a ella. Aconteceo depois de elle professo muitos annos, que vindo Fr. Alvaro de Olivença nosso Ministro Provincial, de hum Capitulo Geral, que se celebrou em Italia; passou por casa dos pais de Fr. Diogo, onde foi por elles bem agasalhado, e lhe pedirão quizesse mandar lá seu filho, porque desejavão vel-lo, antes que morressem. O Pro-

^a
Fr. Artur.
Martyrol.
Minorit. a
20. de Ago-
sto.
Daça 4. p.
l. 3. c. 65.
Cunha na
Histor. de
Braga, 2. p.
cap. 79.
Agiol. Lus.
tom. 2.
Abril 11.
liter. D.

Provincial, pelo que conhecia de Fr. Diogo, restringio a promessa, dizendo, que se elle quizesse ir vellos, promettia dar-lhe licença para isso; mas que senão quizesse ir por sua vontade, que o não havia de obrigar contra ella.

3 Tanto que veio a este Reino, contou a Fr. Diogo o desejo, que seus pais tinham, e a petição, que lhe fizerão; por tanto que lhe rogava quizesse ir consolallos com sua visita, dando à sua velhice este gosto, pois havia tantos annos que o não vião. Piedosa coula fora condescender com os desejos paternos, e bastante motivo para causar algum abalo ainda no maior desapego contra o proposito, que tinha feito, manifestando-se dos pais a ancia, e franqueando-se a licença; porém como o servo de Deos estava tão despido dos affectos terrenos, ainda dos que se vestem com o sangue, deo ao Prelado resposta: *Ir-mão, se mandais que vá, farei tudo pela obediencia; mas se o fazeis por me dar gosto, será mui grande a caridade de me escusardes essa jornada: a meus pais basta-me encommendallos a Deos, como devo.* Não quiz o Provincial obrigarlo, com que ficou livre Fr. Diogo de quebrar o santo proposito, que tinha feito.

4 Mas tornando ao principio de sua conversão, com tanto fervor de espirito começou, e proseguio o caminho da virtude, que em breve tempo chegou a subido grão de perfeição. Sua abstinencia era admiravel, porque deixando à parte muitos jejuns, que fazia de pão, e agua, e algumas Quaresmas de devoção pelo decurso do anno, ainda no mais tempo, que parecia não jejuar, nunca comia carne, nem peixe, sustentando-se só em pão, hervas, frutas, e legumes, e disto tomava muito pouco. Por não parecer particular, mas que seguia a Comunidade, e vida commua dos outros, tomava seu prato, como todos, parecendo-se assim com os mais, o que era singular entre elles. Comia algumas vezes hervas sómente, se hião misturadas no prato, e a tigela de caldo: à carne, ou peixe dava voltas de hum para outra parte, tirando-lhe alguns ossos, e espinhas, que lançava fóra, e assim fingia comer, sendo na verdade dobrada mortificação aquelle modo de abstinencia. Vinho totalmente não bebia, salvo algumas vezes, que pelas muitas indisposições, que tinha, causadas de sua muita penitencia, lhe mandavão beber algum pouco, como outro S. Paulo ^b 1. Timot. cap. 5.

a Timotheo.

5 A cama , de que todos usão na Provincia , que sómente consta de huma esteira sobre humas taboas , com hum cabeçal de palha , elle a tinha por grande regalo , e por não dar este a seu corpo , nunca se quiz deitar nella. O cubrir-se com mantas em tempo frio tinha por cousa superflua , e assim , ainda que tinha cama , não usava della : a qualquer hora , que os Frades entravão na sua cella , (que muitos entravão de proposito) o achavão sentado no chão ao cantinho , a cama composta , como quem nunca servia. Muitas vezes no tempo do Inverno , quando os frios erão mais rigorosos , deixava abertas as portas da cella , e da janella , para estar mais defabrigo : este era o regalo , com que tomava algum pouco de sono. Succedeo passar algumas vezes hum Religioso pelo dormitorio , onde Fr. Diogo tinha a cella , e vendo a porta aberta , lha fechava , cuidando que por descuido a deixára desta maneira. Mas como visse que continuava , e lesse depois na vida de S. Pedro de Alcântara que fazia o mesmo , entendeu que não era aquillo descuido em Fr. Diogo , mas que o fazia de intento. Na primeira vez , que depois disto passou pelo dormitorio , chegando-se à porta do mortificado Varão ,

que estava na mesma fôrma , disse ao servo de Deos com galantaria : *Entendido estais , Castelhano* ; dando-lhe nisto a entender , que já tinha alcançado a razão , por que deixava a porta , e janella abertas , que era por imitar ao Santo seu natural , naquelle modo de penitencia. Dalli por diante todo o tempo , que morou com aquelle Religioso , sempre fechou a porta da cella , porque o não tivessem por penitente , contentava-se com deixar aberta a da janella , que não podia ser vista. Com tanto cuidado como isto procurava esconder tudo aquillo , que lhe podia grangear opinião.

CAPITULO XXXIII.

De outras virtudes do santo Fr. Diogo de Hitta.

1 **E**Ra tão grande o desvelo , com que o Apostolico Varão Fr. Diogo de Hitta procurava exercitar-se em todo o genero de virtude , como se tivera especial obrigação de ser assignalado em todas. Sendo para os outros a mesma brandura , era para consigo o mesmo rigor : continuamente trazia cingido hum aspero , e rigoroso cilicio : suas largas , e quotidianas disciplinas erão mais do que promet-
tião

tão forças humanas, e sem particular auxilio, e Divino favor não fora possível viver muito tempo; continuando tão rigorosa vida. E assim era tão magro, e desfeito, que ninguém o via, que se não compadece-se delle: quando estava enfermo, então parecia mais bem disposto, porque obrigado dos Prelados, obedecia no comer ao que lhe ordenavão os Medicos, com que cobrava mais forças, do que antes tinha: e assim pudéra dizer, não só quanto às forças do espirito, mas também quanto às do corpo, aquillo de S. Paulo, que quando enfermo, ⁴ então estava mais forte.

2 Com trazer a carne tão fopeada, e sujeita ao espirito, domador della, tão ciofo era de si mesmo, e zeloso de sua honestidade, e pureza, que fugia, como de aspide, toda a pratica de mulheres, ainda que santas, e virtuosas. Quando a necessidade, ou obediencia o obrigava a fallar com ellas, tão senhor era de seus olhos, que se não desmandava nunca em olhallas, nem em toda a vida, depois de Frade, vio a alguma o rosto. Huma vez lhe acon-teceo, indo caminhando com outros Frades adiantar-se delles para chamar hum homem, que em huma casa de campo lhe ficava perto, e indo de longe

bradando por elle, para que se estivesse dentro lhe acudisse, por temer o que ao depois lhe succedeo: ao tempo, que já hia chegando, sahio a mulher a saber quem era; porém Fr. Diogo, tanto que a ouviu, tornou a voltar para os companheiros, com maior pressa do que fora, e tão affombrado, como se o demonio lhe apparecêra. Na paciencia foi estremado, admirava a todos seu soffrimento: sendo muitos annos enfermo do terrivel achaque de gota, (affronta dos Medicos, e importuno tormento dos que a padecem) com serem as dores tão excessivas, que lhe tiravão o sono, soffria-as com tão grande socego, e animo tão placido, que se compungião, e edificavão grandemente os Religiosos, que entravão a visitallo, dando a Deos as graças por depositar em seu servo tão maravilhosa paciencia. He verdade, como elle mesmo confessava, que se lhe mitigavão muito as dores cuidando em a Paixão de Christo, e assim quando estava em o accidente de gota, continuamente fallava deste sagrado Mysterio.

3 Na humildade foi profundo: quando hia fóra, ainda que com Frades mais novos, queria ir à sua obediencia, porque estimava também em muito esta virtude, e era inimigo de man-

mandar, ainda que por não dis-
crepar hum ponto della, teve
o officio de Prelado algumas
vezes. O qual officio exercitou
com muita fatisfação de todos,
porque tinha muita caridade,
como se verá em o remate de
sua vida, sabendo a occasião,
em que a perdeu. Da santa
pobreza era mui amigo, não
tendo outra cousa de seu uso,
senão os instrumentos de sua
penitencia: o habito, tunica,
ou manto, que trazia, havião
de ser os mais pobres, e ve-
lhos, que outro algum irmão
tivesse. Guardou tão estreito si-
lencio, que mais que vivente,
parecia estatua de pedra; nin-
guem já mais lhe ouvio pala-
vra, que não fosse precisamente
necessaria, ou dirigida a louvor
de Deos, e proveito do proximo.
Quando tocavão à Com-
muniidade, em que os Religio-
sos se occupão em obras ma-
nuaes, acudia elle promptamen-
te, e se era de cousa, que se
podia fazer na cella, como co-
zer os habitos, e outras seme-
lhantes, a levava, fugindo as-
sim a companhia, por não que-
brar o seu costumado silencio.
Foi singular no desprezo, e aba-
timento proprio: muitas vezes
rogava a outros irmãos, que lhe
puzessem os pés na boca, dei-
tando-se para isso em terra, o
que alguns fazião de importu-
nados, e por lhe darem este gos-

to, que sabião o recebia gran-
de.

4 Não ha ambicioso, que
com tanto affecto anele, e as-
pire a honras mundanas, nem
avarento, que com tantas an-
cias apeteça riquezas da terra,
como este humildissimo Reli-
gioso procurava ser abatido, e
desprezado. Vigiaava tanto na
pureza de sua consciencia, que
confessou elle mesmo a hum
Religioso espirital, e parti-
cular amigo seu, que em trinta
annos, e mais que tinha de Fra-
de (era isto dous annos antes
de sua morte) não lhe remor-
dêra nunca a consciencia de ma-
teria de peccado mortal; mas
acrescentava logo aquellas pa-
lavras do Psalmista: *Ab occul-
tis meis munda me Domine*. Ar-
deo em seu peito hum abraza-
do zelo da honra de Deos, e
salvação das almas, por esta
causa desejou grandemente pa-
decer martyrio: cujo desejo te-
ve ao depois effeito em parte,
porque acabou dando a vida
por seus irmãos. Finalmente
muitos Religiosos graves, que
o conhecêrão, testemunhárão,
que não tinham visto Religioso
algun, em quem assim resplan-
decessem todas as virtudes jun-
tamente, cada huma a qual
mais perfeita, como no santo
Fr. Diogo de Hitta.

CAPITULO XXXIV.

Da fervente oração do santo Fr. Diogo, e de alguns effeitos della.

A Virtude, que mais resplandece em Fr. Diogo, como fonte, e origem, donde todas as mais procedião, foi a continua oração, e alta contemplação, em que de ordinario se occupava, parece que não vivia de outra cousa, mais que de andar sempre orando, e contemplando; porque não só no Coro, e na cella, mas em todo o lugar, e tempo orava. Para melhor poder vacar a este santo exercicio, punha tanto cuidado em seu recolhimento, que se não era em o Coro, ou em as Comunidades, onde o levava a obrigação, não o vião fóra da cella. Quando estava em companhia de outros Religiosos nas Comunidades trabalhando de mãos, e occupado em alguns exercicios corporaes, tinha seu coração tão intento em Deos, que não parecia estar alli, mas no mesmo tempo, como andorinha, que voando come, não relaxava seu invencivel espirito da contemplação, com os mais realmente estava, mas a sua conversação era nos Ceos.

2 Com tanto fervor ardia em sua oração, que querendo

o Senhor dar a conhecer ao mundo a santidade deste seu servo, já que elle com tanto cuidado a encubria, renovou nelle o milagre dos fogos, com que parecia arder a Igreja de nossa Senhora dos Anjos em Afsis, quando nella estavam em oração nosso ^a Padre S. Francisco, e a bemaventurada Santa Clara; porque morando Frei Diogo na Casa, que tem a mesma invocação de nossa Senhora dos Anjos, junto a Azurára, huma noite das dez para as onze horas virão algumas pessoas arder sobre a Igreja huns fogos; e parecendo-lhe naturaes, e que se abrazava o Convento, vierão com grande pressa a elle, e dizendo ao Porteiro a causa, que os trazia, elle levou recado, e chamou o Guardião, que era Fr. Diogo de Guimarães. Acudirão logo todos à Capella, para ver o que passava, e dar remedio ao incendio; mas o fogo não era outro, senão o que ardia no abrazado peito de Fr. Diogo, que estava posto em oração feito hum incendiado Etna diante do Divino Sacramento. Assim mesmo no tempo, que elle era Guardião no Convento do Bom Jesus de Barcellos, vinha algumas vezes àquella Casa hum Fidalgo, Commendador de Fornellos, que morava ahi perto, e dizia aos Frades, que de
noi-

^a
Chron.
Ord. 1. p.
l. 10. c. 4.

noite apparecião sobre o telhado do Convento huns resplandores como Estrellas. E visto o que succedeo manifestamente em Azurára, se entendeu serem effeitos da oração do santo Fr. Diogo, por conformar muito huma cousa com outra. Vio-se mais claro quanta era a efficacia da oração deste servo de Deos, nas muitas mercês, que alcançava de Deos nosso Senhor para aquelles, por quem rogava.

3 Huma mulher pobre de hum lugar chamado Verdemi-lho, meia legua da Villa de Aveiro, pario duas crianças de hum parto, e secando-se-lhe de todo o leite dahi a poucos dias, como se visse sem remedio para criar os meninos, pela fama que tinha da santidade de Frei Diogo, que então morava naquella Convento, veio à Portaria, e com grandes lastimas disse ao Porteiro Fr. Manoel de Elvas, Frade leigo, que lhe fizesse caridade dizer a hum Frade santo, que naquella Casa havia, quizesse encommendar-lhe a nosso Senhor aquella necessidade, para que lhe dêsse algum remedio, pois por sua muita pobreza carecia de todo o humano. Movido a piedade o Fr. Manoel, foi ter com Fr. Diogo, e lhe rogou, que encommendasse a nosso Senhor a dita mulher, para que a soc-

corresse naquelle trabalho. No dia seguinte pela manhã, tornou ella mui alegre, e consolada, dando graças a Deos, e agradecendo ao Porteiro a lembrança, que tivera de fazer o que lhe encommendára, contando-lhe, como às duas horas depois da meia noite sentira subitamente os peitos cheios de leite, com que dera de mamar aos filhos, com que tinha já remedio para poder criallos. Não obstante isto, querendo o Porteiro tomar experiencia da oração do santo Fr. Diogo, se foi ter com elle, e com dissimulação lhe fez queixa, dizendo: *Bem vos lembrastes vós de encommendar a Deos a necessidade daquella mulher, que vos disse.* Respondeo o servo de Deos: *Sim lembrei, Irmão, que esta noite depois de Matinas fiz oração por ella; mas como sou peccador, não me ouviria o Senhor.* Donde ficou conhecendo claramente que na mesma hora, em que foi feita sua oração, fez Deos mercê àquella mulher, de lhe dar milagrosamente o leite, que tinha seco, e havia mister para remedio de suas crianças.

4 Morando no mesmo Convento de Aveiro, veio ahi huma mulher, que se queixou ao Porteiro, de que os passaros lhe comião hum campo, que tinha de milho, e segundo erão mui-

muitos, se continuárão daquelle maneira, não colheria grão della. Pedio que encommendassem a Deos que lho guardasse, e que do mesmo milho traria ao Convento huma esmola. O Porteiro compadecendo-se della, e entendendo onde estaria o remedio mais seguro, foi-se valer da oração de Fr. Diogo, propondo-lhe aquella necessidade, e pedindo-lhe rogasse a Deos por ella: e como para o tal exercicio de orar fossem para elle necessarios poucos rogos, tomou logo à sua conta o pedir a Deos por aquella necessidade. Foi cousa maravilhosa, que comendo os passaros nos milhos de todos os campos vizinhos, no daquella mulher, que estava entre elles, não tocavão; mas como se tivessem alli a morte, se desviavão d'elle. Recolhido o milho, veio a boa mulher mui contente, e agradecida, trazer d'elle sua esmola, como tinha promettido, e denunciar o milagre, e mercê, que Deos lhe fizera.

5 No mesmo Convento de Santo Antonio de Aveiro, sendo ahi Guardião Fr. Diogo de Guimarães, adoeceu Frei Francisco de Braga, o Vieira, de huma grave enfermidade, a qual mais cedo do que se esperava, o privou de seu juizo, e lhe vierão frenesís, com que de todo alienado dizia mil dis-

parates, e fazia esgares, que era lastima vello. Compadecendo-se Fr. Diogo do enfermo, a quem amava muito, porque era mui bom Religioso: pedio ao Guardião lhe dêsse licença para ir dizer Missa por elle, para que o Senhor o tornasse a seu juizo, porque a todos lastimava ver que morria, sem poder receber os Sacramentos. Acabada a Missa, o frenetico estava em seu juizo perfeito, havendo já alguns dias que carecia d'elle; e mandando logo chamar a Fr. Diogo, que era o seu Confessor, se confessou, e recebeo os mais Sacramentos devotamente. Feito isto, que era o que o servo de Deos pedira a este Senhor, e todos desejavão, lhe tornárão os frenesís, e depois acabou em paz.

CAPITULO XXXV.

Do espirito de profecia, que resplandeceo em o servo de Deos: casos milagrosos, que lhe succedêrão em vida, e de sua ditosa morte.

1 **E**Ntre as graças, que o Divino Espirito repartio liberalmente com este seu servo, pois as divide como quer, e a quem he servido, lhe communicou o espirito de profecia, como se vio em muitos casos, dos quaes referiremos

Ffff aqui

aqui alguns , de que nos ficou mais inteira noticia. Indo Frei Diogo huma tarde com Fr. Manoel de Elvas , o já nomeado , à Villa de Aveiro , e entrando em casa de hum homem honrado , e devoto nosso , o qual tinha hum menino seu filho , mui bem estreado , e parecido , o servo de Deos o chegou a si , e o tratou com tanta benevolencia , tomando-o nos braços , e outras caricias não costumadas , que os presentes o tiveram por novidade: com esta occasião lhe perguntou o pai: *Padre Fr. Diogo , que lhe parece a Vossa Reverencia , que ha de ser deste menino?* Respondeo elle allumiado por Deos , como o comprovou ao depois o effeito: *Este menino , Irmão , cedo ha de ser hum Anjo do Ceo.* Assim foi , e por conhecer isto lhe fazia tanta festa , que dahi a pouco tempo enfermou o menino , e morreo. Passados alguns dias depois de sua morte , tornando àquella Casa Fr. Manoel , perguntou ao devoto: *Que he do seu menino , que o não vejo aqui?* Respondeo o pai: *Que havia de ser delle , senão o que disse o Padre Fr. Diogo? Po-se para o Ceo , mostrando nestas palavras a fé , que tivera nas do servo de Deos , que já se mostrava haverem sido profecia.*

² Sendo Guardiã de Portalegre mandou visitar por hum

Fr. Vicente da Mexilhoeira a D. Fernando da Silva , Fidalgo principal de Elvas , que vindo àquella Cidade , adoeceo gravemente. Dona Brites , mulher do enfermo , pedio ao Religioso da visita rogasse da sua parte ao Padre Guardiã quizesse encommendar a Deos D. Fernando , que estava muito mal. Dado este recado ao santo Guardiã , respondeo elle: *Não he isso nada , não ha de morrer desta , logo nesta noite se achará muito bem , e sarará.* Assim foi , porque naquella mesma noite se vio livre da enfermidade , e convaleceo brevemente. Ao espirito de profecia ajuntou o Espirito Santo em Frei Diogo a graça de dar faude aos enfermos milagrosamente , tanto , que não morou em terra alguma , onde temos Convento , que esta não visse suas maravilhas. Na mesma Cidade de Portalegre , andando huma tarde pedindo esmola , entrou em casa de hum homem , que tinha hum perigoso inchaço , do tamanho de hum punho , na garganta , o qual lhe pedio , que lhe quizesse pôr suas mãos naquella postema. Fr. Diogo tirou huma conta benta , que trazia , e tocando-lhe com ella aquella parte enferma , lhe disse juntamente hum Euangelho : logo aquella noite se achou o homem perfeitamente são , e pu-

publicou ao outro dia a mercê, que Deos lhe fizera, e os merecimentos de seu servo Frei Diogo. Na mesma Cidade havia hum homem lunatico, e huma vez o apertou tanto hum accidente daquelle mal, que esteve oito, ou dez dias de todo alienado de seu sentido, nem queria de nenhuma maneira comer, nem beber alguma couza em todo aquelle tempo, com que estava já propinquo à morte de pura fraqueza. Os parentes, que erão devotos de nossos Frades forão rogar ao Guardião quizesse mandar ao Padre Fr. Diogo de Hitta, que conhecião por santo, visitar aquelle enfermo, que em tão miseravel transe estava. Foi o santo Religioso visitallo: tanto que lhe fallou, e começou a tratar com elle, como se em suas palavras levasse a medicina, o fez logo mudar daquelle desatino, em que estava, e comer o que lhe deo, ficando mui quieto, e consolado, e juntamente alheio de seu furor, e todos os circumstantes louvando a muita santidade do servo de Deos, e engrandecendo o milagre. Mas o que o fez mais illustre, foi, que não só curou ao lunatico daquelle accidente, que então tinha, senão tambem (como deo depois testemunho toda aquella familia) que ficou para sempre livre daquelle enfermidade,

porque nunca mais lhe tornou, como costumava.

3 Andando outrossi pedindo esmola pela mesma Cidade, e chegando para aquella parte do Convento de Santa Clara, à porta de huma viuva honrada, chamada Maria Mendes, vio ahi estar huma menina sua doente, perguntou-lhe o servo de Deos: *Menina, que doença he a vossa?* E como ella lhe respondesse, que maleitas, deo-lhe então hum ovo dos que trazia no cesto da esmola, dizendo: *Tomai este ovo, assai-o, e comei-o, que logo se vos irão as maleitas.* Recebendo-o a menina, sua mãi lho tomou, e foi assar: deo-lho a comer, e logo se lhe forão, sem lhe tornar mais a febre, ou cezão alguma. Muitas outras maravilhas obrou Deos nosso Senhor por este seu servo, que deixo, por não ficar dellas tão clara noticia, e passar a dizer alguma cousa da fervente caridade deste grande amigo de Deos, e como desejava padecer por seu amor. E já que não alcançasse do Senhor o padecer martyrio da mão de tyrannos, alcançou d'elle entregar a vida por seus irmãos, que he mui semelhante ao martyrio.

4 Cada vez que se lhe offerecia fallarem-lhe em vida, muito tempo antes de perdella, dizia que havia de morrer por

seus irmãos; o effeito mostrou depois que o devia de ter por revelação. E para que lhe não pudesse fugir a occasião, trouxe muitos annos comfigo, sem os Frades o saberem, licença dos Prelados Geraes, para que pudesse ir curar os enfermos de peste, onde quer que acontecesse havella. Sendo morador em Azurára, e tendo noticia que em Villa-nova do Porto erão muitos os enfermos, e feridos de peste, veio com outro Religioso velho a esta Cidade offerecer-se ao Bispo, e Camera della para curar os appestados. Neste ministerio andou com muito fervor occupado todo o tempo, que durou o rigor da Divina Justiça naquella Villa, sem que elle, nem seu companheiro fossem feridos, sendo que forão muitos os que morrerão. Depois levou-o nosso Senhor onde pudesse cumprir seus desejos, sem andar muito caminho buscando aquelle mal, porque deo na Cidade de Coimbra, estando ahi morador, o anno de 1599. e ordenando-se fóra della Casa de Saude, não muito longe do nosso Convento, junto à Ermida de S. Sebastião, que está naquelles olivae, Fr. Diogo se offereceo logo, e mostrou a licença dos Prelados Geraes para fahir a ella. E como quem sabia já que hia a morrer, pe-

dio ao Guardião Fr. Antonio de Lamego, lhe concedesse por caridade o habito, que levava, em que como pobre se enterasse.

5 Depois disto andou-se despedindo de todos os Religiosos, acção, que lhes deo a suspeitar seria aquella a ultima despedida, e como o veneração tanto, o forão acompanhando até à Casa da Saude, onde estava aparelhada para recolhimento seu, e de seu companheiro, que foi Fr. Francisco de Villa-Viçosa, que tambem morreo no mesmo ministerio, como temos dito, huma casa, que havia sido curral de bois. Vendo o ferveo de Deos nella huma manjedoura, alegrando-se em espirito, disse, que alli havia de fazer sua morada, à imitação de Christo Senhornosso, que nascêra em outra como aquella, e que esta era a maior consolação, que lhe ficava. Entrados em o serviço dos enfermos, assim elle, como seu companheiro, com tanto fervor se occupavão naquelle ministerio, a huns administrando os Sacramentos, e dando remedio para a alma, a outros ajudando-lhes a curar as feridas, e distribuindo-lhes as cousas necessarias para o corpo, e com tão pouco resguardo de suas pessoas, que parecia buscavão a morte de proposito. Não tardou muito que

que não fossem feridos', e como assim se sentio o servo de Deos Fr. Diogo, foi-se por todas as cabanas visitando os enfermos, repartindo-lhes quantos doces lhe havião mandado as pessoas devotas para a Casa da Saude, porque não quiz que lhe ficasse couza alguma, em que pudesse ter regalo em sua necessidade.

6 Era o dia, em que aconteceu ferir-se, quarta feira da semana santa, à quinta feira da Cea recebeo o Santissimo Sacramento da mão de hum Religioso Padre da Companhia, que andava servindo no mesmo ministerio. Ao sabbado esteve todo o dia fallando com huma Imagem de nossa Senhora entre si, com rosto mui risinho, fereno, e alegre, e ao dia da Pascoa pela manhã repousou em o Senhor, deixando aos presentes mui edificados, e com grande conceito de sua santidade. Antes de morrer chegou a elle hum ferido da peste com trez inchaços mortaes, e lhe pedio sua benção, e que fizesse nelle o final da Cruz, o que o servo de Deos fez importunado, e o enfermo se achou ao outro dia são de todo. Ferindo-se tambem de peste hum daquelles enterradores, que alli andavão, se foi com muitas lagrymas ao lugar de sua sepultura, dizendo a gran-

des vozes: *Padre santo, vós me haveis de dar saude.* Não bradou em vão, como os Sacerdotes de Baal, quando offerecião o sacrificio, porque conforme sua fé, e devoção lhe succedeo: farou logo, e continuou com o officio, que tinha, e viveo depois disto muitos annos. Foi a morte deste santo Religioso aos onze de Abril de 1599. Está seu corpo sepultado junto ao primeiro degráo do alpendre da dita Ermida de S. Sebastião; na sua sepultura, e na de Frei Francisco, seu companheiro, forão postas duas campas de pedra com seus epitafios por ordem dos Religiosos Padres da Companhia de Jesus do Collegio da mesma Cidade de Coimbra. Outras duas campas mandarão pôr sobre as sepulturas de dous Padres seus, que no mesmo ministerio acabárão santamente a vida.

CAPITULO XXXVI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Ourem.

I **H**E Ourem huma Villa, e Condado dos Estados do Duque de Bragança no Bispado de Leiria: está situada em hum outeiro alto, cuja subida por todas as partes he difficultosa. Na meia ladeira deste outeiro, para

1600

ra a parte do norte, fica o nosso Convento, não mui longe do povo, em hum sitio de bons ares, fresco, e ladio; tem competente cerca, bom pomar, e horta, o que tudo se rega com agua de huma copiosa fonte, que dentro na cerca fica. Outra vem de fóra por canos, e entrando secretamente por dentro do Convento, vai à cozinha, e lavatorio, onde com pouco trabalho os Frades de serviço se aproveitão della. Os meios, por onde se veio a edificar este Convento, parecem mais ordenados pela providencia Divina, que fundados em saber, e poder humano; porque não se moveo primeiramente a pedillo algum Principe, Senhor, Communidade, ou República, nem tão pouco os Religiosos o procurarão de algum delles; mas o Senhor, que com fracos, e humildes meios acaba grandes cousas, moveo os corações de huns homens humildes, e pouco poderosos, para que emprendessem esta obra.

2 Ha na Igreja principal desta terra (que he das Collegiadas do Reino) huma antiga Confraria do Bemaventurado Santo Antonio, a qual, segundo a ordem do seu Compromisso, excluindo aos homens principaes, tinha por estatuto, que nella não pudessem servir de

Mordomos, senão os mecanicos, e gente commua do povo, e freguezia. A estes Mordomos, menos poderosos, e validos na terra, moveo Deos os corações, para que intentassem fazer nella hum Convento de Religiosos da invocação do mesmo Santo, offerecendo-se a edificarlo com os redditos, e esmolas, que tinham da Confraria, e outras, que de novo procurarião para a obra; mas achárão grande repugnancia, e contradição em nossos Frades, para o haverem de aceitar; porque sendo aquelle povo pequeno, temião não se poder alli sustentar competente numero delles, sem grande oppressão dos seculares, e sem haver muitos discursos, em ir buscar fóra da Villa as cousas necessarias à sustentação, inconveniente, que os antigos Padres desta Provincia procurarão sempre evitar. Entendendo isto os Mordomos, valerão-se do Duque D. Theodosio, segundo do nome, pedindo-lhe por mercê quizesse fazer com os nossos Frades que accettassem o Convento, que lhes offerecião naquella terra de S. Excellencia. Para quem, como fossem necessarios poucos rogos em cousas, que pertencião ao augmento desta sua Provincia, e se lhe dava nova occasião de mostrar o amor, e afeição, que

que tinha aos Religiosos della, fez-lhe a saber que levaria gosto em que aceitassem alli Casa.

3 Houve no caso diversos, e contrarios pareceres de muitos Frades velhos, e graves, a que não parecia cousa conveniente, tanto, que determinando o Ministro Provincial Frei Estevão de Campo-maior, e Definidores na Congregação, que tiverão em o Convento de Santo Antonio de Evora dia da Epifania do anno do Senhor 1597. que fosse recebida, houve ainda depois disto tantas replicas, e objecções dos que não approvavão por boa tal recepção, que foi necessario deixar-se a resolução do negocio para o Capitulo seguinte, onde poria em votos da Comunidade, a qual geralmente se praticava, que o não daria para este effeito. Chegado o Capitulo, que se celebrou no anno de 1598. o ultimo dia do mez de Maio, no mesmo Convento de Evora, e sahio eleito nelle em Ministro Provincial Fr. Jorge de Goa, vendo os Religiosos alli congregados a vontade de Sua Excellencia, e o gosto, que receberia em aceitar aquelle Convento, segundo constava das instancias, que sobre isso fazia; e considerando a obrigação, que tinham de lhe não faltarem a este em todo o

possivel, e que recebendo-o por ordem, e mandamento seu, cessavão os maiores inconvenientes, que se temião; pois mandar este Principe que aceitassem a tal Casa por seu amor, e serviço, era huma tacita obrigação, que fazia de acudir aos Frades ahi moradores com o remedio das necessidades, em que se vissem, como o fez sempre em as mais Casas, que tinha em suas terras, e faz ainda hoje com todo o cuidado esta Serenissima Casa, derão finalmente, ordenando-o Deos assim, seu consentimento, e foi aceita por votos da Comunidade Capitular.

4 Para se fazer a obra, a primeira esmola, que houve, foi a de humas computações, que o Duque havia de dar ao povo, das crescenças das medidas, as quaes os Mordomos pedirão aos freguezes, que todos derão o que lhes cabia, e veio a montar tudo mais de quatrocentos mil reis. Outras muitas mercês fez sempre Sua Excellencia pelo decurso da obra, e deixou se fizessem, como se fazem, todos os annos, para o sustento dos Religiosos moradores nesta Casa. Comprou-se o sitio, que sendo de diversos possuidores, alguns derão de graça o que lhes cabia, outros pedirão que lhe satisfizessem parte, outros finalmente tudo, e fez isto

isto de custo duzentos e quarenta mil reis. Deitou a primeira pedra neste edificio o Senhor D. Philippe, irmão do Duque, no mez de Outubro do anno de 1600. e a vinte e oito de Abril de 1602. estando já feita a Capella Mór, se disse a primeira Missa, e fez solemnidade de Dedicação da Igreja. Continuou-se a obra, e proseguio-se até o fim, principalmente com esmolas do povo, procuradas pelos Mordomos, que pelo tempo na sobredita Confraria succedião. Os quaes forão continuos em as obras, trazendo carros, e gente de serviço necessaria, que convocação para ellas, e fizerão tanto com sua boa industria, como puderão fazer grandes Senhores com sua bolsa. Ajudarão também muito os Reverendos Conegos, e Cabido daquella Igreja com suas esmolas, que ainda hoje fazem aos Religiosos daquelle Convento. Mostrou Deos em diversos casos milagrosos, quão aceita lhe era a fundação daquella Casa; mas como todos estes cahião em a pessoa de Fr. Thomaz de Santarem, Frade leigo, que assistia às obras, referillos-hemos quando historiarmos sua vida.

CAPITULO XXXVII.

Do vigesimo-oitavo Ministro Provincial, e de hum Religioso de approvada vida, que floreceo em seu tempo.

COm satisfação de todos, e universal applauso cumprio Fr. Jorge de Goa o triennio de seu governo; no fim do qual celebrou Capitulo Provincial em Santo Antonio de Evora aos vinte dias do mez de Maio do anno de 1601. Fez os gastos delle o tantas vezes nomeado Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança, e foi o ultimo dos muitos que fez, porque succedeo pouco depois sua morte em a Corte de Valhadolid. Sahio eleito neste Capitulo em Ministro Provincial Fr. João de Elvas, e foi em numero o vigesimo-oitavo dos que a Provincia teve. Para Definidores se fez eleição de Fr. Jorge de Ourem, Fr. Luiz de Beja, Fr. Sebastião de Amarante, e Frei João do Porto, que depois foi Provincial, como ao diante veremos. Não se achárão em este Capitulo os Discretos das Casas, como até alli se costumava, mas sómente os Guardiães, e Definidores, porque entre outras cousas, que se tinham ordenado em o Capitulo Geral de Roma do anno de mil e seis-

feiscentos, foi huma, que dalli em diante se não elegendem Discretos dos Conventos para os Capitulos Provinciaes.

2 Em a nova eleição do nosso Ministro presidio o Reverendissimo Padre Geral Frei Francisco de Sousa: reueo este os Estatutos da Provincia, como se tinha feito aos Geraes em o sobredito Capitulo de Roma. Nenhuma cousa innovou nelles, excepto algumas poucas tocantes ao governo, antes ficou tão satisfeito da vida commua da Provincia, e dos Estatutos della, que por huma Patente sua, dada em Villa-Viçosa depois da expedição do Capitulo de Evora, encommendava muito ao Provincial procurasse com grande cuidado conservar a Provincia em seus louvaveis costumes, expressando na Patente alguns, que lhe pareceo. Tratou-se neste Capitulo de se mudar a Casa de Abrantes para a Fonte do Ouro, como fica dito, escrevendo daquella Casa, porque as importunas enfermidades, que nelle os Frades padecião continuamente, estavam pedindo compaixão. O mesmo se determinou da Casa da Piedade pelo mesmo respeito; e assim em huma, como em outra foi a terceira edificação, como daquella vimos em seu lugar, e desta veremos, quando

chegarmos ao tempo, em que se começou a obra. Expedido o Provincial da celebração do Capitulo, e mais acções Capitulares, entendeu seu zelo no governo da Provincia, e a seu tempo, que foi no anno de 1602. fez sua Congregação, em que presidio no mesmo Convento de Evora pelas Estigmatas de nosso Padre.

3 Em seu triennio, e no mesmo anno de sua eleição, acabou santamente a vida em o Convento de Santo Antonio de Aveiro hum Religioso, chamado Fr. Francisco de Coimbra o Foreiro. Foi de notavel oração: para vacar a esta, se levantava às onze horas da noite, e dahi até que pelas doze tocavão a Matinas, estava orando: depois dellas ficava no mesmo exercicio até junto da alva; e quando tangião ao Pelde, se recolhia hum pouco até a Prima. Depois de rezada esta, ficava outra vez em o Coro, até que hia dizer Missa, que celebrava com tanta devoção, e espirito, como prevenida com huma preparação tão dilatada. Este exercicio guardou infallivelmente por toda a vida, salvo que algumas vezes o accrescentava, porque algumas noites gastava todas vigiando. Huma destas, assistindo com elle no mesmo exercicio outro grande servo de Deos Fr. Francisco de

Fr. Francisco de
Coimbra
o Foreiro,
Sacerdote.

Espozende , cuja vida escreveremos diffusamente , parecendo-lhe que Frei Francisco de Coimbra tinha necessidade de ir tomar algum repouso , porque além de achacado , era mui grande a vigia de huma noite sobre a maior parte de tantas , lhe pedio , compadecendo-se delle , quizesse ir tomar à cella algum repouso. A isto respondeu o servo de Deos , que já que não dormira antes de Matinas , não havia de dormir depois dellas , e assim ficou continuando até pela manhã em seu exercicio.

4 Com muito fundamento podemos crer receberia grandes mimos de Deos na oração , quem nella era tão continuo ; estes nos encubrio o tempo , ajudado do descuido commum de nossos Religiosos , e do cuidadoso recato deste servo de Deos. Sendo de idade de oitenta annos , e estando tão cego , que não podia ler , e por isso escuso já pelos Prelados de rezar o Officio Divino , que lhe commutárão em o Officio dos leigos , nem por isso deixava de ir ao Coro ouvir os outros , e dizer com elles o que sabia de memoria. Se alguma cousa faltava do Officio Divino , ou por não ouvir , ou por não chegar a tempo , pedia aos Frades que rezassem outra vez com elle , o que fazião de boamen-

te , pela grande consolação , que vião receber o santo velho. Nunca depois de Religioso comeo mais que huma vez no dia , e essa ao jantar com tanta moderação , que se admiravão os Religiosos poder seu debilitado corpo com a rigorosa carga de penitencias , que lhe punha. Esta moderada refeição , que tomava , havia de ser sempre no Refeitório em Communidade , em nenhuma maneira queria comer fóra della , tanto , que dando-lhe hum Commissário licença , para que lhe trouxessem o jantar à cella , respeitando o quanto lhe custava descer ao Refeitório , por sua muita velhice , e achaques , elle a não quiz aceitar , dizendo que sempre havia de vir à Communidade , por maior trabalho que sentisse.

5 Tinha odio particular ao vicio da ociosidade , e assim nunca deixava de se occupar em alguma cousa o tempo , que lhe restava de seus espirituaes exercicios. Foi notavelmente recatado em suas palavras , nunca se lhe ouvio alguma , que tivesse apparencia de ociosa , e menos que cheirasse a murmuração : sómente sahião de sua boca as precisamente necessarias. Sua paciencia foi espantoso , porque chegando a estado , que tinha o corpo todo feito huma chaga viva , não se lhe ou-

ouvio a menor queixa. Na caridade, que em sentença de S. Bernardo he medida, a por onde se conhece a grandeza da alma, foi estremado; a nenhum trabalho perdoou, se com elle podia soccorrer a seu proximo: era notavel a compaixão, que mostrava em qualquer penalidade, que padecião. Foi grandemente humilde: o seu trato era com os pequenos, e pobres, a quem fallava de Deos: queria mais obedecer, que mandar: por cuja causa querendo-o os Prelados por algumas vezes fazer Guardião, sempre se excusou com tanta humildade, que nunca foi possivel acabar com elle aceitalse nem ainda o ser Presidente. Gastada a vida toda, que forão oitenta annos de idade, e de habito sincoenta, nestas, e outras muitas virtudes, de que foi dotado, passou em paz ao Senhor no sobredito Convento de Aveiro. Quando se abriu a sepultura para o enterrarem, foi achado inteiro o corpo do servo de Deos Frei Antonio de Abrantes, havendo já vinte e seis annos, pouco mais, ou menos, que alli fora enterrado, como dissemos escrevendo sua vida.

CAPITULO XXXVIII.

De D. Fr. Francisco de Villanova Bispo de S. Thomé.

I E Ma Costa de Africa, debaixo da Equinocial, e por isso clima nocivo, fica a Ilha de S. Thomé, sessenta leguas distante da terra firme, de cuja Igreja foi o sétimo Prelado D. Fr. Francisco de Villanova de Portimão no Reino do Algarve, filho desta nossa Provincia da Piedade. Foi eleito por Filippe o Prudente no anno de 1590. o que elle aceitou com grande alvoroço, porque sabia que as rendas, que daqui havia de tirar, erão muitos trabalhos, e molestias continuas, que lhe fazia estimar o zelo, que tinha da salvação das almas. Sagrado em Lisboa, partio logo para aquella Ilha, onde a dignidade lhe não tirou os humildes exercicios, que na Provincia tinha aprendido, e observado. Foi incansavel o desvelo, com que trabalhou na conversão dos Gentes, e assim se propagou mysteriosamente a Fé por seu meio naquellas partes, reduzindo infinidade delles ao gremio da Igreja, a quem elle proprio baptizava, supposto não faltavão já em seu tempo obreiros Evangelicos para este ministerio naquellas Ilhas.

2 Obrou tanto nesta materia sua boa diligencia , ajudada da Divina graça , que não tendo mais de sete annos daquella Ilha , nestes dilatou-se a Christandade de maneira , que foi necessario desmembrar a Igreja de Congo da de São Thomé , a quem havia muitos annos estava sujeita , porque não era possivel hum só Prelado poder acudir a tanto. Eri-gio-se novo Bispado em Bemba (Cidade chamada S. Salvador) na pessoa de D. Frei Miguel Rangel , tambem Capucho da Religiosa Provincia de Santo Antonio , à instancia do mesmo Filippe , pelo Papa Clemente VIII. a treze de Junho do anno de 1597. Vendose D. Fr. Francisco de Villanova livre de acudir ao dilatado Reino de Congo , applicou todo o cuidado ; que antes trazia repartido , à sua Ilha de São Thomé , e às mais vizinhas , que não foi para descansar aquella nova erecção , foi para mais se augmentar a nossa Santa Fé naquellas terras.

4 Sobre negocios tocantes à sua Igreja , e conversão dos Gentios lhe foi necessario vir à Corte deste Reino : nesta andou sempre a pé , e com pouco acompanhamento , e sem mais calçado , que as sandalias , de que nos obriga usar a necessidade , quando fazemos jor-

nadas , nem elle depois de Bis-pou usou de outro. Persuadião-o certos Cortezãos , que andasse em outra fórma , porque aquella não era conveniente (dizião elles) à dignidade que tinha. Respondeo o santo Prelado , que se não era conforme à dignidade de Bispo o andar daquella maneira , era mui ajustado à vida Apostolica , que professára. Ordenados na fórma que pode os negocios , que à Corte o trouxerão , se voltou à sua Igreja , onde foi continuando seu zelo no antigo fervor da conversão das almas , até que Deos o chamou para receber o premio de seus trabalhos , no anno de 1602. havendo doze annos que tinha o governo daquella Igreja , que administrou com grande exemplo , e satisfação de todos. Succedeo-lhe no Bispado Dom Fr. Antonio Valente , Religioso do Patriarca São Domingos , sujeito de muita virtude , e letras.

4 Acompanharão a Dom Fr. Francisco de Villanova alguns Religiosos mais desta Provincia , e lá acabárão ditosamente seus dias na pregação do Santo Euangelho. Muitos annos antes , à instancia de ElRei D. João o III. Frei João de Sevilha , grande Letrado , e de igual virtude , especialmente dotado de humaprofunda

funda humildade, Fr. Antonio de Coimbra, Sacerdote, de mui excellente contemplação, e outros Frades desta Provincia passarão ao Reino de Congo prégar aos negros, onde depois de com muito trabalho ganharem muitas almas para Deos, acabarão neste santo exercicio. Dos successos, e cousas particulares dos quaes, e de muitos outros, que em diversas partes do mundo fizeram muitos serviços a nosso Senhor, trabalhando na conversão das almas, ou reformação de costumes, resplandecendo com virtudes, e exemplo de vida, não he muito que (pela pouca curiosidade, que sempre tiverão nossos Frades de as inquirir, notar, e escrever) tenhamos pouca noticia, pois ainda de muitos, que acabarão na mesma Provincia com fama de santidade, se contentarão os que puzerão em memoria por escrito as cousas daquelles tempos, ou perguntados derão seu testemunho, com dizerem delles, que se signalarão muito em virtudes, e resplandecerão em santidade, sem individua-rem cousa alguma de suas vidas; como se as obras, que fizeram, sem serem escritas, houvessem de ser manifestas, e sabidas dos futuros, como erão dos que nelles então fal- lavão, por havellos tratado, e

conhecido, ou a memoria del- las estar ainda em fresco, por haver pouco que tinham fale- cido.

CAPITULO XXXIX.

Translação do Veneravel servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, e milagres, que o Senhor obrou nella.

I **D**Os Juizes rectos, e virtuosos de Is- rael diz a Divina Escritura que seus ossos brotarão ^a como flores, não porque em a rea- ^{Ecc1. c. 46. num. 14} lidade florecessem, ou se vilsse nelles algum prodigio mais que natural, senão porque em a veneração delles se conservava o suave cheiro da fama daquellas almas, de cujos corpos fo- rão parte. Com maiores demon- strações honrou Deos os ossos trasladados do santo Frei Antonio de Nebrixa; pois além da honra, que lhes fez a pie- dade Christã, mostrou a Ma- gestade Divina nos muitos pro- digios, que obrou, os mereci- mentos deste seu grande servo: querendo assim que tornasse a reflorece na memoria. Como pois obrava Deos nosso Senhor continuas maravilhas por meio da terra da sepultura, seu fiel servo, esta veio a ser a au- sa de seus ossos serem trans- dados a outro lugar, por mu- pa-

parecia coufa decente, que quem o Senhor com tantos milagres honrava em o mundo, fosse collocado em alguma parte, onde estivesse com mais reverencia, e veneração. E assim no anno de 1602. sendo Ministro Provincial Fr. João de Elvas, à instancia do Bispo do Algarve Dom Fernão Martins Mascarenhas, particular devoto deste santo Religioso, forão seus ossos tirados da primeira sepultura, onde havião estado vinte e dous annos, e mettidos em huma caixa de madeira, a puzerão na parede do mesmo panno da claustra junto ao Capitulo, onde estava sua primeira sepultura. Na parede ficou fazendo face huma pedra, onde se lê cujos são aquelles ossos, e o anno, que alli forão collocados.

2 Assistio a esta piedosa acção o sobredito Bispo, Ministro Provincial, e outras pessoas de authoridade, celebrando-a todos com devota, e luzida solemnidade. Alguns dos ossos mais pequenos tomárão por Reliquias os Religiosos, que estavão presentes, e o devoto Bispo houve para si hum em grande estima. Outros se derão a algumas pessoas nobres, e devotas, que com devoção os guardarão, e com importunação os alcançarão, que os transferirão com grande reve-

rencia, e veneração, engastados em ouro, e prata. Como com esta translação se avivasse a devoção, que os moradores de Loulé tinhão a este servo de Deos, tambem se avivárão as maravilhas: por este respeito no anno de 1606. por authoridade do sobredito Bispo, se fez dellas nova inquirição em fórma de Direito. Depois no anno de quarenta, por não parecer esta no Arquivo do Bispado daquelle Reino, onde se guardava com outra, que se tinha tirado primeiro no anno de 1583. (ainda que ao depois huma, e outra pareceo, e as temos hoje ambas em nossa mão,) foi forçoso tirar outro Instrumento, para que se não perdesse a memoria deste santo Religioso. Começou-se esta terceira a veriguação a quatorze de Maio do sobredito anno, a petição do irmão Fr. Antão de Guimarães, Ministro Provincial, com authoridade do Bispo do Algarve D. Francisco Barreto, que como tão devoto de nossos Frades, assistio pessoalmente aos testemunhos dos que jurárão. Dos muitos milagres, que Deos nosso Senhor obrou depois da translação do santo Fr. Antonio, e se authenticárão, referiremos alguns poucos, porque todos fora coufa mui prolixa, pois só no dia, que foi trasladado obrou sessenta.

3 A primeira pessoa, que neste dia deo principio aos milagres, foi hum Religioso leigo, chamado Fr. Manoel de Elvas, que então estava morador no sobredito Convento de Loulé; o qual achando-se presente à translação do santo Fr. Antonio, tomou hum osso del-le, e o poz sobre a carne de hum braço, que tinha doente de corrimentos, e frialdade, de tal maneira, que padecia graves dores, e não podia tomar algum pezo: ao contacto ficou logo são, e nunca mais sentio differença de hum braço a outro para qualquer pezo, ou trabalho que fosse. A fama deste milagre acudio infinidade de enfermos da Villa de Loulé ao Convento, pedindo aos Frades Reliquias, e ao servo de Deos favor em seus trabalhos, e os mais delles cobrãrão a desejada faude. Os que se não pudérão achar à sua translação, mandavão ao Convento buscar terra da sepultura, onde o servo de Deos estivera enterrado. Assim o fez Gaspar da Silva Lavrador, e morador no Lugar de Paderne, o qual estando doente de humas importunas cezões, que havia muito tempo que o molestavão, indo-o visitar hum Bartholomeu Netto, do mesmo Lugar, lhe disse, que se queria farar daquella enfermi-

dade, mandasse buscar à Villa de Loulé huma pouca de terra da sepultura do santo Fr. Antonio, e que a bebesse em hum copo de agua. Mandou-a buscar o enfermo, e no mesmo ponto, que o tomou, se lhe despedirão as cezões, sem que lhe tornasse mais alguma. Com o beneficio recebido cresceu mais no enfermo a fé, e devoção aos merecimentos deste servo de Deos: e assim passados alguns annos, adoecendo de humma febre maligna, que o poz no ultimo da vida, mandando buscar da mesma terra, e tomando-a na maneira sobredita, ficou livre do perigo, e convaleceo brevemente.

4 Manoel Machado morador em Valtilheiros, freguezia da Villa de Loulé, tendo huma filha por nome Catharina doente de cezões havia alguns mezes, estando a enferma com o frio, lhe deo a beber o pai em hum vaso de agua a mesma terra, com que se lhe forão de todo as cezões, e ficou perfeitamente sã. Maria de Campos, mulher de Manoel Carvalho Almocreve, moradores na Villa de Loulé, estando trez dias de parto, e tão apertada, que por momentos esperava a morte, tanto que tomou a terra da sepultura deste servo de Deos, no mesmo instante pario com muita facilidade. Suzana Bentes, mu-

lher

Iher de Pero Canellas , ambos naturaes de Villa-nova , houve hum osso dos do santo Fr. Antonio de Nebrixa em sua translação , por meio de hum seu filho , Frade da nossa Provincia , chamado Fr. Sebastião de Villa-nova ; e como hum a vez se visse mui attribulada de hum osso , que se lhe atravessou em a garganta , lembrando-se da Reliquia , que tinha , a lançou ao pescoço , invocando o favor deste servo de Deos , e pedindo aos de sua casa a ajudassem a rogar ao santo Religioso que a livrasse daquelle perigo , foi cousa maravilhosa , que apenas lançou a Reliquia , e fez sua deprecação subitamente lançou o osso fóra , e ficou livre. Com a mesma Reliquia sararão por distinctas vezes trez filhas da dita Suzana Bentes de diversas enfermidades , como tambem ella por outra vez de hum accidente de colica , que a tinha posto em grande aperto.

5 Em o nosso Convento de Santo Antonio de Estremoz morava pelo tempo da translação deste servo de Deos hum Religioso chamado Fr. João de Alcarapinha , que estando esperando que o mudassem daquelle Convento , por ser em occasião de Capitulo , lhe derão humas febres tão rijas , que de todo o impossibilitarão de poder fazer a pé jornada. Ven-

do-se nestes termos , fez esta deprecação ao servo de Deos , como que fallava com elle : *Santo Fr. Antonio , de algumas vezes , que fui vosso companheiro , alcancei de vós , quão contrario fostes de andar a cavallo , o que eu tambem queria observar ; por vossos merecimentos vos peço , e pela fé , que nelles sempre tive , que se for vontade desse Senhor , a quem vós servistes com tanta fidelidade , que eu desta enfermidade tenha saude , que vós alcanceis delle , para que eu possa cumprir com ella o que me ordenar a obediencia.* Feita a a súpplica , não lhe deo mais ceção alguma , e celebrado o Capitulo , fez a jornada já são perfeitamente. Julgamos escusado amontoar aqui tantos milagres , quantos pudemos escrever , principalmente os que obrou na Villa de Loulé , venturoso deposito de suas veneraveis Reliquias , porque naquella Villa os tem bem na memoria , ficando de avós a netos. Sómente advertirei hum continuo milagre , que se vê em sua sepultura , dando por testemunho a todo o Reino do Algarve , e he , que havendo já oitenta e dous annos (tantos são do em que foi trasladado até o presente) que tirão ordinariamente terra della , nunca se vio que minguaſse , antes persevera sempre na mesma fórma.

CAPITULO XL.

Do vigesimo-nono Ministro Provincial, que esta Provincia teve.

POr ausencia do Reverendissimo Padre Geral Fr. Francisco de Sousa, que tinha partido de Hespanha para Italia a eleger Commissario Geral da Familia Ultramontana, por morte do que sahira eleito em Capitulo, ficou por Commissario sobre as Provincias da Cismontana o Padre Fr. Pedro Goncalves de Mendoga, que havia sido Provincial da Provincia de Castella, e Commissario Visitador da de Sant-Iago. A este Padre, como a Prelado, avisou o nosso Ministro Provincial Fr. João de Elvas no fim de seu triennio, como he costume, para a celebração do Capitulo, e eleição do novo Ministro. Destinou elle para este effeito o nosso Convento de S. Francisco de Elvas, onde de sua ordem se congregarão os Vogaes; e presidindo o sobredito Padre Commissario, sahio eleito em doze de Junho, dia da Santissima Trindade do anno de 1604. Fr. Simão de Aveiro, Prégador, e Mestre em Sagrada Theologia, e foi em numero dos que a Provincia teve, o

Ministro vinte e nove. Sahirão por Definidores Fr. Pedro de Guimarães, Fr. Jorge de Goa, Fr. Estevão de Campo-maior, Fr. João da Guarda, Prégador, e por Custodio Fr. Pedro de Penalva. Fez os gastos deste Capitulo com muita devoção, e abundancia Rui Gomes de Azevedo, e Dona Margarida sua mulher, fidalgos principaes daquella Cidade, e particulares bemfeitores da nossa Provincia.

2 Celebrou este Ministro sua Congregação na *Dominica in Passione*, doze dias de Março do anno de 1606. em que presidio o Padre Fr. André de Placencia, que havia sido Provincial da Provincia de S. Gabriel, e por commissão do Reverendissimo Padre Geral Frei Francisco de Sousa veio presidir a todos os Capitulos, e Congregações ^a das Provincias deste Reino. Tinha sido Frei Simão de Aveiro alguns annos Custodio na Provincia, e depois sendo Guardião actual do Convento de Santo Antonio de Evora, por commissão do Commissario Geral da Familia Frei Mattheus de Burgos foi Visitador da Provincia de S. Gabriel, e presidio em seu Capitulo anno 1596. No tempo de seu Custodiato foi a Roma a hum Capitulo Geral, que nella se celebrou em o de 1600. ef-

^a Chron. da
Prov. de
S. Gabr.
l. 3. c. 18.

teve lá dous annos , por se dilatar o Capitulo , a respeito de que estando já os Vogaes congregados , mandou o Summo Pontifice ao Geral por Legado seu a França , com que foi forçoso retardar o Capitulo. Em todo este tempo , que Fr. Simão esteve em Roma , deo sempre tão bom exemplo de sua pessoa , que até o Summo Pontifice , que por esta causa o conhecia , ficou delle muito edificado. Huma vez (dizem) que foi ao Convento de *Ara-Caeli* , onde Fr. Simão estava hospedado , e sem fazer final algum à porta da cella , entrou dentro , porque era este o seu costume , para tomar de repente os Religiosos , e ver em que se occupavão. Entrou pois na cella de Fr. Simão , vio que estava em tunica , despido o habito , e perguntando-lhe que fazia , respondeo elle : *Beatissimo Padre , faço o que meu Padre S. Francisco diz na Regra , isto he , que possa cada hum com a benção do Senhor remendar o habito de sacco , e de outras peças*. Festejou o Summo Pontifice a occupação , e a resposta , e despedindo-se delle , foi dizendo : *Taes como este houverão de ser todos os filhos de S. Francisco*.

3 Não sómente da virtude de Fr. Simão estava o Pontifice satisfeito , senão que de suas

letras tinha tão boa opinião , que lhe chamava o Mestre Simão quando o nomeava. Antes que viesse de Roma impetrou deste Summo Pontifice , ^{Hab in A Prov} que era Clemente VIII. dous Breves^b para a Provincia : o primeiro foi expedido em oito de Novembro do anno de 1600. nono de seu Pontificado , que começa : *Militantis Ecclesiae regimini* , &c. Nelle concede o Summo Pontifice , que só o Padre Geral , e Commissario Geral eleito , segundo a Bulla da união , e não outro Commissario Geral , ou especial da Observancia , possa visitar a Provincia , e presidir em seus Capitulos , nem exercitar nella outra alguma jurisdicção , mais que os dous sobreditos Prelados Geraes , em sua ausencia , deputarão para cumprimento deste ministerio Commissarios sempre das Provincias Descalças. Outros indultos concede nelle o Summo Pontifice , tocantes ao bom governo da Provincia. Sobre este Breve fez huma exposição doutissima o Padre Fr. Manoel Rodrigues nosso Lusitano , bem conhecido por seus escritos , consultado pelo Ministro Provincial desta Provincia , que então era Frei João de Elvas , a qual se guarda no Arquivo com o Breve , e Carta sua , escrita em Salamanca o primeiro de Janeiro de

de 1603. No outro Breve, que impetrou Fr. Simão de Aveiro, concedeo o Summo Pontifice, que nenhum Prelado dos Superiores possa obrigar aos Frades desta Provincia a terem estudos.

4 No mesmo anno de sua eleição, e poucos mezes depois della, sem que visitasse Casa alguma da Provincia, partio Fr. Simão de Aveiro para Valhadolid, Corte então dos Reis de Castella, onde se congregarão todos os Padres das Provincias Descalças de Hespanha. A causa desta Junta foi renovar-se a pertença, que no anno de 1595. tiverão dous Religiosos graves da Provincia de S. José, chamados Frei José de Santa Maria, Provincial actual, e Fr. João de Santa Maria, que já o tinha sido. Procurarão estes Padres se lhes desse por concessão Apostolica às Provincias Descalças de Hespanha hum Vigario Geral, que com plenaria authoridade as governasse, independente do Ministro Geral da Ordem, e só em trez, ou quatro cousas a elle sujeito. Não teve effeito o pretendido, porque se lhe oppoz o Commissario Geral desta Familia, Fr. Mattheus de Burgos, persuadindo a Philippe II. que a nova eleição deste Prelado seria de grande prejuizo à Religião. Depois no

anno de 1604. morto Fr. Jolé de Santa Maria, resuscitáráo a mesma pertença o sobredito Fr. João de Santa Maria com outros Religiosos graves das Provincias de S. João Baptista, e de São Paulo, patrocinados do Marquez de Denia, Duque de Lerma, privado de Philippe III. e grande afeiçoado à Descalcez.

5 Em cumprimento disto passou o Summo Pontifice Clemente VIII. hum Breve, dirigido ao Nuncio de Hespanha, Dominico Gymnasio, Arcebispo Sipontino, expedido em Roma a seis de Junho de 1604. Começa: *Exposcit debium Pastoralis officii*, &c. Neste lhes concedia o novo Prelado, na fórma, que os Descalços lhe pedião; se o tal Superior parecesse conveniente à maior parte dos Padres das ditas Provincias Descalças. Para cujo effeito se congregarão (como dispunha o Breve) em Valhadolid, no Convento de S. Diogo da Provincia de S. Paulo, todos os Provinciaes, os Padres que o havião sido, e os Custodios das sete Provincias reformadas, aos vinte e oito de Setembro de 1604. Da nossa Provincia da Piedade foi o Provincial Fr. Simão de Aveiro, a quem acompanháráo Fr. Estevão de Campo-maior, Fr. Jorge de Goa, Fr. João de Elvas,

Padres , que o havião sido , e Fr. Pedro de Penalva Custodio. No dia signalado foi o Nuncio ao Convento de S. Diogo , onde congregados todos os Vogaes , mandou ler o Breve original de Sua Santidade , conforme o teor do qual lhes propoz , e mandou ante todas as cousas , que votassem , se lhes parecia , e querião que houvesse , e se elegesse Vigario Geral , que fosse Cabeça , e Superior das Provincias de sua Descalcez.

6 Erão os Vogaes vinte e nove , e havendo todos dado seu voto , publicou o Nuncio o numero delles de huma , e outra parte , dizendo que os doze tinhão votado que houvesse Vigario Geral , e que os demais , que erão dezelete , erão de contrario parecer. Conforme isto declarou logo , que se não devia , nem podia proceder à eleição de Vigario Geral , pois nem todos os votos , nem a maior parte delles tinhão convido em que o houvesse : com o qual se dissolveo aquella Congregação , e recolhendo-se os Religiosos della para as suas Provincias , ficarão as cousas como de antes estavam. Entendeo Fr. Simão no governo da Provincia , e procedeo tão santa , e prudentemente nelle , e em tudo o mais , que lhe encommendarão , que

a Magestade de Philippe II. dos de Portugal , informado de suas letras , e virtudes , depois de haver sido Provincial , no anno de 1627. o proveo no Bispado de Lamego. Porém foi Deos servido dar-lhe outra melhor Prêlazia , antes que elle soubesse desta , pois antes de chegar a nova à sua noticia , morreo em Santo Antonio dos Olivaeas de Coimbra cheio de merecimentos , e virtudes.

CAPITULO XLI.

Fundação do Convento de Santo Antonio da Villa do Redondo, e de hum Religioso deste tempo digno de memoria.

I **D**Esejava grandemente o Conde do Redondo D. João Coutinho , que fizessem nossos Frades naquella sua terra hum Convento ; e como muitas vezes para este effeito fizesse petição aos Ministros Provinciaes , e outros Religiosos graves , e Padres da Provincia , achou-os sempre contrarios a seu desejo , porque não só lhe não aceitavão a offerta , mas nem ainda lhe davão esperança de a virem algum dia a receber. Fundavão-se elles em alguns inconvenientes , que havia para se edificar em aquella terra , assim por
fer

fer pequena, como por não fer a gente della muito rica, de que os Frades colligião, que nem o Convento se podia fazer, senão com muita difficuldade; e dado caso que chegasse a estar feito, não se poderiam commodamente sustentar os moradores delle, sem muitos discursos em procurar as esmolas; cousa, que prejudicava muito ao recolhimento, que professavão. Vendo o Conde que com os Prelados maiores, e Padres da Provincia não podia acabar cousa alguma para cumprimento de seu desejo, foi à Cidade de Evora a tempo, que nella estavam os Vogaes celebrando o Capitulo, em que sahio eleito por Ministro Provincial Fr. João de Elvas. Fallou o Conde pessoalmente com alguns delles a fim de os afeiçoar a seu intento; porém achando todos de parecer contrario, valeo-se do Arcebispo D. Theotónio, como tão familiar da Provincia: mas pode tão pouco neste particular, que lhe responderão todos o que ao Conde tinham respondido. Não desistirão elles de sua pertença, nem tambem se derão por aggravados, porque entendião que havia de nossa parte bastantes fundamentos. Porém Deos, que ordenava todas aquellas cousas a seu serviço, descobri-lhes hum meio mais facil de to-

dos, e foi, que falláião ambos com o Geral da Ordem Frei Francisco de Sousa, que no Capitulo presidia, e lhe pedirão quizesse usar naquella occasião de todos seus poderes, mandando por obediencia aos Frades, que estavam em Capitulo, aceitassem aquella Casa, que se lhes fazia. Assim o fez o Padre Geral, porque de seu poder absoluto, sem pedir parecer aos Vogaes, mandou por tanta obediencia ao Ministro enviasse fundar na dita Villa do Redondo huma Casa com titulo, e vocação de Santo Antonio.

2 Obrigado assim pelo Prelado Geral, mandou logo o Ministro alguns Religiosos com o Conde, para que buscassem, e escolhessem sitio, onde mais commodamente ficasse o Convento. O que melhor pareceo foi hum perto da Villa, para aquella parte, que fica descubriendo a Serra Dossa: e porque logo mais abaixo havia hum horta com hum nora, que ficando dentro da cerca se podião os Frades servir della, o Conde a comprou para este effeito. Entrarão nossos Frades na Villa do Redondo para effeito da fundação em o principio de Junho de 1601. e supposto forão logo quatro com seu Presidente, onde assistirão sempre dahi por diante, diligenciando as cousas

necessarias para o edificio, com tudo não se lançou a primeira pedra senão no anno de 1605. a doze dias de Março. Neste dia veio o dito Conde, acompanhado de D. Francisco Coutinho seu filho promogenito, herdeiro da Casa, e poz a primeira pedra com seu nome escripto, sendo Ministro Provincial Fr. Simão de Aveiro. Forão-se as obras continuando com muita perfeição, e brevidade, correndo a maior parte dellas por conta do Conde, como a Padroeiro: não deixou tambem o povo de acudir no que podia, de maneira, que em poucos annos a Casa se acabou perfeitamente. Com isto, e com outras obras, que se fizerão, accrescentando-lhe algumas cellas, e outras officinas no anno de 1678. ficou hum dos mais perfeitos, e bem acabados Conventos, que tem a Provincia. He hoje Guardiania de quatorze atè dezeseis Frades, a quem o povo sustenta com suas esmolas, tão bem, como o fazem outras terras grandes, e com hum devolução, que se aventura a muitas.

Fr. Francisco do Dume, Sacerdote.

3 Neste anno de 1605. passou ao Senhor do Convento de nossa Senhora dos Anjos em Azurára Fr. Francisco do Dume, Sacerdote, dotado de muitas, e excellentes virtudes. Na conversação foi Angelico,

e reluzia em todas suas palavras hum simplicidade tão columbina, que logo mostrava bem a virtude, e santidade, que tinha dentro em sua alma. Maravilhava aos Frades a promptidão de sua obediencia: nunca achou difficultoso o que lhe ordenava o Prelado, por mais trabalhoso que fosse: assim o dava com tanta brevidade à execução, que no mesmo tempo do mandamento se via o cumprimento delle. Foi grandemente inimigo da ociosidade: para evitar esta todo aquelle tempo, que lhe restava da oração, gastava em servir, e ajudar em todas as cousas, que erão necessarias para o serviço da Casa, ainda que estavão à conta de outros, em todas se achava sua boa diligencia. Macerava seu corpo com tão rigorosas, e repetidas disciplinas, como se fora de bronze, com que o trazia tão sujeito ao espirito, que parecia não lhe fazer repugnancia.

4 Era notavel a attenção, e respeito, com que assistia aos Divinos Officios: quando rezava alguma hora fóra do Coro, havia de ser sempre de joelhos, e todo o officio Divino rezou nesta fórma em o Convento de Santo Antonio de Ourém, onde os Prelados o fizeram morador, no tempo, que se fundava. Vigia a maior par-

parte da noite em oração diante do Santíssimo Sacramento, e continuava de dia o mesmo exercicio recolhido em sua cella, fóra da qual não o vião, senão em as Communidades, e quando sua humildade o levava a servir, como temos dito, em as couças necessarias do Convento; as quaes acabadas, com muita brevidade se recolhia. Seus jejuns erão continuos, e rigorosos: a Quaresma de 1605. que foi a ultima de sua vida, sendo já muito velho, e achacado, jejuou toda quasi a pão, e agua, porque só huma tigelha de caldo comia. Antes de sua morte teve revelação della; porque estando ainda são, se confessou geralmente, e no fim da confissão disse ao Religioso, que o ouvia: *Irmão, somos chamados do Senhor.* Vio-se a verdade da profecia poucos dias depois della; porque adoecendo brevemente, e recebidos com muita devoção os Sacramentos da Igreja, descansou em o Senhor, deixando de si grande fama de santidade.

CAPITULO XLII.

Edifica-se terceira vez a Casa da Piedade em outro sitio.

1606
 Quando se mudou a Casa da Piedade a primeira vez, foi para hum sitio baixo, e abafado, e mui pouco ladio, assim pela vizinhança de hum ribeiro, que nascendo na Villa, todo o anno corre por junto delle, como pelas aguas do monte, que descendo ao Convento, quando chovia, acontecia muitas vezes alagarem a Igreja, claustra, e mais officinas terreas. Tudo isto fazia aquelle sitio por extremo humido, de que o Sol tirando depois grossos vapores, causava muitas, e diversas enfermidades, com que os Religiosos algumas vezes chegavão a estado, que não havia bastantes para se rezar no Coro o Officio Divino. O que vendo a Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança, tratando-o primeiro com o Duque seu filho D. Theodosio, segundo deste nome dos daquella Real Casa, determinou mudar o Convento para outro sitio mais fadio. Este queria que fosse no Carrascal (hum assim chamado perto daquella Villa) junto do jardim, e horta de seu Paço; e verdadeiramente era a eleição mais

mais acertada , por ser aquelle sitio hum dos melhores , que se acha em Villa-Viçosa. Porém supposto que fez para este fim muitas instancias , não forão de effeito , porque os Frades não quizerão desistir da eleição , que já tinham feito de outro sitio.

2 He este , onde hoje se vê o Convento , logo mais affima do primeiro na meia ladeira do outeiro , lavado dos ventos , que dissipão , e desbaratão os vapores grossos , que fazião o outro tão doentio. Ficou-lhe servindo a mesma cerca antiga , com hum poço dentro , e he hum das melhores aguas , que ha não só em Villa-Viçosa , mas ainda nos territorios vizinhos. Com a agua do ribeiro , que junto della corre , se rega a horta , e cerca bastantemente povoada de arvoredos , que hum lhe dá o fruto , e outro o ornat. Estava no lugar , onde se fundou este terceiro Convento , hum antiga Ermida de S. Lazaro ; e porque pertencia à Ordem de Aviz , houve-se para este effeito por carta de Sua Magestade , a quem convinha dálla , como Mestre das Ordens , e passarão o Santo da sua para outra Ermida , que lhe fica vizinha , dedicada ao Apostolo Sant-Iago. Logo aos vinte e seis de Julho , dia de Santa Anna do anno de 1606. sendo Ministro Provincial Fr. Simão de

Aveiro , e Guardião da Casa Fr. Giraldo de Braga , se lançou a primeira pedra com grande solemnidade , assistindo o Duque D. Theodosio , acompanhado do Duque de Barcellos D. João seu filho , (menino então de pouca idade , e depois nosso Felicissimo Rei de Portugal) e dos Senhores Dom Duarte , Marquez de Frechilha , e D. Filippe seus irmãos. Tomando pois o Duque hum pedra marmore , em que estava escrito seu nome , a lançou por fundamento daquella obra , com grandes mostras de alegria , e com a mesma veio depois à Dedicação da Igreja , e translacção dos ossos , que na Casa velha tinham sua sepultura , que foi o ultimo de Maio pela festa do Pentecostes do anno de 1610. Cantou a Missa o Deão da sua Capella , Manoel Peçanha de Brito , e officiárão-a os Capellães da mesma. Forão as obras desta Casa continuando com esmolas particulares , que para ellas fazia a Senhora Dona Catharina : com as quaes , e com as do Duque seu filho , se acabárão em pouco mais de quatro annos , ficando o Convento tão perfeito , que he o mais bem acabado , absolutamente fallando , que ha na Provincia.

3 Materia de aggravo , e razão de queixa seria para todos

dos os Frades da Piedade, se tratando na Chronica desta Provincia da devoção de algumas pessoas particulares do Reino, deixasse de tratar, e me esquecesse do que os Religiosos della devem à Senhora Dona Catharina, Duqueza de Bragança, pelos singulares mimos, favores grandes, e continuas caridades, que della recebêrão. Não houve nunca mãe, que tanto amor mostrasse a seus filhos, quanto esta Senhora mostrava a nossos Religiosos, a quem honrava com este nome, chamando a todos filhos, e tratando-os com a mesma familiaridade, e affabilidade, como se o forão. E porque os mimos, e favores tanto são mais de estimar, quanto as pessoas, que os fazem, são de mais estima, antes que chegue a referir, e individuar alguns dos muitos, que Sua Alteza, vivendo, nos fazia, será necessario dizer primeiro quem era, para que os que não tem tanta noticia da Serenissima Casa de Bragança (supposto he de todos bem conhecida) vejam com quanta razão fazemos aqui memoria desta Senhora, e deixamos em lembrança a muita devoção, que a nossos Religiosos teve.

4 Foi a Senhora Dona Catharina filha do Infante Dom Duarte, filho de ElRei Dom Manoel, e da Infante Dona

Isabel, filha do Duque Dom Jaime. Casou, sendo de pouca idade, com o Duque Dom João, primeiro do nome na Casa de Bragança, filho do Duque Dom Theodosio, tambem primeiro do nome desta Real Casa. E como por sua mãe a Infante, que era devotissima de nossos Frades, fosse criada na mesma devoção, depois que foi Duqueza a mostrou tanto, quanto se não pôde encarecer, por muitas miudezas, que aqui escreva. Era Sua Alteza mulher naturalmente Senhora, e em qualquer lugar que estivesse, com gravidade representava quem era, sem faltar hum ponto em alguma das acções, que lhe convinhão; cousa, que segundo alguns differão, lhe foi impedimento para a successão do Reino. Com ser tal, quando fallava a nossos Frades, parecia outra na lhaneza, brandura, e affeição, com que os conversava. Mandava-os sentar dentro do estrado, ou alcatifa, onde sempre esteve depois de viuva, e alli, como qualquer mãe faz a seus filhos, lhes perguntava por sua vida, e lhes pedia conta de quantas orações rezavão, e exercicios espirituaes, que tinham.

5 E para que se veja quanto era de estimar este favor, que a nossos Frades fazia, referirei

o que hum dia aconteeo a certos Religiosos de huma Religião mui grave , que quizerão participar do mesmo. Estavão dous Frades nossos fallando com Sua Alteza , sentados sobre os pés , como tinham de costume , dentro da mesma alcatifa , e dando-lhe neste tempo recado , que estavão alli dous Religiosos de certa Religião , mandou ella que entrassem : os quaes depois de feita a devida cortezia , forão mettendo os pés na alcatifa para se sentarem dentro della , como estavão os nossos Frades. Porém Sua Alteza tanto que os entendeo , com a voz algum tanto levantada , disse : *Estai quedos , esperai : tragão alli cadeiras aos Padres, que dali para dentro (e apontou para a alcatifa) não entra senão quem traz os pés descalços.* E assim em outra occasião , estando dous Frades fallando com esta Senhora na mesma fórma , disse Sua Alteza : *Este favor entendei que se não faz senão aos meus Frades.*

6 Este amor de mãe , e devoção , que a todos os da Provincia tinha , queria ella que todos os da sua Casa tivessem. Teve mui particular cuidado de acudir às necessidades de nossos Religiosos , e não soffria ouvir dizer que padecião alguma , por pequena que fosse. Por esta causa sabendo que a

Casa de Santo Antonio de Loulé era mui pobre , lhe mandou fazer todos os annos esmolas particulares , para sustentação dos Religiosos. As mesmas fazia tambem pela mesma razão à Casa de S. Vicente do Cabo , e a todos nossos Conventos , que estavão em suas terras , provia com muita abundancia , fazendo-lhes , além da esmola ordinaria , outras muitas , tendo por grande alvitre , pedirem-lhe os Frades alguma cousa. Aos moradores na Piedade , e Bosque de Borba tinha tão mimosos , que para todos os dias de jejum de Advento , e Quaresma lhes mandava as collações , e algumas vezes por sua propria mão concertadas , e repartidas. Quando os Frades lhe levavão algumas flores da horta , ou alguma fruta , presentes , que ordinariamente lhe fazião , festejava-os com muito grandes demonstrações de alegria , mandando a suas filhas a Senhora Dona Maria , e a Senhora Dona Serafina (que depois calou com o Duque de Escalona) fizessem o mesmo ; e costumava dizer : (vendo que alguns Frades , que não tinham tanta experiencia de sua muita devoção , ficavão como corridos , quando vião aos companheiros lhe offerecião tão poucas cousas) *Olhai , estimo tanto o que me trazeis , que me fareis*

reis grande aggravo, se deixardes de fazello. E com este contentamento, se o presente era de fruta, mettia logo alguma na boca, repartindo da outra com suas filhas.

7 Pudéra particularizar muitas obras de virtude, que fez, especialmente em o tempo de sua viuvez, em que perseverou depois da morte do Duque D. João seu marido: supposto que Filippe de Castella, tomando posse deste Reino, procurasse casar com esta Senhora, vendo a justiça, que tinha a elle, ella o não quiz aceitar, dizendo, que não trocava as memorias de hum João pelas vaidades de hum Filippe. Não refiro as sobreditas obras, porque além de pedirem estas mais tempo, não sou Chronista de todas ellas, senão da muita affeição, e devoção, que a nossos Religiosos tinha. Por respeito da qual nunca em toda sua vida quiz outros Confessores, senão os Frades desta Provincia, costume, que houve sempre em aquella Casa, pois desde que nossos Frades vierão a este Reino, todas as Senhoras Duquezas, e os mais dos Duques se confessarão com elles. Finalmente a devoção de Sua Alteza não se póde dizer com palavras, e assim bastará para remate desta dizer, que em quanto esteve enferma da

ultima enfermidade, nunca consentio que outros Religiosos entrassem na Camera, onde estava, senão os nossos, que alli a estiverão acompanhando muitos dias, e noites, servindo-a no espiritual. Faleceo a quinze de Novembro do anno de 1614. e foi enterrada no nosso habito, como tambem foi o Duque D. João seu marido, e costumavão ir todos os Principes daquella Real Casa. Jaz no Coro debaixo, do Convento das Freiras das Chagas de Villa-Viçosa, onde as Senhoras Duquezas tem suas sepulturas.

8 A mesma razão, que tivemos para fallar, tratando da terceira fundação da Casa da Piedade, da Senhora Dona Catharina, temos tambem para dar noticia do Serenissimo Duque D. Theodosio seu filho; porque pondo em huma balança a devoção daquella Senhora, e a deste Principe, com difficuldade se poderá averiguar qual dellas exceda hum a outra. Foi o Duque Dom Theodosio, segundo do nome, e setimo dos que teve a Real Casa de Bragança, filho do Duque D. João, primeiro do nome, e da Senhora Dona Catharina, como dito he, e pelo consequinte neto do Infante D. Duarte, e bisneto de El-Rei D. Manoel. Das virtudes

deste Serenissimo Principe, que forão muitas, veja-se Gaspar Pinto Correa, no livro, que intitoulou: *Lagrymas de Portugal em sua morte*; que nós só referiremos o que toca a esta Historia; e se ainda assim parecer ao leitor que nos apartamos do fio della, por menor inconveniente teremos notarem-nos de faltarmos às leis de Historiador, que ao amor, e afeição, que devemos aos Senhores da Real Casa de Bragança. Foi muito afeiçãoado à gente virtuosa, e assim respeitava tanto aos Religiosos, que mandando-os sentar, quando o visitavão, não lhes fallava, nem punha o chapeo na cabeça, até que elles se cubrião. Aos desta Provincia teve tão particular amor, que diz o Author referido, que he incrível a veneração, e benevolencia, com que os tratava. E assim lhe aconteeo algumas vezes na sua Tapada, e em os nossos Conventos servillos à meza com seus filhos, pondo-lhes nella as iguarias, e trinchando-lhas, cousa, que nunca fez, nem ainda a outros Religiosos. E prezava-se elle tanto desta devoção, que tinha aos seus Frades da Piedade, que encarecendo-a hum dia a certo Religioso, e respondendo-lhe este, que não era muito que Sua Excellencia fosse devoto nosso,

porque mamára esta devoção no leite: *Nos leites haveis de dizer (replicou elle) da Infante minha Senhora, e de Sua Alteza minha mãe, que me criarão na devoção de nossos Frades: esta tiveram meus avós, e de presente tenho eu, e meus filhos, e hão de ter todos os successores desta Casa.*

9 Em seu testamento humas cousas, que mais encomendou ao Duque D. João seu filho, foi a Provincia da Piedade, o que elle bem cumprio, assim em quanto foi Duque, como depois sendo Rei. Algumas vezes pelo decurso do anno vinha jantar à nossa Casa da Piedade, ou ao Bosque de Borba, o que fazia na Comunidade com todos os Religiosos, sem consentir que algum delles o servisse à meza, mandando para esse effeito ficar no Refeitorio hum de seus moços Fidalgos, e outro moço da Camera, que da cozinha lhe trouxessem os pratos. Nesta devoção se conservou até à morte, e mostrou-a mais na ultima enfermidade: assistio-lhe nesta os ultimos dezoito dias, que teve de vida, Fr. André de São Pedro do Sul, Provincial, que havia sido da nossa Provincia, a quem elle tinha rogado que o não desamparasse naquelle tempo. Estando já o Duque propinquo à morte, dizião al-

guns

guns que ainda tinha esperanças de vida: se bem persuadia o contrario a cuidadosa preparação, que tinha feito para este transe; com tudo do que dizião tomou o sobredito Religioso motivo para lhe dizer estas palavras, estando só com elle: *Serenissimo Senhor, já terá conhecido de mim Vossa Excellencia quanto estimo os mimos, e mercês, que me tem feito, e que satisfaço esta divida com particular amor, reconhecendo nelle o muito, que Vossa Excellencia me tem obrigado: em confiança do qual tomarei licença para lhe dizer o que os Medicos praticão. A enfermidade he perigosa, Vossa Excellencia está fraco: daqui o não deixou passar o Duque adiante, porque vendo-lhe correr as lagrymas, sem movimento de cores, nem alteração alguma, lhas quiz atalhar, e disse: Desde que me deitei nesta cama, tive por muito certo que me não havia de levantar della, e assim não faço conta da vida, nem se me dá muito da morte: faça Deos nosso Senhor o que mais for seu santo serviço; porèm pois estou nestes termos, lembro-lhe que neste tempo se vem os amigos, e assim lherogo me não desampare.*

10 Então lhe advertio o Religioso que era tempo de lançar a benção ao Duque de Barcellos, seu primogenito, e

aos mais Senhores, e despedir-se delles. Mandou-os chamar o Duque, e vendo-os diante de si, lhes fallou nesta fórma: *Meus filhos, dizem que he tempo de me despedir de vós, nosso Senhor fique comvosco: sempre vos ameí como a meus filhos, e como de taes tratei de vós sempre, talvez não poderia mais, esó Deos o sabe: elle vos dê aquella benção, que o Patriarca Jacob deo a seus filhos, e vos encha de sua graça. Servi a Deos, porque tendo a este Senhor, nada vos faltará: onde estiver, sempre me lembrarei de vós, e pedirei a Deos vos encaminhe, não por meus merecimentos, mas pelo que elle padeceo por nós, como vedes em aquella Cruz: e apontou para hum Crucifixo de marfim, que posto em hum Altar tinha diante. Lançou a benção ao Duque de Barcellos, e chegando logo o Senhor D. Duarte, filho segundo, o Duque levantou os braços, e com elles a voz algum tanto lacrimosa, dizendo: *Meu Duarte, nosso Senhor te encaminhe por onde andares: Duque de Barcellos, encomendo-vos o meu Duarte.**

11 Depois do Duque lançar a benção aos dous sobreditos Senhores, e ao Senhor Dom Alexandre, terceiro filho, pondo os olhos no Guardião da Piedade, que junto de si tinha, e então era Fr. Bento de Villavi-

Viçola, levantadas as mãos ao Ceo, disse estas formaes palavras: *Padre Guardião, peço-vos pelo amor de Deos me queirais dar hum habito de nosso Padre São Francisco, para meu corpo ser amortalhado nelle, com que ferei mui consolado.* Grande defengano de Estados, contentar-se com tão pouco em a morte, quem foi Senhor de tanto em a vida, e pedir agora hum pobre, e remendado habito, quem vindo Filippe a este Reino, e mandando-lhe, que pedisse, respondeo, que tinham os Reis seus avós repartido tão bem com a Casa de Bragança, que lhe não ficava a elle cousa de novo que pedir. Chegou finalmente a morte, e foi cousa prodigiosa, que com a vida do Duque acabou huma véla benta, que tinha na mão, com que tinham morrido os Duques de Bragança, ElRei Dom Manoel, o Infante D. Duarte, e a Senhora Dona Catharina. Tiverão-o então todos a fatal prognostico, e extinção daquella Casa; porque estando ainda de bastante grandeza, cresceo tanto a voracidade do fogo, que não deixou della nem ainda huma pequena reliquia. Foi sua morte em vinte e nove de Novembro de 1630.

CAPITULO XLIII.

Elege-se o trigésimo Ministro Provincial: favorece nosso Padre S. Francisco a hum seu devoto.

I. **V** Inte dias, de mais 1607
dos trez annos, teve Fr. Simão de Aveiro o governo da Provincia, no fim dos quaes celebrou Capitulo Provincial em Santo Antonio dos Olivaes de Coimbra a quatorze dias de Agosto, vespera da Assumpção da Senhora do anno de 1607. Fez os gastos delles o Bispo daquella Cidade D. Affonso de Castello-branco, o qual, assim pela grande devoção, que nos tinha, como por sua natural liberalidade, assistio a tudo com grande abundancia. Presidio nelle o Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Pedro Gonçaves de Mendoça: sahio eleito em Ministro Provincial, que foi em ordem dos que a Provincia teve o trigésimo, Fr. Pedro de Penalva, o mais famoso Pregador que o Reino teve em seu tempo. Foi homem, em quem a natureza se esmerou para o fazer perfeitissimo em esta graça, e assim ninguem o via pregando, que lhe não ficasse grandemente afeiçoado. Huma Quaresma, que foi a do anno de 1612. que pregou em Coimbra,

Fr. Pedro de Penalva, Provincial

bra, a Universidade se despo-voava por ouvilho, e acontecia levantarem-se muitas pessoas de madrugada no dia, em que elle havia de prégar, para irem tomar lugar na Igreja, porque quando amanhecia, já todos com cadeiras estavam occupados. A mesma graça tinha falando, e communicando com as pessoas, e era tão prudente em suas praticas, e reprehensões, que castigando no tempo, que foi Ministro Provincial aos Religiosos, de quem sabia alguns defeitos, por leves que fossem, não houve algum, que se queixasse d'elle. Antes de ser Provincial, sendo actual Guardião do Bosque de Borba, e juntamente Custodio da Provincia, foi por commissão de Fr. Pedro Gonçalves de Mendoça, Commissario Geral desta Familia, visitar a santa Provincia da Arrabida. Depois do seu Provincialato no anno de 1611. foi por Visitador da santa Provincia de S. Gabriel, donde veio para Santo Antonio dos Olivaes de Coimbra, e alli faleceu aos vinte e trez de Abril de 1612. Neste Capitulo, em que Fr. Pedro sahio Ministro, sahirão por Definidores Fr. Giraldo de Braga, Fr. Sebastião de Amaranthe, Fr. Francisco de Villa-Real Fr. João do Porto, e por Custodio Fr. João da Guarda, Pré-

gador. Fez este Provincial a sua Congregação no Sardoal a quatorze de Janeiro de 1608.

2 No tempo, que os Vo-gaes estavam congregados em Coimbra, fez Deos nosso Senhor por merecimentos de nosso Padre S. Francisco duas signaladas mercês em Braga a hum singular devoto do Serafico Patriarca. Era este hum Conego daquella Igreja, chamado Francisco da Costa, de quem já fallamos nesta Historia, e fallaremos ao diante: o qual tinha hum sobrinha no termo de Braga, a quem era mui af-feiçoado: permittio o Senhor por seus secretos Juizos, que o demonio entrasse nella, ainda que a não habitava de continuo. Vinha porèm muitas vezes, fazendo-lhe dizer cousas dignas de admiração; fazia nella grande estrago, porque a deixava mui atormentada, e afflicta, e nas cousas de sua casa grande damno, quebrando-lhe a louça, e tudo o mais que podia. Tardou algum tempo em hum occasião, de maneira, que tiverão para si que a deixava, e com isto a pobre mulher, e parentes, que de continuo a encommendavão a Deos, e fazião orações por ella, cuidando que Deos os ouvira, estavam contentissimos, e alegres. Tornou o inimigo a entrar nella hum Domingo, fez-lhe todo o mal,

o mal , que costumava , e indo-se , lhe disse que não tornaria a vir senão na quinta feira seguinte. Ficou a mulher muito atormentada , e receosa do que o demonio differe ao despedir-se , e logo hum irmão seu Sacerdote , que morava na mesma casa , se partio para Braga cheio de desgosto , e sentimento , significando ao tio a tristeza , com que vinha , e o que lhe tinha acontecido.

3 O Conego na hora , que o sobrinho chegou , estava ceando ; e deixada a comida , a pé , sem mais acompanhamento , com poucos criados , se veio a S. Fructuoso , encarecendo aos Frades a afflicção , em que estava , pedindo ao Presidente (que então era Fr. Manoel de Chaves , e governava a Casa em ausencia do Guardião della Frei João do Porto , que estava em o Capitulo , que se celebrava em Coimbra , onde sahio Definidor , como já dissemos) mandasse ao outro dia celebrar por sua tenção , e encomendasse aos Coristas , e Noviços pedissem a Deos por meio , e intercessão de nosso Serafico Padre S. Francisco , houvesse piedade daquella sua creatura ; e pois a criara para si , não permittisse que o inimigo tomasse posse della. Era já tão tarde quando o Conego se foi , que não houve lugar para mais , que

chamar o Presidente seus discipulos , e mandallos diante do Santissimo Sacramento pedir o effeito deste negocio , e ao Serafico Padre lhe valesse nesta necessidade , intercedendo pelo seu devoto. Feita esta diligencia com o maior fervor , e devoção , que foi possivel , e commendado o mesmo a toda a Comunidade , que toda estava sentida do desgosto do Conego , dita ao outro dia huma Missa por sua tenção , o demonio , que tinha promettido que não tornaria senão à quinta feira seguinte , veio hum , ou dous dias antes. Tudo o que se havia passado em São Fructuoso , que ninguem sabia , senão Deos , e os Religiosos , relatou inteiramente , e que os Frades pedirão a Deos , que não permittisse ter elle poder naquella creatura sua , e que o Senhor , ouvindo os rogos de seus servos , lhe mandava que se fosse , e não tornasse mais. Accrescentou o demonio , que o Conego foubra muito , que com o bocado na boca , e a pé , fora a S. Fructuoso fazer aquella supplica aos Frades. Ficou a pobre mulher livre daquelle tormento , não cessando de dar a Deos as graças por tão signalada mercê , e a nosso Padre S. Francisco , por cujos merecimentos , e intercessão a tinha recebido.

4 Outro caso prodigioso referiremos, que succedeo ao mesmo Conego, para que se veja quão bem paga o Serafico Patriarca a seus devotos. Tinha elle em Roma negocios de muita importancia: mandava para expediente delles dinheiro por meio de hum Banqueiro do Porto, e para o levar a este, tinha hum homem seu conhecido, e familiar, a quem por larga experiencia julgava por mui fiel. Aconteceo mandallo chamar em huma noite, e encommendar-lhe que se fizesse prestes para levar ao outro dia duzentos mil reis ao Porto. Fello elle assim, e havendo de tomar o caminho para o Porto, o tomou para Galliza, com intento de furtar o dinheiro, que lhe fora entregue. Andadas duas, ou trez leguas, não se podia mover, nem caminhar, e parecia-lhe que havia quem lhe impedia o caminho, e o não deixava ir a diante. Gastou nesta sua determinação alguns trez dias, sem se poder aventajar na jornada, de maneira, que já o Conego entrava em desconfiança, vendo que elle não vinha no tempo, que costumava. Em a noite seguinte representou-se em sonhos a hum Religioso da Companhia, que hum devoto de nosso Padre S. Francisco padecia huma grande tribulação, por hum

furto, que lhe fazião, e que o Santo Padre se punha diante do miseravel homem, que hia fugindo, e com as mãos estendidas o detinha, dizendo-lhe: *Tem-te, tem-te.*

5 Desperto o Religioso, e cuidando no que sonhára, considerou consigo, que devoto poderia ser aquelle: veio-lhe à memoria, que devia ser o Conego Francisco da Costa, pois outro mais afeiçoado ao Santo, nem que mais se signalasse em seu serviço, não o havia naquella terra. Com este pensamento avisou ao Conego do que passava, e a diligencia, que o Serafico Patriarca fazia, para o livrar daquella perda. Advertio então o Conego no que podia ser, e entendendo o socorro, que do Ceo lhe vinha, mandou no alcance do pobre, que se queria fazer rico à conta do dinheiro alheio, ao qual acharão andadas as leguas, que temos dito, gastados do dinheiro alguns poucos tostões. Confessou ao depois que diante de si sentia, quem lhe fazia notavel impedimento, e força, com que não pudéra seguir o effeito, que pretendia. Contava o Conego este successo com grande gosto, fazendo muito caso de haver quem houvesse sonhado, que elle era devoto de nosso Serafico Padre S. Francisco, julgando-se por indigno de

tão grande bem , e mercê do Ceo.

CAPITULO XLIV.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Beja.

1609 I **E** Stá Beja (Cidade nobre , e antiga no Arcebispado de Evora) situada no alto de hum cabeça , tão falto de aguas , que em todo elle não ha fonte , que corra ; por cuja causa a gente da Cidade se aproveita de alguns pozos , que ficão fóra della. Por esta razão não acabavão nossos Frades de aceitarem huma Casa , que nesta Cidade se lhes offerecia : que como he inconveniente grande faltar a horta em a cerca de Religiosos , que tem a maior parte do anno de jejum , não era possível haver esta , faltando agua , com que se regasse. Vinte annos havia que os moradores desta Cidade pedião a nossos Frades aceitasse a fundação , sem que em todo este tempo pudessem alcançar outra cousa mais , que mandar hum Provincial alguns Religiosos , que fossem àquella Cidade buscar sitio accommodado a nosso modo de viver. Forão elles , e com a informação , que derão , se poz por então silencio no que aquella devota Cidade procurava com

grande instancia , e perseverança.

2 Mas como Deos para serviço seu queria satisfazer à devoção , e necessidade espiritual daquella gente , moveo-lhe de novo os corações , para que tornassem a fazer muito maior instancia. Foi isto em tempo , que era Ministro Provincial Frei Simão de Aveiro , o qual propondo a nova súpplica diante dos Definidores , e Padres da Provincia , que se ajuntarão na Congregação , que celebrou em o Convento de nosso Padre São Francisco da Cidade de Elvas , *Dominica in Passione* , aos doze dias do mez de Março do anno de 1606. todos forão de parecer , que se aceitasse. Em cumprimento do que se tinha assentado , mandou logo o dito Ministro alguns Religiosos , que fossem àquella Cidade , e tomassem posse do sitio , que melhor lhes parecesse , que assim o offerecião os moradores della. Estiverão dentro da Cidade recolhidos em humas casas particulares alguns tempos , até se determinarem que sitio haviam de tomar para o novo Convento , no qual se lançou a primeira pedra a quatorze de Junho , dia então celebre , pela festa da Santissima Trindade , que se solemnizava nelle , do anno de 1609. sendo Ministro Provincial Fr. Pedro de Penalva.

va. Ultimamente no anno de 1611. em o ultimo dia de Julho se celebrou a dedicação da Igreja, e primeira Missa, passando-se para o novo Convento os Religiosos das Casas da Cidade, onde até então estiverão.

3 Do sitio do Convento nenhum bem se póde dizer, mais que dizerem os que o escolhêrão, que se não pode achar melhor, por não os haver bons na terra, que pela maior parte he seca, como temos dito. Fica este no meio da estrada, que vai para Evora, junto a huma Ermida de S. Sebastião, mui frequentada de gente, que alli vai em romaria, em cumprimento de votos, que fazem ao Euangelista S. Marcos, cuja Imagem está nella resplandecendo com muitos milagres, ainda que já nestes tempos a tibieza da devoção tem feito ao Santo apertar a mão nas muitas maravilhas, que alli fazia. Forão-se as obras continuando com esmolas, que o povo offercia, e outras, que de diversas partes se applicavão para este effeito, como foi huma do Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio, segundo do nome, de duzentos cruzados: outros duzentos deo Alvaro de Miranda, Fidalgo principal, e bemfeitor nosso da Cidade de Evora. Para a Capella da Igre-

ja, de que os fizerão Padroeiros, applicarão trezentos mil reis Pedro Affonso de Aguiar, e sua mulher Dona Maria de Almeida, Fidalgos principaes da mesma Cidade, promettedo dar os ornamentos necessarios, como sempre fizerão em sua vida, além de outras muitas, e grandes esmolas, que fazião aos Religiosos. Para se remediar em parte a falta de agua, que no sitio havia, se fez huma formosa, e capaz cisterna, para cuja obra deo a Camera duzentos cruzados, com Provisão de Sua Magestade, e dá todos os annos certa esmola para a vestiaria, e sustentação dos Religiosos alli moradores, que são ordinariamente dezeseis até dezoito.

CAPITULO XLV.

Eleição do trigésimo-primo Ministro Provincial, e de hum Religioso, que acabou em seu triennio com fama de santidade.

I **C**ONcluido o trienio do Ministro Provincial Fr. Pedro de Penalva, celebrou-se Capitulo em a nossa Casa de Santo Antonio de Evora aos dez de Julho do anno de 1610. Fizerão os gastos delle com particular devoção, e abundancia D. Antonio

1610

Kkkk ii de

Fr. João
do Porto,
Prégador,
Provincial
31.

de Mello, e sua mulher Dona Francisca, Fidalgos nobilissimos naquella Cidade, e particulares devotos desta nossa Provincia. Presidio no Capitulo o Reverendissimo Padre Frei Diogo. Ordones, que depois morreo Bispo de Salamanca, e então era Vice-Commisario Geral da nossa Ordem, por renuncia do Commisario Geral da Familia Fr. Pedro Gonçalves de Mendocha. Sahio eleito em Ministro Provincial Frei João do Porto, Prégador, que acabava de ser Definidor, e foi o Ministro trinta e hum dos que esta Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Gaspar de Lisboa, Fr. Leão de Braga, Fr. Luiz de Covilhã, Prégador, e Fr. João da Guarda, Prégador, e por Custodio para o futuro Capitulo Geral Fr. Pedro de Penalva, que acabava de Ministro. Tornou-se a receber neste Capitulo a Casa de Valverde, que nossos Frades tinham deixado em tempo do Senhor Dom Alexandre Arcebispo de Evora, e agora a petição do Arcebispo seu successor Dom Diogo de Sousa, devotissimo particular desta Provincia, se tornou a receber com tal condição, que o dito Arcebispo a mandasse reformar, assim de edificios, como de alfaias.

2 Celebrou este Ministro Fr. João do Porto sua Congre-

gação na Piedade de Villa-Viçosa aos vinte e hum dias de Outubro de 1611. em que presidio o Padre Fr. Diogo Barragas, actual Guardião no Convento de Alcalá da santa Provincia de Castella, Commisario sobre as Provincias deste Reino pelo Padre Vice-Commisario Geral desta Familia Cismontana. E porque em o anno seguinte depois desta Congregação, que foi o de 1612. se havia de celebrar Capitulo Geral em Roma, a que havião de ir como Vogaes que erão, o Ministro, e Custodio, fez-se eleição de Commisario Provincial em a pessoa de Fr. João da Guarda Definidor. Porém nenhuma destas cousas chegou a ter effeito, porque no tempo, que o Ministro, e Custodio havião de partir para o Capitulo, enfermárão gravemente, de que o Custodio morreo em breves dias, e o Ministro teve huma doença dilatada; mandou porém em seu lugar a Roma Fr. Pedro de Lordello, que o acompanhava. Depois que acabou o officio de Provincial, foi Frei João do Porto Commisario Visitador da santa Provincia da Arrabida, por commissão do Reverendissimo Padre Geral Fr. Antonio de Trejo, Vigario Geral da nossa Ordem.

3 No triennio deste Ministro Provincial descançou em o Se-

o Senhor Fr. Antonio de Eftremoz, chamado o Manfo, por fua muita brandura, e mansidão, tanto, que nunca já mais o víráo agastado, nem lhe ouviá palavra, em que o mostrasse: todas quantas dizia erão muito confideradas, necessarias, e proveitofas, porque todas ellas erão ordenadas, ou a coufas, que não podião deixar de dizer-fe, ou a coufas efpirituaes, de que elle tinha efpecial graça. Tomou o habito de noſſo Padre S. Francisco entre os Clauſtraes, onde fez profiſſão, e viveo alguns poucos annos, e quando de todo ſe extinguiu a Cuſtodia, chamada do Porto, que neſte Reino, a diligencia do Reverendiſſimo Geral da Ordem, o Padre Gonzaga, pelos annos do Senhor 1580. veio Fr. Antonio para eſta Provincia, na qual viveo muitos annos com grande opinião de ſantidade. Nunca ſe vio em ſua boca palavra, que tocasse a murmuração, nem ſe via em ſuas obras couſa, que ſe pudelle imputar a culpa: e com ſer tão regulado, aſſim nas obras, como nas palavras, todos os dias ſe confeſſava, e não havia de offerecer a Deos o ſoberano ſacrificio da Miſſa, ſem que precedeſſe o Sacramento da Confieſſão. Nem he para eſquecer o agradecimento, que ao Confefſor mostra-

va, pelo trabalho, que com elle tinha, pois tanto que recebia o beneficio da abſolvição, indo o Confefſor para ſe levantar, dizia: *Eſperai, irmão, que quero por voſſa tenção rezar hum Ave Maria*, e logo de joelhos, como eſtava, lha rezava em voz intelligivel mui devotamente.

4 Teve eſte fervo de Deos hum zelo particular da ſalvação das almas; deſejava a eſte fim enſinar, e doutrinar a todos, e por eſta cauſa a quantas peſſoas encontrava fóra de caſa, ou dentro nella, principalmente andando caminhos, lhe mandava dizer as orações, e perguntava pela doutrina Chriſtã. Não respeitava neſte particular a grandes, nem a pequenos, ſabios, ou ignorantes, a todos geralmente tratava por hum modo, e com tanto eſpírito, e fervor lhe dizia: *Ponde-vos de joelhos, e dizei-me aqui as obrigações de Chriſtão*, que ninguem ouſava fazer o contrario, e todos lhe obedecião, e de boamente recebião ſua doutrina. Só hum caſo deſtes contarei, para que ſe veja o eſpírito, que mostrava em os outros todos. No tempo, que eſte fervo de Deos morava em Azurára, veio a eſta Villa hum Deſembargador de S. Mageſtade com alçada ſobre alguns caſos, que nella tinhão aconte-

tecido : succedeo que sahindo Fr. Antonio da Portaria para fóra , encontrou hum pouco a-lèm della o Desembargador , acompanhado dos seus , e outra muita gente : e porque o não conhecia , chegando-se a elle , perguntou-lhe : *Sois vós o Desembargador , que vindes a esta terra por mandado de Sua Magestade?* E dizendo-lhe que sim , continuou elle , mandando-o primeiro pôr de joelhos : *Pois adverti , Senhor , que de quantas cousas fizerdes haveis de dar a Deos estreita conta , porque vos ha de ser pedida com rigor no dia do Juizo. E se o poder , que tendes do Rei da terra para devaçar , e castigar os malfeitores , vos dá licença que o façais de muitos , o que a Deos deveis , e a vossa consciencia vos obriga que façais tudo com muita consideração , e justiça.* Finalmente com estas , e outras semelhantes palavras lhe fez hum breve sermão , tal , qual naquella occasião convinha ; a que todos os ouvintes estavam admirados , e o mesmo Desembargador ficou tão fóra de si , que chegando à Portaria , perguntou ao Porteiro , sobrefaltado : *Padre , quem he aquelle Frade , que alli agora fallou comigo , que nunca vi homem semelhante : representava-se-me que ouvia fallar hum Anjo , tal era seu espirito : e elle o deve ser na*

vida , e pureza de consciencia. Dizia Laercio Filosofo antigo , que são as palavras dos homens espelhos , em que os vemos , sobre-escritos do coração , e rostos pintados , por onde se conhecem : e na verdade disse bem , porque não ha final mais certo para se conhecerem os homens , que suas palavras. Por estas conheceo o sobredito Ministro a Fr. Antonio , julgando-o por Frade santo , sem outra alguma noticia , que delle tivesse , mais que ouvillo fallar. Com esta opinião passou da vida presente em o Convento de nossa Senhora dos Anjos da Villa de Azurára , padecendo primeiro huma grave enfermidade de hidropisia , por meio da qual o chamou Deos para os prazeres da vida eterna , ouvindo-lhe dizer os Frades , antes que morresse , algumas palavras , de que se presumio quão perfeitamente tinha guardado o voto de Castidade todos os dias de sua vida.

CAPITULO XLVI.

Religiosa vida do servo de Deos Fr. Francisco de Esposende.

ENtre os muitos , e perfeitos Religiosos , que nesta Provincia florecêrão , tem eminente lugar Frei Francisco de Esposende , Frade lei-

leigo, claro por virtudes, maravilhoso em penitencias, raro em vigílias, e oração mental, e finalmente singular em todo o genero de perfeição. Foi este Religioso natural de Espoſende, Villa entre Douro, e Minho, trez leguas de Barcellos para a parte do mar, e situada muito perto d'elle: por cuja causa quasi todos os naturaes daquella terra são mareantes, homens, cuja vida he andar no mar, fazendo suas navegações para diversas partes. Aqui pois nasceo Fr. Francisco, e se criou até idade, em que pode aprender letras humanas. Desejosos seus pais de o verem versado nellas, o mandarão estudar a Braga os primeiros principios da Latinidade: fello elle assim, e em pouco tempo se fez arrazoado Latino, entre todos os seus condiscipulos. Com isto pudéra o mancebo Francisco passar mais adiante; mas como nossa humana natureza sempre se inclina mais às cousas da primeira criação, havendo-se Fr. Francisco criado em o mar, o mar chamou por elle: deixou Braga, onde estudava, e voltou à sua terra, e accommodando sua vida aos trabalhos della, fez-se mareante, e começou a fazer suas jornadas.

2 Discorreo por diversas terras, como costumão fazer os

homens de semelhante vida, e trato; foi ao Brazil, esteve em Angola, aportou em outras Ilhas diversas, e estranhas. Porém vendo quão pouco segura era aquella vida, assim para o corpo, como para a alma, resolveo-se em deixar pelo trato do Ceo, o da terra; e como outro Pedro deixou barcos, e redes, e quanto tinha por seguir a Christo. Pareceo-lhe que nesta Provincia o podia fazer mais perfeitamente, pela noticia que tinha da perfeição, com que nella a Deos se serve. Pedio o habito; e supposto que pudéra ser do Coro, e Sacerdote, por ser, como já disse, bom Latino, era tal o espirito de humildade, que trazia, e em que perseverou até a hora da morte, que não quiz senão ser Frade leigo. Este humilde estado abraçou Fr. Francisco com tão vivos, e efficazes desejos de seguir a Jesus Christo, que foi huma estampa viva, e hum retrato dos mais perfeitos Religiosos, que a Ordem teve. A todas as cousas da casa, onde morava, acudia com grande promptidão, e diligencia, ainda àquellas, que estavam à conta alheia, como se à sua estivessem todas. Quando actualmente não era Cozinheiro, nem por isso deixava de acudir às cousas de trabalho, que na cozinha havia, e principalmente nas

ocasiões, que o havia maior, onde elle para si o queria tomar todo. O mesmo costume tinha geralmente em fazer todos os officios de humildade: queria ser nelles sempre o primeiro, para que no merecimento lhe coubesse a maior parte.

3 No seu officio da horta era muito diligente, e curioso: toda a tinha ordinariamente cercada de diversas flores, e boninas, tão bellas, e formosas, que era para louvar a Deos, fim que o santo Fr. Francisco nisto pertendia. Nas festas principaes, em que he costume da Provincia (em lugar das armações de seda, que outros usão) ornar a Igreja com ramos, e flores, Fr. Francisco (tirando com esta diligencia ao Sacristão de cuidado) tomava à sua conta trazellos da cerca, e depois de os trazer para a Sacristia, se o não querião deixar fazer só tudo pelo menos haviam de admittillo por companheiro, até se dar fim de todo ao trabalho. Mas nem por se entregar tanto ao corporal, se descuidava hum só ponto do espirito, e oração mental, na qual foi tão continuo, e fervoroso, que por ella subio a mui alto gráo de vida contemplativa. Gastava ordinariamente neste exercicio a noite quasi toda, porque tomando della para repou-

far muito poucas horas, todo o mais tempo gastava contemplando os Divinos Mysterios, ou no Coro, ou na Igreja diante do Santissimo Sacramento. Nestes lugares, e no tempo, que os outros se recolhião, foi visto muitas vezes de alguns Frades, que o espreitavão, derramar muitas lagrymas, misturadas com huns gemidos, e suspiros tão saudosos, que causavão notavel devoção, e ternura de espirito a quem os ouvia. Em outras occasiões, e neste mesmo tempo o achavão de joelhos na Igreja, com as mãos levantadas, a cabeça hum pouco inclinada, tão quieto, suspenso, e elevado em Deos, que nem com os olhos fazia algum movimento, nem dava razão dos que entravão, e sahião: a tudo parecia que estava morto, ou em extase mental: tal era a quietação, com que orava, tal o fervor de seu grande espirito.

4 Para gozar desta graça de contemplação, que o misericordioso Deos lhe tinha comunicado, pedia com muita humildade aos Prelados o escusassem do officio de Porteiro, por ser algum tanto occupado, o que elles facilmente concedião, conhecendo que tirar a Fr. Francisco da oração era tirallo de seu centro. Suas praticas com os Religiosos de Ca-

Casa , sempre erão tocantes ao espirito , repetindo ordinariamente estas palavras : *Tudo se acaba , irmãos , tudo se acaba.* Era tão grande a força de espirito , com que as proferia , que os Religiosos ficavão compungidos , parecendo-lhes que as ouvião dizer a hum S. Paulo. Fallando com os seculares , a mesma graça tinha , e tão altamente lhes tratava de Deos , e das cousas , que pertencião à salvação de suas almas , que ainda aos muito doutos punha espanto. Por este respeito lhe foi mui afeiçoada a Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança , a qual como foi tão espiritual , sollicita da salvação de sua alma , e inclinada a gente virtuosa , gostava tanto da conversação do santo Fr. Francisco , que muito a meudo fallava com elle horas inteiras , e a sua petição esteve seis annos morador em a Casa do Bosque , e na da Piedade de Villa-Viçosa.

CAPITULO XLVII.

Do grande zelo da honra de Deos , que teve Fr. Francisco.

TÃO annexo , e avin-
culado anda à vir-
tude o zelo da honra de Deos ,
que nenhuma coula atormenta
mais aos virtuosos , que verem

a Deos offendido , e blasfemado , devendo ser louvado , e servido. De si dizia S. Gregorio Nazianzeno , ^a que muitas vezes se via cheio de ira , e tristeza , vendo desprezado a seu Senhor Jesus Christo daquelles mesmos , que devião louvallo , e engrandecello. Commum he este zelo em os servos de Deos , e com particularidade resplandeceo em o nosso Fr. Francisco : não lhe soffria seu espirito afervorado ver offensas commettidas contra este Senhor , sem acudir pela honra , que lhe he tão devida , como lhe aconteeo por varias vezes em diversas partes , de que referirei as mais notorias.

2 Sendo morador em o Convento de nosso Padre São Francisco de Elvas , vierão a elle huma tarde alguns Fidalgos , naturaes da terra , por causa de recreação , como costumão , dos quaes huns tinham o habito de Christo , e outros o de S. João de Malta. Discorrendo huns , e outros pela cerca , succedeeo lançarem alguns juramentos : Fr Francisco , que neste tempo estava na horta , occupado com as cousas de seu officio de hortelão , apenas os ouviu , encaminhou para elles , e com grande zelo , e igual brandura lhes disse estas palavras : *Se vossas mercês , que se honrão dessa Cruz ,* (apontando

^a
D. Gregor.
Nazianz.
Orat. 31.

do para a que trazião no peito) e *mais particularmente tem por obrigação de seu habito, e profissão, pôr a vida pela honra desta Cruz, e té de Jesus Christo, são os que assim o arrastão por terra, e pizão com esses juramentos inconsiderados, que se pôde esperar que fação os outros? Ah Senhores, advertão que quanto são mais nobres, e estão em lugar mais levantado, mais devem a Deos nosso Senhor, e maior obrigação tem tambem de não offendello.* Ditas estas palavras, voltou com grande quietação, e sossego a seu exercicio, e os Fidalgos ficárão convencidos, e edificados do zelo, que nellas mostrára aquelle Religioso, a quem dalli em diante tratarão com mais veneração, e respeito.

3 Indo outra vez caminho da mesma Cidade pedir esmola, acaço encontrou dous homens brigando, hum dos quaes se arremeçou apôs o outro com hum dardo feito para o matar. Foi-se a elle Fr. Francisco, pedindo-lhe desistisse de seu máo intento. E como o homem cego de colera não quizesse cessar de sua furia, o servo de Deos se lhe atravessou diante, prostrado todo com os braços estendidos, e boca por terra, dizendo: *Pelas Chagas de Jesus crucificado te peço, irmão, não offendas a teu Creador, nem*

queiras tirar a vida a esse homem. Tal efficacia poz Deos nestas simples palavras de seu servo, que o aggressor, estando feito hum Leão de paixão, e colera, deitou o dardo no chão, com que hia já apontando para fazer tiro, e subitamente, como se fora hum cordeiro, disse com muita humildade a Fr. Francisco: *Levante-se, Padre, que eu quero pelo amor de Deos perdoar a esse homem: já não quero nada d'elle, eu lhe perdoo.* Nesta fórma mostrava o servo de Deos o zelo, que de sua honra tinha, acudindo a esquivar, quanto em si era, as offensas, que os homens lhe fazião.

4 Em companhia do Guardião foi hum vez Fr. Francisco na mesma Cidade a casa de hum daquelles Fidalgos, que na horta tinha reprehendido dos juramentos, que lhe ouvira: no discurso da pratica fez o Fidalgo queixa ao Guardião do Prégador do Convento, dizendo que fallava mui solto em o pulpito, e era demaziado em reprehender, dando nota das pessoas. O Guardião com brandura satisfez a esta queixa, dizendo que avisaria ao Prégador, e que no que fosse demaziado haveria emenda. Frei Francisco notou bem as palavras, e depois que o Guardião acabou de fazer sua visita, pedin-

dindo-lhe licença para dar àquelle Fidalgo huma palavra, apartando-se com elle, lhe disse: *Estou maravilhado, que vossa mercê dê queixas do Prégador em materia de seu officio, fazendo elle o que deve, e o que conforme Deos está obrigado. Eu venho muitas vezes aos Sermões em sua companhia, ouço o que diz, e vejo que he Prégador Apostolico, e verdadeiro: mas a verdade he, que vossas mercês querem viver como he seu gosto, e não querem que o Prégador faça seu officio, nem lhes diga o que he necessario para sua salvação.* Nesta conformidade lhe foi fazendo hum breve Sermão, que veio a fer de mais proveito ao Fidalgo, que quantos no pulpito tinha ouvido. Despedirão-se por então, e passados alguns dias, encontrando-se ambos, lhe disse o Fidalgo: *Padre Fr. Francisco, considere naquellas palavras, que Vossa Reverencia me disse, e acho que tem muita razão: a verdade he, que eu, e os outros somos máos, e o Padre Prégador faz seu officio.* Igualmente reprehendia o servo de Deos a todos, sem que seu abrazado zelo fizesse excepção de pessoas; e como suas reprehensões vinhão sempre acompanhadas de huma natural brandura, de que foi dotado, ajudado da Divina graça, veio a fazer conversões maravilhosas.

CAPITULO XLVIII.

Como o demonio procura estorvar a Fr. Francisco de seus santos exercicios.

Não podia soffrer o demonio, como capital inimigo do genero humano, que em o humilde sujeito de Fr. Francisco de Espo- fende estivesse depositada tanta santidade; procurava com todo o cuidado perseguillo, e estorvallo em seus virtuosos exercicios, principalmente no da oração, que erão as armas, com que lhe fazia maior guerra. Teve com elles muitos, e diversos encontros, mas de todos sahia vencedor o servo de Deos, ajudado da Divina graça. Destes nos não ficou individual noticia, mais que a que nos deixou o mesmo servo de Deos, contando-os de terceira pessoa para exemplo, e depois por evidentes conjecturas se veio a entender que a elle tinham succedido. Achou huma vez Fr. Francisco a dous Religiosos mancebos na cozinha rindo, e zombando ociosamente; e como elle não sómente se abstinisse de fallar palavras ociosas, mas tambem lhe aborreceffe ouvillas, com sua costumada efficacia de espirito, e com modestia os reprehendeo, dizendo: *Bem certo he, irmãos,*

que vos não lembrais da estreita conta, que haveis de dar a Deos das palavras ociosas. Ah quão enganados nos havemos de achar em o outro mundo, quando diante do justo Juiz formos pelo inimigo accusados! Pois he certo que alli nos ha de fazer cargo das minimas palavras, que dizemos, que nenhuma dellas lhe cabe em ocbão, que não tenha bem notada, e presente para nos accusar. Para prova do qual vos quero referir o que aconteceu não ha muito tempo a hum Religioso desta Provincia.

2 Estava elle hum noite orando ao canto de hum Igreja das dez para as onze, quando de repente vê ante seus olhos dous mancebos, os quaes lhe disserão: Que fazes aqui? Vai-te para a cella, que não estás bem neste lugar a estas horas. Aonde posso eu estar melhor, (lhe respondeo aquelle Religioso) que diante de meu Senhor Jesus Christo. Mas vossas mercês, que assim me fallão, por onde entrarão em esta Igreja? Pela porta. (disserão elles) Já que a porta ficou aberta, (replicou o Religioso) vou avisar ao Porteiro, para que a feche. Levantando-se para sabir dalli, disse hum daquelles mancebos para o outro. Demos-lhe a este muito açoute. Não lhe demos, (disse o segundo) mas deixai-me com elle. Lembra-te do que fizeste

estando no mundo em tal parte, em tal lugar, e em tal tempo? E assim lhe foi descobrindo quantos peccados no mundo tinha feito.

3 Por remate de tudo converteo a pratica a materia de mulheres, trazendo-lhe algumas à memoria, e dizendo-lhe, que o ajudarião a poder haver quanto quizesse dellas. Depois que nisto se mostrou importuno, accrescentou, dizendo: Consentes nisto que te digo? E aquelle servo de Deos pasmado de ouvir taes cousas a pessoas, que não conhecia, sentindo a tentação, disse: Jesus, nome de Jesus, Deos me livre de vós-outros; e dizendo estas palavras, desaparecêrão os dous demonios, resolvendo-se em hum fumo de máo cheiro. O que vendo aquelle Religioso, ficou em terra amortecido, e alli esteve mais de meia hora naquella fôrma; mas tornando depois a seu sentido, não vio ninguem: e querendo saber se estava aberta a porta da Igreja, por onde disserão, que tinhão entrado, a achou fechada, como sempre costuma estar a semelhantes horas. Deo logo muitas graças a Deos pelo haver livrado daquelle engano; e recolhendo-se para a cella, por ser já perto das Matinas, encontrou hum Frade na varanda, que se tinha levantado para ir a ellas, o qual lhe disse: Donde vindes, irmão, que

vindes cheirando a chamusco? A isto não respondeo a proposito o Religioso, a quem o caso referido aconteceu.

4 *Mas daqui podeis ver, irmãos, como os demonios nossos inimigos tem cuidado de notarem os males, que fazemos, e os trazem na memoria todos para nos arguirem, e accusarem delles. Isto disse Fr. Francisco, e ficarão aquelles dous Frades, com quem fallava, entendendo, que a sobredita historia lhe tinha succedido a elle mesmo, porque o costume de orar àquellas horas, o lugar do canto da Igreja, (onde se punha para mais quietação) e outras circumstancias o persuadião. Costume ordinario he dos Santos, quando hão de contar cousas semelhantes, de que lhes póde resultar algum louvor, porèm o caso em segunda pessoa, como vemos que fez o Apostolo S. Paulo, quando houve de tratar das revelações, que recebêra. Conheço (diz elle) hum homem, o qual menos ha de*
or. quatorze a annos, que foi levado
2. do ao terceiro Ceo, onde vio segredos de Deos maravilhosos.

5 Não diz S. Paulo quem este homem era, porèm todos os Doutores entendem delle mesmo a visão: e ainda não falta quem diga, ^b que em Damasco lhe aconteceu, quando alli esteve os trez dias cego. Couza foi isto tambem mui or-

dinaria no Euangelista S. João, como notou Santo Agostinho. Nem só o sobredito successo contou o nosso Fr. Francisco em terceira pessoa, mas tambem pelos mesmos termos disse outra vez, que conhecia hum Religioso nesta Provincia, a quem o demonio lhe apparecêra, estando em oração na cella, em figura de mulher, provocando-o a mal, e outras cousas notaveis, que lhe acontecião, a estas semelhantes, de que não temos inteira noticia, pelo grande recato, com que este servo de Deos as encubria, como tambem os mimos, e favores, que recebeo do Ceo, que he de crer serião muitos, em quem frequentava tanto o exercicio da santa oração.

C A P I T U L O XLIX.

Do rigor, e aspereza de vida de Fr. Francisco, e de sua ditosa morte.

I **N**Otavel foi o cuidado, com que o servo de Deos Fr. Francisco de Espofende procurou sempre macerar o corpo para o sujeitar à razão: de tal sorte o tratava, que pudéra dizer com S. Gregorio Nazianzeno ^a: *Trato sempre a meu corpo como a inimigo, tenho-o em conta de amigo falso, e assim nunca me fio delle.*

^a D Gregor.
 Nazianz.
 Orat. 6.

delle. Todos os dias infallivelmente tomava hum cruel , e rigorosa disciplina , além de outras , que fazia com a Communidade , tanto , que nem ainda quando andava fóra do Convento dispensava neste rigor. Em hum occasião se achou em hum Convento de outra Provincia da Ordem , onde foi por companheiro de hum Religioso grave da nossa. Em sendo noite se apartou d'elle , e foi ao Coro a açoutar-se tão cruelmente , que o Guardião daquelle Convento , como assombrado de ouvilho , veio ao Religioso fazer queixa de Fr. Francisco , dizendo que não prestava aquillo para nada , que quando estivesse em sua casa , se açoutasse muito embora , mas que quando andava fóra della , era demazia. Nem porque os homens lhe estranhassem esta sua costumada aspereza , dispensava nella , antes dizia com S. Paulo , ^b que não seria servo de Deos , se procurára agradar aos homens.

^b
Ad Galat.
l. i. n. 10.

2 Nenhuma cousa de calçado , sandalias , nem chocos levava pelo caminho , em que fosse a jornada comprida , mas com os pés totalmente por terra : nem menos queria levar consigo alguma cousa de comer , mas apostolicamente caminhava , posta toda a confiança em a providencia Divina ,

que sempre lhe administrava o necessario para passar a vida. Usava ordinariamente de hum colete inteiro de aspero cilicio : sua abstinencia era estremada , porque jejuava todas as Quaresmas de nosso Padre S. Francisco , e com tanta perfeição , como se forão todas de obrigação de peccado : além das quaes tinha muitos dias particulares do anno , em que jejuava a pão , e agua. Em a castidade foi perfeitissimo , e para mais firme guarda desta virtude , a nenhuma mulher olhava nunca o rosto. Finalmente o rigor , com que se tratava , e o aspecto de sua pessoa , davão indícios claros de quão santo era. Por tal era conhecido onde quer que estava ; e nas terras onde a obediencia o fazia morador , as gentes se convidavão humas a outras , para verem o Frade santo , que com este nome o tratavão , quando elle passava pelas ruas.

3 Nem he muito de maravilhar , que o venerassem por santo os que d'elle tinhão alguma noticia , quando os estrangeiros , que nenhuma tinhão , nem ouvido nomear a Fr. Francisco de Esposende , em o vendo , logo formavão conceito de sua virtude , como aconteeceo , sendo elle morador em o nosso Convento de S. Francisco de Elvas , em tempo , que por alli pas-

passava o Reverendissimo Padre Fr. Archanjo de Messina, benemerito Geral então da nossa Ordem. O qual como viesse ao nosso Convento, andando o seu Secretario, e companheiros vendo as officinas delle, ao tempo, que entráram na cozinha, encontráram com Frei Francisco, que andava nella ministrando, e sem dizerem cousa alguma, ficáram enlevados em o aspecto de seu rosto, e representação de sua pessoa, por espaço de tempo. Depois que sahirão para fóra, perguntáram aos nossos Frades, que lhes andavão mostrando as officinas, que Frade era aquelle, que tinha cara de santo. O mesmo Reverendissimo, que tambem foi Varão de grande espirito, acabado o Capitulo de correição, que fez aos Religiosos, havendo entre todos notado o semblante, e gesto do servo de Deos, despedindo aos mais, mandou que só elle alli ficasse, onde estiverão ambos conversando por largo espaço com mostras de grande afeição; que a santidade he a mais poderosa constellação, que póde haver para afeioar os animos, ainda dos que nunca se virão, e parece que os Santos se conhecem huns aos outros pelos espiritos, assim como nos conhecemos pelos rostos, como lemos que aconteceu

a nossos gloriosos Padres São Francisco, e S. Domingos, e a S. Francisco de Paula com S. Luiz Rei de França.

4 Neste rigor, e perfeição de vida perseverou Fr. Francisco até à morte, com que Deos poz termo a suas asperezas, e premio a seus serviços. Desejava elle grandemente, e o pedia a Deos com muitas instancias em suas orações; acabar a vida em o nosso devoto Convento do Bosque, porque desde que alli morou, ficou mui afeioado a esta Casa, pelos muitos Religiosos insignes em santidade, que nella tem sua sepultura. Ouvio Deos as orações de seu servo, cumprindo-lhe seus desejos, ainda que por rodeios, e quando parece se podia menos esperar. Estava elle morador em o Convento de nosso Padre S. Francisco de Elvas, e succedeo que mudando o Ministro Provincial dalli hum Frade para Santo Antonio de Portalegre, mandáram a Fr. Francisco por seu companheiro: de Portalegre o enviáram tambem ao Convento de Santo Antonio da Villa do Redondo em companhia de outro. Voltando daquelle Convento para o de Elvas, onde era morador, passou pelo Bosque de Borba: alli esteve hum dia, consolando-se espiritualmente com os Frades, com tenção

ção de se partir ao outro dia logo de manhã. Mas Deos, que já tinha determinado outra cousa de seu servo, ordenando-lhe outra melhor jornada, permitio lhe acudir-se hum febre tão aguda a noite antes da manhã, em que determinava partir-se, que não lhe foi possível levantar-se: tal era a malignidade della, que dalli a oito dias lhe tirou a vida.

5 Logo o servo de Deos conheceo que por aquella enfermidade o chamava a Magestade Divina, e pouco depois teve revelação do dia, e hora de sua morte, como predisse aos Frades. Nestes poucos dias, que esteve enfermo, como Cisne, que canta mais suavemente nos ultimos de sua vida, era muito para ver, e cousa, que grandemente edificava aos Religiosos, o novo fervor de espirito, com que se fez prestes para o caminho do Ceo; a grande alegria espiritual, que mostrava, e graças, que dava ao Senhor pela mercê, que lhe fazia em o querer levar para si, e em o lugar, que lhe havia pedido. Recebeo os Sacramentos da Igreja com grande devoção, e ternura, depois do qual entregou o espirito nas mãos de seu Creador hum Domingo, vespera da festa da Purificação da Senhora, do anno de 1610. deixando con-

firmado em a morte o nome, e opinião de santo, que suas virtuosas acções lhe ganhárão em a vida. Foi sepultado defronte da porta da Capella, junto do canto, e cunhal da claustra. Delle faz memoria o Author do Agiologio Lusitano.

Tom
Feve
liter.

CAPITULO L.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Tavira.

I **A** Inda que houvesse muito tempo, que os moradores de Tavira (Cidade no Reino do Algarve, situada na maritima costa do Oceano, quatro leguas da foz do Guadiana) desejassem ter hum Convento desta Provincia em sua Cidade, no anno de 1606. o procurárão com maior instancia, sendo Ministro Provincial Fr. Simão de Aveiro. Neste anno escrevêrão o Bispo daquelle Reino, D. Fernão Martins Mascarenhas, a Camera da Cidade, e Henrique Correa da Silva, Alcaide Mór, e Capitão Mór della, cada qual por si diversas cartas, em que pedião ao Provincial, Definidores, e mais Padres, quizessem aceitar a Casa, que se lhes offerecia naquella terra, cujo povo o desejava muito. Os Religiosos por satisfazerem a estes

tes desejos, e devoção, acceitáram a offerta na Congregação, que no mesmo anno celebráram em o Convento de São Francisco de Elvas. Para se pôr em effeito a fundação, impetrou o Ministro licenças do Padre Geral, e de S. Magestade, que mandando-se primeiro por seus Officiaes informar da mesma Camera, e povo junto com solemnidade de campanga, e respondendo todos, que assim o desejáram, e teriam por grande mercê, a concedeo facilmente.

2 No seguinte anno de 1607. celebrando-se Capitulo Provincial a 14. de Agosto no Convento de Santo Antonio dos Olivaes em Coimbra, nelle se determinou novamente, que se fundasse Convento em Tavira. Mandou logo Fr. Pedro de Penalva, que então sahio por Ministro, a Fr. Lionel de Coimbra, Commissario que então era das Casas, que temos no Algarve, e a Fr. Miguel da Guarda, eleito Presidente *in Capite* da nova, que se havia de fazer, fossem à dita Cidade tomar posse do sitio, que se lhes offerecesse. Esta lhe foi dada por authoridade de Justiça, e do sobredito Bispo, por hum Notario Apostolico, em humas casas, que estão além da ponte, que une as duas partes da Cidade, que o rio corta pelo meyo.

3 Nestas se ordenou logo hum Ermida, em que os Frades dizião Missa, e celebráram os Divinos Officios em fórma de perfeita Communidade, com Coro, sino, e clausura. Assim estiverão sinco annos nas sobreditas casas, que gratuitamente lhes offereceo Antonio Peres, nobre Cidadão daquella Cidade, ajudando-os demais disto com suas esmolas. Tardou-se tanto tempo em dar principio ao Convento pela indeterminação, e variedade, que houve em se escolher sitio para elle, e por respeito de algumas Provisões, que foy necessário alcançarem-se de S. Magestade para esse effeito; porque primeiramente se houve hum Provisão, pela qual, e por ordem da Camera da Cidade se tomou posse da Ermida de N. Senhora da Esperança, do Espinheiro, ou da Atalaya, (que todos estes nomes tinha) posta em hum recio naquella parte da Cidade, que he a principal, onde estão as Igrejas Paroquias, e outros Conventos. Depois, assim por alguns inconvenientes, (ainda que de pouco momento) ou impedimentos, que se representáram para edificar naquelle sitio, como por importunações, e offerecimentos de ajudas de custo para a obra, dos moradores da outra parte dalém da ponte, que de-

fejavão muito ter junto a si o Convento , por não haver lá outro algum , persuadindo-se alguns Religiosos nossos ser a certo fundar naquella parte , tratárão de haver para isso a Ermida de S. Braz , para o qual se pedio outra Provisão a Sua Magestade , em que a concedesse : e porque vinda ella , e lendo-se , se vio que por falta de quem informou o não fazer perfeitamente , não fazia menção de como a dita Ermida era da Ordem de Sant-Iago , nem S. Magestade a concedia como Mestre daquella Ordem , se lhe tornou a pedir outra Provisão de novo , na qual com declaração de que o fazia como Mestre , concedeo a dita Ermida para nella se fazer o Convento , e se deo posse juridica aos Frades , que começárão a apparellhar-se para as obras.

4 Nestas diligencias , e tardança dos despachos das Provisões , e outros embaraços , que para taes negocios sempre se offerecem , se passárão os cinco annos , que dissemos , até que ultimamente vindo alli por Prelado hum Religioso , a que nunca pareceo bem fazer-se o Convento em S. Braz , por ser sitio de viva pedra , e recife , onde não havia , nem podia haver huma arvore verde , ou hortaliga alguma , e tão seco , que nem para beber em todo aquel-

le bairro , além da ponte , ha fonte de agua doce , nem ainda para o serviço , e havia-se de ir buscar hum bom espaço a outra parte da Cidade , o que he grande detrimento para qualquer Convento , principalmente para os nossos : considerando tambem a grande ventagem , e differença de sitio , e outras commodidades , que havia para se edificar no primeiro , que se tinha escolhido ; e como a razão , que havia para se edificar o Convento naquella parte de S. Braz (isto he , por ser alli mais necessario para administrar os Sacramentos aos moradores) já não militava tanto , por haver já alli outro Convento dos Padres de São Paulo , que neste meyo tempo se passárão de hum lugar do campo para aquelle bairro da Cidade , informou de todas estas razões ao Ministro Provincial , que já então era Fr. João do Porto.

5 O qual consideradas ellas , determinou se edificasse na dita Ermida de N. Senhora da Esperança , de que para isso se havia primeiro tomado posse. Fez-se logo a cerca , e no alpendre della se ordenárão recolhimentos , em que se mettêrão os Religiosos , para com mayor commodidade poderem correr com as obras do Convento , do qual lançou a primeira pedra com grande solemnidade.

mnidade o mesmo Ministro, que indo fazendo a sua visita, se achou ahi a doze do mez de Dezembro de 1612. Parte do sitio deo a Cidade de hum recio publico, que alli havia; outra parte deo hum nobre varão, chamado Pedro de Sousa, de sua fazenda, e he o melhor, que se pode achar na terra, e perto do povo. Em respeito da Cidade fica à parte do Meyo dia, e do mar perto da praya, de que o divide hum fundo rio, que discorre dalli atè a Cidade de Faro, e serve como de muro, que defende dos assaltos, e incursos dos inimigos, que pela barra não entrem. Pela parte do Oriente ha outro rio, que he o da dita ponte, pelo qual subião, e descião todas as embarcações, que entravão naquelle porto.

6 A vizinhança destes dous rios, com pouca distancia apartados do Convento, a espaçosa vista para o mar largo, e para a terra, fazem o sitio aprazivel; só lhe faltava para ser perfeito haver nelle alguma agua, que corresse, porque para beber lhe ficou dentro hum poço, que deo a mesma Cidade: esta falta porèm remediou depois Pero Mascarenhas, Fidalgo nobilissimo, dando licença para que de humas fontes, que logo mais affima da nossa cerca nascem, com que se rega huma

fazenda sua, corra para nossa Casa em alguns dias agua bastante para se fazer pomar, e regar a horta, que huma, e outra são competentes. Forão-se as obras continuando com esmolas, que para ellas dava o povo, finalando-se mais quem mais podia, como sempre fez Henrique Correa da Silva, Alcaide, e Capitão Mór da Cidade, que assim para as obras, como para a sustentação, e vestimenta dos Religiosos acudia com igual liberalidade a sua devoção. Ajudou tambem muito o sobredito Bispo D. Fernão Martins Mascarenhas, tão devoto desta Provincia, que dando-lhe naquella occasião carta de Confraternidade, a recebeo com tanto alvoroço, que disse publicamente, que mais estimava aquelle papel, do que se lhe viera nelle despacho de algum Arcebisado. Com tudo isto a Casa de Tavira, a quem se deo titulo, e vocação de Santo Antonio da Esperança, em razão da Senhora, que estava naquella Ermida, se acabou em breve tempo perfeitamente, como agora está.

CAPITULO LI.

Fundação do Convento de Santo Antonio de Fronteira : e memoria do humilde Varão Fr. Thomaz de Santarem.

1613

EM o Capitulo celebrado em o Convento de Santo Antonio de Evora pelo mez de Julho de 1610. onde sahio eleito em Ministro Provincial Fr. João do Porto, aceitarão os Vogaes d'elle hum Convento, que se offerecião fazer os moradores da Villa de Fronteira, por satisfazerem à instancia, e rogos, com que havia muitos annos o procuravão, sem o poderem conseguir, porque por algumas razões se escusavão os Prelados da tal fundação. Recebida finalmente a promessa para effeito della juntando-se depois o dito Ministro com dous Definidores, Fr. Luiz da Covilhã, e Fr. João da Guarda, forão àquella Villa, onde congregados na Igreja os Nobres com Dom Lucas Portugal, illustre Fidalgo, e Commendador da mesma Villa de Fronteira, assentárão dar o sitio para a Casa onde por então pareceo melhor a todos, e os mesmos Frades tinhão recolhido, por respeito de hum poço do Conselho, que lhe ficava perto, e a Camera da Vil-

la tambem deo, de que logo se fizerão escrituras. Estando assim todos, hum dos Nobres se levantou, e em nome dos mais pedio a D. Lucas quizesse aceitar o Padroado da Capella Mór do Convento, que se havia de edificar, o que elle agradeceo, e mostrou estimar muito, dizendo, que o tinha por particular mercê, e grande honra, e que para isso promettia dar sincoenta mil reis todos os annos, em quanto as obras durassem. E como depois disto vivesse pouco tempo, mandou a seu filho D. Francisco Portugal que continuasse com a dita esmola; e tanto que a Capella da Igreja fosse feita, levasse a ella a sepultar seu corpo, que por entretanto ficou depositado no Capitulo da nossa Casa de Santo Antonio de Estremoz.

2 O povo de Fronteira deo logo para habitação dos Religiosos a Igreja, e Casas da Santa Misericordia, onde viverão com titulo de Guardiania, em clausura, e fórma de Communidade, em quanto se não fizerão recolhimentos bastantes em o Convento novo, no qual foi lançada a primeira pedra pelo Bispo de Elvas, que então era D. Rui Pires da Veiga, a dezenove de Maio de 1613. na Domingo infra octava da Ascensão, achando-se presente o Ministro Provincial, e outros Religio-

ligiosos graves da Provincia, que para este effeito se ajuntarão com os que já moravão nas sobreditas casas da Misericordia. De esmolas de pessoas particulares se ajuntarão logo dous mil cruzados, com que se deo principio às obras, e se proseguirão com as que fazia o povo, que nellas mostrava bem o desejo, que tinham de verem acabado o Convento, que havia tantos annos procuravão. O Doutor Francisco Gracia, natural da mesma Villa, e Desembargador no Brazil, mandou de là toda a madeira necessaria para as portas, e janellas, cadeiras do Coro, grades da Igreja, e armarios da Sacristia. D. Francisco Portugal não sómente satisfez com o que por seu pai lhe foi mandado, mas tambem fez outras caridades, pelas quaes, e por cumprimento do que a seu pai se tinha offerecido, se lhe deo Patente do Padroado da dita Capella, que hoje logra seu filho D. Lucas Portugal. He o sitio do Convento pouco sadio, porém o melhor, que se achou na terra, por respeito das poucas aguas, que nella ha; e alli se acharão para se fazer huma pequena de horta de hum pequeno ribeiro, que por ella corre. Habitão de ordinario este Convento quatorze atè quinze Religiosos, aos quaes assiste a Villa com

devoção, provendo-os bastantemente.

3 Quasi por este tempo deixou este desterro, e caminhou para a patria dos Santos do Convento de S. Fructuoso de Braga, onde era morador, hum Religioso leigo, que deixou de si grande fama de santidade. Chamava-se elle Fr. Thomaz de Santarem, nome, que lhe foi imposto por haver nascido no dia deste Sagrado Doutor: no mesmo fez profissão, e ultimamente nelle morreo. Mysterio estão arguindo successos tão ajustados a hum mesmo dia, nascimento, profissão, e morte; porque supposto que de Julio Cesar, ^a e Octaviano Augusto Emperadores se lê, que morrerão o dia finalado, em que haviam nascido, nestes pode ser acaso, ou disposição de Deos para ensinar ao genero humano o parentesco, que tem a vida com a morte, ou outro fim de seus inexcrutaveis juizos. Maior mysterio nos dá que suspeitar a santidade de Fr. Thomaz, como se suspeita (guardada a devida distancia) do nascimento, e morte de S. Gregorio ^b o Grande, que tambem se correspondêrão em os dias. Foi sem dúvida especial favor do Ceo nascer, professar, e morrer em dia do Angelico Doutor S. Thomaz.

4 Foi este veneravel Religio-

^a
Sabellico
lib 9. cap. 4.
Alex. lib. 4.
cap. 20.

^b
Joan. Diacon. in vit.
S. Gregor.

D. Rodrig^o
da Cunha,
Histor. de
Braga 2. p.
c. 73. n. 10.

giofo natural da Villa de feu nome, e dos principaes ^c della: passou à India em sua mocidade, onde foi soldado muitos annos, e de grandes serviços: a riqueza, que della trouxe, foi o defengano do mundo, com que, tanto que chegou ao Reino, procurou o habito de nosso Padre S. Francisco em a nossa Provincia da Piedade. Entrou já nella de idade crecida, mas, como bom jornalista do Euangelho, aventajou-se a muitos, que tinham entrado primeiro na vinha do Senhor. Seu mais ordinario exercicio era o da santa oração, e consideração da morte, donde nascia compôr de forte a vida, que servia a todos de exemplo. Raras vezes era visto fóra da cella: nesta estava sempre recolhido contemplando sentado no chão, ou posto de joelhos diante de humma Imagem de nosso Redemptor crucificado, que em seu pobre oratorio tinha sómente com humma caveira de hum defunto, que lhe servia de espelho para compôr a vida, e de despertador para a morte. Foi estremado na abstinencia, humildade, e pobreza, e tão penitente, que constando a sua cama sómente de humma taboa, sem outra alguma coisa, mui poucas vezes se deitou nella, tendo-a ainda por mui branda, e mimosa, e assim ordinaria-

mente se deitava em a terra nua.

5 Mandarão-no os Prelados para Ourem dar principio à Casa, que o povo procurava edificar nesta Villa, onde esteve todo o tempo, que durarão as obras, tendo cuidado dos que trabalhavão nellas. Tinhão-lhe todos muito respeito, assim pelo bom tratamento, que sua abrazada caridade fazia a todos, como pela muita virtude, que nelle vião, em prova da qual succedêrão alguns casos dignos de memoria. Foi o primeiro, que andando hum Cavouqueiro na pedreira cortando pedra, indo Fr. Thomaz para concertar humma cunha, no tempo, que descia o golpe do marção, o apanhou pela cabeça, e quando se esperava em pedaços, não lhe fez damno algum, ^d como se dera na mais dura pedra. De forte, que quando o pobre homem fóra de si cuidava que o tinha morto, o servo de Deos para o animar lhe mostrava a cabeça muitas vezes, e pondo nella as mãos, dizia: *Vedes aqui, irmão, não temais nada, que me não fizestes couza alguma.*

6 Outra vez vinha Fr. Thomaz com hummas carretas carregadas de pedra, e ao passar por humma ponte, que fica abaixo do Convento em hum ribeiro, quiz acudir depressa por en-

Agiol.
tom.
Març.
liter.

encaminhar os boys, que hião desviados, e de tal maneira se embarçou entre elles, que cahio no chão, sem se poder levantar antes que huma das carretas lhe passasse por cima. Foi cousa maravilhosa, que com ser o pezo tal, o Religioso não recebeu damno algum, e assim se levantou logo, como se lhe não tivera nada acontecido, e foi guiando as carretas, como de antes. Depois deste successo, andando outra vez trabalhando junto de hum forno de cal ardendo, cahio nelle; e quando lhe acudirão os que alli se acháram, cuidando que não fahisse delle com vida, virão-no logo são, e salvo, sem o fogo lhe chamuscar hum fio do habito. Ultimamente estando outro dia subido em huns andaimes muito altos, cahio delles com tão grande impeto, e furia, que dando entre humas pedras, que debaixo estavam, ficou enovelado entre ellas, como se de proposito, e muito de vagar o estiverão alli mettendo, e encaixando. Acudirão os Frades, e homens das obras, imaginando que se tinha feito em pedaços, que não promettia menos a altura donde cahio; porém ainda que não estava morto, acháram-no sem falla, privado de todos seus sentidos. Nesta fórma esteve dous dias, e curando delle alguns homens,

que entendião de semelhantes curas, affirmarão todos, que não tinha osso algum quebrado, nem desconcertado; e com ser assim verdade, tornando Fr. Thomaz em si, achou-se coxo de huma perna, onde Deos parece lhe quiz mostrar o milagre de escapar com vida daquelle perigo, deixando final, e testemunho delle. Com este achaque viveo depois não muitos annos; porém todos os que forão, com grande exemplo de virtude, gastados em seus antigos exercicios, até que indo morador para o nosso Convento de S. Fructuoso de Braga, nelle morreo em sete de Março, deixando de si opinião de grande servo de Deos.

CAPITULO LII.

Eleição do trigésimo segundo Ministro Provincial: e de hum Religioso de approvada vida, que acabou em seu triennio.

I **D**E mais dos trez annos 1614
teve Fr. João do Porto o governo da Provincia seis mezes, porque estando a Provincia visitada, como as mais deste Reino, esperando pelo Reverendissimo Padre Geral Fr. João del Hierro, que promettia achar-se nos Capitulos, vindo já para este Reino morreo

reo em Sevilha. Foi occasião sua morte de grandes controvérsias, e questões em as Provincias deste Reino sobre se as havião de governar os Commissarios Visitadores, aos quaes era acabado o tempo da jurisdicção, que lhes dão os Estatutos geraes, e ló se achava estarem prorogados por cartas do Geral, ou se havião de reger os proprios Provinciaes como Prelados ordinarios, ou ao menos Commissarios das Provincias, e huns, e outros mettião a mão no governo. Durarão estas dúvidas, e opiniões até a vinda do novo Vigario Geral Fr. Antonio de Trejo, com que se compuzerão todas.

2 O primeiro Capitulo, que fez o sobredito Padre neste Reino, foi o nosso da Piedade no Convento de Santo Antonio de Evora em dezenove de Janeiro de 1614. Sahio eleito em Ministro Provincial Frei Christovão de Vouzela, e foi em numero o trigésimo segundo Prelado, que a Provincia teve. Os Definidores forão Fr. Giraldo de Braga, Fr. Leonel de Coimbra, Fr. Vicente de Abrantes, Fr. Diogo de Braga, o Custodio Fr. Luiz de Lisboa. Os gastos do Capitulo fizeram com grande liberalidade D. Fernando de Castro, primeiro Conde de Basto, e Dom Diogo de Castro seu filho, que

dahi a trez, ou quatro dias succedeo na Casa, sendo aquella obra de piedade a ultima, com que o dito Conde cerrou a bobada de sua mui larga velhice, e devoção, que sempre teve aos Frades desta Provincia. Foi este Ministro Frei Christovão mui inteiro em seu modo de governo, e mui exemplar assim em sua pessoa, como em suas obras. Sempre com particular cuidado, depois que foi Religioso, tratou de sua salvação, e de aperfeiçoar-se na virtude, guardando, e fazendo guardar mui pontualmente, quando Prelado, as ceremonias, e louváveis costumes, com que esta Provincia cria aos Religiosos della.

3 Sendo mancebo, e estudante na Universidade de Coimbra, procurou o habito de nosso Padre S. Francisco nesta nossa Provincia da Piedade; e como lhe chegasse a Patente para o ir tomar, a tempo, que estava para fazer o acto de formatura em Canones, cuja sciencia professava, e porque se não presumisse que o temia, sem dar conta do que determinava fazer, formou-se com muita satisfação de todos os circumstantes, dizendo no fim do acto estas palavras: *Liceat mihi ad meliorem gradum transmeare*; quer dizer: Seja-me licito passar a outro melhor gráo; e sup-

e supposto que muitos repararão nas palavras, nenhum entendeo o fim, porque as dizia. Não passou muito que não tirasse a todos da dúvida, em que os tinha posto; porque sahindo da Universidade com grande acompanhamento de parentes, e amigos, como he costume em semelhantes actos, que o levavam até sua casa, elle tomando para a porta do Castello, que ficava em caminho differente, para a parte de Santo Antonio dos Olivaes, fez que até alli viessem todos com elle, onde depois de lhes agradecer a honra, e assistencia, que lhe tinham feito, se despedio, dizendo que hia tomar o habito de Santo Antonio. Ficarão todos maravilhados do successo, e termos, de que usára naquella despedida, que fazia do mundo, e compungidos de huma tal resolução em tão poucos annos, o acompanhárão até o Convento, onde recebeo o habito de Religioso, em que perseverou até o fim da vida, mostrando por obras na Religião, não se apartar nunca delle aquelle fervor, e espirito, com que a ella viera.

4 Fez este Provincial a sua Congregação em Santo Antonio de Abrantes a treze de Junho de 1615. em que presidio o Padre Fr. Ambrosio de Jesus Definidor Geral, e Commis-

sario neste Reino para todas as Congregações delle, Provincial, que tinha sido da santa Provincia de Portugal. Depois que Fr. Christovão acabou seu triennio por commissão do Padre Commissario Geral Fr. João Venido, foi visitar a santa Provincia da Arrabida; e escolhendo-o depois por seu Confessor o Duque de Bragança D. Theodosio segundo do nome, esteve em Villa-Viçosa alguns tempos fazendo com muita satisfação este officio; mas como sobre ser já velho, e cheio de achaques, lhe viesse tambem hum dos ouvidos, de que ficou quasi surdo, por este respeito se despedio do Duque, e se foi para nossa Casa de Abrantes, e depois finalmente para o Convento, que temos em Azurára, onde cheio de virtudes, e merecimentos faleceo, e está sepultado.

5 Depois da Congregação deste Ministro Provincial passou ao Senhor em a Casa de Santo Antonio de Beja, onde era actual Guardião Fr. Antonio de Niza, Prégador dos mais espirituaes, e zelosos da salvação das almas, que houve em seu tempo. Antes de ser Frade, e vir à Provincia, já era Sacerdote, Prégador tão estimado do povo, que toda a gente o estimava, e respeitava como a santo, e nesta opinião era

Fr. Anton.
de Niza,
Prégador,

tido geralmente de todos, pelas obras exteriores, que nelle vião. Rara vez sahia de sua casa, salvo para a Igreja, onde tinha hum beneficio delRei, a cujas obrigações acudia pontualmente todos os dias. Alli dizia Missa, e estava confessando trez, e quatro horas ordinariamente, porque sempre havia gente, que o buscava. Depois se tornava a recolher, e não era visto fóra de casa, salvo constangido de necessidade manifesta. Prégava ao povo muitas vezes, e os mais dos Domingos, e dias Santos, que não prégava, fazia doutrinas, juntando-se o povo à tarde na Igreja. Nestas, e outras semelhantes obras perseverou depois de Sacerdote, que serião dez, ou doze annos, no fim dos quaes com desejo de servir a Deos em vida mais perfeita, se resolveo tomar o estado de Religioso. Escolheo para este fim esta nossa Provincia da Piedade, onde viveo outros dez, ou onze annos com tão bom exemplo, que os Religiosos, que o conhecêrão, se confirmavão na opinião de santo, que trouxera do mundo. Teve graça particular de mover corações à penitencia, e de fazer amizades, e assim nas terras, onde prégou, ficou delle grande fama. É supposto que sempre prégava com grande fervor, e espirito, com tu-

do muito mais depois que lhe succedeo o caso seguinte.

6 Estando este Religioso morador em o Convento de S. Francisco de Elvas pelo fim dos annos do Senhor 1614. teve huma enfermidade, de que jazia doente em sua propria cella: e supposto que se confessou nella muitas vezes a meudo, hum dia pela tarde mandou chamar mui apressadamente a seu Confessor, o qual entrando na cella do enfermo, o achou algum tanto perturbado, pedindo-lhe que o ouvisse de confissão. Pelo decurso della lhe contou, que naquella cella, onde estava, havia pouco lhe tinhão apparecido no ar, sem chegarem ao chão, nosso Senhor Jesus Christo, com a Virgem Santissima sua Mãi à mão direita de joelhos, e à esquerda nosso Serafico Padre São Francisco tambem na mesma fôrma. Representava-se o Senhor com o rosto irado, e sua Mãi Santissima, e nosso Padre, como quem lhe pedia misericordia: perseverou a visão algum espaço, em que elle a vio clara, e distinctamente, depois do qual desappareceo, deixando-o grandemente confuso, e perturbado. Perguntou-lhe o Confessor, que era o que julgava daquella visão; ao que elle respondeu, dizendo que estava Jesus Christo irado contra os pec-

ca-

cadores ; e lhe queria dar algum grave castigo, e que a Virgem sua Mãi, e nosso Padre lhe pedião piedade, e misericordia. Convaleceo o doente daquella enfermidade, e infundio-lhe esta visão hum novo fervor, e espirito, com que pregava, reprehendendo os vicios, e peccados, avisando aos peccadores se guardassem da ira de Deos, e deixassem de offendello, se não querião experimentar o rigor de seu castigo. Não viveo Fr. Antonio muito tempo depois desta visão, porque na Congregação de Frei Christovão de Vouzela, que foi, como temos dito, em treze de Junho de 1615. sahio por Guardiã do Convento de Santo Antonio de Beja, onde faleceo antes de acabar o tempo de sua Guardiania. Deixou naquella Cidade tão grande nome sua virtude, que muitos annos depois de sua morte, havendo de contar alguma cousa, que succedêra em seu tempo, costumavão dizer, que acontecêra no tempo do Guardiã santo.

CAPITULO LIII.

Elege-se o trigesimo-terceiro Ministro Provincial: funda-se Convento em Alter do Chão.

7 1 CONcluido o triennio do irmão Frei Christovão de Vouzela, e ha-

vendo visitado a Provincia Frei Fernando de Santa Maria, Religioso mui penitente, e perfeito, filho da santa Provincia da Arrabida, se celebrou Capitulo Provincial em a nossa Casa de Santo Antonio de Evora aos vinte e hum do mez de Janeiro de 1617. para cujos gastos se offereceo, como fez com muita liberalidade, a devoção de D. Antonio de Mello, Fidalgo nobilissimo naquella Cidade. Presidio nelle o Reverendissimo Padre Fr. Antonio de Trejo, Vigario Geral da nossa Ordem; sahio eleito em Ministro Provincial o irmão Fr. Gonfalo de Guimarães, e foi Fr. Gonfalo de Guimarães, Provincial 33. o trigesimo-terceiro em numero. Para Definidores se fez eleição de Fr. Paulo do Porto, Fr. Jeronymo de Thomar, Frei Pedro de Lordello, Fr. Antonio de Sinde, Prégador: por Custodio ficou Fr. Christovão de Vouzela, que acabava de Ministro. No seguinte anno de 1618. se celebrou Capitulo Geral, pela festa de Pentecostes 2. de Junho em Salamanca, nelle sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Fr. Begnino de Genova, e por Commissario Geral desta nossa Familia Cismontana o Reverendissimo Padre Fr. João Venido, Padre da Provincia da Conceição, e Commissario Geral de

Indias. Neste Capitulo se achou o nosso Provincial, e delle trouxe licença para presidir na sua Congregação, que celebrou em o Convento de Santo Antonio de Portalegre no ultimo de Junho de 1618.

Fundação
do Con-
vento de
Santo An-
tonio de
Alter.

2 Neste mesmo anno nos incumbe dar noticia do Convento de Santo Antonio de Alter; porque supposto havia já alguns annos, que nossos Frades vivião nesta Villa em fórma de Communidade, com tudo como por este tempo se lançou a primeira pedra no Convento, onde agora vivemos, por esta razão o differimos para este lugar. A causa, que houve para entrarmos na sobredita Villa, foi pedirem os moradores della por mercê ao Duque de Bragança D. Theodosio, segundo do nome, acabasse com os nossos Frades quizessem ir povoar hum Convento, que os Padres Carmelitas Descalços naquella sua Villa tinham desamparado, e succedeo o caso nesta fórma. Havia nesta Villa de Alter do Chão huma Igreja antiga da invocação do Espírito Santo, com humas casas contiguas, feitas para Hospital, e gazalhado de pobres estrangeiros, e peregrinos, em cujo lugar os Padres ^a Carmelitas Descalços pelos annos do Senhor 1595. em vinte e quatro de Abril, treze, ou quatorze

Fr. Bel-
chior de
S. Anna
in Chron.
l.2, c.23.

annos depois que entrarão neste Reino, começarão a edificar alli Convento, ajudando-se da renda da Confraria, que havia na Igreja, e os moradores lhe davão.

3 O servo de Deos Manoel do Rego, criado da Senhora Dona Catharina, fez muito nesta fundação, pedindo-lhe encarecidamente sollicitasse licença do Geral, e do Bispo de Elvas, em cuja Diecese cahia, atè que alcançada de ambos, se poz mão à obra. Para esta fez a sobredita Senhora algumas esmolas, como tambem o Duque seu filho; nem forão menos consideraveis as que fez o dito Manoel do Rego, que depois de dispensar para as obras com larga mão, se recolheo com os Padres para servir a nosso Senhor em habito de Donado. Fizerão logo no primeiro anno hum dormitorio, com outras officinas, onde residirão atè o anno de 1599. continuando com as obras: mas como os mais delles adoeceassem, e morresse hum, chamado Fr. Silvestre da Circumcisão, ainda Corista, mas já Religioso perfeito, deixarão o Convento na fórma, em que estava, e voltarão para o de Evora, havendo sómente quatro annos, que tinham entrado no de Alter do Chão. Ficarão os deste povo sentidos, e assim recorrêrão ao Defini-
to-

torio com grandes instancias, para que mandasse habitar o Convento; a cujos rogos commovido o Geral, passou novo Decreto, para que tornassem os Padres, como em effeito vierão, povoando já o Convento com doze, ou treze Religiosos. Passados sinco annos, que desta segunda vez alli estiverão, huma noite secretamente desapparecerão, não já pelo sitio ser doentio, mas opprimidos das molestias, e vexações, com que quotidianamente erão tratados dos moradores daquelle povo. Couza ^b que o sobredito Manoel do Rego sentio tanto, que por esta causa deixou a patria, e foi morrer a Valhadelid, com grande fama de santidade.

4 Vendo-se nesta fórma os moradores de Alter, e conhecendo os mais zelosos a muita necessidade, que tinha este povo de assistirem nelle Religiosos, pedirão com muita instancia ao Duque fizesse com os da Piedade fossem povoar aquelle Convento. Muito foi necessario, para que nossos Frades viessem nesta pertençaõ, e verdadeiramente era bastante, para se não aceitar o Convento. saber a causa, por que o deixarão huns Padres tão Religiosos. Com tudo mostrou nisto o Duque tão grande vontade, que por não desgostallo, e muito

mais pelo serviço de Deos, que se esperava tirar da assistencia naquelle povo, se offerecerão os Frades a romper por tudo, não obstante as difficuldades, que com fundamento se lhes representavão. Estimou tanto Sua Excellencia a boa resposta, que os Frades lhe derão, trazendo-lhe a nova, que a Casa de Alter no Capitulo, em que sahira o irmão Fr. João do Porto por Ministro, era recebida, que prometteo fazer em outro melhor sitio hum novo Convento à sua custa, de que queria ficar Padroeiro. Com isto mandou o irmão Fr. João do Porto, depois de sua Congregaçaõ, que foi pelo mez de Fevereiro de 1613. Frades, que fossem povoar aquelle Convento em fórma de Communidade. E no Capitulo de Evora de 1614. se lhe deo à Casa titulo de Guardiania, onde morão de ordinario treze até quatorze Religiosos, a quem a Serenissima Casa de Bragança faz esmola ordinaria, para ajuda de sua sustentação, como às mais Casas, que temos em seus Estados.

5 Dez, ou onze annos estiverão nossos Frades naquella Casa, que deixarão os Padres Carmelitas, experimentando muito à sua custa a primeira causa, que elles tiverão para deixalla, porque em vindo o Verão, muito poucos escapavão

vão de largas enfermidades ; pelo que procurárão logo quanto lhes foi possível , buscar novo sitio , em que edificassem. Achárão para isto hum mui conveniente , fresco , e de bons ares , no alto de hum cabeça , que fica perto da Villa , chamado o do Alcaide. Para as obras applicou o sobredito Duque as rendas de hum matto do Conselho , que ha no termo daquella Villa , mandando se vendesse todos os annos o montado delle ; e montou tanto , que só com os rendimentos , e boa diligencia , que punhão os Frades , não se passarão muitos annos , que a Casa não chegasse à perfeição devida. Nella deitou a primeira pedra o Duque , que só por este respeito tinha ido de Villa Viçosa a Alter ; e para mais solemnidade lançou tambem a segunda o Senhor D. João seu filho , Duque de Barcellos , o que tudo se fez aos oito dias do mez de Outubro de 1617. Estavão junto do cabeça , onde se fez a Casa , algumas hortas de diversos possuidores , mui frescas pelas muitas arvores de espinho , e outras diversas , que havia nellas , as quaes se comprárão por preço de trezentos mil reis , para se metterem dentro em a cerca , com as quaes fica a Casa com horta bastante , e fruta de espinho maravilhosa.

CAPITULO LIV.

Eleição do trigésimo-quarto Ministro Provincial, e fundação do Convento de Faro.

I **D**Epois que o irmão Frei Gonfalo de Guimarães acabou o tempo de seu ministerio , que não forão ainda perfeitos trez annos , celebrou-se Capitulo Provincial em nossa Senhora da Piedade de Villa-Viçosa aos dezefete dias do mez de Dezembro de 1619. Fez os gastos delle o Serenissimo Duque D. Theodosio II. dizendo , que todos os mais Capitulos da Provincia queria elle fazer na mesma Casa da Piedade , como sempre fez em sua vida. Presidio nelle o Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. João Venido , e sahio eleito em Ministro Provincial Fr. Pedro de Lordello , ^{Fr. del Pro} cuja eleição foi tão applaudida de todos , como merecião as ³⁴ muitas prendas de que o eleito era dotado. Satisfez elle bem em seu governo ao applauso , com que foi festejada sua eleição , porque obrou nelle com grande prudencia , inteireza , e acerto. Sahirão por Definidores Fr. Vicente de Abrantes , Fr. Diogo de Braga , Fr. Fabião do Sardoal , Fr. Antonio do Seixo Prégador , e por Custodio Fr. Pantaleão do Porto Pré-

Prégador. Achou-se este Provincial em a Congregação Geral, que em seu tempo se celebrou em Segovia a vinte e nove de Maio de 1621. onde sahio por Commissario Geral desta Familia Cismontana o Reverendissimo Padre Fr Bernardino de Sena, da Provincia de Portugal. Pouco depois de vir della, celebrou a sua Congregação na Piedade de Villa-Viçosa aos dez dias do mez de Agosto do mesmo anno, presidindo nella o mesmo Reverendissimo. Neste tempo mostráram os moradores de Faro o desejo, que tinham de nos terem em sua terra.

2 Nenhuma Cidade deste Reino mostrou tanto a devoção, que tinha à nossa Provincia, como a de Faro no do Algarve, porque por trez vezes em differentes tempos procurou fazer-nos alli Casa. Humas edificou, em que vivemos alguns annos, depois dos quaes entráram nella os Padres Observantes, que ainda hoje a habitam, a quem a largámos pela occasião, que já deixamos dito; e quando a pouca subsistencia, que nesta Cidade tivemos, pudéra resfriar a devoção dos moradores della, servio de mais a avivar, porque desde o instante, que sahimos daquelle primeiro Convento, continuáram sempre em a pertençaõ de que

fundassemos outro de novo. Houve para isto alguns inconvenientes, e assim não teve effeito seu bom desejo, até que no Capitulo, em que sahio Ministro Provincial o irmão Frei Gonçalo de Guimarães, se propoz, e sem falta então se recebêra, se o Vigario Geral, que nelle presidio, dera seu voto. Porém como estava enfadado de algumas cousas, que não tinham sahido conforme sua opinião, satisfez sua queixa em não consentir que esta Casa se recebesse, nem querer fazer os Prégadores, que a Provincia lhe apontava. Com tudo, como aquella piedosa pertençaõ vinha ordenada por Deos, elle lhe deu o remedio, e assim antes que o irmão Fr. Gonçalo acabasse de ser Provincial, a Casa foi recebida, e mandados Frades, que fossem edificalla.

3 Houve naquella Cidade dous bons casados, cujos nomes erão o do marido Francisco Martins, e o da mulher Branca Raloa: erão de limpa geração; e nobres por seus bons procedimentos. Tinhão dos bens do mundo abundancia para seu estado, e não tendo filhos, a quem os deixar, determináram applicallos a alguma obra pia. E como neste tempo se fallasse na pertençaõ, que havia de irem nossos Frades para aquella terra, pareceo-lhes aos dous cas-

fados , que nas obras do novo Conventoficarião seus bens bem empregados. Para isto fizeram ambos hum testamento , em que logo davão humas formosas casas , que com hum grande , e proveitosa horta , junto com a mesma Cidade , em hum pontoda della tinhão. Com isto deixarão outras terras , para que se vendessem para as obras , de que não querião outro humano interesse , mais que a Capella Mór da Igreja , para nella ser dada a seus corpos sepultura. Feito o testamento , morreo pouco depois Francisco Martins , ficando a mulher com tão grandes desejos de effectuar o que ambos tinhão ordenado , que avisou logo a nossos Frades do que estava feito , e pediu-lhes quizessem ir edificar aquella Casa , que ella lhes daria para as obras todos os bens , que à sua parte lhe ficarão , além do que de consentimento de ambos ficava no testamento.

4 Vista a occasião tão accommodada para satisfazer à vontade de todos os moradores daquella Cidade , mandou o Ministro Provincial Frades , que fossem a Faro ; os quaes , havidas todas as licenças necessarias , se mettêrão de posse das ditas casas , que para isso deixára Francisco Martins , onde fizeram seu recolhimento , e clausura , por serem capazes pa-

ra tudo. E tratando logo de pôr as mãos na obra , traçarão a Igreja no meio de hum estrada , que passava junto dellas , em que se deitou a primeira pedra pelo Bispo do Algarve , que era então D. João Coutinho , que como tão afeiçoado a esta Provincia , quiz achar-se presente , e fazer o officio , aos quinze de Outubro de 1620. Forão-se as obras continuando com mais algumas esmolas , que o povo fazia , e outras , que de partes diversas os Provinciaes para ellas applicavão , de maneira , que em poucos annos ficou o Convento acabado , e hoje hum dos mais perfeitos que temos. Ficou servindo de cerca a horta , que alli estava , com hum nora de agua dentro , com que tudo se rega. Viveo Branca Raloa depois de nossos Frades irem para Faro , alguns poucos annos , com tanta consolação , e alegria espirital , pelo que tinha feito , que só nisso fallava , nem tratava de outra cousa mais , que de communicar mui espiritalmente nossos Religiosos , despendendo com elles em abundancia , assim para ajuda das obras , como para sua sustentação. Morreo , e foi sepultada na Capella da Igreja com os ossos de seu marido , que para ella forão trasladados do lugar de sua primeira sepultura.

CAPITULO LV.

Como neste tempo se intentou que as Provincias Descalças tivessem Vigario Geral à parte.

I Por duas vezes se tinha já intentado dar Vigario Geral às Provincias Descalças de Hespanha, e de nenhuma dellas teve effeito a pertença, porque os mesmos, a quem tocava promovella, a contrariarão em huma Congregação, que para isso se ajuntou em Valhadolid, como fica dito. Terceira vez em tempo do triennio do nosso Ministro Provincial Fr. Pedro de Lordello, quando parecia estar de todo esquecida esta pertença, se intentou o mesmo com maior efficacia, pois com effeito esteve nomeado Vigario Geral para as Provincias Descalças de Hespanha, e Indias de Castella, e para as mais do mesmo Instituto, que ao diante se lhe aggregassem, como já se lhe aggregavam duas, que novamente se erigirão, a saber, a Recoleição da Provincia de Catalunha, e a Custodia da Madre de Deos de S. Thomé, nas nossas Indias Orientaes. Foi o caso, que expedio o Papa Gregorio XV. hum Breve, que começa: *Ex injuncto nobis desuper*, a vinte e quatro de Novembro de 1621. e primeiro de

seu Pontificado, em o qual motto proprio, e de certa sciencia, e com madura deliberação sua, instituia, e nomeava a Frei João de Santa Maria, Padre da Provincia de S. José, Confessor da Infante Dona Maria, filha de Filippe III. em Commissario Apostolico, para que governasse como legitimo Superior, e Prelado de todas as Provincias Descalças de Hespanha, e das Indias, até o Capitulo Geral, que se havia de celebrar em a festa de Pentecostes do seguinte anno de 1622. para eleger Vigario Geral pelos Ministros Provinciaes, e Custodios das mesmas Provincias, em cuja eleição havia de presidir o mesmo Commissario Apostolico. No mesmo Breve põe o Summo Pontifice algumas cousas tocantes ao modo do governo, que havião de ter, expressando tambem alguns casos, em que subordinava o novo Vigario Geral dos Descalços ao Ministro Geral de toda a Ordem.

2 Tanto que o Padre Frei João de Santa Maria recebeu o Breve, começou a exercitar seu officio de Commissario Apostolico de nossa Descalcez, e para que constasse a todas as Provincias Descalças o novamente ordenado pelo Summo Pontifice, despachou a todos seus Ministros Provinciaes hu-

ma Patente sua dada em Madrid no Convento Real de São Gil, a treze de Janeiro de 1622. e juntamente huma copia autentica do dito Breve. Governava então esta Familia Cismon-tana o Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Bernardino de Sena, o qual com outros Padres graves della, informou por sua parte, e em seu favor ao Rei de Castella. Ordenou este ao Nuncio Apostolico, que em sua Corte residia, mandasse suspender aquelle novo governo, em quanto não vinha resposta de humas cartas suas, que sobre isto havia escrito. E porque tudo o que à cerca deste particular houve, consta de huma carta, que o Padre Commissario Geral escreveu ao nosso Provincial, me pareceo trasladalla aqui de *verbo ad verbum*, que he na maneira seguinte.

3 „ Como essa Provincia
 „ está tão derramada por todo
 „ o Reino, e V. Paternidade
 „ anda sempre em essa roda vi-
 „ va de sua peregrinação, at-
 „ tribuo a isso o não ter respos-
 „ ta das que tenho escrito a Vos-
 „ sa Paternidade, havendo pas-
 „ sado tanto tempo, pois o avi-
 „ sei de Badajoz, quando vi-
 „ nha para estas partes, e ago-
 „ ra o fiz ha poucos dias por
 „ via do Conde da Vidiguei-
 „ ra. V. Paternidade por mi-

„ nhas cartas, ou por outra via,
 „ será já sabedor da novidade,
 „ que passa nesta Corte, onde
 „ o Padre Fr. João de Santa
 „ Maria tornou a levantar cou-
 „ sa, que parece estava já de
 „ todo esquecida, e que por
 „ diversas vezes em tempos
 „ passados foi de todos tão
 „ contradita, de dar às Provin-
 „ cias Descalças Vigario Geral
 „ à parte: e assim S. Santida-
 „ de, que segundo se crê, te-
 „ ve mui falsas informações,
 „ mandou ao Padre Fr. João
 „ de Santa Maria Breve, que
 „ me dizem já por lá anda, pa-
 „ ra que ajuntassem pela festa
 „ de Pentecostes proxima vin-
 „ doura todos os Padres das
 „ Provincias de Hespanha, e
 „ elegessem Vigario Geral, sen-
 „ do elle Presidente, e que en-
 „ tretanto elle fosse Vigario Ge-
 „ ral, e governasse. Mas co-
 „ mo isto antes de chegar o
 „ Breve tinha parecido tão mal
 „ a todos os privados, e Se-
 „ nhores da Corte, mandou
 „ S. Magestade a seu Confes-
 „ sor consultasse o que nisto
 „ mais convinha, pela novida-
 „ de, que em si trazia alterar
 „ o governo da nossa Ordem,
 „ em tempo, que ella estava
 „ tão reformada, em tanta paz,
 „ e quietação: e assim mandou
 „ ao Padre Fr. João de Santa
 „ Maria, que se lhe viesse al-
 „ gum Breve de S. Santidade,
 „ o não

„ o não désse à execução, sem
„ primeiro lhe dar parte. E
„ tambem mandou ao Nuncio,
„ que se o Breve viesse diri-
„ gido a elle, o detivesse, por-
„ que isto ameaçava grandes re-
„ voluções, e escandalos, co-
„ mo logo se virão. Mas o Pa-
„ dre Fr. João de Santa Ma-
„ ria, que pretendia mais ser
„ intruzo na posse do governo,
„ que evitar estas discordias,
„ sem ter respeito ao que Sua
„ Magestade lhe mandava, tan-
„ to que o Breve lhe foi dado,
„ sem dar parte a ElRei, hu-
„ ma noite publicou o Breve
„ no Convento de S. Gil, e
„ se fez reconhecer por Prela-
„ do, sem que para isso pre-
„ cedessem as ordens do Di-
„ reito, ou o Breve me fosse
„ intimado, ou outra alguma
„ solemnidade juridica, nem
„ ainda de cortezia, as quaes
„ me erão devidas, pois o não
„ podião metter de posse do
„ tal governo, sem ser eu no-
„ tificado, para que désse lu-
„ gar, em que elle havia de
„ entrar, esbulhando-me a mim,
„ e lançando-me fóra; nem atè
„ hoje me foi notificado o Bre-
„ ve, cousa contra todas as
„ Leis de Direito Divino, e
„ humano. Este termino, e ac-
„ ções do Padre Fr. João de
„ Santa Maria deixarão mui ef-
„ candalizados os privados de
„ S. Magestade, e Senhores

„ desta Corte, assim pela def-
„ cortezia, como pelas mostras,
„ que dava, ou se podião col-
„ legir de desejos não tão des-
„ pidos, e descalços de ambi-
„ ção, como convinha, (o que
„ não será, nem eu o quero
„ crer, posto que elles o sus-
„ peitem) e assim o mandarão
„ chamar, e reprehendêrão, e
„ ainda lhe mandarão algumas
„ cousas, de que (segundo di-
„ zem) não ficou mui conten-
„ te. E logo S. Magestade man-
„ dou por seu Confessor ao
„ Nuncio, que suspendesse o
„ Breve, e ao Padre Santa Ma-
„ ria mandasse que não gover-
„ nasse, como se fez: e se por
„ là anda o Breve, e elle es-
„ creve que está de posse, he
„ desta maneira que digo, nem
„ póde governar, pois está sus-
„ pendido. E logo S. Magestade,
„ que mandou ver mui
„ de proposito, e considerar o
„ que convinha, e as razões,
„ que se lhe apresentarão, es-
„ creveo por hum trefordinario
„ a S. Santidade do que tinha
„ feito, e como por ordem sua
„ o Nuncio havia suspendido o
„ Breve, e a Fr. João, e que
„ S. Santidade não havia de
„ innovar cousa alguma, atè
„ não ouvir as razões, que ha-
„ via para não dar lugar a tal
„ pertençaõ. E tràs isto tornou
„ logo pelo ordinario de Roma
„ rescrever ao Papa claramen-

„ te , que tal não convinha ,
 „ nem se devia fazer em Hes-
 „ panha pelos muitos escan-
 „ dalos , perturbações , e no-
 „ vidades , que levantavão , e
 „ outros maiores , que ao dian-
 „ te promettia este governo ,
 „ sendo as Provincias Descal-
 „ ças as que mais interessavão
 „ em estar debaixo da obediên-
 „ cia de hum só Prelado Ge-
 „ ral , que em Hespanha fosse
 „ Superior absoluto de Refor-
 „ mados , e Observantes. Des-
 „ tas segundas cartas me derão
 „ parte , mas ainda o não fei
 „ de certo até que o Correio
 „ parta , e saibamos se as leva ,
 „ como já forão as primeiras.
 „ Depois de ter posto aqui isto ,
 „ fei de certo que S. Ma-
 „ gestade escreve a segunda vez
 „ mui apertadamente , e estão
 „ as cartas já feitas. Neste es-
 „ tado estão as cousas , do qual
 „ dou relação a V. Paternida-
 „ de tão larga , para que fai-
 „ ba a verdade de tudo , e lhe
 „ não escrevão lá outras men-
 „ tiras. Estas cousas , e as clau-
 „ sulas do Breve começarão a
 „ perturbar logo os animos dos
 „ Religiosos Descalços , assim
 „ pelo damno , e ruina , que
 „ isto ameaçava em seu esta-
 „ do , como por parecer-lhes
 „ que não convem aceitar Bre-
 „ ve , ou Prelado , com o qual
 „ ficão despendados em dous
 „ preceitos tão conhecidos , e

„ effenciaes , sentindo o nome ,
 „ com que já por aqui os tra-
 „ tão de dispensados. E tem
 „ por certo muita razão de se
 „ queixar , vendo que sem ha-
 „ ver Provincia , nem Frade ,
 „ que tal peça , senão he o Pa-
 „ dre Fr. João , e alguns pou-
 „ cos seus aliados , quer Sua
 „ Santidade sob pretexto de
 „ maior reformação despendal-
 „ los naquillo , que a Deos vo-
 „ tarão , e promettêrão , o que
 „ fica tão claro , que mal se pó-
 „ de palear por alguma via.
 „ Porque primeiramente a obe-
 „ diencia do Geral , a que es-
 „ tamos obrigados pela Regra
 „ *in omnibus quæ non sunt con-*
 „ *traria animæ , & Regule nos-*
 „ *træ* , fica pelo Breve tão li-
 „ mitada , que só em dous ca-
 „ sos , e estes taes , que nunca
 „ acontecem em toda a vida ,
 „ se póde recorrer a elle por
 „ via de appellação , sem que
 „ o Geral possa mudar hum
 „ Frade , nem mandar-lhe hum
 „ Commissario , ainda que seja
 „ Descalço. Outro he tambem
 „ conhecido , pois são obriga-
 „ dos os Ministros , e Custo-
 „ dios ir a Capitulo Geral , e
 „ o Breve os absolve deste pre-
 „ ceito. Por onde verá V. Pa-
 „ ternidade quanta razão tem ;
 „ e assim a Provincia de São
 „ Paulo me mandou papel fir-
 „ mado por todo o Definitorio ,
 „ que elles não havião pedido
 „ tal ,

„ tal , nem consentirão , dei-
„ xando-o em seus votos , na
„ tal eleição. O mesmo me
„ escreveo a Provincia de São
„ Gabriel , o Custodio da de
„ S. Diogo , os Padres Provin-
„ ciales da Arrabida , e Santo
„ Antonio , e desta Provincia
„ de S. José , e S. João Bap-
„ tista os mais graves , e que
„ hão sido Provinciaes , me de-
„ rão papeis firmados , em que
„ confissão não convir à Des-
„ calcez tal modo de governo :
„ e se não he V. Paternidade ,
„ e os Padres dessa Provincia ,
„ de todos os mais tenho rece-
„ bido cartas , em que cada
„ hum declara o que sente , por-
„ que o Breve não tira isto ,
„ nem põe pena alguma a quem
„ differ o que sente no caso , se-
„ gundo Deos. E assim V. Pater-
„ nidade deve com muita pressa
„ responder-me , mandando-me
„ seu parecer , e dos Definido-
„ res , e Padres , que estiverem
„ à mão , e entretanto carta sua ,
„ pela qual me signifique seu
„ pensamento , que de pessoa
„ tão observante , e religiosa
„ será qual convem a Provin-
„ cial de tão grave Provincia ,
„ e que entre as mais floreceo
„ sempre em aspereza , rigor ,
„ e virtude , e que foi a que
„ mais contradisse nos tempos
„ passados esta pertença , co-
„ mo aqui o vemos pelos pa-
„ peis , e sentença da Junta em

„ Valhadolid. Nem eu ponho
„ nisto alguma dúvida , que co-
„ nheço aos Religiosos da Pie-
„ dade , e fio mais delles , e de
„ seu zelo , que de todos os
„ outros , e delles me determi-
„ no valer para ajuda do que
„ pretendemos , e a todos nos
„ está bem , que he conservar-
„ mo-nos como atè agora , e
„ deixar a Ordem como a achei ,
„ e ma entregárão , e confio em
„ Deos que em melhor estado.
„ E quando as Provincias de
„ Castella tanto me ajudão , ve-
„ ja agora V. Paternidade o
„ que eu me prometterei das
„ de Portugal , e principalmen-
„ te dessa , que he a primeira
„ de todas as Descalças , não
„ só em tempo , senão em vir-
„ tude , e observancia. E para
„ que V. Paternidade veja que
„ começo a valer-me mais dos
„ Religiosos dessa Provincia ,
„ que cutra , e convem que
„ não obstante que o Padre Frei
„ Antonio de Sinde he Guar-
„ dião , pondo V. Paternidade
„ em seu lugar hum Presiden-
„ te , o mande com Patente sua
„ a esta Corte , por ser Reli-
„ gioso , de quem eu tenho mui-
„ to boa informação , assim de
„ suas letras , como de seu bom
„ procedimento , e virtude , pa-
„ ra que me ajude delle nos ne-
„ gocios , de que tiver necessi-
„ dade , por serem estes de mui-
„ to pezo , e credito de toda a
„ Re-

„ Religião. E se o Padre Frei
 „ Christovão de Vouzela está
 „ em estado, que se possa pôr
 „ a caminho, estimarei muito
 „ a ver cá dous Religiosos des-
 „ fa Provincia tão honrados,
 „ e de tanta satisfação, e quan-
 „ do não, V. Paternidade bus-
 „ cará outro, que venha por
 „ companheiro, e nos ajude:
 „ nesta occasião tudo he neces-
 „ sario. E tendo nas Provincias
 „ de Portugal quem póde acu-
 „ dir a isto, não será bem que
 „ eu tire esta gloria à nossa na-
 „ ção, e a essa Provincia. Vos-
 „ sa Paternidade o faça assim
 „ sem dilação alguma, e os
 „ mande logo a esta Corte, e
 „ com toda a brevidade me res-
 „ ponda, que importa muito,
 „ e faça nessa Provincia encom-
 „ mendar a Deos mui estreita-
 „ mente o bom successo destas
 „ cousas, e que elle ordene só
 „ aquillo, que he mais serviço
 „ seu, e honra de seu santo
 „ nome. E advirto a V. Pater-
 „ nidade, que à Madre Luiza
 „ lhe parece muito mal isto, que
 „ intentão estes Padres, e me
 „ escreveo por trez cartas, que
 „ tenha bom animo que Deos
 „ acudirá, e que ella pede a
 „ Deos alumee aos Padres Des-
 „ calços, para que vejão o mal
 „ que fazem. E assim tenho
 „ muita confiança que Deos o
 „ ha de guiar a seu serviço.
 „ Elle guarde a V. Paternida-

„ de como desejo, &c. Ma-
 „ drid oito de Fevereiro de
 „ 1622. „

*Fr. Bernardino de Sena,
 Commissario Geral.*

4 Tanto que o irmão Mi-
 nistro Fr. Pedro de Lordello re-
 cebeo esta carta do Padre Com-
 missario Geral, fez junta dos
 Definidores, e Custodio da Pro-
 vincia em Santo Antonio de Es-
 tremoz, onde se tratou àcerca
 da materia, e se resolveo não
 convinha o tal modo de gover-
 no, de que se mandou papel
 firmado como o Reverendissi-
 mo pedia. Finalmente como as
 mais das Provincias mandarão
 papeis na mesma fórma, forão
 estes causa de que o Summo
 Pontifice remettelle a pertença
 a votos dos Definidores das
 mesmas Provincias Descalças,
 os quaes contradizendo-a nova-
 mente, revocou S. Santidade o
 que àcerca della tinha manda-
 do, por onde as cousas ficarão
 como de antes, pondo-se silen-
 cio no passado.

CAPITULO LVI.

*Eleição do trigésimo-quinto Mi-
 nistro Provincial, que a Pro-
 vincia teve, e de hum Re-
 ligioso de seu tempo.*

I **D**E mais dos trez an- 162
 nos teve o gover-
 no da Provincia o irmão Fr. Pe-

dro de Lordello cinco mezes, por ausencia do Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Bernardino de Sena, que se queria achar presente na eleição do futuro Ministro. No fim destes celebrou-se Capitulo Provincial em a Piedade de Villa-Viçosa na *Dominica infra octava* da Ascensão, vinte e cinco de Maio, anno de 1623. cujos gastos com Real magnificencia fez o Senhor D. Theosio segundo do nome. Presidio nelle, como tinha promettido, o sobredito Padre Commissario Geral, e sahio eleito em Ministro Provincial o irmão Fr. Antonio do Seixo Prégador, que foi em numero o trigésimo-quinto dos que a Provincia teve. Sahirão por Definidores Fr. Antonio de Elvas, Fr. Jeronymo de Estremoz o Sande, Fr. Alexandre de Viseu, Fr. Francisco de Elvas Prégador, e por Custodio Fr. Sebastião de Lisboa. Fez este Ministro a sua Congregação em o mesmo Convento da Piedade de Villa-Viçosa a dezefete de Outubro de 1624. em que presidio Fr. André de Guimarães, Padre da Santa Provincia de Portugal, e Commissario Geral deste Reino.

2 Tinha já chegado a citatoria para o Capitulo Geral, que o seguinte anno se havia de celebrar em Roma, por cuja

causa o nosso Ministro Provincial logo em sua Congregação elegeo Commissario, que em sua ausencia governasse a Provincia, e foi eleito o irmão Frei Antonio de Elvas actual Definidor. No principio do sobredito anno, que foi o de 1625. partirão o Ministro, e Custodio para Roma, onde pela festa de Pentecostes do mesmo anno sahio por Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Fr. Bernardino de Sena, que acabava de ser Commissario Geral desta Familia Cismontana, cuja eleição foi applaudida de todos pela satisfação, que já tinham do seu governo. De Roma, por commissão do novo Geral, veio o nosso Custodio por Visitador da Santa Provincia de S. Paulo, cuja visita fez com grande satisfação de todos os Padres, e Religiosos della.

3 No fim do anno de 1625. passou ao Senhor da Casa de Santo Antonio de Estremoz hum Religioso Sacerdote, chamado Fr. Diogo de Niza, em quem Adão parecia não haver peccado. Era de boa, e singela natureza, e tão amigo de tratar verdade, que nem zombando (ainda em materias leves) dizia cousa, que o não fosse, senão sempre o que se lhe entendia. Depois que na Provincia professou foi muito enfermo de di-

diversos achaques , os quaes soffria com tão maravilhosa paciencia , que nunca se lhe ouvio palavra , nem vio acção , em que a não mostrasse , nem final algum de queixa , cousa , que aos Religiosos punha em espanto , por saberem o muito , que padecia. Tratou sempre mui de proposito de sua salvação , fugindo todas as occasiões , por pequenas que fossem , que podião em algum modo impedir-lha , ou estorvar-lha , e por esta causa vivia com tanta pureza de consciencia , que para nas confissões dar materia de absolvição recorria à vida passada , confessando-se ordinariamente de alguma culpa do tempo de secular. Na obediencia foi estremado , não esperava o mandamento para obedecer , quando por alguma via lhe constava a vontade do Prelado.

4 Nestas , e outras muitas virtudes se exercitou todo seu tempo de Religioso , até que na Congregação do irmão Fr. Antonio do Seixo , foi morador para a nossa Casa de Santo Antonio de Estremoz , onde Deos nosso Senhor tinha ordenado dar-lhe o premio de suas santas obras. Tanto que entrou nesta Casa , se lhe aggravarão mais os achaques , até que rendido ao pezo delles cahio enfermo , e desconfiado o Medico de sua faude , mandou que

lhe dessem os Sacramentos hum dia à tarde , porque lhe parecia não poderia durar muito tempo. Chegou hum Religioso , com quem Fr. Diogo se confessava , a dar-lhe a nova , por entender quanto havia de estimalla , porque depois que lhe deo aquella enfermidade , desconsolava-se grandemente , se lhe dizião que havia de escapar della ; tal era o desejo , que tinha de se ver livre , e solto das prizões do corpo , qual outro S. Paulo , por se achar com Christo. Pedia com grande ternura , e encarecimento aos Religiosos rogassem a nosso Senhor o levasse da presente vida. E assim quando lhe disse aquelle Religioso seu Confessor o parecer do Medico , e que o Guardião determinava dar-lhe aquella tarde o Sacramento da Eucaristia , nem se perturbou , nem recebeo alteração alguma , respondeo-lhe com muita quietação , e serenidade : *Faça o irmão Guardião o que lhe parecer ; porèm pôde estar seguro , que não hei de morrer tão cedo , primeiro ha de passar o dia oitavo da Conceição da Senhora ;* (era isto então depois do seu dia no mez de Dezembro) e assim foi sem falta , donde parece que teve revelação de sua morte.

5 Todos os mais dias , que viveo até chegar o oitavo , foi passando com terriveis dores de hu-

humã perna , que lhe retalhá-
rão , por lhe haver dado nella
herpes , o que tudo soffria com
a sua costumada paciencia. En-
trou humã manhã o Religioso
seu Confessor a visitallo , e per-
guntando-lhe como se achava ,
respondeo-lhe : *Não sabeis , ir-
mão , o que cá foi esta noite : en-
traráo nesta cella muitos meni-
nos , huns vestidos de negro , ou-
tros de branco : os de negro ar-
remettêrão a mim para espan-
car-me ; e os de branco , tendo mão
delles , dizião : Estai quedos , não
a Fr. Diogo. Devieis estar dor-
mindo , (lhe disse aquelle Re-
ligioso , por se certificar mais do
succello) porque effas cousas pa-
recem de sonho. Dormindo , (tor-
nou elle) não por certo , tão acor-
dado como agora. Ficou então
entendendo aquelle Religioso ,
que os Anjos bons , e máos lhe
apparecêrão naquella fôrma ,
querendo huns atemorizallo , e
outros animallo , e defendello.*

6 O dia , que morreo , que
foi logo o seguinte depois da-
quelle Oitavario , como elle an-
tes predisse , entrando o mesmo
Religioso na sua cella , das se-
te horas da manhã para as oi-
to , o achou só , melancolizado ,
e triste. Disse-lhe então , ven-
do-o naquella fôrma : *Irmão
Fr. Diogo , levantai os olhos ao
Ceo , e alegrai-vos no Senhor , que
quem está de caminho para ir
gozallo (se o entendimento lhe*

*não falta) ha de estar alegre.
Isto prégaes vós lá em o mundo
às gentes ?* perguntou o enfer-
mo ao Religioso : (era Prêga-
dor por officio) *Isto ; (respon-
deo elle) porque se hum homem
estiver de caminho para ir tomar
posse de hum Reino , não teria
razão de entristecer-se : e pois vós
estais para ir tomar posse do da
Gloria , vede quanta razão ten-
des de estar contente. Ora per-
gunto-vos , (tornou o enfermo)
já que com razões quereis ven-
cer-me : Se eu nesta hora seguis-
se a Jesus Christo , iria bem en-
caminhado ? Sim por certo , (di-
se elle) porque nenhum dos que
o seguem erra o caminho. Pois
bem sabeis vós , irmão , (profe-
guiu Fr. Diogo) que Jesus Chri-
sto antes de morrer se entristeceu.
Entendeo então aquelle Reli-
gioso que estava Fr. Diogo me-
ditando em a Paixão de Chris-
to Senhor nosso , e pelo não di-
vertir de meditação tão provei-
tosa , o deixou só , como antes
estava. Nesta fôrma esteve to-
do o tempo , que dalli lhe ficou
atè às onze horas do dia , em
que entrou no artigo da mor-
te , com tanta quietação , como
se dormira ; finalmente pela hu-
mã depois do meio dia , deze-
feis de Dezembro de 1625. foi
a descansar com o Senhor , se-
gundo se póde colligir de sua
religiosa vida.*

CAPITULO LVII.

Eleições do trigesimo-sexto, e settimo Ministros Provinciaes.

1626

L Ouvavelmente concluiu o irmão Frei Antonio do Seixo o seu triennio, no fim do qual para eleição do futuro Ministro se congregarão os Vogaes em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa a quatro de Julho de 1626. pela festa da Rainha Santa, havendo visitado a Provincia Fr. Jacome Peregrino, Padre da Provincia da Arrabida. Fez os gastos do Capitulo o Serenissimo Duque D. Theodosio: nelle presidio o Reverendissimo Padre Geral Fr. Bernardino de Sena, e sahio eleito em Ministro Provincial, com geral acceitação o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul, sendo actual Guardião do Convento de Santo Antonio de Evora. Sahirão por Definidores os irmãos Frei Matheus de Celorico, Fr. Antonio de Covilhã, Fr. Custodio da Guarda, Fr. Antonio de Pinhel, e por Custodio Fr. António de Guimarães; o qual no triennio de seu Custodiato foi visitar a santa Provincia de Santo Antonio, por commissão do sobredito Padre Geral Fr. Bernardino de Sena. Fez este Provincial a sua Congregação na Piedade de Villa-Viçosa em o

Fr. André
de S. Pedro
do Sul,
Provincial
36.

1. de Janeiro de 1628. em que presidio o Padre Fr. André de Guimarães, Padre da Provincia de Portugal, e Commissario do Reino. Todo o tempo de seu governo procedeo o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul com grande prudencia, e inteireza, como dotado de tanta virtude, que disse hum Escritor de seu tempo, que em todo o genero della fora affigalado.

2. Por este tempo, segundo nossa conjectura, que não pudémos averiguallo com certeza, passou ao Senhor do Convento de S. Fructuoso de Braga hum perfeito Religioso, de profissão leigo, chamado Frei Manoel de Guimarães, natural da mesma Villa. Tomou sendo mancebo o habito na nossa Provincia, em que fez profissão com grande satisfação dos Religiosos, por verem nelle já em noviço huns sinaes do que havia de ser ao diante. Depois de professo tratou mui de proposito de exercitar-se nas virtudes, e principalmente na caridade, de que foi hum vivo exemplar, e retrato. Suas penitencias erão mais para o espanto, que para a imitação, pois parecia não serem bastantes forças humanas a soffrer o rigor, com que se tratava. Sem piedade, sendo para os outros mui compassivo, castigava seu de-

Fr. M
noel d
Guim
Frade
leigo.

bilitado corpo , com que o trazia sujeito , e rendido ao imperio do espirito. Na paciencia foi maravilhoso; com tanta quietação de animo soffria quaesquer trabalhos , e adversidades , como se fora insensivel. Nestas , e outras muitas virtudes , a que ajuntava a da continua oração (sem a qual nenhuma persevera) perseverou Fr. Manoel até o fim da vida , deixando em todas as terras , onde morou , opinião de santo.

3 Em a Cidade de Braga cresceu mais esta opinião , que delle tinham , por alguns successos , que nella forão notorios , dos quaes contaremos hum , de que nos ficou mais inteira noticia. Havia naquella Cidade hum Conego chamado Francisco da Costa , (de quem já fallamos diversas vezes nesta historia) insigne bemfeitor nosso : morreo este , sendo Fr. Manoel morador no Convento de São Fructuoso da mesma Cidade , e na mesma noite , que passou da presente vida , o Deão daquella Cathedral , que então era D. Balthazar Vaz Fagundes , sonhou , (como elle depois contava) ou com effeito lhe appareceu em sonhos o mesmo Fr. Manoel , e lhe dissera : *Já , Senhor , he morto o Conego Francisco da Costa , nosso grande bemfeitor , vós agora haveis de ficar em seu lugar , e fazer-*

nos as esmolas , que elle nos fazia ; o que elle aceitava , e cumprio depois melhor. Passado o restante da noite , despertando-o pela manhã hum seu pagem , antes de outras palavras , lhe disse estas : Esta noite morreo o Conego Francisco da Costa. Como sentirão perdello , pelas esmolas , que lhes fazia , os Religiosos de S. Fructuoso. Contou-lhe então o Deão o sonho , que tivera , accrescentando , que para aquellas , e outras semelhantes necessidades lhe dera Deos renda , e boa vontade para a despende no remedio dellas. O que bem mostrou ao depois por obra , ficando em realidade , como promettêra em sonhos , no lugar do sobredito Conego. Pouco depois deste successo passou Fr. Manoel ao Senhor , a receber o premio de seus serviços , em o mesmo Convento de S. Fructuoso de Braga.

4 Trez annos , e cinco me- 1629
zes governou a Provincia o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul. Procedeo esta dilação de querer o Reverendissimo Padre Geral assistir ao Capitulo , como assistio a todos , que no tempo , em que governou a Ordem , se fizerão na Provincia , pela affeição , que lhe tinha ; e como no presente se achasse occupado em Castella , não pode vir a seu tempo. Tanto porém que se achou desimpedido , avisou ao

Fr. Custodio da
Guarda,
Provincial
37.

Visitor, que era Fr. Lourenço da Madre de Deos da Provincia da Arrabida, convocasse os Vogaes em o anno de 1629. para o primeiro de Novembro, em que a Igreja celebra festa a todos os Santos, para celebração do futuro Capitulo, que havia de ser em a piedade de Villa-Viçosa. Os gastos d'elle com particular magnificencia fez o Serenissimo Duque D. Theodosio segundo do nome, e foi este o ultimo dos muitos, que fez, porque no seguinte anno morreo. Presidio o mesmo Reverendissimo Padre Geral Fr Bernardino de Sena, sendo já Bispo eleito da Cidade de Viseu, e sahio por Ministro Provincial o irmão Frei Custodio da Guarda, e foi o trigésimo-setimo dos que a Provincia teve. Os Definidores foram Fr. Francisco da Guarda, Fr Gaspar de Aveiro, Fr. Francisco de Portel, Fr. Manoel de Castello de Vide, e Custodio Fr. Amaro de Elvas, Prégador.

5 Para celebrar a sua Congregação avisou o irmão Provincial ao Padre Commissario do Reino, o já nomeado, Frei André de Guimarães, o qual, por ser já velho, e não poder vir tão facilmente de Lisboa, onde estava, a Villa-Viçosa, se escusou por huma carta sua ao Serenissimo Duque D. João,

segundo deste nome, (depois felicissimo Rei de Portugal) em que resolutamente dizia, que por não estar em disposição para ir a Villa-Viçosa, determinava fazer a Congregação da Provincia da Piedade em Abrantes. Porém o Duque, que assim como tinha herdado do Senhor D. Theodosio seu pai os Estados, herdou tambem a devoção, levou tanto a mal quererem-o privar do gosto, que tinha em se fazer a Congregação na Piedade, que com muito maior resolução lhe respondeo, que não consentiria de nenhuma sorte tal cousa, como aquella: e que se S. Paternidade não estava para vir no tempo determinado, se esperaria até quando pudesse, ou se buscaria o remedio mais conveniente. Não pode o Padre Commissario fazer outra cousa, e assim veio a Villa-Viçosa presidir na Congregação, que se celebrou em vinte e nove de Junho de 1631.

6 A esta Congregação veio o irmão Fr. Pedro de Lordello, por ser Padre mais digno da Provincia, e haver falecido no Sardoal, pouco tempo antes, o Definidor Fr. Gaspar de Aveiro, em cujo lugar veio o dito Padre. No Capitulo, em que sahio o irmão Fr. Custodio da Guarda, se recopiláram os Estatutos, que andavam dispersos, em hum volume, e ef-

estes são os que hoje se guardão, excepto alguns, que a variação dos tempos fez variar, e accrescentar outros de novo. Determinou-se tambem que a Casa de Chaves se mudasse, porque ameaçava total ruina, como pouco depois se mudou, para junto da Villa, onde hoje está, dentro de hum Forte, que alli depois por occasião das guerras se fez, cortando parte da cerca do Convento para este effeito. Não temos mais noticia de cousa alguma, que succedesse no triennio deste Ministro, senão o lançar-se a primeira pedra no Convento de Santo Antonio da Idanha, cuja fundação referiremos no seguinte Capitulo.

CAPITULO LVIII.

Fundação do Convento de Santo Antonio da Idanha.

1 **D**Epois que os Religiosos desta Provincia tiverão bastantes Conventos para se conservarem, com muita difficuldade aceitavão outro algum, que se lhe offerencia, porque temião tanto o multiplicallos, quanto outros podião desejar o estendellos; e os que depois disto aceitárão, foi sempre em as terras, onde a necessidade de Ministros para a frequencia dos Sacramentos, e

palavra Euangelica estava clamando; de que o leitor tem muitos exemplos nesta Historia, e de presente nos offerece hum a Villa da Idanha a Nova no Bispado da Guarda, para aquella parte, que chamão o Campo, não muito longe do Rio-Tejo. Havia muitos annos, que os moradores desta Villa pertendião que os nossos Frades aceitassem naquella sua terra hum Convento, de que elles tinhão muita necessidade, por ser o povo grande, e os Sacerdotes poucos em comparação da muita gente, que por sua devoção queria receber os Sacramentos da Penitencia, e Eucaristia pelo decurso do anno. E supposto que outros Religiosos procuravão fazer Convento naquella Villa, nunca o povo quiz dar consentimento, salvo para nossos Frades.

2 Com este requerimento mandou a Camera seus Procuradores, que para isso fez particulares, ao Capitulo, em que sahio eleito Fr. Pedro de Loredello, em dezefete de Novembro de 1619. os quaes em nome daquella Villa fizeram sua petição, allegando muitas razões para o despacho della. O que levárão do Capitulo, foi, que o irmão Ministro, quando fosse visitando, chegaria àquella terra, onde veria o sitio, e capacidade della, conforme a qual

qual se lhe responderia : onde vio devagar o sitio mais accomodado para a Casa , e ouviu as razões , que a gente lhe dava : e ou fosse porque nenhuma couza de todas lhe satisfez , ou porque no Capitulo seguinte não houve quem nisso fallasse , ficou por então em silencio a pertença da Idanha. Soube-se depois que entre os do governo houve alguma divisão , sobre quaes delles havião de vir ao Capitulo , o que foi bastante para deixarem de mandar a elle , sendo que muito o desejavão. Pelo que o irmão Frei Antonio do Seixo , sendo Ministro Provincial , e vindo de hum Capitulo Geral , que se havia celebrado em Roma no anno de 1625. chegou à Idanha , onde vio os sitios , e lugares , que na terra havia , em que se podia fazer Convento : e por lhe parecer mui necessario para o bem das almas hum Convento naquella Villa , por ser de muita gente , com muito largo termo , além de outras terras , Villas , e Lugares , que lhe ficão vizinhos por aquelle campo ; todos os quaes padecem a mesma necessidade espirital , pois não ha outros Religiosos senão os nossos , que ficão em Penamacor , e em Castello-branco , que todos os mais lhe ficão muito longe : quando acabou seu officio , propoz todas

estas razões em o Definitorio , e Discretorio , e forão tão bem ouvidas , que todos para a dita fundação derão seus votos.

3 Achárão-se neste Capitulo , em que sahio por Ministro Provincial o irmão Fr. André de S. Pedro do Sul , os Procuradores da Idanha , que de novo tinhão vindo com seu requerimento , e tornando-se contentes com tão bom despacho , esperarão que o irmão Ministro na primeira visita fosse ver o sitio , e assentar com elles o mais que para fazer o Convento era necessario. Foi elle à Idanha , e juntando-se o governo da Villa , e principaes da Republica , tratárão todos àcerca da Casa , promettendo elles de fazella com ajuda da Camera , e esmolas do povo , que com alvoroço esperava a nossos Frades. Para estes se preparárão logo as casas da Misericordia , onde estiverão , em quanto no sitio , que havião escolhido , se fizerão recolhimentos bastantes , e capazes de se poderem passar a elles.

4 Está a Villa da Idanha situada quasi no alto de huma meia ferra , que fica para a parte de hum rio chamado Ponçul , abundante de pescado , que em si cria. E como a terra seja falta de agua , não sendo possivel edificar-se Convento , onde houvesse alguma , escolhêrão nos-
fos

fos Frades sitio mais occasionado a não faltar nelle saude. Este se achou para a parte do Sul, não muito longe da Villa, com boa vista para o rio, e para muitas terras, que dalli se descobrem. Foi nelle lançada a primeira pedra pelo irmão Provincial Fr. Custodio da Guarda, em a sua primeira visita a dous dias do mez de Setembro do anno de 1630. Ordenou-se para este effeito huma solemne Procissão dos Clerigos da Villa, Confrarias, e Irmandades, que nella havia: e mostrou bem o povo o contentamento, com que dava principio àquella obra, com as differentes danças, e instrumentos musicos, que para o dia buscou. Sahirão os Frades das casas da Misericordia, onde estavam recolhidos, e forão todos ao lugar destinado para o Convento, e fizerão nelle a solemnidade da primeira pedra. Forão-se as obras continuando, e brevemente chegou a ter o Convento a perfeição devida, porque foi grande o fervor, com que a devoção da gente daquella Villa se applicava, cada hum com o que podia.

5 Cerremos o triennio do irmão Fr. Custodio da Guarda com a memoria de hum milagre, que Deos nosso Senhor obrou por merecimentos de nosso Padre S. Francisco em hum

seu devoto. Morava em Villa-Viçosa, naquella parte, que chamão o Castello, pelos annos do Senhor 1630. hum homem casado, por nome João Fernandes. Este por huma occasião de desgosto veio a perder o juizo, e a padecer certos achaques, dos quaes esteve seis, ou sete semanas mui enfermo. Em todo este tempo raras vezes queria comer; e quando o fazia, era por lhe dizerem que o mandava o Guardião de São Francisco, com quem elle não tinha nenhum conhecimento; porém tal devoção a nosso Serafico Padre, que só em nome seu, ou de seus Frades, fazia tudo o que lhe pedião, ou mandavão. Dizia grandes disparates, e estava ordinariamente furioso; mas tanto que da parte de S. Francisco o mandavão quietar, logo ficava socego. Vendo sua mulher esta devoção, que o enfermo tinha com o Santo Padre, e communicando-a com algumas vizinhas suas, huma lhe mostrou huma Imagem do Serafico Patriarca, pintada em huma meia folha de papel de marca grande, recebendo as Chagas. Com ella lhe mostrarão outro papel, onde estava a Imagem de Christo crucificado, com a Senhora, e S. João de cada parte.

6 Tomou-as o enfermo, e festejando muito a de nosso Pa-

Padre S. Francisco , as metteo ambas no feio entre a camiza, e a carne. Logo dalli por diante começou a ter alguma melhoria ; e trazendo os dous papeis comfigo em aquella fórma , ao fim de quatro , ou cinco dias , que alli os trouxe , o de nosso Padre S. Francisco foi achado tão limpo de huma , e de outra parte , como se em nenhuma dellas houvera tido pintura. Foi o papel reconhecido pela vizinhança , que antes tinha visto nelle a Imagem do Santo Padre , e reconhecendo todos que era o mesmo , lhes não causou pequena maravilha ver que de todo desapparecêra o Santo. Porém o enfermo , que já experimentava a causa de tão grande prodigio , sentindo-se com saúde perfeita , assim no juizo , como em os outros achaques , respondia , que S. Francisco não desapparecêra , senão que se lhe fora pôr no coração , onde o tinha. Virão alguns Religiosos nossos os dous papeis , e supposto que o da Imagem de Christo Senhor nosso estava mal tratado , a pintura estava muito clara , e mui formosa ; porém a de nosso Padre S. Francisco tão limpa , que nenhum final tinha de haver alli estado pintura. E disse a mulher do dito enfermo , que em outra cousa mais entendêra quantos erão os merecimentos do Padre S. Fran-

cisco ; porque sendo seu marido , antes que este caso succedesse , homem de grosseiro entendimento ; depois que daquelle mal alcançara saúde , o juizo , que perdido tinha , ficára com elle tão perfeito , que affirmava alcançara não só o que tinha dantes , senão tambem a perfeição , que nunca tivera. Com esta mercê , que recebêrão de Deos nosso Senhor estes dous casados por merecimentos de nosso Santo Padre , ficárão tanto mais devotos seus , quanto mostrárão pelas obras , em quanto lhes durou a vida , fazendo no que podião algumas caridades , e vindo todos os Domingos , e dias Santos à nossa Casa dar as graças ao Santo pela mercê recebida.

CAPITULO LIX.

Eleição do trigésimo-oitavo Ministro Provincial.

I **H**Avendo já visitado a Provincia o Padre Fr. Pedro de S. Miguel , Custodio da Santa Provincia de S. José em Castella , para eleição do futuro Ministro , e celebração do Capitulo , avisou o Reverendissimo Padre Vigario Geral Fr. Antonio Henriques , que então governava a Ordem em lugar do Reverendissimo Padre Geral Fr. Bernar-

nardino de Sena, promovido já ao Bispado de Viseu, ao nosso Ministro Provincial Fr. Custodio da Guarda, para que em quatorze de Fevereiro de 1633. estivessem os Vogaes congregados em a Piedade de Villa-Viçosa. Neste dia, presidindo no Capitulo o sobredito Padre Vigario Geral, sahio eleito em Ministro Provincial o irmão Fr. Pedro de Lordello, havendo-o já sido outra vez havia nove annos, com que foi o trinta e quatro, e o trinta e oito em numero dos que a Provincia teve. Sahirão por Definidores o irmão Fr. Alexandre de Viseu, Fr. Antonio de Pinhel, havendo-o já sido ambos, Fr. Filipe de Evora, Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e por Custodio o irmão Fr. Antonio do Seixo, Prégador, e Padre da Provincia. Fez os gastos deste Capitulo o Serenissimo Duque Dom João, segundo do nome, com tanta abundancia, e liberalidade, que não forão bastantes os muitos gastos, e despezas, que havia feito no seu recebimento com a Senhora Dona Luiza Francisca de Gusmão, filha do Duque de Medina-Sidonia, para que o nosso Capitulo deixasse de ser em tudo abundante. E mandou o dito Senhor no meio de suas occupaões ao seu Escrivão da cozinha, que assistisse na Piedade, para que tu-

do estivesse a ponto, e não houvesse alguma falta.

2 Pouco depois de sua eleição enfermou o irmão Ministro pelo que chamando a Villa-Viçosa a Meza da Definição, elegêrão ao irmão Frei Antão de Guimarães, para que fosse Pro-Ministro ao Capitulo Geral, que se havia de celebrar em Toledo a quatorze de Maio do mesmo anno de 1633. como foi juntamente com o irmão Custodio Fr. Antonio do Seixo, e nelle sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Fr. João Baptista Campanha. Convaleceo o irmão Fr. Pedro de Lordello daquella enfermidade, que lhe impedio a jornada ao Capitulo Geral, e logo se poz a caminho a visitar a Provincia. Concluiu a primeira visita, e chegou com a segunda a Braga, onde cansado de hum trabalho tão grande, como era correr a pé huma Provincia por todo o Reino, faleceo em São Fructuoso. De sua vida, e maravilhosas obras de virtude tiveramos muito que escrever, a não ser tão pouca a curiosidade de nossos Religiosos para no-las deixarem em lembrança: desculpar-nos-ha tão grande descuido o succinto da narrativa.

3 Foi o irmão Fr. Pedro de Lordello natural do limitado lugarinho de seu appellido

no Arcebisado de Braga : estudou nesta Cidade a Latini-
dade , e afeiçoando-se nella ao
modo de nossos Religiosos , que
em S. Fructuoso via , determi-
nou tomar entre elles o habito
de nosso Padre S. Francisco.
Este lhe lançarão em Azurára ,
onde a seu tempo com satisfa-
ção não pequena de toda aquel-
la Communidade , que reconhe-
cia em o noviço huma propen-
são à virtude , fez profissão em
vinte de Novembro de 1585.
Depois de professo procurou
sempre com todo o cuidado es-
merar-se em todo o genero de
virtude ; rara vez era visto fó-
ra da cella , além das occasiões
precisas , em que lhe era forço-
so fazer o contrario , as quaes
acabadas , com muita diligen-
cia se tornava a recolher a seu
cubiculo , onde o achavão ou
lendo , ou meditando , sem es-
tar hum momento ocioso. Lo-
go no principio de sua vida Re-
ligiosa foi singular a devoção ,
que tomou ao Santissimo Sacra-
mento , e à Virgem Senhora
nossa : creceo esta com a ida-
de de maneira , que he inex-
plicavel o fervor , e acatamen-
to , com que em sua presença
assistia. Foi muitas vezes Pre-
lado nesta Provincia , e duas
Provincial , portando-se em sub-
dito , e superior de sorte , que
se não podia discernir em qual
dos estados dava maior exem-

plo. As leis , e louvaveis cos-
tumes da Provincia guardava
subdito com miudeza , e Prela-
do fazia guardar com nimieda-
de , indo sempre em todas as
coisas diante de seus subditos
com exemplo.

4 Foi homem de grave
presença , mostrava o rosto sem-
pre alegre , nenhuma adversi-
dades ^a o alteravão , mostran-
do sempre nos cargos públicos
notavel valor , e brio , e nos
inferiores admiravel humildade ,
e sujeição. E era extremado o
rigor , com que se tratava , e
com ser asperrimo para com si-
go , era a mesma brandura para
os subditos : singularizando-se
na vigilancia , e cuidado dos
enfermos , visitando-os nas af-
lições das dores , e nunca o a-
chárão menos , nem nos maio-
res riscos das doenças , nem
nas convalecências , assistindo-
lhes a todos com grande amor ,
e caridade ; finalmente do prin-
cipio da doença , até Deos os
levar para si , ou de todo con-
valecerem , sempre os acompa-
nhava. A oração era seu quo-
tidiano exercicio : nella recebeo
muitos mimos , e favores do Se-
nhor , que sabia sua humildade
tanto encubrir , que só por con-
jecturas se podião alcançar. Só-
mente de hum nos ficou mais
clara noticia , porque foi paten-
te , e não pode encubrillo sua
cautela.

5 Sendo Guardião em o Convento de S. Fructuoso de Braga, como hum dia estivesse neste seu quotidiano exercicio, lhe revelou o Senhor que hum homem daquella Cidade, desesperado por hum trabalho, que lhe succedêra, sahia da Cidade ao campo resoluta a enforçar-se. Affligio-se o santo Religioso grandemente com esta noticia, doendo-se da alma daquelle pobre homem; sentio hum afervorado desejo de o poder livrar daquelle perigo; quando repentinamente foi logo levado por virtude Divina ao lugar, onde estava o tentado a ponto de pôr em execução o intento, com que alli viera. Dissuadio-o daquella culpa, consolou-o em sua afflicção, mandando-lhe que ao outro dia fosse ao Convento confessar-se com elle. Assim o fez o homem: chega no seguinte dia ao Convento de S. Fructuoso, pergunta ao Religioso Porteiro pelo Frade, que em tal lugar com elle estivera o dia de antes, que vinha alli confessar-se com elle, como lhe mandára. Ficou o Porteiro suspenso, porque no dia de antes não tinha sahido Religioso algum pela porta fóra. Contou-lhe então o penitente o caso; eis que neste tempo succedeo ir passando o Guardião, e conhecendo-o o homem, disse então para o Religioso,

com quem fallava: *Aquelle he o Frade, que eu procuro.* Ficou o Porteiro entendendo o que o dia de antes tinha succedido.

6 Outro caso lhe aconteceu sendo ainda Guardião em S. Fructuoso, em que mostrou o quanto procurava esconder a santidade, por fugir a todo o vão applauso do mundo: e foi, que abrindo-se a cova de hum Religioso falecido havia sete annos, para se enterrar nella outro, que de novo falecêra, se achou seu corpo inteiro, e que de si despedia hum cheiro suavissimo, mandou logo o Guardião fechar a cova, avisando aos Frades não communicassem nada aos seculares. Em ambas as vezes que foi Provincial, não contente com visitar a Provincia a pé, como os mais Prelados, sendo elle já mui velho, e quebrado, trazia pelos caminhos cilicio perpetuo, nem provisão alguma levava em suas jornadas, entregue totalmente à providencia Divina. A tudo o que podia ser alivio, e divertimento, ainda que honesto, fugia, porque só das occasiões de mortificação se contentava.

7 Andando em visita, foi huma vez visitar o Arcebispo de Braga, que então estava em Vianna de Caminha; rogou-lhe o Arcebispo quizesse ver humas

feitas, que os naturaes daquelle Villa tinhamo preparado para receberem ao dito Arcebispo: não condescendeo elle a seus rogos, por fazer à sua mortificação aquelle obsequio. Caminhando para Ourem visitar aquelle Convento em hum anno invernofo, como em huns barros lhe ficassem as sandalias atoladas, ficou elle afsàs contente, por ver-se obrigado a caminhar totalmente a pé descalço. Todas estas, e outras virtudes fundava, e estabelecia em huma profunda humildade, com que se tratava. Depois de haver já sido Provincial, como hum dia se assentasse junto de hum Frade leigo, e este por respeito, e reverencia se levantasse para se ir dalli, lhe pegou pelo habito, dizendo: *Deixai-vos estar, irmão, não vos vades, que tambem sois Frade como eu.* No exercicio destas virtudes o achou em Braga a ultima enfermidade, onde recebendo com grande devoção os Sacramentos da Igreja, e recitando com os Religiosos os Psalmos Penitenciaes, entregou seu espirito a Deos em vinte e dous de Março de 1634. com sincoenta annos de habito, e setenta e sete de idade. Faz delle honorifica memoria o Agiologio Lusitano.

6
Tom. 2.
Março 18.
liter. G.

CAPITULO LX.

Acções virtuosas do irmão Frei Bartholomeu de Braga.

1 **N**O mesmo anno, que do Convento de Braga passou a melhor vida o irmão Fr. Pedro de Lordello, rematou tambem em o de nossa Senhora da Caridade, na Villa do Sardoal, a feliz carreira de seus muitos annos o irmão Fr. Bartholomeu de Braga, natural da Cidade de seu nome. Nella nasceo de pais ricos, o que lhe foi occasião para se entregar a divertimentos, gastando em continuos passatempos os dias de sua mocidade. Era tão inclinado a cantar à viola, que nisto lhe levava muitas horas; mas tocado da Divina graça, estando ainda em flor, por não vir a dar máo fruto, suspendeo para sempre o seu musico instrumento nos salgueiros melancolicos desta triste Babylonia, trocando-o pela mortificação, e penitencia da Cruz de Christo.

2 A primeira acção, que fez, depois que se resolveo seguir a Christo pelo desprezo dos alegres passatempos, e vaidades, que antes estimava, foi despojar-se das galas, de que vestia, trocando-as por huns vestidos vís, e hum chapeo tão velho, e çujo, que servisse para o lu-

o ludibrio, e zombaria; e assim começou a passear pela mesma Cidade de Braga o novo desprezador do mundo. Depois de andar alguns dias nesta fôrma, partio no mesmo traje a Compostella a visitar o corpo de Santiago: voltando desta peregrinação, pediu o habito em a nossa Provincia, que lhe foi negado, tal vez porque duvidassem os Prelados da perseverança, em quem havia tão pouco tinha deixado as vaidades. Solicitou-o então nos Conventuaes, entre os quaes viveo com opinião de virtude até o anno de 1568. em que elles se reformarão neste Reino, ^a admittingo a Observancia; e como a tal reformação o achasse no Convento de S. Francisco da Covilhã, e andassem franqueadas as licenças, teve elle occasião para passar à nossa Provincia da Piedade, para onde havia sido sua primeira vocação. Em quanto viveo entre nós, nunca usou de tunica, sómente vestia hum habito, o qual era sempre pobre, e remendado, e a mesma pobreza reluzia em todas as mais cousas de seu uso. Sua vida era hum perpetuo jejum, porque ordinariamente era quadragesimal esse pouco mantimento, que tomava, para sustentar o debilitado corpo.

3 Vivia tão entregue à providencia Divina, que quan-

do fazia jornadas, não sómente não levava cousa alguma para o caminho, mas nem ainda consentia que companheiro seu a levasse. Indo mudado com hum Corista, e achando haver feito este alguma provisão para a jornada, lha mandou dar a hum pobre, dizendo, que confiasse em Deos, que elle proveria: e foi o Senhor servido desempenhar a palavra de seu servo, porque na mesma jornada, vendo-se ambos necessitados, os proveo milagrosamente. Em outra occasião, buscando-o huns soldados, por verem se levava algumas cartas, se admirarão, porque sómente lhe acharão o Breviario, e disciplinas. Amava tanto a pureza, que não só fugia toda a pratica de mulheres, por mais honestas que fossem, mas nem ainda queria ver a nenhuma o rosto; nesta materia qualquer palavra de leviandade estranhava tanto, como se fora a maior offensa. A oração era o seu total emprego; este exercicio lhe levava muitas horas, donde nascia viver tão recolhido, que não só se retirava a toda a pratica de seculares, mas ainda à dos Religiosos.

4 Da presença de Deos, em que andava frequentemente, tirou a maravilhosa paciencia, com que soffria sem queixa muitas occasiões, que teve de senti-

timento ; a profunda humildade , com que se sujeitava a todos ; a severa penitencia , com que macerava seu corpo em asperas , e repetidas disciplinas ; e em fim outras virtudes , com que subio a estado tão alto da vida Religiosa , que lhe chamavão os Frades hum jardim de todas. Com estas o achou a ultima enfermidade , que esteve tão longe de causar asco , que quinze dias antes que sahisse deste mundo , pelos annos de 1634. procuravão os Religiosos chegar-se a elle pelo suave cheiro , que de seu corpo sahia. Teve revelação da hora de sua morte , porque visitando-o hum Religioso na enfermaria , onde estava , e despedindo-se delle para ir dizer Missa , lhe disse o enfermo : *Meu irmão , esperai hum pouco , e direis Missa por minha alma , porque logo hei de morrer.* Assim foi , que naquella manhã morreo , e teve lugar aquelle Religioso de lhe dizer a Missa , e fazer o Officio da sepultura. Depois de seu transito ficarão seus membros tão trataveis , que parecião vivos , e a sua cella por muitos dias respirava hum suavissimo cheiro , indício de que sua alma fora transplantada entre as flores perpetuas do Paraíso.

CAPITULO LXI.

Eleição do trigésimo-nono Ministro Provincial.

I EM doze de Março de 1634. (como deixamos escrito) ^a morreo o ^{Sup. nuin.} irmão Fr. Pedro de Lordello em Braga , chegando àquella Casa com a segunda visita. Para governar o restante , que faltava do triennio , fez o Definitorio eleição de Vigario Provincial em o Convento de Santo Antonio de Estremoz a vinte e quatro de Abril do mesmo anno. Nesta Junta presidio o Irmão Fr. Antonio do Seixo , Padre da Provincia mais antiga , e Custodio actualmente della , e sahio eleito o Irmão Fr. João de Fronteira , Guardião actual do Convento de Santo Antonio de Aveiro. Durou com tudo pouco tempo no officio , porque passados cinco mezes de sua eleição , o buscou a morte em Villa-Viçosa a vinte e nove de Setembro , dia , em que a Igreja festeja ao Archânjo S. Miguel , do mesmo anno de 1634. Logo aos cinco dias do mez de Outubro se congregou o Definitorio ; e presidindo o mesmo Fr. Antonio do Seixo , elegêrão em a Piedade de Villa-Viçosa em segundo Vigario Provincial o Irmão Frei Francisco de Villa-Viçosa , Defi-

fnidor actual que então era.

2 Já neste tempo tinha o Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Pedro Urbina, assignalado o dia para fazer a Congregação desta Provincia, por passar já de anno e meio depois da celebração do Capitulo; e assim em vinte do mesmo mez de Outubro do dito anno de 1634. se fez a Congregação, assistindo nella, como Vigario Provincial, Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e presidindo o sobredito Padre Urbina. Foi esta a unica Congregação, que se fez na Provincia da Piedade, em que não sahisse algum apontamento, ou estatuto; porque o Irmão Frei Francisco de Villa-Viçosa tratava mais de imprimir nos seus subditos a perfeição regular, à força do bom exemplo em sua pessoa, que de leis, e estatutos nos outros, e nisto poz sempre particular cuidado. O acerto, e geral applauso, com que governou a Provincia, o tempo, que teve o officio de Vigario Provincial, diremos quando historiarmos sua vida, com a qual havemos de dar principio ao seguinte livro. Em seu tempo se mudou o Convento de S. Francisco de Chaves para outro lugar mais sadio, cuja nova edificação se fez com esmolas do povo, e outras, com que acudio a Real Casa de Bra-

gança, como Padroeira daquelle Convento, para onde se trasladarão do antigo os ossos do seu primeiro Duque D. Affonso.

3 Cerrado com os dous Vigarios Provinciaes o triennio do Irmão Fr. Pedro de Loredello, e chegado já o tempo de se fazer eleição de novo Prelado, avisou o Irmão Fr. Francisco de Villa-Viçosa ao Padre Commissario Geral Fr. Pedro Urbina, pedindo-lhe Visitador para a Provincia, que elle nomeou logo em a pessoa de Frei Francisco de Lisboa, Padre da Provincia de Santo Antonio, promettendo achar-se em o Capitulo. Visitada pelo nomeado Commissario a Provincia, convocou a Capitulo para dous de Março do anno de 1636. em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa, em o qual presidio o sobredito Padre Commissario Geral da Familia, como tinha promettido, indo já de volta deste Reino para o de Castella, fazer o Capitulo da Provincia de S. Gabriel, como fez em Broças a oito do mesmo mez, por cuja causa se deteve pouco em Villa-Viçosa depois da eleição. Achavão-se neste Capitulo muitos sujeitos de relevantes prendas, e benemeritos do Provincialato, por cuja causa vacilavão os Vogaes na eleição, sem se resolverem a quem escolherião: dividirão-se nos parece-

res ; se bem todos punhão os olhos em Religiosos , que o merecião. Vendo esta irresolução o Commissario Visitador , buscou ao Vigario Provincial Frei Francisco de Villa-Viçosa para que acudisse a compor a indeterminação dos Vogaes ; achou-o no Coro em oração , e como lhe dissesse o que passava , ficou elle com o mesmo socego , que antes estava , dizendo-lhe , que deixasse a eleição a Deos , por cuja conta corria.

Fr. Anton.
do Seixo,
Provincial
39.

4 O effeito mostrou que daquella eleição fora Deos o Author , porque sahio com todos os votos o Irmão Fr. Antonio do Seixo , Custodio , que então era , havendo já sido trigésimo-quinto Ministro dos que a Provincia teve. Em Custodio sahio eleito o Irmão Fr. Antonio de Guimarães , e em Definidores os Irmãos Fr. Antonio de Covilhã , Fr. Jorge de Covilhã , Fr. Francisco de Serpa , e Fr. Sebastião da Feira. Fez o Irmão Fr. Antonio do Seixo a sua Congregação em o mesmo Convento da Piedade de Villa-Viçosa a dous de Dezembro de 1637. presidindo nella o Reverendissimo Padre Frei Diogo Bravo , Padre , e Custodio da santa Provincia dos An-

jos , Presidente das Congregações deste Reino *cum plenitudine potestatis* por nosso Reverendissimo Padre Ministro Geral Fr. João Baptista Campanha. Governou o novo Ministro todo o tempo deste seu segundo triennio com aquelle acerto , e madureza , com que tinha governado o primeiro ; porque foi dotado de hum singular prudencia , e famoso Theologo dos de seu tempo. Quando em Coimbra no estado secular estudava , tendo acabado seus estudos , fez hum opposição , e sahio della excluido ; e conhecendo deste successo quão vans são as esperanças do mundo , se resolveo a tomar o habito de nosso Padre em a nossa Provincia da Piedade , na qual foi ornado de tantas virtudes , que antes de tempo foi feito Guardião , Definidor , Custodio , Qualificador do Santo Officio , e duas vezes Ministro Provincial , como temos visto. Morreo com fama de virtude em o anno de 1640. pouco depois de acabar o segundo Provincialato. Está sepultado em o nosso Convento de Santo Antonio de Evora.

CHRONICA D A PROVINCIA D A PIEDADE.

LIVRO QUINTO.

Referem-se as eleições dos mais Ministros Provinciaes , que até o presente tem havido : fundações de Conventos : memorias de Religiosos , que acabárão com opinião de virtude : e outros successos dignos de nossa lembrança.

CAPITULO I.

Religiosa vida do Veneravel servo de Deos Fr. Francisco de Villa-Viçosa, e primeiramente de seu nascimento, e creação no mundo.

I



OM muita razão disse o Author do Agiologio a Lusitano , que se se houverão de contar as muitas virtudes, que

toda a vida campearão em o Veneravel Religioso Fr. Francisco de Villa-Viçosa , limitado fora o maior volume ; porque o douto de tantas a poderosa mão daquelle Senhor , que não depende de tempo para fazer grandes Santos , que já em a idade de menino era signaladamente virtuoso , servindo a muitos de exemplo sua vida. Esta nos deixou defusamente escrita seu Confessor Fr. Pedro de Elvas , que ainda hoje sem ver a luz da estampa , se conserva nas

Rrrr mãos

mãos de muitos ; porèm nós , que escrevemos de todos desta Provincia , renovaremos aqui por maior sua feliz memoria. Foi este Veneravel Religioso natural da Villa de seu sobrenome : chamarão-se seus pais Francisco Coelho, e Ignez Rodrigues. Não forão dos primeiros daquella Villa , mas nem tambem dos ultimos della , senão da gente do meio : erão porèm honestos , e virtuosos. Nasceo em o anno de 1581. dia de nosso Padre S. Francisco , por cujo respeito lhe puzerão seu nome , o qual elle teve mais por profecia de sua vida , que por differença de sua pessoa ; porque se teve do Serafico Padre o dia , e o nome , tambem teve do mesmo Patriarca a imitação da vida.

2 Antes parece quiz Deos nascesse na terra no mesmo dia , que o Santo nasceo para o Ceo , para reformar na terra o esquecimento de sua vida , e debuxar nelle a sua , fazendo-o hum retrato , e vivo espelho seu , no qual quem o via , logo via a nosso Padre , sua pobreza , e humildade , sua paciencia , e obediencia. Este bom Religioso desde seu baptismo foi espelho do nome , que nelle lhe puzerão , e retrato do Patriarca com cujo nome o baptizárão. Faltárão-lhe seus pais de muito pequena idade ; disposição da

Divina providencia , tal vez para que não conhecendo outro pai na terra , servisse melhor ao do Ceo. Este ordenou que o recolhesse a si hum seu tio Clerigo , por nome André Gomes , conhecido em Villa-Viçosa por homem de grandes virtudes , para que hum menino creado por Deos para o Ceo , fosse creado por hum homem d'elle , e por hum homem da Igreja , quem nascia para ella , para que de tenra idade se creasse logo nas coulas do Templo , como o menino Samuel. Este Clerigo pois , que entre todos os de Villa-Viçosa não tinha opinião commua , senão mui singular , e era hum Sol entre todos os de seu estado , recolheo a si o pequeno menino , e o creou com grande amor , e cuidado.

2 Tanto que chegou à idade competente , o enviou à Universidade de Evora , onde aprendeo Grammatica , que soube muito bem ; e sobre tudo não se distrahiu com a communicação dos outros moços , entre os quaes elle permanecio immovel nos bons costumes , e doutrina , que tinha bebido da boca de seu tio , como columna de bom exemplo. Este recebião d'elle todos os mais estudantes , assim por palavra , como por obra , por ser brando nas palavras , virtuoso na conversação , que
com

com nenhum estudante tinha particular ; composto em sua pessoa , honesto em suas acções vergonhoso em suas palavras , recolhido em suas obras , e mui exemplar em tudo. No tempo , que os Mestres davão para repetir , repetia elle comsigo couzas mais altas ; porque a sua repetição era a virtude da oração , que aquella turba de moços lhe não perturbava alguma cousa , e apartando-se para hum canto da classe , onde estava , alli tirava das Horas de nossa Senhora , e por ellas rezava , e fallava com Deos , quando os moços se não entendião comsigo proprios. De tal maneira se havia entre elles , como quem caminha para outra parte , e não faz algum caso dos desconcertos de gente louca , que às vezes se acha nos caminhos.

4 Como a sua conversação era do Ceo , não fazia caso das da terra ; e quando os outros estudantes estavam mais empregados na conversação , que entre a repetição se tem , elle estava conversando pelas suas Horas ; porque quem anda com Deos , sempre tem hora para fallar com elle , por mais occupado que esteja , e de hum quarto tão perturbado , qual he o da repetição dos moços do estudo , faz horas mui copiosas para fallar com Deos : donde bem se verifica o dito b de

Seneca , que não temos a vida curta , se não a empregamos mal. De tal modo estudou este bom Religioso , e com tal honestidade , e composição , que parecia não estudar senão pelo livro da vida , e a sua era livro para todos os mais estudantes , que nelle lião lições de grande aproveitamento , cada hum conforme ao pensamento , com que o olhava. Já neste tempo , quando ainda a idade não permite usar comsigo asperezas , elle frequentava as penitencias , continuando os jejuns , e deixando ordinariamente a cama por humma cortiça , onde muitas vezes o achava a compaixão ; ou curiosidade dos domesticos , que o suspeitava. Para encubrir esta virtuosa acção , quando o despertavão , e achava que era visto naquelle lugar , levantava-se com muita pressa , e como admirado de ver onde estava : querendo assim dar a entender , que da cama com o sono cahira na cortiça , e não que o fazia de intento. Assim veio a ser puro na puericia , velho na mocidade , e aparelhado na vida para a ter santissima na maior idade.

CAPITULO II.

*Da sua entrada na Religião, e
mostras de perfeição, que
logo deo nella.*

I **O** Maior mal dos moços he serem como a fruta, que de ordinario se perde em flor: e o maior louvor da fruta he nascer de huma flor debil, sujeita a tantos defastres. Assim deste Religioso foi grande louvor não se perder na flor de sua idade, antes dar nella fruto de muitas virtudes, que por serem temporans, forão mais saborosas, e por lampas mais festejadas: posto que não forão tantas, nem de tanta consideração, quanto as que depois deo na Religião, cujas virtudes comparadas com as que se tem no mundo, são como a fruta do Outono comparada com a da Primavera: huma pouca, e arriscada, outra muita, e mais segura. Este Veneravel Religioso guardou na Religião o que costumava no mundo, posto que no mundo por costume, e boa inclinação, e na Religião por profissão, e Regra: na qual como todos os exercicios são santos, e meritorios, muito cresceu com elles este santo Religioso, crescendo muito com todos, porque todos fazia com muito espirito.

2 Foi noviço em a mui devota, e recolhida Casa do Bosque, junto à Villa de Borba, onde os altos carvalhos lhe servirão de Mestres, como a São Bernardo: a solidão daquelle Bosque de despertador da alma: a boa ordem das arvores de ordenadora da consciencia: as aguas de suas fontes de provocadoras de lagrymas: a grande altura das arvores de guia da contemplação, e mostradoras do Ceo: e o exemplo finalmente de muitos Religiosos santos, que alli estão enterrados (sendo aquelle Convento mais Reliquiario de mortos, que Casa de vivos) de o fazerem semelhante à vida de todos elles, que não ha lição como a dos exemplos. Com isto começou a sua vida a ser muito melhor, do que era no mundo; porque a disciplina de seu Mestre, as reprehensões do seu Guardião, a imitação de seus companheiros, a vehemencia da boa lição, o exercicio da santa Oração, e penitencias da vida religiosa o lavrarão em pouco tempo como a preciosa pedra, que por fóra he tosca naturalmente, e roçada aquella casca da natureza, começa a resplandecer de dentro a graça, de que Deos a enriqueceo, como alma da mesma pedra. Tudo isto vio em si este Veneravel Religioso com a entrada

na Religião, porque com os exercicios della parecia outro, ainda que no mundo foi o que temos dito.

3 Acabado o anno de noviciado com universal satisfação de todos os Religiosos da Comunidade, lhe derão a profilção em oito de Maio, em cujo dia cahio a festa da gloriosa Ascensão de Christo Senhor nosso, do anno de 1603. Com as obrigações do novo estado começou logo a fama de suas virtudes a dar tão grande cheiro entre todos os Religiosos desta Provincia, que todos corrião já à fragrancia dos unguentos, que Deos nelle tinha posto, e dos dons, que lhe tinha communicado. Nem era muito cheirar sua vida tanto, que se quebrado o alabastro de huma alma peccadora, cheirou toda a casa, ^a não foi muito que quebrado o alabastro do innocente corpo deste Religioso com rigorosas disciplinas, e asperrias penitencias (como diremos em seu lugar) a toda a Provincia cheirasse, e em toda se derramasse a fragrancia de suas virtudes. Todos fallavão d'elle, todos olhavão para elle, e se admiravão, de verem hum Religioso tão maduro, sendo na Religião tão moderno: pelo que os que governavão, puzerão logo os olhos nelle para os officios, que começou muito cedo,

e não acabou senão com a morte, fazendo-os todos com perfeição, e aceitação estranha.

4 Só elle neste tempo, que todos assim o olhavão, se não via a si mesmo, salvo cheio de defeitos para mais crescer em virtudes; olhando para a alteza, e baixeza de seu coração, para Deos ficar levantado, o qual ainda que em si não pôde crescer, cresce em nós, quando consideramos o pouco que somos, e os beneficios, que d'elle recebemos. De fazer de continuo estas descidas a seu coração, veio a fazer tão admiraveis subidas, que se cumprio nelle aquillo do Varão justo, que poz ascensões ^b em seu coração, porque quanto mais descia no abatimento proprio, tanto mais subia no conhecimento de Deos. As quaes ascensões do coração forão tão verdadeiras neste servo de Deos, que as confirmou o Senhor com hum successo digno de advertencia, e que nas vidas dos Santos se não lança em esquecimento, quando lhes succede o mesmo: como foi fazer profilção dia da Ascensão de Christo, dizer a primeira Missa em outro dia da Ascensão, e a ultima, que disse, foi tambem em dia da Ascensão, andando já doente de sua ultima enfermidade, de que Deos o levou para si no dia oitavo da mesma festa. Dando-nos o Senhor

^b Psalm. 83.
vers. 6.

Fr. Marcos
3.º p. 1.º c. 3.

nhor nisto a entender, sem dúvida, quanto este seu servo fora sempre subindo na vida, e quantas ascensões fizera no decurso della. De sorte que se de S. Bernardino se diz ^c que nasceu dia de nossa Senhora, e em dia de nossa Senhora nasceu na Religião, e fez profissão, disse a primeira Missa, pré-gou o primeiro Sermão, para o Ceo dar a entender quão devoto fora da mesma Senhora; não he menor indicio deste Veneravel Religioso fazer quasi tantas cousas em dia da Ascensão, para Deos dar a entender quanto subio na vida, e quão santo foi nella.

CAPITULO III.

Das penitencias, que o servo de Deos Fr. Francisco fez sempre por todo o decurso de sua vida.

I DE huma de duas maneiras se salvão os homens, ou por innocencia, ou por penitencia: as quaes são as duas Náos de S. Pedro, e S. João, em que os homens se salvão do mundo, e fóra destas duas Náos não ha salvação. Porém este nosso Religioso salvou-se em ambas em a Náo da innocencia, por ser muito verosimil, que nunca commetteo peccado mortal, como se dirá

ao diante tratando de sua castidade, e assim se salvou em a Náo da innocencia, que recebeu no Baptismo: salvou-se de mais disto em a da penitencia, por fazer tanta, como se tivera muitos peccados, e como se estivera mui longe de Deos, e da salvação, quem na verdade estava mui perto de huma, e outra cousa. Quer S. Boaventura que a penitencia seja continuada por toda a vida, e que não seja bastante a que em alguma hora diz basta, senão que acabe na vida com as dores, e as dores com a vida; e que seja finalmente como as arvores ^a do Paraíso, que sempre ^{Apo c. 12} houverão de ter fruto.

2 Tal foi a penitencia deste santo Religioso, como arvore criada para o Paraíso do Ceo; mal se podem dizer as suas penitencias, por serem tão asperas, e continuas, que se admiravão os que o vião poder corpo humano com o rigor tão austero, com que se tratava. Nunca em quanto foi Religioso, comeo carne, nem peixe, nem bebo vinho: jejuava o Advento, a que o obrigava a Regra, que são quasi dous mezes, desde dia de todos os Santos até o Natal, e a Quaresma da Igreja, sempre a pão, e agua, do qual modo de pão, e agua, sem mais outra cousa, jejuava tambem as segundas, quar-

quartas, sextas feiras, e sabba-
dos de todo o anno. Nos mais
dias contentava-se com huma
tigela de caldo, ou com huma
laranja, ou cascas de limão,
ou com humas folhas de fun-
cho, que para as enfermidades
grangeadas com as suas absti-
nencias, lhe fazião bem, sem
tratar de outra cousa para seus
continuos achaques, que o lasti-
mavão muito: lembrado por
ventura do que diz S. Bernar-
do ^{n. 20. tic.} ^b contra os Religiosos me-
lindrosos, e amigos de medi-
cinas, que se lembrem de con-
tinuo que são Monacos, e não
Medicos, e que não tratem da
compleição, senão de sua pro-
fissão.

3 Jejuava mais este Reli-
gioso as sete Quaresmas de nos-
so Padre S. Francisco, ainda
que para melhor dizer, só hu-
ma Quaresma jejuava, porque
todo o anno era huma Quares-
ma para elle, nascendo-lhe des-
ta continua abstinencia muitas
doenças, e achaques, que pa-
decia. Combatião-o de conti-
nuo muitos vagados da cabeça,
muitas fraquezas do estomago,
e outras muitas molestias, que
o atormentavão em todo o cor-
po, pelo tratar tão mal, e com
mantimentos tão grosseiros, e
poucos: por onde algumas ve-
zes lhe aconteeo cahir no Co-
ro com fraqueza, e às vezes
se sahia delle, por não dar no-

ta de si, e que fallar com sua
abstinencia: na qual o que mais
espanta, era a alegria, com que
a fazia, sendo tão alegre em
suas abstinencias, que parecia,
que a alegria era a de que se
sustentava. O seu dormir era
em huma cama, acompanhada
de tão pouca roupa, que ou
dormia em a taboa, ou em al-
guma manta, que a cubria,
mais para encubrir com isto o
rigor da cama, que pela ter
como os outros. No mundo,
sendo ainda mancebo, e de mui
pouca idade, como já dissemos,
usava semelhante mortificação,
passando-se da cama, depois de
recolhidos os de casa, para hu-
ma cortiça, que junto della ti-
nha, encubriendo, quando nes-
ta o achavão, com o disfarce
de hum acafo, o que na reali-
dade tinha sido eleição de sua
penitencia.

4 Depois de Religioso era
mui pouco o sono, que toma-
va; porque recolhendo-se às
dez horas, se levantava pela
meia noite, para rezar Mati-
nas com os mais, as quaes aca-
badas, se ficava sempre no Co-
ro em pé, ou de joelhos até
à madrugada, em que se tor-
nava a recolher, por se não mos-
trar tão singular. Fazia todas
as noites huma disciplina muito
comprida, e o cilicio he vero-
simil que sempre o trazia; por-
que lançando-lhe humas ven-
to-

tosas na ultima enfermidade, palmou o Barbeiro da negridão de sua cintura, que logo mostrava ser de continuo cilicio. Todas as mais penitencias deste servo de Deos erão iguaes a estas, e o que mais admirava era o disfarce, que lhe dava, o muito que as desejava, e o nada, em que as tinha, e sobretudo o que desejava parecer hum dos Frades da Communidade, alegrando-se com os outros, rindo com elles, e conversando com todos, quando o Prelado dava festa, e achando-se sempre com os mais nos exercicios da Religião, ou por saber que Deos não se acha nos cantos, senão no meio dos Irmãos, como S. Bernardo diz com graça do Apostolo São Thomé, ou por se humilhar em tudo: cousa, que à primeira vista não parecia pequena penitencia, ser tão singular na vida, e tão commum nas mostras della: apartar-se da Communidade para mais se chegar a Deos, e cuidar que só tinha a Deos, quando estava na Communidade: ser mais digno que os outros na vida, que fazia, e ter-se por mais indigno que elles, por remissos que fossem.

D. Bern.
Serm. 6.
in Ascens.
Domini.

CAPITULO IV.

Das virtudes deste Veneravel Religioso.

I **D**As penitencias são filhas legitimas as virtudes, ^a por isso cahem aqui bem as virtudes do servo de Deos Fr. Francisco, depois de suas penitencias. A primeira virtude dos Religiosos he a obediencia, e esta teve este Religioso tão à risca aos Prelados, como se não tivesse vontade propria, ou a daquelles fosse a sua, e assim nunca fazia a sua vontade, senão quando fazia a de seus Prelados. Estranhava grandemente a quem tinha vontade propria; nenhum vicio estranhava tanto nos Religiosos como a pouca obediencia: tanto assim, que sendo mansissimo naturalmente, e nada julgador das vidas alheias, todos os vicios desculpava, por grandes que fossem, e só a desobediencia estranhava; indicio não pequeno de quão perfeito fosse nesta virtude. Na pobreza póde ser testemunha sua grande abstinencia, que quem era tão pobre no comer, quanto o seria no mais? He a abstinencia pobreza de dentro, e quando a de dentro era nelle tão grande, claro está que a de fóra havia de ser mui notavel.

2 O seu habito era pobrissimo,

fimo , e remendado , mas mui limpo : o mais que tinha , nada , porque nenhuma cousa tinha de seu uso , ainda daquellas , que os Frades tem : só em contas , cilícios , e disciplinas fazia seu emprego , tendo variedade destas sagradas alfaías , para segundo sua devoção usar dellas com mais gosto. De registos , e estampas de Flandes , trazia alguns poucos mui finos , e devotos , que incitavão não pouco à devoção , e contemplação , como escolhidos por quem era tão dado a ella , e Religioso tão devoto : os quaes elle armava nas cellas , para onde hia , com tanta limpeza , ordem , e bom concerto , assim de outros papelinhos , que aos registos acrescentava , para os fazer mais reverentes , e bem concertados , como na reverencia , que guardava na ordem dos mesmos registos , que parecia que a mesma contemplação os tinha postos naquella fórma. E elles com não serem muitos , nem muito ricos , parecião hum Santuario , por ventura mais devoto , e mais cheio de espirito , e cheiro do Ceo (senão fosse de força , e arrebatamento para elle) do que os Santuarios , que em muitas Igrejas se põem com muito custo , e se armão com grande pompa.

3 Segue-se a castidade , de que só direi duas cousas , ven-

cedoras de outras muitas : humia que a deste Religioso era igual à sua vida , sem nunca no decurso della haver quem o notasse , nem ainda da menor falta nesta parte. Grande admiração , quando nem o Sol , nem a Lua , dous Planetas tão formosos , que Deos creou para luminarias da fabrica do mundo , e olhos de tal corpo , deixão no decurso do anno de se eclipsar algumas vezes : não porque estes Planetas não sejam sempre formosos na substancia de seus corpos , senão porque se põe alguma cousa entre elles , e nossos olhos ; que basta oppor-se qualquer cousa aos olhos dos homens , para fazerem eclipsados ao Sol , e Lua : e não haver alguem que eclipsasse a este Religioso , nem ainda com a menor sombra , grande prova de sua pureza. A segunda he , que estando elle para morrer , disse ao seu Confessor , que nunca commettêra peccado contra a castidade : as palavras , com que o disse são muito devotas , mas deixo-as para o Capitulo de sua morte , onde cabem melhor.

4 Da castidade são vizinhas a humildade , e prudencia ; por cuja falta as Virgens loucas , se não perdêrão o serem Virgens , perdêrão ^b o premio de o serem ; mas não este servo de

Matt. c. 25.
num. 12.

via de alicerce da virgindade, e a prudencia de resguardo, não havendo quem fosse mais humilde que elle, nem mais prudente, e acautelado. A mansidão, e paciencia erão estranhas nelle, porque a sua mansidão era de cordeiro, e virtude, que parecia não haver nelle outra, por lhe ter occupado todas suas acções, assim por palavra, como por obra, sem haver quem alguma hora o visse desentoadado, por qualquer occasião que fosse, nem perturbado na paciencia. Era esta nelle de bronze, ou para melhor dizer do Ceo: que o bronze tambem se quebra, e funde, ainda que com trabalho; mas só a materia do Ceo he incorruptivel por natureza: e do Ceo era sem dúvida huma paciencia tão inteira, não lhe faltando occasiões, em que se lhe pudéra corromper. Mas nem as marteladas continuas de suas doenças, nem as mortificações da Religião, o pudérão amolgar, nem sahir em todas estas cousas com huma só palavra, ou com hum ai de sentimento, nem (o que he mais espanto) com huma mostra de máo rosto: antes o que aos mais faz chorar, o fazia a elle rir, porque sempre estava risonho nos trabalhos, que tinha, e então mais risonho, quando tinha mais trabalhos.

5 Entre os seus corporaes,

não foi pequeno o de hum lobinho, que na testa lhe nasceo, onde o trouxe muitos annos, até que sendo em Evora Mestre de noviços, lho tirou hum famoso Medico de seu tempo; mettendo-lhe pelo lobinho dous espinhos alvães, atravessados em Cruz, que o crucificarão não pouco; e andando alguns dias com hum pano na cabeça, em quanto trouxe os espinhos, nunca se lhe ouvio hum só ai, nem ao metter dos espinhos, nem ao trazer delles. Com a mesma paciencia soffreo muitas enfermidades, e a ultima, que ainda que não foi de muitos dias, foi muito aguda, e penetrante. Da paciencia nasce o silencio, do qual este Religioso parece não merece ser muito louvado, pelo ter por natureza, ainda que não he pequeno louvor ser natural tão grande bem; o seu era andar calado, fefudo, mui composto quando sahia fóra da cella, e o estar sempre nella, era o mais proprio seu, se os officios o não tirárão como por força para fóra.

6 E porque o silencio he companheiro perpetuo da oração, e hum impulso a ella, como diz S. Bernardo, e quanto o seu silencio era mais de mudo, tanto sua oração era mais fervorosa: sem vozes clamava a Deos, porque como outro David, clamava em seu coração

D. B.
Epist.

Psalm.
vers. 1

ção

ção. He a oração de duas maneiras, vocal, e mental, e ambas este servo de Deos fazia perfeitamente: a vocal do Officio Divino com tanta devoção, que às vezes rezava com lagrymas, dom, em que a mão Divina o desbrochava muitas vezes, e com muita facilidade, pela brandura da natureza, que nelle vivia, juntamente com muito da Divina graça; e dando a graça em tal natureza, tirava muitas lagrymas. Quando rezava fóra do Coro, era sempre de joelhos, e era para elle a reza tão doce, que querendo-lhe o seu Presidente na sua ultima enfermidade tirar o Breviario, por a doença ser maligna, que o molestava muito, elle lhe disse: *Deixai-me, irmão Presidente, estar o Breviario, que nunca em minha vida tive tão grande consolação, como quando rezava o Officio Divino, e as suas palavras erão para mim mais doces, que o mel.* Requebro, que David e dizia a Deos, fallando de suas Divinas palavras. E assim lhe não poderão tirar o Breviario, até que o Arcebispo de Evora D. João Coutinho, indo-o visitar, lho tirou, e mandou que não rezasse.

7 Era grande a devoção, com que entoava no Coro, e cantava no Altar; porque como tinha a voz muito clara, e

sonora, e sahia de hum peito tão cheio de fervor, vinha vibrando espirito, penetrando com compunção, e incitando aos remissos a louvarem melhor a Deos ao som daquella voz, que era órgão do Ceo. Da oração vocal se póde tirar a devoção, que teria na mental, que por ser mais secreta, nos dá menos que dizer: se por ventura era secreta a virtude, que neste Religioso fazia taes effectos, pois todos os virtuosos procedem da oração mental, como dizem os que della escrevem, e sabem os que a experimentão. Nesta era este servo de Deos tão continuo, que nella o achavão sempre occupado os que o buscavão na cella; de noite até às dez horas gastava no Coro, ou Capella, e depois de Matinas até à madrugada estava vacando a este exercicio. Os mimos, e revelações, que nelle teve, foubes sua cautela de sorte encubrir, que nos não deixou que escrever: hum extase, que teve em sua morte, e duas aparições no mesmo tempo, referiremos quando tratarmos della.

CAPITULO V.

*De outras virtudes do servo de
Deos Fr. Francisco.*

^a
1. ad Cor.
c. 13. n. 2.

I **S** Em caridade, como diz S. Paulo, ^a pouco importa os maiores prodigios; e assim pouco importa ser a vida do servo de Deos Frei Francisco tão prodigiosa, se não coroára todas as mais virtudes com a caridade. Era esta nelle tanta, que foi tão caritativo para com os outros, quanto rigoroso para si: sendo tão rigoroso no comer, e beber, como temos visto, queria que aos Frades se lhes dêsse o necessario, e se lhes fizessem muitos mimos, quanto a Religião póde soffrer. Os mesmos queria se fizessem aos doentes; e quando elle era Prelado, os fazia à risca a doentes, e sãos: propriedade dos Santos, que quanto mais rigorosos são para consigo, tanto mais brandos são para com os outros. Contra nenhum se indignava, ainda que o visse defeituoso, antes desculpava o defeito; e tanto se compadecia de qualquer molestia, que via em seu proximo, como se a elle mesmo tocasse: effeito, segundo S. Bernardo, ^b de huma caridade verdadeira. Em todo o tempo mostrava a todos o rosto risonho, e tão alegre, que logo mostrava a paz, e soce-

^b
D. Bern.
tract. de
grad. hu-
milit.

go interior, por ser a alegria em os servos de Deos huma clara figura dos effeitos, que faz a graça em huma alma.

2 Elle mesmo procurava as festas, e pedia aos Prelados as dessem aos Frades, para fallarem huns com os outros, e se alegrarem em o Senhor, e nos dias, em que se davão, elle era o primeiro em assistir a ellas, em conversar com os Frades com muita alegria, e em jogar a laranginha, que são os divertimentos, que só em semelhantes dias a Religião permite. E o que mais he, que assistia a estas cousas, como se elle na verdade não tivera outros pensamentos, andando os seus tão occupados em outro jogo tão differente, que era cousa de admiração poder-se occupar naquelle, e applicar o sentido a cousas tão baixas, quem o trazia sempre empregado em tão altas cousas. Finalmente taes erão as virtudes deste servo de Deos, que todos os seculares, e Religiosos o tinham por santo: estimação, de que se não deve fazer pouco caso, para prova de sua virtude, sendo cousa impossivel enganar-se tantos olhos. E porque não passemos em geral hum testemunho tão particular, quero pôr aqui dous de dous Religiosos desta mesma Provincia, que souberão delle muito, nos quaes ficão inclui-

dos

dos os de todos os outros, porque todos sentião o mesmo. O primeiro he de Fr. Pedro de Elvas Confessor, o qual foi seu condiscipulo no estudo, e seu companheiro em o noviciado, e muito seu amigo pelo decurso de sua vida, e sobre tudo seu Presidente, quando Deos o levou della, no qual tempo era seu Confessor, e o confessou geralmente: este affirmava ser Fr. Francisco hum dos mais perfeitos Religiosos, que conhecêra, sem em sua vida ver coufa, nem sendo estudante, nem Religioso, que lhe parecesse peccado. Sendo assim que tinha visto muitos Religiosos, por ser de idade, em que já tinha sido Guardião algumas vezes na Provincia, e tinha vindo para ella da Companhia de Jesus, aonde esteve alguns annos, e o conhecimento de muitos Religiosos, e muito perfeitos, que tinha visto, fazia este testemunho mais qualificado.

3 O segundo testemunho he de Fr. Antonio de Serpa, Prégador, Religioso da mesma Provincia, que vindo nella a ser discipulo de Fr. Francisco, o media muitas vezes em todas suas acções, e se espantava dellas, dizendo comsigo, e com outros Religiosos: *Se este homem não he santo, e não faz ainda milagres, será maior admiração, que viver como vive,*

porque a sua penitencia, e abstinencia he rara, sua oração unica, sua devoção grande, o seu dizer Missa admiravel, e que mette muito por dentro aos que a ourem: o seu silencio muito, a sua mansidão notavel, as palavras, que aos discipulos dizia, e as praticas espirituaes, que lhes fazia, com não serem de homem muito visto em letras, erão tão cheias de lugares da Escriptura, e de fogo de devoção, que os discipulos, como os de Emaús, ^c *se abrazavão nos corações com as palavras de seu Mestre.* Estas, e outras muitas cousas dizia esta testemunha do servo de Deos Fr. Francisco, e delle faz menção na sua Chronologia ^d *Eucaristica.* Por remate deste Capitulo poremos outro notavel testemunho, que he huma carta, que o Conde do Vimioso D. Affonso de Portugal, escreveo a certo Religioso desta Provincia, que lhe rogava dissesse o que entendia deste servo de Deos: traslado-a aqui, para que se veja o voto, que dava nas cousas deste Varão santo, quem o teve em todas, assim espirituaes, como politicas.

4 „ Manda-me V. Pater-
„ nidade que lhe refira as cou-
„ fas, que sei do Veneravel
„ Padre Fr. Francisco de Villa-
„ Viçosa. Oque me occorre he
„ menos da opinião, que delle
„ ti-

^c Luc. c. 24.
num. 32.

^d Chronol.
Euchar.
Enarrat.
27. f. 773.

CAPITULO V.

*De outras virtudes do servo de
Deos Fr. Francisco.*

^a
1. ad Cor.
c. 13. n. 2.

I **S** Em caridade, como diz S. Paulo, ^a pouco importa os maiores prodigios ; e assim pouco importa ser a vida do servo de Deos Frei Francisco tão prodigiosa, se não coroára todas as mais virtudes com a caridade. Era esta nelle tanta, que foi tão caritativo para com os outros, quanto rigoroso para si: sendo tão rigoroso no comer, e beber, como temos visto, queria que aos Frades se lhes dêsse o necessario, e se lhes fizessem muitos mimos, quanto a Religião póde soffrer. Os mesmos queria se fizessem aos doentes; e quando elle era Prelado, os fazia à risca a doentes, e sãos: propriedade dos Santos, que quanto mais rigorosos são para consigo, tanto mais brandos são para com os outros. Contra nenhum se indignava, ainda que o visse defeituoso, antes desculpava o defeito; e tanto se compadecia de qualquer molestia, que via em seu proximo, como se a elle mesmo tocasse: effeito, segundo S. Bernardo, ^b de huma caridade verdadeira. Em todo o tempo mostrava a todos o rosto risonho, e tão alegre, que logo mostrava a paz, e soce-

^b
D. Bern.
tract. de
grad. hu-
milit.

go interior, por ser a alegria em os servos de Deos huma clara figura dos effeitos, que faz a graça em huma alma.

2 Elle mesmo procurava as festas, e pedia aos Prelados as dessem aos Frades, para fallarem huns com os outros, e se alegrarem em o Senhor, e nos dias, em que se davão; elle era o primeiro em assistir a ellas, em conversar com os Frades com muita alegria, e em jogar a laranginha, que são os divertimentos, que só em semelhantes dias a Religião permite. E o que mais he, que assistia a estas cousas, como se elle na verdade não tivera outros pensamentos, andando os seus tão occupados em outro jogo tão differente, que era cousa de admiração poder-se occupar naquelle, e applicar o sentido a cousas tão baixas, quem o trazia sempre empregado em tão altas cousas. Finalmente taes erão as virtudes deste servo de Deos, que todos os seculares, e Religiosos o tinham por santo: estimação, de que se não deve fazer pouco caso, para prova de sua virtude, sendo cousa impossivel enganar-se tantos olhos. E porque não passemos em geral hum testemunho tão particular, quero pôr aqui dous de dous Religiosos desta mesma Provincia, que souberão d'elle muito, nos quaes ficão inclui-

dos

dos os de todos os outros, porque todos sentião o mesmo. O primeiro he de Fr. Pedro de Elvas Confessor, o qual foi seu condiscipulo no estudo, e seu companheiro em o noviciado, e muito seu amigo pelo decurso de sua vida, e sobre tudo seu Presidente, quando Deos o levou della, no qual tempo era seu Confessor, e o confessou geralmente: este affirmava ser Fr. Francisco hum dos mais perfeitos Religiosos, que conhecêra, sem em sua vida ver coufa, nem sendo estudante, nem Religioso, que lhe parecesse peccado. Sendo assim que tinha visto muitos Religiosos, por fer de idade, em que já tinha sido Guardião algumas vezes na Provincia, e tinha vindo para ella da Companhia de Jesus, aonde esteve alguns annos, e o conhecimento de muitos Religiosos, e muito perfeitos, que tinha visto, fazia este testemunho mais qualificado.

3 O segundo testemunho he de Fr. Antonio de Serpa, Prégador, Religioso da mesma Provincia, que vindo nella a ser discipulo de Fr. Francisco, o media muitas vezes em todas suas acções, e se espantava dellas, dizendo comfigo, e com outros Religiosos: *Se este homem não he santo, e não faz ainda milagres, será maior admiração, que viver como vive,*

porque a sua penitencia, e abstinencia he rara, sua oração unica, sua devoção grande, o seu dizer Missa admiravel, e que mette muito por dentro aos que a ourem: o seu silencio muito, a sua mansidão notavel, as palavras, que aos discipulos dizia, e as praticas espirituaes, que lhes fazia, com não serem de homem muito visto em leiras, erão tão cheias de lugares da Escriitura, e de fogo de devoção, que os discipulos, como os de Emaús, ^{c Luc. c. 24. num. 32.} *se abrazavão nos corações com as palavras de seu Mestre. Estas, e outras muitas cousas dizia esta testemunha do fervo de Deos Fr. Francisco, e delle faz menção na sua Chronologia* ^{d Chronol. Euchar. Enariat. 27. f. 773.} *Eucaristica. Por remate deste Capitulo poremos outro notavel testemunho, que he huma carta, que o Conde do Vimioso D. Affonso de Portugal, escreveo a certo Religioso desta Provincia, que lhe rogava dissesse o que entendia deste fervo de Deos: traslado-a aqui, para que se veja o voto, que dava nas cousas deste Varão santo, quem o teve em todas, assim espirituaes, como politicas.*

4 „ Manda-me V. Pater-
„ nidade que lhe refira as cou-
„ fas, que sei do Veneravel
„ Padre Fr. Francisco de Villa-
„ Viçosa. Oque me occorre he
„ menos da opinião, que delle
„ ti-

„ tinha, mas nem por isto fica
 „ a opinião diminuida, nem
 „ terei em menos veneração
 „ humas disciplinas, que forão
 „ de seu uso, e alcancei quan-
 „ do Deos o levou para si. Foi
 „ cousa publica, que as pessoas,
 „ que d'elle tinham qualquer no-
 „ ticia, procurárão haver as
 „ cousas, de que se servia, co-
 „ mo Reliquias: eu lhe tinha
 „ particular veneração, e no-
 „ tava nelle, que suas palavras
 „ erão graves, e tão medidas,
 „ que não excedião, nem fal-
 „ tavão no que se tratava, e
 „ parecia que tinha nisto par-
 „ ticular cuidado. Era suavif-
 „ simo no seu trato, e igual-
 „ mente humilde. Ouvi dizer
 „ a varios Religiosos da sua
 „ Provincia, que antes de ser-
 „ vir de Vigario Provincial,
 „ havia muitos annos que não
 „ comia carne. nem peixe, nem
 „ ovos, nem lactícinios, pas-
 „ sando com hum pouco de pão,
 „ e às vezes humas hervas ou
 „ cruas, ou cozidas, sem be-
 „ ber vinho, e que quando ser-
 „ via de Provincial comia hu-
 „ ma pouca de carne, que não
 „ excedia de huma, ou duas
 „ onças, e isto me edifica mais,
 „ porque mostrava que para o
 „ trabalho dos caminhos se aju-
 „ dava com tão limitado soc-
 „orro, que pelo habito da
 „ abstinencia não podia ser
 „ maior. Tambem ouvi a va-

„ rios Religiosos, que no mes-
 „ mo tempo de seu Provincia-
 „ lato, ainda que chegasse aos
 „ Conventos tarde, cansado,
 „ ou molhado, não faltava a
 „ Matinas, nem depois dellas
 „ de se ficar no Coro até à Pri-
 „ ma. Tinha-o por mui adver-
 „ tido, particularmente em oc-
 „ cultar suas cousas: eu me con-
 „ fessei com elle, estando do-
 „ ente da enfermidade, de que
 „ Deos o levou para si, e o
 „ achei com huma paz extraor-
 „ dinaria; e perguntando-lhe
 „ como estava, me respondeo,
 „ que bem: devia dizer em sen-
 „ tido differente, porque to-
 „ mando-lhe o pulso, lho achei
 „ mui desconcertado, com mui-
 „ tas intercadencias. Naquella
 „ occasião ouvi a Religiosos de
 „ credito, que por duas vezes
 „ sentirão na sua cella, que lhe
 „ fallavão, e elle respondia,
 „ sendo assim que estava sem
 „ companhia da terra. Tam-
 „ bem ouvi, que recebendo o
 „ Santissimo Sacramento por
 „ Viatico, ficára arrebatado por
 „ hum espaço, e que quando
 „ o sepultárão, os que se achá-
 „ rão presentes, lhe cortárão o
 „ habito para Reliquias. Co-
 „ mo elle era tão recatado em
 „ suas cousas, duvido que se
 „ achem muitas; mas Deos as
 „ descobrirá para honra de seu
 „ servo: elle se lembre de mim
 „ diante de Deos, &c. „

5 Bastante testemunho era este, por ser de huma pessoa tão prudente, e qualificada, para se ter opinião deste Religioso, que era perfectissimo. A mesma tinha o Arcebispo de Evora D. João Coutinho, que disse quando Deos o levou para si, que o tinha pelo mais santo, e grave Varão que vira em seus tempos. O Marquez de Ferreira Dom Francisco de Mello, e seu irmão D. Rodrigo de Mello, o tratáram sempre com este respeito, e devoção, que lhe tinham, mostrando sentimento de se não acharem à sua morte, por estarem ausentes da Cidade, na sua quinta de Agua de peixes.

CAPITULO VI.

Dos officios, que este Religioso fez na Provincia.

1 **T**Odas as virtudes são suspeitosas, se não são confirmadas em quem as exercita com a administração dos cargos; porque como as honras talvez mudão os costumes, só aquelles são verdadeiros, que as honras não deflustrão, e que os cargos não pervertem, por onde vem a ser as dignidades huns espelhos, em que se vem o que são os homens. Neste espelho pois das honras, quaes são os officios,

se mostrou este servo de Deos como quem era: fez todos os da Religião, por verem os que governavão a Provincia, quão digno era do governo hum Religioso tão perfeito: que como quer que o primeiro premio da virtude he a honra, sempre estas se devem dar aos mais virtuosos.

2 Fez o officio de Porteiro, que he o primeiro, que se faz nesta Provincia, e às vezes o ultimo nas casas mais graves, onde não põe Porteiros, senão Religiosos já de idade, que tem sido Guardiães; posto que este nosso Religioso, pela satisfação, que se tinha delle, foi, antes de ser Guardião, Porteiro das melhores Casas, qual he a de Coimbra, Porto, e Aveiro. Em cuja administração não achei cousa particular, que lhe succedesse, mas sei que a porta importa muito para o credito dos Conventos: muito importarião para credito daquelles trez, as portarias, que fez nelles, e que assim nestes, como em todos os mais, em que exercitou este officio, se poderia dizer delle aquelle louvor, que Salamão dá a huma alma ^a forte: *Laudent eam in portis opera ejus.* ^{Prov. c. 31. num. 31.} As suas obras erão louvadas nas suas portas: os pobres o louvavão de muito caritativo, e todos os que vinhão à portaria, levavão muito que contar, e lou-

Agiol Lus.
cir. 1upr.

forme isto , não ficará diminuída a opinião da virtude do servo de Deos Fr. Francisco na pouca noticia , que temos dos milagres , que Deos por elle obrou: se bem he verdade que nos não faltára que escrever, se assim como Fr. Paulo de Loredello (Religioso desta Provincia , e Prégador nella) teve cuidado de os notar , e não morrerá entre os Gentios em Guiné , onde estes escritos com outros mais acabarão. Referiremos porém aqui alguns poucos , de que nos ficou mais clara noticia , e suppra o milagroso de sua vida a falta de milagres.

2 Vindo este servo de Deos huma occasião a Villa-Viçosa , foi dizer por sua devoção hum dia Missa a S. Bento , Ermida , que está extra-muros , pouco affima da porta , que chamão do Nó ; lavou as mãos depois de acabar , como he costume , para as purificarem com aquelle lavatorio do sacrificio , que tratarão: e como depois de lavadas não achasse em que as alimpar (o que succede não poucas vezes em as Igrejas do campo) enxugou-as em huma toalha , com que alli viera cuberto hum menino da mesma Villa , filho de huma Mecia Gomes , o qual tinha a cabeça toda podre , tal , que não havia quem a pudesse ver ; e tornando-o a cubrir com ella , come-

çou-lhe a cabeça a fumigar , e em poucos dias de todo sarou della , não tendo esperança alguma de faude , o que a mesma Mecia Gomes , mãe do menino , teve por milagre deste servo de Deos Fr. Francisco , cujas virtudes ella conhecia bem.

3 Não foi obra inferior a deste successo , senão antes superior , por conter em si dom de profecia , o que lhe succedeo , indo da Villa do Redondo com outros Guardiães ao seu Capitulo , que em Villa-Viçosa se havia de celebrar. Tinha elle naquella Villa huma prima , com a qual se tinha creado , a quem amava como a irmã , e como taes se querião: succedeo pois que esta sua prima , tendo hum menino filho seu , chamado André , o mandou que fosse à entrada da Villa , aonde chamão o Carrascal , esperar seu tio , para lhe tomar a benção , e lhe levar novas d'elle , em quanto ella as não hia buscar em pessoa ao Convento da Piedade. Foi o menino ao Carrascal , e por se metter em huma Igreja , que alli está , e se descuidar dentro della com esquecimento de menino , passarão os Guardiães . sem que desse fé delles , e foi à noite para casa sem levar à mãe novas de seu tio ; ella que o amava muito , e por isso sentio tan-

to esta falta, antepondo o amor de seu santo primo ao de seu descuidado filho, o açoutou rigorosamente. Ao seguinte dia, logo de manhã, foi visitar Frei Francisco a sua prima, ou pelo amor, que lhe tinha, ou pela reprehender do que fizera, e a primeira palavra, que lhe disse, entrando em casa, foi esta: *O que kontem fizestes, só o fizera hum louca: haveis de açoutar hum innocente por se metter na Igreja?* Todos os de casa ficarão admirados, entendendo que elle o soubera por revelação, e assim dizia ella muitas vezes comfigo: *Não quero fazer isto, porque meu irmão o ha de adivinhar.* O mesmo dizião suas filhas, quando era coufa, que não querião que lha soubessem, como por muitas vezes me certificou hum a dellas, que ainda hoje vive, e com tão bom procedimento, e exemplo, que bem mostra ser sobrinha deste tio.

4 Quando este Religioso foi Vigario Provincial, e correio todo o Reino de Portugal, pelo qual estava naquelle tempo a Provincia da Piedade entendida, lhe succedêrão nesta jornada tantas cousas miraculosas, que só dellas se pudéra fazer hum livro, como disse seu companheiro Fr. Paulo de Monção. Em cuja eleição de companheiro (para que diga-

mos isto de passagem) se vio tambem o espirito deste santo Religioso, porque na verdade escolheo hum sujeito ornado de muitas partes; sendo assim que lhe não era mui vizinho na patria, senão muito desviado; mas se desviados na patria, erão muitos chegados nos costumes. Este Religioso pois, que entre as mais partes tinha o ser pelo mundo tão nobre, que os Reis de Portugal havião fiado de seu sangue a sua Secretaria de Estado, e por tudo isto era obrigado a fallar verdade, costumava dizer, que das cousas miraculosas, que lhe succedêrão no tempo, em que acompanhára ao Irmão Fr. Francisco de Villa-Viçosa, se pudéra fazer hum grande volume. Particularmente disse, que indo elles do Cabo de S. Vicente para Lisboa, ainda no Bispado do Algarve, lhe anoiteceo no caminho entre Aljezur, e o de Seixas, dous lugares, que entre si tinhão duas leguas muito grandes, e obrigados da necessidade, se determinárão recolher em hum monte, que vião estar algum tanto apartado do caminho. Chegados a elle, achárão-o despovoado sem gente, e com tanta agua, que parecia hum rio, por estar tambem destelhado, e o anno ser mui invernofo, qual foi o de 1635. e o fim do precedente,

em que a agua foi muita; tanto, que logo a Portugal se seguírao muitas fomes, causadas das grandes chuvas, e outras muitas calamidades, em que naquelle tempo se via o Reino. Neste anno pois tão invernofo, e de tantas inundações, e diluvios, foi a jornada do nosso Religiofo, quando no monte se achou sem gente, e sem telhado, nem haver nelle outra cousa, mais que hum estradozinho, que alli ficára junto a huma chaminé, tudo mui cheio de agua.

5 Ferio logo fogo o companheiro; e ainda que por alli não havia outra lenha, senão verde, e muito molhada, que elle andou ajuntando com hum moço, que comfigo levavão, ardeo como candeas: colheo hum braçado de junco, lançáráo-o em o estradozinho, e dormirão aquella noite, o Vigario Provincial sentado no estradozinho, e encoftado à parede; feu companheiro sentado junto delle, e encoftado aos alforjes de feu officio, em que levão as coufas, que a elle pertencem, e papeis de importancia. Sendo a cama tão defabrida, e deitando-se sem cea, de tal maneira dormirão, que não acordárão senão dia claro: sendo affim, que confessava feu companheiro não poder tomar o sono, nem hum quarto de hora,

senão conforme ao costume ordinario da natureza, com o corpo eftendido; e então sentado, com os pés encolhidos, dormio toda a noite, sendo no Inverno em o mez de Fevereiro, e a poufada tão defaccommodada, como eftá dito. Em amanhecendo rezárão o Officio Divino no mefmo lugar, onde dormirão, porque ainda que sempre o rezavão de noite até hora de Noa, o sono os fez aquelle dia rezar com Sol. Depois de rezarem, se partirão; e em fahindo daquelle pardieiro, achárão os caminhos, e mattos, correndo agua, como que toda a noite chovêra. Chegando ao de Seixas, e sabendo algumas peffoas daquelle lugar o máo gafalhado, que tiverão, se compadecêráo delles, dizendo-lhes, que toda aquella noite eftivera a chover, e não podião elles deixar de padecer muito com tão grande agua, a qual elles tiveram por muito certa, viftos os caminhos, que parecião ribeiros. Com tudo a elles não lhes choveo, nem interrompeo o sono o trabalho da poufada, nem o rigor do tempo, e chuva da noite: maravilha, que o companheiro do nosso Vigario Provincial julgou por milagre, feito por Deos em tal ermo, pelos merecimentos de feu servo Fr. Francisco. E ainda costumava dizer, quando contava ef-

te successo, que juraria que nunca em toda a sua vida dormira noite mais consolado.

CAPITULO VIII.

Da morte do servo de Deos Frei Francisco.

A Cabado o officio de Vigario Provincial, e trabalho, que nelle teve este Veneravel Religioso, porque a sua vida foi feita ao compasso, e levada de Deos a prumo, ordenou o mesmo Senhor, que por todos os officios levára a este seu servo, leva-lo para si no fim do ultimo officio, para elle poder dizer com o Apostolo: *a Boa batalha pe-lejei, meu curso consumei, e a fé, que devia a meu Deos guardei: no mais elle me terá guardada a coroa de gloria, que dá a todos os seus.* Acabado o Capitulo, em que largou o officio de Vigario Provincial, o fizeram Guardião do Convento de Santo Antonio de Evora, onde continuou os rigores passados, e por ventura muito maiores, que o movimento no fim he muito mais apressado, como dizem os Filósofos. Continuando o rigor de suas penitencias chegou o anno de 1637. em que Deos o levou para si em vinte e oito de Maio, no dia oitavo da Ascensão: disse sua ultima

Missa no dia da Ascensão, estando já doente; acabada a hora de Noa, em que esteve já mui fraco, mas muito devoto, se foi para a cella, e della não sahio senão para o Ceo. Começou a febre maligna a levantar seu fogo, e abraçar ao santo Religioso, que entre as chamas dellas estava tão pacifico, como sempre fora, final, de que em hum fogo tão contrario à natureza, a agua era só da graça, a que o tinha tão sereno.

2 Foi logo a sua doença sabida na Cidade, e não só sabida, mas tambem temida, que como era muito amado de todos, a todos causou a nova temor, e receio. Vierão logo todos os Senhores daquella Cidade visitallo, a saber, o Arcebispo D. João Coutinho, o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, o Conde do Vimioso D. Affonso de Portugal, e o Conde de Basto Dom Diogo de Castro. O primeiro, que o visitou foi o Conde do Vimioso, e a ultima pessoa, que elle confessou, porque por sua consolação se quiz confessar com elle, estando já na cama: o ultimo, que o visitou, foi o Arcebispo, o qual achando-o muito entrado na enfermidade, lhe mandou tirar o Breviario, e que lhe tirassem o habito, o que elle não consentio, pedindo pelo amor de Deos, que lhe

lhe deixassem estar o habito, se lhe desejavão a vida, porque no ponto, que lho tirassem havia de morrer. Vendo o Arcebispo sua santa porfia, mandou que, pelo menos, lhe vestissem outro mais leve, por ser aquelle mui pesado, áspero, e intractavel, como he todo o burel de entre Douro, e Minho, do qual este Venerável Religioso procurava sempre vestir-se, por fazer em tudo penitencia. Mudado em outro habito, não se lhe mudou a doença, antes como era maligna, lhe hia crescendo por momentos; e entendendo elle que era chegada a sua hora, tratou de se confessar geralmente.

3 Chamou o seu Presidente, que era hum Fr. Pedro de Elvas, com quem se confessou de toda sua vida; e chegando ao sexto mandamento, em que os homens tem tantos trabalhos, e os Santos tantos temores, disse, que no mundo não tinha offendido a Deos naquelle mandamento, nem ainda por pensamento; e adiantando-se o Presidente, perguntando-lhe se na Religião tivera algum escrupulo naquella materia, elle lhe respondeu: *Bemdito seja Deos, nenhuma cousa devo a meu Padre S. Francisco no voto da Castidade.* Por esta razão o enterrou o Presidente com hum Capella de acucenas, e hum palma

na mão, em figura da virgindade, que toda a vida guardára, ou da palma, com que he de crer, entrava no Ceo entre o Coro dos Santos Virgens. Feita a sua confissão, levárolhe o Viatico à cella, por estar muito fraco: tanto que entrou o Sacerdote com o Santissimo Sacramento, elle se levantou da cama com tanto esforço, como se estivera são, e posto de joelhos para receber o Rei da Gloria, fez antes de commungar huma pratica espiritual, quaes costumavão ser as suas, a que o espirito daquella hora deo mais espirito, a morte mais temor, a presença do corpo de Christo mais reverencia, e o sahir por huma boca tão cheia de devoção grandissima suavidade, com que todos os presentes se desfazião em lagrymas, e testemunhavão com os olhos, o que tinham no coração.

4 E porque o recebimento do Corpo de Christo requiere unico aparelho, naquella unica hora, entre as ultimas palavras de sua pratica, pediu perdão aos Frades, assim presentes, como ausentes, ainda que o não molestava sua consciencia de ter feito aggravo a algum Religioso, em algum dos officios, que tivera. Feita esta cerimonia, inviolavel nesta Provincia, recebeu o Senhor com tanta de-

voção, que acabado de o receber, levantou a cabeça, e olhos ao Ceo, ficando tão virado sobre suas costas, que naturalmente se não pudéra ter nos joelhos, se Deos o não sustentára; e não só tão virado, mas tão alienado, que pegando-lhe o Presidente, que lhe dava o Viatico, duas vezes do braço, não tornou em si, senão à terceira, e então lhe deo o lavatorio. Naquelle dia à noite lhe pediu o mesmo Presidente, que como amigo lhe dissesse, que jornada fora a que fizera aquelle dia, depois de receber o Santissimo Sacramento. A esta pergunta, levantando ao Ceo as mãos, e olhos cheios de lagrymas, respondeu com aquellas palavras de S. Paulo: *b Nec oculus vidit, nec auris audiuit, nec in cor hominis ascendit.*

5 Forcejavão já com elle as ancias da morte, nas quaes elle se mostrou o mesmo que na vida, que estes dous contrarios não osão em tudo, antes como se o não forão, se honrão algumas vezes, e assegurão hum ao outro. Derão-lhe a Extrema-Unção, que elle recebeo com o espirito, que até alli tinha mostrado, e recebido este Sacramento, forão os Frades todos tomar-lhe a benção, e beijar-lhe a mão, a cada hum dos quaes elle fez sua pratica

em particular, como Jacob *c* a

cada hum dos filhos. Elles como filhos, vendo o amor de tal pai, não lhe negavão o sentimento, que nas mortes dos taes se mostra, antes como se nos olhos tiverão fontes, as fazião de lagrymas em sua despedida, e rasgados os olhos se desfazião em tantas, que não só parecião de amor, senão tambem de inveja: e razão era que a mostrassem com lagrymas tão vivas, de huma alma, que hia gozar da fonte viva de Deos, de quem o Psalmista *d* como cervo tinha infaciavel sede. Pouco depois disto com grande paz, e serenidade, entregou o espirito em as mãos do seu Creador.

d
Psalm. 41.
vers. 1.

6 Tanto que este servo de Deos passou desta vida, mandarão logo os Senhores da Cidade de Evora pedir as suas pobres alfaias, hum as contas, outro as disciplinas, outro a corda, e outros, que se acharão presentes à sua sepultura, lhe cortavão parte do habito para guardarem por Reliquias. Concorreo muita gente da Cidade, assim nobres, como do povo, com desejos de verem o corpo, em que havia morado huma alma, que certo tinham estava gozando de Deos, e para lhe beijarem os pés, ou levarem, se pudessem, alguma Reliquia sua. Tanta era a devoção, que aquella Cidade tinha

Joan. c. 4.
num. 14.

nha a este Veneravel Religiofo, que muitos dias depois se não fallou em outra coufa, senão na sua santidade, como balsamo, que derramado da vasilha, onde estava, diffundio seu cheiro por muito espaço, assim de lugar, como de tempo: tal cheiro deixou aquella virtuosa alma, quando da vasilha de seu corpo se derramou para a Gloria; que para cima se derrama a fonte da graça, da qual diz nosso Redemptor, que salta até à vida eterna.

7 Nem he indigno de consideração, que havendo no Convento hum Religiofo já velho muito temeroso de assistir com mortos, e pessoas morientes, nenhum medo teve de tratar com este servo de Deos, assim quando estava para morrer, como depois de morto; e estando espirando no ultimo transe, não havia apartallo delle, beijando-lhe as mãos, e pés muitas vezes, e depois de morto, e composto no esquife; elle foi o primeiro, que lhe beijou os pés publicamente na Igreja, como quem entendia, que naquella corpo não estava a morte, senão a vida, como corpo de tal pessoa, que morta reinava viva, e tendo a carne na mortalha, tinha o espirito na Gloria, de cujo lume procedião àquelle Religiofo tímido tantas razões de confiança naquella cor-

po morto, e tantos modos de reverencia. Coufa, que tambem confessou de si o Arcebispo D. João Coutinho, que estando elle já mal, entrou na sua cella, dizendo, que na sua mão não estava entrar, onde estivesse alguma pessoa morrendo, mas que a santidade daquelle Religiofo lhe tirava todo o temor.

8 Tambem se notou em Evora morrer dalli a hum anno no mesmo dia o Conde de Basto D. Diogo de Castro, especial devoto do servo de Deos Fr. Francisco, a quem mandou como tal, todos os dias de sua doença, o comer feito de sua casa, que fóra outros regalos proprios de doentes, era hum pucara de galinha cozida com ouro para o confortar, o qual caldo aurifero elle não bebia, mas mandava-o dar com outros mimos a alguns noviços, que estavam então doentes; e fazendo-lhe os Frades força, que tomasse aquelles confortativos, que o Conde lhe mandava, elle profetizando a sua morte, disse, que havia de morrer, e que não era já necessario. O qual Deos por seus merecimentos parece que pagou àquelle Conde seu devoto, e amigo, levando-o dalli a hum anno, no mesmo dia, em que elle deo sua alma a Deos, para mostrar ao mundo o final de sua

sua salvação, e o merecimento das boas obras. Foi este Veneravel Religioso sepultado no sobredito Convento de Santo Antonio de Evora em a primeira sepultura, que está sahindo da Capella para o claustro.

CAPITULO IX.

De alguns successos milagrosos depois da morte do servo de Deos Fr. Francisco.

DEpois da morte deste Veneravel Religioso obrou Deos por seus merecimentos alguns prodigios, em prova da gloria, que no Ceo gozava, e em testemunho da santidade, que elle com tanto cuidado recatou sempre dos olhos do mundo. He constante tradição, não só entre os Religiosos desta Provincia, mas ainda entre algumas pessoas seculares, que em o nosso Convento de Santo Antonio de Evora nascia em huma sepultura todos os sabbados hum lirio, e no mesmo dia acabava. Continuou este prodigio alguns sabbados, até que vindo em visita àquelle Convento o Ministro Provincial Fr. Antonio do Seixo, como os Frades lhe fossem mostrar o lirio na sepultura, o mandou arrancar, por fugir ao louvor, que podia resultar desta maravilha, e desde aquelle

dia, não tornou o lirio a nascer. Não nos diz mais a tradição, nem de quem fosse a sepultura, por onde suspeitamos, que seria a desse servo de Deos Fr. Francisco: querendo Deos dar com isto testemunho da Angelica pureza, com que viveo no mundo, sendo homem, por fer o lirio ^a o mais proprio jeroglyfico dos Anjos. Mas como isto he só conjectura, passemos ao certo, e que nos ficou mais autentico.

Pier. Val.
lib. 55.
hieroglific.
de lilio.

2 Affirmou o Padre Manços, natural de Villa-Viçosa, Clerigo do habito de S. Pedro, e pessoa de boa vida, reputado no tal povo por homem exemplar, e que havia sido companheiro de Fr. Francisco, quando em Evora estudava a Latinitade, que estando elle dito Padre doente de huma enfermidade mui apertada, sem alguma esperança de faude, e tendo grande sentimento de sua morte, não por duvidar teria o premio, que pela Divina piedade na vida eterna está guardado para os bons em recompensa de tão boa vida, e obras, das quaes tinha dado a Deos, e ao mundo inteira satisfação, se encommendou a este Veneravel Religioso já defunto, pedindo-lhe como amigo, que tinha sido seu na vida, quizesse fer terceiro para com o Senhor, o livrasse daquelle transe, em

que estava. Fr. Francisco lhe appareceo huma noite , e lhe disse , que não temesse , que o Senhor lhe dilatava a vida para amparo das virtuosas irmans. Assim succedeo , que em pouco espaço de tempo se levantou da cama , em que estava , melhorou da enfermidade , que padecia , e viveo muitos annos , fazendo muitos serviços a Deos. Este milagre testemunhárão o dito Padre , e suas irmans , e outras muitas cousas , de que derão noticia , como quem tinha delle tão antigo conhecimento , como o de criação.

3 No Capitulo precedente fica dito , que quando na Cidade de Evora se soube da morte deste servo de Deos , procurárão algumas pessoas della haver por Reliquias as cousas de seu uso : entre as que se dividirão por pessoas devotas , coube a tunica , e a véla , com que o servo de Deos espirou , a huma devota matrona daquella Cidade , singular bemfeitora do Convento. Esta a guardou para nella se amortalhar quando morresse , e supposto passárão depois disto não poucos annos , sempre a tunica se conservou sã , sem que o tempo fizesse nella aquelle estrago , que costuma fazer na mais roupa. Morreo em fim aquella devota mulher , assistida de dous Religiosos nossos , hum dos quaes , sa-

bendo de quem a tunica era , lhe cortou huns pedaços , que por Reliquias enviou a huns seus parentes , que depois affirmárão , que as Reliquias obra-vão muitos prodigios , dando saude a muitos , principalmente febricitantes , que com fé as recebião.

4 Sendo Provincial o Irmão Fr. Francisco de Serpa , pelos annos do Senhor 1663. morreo em o Convento de Evora hum Religioso de mui regular , e observante vida , chamado Fr. André de Vianna , Prégador , que havia sido Noviço do Irmão Fr. Francisco de Villa-Viçosa ; este estando propinquo à morte , pedio ao Guardião daquelle Convento , que lhe mandasse abrir a sepultura junto à de seu Mestre , porque por seus merecimentos esperava alcançar de Deos misericordia para suas culpas. Condescendeo o Prelado a seus rogos : abriu-se a sepultura huma tarde , para na manhã do seguinte dia se enterrar o defunto. Succedeo naquella noite , que huns Religiosos mancebos alli moradores , e outros hospedes , que naquella occasião se achárão presentes , intentárão ver o corpo do servo de Deos Frei Francisco , porque se persuadião , com a voz commua da Provincia , que estaria inteiro hum corpo , que havia sido de-
po-

posito de huma alma de singular pureza. Achavão que era accommodada a occasião da sepultura, que se tinha aberto, contigua à do servo de Deos, porque cavando por aquelle lado, que as dividia, (dizião elles) podião ver como o corpo estava, sem que tocassem na superficie da sepultura: recato necessario para não deixarem final de sua devoção, ou curiosidade. Descêrão no alto da noite com esta resolução ao claustro, e ao primeiro golpe, que derão na sepultura, cahio a enxada para huma parte, e o Religioso, que a tinha na mão para outra: aviso, segundo podemos presumir, com que Deos lhes mostrava desistissem daquella diligencia. Com a furia de moços não repararão no aviso; empredeo outro o mesmo, repetio o golpe, e foi tão grande o terremoto, que parecia cahir todo o Convento sobre elles, com que ficarão tão atemorizados, que não só desistirão do intento, mas tambem fugirão para cima a toda a pressa: tal foi o terror, que se lhes infundio, o que elles attribuirão a prodigio, entendendo lhes mostrava Deos não ser sua vontade que tocassem na sepultura de seu servo.

5 Nem sómente nesta occasião mostrou Deos não querer que tocassem na sobredita

sepultura, mas tambem em outra, de que eu fui testemunha de vista. Achava-me morador naquelle Convento de Evora, já com a occupação desta Chronica, que os Prelados me tinham encommendado; e pela noticia, que tinha das virtudes, e exemplar vida deste santo Religioso, tive o mesmo desejo de ver como seu corpo estava, porque me persuadia que ou estaria incorrupto, ou acharia na sua sepultura algum sinal de sua santidade, como de cheiro suave, ou outra alguma cousa, com que Deos costuma mostrar ao mundo depois da morte a virtude dos que fielmente o servirão na vida. Bem he verdade que me lembrava o successo referido, mas tambem discorria, que aquelle desejo fora curiosidade, e o meu terminava-se a maior louvor de Deos em seus servos, como quem havia de pôr a vida deste em Historia. Com este conceito, que formava, pedi a dous Ministros Provinciaes, que successivamente forão àquelle Convento em Visita, em quanto nelle estive, que mandassem abrir a sepultura; escusavão-se elles sempre com promessas de futuro, sem que dêssem alguma cousa à execução. Com isto me hia já persuadindo, que era vontade de Deos conhecida sem dúvida na repugnancia, que achava na

dos Prelados , que se não tocafse na sepultura , com que algum tanto se me esfriava o desejo , que antes tinha , não porém que de todo desistisse delle.

6 Succedeo hum dia no tempo , que eu vacillava se desistiria , ou não de meu intento , fazer-me queixa huma sobrinha de Fr. Francisco de Villa-Viçosa , que o Religioso Porteiro do Convento lhe não queria deixar ver a sepultura de feu tio , como costumava ir ver , olhando da porta da Capella da Igreja para o claustro , onde estava. Seguia-se dahi a poucos dias a festa da Purificação de nossa Senhora , em que as pessoas seculares entrão nos nossos claustros , por respeito da Procissão das Candeas , que por elles fazemos , pelo que lhe disse , que neste dia fosse ao Convento , e que em quanto a Procissão discorria pelo claustro , podia ver à sua vontade a sepultura de feu tio. Fello assim , sentou-se junto della , quiz tirar huma pouca de terra para levar por Reliquia , segundo sua fé ; mas estão os ladrilhos tão unidos , que lhe não foi possível tiralla de entre elles : recorreo então ao letreiro , que está na sepultura , declarando cuja he , e com hum dedo ajuntou do cavado das letras alguma pouca de terra , que alli es-

tava conglutinada ; recolheo-na toalha , que levava na cabeça , entre duas dobras , que lhe fez , e dous nós , que sobre ellas deo. Chegou a casa , convidou com alvoroço a gente della , que viessem ver a terra , que trazia da sepultura de feu tio : cousa maravilhosa ! Para lha mostrar , soltou os nós , desfez as dobras , porém dentro não achou a terra , se bem que estava a toalha na mesma forma , em que a tinha deixado , quando nella a recolheo. Ficou grandemente admirada deste successo , porque naturalmente não era possível faltar a terra , ficando a toalha como ficou : cresceo mais a admiração , porque no seguinte dia amanheceo solapado o dedo , com que ajuntou a terra das letras da sepultura , por cuja causa esteve nas mãos de Cirurgião alguns dias.

7 Nesta occasião indo-a visitar , depois de me referir o successo , rogou ao Religioso meu companheiro , fosse à sepultura de feu tio , em recolhendo-se ao Convento , e em seu nome lhe pedisse perdão do que fizera , porque o successo parece estava mostrando , que o desagradára. Fello assim o Religioso , e depois da supplica , não foi mais a enfermidade por diante , antes com muita brevidade farou de todo. Deste caso , assentando sobre os mais ,
que

que neste Capitulo tenho referido, suspeitando mysterio tocante ao intento, que trazia, tomei motivo para desistir delle, persuadindo-me que tudo isto mostrava ser vontade de Deos, que não tocassem naquella sepultura, com que ainda hoje se conserva na mesma fórma, sendo muitos os que desejão que se abrisse. Nem he tambem indigno de reparo que estando gastados os ladrilhos dos mais pannos do claustro, sendo assim, que forão já renovados algumas vezes, só os da sepultura do servo de Deos Frei Francisco se conservão, tanto em seu ser, como se forão de pouco tempo, havendo já cincoenta e seis annos, que alli se puzerão: nelles se vê o letreiro, que contém o nome deste servo de Deos, sem mais outra memoria.

CAPITULO X.

Eleição do quadragesimo Ministro Provincial.

Visitada a Provincia no fim do triennio do Irmão Fr. Antonio do Seixo pelo Padre Fr. Miguel de Jesus, que tinha acabado de Provincial na de S. Paulo, e era actual Definidor nella, convocou a Capitulo em o Convento da Piedade de Villa-Vi-

çosa, no qual presidio o Padre Fr. Diogo Bravo, Provincial, que havia sido, e actual Custodio da Provincia dos Anjos; deputado Commissario Presidente dos Capitulos deste Reino. Celebrou-se o nosso em trinta de Janeiro de 1639. e sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Antão de Guimarães: em Definidores o Irmão Fr. Antonio do Seixo, que acabava de Provincial, Fr. Amaro de Chaves Prégador, Fr. Jeronymo do Sardoal, Fr. Manoel de Braga, e em Custodio Fr. Balthezar da Guarda. Promulgárão-se neste Capitulo, e aceitarão-se por todo o Definitorio, e Discretorio huns Estatutos, que o Irmão Fr. Antonio do Seixo tinha ordenado, e reformado dos antigos, por compromissão, que nelle todo o Capitulo passado havia feito. Poucos dias depois do Capitulo partio para Roma o Irmão Custodio Fr. Balthezar da Guarda, e em lugar do Irmão Ministro, que estava impossibilitado por sua idade, e achaques, para fazer jornada tão comprida, foi Fr. Francisco de Lisboa para se acharem no Capitulo Geral, que se celebrou em *Ara-Cæli*, onde em onze de Junho na Vigilia de Pentecostes de 1639. sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Frei

Fr. João Merinero, Provincial da Provincia de Castella. Era o dito Padre igualmente reformado, que douto; cuja eleição, supposto que foi mui approvada dos mais zelosos, foi tambem tanto do desagrado dos muitos emulos, que tinha, que forão bastantes a suspenderem por algum tempo as ordens de sua prelazia.

2 Quando o Pro-Ministro Fr. Francisco de Lisboa, e o Custodio Fr. Balthezar da Guarda partirão para Roma, commetteo-lhes o Capitulo Provincial authoridade, para que pudessem procurar do Summo Pontifice confirmação de hum Breve, que tinha passado Clemente VIII. à instancia de Fr. Simão de Aveiro, em que nos isentava da guarda dos Estatutos geraes, no que julgássemos que erão contrarios a nossos costumes, e modo de viver, como já atrás fica escrito: ^a e juntamente que nenhum Commissario da Observancia, excepto o Reverendissimo Padre Commissario Geral da Familia, eleito conforme a Bulla da União, pudesse exercitar jurisdicção alguma na Provincia, senão que fosse este sempre dos Descalços, com mais outros alguns privilegios. A razão, que houve para se procurar a confirmação do sobredito Breve, foi duvidar-se se os privilegios, prin-

cipalmente os dous referidos, que o Pontifice nos concede, estavão em pé: porque como sempre a Provincia, desde que o impetrou até àquelle tempo, se sujeitou em tudo aos Estatutos, e Ordenações geraes, e admittio Commissarios da Observancia, como de facto o era o do presente Capitulo, estes actos contrarios ao privilegio parecião huma tacita renunciação delle; e supposto que os mais erão de parecer, que no tocante aos actos futuros podiamos usar dos ditos privilegios, isto he, dalli em diante, porque não tinhão acabado, não obstante os actos em contrario, e he a opinião mais conforme a Direito: ^b com tudo para mais segurança se procurou confirmação do dito Breve.

3 Logo que os dous Vogaes chegarão a Roma fizeram supplica à Santidade de Urbano VIII. que logo passou hum Breve, em o qual vinha inferito, e confirmado o de Clemente VIII. Foi sua data em Roma *apud Sanctam Mariam Maiorem sub annulo Piscatoris*, a dezoito de Junho do anno de 1639. e decimo-sexto de seu Pontificado; começa: *Nuper pro parte dilectorum filiorum, &c.* cujas forças são as seguintes. Concede que os Frades desta Provincia não sejam obrigados aos Estatutos, e Ordena-

^a
Sup. l. 4.
c. 40, n. 3.

Colli
ex G
Lop.
42. ti
P. 3 g
pro q
cit
num
Salic
L. V
Cod.
cufat.
& Bar
glof.
2. Co
his qu
te mu
fubeu
lib. 1
in L.
de pr
veter
Colli
etiam
Suari
Legib
c. 34.

nações geraes, sendo julgados na dita Provincia, e em seus Capitulos não serem conformes aos Estatutos particulares, costumes, e modo de viver della; salvo se nos taes Estatutos da Ordem se fizer especial menção desta Provincia. Que nenhum Prelado da Ordem, nem ainda o Senhor Cardeal Protector da mesma, que pelo tempo fossem, possam dar licença a algum Frade desta Provincia para se incorporar em outras, salvo forem das Descalças, havendo para isto justa causa, e com o beneplacito do Provincial da Piedade. Que se alguns Frades das outras Provincias se passarem a esta nossa, e nella forem incorporados, os taes fiquem obrigados à pura observancia da Regra, Constituições, e costumes da Provincia, como se nella houvessem professado, nem se possam della tornar às outras, senão com as clausulas assima postas.

4 Que nenhum Commisfario, assim especial, como geral, possa executar commissão, ou jurisdicção alguma nesta Provincia, excepto o da Familia, eleito, segundo a Bulla da União, não sendo das Provincias Descalças, ainda que o tal venha com authoridade Apostolica, salvo se no indulto se fizer especial derogação deste. Que o Provincial, e ainda o

Custodio, possam receber Noviços no Capitulo, com conselho de trez, ou quatro Frades dos mais antigos daquella Casa, onde os taes hão de ser recebidos.

5 Chegados os nossos Voages de Roma, fez logo junta o Irmão Ministro Fr. Antão de Guimarães em o Convento de Santo Antonio de Portalegre, a vinte e trez de Outubro de 1639. para prover de Superiores algumas Guardianias, que tinham vagado, por morte dos eleitos em Capitulo. Nesta Junta se aceitou o Breve de Clemente VIII. confirmado novamente por Urbano VIII. excepto aquelle privilegio, que concedia ao Custodio poder aceitar Noviços; mas em lugar deste se aceitou hum Patente do Reverendissimo Padre Merinero, em que dava authoridade ao Irmão Ministro, para que pudesse commetter aos Guardiães nas trez Cidades, Coimbra, Evora, e Braga, por respeito dos estudos, que nellas ha, seus poderes para receberem Noviços. Em o seguinte anno de 1640. no primeiro de Agosto fez o Irmão Provincial a sua Congregação em a Piedade de Villa-Viçosa, onde se ordenarão muitas cousas concernentes ao bom governo da Provincia, em que reluzia bem o zelo, de que o Provincial era dotado.

6 Por este tempo succedeo a feliz restauração de Portugal, depois de sessenta annos de rigorosa, e dura sujeição, amanhecendo este desejado dia em o segundo de Dezembro de 1640. em o qual dia cahio naquelle anno a primeira Dominica do Advento, em que a Igreja canta nas Vesperas, e Laudes aquella Capitula, que tomou de S. Paulo, onde o Apostolo exhorta aos Romanos, dizendo-lhes que já era hora para despertarem do sono. Com esta voz parece despertarão os Portuguezes daquelle letargo, em que estava seu valor como dormido, restituindo o Reino a seu legitimo Senhor, com a aclamação, que fizeram do Excellentissimo Duque de Bragança D. João em Rei de Portugal. Cumprindo-se tambem o que por zombaria dizião os Castelhanos, quando vendo a Portugal tão atenuado das forças, que lhe tiravão, costumavão dizer, que já não levantaria cabeça senão no dia do Juizo: assim foi, porque no dia, em que a Igreja representa o do Juizo, levantou Portugal sua legitima, e verdadeira cabeça.

CAPITULO XI.

Memoria de dous perfeitos Religiosos, Fr. Manoel do Beco, e Fr. Thomé de Aveiro.

NO triennio do Ir-mão Provincial Fr. Antão de Guimarães, passarão ao Senhor dous perfeitos Religiosos desta Provincia. Chamava-se o primeiro Fr. Manoel do Beco, pequeno Lugar no Bispado de Coimbra, Sacerdote de grande perfeição, e virtude. Logo na mocidade seguiu o caminho della, e desde que entrou na Religião, sendo extraordinaria a alegria espiritual, com que andava. Ainda no estado de Corista, quando a idade não dá tanto lugar a estas atenções, já se não contentava com a vida commua, posto que aspera, aspirava a singularizar-se; muitas noites inteiras se não deitava na pobre cama, gastando-as na oração, e contemplação das cousas Divinas, diante do tabernaculo do Santissimo Sacramento. Foi rara sua humildade, e incrível a caridade, com que assistia aos doentes, não só quando era Enfermeiro, mas ainda quando não tinha por obrigação este officio. No exercicio destas, e outras virtudes passou a vida, até que no fim della o quiz Deos provar com humã penosa en-fer-

fermidade, padecendo por vinte dias continuos terriveis dores, que todas soffria sua paciencia com maravilhosa constancia.

2 Nesta ultima enfermidade predisse algumas cousas, que depois succedêrão; entre as quaes foi hum a assignalar aos Frades o dia de sua morte. A's dores lhe sobrevierão huns vomitos, e soluços, que lhe impedião receber o Sagrado Viatico; o que vendo o enfermo, disse hum dia ao Guardião: *Já que por respeito dos vomitos, e soluços não posso receber a Sagrada Eucharistia, seja-me concedido o Sacramento da Unção; porque hoje he o ultimo dia de minha vida.* Trazida a Extrema-Unção, o Medico, que presente estava, dizia que lha applicassem sem ceremonias, porque o doente estava já sem pullo; porém o enfermo pedia que lha administrassem com todas as ceremonias, que elle esperaria. Administrada a Santa Unção, pediu que o puzessem na terra, para nella morrer com os braços abertos; assim como na Cruz o Redemptor do mundo; mas negando-lhe esta consolação extrema, se conformou com a vontade do Prelado, que lha impedia. Pedio então aos Religiosos, que lhe assistião, lhe rezassem hum Ave Maria; depois da qual disse a todos:

Ficai com Deos, Irmãos, que eu me parto para o Ceo. Tinha elle neste tempo os braços sobre o peito, e ditas estas palavras de despedida, compoz com suas proprias mãos os olhos, e beijos, e tornando a pôr os braços em Cruz sobre o peito, como estavão antes, suavissimamente espirou aos dezenove de Julho de 1639. em o Convento do Sardoal, onde tem sua sepultura.

3 O segundo Religioso, que neste tempo solto das prições da carne passou a melhor vida, foi Fr. Thomé de Aveiro, natural da Villa de seu nome, Confessor dignissimo de mui alta perfeição. Era homem mais do Ceo que da terra, porque a sua conversação era sempre das cousas celestes, por isso fallava poucas vezes, senão de cousas pertencentes ao espirito, tirando de tudo o que via, e ouvia motivos para louvar a Deos. Foi grandemente mortificado, e esse pouco, que comia para sustentar a natureza, era borrifado com a consideração do fel, e vinagre, que derão na Cruz a nosso Salvador. Hum dia de festa, em que abundou a meza dos pobres, dizendo-lhe o Guardião que comesse alguma cousa das que lhe punhão diante, respondeo o mortificado, e contemplativo Religioso: *Irmão, como serão sabo-*

rosas estas iguarias a quem osel, e vinagre do meu Jesus he o pão de cada dia? Para mortificar o appetite, no maior rigor do Verão, quando os outros buscão a agua mais fria para remedio da sede, elle a bebia sempre quente, para que em tudo tivesse occasião de mortificar-se. Foi infatigavel Ministro das confissões; e posto que velho, e cheio de achaques, hia com muita diligencia ao Confessionario em toda a hora, que lhe davão recado para isso.

4 Era mui pio no sacrificio da Missa, que celebrava com extraordinario fervor, e devoção, e todos os dias depois de rezar o Officio Divino, não só rezava o menor da Senhora, mas tambem o do Espírito Santo, da Santa Cruz, e o de S. José. Tinha particular devoção com as almas do Purgatorio, applicando-lhes muitas indulgencias, suffragios, e orações, que cada dia offerecia por ellas, para as aliviar, e tirar das penas. Foi grande amante da pureza, por cuja causa aconselhava a todos que fugissem a conversação de mulheres, por mais honestas que fossem, e elle tinha particular cuidado de fazer o que aconselhava. Nada trazia tanto diante dos olhos, como a guarda da santissima Pobreza; tanto assim que esta lhe deo o nome, porque pelo muito que

resplandecia nesta virtude, regularmente todos lhe chamavão Fr. Thomé Pobre. Só queria para seu uso o que não tinha nenhuma estimação, e era já deixado dos outros Religiosos; por dezoito annos se servio sómente de hum habito aspero, velho, pobre, e muito remendado; de cuja limpeza não tratava, como outro Santo Hilarião, para que até no gasto da agua fosse pobre, como seu Serafico Patriarca.

5 Daquelles pedaços de burel, que ficavão das vestias, e de outros remendos, que podia haver à mão, fazia carapucinhas para dar a pobres. Na ultima enfermidade pediu os Sacramentos; e reparando o Guardião em lhos dar, por lhe não parecer mortal a doença, disse o enfermo: *Irmão Guardião, bem conheço que já vem chegando a hora de mim muito desejada para ir ver ao meu Senhor Jesus, e assim que me deveis conceder o que com muita razão pedi.* Donde parece que teve revelação de sua morte. Ouvindo isto o Guardião, lhe mandou logo dar os Sacramentos, e depois de recebidos, pegou o enfermo em huma Imagem de Christo crucificado, e confessando a Fé Catholica, foi ver na Bemaventurança o que na terra confessava. Foi seu ditoso transito no Convento do

Por-

Porto em dez de Janeiro de 1640. com sincoenta de Religião, e mais de setenta de idade.

CAPITULO XII.

Vida exemplar de Fr. João de Semeice, e primeiramente de sua criação no mundo, e entrada na Religião.

I Entramos a escrever as virtuosas acções de hum Religioso tão regular, e reformado, que ainda em sua vida, e depois de sua morte, quando nesta Provincia querião louvar a algum de perfeito, costumavão dizer, que era outro Semeice. Notou sua vida, e deixou-nos della huma lembrança outro servo de Deos, que também acabou na Provincia com grande fama de virtude, como ainda hoje testemunhão muitos, que o conhecêrão. Chamava-se elle Fr. Balthazar de Barcellos, muito familiar de Fr. João de Semeice, porque o mesmo espirito os unio em mui perfeita amizade. He porém tão diminuta, que achando-a em o Convento dos Olivaes, para onde no anno de 1655. foi Guardião o Irmão Fr. Antonio de Serpa, Author da Chronologia Eucharistica, Qualificador do Santo Officio, e depois Bispo eleito de Cochim, deo della este testemunho, que por ser de varão

tão notavel., quiz aqui referir por suas formaes palavras., Esta vida de Fr. João de Semeice escreveo por sua devoção Fr. Balthazar de Barcellos o mais velho, filho de Francisco Velho, e irmão de João de Faria Machado, gente bem conhecida naquella Villa. O mesmo Fr. Balthazar, Religioso bem devoto, esculpulofo, e temente a N. Senhor, o qual passando por esta Casa de Santo Antonio dos Olivaes, ao tempo, que a nossa Provincia queria que eu fizesse a Chronica della, me disse que a escrevêra. Tudo o que nella diz he dito com muita verdade, e com igual singeleza, e simplicidade de escrever: e eu Fr. Antonio de Serpa, que aqui ponho isto, o posso affirmar, e confirmar tudo, ainda que nem tudo visse; porque morando eu com ambos elles em esta Casa dos Olivaes de Coimbra a primeira vez, de que esta relação muitas vezes falla; e sendo grande amigo de ambos (ainda que recém professo) pelos annos do Senhor 1622. muito notava, e considerava a vida do dito Fr. João, com quem alternativamente fiz a cozinha muito tempo, por naquelle não haver Novicos, e elle, ainda que Sacerdote, por não acabar de dizer

„ Missa , a fazia , pelo peniten-
 „ ciarem os Prelados a que a fi-
 „ zesse. E não só considerava a
 „ sua vida mui singular , senão
 „ que me admirava não pouco
 „ della , assim em Casa , como
 „ na Cidade , à qual fui com el-
 „ le à esmola algumas vezes ; e
 „ particularmente muito nota-
 „ va , que todas suas singularida-
 „ des , variedades , e desigual-
 „ dades , de que só era notado
 „ o dito Fr. João , passando mui-
 „ tas vezes de hum extremo a
 „ outro , como por exemplo ,
 „ de não fallar nada , a outro
 „ de fallar muito ; todas estas
 „ desigualdades de sua vida não
 „ declinavão nunca para algum
 „ mal , por minimo que fosse ,
 „ senão todas se encaminhavão
 „ para louvar , e servir a Deos ,
 „ e para não offender o proximo ,
 „ de quem já mais soube
 „ queixar-se , nem murmurar
 „ huma só palavra. E por vir a
 „ primeira muda , que tive na
 „ Provincia , desta Casa dos Oli-
 „ vaes , onde fui Noviço , para
 „ a do Bosque de Borba , o tive
 „ por companheiro até a Casa
 „ de Alter , onde elle ficou mo-
 „ rador , e eu passei ao Bos-
 „ que : nesta viagem soube ainda
 „ muito mais do seu espirito ,
 „ do que pudéra dizer muito ,
 „ se este pouco o permittira ; e
 „ pudera-se deste Religioso es-
 „ crever outra vida bem diffe-
 „ rente , se houvera quem a es-

„ crevêra. Esta achei nesta Ca-
 „ sa na cella dos Guardiães ,
 „ quando passados trinta e trez
 „ annos , voltei a ella a ser
 „ Guardião no anno de 1655.
 „ E eu lhe faço esta addição ,
 „ para constar do que se diz nel-
 „ la , ainda que escripta mui sin-
 „ gelamente ; e pudéra affirmar
 „ tudo debaixo do juramento
 „ de Revedor. „

2 Deste testemunho tira-
 mos duas cousas , o verdadeiro
 da relação , e o diminuto della ,
 e assim como o testemunhante
 inculcou o primeiro , tambem
 lhe fora facil remediar o segun-
 do , pois como affirma , pudé-
 ra dizer muito ; poz-se porèm
 sua omisão da parte daquelle
 primeiro descuido , para nos
 deixar esta mágoa. Com ella
 seguiremos a sobredita relação ,
 que nos descontará o diminuto
 com o verdadeiro. He Se-
 meice hum pequeno Lugar na
 Serra da Estrella , nelle nasceo
 o servo de Deos Fr. João , de
 pais nobres , e ricos , que cui-
 dadosos de sua melhor educa-
 ção , o mandarão a Coimbra
 de mui tenra idade para casa
 de hum seu tio Inquisidor na-
 quella Cidade , e Presidente aos
 mais. Nella começou a estudar
 Latinidade , que soube com sa-
 tisfação ; mas não foi bastante
 a criação , que lhe dava hum
 tão honrado tio , para que dei-
 xasse de seguir as inclinações
 de

de moço , fomentadas com o trato , que tinha com outros de sua idade , que não querendo perder as occasiões de goſto , colhião as roſas , coroando-se
 2. a com ellas , primeiro que se murchaſſem.

3 Não forão porèm os vicios , em que deo , dos mais feios , e que de ordinario coſtumão arrastar a juvenil idade : fômente se entregava aos paſſatempos , e jogo , e a eſte com tanta propenſão , que ſem differença alguma jogava com todo o genero de peſſoas ; vicio , que nas Univerſidades arrasta os ſujeitos , e conſome o tempo , que devião dar ao eſtudo. Sentia-o grandemente o Inquiſidor , não ſe eſquecia porèm do ſobrinho , antes como ſeu intento era fazer nelle caſa , tratou de o caſar com huma peſſoa nobre , e rica. Bem contrario penſamento a eſte ſe hia já creandô em Fr. João , prevenido da Divina graça , porque aſſeçoadô ao modo , que via em os noſſos Frades de Santo Antonio dos Olivaes , propoz em ſua vontade ſer hum delles : já o entaſtiavão os divertimentos do mundo , já frequentava a miudo o Convento , atè que ultimamente pedio nelle o habito. Deſta reſolução tiverão noticia ſeus pais , e pelo divertirem , o mandárão logo buſcar para a terra , onde

eſperavão que faltandô-lhe a viſta daquelles , a cuja vida ſe mostrava aſſeçoadô , e queria ſeguir , mudaria facilmente ſeu intento. Porèm como com eſta diligencia ſenão diminuiſſe em Fr. João aquella primeira vontade , veio com elle a mãi a concertos , perſuadindô-lhe que já que queria ſer Religioſo , o foſſe em a Ordem de São Bernardo , ou em alguma das Monachaes , e não em huma Provincia , onde ſe profreſſava tanto rigor , e aſpereza ; que tomalſe exemplo em certo mancebo viſinho ſeu , que havia pouco ſe tinha ſahido della , por não poder ſoffrer tanta mortificação , e penitencia. A eſtas ajuntava outras razões , que em ſemelhantes calos enſina o amor materno , com que não poucas vezes deſerdão aos filhos do melhor patrimonio , que lhes podião dar , mas a todas reſpondia elle , que queria deixar o mundo de veras , e entrar em Religião , onde pudeſſe ſeguir ſeus intentos , que erão viver penitente , e deſcalço.

4 Não ſe eſquecia Deos do ſanto mancebo , nem o deixava ſó em tão forte batalha , como erão as perſuações da mãi , antes como Pai de miſericordias lhe aſſiſtia com os auxilios interiores , e exteriormente para o meſmo fim podemos preſumir permittio o caſo ſeguinte ,

te. Andava Fr. João à caça, quiz fazer tiro, e para isto, por lhe ficar mais acomodado, se poz sobre huma ponte de páo, alta, e estreita; (que na Beira, e entre Douro, e Minho são tão usadas, como perigo-fas) fez pontaria, ao disparar rebentou a espingarda, e queimou-lhe a polvora o rosto: com tudo guardou-o Deos que nem o cano o offendesse, nem cahisse da ponte abaixo. Curá-rão-o de fogo, e ficou-lhe o rosto salpicado de preto com os grãos da polvora, para que assim em todo o decurso de sua vida se lembrasse do favor, e mercê, que Deos lhe havia feito. Conheceo elle o beneficio, e servio-lhe de lhe esporear mais o desejo, que tinha de se dedicar a Deos em Religião: voltou a Coimbra contra vontade de seus pais, que neste caso o não aborrecellos fora privar-se da escola ^b de Christo: pedio o habito com grande instancia, e finalmente lho derão no mesmo Convento dos Oliveas. Grandes progressos promettia esta galharda resolução, e assim se virão logo em seu noviciado; porque não contente já neste tempo com o rigor ordinario da Provincia, acrescentava seu fervor outro de novo. A cama, de que usamos, que consta de huma taboa, estreita, e humas pobres mantas, lhe parecia a el-

^b
Luc. c. 14.
num. 16.

le muito mimosa, por cuja razão a deixava, e dormia em terra. O comer era tão pouco, e mortificado, que imaginar se póde: e em tudo o mais se portava de forte, que tendo-o alguns Religiosos por excessos, como os não temperasse advertido, o notavão de voluntario, com que chegou a ponto de o quererem despedir, e foi muita occasião para o não fazerem ser sobrinho de huma pessoa de tanta authoridade. Outros-melhor advertidos o desculpão, dizendo, que erão fervores de noviço, com que acabado o anno de noviciado, lhe derão a profissão em 30. de Março de 1614.

CAPITULO XIII.

Da humildade, e penitencia do servo de Deos Fr. João.

I **P**Rofesso Fr. João de Semeice, não afrouxou nada do fervor, que tinha mostrado em Noviço, antes o continuou com mais ventagens. Nas jornadas, que fez em Corista a tomar as ordens, ou mudado de hum Convento a outro, caminhava Apostolicamente, sem levar cousa alguma de provisão, por minima que fosse, entregando-se totalmente à Divina providencia, estylo, que observou toda a vida. Orde-
ca-

nou-se Sacerdote, e sem sabermos a causa, que para isso tivesse, erão raras as vezes, que dizia Missa. São diferentes os caminhos, por onde Deos leva a seus servos. De S. Boaventura lemos, *a* que se abstinha sua humildade muitos dias de receber o Santissimo Corpo do Senhor, temendo que se o communhasse indignamente, o receberia em juizo, como diz São Paulo; *b* até que o mesmo Senhor, por lhe tirar os temores, o commungou miraculosamente por mão de hum Anjo. O mesmo dictame podia ter Frei João em não frequentar o tremendo sacrificio; assim no loda a suspeitar sua profunda humildade, em que foi tão estremado, que nunca pudérão acabar com elle aceitasse officio algum de honra, e numa occasião, que constangido por preceito, entrou numa Presidencia, pedio lhe dessem tempo para estudar, por haver de ser nella Confessor de Frades; e houve-se nisto com tantos vagares, que o Provincial se resolveo em tirar-lhe a Presidencia, dando-lhe primeiro quatro ou seis disciplinas, de que Frei João esteve tão longe de se queixar, que antes dizia ser o tal Prelado digno de louvor, e que naquillo fizera sua obrigação.

² Supposto que louvava muito o exercicio do Confessio-

nario, dizendo que nelle se ganhão almas para Deos, nunca quiz ser Confessor, nem ainda de Frades: das Guardianias fugio sempre como quem desejava viver a todos sujeito, e de nenhum obedecido. Por esta causa se retirava tambem dos Frades graves, e velhos, que lhe poderião ser parte para occuparem com alguma Prelasia, como se vio; além de outras vezes, em huma occasião, que passando pela casa, onde elle morava, hum dos Capitulares mais velhos, a quem a voz commua fazia Provincial, e buscando-o para lhe fallar, Fr. João se escondendo de maneira que não foi possivel descobrillo. As poucas vezes, que fallava, era com os Coristas, e Frades leigos; humilhando-se a estes de sorte, que quando hia fóra com elles, para beber huma pouca de agua, lhes pedia primeiro licença. Desta humildade lhe nascia hum desprezo de si mesmo, avaliando-se pelo menor, e mais inutil de todos; assim o queria tambem parecer, para que todos assim o tratassem. Daqui vinha affectar o desprezível no trato de sua pessoa, principalmente no vestuario, que além de lacerado, e pobre, o trazia sem ordem, nem concerto; o manto tinha sempre huma ponta mais alta que a outra, e assim no mais, de que usava: por onde huns di-

dizião que era louco , outros que não tinha modo comfigo , nem era para delle se fazer caso ; objecto , que o servo de Deos buscava em seu desprezo. Tendo parentes mui authorizados , não queria que lhe fallassem nelles : suas imperfeições , e faltas confessava com facilidade , as virtudes encubria sobre maneira , dizendo que não tinha nenhuma ; mas no mesmo que as encubria , mais as radicava.

3 Sómente no cuidado grande , com que as procurava adquirir , nos poderia dar a entender que as não tinha ; pois sendo mui dado à lição dos livros espirituaes , e de excellente memoria , com que se fazia senhor do que lia , não encontrava nenhuma , que não procurasse logo exercitar-se nella ; donde procedeo ser hum aggregado de todas. Nos principios de sua entrada na Religião affentou logo comfigo com hum firmissimo proposito agradar a Deos , e não o offender mortal , nem ainda venialmente , quanto o permittisse a fragilidade humana ; para o que se considerava sempre na presença de Deos , vigiando com cautela sobre a pureza de sua consciencia. Para assegurar esta , se exercitava em diferentes mortificações , e penitencias ; sabendo que huma consciencia

perfeita difficulosamente se conserva sem huma vida mortificada : seus jejuns erão continuos , e muita parte do anno de pão , e agua : vinho nunca o bebeo , e algumas poucas vezes , que comeo carne , que foi em seus principios ; nunca passava de duas onças ; depois , como cada vez hia crescendo mais na abstinencia , atè desta limitada porção se privou. As sete Quaresmas de nosso Padre jejuava à imitação sua : na do Advento os trez dias segunda feira , quarta , e sexta levava a pão , e agua , os mais dias tomava alguma cousa de peixe , ainda que pouco , e o mesmo usava na da Igreja. Em a dos Bemditos passava sómente com huma tigela de caldo , que tirava da panela dos pobres , e com esta se dava por contente. Nas outras tomava a mesma tigela , com alguma fruta , se lha punhão , excepto a da Assumpção da Senhora , em que sómente comia pão , e agua .

4 Nos trez dias ultimos da semana Santa o tempo , que lhe restava dos Officios Divinos , gastava em a Capella Mór , e nelles não tomava nada , atè que no sabbado o obrigavão os Prelados a comer alguma cousa. Nestas suas Quaresmas , era sua composição mais estremada , seu recolhimento maior , e o silencio mais estreito ; fim , a que as mor-

mortificações se ordenão, e sem o qual lhes faltára o principal aproveitamento. Algumas vezes succedeo, vendo os Prelados que sómente comia da fruta, mandarem aos Porteiros lhe puzessem algumas mais que aos outros; mas tanto que elle o advertia, não tocava em nenhuma, em quanto o não tornavão a igualar aos mais. Outras vezes da primeira, que lhe puzião, se abstinha, para assim ter o pobre Euangelico, que consagrar a Deos em primicias. Da agua não tomava quanta lhe pedia a vontade, que até nisto mortificava tambem o natural appetite; e assim numa occasião queixando-se-lhe certo Religioso, que sentia grandes fêdes, respondeo Fr. João: *Todos as padecemos*. Finalmente foi sua abstinencia tão rara que não só tinha perdido o gosto, mas tambem o tirava aos Religiosos, que ficavão junto delles no Refeitório; porque vendo o quanto elle se mortificava, com tal exemplo vião-se obrigados a fazer o mesmo. As disciplinas, que tomava, pedião hum corpo de bronze: humas fazia de noite no Coro, e Capella, outras de dia nas Ermidas, e retiros da cerca, que a devoção, e variedade dos lugares-lha fazia continuar com mais gosto.

CAPITULO XIV.

De outras virtudes de Fr. João de Semeice.

I O firme proposito de não offender a Deos, nem ainda levemente, antes agradallo em tudo, com que Fr. João se armou logo nos principios de Religioso, se pôde inferir o amor deste Senhor, que em seu peito ardia. Este mostrava em hum fervoroso desejo, que tinha, de que todos o servissem, e nenhum o offendesse; e juntamente no respeito, e acatamento, com que tratava as cousas Divinas. Tinha hum relicua do sagrado Lenho, em que nosso Redemptor deo por nós a vida, e quando a havia de mostrar a alguns Religiosos, por lho pedirem, era sempre de joelhos na Capella, ou em o Coro, com summa reverencia, e sumissão; outro qualquer lugar julgava por indecente. Todos os dias visitava as Imagens da Igreja, e Sacristia, alimpando-as com curiosidade; e no tempo que havia flores, as hia colher, para ornar com ellas seus Altares, mostrando neste particular maior cuidado para com o Tabernaculo, onde se conserva o suavissimo pão dos escolhidos, esmerando-se mais em seu ornato, e asseio. Quando entrava

Yyyy nas

nas Ermidas da cerca , ou em as do campo , sentia muito o não achallas limpas , e assim com grande devoção as varria logo , obrigando com seu exemplo aos companheiros fazerem o mesmo.

2 Do amor de Deos deficiencia ao do proximo , e dava a este tanto lugar em seu coração , que não duvidaria entregar-se por elles à morte , se necessário fosse ; como mostrou morando em Faro em occasião , que temendo-se os da Cidade de peste , por arder em Malega este contagio , Fr. João deo a entender muitas vezes a hum Religioso seu familiar , e do mesmo espirito , que permittindo Deos aquelle açoute , havia de sahir a ministrar aos feridos. Qualquer miseria alheia lhe rasgava seu compassivo peito , particularmente se compadecia dos pobres , ponderava seus trabalhos , dizendo , que huns andavam em duas muletas , outros totalmente de rasto , outros rotos por frios , e calmas , padecendo muitas misérias : o que referia com tanta compaixão , e ternura , que causava nos ouvintes os mesmos sentimentos. No verão hia pela cerca , e recolhendo alguma fruta , que achava , a trazia ao Porteiro , pedindo-lhe que a distribuisse aos pobres : outras vezes dizia-lhe que elle deixaria de comer

algumas coulas , que lhe punhão no Refeitorio , com tanto que as dêsse aos mesmos. Em hum casa achou hum Porteiro tão accommodado a este seu genio , que lho louvava muito ; e assim continuava com esta obra muito a miudo , atè que compadecido hum Religioso de ver que tirava Fr. João a si o precioso , pelo dar aos pobres , avisou ao Guardião , para que lhe puzesse o remedio. Alguma vez que ficava em lugar do Porteiro , parecia-lhe pouco quanto havia na casa para lhes dar ; tanto , que já os Guardiães tinham cuidado de o não deixarem com as chaves.

3 Todas estas virtudes , que temos dito , e outras , que referiremos , fomentava com a santa oração , em cujo exercicio era tão continuo , que parecia andar sempre absorto : donde nascia dizerem os Frades que Fr. João nunca sabia onde estava , nem que horas erão. Algum tempo foi mui dado à vocal , mas dez , ou doze annos antes de sua morte , passou desta a tão subido grão de contemplação , que o trazia de si totalmente alienado , e de tudo o mais esquecido. Para gostar deste nectar suavissimo todas as noites antes de Matinas se recolhia do Coro para a sua cella , ao menos hum hora depois que os mais ; e depois dellas fazia o mes-

o mesmo. Era notavel a attenção, com que assistia no Officio Divino, tanto que da grande applicação, com que o rezava, nascia romper em alguns sinaes exteriores, que a huns servião de motivo para a devoção, e a outros de materia para a censura, segundo diversos juizos, que fazião delles. Quando rezava na Capella pelos defuntos, e na cozinha pelos bemfeitores, era com a mesma devoção, sem que lha diminuísse o saber que não era tão obrigatorio como o Officio Divino. As poucas vezes que dizia Missa, assombrava aos mais Religiosos a preparação, com que se dispunha: toda a manhã, levantando-se para isto mais cedo, gastava em tantos exercicios, e depois para dar as graças, lhe parecia pouco o tempo, que lhe ficava até entrar no Refeitório; o mais restante do dia passava em tão profundo silencio, que sendo nelle sempre perfeito, conhecidamente era mais avultado o destes dias. Naquelles, em que não celebrava, ajudava a trez Missas, que assim lho mandavão, como em penitencia os Prelados; para cumprimento do qual, logo depois de Prima descia à Sacristia, onde esperava os Sacerdotes, e lhes administrou com grande sumissão, e espirito.

4 Com a Senhora Mãe de

Deos teve singular devoção, principalmente ao mysterio de sua gloriosa Assumpção ao Ceo: jejuava-lhe, como temos dito, a sua Quaresma a pão, e agua, principiando no dia seguinte depois da festa dos Apostolos São Pedro, e S. Paulo, até 14. de Agosto, vigilia da mesma Senhora. Todos os dias havia de descer à Capella a visitar de perto alguma de suas Imagens; e com ser naturalmente melancolico, era notavel a alegria, que mostrava em quanto assistia em sua presença. Estudou de memoria humas coplas, que lhe cantava com tanto fervor, e singeleza, que nos Religiosos despertava a saudade dos primitivos, e ditosos tempos da Ordem. Pelos caminhos sempre hia apartado de seus companheiros em espaço competente, para que até pelas estradas pudesse vacar a Deos sem divertimento. Nos Conventos causava seu recolhimento espanto: rarissima vez era visto fóra da cella, Coro, ou Refeitório: tanto assim, que vendo-o humas occasião certo Religioso andar na varanda do claustro, como de humas grande novidade se admirou, dizendo: *Que he isto? Fr. João anda alli na varanda, cousa nova!* Ainda quando assistia nas Communidades, era tal o recolhimento interior, e exterior composição, que mais

parecia morto que vivo : e costumava dizer muitas vezes , que se o homem interior não andasse recolhido , pouco aproveitaria a cella : por onde fugia com todo o cuidado de ouvir algumas novas , de qualquer qualidade que fossem , porque com estas , dizia elle , se enchia a alma de figuras , e imagens , que depois inquietavão na oração. Algumas horas , que gastava na lição dos livros , erão estes sempre espirituaes , particularmente os do Padre Fr Luiz de Granada : e queixando-se-lhe hum dia o já nomeado Frei Balthazar de Barcellos , que se achava seco na oração , depois que havia lido hum *Gazeta* , respondeo Fr. João : *Pois vós ledes Gazetas , que querieis que vos succettesse ?* Desta cautela , com que vivia , lhe vinha a quietação , e sossego , que lo-grava.

5 O silencio guardava tão estreitamente , que muitas vezes se explicava por assenos , e em dando a entender o que queria , cessava. Dos seculares fugia como de inimigos ; e nem ainda com os Religiosos conversava : sómente a Fr. Balthazar de Barcellos tinha dito que quando quizesse praticar com elle , o chamasse ; e como debaixo desta palavra , o buscasse hum *sexta feira* para lhe fallar , Fr. João o não admittio , dizendo : *Ide-*

vos embora , não vedes que he hoje sexta feira ? Atè aquelle pequeno alivio não queria ter em hum dia , que lhe representava o em que o Author da vida padecio a morte por nosso resgate. As vezes , que a Communi-dade se ajuntava para alguma obra de mãos , e trabalho corporal , elle se apartava dos mais , e alli fazia o que lhe tocava ; e como hum dos Guardiães , que teve , lhe não quizesse consentir este seu retiro , mandando-lhe que assistisse juntamente com os outros , prevenio-se de forte que levava os ouvidos tapados para não ouvir ; que para não fallar o habito , que tinha adquirido , o assegurava. Com este seu retiro , e silencio , se habilitava para continuar em qualquer parte , ou lugar , que se achasse , o exercicio da oração ; que o tempo , que neste não gastava , o avaliava por perdido. Nelle recebeo muitas consolações de Deos , mas foubes-as tambem recatar , que não temos que referir : não pode porèm fugir às suspeitas , que disto tinham os mais attentos ; e assim conhecendo estas por indicios o Religioso seu familiar , por muitas vezes o importunou que lhas declarasse , fiado na amizade , que com elle tinha , mas o mais que delle alcançou sua instancia , foi romper naquellas palavras de Isaías : *Secretum*

meum mihi, que vem a dizer: O meu segredo he só para mim.

6 Como assim vivia ao eterno tão entregue, claro está que havia de andar do temporal mui apartado, e nesta virtude foi admiravel seu espirito: tão despido foi sempre das paixões naturaes, que parecia não ter carne, nem sangue. Para fallar aos parentes, que o buscavão, assim seculares, como Religiosos, era necessario mandalo o Prelado por obediencia; e já que se via obrigado a fazello, era com tanta brevidade, que não passava da primeira laudação. Morando em Coimbra, o foi visitar hum Religioso seu primo, com quem se tinha criado no mundo; e como nesta occasião se não pôde livrar de se deter mais alguma cousa na pratica, não obstante ser esta de Religiosos, foi depois pedir ao Guardião que o escusasse de visitas, porque dellas não tirava mais que escrúpulos.

7 Atè da propria mãe não queria aceitar as cartas, que lhe vinhão; e sabendo que estava entrevada em huma cama, nunca a quiz ir ver, persuadindo-o os Frades por muitas vezes, e offerecendo-lhe os Prelados a licença; antes numa occasião de mudas, dizendo-lhe hum Religioso, cuja obediencia os fazia companheiros, por ver como o aceitava, que nella lhe

mandava o Provincial passasse pela sua terra; e visitasse sua mãe; elle sentio tanto ver-se obrigado, segundo lhe dizião, a entrar no seu natural, contra o proposito, que tinha feito, como sentiria outro algum ver-se do seu desterrado. Os dias, que alli esteve naquelle Convento, em quanto não fez jornada, gastava a maior parte delles em andar na Igreja de hum Altar a outro, gemendo, e suspirando; principalmente diante de huma Imagem da Assumpção, como quem trazia entre mãos negocio de muita tribulação, e angustia; atè que por ultimo buscou ao Guardião, pedindo-lhe se haveria remedio, para que, sem faltar à obediencia, o escusasse daquela jornada. O Guardião depois de o reprehender, o desenganou: com que elle ficou tão contente, como antes estava desconsolado. Pagou-lhe Deos este desapego, com que por seu amor cortava pelo proprio sangue; porque estando sua mãe entrevada, e por sua muita idade sem esperanza de melhora, poucos dias depois disto cobrou saude bastante a poder ir à Igreja assistir aos Divinos Officios, por modo que todos julgáráo miraculoso. Nesta mesma occasião de mudas, indo elle de Coimbra para Penamacor com mais dous companheiros, agazalhando-se todos

dos em hum certo lugar em casa de hum Irmão nosso, cuja mulher era parenta do mesmo Fr. João, como esta perguntasse por elle, e onde estava morador, Fr. João se adiantou a dar a resposta, primeiro que outro a desse, dizendo: *Esse Frade já he morto*; entendendo esta morte ao mundo: e porque não fosse conhecido; de manhã muito cedo fez com os companheiros que continuassem sua jornada. Finalmente não houve Religioso em seu tempo das paixões naturaes tão apartado, e de todo o temporal tão abstrahido.

CAPITULO XV.

Da pontualidade, com que o servo de Deos Fr. João observava os trez votos.

1 Quem punha tanto cuidado em adquirir as virtudes, e exercitar-se nas que achava pela lição dos livros espirituaes, como o fazia Fr. João de Se-meice, bem se infere não havia de pôr menos diligencia na guarda dos trez votos, em que se estriba essencialmente o estado da vida monastica, e perfeição religiosa. Nesta materia nos deixou grandes exemplos sua vigilancia; e mais particularmente no voto da pobreza,

a quem louvava muito, referindo muitas cousas das Chronicas da Ordem à cerca della, ponderando o quanto a estimava nosso Padre S. Francisco. Daqui vinha amalla sobre maneira, e procurar alcançalla com tanta miudeza, que parecião extremos. Algum tempo, nem ainda Breviario quiz ter de seu uso, dando por razão, que nos Conventos não lhe era necessario, pois rezava com os mais no Coro, e pelo caminho bastava o do companheiro. Tambem julgava por escusado o manto, de que todos usamos, e assim não o trazia, nem em casa, nem pelos caminhos; atè que obrigando-o os Prelados com preceito, lhe foi preciso usar delle. Nunca porém o quiz novo, aproveitava-se do mais velho, que os outros Religiosos deixavão; e chegou a trazer hum tão lacerado, que vendo-o hum Religioso, lhe disse que aquelle manto era deshonna da Ordem; a que o amante da pobreza respondeu: *Honra-me elle muito a mim.*

2 No habito reluzia a mesma pobreza; depois que foi Sacerdote sómente hum vestio, que fosse novo, a impulsos tambem da obediencia: os mais, de que usou, erão dos que aos outros Religiosos já não servião, que reparava com remendos tambem da mesma vileza, achados

dos pelos cantos da casa; e para este ministerio não tinha de seu uso dedal, nem hum agulha, pedia-a emprestada, e acabada a obra, logo a restituia. Numa occasião chegou o habito a ser tão gastado, vil, e miúdo em remendos, que o Guardião o mandou desfazer, reprehendendo-o de que estava tão pegado àquelles farrapos, como se forão alguma peça boa: e na verdade que para Fr. João não era de pequeno valor, como quem tinha a pobreza pela melhor joia. Em fim que todo o habito, de que usou, sempre foi tal que mais servia de tegumento, com que a modestia se cubria, que de vestuario, de que a necessidade se amparasse; e com isto, como outro S. Paulo, ^{6.} se dava por contente. Nunca teve sandalias de seu uso; quando adoecia tomava humas velhas, que achava na Rouparia, e muitas vezes succedeo serem ambas de hum mesmo pé: os chocolos depois de abertos por gastados enliava com huns arames, e assim se remediava. As pobres alfaias, que tinha, em quanto as não trazia em si, estavam postas na varanda, para que quem quizesse pudesse usar dellas à sua vontade, desejando que tudo fosse commum, sem cheiro algum de particularidade. A corda, com que se cingia, trazia

remendada de couro, e em diversas partes atada com linhas, porque não acabasse de quebrar; e como em hum occasião visse a hum Religioso com hum corda nova, que o Guardião lhe havia dado, chegando-se a elle, lhe disse: *Quem traz hum corda como esta, não cuida que ha de morrer este anno.* Vendo-o hum dia o seu Guardião em Faro molestando com hum grande dor de cabeça, lhe dava hum pano de manga, para que a apertasse; mas não foi possível aceitallo, dando por razão, que com elle viria a ter hum peça de mais, sem a qual podia passar. No mesmo Convento padeceo na vista consideravel falta, e para se remediar, não podia acabar com si go procurar oculos; por onde quando lhe erão necessarios para fazer no Coro os officios de Hebdomadario, e Cantor, os pedia emprestados a algum Religioso, até que vendo lhe erão precisos, aceitou huns já muito gastados, que elle mesmo concertou, lançando-lhe hum arame, para os poder sustentar. Tão miúdo como isto era na vileza daquellas cousas, que houvessem de servir a seu uso.

3 Como amava tanto a pobreza, era tão zeloso, que não sabendo estranhar cousa alguma do que via, nesta materia o tinham por nimio os menos ef-

escrupulosos: quaesquer obras, que se fazião nos Conventos, por pouco que excedessem do necessario, as levava tanto a mal, que nem queria olhar para ellas, e assim lhe voltava o rostio. Quando algum Guardiã hia para Convento de obras, todo o cuidado de Frei João era pedir-lhe repetidas vezes, e com muitos encarecimentos que as fizesse de forte que não tivesse ao depois de que dar conta. Morando em Faro no tempo, em que ainda se trabalhava no Convento novo, não excedendo a fabrica delle os limites da Capuchez, ao espirito de Fr. João parecia grande; e assim costumava dizer a seu amigo Fr. Balthazar: *Olhai que Conventação aqui fizeram.* Perguntando-lhe o Religioso como que: a elle que fosse: para lhe dar a resposta desceu Fr. João à leitoria do Refeitório, trouxe a primeira parte das Chronicas ^b da Ordem, leo-lhe o Capitulo vinte e hum do segundo livro, onde nosso Padre S. Francisco dá regra para a fundação dos Conventos, e concluiu dizendo: *Vedes aqui como eu queria que fizessem todos.*

^b
Fr. Marc.
1. p. 1. 2.
c. 21.

4 O mesmo zelo mostrava nas esmolas, que houvessemos de receber, querendo que sempre estas fossem mendigadas, e como as dos pobres, que de

porta em porta as procurão. Indo no Algarve por mandado do Guardiã visitar com outro Religioso o Bispo daquelle Reino D. Francisco Barreto, primeiro deste nome, depois de este o receber com grande agazalho, significando-lhe o muito que o estimava, assim pelo conhecimento, que tinha de seus parentes, como pela opinião, em que estava de sua virtude, lhe encommendou na despedida, dissesse da sua parte ao Guardiã lhe estava em huma divida; porque em todo o tempo de sua ausencia lhe não tinha feito esmola alguma, para satisfação do qual intentava fazer-lhe huma, que fosse aventajada. Destas palavras do Bispo entendeu Fr. João queria fazer-nos alguma esmola ordinaria, por modo de legado: e o que até alli havia calado, sem dizer palavra alguma em toda a visita, a isto acudio, dizendo: *Senhor, faça-nos V. Senhoria huma esmola como a qualquer pobre, sem apparencias algumas de rendas.*

5 Isto, que zelava no commum, queria tambem ver no particular, e exemplificava em si; por onde havendo de fazer jornada por occasião de mudas, ou outro algum respeito, quando os mais se preparavão em fazer alguma pobre, e limitada provisão para o caminho, elle

le gastava o tempo em se despedir das Imagens, que havia na Igreja, e Capitulo. O que mais he, que nem ainda do que levavão seus companheiros queria comer: para soccorrer sua necessidade chegava a qualquer monte, pedia huma fatia de pão, como outro qualquer pobre, e com esta passava, lembrado daquelle Senhor, que por nós se fez pobre no mundo. Era tanta a sumiſſão, e humildade, com que pedia a esmola, que logo se estava vendo nesta a consideração, com que o fazia. Com esta resignação, com que todo se entregava à providencia Divina, obrigava ao mesmo Senhor tivesse delle cuidado, não só com o sustento necessario para passar a humana vida, mas tambem guizado a seu gosto. Assim se attribuiu o que lhe succedeo em Moncarapaxo, pequeno lugar no Reino do Algarve, trez leguas distante de Faro contra Tavira, indo com seu familiar Fr. Balthazar de Barcellos visitar o Santo Christo, que alli está em huma Igreja, celebre por milagres, e venerado com continuas romarias de todo aquelle Reino. Foi o caso, que como ao entrarem no dito lugar, dêsse razão delles hum Clerigo, que havia sido Noviço nosso, e agazalhava com muita devoção, e caridade a

todos nossos Religiosos, que por alli passavão; tanto que os vio, recolheo-se a casa, ordenou o jantar, como quem fazia conta de os ter por hospedes. Depois que elles disserão Missa, e rezarão o Officio Divino, forão buscar a casa do devoto, recebeo-os com muito amor, sentarão-se à meza, e constou o jantar de sardinhas, e alguma fruta. Estava o Clerigo como envergonhado, e alheio de si, em ver a pobreza, com que agazalhava aos dous Religiosos, bem differente do estylo, com que hospedava aos mais; e como se elle não fora o mesmo, que assim o tivera ordenado, confuso repetia muitas vezes: *Que jantar este para agazalhar aos Frades da Piedade, a quem eu tenho tanto amor, e devoção?* Fr. Balthazar, que attribuiu isto a mysterio, persuadia ao Clerigo que não tomasse pena, porque o jantar fora ordenado por impulso superior, querendo Deos confortar, e recrear a seu servo do trabalho do caminho; que a ser de carne, por nenhum caso Frei João a havia de comer, e só passaria com pão, e agua. Não se deo porém com esta razão o Clerigo por satisfeito, antes contava por muitas vezes a nossos Frades, o que com Fr. João lhe tinha acontecido, fazendo galantaria do successo, como

de estranha novidade em sua casa. Assim cuidava Deos de seu servo ainda em cousas tão miudas; que o descuido, com que elle se havia comfigo, empenhava a Divina Providencia.

6 Na observancia da obediencia não foi menos pontual: não só aos Prelados, mas também aos iguaes, e inferiores obedecia; pois como já disse-mos, quando com estes hia fórra, por mais novos que fossem na Religião, nem huma pouca de agua bebia, sem lhes pedir licença primeiro. Sendo tal sua obediencia, dos menos attentos foi notado de voluntario, hum dos principios, donde nasceo padecer muitas mortificações, e molestias, como depois diremos. Fundavão esta presumpção em verem que o servo de Deos dissimulava algumas vezes com o que lhe mandavão os Prelados, esperando, ou que repetissem o mandamento, ou lho intimassem por preceito. Mas como estas disposições dos Superiores erão sempre em seu favor, pois se ordenavão a que modificasse suas mortificações, e penitencias, que julgavão excessos, entendia Fr. João que não era offender a obediencia o dissimular com ellas, até o Prelado lhe expressar mais sua vontade. Nestas materias se toda a resistencia fora culpavel, con-

denariamos a de S. Pedro no Cenaculo, e a do Baptista no Jordão. ^{Joan. n. 8.} Em outros quaesquer casos bastava o menor assenso do Prelado para obedecer, e assim dizia hum dos Guardiães, que teve, que ninguém com tanta promptidão lhe obedecia, nem fazia melhor o que lhe ordenava. ^{Matt. n. 14.}

7 Da castidade foi tão amante, que não contente com as extraordinarias mortificações, com que macerava o corpo, e lhe quebrava os brios, accrescentava a estas hum singular recato, com que se havia em todas as occasiões. Presume-se que nunca já mais vio a mulher o rosto; quando era preciso fallar com alguma, que forão mui poucas vezes, estava sempre com os olhos em terra, e ainda assistindo no Coro ao tempo das Missas, succedendo irem estas commungar, quando descião da Meza, voltava elle o rosto, por lhes não ver a face; também nos ultimos tempos chegou a não lhes consentir beijarem-lhe a manga do habito, por mais que o importunasse a devoção. Morando em Coimbra, desejou vello huma Senhora devota do Convento, pelo que delle os outros Frades lhe contavão, pediu ao Guardião lho enviasse a sua casa; foi Fr. João sem entender o fim, a que o manda-

davão, e como aquella Senhora confiada em sua qualidade, velhice, e devoção lhe mostrasse alguma familiaridade, procurando com instancia que lhe fallasse, e a visse, não só não pode acabar com elle que lhe dissesse alguma palavra, ou levantasse os olhos da terra, senão que despedindo-se brevemente, lhe não tornou a entrar em casa. Esta vigilancia, com que se recatava, lhe adquirio huma maravilhosa paz, e sossego, com que nesta materia vivia.

CAPITULO XVI.

De sua admiravel paciencia, e venturosa morte.

S Aõ os trabalhos, e adversidades o caminho mais ordinario, por onde Deos leva a seus servos, ou para lhes augmentar o merecimento, ou para os purificar de alguma materialidade; como pedras a golpes os vai polindo, para collocallas bem lavradas em o Templo da Celestial Jerusalem, como o contemplou S. Lourenço Justiniano. ^a Não faltarão estes golpes ao servo de Deos Fr. João de Semeice, porque desde o dia, em que tomou o habito, até os ultimos de sua vida, caminhou por huma continua cruz de trabalhos; já li-

dando com enfermidades prolixas, já perseguido dos Prelados, e mais Religiosos. Huns, e outros tomavão motivo para o molestarem do mesmo que lhe devia conciliar estimações; às suas penitencias, recolhimento, e silencio chamavão excessos; o não modificallas advertido, indicio voluntario, com que huns, e outros o perseguião, como se todos fossem seus Prelados. Huns lhe chamavão doudo, e que por tal não merecia que d'elle se fizesse caso; outros dizião que vivia enganado, e todos, que o dizer poucas vezes Missa era boa prova de não ser seu espirito verdadeiro. Estas cousas representava o demonio aos Religiosos tão feias, permittindo-o assim Deos para maior coroa de seu servo, que todos o molestavão, como se o perseguillo fosse virtude. Até seus mais afeiçoados, e que sentião bem de seus exercicios, fazião o mesmo: de si confessava Frei Balthazar de Barcellos, que lhe augmentára muito a coroa, porque sem querer, nem saber o que dizia, o reprehendia asperamente, de que ao depois ficava admirado, e confuso. Muitas forão as contradicções, que teve; mas foi tal o soffrimento, com que em todas ellas se portava, que ainda os que não julgavão bem de suas vir-

tudes, lhe confessavão a da paciência.

2 A conformidade, com que vivia à Divina vontade, fazia calar os sentimentos do corpo de tal forte, que padecendo tanto, parecia insensível; e assim dizia hum Religioso, maravilhado de seu soffrimento: *He possível que a este nenhuma cousa lhe ha de dar pena?* Por maiores que fossem os agravos, que lhe fizessem, nunca soube queixar-se, nem proferir a menor palavra de murmuração, antes estranhava tanto este vicio, que costumava dizer que o murmurador sómente a si se fazia o dano. Não queria que o defendessem em suas cousas, por onde dizendo-lhe hum Religioso que acudia por elle, quando os outros o notavão de seus excessos, lhe pediu Fr. João que nunca mais o defendesse, porque era lançar lenha no fogo, e que só se apagava com a humildade, e paciência. Nem os primeiros motos, em que naturalmente rompe o sentimento, quando aggravado, queria ter; queixava-se de si, quando à vista das tribulações, que lhe fazião, sentia alguns; sendo que nunca estes erão taes, que sahisses ao exterior, nem ainda com o menor indício: e humma vez que mostrou seu sentimento numa palavra, logo a

emendou de forte que o aggressor ficou tão edificado, como confuso. Foi o caso, que como Fr. Balthazar de Barcellos, pela estreita amizade, que com elle tinha, se compadecesse mais que todos, em ver que o servo de Deos não queria afrouxar em doente o rigor, com que se tratava em são, o reprehendeo tão aspera, e severamente por esta causa, que sendo Fr. João tão soffrido, rompeo o sentimento nestas palavras: *Parece que já basta de reprehensão.* Advertio Fr. Balthazar na razão, que o enfermo tinha, cessou de reprehendello, e despedio-se; porém elle considerando logo no que tinha dito, como se tivera feito a Deos, e ao proximo alguma grande offensa, foi dar a este satisfação; levantou-se da cama, buscou-o na cella, e lançando-se-lhe aos pés, lhe pediu perdão com muita sumiſsão, e humildade.

3 Tão mortificado, e sujeito queria trazer ao sensível, que nem em hum atomo discrepasse do racional. Sendo as molestias, que os Prelados, e mais Religiosos lhe davão, estes com a reprehensão, aquelles com a penitencia, bastantes a darem que fazer à mais qualificada paciência, a de Fr. João não se dava com ellas por satisfeita, porque o grande de-

feito, que tinha de padecer por amor de Deos, lhe fazia procurar outras de novo. Por esta causa quando adoecia, não queria admittir curas humanas, nem comia senão de dous em dous dias, e neste tempo muito pouco; e vindo o Medico visitar outros enfermos, elle lhe não queria dar o pulso, repetindo muitas vezes aquellas palavras de Santa Agueda a S. Pedro, que servia a hum Deos tão poderoso, que em hum instante o podia farar. Assim se entregava todo na Providencia Divina, que até da faude não tratava; cuidava porém Deos de seu servo fazendo-o, segundo sua confiança, milagrosamente. Padecia elle humas dores habituaes de estomago, que o visitavão muito a miudo, e como hum Religioso lhe dissesse que tinha obrigação de peccado mortal a se curar, respondeo Fr. João que não erão tão perigosas, que o obrigassem a tanto; e assim que queria padecer por amor de Deos aquella pena. Passado algum tempo, perguntando-lhe o mesmo Religioso como se achava daquellas dores, que costumava ter, lhe affirmou que Deos lhe tinha feito mercê de lhas haver tirado, e que se achava dellas de todo livre.

4 Quando os Religiosos cuidavão que elle estava na en-

fermaria doente, apparecia no Coro, e mais exercicios da vida Religiosa, como se não houvesse tido nada. Adoecendo em Coimhra de huma enfermidade, de que na Cidade se queixavão muitos, perguntando-lhe porque não queria aceitar as medicinas, a razão, que deo, foi, que quando todo o mundo padecia, não era muito que padecesse tambem elle; e quando menos se imaginava, appareceo com os mais no Coro. Deste grande desejo, que tinha de padecer por amor de Deos, lhe nasceo hum particular affecto, e singular devoção, que cobrou a Santa Tereza, louvando-a muito, e repetindo muitas vezes aquellas suas admiraveis palavras: *Ou morrer, ou padecer*. Nas occasiões, em que se via mais atribulado, e perseguido, não só, como já dissemos, se não queixava, mas tambem succedendo querello algum Religioso consolar, compadecido de sua pena, elle o não queria ouvir, como se o alivio, que lhe dêsse, lhe diminuísse o merecimento. Nesta perfeição de vida perseverou até o fim della, com que veio a alcançar entre todos tão grande opinião de santidade, que essas poucas vezes, que hia aos Povos, sahindo a gente às portas, e janellas, se convidavão huns a outros para verem o Fra-

o Frade santo ; e hum Religioso provecto, que notava bem sua vida, costumava dizer que tarde teriamos outro Fr. João de Semeice.

5 Chegado o tempo, em que Deos tinha decretado pagar a feu fervo, que tão fielmente o havia servido, o mandou a obediencia morador para o nosso Convento de Beja: aqui se offereceo mais dilatado campo à sua paciencia, porque aqui encontrou as contradicções mais crecidas, que como elle conhecendo tal vez que estava em o fim, continuasse mais fervorosamente os seus, que chamavão excessos, avivasse mais nos Religiosos a censura, e com ella as occasiões para o soffrimento. Ajuntou-se a isto por-se Deos da parte dos Religiosos, provando a Fr. João neste ultimo tempo com prolixas, e penosas enfermidades; entre ellas padeceo huma surdez tão grande, que totalmente lhe tirou o poder tratar com os mais Frades; ficava porèm mais apto para tratar só com Deos, como elle fazia. Huns accidentes de gotta coral lhe repetião com tanta força, e tão a miudo, que era lastimavello; tudo soffria com aquella paciencia, que sempre teve, que era mais para o espanto, que para o exemplo.

6 A' continuação destes

achques não pode resistir o debilitado corpo, gastado das penitencias. Mandou-o o Guardião para a Enfermaria, para que se curasse; que a não ser a obediencia, tinha tenção, como costumava, curar-se no cantinho da sua cella, como pobre mendigo. Recebeo logo com grande devoção os Sacramentos, e parece teve revelação de sua morte; porque assistindo-lhe todos os Religiosos, e rezando-lhe o Officio da Agonia, lhes disse Fr. João: *Irmãos, não vos canceis hoje, à manhã a tal hora me fareis caridade.* Assim foi, porque ao outro dia, na hora, que tinha finalado, com grande paz, e socego, entregou o espirito a feu Creador: não nos diz o anno de sua morte a relação, que atèqui seguimos; porèm dizendo-nos que morrêra com trinta annos de habito, professando elle no de 1613. como já dissemos, vem a corresponder seu transito ao de 1642. Onze annos depois de sua morte se abriu sua sepultura, para nella enterrarem outro Religioso: achou-se seu corpo não só inteiro, mas ainda tractavel, e só gastado alguma cousa em hum hombro: tornarão-o a recolher na mesma sepultura, e provavelmente lhe lançarão mais quantidade de cal, para que se gastasse; que he o que a san-
ta

ta simplicidade tem feito em semelhantes calos muitas vezes, com que não poucas obriga tal vez a que Deos suspenda o milagre.

CAPITULO XVII.

Eleição do quadregésimo-primeiro Ministro Provincial, e memoria de dous perfeitos Religiosos, Fr. Diogo de Leiria, e Fr. João de Barcellos.

Chegava-se o tempo de se celebrarem os Capitulos das Provincias do Reino, não se podia recorrer ao Reverendissimo Padre Geral, por respeito das guerras, que havia entre Portugal, e Castella, com que se virão os Prelados assás perplexos em seu governo. Convierão todos que se pedisse ao Vice-Colleitor instituisse hum Commissario Geral sobre todas as Provincias; que no Reino havia, o qual presidisse em seus Capitulos, e dispuzesse tudo o mais, que lhe parecesse necessario a seu bom governo. Fez-se a supplica, e em cumprimento della instituiu logo o Vice-Colleitor por Commissario ao Padre Fr. Simão da Resurreição, Provincial que havia sido da Provincia dos Algarves. Nomeou logo este por Visitador da nossa Provincia ao Padre Fr. Constantino

da Cruz, Guardião do Convento de S. José de Ribamar da Santa Provincia da Arábida, e a Fr. João de Jesus Definidor da mesma, com outros Delegados, que fizeram, para mais depressa a visitarem. Concluida a visita, se congregarão os Vogaes em o nosso Convento da Piedade de Villa-Viçosa, onde aos 18. de Janeiro de 1642. presidindo o sobredito Padre Commissario, sahio eleito em Ministro o Irmão Frei Jeronymo do Sardoal: em Definidores os Irmãos Fr. Luiz de Villa-Viçosa, Fr. Francisco de S. Pedro do Sul, Fr. Boaventura de Villa-Real, Fr. Paulo de Monção, e em Custodio Fr. Pedro de Celorico. Pouco depois de feitos os Capitulos, se levantárão algumas duvidas sobre elles; porque como o Commissario, que presidio a todos, foi instituido pelo Vice-Colleitor, dizião os mais que elle não tinha authoridade bastante para semelhante instituição; e por tanto que assim esta, como tudo o mais, que della se seguira, era nullo; e de nenhum valor.

Chegou o caso a Roma, expedio o Summo Pontifice, que então era Urbano VIII. hum motu proprio em dous de Dezembro de 1642. e vigesimo de seu Pontificado, que começa: *Cum sicut accepimus*, &c.

&c. dirigido a Francisco Barbirino, Cardeal do titulo de S. Lourenço in Damafum, Protector da nossa Ordem. Neste, depois de dar por nulla, e de nenhum valor, assim a eleição, que fez o Vice-Colleitor do Padre Fr. Simão da Resurreição em Commissario, como as eleições, que se fizerão em os Capitulos, e tudo o mais que nelles se obrou, por falta de bastantes poderes, commette ao dito Cardeal authoridade para poder nomear Prelados destas Provincias, ou aos mesmos, que havião sido eleitos, ou outros, que melhor lhe parecesse. Passou o Cardeal suas letras a doze de Dezembro do mesmo anno, onde vinha inserto o motu proprio, e conforme ao teor delle, nomeava novamente por Prelados, atè o futuro Capitulo, os que no proximo passado forão eleitos, com tudo o mais que nelle se ordenára; dando também authoridade, segundo lhe era concedido, para que a seu tempo pudessem os Provinciaes fazer a sua Congregação. A nossa se teve no mesmo dia, que se apresentou o Breve, que foi em os vinte e nove de Julho de 1643. Prosseguiu o Irmão Frei Jeronymo do Sardoal em seu officio o tempo, que lhe restava, mostrando em seu governo grande zelo, e igual discrição,

sendo para todos affavel, e não menos caritativo.

3 Em seu triennio passou a melhor vida, deixando a presente, hum Religioso com fama de virtude: chamava-se elle Fr. Diogo de Leiria, que depois de graduado em Coimbra, trocou as mundanas esperanças pelo penitente habito de nosso Padre S. Francisco, em esta Provincia da Piedade. Nella se portou toda a vida humilde, caritativo, sincero, e sem dolo, e por isso reputado por todos como santo. A sua mais continua assistencia era no Coro, sacrificava com tanta reverencia, e devoção, que a infundia ao mais tibio, e divertido. Todas suas praticas, e conversação erão do Ceo, e mui poucas palavras se lhe ouvião, que não fossem dirigidas a este alvo. Pela recommendação de nosso Serafico Padre S. Francisco em seu testamento, vendo os santos nomes, e palavras estarem em lugar não conveniente, as levantava, collocando-as em lugar decente. Foi muitas vezes Prelado nesta Provincia, e nas melhores Casas della, dando igual exemplo no estado de Superior, como no de subdito. Sendo actual Guardião em Villa-Viçosa, o escolheu por seu Confessor a Senhora Dona Luiza de Gusmão, Duqueza de Bragan-

gança ; e succedendo no principio de Dezembro de 1640. a feliz acclamação do Duque seu marido em Rei de Portugal, o levou comfigo para Lisboa com o mesmo officio, onde como fofse notado que deixava fazer à Rainha algumas penitencias, e mortificações, refpondeo ao Rei, que lho advertia : *Se me for concedida licença de meus Prelados, tão depreffa tornarei para a minha Provincia, que nem ainda irei ao Convento, onde eftou hospedado.*

4 Com tanta independencia, e ifenção fe havia o fervo de Deos em a Corte, que indo hum feu cunhado a Lisboa a despachar-fe, e tratar de alguns negocios, podendo Frei Diogo acabar tudo facilmente, como tão aceito que era, e de tanta opinião para com as Sereniffimas Mageftades, nem huma só palavra fallou em feu favor. Eftava violento naquella occupação, fufpirando pelo retiro, e fôcego da fua Provincia, e anhelando declinar a eftimação, em que fe via de Confeffor da Rainha; porque amava tanto os desprezos, como lhe defagradação os refpeitos. Dizendo-lhe huma vez a Rainha que havia de fer Bispo, refpondeo o verdadeiro amante da humildade : *Sim, Senhoria, hei de de fer bis-pó, duas vezes pó; pó na vida, e pó na*

morte; repetindo apôs ifto as palavras da Igreja : *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* Finalmente cheio de boas obras, pelos annos do Senhor de 1643. acabou a vida temporal em o Convento de Santo Antonio de Lisboa, onde tem fua fepultura.

5 No fequinte anno de 1644. pallou a tomar poffe da Gloria, fegundo perfuade fua virtuofa vida, Fr. João de Barcellos Frade leigo, que relplandecio com ventagens entre os de fua profiffão. Foi efte Religiofo mui fincero, fimples, e devoto, perfeito obfervante de fua Regra. Relplandecio nelle muito a virtude da paciencia, pois tendo no officio de Porteiro, que muitas vezes fez na Provincia, eftimulos para a perder, fempre fe portou com admiravel conftancia. Era mui devoto de ouvir Miffa, contemplando os foberanos myfterios, que nella fe representam; por ifto ajudava todos os dias a finco, e a feis, por mais occupações, que tivesse. Amava cordealmente a todos, mas com efpecialidade aos pobrezinhos: a eftes fazia carapucinhas dos retalhos, que pedia aos Alfaiaes, e de outros de burel, que ajuntava pela cafa: quando morreo, fe lhe achárão feitas quantidade dellas; que eftes forão os legados pios de fte Religiofo;

fo; e alguns affirmarão que com estas alfaias fizera milagres. O tempo, que lhe ficava, fóra do que gastava na oração, occupava-o em o trabalho corporal, sem haver momento, em que o vissem ocioso, tanto assim fugia à ociosidade, que prohibindo-lhe o Provincial a horta, respeitando sua muita idade, começou a chorar amargamente, com cujas lagrymas movido o Provincial, lhe assignou certa parte de terra, para que só nella trabalhasse.

6 Foi muito amigo da contemplação, e soledade, pelo que se abstrahia ainda da conversação dos Religiosos; e se o Guardião nas horas de Matinas, e de Vesperas o mandava do Coro, elle descia à Capella, onde diante do Tabernaculo do Santissimo Sacramento estava em fervorosas contemplações. Tinha singular reverencia aos Sacerdotes, a quem chamava seus Senhores, e estava com tanto respeito em sua presença, que em nenhum caso se havia de sentar diante delles. Foi por extremo devotissimo do mellifluo mysterio do Nascimento do Senhor: tomou de memoria hum Dialogo pastoril, e no tempo, que a Igreja celebra esta festa, elle o representava aos Religiosos com muita devoção, e graça, vendo-se nelle hum tal fervor de espirito, e conso-

lação, como se tivera presente ao Menino Deos recém nascido. Dotou-o a poderosa mão do Altissimo com o dom de copiosas lagrymas, tanto, que todas as vezes que diante delles se fallava de Deos, ou de cousas espirituaes, logo ternissimamente chorava. Aprendeo tanto na escola da oração, que encontrando-o na horta occupado na cultura della hum Religioso de outra Religião, taes cousas lhe ouvio, que o teve por grande Letrado, sendo hum Frade leigo, e simples. Como verdadeiro humilde fugia a tudo o que era estimação, e buscava os exercicios de maior humildade; por cuja causa era perpetuo cozinheiro; porque não só fazia a sua semana de cozinha, quando lhe tocava, mas tambem a dos outros. Sendo já velho, como a calva, que lhe deixou o tempo, parecesse coroa, e por esta causa se lhe dêsse em hum dia de festa hum dos primeiros lugares em o Refeitório de outros Padres, publicamente confessou que era Frade leigo, para ficar em lugar mais humilde: dalli por diante dizia aos que o barbeavam que lhe cortassem os cabellos de forte, que parecesse Frade leigo.

7 Tinha particular cuidado de macerar o corpo, e sujeitallo ao espirito; para o que fa-

fazia todos os dias huma rigo-rosa disciplina; e quando já a idade lhe não permittia ir ao Coro, na cella a tomava. Além dos dias de obrigação jejuava todos os sabbados, e nas vespersas de muitos Santos de sua devoção; sendo nos mais dias seu comer quotidiano huma tigela de caldo, porque de carne pouco, ou nada comia. Vin- do algumas vezes da horta tomar com os mais Religiosos a corporal refeição, como o corpo debilitado, assim pela velhi- ce, como da penitencia, se não pudesse em si sustentar, nem dar passo, o reprehendia, di- zendo: *Anda para diante, pois ainda vás para o Refeitório.* No exercicio da oração o commet- teo a ultima enfermidade: pre- parou-se elle logo para a mor- te com os Sacramentos da Igre- ja; e parece que della teve re- velação, porque no ultimo dia que teve de vida, repetio mui- tas vezes aquellas palavras do Psalmo: *A custodia matutina usque ad noctem*; chegada a noi- te, se ausentou para o eterno dia, em dezoito de Agosto do sobredito anno, com oitenta de idade, ficando seu rosto de- pois de morto tão alegre, que parecia vivo. Tem sua sepultu- ra em o Convento de Santo An- tonio do Porto.

CAPITULO XVIII.

*Elege-se o quadregesimo-segundo
Ministro Provincial: ministração
nossos Frades na peste do
Algarve: fundamos Con-
vento em Barcellos*

I NO Capitulo prece- 1645
dente deixamos es-
crito, como o Commissario,
que instituiu o Vice-Colleitor,
dera por nullo a Santidade de
Urbano VIII. Para prover pois
de remedio na falta, em que se
vião todas as Provincias do Rei-
no, não podendo recorrer ao
Reverendissimo Padre Geral,
por causa das guerras, de au-
thoridade Apostolica, commet-
tida ao Cardeal Protector da
Ordem Francisco Barbarino,
foi instituido Commissario Ge-
ral o Padre Fr. Martinho do
Rosario, que havia sido Pro-
vincial da Arrabida. A primei-
ra Provincia, que lhe obedeceo,
quando logo veio nomeado de
Roma, foi a da Piedade, o
que elle mostrou agradecer, vi-
sitando-a toda por sua propria
pessoa, e presidindo em seu Ca-
pitulo, que se celebrou na Pie-
dade de Villa-Viçosa em vin-
te e dous de Outubro de 1645.
Nelle sahio eleito em Ministro
Provincial o Irmão Fr. Pedro
de Celorico, Custodio actual,
que então era: em Definidores
os Irmãos Fr. Antão de Gui-
Aaaaa ii ma-

marães , Padre da Provincia , Fr. Francisco da Idanha , Frei Lucas de Castello Mendo , Frei Jeronymo de Coimbra Prégador ; e em Custodio Fr. Antonio de Peranhos Prégador. Os gastos do Capitulo fez a Serenissima Magestade delRei D João o Quarto , que não perdeu em o sceptro o affecto , e grande devoção , que sempre teve à sua Provincia da Piedade.

2 Por este tempo , seis annos depois que Portugal lançou de si o jugo de Castella , para que não lograsse a felicidade da justa aclamação , sem o contrapezo , com que a sorte costumava entretecer as ditas , se viu o Reino commettido de huma peste , que fez no do Algarve tanto estrago , que ainda hoje se não vê de todo reparada tão lamentavel ruina. Veio este terrivel açoute de Africa , em hum navio de courama , que na era de 1646. apoitou em Tavira , onde se accendeo de sorte , que além dos innumeraveis feridos , que recebêrão faude , morrerão sinco mil pessoas. ^a Logo que começou a peste em Tavira , sahirão Religiosos do Convento , que temos naquella Cidade a assistir aos feridos , não só tendo cuidado delles quanto à cura das almas , administrando-lhes os Sacramentos , mas tambem quanto à sau-

de dos corpos , applicando-lhes os remedios : huns assistião na Casa da Saude , outros andavão pela Cidade , dando final de si com huma campainha , aos que estavão em suas casas. Dos que se occuparão neste caritativo ministerio moriêrão sinco : foi o primeiro o Guardião do Convento Fr. Luiz de Bringel Prégador , Theologo de nome , e Religioso em toda a sua vida mui sollicito de sua salvação : Fr. André de Cernache Confessor , e o mais velho do Convento , varão , em quem tinha resplandecido a virtude da caridade para com todos , que muito mais mostrou na morte : Fr. Manoel de Estremoz Confessor : Fr. Basilio da Pedreira , e Fr. Luiz de Villa de Frades Irmão leigo , offerecendo todos estes a vida por seus irmãos : caridade canonizada pela maior por boca do mesmo Christo no Euangelho.

3 Com a morte destes sinco Religiosos ficarão os de Tavira afflicto , receando que succedesse o mesmo a outros poucos mais , que vivião em o Convento , e lhes faltasse aos feridos quem curasse delles ; e manifestando este seu receio aos Religiosos , elles os consolárão , dizendo que em quanto houvesse Provincia da Piedade , não havião de faltar Frades seus em Tavira : assim succedeo ; porque

^a
Serpent.
Eucharist.
Chron.
Enatrat.
27. à n. 41.

que quando a morte de huns podia fazer esfriar a caridade dos outros, succedeo tanto pelo contrario, que antes a avivava mais; de sorte que desde que principiou o contagio, até que totalmente se extinguiu, sempre os de Tavira acháráo junto a si os Religiosos desta Provincia. Foi grande o trabalho, que tiverão, porque sendo tantos os feridos, erão nossos Frades só na cura delles; que supposto havia naquella Cidade mais trez Conventos de Religiosos, todos os desamparáráo, fugindo à peste, e só hum Frade leigo ficou em hum dos Conventos: donde veio a dizer ElRei D. João: *Os meus Frades* (assim chamava sempre aos da Piedade) *são bons Religiosos, esperão a morte a péquedo, e não desamparão seus Conventos.*

4 Naquelle anno de 1646. em que a peste principiou em Tavira, alli acabou, nem se estendeo aos mais povos, como se receava; porém nos seguintes annos se ateou pelo Algarve de maneira, que fez em todos seus lugares o estrago, que tinha feito em Tavira. Em todos elles assistiráo nossos Frades no mesmo ministerio, em que tambem acabaráo alguns a vida; em Faro dous, outros tantos em Loulé; e ainda em Lagos, Cidade principal da-

quelle Reino, além dos que morrerão, como já dissemos tratando da fundação daquelle Convento, houve hum Religioso, que abrindo-o duas vezes, para o curarem da peste, que o tinha ferido no exercicio de curar os enfermos, tanto que se achava são, hia continuar o mesmo exercicio; levando às costas os apestados para a Casa da saude, onde lhes assistio até o fim. Sómente em Villa Nova de Portimão não deo o contagio, o que vendo os nossos Frades, que vivião no Convento da Esperança, que temos naquella Villa, o querião desamparar, por irem acudir aonde este mal ardia. Entendendo esta resolução os principaes do povo, acudirão a fazer seus requerimentos, pedindo aos Religiosos que os não deixassem; porque supposto estavam até àquelle tempo livres do contagio, esperavão tambem por elle, pelo verem tão vizinho; e que não era justo, tendo-os alli moradores, deixarem-os a elles, por acudirem a outros, a quem devião menos. Forçosa era a razão, se a necessidade de muitos lugares, onde não havia Religiosos, não dera vozes; e se actualmente os de Villa Nova não estiverão livres, ainda que com receio bem fundado; porém como este era de futuro, e aquella de pre-

presente , insistião os Religiosos em lhes irem acudir , não obstante as instancias , que em contrario se lhes fazião. Vendo a gente de Villa Nova esta determinação , se resolvêrão a impedir por força , o que por rogos não podião : cercarão de guardas todo o Convento de forte , que não pudesse sahir delle algum Religioso ; e deste modo os detiverão alli , ainda que ao depois lhes não forão necessarios.

5 Grande foi a mortandade , que houve por todo o Reino do Algarve , e ainda fora muito maior , a não ser o solícito cuidado , com que a piedade de ElRei D. João se applicou ao remedio dos feridos , enviando de Lisboa Cirurgiões estrangeiros , e peritos na cura de semelhantes contagios , e boticas com tudo o mais necessario para remedio dos apestados. Tudo isto vinha remettido ao Guardião do nosso Convento de Villa Nova , que elle distribuia pelos povos , onde era necessario. Finalmente acabou a peste no Algarve , sem se estender às mais partes do Reino ; que foi huma grande misericordia de Deos , porque a dar no Alentejo , como era no principio da aclamação , e nesta Provincia a força das guerras , mal se poderia humanamente conservar o Reino em

a liberdade , que tinha appellidada , se se vira opprimido naquella parte com este rigoroso açoute.

6 Cerrou seu triennio o Irmão Fr. Pedro de Celorico com a fundação do Convento de nosso Padre S. Francisco em a Villa de Barcellos. No termo desta Villa temos hum Convento , que como já dissemos , nos derão os Padres Conventuaes , quando logo entrámos neste Reino ; mas como está meia legua da Villa , desejavão os moradores della ter-nos mais perto , para que com mais commodidade , e frequencia se aproveitassem de nós em as confissões. Por esta causa se offerecião fazer hum Convento perto dos muros : andarão com esta pertençaõ muitos annos , porque achavão nossos Frades ser inconveniente terem dous Conventos em hum termo de hum mesmo povo , e em só distancia de meia legua ; porém instárão tanto os moradores , que já na Congregação , que fez o Irmão Fr. Pedro de Cerolico , no mesmo Convento do Bom Jesus do Monte , em doze de Junho de 1647. teve sua pertençaõ effeito Escolheo-se sitio , e foi perto da Villa para a parte do Oriente , junto daquelle campo , onde a trez de Maio se vê todos os annos o celebre milagre das Cruzes , que tanto en-

Fundação
do Con-
vento de
Barcellos

ennobrece a esta Villa. Lançou-se a primeira pedra no anno de 1649. e em quanto não houve commodos para os Religiosos habitarem nelle, vivião em huma Ermida de Santa Martha, que alli fica perto do sitio, em que se fundava. Trabalhoulhe-se com tanto cuidado nas obras, correndo estas por conta do povo, que no anno de 1652. puzerão já Communnidade plena em o novo Convento, ficando o antigo do Monte com lete Frades, reduzido a Vigairaria. Está o moderno em hum lugar accommodado, e sadio, com bastante agua, e cerca, que se compõe de boa horta, dous pomares, e huma matta não pequena de altos, e vistosos pinheiros.

CAPITULO XIX.

Dos servos de Deos Fr. Francisco da Bagueira, e Fr. Claudio de Aquitania.

1 EM o Convento de Chaves, sendo actualmente Guardião, rematou seus dias em nove de Novembro de 1647. o Irmão Fr. Francisco da Bagueira, Religioso de muito approvada vida. Nasceu em huma quinta de seu sobrenome, junto da Villa de Barcellos, de pais nobres, e ricos, que cuidadosos de sua

boa creação, logo em sua mocidade o mandarão estudar a Coimbra; mas afeiçoado em breve tempo ao modo dos nossos Frades, que naquella Cidade via, determinou deixar o estudo das letras por outro melhor estudo, consagrando-se a Deos na Provincia da Piedade. Com esta resolução pediu o habito, que lhe foi lançado no Convento de Santo Antonio dos Olivaes, dando logo mostras no noviciado de que havia de ser perfeito Religioso; porque entre os mais noviços, era o que acudia com maior promptidão ao Coro, e officios de humildade, e o que com mais fervor assistia aos exercicios da Religião. Depois de professo mostrarão bem suas obras, que não fora vão o conceito, que tinham formado delle quando noviço; porque resplandece em muitas, e assignaladas virtudes: pelas quaes mereceu ser muitas vezes Prelado, e quatro Mestre de noviços, a quem creava perfeitamente, praticando-lhes de sorte a oração, que os fazia contemplativos.

2 Quando era Guardião, a seu exemplo se exercitavão os Religiosos seus subditos em algumas asperezas, além do rigor da Provincia, e elle o dava de si tão bom, que por suas excellentes virtudes era chamado de todos o Guardião Santo.

to. Pela grandeza de sua caridade lhe chamavão tambem pai de todos, principalmente mostrava esta para com os pobrezinhos : compadecia-se delles ternissimamente, dando-lhes tudo o que podia. Muitas vezes se tirava a si o de que necessitava, para remediar ao pobre, que via : vendo hum pobre roto, e defabrigado, tirou hum remendo, que tinha lançado em seu lacerado habito para abrigo do frio, e deo-lho logo compassivo. Sendo Prelado, vestia os subditos, e elle ficava sem habito ; e andando mui enfermo, chegou a despir a camiza, e levando-a com suas proprias mãos, a deo a hum Corista, que conheceo andar achacado. A caridade, que mostrava para com os pobres, tinha ainda em gráo mais perfeito com os enfermos, aos quaes assistia em toda a hora ; e como perguntalle hum dia a hum noviço doente, como estava, e elle respondesse que sentia grandes dores, então disse o caritativo Prelado, que hia pedir a Deos o seu alivio ; e entrando no Coro, tomou huma rigorosa disciplina ; e tornando a ver como estava o enfermo, achando-o aliviado, lhe disse com grande ternura : *Ora dormi, e descançai agora.*

3 Foi muito penitente : ordinariamente dormia sobre hu-

ma taboa sem mais abrigo, não só nos Conventos, mas ainda nos caminhos ; jejuava os sabados de nossa Senhora ; e nas vespervas de suas festas era o jejum mais rigoroso, porque só pão comia, e sendo algumas vezes persuadido pelos amigos, e parentes, que por huma vez ao menos comesse alguma couza, não foi possível acabarem com elle a quebrar seu proposito. Os quarenta dias depois da Epifania jejuava, por alcançar a benção promettida de nosso Padre ; além destes jejuns fazia outras muitas mortificações, e penitencias. Era benigno, e affavel para com todos, porque assim a Religiosos, como a seculares honrava muito, e de todos era muito louvada sua benignidade, e cortezia. Com particular animo de compaixão consolava em suas oppressões aos afflictos : a todos prégava da brevidade da vida, e todas suas praticas encaminhava ao aproveitamento, e edificação do proximo. Foi dotado de huma profunda humildade, e quando era Mestre de noviços, para radicar nelles com seu exemplo esta admiravel virtude, fundamento das mais, se prostrava debaixo dos pés dos mesmos noviços, mandando-lhes que o açoitassem.

4 Dava-se muito ao exercicio da santa oração ; e no nos-

fo Convento de Abrantes, sahindo deste santo exercicio depois de Noa, se lhe vio o rosto resplandecente, como outro Moysés, quando desceo do monte, da pratica, que teve com Deos. Ordinariamente depois de Matinas não se recolhia à cella, antes descendo do Coro à Igreja, depois de se dar muitas bofetadas, trazia ao hombro huma pedra mui pezáda em memoria da Paixão do Senhor; e assim discorria com ella por largo tempo, meditando os mysterios de nossa Redempção. A suas orações ajuntava copiosas lagrymas, que derramava tão continuamente, como se houvera sido o maior peccador do mundo. Finalmente sendo Guardião no Convento de Chaves, lhe deo huma prolixa enfermidade, que foi a ultima; e mandando-o o Provincial para o Convento de Braga, por ser mais sadio, antes quiz morrer que desamparar seus subditos, que no mesmo tempo padecião tambem grandes enfermidades. Aggravou-se mais sua doença; e conhecendo que estava já da morte mui vizinho, se preparou com os Sacramentos para a jornada, fazendo actos de contrição, e protestando a Fé Catholica: e como neste tempo visse na mão do Presidente hum livrinho, disse: *Tirai lá o livro morto, e dai-*

me o livro da Vida, em o qual ponho toda minha esperança para alcançar hum fim diuoso; e abraçando a Imagem de hum Crucifixo, dando em suas Chagas devotissimos osculos, chorando com saudades da eterna Bemaventurança, entre actos de amor Divino faleceo santissimamente; depois de enterrado sete annos, he fama que foi achado seu corpo incorrupto.

5 A este tempo, que nos não foi possivel averiguar fixamente o anno, pertence hum Veneravel Religioso chamado Fr. Claudio, Francez de nação, filho da Provincia de Aquitania, que pela fama, que ouvia da perfeição de vida, e rigor, com que se tratavão os filhos da Provincia da Piedade, veio de França buscar esta Provincia, para viver nella. Morou alguns annos em o Convento, que temos em Elvas, e era notavel a devoção, que lhe tinha a gente daquella Cidade pela virtude, que nelle via; encomendavão-lhe lhes fosse fazer alguns Sermões, de que elle se escusava, porque a lingua se não accommodava à pronunciação Portugueza; com tudo não podia livrar-se de suas instancias, porque o convencião, dizendo, que só querião que apparecesse no pulpito, que isto lhes bastava por Sermão. Tinha particular cuidado de se ac-

commodar com as ceremonias, e creação desta Provincia, e parecer hum dos Frades della; pelo que fazendo por vezes algumas cousas, a que se não conhecia o fim, por que as obrava, quando lho perguntavão, respondia, que fazia aquillo por se parecer com os outros Frades. Teve algumas praticas com hum Embaixador, que de Suecia veio a este Reino no principio de sua acclamação; e nestas o reduzio à Fé Catholica, estando antes inficionado com os erros de Luthero: tomou depois o habito de nosso Padre, e ha poucos annos vivia em o Convento de Ara Cæli em Roma com grande opinião, e exemplo. Com o Embaixador assim reduzido passou Fr. Claudio a Jerusalem visitar os Lugares Santos, onde Christo obrou os mysterios de nossa Redempção; porque se ao visitar aquelles Lugares Santos chamou S. Jeronymo a parte da Fé, talvez pelo que a fomenta, para fomentar nella ao novo converso, além da devoção, que o moveria, o levou Fr. Claudio visitar aquella Cidade Santa de Jerusalem, que foi o theatro da Paixão, e afrontas do Rei da Gloria. Nesta Cidade, estando huma sexta feira em oração no lugar do Santo Sepulchro, acabou suavissimamente a vida: venturoso dia

^a
D. Hier.
Epist ad
Defid.

para morrer ao mundo, grande lugar para reluscar à Gloria.

C A P I T U L O XX.

Do qua tragesimo-tercio Ministro Provincial, e de alguns Religiosos de seu tempo.

NO fim do triennio do Irmão Fr. Pedro de Celorico, de commissão do Reverendissimo Padre Fr. Martinho do Rosario, Commissario Apostolico neste Reino, veio visitar a Provincia o Padre Fr. João de Villa-Real, da Santa Provincia de Santo Antonio, onde era Definidor. Concluida a visita, se congregarão os Vogaes em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa para a celebração do Capitulo, onde em dezesete de Abril do anno de 1649. presidindo o sobredito Padre Commissario Apostolico, sahio eleito em Provincial o Irmão Fr. Lucas de Castello Mendo; em definidores os Irmãos Fr. Balthazar da Guarda, Frei Jeronymo de Estremoz, Fr. Pedro de Sima do Douro, Frei Francisco de Lisboa; e em Custodio Fr. Manoel de Braga. A seu tempo, na mesma Casa da Piedade em finco de Novembro do seguinte anno de 1650. fez o Irmão Ministro a sua Congregação, presidindo nella; e

Fr. Lu-
de Cast-
Mendo-
Provinc-
43-

governou seu triennio louvavelmente, como Religioso mui regular que era.

2 Acabado seu triennio, ficou morador na Piedade de Villa-Viçosa, onde continuou, livre já das pensões do officio, que não deixão de levar muito tempo, sua exemplar vida: era grande a pontualidade, com que assistia ao Coro, sendo assim que a idade estava pedindo neste ministerio alguma dispensa. De hum achaque, que lhe sobreveio, ficou surdo, e por esta causa, como não ouvise aos que rezavão do outro Coro, cà fóra rezava todo o Officio Divino: levantava-se todas as noites pelas onze horas, rezava na cella Matinas; e supposto que as tinha rezado, quando a Comunidade hia à meia noite ao Coro, elle infallivelmente assistia com os mais naquelle tempo, se algum achaque lho não impedia. Mostrava notavel brandura, e entranhas de caridade aos noviços: muitas vezes depois das Horas Diurnas se ficava com elles em o Coro, e alli os consolava, e confortava na perseverança, ensinando-lhes as ceremonias com tanta affabilidade, e lhaneza, como se fora hum delles. Em santos, e piedosos exercicios perseverou até à morte, de que parece teve conhecimento; porque sendo Vigario Provincial

o Irmão Fr. João de Estremoz, indo elle com outros Religiosos graves de Villa-Viçosa àquella terra assistir à trasladação do Santissimo Sacramento, que com solemnidade se fazia da Igreja do Convento antigo para a do novo, que então se fundava, convidando-o que os acompanhasse, elle que devia já saber de outra jornada, a que estava propinquu, ainda que naquelle tempo se achava bem disposto, a resposta, que lhes deo, foi pedir-lhes, que quando viessem de Estremoz lhe rezassem hum Responso na sua sepultura. O successo mostrou que não fora dito a caso; porque vindo o Vigario Provincial com os mais de Estremoz, para Villa-Viçosa, o achárão já enterrado, e lembrados do que lhes pedira, lhe disserão na sepultura o Responso.

3 Por este tempo florecerão muitos Religiosos com fama de virtude, dos quaes supposto tenhamos pouca noticia do que obrárão, poremos aqui com tudo o pouco, que delles sabemos, para que de todo se não perca sua memoria. He o primeiro hum Fr. Francisco de Braga Confessor devotissimo, de quem só tiverão cuidado os de seu tempo de deixar-nos em lembrança sua exemplar morte; mas desta podemos conjecturar a sua santa, e religiosa vida;

Fr. Franc.
de Braga
Sacerdote.

que estes dous contrarios não o são em tudo, antes ordinariamente se corresponde hum ao outro como eco. Commettido da ultima enfermidade, conformando-se com a vontade Divina, soffreo com tão grande paciencia as molestias, que deixou a todos admirados sua constancia, e resignação no beneplacito Divino. Trazendo-lhe à Enfermaria o soberano Viatico para a jornada, atou hum corda ao pescoço, e com humas varas, que tinha já preparadas para este effeito, começou a castigar seu corpo rigorosamente, e com hum rio de lagrymas pedio perdão aos Religiosos de seus erros, e máo exemplo, que lhes tivesse dado. Recebido o Santissimo Sacramento, pedio ao Guardião que depois de morto, mandando-lhe atar hum pedra ao pescoço, o lançassem em hum muladar, porque se julgava indigno de sepultura Ecclesiastica: e no ultimo symptoma se prostrou na terra a exemplo de nosso Serafico Patriarca, e com grande paz, e quietação em o Convento do Sardoal entregou a alma a seu Creador em vinte e cinco de Novembro de 1649.

Fr. Diogo
de Coim-
bra Sacerd.

4 No seguinte anno de 1650. fez a mesma jornada o Irmão Fr. Diogo de Coimbra Prégador, Religioso mui regu-

lar, e penitente. Resplandeceo muito na virtude da paciencia, que mostrou bem nas grandes dores, que padecia da gota, que o aleijarão de pés, e mãos; mas nem com tudo isto deixava de frequentar o pulpito, e confessorio, ainda que à custa de grande trabalho seu. Se-meava em hum lugar, como Lavrador Euangelico, porque prégava com muito fervor, para colher no outro, em que teve particular graça do Senhor; porque de tal sorte encaminhava aos penitentes, e taes conselhos lhes dava, que ficavão cheios de consolação, e espirito. Foi profunda sua humildade, e por ella mereceo ainda nesta vida a exaltação, que Christo promette no Euangelho; ^a porque indo a Vizeu to- Luc. c. 11. v. 18. mar Ordens, perguntando-lhe o Bispo donde era natural, como lhe respondesse que de Coimbra, lhe disse então o Bispo que elle estivera muitos annos em Coimbra, e que não podia deixar de conhecer a seu pai; ao que respondeo o verdadeiro humilde: *Vossa Illustrissima não conheceo meu pai, porque era hum pobrezinho alfaiate, que morava em tal rua.* Com esta resposta, assim o Bispo, como muitos, que estavam presentes, formarão delle grande conceito, e o Bispo foi dalli em diante seu particular affeiçãoado; e lo-

logo alli diante de todos o louvou com amplissimas palavras, dizendo que era Religioso perfeito, e verdadeiro filho de São Francisco. Sobre esta primeira pedra da humildade levantou o edificio das mais virtudes, que rematou em huma morte mui venturosa, depois de receber todos os Sacramentos, em o Convento de Aveiro, onde tem sua sepultura.

5 No mesmo Convento passou ao Senhor, no mesmo anno, Fr. Manoel de Coimbra Religioso observantissimo, mui dado à oração, e tão zeloso da salvação das almas, que por este respeito assistia continuamente no confessorio. Algumas vezes foi Guardião; mas como era muito humilde, não aceitou outras Prelacias, que se lhe offerecêrão. Ultimamente acabou seus dias com fama de santidade, que cresceu mais, quando depois de dez annos passados, abrindo-se a sua sepultura, se achou a carne branca como a neve, sem genero algum de corrupção.

CAPITULO XXI.

Memoria do servo de Deos Frei Boaventura de Fronteira.

1 **M**Aior he a fama, e opinião de santidade, que nos deixou o Irmão

Fr. Boaventura de Fronteira, do que a noticia, que temos de suas grandes virtudes. Ainda hoje são vivos alguns dos que o conhecêrão; e quando os inquirimos nesta materia, respondem-nos com generalidade, dizendo que com perfeição se exercitava em todas, particularmente em a da oração, que continuou com tanto fervor, e espirito, que veio a alcançar o nome de Extatico entre os Religiosos de seu tempo. Huma breve memoria nos veio à mão, em que tambem achamos acclamações genericas, com muito pouco particularizado: escreveremos aqui esta, e não se perderá de todo a lembrança deste Veneravel Religioso.

2 Foi elle natural da Villa de seu nome, e seus pais das primeiras familias della: tomou o habito em o nosso Convento de Santo Antonio de Portalegre, onde acabado o anno do noviciado, professou em trinta de Julho de 1617. Ordenado Sacerdote, celebrava com muita devoção todos os dias, que não era impedido com doença, ou outro urgente estorvo; e depois subindo ao Coro, ouvia todas as mais Missas, que na Igreja se dizião. Poz tão particular cuidado em macerar o corpo com jejuns, e abstinencias, para que assim o tornasse mais apto para servir ao espiri-

rito , que além dos jejuns de obrigação , que passava com grande rigor , muita parte do anno sómente tomava pão , e azeitonas , ou alguma fruta ; mas disto sempre com tanta medida, que furtava ao corpo grande parte do necessario. Estranhava grandemente fallarem nos defeitos do proximo , por leves que fossem ; nem de sua boca se ouvio palavra de murmuração : para o que o ajudava muito o natural candido , e fingelo , lançando tudo sempre a melhor parte. A oração era seu total emprego , nella gastava todo o tempo , que podia tirar aos exercicios da Religião , e parecia andar sempre em continua contemplação das cousas Divinas. Muitas vezes succedeo , particularmente sendo Guardião , em que forçosamente por causa do officio havia de ser mais buscado dos Religiosos , acharem-o como alienado , sem fallar a proposito do que se lhe dizia : outras , chegando a responder , era como quem se levantava de hum profundo , e pezado sono.

3 De crer he que quem continuava com tanto fervor este santo exercicio , receberia nelle muitos favores do Ceo , e consolações Divinas ; mas nenhuma noticia nos ficou dellas , ou por falta de curiosidade de quem as notasse , ou pela vi-

gilancia , com que elle se recatava ; que os servos de Deos , para que as tenham seguras , e lhes sejam continuadas , seguem aquelle documento de Jeremias : ^a que he bom esperar com silencio as saudaveis visitas de Deos. Do amor , que tinha a este Senhor , e ao proximo , era bom testemunho a grande paciencia , com que ainda depois de velho , e muito achacado , ouvia as confissões dos maiores peccadores , desejando summamente apartallos de offenderem a Deos ; para o que no fim dellas lhes fazia suas praticas com tanto zelo , espirito , e fervor , que os obrigava a compunção por mais empedernidos que fossem , levantando-se de seus pés com grandes protestos de não offenderem mais a seu Creador. Sómente duas vezes o fizeram Guardião ; porque na anticipação , com que lhe sobrevierão os achaques , teve sua humildade com que se escusar das Prelacias : e não carece de mysterio , que não sendo mais que duas vezes Prelado , o fosse de duas casas , que se intitulão do Nome de Jesus , como he o Convento do Bom Jesus de Barcellos , e o do Bom Jesus de Valverde , não havendo outra em toda a Provincia , que tenha tal Orago : parece foi disposição Divina , pela singular devoção , que elle tinha a ef-

a este Santissimo Nome. Estas Guardianias fez com muito zelo da Religião, e exemplo de sua pessoa, sendo nas Communidades o primeiro, e nos jejuns, e mais exercicios de mortificação o mais austero, e rigoroso.

4 Nem com ser deste modo para si, era carregado aos subditos, antes os communicava com muita brandura, e affabilidade, tendo-se em todas as acções por menos que todos, o que lhe procedia de ser dotado de hum profunda humildade, fundamento de todas as virtudes. Assim foi passando humma innocente vida, cheia de enfermidades, e achaques, que se lhe augmentarão com a idade, e de que padeceo, mas com admiravel paciencia, terribilissimas dores; convem a saber, pedra, mal de ourina, e ultimamente lhe deo o ar duas vezes, que lhe tolheo a mão esquerda de tal modo, que se não podia della ajudar para serviço algum, e toda aquella parte sentia leza; e assim se ajudava de humma muleta, porque não podia andar sem muito trabalho. Poz termo a este com humma placida morte, que o achou em o Convento de Santo Antonio da Villa do Redondo, disposto para ella com os Sacramentos da Igreja, em finco de Dezembro de 1649. Seu

corpo foi sepultado em o commun Cemeterio dos Religiosos, na quarta sepultura das que estão divididas com lages pretas, em o pano, que vem da porta da Capella para o Capitulo; e sua alma foi lograr no Ceo o premio, como piedosamente cremos, que sua religiosa vida mereceo em a terra.

CAPITULO XXII.

De outros Religiosos de seu tempo.

1 **E**M o Convento do Bom Jesus do Monte, meia legua da Villa de Barcellos, descansou em o Senhor o Ir.^{Fr. Gonfalo de Guimarães} Fr. Gonfalo de Guimarães, que na flor de sua idade tomou o habito nesta Provincia, na qual foi muitas vezes Guardião, e depois Provincial, e em todas as occasiões se mostrou espelho de bom exemplo, e outro Elias no zelo da Religião. Acabado o triennio de seu Provincialato, se retirou para este solitario Convento, onde viveo trinta annos continuos, entregando-se em todos estes com grande cuidado à oração, vigílias, jejuns, e mais obras de penitencia. Na contemplação dos Divinos Mysterios assistia de dia, e de noite, e no Coro a todas as Missas, que na Igreja se dizião. Celebrava
com

com grande piedade , e com muita devoção , e lagrymas tratava o Divinissimo Sacramento , que erão mais copiosas quando commungavá. Amava grandemente o silencio , por cujo respeito escolheo morar tanto tempo no sobredito Convento , por ser apartado da communicação , e trato dos seculares ; e não só com estes , mas ainda com os Religiosos raramente fallava : por este respeito procurava sempre viessem para aquella casa Frades os mais regulares , e dados ao exercicio da oração. Muito de madrugada hia para o Coro , e como em preparação para orar se disciplinava rigorosamente : tinha trez differenças de disciplinas , para usar dellas segundo sua devoção , e depois que já não podia por sua muita velhice , levantar-se da cama , se disciplinava com humas de corda de viola. Todas suas deprecações acompanhava com lagrymas , em que se desbrochava facilmente por dom do Altissimo ; succedendo muitas vezes quando descia à cerca , que he naquelle Convento espaçosa , e solitaria , ser tal o fervor de espirito , que se abraçava com as arvores , lançando ao Ceo muitos suspiros , e ordinariamente tão altos , que se ouvião no Convento. Mais por exercicio da virtude , que por ne-

cessidade frequentava o Sacramento da Penitencia com grande humildade , e sumissão.

2 Era muito abstinente ; não comia mais que o que era precisamente necessario para passar a humana vida ; e muitas vezes deixando intacta a razão , que lhe punhão diante , pedia ao Porteiro que a dêsse aos pobres ; e tendo elle este officio em o nosso Convento do Porto , passou huma Quaresma totalmente descalço , e só com pão , e laranjas : e se alguma cousa de regalo lhe mandavão seus parentes , tudo dava aos pobres. Não lhe faltáram tribulações em sua vida , as quaes levava com muito soffrimento , levantando as mãos para o Ceo , e dando a Deos as graças. Quando Provincial , nem hum fatia de pão levava pelos caminhos , entregue totalmente à providencia Divina : e succedendo fazer noite em algum Convento de outra Provincia , calava o officio , que tinha , para que o não tratassem com respeito ; porque sempre andava buscando occasiões , em que exercitar a humildade. Pelo grande zelo , que tinha da Religião , e esplendor da Provincia , a todos os Capitulos mandava muitas folhas de papel cheias de advertencias , concernentes ao bom governo , e augmento da Regular obser-

vancia. Depois de passadas muitas mortificações, vigílias, e penitencias, em que se exercitou mais de sessenta annos, sem querer gozar das poucas, e limitadas izenções, que se concedem na Provincia aos de sua dignidade, e velhice, chegou ao fim da vida, sendo de oitenta annos.; e recebidos os Sacramentos da Igreja, faleceu no de 1650. Seu rosto, que em quanto vivo estava cheio de rugas, depois de morto ficou formosissimo. Tanto que se soube de sua morte na Villa de Barcellos, vierão logo muitos dos principaes ao Convento, e se voltárão, levando das unhas, e dos cabellos do cêrcilio do servo de Deos, estimando isto por reliquias; e pela fé, que tinham nellas, hum destes as applicou a hum menino, que estava moribundo, e logo sarou, e foi folgar com os outros de sua idade.

3 No mesmo anno passou ao Senhor o Irmão Fr. Pedro do Rosmaninhal, Lugar em o Bispado da Guarda, Prégador dotado de muitas virtudes, e do zelo da salvação dos homens, que quando no mundo estava mais favorecido de suas esperanças, se sahio d'elle, e tomou o habito em a nossa Provincia. Foi devotissimo da Virgem Senhora nossa: nunca deixou de rezar o seu Officio me-

nor, com outras devoções, por mais occupações, que tivesse. Com muitas, e graves enfermidades o provou o Senhor, nas quaes, como outro S. Paulo, se gloriava, soffrendo-as com maravilhosa paciencia. Foi mui sincero, manso, e humilde; e com a oração, em que foi estremado, e mais exercicios de penitencia, fez caminho para o Ceo em hum dia conhecido antes por elle; porque cahindo em cama o segundo de Março de 1650. perguntou o enfermo de quem se rezava dahi a oito dias; e como lhe respondesse que de Santa Francisca Romana, disse o doente, que naquele dia havia de entregar a alma a seu Creador. Assim succedeo: passou elle aquelle oitavario muito alegre; e perguntando-lhe neste tempo hum Religioso, se tinha algum escrúpulo que confessar, respondeo-lhe com estas palavras: *Com meu Deos tenho já rematado contas.* Abraçou-se então com huma Imagem de Christo crucificado, e pedindo-lhe perdão de seus erros, entre amorosos colloquios acabou a vida. Tem sua sepultura em o Convento de Santo Antonio de Aveiro.

4 Igual opinião de virtude deixou tambem de si o Irmão Fr Nicoláo de Villacova, Villa no Bispado de Coimbra, Sacerdote dignissimo, que na flor

Fr. Nicoláo de Villacova Sacerdote.

de sua idade, não forão poderosas as cadeas das riquezas; de que a fortuna dotou liberalmente a seus pais, para o prenderem; antes soltando-se de tudo o que lhe podia servir de embaraço, veio buscar a Deos na Provincia da Piedade. Pouco tempo depois que tomou o habito, morreo a seus pais huma só filha, que lhes ficára; e vendo-se sem filhos, da casa, em que moravão, fizeram hum Hospital para os pobres; e tomando o habito da Terceira Ordem de nosso Padre S. Francisco, resplandecerão em humildade, e desprezo do mundo; e alli servindo aos pobres, morrerão santamente com grande exemplo, e edificação de todos. Na mesma casa, antes de Hospital, vivia tambem com elles hum seu parente, o qual a exemplo de Fr. Nicoláo, tomou o habito nesta Provincia: de todas as quaes cousas se alegrou grandemente o santo Religioso, dando a Deos as graças por estas conversões. E como por amor das celestiaes riquezas tinha deixado os bens temporaes, foi mui deseioso da santissima pobreza. Por qualquer defeito derramava muitas lagrymas, como se fora a maior culpa; virtude, que tirava da oração, em que se occupava grande parte do dia, e da noite. Assim foi passando huma

perfeita, e innocente vida, até que o buscou a morte com huma grande enfermidade, acompanhada de terriveis dores, que elle soffreo com pacifico, e tranquillo animo, resignado na vontade Divina, e dando-lhe as graças, pelos beneficios, que lhe tinha feito; o que acabado de pronunciar, passou ao Senhor, havendo recebido devotamente os Sacramentos. Foi seu transito em o anno de 1651. no Convento de S. Fructuoso de Braga, onde tem sua sepultura.

CAPITULO XXIII.

Do quadregesimo-quarto Ministro Provincial: e de alguns Religiosos de seu triennio.

A Cabado o triennio 1653 do Irmão Fr. Lucas de Castello Mendo, havendo visitado a Provincia o Padre Fr. João de Jesus Prégador, Custodio, que havia sido da Santa Provincia da Arrabida, e Vigario actualmente do Hospital Real em Lisboa, se congregarão os Vogaes na Piedade de Villa-Viçosa, onde presidindo o sobredito Padre Visitador de commissão de nosso Reverendissimo Padre Geral Fr. Pedro Manero, em doze de Maio de 1652. sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão

Paulo de Evora, que acabava de ser Secretario do Provincial antecedente. Elegêrão-se em Definidores os Irmãos Fr. Manoel de Portalegre, Fr. Antonio de Viseu, Fr. Agostinho de Fragaço, Frei Diogo de Lagos, em Custodio Fr. Paulo de Monção. Teve o Irmão Ministro a sua Congregação em o mesmo Convento da Piedade a vinte e dous do mez de Outubro do anno de 1653. em que elle presidio, achando-se nella sómente os Definidores, e Custodio congregados; porque supposto até aquelle tempo se achavão em todas as eleições o Padre immediato, e o mais antigo, com tudo apresentou-se hum motu proprio na Meza da Definição do Papa Urbano VIII. que começa: *Alias profelici, &c.* sua data em Roma *apud Sanctam Mariam Maiorem* a trinta de Julho de 1642. no decimo-nonno anno de seu Pontificado, no qual mandava que nas Provincias Descalças, assim de Hespanha, como da India, não votassem os Padres nas eleições. Ainda que este motu proprio foi passado no anno de 1642. com tudo não se teve noticia delle cá no Reino, senão alguns annos depois de sua data, e na nossa Provincia em a presente Congregação; porque como os Prelados Geraes, que

no-lo havião de communicar, não exercitavão sua jurisdicção nas Provincias deste Reino, por respeito das guerras, que havia entre elle, e o de Castella, essa foi a causa de passarem dez annos, sem que viesse à nossa noticia. Em cumprimento pois do sobredito Breve não votárão os dous Padres, com que procedeo só o Provincial com os Definidores, e Custodio às eleições dos Guardiães.

2 Governou Fr. Paulo de Evora o seu triennio com huma inteireza, e prudencia, de que foi dotado; e supposto que achacado, e doente, ainda assim visitou todas as trez vezes a Provincia a pé, sendo tão dilatada. Em seu tempo se lançou a primeira pedra em o Convento novo de Estremoz, como fica dito, quando delle tratámos. Tambem na Piedade antiga, chamado hoje aquelle sitio da gente de Villa-Viçosa communmente S. Francisco o Velho, reedificou a Ermida, que alli havião deixado nossos Religiosos, quando daquelle lugar passárão a primeira vez para mais perto da Villa, pela occasião, que deixamos dito; e em huma pedra, que está sobre a porta da dita Ermida, se vê gravado este letreiro: *A Provincia da Piedade, primeira Capucha de toda a Ordem de*
Ccccc ii nos-

nosso Padre S. Francisco, fez o primeiro Convento neste lugar no anno de 1500. com os favores, e mercês do Serenissimo Senhor Dom Jaime, quarto Duque de Bragança. Mudando-se depois o Convento, ficou aqui huma Ermida, a qual arruinada com os tempos, foi reedificada pela mesma Provincia com titulo de *nossa Senhora dos Anjos*, reinando ElRei *nosso Senhor D. João o IV.* no anno de 1654. Ficou a Ermida novamente reedificada pequena, mas de estremo asseio, como ainda hoje se conserva; o tecto brincado com variedade de pinturas, e as paredes muita parte de azulejos, que não pouco a ornão, tendo os nossos Religiosos cuidado de sua limpeza. He mui frequentada em certos tempos do anno dos moradores de Villa-Viçosa; e verdadeiramente que o entrar nella está infundindo espirito; porque aquellas paredes, e todo aquelle sitio estão ainda hoje cheirando a santidade.

3 No anno primeiro do Provincialato do Irmão Fr. Paulo de Evora deixou a presente por outra melhor vida em o Convento de Santo Antonio de Abrantes em vinte e cinco de Novembro o Irmão Fr. Amaro de Chaves, natural da Villa de seu nome em a Provincia de Tralosmontes. Foi

Fr. Amaro
de Chaves
Sacerdote.

este Veneravel servo de Deos hum Prégador fervorosissimo, e zeloso da salvação das almas, a este fim dirigia seu trabalho, e encaminhava sua doutrina. Era muito exemplar, recolecto, e mortificado, pelas quaes virtudes foi muitas vezes Guardião, Definidor, Custodio, e Visitador da Santa Provincia da Arrabida; nas quaes Prelacias se mostrava como se fora subdito com muita submissão, e humildade. Era muito amigo da solidão; continuamente trazia diante dos olhos os Novissimos do homem, e em memoria da morte trazia dous cordeis pendurados da corda, com que se cingia, hum para lhe atarem as mãos depois morto, e outro os pés; e como os dous cordeis atados pareçam quatro, dizia que erão os seus quatro novissimos: grande consideração para fugir à culpa, maravilhoso modo para ajustar a vida. Era mui frequente no santo exercicio da oração, onde recebeo muitos mimos de Deos, e teve muitos extases; mas tudo isto sabia bem encubrir sua cautela.

4 Morando em o Convento do Bosque, junto à Villa de Borba, foi huma tarde hum homem dos principaes daquella Villa, e particular seu devoto, procurar por elle para lhe falar. Tinha neste tempo o servo de

de Deos entrado para o Capitulo, que he como huma Cappella, que fica no claustro, a cuja porta disse àquelle homem o Porteiro que esperasse sahisse de dentro, e que então lhe fallaria. Fello assim aquelle devoto; mas como visse que Frei Amaro se detinha, chegou-se mais à porta, olhou para dentro do Capitulo, vio que estava o servo de Deos levantado da terra diante de hum Crucifixo mui devoto, e as mãos, e olhos ao Ceo, e que repetia com grande fervor estas palavras: *a Quis mihi tribuat, ut* ⁱⁿ *ego moriar pro te?* São ellas do ^{33.} segundo livro dos Reis, expressivas da ancia, que tinha David de dar a vida por amor de Absalão seu filho; e em Frei Amaro nascidas sem duvida de hum affervorado desejo de padecer martyrio pela Fé de Christo seu Deos. Vendo aquelle devoto a Fr. Amaro nesta forma, com os olhos cheios de lagrymas, nascidas de devoção, se retirou para fóra, deixando ao servo de Deos lograr aquella união, em que com Deos estava. Teve particular devoção com Santa Catharina de Alexandria, e pagou-lha mui bem esta prodigiosa Santa, como paga a todos os que buscão affectuosos seu patrocínio, alcançando-lhe de Deos a salvação, prerogativa singular, que

lhe concedeo o Ceo em dia de seu martyrio, respondendo a huma breve oração, que por seus devotos ^b fez a Santa. Buscou-o a ultima enfermidade no mez de Novembro, e dizendo-lhe hum dia o Medico que estava da morte mui perto, recebeu a nova com grande consolação, como quem desejava tanto ver-se solto das prizões da carne, e estar com Christo. Dispoz-se com os Sacramentos da Igreja; e na hora da morte, como candido Cisne cantando alegremente huns devotos versos a Santa Catharina, em seu mesmo dia na roda da vida humana poz hum cravo, para que se começasse a voltar a roda feliz da eternidade.

5 Em o seguinte anno de 1653. em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes acabou seus dias hum Corista chamado Fr. Pedro da Guarda, que foi filho de pais nobilissimos, que sollicitos de seu augmento o mandarão estudar a Coimbra, onde se dava mais à virtude, que às letras, e era notavel a caridade, que usava com os pobres, dando-lhe quanto podia. Quando seus contemporaneos se entregavão aos divertimentos de moços, que costumão reinar nas Universidades, e perverter boas indoles, elle se entregava a Deos, frequentando os Sacramentos com hum

^b
Deo
Discip.
Serm. de
S. Cath.

Fr. Pedro
da Guarda
Corista.

Padre da Companhia, que costumava dizer: *Este estudante he santo*. Neste tempo foi eleito Thefoureiro Mór da Sé de Lamego; porém não foi poderosa esta dignidade alcançada na idade juvenil, para que se não dedicasse livremente ao serviço de Deos, antes para o poder fazer com mais perfeição, quando todos cuidavão fosse com alvoroço tomar posse, elle com admiração da Universidade fugio para o nosso Convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde lhe lançarão o penitente habito da nossa Provincia.

6 No anno de noviciado com tanta honestidade, e virtude se portou, que parecia templo do Espirito Santo. Dispondo Deos dar-lhe já o premio, pois em pouco tempo tinha adquirido muito, provou-o primeiro com grandes doenças, dores, e cauterios; o que tudo o santo Noviço, já professô na paciencia, soffria com grande animo, e socego, que parecia impassivel: o que vendo hum Religioso, lhe perguntou, se sentia aquelles cauterios, a que elle respondeo: *Sim sinto, mas pacientemente os soffro por amor de Deos*. Acabado o noviciado fez a Profissão já doente, recebeu os Sacramentos, e hum noite depois de Matinas mandou chamar os Noviços seus companheiros, de quem, pro-

gnosticando-lhe primeiro a sua morte, se despedio. Quando já mais propinquo à morte, lançou os olhos pela Enfermaria, e disse aos que estavão presentes: *Chamem ao Irmão Guardião, que venha agazalhar estes dous Frades, que entrão pela Enfermaria, que são Frades de respeito*; depois disse, que via hum veneravel matrona, donde os Religiosos inferirão que tivera algumas visitas do Ceo. Ultimamente pedio hum Imagem de Christo crucificado, e abraçando-se com ella o santo Corista, foi para o Coro dos Santos a cantar eternas Laudes a Deos com os Anjos.

7 Em as Ilhas dos Afllores, na Cidade de Angra, se ausentou da terra para o Ceo hum veneravel velho, chamado Frei Jeronymo do Sardoal; foi dotado de muitas virtudes, e pelos singulares dotes de seu animo, e inteireza de vida, foi eleito em Ministro Provincial, o qual officio administrou com grande satisfação, e acerto. Acabado seu ministerio, se retirou para o Convento da Annunciação de Thomar, para descansar do trabalho passado, e mais livremente vacar a Deos. Durou-lhe porém pouco este socego; porque levantando-se algumas duvidas na Provincia das Ilhas dos Afllores, por pe-

Fr. Jeronymo do Sardoal
Sacerdote

tição dos Religiosos da mesma Provincia foi nomeado pelo Summo Pontifice Ministro Provincial della, para illustrar os principios de sua reformation. O que sabido por elle, começou a escusar-se, dizendo, que era velho, e impedido de hum habitual achaque; mas no tempo, que dava esta escusa, se achou repentinamente são de huma quebradura, que era o impedimento, que allegava, e que havia muito tempo que o opprimia. Conheceo neste milagre que era vontade do Ceo fizesse aquella jornada, pois lhe tinha tirado o que julgava impedimento; navegou logo para aquellas Ilhas, onde em quanto viveo governou aquella Provincia com grande edificação, caridade, prudencia, e justiça. Mas que muito, se em toda sua vida havia sido muito humilde, paciente, benigno, e affavel para todos? Foi tão amigo da santa pobreza, que sendo Guardião no Convento de Ourem, sendo visitado de sua mãe com dadas de caridade, querendo-lhe corresponder com alguns mimos, ainda que de pouco valor, o não fez, sem que primeiro pedisse para isso licença a todos os Frades da Communidade. Estando em fim na sobredita Provincia das Ilhas dos Aflares, adoeceo de huma enfermidade mortal, e

quando o Medico lhe disse que estava propinquo à morte, elle a aceitou com aquellas palavras do Psalmista: *Letatus sum in his, quæ dicta sunt mihi*; e recebendo os Divinos Sacramentos, se partio para os gozos eternos, pelos annos do Senhor 1654. Seu corpo foi honrosamente sepultado na Cidade de Angra, no Convento de nossa Senhora da Guia, cabeça daquella Provincia, em huma Capella consagrada à Anunciação da Virgem Senhora: e com razão; porque para Prelado daquella Provincia, sahio este veneravel velho do nosso Convento de Thomar, que he tambem dedicado a este soberano mysterio.

CAPITULO XXIV.

Do quadregesimo-quinto Ministro Provincial: e de alguns Religiosos, que acabárão em seu tempo com fama de santidade.

I **P**Or commissão de nosso Reverendissimo Padre Fr. Pedro Manero, nos fins do triennio do Irmão Provincial Fr. Paulo de Evora, entrou a visitar a Provincia o muito Reverendo Padre Fr. Pedro do Espirito Santo Prégador, Religioso da santa Provincia da Arrabida, Guardião do Covento de S. José, e Cus-

1655

Fr. Diogo
de Lagos
Provincial
45.

todio, que havia sido. Depois de concluida a visita, congregou o Capitulo em o Convento da Piedade de Villa-Viçosa, onde em dezeseis de Maio de 1655. presidindo o dito Padre *cum plenitudine potestatis*, sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Diogo de Lagos; em Definidores os Irmãos Frei Manoel de Estremoz, Fr. Pedro de Vianna Prégador, Frei Paulo de Beja, Fr. Manoel da Bemposta; e em Custodio Frei Pedro Vianna Prégador. Fez o Irmão Provincial a sua Congregação, em que presidio, na Piedade de Villa-Viçosa, a vinte e nove do mez de Outubro de 1656. e indo depois della na ultima visita, e juntamente na da Provincia dos Algarves, de que fora eleito Visitador Apostolico, adoceo gravemente no nosso Convento de Villa-Nova, onde morreo em doze de Abril de 1657. Foi grandemente sentida sua morte em ambas as Provincias; na nossa por perder hum sujeito dotado de muita prudencia, e zelo, benigno, e affavel para todos; na dos Algarves, por verem a madureza, com que procedia na visita, a satisfação de todos aquelles Padres.

2 Por sua morte congregado o Definitorio em Villa-Viçosa, elegêrão a vinte e sete de Abril do mesmo anno em

Vigario Provincial até o futuro Capitulo ao Irmão Fr. João de Estremoz, Guardião, que actualmente era do Convento de Santo Antonio de Evora. Neste triennio palsarão ao Senhor alguns Religiosos de approvada vida, entre os quaes pelo tempo tem primeiro lugar hum santo Corista; chamado Fr. Manoel de Salvaterra, Villa do Bispado da Guarda em a Provincia da Beira; que assim como foi dado pelo Ceo a seus pais, assim forão suas inclinações mui despegadas da terra. Desejavão muito seus pais ter hum filho, porque tudo lhes nascião filhas; em ordem a este fim forão em romaria a nossa Senhora de Penha de França em Castella; promettendo, que se lhes dêsse hum filho, que o consagrarião a seu serviço, tomando o habito de nosso Padre S. Francisco em a Provincia da Piedade. Ouvio a Senhora sua petição, e aceitou seu voto, e logo do primeiro parto lhes nasceu este filho, a quem forão creando na lembrança do voto, que tinham feito, e elle afeiçoando-se à Provincia, a que o tinham promettido; porém depois de ter idade competente para pagar à Senhora o voto, que seus pais por elle fizeram, vendo-se elles sem mais filho que este, procurárão dissuadillo de seu intento; mas nun-

Fr. Manoel
de Salvaterra
Corista.

ca pudérão acabar com elle, que não tomasse o habito na nossa Provincia. Acabado o anno de noviciado, professou com fatisfação de todos; não viveo porèm muitos annos, pois só finco teve na Religião; porque vindo morador para Fronteira, lhe deo a ultima enfermidade, de que morreo. Pareceo a doença de pouco perigo, porque erão humas terçans ordinarias; porèm pelo decurso della veio o enfermo a estado, que se não podia voltar para nenhuma parte, se o Enfermeiro o não meneava; ainda que no mais nunca deo signal algum de mortal a doença. Entrando hum dia a visitallo hum Religioso, lhe disse Frei Manoel, que havia de morrer dia de nosso Padre S. Francisco, sendo isto hum mez antes daquelle dia; e accrescentou mais, que sua mãi havia de mandar hum moço a Evora a certo negocio que lhe havia de escrever; mas que já a carta o não havia de achar vivo: que lhe pedia a abrisse, e respondesse a sua mãi, consolando-a no sentimento de sua morte.

3 Chegou o dia de nosso Padre, entrou de manhã o Enfermeiro a visitar o doente, elle lhe pedio que fosse chamar ao Guardião, e mais Religiosos, que queria morrer; o que o Enfermeiro teve por delirio,

por julgar não estava ainda tão perto daquella hora, pois o não mostrava a doença; com tudo deo o recado ao Guardião. Veio elle com os mais Religiosos à Enfermaria, perguntou a Frei Manoel se queria morrer; a que respondeu: *Sim quero, mande-me o Irmão Guardião dar o Sacramento da Extrema-Unção* (tinha já recebido os mais) *e juntamente que merezem os Religiosos o Officio da Agonia.* Tudo assim se fez, como o doente pedia, não sem repugnancia de alguns, que lhes parecia não ser ainda tempo: despedio-se o enfermo dos Religiosos, pedindo-lhes perdão de algum máo exemplo, que lhes tivesse dado, e a Deos de seus peccados, e de tudo o que tinha delinquido contra a Regra, que professava. Tornou então o Guardião a perguntar-lhe, se queria morrer, e respondendo que estava pelo dito, chamou o Enfermeiro, a quem pedio lhe compuzelle os pés, enfro-nhasse as mãos, e puzesse o capello na cabeça, como se estivera já defunto: o que tudo fez o Enfermeiro rindo-se, e perguntando-lhe se ficava a seu gosto, porque a todos parecia ser aquillo trêsvalio da doença. Perguntou-lhe terceira vez o Guardião, se queria ainda morrer, e respondendo o mesmo que antes, cerrou os olhos: o

Ddddd

que

que vendo o Guardião, chamou por elle; porèm Fr. Manoel estava já na outra vida.

4 Não houve dos circumstantes quem se não desfizesse em lagrymas, invejando tão santa, e placida morte; que foi no sobredito dia de nosso Padre, profetizado por Fr. Manoel hum mez antes, no anno de 1655. com seis de Religião, e vinte e dous de idade. Levá-lo à Capella, para lhe fazerem os Officios funeraes, a cujo tempo chegou hum criado da mãe do defunto, que lhe trazia huma carta, e passava a Evora, o que tudo Fr. Manoel tinha predito antes. No tempo, que isto succedia em Fronteira, se vião também notaveis effeitos em Salvaterra; porque na noite antecedente ao dia de nosso Padre S. Francisco, em que Fr. Manoel morreo, muito de madrugada, começou a cantar a mãe por largo espaço; o que advertindo huma filha sua, lho estranhou muito, dizendo que se depois de viuva ninguem a vira senão chorar, que diria quem passasse pela rua, senão que aquillo era tresvalio. Ao que a mãe respondeo, que a deixasse cantar, que não podia vencer o impulso, que a isto a incitava; e levantando-se muito de manhã, foi à Igreja, mandando dizer huma Missa dos Anjos, por particular moção,

que a isto a impellia; a qual acabada voltou para casa, e esteve chorando dous, ou trez dias, sem saber a causa, que para isto tivesse, até que veio o moço, que tinha enviado a Evora, com a nova da morte do filho.

5 Floreceo outrossi neste triennio o Irmão Fr. Boaventura de Villa Real no Arcebisado de Braga, Religioso em cujo coração ardia para com Deos hum amor muito grande, e para com os proximos huma caridade mui ardente. Continuamente trazia na boca estas palavras: *Benedictus Deus*: e para mais assistir na Divina presença, dormia muito pouco; porque depois de Matinas, quando os outros Religiosos se recolhião a descansar, elle ficava velando no Coro na contemplação dos Divinos Mystérios. Dispunha-se primeiro para esta com huma larga disciplina; exercicio, que sempre observou, ainda que fosse de jornada, e por mais cansado que chegasse do caminho. Convidado por hum Conego de Braga, para ir a huma sua quinta com mais alguns Religiosos; depois da noite, recolhendo-se todos, elle esteve trez horas prostrado em oração; e como o Conego, que o espreitava, o visse naquella forma, o teve dalli por diante em

Fr. Boaventura de Villa Real Sacerdote

maior estimação, e o venerava como a Religioso Santo. Era grande a devoção, que tinha com as almas do Purgatorio, ajudando-as com muitos suffragios, e orações; todos os dias rezava o Officio de defuntos, e ainda pelos caminhos, demais deste, dizia tambem o Nocturno do mesmo Officio, que costumamos rezar em os nossos Conventos, quando sahimos do Refeitório à Capella. Foi inimigo da ociosidade; em todo o tempo estava occupado, porque ou orava, lia, ou ouvia confissões, e no mais que restava destes espirituaes exercicios, muitas vezes cortava lenha, que trazia às costas para os cozinheiros.

6 Era mui manso, e a todos tratava benignamente; e posto que Guardião, e Definidor, sempre foi o mesmo, servindo a todos em tudo o que podia. Quando Guardião, as vezes, que o Corista não tangia pela pela madrugada ao pelle, elle o fazia; depois do qual descendo com grande pressa à cozinha, accendia fogo, fazendo o mais, que estava à obrigação do cozinheiro, e escondidamente sahia da cozinha, por não ser visto. Como amava tanto esta virtude da humildade, sempre se occupava nos officios mais baixos da casa; assistia com grande cuidado aos

doentes; e posto que Prelado, hia-lhe despejar os vasos mais immundos. No tempo do silencio meridiano, para que o Sacristão descansasse, elle lhe punha os frontaes, e concertava os Altares. Não podia o demonio soffrer tanta virtude, e humildade; e assim sendo este servo de Deos Guardião em o Convento de Azurára, o tratou pezadamente o principe da soberba; porèm nem com isto desistio de seus virtuosos exercicios; nos quaes perseverando, e sendo Guardião em o Convento de Santo Antonio dos Olivaes, cheio de annos, e merecimentos: passou ao Senhor no anno de 1657.

7 No mesmo anno, em o Convento de nossa Senhora do Seixo, junto ao Fundão foi lograr o premio de suas virtuosas obras o Irmão Fr. Luiz de Sousa, Lugar no Bispado de Coimbra, Prégador verdadeiramente Apostolico, por mui zeloso da salvação das almas. Em sua mocidade se deo às letras, e assim na Theologia, como no Direito Canonico sahio mui perito; mas quando todos cuidavão colhesse no seculo o fruto de seus estudos, elle deixando o mundo com suas promessas, tomou o penitente, e remendado habito da nossa Provincia. Foi incansavel ministro do Euangelho, de extremada paciencia, rara humildade, e

Fr. Luiz de
Sousa Sa-
cerdote.

singular desprezo de si mesmo. No dia, em que prégava, não só dizia Missa, mas também era acolito de outra. Nunca afentado, senão em pé, ou de joelhos rezava o Officio Divino, e sem alguma interrupção, ainda que algum Religioso entrasse na sua cella, quando o rezava. Era tão amigo da oração, que para que sempre tivesse despertador para ella à vista, tinha sempre sobre a sua cama huma Imagem de Christo crucificado, em cuja presença estava fervorosamente orando. Foi mui abstinente, e na tigela de caldo, que lhe punhão, lançava cinza, com que lhe tirasse algum gosto, que tivesse, e a tornasse defabrida, além de outras mortificações deste genero, que pela sua muita cautela não forão conhecidas. Nunca sahio de sua boca nem ainda huma minima palavra de murmuração; porque todas dirigia, ou a louvor de Deos, ou a proveito do proximo, e nisto punha particular cuidado. Eleito Guardião, começou a chorar; mas inclinando a cabeça, partio para a Guardiania, na qual fazia observar com grande rigor os louvaveis costumes da Provincia. Finalmente passando assim huma innocente vida, lhe deo huma aguda febre, com cuja força lhe sobrevierão frenезis, e nelles o que fazia era

levantar-se, e pôr-se de joelhos diante do Oratorio; mas recuperado em breve o juizo, devotissimamente recebeo os Sacramentos; e conhecendo os ultimos termos da vida, affirmava que estava mui vizinho da morte, e encommendando-se a Deos neste conflicto, acabou ditosamente seus dias em o Convento de nossa Senhora do Seixo, onde tem sua sepultura.

8 A este tempo, por não sabermos o anno fixo, reduzimos outro veneravel Religioso chamado Fr. Domingos de Lisboa, que supposto veio tarde à vinha do Senhor, levou o premio dos primeiros jornaleiros. Sendo Corregedor na Cidade de Beja, ouvindo Missa em o Convento, que em aquella Cidade temos, lhe appareceo o Menino Jesus em a Hostia; e como que entendesse daqui que o chamava para a nossa Provincia, sendo depois Corregedor em Coimbra, e já velho, deixou o mundo, e foi tomar o habito no nosso Convento dos Olivaes. Sendo Ministro, satisfazia tão bem ao seu officio, que vindo para receber o habito, encontrando no caminho hum criminoso, o levou à cadeia, e depois veio tomar o habito; e perguntando-lhe hum Religioso, porque fizera aquillo, respondeo, porque ainda tinha a vara de El-

Rei

Fr. Domingos de Lisboa Superior.

Rei na mão. Reluzio nelle muito a virtude da paciencia; porque penitenciando-o o Guardião com mais alguma aspereza que os outros noviços, ou para provar seu espirito, ou por particular impulso do Ceo, que como havia de viver pouco, o queria aperfeiçoar com o merecimento, elle sobre paciente levava alegre as penitencias. Não lhe impedia a velhice o assistir com os mais noviços a todo o trabalho, antes se achava neste com tanta promptidão, e diligencia, como se fora moço. Quando fallava com os noviços seus companheiros, a sua conversação era do Ceo, louvores de Deos, e de sua Mãe Santissima, cuja devoção ardia em seu peito fervorosa. Professou ultimamente; e mudado do Convento dos Olivaes para o de nossa Senhora do Seixo, à sua sombra morreo, recebidos todos os Sacramentos, e por hum triennio de serviço mereceria ver eternamente a Deos hum em essencia, e trino em Pessoas.

CAPITULO XXV.

Fundação do Convento de nossa Senhora da Piedade em Cabo-Verde.

DA parte mais Occidental de Africa, que chamão Guiné, sahe huma gran-

de ponta de terra ao mar, a que puzerão por nome Cabo-Verde, que para o Ponente faz rostro a humas dez Ilhas, que lhe ficão afastadas cem leguas, a quem por esta causa dá o nome, chamando-se as Ilhas de Cabo-Verde. He a principal, e cabeça de todas a de Sant-Iago, assim chamada, porque foi descuberta em o primeiro dia de Maio do anno de 1640. em que a Igreja celebra juntamente com S. Philippe a este Sagrado Apostolo. Fica ella em quatorze grãos, e dous terços do Septentrião: he mui frágil, e de grandes penedias: comprehende seu Inverno os mezes de Setembro, e Outubro, nos quaes sómente chove; pelo que he seu clima pouco sadio, principalmente na Cidade, por estar fundada em sitio desconveniente, qual he o ficar entre dous ferros, que lhe estão imminentes quasi a pique, em altura de cem braças: e succede muitas vezes, pelo tempo das aguas, despedirem-se grandes pedras do mais alto delles, que fazem grandes estragos nas casas da Cidade.

² No mesmo anno, em que se descubrirão estas Ilhas, teve cuidado o Pai de Familias enviar operarios a esta nova vinha, escolhendo para plantarem nella a verdadeira Fé os primeiros Missionarios da Religião

gião Serafica ; qual foi hum Fr. Rogerio , Francez de nação , com outro Religioso , que o acompanhava ; ambos infatigaveis Ministros do Euangelho. E como o principal intento dos piedosos Reis de Portugal em seus descobrimentos , e conquistas , era amplificar a gloria de Christo , e dilatar os limites da Igreja Catholica , em todo o tempo cuidarão com particular attenção enviar Missionarios a estas Ilhas , para a conversão daquella gentildade , e propagação do Sagrado Euangelho. Com este cuidado brevemente se dilatou nellas a Fé , atè que no anno de 1643. se erigio Cathedral na Cidade de Sant-Iago , com que foi correndo aquella Christandade com prospero successo , que durou atè nossos tempos , em que se vio com alguma falta ; porque como alguns annos depois da feliz acclamação de ElRei D. João o IV. morresse o Bispo daquellas Ilhas , e o Summo Pontifice não quizesse dar Bispos a este Reino , e suas Conquistas , à instancia do Rei novamente acclamado , por requerimento , que sobre isto fazia o de Castella ; com a falta de Pastor faltou tambem quem lhes administrasse o pasto espirital , o que não fez naquella Christandade pouco dano.

3 Para melhor remedio delle determinou o Catholico ,

e piedoso Rei edificar na Ilha de Sant-Iago hum Convento , donde sahisse a administrar a palavra de Deos , e os Sacramentos nas mais Ilhas : e como pelo antigo trato , e experiencia , que tinha dos nossos Religiosos da Piedade , conhecesse a isenção , com que obra-vão , o que he grande ajuda para o bom successo das Missões , della os escolheu para o habitarem. Fez a saber esta sua resolução ao Provincial , que então era Fr. Diogo de Lagos ; o qual na sua Congregação , que celebrou em Villa-Viçosa a vinte e nove de Outubro de 1656. enviou para este effeito , e Missão oito Religiosos , que voluntariamente se offerecêrão ; e por Prelado do novo Convento , que se havia de fundar , a hum Fr. Boaventura de Villa Real. Chegárão estes a Lisboa a tempo , que o Rei estava mortalmente enfermo , e já sem alguma esperanza de vida : recebeo-os elle com aquelle agrado , que sempre nos mostrou , teve os comsigo todo o tempo da doença ; e vendo se lhe chegava a morte , pedio a hum dos Religiosos despi-se o habito , que trazia vestido , e lho dêsse para nelle ser amortalhado ; que como tinha herdado de seus Serenissimos Avós , os Duques de Bragança , a particular devoção , que sempre ti-

verão a esta Provincia, quiz
tambem seguillos na honra, que
todos lhe fizerão, em levarem
seu habito à sepultura.

4 Huma das cousas, que
o Rei deixou mais encommen-
dada à Rainha, e Principe, foi
esta Missão de Cabo-Verde;
e assim supposto que por sua do-
ença, e morte, se retardou al-
guns dias, não forão muitos;
porque em Dezembro do sobre-
dito anno de 1656. partirão os
oito Religiosos para Cabo-Ver-
de, e em dez do seguinte Ja-
neiro, aportarão com feliz suc-
cesso à de Sant-Iago. A pri-
meira cousa, em que entendê-
rão, e o estado, em que achá-
rão a Christandade daquellas
Ilhas, consta de huma carta do
Governador dellas, que então
era Pedro Ferraz Barreto, pa-
ra o nosso Provincial Fr. Dio-
go de Lagos, escrita de Sant-
Iago em dous de Maio de 1657.
na qual se lê o seguinte.

5 „ Particular providencia
„ do Ceo foi esta Missão, e o
„ deixalla ElRei nosso Senhor,
„ que Deos tem, e Principe
„ tão encomendada a ElRei
„ nosso Senhor, e Rainha nos-
„ sa Senhora, que com tanto
„ affecto me encommenta a
„ a estes Religiosos; e a Jun-
„ ta da propagação da Fé, em
„ que o Senhor Bispo Capel-
„ lão Mór assiste, e eu lhe es-
„ crevo com relação de tudo.

„ Pareceo-me dizer a vossa Pa-
„ ternidade o quão necessario
„ he o virem outros tantos Re-
„ ligiosos, pelo muito que es-
„ ta vinha do Senhor depois
„ de começada a cultivar, o
„ tempo, e frieza dos Minis-
„ tros da Igreja a forão desam-
„ parando, em falta de Bispos
„ em tantos annos. O Padre
„ Presidente Fr. Antonio de
„ Braga foi o primeiro, que
„ logo se embarcou para estas
„ Ilhas vizinhas, e foi causa
„ de não correr todas, pela
„ embarcação, em que hia, se
„ vir retirando ao inimigo. Lo-
„ go o Padre Guardião Fr. Boa-
„ ventura de Villa Real, sen-
„ do advertido por mim do des-
„ amparo das confissões, que
„ estavam por fazer nesta Ilha,
„ em as nove Freguezias, que
„ ha nella, na semana da Pas-
„ coela se partio com o Padre
„ Prégador Fr. Manoel de Bor-
„ ba; ao qual lhe derão duas
„ ceções, e por essa causa só-
„ mente a trez Freguezias che-
„ gárão; mas logo o Padre
„ Guardião tornou a mandar
„ continuar com o Padre Frei
„ Domingos de Braga, e lá
„ andão atè correrem todas as
„ Freguezias, nas quaes ha
„ grande desamparo, pelo Cle-
„ ro querer encubrir suas fal-
„ tas, e descuidos; que ha Fre-
„ guezia, que ha quatro an-
„ nos, que eu governo, e não
„ te-

„ teve Vigario nunca assisten-
 „ te , e falecem os morado-
 „ res Christãos sem Sacramen-
 „ tos. Mas que muito ? em es-
 „ ta Cidade, com os cinco Con-
 „ fessores , que ha destes Re-
 „ ligiosos , confessarem em to-
 „ da a Quaresma muitas mil
 „ almas , ainda hoje no mez
 „ de Maio estão fazendo mui-
 „ tas confissões pela obrigação
 „ da Quaresma ; e assim torno
 „ a pedir a Vossa Paternidade ,
 „ que por serviço de nosso Se-
 „ nhor venhão mais Religio-
 „ sos , &c. „

6 Tão grande falta como isto tinha a Christandade de Cabo-Verde , de quem lhes administrasse os Sacramentos , e praticasse os mysterios de nossa santa Fé ; razão , que obrigou aos oito Religiosos , tanto que aportarão àquellas Ilhas , discorrerem logo por todas. Alguns poucos , que ficarão na de Santiago , começarão a entender na fundação do Convento , para cujo principio tinha applicado Sua Magestade quatro mil cruzados , que estavam em Cabo-Verde , do Fisco Real. Escolherão o sitio o mais accomodado , que naquella Cidade havia , que foi huma horta de hum Morgado , que chamão dos Mosquitos : em lugar da qual , lhe applicou S. Magestade outra igual na renda , que estava pouco mais abaixo , e

pertencia à Fazenda Real ; onde se havião agazalhado os Religiosos Padres da Companhia hum tempo , que assistirão em Cabo-Verde , por cuja causa lhe chamavão ainda o Collegio. Lançou-se a primeira pedra nos principios do anno de 1657. e mostrou bem o povo o gosto , com que recebia a nossos Religiosos , no grande fervor , com que todos acudião às obras ; porque além de muitos homens ricos pedirem semanas inteiras para assistirem com seus escravos , era tão notavel a promptidão , e alegria , com que se achavão as mulheres , e meninos de escola em todo o tempo ao carregio dos materiaes , que dizião os que nisso reparavão , que bem mostrava Deos ser a obra sua , pois atè os innocentes movia a ella.

7 Outras algumas cousas tem succedido , que os moradores avaliárão por miraculosas : foi huma , que não havendo na terra materiaes para se principiar , e proseguir o Convento , veio naquella occasião huma caravela do Mondego carregada de madeira , e juntamente outra de Lisboa , que trazia cal , e telha , e de huma , e outra se lhe tomou o necessario para dar principios à obra. Está hoje o Convento em boa forma , mas não de todo acabado ; que como todos os ma-

teriaes hão de ir do Reino, pelos não haver naquella Ilha, não póde ser sem muita dilação. He bastante a cerca, povoada de muitas, e varias arvores de frutas proprias daquelle clima, e terreno, com algumas parreiras, que com pouco beneficio, que lhe fação, tem fruto todo o anno. Tem dentro de si cinco fontes, que lanção agua não só bastante para regar huma competente horta, mas tambem para dar à Cidade, que a toma a hum canto da cerca, em bica para isso feita na parede della: sendo entre estas a mais celebre huma, que de alta rocha cahe em lagrymas, em tanta abundancia, que logo no principio fórma hum copioso regato. Alguns annos depois se lhe ampliou a cerca com huma horta vizinha, que lhe aggregarão; não tanto pela dilatarem, como por tirarem a occasião de ser devaçado o Convento pelos moradores della, que lhe ficava contigua. Hoje pertence este Convento à Provincia da Soledade; que ao tempo de dividir-se da nossa, o levou na sua folha de partilhas.

CAPITULO XXVI.

Da primeira Missão dos Religiosos de Cabo-Verde à terra firme de Guiné, e o que nella obrarão.

R Eduzida a melhor fórma de vida a Christandade, que habitava as Ilhas de Cabo-Verde, e destruidos alguns abusos, em que vivião seus moradores por falta de Ministros, no que gastarão nossos Religiosos algum tempo, padecendo não poucos trabalhos na continua lida de humas a outras, determinarão passar à terra firme de Guiné; porque a caridade os não deixava socegar, em quanto se não occupavão na conversão daquelles gentios. Os primeiros, que naquella terra entrarão, forão os Irmãos Fr. Paulo de Lordello Prégador, e Fr. Sebastião de S. Vicente, que o acompanhava, e ambos trabalharão com incançavel disvelo na conversão dos Gentios, e com prospero successo; porque forão muitos os que convertêrão. E porque tudo o que nesta Missão se obrou, foi por direcção do dito Irmão Fr. Paulo, como principal sujeito della, será bem darmos primeiro huma breve noticia deste Religioso, e da vida, que teve entre nós, antes que passasse a Cabo-Verde.

2 Nasceo elle no pequeno Lugar de seu nome, em o Arcebispado de Braga; tomou o habito em a nossa Provincia da Piedade, e logo em seus principios escolheo hum modo de viver mui regular, e reformado, e igualmente penitente; porque já em Corista trazia hum aspero, e continuo cilicio à raiz da carne. Além dos mais jejuns do anno, jejuava a Quaresma de nosso Padre S. Francisco, que começa na Epifania, com tanta exacção, como se fora de preceito. Entregava-se com fervor à oração, que para mais commodamente se occupar neste exercicio, era muito recolhido. Depois de Matinas, quando os mais Religiosos se recolhiam para as cellas, elle ficava no Coro continuando em a oração, gastando nella grande parte da noite. A cama, em que havia de dar repouzo ao corpo debilitado com as penitencias, e vigílias, era por extremo penitente; nem admittia nella outra alguma cousa por cabeceira mais que hum pedra. Com estes exercicios crescia em o amor de Deos, e juntamente em o dos proximos, abraçando neste desejava que todos se salvassem; e como neste tempo se offerecesse a fundação do Convento em Cabo-Verde, foi hum dos primeiros, que lá passarão. Ao embarcar-se em Lis-

boa, era tão pouca a prevenção, que tinha feito para a jornada, que hum Religioso grave desta Provincia, que conduzia a elle, e aos mais àquella Corte, tomando o seu fatinho em as mãos, e levando-o em o ar, rompeo nestas palavras: *Bemdito seja Deos, esta he a matalotagem, com que se embarca hum filho da Piedade.*

3 De Cabo-Verde, na forma, em que temos dito, se embarcou para Guiné; e para que os Religiosos, que continuassem aquella Missão, o pudessem fazer com mais commodidade, a primeira cousa, com que entendeu, foi fundar hum Hospicio para dous Religiosos, que chamou Hospicio da Piedade, em a Colonia de Cacheu, que he hum pequena fortaleza, que tem os nossos Portuguezes em a terra firme. E na verdade, que foi esta hum mui importante obra, porque ainda hoje continuão os Religiosos do Convento de Cabo-Verde a Missão de Guiné; o que não pudérão fazer tão bem, a não terem em Cacheu o sobredito Hospicio. Neste esteve o Irmão Fr. Paulo com seu companheiro alguns mezes administrando os Sacramentos aos Catholicos, assim Portuguezes, que alli vivem por razão do contrato, como dos convertidos moradores da terra; continua-

men-

mente lhes fazia laudáveis praticas, de que bem necessitavão ainda os mesmos Portuguezes; por viverem alguns como Gentios na liberdade, em que se achavão. Este estylo observou sempre em todo o tempo de sua Missão, que chegando a alguma povoação, ou aldea, onde havia Christãos, primeiro tratava da reforma destes, que entendesse na conversão dos Gentios, segundo a sentença de Christo no Euangelho, que primeiro se devia satisfazer aos filhos; ^a porque não era conveniente tirar o pão a estes, pelo repartir aos estranhos. Assim este Religioso primeiro alimentava aos Christãos com a palavra Divina, que não he menos sustento da alma, como lhe chamou o mesmo Senhor, ^b que o pão do corpo, e depois passava à conversão da Gentilidade.

4 Nesta foi incansavel, porque não reparava em algum trabalho seu zelo; e sendo assim que ordinariamente andava achacado, e enfermo pela malignidade daquelle clima, depois que entrou nesta Missão, em que gastou mais de seis annos, discorrendo por toda a Serra Leoa, e Ilhas adjacentes, não era isto bastante para deixar de continualla, ainda que à custa de muitas penalidades, e molestias. Todas soffria com

invencivel animo, e não se poupava a alguma, que entendia podia ser meio para a conversão das almas; donde veio serem quasi innumeraveis as que tirou da sujeição do demonio, trazendo-as ao conhecimento da verdadeira Lei. Em algumas partes, onde prégou, e lhe pareceo conveniente, fundou algumas Igrejas, onde concorressẽ os Christãos a ouvir a palavra Divina, e receber os Sacramentos, e catequizasse os Gentios, que querião receber o Baptismo. No rio dos Banhús em o porto de Quingim edificou huma com duas cellas, para nella se agazalharem os Missionarios, que alli chegassẽ: outra em o Reino dos Cassangas, sitio de Caboi; e pode bem conservar huma, e outra, pelos Reis daquellas terras serem por elle convertidos. Desta sahia a discorrer pelas povoações, aldeas, e ainda pelos Reinos vizinhos, e a seus tempos determinados, se recolhia às ditas Igrejas visitar os novos Christãos, que nellas tinha deixado.

5 Em huma destas Ilhas achou este Religioso hum velho de cem annos, o qual como ouviu a prégação Evangelica, guardou a resposta para o seguinte dia; nelle logo de manhã veio buscar ao Religioso excessivamente alegre, di-

zendo que vira aquella noite em sonhos hum poço de agua mui crystallina, do qual se levantava hum a arvore, que chegava até o Ceo, e que lhe parecia que subia por ella. Explicou-lhe o Religioso a visão, dizendo-lhe, que o poço de agua crystallina era a do Baptismo: e que se quèria subir ao Ceo por aquella arvore, que vira, havia de ser recebendo este saudavel Sacramento, e vivendo na Lei, que os Christãos professão. Propoz-lhe os mysterios de nossa santa Fé, que havia de crer, o que tudo o velho aceitava como tão favorecido da Divina graça. Recebeo logo o Baptismo com grande vontade; e examinada depois sua vida, se achou que a tinha passado guardando a lei da natureza; com que mereceo que o justo, e misericordioso Deos lhe mostrasse o poço de aguas vivas, para que fosse baptizado, e do numero dos escolhidos. Converteo o Rei da Matta, e no Reino de Baçarel não só ao Rei, mas tambem aos principaes de seu Reino lavou com agua do Baptismo: o mesmo fez no Reino de Jamo, onde não só o Rei delle deixou os erros, e superstições da Gentilidade, mas tambem grande numero de seus vassallos, que estes ordinariamente a exemplo dos Reis compõem a vida.

6 Em a Serra Leoa reduzio a outro Rei o mais poderoso dos daquella terra, chamado Granfarma, depois de haver vivido cento e vinte annos nos erros gentilicos; e enfermado gravemente poucos dias depois do Baptismo, para que lhe assistisse à sua morte quem o tinha posto no caminho da verdadeira vida; mandou chamar a este Religioso, que se apartava já para humas aldeas vizinhas a continuar sua Missão. Voltou logo para o enfermo, assistio-lhe todo o tempo de sua doença, que não foram muitos dias, dando-lhe saudaveis conselhos importantes para aquella hora; e alli entre suas mãos, com mostras de verdadeiro Catholico, e não pequena consolação do Religioso, entregou a seu Creador o espirito; que vindo tão tarde à vinha do Senhor, mereceo levar, como piedosamente cremos, a mesma paga, que os antigos jornaleiros. Outras muitas conversões maravilhosas fez Deos por meio deste Religioso naquelle vasto, e dilatado campo de Guiné, que a termos dellas noticia mais clara, serão bastantes a compôr hum grande volume; porque além do muito espirito, com que obra-va, que he o principal, que deve ter o Missionario, para colher de seu trabalho o desejado fru-

to, era continuo o disvelo, com que de hum a outra parte discorria: prégou por todas as povoações, e rios de Guiné, passou à Serra Leoa, e desta voltou toda a costa de Guiné do Norte ao Sul, e do Sul ao Norte.

Das terras, que andou, e de tudo o que nellas obrava na conversão das almas, fez hum relação de lhano, mas bem ordenado estylo, só a fim de mover aos Religiosos de Cabo-Verde, e mais Missionarios a emprenderem semelhante Missão, mostrando-lhes aos olhos, quanto necessitavão de Ministros Euangelicos aquelles Reinos, e quanto serviço se podia nelles fazer a Deos. Muito tiveramos em que estender a pena, se nos viera à mão esta relação; mas por mais diligencias, que fizemos, não vimos della mais que humas pequenas reliquias, que ficárão sem duvida para nos accrescentarem mais a magua. Finalmente voltando este Religioso ao Reino dos Banhús a visitar os muitos, que alli tinha convertido, a pouco tempo de sua assistencia, morreo em o anno de 1664. não sem suspeita de peçonha, porque além de assim o mostram evidentemente os effeitos, he cousa mui praticada no Gentio; mas se a malicia pode dar-lhe a morte, não lhe pode ti-

rar o premio, que lhe daria Deos pelos muitos serviços, que lhe fez em a vida. Seus ossos forão dalli levados a Cabo-Verde, onde em o anno de 1666. lhe derão sepultura em o nosso Convento, assistindo todo o Cabido, e muita gente da Cidade, pela devoção, que lhe tinhamão.

CAPITULO XXVII.

Da segunda Missão dos Religiosos de Cabo-Verde à terra firme de Guiné, e do que obrárão nas primeiras entradas, que nella fizerão.

POr cartas, que vinhão de Cabo-Verde dos Religiosos, que lá estavão, sabião os nossos da Piedade do muito fruto, que fazião na conversão das almas os Missionarios em Guiné, e quão necessarios erão estes para cultivar aquelle vasto campo. Moveo isto tanto aos Religiosos, que muitos se offerecêrão ao Provincial, que então era o Irmão Fr. Francisco de Serpa, para passarem a Cabo-Verde, donde pudesse ir a Guiné ajudar os Missionarios, que lá andavão. E supposto que a relação da sua ida, e do que em a Missão obrárão pertencia mais propriamente, segundo a ordem, que seguimos nesta Chronica,

ao

ao anno de 1662. em que se embarcárão, com tudo por não apartarmos do Convento de Cabo-Verde o que lhe toca, não dilatamos a noticia presente para aquelle anno. Dos muitos, que se offerecião ao Provincial, como temos dito, escolheu doze, que em vinte e sete de Maio do sobredito anno embarcárão em Lisboa, e com feliz successo, em onze de Junho do mesmo anno chegarão à Ilha de Sant-Iago, não gastando na jornada mais que quinze dias. He mui digno de reparo, em que Deos parece mostrar ser muito de seu agrado esta Missão, que fossem os Religiosos da Piedade a Cabo-Verde, que nenhuma embarcação, em que vá algum delles tenha perigado, ou fosse cativa de Mouros até o presente; sendo assim, que antes de continuarmos aquella carreira, frequentemente se vião em huma, e outra desgrça: observação que os marinheiros tem feito de sorte, que todos procurão trazer, ou levar Religiosos em seu navio, offerecendo-lho com grandes instancias; e quando lhes faltão, não vão contentes, dando-se com os trazerem em sua companhia por seguros de todo o risco, segundo a observação, que tem feito.

² Tanto que chegarão às Ilhas os Religiosos desta segun-

da Missão, apalpando-os o clima da terra, adoecêrão gravemente; por cuja causa não partio nenhum para a terra firme de Guiné no mesmo anno; porém logo no seguinte, que era o de 1663. em nove de Março, se embarcárão dous delles para Cacheu, a saber, Fr. André de Faro, e Fr. Salvador Taveiro. Nesta povoação estiverão os dias, que lhes parecerão necessarios, administrando os Sacramentos aos Christãos, assim Portuguezes, que alli assistião por amor do contrato, como aos de novo convertidos pelos primeiros Missionarios. Embarcárão para o Reino de Banhús, onde actualmente em o porto de Quingim estava o Irmão Fr. Paulo de Loredello, edificando a Igreja de que atrás fallámos; e neste Reino os quiz Deos provar logo com os trabalhos, ensaiando-os assim para os que havião de padecer no decurso de sua Missão. Foi o caso, que estando os dous Religiosos novamente vindos, juntamente com o que lá estava, agasalhados em casa de hum Christão, se levantárão huma noite os Gentios contra dous Mercadores Portuguezes, que na sua povoação estavam, sobre duvidas que tiveram; e cahirão tantas frechas, e zagaiaes sobre elles, que lastimosamente acabarião, a não serem

rem os trez Religiosos , que entendendo o que era , acudirão aos gritos. Por livrarem aos Portuguezes do perigo , em que os vião , se mettêrão nelle : em fim socegárão aos Gentios , mas não tanto a seu salvo , que não fahissem feridos dous delles.

3 Os Portuguezes receando o que depois succedeo , deixando as casas , em que tinham suas fazendas , se recolherão onde estavão os Religiosos ; mas não tardou muito que alli os viesse buscar a furia dos Barbaros , promettendo não os deixar com vida ; arrependidos já de condescenderem tão facilmente aos rogos dos Religiosos. Neste transe se virão os Frades em grande perigo ; porque os Gentios com a nova resolução , que tinham tomado , vinhão mais furiosos : recorrerão a Deos , que era só quem os podia livrar naquelle aperto : poz-se hum delles de joelhos diante de hum Imagem de Christo crucificado , e de nossa Senhora , que trazia consigo , pedindo-lhe pacificassem os animos daquelles Gentios ; e mostrou bem o effeito quão fervorosa foi a oração , porque logo quebrárão a furia , e de todo se socegárão , não por meio algum humano , mas por virtude Divina. Livres deste trabalho , logo em amanhecendo forão visitar o Rei daquellas ter-

ras , que estava hum legua dali distante : chamava-se elle D. Diogo , nome , que lhe poz o Irmão Fr. Paulo de Lordello , quando na primeira Missão o baptizou , e a seus irmãos , e parentes : recebeo-os com agrado , e mostrou nos agasalhos , que lhe fez , o gosto , que tinha de os ver em seu Reino.

4 Propuzerão-lhe sua practica por Chalona , que para isso levavão , que assim chamão aos interpretes naquelles Reinos ; e na despedida lhe fizeram duas petições : a primeira , que lhes havia de mandar tirar hum a solemne China , que estava perto da Igreja , que elles edificavão no porto , e sitio de Quingim ; porque não era bem que junto de hum Igreja , onde se reverenciava o verdadeiro Deos , se tributassem adorações ao demonio. Chinas chamão em Guiné aos idolos : a adoração , que lhes costumão fazer neste Reino , he deitarem-se diante delles todo o corpo estendido debruços em terra ; apresentando-lhes em panelas , e testos sangue de galinha , e de outros animaes , com farinha de arroz , vinho de palma , e outras ceremonias , e superstições , de que usa sua cegueira. A segunda petição ordenava-se ao mesmo , que era pedir licença para derribarem hum casa , que estava pegada a fo-

à lobredita Igreja, porque não viesse morar nella algum Gentio. A isto respondeo o Rei que ao dono da casa dessem alguma cousa por ella, mas que fosse huma barra de ferro, e que a derribassem logo: o que os Religiosos puzerão em execução, sem algum impedimento. Quanto à China se desculpava de estar ainda naquelle sitio, dizendo que era cousa dos Gentios seus vassallos, moradores nelle; mas que pela manhã mandaria aos Fidalgos de sua casa, e sua gente com ordem aos moradores daquelle lugar, onde a China estava, para que a tirassem logo dalli fóra.

5 Com este despacho se recolherão os Religiosos asás contentes para a casa, onde se agazalhavão, que ficava perto da Igreja. No seguinte dia, em cumprimento da palavra, que tinha dado, mandou o Rei seus Fidalgos, com alguma gente armada, e ordem aos moradores, onde estava a China, para que logo a tirassem. Achárão nisto grande resistencia; porque naquelle lugar vivia hum homem poderoso, por nome Chacograba, por cujo conselho, e direcção se governavão os moradores delle; este os induzio, e amotinou, que não consentissem em semelhante cousa, sendo tanto em affronta de suas

Chinas. Fez tanta impressão no animo dos Gentios com estas palavras, que se puzerão todos em armas, resolutos a defenderem a China, e protestando que se dalli a tirassem, nos Frades havião de tomar vingança; porque nenhum havia de ficar com vida, por serem a causa da affronta, que se lhes fazia. Era tal sua furia, que temendo-a a gente mandada pelo Rei, supposto que vinhão armados, se não atrevêrão a executar seu mandamento; com que se tornárão sem algum effeito a dar-lhe conta do succedido. Instárão segunda vez os Religiosos ao Rei com sua pertença: nem foi necessario muito para persuadillo, porque sentido da resistencia, que os moradores do lugar tinhão feito às suas ordens, prometteo mandar no seguinte dia mais gente, de sorte que não ficaria em pé o idolo.

6 Perseveravão os Gentios na resolução, que tinhão tomado; e era tal a inquietação, e estrondo, que os dous Mercadores Portuguezes, que alli estavam, temendo que se o intento tivesse effeito, tambem sobre elles havia de cahir a vingança, andavão dizendo aos Gentios, que elles não intervinhão couza alguma naquella determinação dos Religiosos; e a estes pedião desistissem daquella per-

pertenção, que não havia de ser de algum fruto, segundo a contumácia, que vião nos Genticos, e não quizessem ser causa de que elles perdessem suas fazendas. Nem o temor, que infundia a furia dos Barbaros, nem os rogos dos dous Portuguezes, forão bastantes, para que os Religiosos desistissem da resolução, que tinham tomado: o que vendo os dous Mercadores, mandarão lançar canoas em o mar, onde mais a feu salvo esperassem o successo. Chegou no dia seguinte a gente, que o Rei mandava, e os moradores de Quingim, que antes estavam amotinados com sua cabeça Chaçograba, temendo o poder, se quietarão: não faltarão porèm gritos, e vozerias, principalmente das mulheres, que feitas todas num corpo, se queixavão de lhes tirarem sua China; porèm sem mais alguma alteração que esta, lançou a gente do Rei o idolo fóra do lugar, em que estava.

7 Com esta facilidade se acabou huma obra; que prometia ruinas; mas isso tem as que se ordenão ao serviço de Deos: parecem difficultosas nos principios, e experimentão-se muito faceis em os fins; só dependem de huma resolução, e espirito, que com este quanto mais difficultosas parecem, tanto mais facilmente se executão.

Tirada a China do lugar, onde estava, congregarão os Religiosos todos os Christãos, que naquelle lugar havia, que já erão muitos; e ordenando delles huma Procissão, chegarão ao lugar, onde o idolo esteve, e benzendo-o primeiro conforme as ceremonias da Igreja, puzerão nelle huma Cruz, que todos logo de dous em dous adorarão, com grande consolação dos Religiosos, e dos novamente convertidos. Acabada esta diligencia, vendo os Missionarios que erão mui dilatados aquelles Reinos, por cuja causa convinha o dividirem-se, assentarão assim de o fazer: em cumprimento do qual, ficando o Irmão Fr. Paulo proseguindo a obra da Igreja neste Reino dos Banhús, e porto do Quingim, os outros dous Religiosos se voltarão para Cacheu, onde se embarcassem para diversas partes; conforme a occasião, que se lhes offerecesse.

CAPITULO XXVIII.

De como os dous Religiosos se embarcárão de Cacheu para as partes do Sul, e do que obrárão em alguns Reinos, por onde passarão, até chegarem à Serra Leoa.

1 **C**hegando a Cacheu os dous Religiosos, achárão logo embarcação para as

Ffff

par-

partes do Sul, em que se embarcáão, e a quatro dias de jornada, lançáão ferro em a Ilha do Bissao. Sabiráo em terra, onde os Christãos, que nella havia, que eráo já muitos, os vieráo receber com grande alvoroço, por verem quem lhes podia ministrar os Sacramentos, de que muito necessitaváo; por haver já alguns annos, que alli não aportava Sacerdote. Comprehende esta Ilha em si hum dilatado Reino, e são os moradores delle dos mais supersticiosos Gentios dos de Guiné; huma das bárbaras superstições, que tem, he que quando morre o Rei, matáo todas suas mulheres, Fidalgos, e validos, que sempre palsáo do numero de quarenta, e todos enterráo no mesmo dia, com outras mais cousas, que cá na vida usáo, dando por razão que tudo he necessario para servirem ao Rei lá na outra. Junto ao mar tem huma China geral, posta debaixo de huma grande arvore, cuberta com huma pequena cabana, onde vão fazer sua adoração em certos dias do anno: e não póde ninguém semear arroz, sem primeiro offerecer a esta China o seu arado, e fazer huns tantos regos de frente em offerta; sendo o Rei o primeiro, que vai fazer esta cerimonia, e dá licença aos outros que a fação.

De frente desta China, distancia de meia legua ao mar, fica outra igualmente solemne entre aquelle Gentio, em hum Ilheo cheio de altos mattos, que occupa espaço de outra meia legua, no qual fazem certo dia do anno sua junta, e synagoga, onde concorre no tal dia a maior parte da gente do Reino: por cuja causa são tantas as canôas carregadas de gente, que sempre naquelle dia se viráo muitas, affogando-se miseravelmente muitos Gentios.

2 O Rei he o primeiro, que vai numa canôa com toda sua gente, e leva consigo huma negra, que no caminho lança ao mar, fazendo della offerta ao demonio, para que o mar esteja quieto. Entrados todos no dito Ilheo, depois de feitos seus banquetes, e pagodes, vão fazer adoração à China, e por arte do diabo estão vendo hum ferro pouco a pouco sahir da terra, e alli lhes diz o diabo, conforme o ferro sahe, se ha de haver aquelle anno muito arroz, e mais mantimentos da terra. Com tudo isto, ainda que o Gentio desta Ilha he tão supersticioso, he mui capaz de receber nossa santa Fé, por ser de hum natural brando, e pacifico; assim naquelle Reino foráo mais os obreiros Euangelicos, como a terra he accommodada para abundantes frutos. Tan-

to que os dous Religiosos entrarão nesta Ilha, forão logo visitar ao Rei della, que os recebeu com os mais subidos cumprimentos, que já mais em algum dos Gentios tinham achado; procurarão persuadillo a que se fizesse Christão; escusou-se de o pôr por obra, dizendo que ficasse a determinação para outro tempo; mas que não impedia a ninguem de seu Reino que recebesse a Lei dos Christãos. Pedirão-lhe então licença para baptizar a sua mulher, que já tinham catequizado; e não só a deo, mas ainda accrescentou que se todos de sua casa quizessem receber o Baptismo, a nenhum estorvaria.

3 Com esta licença se recolherão para huma Igreja, que alli estava, onde no seguinte dia administrarão o Sacramento da Penitencia, e Communhão a cento e trinta pessoas, que os Religiosos da primeira Missão tinham baptizado: de novo catequizarão treze, que receberão a agua do sagrado Baptismo. Muitos mais serão os reduzidos à Fé, a poderem os Religiosos deter-se mais tempo nesta Ilha; mas como a embarcação, em que vinhão não podia dilatar-se, por não perder viagem, foi-lhes forçoso partirem, deixando aos novamente convertidos encommen-

dados à direcção, e doutrina de hum Religioso Capucho, de nação Castelhana, chamado Fr. João de Peralta, que alli assistia; ainda que tão impossibilitado para exercitar seu officio de Missionario, que estava tolhido de pés, e mãos. Daqui fizeram viagem para o rio do Nuno, onde residirão ambos alguns mezes, gastando-os em reformar a vida dos Christãos, que alli acharão; huns, que vivão por razão do contrato naquellas terras, outros naturaes dellas; nem era menor o fruto, que fazião nos Gentios, catequizando, e baptizando muitos. Mas como o intento, com que o Irmão Fr. André de Faro sahio de Cabo-Verde, era discurrer pela Serra Leoa, porque segundo noticia tinha dos primeiros Missionarios, que nella entrarão, erão já muitos os Christãos, que na dita Serra havia; e estes tão faltos de quem lhes administrasse os Sacramentos, e palavra Divina, que em muitos annos não vião Sacerdote algum: deixando seu companheiro Fr. Salvador Taveiro assistindo aos Christãos do rio do Nuno, e convertendo outros de novo, passou àquella Serra. Foi cousa digna de reparo, que tanto que entrou nella, se achou logo são, e livre de muitos achaques, que tinha adquirido pela destemperança

de climas tão diversos ; e foi-lhe bem necessaria neste tempo a faude para poder levar os muitos trabalhos , que em toda esta Serra padeceo , e perigos , em que se vio.

4 O primeiro porto , em que desembarcou , foi no da Tumba , que fica huma legua antes do da Serra Leoa , terra do Reino da Coja : daqui fez a primeira sahida a huma aldeia , que estava duas leguas daquelle porto pelo rio dentro , onde morava hum Fidalgo já Christão , cujo nome antes de se baptizar era Congo , por cujo respeito se chamava ainda de Congo a aldeia. Recebeo-o o Fidalgo com grande amor , e devoção ; mandou-o agazalhar aquella noite em huma casa da dita aldeia , que era de hum Gentio , que estava então ausente ; e como o Religioso visse na casa algumas Chinas , que o senhor della adorava , levado de hum fervoroso zelo , que não podia soffrer se dêsse a adoração ao diabo , que só a Deos se devia , as lançou todas em terra , e lhes poz o fogo , com que brevemente forão reduzidas a cinza. Sentirão os vizinhos da casa o que hia nella ; e como estes tem por ponto de honra defender as casas dos vizinhos ausentes , determinarão tomar vingança daquella affronta , que a hum ausente se fa-

zia. Derão aviso huns aos outros , e rodeando o aposento , onde o Religioso estava , promettião dar-lhe a morte. Não se alterou elle com o estrondo , antes com grande socego , e quietação se dispunha para dar por seu Creador a vida ; mas dispoz elle outra cousa ; ou para aproveitamento de muitas almas , que depois disto converteo , ou por outro algum segredo , reservado só a seus inexcrutaveis juizos.

5 Foi o caso , que no tempo , que estava mettido no maior perigo , teve noticia o Fidalgo Christão daquella aldeia , do que nella passava ; sahio logo com alguma gente sua a livrar o Religioso , o que pode fazer facilmente : que como era respeitado daquelles Gentios , com sua presença applacarão a furia , ficando porèm com grande odio contra o Religioso por lhe queimar seus idolos. Com tudo não deixou de assistir aqui algum tempo neste sitio , e porto da Tumba ; antes por dous mezes e meio continuou seu officio de Missionario , cathequizando , e baptizando muitos Gentios , e administrando os Sacramentos aos Christãos em huma Igreja , que os primeiros Missionarios haviam deixado naquella porto. No fim dos quaes , sentido o demonio do fruto , que este Religioso fazia na con-

ver-

versão das almas, e das muitas, que lhe tirava de seu poder, instigou àquelles Gentios o lançassem fóra de suas terras; como em effeito fizeram, mettendo-o com violencia numa canoa, que hia para hum Ilheo distante do porto de Tumba, que chamão Taço, onde assiftião os Inglezes em huma pequena fortaleza, que alli tem, da qual sahem a contratar com este Gentio, levando-lhe de suas terras muito marfim, a troco de outras mercadorias, que por elle lhes deixão. Neste Ilheo esteve o Religioso como prezo algum tempo, por não ter occasião para sahir delle; o que não pouco o desconfolava, por ver o perdia alli, quando havia tanto, em que aproveitallo.

CAPITULO XXIX.

Do mais, que este Religioso obrou na Serra Leoa.

R Emediou Deos a afflictção, em que o irmão Fr. André de Faro estava, vendo-se prezo no Ilheo dos Inglezes, sem poder executar seu officio; porque quando menos o esperava, chegou ao porto huma canôa com gente do Rei de Boilões, em que se embarcou logo para aquelle Reino. He este Reino hum dos muitos, que comprehende a Serra

Leoa, cuja gente he a de entendimento mais claro de toda a que habita aquella Serra: seu Rei era já Christão, chamava-se D. Miguel, sendo que quando entrou este Religioso, poucos de seus vassallos o erão. A pouco tempo depois de sua chegada o vierão buscar huma noite à casa, onde se recolhia, dous Gentios dos mais graves, e principaes entre elles; que depois de terem com elle palavras de cortezia a seu modo, lhe disserão que desejavão muito receber a Lei dos Christãos, com suas mulheres, filhos, e todos seus parentes; mas que não oulavão pôr em effeito esta vontade, que tinham, por medo de hum Fidalgo seu parente, a quem chamavão Bexari; o qual como era poderoso, e elles todos vivião a seu amparo, não se atrevião fazer cousa alguma sem seu consentimento. Exhortou-os o Religioso, que perseverassem no intento, que tinham de se fazerem Christãos; promettendo-lhes que ao outro dia iria visitar aquelle Fidalgo seu parente, e que esperava em Deos lhe alumiasse o entendimento, para que conhecesse o engano, em que estava, e o bem, que ganharia em se fazer Christão. Com esta promessa, que lhes fez, e esperanças, que lhes deo, se voltarão contentes para suas casas, e o

Re-

Religioso ficou gastando grande parte da noite em oração com Deos, pedindo-lhe com instancia pela conversão daquelle Gentio, da qual pendia a de muitos.

2 Em amanhecendo, acompanhado de dous interpretes, foi visitar ao Bexari, que morava pouco espaço fóra da aldeia; o qual o recebeo com tanta aspereza, que não quiz se assentasse; em pé com semblante carregado, e palavras defabridas lhe tomou a visita, instigado do demonio, que presentia já o damno, que se lhe seguiria, se aquelle se convertelle. Propoz-lhe o Religioso o fim, que o trazia a sua casa, que era tirallo do engano, em que vivia, e cegueira, em que estava, adorando Chinas, e outras diabolicas invenções, com que o demonio procurava sua perdição: que, se se baptizasse, conseguiria assim toda a felicidade, adorando o verdadeiro Deos, que os Christãos adoram. Apenas o Gentio entendeu que o persuadia a ser Christão, indignou-se grandemente contra os interpretes, por terem levado o Religioso a sua casa: a este deo trez empuxões, com que o deitou fóra della, e cerrou logo a porta, dizendo a grandes vozes, que se lhe tornasse a ir a casa, lhe havia de tirar a vida; e a quantos com

elle fossem. Deo o Religioso lugar àquella paixão, mas não delistio de seu intento: em o seguinte dia foi ver-se com o Rei, a quem deo conta do que tinha passado com o Bexari; de que ficou o Rei tão sentido, que mandou logo trez Fidalgos de sua Casa em companhia do Religioso à daquelle Fidalgo, para que da sua parte lhe dissessem, que elle não obrigava a nenhum dos seus vassallos a ser Christão; porém que aquelle Religioso era holpede no seu Reino, e sabendo se lhe fazia algum aggravo, não havia de ficar sem castigo: que o ouvisse, e dêsse a suas palavras a resposta, que lhe parecesse.

3 Com o recado do Rei se abrandou o Bexari de tal sorte, que elle mesmo foi fallar ao Religioso com muita affabilidade, estiverão praticando toda a tarde. No discurso da pratica, pelo differente modo, com que fallava, se conhecia já que o Espirito Santo com sua graça o hia alumando; o que entendendo o Religioso, começou a catequizallo, praticando-lhe os mysterios de nossa santa Fé, e persuadindo-o a que se fizesse Christão; e deixasse os erros, com que o demonio o enganava. Nisto se gastou toda a tarde: a resposta, que deo, foi dizer, que tinha ouvido tudo muito bem; mas que não de-

deferia logo a suas palavras; porque além de estarem presentes os Fidalgos, que era também a visita sua, queria fallar com elle só, porque folgára muito de o ouvir, que elle o iria buscar a sua casa. Com isto se despedirão todos, o Bexari já muito mudado, e o Religioso não pouco contente, por ver hia já Deos dispondo aquelle Gentio para receber sua santa Lei. No dia seguinte foi elle dar satisfação de si ao Rei, e taes praticas passarão entre ambos, que acabada a visita foi Bexari buscar ao Religioso à casa, onde estava, já a horas de noite, dizendo que se tinha deliberado a ser Christão, e daquella hora cria, e confessava a Santa Fé Catholica, e nella queria viver, e morrer, e assim confessava a Jesus Christo por Rei, e Senhor da Gloria, e que nelle esperava salvar sua alma, e gozar de sua vista eternamente.

4 A maior parte daquella noite gastou o Religioso com Bexari, cathequizando-o, e instruindo-o nos Mysterios de nossa Fé, e das obrigações da vida, que escolhia, e tudo o Gentio aceitava com grande vontade: ficou de pela manhã vir receber o Baptismo, e que o Rei havia de ser seu padrinho, para effeito do qual lhe tinha já fallado. Pela manhã veio logo

à aldea vestido de festa ao uso de sua terra, e com grande acompanhamento foi buscar o Rei a sua casa, em companhia do qual vierão à Igreja com grande alegria tocando instrumentos festivos, de que usão. Disse-lhe então o Religioso, que se elle queria receber o santo Baptismo, como pedia, convinha primeiro lançar fóra todos os Idolos, Chinas, e outras superstições, que adorava, porque de outra maneira se não podia fazer Christão. Ao que elle respondeo mui alegre, que não só se queria apartar daquellas cousas, mas que também todas lhas queria entregar, para que fizesse dellas o que melhor lhe parecesse. Entregou-lhe logo tudo, quanto elle mais estimava, que erão varias castas de nominas, e bolsas de couro, que trazia ao pescoço, do tamanho de huma mão, e outras de trez cantos muito bem feitas, e muitos chifres com muitos lavores, e depois de lhe entregar tudo, o baptizou, pondo-lhe por nome Boaventura.

5 Pouco depois vierão buscar a este Religioso à casa, onde se recolhião os dous Gentios, parentes do Fidalgo, que se tinha baptizado, dizendo, que querião executar a vontade, e desejos grandes, que tinham de se fazerem Christãos com toda a gente de suas casas.

Em

Em presença destes , e de outros Gentios , que alli estavam , foi o Religioso quebrando os Idolos , e Chinas do Fidalgo , e com huma faca foi cortando as nominas , e bolsas , que ao pescoço trazia , como os Christãos trazem Reliquias : em humas tinha varias castas de ungentos , em outras papeis escritos com regras às aveßas , que os Mandigas lhe tinham dado , que são huma casta de negros feiticeiros , que elles reverenceão por seus Padres. Dentro nos chifres estavam huns pannos com sangue tão fresco , como se o tiverão posto alli aquella hora , de dentro dos quaes confessou elle , que o diabo lhe fallava ; e havendo mister alguma coufa , logo hia fallar com aquelles chifres , e lhe respondião. Os Gentios , que estavam presentes , vendo como o Religioso despedaçava aquellas Chinas , e invenções diabolicas , dizião huns aos outros , que aquella noite havia de morrer , e que os diabos o havião de vir buscar ; mas elle , que isto ouvia , vendo a confiança , com que fallavão , poz tudo no fogo diante delles. Não deixou esta acção de servir de defengano a muitos , por verem ficára com vida , porque daqui inferião , que aquellas coufas não tinham força , ou poder para nada , e os que se que-

rião baptizar ficarão mui contentes , e em seus intentos mais confirmados. Servio esta conversão de meio para muitas ; porque vendo os Gentios , que aquelle Fidalgo , entre elles tão principal , e poderoso , se fizera Christão , muitos a seu exemplo vinhão procurar o Baptifmo , e antes de o receberem entregavão as Chinas , que adoravão , onde seria relação prolixa referir a quantidade de Chinas , que se queimárão.

6 Occupado andava o Irmão Fr. André de Faro no exercicio de seu ministerio , baptizando a huns , e cathequizando a outros , quando lhe chegarão novas , que o Fidalgo Boaventura era morto de huma doença , que lhe dera , com que ficou o Religioso mui consolado em ver que oito dias , depois de se fazer Christão aquelle Fidalgo , lhe dera Deos aquella morte para o levar para si. Foi logo a sua casa com alguns Christãos , que o acompanhárão , amortalhou o corpo , trouxe-o à Igreja , e nella lhe deo sepultura na fórma , que se usa entre os Catholicos , de que não ficarão pouco edificados , assim os novos conversos , como os Gentios , de verem a piedade , com que entre os Christãos enterrão aos mortos. Passado isto , deixando o Religioso sufficientemente instruidos

dos os novamente convertos nos Mysterios da Fé, e obrigação da vida, que escolherão, se resolveo a entrar mais dentro pela Serra Leoa. No tempo, que resolvia isto comsigo, chegou ao porto huma canoa com gente do mais intimo daquella Serra, onde vinhão dous Christãos, que sabendo do Religioso a vontade, que tinha, não só se offerecêrão para o levarem, mas tambem o persuadião com instancia puzesse logo em execução aquelle seu intento. Embarcou elle na canoa pelo rio affima, que corre pela Serra Leoa: tomárão porto em hum sitio, junto do qual estavão humas poucas casas de Gentios, lançárão em terra, e em hum instante se vio o Religioso rodeado de muitos delles, que admirados concorrião a vello por novidade. Perguntavão aos que o acompanhavão: Quem era, e ao que lhe respondião ficavão pasmados, dizendo, que lhes vinha fazer algum grande mal, e que alguma ruina grande havia de succeder na sua terra aquelle anno, que lhes havia de faltar o mantimento, e havião de morrer de fome. Punhão os olhos no habito de burel, e dizião huns aos outros, que não lhes parecia Portuguez no trajo, nem elles sabião de que nação pudesse ser, que o levassem de suas terras, senão

que todos infallivelmente alli morrerião. Embarcárão outra vez na canoa, e seguindo sua derrota por junto da Serra, sahirão em outro porto não muito distante, onde os dous Christãos moravão, que era hum lugar, que se compunha de cinco, ou seis casas; e discorrendo o Religioso por elle com seus interpretes, que levava, se vio com grande pena, por achar aquelle Gentio tão barbaro, que lhe tirava a esperança de poder fazer nelle algum fruto.

7 Neste tempo se chegou a elle hum homem mui risinho, e contente, que lhe perguntou: *Padre, quem o trouxe a este lugar?* E não foi pequeno alivio para o Religioso, que tão perplexo estava, ouvir quem lhe fallava na lingua Portugueza. Foi-se com este homem a sua casa, deo-lhe elle conta de sua vida, dizendo, que era Portuguez de nação, e que por varios successos da fortuna viera parar àquellas terras, onde vivia passava já de vinte annos, sem que no decurso de todo este tempo tivesse algum Confessor, a quem confessar suas culpas, que já que Deos lho trouxera, quando elle menos o esperava, queria fazer huma Confissão geral de toda a sua vida. Quando dizia isto, mostrava no rosto huma alegria tão extra-

ordinaria, que era bastante testemunha da muita, que no coração lhe assistia: deo-lhe o Religioso tempo para examinar a sua consciencia, no fim do qual o ouvio de Confissão. Depois de feita, armou o Religioso huma casa de madeira, forrada de esteiras, que as fazem naquellas terras muito boas, e bem lavradas, disse nella Missa, deo-lhe a Communhão, e no mesmo dia à tarde escolheu huma das mulheres, que tinha para se receber com ella, a quem o Religioso baptizou, e poz por nome Maria. Não cabia em si o Portuguez de alegria, desabafava em continuas lagrymas: pediu-lhe que se dilatasse alguns dias em sua casa, ao que o Religioso condescendo, gastando nella dezenove, no decurso dos quaes cathequizou toda a sua gente, que por todas forão vinte e sete pessoas. Mas como pelo conhecimento, que neste tempo tomou da terra, alcançasse que aquelle Gentio por barbaro era incapaz de receber doutrina, assentou consigo não passar adiante, e assim determinou recolher-se outra vez, discorrendo pelos Reinos, por onde já tinha andado. E para que veja o Leitor quão incapaz he esta gente de poder fazer nella impressão alguma doutrina, daremos aqui huma breve noticia desta Serra. Prin-

cipia ella em huma barra, junto da qual corre huma ribeira de agua doce, que chamão a Aguada, em razão de que todas as náos, que passam para a Mina, e India Oriental fazem aqui aguada: desta barra entrão pela terra dentro muitos rios, que repartidos em muitos braços, rodeão por muitas leguas aquella Serra. He toda melancolizada, e sombria pela muita obscuridade, que alli ha, causada das continuas nevoas proprias daquelle clima. Abundã porèm de muito arvoredos frutifero, no qual são mais celebres, assim pela excellencia do fruto, como pela quantidade, que ha, humas figueiras, que chamão bananeiras, a cujo fruto chamão banana, e outros pomo do Paraíso, tendo para si ser este o que foi vedado a nossos primeiros pais. E na verdade, que não tem pouco fundamento esta opinião, porque o fruto he formoso à vista, e saboroso ao gosto, qualidades, que tinha o do Paraíso. ^a Demais, que bastão duas folhas desta arvore para cubrirem a hum homem, e he o que diz o Texto do Genesis, ^b que ajuntarão folhas de figueira, e cubrirão-se com ellas.

8 Não dão no anno mais que huma pinha de pomos, que pouco mais, ou menos terá oitenta pegados em huma grossa ha-

^a Genesis
num. 6

^b Ibi num. 7

CAPITULO XXX.

Do que obrou o Irmão Fr. André de Faro na volta, que fez da Serra Leoa a Cabo-Verde.

haste, em cujo remate nasce huma flor roxa: em o fruto amadurando, logo se seca a figueira, mas do pé della nasce logo outra, sem que lhe fação algum beneficio. O mais particular desta arvore he, que o seu fruto, como uniformemente dizem os que o experimentarão, cortando-o de alto a baixo, quantas talhadas fazem, se vê em cada huma dellas huma Cruz com a imagem de Christo crucificado. No mais interior da Serra he mais denso o mato, por entre o qual vive o Gentio, sem ter trato, ou communicacão com nação alguma; em tudo o que propriamente he Serra não ha povoação, quando muito se vem juntas quatro, ou sinco casas, que são de folha de palma, e estas no mais espesso do bosque; e para que ninguem saiba delles, tem cuidado de tapar os caminhos: assim vivem no interior daquella Serra, como brutos. Com este seu retiro, e modo de viver impossibilitão sua conversão, por cuja causa o Irmão Fr. André de Faro não passou adiante, como intentava, tanto que tomou conhecimento da terra.

R Esoluto Fr. André de Faro a voltar-se, por não ter esperanças, que pudessem ser de effeito a discorrer pelo interior da Serra, se embarcou para os Rios dos Cazeres, onde achou sete navios Portuguezes, que das partes de Cacheu tinham vindo àquelles rios, em razão do contrato; com que não ficou pouco contente, porque seguindo sua derrota, podia fazer algumas entradas nas aldeas daquelles rios, em quanto os navios se detinhão em fazer carga. Depois de administrar os Sacramentos a seiscentos Christãos, que nelles vinhão, fez a primeira entrada no porto de Canchimpim, onde achou huma Igreja feita; além dos muitos Christãos, naturaes da terra, que nella confessou, só nos primeiros dias forão sincoenta os que se baptizárão. Em quatro mezes, que os navios se detiverão nestes Rios dos Cazeres, discorreo sem socego, nem hora de descanso pelas mais das povoações, e aldeas delles: os que converteo à nossa Santa Fé, em varias entradas, que fez, en-

Ggggg ii chê-

chêrão o numero de duzentos, além do trabalho, que teve em reformar a vida de alguns Portuguezes, que assim nestas, como em outras partes vivem entre os Gentios tão descuidados de sua salvação, como se qualquer fora hum delles.

2 No fim do dito tempo, como os navios tivessem carga, foi forçoso vir-se com elles: embarcou em hum, que demandava o Rio Grande, porque tinha aviso daquellas partes dos muitos, que o esperavão para se fazerem Christãos. Depois de oito dias de jornada avistáráo as Ilhas, a que chamão os Idolos, ou as Trez Irmãos, no qual porto deitáráo ferro, onde de huma náó Ingleza, que estava defronte ancorada, vierão buscar ao Religioso por parte de hum Inglez Catholico Romano, que estava à morte, e lhe pedia o visitasse. Chegou elle à náó, recolheo-se a hum camarote, onde o enfermo estava, e alli lhe ouviu huma Confissão geral de toda a sua vida, depois da qual mandou logo o enfermo chamar o Capitão, a quem com muita humildade pediu perdão, e aos mais navegantes, que com elle hião. Depois desta acção, que fez de verdadeiro Catholico, se declarou com o Capitão, dizendo-lhe que o era, e que se lhe não dava que os mais In-

glezes o foubessem, antes que a sua maior gloria seria, que todos por tal o conhecessem.

3 Não ficou o Capitão muito contente, nem olhava já ao Religioso com aquelle agrado, com que o recebêra ao entrar de seu navio; porém elle hia por extremo satisfeito com o fruto, que tinha tirado de sua jornada, que não foi só o referido, mas tambem que depois de acabada a Confissão, em huma pratica, que teve com hum Inglez, assistente ao enfermo, o tirou de seu erro, reduzindo-o a que se baptizasse, o que elle logo fez, pedindo segredo ao Religioso, e que o não foubesse o Capitão do navio até elle poder sahir em terra. Recolheo-se o Irmão Fr. André de Faro para o seu navio, que para fazer jornada não esperava mais, e depois de vinte e cinco dias de viagem chegou ao Rio Grande, aportou no sitio de Ginalda, onde logo o Religioso sahio em terra. Tanto que foubirão de sua vinda, forão muitos os que concorrêrão, huns a pedir o Baptismo, outros, que erão já Christãos, a receber os Sacramentos da Penitencia, e Eucharistia; e ainda alguns, que por falta de Sacerdote estavam só desposados, recebêrão o do Matrimonio.

4 Não he possivel dizer-se o grande fruto, que fez neste
Rio

Rio Grande ; porque como o Rei era Christão, e muito amigo dos Portuguezes, todos o imitavão, com que forão innumeraveis os que se convertêrão. Aqui se deteve, até que chegando-se o tempo de se achar com seu companheiro Fr. Salvador de Taveiro em Cacheu, que assim o tinham ordenado, fez viagem para aquella povoação, onde poucos dias depois de sua chegada aportou também o companheiro. Não tinha este trabalhado menos na conversão das almas, assim no Rio do Nuno, onde tinha ficado, quando se apartarão, como nas partes da de Ponga, para onde se embarcou, que são hums rios, que ficão do Rio Nuno ao Sul, porque assim em hum, como nos outros foi grande a conversão dos Gentios. Huma das mais celebres que fez ; foi no mesmo Rio do Nuno, em hum lugar, em que assistia o Rei daquella terra ; porque tendo noticia de hum Fidalgo rico, e poderoso, que alli vivia, e trazia sempre consigo sessenta homens de sua guarda, entre criados, e cativos, com os quaes se tinha feito salteador, não tendo outro officio mais, que andar pelos caminhos apanhando negros para os vender aos brancos, intrepidamente o foi buscar, e com tanta efficacia lhe estranhou a vida, que

fazia, que movido o Gentio da reprehensão, pedio com muita humildade o Baptismo. Cathquizou-o o Religioso, e depois de sufficientemente instruido nos principaes Mysterios de nossa Santa Fé, lhe deo o Baptismo, pondo-lhe por nome Francisco, o qual dalli em diante viveo tão differentemente, que até os mesmos Gentios se admiravão, e muitos a seu exemplo vinhão baptizar-se, movidos de huma mudança tão grande.

5 Juntos em fim os dous Religiosos no Hospicio da Piedade, da povoação de Cacheu, se recolherão para o Convento de Cabo-Verde, depois de haverem gastados dous annos na terra firme de Guiné, quaes forão os de 1663. e o de 64. No decurso destes forão innumeraveis os trabalhos, que padecerão, assim pelo mar, como pela terra ; mas não intimidão estes aos Religiosos de Cabo-Verde, porque atropellão todos por continuarem este ministerio : tanto assim, que em se recolhendo dous, logo sahem outros continuar a Missão, com que poucas vezes se vê Guiné sem Missionarios do Convento de Cabo-Verde. Os dous, de que escrevemos até agora, de Cabo-Verde voltarão ao Reino, e na Provincia acabarão louvavelmente, o Irmão Frei An-

André de Faro no nosso Convento de Béja no anno de 1678.

CAPITULO XXXI.

*De dous Ministros Provinciaes,
que consecutivamente teve
a Provincia.*

1658 **P** Or morte do Irmão Fr. Diogo de Lagos, que succedeo em Villa-Nova aos 12. de Abril de 1657. elegêrão os Vogaes em Vigario Provincial, para complemento do triennio, ao Irmão Fr. João de Estremoz, que em pouco mais de hum anno, que governou a Provincia, mostrou tanto zelo, e madureza unida a huma affabilidade, que fora bastante a aliviar a saudade, que tinha deixado o Provincial, a quem substituiu, a não ser sua morte tão sentida. No fim do triennio visitou a Provincia o Irmão Frei Antonio da Purificação, Provincial da Santa Provincia da Arrabida, com authoridade para presidir no Capitulo *cum plenitudine potestatis* pelo Eminentissimo Senhor Francisco Barberino, Cardeal Protector da nossa Religião Serafica. Concluida em breve a Visita, convocou os Vogaes para o nosso Convento da Piedade, onde no primeiro de Junho de 1658. sahio eleito, com geral approvação de todos, o Irmão Fr. Pe-

dro de Vianna, Prégador, e hum dos que mais frequentarão em seu tempo o pulpito com maior applauso. Por Definidores sahirão os Irmãos Frei Manoel de Evora, Fr. Manoel de Moura, Prégadores, Frei Antonio de Lagos, Fr. Francisco de Lisboa, e por Custodio Fr. João de Estremoz, que acabava de Vigario Provincial.

2 Dilatou-se neste triennio a Congregação, porque o Irmão Provincial Fr. Pedro de Vianna, indo na segunda Visita, adoeceu no Algarve no nosso Convento de Villa-Nova, onde esteve affim enfermo desde Novembro até o mez de Março. Depois que convaleceo, e pode acabar a segunda Visita, celebrou a sua Congregação em Villa-Viçosa a 3. de Abril de 1660. De seu tempo não temos cousa digna de memoria, sabemos porém que governou com tanto acerto, prudencia, e agrado de todos os Religiosos, que ainda hoje vive seu nome muito na lembrança, nem acabará na Provincia tão facilmente. Concluido seu governo aos 30. de Julho de 1661. se celebrou Capitulo Provincial na Piedade de Villa-Viçosa, havendo visitado a Provincia o carissimo Irmão Fr. Vicente do Espirito Santo, Vigario do Hospital Real, e Enfermaria de Lisboa, Custodio, que

que havia sido da Provincia da Arrabida : presidio nelle o dito Padre, por auctoridade do Cardeal Protector. Neste Capitulo sómente se acháráo dous Religiosos dos que no Capitulo passado tinham sido eleitos para a Meza : convem a saber, o Provincial Fr. Pedro de Vianna, e o Definidor mais moço Fr. Antonio de Lagos; os outros trez Definidores, e Custodio haviam falecido antes de se acabar o triennio, por cuja morte para votarem em Capitulo vierão quatro subrogados. Sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Francisco de Serpa Prégador; em Definidores os Irmãos Fr. Daniel de Portalegre, Fr. João de Chaves, Fr. Paulo de Arraiolos, e em Custodio o Irmão Fr. Nuno de Fronteira Prégador.

3 Concluidas as Actas Capitulares, se recolhia o Irmão Fr. Vicente do Espirito Santo para a sua Provincia, levando o agrado geralmente dos Religiosos da Piedade; porque em todas as suas disposições, e modo de proceder foi mui aceito. Chegando ao nosso Convento de Santo Antonio de Evora, enfermou gravemente; e cedendo ao pezo da doença, foi receber o premio de seu trabalho, e religioso procedimento: cuja morte foi mui sentida de toda esta Provincia; que como leva-

va de todos o agrado, claro está que a todos havia de deixar sua morte sentimento. No tempo, que se celebrou este Capitulo, se achava a Provincia mui falta de Prégadores, por cuja causa todos os Vogaes uniformemente pedirão ao Provincial mettesse hum Curso de Artes: o que se poz em execução a 9. de Outubro de 1662. deputando-se para Casa do estudo a de Valverde, por mais retirada; mas como he tão doentia, proseguirão os estudantes em o Convento de nosso Padre S. Francisco de Elvas, tendo por Mestre ao Padre Fr. Domingos dos Prazeres da Santa Provincia dos Algarves. Fez a sua Congregação o Irmão Fr. Francisco de Serpa, em que presidio por auctoridade do Cardeal Protector a 3. de Março de 1663. em a Piedade de Villa-Viçosa. Em seu tempo se aceitáráo duas Casas, sendo a Arrifana a primeira dellas.

4 Desejavão muito os moradores da Arrifana (Lugar rico no territorio do Porto) ter hum Convento da nossa Provincia; e sabendo se celebrava Capitulo em Villa-Viçosa, escreveu a Camera huma carta, em que vinha affinada a principal nobreza: pedindo aos Vogaes quizessem aceitar na sua terra hum Convento; que seria nella mui importante, por ser mui po-

Fundação
do Convê-
to de Santo
Antonio
de Arrifa-
na.

povoada , e não haver outro , onde pudessem frequentar os Sacramentos ; como deſejavão. Offerecião ſitio , onde quer que o eſcolheſſem os Religioſos , que para iſſo deputaſſe a Provincia , promettendo todos concorrerem para a fundação , de ſorte que em breve tempo ſe acabafſe ; e juntamente conſignarão logo eſmola ordinaria para ajuda da ſuſtentação dos Religioſos nelle moradores. Aceitaram os Vogaes a offerta , e determinou-ſe , que indo o Irmão Provincial em viſita , chegaria a Arrifana a eſcolher ſitio , e deixaria logo Religioſos , que deſſem principio à fundação. Affim ſe fez ; porque chegando o Irmão Frei Francisco de Serpa em a ſua primeira viſita ao Porto , dalli paſſou a Arrifana , e eſcolheu o ſitio , que lhe pareceo mais accommodado , que deo Ignacio de Andrade e Abreu , morador daquella Villa , e hum dos principaes della ; e não ſómente deo o ſitio , mas tambem foi dos que mais concorrêrão com ſuas eſmolas para a fundação. Suppoſto porém que tudo iſto paſſou no anno de 1661. não ſe lançou a primeira pedra ſenão em o de 1663. gaſtando-ſe todo eſte tempo em ſe tirarem as licenças neceſſarias para a nova fundação , e em ſe ajuntarem os materiaes para a obra :

eſtá com tudo hoje o Convento perfeitamente acabado com excellente cerca para alivio , e divertimento de treze até quatorze Religioſos , que o habitão , a quem o povo ſuſtenta liberalmente. He nelle o Orago Santo Antonio: o Padroado da Capella mór deo-ſe a Dom Francisco de Ataíde , que por eſſe effeito o dotou , conſignando eſmola de todos os annos para ſeu ornato.

5 No meſmo anno , que lançarão a primeira pedra em o Convento da Arrifana , a lançarão tambem em outro Convento , que temos em Guimarães , Villa principal do Reino em o Arcebiſpado de Braga ; cujos moradores , não obſtante terem já na dita Villa dous Conventos de Religioſos , hum de noſſo Padre São Francisco da Santa Provincia de Portugal , e outro de noſſo Padre S. Domingos , pedirão em o Capitulo , em que ſahio em Provincial o Irmão Fr. Francisco de Serpa , quizeſſemos ir fundar naquella ſua Villa. Fundou-ſe eſte junto dos muros da Villa ; e no dia , em que ſe lançou a primeira pedra , moſtrou bem o povo o goſto , e vontade , com que nos recebia ; porque em huma Procissão , que ordenarão da Villa ao ſitio deputado para o Convento , hião variedade de danças , e outras invenções feſtivas.

Fundação
do Con-
vento de
Santo An-
tonio de
Guimarães.

tivas. Não tem o Convento Padroeiro particular ; foi edificado com esmolas do povo , que em poucos annos o aperfeiçoou : he dedicado a Santo Antonio , e acode com grande pontualidade o povo com todo o necessario para a sustentação de quinze , ou dezeseis Religiosos , que communmente vivem nelle.

CAPITULO XXXII.

De alguns Religiosos de approvada vida , que florescerão neste tempo.

NO tempo do Irmão Provincial Fr. Francisco de Serpa acabárão com fama de approvada santidade muitos Religiosos , que a florescerem em outra parte , onde se cuida mais deixar em memoria as acções heroicas de virtude , não faltára materia para a escriptura , e maravilhosos exemplos para os vindouros ; compomos porém com esta mágoa , pois he irremediavel , por mais que a choremos. Entre estes tem primeiro lugar , quanto ao tempo , o Irmão Fr. João de Atouguia (que he hum pequeno lugar no Bispado de Leiria) Frade leigo , e tão perfeito , que já no estado de secular servia a todos de exemplo. Da pureza era tão vigilante , que estando ainda em o mundo , se pelo caminho se

encontrava com alguma mulher , se apartava da estrada , querendo antes ir pelos tojos que ter encontro semelhante ; e depois na Religião , para melhor guardar esta virtude , se mortificava com continuos jejuns , e extraordinarias disciplinas. Era profundamente humilde , donde lhe nascia hum grande desejo , que tinha de se ver de todos desprezado : trazia sempre o habito mais vil , e remendado , e ainda deste se julgava indigno. A esta virtude da humildade ajuntava huma notavel reverencia , que tinha aos Sacerdotes , diante dos quaes não só não fallava , mas quando respondia , era constrangido.

2 Foi tão extremado na obediencia , que fazia diligencias por conhecer a vontade do Prelado ; donde vinha não ser necessario mandallo para obedecer , porque só bastava conhecella , para pôr logo em execução o que o Prelado queria. O mais do tempo vacava à oração , e contemplação das cousas celestiaes , pelo que em huma nossa cerca poz debaixo de huma lapa huma Imagem de nosso Serafico Padre S. Francisco , tão devota , e solitaria , que infundia devoção , e hum grande desejo da soledade : aqui gastava todo o tempo , que podia furtar às obrigações de seu estado , a que não faltava , antes

Hhhhh

tes

tes com grande pontualidade as cumpria. Era tão inimigo da ociosidade, que o tempo, que lhe sobejava da oração, à imitação dos antigos Padres do Ermo, gastava em fazer cestinhos, o que também fazia pelo tempo do silencio meridiano, quando os outros Religiosos repousavam; nem houve algum, que o visse ocioso. Poz sempre particular cuidado em a guarda da lingua, sabendo que esta, como diz o Apostolo Sant-Iago, he huma universidade de maldades; sómente fallava aquellas palavras, que erão necessariamente precisas, e as que fallava depois de constangido erão tão advertidas, que dizião admirados os que o ouvião, que logo mostravão serem palavras de homem santo.

3 Os seus jejuns erão continuos, porque além do Advento, e Quaresma maior, jejuava as Quaresmas da Ascensão do Senhor, dos Anjos, e da Epifania, e nesta passava só com huma tigela de caldo; e ainda que fizesse jornadas compridas, não deixava de jejuar, antes em casa dos seculares era seu jejum mais rigoroso, que como não tinha outra cousa, passava só com pão; e quando muito, com alguma fruta mais, se a havia, fugindo a tudo o que podia ser regalo. Finalmente esta era a sua vida, servir a todos,

ouvir Missas, assistir no Coro, e contemplar em Deos. Em a occupação destes santos exercicios o achou a ultima enfermidade, e logo o servo de Deos conheceo que era a ultima, pediu perdão aos Religiosos de suas culpas com tanta humildade, e submissão, como se na verdade lhes tivera sido na vida escandalo, quem fez huma vida, que assim em hum, como outro estado, tinha servido a todos de exemplo. Recebeo com grande devoção os Sacramentos, depois do qual tendo na mão direita huma Imagem de Christo crucificado, e na esquerda hum livrinho, que continha a Regra, e sempre trazia consigo. sem embargo de que tinha, quando são, algum embaraço na lingua, com huma expedita, e alta voz começou a fallar com o Santo Christo com palavras de muita ternura, pedindo-lhe perdão de todos os defeitos, que tinha commettido contra aquella Regra, que professára: o que disse com tanta força, e vehemencia de espirito, que deixou aos circumstantes admirados, e igualmente compungidos. Pouco depois deste devoto colloquio, que teve com Deos, partio do desterro para a celeste patria, anno do Senhor 1662. em o nosso Convento de Thomar, onde tem sua sepultura.

4 Em o seguinte anno de 1663. no Convento de Santo Antonio do Porto trocou a presente pela melhor vida o Irmão Fr. Pedro de Sima do Douro, natural de S. João das Caldas, Bispaço de Lamego, hum dos mais perfeitos Religiosos, que florecêrão nestes ultimos tempos. Poz particular cuidado toda a sua vida em adquirir as virtudes, e trabalhou nisto tanto, que alcançou muitas em grão subido: era ardente sua caridade, assim para com Deos, como para o proximo, estrema da sua pobreza, na obediencia prompto, e na mortificação singular. O seu mais frequentado exercicio era a oração, e contemplação, neste gastava todos os dias doze horas; para cujo effeito quando os mais Religiosos se recolhião depois de Matinas, elle se ficava no Coro, onde perseverava de joelhos até ir dizer Missa, que sempre era a ultima, e depois de ter ouvido as de todos. Quando era Guardião, que o foi muitas vezes, não queria que se dissessem duas Missas a hum mesmo tempo: tinha ordenado que não entrasse hum, sem que primeiro sahisse outra; então no fim entrava elle; o que tudo fazia por ouvir todas as Missas, que se dissessem. Finalmente desde Matinas, até que com os Religiosos entrava no Refeitório,

não faltava em o Coro, mais que aquelle tempo, que estava em o Altar dizendo Missa. Assistia com grande devoção, e ternura neste altissimo Sacrificio, a que era tão propenso, que estando hum tempo com hum grande chaga em mãos de Cirurgião, e bem debilitado nas forças, acabada a cura, levantava-se da cama, e hia ao Coro ouvir Missa; sómente no dia, em que morreo, deixou de a ouvir, rezou porém todo o Officio Divino.

5 Os favores, que recebia de Deos na oração, sabia-os tão bem encubrir, que ainda que se suscitavão, não se podião alcançar: ordinariamente, quando estava orando, e chegavão os Religiosos a fallar-lhe, notavão elles, que nunca já mais respondia a proposito do que lhe dizião, como homem alienado de seus sentidos. Toda sua vida foi hum extraordinaria abstinencia; porque nunca comeo carne, nem peixe, nem bebeo vinho: e para dissimular esta sua mortificação, tomava o prato como os mais Religiosos; detinha-se com a couve, que nelle hia, ou outras algumas hervas, se as levava, e não tocava na carne; dava-lhe voltas em o prato, tirando-lhe alguns ossos, para mostrar assim que comia. Soccorria sua necessidade com pão, e agua,

Hhhhh ii e al-

e alguma fruta ; mas disto tomava tão pouco para sustento do corpo , que mais parecia enganallo , que soccorrello ; e supposto que ficava assim jejuando todo o anno , tinha com tudo alguns jejuns particulares , em que se tratava com mais rigor ; como era a Quaresma da Epifania , e nesta abstinencia perseverou até à morte. Sendo para si tão rigoroso , para os outros era muito brando , e benigno , folgava que tivessem o necessario , e quando era Prelado , lhes fazia alguns mimos ; e assim neste officio , como no de Porteiro , qualquer cousa , que lhe mandavão , fazia que chegasse a todos , assim leigos , como noviços ; que algumas vezes , por ser limitada , não se duvida que na repartição interviesse milagre.

6 Sendo Prelado , fazia muita pouca diligencia pelo sustento dos Frades , assim pela confiança , que tinha na Providencia Divina , que nem ao mais vil bichinho falta , como tambem por se não divertir da oração ; porque só nesta lhe parecia aproveitar o tempo. Tinha porém Deos cuidado de tal sorte de lhe mandar todo o necessario a casa , que os Conventos , onde foi Guardião , forão sempre os mais abundantes. Aos jejuns continuos ajuntava rigorosas disciplinas , e outras penitencias ;

o pouco sono , que tomava antes de Matinas , que depois dellas nenhum tomava , como temos dito , era sobre huma cortiça ; e depois de velho , e enfermo , para trazer sandalias foi necessario obrigarlo o Prelado por obediencia. Por humilde não podia acabar comfigo ser Guardião , tendo-se por indigno ; e algumas vezes , que o foi , e Definidor , obrigavão-o com todo seu poder os Prelados maiores : sentindo nesta fórma de si , differentemente sentia dos outros ; porque tudo o que nelles via , lhe parecia bem , desculpando sempre alheios defeitos. Era notavel seu recolhimento , porque rara vez sahia do Convento , salvo o amor do proximo o obrigava , buscando-o alguns para lhes patrocinar suas petições , especialmente em quanto viveo no Porto , por conhecerem a devoção , que lhe tinha o Governador daquella Cidade D. Alvaro de Abranches , pelo grande conceito , que formava de sua virtude.

7 Nunca esteve ocioso , porque na cella gastava o tempo ou lendo , ou meditando : sendo Guardião , velho , e enfermo , não consentio nunca que os Coristas lhe lavassem a sua roupa , elle mesmo a lavava. Hum caso lhe succedeo , que os Religiosos , que o virão , o tiveram por milagre , e por tal o escre-

crevemos : foi elle, que vindo de Villa-Viçosa, onde tinha ido votar a Capitulo no anno de 1655. em que sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Diogo de Lagos, e elle acabava de Guardião do Porto, chegou ao nosso Convento de Thomar, de caminho para o de Coimbra, para dahi passar ao do Porto, onde o fazião morador; e querendo fazer jornada na vespéra do Corpo de Deos, os Religiosos o dissuadião; dizendo-lhe que não era bem que ficasse em hum dia tão solemne fóra do Convento. A isto respondeu o servo de Deos que o dia de Corpus Christi havia de ter em o Convento de Coimbra, e que Deos o havia de ajudar, para que naquella dia pudesse vencer toda a jornada. Partio em fim, como determinava, mas sem que os Religiosos se persuadissem que chegasse naquella dia ao Convento dos Oliveas, por serem de Thomar a Coimbra doze legoas, jornada, que não faz nenhum Religioso em hum dia, por mais robusto, que seja, quanto mais quem andava tão debilitado, e macilento das continuas, e rigorosas penitencias, que fazia. Depois da festa do Corpo de Deos partirão dous Religiosos do mesmo Convento de Thomar para o de Coimbra, onde a obediencia os fazia

moradores, forão inquirindo pelo caminho, por verem se achavão alguém, que lhes dêsse noticias, que passasse por alli algum Religioso; não encontrão quem dêsse razão delle, mais que em huma quinta junto a Coimbra, onde se tinha detido algum tempo, e achão depois no Convento que tinha chegado a mui boas horas, de que ficarão grandemente admirados, attribuindo-o a milagre; porque considerada a qualidade do sujeito, e distancia do lugar, lhes pareceo que não podia aquillo ser naturalmente.

8 De Coimbra foi morador para o Porto, onde viveo alguns annos, e nestes continuava mais seus santos exercicios: todos os dias de tarde hia à cerca; jornada que o obrigava a fazer huma particular devoção, que tinha à Virgem Maria Senhora nossa, e em huma Hermita, que ainda hoje persevera naquella cerca, gastava a maior parte da tarde em soberanos colloquios diante de huma Imagem, que alli estava, da Senhora. Na vespéra de sua morte, indo fazer esta sua costumada visita, vendo-o hum Religioso, e compadecendo-se de sua fraqueza, lhe perguntou para onde hia, a que o servo de Deos respondeu: *Vou dar o ultimo vale à minha Senhora,*
por-

porque a não hei de ver mais neste mundo. Assim foi, porque no dia seguinte pediu o Viatico, que recebeo com grande devoção de joelhos fóra do leito, e da mesma sorte o Sacramento da Extrema-Unção, rezando com os Frades os Psalmos Penitenciaes, e affirmando que brevemente havia de morrer, dahi a poucas horas entregou a alma nas mãos de seu Creador. As cousas de seu uso, não só depois de morto, mas ainda em vida, erão dos seculares pedidas, e como reliquias veneradas.

CAPITULO XXXIII.

De mais alguns Religiosos deste tempo.

Fr. Pedro
de Louza
Sacerdote.

I **Q**Uasi pelo mesmo tempo resplandecéo em grande perfeição de vida o Irmão Fr. Pedro de Louza, Confessor, ministerio, que exercitava com tanta devoção, e espirito, que obrou Deos por seu meio grandes conversões em os penitentes; e supposto que não houve em seu tempo quem frequentasse mais o Confessionario, não lhe tirava este trabalho a assistencia no Coro, porque se achava a todas as horas. Foi amicissimo da santa oração, onde suspirava a Deos; hia para o Coro às dez horas,

e ahi estava orando até à meia noite, que os Religiosos entravão a rezar Matinas, às quaes sempre assistia com grande devoção; e fóra deste tempo, o que mais podia furtar às occupações de seu officio, e às assistencias das Comunidades, gastava neste santo exercicio, que todo para elle lhe parecia pouco. Os seus jejuns de pão, e agua, que tinha por todo o decurso do anno, erão mui continuos, e rigorosos, e muito mais às segundas, quartas, e sextas feiras do Advento, e Quaresma. Era de prompta obediencia, profunda humildade, estremada pobreza, e de outras muitas virtudes, que constituem hum perfeito Religioso.

2 Sendo Guardião em Faro no Reino do Algarve, confirmou Deos com hum milagre, que obrou por meio deste Religioso a opinião, que delle tinham em aquella Cidade; e foi, que como obrigado dos Frades fosse huma tarde visitar Maria Coelha, grande bemfeitora do Convento, a achou mui afflicta, porque naquella hora tinha sabido de sua casa o Cirurgião resoluta a lhe cortar hum braço, em que tinha erpes, na visita, que lhe fizesse de manhã. Compadeceo-se o santo Religioso da afflicção, em que a via, tanto por considerar que havia de ficar sem hum braço, como pelo

lo horror, que lhe fazia a dor; que sentiria em lho cortarem. Fez-lhe o final da Cruz sobre elle, e naquella noite melhorou de sorte, que vindo de manhã o Cirurgião, e achando aquella melhora repentina, quando vinha preparado para lhe cortar o braço, lhe perguntou que lhe fizera. Ao que respondeu a enferma que nenhuma cousa, e que só o Guardião de Santo Antonio lhe fizera hum Cruz sobre elle. Ficou o Cirurgião admirado, julgando que aquella melhora tão repentina não podia ser sem milagre. Nesta opinião perseverou este Religioso, até que carregado de annos, e merecimentos, o levou Deos lograr o premio de seus trabalhos.

3 Em o Convento de Santo Antonio de Evora, outro Religioso, Confessor tambem por officio, acabou seus dias, não com menor fama de santidade. Chamava-se elle Fr. Gaspar de Castello Mendo, Villa no Bispado da Guarda; foi mui austero, e penitente, o seu comer era muito pouco, os jejuns mui continuos, e na Quaresma da Epifania, que sempre jejuou, se sustentava sómente com hum tigel de caldo, que tirava da panela, que nesta Provincia costumão os cozinheiros fazer para os pobres, nem queria outra alguma cousa. Todas as noi-

tes fazia duas rigorosas disciplinas, hum a à prima noite antes de se recolher, outra depois que sahia de Matinas, além das que fazia com os mais Religiosos na Comunidade; com o que trazia o corpo tão debilitado, e fraco, que se via bem o rigor, com que o tratava. Era mui benigno, brando, e sincero, espiritual, e devoto, por cuja razão o fizeram muitas vezes Mestre de noviços, que creou com toda a vigilancia, servindo sua vida, e exemplo de reprehensão aos frouxos, e suas praticas espirituaes de fogo, com que encendia aos tibios. O seu exercicio mais quotidiano, e o que mais praticava aos noviços, era o da santa oração, neste gastava todo o tempo, que podia tirar a suas occupaões precisas, e o que de noite podia furtar ao sono; porque depois que assistia a Matinas com os mais Religiosos, recolhendo-se os outros para as cellas, elle se ficava em o Coro até pela manhã orando. Com tanto fervor vacava a Deos, que o achárão muitas vezes sem sentidos. Sendo Mestre de noviços em Villa-Viçosa, o mandou chamar em hum occasião o Guardião do Convento por hum delles; entrou o noviço no Coro, onde achou ao Mestre orando, deo-lhe o recado; e cuidando que ouvira, se sahio

hio fóra. Esperava o Guardiãõ que viesse ; mas como vio que se detinha , enviou segunda vez o mesmo noviço , que o chamasse , o qual como visse que não fazia o Mestre movimento algum ao recado , que lhe dava , chegou-se mais perto , e achou que estava totalmente suspenso , sem dar razão do que passava : então pegando-lhe o noviço de hum braço , o despertou , e tornando em si , veio logo com toda a pontualidade , onde a obediencia o chamava.

4 Outra vez morando em o Convento de Santo Antonio de Evora , quando os Castelhanos no anno de 1663. vierão sitiãr esta Cidade , como em effeito a entrãrão , apparecendo o exercito à vista della , o mandou chamar o Guardiãõ para tomar com elle parecer sobre se haviãõ de deixar o Convento , por estar mettido em hum forte ; e entrando na sua cella o Religioso , que lhe levava o recado , o achou em extase diante de hum Crucifixo , que tinha no Oratorio , e levantado por hum grande espaço da terra. Este era o fervor , com que orava , e neste continuou o pouco tempo , que depois disto viveo ; porque vindo o nosso exercito restaurar Evora , coube o combate do forte aos Inglezes , que pela nossa parte militavão , que entrando-o brevemente , como

fizessem o mesmo pelo interior do Convento , disparando contra os inimigos tiros de mosquete , encontrou huma bala a este Religioso , que o ferio em hum braço , de cuja ferida dahi a alguns dias morreo em o mez de Julho do sobredito anno de 1663. recebidos primeiro com grande devoção os Sacramentos.

5 Em o seguinte anno de 1664. passou tambem a lograr o premio de seus trabalhos , que tinha bem merecido em muitos annos , outro perfeito Religioso chamado Fr. Gaspar de Ar-
rifana , Lugar em o Bispado do Porto. Foi dotado de huma simplicidade columbina , alicerce , e fundamento , onde assentavão outras muitas virtudes , de que o dotou a poderosa mão do Altissimo. Na humildade era profundo , donde lhe nascia occupar-se nos officios mais baixos do Convento , de tal sorte , que quando os hião fazer os Coristas , a cuja conta estavão , já lhes tinha ganhado de mão sua diligencia : ainda sendo muito velho , e debilitado , hia à cerca , e fazendo feiches dos chamijos , que nella ajuntava os trazia às costas ao cozinheiro. Ao passo que nelle crescia o amor de Deos , crescia tambem o do proximo ; donde lhe procedia desejar a todos , como outro S. Paulo ,^a nas entranhas

Fr. Gaspar
da Arri-
na Sacer-

Ad Ph
c. i. n.

de Jesus Christo ; por onde a todos, que encontrava, ou fosse secular, ou Religioso, costumava dizer estas palavras : *Deos vos alumee essa alma, para que se não perca* ; o que pronunciava com tanto fervor de espirito, que quem o ouvia ficava compungido. Sendo morador em o nosso Convento do Porto, sahindo hum tarde do Convento para a Cidade, encontrou no caminho, pouco além da portaria, hum Ministro de Justiça, e como dissesse a este as palavras, que costumava dizer a todos, lhe fizeram tanto abalo, que ficou tremendo ; e chegando à portaria, perguntou ao Porteiro, que Frade era aquelle, que lhe parecêra tanto na efficacia das palavras.

6 Maravilhofo foi o caso, que lhe succedeo vindo de Aporantes para Alter ; como no caminho perdesse a estrada junto das Ave Marias, vendo-se entre hum espesso matto sem saber para onde havia de tomar, começou a bradar por alguém, que o guiasse : neste tempo, sem que ninguem lhe respondesse, se achou junto de hum arvore com hum homem, que como admirado lhe perguntou, quem o trouxera alli. Ao qual respondeo o Religioso que perdêra o caminho, que vinha buscar quem lho ensinasse. Essa perda, replicou o homem, foi

para meu ganho : então lhe contou como por certa occasião de desgosto, que tivera, entrara em desconfiança, e desesperação, e que sahira de casa com tenção de se enforcar em aquella arvore, onde tendo já lançado o baraço para effectuar seu intento, o ouvira bradar ; com o que cuidando era alguém, que o via, suspendêra a execução daquella temeridade, a que se resolvêra ; mas já que Deos o trouxera àquelle lugar a tempo, que menos se podia presumir, para livrar sua alma do perigo, em que estava, se queria confessar de sua culpa. Recoilhêrão-se ambos aquella noite para a casa do dito homem, onde o Religioso o ouviu de confissão, e com saudaveis conselhos o consolou na sua pena.

7 O mais tempo, que depois disto restou a este Religioso de vida, foi continuando em seus costumados exercicios, que nunca deixou ; atè que indo morador para o Convento de nossa Senhora de Azurára, onde Deos tinha determinado dar-lhe o premio de seus serviços, o levou para si por meio de hum placida, e invejada morte em dia de Santo Antonio. Tinha elle assistido à festa do Santo com grande devoção, e espirito ; e vindo os Religiosos depois do Refeitório à cozinha lavar a louça, como he costume, acabada a Com-

munidade, perguntou aos mais, se queria algum delles para o Ceo alguma cousa. Tiverão o dito por galantaria, porque estavam mui longe de suspeitar o que depois virão com seus olhos. Recolherão-se todos, e com elles o santo velho; a Vesperas reparou o Guardião que faltava no Coro, o que logo estranhou, porque ninguem com mais pontualidade o seguia; com tudo não o mandou chamar, por lhe parecer que o não vir a Vesperas seria por estar cansado das confissões, que naquella manhã tinha ouvido. Mas como também faltasse a Completas, e depois dellas na Comunidade do Refeitório, perguntou o Guardião aos Religiosos se o vira algum delles naquella tarde. Não houve quem d'elle razão d'elle; por onde lembrado do que o santo velho tinha dito depois de jantar, e fazendo já mysterio do que antes tinha feito galantaria, mandou que fossem ver se estava na cela. Entrou nella hum Religioso, achou o corpo morto de joelhos diante do Oratorio com as mãos levantadas ao Ceo, para onde a alma tinha caminhado. Com aquella vista, e postura ficou suspenso por hum grande espaço, depois do qual avisou ao Guardião do que vira. Acudirão todos que achando-o na mesma fôrma, enveja-

vão aquella morte tão socogada, e com tantos sinaes do premio, que já o santo velho tem o Ceo lograria.

CAPITULO XXXIV.

Do quadragésimo-oitavo Ministro Provincial: e acções virtuosas de Fr. João de Medrida, Frade leigo.

CUmprido o triennio do Irmão Fr. Francisco de Serpa, que o governou com grande acerto, e satisfação, como dotado que era de huma particular prudencia, e madureza, entrou visitando a Provincia, por especial Patente do Cardeal Protector Francisco Barberino, o Irmão Frei Antonio da Purificação, Padre, e Custodio actual da Provincia da Arrabida. No fim da Visita convocou os Vogaes para o Convento da Piedade em Villa-Viçosa, onde em dez de Janeiro de 1665. procedendo à eleição de Provincial, sahio eleito o Irmão Fr. Paulo de Arraiolos: em Definidores os Irmãos Fr. Philippe do Fundão, Fr. Bernardino de Evora, Frei João de Loulé, Fr. Manoel do Sardoal Prégador: e em Custodio o Irmão Fr. Alexandre de Portel Prégador. Fez o Irmão Fr. Paulo de Arraiolos a sua Congregação, em que pre-

166;

Fr. Paulo
de Arraiolos
Provincial.

fi-

fidio, pelo mez de Agosto de 1666. no sobredito Convento da Piedade. Em seu governo foi notado de aspero, e que fazia guardar as Leis, e costumes da Provincia com nimiedade; se bem que como era mui regular, e reformado, não deixava razão de queixa, em tratar aos outros com a aspreza, com que a si se tratava.

2 Entre os Religiosos, que em seu triennio, havendo escapado, sem perigar na virtude, das tormentas desta vida, tomáráo porto seguro nas enseadas da Gloria, foi hum delles o Irmão Fr. João de Merida, Frade leigo. Era este Religioso Castelhana de nação, natural de huma pequena Villa, chamada Montanches, onde nasceo em trez de Novembro de 1605. como consta da inquirição, que se tirou, quando pertendeo o habito nesta Provincia: e supposto que sempre se chamou de Merida, não foi porque nella nascesse; serião tal vez seus pais naturaes desta Cidade, de quem Montanches não fica mui distante. Sendo mancebo, veio a Lisboa em companhia de hum Fidalgo Castelhana, em cuja casa esteve nesta Corte alguns annos; mas como lhe parecessem mal as cousas do mundo, procurou deixallo; para cujo effeito pertendeo o habito de nosso Padre

S. Francisco em a nossa Provincia da Piedade. Lançarão-lhe este no Convento de Portalegre, pelos annos do Senhor 1625. e mostrou logo no anno do noviciado huma como natural propensão a tudo o que era virtude; assistindo com grande promptidão, e diligencia aos exercicios, assim da vida activa, como da contemplativa, com que a Religião costuma crear os noviços. Levou seu procedimento o agrado dos Religiosos; pelo que acabado o anno do noviciado lhe derão a profissão com satisfação de todos. Depois de professo tratou déveras aspirar à perfeição, trabalhando por adquirir as virtudes necessarias a constituir hum perfeito Religioso.

3 Era tão humilde, que reprehendendo-o qualquer Religioso, sem que fosse seu Prelado, ainda de cousas, em que estava innocente, não só se não desculpava, mas tambem se não dava por offendido: tudo soffria com animo tranquillo, e fozgado. Não lhe faltáráo occasiões para merecer, porque não só alguns Religiosos, mas ainda os moços do Convento, lhe davão motivos para inquietar-se, permittindo-o assim Deos, para provar a paciencia de seu servo, e lhe accrescentar o merecimento; mas em todas ellas se mostrou sua constancia dia-

mantinha. Olhava a seus proximos com huns olhos columbinos, donde procedia não lhe parecer mal cousa nenhuma, que visse nelles; nem já mais houve quem o ouvisse murmurar, antes desculpava os defeitos alheios, como se o não fôrão. Era muito amigo do recolhimento; e solidão, e por esta causa morou muitos annos no Convento de S. Vicente, que he o mais retirado, e solitario entre todos os que tem esta Provincia; e consentião os Prelados que morasse tanto tempo nelle, por consolarem a inclinação, que lhe conhecião ao retiro.

4 Todas suas acções acompanhava com o louvor de Deos; pelo que morando nesta casa de S. Vicente quando hia a pescar (o que fazem os Religiosos moradores neste Convento, não tanto por divertimento, como para se sustentarem do que pescão, por ser a casa muito pobre) em apanhando algum peixe, que não erão poucos os que pescava, que à santidade tudo obedece, logo se punha de joelhos, levantava as mãos ao Ceo, e lhe dava as graças; nenhum tirava que não agradecesse logo com este rendimento. Também se observou, que vivendo neste Convento tantos annos, e continuando a pescaria para ajudar a sustentação dos mais,

nunca se vio em perigo, nem ainda houve onda, que lhe chegasse a molhar os pés, sendo assim, que o pescueiro, onde hia, era tão perigoso, que nenhum outro Religioso se atreveo nunca descer a elle, por se haver de baixar por huma rocha a pique ao mar, quasi em altura de oitenta braças. Acudia às Missas com tanta promptidão, que succedendo tocar a ellas a tempo, que levava agua para a cozinha, deixava as vasilhas no mesmo lugar, onde ouvia a campainha da Sacristia, atè que depois de ajudar à Missa as levava para o ministerio, que era necessario. Com tanto fervor de espirito assistia à celebração deste altissimo Sacrificio, que desde que o Sacerdote entrava em o Canon, atè commungar, e muitas vezes atè o Evangelho de S. João, ficava suspenso na contemplação dos mysterios, que nelle se representam, e tão alienado dos sentidos que não respondia ao Sacerdote.

5 Em o exercicio destas, e outras virtudes perseverou atè o anno de 1665. em que Deos tinha disposto dar o premio a seu merecimento. Enfermou gravemente em o sobredito Convento; para ser curado o leváráo ao de Lagos, como aos mais, que adoecem no de S. Vicente, onde não ha capacidade para se curarem, por estar em hum

hum deserto; e he muito digno de memoria o que passou no caminho, porque do successo se vê claramente tinha Deos communicado a seu servo o espirito de profecia. Acompanha-o hum moço Castelhanao tambem de nação, que em huma entrada, que o exercito de Castella tinha feito neste Reino, onde foi derrotado, se ficou nelle, e accommodou em o nosso Convento de S. Vicente: em huma pratica pois, que com este teve no caminho, que todo o mais tempo foi mui contemplativo, como quem talvez sabia de outra jornada, que dahi a poucos dias havia de fazer, lhe disse, que ainda havia de ser Frade nesta Provincia; porque dalli a dous annos se farião as pazes entre os dous Reinos de Portugal, e Castella, com que haveria lugar para lhe tirarem as inquirições. Tudo succedeo como o servo de Deos predisse; porque sendo feita esta profecia no fim do anno de 1665, no principio do de 68. se fizerão as pazes, e com ellas teve oportunidade aquelle moço, para ser Frade leigo nesta Provincia, e ainda hoje vive nella. Chegou o servo de Deos ao Convento de Lagos, já com a enfermidade mui entrada, caminhou para a Enfermaria, onde depois de recebidos logo os Sacramentos, os

Religiosos, que lhe assistião o virão notavelmente inquieto, repetindo por muitas vezes esta palavra: *Credo*; donde collegirão lidava contra alguma persuasão do inimigo; dahi a hum espaço, ficou tão socegado, como se nada tivera passado por elle, e neste socego deo a alma a seu Creador.

CAPITULO XXXV.

De outros perfeitos Religiosos deste tempo.

I D E tal sorte cuida Deos da salvação dos homens, que por mais descuidado que algum viva, nunca sua misericordia o deixa, antes sempre o acompanha até nos mesmos divertimentos: verdade, que conheceo Santo Agostinho, depois de alumeado, dizendo no livro de suas Confissões, que a misericordia Divina o rodeava, quando mais divertido vivia. Entre os divertimentos, a que se dava em sua mocidade, buscou Deos a hum mancebo para o trazer a esta Provincia da Piedade, que nella se chamou Fr. Francisco da Idanha, Fr. Franc. da Idanha Sacerdote. Villa bem conhecida no Bispa do da Guarda. Erão seus pais da principal gente daquelle povo, abundantemente favorecidos dos bens da fortuna: e foi isto occasião, para que o filho seguisse

fe a vaidade: via-se nobre, rico, e por tal estimado na sua terra; grandes motivos para se precipitar hum mancebo. Estando huma noite entregue a seus juvenis divertimentos, sem que soubesse donde nascêra, ouviu huma voz, que lhe disse: *Busca a Deos*. Fez nelle tanta impressão, que daquella hora em diante lhe não parecêrão bem as cousas do mundo, que antes lhe levavão todo o agrado. Os poucos dias, que no seculo esteve, revolvía comsigo onde buscaria a Deos, que melhor o servisse: o que resolveo, foi tomar o habito em a nossa Provincia da Piedade: procurou-o com grande diligencia, e importunação, e negando-se-lhe muitas vezes, nunca desistio de seu intento, antes repetia mais as instancias.

2 Ultimamente em o Convento de Castello Branco, ouvindo a resposta do Provincial, que lhe negava o despacho de sua pertença, disse com grande fervor de espirito: *Oh fatal cousa, que busco a Deos, e não o posso achar*. Ao sair assim despedido do Convento, chegou a huma parte, onde se ajuntavão algumas estradas, começou a andar às voltas, dizendo que para onde cahisse, esse caminho havia de tomar. Succedeo cair contra o Fundão, foi ter ao Convento, que alli

temos, onde esperou que o Provincial chegasse; o qual vendo sua perseverança, o aceitou. Depois de Frade tal foi a sua vida, que os que antes o conhecêrão dizião que aquella mudança viera da mão poderosa de Deos; porque os seus jejuns erão continuos, e muitos dias passava sómente com pão, e agua; a oração frequente, extraordinaria a aspereza, com que se tratava; e tão pobre que o seu habito era sempre o mais aspero, vil, e remendado. Foi tão humilde, que sendo Prelado, se tratava como subdito; succedia muitas vezes descer à cerca, onde ajuntava alguns feiches de lenha, que trazia às costas ao cozinheiro. O seu exercicio mais ordinario era a contemplação; e tanto se apoderou delle esta virtude, que não havia quem o pudesse apartar della: passava na Capella muitas noites em vigia, diante do tabernaculo do soberano mysterio do Altar, de quem era devotissimo: outras andava discorrendo pelos claustros, dando enternecidos suspiros, com desejo, e saudade do Ceo.

3 Esta ternura, e doçura de espirito, de que a vida contemplativa se alimenta, não só a lograva em si, mas tambem fazia que chegasse aos outros; porque quando estava na cella, erão tão ardentes, e saudosas

as jaculatorias, que a Deos dizia, que os Religiosos vizinhos se sentião provocados a lagrymas de devoção. Como era tão contemplativo, foi muito amigo da soledade; por cuja causa gostava de morar em o nosso Convento do Bom Jesus do Monte, junto de Barcellos; onde descendo muitas vezes à cerca, entre sua matta, com suspiros, envoltos em lagrymas, desabafava o ethna do fogo do amor de Deos, que no peito lhe ardia. Foi devotissimo do mellifluo mysterio do Nascimento do Menino Deos, e de suas chagas Santissimas: humas vezes, religiosamente alegre, cantava festivos versos à Natividade de Christo; outras entoava huns tristes, e sentidos a sua Paixão Sagrada. Com a Senhora Mãe de Deos teve especialissima devoção; venerava muito aos Santos Anjos, principalmente ao Principe destes celestiaes Espiritos, o Arcanjo S. Miguel.

4 Além de outros officios, que teve, foi Mestre de noviços, aos quaes creava tão bem, como quem era tão espiritual; e devoto: foi muitas vezes Guardião e ultimamente Definidor; e supposto que não sabia letras, mais que a Grammatica, tanto aprendeo no estudo da santa oração, que assim os noviços Letrados, como os Doutores da Uni-

versidade, se admiravão de suas praticas, porque suas palavras, além de serem inflammativas, erão muito medidas, e reguladas. Nas jornadas, que fazia, hia totalmente entregue à Providencia Divina, sem que se provesse de viatico algum para o caminho; mas Deos, em cuja providencia confiava, tinha cuidado de seu sustento, como se vio numia occasião, que hia do Alentejo para a Beira, que vendo-se sem ter com que remediar sua necessidade, disse com grande fé a seu companheiro: *Confia, que o Senhor terá de nós cuidado.* Não andarão muito que não vissem diante de si hum mancebo, o qual lhe poz meza no deserto, e deo refeição ao cansado corpo. O companheiro, respeitando as circumstancias, teve a provisão por milagrosa.

5 Em toda a parte, onde morava, alcançou para com todos fama de santidade: o Conde de Villa-Fór D. Sancho Manoel, o venerava como a hum Oraculo, e a elle recorria em todo o negocio de importancia. Morando este servo de Deos em o nosso Convento de Penamacor, foi chamado pelo mesmo Conde, cuja mulher estava mortalmente enferma, e já desconfiada dos Medicos: entrou Fr. Francisco a visitalla, e depois de fazer oração retirado em huma Capella,

con-

consolou ao Conde , dizendo que não havia de morrer a Condeça daquella enfermidade : assim succedeo , porque brevemente cobrou a saude. Outra vez sendo o mesmo Conde Governador de hum exercito , e vendo-se obrigado a dar batalha , se achava algum tanto receoso do successo , por ser mui desigual o partido ; porèm o servo de Deos lhe disse que não temesse , porque certamente havia de vencer : assim o viu o Conde , alcançando naquella occasião huma victoria mui asignalada. Não só em os casos referidos , mas em outros muitos , mostrou o servo de Deos lhe tinha communicado o Altissimo o dom de profecia ; porque muitas cousas prognosticou , que depois assim succedêrão. Vindo da Beira sobrogado em lugar de hum Definidor , que havia falecido , votar a Capitulo , que se celebrava em Villa-Viçosa em trinta de Julho de 1661. perguntando-lhe o sobredito Conde aonde hia , respondeu que votar a hum Capitulo , em que havia de ser eleito por Provincial hum seu discipulo : assim foi , porque elegêrão ao Irmão Fr. Francisco de Serpa , que tinha sido seu noviço.

6 Finalmente o bemaventurado velho , não tendo já mais que a pelle , e os ossos , porque

a carne tinha gastado com vigílias , jejuns , disciplinas , e outras mui asperas penitencias , veio morador para o Convento do Fundão no fim de sua vida , para que alli morresse , onde o tinham recebido ao habito. Está na cerca deste Convento em huma Capellinha huma milagrosa Imagem de nossa Senhora , que por apparecer sobre hum seicho , delle tomou o nome , dando-o tambem ao Convento : tanto que a elle chegou Fr. Francisco , logo disse que alli havia de morrer ; porque sempre havia pedido à Senhora este beneficio. Assim succedeo ; porque dando-lhe huma enfermidade , e recebendo devotissimamente os Sacramentos da Igreja , poz termo a seus dias em o anno de 1666. tendo de habito perto de sessenta e quasi oitenta de idade.

7 Em o mesmo anno trocou a presente pela eterna vida em o Convento do Bom Jesus do Monte outro perfeito Religioso , chamado Fr. Agostinho de Fragofo , Freguezia no Arcebisado de Braga , que tomando para si a aspereza , que inculca seu nome , sendo só para si fragoso , deixava para os outros o brando , e suave de sua caridade ; porque para todos foi benigno. Desde seus principios se deo no seculo ao estudo das letras , e depois na Re-

Fr. Agostinho
de Fragofo
fo Sacerdote

ligião exercitou com satisfação de todos o officio de Prégador; ardendo tanto em seu peito o fogo da caridade, e desejo da salvação das almas, que em seus Sermões reprehensivos parecia que lhe sahião abrazadas chamas pela boca. Nunca se ouvio da sua boca palavra ociosa; as poucas, que dizia, por ser mui amigo do silencio, erão tão reguladas pela razão, que nenhuma dellas, nem ainda levemente offendia a modestia religiosa. Do recolhimento interior he prova a exterior composição; porque o exterior composto, argúe interior recolhido: e segundo isto era grande o recolhimento interior, com que este Religioso andava; porque a sua composição, e honestidade era tanta, que inclinava à virtude a quem o via, e conversava.

8 Foi tão puro, que se afirmava que toda a sua vida foi virgem, e para conservar esta sua inteireza, se vio huma vez em perigo. Fazia elle huma jornada, em que lhe foi forçoso pernoitar no caminho; e como fosse de agradável presença, se lhe affeiçãoou desordenadamente huma filha do hospede, que o agasalhava: instigada pelo demonio o buscou de noite em o apolento, onde se recolheo; porém elle lhe fugio por huma janella com perigo de vida; com

cuya acção ella ficou confundi-
da, e se metteo Religiosa. O tempo, que podia tirar às mais occupaões, gastava em oração, e por melhor vacar a este celestial exercicio, amava muito a soledade; causa, que o levou para o Convento do Bom Jesus do Monte, como mais apartado do trato, e comunicação dos homens. Neste viveo alguns annos santissimamente, todo entregue à oração, abstinencias, e officios de caridade. Foi muitas vezes Guardião, e hum Definidor, e estando feito Visitador da Provincia de Santo Antonio, deo algumas escusas para não aceitar esta commissão, que lhe forão admittidas pelos Prelados. A todos punha espanto a admiravel paciencia, com que soffria os trabalhos, e graves enfermidades, que teve: na ultima, vendo que se lhe chegava o fim da vida, pedio aos Religiosos o levasssem à Capella, onde lhes fez huma pratica, a quem o lugar deo mais espirito, e o tempo mais attenção. Nella os exhortou à perfeição religiosa, com mui fervorosas, e efficazes palavras. Tornando à cella, como se lhe aggravasse a enfermidade, perguntou hum dia de que Santo era; e respondendo-se-lhe que de Santo André, então disse: *Esse Apostolo de Christo me ha hoje de introduzir na*
Kkkkk sua

sua Gloria. Recebeo logo os Sacramentos, e no mesmo dia, como tinha dito, tomou o caminho da eternidade em o anno de 1666. com quarenta e sete de habito: tem sua sepultura no Convento do Bom Jesus do Monte, onde faleceo.

CAPITULO XXXVI.

Eleições do quadregesimo-nono, e quinquagesimo Ministros Provinciales: e erecção da Provincia da Soledade.

1668 1 **N**O fim do triennio do Irmão Fr. Paulo de Arraiolos entrou visitando a Provincia com authoridade Apostolica, para presidir no futuro Capitulo, o Irmão Fr. Pedro de Jesus, que havia sido Provincial da Provincia da Arabida, o qual acabada a visita, convocou aos Vogaes em a Piedade de Villa-Viçosa, onde em sete de Janeiro de 1668. foi eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Alexandre de Portel Prégador. Sahirão por Definidores os Irmãos Fr. Martinho de Coruche, Fr. Lopo do Sardoal, Fr. Antonio de Monte-Mór, Fr. Boaventura de Portalegre; e por Custodio Fr. Gaspar de Serpa. A sua Congregação, em que presidio, fez o Irmão Fr. Alexandre em Villa-Viçosa, dia de S. Boaventu-

ra quatorze de Julho de 1669. depois da qual, como no seguinte anno de 1670. se celebrasse pela festa de Pentecostes Capitulo Geral em Valhadolid, achando-se o dito Irmão Provincial legitimamente impedido, em seu lugar foi Pro-Ministro o Irmão Fr. Boaventura de Portalegre, actual Definidor, que com o Irmão Custodio Fr. Gaspar de Serpa se achou naquella Capitulo; onde a 24. de Maio do sobredito anno sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Maria Rhini de Policio, e em Commissario Geral desta Familia Cismontana o Reverendissimo Padre Fr. José Ximenes Samaniego.

2 Concluido o triennio do Irmão Fr. Alexandre de Portel, se teve Capitulo em a Piedade de Villa-Viçosa, presidindo nelle o sobredito Padre Commissario Geral, havendo visitado a Provincia de ordem sua, o Irmão Fr. Francisco da Visitação, Custodio actual da de Santo Antonio; ainda que primeiro que elle principiou a visitalla o Irmão Fr. Miguel de Jesus, Padre da mesma Provincia, que adoecendo em a Cidade do Porto, se retirou para o seu Convento de Santo Antonio de Lisboa, onde morreo, e veio em seu lugar o

fobredito Padre. De unanime consentimento em nove de Maio de 1671. sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Boaventura de Portalegre, que acabava de Definidor: foram eleitos em Definidores os Irmãos Fr. Antonio de Niza, Fr. Antonio do Crato, Fr. Gonçalo de Portalegre, e Fr. Pedro de Loulé; e em Custodio Frei Francisco das Galveas Prégador. Fez o Irmão Provincial a sua Congregação em Villa-Viçosa a treze de Novembro de 1672. em que presidio o Reverendissimo Padre Fr. José Ximenes Samaniego: nella se poz termo à pertença, que trazião, havia já annos, os Religiosos da Beira, e entre Douro, e Minho.

3 Logo que o Irmão Frei Paulo de Évora sahio eleito Ministro Provincial, officio, em que succedeo ao Irmão Fr. Lucas de Castello Mendo, procurarão os sobreditos Religiosos que a Provincia se dividisse, erigindo-se outra de novo, a que se applicassem os Conventos, que tinham naquellas terras: a razão de conveniencia, que para isto davão, era o ser a Provincia tão dilatada, que ficava sendo insuportavel o trabalho dos Provinciaes em a visitarem toda cada hum dos trez annos do seu governo; nem era cousa menos rigorosa have-

rem de ir mudados os Religiosos, como ordinariamente succedia, desde os Conventos sitos no Reino dos Algarves até a Provincia de Tral-osmontes. Outros inconvenientes propunhão, que subsistião desde os principios da Provincia, por todos os quaes tinham passado os antigos, sem lhes parecerem tão urgentes, como agora se representavão. Chegou esta pertença ao anno de 1661. em que celebrando-se Capitulo Provincial no Convento de Villa-Viçosa, se propoz com maior instancia: em effeito sahio hum assento do Definitorio, e Discretorio, que a Provincia se dividisse. Deo-se delle parte a El Rei D. Affonso, como Padroeiro, que era da Provincia, o qual por carta sua não só o não consentio, mas ainda o estranhou; com tudo os que approvavão a divisão a puzerão tanto na praça, levantando-se com os Conventos, que tinham nas suas terras, que foi forçoso, por se atalhar maior publicidade, virem nella os de contrario parecer.

4 Por onde na sobredita Congregação, em a qual além dos Padres da Provincia, e do Definitorio, que com o Reverendissimo se acharão nella, assistirão tambem dous Religiosos da parte da Beira, como Procuradores dos mais, e as-

sentando-se entre todos, affinados em hum instrumento, que para isto se fez, que a Provincia se dividisse em duas, huma, que tivesse todos os Conventos, que estão do Tejo a esta parte, e outra, que tivesse os que estão do Tejo além, e que assim se pedisse a S. Santidade em nome do nosso Reverendissimo Padre Commissario Geral, e da mesma Provincia, juntamente determinou que a divisão se fizesse com as condições seguintes. Primeiramente que os termos, e limites, por onde as duas Provincias se dividissem entre si, fosse o Rio Tejo, de sorte que os dezenove Conventos, que estão no Tejo a esta parte, fossem desta Provincia, e os dezenove, que estão do Tejo à outra parte, fossem da outra; e nem a Provincia, que fica do Tejo a esta parte, possa fundar Conventos da outra parte do Tejo, nem a que fica do Tejo para além possa fundar desta parte, senão que sempre o Rio Tejo seja a raia das duas Provincias, e cada huma possa fundar Conventos de novo em seu distrito; porém o Convento, que a dita Provincia tem em Cabo-Verde, fica pela parte do Tejo para além, e seja da Provincia novamente erecta.

5 Segundo, que a Provincia, que fica do Tejo para cá, e está principalmente em esta

parte, que chamão Alentejo, e comprehende este Convento de nossa Senhora da Piedade de Villa-Viçosa, que he, e sempre foi cabeça da Provincia, se fique absoluta, e plenamente com o titulo de Provincia da Piedade, e com a antiguidade, e mais prerogativas, que a dita Provincia tem entre às mais Provincias da Ordem, e com o sello, que tem, e até agora ha tido, sem variação, nem limitação alguma: e que a outra Provincia do Tejo para além, que cahe em a Beira, e entre Douro, e Minho, principalmente seja Provincia novamente erecta, tomando distincto nome, e sello, e tendo em a Ordem só a antiguidade desde a separação desta, que será sua nova erecção, e sempre reconheça a esta por sua mãe, donde sahe. Terceiro, que a Serenissima Casa de Bragança, e o possuidor, que he, ou for de seu Ducado, seja Padroeiro não só da Provincia antiga da Piedade, que fica, senão tambem da que de novo se levantar, de sorte que tenha o mesmo direito do Padroado com as mesmas preeminencias em as duas Provincias separadas, e em cada huma dellas, que tem, e ha tido em a presente Provincia da Piedade em sua integridade, e antes de dividir-se.

6 Quarto, que todos os Frades,

des, que ao tempo da divisão, e erecção da nossa Provincia se achar estar em encorporados, e ser filhos desta Provincia da Piedade, quando passarem desta vida, se lhes fação os Officios, e celebrem as Missas, que a Provincia costuma, em ambas as Provincias, como se se não tivera feito divisão; porém aos que depois da separação tomarem o habito, ou se encorporarem em alguma das duas Provincias, só se lhe farão os Officios, e celebrarão as Missas em a Provincia donde for filho; e o mesmo se entenda dos Officios, que hão de fazer pelos Irmãos, que ao tempo da divisão tiverem confraternidade em a dita Provincia. Quinto, que a cada hum dos Frades desta Provincia da Piedade lhe seja lícito dentro de dous mezes desde o dia da separação, ou erecção da nova Provincia, escolher em qual das duas quer viver, e de qual quer ser filho; e em a que escolher terá sua antiguidade, e todas as preeminencias, que por officios, ou por outra razão tinha na Provincia antes da separação: e havendo passado os ditos dous mezes, cada hum se ficará na Provincia, que tiver escolhido, ou aonde morar, sem poder passar para a outra, senão com as faculdades, e condições, que geralmente está concedido possa passar Religioso

de huma Provincia para outra.

7 Pactada com estas condições a divisão, em nome do Reverendissimo Padre Commissario Geral, e da mesma Provincia se fez supplica a S. Santidade, para que tivesse effeito. Expedio o Summo Pontifice, que então era Clemente X. hum Breve em onze de Junho do anno de 1673. do qual Breve veio por Juiz executor Fr. Vicente de S. José, da Provincia de Santo Antonio, o qual mandou celebrar a divisão com o Senhor exposto, Missa, e Sermão em todos os Conventos em vinte e seis de Outubro do dito anno de 1673. ficando a dita Provincia com titulo da Soledade, e celebrou seu primeiro Capitulo em quatro de Março do seguinte anno de 1674. e no Capitulo Geral, que se celebrou em Ara-Coeli a vinte e trez de Maio de 1676. foi admittida entre as mais Provincias da Ordem. Com isto ficou satisfeita a ansia, com que os Religiosos da Beira procurarão Provincia à parte, e a da Piedade se vio com esta nova filha em sua velhice; mas como os partos na maior idade ordinariamente são trabalhosos, com este perdeu a singularidade, que lograva entre as mais Provincias da Ordem, de se conservar tantos annos unida.

8 Cento e setenta e trez annos tinha de sua fundação, sem que em todo este tempo fahisse della outra alguma Provincia, sendo assim que a muitas ajudou em os principios de suas fundações: dava às mais o auxilio, de que necessitavão, ficando ella em sua integridade. Muitos Religiosos da Beira ficárão na Provincia do Alentejo; e outros naquelles dous mezes, que, segundo o concerto, se lhes derão para elegerem a parte, onde quizessem ficar, se palsárão à mesma, que a todos honrou com suas Prelasias, e dignidades, como de muitos póde ver o leitor desta Historia pelo discurso della. Alguns tempos depois da divisão se fazião em huma, e outra Provincia os suffragios pelos Religiosos defuntos, segundo o pactado em o quarto concerto; mas como em razão da distancia huns avisos se retardavão, outros nos caminhos perecião; se julgou por mais acertado dobrarem-se em a propria Provincia, onde o Religioso falecesse, como ainda hoje se executa. Com vinte Conventos ficou a Provincia novamente erecta, numerando entre elles o de Cabo-Verde, e a mãe com dezenove, dotando tão liberalmente a esta filha, que lhe deo mais de ametade dos que tinha, entre os quaes se vê hoje mui ampliado o do

Porto, como deputado para a celebração das Congregações, e Capitulos.

CAPITULO XXXVII.

Eleição do quinquagesimo-primeiro Ministro Provincial.

1 **C** Errou o triennio do 1674
Irmão Fr. Boaventura de Portalegre, com a visita de residencia, o Padre Fr. Paulo de Santa Catharina, Padre mais digno da Provincia de Santo Antonio, e com authoridade do Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Diogo Fernandes de Angulo prefidio no Capitulo, que se celebrou na Piedade de Villa-Viçosa, onde em sete de Julho de 1674. sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Manoel de Alter Prégador. Para Definidores se fez eleição dos Irmãos Fr. André de Borba, Frei Rodrigo de Loulé, Fr. Salvador de Fronteira, e Fr. João de Monte-Mór Prégador; em Custodio foi eleito o Irmão Frei Antonio de Coimbra Prégador. Achava-se neste tempo a Provincia muito falta de Prégadores, e com poucas esperanças de se poder melhorar, por quanto lhe faltava pela divisão o Convento, que tinha em a Universidade de Coimbra, donde se provia de alguns Theologos, e Ca-

Fr. Manoel de Alter Provincial.

e Canonistas, que defengados do mundo, procuravão o habito no Convento dos Oli-vaes. Ao que attendendo o Irmão Provincial, que foi Religioso dotado de particular talento, e capacidade para o governo, por acudir a esta falta, logo no Capitulo, em que sahio eleito, propoz aos Vogaes a necessidade, que havia de estudos: alguns forão de contrario parecer, levados do antigo costume, e louvavel estylo, com que a Provincia se tinha creado, e depois trabalhado tanto com os Prelados Geraes, que a isso a obrigavão, pelos não admittir.

2 Mas como a falta era tão patente, concordou a maior parte dos Capitulares, que se mettesse hum Curso de Artes em a Piedade de Villa-Viçosa, para cujo effeito o Irmão Provincial pedio ao da Provincia de S. Gabriel do Reino de Castella Mestre, que o lesse; não sem queixa dos vizinhos, que sentião irmos buscar a Reino estranho o que tinhamos à porta em o natural; - attendeo-se porèm na escolha ser o Religioso, que se buscava, do mesmo instituto Descalço, e filho de huma Provincia tão chegada a esta, que ambas forão huma mesma cousa em sua primeira fundação. Mandou aquella santa Provincia hum Religioso por

nome Fr. José de Banhos, digno da eleição, que delle fizeram; porque tinha todos os requisitos, que constituem hum grande Mestre, tão douto, e Religioso, que não era facil o distinguir, se avultava mais nas letras, ou na virtude. Tomou posse da Cadeira, e começou a ler a vinte e quatro estudantes dia de Santa Agatha 5. de Fevereiro de 1675. e continuou os seus annos com tanta satisfação, e exemplo, que a toda a Provincia levou os olhos: conformava-se de sorte com os seus estylos, e ceremonias, como se nella fora creado; e agradavão-lhe tanto, que não só louvava a nossa criação, e modo de viver, mas tambem mostrou na despedida a vontade, que tinha de ficar nella, se não forão alguns respeitos, que o obrigárão a voltar à sua. Para o acompanhar na Theologia veio da mesma Provincia o Padre Fr. Francisco Urbina, Religioso tambem de muitas prendas. Leo com muita satisfação dous annos, no fim dos quaes foi chamado de seus Prelados para hum Curso de Artes na sua Provincia: cerrou o terceiro o Irmão Fr. Miguel da Chamusca filho da nossa da Piedade.

3 Sahirão deste Curso muito bons estudantes; entre elles se fez eleição de trez, que avul-

vultarão mais, e hoje tem lido com opinião, e credito. Com isto ficou a Provincia remedada na falta, que padecia; e para evitar a que podia ter de futuro, vai continuando o mesmo estudo na fórma, em que este Ministro Provincial o introduzio, conservando sempre hum Curso de dez até doze estudantes, com que acode a prover os Conventos de Prégadores; e não se defrauda com tão pequeno numero dos sujeitos necessarios para as portarias, e presidencias, inconveniente, que dos estudos se receava.

4 Neste tempo ameaçava ruina o Convento de Santo Antonio de Loulé; porque além de ter cento e trinta annos de duração, era tão pobre, e limitado, como forão todos aquelles, que edificavão nossos primitivos Padres, os quaes não olhando ao futuro, só lhes levava toda a attenção a pobreza. Para nova fundação procurou o Irmão Provincial hum sitio perto do antigo, que liberalmente offereceo André de Ataíde, natural da mesma Villa: nelle lançou com grande solemnidade a primeira pedra em 11. de Agosto de 1675. o Senhor Bispo do Algarve Dom Francisco Barreto, segundo do nome, singular devoto, e bemfeitor desta Provincia. Contribuição para as obras os mais

Conventos, assim do Algarve, como do Alemtejo, cada hum segundo sua possibilidade; porque a Villa de Loulé por pobre, ainda que devota, não podia acudir a tudo. Hoje está já o Convento em estado, que vivem nelle os Religiosos, servindo-lhe de cerca a do primeiro, como diremos mais miudamente a seu tempo.

5 Entrava nesta occasião o Reverendissimo Padre Commissario Geral sobredito em o Reino para celebração dos Capitulos, e Congregações das Provincias delle: com que foi necessario ao Irmão Provincial apressar a sua segunda Visita, em respeito de que na sua Congregação assistisse o Reverendissimo, como assistio, vindo de Lisboa recolhendo-se para Castella: celebrou-se ella em Villa-Viçosa a 14. de Dezembro de 1675. No seguinte anno de setenta e seis se havia de ter Capitulo Geral em o Convento de Ara Cœli, pelo que a seu tempo convocou o Irmão Provincial o Definitorio para eleição de Commissario, que em sua ausencia governasse a Provincia, e sahio eleito o Irmão Fr. André de Borba, Definidor mais velho. Achárão-se naquella Curia, assim o Provincial, como o Custodio, onde no sobredito Convento em 23. de Maio, vigilia de Pen-

ecostes, com universal applauso sahio eleito em Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Padre Fr. José Xinenes Samaniego, hoje dignissimo Bispo de Placencia, e o dito Ministro Fr. Manoel de Alter foi feito Definidor Geral. Com prospero successo voltou para a Provincia, entendendo no restante de seu triennio em o governo della com a satisfação, e agrado, que tinha levado no principio.

CAPITULO XXXVIII.

Eleições de dous Ministros Provinciales quinquagesimo segundo, e terceiro.

1677 I **A** Os ultimos mezes do triennio do Irmão Provincial Fr. Manoel de Alter entrou visitando a Provincia o Irmão Fr. Francisco da Visitação, Custodio habitual da de Santo Antonio. No fim da Visita convocou a Capitulo em a Piedade de Villaviçosa, onde presidindo com authoridade do Reverendissimo Padre Geral, procedeo à eleição de Ministro Provincial, que se fez em a pessoa do Irmão Fr. João de Montemór Prégador a quatro de Setembro de 1677. Em Custodio foi eleito o Irmão Fr. Antonio de Fronteira, e em Definidores os Ir-

mãos Fr. Manoel de Castelejo, Fr. Manoel de Portalegre, Confessores, Fr. Thomaz de Leomil, e Fr. Miguel do Redondo, Prégadores. Passado anno e meio depois de sua eleição, teve a Congregação o Irmão Fr. João de Montemór em o mesmo Convento da Piedade, no primeiro de Maio de 1679. em que presidio por authoridade do Reverendissimo Samaniego. Nella, de mais das eleições Capitulares, que se fizeram por mandado do Reverendissimo, se taxou o numero de Religiosos, que commodamente podia sustentar cada hum dos Conventos desta Provincia, para que dahi em diante não excedessem o numero da taxa. Assim se fez, e achou-se que a maior parte dos Conventos podia sustentar ainda mais Religiosos dos que tinham, porque os Provinciaes em as recepções, que fazem de Novicos, sempre leyão esta attenção, por evitarem os discursos inevitaveis, quando o numero dos Religiosos excede a capacidade dos Conventos. Deste triennio não nos ficou mais cousa alguma digna de memoria, senão que pelo decurso de todo elle convocou o Irmão Provincial muitas vezes o Definitorio para eleição de Guardiães, que havião falecido huns, e renunciado outros por causa de achaques, que os

impossibilitavão para o sequito da vida commua.

2 Para a celebração do futuro Capitulo, e Visita da Provincia deputou o Reverendissimo por seu Commissario ao Irmão Fr. Antonio das Neves, Definidor habitual da Provincia de Santo Antonio, e actual Guardião do Collegio da Pedreira em Coimbra. Acabada de visitar a Provincia, lançou o Padre Commissario o Capitulo para quatro de Janeiro de 1681. que se havia de celebrar em Villa-Viçosa. No dia signalado se acháráo todos os Vogaes, e de commum consentimento sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Antonio de Fronteira, que acabava de Custodio. Este officio se proveo em o Irmão Fr. Luiz de Chaves Prégador, e o de Definidores em os Irmãos Fr. Francisco de Estremoz, Fr. Lourenço de Villa de Rei Prégadores, Fr. Manoel de Castello de Vide, e Fr. Gaspar de Niza.

3 Depois que o Irmão Provincial visitou duas vezes a Provincia, convocou o Definitorio em o primeiro de Abril de 1682. no Convento da Piedade de Villa-Viçosa, para eleger Commissario Provincial, que em seu lugar governasse a Provincia na ausencia, que havia de fazer della, em razão de assistir em o

Capitulo Geral, que no seguinte mez de Maio se havia de celebrar em Toledo. Foi eleito com todos os votos o Irmão Fr. Antonio de Coimbra, Prégador, e Custodio habitual, e ficou governando a Provincia, em quanto o Irmão Ministro não voltou a ella. Feita em Toledo a 17. de Maio do sobredito anno de 1682. eleição de Ministro Geral na pessoa do Reverendissimo Padre Fr. Pedro Sormano, e de Commissario Geral da Familia na do Reverendissimo Padre Fr. Marcos Zarçosa, de là trouxe logo o Irmão Ministro licença para a seu tempo fazer a sua Congregação, e presidir nella. Tanto que chegou à Provincia, e se recolheu ao Convento da Piedade de Villa-Viçosa, citou os Definidores para ter a sobredita Congregação no mesmo Convento, para o que finalava o dia 10. de Agosto; mas como neste meio tempo começasse a sentir os efeitos das grandes calmas, que passou da volta de Toledo para este Reino, adoecendo gravemente, foi-lhe preciso, estando já os Definidores congregados, dilatalla para dahi a hum mez, que se cerrava em 10. de Setembro: neste dia a celebrou, estando ainda bem enfermo. Com o trabalho, e lida da Congregação lhe cresceo a gravidade da doença, com que cedendo

do ao pezo della, acabou a esta temporal vida em 12. de Outubro, dia oitavo de nosso Padre S. Francisco do mesmo anno de 1682. depois de haver recebido com grande devoção os Sacramentos. Entre outras cousas, que fez em seu tempo, ordenou se entendesse nesta Historia, e Chronica da Provincia, recolhendo varios memoriaes, que estavam espalhados pelos Conventos della; e ainda que no principio se poz mão à obra com calor, cortou-se-lhe alguns annos o fio com outras occupações, e ministerios.

4 Por morte do Irmão Fr. Antonio de Fronteira convocou ao Definitorio no Convento de Santo Antonio de Estremoz o Irmão Fr. Manoel de Alter, Padre mais digno, por haver sido Definidor Geral da Ordem; e procedendo à eleição de Vigario Provincial, sahio eleito no 1. de Novembro do sobre-dito anno de 1682. o mesmo Fr. Manoel de Alter, Provincial quinquagesimo primeiro que tinha sido. Começou o novo Prelado a entender na terceira Visita, que faltava para complemento daquelle triennio; e dando-lhe principio no Reino do Algarve, adoeceo mortalmente no Convento de Santo Antonio de Faro, onde depois de huma doença dilatada acabou seus dias a 20. de Julho de

1683. com grande sentimento da Provincia, a quem o sobre-dito Vigario Provincial no tempo de seu Provincialato havia já mostrado a capacidade, e prudencia para o governo. Veio o Secretario entregar os sellos ao Irmão Fr. Alexandre de Portel, Padre mais antigo, o qual chamando logo a Meza de Definição para o Convento do Bosque, junto da Villa de Borba, em 14. de Agosto do mesmo anno elegêrão em Vigario Provincial ao Irmão Fr. Miguel da Chamusca, que vierão buscar ao Convento da Piedade de Villa-Viçosa, onde estava lendo hum Curso de Artes. Com que foi necessario a eleição successiva de trez Prelados para se cerrar este triennio.

CAPITULO XXXIX.

Eleição do quinquagesimo nono Ministro Provincial.

1 **Q**Uando no Bosque se fez eleição do Irmão Fr. Miguel da Chamusca em Vigario Provincial, estavam ainda por visitar a terceira vez quasi todos os Conventos da Provincia, não faltando mais que quatro mezes e meio para se cerrar o triennio: ajuntava-se a isto estar o Reverendissimo em vésperas de entrar no Reino a celebrar as Con-

1683

gregações, e Capitulos das Provincias delle, com os quaes havia de entrar tambem o da nossa. Para dar lugar ao Visitador, e tempo à ultima Visita da Residencia, foi necessario ao Irmão Vigario Provincial Fr. Miguel da Chamusca fazer a que lhe faltava com toda a pressa; e como o tempo era tão pouco, lhe não foi possivel ir ao Algarve, com que commetteo a visita de quatro Casas, que naquella Reino restavão, ao Commissario, que là assiste para estas, e semelhantes occasiões, visitando elle as que lhe faltavão do Alentejo. Logo que se recolheo a Villa-Viçosa, avisou ao Reverendissimo Padre Commissario Geral, que estava visitada a Provincia: deputou elle por seu Commissario Visitador ao Padre Fr. Luiz da Purificação, Definidor habitual da Provincia de Santo Antonio, e actual Guardião do Collegio da Pedreira.

2 Tomou posse o sobredito Padre do governo da Provincia no Convento de Santo Antonio de Béja; e despedindo dahi o seu Delegado para o Algarve, elle principiou com a visita nos Conventos do Alentejo: chegou com ella ao de Santo Antonio da Villa do Redondo, onde adoecendo, foi trazido ao de Villa-Viçosa para ahi se curar com mais commodida-

de, assim em razão dos Medicos, como do mais necessario para a cura dos enfermos. Prolongou-se algum tanto a doença, cobrando sempre maiores forças, até que lhe poz termo à vida, pouco antes do Capitulo, pelo fim do mez de Dezembro, deixando a Provincia tão sentida de sua morte, como edificada da disposição, com que se preparou para ella. Penso-se se achava a Provincia com estes successos, e verdadeiramente que erão dignas de advertencia as mortes successivas de hum Provincial, pouco depois de sua Congregação, de hum Vigario Provincial, antes de acabar o triennio, e de hum Visitador na mesma Visita. Fez mais ponderativo o successo hum voz, que se espalhou em Evora, nascida de hum beata, Terceira de N. Padre S. Francisco, que naquella Cidade vivia com opinião de virtuosa, que ouvindo fallar da morte dos dous Prelados, disse que ainda havia de morrer outro antes do Capitulo, o qual principiaria a Visita, mas não lhe daria o fim, como em effeito o vimos no Padre Visitador. Acaos podião ser estes, mas nos Religiosos sollicitavão attensões de mysterios para recorrerem a Deos com mais fervor.

3 Avisou o Irmão Fr. Miguel da Chamusca da morte do Pa-

Padre Commissario ao Reverendissimo Zarçosa, que se achava em Thomar no Capitulo da Provincia da Soledade, e já quasi de caminho para Villa-Viçosa à celebração do nosso: mandou elle logo ordem, para que o Delegado, que se tinha já recolhido do Algarve, visitasse a Casa Capitular, que era a unica, que por morte do Padre Visitador tinha ficado sem Visita. Fez a diligencia o Padre Delegado Fr. João da Piedade, e logo; de ordem do Reverendissimo, lançou o Capitulo para 23. de Dezembro de 1683. Avisárão-se os Vo-gaes para o dia finalado, que já se achavão nos Conventos vizinhos do Capitular, por mandato, que para isso tinham tido, nem tinham passado pequeno trabalho, por respeito de ser aquelle anno muito inverno. Partio de Thomar para Villa-Viçosa o sobredito Padre Commissario Geral: chegou ao nosso Convento de Alter, onde se lhe aggravou hum achaque, que padecia, com o qual vendo-se impedido para assistir no Capitulo no dia, que estava assinalado, mandou presidir nelle ao seu Secretario o Padre Fr. José Valverde, Lente Jubilado, e Padre da Provincia de Granada. Algum impedimento pudéra pôr a Provincia à Presidencia do dito Padre pelo Breve,

que tinha de Clemente VIII. passado por supplica do Custodio Fr. Simão de Aveiro, e depois confirmado por Urbano tambem VIII. à instancia de Fr. Balthazar da Guarda, onde se nos concede, que nenhum Commissario, assim especial, como Geral, que não seja das Provincias Descalças, excepto o que fosse eleito, segundo a Bulla da União, possa exercitar commissão, ou jurisdicção alguma nesta Provincia, como em seu lugar fica dito; mas como a Provincia se achava mortificada com as mortes de trez Prelados, e já congregada para eleição de novo, por evitar as demoras, que forçosamente se havião de seguir, se impedissem ao Padre Secretario a Presidencia, dissimulou neste ponto por aquella vez.

4 Entrárão à eleição no dia deputado, e votárão todos no Irmão Fr. Miguel da Chamusca, Vigario Provincial, que era: sahio eleito em Custodio o Irmão Fr. Agostinho de Villa-Viçosa, e em Definidores os Irmãos Fr. Antonio de Portalegre, Fr. João de Campo-Maior, Confessores, Fr. Mattheus de Evora, e Fr. João de Tere-na, Prégadores. No seguinte dia depois da eleição chegou o Reverendissimo Zarçosa a Villa-Viçosa, melhorado do achaque, que o deteve em Alter,

Fr. Miguel
da Cha-
muscaPro-
vincial 54.

ter, e confirmou tudo o que no Capitulo o seu Secretario havia obrado. Deteve-se comnosco huns poucos dias, dizendo nelles algumas vezes, que à Provincia da Piedade vinha defcançar do trabalho, que nas mais tivera; com este affecto a olhava, não só o triennio, que foi Commissario Geral da Familia, mas tambem todo o tempo, que ao depois teve de Geral da Ordem. De Villa-Viçosa despedio pela Provincia hum Patente acerca da oração, silencio, e recolhimento, que se havia de ter, e outras cousas semelhantes, as quaes ainda que conduzião à reformação, não innovavão nella cousa alguma, porque na mesma materia tinha leis, e ordenações mais apertadas.

5 Começou o novo Ministro a entender no governo da Provincia, mandando algumas leis, e apontamentos, que se observassem em seu tempo, nascidas todas do zelo, e religião, que sempre mostrou em sua vida. Dous mezes antes de cumprido o anno e meio depois de sua eleição, teve a Congregação Capitular na Piedade de Villa-Viçosa em vinte e oito de Abril de 1685. Anticipou-se esta o tempo sobredito, porque o Reverendissimo Zarçosa promettia achar-se nella, quando se recolhesse de Castella para

Lisboa, onde segunda vez tinha entrado para assistir nas Congregações, e Capitulos das Provincias do Reino; porém como se visse obrigado a sahir delle, antes do que esperava, não pode achar-se em a nossa Congregação, como promettêra; deixou porém licença ao Irmão Provincial, que a celebrasse, e presidisse. Continuou o Irmão Fr. Miguel seu officio obrando tudo com muito zelo, religião, e prudencia, porque de mais de ser douto, era humilde em seu trato, e reformado em sua pessoa. Acabado seu Provincialato, por Patente do Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Julião Chumillas, foi visitar a Provincia da Arrabida: chegando a Lisboa, achou que o esperava o Nuncio deste Reino para o enviar às Ilhas Terceiras, compôr certas differenças, que havia naquella Provincia, e estando já para dar principio à Visita, a que hia, e livre da Missão, que o Nuncio lhe encomendava, foi nosso Senhor servido levalllo para si em os principios de Outubro de 1688. Do Hospital Real, onde morreo, foi a sepultar em o Convento de S. José de Ribamar; no Capitulo do mesmo Convento espera a universal resurreição. Foi sua morte sentida não só dos Religiosos daquella

Pro-

Provincia, mäs tambem da Corte, onde era bem conhecido; e ainda disse nesta occasião o Arcebispo de Evora, que então lá se achava, D. Fr. Domingos de Gusmão, que nelle perdia a Ordem hum dos mais graves capellos, que havia nella.

CAPITULO XL.

Fundação do Convento de Santo Antonio na Villa de Moura.

584 1 **S** Upposto que o Irmão Fr. Antonio de Fronteira no tempo de seu Provincialato aceitou em a Villa de Moura hum Convento, com tudo a noticia de sua fundação pertence mais propriamente ao triennio, em que estamos, do Irmão Fr. Miguel da Chamusca, por se lançar nelle a primeira pedra; por isto a guardamos para este lugar. He a notavel Villa de Moura huma das principaes do Alentejo, assim na grandeza, como na fertilidade de todo o necessario para se passar a humana vida: fica no Arcebisnado de Evora, meia legua além do rio Guadiana, por cuja causa pertencia antigamente à Bethica com o nome de Aradueta, ou Aruccitana. No tempo de El Rei D. Affonso Henriques deixou este nome pelo que agora tem, tomando-o da Moura, que o senhoreava

ao tempo que o seu Castello foi entrado pelos Catholicos.

2 Por diversas vezes nos offerecêrão Convento nesta Villa, sem que o aceitassem os Prelados da Provincia, como tambem não condescendêrão aos rogos, que outras nobres Villas do Alentejo repetião para o mesmo fim, e pertença. A primeira vez no-la offerecia o Arcebispo de Evora D. José de Mello, e com tão pouco trabalho da Provincia, que prometia dar o Convento perfeitamente acabado, sem que lá apparecessem Religiosos, senão quando fossem tomar posse para morarem nelle; e como nem ainda com esta condição se lhe aceitasse, fundou então em Evora o Convento dos Religiosos Padres Carmelitas Descalços. A segunda instancia nos fez hum nobre, natural, e morador daquella Villa, cuja devoção experimentamos ainda hoje muiviva em seus descendentes, queixando-se algumas vezes de lhe estorvarmos a gloria, que terião, se naquelle tempo aceitaramos a offerta. Quando esta repugnancia, que em nós achavão, parece havia de esfriar os moradores de Moura na pertença, que tinhão, foi tanto pelo contrario, que no Capitulo, em que sahio eleito o Irmão Fr. Antonio de Fronteira, se leu huma carta, em que a repetião

petição com mais instancia. Nella vinhão affinados os da Camera, e todos os mais da principal nobreza da Villa, excepto alguns poucos, que dizem não forão daquelle parecer, lembrados talvez do passado; mas depois que là affistimos, e nos conversarão, são os mais devotos.

3 Para Fundadores, e Padroeiros do novo Convento se offerecião dous irmãos, naturaes da Villa de Portel, e moradores na de Moura, Pero Ferreira de Moraes, e o Capitão Antonio Ferreira de Moraes. Passou-se algum tempo em se tirarem as licenças necessárias, assim de S. Magestade, como das Religiões, que naquella Villa tem Conventos; e supposto que isto se fez com brevidade, com tudo como naquelle tempo se achava a Provincia magoada com a morte de tantos Prelados, como fica dito, não se entendeu em se lançar a primeira pedra, senão em o triennio seguinte, sendo já Provincial o Irmão Fr. Miguel da Chamusca. Chegando elle a Moura na sua primeira Visita, teve algumas dúvidas acerca do sitio, em que se havia de fundar o novo Convento: os Padroeiros querião que fosse em humas casas suas, que estão em huma ponta da Villa, onde havia toda a commodidade para

a fundação, o que lhe não aceitou, por ser contra o estylo, que sempre tivemos em não fundarmos dentro dos povos. Outros o escolhião em huma horta, que fica pouco além da Villa, junto da Ermida de S. Sebastião, e em effeito se assentou que assim fosse. Não agradou porém ao Irmão Provincial por alguns inconvenientes, que nelle considerava, como erão o perigo de o arrazarem se succedesse haver guerras entre Portugal, e Castella, por ficar em parte, que podia servir à Villa de padrasto; de mais que como por esta vizinhança havia precisamente de ficar a cerca inferior aos muros da Villa, ficava toda devassada, e grande parte do Convento. Por estes respeitos, e outros, que prudentemente se previão, qualquer delles muito consideravel, se resolveo que o Convento se fundasse em huma horta chamada da Pipa, que era dos Padroeiros. Fica esta apartada da Villa ao Poente em competente distancia, por onde nem o longe nos ficará sendo demaziadamente molesto para haver o necessario da Villa, nem a vizinhança importuna à quietação do Convento.

4 Nem carece de mysterio assentar-se, depois de tantos pareceres, que este fosse o sitio, antes parece estava já de Deos esco-

escolhido pelas razões, que lhe são presentes, e só elle sabe; porque nas duas vezes, que para esta Villa nos chamavão, na fôrma, que temos dito, o lugar, que sempre apontarão para a fundação do Convento, era a mesma horta. Destinada tambem na occasião presente, se ajuntarão na Ermida de São Sebastião as duas Communidades de Religiosos, que ha na Villa, os Padres Carmelitas, e Observantes, com o Clero das duas Igrejas Paroquiaes, São João, e Santo Agostinho, e formando alli huma Procissão com a nossa Communidade, para o que o Irmão Provincial tinha convocado a Meza da Definição, e outros Religiosos Prelados, e subditos dos Conventos vizinhos, caminharão para o lugar, em que se havia de fazer o novo Convento. No fim della hia o Illustrissimo Senhor D. Fr. Domingos de Gusmão, Arcebispo de Evora, vestido em Pontifical, e com toda a solemnidade benzeo, e lançou a primeira pedra da Igreja com o titulo, e invocação de Santo Antonio, em dezoito de Junho de 1684. assistindo nesta função toda a nobreza do povo com a gente de guerra, que nelle havia.

5 Começou-se a trabalhar nas obras, e pudérão já hoje estar mais accrescentadas do que

se achão ao presente, se tiverão mais alguma applicação, por algumas conveniencias, que no sitio se acharão, como foi o firme para os alicerces à flor da terra, e os materiaes em mui pouca distancia. Sómente de cal havia alguma falta, em razão de que no mesmo tempo se fazia de novo as muralhas da Villa, e toda se tomava para esta obra: porém a isto acodio Deos não sem milagre, na opinião dos officiaes; porque sendo a cal pouca, com ella cresceu a obra em altura, que demandava dobrada, dizião os mesmos com admiração. Achase hoje o Convento acabado no que toca às paredes, e abobadas, entende-se agora em o emmadeirar, e cobrir; mas a difficuldade, com que àquella terra vai a madeira, promette alguma dilação. A qualidade do sitio mostrará a experiencia: alguns o receão doentio, por ficar entre os olivae; com tudo bem poderá ser que não passe de receios; porque em razão de estar algum tanto levantado, fica dominando todos para o Norte, e Poente com dilatada vista, e conveniencia de ser lavado destes dous ventos. A horta he muito boa, e com bastante campo para huma competente cerca: dentro em si tem hum fonte de agua, que não podemos chamar boa, mas he das

Mmmmm

me-

melhores , que tem a terra : de fóra se lhe póde trazer outra com pouco custo para beneficio da cerca , que sem ella padecerá muito damno , e lhe faltará aquelle asseio , e ornato , que commummente temos nas outras.

6 Quando se lançou a primeira pedra , já havia anno e meio que os Religiosos assistião em Moura em fórma de Comunidade , servindo de Hospicio , com bastante conveniencia , as casas dos Padroeiros , que por esta razão no-las deixarão livres : nellas perseverão ainda hoje dez até onze Frades com seu Vigario , a que obedecem , o qual tem voto em Capitulo. O primeiro Religioso , que entrou na Villa , quando nos chamarão para a fundação , foi o Irmão Fr. Antonio de Coimbra com mais dous companheiros ; e com seu exemplo , e Sermões a deixou tão edificada , que se não perderá tão facilmente sua memoria. Na pequena Capella do Hospicio se frequentão os Sacramentos de tal sorte , que apenas ha dia , em que os Religiosos se não vejão occupados na administração delles ; e em fim do grande aproveitamento espirital , que , mediante a Divina graça , tem tirado o povo da nossa assistencia nelle , temos qualificadas testemunhas em seus moradores. Dos Padroeiros o

mais velho , Pero Ferreira de Moraes , faleceo no anno de 1688. pelo mez de Janeiro , tempo , em que já tinha feito na Capella da Igreja nova sua sepultura : nella foi por nossos Frades enterrado com sólemnes exequias : seu irmão continúa as obras , e as tem na altura , que temos dito.

C A P I T U L O XLI.

Do quinquagesimo quinto Ministro Provincial.

I NO fim de seu triennio 1687 avistou o Irmão Frei Miguel da Chamusca ao Reverendissimo Padre Commissario Geral Fr. Julião Chumillas , para que lhe enviasse Visitador : nomeou elle ao Padre Fr. Manoel de S. Boaventura , Custodio actual da Santa Provincia da Arrabida. Este Padre Visitador fez mui exactamente a diligencia da Visita , e não pouca tambem em ordem a fazer Provincial de sua inclinação , e agrado ; não teve porém execução seu intento , porque acudirão os votos a outra parte : bem he verdade que não perdeu por falta de sua boa diligencia ; mas contra esta prevaleceo a justiça. Chegado o termo finalado pelas convocatórias , e juntos os Capitulares no Convento da Piedade de Villa-Viçosa , em 4. de

de Janeiro do anno 1687. foi eleito em Provincial quinquagesimo quinto em numero o Irmão Fr. Antonio de Coimbra Prégador, que havia sido Custodio, e era ao presente actualmente Guardião do mesmo Convento da Piedade. Sahio por Custodio o Irmão Fr. Manoel de Castello de Vide, e por Definidores os Irmãos Fr. Antonio do Redondo, Fr. Mathias de Evora, Fr. Pedro da Vera Cruz Confessores, e Fr. Manoel de Fronteira Prégador. Assistio neste Capitulo o Reverendissimo Padre Commissario Geral da Familia Fr. Julião Chumillas, que se recolhia de Lisboa, onde tinha celebrado os Capitulos, e Congregações das Provincias deste Reino para os de Castella.

2 No seguinte anno, depois da eleição do Irmão Provincial Fr. Antonio de Coimbra, se havia de ter Capitulo Geral no Convento de Ara Coeli em Roma: para dispôr a jornada a este Capitulo, fez hum Junta no Convento da Piedade em 17. de Fevereiro de 1688. e porque se achava por seus annos, e achaques impedido para jornada tão comprida, instituiu Pro-Ministro, que levasse o seu voto, ao Irmão Fr. Antonio de Portalegre, Definidor habitual. Partio elle deste Reino, e juntamente o Irmão Custodio Fr.

Manoel de Castello de Vide; embarcárão em Lisboa com os mais Vogaes das outras Provincias Capuchas, e com prospera viagem chegarão a Roma, onde na Vigilia de Pentecostes se achárão à eleição de Ministro Geral, que se fez na pessoa do Reverendissimo Padre Fr. Marcos Zarçosa, que havia sido Commissario Geral desta Familia.

3 Dissolto aquelle Capitulo, voltárão os nossos dous Vogaes com a mesma prosperidade para a Provincia, entrando neste Reino pela Villa de Moura; e como fosse já a tempo de se fazer a Congregação della, por haver passado o anno e meio depois do Capitulo Provincial, convocou o Irmão Fr. Antonio de Coimbra ao Definitorio para o Convento da Piedade, onde em 2. de Outubro do mesmo anno de 1688. teve a dita Congregação, em que presidio, para o que os dous Vogaes trazião licença do Reverendissimo novamente eleito. O mais tempo, que lhe restava de seu governo, continuou o Irmão Provincial com muito acerto, e inteireza; porque além de ser dotado de muita prudencia, religião, e zelo, era de igual experiencia, adquirida não sómente nas Prelazias, que teve na Provincia, mas tambem nas que obteve nas alheas, visitando em

diversos tempos as duas Capuchas deste Reino, Arrabida, e Santo Antonio.

4 No fim de seu triennio procurou Visitador ao Reverendissimo Zarçosa. Nomeou elle ao Padre Fr. Chrysostomo de Santo Antonio, Padre da Provincia da Arrabida; mas achando-se este impossibilitado por seus achaques para poder visitar a pé a Provincia, se escusou da commissão. Foi necessario recorrer novamente ao Geral, a tempo que estava gravemente enfermo em Madrid, onde morreo pelo mez de Janeiro do anno de 1690. em o Convento de nosso Padre São Francisco. No mesmo se elegeo no seguinte Fevereiro por Vigario Geral da Ordem o Reverendissimo Padre Fr. João Alvin, cuja eleição confirmou o nosso Santissimo Padre Alexandre VIII. por Breve seu expedido em Roma em 29. de Abril do mesmo anno; e quatro mezes depois lhe deo por outro o titulo de Ministro Geral. Antes da morte do Reverendissimo Zarçosa tinha elle feito nomeação, e enviado Patente de Visitador ao carissimo Irmão Fr. José de Thora, Ex-Definidor da Santa Provincia da Soledade; mas como viesse a nova de que o Reverendissimo era falecido, antes do dito Visitador tomar posse da sua commissão de Lisboa, on-

de já se achava, voltou para a sua Provincia a esperar a disposição do Vigario Geral, que se elegesse. Com estas detenções se dilatou tanto o triennio, que se vio em perigo o Capitulo de ficar devoluto a Roma, em razão de se irem concluindo os seis mezes de mais dos trez annos, cuidado, em que nos acompanhou neste Reino a Provincia da Soledade, vendo-se neste ponto ainda em maior aperto; remediou-se porém tudo com as boas diligencias, que se fizeram. O nosso Visitador, confirmado pelo Prelado Geral novamente eleito, entrou pelo Convento de Alter visitando a Provincia, e em todas suas acções mostrou que trazia mui vivo na memoria que era filho della, porque a olhou sempre como a mãe.

CAPITULO XLII.

Elege-se o ultimo Provincial: passão os Religiosos do Convento antigo de Loulé para o novo.

I **C**Om alguma pressa, pela razão, que escrevemos no Capitulo precedente, fez o Irmão Fr. José de Thora a sua Visita. Concluida ella, convocou os Vogaes para a Piedade de Villa-Viçosa, onde procedendo à eleição, em que pre-

fidió

Manoel
Castello
Vide
vincial
fidio em 4. de Julho de 1690. sahio eleito em Ministro Provincial o Irmão Fr. Manoel de Castello de Vide, que acabava de Custodio. Este officio se proveo em o Irmão Fr. José de Monforte : sahirão por Definidores os Irmãos Fr. Manoel de Castello de Vide, Fr. Manoel de Portalegre, Fr. Bento do Redondo Prégadores, Fr. Manoel de Estremoz Confessor. A sua Congregação fez o Irmão Provincial, presidindo nella no mesmo Convento de Villa-Viçosa o segundo dia de Janeiro de 1692.

2 No Capitulo trinta e sete deste Livro nos penhoramos a dar mais meudamente relação do Convento de Loulé novamente reedificado; e suppondo o que alli dissemos, assim no tocante à doação gratuita, que fez André de Ataíde, do sitio, como tambem ao dispendio das obras, que correo por conta da Provincia, como esta he tão pobre, ainda que com todo o calor se applicou à reedificação, forão-lhe necessarios dezeseis annos para a pôr em estado, que pudesse ser habitada. Na quarta Dominga depois de Pentecostes, vinte e dous de Junho de 1691. se ordenou a translação, sahindo os Religiosos em Procissão do Convento antigo para o novo, acompanhados do Irmão Provincial, que nella as-

sistio, e de muita gente nobre da Villa. Fica hoje a cerca mais espaçosa, ainda que nem por isso com mais commodidade: o Convento velho logo se poz por terra, para o que não foi necessario muito trabalho; porque além de ser antigo, erão as paredes mui fracas. Delle não ficou mais final que a Capella Mór da Igreja, reduzida a Ermida, por respeito da Divina Magestade, que assistio nella, e para retiro dos Religiosos espirituaes, e devotos. Em o seguinte dia depois da translação dos vivos para o Convento novo, se fez tambem a dos mortos, para cujo effeito se abrirão todas as sepulturas do common Cemeterio dos Frades, e ajuntando os ossos, que nellas estavão, os depositarão todos em huma, com letreiro, que o declara.

3 Entre elles se achárão os de hum Religioso, que naquelle Convento acabou seus dias com grande opinião de virtude, ainda que desta não temos mais noticia que a acclamação commua, que nossos antigos nos deixárão, e ainda hoje entre nós se conserva; e verdadeiramente que parece cousa infofrivel tantos descuidos, como temos encontrado a cada passo. Chamava-se elle Fr. João de Estremoz o Sunica, appellido de huma nobre familia daquel-

Fr. João de
Estremoz
Sacerdote.

la Villa, sendo assim nomeado por differença de outros do mesmo nome, que em seu tempo havia. Achamos que professou no devoto Convento do Bosque em 29. de Novembro de 1594. passou a vida no exercicio de muitas virtudes, e particularmente campeou nelle a da paciencia, porque sendo notavelmente perseguido, sempre se mostrou como insensivel à cruz dos trabalhos, e mortificações, por onde Deos o levava. Muitos annos depois de sua morte renovou o Senhor a memoria deste seu fiel servo, dando evidente testemunho de sua santidade; que se olha muito que pereça do mundo a lembrança dos mãos, como disse David; ^a não cuida menos que a dos bons se conserve, para a imitação, e exemplo.

^a
Psalm. 33.
vers. 17.

4 Foi o caso, que abrindo-se sua sepultura por occasião de se enterrar nella outro Religioso, se achou seu corpo não só incorrupto, mas tambem tractavel; e não ha muitos annos vivia em Loulé hum devoto nobre, natural da mesma Villa, que testemunhava ver nesta occasião o corpo defunto em pé, arrimado a hum canto do claustro, junto do Capitulo, sem genero algum de lesão, nem effeito da corruptibilidade. Porém a quem perdoou a corrupção natural dos corpos, não

perdoou a simplicidade; porque recolhendo-o outra vez na mesma sepultura, lhe lançarão em cima tanta cal, que pela continuação do tempo, amparada do corpo para a forma, e ajudada da humidade da terra para a união (se não he que fosse por milagre) formou huma abobada, que servia como de pavimento aos ossos do servo de Deos já desorganizados, mas solidos, e inteiros, o que tudo assim se achou esta segunda vez, que os tirarão da sepultura para os levarem com os mais ao Convento novo. Via-se em todos elles huma cor, como se houverão sido oleados, como dos de S. Pedro de Alcantara ^b se refere: mandou o Irmão Provincial se puzessem à parte em lugar decente, mas por inadvertencia daquelles, a quem ficou encommendada esta diligencia, se depositarão juntamente com os mais na sobredita sepultura.

5 Recolhidos os ossos de todos os Religiosos, que no Convento antigo estavam sepultados, só faltava trasladarem-se os do Veneravel servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, illustre em virtudes, e claro por milagres, o que se differio para o seguinte anno de 1692. Neste chegando o sobredito Irmão Provincial em sua terceira Visita ao Convento de Loulé, hu-

^b
Daça p. 4.
liv. 3. c. 54

ma

ma manhã, dezeseis de Junho, acompanhado de hum Religioso, mandou romper por dous officiaes a parede do Capitulo do Convento velho, onde pela parte do claustro, pouco assima da sepultura do servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, se via a pedra, que declarava estarem alli seus ossos. Aberta a dita parede, se achou hum caixilho de madeira, pregado por todos os lados, que o Irmão Provincial mandou levar logo para a sua cella; e abrindo-se, presentes todos os Religiosos do Convento, se virão os ossos do servo de Deos envoltos em huma toalha. Estavão elles brancos, solidos, e inteiros, sem lesão, ou podridão alguma: a cabeça tinha ainda todos os dentes do queixo superior, e com alguns menos no debaixo, que na primeira translação feita no anno de 1602. da sepultura para a sobredita parede, havião sido repartidos por pessoas principaes, e devotas, que pela opinião, que tinham do servo de Deos, procuravão com instancia suas reliquias.

6 O que pareceo maior milagre foi a toalha, em que estavão envoltos; porque havendo noventa annos, que alli fora posta, que tantos correm da era de 1602. em que se ordenou a primeira translação, até a de 1692. em que se fez esta

segunda, estava tão alva, sã, e inteira, como o poderia estar o primeiro dia, que alli a metterão. Alguns dos ossos mais pequenos repartio o Irmão Provincial pelos Religiosos daquelle Convento, e por alguns outros da Provincia: a mim me coube boa parte de huma costta: a estimação, em que a tenho, he igual à devoção, com que a este servo de Deos venero. Os mais se repartirão em dous caixilhos de madeira, que para este effeito se fizeram, chapados, e com sua chave, hum dos quaes se collocou logo em o novo Capitulo do Convento de Loulé em a parede, que fica à parte esquerda, entrando pela porta. O outro caixilho trouxe comfigo o Irmão Provincial para o Convento da Piedade de Villa-Viçosa, em que vinha, de mais de outros ossos, a cabeça do servo de Deos, e foi mettido no Capitulo do mesmo Convento tambem na parede, que corresponde ao lado esquerdo dos que entrão. A mesma toalha, em que estavão envoltos, se dividio em duas, ficando em cada hum dos caixilhos huma parte. Fez-se em Villa-Viçosa a collocação das ditas reliquias dia de São Bernardo 20. de Agosto de 1692. deixando na face da parede huma pedra, em que se declara como forão trazidas para aquelle

le lugar do Convento antigo de Loulé.

7. Estas são as noticias, que pude descobrir para formar a Historia, e Chronica da Provincia da Piedade, trabalho, a que me sujeitei mais a imperios da obediencia, que a impulsos da vontade. Muito pouco he a respeito do que se pudéra dizer de huma Provincia tão santa, senão fora a omissão, que sempre tiverão seus Religiosos de notar, e pôr em escrito couzas, que bem o merecião, e pudérãõ agora servir para nossa edificação, e exemplo; mas como seu descuido foi nesta materia

tão grande, custou pouco trabalho ao tempo sepultallas; e consumillas no abyssmo do esquecimento, que este he todo o seu estudo, e cuidado. Tudo o que nella se contém desde o principio até o fim protesto que vai escrito em conformidade do que mandou o Summo Pontifice Urbano VIII. por seus Decretos, sem usurpar mais authoridade que a humana; e o sujeito com o devido rendimento a toda a censura superior, e com desejo de que em seus servos seja glorificada a Divina Magestade.

LAUS DEO,

Virginique Matri, Sanctissimo Patri Francisco, ac B. Catharinæ, candidissimæ Virgini, & inclytæ Martyri.

INDEX

Das cousas mais notaveis, que se contém nesta Chronica.

O primeiro numero mostra a pagina: o segundo o numero della, e onde a materia he mais difusa, se denota com a palavra, &c.

A

FREI Affonso de Portalegre, foi de Angelica pureza, 436. 3.

Nunca vio a mulher o rostro, ibid.

Era singular sua abstinencia, ibid. 4.

Muito dado à oração, ibid.

Nella teve muitos extases, 437. 5.

A' imitação de nosso Padre S. Francisco quiz morrer na terra nua, ibid. 6.

Fr. Affonso de Vianna, foi notavel sua pobreza, 273. 4.

Profundo na humildade, ib.

Fr. Aleixo de Braga, foi imitador de Fr. Francisco da Gata, e discipulo de seu espirito, 532. 3.

A's Missas assistia com grande fervor, e devoção, ibid.

Era tão amigo da solidão, que morou trinta annos no reituro Convento de S. Vicente, ibid. 4.

Quando recitava a Paixão de Christo, escrita por S. João, soltava enternecidos gemidos, ibid.

Cheio de virtudes o achou a morte em Braga, 534. 4.

Dom Alvaro, tio do Duque D. Jaime, favoreceo em Castellá aos Capuchos, 145. 7.

Alvaro Fernandes Presbytero, natural de Villa-Viçosa, fez vida heremitica no sitio, onde edificámos o primeiro Convento, 142. 1. &c.

Referem-se suas virtudes, ib.

Fr. Alvaro de Aljustrel, tomando o habito para Frade do Coro, se reduzio ao estado de leigo, 561. 1.

Amou muito a virtude da humildade, ibid.

Não menos procurava o silencio, e retiro, ibid. 2.

Era muito penitente, 562. 3.

Occultava com disfarces suas mortificações, ibid.

Quasi todo o dia, e toda a noite orava, ibid. 4.

Nnnnn

Nun-

Nunca se sentou diante dos Sacerdotes, 563.

Quiz achar-se à sua morte o Duque D. Theodosio, *ibid.* 5.

Depois della ficou seu corpo com extraordinaria viveza, e formosura, *ibid.*

Fr. Amaro de Chaves, foi mui regular, e observante, 756. 3.

Trazia continuamente na lembrança os novíssimos do homem, e despertador para a memoria delles, *ibid.*

Teve na oração alguns extases, *ibid.* 4.

Com Santa Catharina de Alexandria teve particular devoção, 757.

Morreo no seu dia, *ibid.*

D. André de Noronha, Bispo de Portalegre, ajudou muito as obras do Convento, que temos nesta Cidade, 250. 6.

De Placencia, onde morreo, foi trazido seu corpo à Igreja do dito Convento, *ibid.*

Fr. André de Fezes dotou-o o Senhor de huma natural sinceridade, 575. 1.

Sobre esta assentou primofas virtudes, *ibid.*

Nunca vio a face a mulher, 576.

Obrou Deos por elle muitos milagres, *ibid.* 2.

Estes fazia Fr. André em nome de Sant-Iago, de quem foi mui devoto, *ibid.*

Referem-se alguns, *ib.* 2. 3. 4. 5.

Teve espirito de profecia, 577. 4.

Chamado da Infante Dona Maria, fez por ella romaria a Sant-Iago, 578. 6.

Foi-lhe revelada sua morte, 579. 7.

Santo Antonio de Portalegre, em que sitio fundámos o primeiro Convento, 248. 1.

Provê nossa Senhora de sustento aos Frades em huma necessidade, em que se virão, 249. 3.

Mudámos este Convento para outro lugar, e porque razão, *ibid.* 4.

Descreve-se este segundo sitio, 250. 5.

Quem concorreo para as obras, *ibid.*

Abrindo-se huma sepultura, acha-se hum Religioso inteiro, 251. 7.

Livra Deos a Comunidade de hum perigo, por meio de seu Prelado, *ibid.* 8.

Santo Antonio de Aveiro, quando fundámos este Convento, 254. 1.

Reparou-se em parte diversas vezes, *ibid.*

He agradável seu sitio, e aprazível sua cerca, 254. 2.

Tem-nos o povo notavel devoção, *ibid.*

Deste Convento sahirão diversas vezes os Religiosos ministrar aos apestados, 257. 5.

Santo Antonio de Abrantes, em que sitio tivemos o primeiro Convento, 268. 1.

Quem foi seu Padroeiro, ibid.

Em quanto durarão as obras se recolhião nossos Erades em huma Ermida, donde hum deixou prodigioso final de sua assistencia, ibid.

Traslada-se o Convento para outro sitio, ibid. 2.

A quem passou o do primeiro Convento, ibid.

A quem se deo o Padroado do segundo, ibid.

Muda-se terceira vez o Convento, 269. 3.

Quem concorreo para suas obras, ibid.

Nesta terceira fundação melhorámos muito de sitio, 270.

3. Mostrou estrondosamente o Inferno, que sentia esta mudança, ibid. 5.

Com hum prodigio mostrou o Ceo, que era de seu agrado, 271. 6.

Santo Antonio de Faro, para fundarmos este Convento nos chamou a Camera da Villa, 276. 3. 4.

Em que anno se principiou, 277. 5.

A quem se deo o Padroado delle, ibid.

Não quizemos tomar a nosso cuidado o governo das Freiras Capuchas, 278. 6.

Por esta occasião deixámos o Convento, 329. 1.

Chamados outra vez, fundámos segundo, 655. 2. &c.

Santo Antonio de Estremoz, em que tempo fundámos este Convento, 314. 2. 3.

Quem concorreo às obras, ibid. 3.

El Rei D. João III. deo para ellas huma grande esmola, ibid.

A quem se deo o Padroado da Capella Mór, ibid.

Ficou o Convento pequeno, e Capucho, ibid. 4.

Mudámos o Convento para outro sitio, 315. 4.

Santo Antonio de Coimbra, he Convento mui devoto, e accommodado ao espirito, 318. 1.

Sua primeira fundação foi em vida de nosso Padre, ibid. 2.

Nelle se agazalhárão os Martyres de Marrocos, quando foram padecer martyrio, 319. 3.

No mesmo foi noviço, e fez profissão Santo Antonio, ibid.

Muitos annos depois de aruinado, ordenou Deos que o renovassemos, não sem mostras de que esta era sua Divina vontade, ibid. 4.

Quando se deo principio a esta reedificação, 320. 5.

Porque razão se chama Santo Antonio dos Olivaes o novo Convento, ibid.

Mostra-se que foi o primeiro, que teve a Ordem de nosso

Padre S. Francisco neste Reino, 321. 1. &c.

Provê Deos milagrosamente os Religiosos ahi moradores, 324. 1.

Livra Santo Antonio a seus devotos, 325. 3. &c.

Convertem-se dous peccadores ouvindo tocar a Matinas o fino deste Convento, 328. 7.

Notavel prodigio, que virão depois da resolução, que tomáram, ibid.

S. Antonio de Loulé, quem nos fundou o Convento, 348. 1.

Ocasião, que para isso teve, ibid.

Em que anno se principiáram as obras, 349. 3.

Dúvidas, que houve nesta fundação, ibid. 4.

Pleitea-se a causa, e dá-se contra nós a sentença, ibid.

Recorre o Padroeiro ao Nuncio, que nos obriga a habitallo, ibid.

Começou em Oratorio, depois foi Guardiania, 350. 4.

Provião-o com muito cuidado seus Fundadores, 351. 5.

He seu sitio mui ameno, ibid.

Tem sua Igreja muitas, e notaveis Reliquias, ibid. 6.

Quem lhas deo, e donde vierão, ibid.

Mudámos o Convento para outro sitio, 816. 3. 843. 2.

Santo Antonio da Covilhã, dá-se noticia do sitio do Convento, 391. 1.

Tem graciosa vista, ibid. 2.

Ocasião, por que foi fundado, ibid.

Concorrêrão muitos milagres em sua fundação, 392. 3.

Entre elles foi mais celebre o de huns meninos, 393. 4.

He grande a devoção, que nos tem os moradores da Villa, ibid. 5.

Santo Antonio de Castello-branco, descreve-se o sitio deste Convento, 432. 1.

Foi seu Fundador D. Fernando de Menezes, ibid. 2.

Quando se lançou a primeira pedra, ibid.

Tem-nos a gente muita devoção, 433. 3.

Duas vezes no anno ha neste Convento Indulgencia em forma de Jubileo, ibid.

Está no mesmo veneralmente collocada a Cabeça de humas das onze mil Virgens, 434. 4.

Santo Antonio do Porto, quem nos fundou este Convento, 450. 1.

Quando se principiáram as obras d'elle, ibid.

Descreve-se o seu sitio, 451. 2.

Que nome tinha antes, e como se chama agora, ibid.

Está neste Convento humas formosa Reliquia do Santo Lenho, 452. 4.

Por diversas vezes sahíram d'elle Religiosos ministrar na peste, ibid. 5.

Santo Antonio de Penamacor, dá-se noticia do sitio do Convento, 460. 1.

Razão, que nos obrigou a fundar-mos nesta Villa, ibid. 2.

Seguiu-se-lhe grande aproveitamento de nossa assistência, ibid. 3.

Muda Deos a vontade de quem contrariava a fundação, 462. 4.

Correm as obras por conta da Villa, ibid.

Obrac Santo Antonio hum notavel milagre, ibid. 5.

Vê-se a efficacia de nosso Padre S. Francisco em hum caso estranho, 463. 6. &c.

Santo Antonio de Evora, descreve-se o sitio do Convento, 473. 1.

Porque occasião foi fundado, 474. 2.

Deo-lhe principio o Cardeal Infante, ibid. 3.

Sua morte o deixou imperfecto, ibid.

Poz-lhe o ultimo complemento o Arcebispo D. Theodosio de Bragança, 475. 4.

Teve-nos este grande Prelado huma singular devoção, ibid. 5.

Referem-se algumas acções demonstradoras della, ibid. e 6.

Tem no mesmo Convento sua sepultura, 477. 7.

He nesta Cidade Santo Antonio Senhor do coração de todos, ibid.

Grangea este com seus continuos milagres, ibid.

Referem-se dous mui celebres, 478. 2. &c.

Santo Antonio de Ourem, dá-se noticia do Convento, 597. 1.

Quem sollicitou sua fundação, ibid. 2.

Achou muita repugnancia em nossos Frades, ibid.

Em que a fundação, ibid.

Finalmente consentirão nella, 599. 3.

Quando se poz mão às obras, ibid. 4.

Mostrou Deos em diversos casos quão aceita lhe era esta fundação, ibid.

Santo Antonio da Villa do Redondo, porque razão não querião nossos Frades aceitar Convento nesta Villa, 612. 1.

Obrigados do Geral o fundamos, ibid.

Quando entrarão na Villa nossos Frades, 613. 2.

Em que tempo se deo principio às obras, ibid.

Por cuja conta corrêrão, ibid.

He grande a devoção do povo, ibid.

Santo Antonio de Beja, quanto procurarão os moradores desta Cidade que fundassem nella Convento, 626. 1.

Escusavão-se nossos Frades, ibid.

Depois de muitas instancias o aceitárão, ibid. 2.

Quando se lançou a primeira pedra, *ibid.*

He o sitio, muito, falto de agua, 627. 3.

Santo Antonio de Tavira, procurão os moradores desta Cidade com instancia a fundação do Convento, 640. 1.

Houve grande variedade na eleição do sitio, 641. 2. 3. 4.

Quando se lançou nelle a primeira pedra, 642. 5.

Dá-se noticia do aprazível do sitio, 643. 6.

Signalou-se nas esmolas para as obras do Alcaide Mór da Cidade, *ibid.*

Santo Antonio de Fronteira, entrão nossos Frades a fundar este Convento, 644. 1.

Quem aceitou o Padroado da Capella Mór, *ibid.*

Onde se recolhêrão os Religiosos Fundadores em quanto durarão as obras, *ibid.* 2.

Lançou a primeira pedra D. Rui Pires da Veiga, Bispo de Elvas, *ibid.*

Em que tempo, *ibid.*

Nomeão-se alguns, que mais concorrêrão para as obras, *ibid.*

Santo Antonio de Alter, antes de fundarmos este Convento, vivemos junto da Villa em fórma de Communidade, 652. 2.

No sitio, onde assistimos tinham já principiado Convento os Padres Carmelitas Descalços, *ibid.*

Deixarão-o por duas vezes, *ibid.* 3.

A rogos do Duque entrámos em seu lugar, 653. 4.

Mudámos o Convento para outro sitio, *ibid.* 5.

He mui fresco, e sadio, *ibid.*

Acode-lhe a Casa de Bragança com esmola ordinaria, *ib.*

Santo Antonio da Idanha, procurão os moradores desta Villa a fundação do Convento, 669. 1.

Diverte-se esta, e porque razão, *ibid.* 2.

Aceita-se segunda vez, e põe-se mão à obra, 670. 3.

Acaba-se esta com brevidade, *ibid.* 4.

Dá-se razão do sitio, *ibid.*

Santo Antonio de Arrifana, quando fundámos este Convento, 791. 4.

Aquem se deo o Padroado, *ib.*

No mesmo anno fundámos outro em Guimarães, 792. 5.

Santo Antonio de Moura, por vezes procurarão os moradores desta Villa a fundação do Convento, 823. 2.

Dous irmãos a tomáram por sua conta, 824. 3.

Houve algumas dúvidas sobre a eleição do sitio, *ibid.*

Escolhe-se hum, não sem mysterio, *ibid.* 4.

Quem lançou nelle a primeira pedra, *ibid.*

Quando se principiáram as obras, 825. 5.

Em

Em que estado está hoje o Convento, *ibid.*

Vivemos naquella Villa em hum Hospicio, 826. 6.

Aproveitamento espiritual, que tira o povo de nossa afflicção, *ibid.*

Fr. Antonio de Toledo, foi Religioso mui perfeito, 272. 2.

Na oração era continuo, *ib.*

Por muito tempo ficou sua sombra impressa na parede de hum Capella, onde orava, 273. 3.

Onde tem sua sepultura, e para onde foi trasladado, *ibid.*

Por meio da terra de sua sepultura obrou Deos muitos milagres, *ibid.*

Fr. Antonio do Porto, foi insigne Prégador, e Religioso mui perfeito, 411. 2.

Com quatro companheiros, filhos também desta Provincia, passou à India, *ibid.*

Forão innumeraveis os que convertêo, e os idolos, e templos, que destruiu, 411. 3. &c.

Fundou Seminarios, e Conventos, *ibid.*

Foi o primeiro, que na Ilha de Salceté cortou os abrolhos da Gentilidade, *ibid.*

Dedicou hum Collegio a nossa Senhora da Piedade, em memoria da Provincia, de que era filho, 412. 5.

No ministerio da salvação das almas acabou seus dias, 413. 6.

Fr. Antonio de Silves, acabou a vida ministrando aos apestados, 523. 5.

Apontão-se suas virtudes, *ibid.*

Fr. Antonio de Aveiro, foi Religioso de exemplar vida, 452. 5.

Morreo no Porto ministrando na peste, *ibid.*

Fr. Antonio de Aveiro, foi Prégador verdadeiramente Apostolico, 470. 3.

Exercitava-se em muitas virtudes, 471. 4.

Teve revelação de sua morte, 472. 5.

Concorrêrão a ella muitos, que o veneravão por santo, *ibid.*

Fr. Antonio de Abrantes, toda a sua vida foi hum continuo jejum, 480. 1.

Na oração velava a maior parte da noite, 481. 2.

Nella recebeo muitas consolações de Deos, *ibid.*

Teve particular devoção com a Senhora Mãe de Deos, *ibid.* 3.

Crê-se que a Senhora lhe revelou o tempo de sua morte, *ibid.*

Notaveis circumstancias della, 482. 4. 5.

Vinte e seis annos depois de morto foi achado seu corpo inteiro, *ibid.*

O Veneravel Fr. Antonio de Nebrixa tomou o habito, e fez profissão na Provincia de Andaluzia, 483. 1.

Del-

Della com deſejo de mais perfeição paſſou à noſſa da Piedade, *ibid.* 2.

Neſta viveo quarenta annos, 484. 3.

Em todo eſte tempo não comeo carne, ou peixe, nem bebo vinho, *ibid.* 4.

Foi ſua vida hum continuado jejum, 485. 5.

Para os proximos foi mui caritativo, e brando, particularmente para com os enfermos, 486. 6.

Uſava de hum cilicio, que o trazia ſempre chagado, *ibid.*

Alguma vez, que fallava com mulheres, era com admiravel recato, *ibid.* 7.

Maravilloſo exemplo, que nos deixou neſta materia, *ibid.*

Foi amiciffimo da pobreza, 487. 1.

Nos caminhos ſe entregava totalmente à providencia Divina, *ibid.* 2.

A Senhora o provêo milagroſamente em huma jornada, *ibid.* 3.

Obrou em vida muitos milagres, 489. 1. &c.

Com maçãs verdes deo ſau-
de a muitos, 490. 2.

Dava-ſe tanto à oração, que parecia andar ſempre com o pensamento em Deos, 492. 1.

O myſterio, que mais frequentemente contemplava, era o da Sagrada Paixão de Chriſto, *ibid.*

Ainda pelos caminhos hiã orando, 493. 2.

Por muitas vezes foi achado em extaſe, *ibid.* 3. &c.

Aſſiſtindo ſempre ao officio Divino em o Coro, communmente o rezava cà fóra, porque aos primeiros verſos ficava alienado, 494. 4.

Maravilloſos effeitos de ſua oração, 495. 6. &c.

Communicou-lhe Deos o dom de profecia, 496. 1.

Referem-ſe varios ſucceſſos, em que a moſtrou, 497. 2. &c.

Teve revelação de ſua morte, 500. 3.

Preparou-ſe para ella com extraordinario fervor, *ibid.*

Quiz morrer na terra nua à imitação de noſſo Padre São Francisco, *ibid.* 4.

Conformou-ſe com a vontade do Prelado, que lho não conſentio, *ibid.*

Não cabia na Igreja a gente, que concorreo ao officio funeral, 501. 5.

Por meia legua ſe diffundio a fragrancia, que deſpedia ſeu corpo, *ibid.*

Começou logo a reſplandecer com muitos milagres, 503. 1. &c.

Continuou-os por diverſas terras deſte Reino, 510. 1. &c.

De todo o Algarve acudião a viſitar ſeu ſepulchro, *ibid.*

Sua translação, e milagres, 605. 1. &c.

He trasladado segunda vez para outro lugar, 830. 5. &c.

Fr. Antonio de Portalegre, foi mui estimado de El Rei Dom João III. 557. 1.

Deixou a Corte, e tomou o habito desta Provincia, ibid.

Nella se exercitou em muitas virtudes, ibid.

Orava com singular socego, 559. 3.

Affistio na Corte de Castella com officio de Confessor da Princeza Dona Maria, ibid. 4.

Saudoso do retiro de sua cela deixou a Corte, ibid.

Morreo em Coimbra com grande opinião de Santo, ibid.

Fr. Antonio Godinho, foi Religioso de assignalada virtude, 563. 5.

Memoravel caso, que lhe aconteceu, ibid.

Fr. Antonio de Lisboa, dourou as muitas virtudes, que teve, com o desapego das cousas do mundo, 565. 4.

Favoreceo a Divina providencia a confiança, que nella punha, ibid.

Fr. Antonio da Covilhã, continuou muito o exercicio da oração, 581. 4.

Fr. Antonio de Estremoz, foi de grande brandura, e mansidão, 629. 3.

Dos Claustres passou à nossa Provincia, ibid.

Teve particular zelo da salvação das almas, 629. 4.

Morreo com opinião de Santo, ibid.

Fr. Antonio de Niza, Pregador mui zeloso da salvação das almas, 649. 5.

Já quando veio à Religião trazia opinião de Santo, ibid.

Cresceo mais esta depois de Religioso, ibid.

Maravilhosa visão, que teve, morando em Elvas, 650. 6.

Morreo em Béja, onde deixou grande nome sua virtude, ibid.

Fr. Anjo de Valhadolid, foi hum dos nossos Fundadores, 282. 1.

Tomou o habito na Provincia de Sant-Iago, ibid. 2.

Sendo famoso em as letras, o foi mais em as virtudes, ibid.

Foi como Anjo da Guarda, que defendeo a reforma Capucha das opposições, que teve, 283. 3.

Foi admiravel sua constancia, 284. 4.

Onde morreo, ibid. 5.

Fr. Anjo de Portalegre, foi Anjo em a vida, 573. 1.

Castigava seu corpo com excessiva penitencia, ibid. 2.

Mui devoto, e contemplativo, ibid.

Teve em a oração muitos raptos, ibid.

Em sua morte pedião os seculares por Reliquias as cousas de seu uso, ibid.

Fr. Agostinho de Fragofo, foi regular, e reformado, 808. 7.

Prodigioso effeito de sua castidade, 809. 8.

O amor, que tinha à oração, o fazia amar tambem a soledade, *ibid.*

Deixou por sua morte grande opinião de virtuoso, *ibid.*

Fr. Agostinho de Lisboa, foi de maravilhosa pureza, 530. 5.

Sahio a curar aos apestados, *ibid.*

B

FR. Balthazar de Alcacere, tomou o habito em a Provincia de Portugal, 442. 1.

Della passou à nossa Provincia, *ibid.*

Exercitou-se em muita penitencia, *ibid.*

Frequentava muito a santa oração, *ibid.* 2.

Nella recebeo de Deos muitos mimos, *ibid.*

Trinta annos o combateo o demonio com hum pensamento torpe, 443. 3.

Nunca porèm venceo sua constancia, *ibid.*

Teve espirito de profecia, *ibid.* 4.

Foi-lhe revelado o dia de sua morte, *ibid.*

Mysteriosas circumstancias della, 444. 5.

Fr. Bartholomeu do Canha-veral, recebeo do Altissimo dom de lagrymas, 274. 5.

Erão mais copiosas quando dizia Missa, *ibid.*

Foi muitas vezes achado em extase, *ibid.*

Tem sua sepultura no Convento do Bosque, *ibid.*

Fr. Bartholomeu de Bragança, tomou o habito entre os Conventuaes, 430. 2.

Com desejo de mais perfeição passou à nossa Provincia, *ibid.*

Foi dotado de huma simplicidade columbina, *ibid.*

Na oração gastava a maior parte do dia, e da noite, 431. 3.

Foi mui perseguido do demonio, *ibid.*

Chegou o servo de Deos a fazer tão pouco caso do demonio, que achando-o deitado na sua cama, se deitava juntamente com elle, *ibid.*

Sentia o demonio grandemente este desprezo, mas não desistia de tentallo, 431. 4.

Procurava divertillo na oração, *ibid.*

Morreo em o Convento do Bosque, *ibid.*

Fr. Bartholomeu de Setuval, foi Prégador verdadeiramente Euangelico, 528. 2.

Antes de prégar se prevenia com prolongada oração, *ibid.*

Teve particular graça de compor inimizades, *ibid.*

Pedia a Deos morte repentina, e porque, *ibid.* 3.

Ouvio Deos sua petição, *ibid.*
Frei

Fr. Bartholomeu de Braga, em sua mocidade seguiu as vaidades do mundo, 676. 1.

Deixou-as, dando primeiro de si hum notavel exemplo de desprezo, *ibid.* 2.

Tomou o habito entre os Conventuaes, donde se passou à nossa Provincia, *ibid.*

Nesta resplandeceo em muitas, e admiraveis virtudes, 677. 3.

Foi-lhe revelada sua morte, *ibid.* 4.

Muitos dias depois della respirava sua cella suavissimo cheiro, *ibid.*

S. Bernardino, donde nasceu a singular devoção, que lhe tem os moradores da Villa, e Comarca de Chaves, 163. 5.

Fr. Boaventura de Fronteira, alcançou o nome de extatico, 749. 1.

Punha particular cuidado em macerar seu corpo, *ibid.* 2.

Achava-se nelle em grão subido o amor de Deos, e do proximo, 750. 3.

Foi admiravel sua paciencia, 751. 4.

Particularmente a mostrou na ultima enfermidade, *ibid.*

Fr. Boaventura de Villa Real, ardia em seu peito o amor de Deos, e do proximo, 762. 5.

Tinha grande devoção com as almas do Purgatorio, *ibid.*

Foi de profunda humildade, 763. 6.

Sentido desta o tratava o demonio pezadamente, *ibid.*

Braga, os primeiros Religiosos, que teve depois da entrada dos Mouros em Hespanha, forão os da Piedade, 240. 4.

C

Santa Catharina Virgem, e Martyr, as suas rodas tomou por armas o Cardeal Dom Jorge da Costa, 62. 6.

Temos huma Reliquia sua no Convento da Vidigueira, 345. 3.

Outra no Convento de Loulé, 351. 6.

Em seu martyrio fez oração a Deos por seus devotos, 756. 4.

A Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança, favorecia nosso Convento de S. Vicente, 201. 6.

Foi singular a devoção, que teve a nossos Frades, 617. 3.

Era mulher naturalmente senhora, *ibid.* 4.

Não soffria ouvir dizer que em algum Convento padeciamos necessidade, 618. 6.

Notavel resposta, que deo a Philippe II. fazendo-lhe visita, 619. 7.

Todos os Confessores, que teve, forão Frades desta Provincia, *ibid.*

Foi mui solícita da salvação de sua alma, 632. 4.

Alcançou por Reliquia o manto do Veneravel servo de Deos Fr. Antonio de Nebrixa, 502. 6.

Chagas, Convento de Religiosas de Santa Clara em Villa-Viçosa, quando foi fundado, 316. 2. 3.

Obrigados do Padre Geral, aceitámos este Convento à nossa obediência, 317. 4.

Poucos dias depois nos eximimos deste cuidado, *ibid.*

Guarda-se neste Convento o cilicio do Veneravel servo de Deos Fr. Francisco da Gata, 363. 4.

Por meio d'elle tem obrado Deos muitas maravilhas, *ibid.*

Fr. Christovão de Abrantes, no Capitulo, em que sahio eleito em Provincial, fez que os Vogaes deixassem a hum canto as sandalias, e fossem descalços, 427. 3.

Foi Religioso mui regular, e perfeito, 466. 1.

Tinha escola de oração, *ibid.* 2.

Notavel exemplo de seu recato, *ibid.*

Depois que tomou o habito, nunca mais tornou à sua terra, *ibid.* 3.

Foi Commissario Geral sobre as Provincias do Reino, 468. 4.

Fr. Claudio, da Provincia de Aquitania em França, passou à Piedade, 745. 5.

Foi Religioso mui reformado, *ibid.*

Morreo em Jerusaleem hum sexta feira, estando em oração no Santo Sepulchro, *ibid.*

Claustreaes, que principio teve este nome, 3. 4.

D

DOm Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga, fundou-nos Convento nesta Cidade, 240. 4. 5.

D. Fr. Diogo da Silva, quem foi no mundo, 333. 1.

Que officios occupou no seculo, 334. 2.

Chama-o Deos do mundo com hum visao estranha, *ibid.* 3.

Tomou o habito em a nossa Provincia, *ibid.* 4.

Exercitou-se em muitas virtudes, 335. 1.

Sentido destas, o maltratava o demonio, *ibid.* 2.

Notavel exemplo de sua humildade, *ibid.* 3.

Foi o primeiro Inquisidor Geral, que houve neste Reino, 337. 4. 5.

Renunciou este officio, e foi provído no Arcebispado de Braga, 338. 6.

Quando foi tomar posse, mostrou o Rei quanto o estimava na recommendação, que d'elle fez, *ibid.*

Pouco depois morreo, 338. 7.

Caso mysterioso depois de sua morte, *ibid.*

Fr. Diogo de Villa-Viçosa, frequentava a oração, 449. 6.

Muitas vezes foi achado sem sentidos, *ibid.*

Deixou opinião de virtuoso, *ibid.*

Fr. Diogo de Pernes, inimicissimo da ociosidade, 568. 1.

Teve particular graça para fallar de Deos, *ibid.*

Foi rigorosa sua penitencia, 569. 2.

Sentia o demonio sua perfeição, *ibid.*

Muitas vezes foi visto em maravilhosos raptos, 570. 3.

Singularizou-se na devoção da Senhora, 580. 4.

Teve tambem grande devoção às Chagas de nosso Padre S. Francisco, *ibid.*

Teve do Serafico Patriarca hum maravilhofo apparecimentto, 571. 6.

Tinha particular graça de consolar os afflictos, 572. 7.

Em sua morte acudio grande concurso do povo a suas exequias, *ibid.*

Mestre Diogo de Borba, foi tocha do Oriente, 399. 3.

Desde sua infancia se creou com os Religiosos da Piedade, *ibid.*

Com hum delles passou à India, *ibid.*

Fundou em Goa o Collegio de Santa Fé, *ibid.*

Fr. Diogo da Pederneira, era mui penitente, e contemplativo, 472. 6.

Perseverou até à morte no exercicio de muitas virtudes, *ib.*

Fr. Diogo da Beira, resplandeceo com excellencia em muita perfeição, 530. 6.

Experimentou muitas perseguições dos demonios, *ibid.*

Em premio do valor, com que lhes resistia, gozava muitas consolações de Deos, *ibid.*

A consideração da Paixão de Christo o fazia romper em lagrymas, *ibid.* 6.

Muitas vezes foi visto arrebatado, *ibid.*

Fr. Diogo de Hitta, não houve em seu tempo na Provincia quem na virtude o excedesse, 586. 1.

Desde menino mostrou inclinação a ella, *ibid.*

Deixou o Reino de Castella, de que era natural, e tomou o habito nesta Provincia, *ibid.* 2.

Nunca mais tornou à sua patria, *ibid.*

Posto no caminho da perfeição, em breve tempo subio a alto gráo della, 587. 4.

Sua abstinencia foi admiravel, *ibid.*

Disfarce, com que a encobria, *ibid.*

De inverno deixava abertas as portas da cella, e janella, para assim padecer mais o frio, 588. 5.

Macerava o corpo com cilício, e continuas disciplinas, *ibid.* 1.

Depois de Frade nunca vio a mulher o rosto, 589. 2.

Notavel exemplo deste seu recato, *ibid.*

Mitigava as terriveis dores de gota, que padecia, com a consideração da Paixão de nosso Redemptor, *ibid.*

Foi dotado de huma profunda humildade, *ibid.* 3.

Era notavel a pureza de sua consciencia, 590. 4.

Em todo o lugar continuava a oração, 591. 1.

Muitas vezes orando na Igreja, se virão sobre ella fogos, como que se abrazava, 593. 4.

Outros milagrosos effeitos de sua oração, 592. 3. &c.

Teve espirito de profecia, 594. 1.

Referem-se alguns casos, em que a mostrou, *ibid.* &c.

Ao espirito de profecia se lhe ajuntou a graça das curações, 594. 2. &c.

Desejou muito padecer martyrio, 595. 3.

Morreo ministrando na peste, 596. 5. &c.

Milagres, que obrou nos feridos deste contagio, 597. 6.

Fr Diogo de Niza, foi de natural brando, e singelo, 663. 3.

Nos muitos achaques, que padeceo, mostrou sempre admiravel paciencia, *ibid.*

Para nas confissões dar materia, recorria à vida passada, *ib.*

Na ultima enfermidade desconsolava-se muito se lhe dizião que havia de morrer della, 664. 4.

Foi-lhe revelada sua morte, *ibid.*

Teve huma visão antes della, 665. 5.

Fr. Diogo de Leiria, foi Religioso de approvada vida, 736. 3.

A Rainha Dona Luzia o escolheu por seu Confessor, *ibid.*

Houve-se neste officio com grande independencia, *ibid.*

Notavel resposta, que deo à Rainha, dizendo-lhe que ainda havia de ser Bispo, 737. 4.

Fr. Diogo de Coimbra, foi Prégador mui zeloso da salvação das almas, 748. 4.

Sobre a humildade assentou outras muitas virtudes, *ibid.*

Fr. Domingos de Fezes, subio a alto grão de perfeição, 541. 1.

Mostrava sempre huma particular alegria, *ibid.*

Foi admiravel sua paciencia, *ibid.*

Fr. Domingos da Taboa, logrou muitas virtudes, 580. 2.

Com importunos rogos alcançava dos outros sua humildade, lhe puzessem o pé na boca, *ibid.*

Acabou com fama de virtude, *ibid.*

Era,

E

E Ra, a de Cesar, quando, e quem a mudou em Portugal na do Nascimento de Christo, 170. 4.

Como se ajusta pela do Nascimento, ibid.

F

D Om Fernando Coutinho Bispo do Algarve, devoção, que tinha a nossos Religiosos, 213. 1. &c.

Fez doação a ElRei Dom Manoel de trez Conventos, que nos fundou, para que de sua mão os recebessemos, ibid.

Razão, que para isso teve, 217.

D. Fr. Fernando Vaqueiro, Bispo Aurense, foi filho da Provincia da Piedade, 397. 6.

Quando passou à India, ib. 7.

Onde morreo, 398. 7.

Nosso Padre S. Francisco, mostra-lhe Deos em huma maravilhosa visão o futuro estado de sua Ordem, 1. 1.

Entrou o Serafico Patriarca neste Reino, indo para Galiza, 321. 1. 2.

Quer que lhe festejem as suas Chagas, 572. 6.

Não consentia andar hum Frade só entre seculares, 321. 2.

O considerar que alguém se podia perder, o fazia chorar, 394. 1.

Prodigioso successo na India, 413. 6.

S. Francisco de Chaves, onde esteve o primeiro Convento, que tivemos nesta Villa, 158. 2.

De quem, e em que tempo o recebemos, 159. 3.

Sua muita antiguidade, ibid.

Em sua Igreja está sepultado o primeiro Duque de Bragança, 160. 5.

Favorece Deos a hum devoto, que por soccorrer aos Frades se poz a perigo, 161. 2. &c.

Donde, e por quem foi trazida a este Convento huma devota Imagem de Christo crucificado, que nelle se venera, 164. 2.

Prodigiosa maravilha, que obrou em o Navio, onde a trouxe, ibid. 3. 4.

Porque razão deixámos este sitio, e reedificámos em outro, 166. 1.

Trasladarão-se para o segundo Convento os ossos do Duque D. Affonso, que estavam no primeiro, ibid. 2.

Nesta reedificação melhorámos algum tanto de sitio, mas não como se esperava, ibid. 3.

Prepara Deos milagrosamente no deserto gazalho a dous Frades, que sahirão deste Convento, 167. 4.

Depois de solta das prizões da carne, vem huma alma sujei-

jeitar ao Sacramento da Penitencia algumas culpas, de que se não havia confessado na vida, *ibid.* 5.

S. Francisco de Lagos, quando fundámos este Convento, 202. 1. 2.

Por doentio o passámos a outro sitio, 204. 3.

De quem recebemos o primeiro, *ibid.*

Que invocação teve, *ibid.*

Porque se lhe mudou no segundo, *ibid.*

Com milagres grangea nosso Padre a devoção dos moradores de Lagos, *ibid.* 1.

Cresce esta particularmente nos pescadores com hum prodigio, 205. 2.

S. Francisco de Elvas, quando, e em que sitio fundámos este Convento, 221. 2.

Ajudou às obras com grossas esmolas o Duque D. Jaime, 222. 3.

A quem se deo o Padroado, *ibid.*

Provê Deos milagrosamente os Religiosos ahi moradores, *ibid.* 4.

Traslada-se para outro sitio, e porque causa, 223. 1. 2.

Dúvidas, que houve sobre o Padroado do Convento novo, 224. 3. 4.

A quem se deo o da Capella Mór, *ibid.* 5.

Porque razão sahio na fabrica mais avultado, que outro

algun da Provincia, 225. 6.

S. Francisco de Portel, fundou-se este Convento em cumprimento de hum voto a nosso Padre, 355. 1.

Quando se principiárão suas obras, *ibid.* 2.

He capucho, e mui reformado, *ibid.*

Ainda hoje persevera na forma, em que foi fundado, *ibid.*

Nelle obrou a Divina piedade a conversão de hum peccador, 356. 3.

Della mostrou sentimento o demonio, *ibid.*

Francisco da Costa, Conego de Braga, particular devoto nosso, 338. 7.

Deixadas as Armas de seus ascendentes, mandou esculpir por orla na sua sepultura o cordão de nosso Padre, *ibid.*

Caso notavel, que lhe aconteceu com esta Sagrada insignia, *ibid.*

Milagres, com que o favoreceo o Serafico Patriarca, 623. 2. &c.

Fr. Francisco de Azurára, na conversação mostrava logo a innocencia da alma, 544. 5.

Com excellencia maravilhosa se exercitou em ambas as vidas, activa, e contemplativa, *ibid.*

Ria-se quando ouvia fallar dos temores da morte, *ibid.*

Mostrou naquella hora, que não fora vã sua confiança, *ibid.*

Fr.

Fr. Francisco de Villa-Viçosa, as muitas penitencias, com que se tratava, o fazião parecer cadaver, 583. 1.

Deo a vida por seus irmãos servindo na peste, ibid. 2.

Fr. Francisco de Coimbra, vigiava muito na oração, 601. 3.

Sendo já cego por sua muita idade, hia sempre ao Coro rezar com os outros o que sabia de memoria, 602. 4.

Toda a sua vida seguiu pontualmente as Comunidades, ibid.

Estando feito hum chaga viva, nunca deo mostras do menor sentimento, ibid.

Por sua muita humildade, nunca acabáráo com elle, que fosse Prelado, ibid.

Cheio de muitas virtudes o achou a morte, ibid.

D. Fr. Francisco de Villanova, foi tomado para Bispo de S. Thomé, 603. 1.

Dilatou grandemente naquellas terras a Christandade, 604. 2.

Foi Varão verdadeiramente Apostolico, ibid. 3.

Acompanháráo-o outros Religiosos desta Provincia, 605. 4.

Fr. Francisco do Dume, foi de Angelica conversação, 614. 3.

Castigava rigorosamente seu corpo, ibid.

A maior parte da noite velava em oração, ibid. 4.

Teve revelação de sua morte, ibid.

Fr. Francisco de Espofende, foi Religioso de signalada virtude, 631. 1.

Sua criação no mundo, e varios successos della, ibid. 2.

Resplandeceo muito na virtude da humildade, ibid.

Na oração foi mui continuo, e fervoroso, ibid.

Tão altamente tratava das cousas do Ceo, que a todos punha espanto, 632. 4.

Ardia nelle hum grande zelo da honra de Deos, 631. 1. &c.

Procurava o demonio estorvallo com seus exercicios, 635. 1. &c.

Tratava-se com grande rigor e aspereza, 637. 1.

Macerava seu corpo com crueis disciplinas, ibid.

Nunca usou de genero algum de calçado, nem ainda pelos caminhos, 638. 2.

Usava de hum colete inteiro de aspero cilicio, ibid.

Os seus jejuns erão continuos, ibid.

Todos os que o vião, o avaliavão logo por virtuoso, ib. 3.

Pedia a Deos que o levasse a morrer no Convento do Bosque, 639. 4.

Satisfez Deos a sua petição, ibid.

Teve revelação do dia, e hora de sua morte, 640. 5.

Fr. Francisco de Villa-Viçosa , já na idade de menino era signaladamente virtuoso , 682. 1.

Sua criação em o mundo , e louvaveis exercicios , que tinha, *ibid.* &c.

Tomou o habito no Convento do Bosque , onde deo logo mostras da futura santidade , 686. 1. &c.

Foi admiravel sua abstinencia, *ibid.* 2.

Era notavel a alegria , com que a fazia , 687. 3.

Sendo suas penitencias mui rigorosas , tinha em nada suas penitencias, *ibid.* 4.

Amava muito a obediencia , e esfranhava sobre tudo a vontade propria , 688. 1.

De seu uso só tinha cilicios , e disciplinas , *ibid.*

Da castidade foi perfeitissimo exemplo , 689. 3.

A sua mansidão era de cordeiro , *ibid.* 4.

Em todos os trabalhos mostrou huma estremada paciencia , 690. 5.

Em ambas as orações foi perfeito , 691. 6.

Com lagrymas rezava o Officio Divino , *ibid.*

A mental continuava com fervor , 691. 7.

Todas estas virtudes coroou com a caridade , 692. 1. &c.

Foi perfeito em outras muitas , *ibid.* 2. &c.

Passou por todos os officios da Provincia com maravilhosa fatisfação , 695. 1. &c.

Por mais cansado , ou molhado que chegasse , sendo Vigario Provincial , nunca deixava de ir a Matinas , 696. 4.

Referem-se alguns milagres , que obrou em vida , 698. 1. &c.

Em toda a sua vida , nem ainda por pensamento , maculou a virtude da castidade , 702.

Maravilhosas circumstancias de sua morte , *ibid.* 4. &c.

Successos milagrosos depois della , 705. 1. &c.

Fr. Francisco da Gata , com hum milagre o chamou Deos à Religião , 361. 1.

Depois que foi Religioso , nunca mais tornou à sua terra , 362. 2.

Em quarenta annos , que viveo nesta Provincia , não comeo carne , nem peixe , ou bebo vinho , *ibid.*

Em a tijela de caldo , que algumas vezes tomava , lançava losna , ou cinza , *ibid.*

Foi espantosa a penitencia , que fazia , e rigor , com que se tratava , 363. 4.

Mettião horror os cilicios , de que usava , *ibid.*

Sentia cordealmente ver a Deos offendido , 364. 5.

No exercicio da oração era continuo , 365. 1.

Em o Bosque , estando em oração , vinhão os passarinhos pôr-

pôr-se-lhe sobre a cabeça, hombros, e braços, 366. 2.

Logrou nella prodigiosos extases, e raptos, *ibid.* 2. 3.

Alcançou no mesmo exercicio muitos mimos, e favores de Deos, *ibid.* 3. 4.

Sentido de sua perfeição o demonio lhe fazia muitas zombarias, 367. 4. 5.

De todas se livrou sua fingeleza, intimando-lhe huma obediencia do Guardião, *ibid.*

Em muitos calos mostrou o espirito de profecia, que Deos lhe tinha communicado, 368. 1. &c.

Profetizou a tomada de Tunes, 371. 5.

Teve luz do estado interior, em que cada hum andava, 372. 6.

Repentinamente deo a huma enferma saude, 373. 2.

Em signal de sua pureza despedia seu habito extraordinaria fragrancia, 374. 3.

Teve revelação de sua morte, *ibid.*

Depois de morto lançava seu corpo suavissimo cheiro, *ibid.* 4.

Foi sepultado no Convento do Bosque, 374. 4.

Da sepultura faltarão seus ossos, sem se saber quem os tirou della, 375.

Obrou Deos por elle muitos milagres, 377. 1. &c.

Fr. Francisco de Thomar, logo em seus principios teve

com o demonio guerra descuberta, 438. 1.

Sendo noviço, procurou o tentador que deixasse o habito, *ibid.* 2.

Ao mandamento do servo de Deos ficou o demonio prezo, 439. 3.

Varios combates, que com elle teve, 440. 4. &c.

Anima a hum Religioso contra as tentações do demonio, *ibid.* 5.

Acode a outro, a quem o mesmo inimigo maltratava com pancadas, 441. 6.

Em o Convento de Lagos põe termo à sua vida, *ibid.*

Fr. Francisco da Villa do Conde, foi Prégador mui zeloso da salvação das almas, 517. 3.

Foi tão mortificado, que nem ainda de agua fatissez a sede, *ibid.*

Teve grande devoção à Senhora, *ibid.* 4.

Foi-lhe revelada sua morte, 518. 5.

Notaveis circumstancias a acompanhárão, 519. 6. 7.

Fr. Francisco de Lagarinhos, foi de conversação Angelica, e simplicidade columbina, 541. 2.

Disciplinava-se rigorosamente, 542.

Quando os Prelados, por ser já velho, lhe tomavão as disciplinas, açoutava-se com varas, *ibid.*

Da continuação della trazia o corpo feito huma chaga viva, *ibid.*

Teve espirito de profecia, 542. 3.

Maravilhosos effeitos de sua oração, 543. 4.

As alfaías, de que usava, repartirão entre si por Reliquias os Frades depois de sua morte, *ibid.*

S. Francisco de Barcellos, quando fundámos este Convento, 742. 6.

Occasião, que para isso houve, *ibid.*

Fr. Francisco da Bagoeira, em noviço mostrou logo que havia de ser perfeito, 743. 1.

Foi de estremada caridade, *ibid.* 2.

Sua penitencia era rigorosa, 744. 3.

A oração fervorosa, e continua, 745. 4.

Della sahia com rostro resplandecente, *ibid.*

Sete annos depois de sua morte foi achado seu corpo incorrupto, *ibid.*

Fr. Francisco de Braga, foi de mui perfeita vida, 747. 3.

Profunda humildade, com que recebeo o Viatico na ultima doença, *ibid.*

Tendo-se por indigno de sepultura Ecclesiastica, pedio ao Guardião o mandasse sepultar em hum muladar, *ibid.*

Fr. Francisco da Idanha, huma voz milagrosamente articulada o chamou à Religião, 805.

1.

Aspirou com muito cuidado às virtudes, 806. 2.

Notavel exemplo de sua humildade sendo Prelado, *ibid.*

Continuava a oração com grande doçura de espirito, 807.

5.

Desabafava com gemidos, e gritos a chamma do amor de Deos, *ibid.*

Milagrosamente o provêo Deos em huma jornada, *ibid.* 4.

Teve dom de profecia, *ib.* 5.

Gastado o corpo com penitencias, passou o espirito a lograr o premio dellas, 808. 6.

S. Fructuoso de Braga, he Convento mui devoto, 229. 2.

De que Ordem fosse o Santo, 229. 3. 4.

Foi Bispo de Dume, e depois Arcebispo de Braga, 230. 5.

Fundou este Convento sendo Arcebispo, *ibid.* 5.

Quando o fundava lhe foi revelado o tempo de sua morte, 231. 6.

Para esperar a hora desta se mandou levar à Igreja do Convento, *ibid.*

Nella tem sua sepultura, *ib.*

Prova-se ser S. Fructuoso Fundador deste Convento, *ib.* 7.

A sua Igreja foi obra dos Romanos, 232. 1.

Mostra-se isto com muitas razões, 233. 2. &c.

Foi dedicada a Esculapio, 234. 4. &c.

Varias fortunas, que correo ao Convento, 238. 1. 2.

Como, e para onde foi levado o corpo de S. Fructuoso, 239. 2.

Ficou porèm na Igreja huma formosa Reliquia, 240. 3.

Quem, e quando nos fundou alli Convento, ibid. 4. 5.

Muitas, e diversas Reliquias que ha nelle, 243. 7.

Casos differentes, que acontecerão nesta Casa a dous noviços, 244. 1. &c.

Confessa o demonio que os Religiosos de S. Fructuoso lhe fazem guerra com as Matinas, 247. 6.

Remunera Deos com hum milagre a paciencia de hum noviço, ibid. 5.

G

FR. Gaspar de Braga, recebia de Deos muitos milagres no exercicio da oração, 529. 4.

Nella gastava grande parte do dia, e da noite, ibid.

A força do espirito o fazia romper em gritos, ibid.

Com difficuldade podia acabar o sacrificio da Missa, ibid.

Fr. Gaspar da Condexa, nenhuma occupação, fóra de

doença, lhe impedia o celebrar todos os dias, 565. 3.

Era notavel a preparação, com que se dispunha, ibid.

Teve graça particular para converter os penitentes, ibid.

Foi-lhe revelada sua morte, ibid.

Na maior fragoa de suas dores entoava louvores Divinos, ibid.

Fr. Gaspar do Porto, dos Claustraes passou à nossa Provincia, 584. 3.

Era notavel sua singeleza, ibid.

Nunca sahio de sua boca palavra ociosa, ibid.

Quando não podia remediar as necessidades dos proximos, tornava-se às lagrymas, ibid.

Com estas alcançou do Prelado o permittisse ministrar aos feridos de peste, 585. 4.

Neste exercicio morreo, ib.

Fr. Gaspar de Castello-Mendo, esmerou-se muito na mortificação, e penitencia, 799. 3.

Na oração foi achado muitas vezes sem sentidos, 800. 4.

Fr. Gaspar de Arrifana, foi de natural candido, e singelo, ibid. 5.

Pintou-se com admiraveis virtudes, ibid.

Maravilhoso caso, que lhe succedeo em huma jornada, 801. 6.

Teve prodigiosa morte, ib. 7.

Goa, quando foi erigido seu Bispado, 397. 7.

Quem

Quem foi seu primeiro Bispo, *ibid.*

O primeiro, que teve de propriedade, foi filho desta Província, 399. 2.

Fr. Gonçalo de Guimarães, continuava muito a oração, e vigílias, 751. 1.

Teve dom de lagrymas, *ib.*

Foi grande sua abstinencia, 752. 2.

Levava as muitas tribulações, que teve, com maravilhoso sofrimento, *ibid.*

Depois de morto ficou seu rosto com notavel formosura, *ibid.*

Applicadas suas Reliquias a hum menino moribundo, foi logo são, *ibid.*

Gostos, no mundo pouco duraveis, 99. 1.

Trazem apensionado o serem vigílias de tristezas, *ibid.*

Fr. Gil de Alvito, foi Religioso mui perfeito, 431. 5.

Por se entregar de todo a Deos, não quiz aceitar algum officio, *ibid.*

Fr. Gregorio de Viseu, foi de singular singeleza, 413. 1.

Passou à India, e porque occasião, *ibid.*

Foi grande sua humildade, 414. 2.

Galantes exemplos de sua simplicidade santa, *ibid.* 3. &c.

Não movia com esta a zombaria, mas a edificação, 415. 4.

Por onde passava deixava regos de sangue das disciplinas, que fazia, 426. 2.

Sendo tão simples, alcançava os apices de sua obrigação, e regra, 416. 6.

Foi mui venerado na morte, 417. 7.

H

H Enrique de Sousa Conde de Miranda, foi particular devoto nosso, 255. 3. 4.

Hercules Libyco, fundou no sacro Promontorio hum templo, 185. 5.

Nelle foi sepultado, *ibid.*

Humildade, he mui agradável a Deos, 6. 3.

He virtude de Principes, 30. 4.

I

D Om Jaime Duque de Bragança toma os Capuchos à sua conta, 27. 1. &c.

Funda-lhes o primeiro Convento em Villa-Viçosa, 29. 1. &c.

Neste acompanhava aos Frades nas penitencias, e officios de humildade, 30. 4.

Assistia com os enfermos a Matinas, *ibid.*

Intenta ser Religioso entre nós, 31. 6.

Como o impedio El Rei Dom Manoel seu tio, 32. 1. &c.

Foi

Foi jurado Principe herdeiro deste Reino. 144. 1.

Sua benevolencia, e outras virtudes pessoas, 145. 2.

Teve grande afeição aos virtuosos, ibid. 3.

Foi revelado ao Veneravel servo de Deos Fr. Francisco da Gata, que na outra vida lhe aproveitára muito fazer esmolas, e guardar justiça, 370.

4. O Bom Jesus do Monte em Barcellos, he Convento mui devoto, e accommodado à contemplação, 169. 1.

Em seu sitio habitarão primeiro dous Ermitães pobres da vida pobre, ibid. 1. 2. 3.

Depois fundarão alli os Padres Claustres hum Oratorio, 170. 4. 5.

Destes o aceitarão nossos Frades, 171. 6.

Depois de alguns annos o reduzirão a fórma de Convento, ibid. 7.

Fizerão o gasto a Villa de Barcellos, e lugares vizinhos, 172. 8.

Tem-lhe estes notavel devoção, 175. 9.

Provê Deos milagrosamente muitas vezes os Religiosos deste Convento, 173. 2. 3. 5. 7.

O Bom Jesus de Val-verde, quem nos fundou este Convento, 340. 2.

Quando se lhe deo principio, ibid.

He sua Igreja huma maravilha, ibid.

Como a tal quiz ver Philippe II. entrando neste Reino, 439. 3.

Della, e de todo o Convento, mandou tirar huma planta, ibid.

Neste Convento tratava aos Frades com muita familiaridade o Cardeal Infante, ibid.

Não consentia que os seus moços Fidalgos entrassem no interior delle, ibid.

Tem muito cuidado do sustento dos Religiosos, que ahi habitão, os Senhores Arcebispos de Evora, ibid. 4.

No tempo do Senhor Dom Alexandre o deixámos, e por que razão, ibid.

Sentem os de Evora esta ausencia, ibid.

Accrescenta-lhe a faudade de nossos Frades hum prodigio repetido no Convento, 342. 5.

Chamados do Arcebispo D. Diogo de Sousa, primeiro do nome, tornámos a habitallo, ibid.

Fr. Jeronymo do Sardoal, foi dotado de muitas virtudes, 758. 7.

Passou às Ilhas dos Aflares, onde morreo santamente, ibid.

D. João III. Rei, teve-nos particular devoção, 410. 1.

Fez huma grande esmola para a fundação do Convento do Seixo, 261. 5.

Fomentou com outra a fundação de Estremoz, 314. 3.

Quiz que em Faro tivessemos cuidado das Capuchas, 329.

1.

D. João IV. Rei, foi singular a devoção, que nos teve, 669. 5. 673. 1.

Aos Religiosos da Piedade chamava os seus Frades, 740. 3.

Levou o nosso habito à sepultura, 766. 3.

D. João primeiro Duque de Bragança, nasceo por hum voto feito a nosso Padre S. Francisco, 355. 1.

Fr. João de Guadalupe, intenta fundar huma reformação na Ordem, 4. 6.

Com jejuns, e penitencias procura saber nesta materia a vontade de Deos, *ibid.*

Antes de lhe dar principio se enfaia para os trabalhos, que prevê se lhe hão de offerecer, 5. 1. &c.

Singulares acções de desprezo proprio, que a este fim fazia, 6. 2.

Determina principialla em Granada, e com este intento passa a este Reino, 11. 1. &c.

Não tem effeito, e porque, 3. 6. &c.

Primeira opposição, que teve voltando de Granada, 15. 1. &c.

Como se ajuntou com Frei Pedro de Melgar, para darem

principio à Reformação, 22. 6. &c.

Qual foi a primeira Casa, que edificárão, 25. 5. 6.

Em que anno morreo, 72. 6. &c.

Resumem-se suas virtudes, 150. 1. &c.

Fr. João da Veiga, porque occasião passou à nova Hespanha, 309. 1.

Foi singular Prégador de seu tempo, 310. 2.

Teve grande caridade, particularmente para com os enfermos, *ibid.* 3.

Affignalou-se muito na mortificação, e desprezo de si mesmo, *ibid.*

Não poz menos cuidado na paciencia, 310. 4.

Notavel consideração, que fazia sua humildade, 311. 5.

Em huma enfermidade o visita a Senhora, e lhe dá saude, 312. 6.

Acabou a vida com o Cantico de Simeão na boca, 312. 8.

Fr. João de Attaíde, Religioso da Provincia de Portugal, morou no Convento da Piedade, 149. 5.

Nelle morreo, *ibid.*

Foi trasladado para o de São Bernardino de Atougua, 150. 6.

A terra de sua sepultura fazia milagres, *ibid.*

Fr.

Fr. João de Zuaco , foi filho da Provincia da Conceição em Castella , 286. 2.

Discorreo por muitas Provincias reformadas , ibid. 3.

Em a nossa da Piedade viveo sete annos , ibid.

Passou à Cidade santa a visitar os Lugares Sagrados , ibid.

No Cairo do Egypto prégou a Fé aos Mouros , 286. 4.

Dous dias inteiros esteve no patibulo prégando , ibid. 5.

Depois de degolado , a cabeça , apartada do corpo , esteve prégando todo hum dia , ibid.

Venera-se esta em Veneza , e obra Deos por ella muitos milagres , ibid.

Fr. João Pascoal , foi hum dos primeiros Religiosos da nossa Provincia , 385. 2.

Tomou o habito em o Convento da Piedade , ibid.

Destá sahio com Fr. Anjo para a de S. Gabriel em Castella , ibid.

Passou a fundar a Provincia de S. José no mesmo Reino , ibid.

Continuava muito a oração , 388. 6.

Quando entrava nos povos buscava logo os Hospitales para servir os enfermos , ibid.

Nem ainda estando doente tirou o cilicio , 389. 7.

Beijava os pés a quem o injuriava , ibid.

Converteo a hum Prelado com huma acção semelhante , ibid. 8.

Notavel exemplo de sua honestidade , ibid. 8.

Morreo santamente na Arrifana , Villa de Portugal , 390. 9.

D. Fr. João de Albuquerque , foi duas vezes Provincial , 398. 1.

Foi o primeiro Bispo de propriedade , que passou à India , 399. 2.

Quando chegou a Goa , ib. Entendeo logo na reforma dos Portuguezes , ibid. 3.

Forão muitos os Gentios , que converteo , ibid. 3.

Teve particular amizade com o Santo Xavier , ibid. 4.

Governou santamente seu Bispado , 402. 7.

Não quiz deixar suas ovelhas , ibid.

Entre ellas morreo , ibid.

Onde tem sua sepultura , ibid.

Fr. João de Semeice , deo testemunho de sua virtude o Bispo eleito de Cochim Fr. Antonio de Serpa , 715. 1.

Sua criação em o mundo , ibid. &c.

Não lhe pudérão impedir os pais a resolução , que tomou , de ser Religioso , 717. 3.

Logo em noviço deo grande exemplo de penitencia , ibid.

4.

Era tão humilde , que nunca quiz aceitar officio algum de honra , 718. 1. &c.

Todo o seu cuidado poz em adquirir as virtudes , 720. 3.

A sua abstinencia parecia excessivo , *ibid.*

Resplandeceo no amor de Deos , e do proximo , 721. 1. &c.

Qualquer miseria alheia lhe rasgava o coração , 722. 2.

Ternissimamente se condoía dos pobres , *ibid.*

Na oração era tão continuo , que parecia andar sempre abortivo , *ibid.* 3.

Teve singular devoção com a Senhora Mãe de Deos , 723. 4.

Foi tão amigo do silencio , que muitas vezes se explicava por acenos , 724. 5.

Era notavel o recato , com que encubria o que alcançava na oração , *ibid.*

Extraordinario desapego , com que tratava todo o temporal , 725. 6. &c.

Na pontualidade , com que observava os trez votos , foi raro exemplo a todos , 726. 1. &c.

Nas grandes adversidades , que teve , mostrou sempre hum paciencia invencivel , 731. 1. &c.

Quando adoecia , todo entregue à Divina providencia , não queria admittir medicinas , 732. 3.

Muitas vezes apparecia no Coro , quando o presunção mais doente , *ibid.* 4.

Teve revelação de sua morte , 734. 6.

Onze annos depois de sepultado acháráo seu corpo inteiro , *ibid.*

Fr. João de Barcellos , foi Varão mui sincero , simples , e devoto , 737. 5.

Amava muito a soledade , 738. 6.

Aos Sacerdotes chamava seus Senhores , *ibid.*

Reluzia nelle hum humilidade profunda , *ibid.*

Foi muito penitente , 739. 7.

Crê-se que teve revelação de sua morte , *ibid.*

Fr. João de Atouguia , já no estado de secular servia a todos de exemplo , 793. 1.

Ainda naquelle estado era muito amante da pureza , *ibid.*

Na Religião cresceo em primorosas virtudes , *ibid.* 2.

Os seus jejuns erão continuos , 794. 3.

Fr. João de Merida , foi nelle como natural a propensão à virtude , 803. 2.

Ornou-se de hum profunda humilidade , *ibid.* 3.

Era tão candido , que nenhuma cousa , que visse lhe parecia mal , *ibid.*

Affistia com tanto espirito ao sacrificio da Missa , que ordi-

dinariamente ficava suspenso,
804. 4.

Communicou-lhe o Altissimo o dom de profecia, ibid. 5.

Com notavel socego acabou a vida, tendo-se visto pouco antes inquieto, ibid.

Fr. João de Estremoz, entre muitas virtudes teve em subido gráo a da paciencia, 329. 3.

Depois de sua morte foi achado inteiro, ibid. 4.

Abrio-se segunda vez sua sepultura, ibid.

Inquisidor, o primeiro dos Geraes, que teve Portugal, foi filho da Provincia da Piedade, 337. 4. 5.

O Cardeal D. Jorge da Costa, quem foi, e porque se ausentou de Portugal, 62. 6.

Favoreceo em Roma aos Capuchos, ibid.

Fr. Jorge de Borba, entre outras virtudes, que teve, deo subido lugar à penitencia, 581. 3.

Foi-lhe revelada sua morte, ibid.

Juramento falso, por hum foi condenada huma alma ao Inferno, 530. 6.

L

LOios, vide Villar de Frades.

Fr. Luiz do Torrão, poz o fello a suas muitas virtudes com a da caridade, que o levou a servir aos apestados, 524. 6.

Antes de sahir a este ministerio, signalou sepultura, que pedio ao Guardião, ibid.

Nelle acabou a vida, ibid.

Fr. Luiz de Sousa, foi Pregador de grande espirito, 763. 7.

Entregava-se muito à oração, ibid.

Para tirar o gosto ao que comia, lhe misturava cinza, ibid.

M

MAlaca, povoão n'ossos Frades, e acabão nesta Cidade hum Convento, 417. 1. &c.

Sahem d'elle em Missão, de que colhem copioso fruto, 420. 1. &c.

Quem forão estes Missionarios, ibid. 1.

Porque Lugares discorrêrão, 421. 2.

Foi grande meio para a conversão, que fizerão de muitos, o desinteresse, com que se portavão, ibid.

Forão notaveis as conversões, que fizerão, 422. 3.

Fr. Manoel de Estremoz, foi incontestavel sua paciencia, 381. 2.

Teve revelação do dia, e hora de sua morte, ibid. 2.

Morreo em hum sabbado depois de lhe rezarem a *Magnificat* da Senhora, de quem foi especial devoto, ibid.

Tem sua sepultura no Convento de S. Francisco de Evara, *ibid.*

Fr. Manoel de Guimarães, era sua penitencia mais para o espanto, que para o exemplo, 666. 2.

Foi de maravilhosa paciencia, *ibid.*

Ornou-se de muitas outras virtudes, e acabou santamente, *ibid.*

Fr. Manoel do Beco, logo na mocidade seguiu o caminho da virtude, 712. 1.

Gastava noites inteiras no exercicio da santa oração, *ibid.*

Foi-lhe revelada sua morte, 713. 2.

Teve esta suavissima, *ibid.*

Fr. Manoel de Salvaterra, foi dado a seus pais por intercessão da Virgem nossa Senhora, 760. 2.

Contra vontade delles tomou o habito em a nossa Provincia, *ibid.*

Exercitou-se em muitas virtudes, *ibid.*

Predisse sua morte, *ibid.*

Maravilhosas circumstancias della, 761. 3. 4.

Fr. Manoel de Aveiro, foi Religioso mui devoto, e contemplativo, 525. 1.

Obrigado da caridade sahio diversas vezes a servir na peste, *ibid.* 2.

Neste ministerio acabou a vida, 526. 3.

Despedindo-se dos Frades, lhes declarou que hia a morrer, *ibid.*

Da cabana, onde morreo, e de sua sepultura, sahia extraordinaria fragancia, *ibid.*

Por ella foi dar com a sepultura huma enferma, e cobrou saude, 527. 4.

Fr. Manoel de Castro-Verde, foi dotado de singulares virtudes, 575. 3.

Faz-se memoria de algumas, *ibid.*

Trez dias antes de sua morte signalou o tempo preciso della, *ibid.*

Fr. Marcos de Portalegre, sendo simples, alcançou muito nas materias de espirito, 455. 4.

Toda a sua vida foi hum continuo acto de penitencia, *ibid.*

Foi muitas vezes achado em extase diante do tabernaculo do Santissimo Sacramento, *ibid.*

Na oração recebeo muitos mimos de nosso Padre S. Francisco, *ibid.*

Referem-se alguns, 456. 5. 6.

Foi-lhe muitos annos antes revelado, que a sua morte havia de ser na hora da Ascensão, 457. 7.

Por esta razão repetia continuamente a Antifona, que canta a Igreja naquella hora, *ibid.*

O Arcebispo D. Theodosio de Bragança lhe levou parte de suas sandalias por Reliquias, *ibid.*

O Santo Fr. Martinho de Valença, na Piedade de Villa-Viçosa se exercitou nas virtudes, com que depois alumiou o novo mundo, 287. 1.

Desde menino foi à virtude inclinado, *ibid.*

Tomou o habito de nosso Padre na Provincia de Sant-Iago, *ibid.*

Presentindo o demonio sua futura santidade, o perseguia em novico importunamente, 288. 2.

A fama de santidade, com que florescia a nossa Provincia, o trouxe a ella em seus principios, *ibid.* 2. 3.

Obrigado dos rogos do Mestre, que lhe lançou o habito, voltou para Castella, 289. 4.

Foi Varão de notavel santidade, e rara humildade, notavel desprezo do mundo, *ibid.* 1. &c.

Erão muitas, e rigorosas suas penitencias, 292. 1. &c.

Temperava com cinza o comer, que havia de tomar, *ibid.* 1.

Nunca quiz admittir Medico em suas enfermidades, *ib.* 2.

Com capa de virtude o tentava o demonio, 293. 3. &c.

Continuava muito a oração, 295. 1. 2.

Neste exercicio o certificá-ção de sua salvação nosso Padre S. Francisco, e Santo Antonio, *ibid.* 2.

Teve nella maravilhosos extases, 296. 3. &c.

Em muitas, e diversas visões lhe mostrou Deos os Gentios, que por seu meio se havião de converter, 297. 1. &c.

Passa ao novo mundo à conversão do Gentio, 300. 7.

Copioso fruto, que colheo, 301. 1. &c.

Padecem martyrio dous meninos discipulos do Santo Frei Martinho, 303. 4. &c.

Maravilhosa morte do Santo Fr. Martinho, 306. 1. &c.

Ainda depois della mostrou sua humildade, 307. 3.

Obrou Deos por seu servo muitos milagres, 308. 5.

Fr. Martinho de Portalegre, vigiava muito na oração, 364. 2.

Foi mui penitente, e caritativo, *ibid.*

Por mais compridas que fossem as jornadas, sempre andou descalço, *ibid.*

Martyres de Marrocos, devoção, que lhes tem os moradores de Chaves, 162. 4.

Alguns milagres, que Deos obrou em seus devotos, *ibid.*

Matinas à meia noite, com ellas se tem reduzido muitos peccadores, 328. 7.

Fazem guerra ao Inferno, 247. 6.

Fr. Mattheus de Trotufando, foi Varão de admiravel santidade, 553. 1.

Já quando veio à Religião trazia nome de Santo, *ibid.*

Era de profunda humildade, *ibid.* 2.

Notavel exemplo de sua pureza, 555. 3.

Pelo valor, com que resistio a huma tentação sensual, lhe concedeo o Senhor não ser tentado mais nesta materia, *ibid.*

Dava-se continuamente à oração, *ibid.* 4.

Na pobreza servia aos mais de espelho, *ibid.*

Deo testemunho de sua santidade D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, 556. 5.

Maravilhoso caso, que lhe aconteceu com elle, 557. 6.

Alguns annos depois de sua morte se achou seu corpo incorrupto, *ibid.* 6.

Fr. Mattheus de Ferreira, assim resplandece em cada huma das virtudes, como se não tivera outra, 582. 5.

Mundo, não durão nelle os gostos mais de hum dia, 99. 1.

Seus bens são como os peixes de huma fonte, de que escreve Plinio, 558. 3.

N

Nossa Senhora dos Anjos em Azurára, não ha memoria certa da fundação deste Convento, 225. 1.

De quem o recebemos, 226.

3.

Foi depois reedificado, e reduzido à pobreza Capucha, *ibid.*

Está em sitio mui alegre, e ládio, 229. 3.

He mui accommodado para a contemplação, *ibid.* 4.

Nossa Senhora da Annunciada, para a fundação deste Convento deo huma nobre matrona huma quinta, 279. 1.

Fez della doação a ElRei D. João III. para da sua mão a recebermos, *ibid.* 2.

Da fórma das palavras, com que o Rei doou esta Casa, se levanta entre os Frades escrupulo, e como se remediou, 280. 3.

Procura o povo levar-nos para mais perto, e acha resistencia em os Frades, *ibid.* 4.

Obrigados depois da necessidade, mudámos de sitio, 281. 5.

Em o primeiro Convento declara ao Guardião hum defuncto sua ultima vontade àcerca de hum testamento, sobre que pleiteavão os parentes, *ibid.* 6.

Nossa Senhora da Assumpção da Vidigueira, em que sitio fundámos este Convento, 344. 1.

Experimentámos sempre singular devoção em os Condes, e Senhores desta Villa, 345.

2.

Tem

Tem este Convento muitas, e notaveis Reliquias, *ibid.* 3.

Foi prodigiosa sua invenção, 346. 4. &c.

Tem Deos obrado por ellas muitos milagres, 348. 7.

Nossa Senhora da Caridade do Sardoal, porque occasião se fundou este Convento, 457. 1.

Edificou-se em huma Ermi-da, que lhe deo o nome, *ib.* 2.

Qual seja seu sitio, *ibid.*

Foi fundado com esmolas do povo, 458. 3.

Aventajou-se muito nellas D. Duarte de Almeida Conde de Abrantes, *ibid.*

Refere-se hum milagre em favor da esmola, 459. 4.

Nossa Senhora da Esperança de Villa-nova, aceitámos este Convento pelo de Faro, que deixámos, 329. 1.

Quem deo o sitio, *ibid.* 2.

Para quem o fundava, *ibid.*

Quem he o Padroeiro da Capella Mór, 330. 3.

O que dispoz a Padroeira ácerca d'elle, *ibid.*

Do Convento são Padroeiros os Condes de Villa-nova, *ibid.* 4.

A vizinhança do Rio faz o sitio mui aprazivel, 331. 5. 6.

Nossa Senhora do Paraíso, em Silves, em que sitio fundámos este Convento, 208. 2.

A occasião, por que o deixámos, *ibid.* 3. 4.

Hoje o habitão os Padres Terceiros, *ibid.*

Provê Deos milagrosamente a Comunidade quando ahi viviamos, 210. 1. 2. 3.

Raro prodigio de hum Religioso, que estava em oração, 211. 4. 5.

Nossa Senhora da Piedade de Villa-Viçosa, foi o primeiro Convento, que fundámos no Reino, 29. 1.

Achámos já ahi huma Ermi-da da Senhora, 30. 2.

Ficou o edificio hum retrato da pobreza, *ibid.* 3.

Quanta esta fosse se vê no que fez de custo, *ibid.*

Descreve-se o sitio, onde tivemos este primeiro Convento, 139. 1. &c.

Ampliou-se sua cerca, 142. 1. &c.

Experimentou esta Casa varias mudanças, 143. 5.

Para onde fizemos a primeira, 353. 3.

Segunda vez o mudámos a outro sitio, 615. 1. &c.

Quando se lançou nelle a primeira pedra, 616. 2.

Nossa Senhora da Piedade em Cabo-Verde, dá-se noticia destas Ilhas, 765. 1.

Quando entrou nellas a pré-gação do Euangelho, *ibid.* 2.

Porque occasião fundámos na de Sant-Iago Convento, 766. 3.

Necessitavão muito d'elle os moradores das Ilhas, 767. 5.

O mui-

O muito, que lhes aproveitou a nossa assistência, 768. 6.

Em que sitio se fundou o Convento, *ibid.*

Do que obrarão os Religiosos d'elle na primeira Missão, que fizerão à terra firme de Guiné, 769. 1. &c.

Entrão segunda vez na mesma terra, e he maravilhoso o fruto, que colhem, 773. 1. &c.

Nossa Senhora do Seixo, foi este o primeiro Convento, que tivemos na Beira, 259. 1.

Era celebre o sitio já antes de termos alli Convento, *ibid.*

Por quem se diligenciou a fundação, *ibid.* 2.

Quando se deo principio às obras, 261. 4.

Quem concorreo para ellas, *ibid.* 5.

Foi mudado para outro sitio *ibid.*

Maravilhosa conversão de hum peccadora por intercessão da Senhora do Seixo, 262. 1. &c.

Dá falla a hum mudo a mesma Senhora, 264. 3.

Nossa Senhora da Consolação do Bosque de Borba, quando foi fundado este devoto, e religioso Convento, 176. 1.

Era antes Bosque, onde se hia recrear o Duque D. Jaime, *ibid.*

Descreve-se diffusamente sua matta, e frescura, 177. 3. &c.

Sendo tão espesso, não cria em si bicho algum peçonhento, *ibid.* 4.

Pelo damno, que os coelhos lhe fazião na horta, os desterrou dalli a oração de hum Religioso leigo, *ibid.*

Tem muitas, e devotas Ermidas em sua cerca, 179. 8.

He o Relicario da Provincia, pelos muitos Religiosos de virtude, que ahi estão enterrados, 180. 9.

Particular devoção, que lhe tinham os Duques de Bragança, *ibid.*

Ameaçando ruina, foi reedificado no mesmo sitio, 181. 1.

Ouvirão-se nelle os Anjos cantar Matinas à meia noite, *ibid.* 2.

Com hum instrumento musico regalou Deos a hum Religioso, que andava triste, 182. 3.

Reedifica-se segunda vez o Convento, 181. 1.

Fr. Nicoláo de Villa-Cova, assignalou-se muito na innocencia da vida, 754. 4.

Fr. Nicoláo Pobreza, Religioso Terceiro, tem sua sepultura em o nosso Convento de Villa-nova, 332. 7.

Foi Religioso de muita caridade, e de outras virtudes, *ibid.*

O

Observantes, forão chamados Frades das Ermidas, e porque, 4. 5.

Onde, e por quem lhes foi estabelecido o nome de Observantes, *ibid.*

P

FR. Paulino de Villa-Viçosa, em toda a sua vida nunca comeo carne, nem peixe, 550. 1.

O mesmo estylo observava quando doente, *ibid.*

No sacrificio da Missa erão tantas as lagrymas, que derramava, que deixava final dellas nas toalhas do Altar, 551. 2.

Não podendo soffrer a força de espirito, com que o Senhor o visitava, rompia em gritos, *ibid.* 3.

Amava muito a soledade, e retiro, 552. 4.

O zelo da salvação das almas o levou à India, 553. 5.

Depois de alguns annos voltou para a Provincia onde morreo com fama de santidade, *ibid.*

D. Pedro II. Rei, e Senhor, que Deos guarde, consignou esmola ordinaria ao Convento de S. Vicente do Cabo, 201. 6.

Fr. Pedro de Melgar, hum de nossos primeiros Fundado-

res, e o que mais trabalhou em a fundação da Provincia, 153. 1.

Inclinou-se em sua primeira idade ao exercicio das armas, *ibid.* 2.

Caso maravilhoso, que lhe succedeo em Portugal estando prezo, 154. 3.

Suas admiraveis virtudes, *ibid.* 3. &c.

Os muitos trabalhos, que padeceo em fundar esta Provincia, por todo o primeiro Livro.

Morreo em o Convento do Bosque, 157. 9.

A terra de sua sepultura dava faude a enfermos, *ibid.*

Fr. Pedro de Setuval, em suas palavras representava o estado da innocencia, 566. 5.

O mais do tempo gastava em oração, 567. 6.

Sahia-lhe ao rosto o fogo do amor de Deos, que em seu peito ardia, *ibid.*

Maravilhoso caso, que lhe succedeo com hum noviço, 567. 7.

Foi exemplar de Prelados, e modelo de subditos, 568. 8.

Fr. Pedro de Lordello, procurou com todo o cuidado esmerar-se em todo o genero de virtude, 674. 3.

Teve inexplicavel devoção com a Senhora Mãi de Deos, *ibid.*

Era estremado o rigor, com que se tratava a si, e incrível

Rrrrr a ca-

a caridade, com que assistia aos outros, *ibid.* 4.

Na oração lhe revelava Deos muitas cousas, 675. 5.

Por virtude Divina foi levado a soccorrer hum afflicto, *ibid.*

Foi dotado de profunda humildade, 676. 7.

Acabou santamente em Braga, *ibid.*

Fr. Pedro do Rosmaninhal, floreceo em muitas, e signaladas virtudes, 753. 3.

Fr. Pedro de Coimbra, seguiu na mocidade as armas, 382. 4.

Deixou o mundo, e tomou o habito nesta Provincia, *ibid.*

Foi de admiravel pureza, *ib.*

Teve revelação de sua morte, 383. 5.

Depois della appareceo a humma pessoa virtuosa, sollicitando suas orações, *ibid.* 6.

Declarou-lhe que pela aspezeza, com que reprehendia aos Religiosos por qualquer defeito, padecêra no Purgatorio terribéis penas, *ibid.*

Purificado nestas passou à Gloria, *ibid.*

Fr. Pedro de Abrantes, foi Religioso verdadeiramente humilde, 537. 1.

Era notavel sua mortificação, e penitencia, *ibid.* 2.

Sendo Provincial lhe preparou Deos milagrosamente no deserto gazalhado, *ibid.*

Foi grandemente pobre, *ib.*

Em o Convento de Thomar tem sua sepultura, *ibid.*

Fr. Pedro da Guarda, depois de humma vida innocente, teve humma morte maravilhosa, 757. 5. 6.

Fr. Pedro de sima do Douro, teve muitas virtudes em gráo subido, 795. 4. &c.

Na oração gastava todos os dias doze horas, *ibid.*

Ordinariamente, por andar abortto, não respondia a proposito do que se lhe fallava, *ibid.* 5.

Nunca comeo carne, ou peixe, nem bebeo vinho, *ibid.*

Foi-lhe revelada sua morte, 797. 8.

As cousas de seu uso, não só em sua morte, mas ainda em vida, erão veneradas por Reliquias, *ibid.*

Fr. Pedro de Loufa, foi amicissimo da oração, 798. 1.

Ornou-se de outras muitas virtudes, *ibid.*

Deo milagrosamente faude a humma enferma, *ibid.* 2.

Peste no Algarve no anno de 1646. ministrarão nella nossos Religiosos, 740. 2. &c.

Quantos morrêrão neste exercicio, *ibid.*

A morte de huns não esfriava a caridade dos outros, *ibid.* 3. &c.

Pobres da vida pobre, quem fossem, 169. 2.

Provincia da Piedade, quem forão seus primeiros Fundadores, 2. 3.

Os trabalhos, que padecerão em sua fundação, por todo o primeiro Livro.

Quando foi instituida Custodia, 107. 5.

Sua erecção em Provincia, 120. 1. &c.

Logra muitas, e notaveis excellencias, 126. 1. &c.

He a primeira entre todas as Capuchas da Ordem, 127. 1. &c.

Descreve-se o sitio, por onde se dilata, 136. 1.

Sello, que tomou, quando foi instituida, 138. 4.

As mais das Capuchas trazem della sua dependencia, e origem, 120. 1. &c.

Religiosos seus ajudarão a fundação da Provincia de São Thomé na India, 395. 4.

O mesmo adjutorio derão tambem à da Madre de Deos nos mesmos Estados.

Quando se dividio della a da Soledade, 811. 3. &c.

Provincia de S. José em Castella, foi seu Fundador Fr. João Pascoal, filho da nossa, 385. 2.

O primeiro Prelado, que teve, quando foi Custodia, foi tambem filho da Piedade, ibid.

R

R Eligião Serafica, representa Deos em huma estatua a nosso Padre S. Francisco seu estado futuro, 1. 1.

Promette-lhe que sempre haveria nella Varões zelosos de sua perfeição, 2. 2.

Em huma peste geral afrouxou muito de seu rigor, 4. 4.

Quando entrou neste Reino, 318. 2.

Qual seja o primeiro Convento, que teve nelle, 321. 1. &c.

Fundou-a nosso Padre São Francisco para a conversão das almas, 394. 1.

Fr. Rodrigo de Chaves, foi hum Arquivo de virtudes, 449. 7.

Assentava estas sobre huma profunda humildade, ibid.

Acompanhou ao Duque Dom Jaime na jornada de Azamor, ibid.

Rematou seus dias, ministrando na peste, ibid.

S

S Alcete, dá-se noticia desta Ilha, 411. 3.

Os primeiros Frades, que nella prégarão, forão filhos da Provincia da Piedade, ibid.

A primeira Igreja, que nella houve, foi dedicada a nossa Senhora da Piedade, 412. 5.

El Rei D. Sebastião assistia alguns tempos em o Convento de S. Vicente do Cabo, 200.

3. Ampliou nelle humas casas, onde se aposentava, *ibid.*

Communicava com os Frades familiarmente, *ibid.*

Segredo, difficoltosamente se guarda, 32. 2.

Serra Dossa, donde tomou o nome, 56. 3.

Nella estiverão os nossos Capuchos alguns dias, *ibid.* 4.

Foi em todo o tempo a Thebaida de Portugal, 57. 1.

Silves, Cidade no Reino do Algarve, vê-se hoje destruida, 207. 1.

A causa de sua ruina foi a maldição de hum Santo Bispo, 208. 2.

Fr. Sebastião de Thomar, foi dotado de huma candida singeleza, 538. 3.

Depois de Matinas ficava no Coro em oração até a Prima, *ibid.*

A sua maior consolação era occupar-se nos officios mais humildes, *ibid.*

Raro exemplo de seu silencio, *ibid.*

Teve particular devoção à Senhora, *ibid.*

Maravilhosas circumstancias de sua morte, 539. 5. 6.

Silvas, em quem teve principio esta illustre geração, 333. 1.

Fr. Simão de Aveiro, quem foi no mundo, 447. 3.

Depois de velho tomou o habito para Frade leigo na nossa Provincia, *ibid.* 4.

Resplandeceo em profunda humildade, *ibid.*

Exercitou-se em outras muitas virtudes, 448. 5.

Singeleza, he meio caminho andado para a virtude, 413. 1.

Santa Sita, quando, e de quem recebemos este Convento, 69. 1. &c.

Porque razão o deixámos, 527. 5.

T

DOm Theodosio primeiro, Duque de Bragança, teve-nos particular devoção, 353. 3.

Rezava, e cantava com os Frades no Coro, *ibid.* 4.

Tomava-lhes os perdões de joelhos, *ibid.*

Para todos era benigno, e affavel, *ibid.*

Mudou-nos para outro sitio o Convento da Piedade, *ibid.*

Fundou-nos o Convento de Portel, 355. 1. &c.

Reedificou o de Borba, 181. 1.

Achou-o a morte com huma Imagem de nosso Padre S. Francisco em os braços, 354. 5.

Fundou o Convento das Chagas em Villa-Viçosa, *ibid.* 4.

Inf-

Instituio na mesma Villa a sua Capella Real, *ibid.*

Applicou rendas para hum estudo de Grammatica, *ibid.*

Affirmou-se que a terra de sua sepultura dava faude a enfermos, *ibid.* 5.

D. Theodosio II, Duque de Bragança, singularizou-se muito na devoção a esta Provincia, 546. 3.

He incrível a benevolencia, com que tratava os Religiosos della, 619. 8.

Prezava-se muito desta devoção, que nos tinha, *ibid.*

Huma das cousas, que mais encommendou em seu testamento, foi a Provincia da Piedade, 620. 9.

Notavel prodigio em sua morte, 621. 11.

Fr. Thomé de Portalegre, foi Prégador de grande zelo, 425. 3.

Entregava-se com tanto fervor à oração, que muitas vezes o trazia para a cella sem sentidos, *ibid.*

Entre os noviços, de que era Mestre, ficava frequentemente absorto, *ibid.*

O rigor, com que se tratava, lhe tirava a faude, 425. 4.

Tem sua sepultura no Convento de Portalegre, *ibid.*

Fr. Thomé de Aveiro, sua conversação era do Ceo, 713. 3.

Quando comia, tinha sempre na consideração o fel, e vinagre, que derão a Christo na Cruz, *ibid.*

Pelo muito que amava a pobreza, lhe chamavão communmente Fr. Thomé Pobre, 726. 4.

Logrou outras muitas virtudes, 714. 5.

S. Thomé, na repartição, que fizerão os Apostolos do mundo, coube-lhe a India, 403. 2.

Qual foi a primeira terra, onde prégou, *ibid.*

Em Meliapor padeceo martyrio, 403. 2.

Notavel profecia, que deixou nesta Cidade, *ibid.*

Cumprio-se esta com a entrada dos Portuguezes na India, *ibid.*

Fr. Thomaz de Santarem, foi mui devoto do Santo de seu nome, 645. 3.

Nasceo, professou, e morreo no dia deste Sagrado Doutor, *ibid.*

Em sua mocidade seguiu as armas na India, 646. 4.

A riqueza, que trouxe, foi o defengano do mundo, *ibid.*

Tomou o habito em a nossa Provincia, *ibid.*

Huma caveira lhe servia de espelho para compor a vida, *ibid.*

Milagrosos casos, que lhe succedêrão, *ibid.* 5. &c.

Mor-

Morreio com grande opinião de virtuoso, *ibid.*

V

São Vicente do Cabo, descreve-se o sitio, onde temos Convento, 183. 1.

He maravilhosa a temperança de seus ares, 184. 2.

Tem alli os olhos aprazivel vista, *ibid.* 3. 4.

Foi sempre este lugar famoso em o mundo, 185. 5.

Edificou nelle hum celebre Templo, em que se mandou sepultar Hercules Libyco, *ibid.*

Era mui frequentado, e venerado dos Gentios, *ibid.*

Foi tudo hum sombra de que havia de ser verdadeiramente venerado, como o he agora pelas Reliquias do Martyr São Vicente, 186. 6.

Seu corpo foi trazido pelos Christãos a este sacro Promontorio, 186. 1. &c.

Do sacro Promontorio foi trasladado a Lisboa, 188. 4.

Milagres, que se virão nesta translação, 189. 5.

Em que dia, e anno foi collocado na Sé de Lisboa, *ibid.* 5.

Mostra-se sua primeira translação de Valença ao sacro Promontorio, 190. 1. &c.

Affistem neste lugar continuamente dous corvos, 191. 3. 4.

Nelle edificou o Infante Dom Pedro huma Ermida, em que recolheo a sepultura do Santo, 194. 1.

Junto della fundou depois D. Fernando Coutinho, Bispo do Algarve, hum Convento aos Padres Jeronymos, *ibid.* 2.

Pelo deixarem estes, o forão habitar nossos Religiosos, *ibid.* 2.

Temos neste Convento huma Reliquia do Santo Martyr, *ibid.* 3. 4.

Vê-se hum continuo milagre na sepultura do glorioso Martyr, *ibid.* 4.

Varios encontros, que tiveram os Religiosos alli moradores com inimigos, 196. 1. &c.

Desamparão nossos Frades este Convento, e porque causa, 199. 1. &c.

Tornámos a habitallo, 200. 4. 5.

Fr. Vicente de Lagos, foi Religioso mui espirital, e devoto, 403. 1.

Passou à India com o primeiro Bispo de Goa, *ibid.*

Em que estado achou os Christãos de S. Thomé, 404. 3.

Reduzio-os ao gremio da Igreja, *ibid.*

Fundou no Malabar hum Collegio para creação dos meninos, filhos da terra, *ibid.*

Nelle se agazalhou muitas vezes o Santo Xavier, 405. 4.

Té-

Teve o Santo com Fr. Vicente intima amizade, *ibid.*

Testemunho, que o Santo Xavier deo delle, e do Collegio, que fundára, *ibid.*

Aprazivel caso, que succedeo a Fr. Vicente com os meninos, que doutrinava, *ibid.* 5.

Converte o Rei, e Rainha de Tanor, 406. 1.

Morreo, e foi sepultado no feu Collegio, 410. 7.

Vicente o pobre, sahio do Porto á fazer vida eremitica no monte de Barcellos, 169. 1. 2.

Tem sua sepultura na Igreja do Convento, que depois alli fundámos, 171. 7.

Villar de Frades, foi primeiro Convento de Bentos, 175. 6.

Depois veio a poder dos Padres Loios, que de presente o habitão, *ibid.*

Experimentamos nestes Padres particular devoção, e em especial os moradores do Convento do Bom Jesus do Monte, *ibid.* 6. 7.

Virtude, he de si amavel, 10. 5.

X

X Arandilha, Villa em Castella dos Condes de Oropeza, 7. 4.

Z

Z Elo, que tinha nosso Padre S. Francisco da salvação das almas, 394. 1.

Obrigado deste discorria por diversos Reinos, *ibid.*

Neste o imitárão os Religiosos da Piedade, *ibid.* 2.

F I M.

Handwritten text in the left column, top section.

Handwritten text in the right column, top section.

Handwritten text in the left column, middle section.

Handwritten text in the right column, middle section.

Handwritten text in the left column, bottom section.

Handwritten text in the right column, bottom section.

Handwritten text at the bottom right of the page.

Large handwritten letters or signature at the bottom center.

IAL 92-
E12178

